
UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00457318 4

HISTORIA

DA

PROSTITUIÇÃO

TOMO SEGUNDO



A seducção

HISTORIA

DA

PROSTITUIÇÃO

EM TODOS OS POVOS DO MUNDO

DESDE A MAIS REMOTA ANTIGUIDADE ATÉ AOS NOSSOS DIAS

OBRA NECESSARIA AOS MORALISTAS,
UTIL AOS HOMENS DE SCIENCIA E LETTRAS E INTERESSANTE PARA TODAS AS CLASSES

POR

PEDRO DUFOUR

MEMBRO DE DIVERSAS ACADEMIAS E SOCIEDADES SCIENTIFICAS

NOTAVELMENTE AMPLIADA E ENRIQUECIDA COM VALIOSOS ESTUDOS POR D. AMANCIO PERATONER

E OUTROS ESCRIPTORES, E SEGUIDA DE UM IMPORTANTE TRABALHO

SOBRE A HISTORIA

DA

PROSTITUIÇÃO EM PORTUGAL

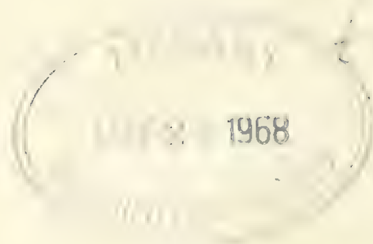
DESDE OS TEMPOS MAIS OBSCUROS DA LUSITANIA
ATÉ NOSSOS DIAS

ILLUSTRADA COM PRIMOROSAS GRAVURAS

TOMO SEGUNDO

LISBOA
EMPREZA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA — EDITORA
ESCRIPTORIO E OFFICINA TYPOGRAPHICA
5 — PATEO DO ALJUBE, Á SÉ — 5

1885



LISBOA

TYP. DA EMPREZA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA

5 — PATEO DO ALJUBE — 5

1885

HISTORIA DA PROSTITUIÇÃO

SEGUNDA PARTE

A PROSTITUIÇÃO EM FRANÇA

CAPITULO I

SUMMARIO

Os gaulezes e os kimris antes da conquista de Julio Cesar.—A prostituição entre estes não podia ter uma existencia regular e permanente.—De que modo tratavam os germanos as mulheres que se prostituiam.—O matrimonio entre os celtas.—Senado feminino.—Superioridade concedida pelos gaulezes ao sexo feminino.—Prova da paternidade duvidosa.—O Rheno, juiz e vingador do matrimonio.—Vida particular das gaulezas.—Principios reguladores do seu proceder.—A virtuosa Chiomara.—Tribunal de mulheres encarregadas de julgar as causas de honra e de pronunciar-se sobre os delictos de injuria.—Horror dos gaulezes e germanos para com as prostitutas.—Hospitalidade entre os gaulezes.—Druidismo, sacerdotes e sacerdotizas druidas.—As divindades secundarias dos gaulezes.—Theogonia gallica.—A deusa Ononava.—O ovo da serpente.—O deus Gourm.—A deusa do amor physico.—O deus Marum.—Costumes dos deuses da Gallia.—Os Gaurios.—Os Sylphos.—Os Thusos e os Drusios.—Victoria da formosa Camma.—Abnegação de Eponina para com seu marido Sabino.—Costumes dissolutos dos gaulezes.—Conquista da Gallia por Julio Cesar.—O paganismo nas Gallias.—A prostituição entre os gallos-romanos.—Corrupção social das raças celticas.—A cortezã Crispa.—Invasão dos francos.—Pureza dos costumes do povo franco.—A lei salica.



É quasi impossivel por inducções historicas estabelecer o caracter moral dos gaulezes e dos kimris que povoaram a Gallia, quinze ou dezaseis seculos antes da era christã; nem mesmo sabemos d'uma maneira positiva a origem d'estes povos selvagens, que os mais doutos investigadores suppõem mais oriundos do norte, do que do Oriente. Não podendo retroceder até á sua origem para descobrir-lhes os instinctos e habitos sob o ponto de vista social, mister é recorrer a hypotheses mais ou menos valiosas para encontrar em tão remotas épocas alguns vestigios indecisos da prostituição na vida particular dos gaulezes, anteriormente á conquista de Julio Cesar.

Estudado o pequeno numero d'auctoridades gregas e latinas, conservadoras das tradições dos primeiros habitantes da Gallia, não se póde deixar de affirmar que entre elles não existiu a prostituição sob um estado legal, mas sup-

pômos ter encontrado na religião druidica vestigios evidentes da prostituição sagrada; em quanto á prostituição hospitalar, parece não ter-se misturado com as ideias generosas e nobres com que aquelles esforçados povos comprehendiam a hospitalidade. Comtudo os costumes dos gaulezes estão mui longe de serem austeros e irreprehensiveis.

A prostituição propriamente dita poderia ter uma existencia permanente em uma nação, que tinha feito da mulher um ser privilegiado, uma especie de divindade terrestre, um laço entre o terra e o ceu? N'esta condição excepcional, a mulher não tinha o direito de dar-se ou vender-se, sob pena de perder a sua aureola divina, e o homem que fôra cumplice d'esta especie de attentado á dignidade feminina seria tido como um sacrilego. A prostituição era então apenas um facto isolado, mui raro e sempre rodeado d'um mysterio, que a segurança dos cumplices tornava impenetravel.

Sem duvida, entre os gaulezes e os kimris houve mulheres viciosas por temperamento e houve tambem homens ardentes e libertinos, para os quaes não eram sufficientes o genero de compensações sensuaes que os velhos e os novos sem rubor gosavam, deshonrando-se uns aos outros para respeitarem o sexo feminino; mas os actos de prostituição consumavam-se, dentro da espessura dos bosques, acobertados pelas sombras. Nunca houve prostitutas de profissão que publicamente exercessem tão vergonhoso mister, ou que mostrassem exercel-o, porque com ignominia seria expulsa e tratada a mulher infamada a que assim se despojasse do seu caracter divino, abandonando-se voluntariamente ao despreso publico.

Os germanos, irmãos dos gaulezes, apesar dos seus odios e guerras, de outro modo não procediam para com as mulheres surprehendidas em flagrante delicto de prostituição, ou convictas de a isso não serem estranhas: obrigavam-as a sahir da localidade que manchavam com a sua presença e toda a tribu as apedrejava. Ordinariamente deixavam fugir essas miseraveis, que não ousavam mais tornar a apparecer e que iam nas profundezas das mattas virgens esconder a sua vergonha; mas ás vezes a infeliz, ferida por uma pedra no momento de ser perseguida, cahia, e era alli, entre gritos de odio e de escarneo, assassinada. Segundo os germanos, este castigo era igual ao delicto; de modo que a cortezã, que tinha vivido das dadivas de todos, morria esmagada pela ira de todos, animados pelos gritos das mulheres que lhe não perdoavam o ter esquecido os seus deveres. Os celtas tinham pelas mulheres um respeito que excluia toda a ideia de prostituição. Na maior parte das suas tribus as donzellas escolhiam livremente os seus maridos. N'um festim dado aos mancebos em idade de casar, os paes da nubente apresentavam-a para que fizesse a sua escolha entre os pretendentes, que contavam as suas façanhas guerreiras, as suas virtudes domesticas e cantavam velhas canções nacionaes, bebendo cidra e hydromel. Concluido o banquete, a nubente declarava o esposo que escolhera como mais bello e mais bravo, acercando-se do escolhido com agua de lavar, para empregar a expressão que a cavallaria usou para designar esta usança. Provavel é que esta ablução manual, na linguagem figurada dos celtas, significasse o esquecimento do passado e a pureza da vida conjugal.

A mulher casada exercia uma especie de sacerdocio na tribu, o que não deve surprehender, pois que ao sexo feminino se attribuiam dons propheticos, esperando-se sempre encontrar na mais vulgar mulher uma deusa; a opinião da mulher prevalecia nas assembleias que tratavam da guerra ou da paz; interpunha-se como medianeira para acalmar a irritação de animos e inimizades, despertadas no calor da orgia. N'este povo até chegou a haver um senado de mulheres, composto de sessenta, representando as sessenta tribus das Gallias e este senado, que se julga remontar ao duodecimo seculo antes de Jesus Christo, governava soberanamente as confederações gaulezas.

Esta superioridade concedida ao sexo feminino exclue a hypothese de uma prostituição organisada, tolerada, ou confessada e reconhecida. As mulheres assim respeitadas não podiam ser consideradas como instrumentos de prazeres venereos, nem destinadas ás necessidades da libertinagem.

Comtudo o marido tinha sobre a mulher e os filhos direito de vida e de morte, e deve suppôr-se que em determinadas circumstancias delicadas fez cruel applicação d'este supremo direito. Assim, quando concebia duvidas ácerca da sua paternidade, agarrava no recemnascido e collocando-o sobre um escudo abandonava-o á corrente do rio proximo. Se a corrente levava o escudo com a creança á margem, em que a mãe lhe estendia os braços, esta nada tinha a receiar, porque o genio do rio provava assim a legitimidade do filho e a innocencia da mãe; mas se, ao contrario, o filho se submergia, como se o rio não quizesse levar o fructo do adulterio, a mãe devia tambem morrer, convicta de ter faltado á fé conjugal, e com effeito o marido ultrajado matava-a com as suas proprias mãos, ou submergia-a no seio das aguas, que tinham afogado o filho.

Esta terrivel prova da paternidade duvidosa faz crêr que as gaulezas não eram isemptas dos erros do coração, nem dos arrebatamentos inconscientes e apaixonados dos sentidos. De todos os rios foi o Rheno o mais famoso, pela sua aversão á bastardia; por isso marido algum ousaria duvidar de sua mulher, depois da sentença absolutoria dada por este rio sagrado, salvando uma creança.

O imperador Juliano, n'uma das suas cartas, narra esta velha superstição ligada ao Rheno, rio que os celtas tinham divinisado.

«O Rheno, diz a *Antologia,* esse rio de impetuosa corrente provava entre os gaulezes a pureza do thalamo. Apenas nascia a creança, o marido apoderava-se d'ella, deitava-a sobre um escudo e confiava-a ao capricho das aguas, porque não sentiria no seu peito pulsar o coração de pae, emquanto que o rio, juiz e vingador do matrimonio, não tivesse preferido a sua fatal sentença.»

Os adulterios deviam ter sido raros entre os gaulezes e germanicos: *Severa illic matrimonia,* diz Tacito; e o marido não tinha necessidade de reclamar justiça perante os tribunaes, pois que elle era ao mesmo tempo o juiz e o algoz.

Geralmente os gaulezes só tinham uma mulher; todavia, os chefes e os notaveis das tribus tinham muitas mulheres, não por libertinagem, mas por ostentação, como signal de grandeza (*non libidine, sed nobilitate,* diz Tacito.) Com effeito o clima da Gallia, coberta então de bosques e pantanos, era humido e frio, e naturalmente o temperamento dos seus habitantes resentia-se d'aquella athmosphera ennevoada e só se aquecia com a intemperança das comidas. As mulheres, além d'isso, viviam retiradas e occultas, longe da vista dos homens; excepto nas ceremonias publicas, religiosas ou guerreiras, por que então deixavam os seus retiros de mães de familia.

Estas mulheres, preoccupadas com os seus deveres caseiros, não entreviam horisontes mais extensos do que a sua familia, e assim permaneciam fielmente agrilhoadas á obediencia dos severos esposos. *Nec ulla cogitatio ultra,* diz Tacito, *nec longior cupiditas.* Tinham principalmente uma alma independente e nobre e teriam preferido a morte á vergonha. Comprehender-se-ha que foram boas depositarias, umas da sua virgindade, outras da honra conjugal, recordando este principio que servia de base á sua moralidade: «A mulher que se entrega a um homem não póde passar aos braços d'outro.» Em virtude d'este principio regulador do seu proceder, nem mesmo se julgavam auctorisadas a contrahir segundas nupcias. Todavia, a lei não lh'o prohibia, especialmente em certas tribus, em que o uso estava auctorisado por este proverbio: «A mulher que conheceu dois homens é criminosa; se os dois estão vivos.»

A virtuosa Chiomara, citada por Plutarcho no seu *Tratado de mulheres illustres,* preferiu faltar ás disposições sagradas do direito das gentes, a deixar

viver o auctor e testemunha da sua deshonra. Chiomara era esposa de Ortiagonte, chefe dos gaulezes asiaticos, derrotados e submettidos pelos romanos no anno 565. Plutarcho, sem nos dizer se Chiomara era formosa, diz-nos apenas que ella tinha sido violada pelo centurião romano, que a aprisionara. Ella teve de apparentar resignar-se com a affronta, e quando os embaixadores de seu marido vieram resgatal-a, Chiomara disse-lhes em lingua gauleza que tambem ella tinha um resgate a exigir. Com este proposito teve a habilidade de attrahir a um ponto retirado da cidade ao centurião que a ultrajara, e alli lhe fez cortar a cabeça pelos seus subditos, que a conduziram a Ortiagonte. Este, a quem Chiomara apresentou a cabeça ensanguentada do centurião, indignou-se com o assassinio commettido em despreso da fé jurada.

—«Sou, é verdade, perjura, exclamou Chiomara, mas não queria que sobre a terra existisse vivo um outro homem que jactar se podesse de me ter possuido.»

Se o adulterio era quasi desconhecido entre os gaulezes, póde crêr-se que a prostituição ainda mais rara era; porque o adulterio só ultrajava o marido, emquanto que a prostituição estendia a sua infamia a todas as mulheres, que se sentiam offendidas igualmente com o mau proceder d'uma d'ellas.

A lei dos druidas dava ás mulheres o direito de julgar as injurias. Duclos que refere este facto n'uma memoria sobre os druidas, accrescenta que em um tratado concluido entre os gaulezes e os carthaginezes do tempo d'Annibal se estabelecia, que se um gaulez se queixasse de ser injuriado por um carthaginez a causa fosse derimida ante um magistrado de Carthago, mas que sendo o contrario os juizes do processo seriam as mulheres gaulezas. Existia, portanto, um tribunal de mulheres, encarregado de julgar as causas de honra e de pronunciar-se sobre delictos de injuria. Os povos barbaros não eram menos meticulosos sobre este ponto, do que o eram os gregos e os romanos e de todas as injurias que se poderiam dirigir a uma mulher, a mais grave era chamar-lhe prostituta. Mais tarde vemos que Rotaris, rei dos lombardos, puniu esta injuria com forte multa, tanto maior quanto mais calumniosa.

As gaulezas foram pois naturalmente os juizes de tudo o que tinha um caracter injurioso para as pessoas, e tiveram portanto de conhecer tambem dos factos de prostituição. Por exemplo, quando um gaulez, nobre ou plebeu, se casava consciente ou inconscientemente com uma mulher de má vida, as mulheres reuniam-se para tomar informações sobre o procedimento da esposa. Tacito observára entre os germanos estes escrupulos, escrupulos tambem tidos pelos gaulezes. (*Non solum senatoribus*, diz elle, *sed et plebeis hominibus meretrices uxores ducendi jus denegabatur cum virgines solum duci posse.*) Sem duvida, as mulheres reunidas eram ás vezes chamadas a julgar sobre questões de galanteria e de sentimento, tribunaes que reappareceram na edade média sob o nome de *Côrtes d'amor.*

A hospitalidade, como atraz o dissemos, estava entre os gaulezes melhor definida, que entre os demais povos, pois que tinham como um crime digno dos raios celestes o fechar a porta a um estrangeiro, ou fazer-lhe mal depois de ter recebido. O hospede era considerado como um irmão, como um amigo, como um deposito sagrado: mas o seu primeiro dever era respeitar o thalamo do que o recebia de boa vontade. O gaulez era em demasia zeloso da sua honra conjugal, para jámais se prestar ás indignas concessões da prostituição hospitalar.

A prostituição sagrada não tinha certamente logar na religião dos druidas, religião completamente metaphysica, que mantinha os dogmas mais elevados das religiões do Egypto e da India, culto mysterioso que se rodeava de trevas e de terror, sem offerecer seducções materiaes aos seus sacerdotes, nem aos fieis. Os druidas eram philosophos, a maior parte desilludidos pela idade, e retira-

dos em communidades para o fundo de solidões impenetraveis; não communicavam com os profanos, senão em mui raras circumstancias, na época das festas solemnes, que nada tinham de attrahentes nem de voluptuosas, e que frequentemente terminavam com sacrificios humanos.

Além d'isso, os druidas não eram unicamente os ministros do culto; a elles só pertencia a legislação, o governo, a educação publica; ensinavam as sciencias exactas e as sciencias sagradas ou philosophicas. A sua vida, assim como a sua doutrina, não podiam deixar de ser austera, e tinham o maximo cuidado em não desmerecer da veneração de que eram objecto, misturando a libertinagem ou prazer com o culto religioso. Tinham tambem nos seus collegios de prophetizas, virgens, que quiçá não se limitavam a unicamente servir nas ceremonias religiosas.

Estas sacerdotisas, que por aqui e ali se vêem passar atravez da historia gauleza, como sombrios phantasmas, occultavam-se nas grutas e nos troncos escavados de arvores seculares; fugiam do convivio e da vista dos homens, e apenas davam os seus oraculos de noite, á luz dos relampagos, acompanhados pelos roncos cavos do trovão e pelo fragor sinistro da tempestade.

Apesar do prestigio de que tinham rodeado a bella Valeda, póde affirmar-se que estas *vacies* eram ordinariamente velhas e feias, á similhança das sybillas do paganismo romano. Segundo parece, tinham esquecido o seu sexo e todos os sentimentos de pudor, pois que em certas ceremonias druidicas se apresentavam completamente nuas, untadas com azeite e pintadas de preto para imitar a côr da pelle ethiopica (*Tota corpore oblitæ*, diz Plinio no livro XII da historia natural, *quibusdam in sacris et nudæ incedunt ethiopum colorem imitantes.*) Quando os romanos, depois da revolta dos icenios na Bretanha, quizeram apoderar-se da ilha de Mona (Anglesey) um dos fócos do druidismo, as mulheres da ilha, negras como furias, precipitaram-se nuas e de fachos incendiados na mão entre os combatentes. Os romanos espantaram-se mais com esta apparição, do que com os gritos e desesperada resistencia dos inimigos.

Se a prostituição não tinha razão de ser no culto superior dos druidas, culto elevado, manifestando-se nas lições philosophicas e metaphysicas, ou patenteando-se nos augurios arrancados das entranhas palpitantes das victimas, póde suppôr-se com muitas probabilidades que de facto existia no culto inferior, isto é em volta dos altares rusticos de certas divindades secundarias, que tinham sido creadas pelo superstição do povo, e que os druidas não julgavam hostis á sua religião transcendente.

Posto que mais raros e menos cynicos do que em qualquer outro povo, sem duvida entre os gaulezes havia tambem espiritos depravados, naturezas histericas, instinctos sensuaes. Os que por excepção sentiam estes apettites, este vago desejo de libertinagem, inventaram deuses a quem o sacrificio da virgindade era uma offerenda agradavel, e animavam os habitos luxuriosos creando santuarios e auctorisando-os a titulo de consagração divina. E' permittido suppôr que entre as *vacies,* que a tradição popular celebra sob o nome de fadas, havia algumas que, ao serem consultadas no fundo dos seus antros, exigiam uma prova de complacencia, prova terrivel attendendo á sua velhice, fealdade e terrivel caracter. Todas as lendas da idade média attestam estes singulares contratos, que as sacerdotizas druidas celebravam com os seus arrojados visitadores.

O que aquellas velhas e feias sybillas gaulezas faziam, certos sacerdotes, certas sacerdotizas e certos membros degenerados dos collegios druidicos faziam-no em proveito proprio, e por deliberação unicamente sua se tornavam deuses protectores de rios, de fontes, de bosques, de montanhas e de pedras. Estabeleciam residencia nos mesmos logares em que tinham estabelecido o seu culto e impunham um tributo obsceno a todos os imprudentes, homens ou mu-

lheres, que atravessavam os seus dominios, ou d'elles se approximavam. Guiavam os viajantes perdidos nas planicies desertas, por entre os labyrintos das montanhas, pelos desfiladeiros perigosos; tinham barcos nos lagos mais sombrios e guardavam as pontes lançadas por de cima dos precipicios terriveis. Desgraçada da donzella, cuja má estrella a guiava para junto d'aquelles seres. As nossas historias de fadas ainda hoje nos dão ideia das violencias commettidas pelos gnomos e pelas ondinas e mais genios das solidões celticas.

Todavia nada ha authentico n'estas antigas e singulares lendas da prostituição sagrada, que se teem conservado na memoria de todos depois de tantas gerações extinctas. Ha um vasto campo aberto ás hypotheses e conjecturas sobre as fadas e gnomos, que certamente foram n'essas remotissimas épocas os actores ou intermediarios da prostituição sagrada.

Sobre a theogonia gauleza ha unicamente noções incertas e por tanto difficil é averiguar as attribuições eroticas das divindades, que apenas conhecemos pelo nome. Todavia por alguns monumentos descobertos se póde presumir que estas divindades não eram mais decentes nas suas imagens e attributos, do que o eram as da Italia e Grecia. Assim, a deusa Ononava, que os archeologos do seculo XVII confundiram com a Mithra dos persas, era representada por uma cabeça de mulher com duas grandes azas abertas, com duas largas escamas no sitio das orelhas e com duas serpentes, que a coroavam com as suas enormes roscas. Esta imagem representava allegoricamente a voluptuosidade que revolutea por aqui e alli, tendo sempre os olhos abertos e cerrados os ouvidos, e que por toda a parte sérpêa a fim de devorar as suas presas.

A's vezes tambem a voluptuosidade era representada por uma cabeça de mulher, sahindo de uma pedra bruta, sobre a qual se erguia uma cobra. A serpente emblematica tinha além d'isso uma significação muito importante na religião dos druidas, e era tambem de bom agouro o achar-se um certo fossil oval, de côr escura ou branca, que se chamava *ovo de serpente*. Este ovo tinha a virtude supersticiosa de dar aos que o traziam um grande poder prolifico.

O deus Gourm era representado nú, hermaphrodita e com cabeça de cão. A deusa do amor physico, cujo nome gaulez os romanos transformaram em *Murcia*, quando confundiram o seu culto com o de Venus, era apenas representada por pedras de granito talhadas em cunha e collocadas nos caminhos.

O deus *Marunus*, que os romanos tambem transformaram em Mercurio, presidia ás viagens pelas montanhas, principalmente nos Alpes: tinha a figura de um gaulez, com uma grosseira capa com uma especie de capuz e sem mangas. Era um idolo domestico, com os chamados *mairs* ou *nomes*, que tinham por missão proteger o nascimento das creanças e fadal-as no berço.

Emquanto aos costumes dos deuses gaulezes, não são bastante conhecidos para se apreciar se estavam, ou não, impregnados de prostituição. Unicamente se sabe que os *gauries*, monstruosos gigantes, que de noite se encontravam, principalmente na Bretanha, praticavam entre si execraveis depravações. Sabe-se que os sylphos (*sulvi* ou *sulphi*) eram genios imberbes, de voz doce e persuasiva, que de noite espreitavam os viajantes, para d'elles pela força ou pelo medo obter caricias vergonhosas. Sabe-se emfim que os dusios (*dusii*) vinham durante o somno visitar e roubar a virgindade das donzellas, ou offerecer a qualquer mancebo ardente as tentações de um sonho amoroso e tambem empregar o seu corruptor poder em vis animaes.

«E' opinião geral, diz Santo Agostinho, na sua *Cidade de Deus*, que certos demonios pelos gaulezes chamados *dusios* praticam attentados com pessoas adormecidas (*hanc assidue immundiam et tentare et efficere.*)»

Santo Agostinho accrescenta que tantas testemunhas certificavam a existencia d'estes demonios libertinos, que não havia direito a pôl-a em duvida. Com effeito a Egreja admittiu no numero das obras do diabo as surprezas no-

cturnas dos incubos e succubus, que tinham uma origem inteiramente gallica. Provavel é, que apesar da rigida virtude das gaulezas, os demonios da luxuria lhes armassem tentações, a que não escaparam aquellas virtuosas matronas. Assim Estrabão (livro IV) nos falla na sua paixão pelas joias, paixão a que tambem não foram indifferentes os homens, pois uns e outros se enfeitavam com cadeias, collares, braceletes, anneis e cintos de ouro. Os de mais elevadas dignidades e de mais illustre estirpe usavam tambem diademas, corôas e mitras de ouro cravejadas de pedrarias. Póde dizer-se que em todos os tempos, como em todos paizes é o luxo uma das mais poderosas armas da prostituição.

Pelo exemplo de Chiomara, se viu já que a fidelidade conjugal era uma das virtudes ordinarias das gaulezas. Plutarcho conta tambem a historia de uma outra gauleza, chamada Cumma, uma das mais formosas mulheres da sua tribu. O gaulez Sinoris enamorou-se d'ella, e sabendo que nem por vontade nem por força a faria render-se ao seu amor, emquanto o marido vivo fosse, matou o marido que era romano, e se chamava Sinato. Cumma refugiou-se no templo de Diana, onde foi perseguida ainda pelo amor de Sinoris, que ella repelliu com horror. Todavia violentando-se fingiu consentir em casar com o assassino de Sinato; mas no dia do matrimonio apresentou ao noivo a taça nupcial cheia de um liquido envenenado e bebeu de um trago o que elle deixára na taça.

—Grande deusa! exclamou Camma voltada para o altar de Diana; bem sabeis o quanto senti a morte de Sinato e não ignorais que só o desejo de vingal-o me fez sobreviver-lhe. Agora morro contente. E tu, covarde, disse para Sinoris, não procures o thalamo, busca o tumulo!»

A abnegação de Eponina para com o seu marido Sabino, é ainda mais sublime, do que o sacrificio de Camma, pois se prolongou por espaço de dez annos.

E comtudo aquelles gaulezes, que inspiravam a suas mulheres um tal affecto, um amor tão incorruptivel, não comprehendiam do mesmo modo a fidelidade matrimonial.

O grande historiador Michelet descreve-os, na sua *Historia de França*, como homens levianos, e revolvendo-se cegamente em prazeres infames.

Com effeito, se os gaulezes respeitavam as suas mulheres, não se respeitavam a si proprios, e á similhança d'alguns povos da Italia entregavam-se aos mais horriveis excessos, especialmente no fim dos festins, em que haviam feito uso imoderado das bebidas fermentadas. Estas desordens sensuaes não eram, como entre os romanos e os gregos, o producto d'uma civilisação exagerada e mais um vicio da imaginação do que dos sentidos; correspondiam á uma grosseira necessidade de incontinencia, despertada pela embriaguez e similhante a um accesso de furiosa demencia. O festim, prolongando-se por entre canticos bachicos e obscenos, terminava em confusa orgia, em cuja treva reinava a igualdade da prostituição.

Diodoro da Sicilia affirma que os gaulezes associavam as suas concubinas áquellas scenas escandalosas. E' esta a traducção latina do texto grego, que demonstra a aberração do sentido moral d'aquelles barbaros.

«*Feminæ licet elegantos habebant, nimium tamen illorum consuetudine afficiuntur, quin potius nefariis masculorum strupis, et humi ferarum pelibus incubantes, ab utruque latere cum concubinis volutantur. Et quod omnium indignissimum est, proprii decoris ratione prosthabita, corporis venustatem aliis levissime prostitunt, nec in vitio illud pronunt, sed potius unguis oblatum ab ipsis gratiam non acceperit, inhonestum sibi id esse dicunt.*»

No dia seguinte, á luz do dia já ninguem se recordava do que se havia passado, e assim não se envergonhavam ao olhar uns para os outros. Mas nem

sempre a immunda bestialidade se escondia á luz do sol, porque os celtas de pura raça (*ingenui*) amavam as suas eguas e as suas cadellas como companheiras idolatradas da sua vida aventureira e guerreira.

Tal era a situação moral da Gallia, quando Julio Cesar a submetteu. Os gaulezes de genio leviano e impressionavel tão depressa se amoldaram á dominação dos vencedores, que em breve vieram a ser romanos, conservando os seus vicios e virtudes n'aquella escravidão. Já elles eram pela visinhança de Marselha alguma cousa gregos; mas a influencia de Roma fez-se sentir até ao fundo da Gallia Belgica, e todas as principaes cidades Lião, Antum, Bordeos, Vienna, Lutecia em mui breve nada tiveram de gaulez, mui especialmente depois da destruição do druidismo e dos druidas. Todavia, por mais de dois seculos ainda se conservaram vestigios das instituições druidicas; ainda no fundo dos bosques se encontravam prophetisas; os *normes* continuaram a dançar á luz da lua; mas a religião dos gregos e dos romanos tinha na Gallia mais ferveroso culto do que em outra parte do grande imperio; a legislação seguiu de perto a religião e todos os costumes gaulezes se foram modelando pelos dos gregos e romanos.

Não temos dado algum especial sobre o estado da prostituição gallo-romana, mas podemos presumir que este estado em nada diferia do que era em Roma e nas provincias asiaticas; unicamente as gaulezas conservavam o respeito por si proprias, essa nobre altivez que as caracterisa na historia, e por tanto poucos elementos subministrariam á libertinagem publica.

Mas as estrangeiras não faltavam e os governadores, os magistrados e os chefes militares, que Roma enviava para as Gallias, traziam comsigo todos os requintes do luxo a que estavam acostumados. Como se privariam dos seus eunuchos, das suas bailarinas, das suas orchestras, de todo o seu pessoal de libertinagem? Em seguida, ajudada pelo seu proprio gosto dos gaulezes, tanto na Gallia *Togata,* como na Gallia *Comata,* houve uma recrudescencia de luxo e os festins de Julio Sabino em Langres nada tiveram que invejar aos de Luculo em Roma.

A metamorphose, que a occupação romana produziu na Gallia, foi sem duvida menos sensivel nos campos do que nas cidades; mas os deuses de Roma em todas as partes foram acolhidos com o mesmo enthusiasmo religioso. Alguns d'estes deuses, como mais sympathicos ao caracter dos habitantes e aos costumes do paiz, mereceram preferencias. Hercules, Baccho, Venus, Isis, Priapo, tinham templos e estatuas que atrahiam numerosas offerendas. O gaulez inclinou-se para as divindades menos severas, e que mais lhe fallaram aos sentidos; estava cançado dos terriveis mysterios de Teutates e só queria divertir-se em honra dos novos deuses, que Roma lhe enviára.

Para a prostituição legal foi esta época mui brilhante e, como todos os povos que de repente se iniciam nos gosos da civilisação, as raças celticas rapidamente attingiram os ultimos graus de corrupção social. E' preciso lêr as poesias d'Ausonio, veneravel professor de Bordeus, mestre do imperador Graciano, para conhecer a profunda desmoralisação que se apoderou da sociedade gauleza. Ausonio de modo algum approva os lubricos exemplos, que offerece á consideração do leitor, mas descreve-os como homem que entende bem do assumpto de que se trata. Mesmo a maneira como os condemna é mais obscena ainda, do que as mais energicas passagens de Juvenal e Horacio; alli, só se encontram sensualidades sordidas e monstruosas, que ultrajam a natureza: tudo o que póde inventar a preversão dos sentidos, tudo se enumera em alguns epigrammas do poetá gallo-romano, que dirigia preces em verso a Christo, a verdade da verdade, a luz da luz (*ex vero verus, de lumine lumen.*) Depois de se lêrem estas piedosas orações christãs, de admirar é que Ausonio não se tenha enojado, descrevendo as lubricas phantasias da famosa cortezã Crispa.

Quando os sicambros se precipitaram da Germania sobre a Gallia romana, quando os barbaros do norte desceram até ás provincias mais florescentes do imperio, com os seus carros, conduzindo os seus deuses, suas mulheres e seus filhos, não se contaminaram com a civilisação que se espantava d'elles, e parecia exaurir-se á sua approximação, como um rio cujas nascentes tivessem secado.

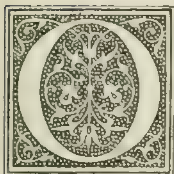
Estas numerosas hordas, renovando-se sem cessar á medida que se alastravam pela Gallia, ameaçavam exterminar a população gallo-romana. A tribu salisca foi a ultima a marchar, mas quiz fixar-se no solo já tão devastado por continuas invasões. Os saliscos, aquella terrivel familia dos francos, que tinha feito uma paragem junto das boccas do Isel, começaram a estabelecer-se na Gallia Belgica por meiados do seculo quinto e avançaram de cidade em cidade até Lutecia. Os saliscos eram formosos e nobres, de grande estatura, d'olhos azues e cabellos loiros e de expressão suave e intelligente. Comtudo, devastavam, destruiam, matavam; mas não violavam. E isto era mais despreso do que compaixão pela raça vencida.

Os costumes dos francos conservaram-se intactos por algum tempo sob a salvaguarda da sua religião e das suas leis, pois que se envergonhariam de se tornarem germanos ou gaulezes, e assim se perservaram da mancha da prostituição, que nunca havia penetrado nem nos seus templos de Irmensul, nem nas suas tendas hospitaleiras, nem nas suas praças fortificadas. A lei salica não reconhecia cortezãs no povo franco.

CAPITULO II

SUMMARIO

Os francos.—As mulheres livres e as escravas.—Condição das ingenuas ou mulheres livres dos francos.—A prostituição legal não existe entre os francos.—As concubinas.—Vida particular das mulheres livres —A prostituição sagrada desconhecida entre os francos.—Licenciosidades religiosas do mez de fevereiro.—Origem da festa dos Loucos.—As strias ou feiticeiras.—A hospitalidade franca.—Condição da viuva.—Preço da virgindade d'uma burgonds livre.—As moedas do matrimonio.—Lei protectora do pudor das mulheres.—O codigo de Rotharis.—Os mochos e as gralhas.—Os contractos libertinos e as violencias impudicas.—O mercado da prostituição.—Rigor da lei dos ripuarios contra os auctores das violencias impuras nas mulheres.—Os dois graus de supplicio da castração.—Leis dos barbaros contra o adulterio.—Lei de Slenvig sobre o incesto.—Jurisprudencia dos barbaros sobre a prostituição.—Decreto de Recaredo, rei dos visigodos.



S FRANCOS, cujo nome em linguagem teutonica não significa livres, mas sim, altivo, indomavel, como a palavra latina *ferox,* correspondendo a *frek* ou *frenk,* não tinham acceitado como os germanos e os gaulezes, seus antepassados, o dominio das mulheres, nem concediam a este sexo, que elles reputavam inferior ao seu, supremacia alguma.

A mulher entre aquelles barbaros, avidos de guerra e indifferentes á morte, não era, pois, rodeada pelo prestigio ou respeito religioso, que desde os mais remotos tempos lhe era attribuido pelos gaulezes e germanos; a mulher franca tinha a consciencia da sua fraqueza e era estranha á gerencia dos negocios publicos, sempre sujeita ao poder do pae ou do marido.

Portanto, a prostituição de qualquer classe não tinha razão de ser em uma sociedade regida por leis brutaes e crueis, cheia de habitos guerreiros, ignorante das artes corruptoras da civilisação, indifferentes aos prazeres da inacção e desdenhosa de toda a concupiscencia. Mais adiante veremos que, se a prostituição alguma vez existiu, sempre se conservou occulta, sem se declarar a si mesma, por assim dizer.

A raça franca dividia-se em duas cathegorias de individuos: as pessoas livres, os *ingenui* dos latinos, e os escravos ou servos, *servi*. Estes ultimos descendiam d'uma população saxonica ou teutonica, que os sicambros ou salicos tinham reduzido á escravidão e se misturara depois de muitas gerações com os vencedores.

Seja como fôr, a linha divisoria entre mulheres livres e servas era muito accentuada. Estas pertenciam aos senhores, aquellas só aos aos paes ou aos maridos. Uma mulher, donzella, casada ou viuva, nunca tinha o direito de dispôr da sua pessoa. Quando a mulher não tinha pae ou marido, toda a tribu lhe podia pedir contas do seu proceder.

Em tal estado de submissão permanente, as mulheres livres nunca ousariam prostituir-se, o que as teria feito descer á cathegoria d'escravas; e estas, tendo cada uma seu senhor, não podiam tão pouco prostituir-se sem expôr-se a penas corporaes, e sem fazer recahir sobre os seus cumplices a grave responsabilidade dos seus actos.

Além d'isso, em todos os tempos e em todos os paizes, as mulheres não são mais do que os homens querem que ellas sejam; e os francos, apesar da sua altivez, do seu ardor guerreiro e da sua vivacidade, não eram mui propensos por temperamento á satisfação dos sentidos. Os francos tinham uniões indissoluveis, cujo fim unico era a procreação dos filhos varões. Comprehende-se que tendo em vista este fim, tivessem além das mulheres legitimas muitas concubinas; estas barregãs, como diz o douto Bouquet (*Historia dos Gaulezes,* tit. II, pag. 422. Nota) ordinariamente eram escravas, que chegavam a ser honradas com o titulo de esposas, passando pelas nobres funcções de mães de familia.

As mulheres francas viviam mui retiradas, no interior das suas casas, amamentando, educando os seus numerosos filhos, fiando o linho ou lã, tecendo ou cosendo e fazendo a cama e as refeições de seus esposos, a quem não acompanhavam á guerra, nem á caça, nem ás assembleias juridicas, nem aos jogos equestres. Apenas se atreviam a entreabrir as suas tendas e descortinar a distancia, atravez das palissadas que as defendiam, o resultado dos combates, das justas, ou das caçadas. Viviam entre si, observando-se, e guardando-se mutuamente, de tal modo, que nem o pensamento da incontinencia lhes atravessava o espirito.

Cousa alguma tambem da religião dos francos favorecia a prostituição sagrada. Esta religião era um grosseiro paganismo, que déra horriveis e monstruosas fórmas á representação dos elementos naturaes, a agua, o fogo, a terra, a tempestade, a lua, o sol. Não adoravam outros deuses, e prestavam-lhes um culto extravagante, acompanhado de cantos, danças e momices.

Não se sabe em que consistia este culto, que Gregorio de Tours qualifica de insensato (*fanaticis cultibus*) e legou ao christianismo varias superstições. Por exemplo: n'um reportorio das praticas pagãs, feito no Synodo de Leptines em Hainaut, no anno 743, vêem-se certas ceremonias do mez de fevereiro (*De spurcalibus in februario*) em que se póde reconhecer a origem do carnaval. Lê-se tambem no mesmo reportorio: *De pagano cursu quem yrias nominant.* «Nas kalendas de janeiro, diz o abbade Derroches, nas memorias d'Academia de Bruxellas, os homens disfarçavam-se em mulheres e as mulheres em homens, outros, cobrindo-se com pelles e adornando-se de cornos, disfarçavam-se em animaes; todos corriam pelas ruas, saltando, gritando e praticando mil loucuras. Tal foi o ponto de partida da famosa festa dos loucos, que subsistiu na egreja christã até ao seculo decimo oitavo.

O *Indiculus* das superstições, que nos parecem mais francas, do que gaulezas, falla das mulheres com poder na lua e que devoravam o coração dos homens. Eram estas as bruxas ou feiticeiras, de quem os francos tanto se arreceiavam de pactuar com os genios do mal. Em breve provaremos que estas feiticeiras, graças ao medo que inspiravam, praticavam uma especie de prostituição que ellas tambem se jactavam de fazer com os espiritos maleficos.

Os francos não respeitavam a fé jurada (*familiare est ridendo fidem frangere,* diz Flavio Vopisco) e todavia, segundo Salviano, respeitavam a hospitalidade. Comtudo a hospitalidade de modo algum auctorisava o commercio do hospede com a esposa ou concubina: estas, emquanto o hospedeiro e o hospede bebiam pelo mesmo copo, trocavam os seus punhaes e os seus braceletes, se entretinham jogando jogos d'azar e dormiam na mesma cama, evitavam apparecer.

O viajante, que parava n'uma cidade ou campo salico, só desejava descançar, matar a fome ou a sede e estar disposto a continuar o caminho no dia seguinte. Este viajante, não tinha pois necessidade de encontrar recreações sensuaes, que lhe augmentariam a fadiga, e que tão pouco figuravam no programma da hospitalidade franca. Só queria evitar todos os motivos de encontrar frente a frente como inimigo aquelle que generosamente o acolhia no seu lar. O franco não teria applaudido a prostituição de sua mulher, de sua filha, ou de sua escrava em honra do hospede, a quem recebia como um irmão e amigo, pois que procurava tel-as afastadas e nem se quer permittia, com medo de lhes perturbar o pudor, o avistarem o estrangeiro.

As leis dos barbaros provam-nos que eram mui zelosos da virtude das suas mulheres e que não teriam soffrido n'este ponto a menor offensa. O marido, o pae, o senhor tinham direito de vida e de morte sobre a esposa, filha e escrava, e só os excessos d'esta auctoridade eram puniveis. Por exemplo, um marido que matava a mulher para casar-se com outra incorria sómente na pena de não trazer armas (*armis depositis;*) matar uma mulher adultera era lei geral que não admittia vacillação ou tardança; muitas vezes o marido não esperava pela consummação do acto, e vingava-se sem, ao certo, adquirir a certeza das suas desconfianças. A capitular contentava-se em desarmar o franco, que matava sua mulher sem razão comprovada (*sine causa.*)

Não é demais insistir no principal obstaculo ao exercicio da prostituição. A mulher nunca era senhora de si, mesmo quando viuva; se já não tinha os paes, marido ou filhos a pedir-lhe responsabilidade, ficava de certo modo submettida a uma servidão commum, sujeita á fiscalisação de todos, que tinham o direito de lhe vigiar os actos.

Quando uma viuva queria casar-se em segundas nupcias, tinha de pagar uma especie de resgate ao parente mais proximo do defunto marido ou ao thesouro do principe, que reconhecia como senhor. Esta quantia era de tres soldos de ouro. A lei dos burgondos diz que uma viuva que houver tido voluntariamente relações illicitas com um homem (*quod si mulier vidua cuicumque se non invita sed libidine victa sponte miscuerit,*) não poderá reclamar indemnisação alguma, nem obrigar o seu cumplice a casar com ella, porque a prostituição a tornou indigna de marido e de exigir indemnisação.

A mesma lei concedia á filha de um burgondo livre, seduzida por um barbaro ou por um romano, o direito de reclamar quinze soldos de ouro ao seu seductor, em pagamento do seu desfloramento, mas ficava infamada pela perda que soffrera, (*illa vero facinoris sui deshonestata flagitio amissi pudoris sustinebrit infamiam.*) Estes quinze soldos de ouro, que o cumplice era obrigado a entregar á sua victima, representavam o preço da prostituição, e a mulher que ousava reclamal-os ficava equiparada a uma cortezã.

Todavia parece que a legislação dos barbaros, sanccionando a escravidão do sexo feminino, reconhecia que a mulher, que não tivera conhecido homem, ficava interessada n'uma pequena parte, logo que era entregue ao seu marido, pois que este, segundo os antigos usos da lei salica, não contrahia matrimonio, senão depois de lhe ter dado a ella um soldo e um dinheiro, para pagar-lhe a virgindade, segundo a tarifa geral.

Esta pratica nupcial tem-se conservado até aos nossos dias, embora á cerimonia das moedas, que o sacerdote abençôa nos anneis nupciaes, se tenha dado uma interpretação christã. Este soldo e o dinheiro, que a mulher recebia ao casar-se, constituiam o preço do unico bem (*prœmium*) que podia reivindicar como cousa propria, e de que podia dispôr, segundo a sua vontade. Exceptuando isto, não tinha nem terras, nem rendas, nem direito de concessão. O dote que o marido dava á mulher era apenas a garantia de alimental-a, e este dote passava á familia da mulher, no caso da morte d'esta.

Ordinariamente os presentes, que a familia acceitava do futuro marido, representavam uma especie de venda, em que a noiva era uma mercadoria passiva. O codigo dos barbaros protegia as mulheres em todos os casos, em que o pudor podia ser aggravado; mas as mulheres, para terem direito a esta protecção permanente, deviam merecel-a pelo seu procedimento honrado. Alguns motivos temos para suppôr que as feiticeiras e libertinas não gosavam do beneficio da lei protectora, nem tinham por titulo algum o respeito de quem quer que fôra. Esta investigação sobre a moralidade das partes fazia com que muitas vezes se não promovesse um processo de injuria, como medo da devassa.

Aqui apresentamos o texto da lei salica, em que julgamos vêr, que o delicto de injurias com relação á mulher, estava subordinado á sua condição e costumes, e de modo que esta podésse sempre justificar o seu comportamento.

«Se alguem chamar meretriz a uma mulher de raça nobre, sem o poder provar (*Siquis melierum ingenuam striam clamavarit aut meretricem et convincere non poterit*) será condemnado a pagar 7:500 dinheiros, ou 187 soldos de ouro.

E' claro, pelo theor d'este artigo, que quem era accusado de haver injuriado uma mulher podia defender-se, allegando que essa mulher, como feiticeira ou meretriz, era indigna dos beneficios da lei, pois que uma mulher, exercendo um mister deshonesto e criminoso, nunca podia ser ultrajada. Ha a notar-se que as injurias mais graves que podiam fazer-se a uma mulher livre, eram chamar-lhe feiticeira ou cortezã.

O grande valor da multa, paga pelo auctor do ultraje á mulher que o recebia, prova que os francos nada despresavam, tanto como as feiticeiras e as libertinas.

Emquanto á maneira de fazer a prova, só podemos fundar as nossas hypotheses nos usos juridicos da raça franca, que admittia o juramento, o combate singular e as testemunhas, para restabelecer uma verdade deante de um magistrado.

Ha muitas versões da lei salica, redigidas em diversas épocas e em differentes tribus. Em todas ellas o titulo *De heburgio* (XXXIII,) que contém disposições severas sobre as maiores injurias que a mulher póde soffrer, tem variantes na quantidade da multa, que parece ter diminuido, á maneira que a qualificação de feiticeira e cortezã ia inspirando menos horror. Assim, na lei salica, modificada por Carlos Magno, a multa de 7:500 dinheiros é reduzida a 800 e mesmo a 600 em outro codigo d'esta mesma lei. Segundo antigos manuscriptos, a injuria cortezã dirigida a um homem ou a uma mulher livre, era punida com uma multa, oscillando entre 45 e 15 soldos de ouro.

Todavia, por causa das variações continuas do valor da moeda, renunciamos a fazer uma apreciação exacta da importancia d'esta multa. Tudo o que podemos fazer notar é que uma multa de 7:500 dinheiros, equivalentes a 187 escudos de ouro, era excessiva, pois que uma feiticeira convencida de ter comido carne humana (*si stria hominem comederit*) só pagava 800 dinheiros, ou 20 soldos de ouro.

A lei salica só reconhecia para o homem duas injurias, que equivaliam ás injurias feitas ás mulheres; mas a pena d'estas injurias não era tão rigorosa, provavelmente em virtude da frequencia do delicto: a primeira, *cherrioburgus*, ou *strioportius*, significava servente de feiticeira, e era punida com a multa de 250 dinheiros, ou 62 soldos e meio; a segunda, que só encontramos na lei salica correcta por Carlos Magno, parece ser analoga ao nosso prejuro, pois que *falsator* era aquelle que jurava em vão. Um artigo da lei salica carlovingia colloca quasi ao mesmo nivel a injuria de prejuro e meretriz, taxando a multa da primeira em 600 dinheiros, ou quinze soldos de ouro: *Si quis alterum falsatorem, et mulier alteram meretricem clamaverit.*

O *strioportius*, que desempenhava um papel terrivel nos mysterios da prostituição magica, não era só accusado de levar o caldeirão ás reuniões das feiticeiras, *illum qui inium dicitur prostassent strias cocinant*, segundo um texto da lei salica; attribuia-se-lhe tambem o poder de servir de besta áquellas infames, transportando-as ás suas assembleias atravez dos espaços. A feiticeira nem sempre cavalgava sobre os hombros do seu servidor; umas vezes ia a elle abraçado, outras agarrava-se á cauda do personagem transformado em cão ou porco; tambem se via ás vezes passar pelos ares, com a rapidez d'uma flexa, um enorme marcego, levando em cima duas e mesmo tres feiticeiras.

Estas diversas injurias eram tão atrozes, que não foram collocadas na categoria dos demais insultos e foram comprehendidas á parte, sob o titulo de *heburgium*, que queria dizer um verdadeiro envenenamento.

Todos os legisladores barbaros estavam de accordo sobre o caracter da injuria que se fazia a uma mulher livre, quando era infamada com o nome de cortezã; mas todos reconheciam no offensor o direito de provar a verdade da accusação. O texto da lei salica é muito conciso e obscuro; todavia sobre este ponto, para interpretal-o, dando-lhe o desenvolvimento necessario, temos nas leis lombardas de Rotharis um capitulo, que com certeza contém toda a legislação dos francos, relativa ao *heburgium*.

Rotharis, que publicou o seu codigo em 643, compilou-o das leis barbaras e especialmente da lei salica, que frequentemente nada mais fez do que commental-a. Segundo o codigo Rotharis, se alguem chamava em alta voz a uma donzella, ou mulher livre, prostituta (*fornicariam ant strigam*) devia pagar uma multa, ou provar a affirmação. No primeiro caso, deante de doze testemunhas fiadores do juramento, jurava ter proferido tão horrivel injuria (*nefandum crimen*) sob o dominio da paixão e sem intenção de o sustentar perante a justiça, e para punir-se a si proprio pagava uma multa de 20 soldos de ouro, promettendo nunca mais repetir a calumnia, mas, se o auctor do ultrage insistia na accusação offerecendo prova, era então admittido o juizo de Deus e devia combater com o campeão, que lhe oppunha a mulher ultrajada.

Se o exito do combate provava que a desgraçada era digna do nome de prostituta, era ella que pagava a multa dos vinte soldos de ouro. Se era o campeão da ultrajada o vencedor, o vencido, para resgatar a vida, pagava uma indemnisação que variava, segundo o nascimento e condição da mulher calumniada (V. *Collection des lois des barbares*, publicada por Paulo Camisani, tit. II, pag. 79;) na lei salica esta injuria (*meretrix*) dirigida a uma mulher livre chamava-se em lingua rustica *extrabo* que se tem procurado traduzir em saxão por *entrogas*, mas que n'esta lingua não tem sentido.

As demais injurias, que se podiam dirigir a uma mulher honrada e que não precisavam prova, não estão especificadas na lei salica; a de *mocho* ou *coruja*, unica especificada, corresponde á injuria de feiticeira, porque estas só faziam de noite os seus maleficios.

A lei salica não era tanto das injurias verbaes, como dos factos ultrajosos, que, no interesse do sexo feminino, se occupava. Estas injurias referem-se a tres cathegorias principaes, que podem assim ser designadas: o attentado capilar, contactos libertinos e violencias impudicas. Sabido é que o cabello, tanto na mulher como no homem da raça franca, tinha um caracter sagrado e inviolavel. Era menos criminoso aquelle que com um ponta-pé ou murro matava uma mulher gravida, do que o que a despenteava. Com effeito, se uma mulher gravida morria em consequencia d'alguma violencia corporal n'ella exercida, o assassino era apenas condemnado na multa de 22 soldos de ouro, emquanto que se a despenteava, de fórma que o cabello lhe cahisse pelas costas, o reu de tal delicto incorria na multa de trinta soldos; mas se o toucado era apenas lançado ao chão, então a multa era limitada apenas a 15 soldos.

Os contactos libertinos eram punidos com pesadas multas. O homem livre, que apertava (*instrinxerit*) a mão ou os dedos a uma mulher livre, incorria na multa de 600 dinheiros ou 15 soldos; se a agarrava por um braço (*destrinxerit*) em 1:200 dinheiros ou 30 soldos; se lhe apertava o ante-braço, em 1:400 dinheiros ou 35 soldos; finalmente, se lhe tocava no peito (*mamilas capulaverit*) em 1:800 dinheiros ou 45 soldos de ouro. Era um capricho, que custava duas vezes mais do que a morte d'uma mulher gravida; e quem não tinha a somma exigida, pela alternativa da lei perdia o nariz, as orelhas ou outra parte do seu corpo.

Ha todavia taes differenças nas multas indicadas pelos textos da lei salica, que é forçoso confessar a impossibilidade de satisfactoriamente as explicar. Assim, n'uma das redacções d'essa lei, que muito bem póde ser a mais antiga, a morte d'uma mulher gravida, provocada por maus tratos, é punida com a multa de 28:000 dinheiros, ou 700 soldos de ouro, e se era unicamente o feto o que perdia a vida, a multa descia a 8:000 dinheiros, ou 200 soldos de ouro.

A violação deve ter-se dado mui raramente entre os povos teutonicos, mui pouco susceptiveis de arrebatamentos. Mas nem por isso esse crime deixa de ser punido na legislação barbara. Se uma noiva (*druthe*, em saxão) indo em procura do noivo, se encontrava com um homem, que a violava, o auctor do attentado não podia fazer composição com a victima, a menos de lhe pagar 8:000 dinheiros ou 200 soldos. (*Si quis puellam sponsatam ducentem ad maritum et eam in via aliquis adsalierit et cum ipsa violenter mœchatus fuerit*). Esta composição em lingua barbara chamava-se *chanigehaldo*, que quer dizer preço de prostituição. Mas, se se reconhecia que a noiva cedera ao homem pela sua vontade, perdia esta a sua condição *de ingenua*, se era da classe livre.

A multa não era maior, quando um homem, viajando em companhia de uma mulher livre, attentava contra o seu pudor (*adsalierit et vim ille inferre præsumserit.*) Desgraçado do criminoso, se não era de condição livre, porque, se era escravo ou liberto, era castrado ou morto!

A lei dos Ripuarios é ainda mais rigorosa contra os auctores de violencias praticadas em mulheres, do que a lei salica. O rapto d'uma mulher livre por um escravo não admittia composição pecuniaria. O nobre, que praticasse um rapto pagava 200 soldos. Um escravo, que seduzisse uma serva e lhe causasse a morte (a lei ripuaria não diz como) soffria a castração, ou resgatava a pena por 6 soldos de ouro; se a serva não morria em consequencia da seducção, ou o escravo recebia 120 açoites, ou pagava os 6 soldos ao senhor da serva.

O supplicio da castração, que com tanta frequencia apparece nos codigos barbaros, fazia-se de duas maneiras differentes, constituindo duas penalidades distinctas: ou eram apenas arrancados os testiculos, ou se supprimiam completamente os orgãos sexuaes. Esta cruel operação, que hoje produziria morte certa, não dava então logar a casos fataes, tal era a habilidade dos operadores e a robustez dos operados.

O adulterio era entre os barbaros castigado com a maxima severidade; mas de tal não se conclua que esses povos tinham uma ideia justa d'este crime, sob o ponto de vista moral e social. O barbaro, visigodo, ripuario ou franco, não via no adulterio senão um roubo carnal, e um ataque á posse legitimamente adquirida. O roubo de 40 dinheiros, segundo a lei salica, era punido com a pena de castração, ou com a multa de 6 soldos de ouro; o roubo d'uma mulher a seu marido, na lei dos ripuarios, exigia uma composição de 120 soldos de ouro. Se uma mulher durante a ausencia de seu marido, que podésse suppôr morto, contrahia relações concubinarias com outro, o marido no seu regresso tinha o direito, segundo o codigo dos visigodos, de dispôr á sua vontade da sua mulher e do successor, que esta lhe houvesse dado, podendo vendel-os, matal-os, ou perdoar-lhes.

A lei dos ripuarios, no titulo *De forbattudo,* traça um quadro espantoso da vingança que o marido podia exercer contra o seu rival, sob o pretexto de legitima defeza. Se surprehendia a mulher em flagrante delicto de adulterio, e se o cumplice pretendia resistir-lhe, o esposo ultrajado tinha o direito de matar o homem que lhe roubava a honra; depois do que, chamando testemunhas, arrastava o cadaver até á esquina de uma rua ou praça, e ahi se quedava ao lado da sua victima por espaço de quarenta dias, relatando aos que passavam as circumstancias do facto e proclamando a justiça do seu proceder. No fim dos quarenta dias entregava o cadaver á familia e ia jurar perante o juiz que matára, defendendo-se, a um homem, que o assassinaria a elle, e que o insultára, quando devia cahir-lhe aos pés, implorando perdão.

O pae tinha igualmente o direito de morte sobre o homem, que surprehendera deshonrando a filha. Se não o matava no acto, a lei salica chamava *theodtidia* á posse de uma filha *ingenua,* sem o consentimento dos paes. O homem, que se contentasse em obter o consentimento da filha, pagava aos paes uma multa de 1:800 dinheiros ou 45 soldos de ouro.

A lei, todavia, não diz se, paga a multa, o violador adquirira o direito de continuar as relações illegitimas com a filha, ou se era obrigado a casar-se com a victima.

A lei dos burgondos parece esclarecer esta omissão da lei salica, dizendo que uma mulher, indo por livre vontade para a casa de um homem (*ad viri cortem,*) e voluntariamente cohabitando com elle, não o poderá deter contra vontade d'elle n'esta especie de adulterio (*is cui adulterii dicitur societate permixta*), sendo o homem unicamente obrigado a pagar aos paes da concubina o imposto nupcial (*nuptiale pretium,*) ficando livre para casar-se com quem queira, sem nada ter a receiar.

Na lei salica não ha disposição alguma especial relativa á prostituição propriamente dita; mas, segundo a lei dos barbaros, póde affirmar-se que em parte alguma, n'essas remotas épocas da historia, esse vicio social era tolerado, tendo que fugir ou esconder-se, logo que um facto d'esses era conhecido, n'um campo ou povoação d'aquelles povos austeros e selvagens. No antigo direito de Ileswig, no qual parece ter-se conservado o dos francos sicambrios e salicos, diz-se que o incesto não era punido por lei, quando commettido com uma mulher libertina. A que não era infame e não havia vendido o seu corpo (*quæ prius scortum non fecerit, nec infamis fuerit,*) pertencia á familia, e devia guardar intactos os laços de parentesco; ao contrario, a que a todos se tivesse abandonado, ficava por este facto fóra da lei.

O antigo direito dos godos, que tambem se refere á lei salica, dispõe que a mulher, convencida de ter praticado actos de prostituta, fosse expulsa da povoação, como indigna de formar parte da *ghilde* e esta expulsão vergonhosa, (diz o commentador J. O. Stiermmok, no seu livro *De jure Sueonum et Gothorum vetusto,* 1672, pag. 321) era pena sufficiente para que a corteză expiasse a torpeza da sua profissão e a infamia da sua vida.

A lei dos ripuarios não impõe desterro á mulher *ingenua,* que se abandone a muitos homens, mas o que com ella fosse surprehendido (*si quis cum ingenua puella mœchatus fuerit*) pagava pelos outros, e não pagava menos de 50 soldos de ouro; esta enorme multa ia de certo engrossar o thesouro do chefe da tribu ou do rei.

A jurisprudencia dos barbaros em materia de prostituição é rigorosa na lei dos visigodos: um decreto do rei Recaredo, que subiu ao throno em 586, prohibe-a absolutamente, impondo-lhe severas penas.

Recaredo era catholico, e sem duvida os seus decretos foram submettidos á apreciação dos bispos, que ingeriam a jurisdição ecclesiastica em todos os poderes temporaes, e que tinham sob sua tutella os soberanos que por elles eram

convertidos; mas já vimos, pelos concilios, que a egreja catholica se conformava com a legislação romana em muitos pontos de moral, e que especialmente, sobre a prostituição publica, fechava os olhos.

As leis dos barbaros, ao contrario, não admittiam esta tolerancia corruptora e perseguiam de uma maneira implacavel as mulheres de má vida, que deshonravam a povoação onde residiam e onde faziam estendal dos seus vergonhosos habitos.

O decreto de Recaredo é muito explicito: póde considerar-se como o codigo geral da prostituição entre os barbaros, tanto entre os francos da Belgica, como entre os visigodos da peninsula hispanica. Se uma mulher de condição livre, exercendo publicamente a prostituição na cidade, era reconhecida como prostituta (*meretrix agnoscatur*) e frequentemente era surprehendida no crime d'adulterio; se esta desgraçada, sem pudor algum, mantinha relações illicitas com muitos homens, devia ser presa por ordem do conselho da cidade e expulsa d'ella, em presença de todo o povo, depois de publicamente ter levado trezentos açoites.

Se ousava reapparecer na cidade e voltar ao seu antigo modo de vida, o conselho condemnava-a á mesma pena e escravisava-a, pondo-a sob o dominio de qualquer miseravel, que com rigorosa vigilancia a impedia de percorrer a cidade.

Quando a mulher se dava á prostituição, com assentimento dos paes, estes paes infames, que viviam da deshonra da filha (*pro hac iniqua conscientia*) recebiam cem açoites.

Toda a escrava de costumes dissolutos recebia trezentos açoites, e depois de, por ordem do juiz, lhe ter sido cortado o cabello, eraentregue ao senhor, que era obrigado a retiral-a da cidade, guardando-a em logar seguro, para que alli nunca mais voltasse. No caso, em que o senhor não quizesse vender a escrava e lhe permittisse o regresso á cidade, era o senhor condemnado a trezentos açoites; a escrava tornava-se então propriedade do rei, do juiz, ou do conde, que a dava a qualquer pobre, com a condição da escrava não poder apparecer no logar d'onde fôra expulsa.

Se acontecia depois, que esta escrava se prostituia em proveito de seu amo, (*adquirens per fornicationem pecuniam domino suo*) o senhor participava da vergonhosa pena da escrava, levando elle tambem trezentos açoites.

Com o mesmo rigor eram tratadas as mulheres presas nas povoações de menos importancia, e rés de iguaes crimes.

O juiz, que por negligencia ou corrupção não applicasse o decreto de Recaredo, incorria em rigorosa pena: depois de ser demittido, recebia por ordem do conselho da cidade cem açoites, e tinha de pagar ao seu successor 30 soldos.

CAPITULO III

SUMMARIO

Os francos vencedores dos gaulezes não foram influenciados pela corrupção gallo-romanana.— Conversão do rei Clodoveu.— Formação da sociedade franceza.— Estado da prostituição no reinado dos merovingios.— Os gyneceus.— A prostituição concubinaria.— Retrato physico e moral dos francos.— Divindades prolificas dos francos.— Frea ou Frigia, mulher de Vovau.— Liber e Libera.— Estado moral dos francos depois da sua conversão ao christianismo.— Os nobres.— Os plebeus.— Esforços do clero gaulez para moralisar os francos.— Condição das mulheres francas.— Os matrimonios salicos.— O presente da manhã.— Humilhação voluntaria das mulheres francas para com seus maridos.— A roca e a espada.— Multiplicidade das relações concubinarias no reinado da primeira raça.—Tolerancia forçada da egreja para com as escravas concubinas.— Os differentes graus de associação conjugal.— O semi-matrimonio e o matrimonio da mão esquerda.— Estado da familia na França.— Os bastardos.— Descripção d'um gyneceu franco.— Origem dos serralhos do mahometismo.—Os gyneceus dos romanos no imperio do Oriente.—Gyneceus dos reis carlovingios.— Capitulares de Carlos Magno.— Differentes cathegorias de gyneceus.



Os FRANCOS, que desde meiados do seculo quinto avançavam passo a passo pelas Gallias, não se fundiram logo com os gallo-romanos que submettiam; os francos conservaram os seus costumes, a sua religião e os seus usos, sem se deixarem corromper pelo contacto da brilhante e voluptuosa civilisação, que encontravam nas cidades conquistadas; despresavam tudo que não provinha dos seus maiores e pretendiam guardar a sua individualidade entre as differentes raças, as differentes religiões e os diversos estados politicos, que se haviam agglomerado no territorio das Gallias. Mas, ao mesmo tempo, procuravam não transformar o genero de vida e caracter dos primitivos possuidores do solo; nem lhes impozeram a obrigação de os imitar, nem mesmo lhes faziam soffrer a influencia da visinhança e dos exemplos. A separação entre os gallo-romanos e os barbaros conservou-se tão distincta, em todos os paizes onde se estabeleceu o dominio franco, que se punha em vigor a lei salica simultaneamente com o codigo theodosiano, que tanto tempo vigorou nas Gallias, assim como nos restos do imperio romano. As duas legislações, que tinham força de lei sobre os vencedores e os vencidos, formavam um codigo especial de leis mundanas (*lex mundana,*) na qual cada um encontrava o seu direito, segundo a sua origem.

Mais tarde, o codigo de Theodosio foi substituido pelo de Alarico II, rei dos visigodos, e este em seguida pelo do imperador Justiniano, para a jurisprudencia romana. Emquanto á jurisprudencia barbara, só foram accrescentadas á lei salica as leis dos allemães, dos bavaros e dos ripuarios. Esta união de duas jurisprudencias tão diversas e oppostas sufficientemente demonstra que os francos não tinham pretendido sujeitar ao seu codigo nacional os povos com que evitavam misturar-se, e igualmente evidenceia que não acceitavam

para a si auctoridade das leis dos povos que escravisavam. Fica, pois, demonstrado que a prostituição, tendo um regimen legal nas cidades gallo-romanas, continuou existindo nas mesmas condições, depois da conquista dos francos, sem chegar a corromper a rude e altiva austeridade dos conquistadores.

Os principaes chefes das tribus francas tinham sido chamados ás Gallias pelos bispos catholicos, que preferiam conservar a sua auctoridade sob o dominio dos barbaros a luctar contra as perseguições romanas. Estes chefes francos nada mais fizeram do que conformar-se com um tratado secreto, ajustado com os membros influentes do clero gaulez, respeitando as egrejas, os mosteiros e o culto christão. Não occupavam com as suas hordas guerreiras o interior das cidades, que haviam tomado pela força, ou que lhe haviam aberto as portas: acampavam em volta d'ellas, nas aldeias, nas quintas, nos campos fortificados entre os seus carros carregados do producto do saque. Estavam sempre promptos para entrar em campanha, e a emprehender uma nova guerra; viviam isolados, e evitavam todas as relações com os indigenas gaulezes e com os colonos romanos.

A fusão das raças e dos costumes só foi determinada pela conversão de Clodoveu e pela dos sicambros ao christianismo. Então pensaram os francos em fixar-se em a Neustria e na Austrasia; então a divisão das terras e dos servos em proveito dos chefes da nação franca creou uma sociedade nova, que não tardou em absorver completamente a sociedade gallo-romana.

Fazendo-se christãos, os francos fizeram-se tambem gallo-romanos, sem por isto perderem a sua individualidade barbara. Por espaço de mais de dois seculos, sob os auspicios das instituições merovingias, se desenvolveu aquella sociedade franceza, composta de tantos e tão diversos elementos e contendo em si os germens da civilisação christã.

Desde Clodoveu até Carlos Magno, os bispos foram os verdadeiros legisladores, e o codigo ecclesiastico dominou o codigo de Justiniano e as leis teutonicas. A prostituição, condemnada pela egreja, não estava sob o imperio da legislação, e por isso mesmo a luxuria campeava mais desaforadamente. Nas cidades governadas pelos bispos, não havia cortezãs, prostitutas que exercessem este vergonhoso mister: mas em toda a parte, em cada feudo (*feudum*) em cada vivenda campestre (*mansio*) havia uma especie de serralho, ou gyneceu, em que mulheres livres ou escravas trabalhavam de agulha ou fiavam, e em que o senhor encontrava prazeres faceis, e sempre muita sollicitude em dispensar-lhe amorosas caricias. A prostituição concubinaria substituiu a outra, até que o matrimonio se pôde libertar dos escandalos que o deshonravam.

Os francos, já o dissemos, desconheciam a sensualidade, quando invadiram as Gallias: unicamente exerciam os seus direitos conjugaes para procrear; para elles um dever sagrado era dar muitos combatentes á tribu; pois que, segundo as palavras de Libanio, no seu discurso ao imperador Constantino «toda a sua felicidade é a guerra, o seu verdadeiro elemento; o repouso é-lhes insupportavel, e nunca os seus visinhos os poderam resolver ou obrigar a viver socegados.» E assim não tinham tempo para pensar em voluptuosas distracções, aquelles, cujos costumes, segundo diz Eusebio, (*Vida de Constantino*, liv. I, cap. XXV) se assimilhavam a animaes ferozes. Sidonio não os pinta com mais risonhas côres.

«O seu amor pela guerra, diz este auctor, nasce com elles. Se, esmagados pelo numero ou pela desvantagem da posição, cedem á morte, nunca cedem ao medo. Mesmo na derrota, parecem invenciveis, e primeiro se lhes esvae a vida, do que lhes foge o valor.»

Não tinham pois propensão para os enervantes prazeres do amor «nem amavam, nem procuravam ser amados pelas esposas», diz Tacito, fallando dos germanos, que em nada differiam dos francos do seculo quinto; só pensavam

em ser terriveis em parecerem altivos e dominadores aos seus inimigos. Para tal effeito produzirem, tingiam o cabello louro de vermelho, e cortavam-o atraz, puchando-o do alto da cabeça, cahindo-lhe na frente em tranças, ou faziam d'elle um penacho, encimando o craneo. Esta abundancia de cabello era um emblema da sua força physica e um privilegio de raça; intitulavam-se *guerreiros cabelludos*, e unicamente usavam bigodes, que muitas vezes lhes cahiam até meio do peito.

O seu trajar ordinario tambem se não prestava a uma vida voluptuosa e descançada; estreitos vestuarios de couro de veado apertavam os seus vigorosos membros, prestando-se a todos os movimentos e flexões; um amplo talabarte suspendia uma espada curva, chamada *scramasax* e uma acha de dois córtes pendia-lhes da cintura. Nunca abandonavam as suas armas, nem mesmo nos festins nocturnos; a cerveja transbordava dos seus copos de barro negro ou vermelho todas as vezes que repetiam uma copla ou um canto de guerra. Chegavam sempre ebrios aos leitos das suas esposas ou escravas e, como se tivessem vergonha de ver um *ariman* (*heere man*) um homem de armas nos braços de uma mulher, muito antes de amanhecer levantavam-se.

Comtudo, os francos tinham uma divindade, que presidia aos matrimonios, ou antes á geração, esta deusa era Frea ou Frigga, mulher de Wodan, o deus da guerra e da matança. Ella reparava os males causados pelo seu feroz esposo; dava a vida depois d'este ter dado a morte, distribuia pelos bravos o repouso e a voluptuosidade (*pacem voluptatemque largiens mortalibus*, diz Adam de Brema, na sua *Historia eclesiastica*.)

Adam de Brema accrescenta que os adoradores d'esta Venus do Norte a representavam, dando-lhe o attributo mais caracteristico do deus Priapo (*cujus etiam simulacrum ingenti Priapo;*) mas nenhum outro testemunho póde ser citado em apoio d'esta singular figura da deusa Frea e vêr-nos-hiamos muito embaraçados, para justficar com auctoridades antigas esta opinião de Adam de Brema. Seja como fôr, esta deusa não era o symbolo da libertinagem e das paixões obscenas, mas do acto divino da geração, representando a natureza creadora.

Com mais visos de verdade se devem attribuir ao culto de Frea, do que ao de Priapo, a maior parte das tradições gallicas, que mui geralmente vogavam nos logares occupados pelos francos, e por esta razão, nos idolos, nos monumentos, nos troncos de arvore esculpido, se deve vêr antes a esta Venus do norte do que a Priapo. Nas ruinas de muitos acampamentos de francos, nas margens de Rheno, teem sido descobertas muitas offerendas de bronze e marfim, que deviam ter sido dons de mulheres á deusa Frea.

Nos fins do quarto seculo, quando a deusa Frea, adorada pelos francos de Yessel, introduzira talvez uma nova Venus no paganismo romano, ergueram-se templos ás divindades, que acaso eram de origem franca e que Santo Agostinho, na sua *Cidade de Deus*, nos apresenta como concorrendo uma e outra para os actos mais secretos da geração. Uma e outra occupavam o mesmo templo, o orgão sexual do homem estava collocado junto do orgão sexual feminino, á maneira d'essas divindidades, que se chamavam *Pae e Mãe*.

Santo Agostinho cita uma passagem de Varrão, a proposito das attribuições de Liber e Libera, em que se não reconhece a Frea dos francos.

«*Liberum á Liberamento appelatum volunt*, diz elle, *quod mares in coeundo, per ejus beneficium, emisis seminebus, liberentur. Hoc idem in feminis agere Liberam, quam etiam Venerem putant, quod et ipsas perhibeant semina emittere, et ab hoc Libere eamdem virilem corporis partem in templo poni femineam Liberæ.*»

Mas Clodoveu baptisado por S. Remigio destruiu os idolos que elle proprio adorára, e os francos seguindo-lhe o exemplo fizeram-se baptisar e renun-

ciaram aos deuses dos seus maiores. O catholicismo d'estes barbaros foi por muito tempo tão grosseiro como o fôra a sua idolatria; nem comprehendiam o dogma, nem a moral, nem a religião, que haviam abraçado e que para elles se limitava a certas praticas e ceremonias.

Os bispos empregaram com bom exito a sua auctoridade ecclesiastica para corrigir os costumes dos sicambros: estiveram em constante lucta contra estes barbaros, que unicamente reconheciam como leis os seus instintos e paixões brutaes: empregaram a excommunhão, expondo-se a injurias, maus tractos e mesmo á morte, ao reprimir os seus neophytos, que se entregavam com ardor selvagem a todos os excessos, escarnecendo do sacramento do matrimonio. N'aquelle tempo os reis tinham um grande numero de concubinas, succedendo-se umas ás outras, e ás vezes simultaneamente. A egreja, fundando-se nas decisões unanimes dos concilios, só permittia a cada secular uma mulher, quer fosse esposa legitima, quer fosse concubina, segundo o uso da lei romana sobrevivente ao polytheismo. O clero gosava dos mesmos privilegios e era frequente vêr um bispo com a sua esposa, e um sacerdote qualquer com a sua concubina.

Mas os francos não se contentavam com a tolerancia christã, que a cada um permittia uma esposa ou concubina: queriam não só mudar de mulheres frequentemente, formando novas uniões legitimas ou auctorisadas, mas tambem ter junto da esposa legitima muitas concubinas, que lhe compartilhassem do leito. Os francos tinham no ponto mais retirado da sua habitação um gyneceu de escravas, que lhes davam filhos, compartilhando alternativamente do leito do senhor. Era o costume de todos os barbaros, que manifestavam a sua nobreza e riqueza com o numero das suas mulheres, dos seus cavallos e dos seus cães.

Na plebe, principalmente entre os pobres, o matrimonio era monogamo, por falta de meios para sustentar muitas mulheres; mas a esposa ou concubina plebeia renovava-se frequentemente, cedendo o logar a outra, visto que o divorcio não tinha maiores formalidades do que o casamento.

Comprehende-se bem o grande trabalho do clero gaulez em combater os costumes licenciosos d'aquelles barbaros, que se revoltavam contra toda a contrariedade e que viam um acto de escravidão intoleravel em cada prescripção da lei divina e humana. Os francos não permittiam que o sacerdote julgasse e condemnasse o que se occultava no seu lar: contribuiam voluntariamente para as despezas do culto; distribuiam muitas e avultadas esmolas, davam ouro aos punhados para a construcção e adorno das egrejas, para os relicarios e sepulchros dos santos; mas eram indoceis e rebeldes, quando o seu proceder era objecto das censuras e anathemas dos bispos.

Tambem se não conformavam como os preceitos do Evangelho, que proclamavam a igualdade da mulher ao homem: a mulher, segundo os barbaros, era antes a sua escrava do que a sua companheira, e esta escrava não era emancipada pelo matrimonio, ficava por este facto sujeita a um jugo mais despotico.

Todas as mulheres entre os francos haviam acceitado esta condição de servidão e inferioridade, que lhes era dada pelo sexo, e nem sequer podiam agradecer a protecção do christianismo, porque a excommunhão que feria os maridos ou senhores as alcançava tambem a ellas, expondo-as a odios muitas vezes sanguinarios. Com effeito, o franco que repudiasse sua esposa preferia matal-a a acceital-a novamente, obedecendo ás intimações dos bispos e curvando-se sob os anathemas da egreja.

Estes matrimonios ou concubinatos não eram todos consagrados pela benção religiosa; mas sim auctorisados pela lei salica, mediante o soldo e o dinheiro, que a mulher recebia, como symbolo do contrato nupcial: contrato feito deante de testemunhas, mas não escripto, nem assignado, se não no caso

extraordinario, em que o esposo no dia seguinte ao das nupcias confirmava o dote dado á esposa, deitando-lhe um punhado de palha no seio e apertando-lhe o dedo minimo da mão esquerda. O *presente da manhã* (*merghen gabe*) era quasi o unico laço da união conjugal, começado na vespera com a entrega d'um soldo de ouro e um dinheiro de prata, que o esposo depositava nas mãos da esposa. Estas moedas parecem ter sido a tarifa (*prœmium*) geral e uniforme, que uma mulher, fosse qual fosse a sua classe, devia reclamar como preço da sua virgindade.

Depois de ter acceitado estas moedas, a mulher considerava-se vendida áquelle homem e não se pertencia, emquanto o divorcio ou a morte não rompesse as cadeias d'essa escravidão.

Póde ajuizar-se da submissão de uma esposa a seu marido pelos termos que empregava, ao dirigir-lhe a palavra. «Senhor e meu esposo, dizia, eu tua humilde escrava.» (*Domini e jugalis mei ego ancilla tua*). E' assim que, nas *Formulas* de Marcolfo (liv. II, cap. 27,) falla a mulher a seu amo e senhor.

Só havia uma circumstancia, em que uma mulher casada podia subtrahir-se á escravidão e erguer-se do seu abatimento. Quando a filha de paes livres associava a sua vida á d'um escravo, entregando-se-lhe por amor ou por imprudencia, seguia a condição d'este esposo indigno d'ella e tornava-se escrava como elle. Mas a lei dos ripuarios facultava-lhe sempre, em honra da sua familia, os meios de reconquistar a liberdade. A instancias de um parente ou amigo, a esposa requeria para ser citada perante o rei ou conde, que indagavam do seu matrimonio deshonroso: ella confessava o facto e entregava-se á justiça do conde ou do rei. Este fazia comparecer o marido e acareava-o com a mulher, a quem em silencio offerecia uma roca e uma espada.

Se a mulher optava pela roca, ficava para sempre escrava e á mercê do homem, a quem amára o bastante para tudo lhe sacrificar; mas se escolhia a espada ficava novamente livre, matando o homem que a escravisara. D'este modo lavava a vergonha da sua prostituição com o sangue do culpado.

A *conucula* era o emblema ou symbolo da condição servil que o matrimonio impunha ás mulheres. Estas não mais appareciam em publico; não mantinham relações com homens; só sahiam veladas e cobertas com amplos vestidos, que nem sequer deixavam vêr as mãos e os pés, passavam a vida fiando linhos e lã, tingindo tecidos e criando os filhos. Sempre que os historiadores dos tempos merovingios nos introduzem nos aposentos das mulheres, apresentam-as, mesmo rainhas que sejam, occupadas nos trabalhos domesticos, longe dos olhares curiosos e dos desejos profanos.

As relações concubinarias, que convinham aos costumes dos francos, chegaram a multiplicar-se tanto sob o reinado da primeira raça, que era preciso que um franco fosse muito pobre para não ter em sua casa mais do que uma mulher e duas escravas. A egreja fechava os olhos a estas licenciosidades em quanto podia fingir ignoral-as e em quanto a ella se não recorria para as fazer cessar. Levava a sua condescencia e respeito pelos senhores do paiz até permittir-lhes relações amorosas com as suas escravas, sem formalidade alguma matrimonial. Silvano, que era gaulez, e escreveu em meiado do seculo quinto, diz-nos que a tolerancia ecclesiastica para com as concubinas fôra tão mal interpretrada, que a maior parte dos que viviam em concubinato se julgavam legitimamente casados, e só tinham por esposas as escravas com quem cohabitavam maritalmente, (*ad tantum res imprudentiam venit ut ancillas suas multi uxores putent, atque utinam sicut putantur esse quasi conjuges ita solæ haberentur uxores.*)

Mr. Cordemoy, apoiando-se na auctoridade de Cujas, não se lembrou que este douto jurisconsulto estudára mais o direito romano que o direito barbaro. O concubinato entre os francos e os gallo-romanos, que não tardaram muito em

imitar os seus dominadores, nem sempre tinha o caracter de *semi-matrimonio*, dado pela jurisprudencia romana, separava-se d'elle extraordinariamente, pois que sem cessar se renovava e mesmo comprehendia um numero avultado de mulheres, vivendo sob o regimen concubinario. Verdade é que em certas circumstancias, um rei, um magnate, um nobre casado com uma mulher de baixa condição, não lhe outhorgava o titulo d'esposa, mas o de concubina que não implicava a celebração do matrimonio christão. Ordinarimente, a concubina era uma escrava, que dormia no leito do senhor e que podia fazer prevalecer uma especie de legitimidade nupcial, emquanto que o senhor não escolhesse nova concubina.

Os francos, principalmente os chefes, tomavam concubinas, casando segundo o ritual franco, dando o soldo e o dinheiro para não terem a impossibilidade de divorciar-se. A egreja nada tinha que vêr com as uniões que ella não fizera, e se a seu pezar alguma vez intrevinha, era quando um grande escandalo a obrigava a abandonar a sua neutralidade, mas fazia sempre isto com a maior prudencia e tacto.

Insistimos, portanto, em acreditar que, sob o reinado da primeira e ainda da segunda raça dos nossos reis, chamava-se *esposa* á mulher casada, segundo o ceremonial da egreja e *concubina* á mulher casada, segundo a lei salica : *Secundum legem salicam et antiquam consuetudinem,* dizem as *Formulas* de Marcolfo sobre o soldo e o dinheiro, que constituiam o matrimonio civil entre os francos.

Sendo os concubinatos estranhos por sua natureza á sancção ecclesiastica, só dependia do capricho dos interessados fazel-os e desfazel-os sem sombras de escrupulo. Tal foi por espaço de tres seculos, o estado da familia em França ; ao lado da mulher legitima, unica reconhecida pela egreja, havia uma ou duas concubinas, a quem o dono da casa dava maior ou menor consideração, conforme o seu proceder e as suas sympathias. A's vezes estas concubinas eram tão numerosas sob o mesmo tecto que o homem, que as mantinha, se via obrigado a despedir algumas, para que todas não morressem de fome.

O matrimonio salico só foi usado para com as mulheres de origem franca, que concubinariamente casavam com homens da sua raça. Estas concubinas, em geral, reconheciam a inferioridade da sua posição para com a mulher legitima, casada christãmente, e esta satisfeita com a sua superioridade, deixava-as cumprir os seus deveres concubinarios sem ciumes nem despeitos.

Os filhos nascidos d'este concubinato não gosavam dos mesmos direitos auferidos pelos havidos de matrimonios legitimos ; mas comtudo tinham uma semi-legitimidade e a sua bastardia não lhe imprimia nenhuma nodoa infamante, pois que com orgulho se intitulavam bastardos de casa. Viviam, sim, em estado de inferioridade e de respeitosa submissão para com seus irmãos, filhos da esposa legitima, os quaes exclusivamente representavam a linha hereditaria e repartiam entre si os bens patrimoniaes.

Ao que parece, as concubinas tinham unicamente o fim de supprir as insufficiencias ou impedimentos da esposa, quando esta se afastava do leito conjugal por causa do menstruo, de enfermidades ou da lactação.

Havia muitas cathegorias ou graus de concubinas : umas, de condição livre e da raça franca, julgavam-se tão bem casadas, como se a egreja tivesse santificado a sua união ; outras, de condição servil e de origem estrangeira, nunca podiam ter a consideração da mulher legitima ; a serva, que dormira com o seu senhor, apenas conservava uma certa auctoridade nas suas companheiras, que de bom grado lh'a acatavam ; esta auctoridade augmentava á medida que o tempo lh'a ia consagrando e que o senhor (*dominus*) lh'a confirmava com a sua benevolencia.

Todas as mulheres, aggregadas a uma familia na qualidade de esposas, con-

cubinas e escravas, viviam juntas no interior da casa, onde homem nenhum podia entrar sem licença do senhor. Este logar reservado para as mulheres era chamado gyneceu entre os francos e entre os gallo-romanos (*gineceum.*) A palavra corrompeu-se de differentes modos, segundo o dialecto dos barbaros que a adoptaram, e por isso se encontra escripto *genecium, genicium, genecœum* e *genizeum,* nos auctores escriptores do latim vulgar. O gyneceu era mais ou menos espaçoso, conforme a capacidade da casa; compunha-se de muitos compartimentos, ou corpos de edificio e ordinariamente continha muitas officinas, onde as mulheres se entregavam aos trabalhos domesticos.

A dona da casa, a esposa ou concubina predilecta, tinha sob a sua direção os trabalhos do gyneceu, que mais particularmente diziam respeito á industria dos tecidos e á confecção de roupas. N'aquelle tempo, como em toda a antiguidade, os homens envergonhar-se-hiam de pôr mãos em trabalhos feminis (*muliere opus ;*) só se applicavam a trabalhos de martello.

Antigas chronicas estão de accordo n'este ponto: que os trabalhos em lã pertenciam especialmente ao gyneceu do norte; e os trabalhos em seda ao gyneceu do meio dia. Papias diz que o gyneceu se chama *textinum* «porque as mulheres, que n'elle se reunem, trabalham em lã» (*quolibi conventus feminarum ad opus lanifici exercendum conveniat;*) e Pollux entende que ao gyneceu se poderia chamar *sedaria,* porque n'elle as mulheres se occupam nos trabalhos em seda.

Estes gyneceus com destino analogo existiam entre os romanos do imperio do Oriente.; em maior escala estavam generalisados em Constantinopla, e não póde duvidar-se, portanto, que d'elles se originaram os serralhos que o mahometismo tornou menos laboriosos, destinando-os unicamente ao amor.

Entre os romanos do Oriente havia gyneceus para os dois sexos, que n'elles trabalhavam separada, ou collectivamente, segundo a vontade do senhor; mas n'esses gyneceus só eram admittidos os escravos para soffrerem castigo mais rigoroso.

Os gyneceus dos imperadores, dos magistrados e dos officiaes imperiaes eram officinas penitenciarias, para onde se mandavam pelo tempo prefixado na sentença condemnatoria os pobres e vagabundos, que haviam commettido um delicto e não podiam pagar a multa imposta. Lê-se na *Paixão de S. Romão,* que ao santo foi vestida uma camisa de lã e encerrado n'um gyneceu em signal de despreso (*ad injuriam.*) Lactancio no seu livro — *Da morte dos perseguidores* — diz que as mães de familia e as patricias, suspeitadas de christãs, eram vergonhosamente atiradas para os gyneceus (*in gyneceum rapiebantur.*)

Imitando os imperadores de Bysancio, os reis merovingios e carlovingios tiveram gyneceus nos seus palacios de campo, e estes gyneceus continham uma grande população feminina, na qual os reis escolhiam para cada noite aquella que mais lhe appetecia. A capitular *de Villis* enumera as differentes obras executadas n'aquellas officinas, onde trabalhavam tambem escravos e eunuchos.

«Que em nossos gyneceus, diz Carlos Magno, haja tudo que é mister para trabalhar, isto é, linho, lã, cochenilha, sabão, azeite, vasos e todas as coisas necessarias n'estes logares.»

Em outra capitular do anno 813, accrescenta:

«Que as mulheres empregadas em o nosso serviço (*feminæ nostræ quæ ad opus nostrum servientes sunt*) tirem dos nossos armazens a lã e o linho, com que façam capas e camisas.»

Lê-se no livro dos milagres de S. Bertino que as creanças eram mandadas para os gyneceus, onde aprendiam a fiar, tecer, coser e fazer todos os trabalhos feminis (*in genecio ipsius, nendi, cusandi, texandi, omnique artificio muliebris operis edocteses.*)

O dono de um d'estes estabelecimentos era em extremo solicito para com

os operarios e a ninguem permittia a entrada no gyneceu, que pela legislação dos barbaros era protegido como um santuario.

«Se alguem, diz a lei dos allemães, cohabitar com uma joven de um gyneceu, que lhe não pertença e isto contra a vontade d'ella, que pague seis soldos d'ouro (*Si cum puella de genecio priore concubuerit aliquis contra voluntatem ejus.*)»

O texto da lei differe nos differentes manuscriptos, mas o sentido é quasi o mesmo. Carlos Magno, n'uma nova redacção d'esta lei, encorporada nas suas capitulares, lei em que é castigada a violação consummada (*si quis alterius puellam de genecio violaverit*) faz desapparecer a duvida sobre a especie de violencia de que a mulher do gyneceu podia ser victima *contra sua vontade*.

Verdade é que nem todos os gyneceus eram da mesma ordem, ou pelo menos tinham differentes cathegorias, onde os trabalhos mais duros ou desagradaveis estavam convenientemente regulados. Os trabalhos mais pesados eram feitos pelos escravos de inferior cathegoria ou nos gyneceus penitenciarios. O que Ducange pretende demonstrar no seu *Glossario*, palavra *Gynecœum*, que a maior parte dos gyneceus eram uma especie de lupanares, é, portanto, uma falsidade. O proprio texto da lei dos lombardos, em que Ducange assenta a sua affirmativa, prova o contrario.

«Estabelecemos que, se uma mulher disfarçada por qualquer modo fôr surprehendida em flagrante delicto de prostituição (*si femina, quæ vestem habet mutatam, mœcha deprehensa fuerit*) não seja admittida no gyneceu, como até aqui era costume, pois que, depois de se ter prostituido com um homem, não perderia a occasião de se prostituir com muitos.»

Este texto prova pelo contrario que a lei velava pela pureza dos costumes nos gyneceus; todavia, os gyneceos, taes como os dos reis, frequentemente mereceram essa má reputação e ainda no decimo seculo o seu nome era synonimo de libertinagem. O proprietario do estabelecimento fazia um pacto concubinario com as operarias e estas disputavam entre si a honra de lhe pertencer. «Se alguem, diz Reginon (*De Eccles. discip.* liv. II, cap. V) commetter adulterio em sua propria casa com as suas serventes ou gynecìarias.»... Esta passagem parece indicar que nos gyneceus, além das serventes, eram admittidas pensionarias, ajustadas sob determinadas condições.

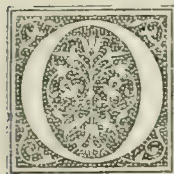
A sustentação de um gyneceu era, portanto, muito dispendiosa: o capitulo 75 de um synodo de Meaux, citado por Ducange, falla de uns seculares, que possuiam capellas e sob este pretexto cobravam dizimos gastos em sustentar cães e occorrer ás despezas dos seus gyneceus (*inde de canes et gyneciarias suas pascant.*)

Os gyneceus foram-se restringindo ás suas proporções, á medida que se foram estabelecendo manufacturas, e que o commercio, distribuindo os seus productos por toda a parte, tornou inutil o fabrico em casa de grande numero de tecidos e outros objectos. O viver das mulheres continuou todavia a ser em commum, e apesar da emancipação offerecida pela cavallaria em certas circumstancias, a vida das mulheres continuou a ser reclusa. Mas então já não havia concubinas n'aquelles santuarios da familia, onde a esposa legitima, rodeada dos seus filhos e servas, lhes dava exemplos de trabalho, de decencia e de virtude.

CAPITULO IV

SUMMARIO

Licensiosidades concubinarias dos reis francos.—Clotario I.—Ingunda e Aregunda.—Incontinencia adultera de Cariberto, rei de Paris.—Marcovieva e Merofleda.—Cariberto repudia sua mulher Ingoberga.—Teudechilda.—Os irmãos de Cariberto.—Gontran, rei d'Orleans e Borgonha.—Chilperico, rei de Soisson.—Andovera.—Fredegonda.—Galevind.—Dagoberto I.—Pepino e a sua concubina Alpais.—Assassinio de S. Lamberto praticado por Dodon, irmão d'Alpais.—Costumes dissolutos de Bertebram, bispo de Bordeos.—Brunequnda.—Carlos Magno.—Suas concubinas Maltegarda, Gersuinda Regina e Adalinda.—Suas filhas.—O cartulario d'abbadia de Lorsch.—Lenda dos amores de Eginhard e de Imma, filha de Carlos Magno.—Capitular de Carlos Magno relativa aos cumplices da prostituição.—Investigações minuciosas ordenadas por Carlos Magno sobre a prostituição.—Castigo importante ás mulheres de má vida a seus cumplices.—Os judeus corretores da prostituição.—O pé do rei.—Estatura de Carlos Magno.—Os homens nus.—Lenda de S. Lenogesilo.—Os successores de Carlos Magno.—Luiz o Benigno.—A prova da cruz.—A prova do congresso.—A imperatriz Judith.—Teuberga, mulher de Lothario, rei da Lorena, accusada d'incesto.—O campeão de Teuberga sahe triumpante da prova da agua quente.—Justificada Teuberga, comparece ante um consistorio presidido por Lothario.—O concilio de Metz.—Excommunhão de Lothario.—O seu sacrilegio.—A sua morte.



Os reis da primeira raça estiveram de continuo em lucta com a egreja por causa das concubinas, que tomavam e repelliam alternativamente sem consultar os bispos, e estes, apesar das suas ameaças e anathemas, não conseguiam fazer respeitar a instituição religiosa do matrimonio pelos francos, recem-convertidos, que continuavam sendo pagãos e soffriam violentados a doutrina do Evangelho. A historia d'esses reis é cheia de guerras, de crimes e excessos; mas os seus amores são principalmente a razão das suas grandes queixas contra a egreja, que lhes não deu paz nem treguas, com o fim de lhes extirpar os maus exemplos da prostituição.

Apesar de tudo, essas licenciosidades continuam a esconder-se no fundo dos gyneceus e apenas o rumor publico revela algumas d'ellas. Quando o echo d'esses abusos luxuriosos chegava aos ouvidos dos confessores, estes, armados com os raios da excommunhão, afastavam da egreja o peccador, até que purificado rompesse com as tentações da carne. Não se chegam a comprehender bem os excessos concubinarios dos reis francos, senão lendo em S. Gregorio de Tours a singela narrativa dos matrimonios do rei Clotario, que teve sete mulheres ou concubinas publicas.

«Clotario tinha por esposa Ingunda e só a ella amava, quando esta lhe fez esta supplica: Meu senhor fez de mim tudo o que quiz, tendo-me feito sua companheira no leito; agora para rematar os seus favores digne-se o meu senhor escutar o que esta sua serva lhe pede. Peço-vos tenhaes a bondade de procurar para minha irmã, vossa escrava, um homem capaz e rico que me

eleve e não me rebaixe, e que meios tenha para mais dedicadamente vos servir.»

A estas palavras, Clotarío propenso á sensualidade, inflamma-se de amor por Aregunda, vae ao campo onde ella residia e com ella casa. Logo que ella se tornou sua, voltou para junto de Ingunda e disse-lhe:

—Trabalhei para te satisfazer o supremo favor que me pediste e, procurando um homem prudente e rico, merecedor de unir-se a tua irmã, nenhum outro melhor do que eu encontrei. Fica sabendo, pois, que a tomei por esposa, esperando que isso não te seja desagradavel.

—O que bem parece aos olhos do meu senhor, respondeu Ingunda, por elle seja feito; mas que esta sua escrava viva sempre nas graças do rei.

Este curioso quadro de costumes faz-nos apreciar como se passavam as cousas nos gyneceus dos reis.

Os filhos de Clotario I foram como seu pae polygamos e mais do que elle dados á incontinencia adultera. O mais velho, Cariberto, rei de Paris, era casado com Ingoberga, cuja estirpe a elevava acima das suas rivaes. Tinha a seu serviço duas jovens plebeas: uma Marcovieva, freira; outra, Merofleda, fizera por ella apaixonar o rei. Ciumenta Ingoberga, teve um dia a infeliz lembrança de deprimir as duas rivaes deante do rei, lançando-lhe em rosto a condição servil dos paes, que cardavam lã nas immediações do palacio; mas o rei, irritado contra a esposa que o pretendera envergonhar, repudiou-a e tomou para esposa successivamente a Merofleda e Marcovieva. Não se contentou com ellas todavia, e pouco depois abandonou-as por outra serva, Teudechilda, filha de um pastor.

Esta, posto que concubina de infima especie, apoderou-se do thesouro de Cariberto, quando, sem deixar herdeiros, este principe se finou nos braços das tres plebeias.

Os irmãos de Cariberto tinham tambem o mesmo vicio da inconstancia. Goutran, rei d'Orleans e de Borgonha, apesar de passar por devoto, mudou de mulher tantas vezes como Cariberto, e teve concubinas de infima classe, sem que os bispos, que lhe chamavam o bom Goutran, (*bonus*) lhe perturbassem os amores. Chilperico, rei de Soissons, é o polygamo, a quem os chronistas attribuem maior numero de mulheres, com quem casou, segundo a lei dos francos, dando o annel, o soldo e o dinheiro. Uma d'estas mulheres, chamada Andowera, tinha a seu serviço Fredegonda, joven de origem franca, extremamente notavel pela sua belleza e astucia. Mal Chilperico a viu, por ella se apaixonou; mas Fredegonda era muito ambiciosa para se contentar em ser uma concubina subalterna.

Tendo Andowera dado á luz uma filha na ausencia do esposo, Fredegonda, de accordo com um bispo, a quem comprara, abusou da ingenuidade da rainha, até persuadil-a de que devia ser madrinha da propria filha, e isso conseguiu.

Quando Chilperico voltou da guerra, todas as jovens do seu palacio sahiram a esperal-o, cantando e arremeçando-lhe flores. Fredegonda ia na frente.

—Com quem dormirá esta noite o meu senhor? perguntou-lhe descaradamente (*Cum qua dominus meus rex dormiet hac nocte?*) pois que a rainha, minha senhora, accrescentou, é agora sua comadre, visto que é a madrinha de sua filha.

—Ainda bem, respondeu o rei jovialmente; se não posso dormir com ella, dormirei comtigo.

Andowera, chegou então com a filha nos braços.

—Mulher, lhe disse o rei, commetteste um crime por ignorancia; és minha comadre, já não pódes ser minha esposa.

Repudiou-a, e fel-a professar n'um convento. Fredegonda poucos mezes lhe occupou o logar. Chilperico, pediu em casamento Galessonida, filha do rei dos godos, e para obter a mão d'esta princeza, repudiou as esposas e despediu as amantes, incluindo Fredegonda, a quem todavia não deixára de amar. Pouco depois, para se juntar com a sua querida Fredegonda, mandou estrangular a rainha, emquanto ella dormia. Fredegonda, com quem em seguida se casou, envolveu-o n'uma rede de voluptuosos prazeres, que o reduziram a completa escravidão.

Tal é a historia de quasi todos os reis merovingios, que não se arreceiavam de commetter crimes, ou de fazer guerras, para conseguirem os seus propositos amorosos. Viviam nos seus palacios reaes, longe da vista dos seus vassallos, que apenas chegavam a ouvir longinquos ruidos das orgias reaes, em que os monarchas alternavam a luxuria com a embriaguez.

A vida intima dos palacios reaes era apenas um lodaçal de prostituição, em que, mais e mais, se ia atolando a realeza franca. Dagoberto I, que apesar de tudo, teve algumas qualidades de rei, não foi mais casto que os seus predecessores, e o seu ministro, Santo Eloy, parece ter-se preoccupado pouco com os costumes da vida privada do principe, que edificava egrejas, fundava mosteiros e cobria d'ouro as reliquias e sepulchros dos santos; mas que ao mesmo tempo, á imitação de Salomão, tinha uma grande quantidade de concubinas (*luxuriæ supramodum deditus, habebat instar Salomonis reginas et plurimas concubinas,* diz Fredegonda na sua chronica.) «Os bispos, todavia, eram incansaveis em anathematisar as licenciosidades dos reis e dos principes; voluntariamente se expunham á colera d'estes grandes libertinos, quasi sempre incorrigiveis; não se arreceiavam do martyrio da morte, quando se tratava de defender a santidade do matrimonio christão, contra as licenças do concubinato pagão. Prœstat, bispo de Ruão, foi por causa d'isto assassinado por um emissario de Fredegonda; Didier, bispo de Vienna, foi apedrejado por ordem de Bruneguilda; S. Lamberto foi assassinado por um tal Doudou, que não lhe perdoava ter querido separar o principe Pepino da sua concubina Alpais.

«S. Lamberto, conta-se nas chronicas de S. Diniz, (em 708) reprehendeu o principe Pepino, por estar amancebado com Alpais, em prejuizo de Plectonda, sua legitima esposa. O irmão da concubina, por nome Doudou, matou S. Lamberto, por este ter censurado este peccado ao principe.»

Os bispos e sacerdotes, que combatiam a prostituição, nem sempre estavam isentos das censuras que faziam. Gregorio de Tours descreve-nos com as côres mais hediondas (liv. VIII e IX) Bertchram, bispo de Bordeus, que seduzia servas e mulheres casadas, e que até chegou a deshonrar o thalamo real. Quando S. Columbano, abbade de Luxeuil, foi á côrte de Frederico II, rei de Borgonha, para o reprehender dos seus adulterios e aconselhar a que expulsasse as concubinas, o papa Gregorio I escrevia á rainha Bruneguilda, incitando-a a que castigasse os sacerdotes impudicos e preversos (*sacerdotes impudici ac nequiter conversantes,*) e fôra justamente esta rainha que prevertera a innocencia de seu neto Theodorico II, rodeando-o de amazias, e dando ella propria os mais infames exemplos de libertinagem.

As duas rainhas, Fredegonda e Bruneguilda, rivalisaram em crimes e vicios, mesmo na idade em que a concupiscencia se extingue; parecia que ao desafio queriam saber qual das duas teria mais amantes, quem lhe corresponderia com mais ardor, e quem mais tarde sahiria das luctas amorosas. Bruneguilda foi a primeira a sahir, porque a morte a arrancou a esse lodaçal de vicios; morreu, atada á cauda d'um fogoso cavallo, arrastada e dilacerada por campos e fraguedos, depois de sobre um camello, durante tres dias, ter sido o alvo dos ultrages e chascos dos soldados de Clotario II, filho de Fredegonda.

Não acompanharemos os reis e as rainhas da primeira e segunda dynas-

tia, na larga e monotona nomenclatura dos seus adulterios e escandalos; mas, para mostrar quanto os vicios do concubinato haviam relaxado os vinculos conjugaes, recordaremos que Carlos Magno, o prudente e glorioso monarcha, sustentaculo e honra da egreja, teve quatro mulheres legitimas e cinco ou seis concubinas, sem contar as innumeras mulheres que passageiramente foram victimas da sua luxuria. As suas concubinas, que Enginhard nos faz conhecer, não eram, como as suas mulheres legitimas, nobres d'origem; Enginhard só enumera Maltegarda, Gersuinda, Regina e Adalinna, que lhe deram muitos filhos, educados sob a sua vigilancia, e caridosamente protegidos pelo imperador.

«As suas filhas eram mui formosas, diz o citado auctor, e foram sempre muito estimadas pelo pae. Singular é que não as tivesse querido casar, nem com nacionaes, nem com estrangeiros. Até morrer, teve-as sempre junto de si, dizendo que d'ellas não se podia separar. Posto que fosse feliz, soffreu com as calumnias assacadas ás filhas. Dissimulou todavia os seus desgostos, como se contra ellas nunca tivesse sido levantada suspeita alguma injuriosa.»

Na verdade esta passagem, em que o historiador parece evidentemente embaraçado, não prova sufficientemente que Carlos Magno tivesse tido relações incestuosas com as filhas, mas abre caminho a suspeitas nada favoraveis á moralidade d'aquelle principe.

Todavia, a tradição pretende que uma das filhas de Carlos Magno, de nome Ymma, casára com Enginhard, que não teria deixado de se lisongear e envaidecer, se houvera sido genro do seu terrivel senhor.

«Enginhard amava Ymma, que tinha sido promettida ao rei dos gregos, e era por ella amado com louca paixão. Uma noite, o amante bateu á porta do quarto de Ymma e esta abriu-lh'a; e os dois, com os seus colloquios e transportes amorosos esqueceram-se do tempo; (*statine versa vice solus cum sola secretis usus colloquiis et datis amplexibus cupito satisfecit amore.*)

«Mas o dia vem rompendo: Enginhard arranca-se dos braços da amante e ia partir, quando viu todas as retiradas cortadas; durante a noite havia nevado, as suas pégadas sobre a neve seriam uma suspeita desfavoravel á honra da sua amada.

«A joven, que o amor fizera tão audaz como ladina, imaginou um expediente, offerecendo-se para levar ás costas o amante, até onde este tinha o seu alojamento, e em seguida, por sobre as mesmas suas pégadas, voltaria para o seu quarto.

«Carlos Magno, que não dormira durante a noite, levantou-se ao amanhecer e olhou para o pateo do palacio. De repente, viu sua filha, que com difficuldade caminhava, levando aos hombros o pesado fardo, e que em seguida voltava já ligeira para o seu quarto. Carlos Magno, surprehendido e ferido no seu coração, calou-se sobre o que tinha visto.

«Ymma recusava dar a sua mão ao rei dos gregos e Enginhard sollicitava do rei uma missão, que o afastasse da côrte. Carlos Magno não póde então conter-se e levou-o perante o tribunal dos condes e barões, tendo todavia tenção de lhe perdoar.

«Este meu servidor, disse elle, não será castigado, pois que assim se augmentaria a deshonra de minha filha. Creio digno de nós e mais conveniente á gloria do nosso imperio perdoar-lhes e unil-os pelo legitimo matrimonio, ficando assim sob um veu de honestidade a vergonha da falta commettida.

«Enginhard então tremendo foi levado á presença do imperador.

«Já é tempo, disse-lhe Carlos Magno, de reconhecer os vossos serviços passados e de recompensar a vossa abnegação para com a minha pessoa, com o dom mais deslumbrante. Dou-vos a mão de minha filha, vossa *portadora* (*vestram scilicet portratricem,*) que, arregaçando as saias, teve o prazer de vos ser-

vir de cavalgadura (*quæ quandoque alte succinta vestre subvectione satis se morigeram exhibuit.*)»

Esta engraçada lenda, que se apoia n'uma tradição quasi contemporanea do facto que perpetua, parece-nos ter alguma analogia com a capitular, em que Carlos Magno, desterrando dos seus dominios as mulheres de má vida, communica ao imprudente ou libertino que lhes prestasse auxilio que soffreria a vergonha de as levar ás costas até á praça do mercado, onde ella seria açoitada. Quando Carlos Magno dizia a Enginhard que se casasse com a sua *portadora*, parece referir-se á pena em que incorria aquelle que dava asylo a uma prostituta.

A aventura de Ymma e Enginhard, segundo a tradição, teve logar no palacio de Aix-la-Chapelle, e foi precisamente n'esta residencia que Carlos Magno decretou no anno 800 a capitular, em que impõe aos cumplices da prostituição um castigo que traz á lembrança Ymma, levando ás costas Enginhard. Não poderá suppôr-se que Carlos Magno fez esta capitular, depois de ter sido testemunha d'esse singular espectaculo da tempestuosa noite de neve, em que viu uma mulher levando ás costas um homem? Não teria reconhecido os auctores d'este episodio amoroso? Seria provavel não ter comprehendido os designios dos dois personagens mysteriosos, que lentamente caminhavam por sobre a neve? A nossa primeira conjectura é todavia licita, em vista de uma analogia historica, suggerida pela capitular, dirigida aos officiaes encarregados da guarda do palacio, capitular onde tambem se encontra a origem d'alguns funccionarios do palacio do rei. Carlos Magno ordena aos officiaes palacianos (*ministerialis palatinus*) que por meio dos seus agentes exercessem severa fiscalisação, para vêr se algum homem desconhecido ou mulher dissoluta se occultava entre os commensaes da casa. No caso em que se descobrisse uma mulher ou um homem d'esta classe, ser-lhes-hia impedida a fuga, e presos, até que o imperador fosse informado. O que fosse encontrado na companhia d'este homem ou mulher seria expulso do palacio, para não ser punido com pena mais affrontosa. O imperador dirige as mesmas recommendações aos officiaes ao serviço de sua amada esposa e de suas filhas.

Esta capitular, em que se trata de um desconhecido e de uma prostituta, que habitam sem direito o palacio, deve ter sido occasionada por circumstancias especiaes, que coincidem com a historia de Ymma e Enginhard. O homem desconhecido é decerto elle, e a prostituta ella.

O resto da capitular tem caracter mais geral, posto que tambem se refira a escrupulosas pesquizas para conhecer o estado e posição dos habitantes do palacio imperial e da cidade de Aix-la-Chapelle. Radberto, recebedor das rendas imperiaes, é encarregado de fazer minuciosas investigações nas casas dos servos do imperador, tanto em Aix como nas quintas dependentes d'esta residencia. Pedro e Gunzo são encarregados de fazer igual visita nas casas e choças dos escravos; Ernaldo visitará tambem as lojas dos negociantes christãos e judeus, procurando para isso a occasião em que estes não estejam em casa.

Estas escrupulosas pesquizas no palacio d'Aix e em suas dependencias tinham por fim descobrir um ou muitos criminosos, e para tal conseguir Carlos Magno prohibe a todos, que tenham cargo no paço, o acolher ou occultar qualquer homem, que commettera roubo, homicidio, adulterio ou qualquer outro crime.

Quem ousasse contrariar a este respeito as ordens do imperador, devia, se fôra homem livre, levar ás costas o reu até á praça do mercado, logar onde o paciente seria punido; mas se era um servo, este, como o nobre, levaria ás costas o reu e seria açoitado.

«Igualmente, no que se refere aos libertinos e prostitutas, (*de gadalibus et meretricibus*) accrescenta a capitular, queremos que estas sejam pelos que

*

lhes tenham dado asylo até á praça do mercado levadas ás costas, onde serão açoitadas. Se o culpado se recusar a levar a mulher de má vida, que lhe fôr encontrada em casa, ordenamos que, conjunctamente com ella, seja açoitado no mesmo sitio.»

Esta capitular, estabelecendo a policia no interior do palacio, demonstra a repugnancia de Carlos Magno pelas mulheres de maus costumes, pois que não só as expulsa da sua residencia e dominios, mas até da casa dos seus mais humildes servos e do domicilio dos judeus, tidos como intermediarios na prostituição.

Como já dissemos, Carlos Magno não era homem de uma moralidade exemplar e tinha necessidades sensuaes a satisfazer. Consta que este imperador, a quem os Cantos de Gesta representam como um gigante, não tinha com effeito menos de sete pés d'altura; a sua força era proporcionada, e pelo *pé do rei* se poderá ajuizar qual era o comprimento do seu, que se converteu em medida linear, posta de parte pelo systema metrico; todavia é-nos impossivel, a proposito d'esta medida, (*pedale, mens ura pedis*) entrar n'uma delicada discussão, cujo fim seria encontrar a verdadeira origem do *pé do rei*. Limitar-nos-hemos a dizer que na idade média se procuravam as relações de proporção entre as diversas partes do corpo, e que desde a mais remota antiguidade o pé revelava virilidade no homem, emquanto que na mulher tinha uma significação ainda mais indiscreta. N'este sentido, falla Horacio na sua primeira satyra de um grande pé feminino: *Depygis, nasuta, brevi latera ac pede longo est*. Aos curiosos do que se disse da estatura de Carlos Magno e dos seus accessorios, recommendamos o livro de Marquard Frecher, reimpresso por Duchesne, Bouquet e Pertz.

Esta monstruosa estatura justifica o que a tradição conta dos amores de Carlos Magno. Uma lenda muito original colhida por Petrarca em Aix-la-Chapelle, onde tudo está cheio de recordações do grande imperador, apresenta-nos este monarcha sujeito a tentações como Santo Antonio e peccador pela malicia do demonio.

Tendo-se Carlos Magno enamorado loucamente d'uma mulher, cujo nome não é citado por Petrarca, esqueceu junto d'ella os interesses do seu povo e a gloria do seu reinado; o seu unico cuidado era viver para a mulher amada. A amante morre repentinamente e o imperador entrega-se a um desespero inconsolavel, que noite e dia o tinha preso aos restos mortaes da que tanto amára, e á qual não queria deixar dar sepultura, posto que a decomposição corresse adiantada já n'aquelle cadaver, que o imperador continuava estreitando nos braços.

Nem o arcebispo de Colonia, veneravel prelado em quem o imperador tinha cega confiança, pôde arrancar dos seus braços aquella adorada morta, nem ao menos mitigar-lhe a sua dôr; mas fazendo uma oração revelou Deus ao sacerdote a causa mysteriosa de tão grande dôr de Carlos. Na bocca d'aquella mulher havia um annel, tendo encastoada uma pedra amorosa, e este talisman ligava invencivelmente o imperador ao corpo vivo ou morto que o possuisse. Apenas tiraram o annel da bocca do cadaver, sentiu Carlos Magno desapparecer-lhe o seu amor, e perguntou porque por tanto tempo tinham deixado sob os seus olhos aquelle cadaver corrupto.

Mas, de repente, sentiu-se invadido de uma ternura alguma coisa differente pelo prelado que tinha o talisman; não podia separar-se d'elle, nem consentia que o sacerdote se afastasse. O arcebispo, que conhecia a causa, atirou o talisman para um lago immediato a Aix-la-Chapelle; mas o annel, submergido no fundo do lago, continuou exercendo o seu poder attractivo, inspirando a Carlos Magno a mesma paixão, unicamente differente no objecto.

Carlos enamorou-se então do lago, e não querendo mais separar-se d'elle

fixou alli a sua residencia e a capital do seu imperio, e em testamento ordenou que alli fosse enterrado, para que no tumulo ainda podésse ouvir o lago murmurar amor aos ecos do seu nome glorioso.

Carlos Magno estava em muito boas relações com a egreja para receiar as suas admoestações; evitava tambem com grande prudencia o dar escandalo, e tudo que se referia aos seus amores era unicamente passado nos seus gyneceus. Não tolerava entre os seus vassallos a relaxação dos costumes, que a auctoridade ecclesiastica lhe denunciava, declarando-se elle impotente para a corrigir. Para fortalecer a auctoridade ecclesiastica, em 805 fez uma capitular, prohibindo aos individuos d'um e d'outro sexo, sob pena de sacrilegio, o commetterem adulterios, sodomias, incestos e outros peccados contra o matrimonio.

O imperador motivava as suas prohibições na observação de que os paizes, cuja população se entregava a sensualidades illicitas, aos adulterios, ás torpezas de Sodoma e ao commercio da prostituição (*multæ regiones, quæ jam dicta inlicita et adulteria vel sodomicam luxuriam vel commixtionem meretricem sectatæ*) nem tinham constancia na fé, nem valor na guerra.

Portanto, o reu d'aquelles excessos perderia a sua qualidade e direitos, sendo recolhido á prisão até ao dia da penitencia publica.

Sobremaneira nos causa extranhesa o não encontrarmos nas capitulares de Carlos Magno medida alguma de precaução ou de rigor contra os angariadores de mulheres, mister chamado *lenonia*, e ainda sobrevivente ás perseguições dos codigos de Theodosio e Justiniano. Ha, todavia, uma capitular, cuja data não é conhecida, que parece referir-se á *lenonia*, posto que este vergonhoso mister não seja especialmente recommendado á attenção dos magistrados. N'esta capitular, em que os sacerdotes, os diaconos e os outros membros do clero são prohibidos de admittir nos seus domicilios mulheres extranhas, em que a clerigos e frades se prohibe o entrar, comer e beber em estalagens, nota-se o seguinte artigo:

«*Ut mangones et cociones et nudi homines, qui cum ferro vadunt, non sinantur vagari et deceptiones hominibus agere.*»

Não sabemos o que são estes homens *nus* de espada, posto que nos inclinemos a crêr que ha alteração no texto, na palavra *nudi*, que não tem sentido, e que póde ser substituida por *mundi*.

Esse artigo ficaria significando:

«Que os corretores e negociantes francos, que andam com armas, já não podem por aqui e alli andar enganando gente.»

Seria facil demonstrar com uma dissertação philologica que a baixa latinidade empregava a palavra *mangones* no sentido de corretores e não na de larapios, ou ladrões: *mangi* tinha succedido a *leno*. *Cociones*, que devia traduzir-se litteralmente por negociantes, eram os corretores da mais infima especie. Um escriptor do decimo seculo, citado por Ducange, diz que os ladrões só foram designados por *mangones* por aquella época. Ducange diz tambem que *cociones* é um synonymo de revendedores, que corriam as feiras e que unicamente se occupavam em negocios vergonhosos.

Os *lenones* certamente existiam, mas occultavam-se sob nomes e occupações diversas; póde provar-se, por exemplo, que em toda a idade média os negociantes de cavallos, mulas e burros negociavam tambem lucrativamente com a prostituição. Mas é notavel que as expressões *lenocinium* e *lenonia*, *leno* e *lenarius*, *lena* e *lenaria* raras vezes são usadas pelos escriptores catholicos da França merovingia e carlovingia. Da ausencia da palavra não se deve deduzir todavia a ausencia do facto. Applicando a critica historica a uma lenda do setimo seculo, descobre-se um *leno* no numero dos santos, sob o nome de Lenogesilo. Parece-nos inquestionavel que este nome seja composto de *leno* e *Gesilus*, que seria o nome do personagem, e *leno* a sua qualidade. Este *Leno-*

gesilo, que vivia no tempo de Clotario II (619,) attrahiu á sua vivenda uma virgem chamada Agnefleda, e fel-a professar: um e outro viviam juntos e militavam valorosamente no exercito do Senhor (*strenue Domino militant.*) O diabo teve inveja da felicidade d'este par, e segredou aos ouvidos do rei que um tal Lenogesilo seduzira uma virgem, vivendo com ella na impiedade e libertinagem (*modo legitima conjugia violantes, inter se invicem nefandis studiis commiscentur.*)

Clotario mandou chamar os pretendidos cumplices, mas por um milagre ficou convencido da innocencia de Lenogesilo. Este santo varão, ao chegar ao palacio do rei, que estava ausente, teve frio e mandou a sua companheira pedir algumas brazas a uns padeiros, que alli perto aqueciam o forno. Os forneiros, vendo que Agnefleda não tinha onde levasse as brazas, disseram-lhe mofando: «Leva-as no manto.» O que ella effectivamente fez, trazendo as brazas sem que o manto nem ao menos tivesse ficado chamuscado.

As testemunhas d'este milagre contaram-n'o ao rei, o qual os encheu de presentes, deixando-os ir em paz. D'este modo o *leno Gesilo* veio a ser S. Lenogesilo na lenda conservada pelos Bollandistas. A sua companheira Agnefleda não teve a dita de ser canonisada.

Os successores de Carlos Magno, provavelmente contra a prostituição, fizeram muitas capitulares, que nós não possuimos; pois que Dutillet, que tinha ao seu dispôr o *Thesouro das Reaes Cartas,* e que redigiu a *Galeria dos reis de França,* baseando-se em doccumentos originaes, diz que o primeiro cuidado de Luiz o Benigno, depois da morte de seu augusto pae «foi limpar e reformar a côrte d'aquella immundicie, conhecendo que infectava commummente o imperio ou reino.»

Uma capitular, que possuimos, accrescenta uma extravagante penalidade á dos crimes de libertinagem. Toda a mulher, conhecida por ter vida escandalosa, era condemnada a percorrer os campos, nua da cintura acima e com um letreiro na frente, declarando o crime. Todos tinham o direito de accusar uma mulher de prostituta ou adultera. O juiz recebia a denuncia e instruia o processo; mas o ser denunciante tinha certos inconvenientes, que embaraçavam os mais preversos no uso d'este generó de vingança.

O accusador tinha de provar o que denunciára por meio da prova judiciaria, com a cruz, com a agua a ferver, ou com o ferro em braza, ou em um combate. A mulher accusada fazia-se representar n'estas provas por um campeão, que pagava condicionalmente.

Este campeão, por mais certo que estivesse na justiça da sua cliente, não se expunha sem inquietação ás provas, de que devia sahir absolvida ou condemnada uma das partes.

De todas estas provas, a da cruz era a menos perigosa, e dependia menos do acaso, do que da força physica dos pacientes. Aquelle dos adversarios, que, encostado a uma cruz, mais tempo estivesse na posição de Jesus crucificado, era o que ganhava o pleito; o outro, pagava uma multa, e além d'isso soffria a penalidade do crime.

Frequentemente succedia, que, não encontrando a accusada quem quizesse expôr-se ás provas, era ella mesma obrigada a soffrel-as, sem contemplações para com o seu sexo, e para com a sua fraqueza. Na prova da cruz, era a mulher, por mais fraca que fosse, quem tinha a vantagem. Por isso esta prova era a frequentemente empregada, quando um marido, accusado pela esposa de impotente, tinha de provar que sabia cumprir os seus deveres conjugaes.

A imperatriz Judith, sendo accusada de adulterio com Bernardo, conde de Barbacena, offereceu justificar-se, por meio do fogo ou pelo combate; mas os seus inimigos, os filhos de seu marido, Luiz o Benigno, recuaram deante

de qualquer justificação, e obrigaram seu pae e sua madrasta a retirar-se cada um para conventos differentes.

A maior parte das vezes, uma mulher, accusada de libertina, embora innocente, preferia sujeitar-se á penalidade do crime imputado, a expôr-se ás terriveis provas do duello judiciario.

Um dos exemplos mais notaveis d'estas provas em materia de prostituição teve logar por aquelle tempo (858,) por occasião do divorcio de Lothario, rei de Lorena. Este principe, filho segundo do imperador Lothario, havia amado a joven Valdrada, creada no gyneceu de Aix-la-Chapelle, antes do seu casamento com Teutberga, filha do conde Bosou e não podia acostumar-se a viver separado da sua antiga amada. Voltou, pois, para junto d'ella, que estava n'um dos seus dominios na Alsacia, e quando Valdrada lhe deu um filho, resolveu repudiar a legitima esposa.

Apresentaram-se testemunhas, que accusaram Teutberga de ter tido relações incestuosas com seu irmão Hucberto, de ter ficado gravida e de ter assassinado o fructo d'esses amores. Estas testemunhas, evidentemente instigadas por Lothario e Valdrada, apresentaram-se muito sabedoras das particularidades secretas do incesto, attribuindo a Hucberto as mais abominaveis devassidões. O veneravel Hincmar narra assim as circumstancias do incesto (*Opera* Tit. I, pag. 568:)

«*Frater suus cum ea masculino concubito inter femora sicut solent masculi in masculos turpitudinem operari, scelus fuerit operatum et inde ipsa conceperit. Quapropter, ut celaretur flagitium, potum hausit et partum abortrivit.*»

Os annaes de S. Bertino confirmam este mesmo facto, sem explicar como um acto *contra-naturam* dera fructo: *Fratrem suum sodomitico scelus sibi commixtum.*

A rainha Teutberga escolheu um defensor, que se submetteu por ella á prova da agua a ferver. O defensor ouviu missa, commungou, mudou de vestuario, envergando uma tunica de diacono, bebeu um trago de agua benta, e esperou que fervesse a agua na caldeira; em seguida, atirou para dentro uma pedra e depois metteu o braço nu e tirou a pedra. O braço foi immediatamente mettido n'um sacco sellado pelo juiz; no fim de tres dias abriu-se o sacco e achando-se o braço sem lesão alguma, Teutberga justificada voltou ao thalamo real.

Mas Lothario e Valdrada queriam o divorcio de Teutberga, e portanto pozeram em duvida a validade da prova e reclamaram outra mais decisiva. E por fim, para evitar demoras, Lothario convocou em janeiro de 860 um consistorio solemne, composto de 70 homens seus affeiçoados, e elle mesmo presidiu no seu palacio de Aix-la-Chapelle. Teutberga compareceu ante esta assembleia, e confessou que seu irmão Hucberto havia effectivamente abusado d'ella, violentando-a (*non tamen sua sponte, sed violenter sibi inlatum*, dizem as actas do concilio de Aix.)

N'outro consistorio, reunido no mez seguinte, e em que tambem compareceu Teutberga, confirmou esta as declarações anteriores:

«Confesso, disse, que meu irmão, o clerigo Hucberto me corrompeu na mais tenra infancia e commetteu em minha pessoa actos impudicos contra a natureza (*Profiteor quia germanus meus Hucbertus, clericus, me adolescentulam corrupit, et in meo corpore, contra naturalem usum fornicationem exercuit et perpertravit.*)

Teutberga foi condemnada a separar-se do marido e a fazer penitencia n'um mosteiro; mas pouco depois retratou as confissões feitas e dirigiu-se ao papa Nicolau I, protestando contra a sentença que injustamente a condemnára.

O papa encarregou dois bispos de impedir que o rei apodrecesse na im-

mundicie e luxuria (*in luxuria stercores putrifiere*, diz a carta de Nicolau I) e que dirigiriam os trabalhos d'um concilio, que se reuniu em Metz para julgar do recurso em ultima instancia.

O concilio confirmou a sentença do primeiro juiz, e o papa fulminou um anathema contra o rei Lothario.

«Se se póde, todavia, diz, chamar rei a quem, longe de domar os seus apetittes por um regimen saudavel, cede aos movimentos illicitos de uma lubricidade que o enerva.»

O rei despresou a decisão do concilio de Metz, dizendo que era menos um concilio que um logar de prostituição, pois n'elle se tinha protegido o adulterio, (*tamquam adulteris faventem prostibulum appellari decernimus.*) Despresando tambem o anathema do papa, continuou vivendo com Valdrada: mas o papa recorreu a todos os soberanos e bispos para combater Lothario com as armas temporaes e espirituaes.

«O senhor, que simultaneamente possue uma esposa e uma concubina está excommungado, escreviam Nicolau e os seus partidarios em circulares que commoviam a christandade. Não é licito repudiar a mulher legitima, para tomar outra ou substituil-a por uma concubina. Só é licito repudiar a esposa por crime de fornicação.»

A estas formulas de direito canonico, respondia Lothario que sua mulher se havia prostituido antes do matrimonio. Adon, arcebispo de Vienna, explicava: «Um marido não póde pedir o divorcio, quando, depois de haver-se casado com uma mulher desflorada, viveu com ella por muito tempo, sem fazer a menor reclamação.»

Lothario persistia no seu proposito, vivendo com Valdrada; mas viu-se ameaçado pelas armas dos seu visinhos, e aquelle Hucberto, a quem se tinham attribuido tantas e tão grandes infamias, sahiu da sua abbadia de S. Mauricio e S. Martinho, para pedir contas das atrozes calumnias arremessadas contra sua irmã e contra elle. Hucberto foi morto, no momento em que a victoria se inclinava a seu favor, e um enviado do papa veio intimar Lothario a que se reconciliasse com a esposa e expulsasse a concubina.

Lothario cedeu; mas, mal tinha sido recebida Teutberga, teve esta de fugir para junto de Carlos o Calvo, para pôr a sua vida em segurança. Nicolau excommungou então solemnemente Lothario, que fez o seu ultimo esforço de resistencia, accusando sua mulher de adulterio, offerecendo provar a accusação por meio de duello. D'esta ultima prova não sahiu vencedor Lothario e teve de fazer entrar na abbadia de Remiremont a sua querida Valdrada. Nicolau chamára-o a Roma, para lhe levantar a excommunhão; Lothario obedeceu, mas soube no caminho que Nicolau morrera, tendo-lhe succedido Adriano II.

Este novo papa não foi menos inflexivel do que o antecessor; esperou o rei Lothario no convento do Monte Casino, e antes de o admittir á mesa da communhão, fel-o jurar que não tinha tido commercio algum carnal, nem nenhum outro genero de relações com a excommungada Valdrada. Lothario, posto que tivesse tres filhos d'essa concubina, jurou descaradamente tudo quanto o papa quiz, e este, apresentando ao perjuro o pão e o vinho, accrescentou:

«Se te reconheces innocente do crime de adulterio, se tens a firme resolução de não mais cohabitar com a concubina Valdrada, vem confiadamente receber, em remissão dos teus peccados, a tua salvação eterna; mas, se ainda tencionas voltar ao lodaçal da prostituição (*ut ad mechæ voluntabrum rodeas*, dizem os annaes de Metz) não recebas este sacramento, pois esta consolação da tua alma seria a tua condemnação eterna.

Lothario consummou o sacrilegio, e apressou-se em voltar aos braços da adorada Valdrada.

Mas não mais pôde vêl-a, pois foi surprehendido por morte repentina no

caminho, o que o impediu de recomeçar as licenciosidades da sua vida passada (6 de agosto de 869.)

O concubinato, auctorisado pela lei salica e pelos mais codigos barbaros, havia resistido por mais de tres seculos á disciplina da egreja catholica, e a igualdade da mulher para com o homem, proclamada pelo Evangelho, estava finalmente estabelecida na instituição do matrimonio christão.

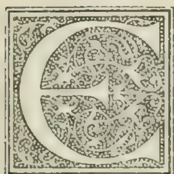
Estavam lançadas as bases duradoiras para a organisação da familia e para a constituição d'uma nova sociedade. Embora, por muito tempo, os habitos viciosos da velha sociedade barbara tivessem de reflectir-se nos costumes da nova, embora, por vezes, as liberdades licenciosas do paganismo grosseiro obscurecessem as sãs virtudes do christianismo, a mulher reconquistara n'este periodo, direitos que a civilisação de continuo iria ampliando nas suas manifestações mais nobres.

A Egreja Catholica, pelas suas cathecheses e com os seus rigores, arrancara á selvageria dos barbaros a nobilitação da mulher. Desde então a esposa deixou de ser a escrava que apenas produzia filhos para a tribu, para ser a companheira extremosa do marido e a mãe carinhosa dos seus filhos.

CAPITULO V

SUMMARIO

Carta de S. Bonifacio ao Papa Zacharias, sobre o estado moral dos conventos, nos tempos merovingios.—Regra de S. Columbano.—Os bispos femininos.—Causa principal dos excessos da vida monastica.—Influencia dos costumes clericaes nos costumes dos seculares.—O clero secular.—Os filhos de Goliath.—Testamento de Turpio, bispo de Limoges.—Os monges de Moyen-Moutier e de Senones.—O eunucho Nicetas.—Missão delicada do abbade Humberto.—A alma de Gobain, bispo de Chalons.—Esforços do Papa Gregorio VII, para disciplinar os costumes da egreja franceza.—A sua carta aos bispos.—As torpezas da vida clerical são o thema favorito de todos os artistas e litteratos d'aquella epoca.—Depravação geral.—O anno 1000.—Opinião unanime dos escriptores de então sobre a depravação profunda do estado social.—A sodomia era o vicio mais commum em todas as classes.—O anachoreta allemão.—O neto de Roberto do Diabo.—Os normandos.—Influencia dos seus costumes nos povos, que conquistavam.—Como Emma, mulher de Guilherme, duque de Aquitania e conde de Poitiers, se vingou da sua rival, a viscondessa de Thuars.—De que modo Ebles, herdeiro do conde de Comborn se vingou de seu tio e tutor Bernardo.—Factos concernentes aos actos matrimoniaes.—Factos relativos ao incesto, ao infanticidio e aos abortos.—Peccados contra a natureza.—Processo criminal.—Censuras do poeta Abbon, á França, pelos seus vicios.—Censuras do abbade Celles a Paris pela sua corrupção.



É preciso chegar ao reinado de Luiz VIII, para encontrar uma ordenação real, relativa á prostituição; mas não deve deduzir-se da falta de regulamentos especiaes, sobre a materia, por espaço de tres seculos, que o estado dos costumes tornava inuteis estes regulamentos e que a prostituição publica desappareceera da França sob o influxo moralisador da egreja. A' falta de monumentos da antiga jurisprudencia, que talvez hajam existido, mas que não são encontrados nas collecções dos documentos reaes, podemos provar com o testemunho dos contemporaneos, que nunca os costumes estiveram mais corrompidos, nem precisaram mais de reforma, de reprehensão e emenda.

Durante aquelle periodo de guerra, de invasões e revolução social, os trabalhos de legislação são mui raros e distinguem-se pelo caracter transitorio, que os impede de sobreviver ás circumstancias, que os originaram: não ha codigo que revele a vontade de se organisar sociedade estavel, como as capitulares de Carlos Magno e os Estatutos de S. Luiz. Os reis succedem-se muito rapidamente e sentem-se em extremo mal sentados no throno, para pensarem na grande obra de organisar e moralisar os seus Estados: nem teem tempo, nem cuidam de modificar as instituições dos seus antecessores. Póde dizer-se com certeza que, desde Carlos Magno até S. Luiz, a policia da prostituição permaneceu estacionaria, sem soffrer metamorphose alguma, emquanto que a prostituição, alentada pela indifferença dos magistrados, não cessou de estender-se e arreigar-se no povo.

*

Não tentaremos demonstrar a não existencia de precauções legaes, de medidas coercitivas e de prohibições regulares em interesse dos costumes publicos; mas ser-nos-hia difficil provar que os costumes não eram detestaveis, n'aquella época de barbaria, de ignorancia e de embrutecimento.

A mais vergonhosa corrupção penetrára nos conventos dos tempos merovingios. Em 742, S. Bonifacio, bispo de Mayenna, escrevia ao papa Zacharias: «Os bispados são quasi sempre providos em leigos ávidos de riquezas, ou em clerigos prevaricadores, que os gosam mundanamente. Tenho encontrado nos que se intitulam diaconos homens desde a infancia habituados ao adulterio e aos vicios mais infames; de noite, dormem com quatro, cinco concubinas e ás vezes mais (*Inveni inter illosdiaconos quos nominant, quia pueritia sua semper in stupris, semper in adulteriis et in omnibus semper spurutiis viam ducentes sub tali testimonis venerunt ad diaconatum; et modo in diaconato concubinas quatuor, vel quinque, vel plures nocte in lecto habentes.*»)

Os reformadores das ordens religiosas atalharam apenas o mal, sem o destruirem na origem. S. Columbano, que por este tempo promulgou a sua regra, introduziu n'ella esta severa clausula:

«O que familiarmente e em sitio isolado falle com uma mulher estará dois dias a pão e agua, ou levará duzentos açoites.»

As regras mais rigorosas relaxavam-se immediatamente nas communidades, onde constantemente se mantinha o fogo das paixões sensuaes. O escandalo na vida monastica começava sempre pela incontinencia. Nem os concilios podiam reprimir as paixões dos frades, paixões tanto mais irresistiveis quanto mais refreadas estavam: sabiam, como energicamente o diz S. Jeronymo, que o poder do diabo se occultava nos rins (*diabolo virtus in lumbo;*) esforçavam-se por tirar a mulher da vista e do pensamento do homem; comprehendiam que as mulheres legitimas dos bispos e sacerdotes acceites pela egreja primitiva eram apenas occasiões de peccado.

«Póde supportar-se, exclamava Verano, bispo de Lyão em uma assembleia (em 585), póde soffrer-se que o servidor do altar, o homem chamado á honra de acercar-se do Santo dos Santos se macule com as indignas delicias da carne, e que um clerigo, allegando direitos ao matrimonio, preencha simultaneamente os deveres de sacerdote e de esposo?»

Os bispos femininos (*episcopæ*) foram pouco a pouco desapparecendo; o celibato veio a ser condição indispensavel para os ecclesiasticos e a entrada nos conventos de homens foi prohibida ás mulheres, assim como nos conventos d'estas foram prohibidas as dos homens.

Mas isto não passava de lettra morta; a auctoridade da egreja tinha poder para legislar, mas faltava-lhe força para se fazer obedecer. Os conventos, por consequencia natural das paixões humanas, na sua maioria eram receptaculos de impurezas e era preciso duas ou trez vezes em cada seculo introduzir n'elles uma refórma parcial, se não completa. Tal é a historia de quasi todos os mosteiros, em que o escandalo muitas vezes se escondia, embora a communidade fosse libertina. Ordinariamente apenas por vagos rumores se sabia do que lá dentro nos mosteiros se passava. Quando o bispo julgava apropositado inquirir do mal, as pesquizas descobriam taes horrores, que o pudor christão das auctoridades da egreja julgava melhor cobrir misericordiosamente tão graves escandalos.

A causa principal dos excessos da vida monastica era a visinhança e o frequentarem os dois sexos uns e outros mosteiros; aqui o abbade ou prior dirijia as religiosas; acolá, pelo contrario, era a abbadessa ou prioreza que exercia soberania sobre os frades. Estas continuas relações dos dois sexos no recinto das abbadias originavam muitos abusos, que a auctoridade do bispo não podia reprimir.

Os costumes do claustro tinham deploravel influencia cá fóra no povo, que não pretendia ser mais virtuoso que os seus confessores, e o clero secular não dava melhores exemplos aos seus freguezes. Martiniano, monge de Rabais, no decimo seculo, dizia aos sacerdotes do seu tempo:

«E' direito vosso ter mulher ou ter relações com mulheres? Polluis o vosso corpo com diversos generos de luxuria, esse corpo creado para receber o alimento dos anjos!»

Este Martiniano, no seu tratado maliciosamente intitulado *De laude monachorum*, censura aos seus collegas o «viverem como dissolutos em vez de se armarem com a espada incorruptivel da castidade, e de santificarem as suas mãos com boas obras.»

O padre Bertholiet, na sua grande historia do Luxemburgo, apesar de ser jesuita, é obrigado a confessar que o clero do seculo decimo havia esquecido a santidade da profissão, e já se não recordava de que a continencia fizera a gloria da egreja. Vivendo com os povos, julgavam não haver distincção alguma entre elles, e facilmente se persuadiram que deviam ter mulheres.

Estes clerigos depravados eram os chamados filhos de Goliath, (*cleri ribaldi, qui vulgo dicuntur de familia Goliæ,* nas Constituições de Gauthier de Lens, em 923.)

A parte sã do clero magoava-se, vendo os progressos d'aquella gangrena moral, que nada podia conter. O piedoso bispo de Limoges, Turpio, morto em 944, fazia com amargura no seu testamento esta confissão:

«E nós mesmos, que devemos dar o exemplo, somos instrumentos da perda do proximo, e em vez de sermos pastores dos povos, parecemos lobos devoradores.»

Não é este o logar de evidenciar os grosseiros vicios da gente da egreja, que julgava tudo lhe ser permittido, por terem nas suas mãos o direito de perdoar peccados; não ousaremos penetrar nos archivos dos conventos e tomar nota dos que foram reformados, excommungados e supprimidos, por causa das monstruosas licenciosidades dos que os habitavam; basta dizer que não se encontrará uma abbadia celebre, em que os costumes claustraes muitas vezes não tenham soffrido o contagio da impudicicia. Para citar alguns exemplos, em mil do mesmo genero, basta lembrar que os monges de Moyen-Moutier e de Senones em Lorena viviam vida tão escandalosa que foram expulsos por ordem do imperador da Allemanha; mas os successores ainda os excederam em libertinagem.

Na chronica manuscripta de João de Bayon, possuida por Mr. Noel, na sua bibliotheca em Nancy, vê-se que os monges de Moyen-Moutier se assustaram com as theorias de um eunucho grego, por nome Nicetas, que em Constantinopla aconselhava a castração de todos os noviços, destinados á vida monastica. Estes monges corrompidos e corruptores, que mantinham relações infames com as raparigas das visinhanças e de noite as attrahiam ás suas cellas, imaginaram que a theoria de Nicetas teria como resultado o arrancar-se-lhes a fonte dos seus prazeres. O seu susto fel-os encarregar o seu superior Humberto de ir a Constantinopla combater a heresia de Nicetas, e o abbade cumpriu a delicada commissão com satisfação de todos elles, pois salvou a virilidade dos monges, derrotando o heresiarcha com o pêso dos seus argumentos, n'um dialogo, em que o convenceu de querer transformar os servidores de Deus em sacerdotes de Cybele.

A' volta, soube que a sua abbadia dera mais um passo no caminho da perdição, e julgou poder intimidar aquelles espiritos, ameaçando-os com as penas do inferno:

«Quando atravessava os Alpes, contou-lhes elle, encontrei uma legião de demonios montados em cavallos de fogo. Levavam a alma de Gobnin, bispo

de Chalons, que acabava de ser surprehendido pela morte no proprio momento de commetter o peccado contra o sexto mandamento, com uma religiosa. Perguntei ao chefe d'aquelle exercito infernal, se possivel seria resgatar aquella alma com orações: mas o espirito maligno respondeu-me com uma gargalhada voltando-me as costas, e todos os demonios as voltaram tambem, fazendo gestos indecentes.»

Os monges a quem isto era contado imitaram o descortez procedimento da legião infernal, mas agradeceram todavia ao prior o triumpho alcançado sobre Nicetas, dizendo:

«Agora resta-nos provar que um bom monge póde dispensar-se de ser um bom eunucho, e que um bom eunucho não poderia dar um bom monge.»

Não queremos passear o leitor de convento em convento, iniciando-o na vida escandalosa que lá se passava dentro; basta dizer-lhe que todos os claustros eram antros de prostituição (*scortationes fornices,* diz um escriptor monastico do seculo undecimo.) Gregorio VII, que se esforçava em disciplinar os costumes da egreja franceza, escrevia em 1074 a todos os bispos:

«Entre vós, toda a justiça é calcada. Tendes o costume de commetter impunemente as acções mais vergonhosas, mais immundas, mais intoleraveis, que, á força de licença, se converteram em habitos.»

Explica-se a indignação d'este papa legislador, vendo um Mauger, arcebispo de Ruão, commetter crimes, que exhalavam em volta, no dizer energico de Guilherme de Poitiers, um repugnante cheiro de vergonha; um Enguerrand, bispo de Laon, metter a ridiculo a temperança e a pureza «com expressões, diz Guibert de Nogent, dignas d'uma prostituta:» um Manassés, arcebispo de Reims, que foi, segundo conta um contemporaneo «uma besta immunda, um monstro, cujos vicios não eram attenuados por qualquer virtude:» um Hugo, bispo de Langres, maculado de adulterios e sodomias (*sodomico etiam flagitio pollutum esse,* lê-se nas actas do Synodo de Reims, perante o qual foi levado em julgamento.)

Todos estes indignos prelados foram severamente castigados; mas estes exemplos fataes não eram menos seguidos, por grande numero de clerigos, que se indignavam das severas decretaes de Gregorio VII. Tanto se tinha apossado a libertinagem do clero, que a moralidade soffria d'elle a mais teimosa opposição.

«E' um herege e um insensato, exclamavam os da diocese de Mayença (Chronica de Lamberto Schaffin.) Quer obrigar os homens a viver como serês celestiaes, contrariando a natureza, dando redêa solta á crapula? Antes queremos renunciar ao sacerdocio do que ao matrimonio.»

Quasi todos eram casados ou tinham concubinas. Ives de Chartres, nas suas cartas, (Epist. 35), cita um prelado, que publicamente cohabitava com duas mulheres e que se preparava para adquirir uma terceira (*qui publice sibi duo scorta copulavit et tertiam pellicem jam sibi præparavit.*)

Apesar dos decretos pontificios, o clero insistiu por muito tempo nas suas relações concubinarias, resistindo tenazmente á renuncia dos prazeres (*se pollicibus ad hoc nolunt abstinere, nec pudicicicæ inhærere,*) diz Oderico Vital. O mesmo historiador conta que, tendo o arcebispo de Ruão excommungado os que viviam na incontinencia, foi por elles apedrejado.

Os bastardos dos sacerdotes e dos frades, multiplicavam-se infinitamente, e seus paes não se envergonhavam de dotal-os, casal-os e enriquecel-os, á custa da egreja. Não havia um cabido, cujos conegos não estivessem *abrazados no fogo da luxuria,* (*Gall. Christ.* tit. I, append. pag. 6,) não havia diocese em que se contassem dez sacerdotes sabios, castos, amigos da paz e da caridade, isentos de todo o crime, de toda a infamia, de qualquer macula, (*Fulp. Larnot.* Epist. 17;) não havia convento onde a regra da ordem fosse escrupulosamente observada, onde os homens vestidos de frades, fossem verdadeiros frades, (*O*

miseri! dizia o monge Martiniano, *nós monachiali habitu induti, videmur; monachi et non sumus!*)

O depravado proceder dos sacerdotes e frades era escandalosamente imitado pelas populações. O clero nem ao menos procurava apparentar honestidade e era elle mesmo quem dava o assumpto dos seus vicios aos poetas, que o escarneciam nos seus versos satyricos, aos pintores que faziam quadros e miniaturas, allusivas aos seus prazeres aphrodisiacos, aos estatuarios que celebravam estas orgias em obras de pedra, de madeira e marfim. Era este o thema favorito da litteratura e da arte; a intemperança dos frades, as suas sensualidades, o seu cynismo. Em parte alguma se lê que os ecclesiasticos se offendessem com a reproducção pela arte, das suas torpezas e infamias. Elles proprios se divertiam com a descripção dos seus vergonhosos feitos, fazendo reproduzir a epopeia escandalosa da sua vida, nas illuminuras dos missaes, nas esculpturas das egrejas, nos ornatos dos seus moveis.

O talento dos esculptores, sem cessar se applicava á perpetuação d'essas orgias e licenciosidades, e por isso, existem tantas allegorias grosseiras, tantas caricaturas indecentes, tantos caprichos sordidos, gravados nos capiteis, nos frisos, nos arabescos da architectura religiosa; aqui descobrem-se frades transformados em porcos, alli cães vestidos com o habito; n'uma parte o orgão gerador apparece por baixo do habito d'um monge, n'outra freiras e diabos se entregavam a scenas pouco edificantes; e ainda n'outra, mulheres nuas, são perseguidas por macacos, que lhes mordiscam as nadegas. O emblema da impureza é commummente uma cabeça de Chimera, cobrindo os orgãos sexuaes masculinos ou femininos. Em todos estes grupos obscenos, o habito do frade ou da freira caracterisa a maligna intenção do auctor, que se diverte em immortalisar os vicios vergonhosos.

Eram estes os primeiros que se riam d'aquella celebridade, e tanto assim era que deixaram subsistir tão escandalosas obras de arte, que na sua maior parte foram destruidas nos tempos modernos pelos exaggerados escrupulos dos ecclesiasticos, a quem em vão pediram graça a originalidade de taes monumentos. E' essa a razão porque os mais extraordinarios d'esses capiteis, os que eram ornados com toda a sorte de obscenidades nos são conhecidos apenas pelo testemunho dos archeologos e dos sabios, que recolheram essas tradições. E por isso tambem julgamos que não se haja conservado o desenho d'uma esculptura licenciosa, que se via em Saint-Germain-des-Prés, e que representava uma religiosa, prostituindo-se ao mesmo tempo com um frade e um animal, que parecia lobo. Tambem em Saint-Georges-de-Roche-ville, na Normandia, havia uma parte de columna, em que estava gravada uma horrivel confusão de homens e macacos, competindo em incontinencia e desavergonhamento.

Em presença d'estes modelos de luxuria clerical, o povo não tinha a pretensão de ser puro e virtuoso, chegando mesmo a ter uma especie de emulação libidinosa, uma rivalidade libertina com os sacerdotes e frades. Os historiadores coevos, representam-os sob a fórma de escorpiões e serpentes, com face humana (*Hist. des comtes de Poitou,* por J. Besly, pag. 264.)

Assim comprehende-se bem que tal existencia fizesse crêr no fim do mundo e no reinado do Ante-Christo. Esta supersticiosa crença, fixada pelos prognosticos para o anno 1000, não era tambem de molde a melhorar os costumes. Apezar dos terrores que o fim do mundo inspirava, todos se entregavam aos gosos, embriagando-se com os prazeres da carne (*carnales illecebræ.*) O mundo era cada vez peior, e por todos era esperado o baptismo d'um novo diluvio: (*videbatur sane mundus declinare ad vesperam,* diz Guilherme de Tyro, liv. I da sua *Historia.*)

Os poetas estavam de accordo com os prégadores, para annunciar que a especie humana tinha feito espantosos progressos na iniquidade, e que a deca-

dencia moral era cada vez maior. Um trovador do seculo decimo, citado por Raynouard (*Poésies orig. des Trouv.* tit. II pag. 16) dizia n'um curto poema:

Enfans en dies foren ome fallo,
Mal home foren, aora sunt poior.

Todos os escriptores d'aquelle tempo são conformes sobre a profunda degradação do estado social, e todos dizem ser a causa principal o peccado da incontinencia, que tomára proporções gigantescas. Alguns, fazendo doação dos seus bens ás egrejas e aos mosteiros por temor do Ante-Christo, justificavam-as com a crescente iniquidade dos homens (*iniquitas quotidiana malicie incrementa sumit,*) lê-se n'uma doação, feita á egreja d'Anhely. Os doadores sentiam-se tão sobrecarregados de impureza, que se arruinavam para comprar a absolvição, que quasi sempre lhes era dada por um sacerdote, mais impuro e peccador do que elles.

«Então viu-se, diz Raul Glaber na sua *Chronica* (liv. IV pag. 9.) reinar por toda a parte o menosprezo da justiça e das leis. Os homens deixavam-se arrastar pelas suas desenfreadas paixões... Justamente á nossa nação pódem ser applicadas estas palavras do Apostolo: praticaes taes impurezas, que nunca se ouviu dizer que iguaes as commettessem os pagãos.»

Oderico Vital, na sua *Historia Ecclesiastica,* (liv. VIII, anno 1000,) accusa a geração contemporanea de deliciar-se com o que os mais honrados personagens dos tempos passados chamavam infame e vergonhoso. Ha a accrescentar que, não tendo apparecido o Ante-Christo no anno 1000, os que sobreviveram áquella época fatal, julgaram-se auctorisados a não receiar nenhuma vingança celeste, e mais se afundaram no tremedal dos seus vicios.

Ha disseminadas algumas descripções d'estes vicios, ordinariamente disfarçadas com vagas generalidades, e que, pelas lamentações que produzem na pouca gente séria d'aquelles seculos, não differem d'outras obras do demonio.

«Agora, exclama um poeta anonymo, n'um poema de versos, sobre a desventura do seu tempo, (*Hist. des Gaules,* tit. XI, pag. 445,) agora os homens que levam vida escandalosa, libertinos e sodomitas, roubam, injuriam e despresam os homens honestos.»

A asquerosa sodomia (*mœchi sodomitæ*) era o vicio mais commum em todas as classes, tanto entre condes e barões, como entre humildes servos, tanto nas sombras da clausura, como nos salões luxuosos do abbade e do bispo. O diacono Pedro, em nome do Papa Leão IX, pronunciou no concilio de Reims (1049) um discurso, em que os sacerdotes e seculares eram severamente reprehendidos pelos seus vergonhosos costumes. Estes habitos haviam-se de tal sorte inveterado em França, que o abbade Clairvaux, Henrique, escrevia ao papa Alexandre III, em 1177. A antiga sodomia renasce das proprias cinzas. (*Hist. de Paris,* por Dulaire, edic. de 1837, tit. II, pag. 40.)

Oderico Vital, em muitos trechos da sua historia, faz notar o contagio do odioso vicio, que devia a sua recrudescencia ao estabelecimento das raças normandas, nas provincias gallo-francas.

«Então, diz no livro VIII, os effeminados dominavam em todas as regiões, e sem freio se entregavam ás suas sordidas licenciosidades: todos sem pudor abusavam das horriveis invenções de Sodoma (*Tunc effeminati passim in orbe dominanbantur, indiciplinate debacchabantur, sodomiticisque spurtiis fœdi calamitœ, flamis urendi turpiter abutebantur.*»)

O mesmo historiador conta que um anachoreta famoso, consultado pela rainha Mathilde, mulher de Guilherme de Inglaterra, prophetisara esta invasão de Sodoma. O anachoreta predisse os males que ameaçavam a Normandia, sob o reinado de Roberto, filho de Guilherme e neto de Roberto do Diabo.

«Este principe, diz, similhante a um lascivo bode, entregar-se-ha á sensualidade e ao roubo, apoderar-se-ha dos bens ecclesiasticos. Distribuil-os-ha pelos que lhe prodigalisam os seus prazeres sensuaes, e pelos aduladores infames (*spurcisque lenonibus aliisque lecatoribus distribuet.*) No ducado de Roberto, os catamitas e os effeminados dominarão, e, sob este dominio, a preversidade e a miseria augmentarão terrivelmente.»

E', pois, incontestavel que a sodomia, que augmentou com as crusadas, foi em França introduzida pelos normandos, que a deixaram como vestigios em todas as estações que fizeram, quer fosse para invernar, quer para esperar as suas hordas devastadoras.

Abbon, no seu poema do cerco de Paris pelos normandos, imputa aos francezes o vicio ignominioso que queremos exclusivamente attribuir aos seus inimigos. Aquelles homens do norte, como a maior parte dos barbaros, não tinham escrupulos nem vergonha em mutuamente se prestarem a esta abominavel prostituição; faziam um uso moderado das mulheres, que constantemente estavam gravidas ou aleitando os filhos, pois que a tribu, cuja força dependia do numero de homens, lhes pedia uma producção exhuberante, que os habitos de relações voluptuosas entre marido e mulher não favorece. Tal foi de certo a origem e causa d'aquelles degradantes erros do sexo masculino.

Os normandos não eram menos lascivos para com as mulheres, nem as violaram menos do que aos homens nas povoações por elles occupadas, pela força ou surpreza; unicamente respeitavam as creanças, isto é, matavam-as sem piedade. Os mancebos, esses, eram distribuidos e levados, depois de com elles praticarem as maiores obscenidades, deante de suas esposas, que se não offendiam com isso nem ousariam oppôr-se.

O monge Richer, narrando uma expedição dos normandos que devastaram a Bretanha no seculo nove, diz que levavam os homens, as mulheres e as creanças:

«Decapitam os velhos dos dois sexos, escravisam as creanças e violam as mulheres bonitas (*feminas vero, quæ formosæ videbantur, prostituunt.*)»

Póde já fazer-se ideia do terror inspirado pelo nome e fama dos normandos; despovoaram provincias inteiras; as cidades, florescentes antes da sua apparição, ficaram sem habitantes; depois de serem por elles abandonadas, as pittorescas margens dos rios, que elles tinham subido com os seus barcos de fundo chato, convertiam-se em desertos; na passagem, deixaram impressos os seus habitos infames, e, os vencidos, por muito tempo conservaram as infames tradições que os vencedores lhes tinham legado.

Ao fixarem-se no solo da Inglaterra, os normandos não trataram melhor a população indigena: não matavam os velhos, mas abusavam dos mancebos e ultrajavam as virgens, das quaes as mais nobres eram repasto da lascivia da immunda soldadesca (*nobilis puellæ despicabilium ludibrio armigerorum patebant et ab immundis nebulonibus oppressæ dedecus suum deplorabant,* diz Oderico Vital.)

Deve presumir-se que os costumes normandos não haviam melhorado muito, depois de dois seculos, e que tão grandes libertinos continuavam a passar bem sem suas mulheres, porque estas, durante a larga ausencia dos seus maridos, sentiram-se abrazadas de tal concupiscencia (*særa libidinis face urebantur,* diz o latim mais energicamente do que o descreveria a nossa lingua) que tiveram de mandar aos ausentes mais d'uma mensagem em 1068, dizendo-lhes que tomariam outros maridos, se depressa não voltassem.

O receio de vêr do leito conjugal sahirem bastardos decidiu alguns normandos a voltar para junto das impacientes esposas (*lascivis dominabus suis,*) mas o maior numero ficou em Inglaterra, onde encontravam com que distrahir-se e consolar-se. Se as suas mulheres não se casaram todas, nem por isso

deixaram de lhes dar bastardos. Um poeta d'aquella época lastimava-se, vendo que «a lampada das virtudes se apagára na Normandia.»

As demais provincias, que então compunham a França feudal, sob o ponto de vista dos costumes, não estavam então em mais satisfatoria situação. Os senhores, sem pudor algum, faziam gala de todos os vicios. M. Emilio de la Bedollière, na sua erudita *Histoire des mœurs et de la vie privée des Français*, descreve episodios notaveis de selvagem impudor que caracterisa um e outro sexo, tanto nobres como servos. Em 990, corria o boato de que Guilherme IV, duque de Aquitania e conde de Poitiers, tinha tido relações adulteras com a mulher do visconde de Thouars, em cujo palacio tinha recebido hospitalidade, e Emma, esposa de Guilherme, espreitava a occasião de vingar-se da sua rival.

Um dia viu-a passear a cavallo, indo quasi sem companhia, pelas visinhanças do castello de Talmout e alcançando-a com um grande sequito de escudeiros, lança por terra a viscondessa, enche-a de ultrajes e entrega-a aos escudeiros. Estes apoderam-se d'ella, e, cada um por sua vez, durante uma noite inteira, a violaram, obedecendo assim ás ordens de Emma, que os excita e contempla (*comitantes se quatenus libidinose nocte quæ imminebat, tota e a abuterentur, incitat.*)

No dia seguinte deixaram-na em liberdade, semi-nua e succumbindo de cançaço e vergonha. O visconde não póde queixar-se nem tirar vingança e acceitou sua mulher deshonrada, emquanto Guilherme desterrava a sua para o castello de Chinon.

Em 1086, vêmos outra violação, menos repugnante nas suas circumstancias, mas consummada tambem em presença de testemunhas. Ebles, herdeiro do conde de Comboru, na Aquitania, chegando á maioridade, reclamou do seu tio e tutor Bernardo o seu castello e terras.

Este recusava attender a esta reclamação, e Ebles, reunindo gente de guerra, poz cerco ao castello que em vão Bernardo procurava defender. Ebles, triumphante, entrou na praça, acabada de abandonar por seu tio; encontra Garcilla, sua tia, e sem se desarmar, em presença dos companheiros que o applaudiam, saciou n'ella a mais repugnante e cynica lascivia (*patrui uxorem coram multis fœdarit.*— *Hist. des mœurs de la vie privée des Fran.*, tit. II, pag. 343, e tit. III, pag. 83.)

Não se estranham estes factos monstruosos e ainda se suspeitam outros mais espantosos, se é possivel, quando se percorre com o pensamento por entre os antigos *Penitenciaes:* é alli onde ha a procurar os feitos occultos da prostituição na idade média; é alli onde se commette com toda a sua audacia o peccado da carne, que não se limitava a conjuncções illicitas entre os dois sexos, mas que se comprazia com os caprichos e extravagancias da mais execravel depravação. Na verdade, como diz M. de la Bedollière, quizera crêr, para honra da humanidade, que os horrores descriptos nos *Penitenciaes* são puramente accidentaes, e raras vezes achavam echo no tribunal da penitencia; masreapparecem a cada pagina nos *Penitenciaes*, que os classificam em differentes graus de malicia e castigo. E' certo, pois, que eram frequentes e que inoculavam, cada vez mais, uma corrupção latente por todo o corpo social.

Não podemos deixar de registrar estes horrores da prostituição; mas não os despojaremos do seu veu latino e procuraremos uma traducção prudentemente attenuada dos *Penitenciaes* modernos, que tiveram de respeitar a doutrina penitenciaria da egreja. Temos que distinguir, n'este codigo primitivo da confissão, os factos que respeitam ao segredo do matrimonio, os que se referem ao incesto, os relativos aos peccados contra a natureza e os que pertencem a crimes de bestialidade.

Tudo quanto a egreja tinha feito para proteger a pureza do matrimonio,

não era mais que um testemunho evidente de tudo quanto se fazia no santuario dos esposos, contra o objecto moral d'esta instituição. Eram apenas peccados veniaes não consagrar a primeira noite de bodas, a praticas de devoção, (*eadem nocte pro reverencia ipsius benedictionis in virginitute permaneant*, diz Reginon, liv. II;) não se lavar o marido que tinha usado do matrimonio, antes de entrar na egreja (*maritus qui cum uxore sua dormierit, lavet se antequam intret in ecclesiam*, *Penitencial* de Fleury:) entrar a mulher na egreja, no periodo da sua menstruação (*mulieres menstruo tempore non intrent ecclesiam;*) se, n'esta mesma época os dois esposos se tinham reunido no leito conjugal (*in tempore menstrui sanguinis qui tunc nupserit, 30 dies pœniteat. Penitencial*, de Angers;) se não tinham guardado uma continencia absoluta aos domingos, nos dias de grandes festas, nos trez dias anteriores á communhão e durante as quatro semanas que precedem a Pascoa e o Natal.

Porém, o peccado era já mais grave e a penitencia maior, quando os esposos se entregavam a phantasias obscenas, não desculpadas pelo privilegio da união dos sexos. (*Si quis cum uxore sua retro nupserit, 40 dies pœniteat; si in tergo tres annos, quia sodomiticum seclus est. Penitencial* de Angers.)

As copulas carnaes, no matrimonio, não deviam ser senão uma obra casta e santa, com o unico fim de procrear filhos e não com o de satisfazer os sentidos. São estas as palavras de Jónas, bispo de Orleans, no seu *Instituto de seculares*: «*Oportet ut legitima carnis copula causa sit prolis, non voluptatis, et carnis commixtio procreandorum liberorum sit gratia, non satisfactio vitiorum.*»

O incesto multiplicava-se sob as fórmas mais horrorosas; o filho não respeitava a mãe, a mãe não respeitava a innocencia do filho; o irmão seduzia a irmã: o pae corrompia a filha. Havia, porém, para estas abominações, penitencias de dez e quinze annos, durante os quaes o peccador se habituava ao jejum e á penitencia:

«*Qui cum matre fornicaverit, 15 annis., si cum filia et sorore, 12.*

«*Si adolescens sororem, 5 annos, et si matrem 7, et quandiu vixerit, nunquan sine pœnitentia, vel continentia.*

«*Si mater cum filio parbulo fornicationem imitatur, si mater cum filio suo fornicaverit, tribus annis pœniteat.*»

(*Penitenciaes* de Fleury e de Angers.)

Os infanticidios, os abortos não eram menos numerosos que entre os pagãos, que sempre os toleravam e ás vezes os approvavam. Ou se afogava a creança ao sahir do utero da mãe, ou a matavam, envenenando-a ou abrindo-lhe uma veia.

Havia homens e mulheres habeis, que vendiam drogas abortivas (*herbarii viri, mulieres interfectores infantum.*)

Outras drogas tornavam as mulheres estereis e os homens impotentes. Para excitar o amor, ou antes o ardor sensual d'um homem por uma mulher, compunham-se poções asquerosas.

«*Interrogasti de illa femina quœ menstruum sanguinem euum miscuit viro vel potui et dedit viro suo ut comederet? et puœ semen viri sui in potu bibit? Tali sententia feriendœ sunt sicut magi.*» (*Penitencial* de Raban Maur.)

«*Illa quœ semen viri sui in cibo miscet, ut indi plus ejus amorem accipiat, annos tres pœniteat.*» (Penitencial de Fleury.)

Os peccados contra a natureza tinham innumeraveis variedades aos olhos do confessor, que lhes applicava penitencias muito variadas tambem.

A simples sodomia (*si quis fornicaverit sicut sodomitœ*, diz o *Penitencial* romano, tem quatro annos de penitencia; porém a idade dos peccadores estabelecia muitas differenças. A creança, o adolescente e o homem, não eram penitenciados do mesmo modo, quando peccavam d'uma mesma maneira. Os pec-

cados da juventude assimilhavam-se com frequencia aos da velhice mais depravada; mas perdoavam-se mais facilmente e corrigiam-se com os annos.

«Pueri sese invicem manibue inquinantes, dies 40 pœniteat. Si vero pueri sese inter femora sordidant, dies centum, majores vero, tribus quadragessimus.»

(*Penitencial* de Angers.)

Os erros anti-physicos das mulheres eram penitenciados mais severamente do que os dos homens, como se a castidade fôra mais necessaria ao sexo que possue o encanto irresistivel de attrahir o outro sexo. As mulheres religiosas entregavam-se entre si a libertinagens, em que apparecia o *fascinum* romano e em que a arte de gosar nada esquecia das licções impudicas da antiguidade.

«Mulier cum altera fornicans, tres annos. Sanctimonirtis femina cum sanctimoniali per machinatum polluta, annos septem.»

(*Penitencial* de Angers).

«Mulier qualicumque molimine aut per ipsam aut cum altera fornicans.»

«Si quis semen in osmisenet, septem annos rœaiteat.»

(*Penitencial* de Fleury).

A's vezes o incesto misturava-se com o peccado contra a natureza, e agravava a sua infamia e penitencia: a sodomia entre irmãos, era um peccado que não podia ser expiado com menos de quinze annos de abstinencia.

«Qui cum fratre naturali fornicaverit per commixtionem carnis, ab omni carne se abstineat quindecim annis.»

(*Penitencial* de Fleury.)

Todo o genero de animalidade (apenas se póde acreditar) figura nos *Penitenciaes*, e apenas provoca uma penitencia temporaria, embora a lei civil condemnasse o criminoso a morrer com a besta, que tinha tido por cumplice. Todas as bestas pareciam idoneas para esta aberração humana (*cum jumento, cum quadrupede, cum animalibus,*) diz o *Penitencial* de Angers; (*cum pecorbius*, diz a collecção de Reginon.)

Nada mais commum na idade media que este crime, que se castigava com a morte, quando era evidente e confirmado por sentença do tribunal. Os registros do parlamento estão cheios de feitos d'esta especie, pelos quaes os desgraçados culpados eram queimados com a sua cadella, com a sua cabra, com a sua vacca, com a sua porca, com a sua pata. No emtanto, só encontramos na carta de Raban Maur a Regimbold, arcebispo de Mayence, a discussão canonica d'estas enormidades, que então nada admiravam.

«Pertia quæstio de co fuit, qui cani feminæ inrationabiliter se miscuit, et quarta de illo, qui cum vaceis sæpius fornicatus est? Qui cum jumento vel pecore coierit, morte moriatur. Mulier quae succubuerit cuilibet jumento simul interficixtur eum eo.» (Cap. de Baluze, tit. Append. Col. 1378.)

Nas capitulares de Ansegise, os bispos e sacerdotes são convidados a combater esta depravação, que se considerava como um resto de paganismo e que se perpetuou por mais tempo no campo que nas cidades; mas todos os legisladores reconhecem que similhante crime, que rebaixa o homem até ao nivel da besta, merece a morte. E com melhor vontade se perdoaria á besta que ao homem; mas matavam-na e lançavam a sua carne ao monturo, temendo que, por arte do demonio, se gerasse um producto monstruoso do connubio do animal com o homem.

Emfim, para dar uma ideia completa da persistencia dos libertinos nos seus detestaveis habitos, recordaremos um processo-crime, que se refere a um peccado contra a natureza, que se chamava *fornicatio inter femora.*

Ducange é quem nos cita este singular documento, tirado d'uma ordenação de Eduardo I, rei d'Inglaterra. Esta ordenação tem, provavelmente, a data dos primeiros annos do decimo seculo.

Um homem chamado Simão tinha relações concubinarias com certa mulher, de nome Mathilde, com quem nunca tivera verdadeiras copulas. Foi surprehendido um dia, em flagrante delicto de illicito commercio, pelos inimigos d'esta concubina, que se queriam vingar d'elle, obrigando-o a casar com ella.

Mathilde declarou, pois, perante a justiça, que tinha vivido muito tempo conjugalmente com Simão, mas que ainda não havia consummado o matrimonio. (*Juratores dicunt quod prædictus Simon semper tenuit dictam Matildam ut oxorem suam, et sicunt quod nunquam dictam Matildam desponsavit.*)

Simão teve que escolher entre estas tres especies de castigos ou reparação: casar com Mathilde, perder a vida, ou pagar a Mathilde a multa que um marido paga a sua mulher (*vel ipsam Matildam retro osculare.*)

Simão escolheu o que mais agradavel lhe era, casou com Mathilde, mas não quiz ter com ella outras relações que não fossem as que tinha tido até alli (*inter femora.*) Ducange extrahiu esta curiosa anecdota do Diccionario de leis de Inglaterra (*Nouvelex anglicanas*, por Thomaz Blount.)

Na época de Eduardo I e de Carlos, *o Ingenuo,* seu genro, os costumes de França e de Inglaterra offereciam uma triste analogia, e algum poeta da côrte saxonica de Eduardo poderia dizer de Inglaterra o que o poeta Abbon dizia então de França, no seu famoso poema sobre o *Cerco de Paris.*

«Oh França! porque te escondes? Onde estão as tuas antigas forças, que firmaram o teu triumpho sobre os teus inimigos mais poderosos? Tu espias tres vicios principaes: o orgulho, as vergonhosas delicias de Venus e o luxo. Não afastas ainda do teu leito as mulheres casadas, nem as religiosas consagradas ao Senhor. Pelo contrario, tens mulheres até á saciedade e ultrajas a natureza.»

Dois seculos depois, Pedro, abbade de Celles, nas suas cartas (Livro IV, epist. 10) dirigia á cidade de Paris as mesmas censuras que Abbon tinha dirigido á França, e accusava-a de ter corrompido os costumes dos seus habitantes:

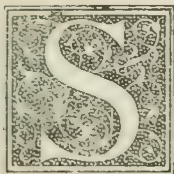
«Oh Paris! exclamava. Quão bella e corrompida és! Quantos laços armam os teus proprios vicios á juventude imprudente! Quantos crimes fazes praticar!»

A prostituição foi em todas as épocas a conselheira e instigadora dos outros vicios, que não vivem sem ella e que se lhe prendem como os filhos ás glandulas mamarias da mãe.

CAPITULO VI

SUMMARIO

Situação das mulheres de má vida antes do reinado de Luiz VIII.—Vocabulario da prostituição no decimo primeiro seculo.—O *putagium*.—Putus e Puta.—Os poços communs.—O poço do amor.—A côrte do amor ou côrte celeste de Soissons.—*Putinagem* e *Putasserie*.—*Lenoine*.—*Maquerellagium*, *maquerellus*, e *maquerella*.—Origem da palavra *maquereau*.—*Borde*, *bordel* e *burdeau*.—As mulheres de *bordel*.—As mulheres.—*Garcio* e *garcia*.—*Ribaldo* e *ribalda*.—*Rufiões*.—*Clapiers*.



Se a depravação dos costumes, n'esta época da idade media, tinha excedido a de épocas mais barbaras, tinha isso por causa a libertinagem e o crime; a prostituição legal, a que se exerce como industria e serve de salvaguarda ás mulheres honradas, offerecendo aos appetites sensuaes uma satisfação sempre facil, esta prostituição regular e organisada, não existia ainda, pelo menos ao alcance da vista e da mão da policia feudal. Nem em principio, nem como direito era admittida; não podia exercer-se senão em segredo e por fraude, com risco e perigo das mulheres que a miseria levava a tão vil mister; em parte alguma encontrava protecção ou apoio, nem na magistratura das cidades constituidas em municipios, nem nas justiças senhoriaes. Não se julgava necessaria nem sequer util, e considerava-se como um ultraje publico á honestidade de todos.

No emtanto, era necessario toleral-a e fechar os olhos a um acto brutal que se praticava constantemente em todas as partes, escondendo-se, ou antes disfarçando-se, apesar das mais severas prohibições, e da mais rigorosa penalidade. Estamos convencidos que esta prostituição legal conquistou o seu vergonhoso posto na sociedade, com a perseverança em arrostar com as leis e castigos, com a habilidade e astucia em tomar todas as mascaras e disfarces, com força e tenacidade, e com o seu caracter vivaz e invasor. Póde comparar-se a situação das mulheres de má vida, no meio d'aquella sociedade que lhes era hostil e que todavia não podia prescindir d'ellas, que as perseguia constantemente e que nunca chegava a exterminal-as; póde comparar-se, diziamos, aquella situação anormal á dos judeus que tinham contra si a legislação civil e ecclesiastica, que se viam quasi sempre encarcerados, despojados, repellidos e comtudo voltavam ás suas tendas, aos seus contratos laboriosos, e aos seus lucros usurarios.

A prostituição não teve, no Estado, uma existencia reconhecida ou auctorisada, antes do reinado de Luiz VII, e talvez de Philippe Augusto, porque o rei dos *ribaldos (rex riboldorum)* que evidentemente era o governador supremo

dos agentes de prostituição, foi creado, como logo veremos, por Philippe Augusto.

E' muito difficil descobrir o caracter e habitos da prostituição mercenaria d'aquelles tempos de corrupção geral, que não permittiam, no emtanto, exercer livremente esta desprezivel industria. O abbade, o bispo, o varão, o senhor feudal, podiam ter em suas casas uma especie de serralho ou lupanar, mantido a expensas de seus vassallos: segundo um escriptor do decimo primeiro seculo, cada possuidor de feudo mantinha no seu gyneceu tantas ribaldas quantos eram os cães que tinha na sua matilha; mas o lupanar publico, aberto a toda a gente, debaixo da direcção de um homem ou de uma mulher, que exploravam este infame commercio, existia só n'um pequeno numero de localidades, em que a administração senhorial e municipal se afastava dos antigos costumes, e se fingia cega para se mostrar tolerante.

Em Paris e n'alguns outros grandes centros de população, o estabelecimento de casas de libertinagem, nos arrabaldes e em certos bairros designados, não soffria grandes obstaculos, até ao dia em que o escandalo provocava o rigor da lei e occasionava a suppressão, mais ou menos radical, d'aquelles asylos de sensualidade publica. Havia tambem prostitutas, que não pertenciam á exploração de um lupanar e que reservavam para si todos os lucros do seu trafico carnal, confundindo-se ordinariamente com a população honrada, e ainda que vivessem da sua prostituição, tinham cuidado em cohonestar o seu procedimento, em dissimular a sua má vida, sob pena de serem desprezadas pelos seus visinhos e vêrem-se obrigadas a desapparecer, fazendo justiça a si proprias.

Comprehende-se, pois, que a vida intima dos lupanares e a vida particular das mulheres publicas não tivessem encontrado echo nos monumentos escriptos d'aquellas épocas obscuras. A prostituição, desde o oitavo ao duodecimo seculo, não tem sequer actos que a caracterisem d'um modo notavel, embora defira absolutamente da prostituição do Baixo Imperio. E' necessario, para a descrever, contentarmo-nos com alguns factos isolados, que prendem entre si e que mostram a variedade dos usos locaes. E, todavia, estes factos que nos subministram os registros municipaes e as ordenações da policia urbana, são muito raros para se poder formar com elles um vasto quadro synthetico. Por isso se não pódem descrever os costumes secretos da prostituição na França feudal.

Mas a lingua popular do decimo primeiro seculo, a baixa latinidade, que creou a lingua franceza, sob o imperio dos dialectos do Norte e do Meio-dia, aquella lingua, applicando novas palavras a cousas e ideias novas, offerece-nos, na formação d'estas mesmas palavras, uma infinidade de dados preciosos, nos quaes encontraremos muitas noções relativas ao assumpto de que tratamos.

A partir do nono seculo, o vocabulario da prostituição, muda de caracter, restringe-se notavelmente, mas compõe-se de locuções completamente novas, que parecem antes sahir da bocca do povo, que da penna do escriptor: estas locuções que têem caracteristicas gallo-francas e do idioma tudesco, são formadas para exprimir o que chamaremos o material da prostituição. Claro está que as palavras latinas não tinham sentido, applicadas a certas circumstancias e particularidades, que não existiam no momento em que foram creadas: o povo não quiz, na sua linguagem, acceitar estas palavras, que sempre se empregavam na linguagem litteraria, mas que nada representavam nos habitos da vida; o povo, com o genio que lhe é proprio, creou as expressões que lhe faziam falta, imprimindo-lhes a significação especial que deviam ter.

Assim, pois, vêmos apparecer no latim vulgar a maior parte das palavras, que mais tarde soffreram uma transformação franceza e que depois se têem conservado na lingua do povo, porque a prostituição não póde aspirar a

ser admittida na lingua nobre, a que as formulas grosseiras e impudentes do seu idioma se introduzam na linguagem litteraria.

Notemos de uma vez para sempre que os escriptores serios, os poetas e historiadores continuam servindo-se dos termos geraes, que o latim classico lhes offerecia para designar os actos e os individuos dedicados á prostituição; mas nos documentos sahidos de uma penna não litterata, ou destinados ao conhecimento do povo, só se empregavam termos precisos e technicos, que estavam ao alcance de todos, e que não exigiam para sua intelligencia a menor noção da antiguidade classica.

Esta lingua da prostituição é sem duvida sordida e digna das cousas que qualifica; mas não deve esquecer-se que na idade média todas as palavras da lingua usual tinham direito a igual estimação e se empregavam sem reserva, tanto nos escriptos, como nos discursos. No emtanto, não se julgavam infames certas expressões, que se referem a objectos infames, nem se dava importancia á modestia da linguagem fallada ou escripta.

E' por isto que o francez antigo é tão rico em palavras engenhosas ou picantes, que formam o vocabulario da prostituição, e que desde o seculo de Luiz XIV foram tiradas da linguagem das pessoas de bem, como se dizia n'outro tempo.

A prostituição, a que as pessoas illustradas chamavam sempre *meretricium,* de que os innovadores tinham feito *meretricatio* e *meretricatus,* chamava-se, pois, entre o povo e na linguagem vulgar *putagium* e outras vezes *puteum* e *putaria.* Esta palavra parece-nos de origem moderna, e apesar da auctoridade do douto Scaliger, em uma das suas notas a Virgilio (*Catalecta*) não crêmos que *putagium* se deva derivar da palavra latina *putus,* que se encontra nos auctores da alta latinidade, no sentido de *pequeno.* Entre os antigos, no emtanto, *putus* sobre tudo, era empregado como nome de carinho, como qualificação carinhosa dirigida a um joven: o amo não chamava de outra maneira ao seu creado favorito. Quando em egual sentido se fallava de uma joven, dizia-se *puta.*

Os diminuitivos *putillus* e *putilla* formaram-se naturalmente, e Plauto na sua *Asinaria* (Act. III, scen. 3) usa *meu pequeno, putillus,* na significação de *meu pombo, meu pombinho,* e outras expressões carinhosas na linguagem amorosa. No emtanto, tambem se usavam, como o faz Horacio (Sat. I, liv. II, 3) *pusus* e *pusa,* com os seus diminuitivos *pusillus* e *pusilla.*

Comtudo, nós derivaremos *putagium* de *puteus,* poço, porque esta etymologia abrange e justifica igualmente o sentido restricto e o figurado. Se, por um lado, a prostituição publica póde comparar-se a um poço commum, onde cada qual é livre de ir tirar agua, por outro, em cada cidade, bairro ou districto, o poço commum ou senhorial era o ponto de reunião de todas as mulheres, que procuravam aventuras. Havia sempre um poço nos logares frequentados pelas prostitutas, nas *Côrtes dos milagres,* em que ellas viviam nas encruzilhadas, que lhes serviam de campo de operações ou de feira. Devem estar lembrados que Jesus-Christo encontrou a Magdalena junto d'um poço.

Estes poços, cujo uso pertencia a todos os habitantes da localidade, reuniam todas as tardes á sua beira numeroso concurso de mulheres, que fallavam dos seus amores, e que alli se demoravam, sob o pretexto de se proverem de agua. Já se sabia o que era ir ao poço; era juntar-se com os amantes sob um pretexto irreprehensivel. Oh! aquelles poços eram testemunhas de muitas lagrimas e suspiros!

Piganiol, fallando do *Poço do amor,* que deu o nome a uma rua de Paris, situada perto da rua da *Truanderie,* em que a prostituição tinha a sua séde principal, diz que este famoso poço devia o seu nome a uma razão commum a todos os poços que havia nas povoações, e que serviam de reunião a todos os criados e criadas que, com o pretexto de irem á agua, iam namorar-se alli.

Este poço, que existiu até ao fim do decimo setimo seculo, em que seccou, tinha visto desenrolar-se mais de um drama amoroso; e a tradição contava de diversas fórmas a historia de uma nobre menina da familia Hallebic, que se afogou alli, no tempo de Philippe Augusto. Citavam-se ainda muitos amantes que se tinham atirado ao mesmo poço, por despeito ou ciumes, sem terem encontrado n'elle a morte que desejavam. Outros amantes reconhecidos attribuiram ao *Poço do Amor* parte da sua felicidade; e assim, um renovava os cantaros, outro a corda, outro pagava uma grade de ferro e outro punha-lhe um bocal novo, no qual se lia em lettras gothicas:

Amour m'a refait en 525 tout-à-fait.

(O amor me renovou em 525 completamente.)

Podiam fazer-se curiosas investigações sobre todos os poços, que figuram na historia da prostituição e encontrar-se-hia um em cada cidade para demonstrar que o *putagium*, na idade media, era quasi inseparavel dos poços communs, que na maior parte já desappareceram. Sem difficuldade se provaria que esta classe de poços existiram em Paris nas ruas, ou perto d'aquellas em que viviam as mulheres de má vida.

Limitar-nos-hemos a referir que as *ribaldas* de Soissons, que tiveram fama proverbial no decimo segundo seculo (*Dictons populaires*, publicadas por Crapelet, pag. 64) tinham as suas reuniões em roda de um poço, que sobreviveu á ribalderia de Soissons.

«O Pateo de Amor ou Pateo Celeste de Soissons, dizem MM. P. Lacroix e Henrique Martin na sua *Historia de Soissons*, está situado á entrada da rua da Ponte (*Pont*): é um pateo estreito, cercado de edificios pouco elevados, para onde se sóbe por uma escada de pedra exterior. Este pateo, em que se penetra por um corredor escuro, descia em outro tempo até ao rio; no meio ha um poço de uma construcção singular, cuja bocca quadrada protege o orificio redondo e estreito, encimado por uma abobada conica.»

Não procuraremos outros argumentos para demonstrar que *putagium*, *puteum* e *putaria* implicavam a acção de ir pela tarde ao *Poço do Amor*. *Putaria* usava-se com preferencia nas provincias meridionaes.

Lê-se nos Estatutos da cidade de Asti (Collac. 13 cap. 7). *Si uxor alicujus civis Astensis olim aufugit pro putaria cum aliquo. Puteum* mais usado em linguagem poetica, tomando a causa pelo effeito, fazia de *puteum* synonymo de *putagium*.

Emquanto a esta palavra, que deve ser a primeira em antiguidade, tinha-se consagrado, introduzindo-a na lingua legal. Por isso se encontra com frequencia empregada pelos jurisconsultos e figura em mais de uma ordenação dos nossos reis da terceira dynastia. Basta citar uma das ordenações, em que se diz que o *putagium* da mãe, não tira ao filho os seus direitos de herdeiro, attendendo a que o filho, nascido no estado de matrimonio, é sempre legitimo.

«*Quod generaliter dici solet, quod putagium hæriditatem non adimiti, intelligitur de putagio matris.*»

A palavra *putagium* só dizia respeito á prostituição de uma mulher.

Assim, a lingua franceza teve de mudar algumas palavras, quando transformou *putagium* em *putage*, *puta* em *pute* e *putena* em *putain*. Estas duas ultimas palavras são contemporaneas, pois a Chronica de Oderico Vital faz menção no livro XII, da fundação de uma cidade, que foi chamada Mataputena (*id est devincens meretricen*) com irrisão da condessa Hedwige.

Putage encontra-se frequentemente no sentido de *putagium* na lingua franceza, sobretudo nos romances e cantares dos trovadores.

O *lenocinium*, o fiel e inseparavel companheiro do *meretricium*, teve mais difficuldade em mudar de nome; como era ordinariamente exercido por mulheres, transformou-se logo em *lenonia*, que passou á linguagem do seculo

decimo segundo, afrancezando-se em *lenoine*. Mas o povo que, como soberano, reina na estructura da lingua, inventou immediatamente outra palavra, que tirou dos proprios habitos dos corretores da prostituição. Esta palavra foi *maquerellagium*, de que o francez antigo fez *maquerellage*, que subsiste na linguagem das praças publicas e que tem além d'isso logar no Diccionario da Academia.

Antes de *maquerellagium* havia-se creado *maquerellus* e *maquerella*, *maquereau* e *maquerelle*.

Os mais doutos etymologistas têem tentado em vão o encontrar a origem d'estas palavras, que não tinham do latim mais que a terminação. Nicot e Menage, procurando as analogias que podiam apresentar-se entre o peixe chamado *maquereau* (congro) e o homem ou mulher que especulam com a prostituição, souberam que *maquereau* tinha sido formado de *macutæ*, porque o peixe é mosqueado com manchas transversaes escuras e azues, e entre os antigos o vestuario d'esses corretores era tambem de mui variadas côres.

Tripaut, recordando-se que o *aquariolus*, ou aguadeiro romano, tinha em Roma o privilegio do corretor da prostituição, pensou que a simples addição d'uma lettra inicial, formada pela pronuncia guttural dos francezes tinham produzido *maquariolus*, que se approximava bastante de *maquerellus*.

Outros, emfim, com mais simplicidade, propozeram-lhe o verbo hebreu *machar*, que significava *vender* e que não deixa de convir ao officio de vendedor de carne humana. Estes ultimos etymologistas, em apoio do seu systema, deveriam ter feito valer esta indução que lhes fornecia certos documentos da idade média, e nos quaes se attribue aos judeus a corretagem dos cavallos e das mulheres.

Causa-nos admiração que se tenham occupado com a etymologia da palavra applicada ao homem, antes de ter encontrado a que convem ao peixe; porque é muito natural que o peixe se chamasse no principio *maquerellus* e que o homem por qualquer similhança se tenha visto qualificado com o nome do peixe. Qual é a primeira etymologia que se nos offerece sem esforço de imaginação nem de linguistica? A pesca do *maquereau* era mais abundante n'outro tempo nas costas do Oceano do que o é actualmente: este congro chegava em perseguição dos arenques e soffria a mesma sorte, depois de ter vivido a expensas d'elles.

O seu nome dinamarquez ou normando, que se tem conservado na lingua hollandeza, faz-nos remontar á época em que foi alatinado: *mackereel* é com certeza muito anterior a *maquerellus* e a *makarellus*. Os sabios pouco satisfeitos com a consonancia barbara d'esta palavra, tiveram de corrompel-a para a tornar menos aspera ao ouvido: não se explica d'outra maneira a formação de *magarellus* que apparece em muitas ordenações dos reis de Inglaterra. Nas costas do Norte dizia-se *makeous*, ou antes *makerus*, a não suppôr um erro em Ducange.

Emquanto a dar o nome do peixe á especie humana que imitava os seus costumes, foi a principio um jogo de palavras, um epigramma que entrou profundamente no espirito da lingua popular e que pouco a pouco perdeu o sentido figurado.

E' facil, no emtanto, perceber que o corretor andando em volta das mulheres, para d'ellas tirar lucro, e lançal-as nos braços do seductor, desempenha um mister analogo ao do *maquereau*, que acompanha os arenques e d'elles se nutre.

Seja como fôr, esta expressão figurada, designando os alcoviteiros de um e outro sexo, era admittida em todos os estylos e encontrava-se nas ordenações dos reis de França. Adquiriu logo um estigma deshonroso, mas chegou a inveterar-se na lingua energica do povo. E', no emtanto, o nome d'um peixe

que se serve em todas as mezas, e que em outro tempo pagava quatro dinheiros por mil ao bispo ou ao conde, conforme a zona em que era pescado.

Se este peixe não tivesse recebido o seu nome dos povos do Norte, não resistiriamos muito a acceitar uma etymologia mais engenhosa que plausivel: de *mœchari mœcharellus,* para qualificar o instigador da libertinagem (*mœchi conciliator.*)

Assim como o *lenocinium* e o *meretricium,* o lupanar não tinha sido naturalisado, a não ser na lingua dos escriptores: a lingua vulgar repellia-o, como uma tradição gallo-romana, que não tinha razão de ser. Nada se assimilhava menos aos lupanares de Roma que os albergues da prostituição nas cidades de França. Estes infames asylos tomaram sem distincção os nomes de *borda* e *bordellum,* de que se derivaram *bordel, borde* e *bordeau,* no novo dialecto francez do duodecimo seculo.

A palavra latina não é mais que a voz saxonica *bord* alatinada, e a voz saxonica tanto dizia como a franceza que é completamente identica. E' imaginar uma etymologia sem fundamento vêr em *bordel* as palavras *bord* e *el,* porque os logares de libertinagem, diz-se, estavam então situados nas margens da agua. A posição d'estes logares não era necessariamente immediata ao rio, o que nada teria de moral nem de sanitario, nem se explicaria de modo satisfactorio, ainda que em muitas circumstancias a prostituição se estabelecia ás margens da agua, especialmente quando a navegação do rio trazia grande numero de commerciantes, passageiros e navegantes que constituiam a clientela das mulheres de bordel (*bordellières, bordellariæ.*)

Chamava-se mais especialmente *borda* a uma cabana, collocada á beira d'um caminho ou fóra da povoação, n'um suburbio, ou em campo largo. A *borda* (*borde*) era distincta da casa, como se vê n'este verso de Auberg:

«*Ne trouvissiez ni borde ni maison.*»

e n'este do romance de Garin:

«*Ni à maison ne borde ne mesnil.*»

Geralmente, esta *borda* encontrava-se junto a um pequeno recinto ou campo, pois que n'um contrato do anno 1292, que Ducange cita no *Glosario,* diz-se que a abbadia e o convento eram obrigados a conceder nos seus dominios um pedaço de terra a qualquer habitante da cidade que n'elle quizesse construir uma *borda* (*ad faciendam ibi bordam.*)

A prostituição, expulsa das cidades, refugiou-se n'estas *bordas,* que estavam longe de vista da policia urbana e d'onde o escandalo não transpirava. Estas residencias ruraes só eram habitadas por seus proprietarios ou colonos em certas estações e certos dias; mas a prostituição tinha sempre n'ellas um asylo seguro: e por isso as mulheres publicas arrendavam as *bordas* em que residiam ou onde iam ao anoitecer passar algumas horas.

Os libertinos que iam a estes logares de prazer, sahiam da cidade com o pretexto d'um passeio e chegavam ao encontro vergonhoso por caminhos pouco frequentados.

A *borda* transformou-se d'esta fórma em bordel (*bordel*) seu diminuitivo, que insensivelmente se tornou o nome generico de todos os asylos da prostituição, quer estivessem no campo, quer no interior das cidades. Devem attribuir-se a variações de dialecto as differentes formas porque passou este nome, pronunciando-se *bordel* e que degenerou em *bordiau* e *bordeau, bordelet* e *bordeliau.*

Emquanto que os bordeis estiveram fóra das cidades, a prostituição er-

rante contou no seu exercito secreto uma multidão de pobres recrutas, que nem sequer podiam arrendar uma *borda* e que, á imitação das lobas da cidade de Roma, detinham os transeuntes no meio dos caminhos, das vinhas e dos trigos, por cuja razão se lhes chamava *mulheres dos arredores, mulheres dos caminhos, mulheres do campo* (V. *Charpentier* no supplemento a Ducange, nas palavras BORDA CHEMINUS.)

As que não sahiam dos albergues, armando as suas ciladas das janellas, chamavam-se *claustrieres claustrariæ* (V. *Charpentier* na palavra CLAUSU-R.E.)

Os seus claustros, *claustra*, foram sem duvida os herdeiros dos *lustra* da antiguidade, tanto mais que aquelles *clàustra montium* só se estabeleceram em logares afastados, no fundo dos bosques e nas gargantas das montanhas.

As mulheres perdidas que habitavam nas *bordas* ou *burdeles* foram designadas com o nome de bordaleiras (*bordeliéres* ou *bourdeliéres.*) Mas não foi esta a sua unica denominação; vimos mais acima que se lhes chamava *putes* ou *putains*, em signal de despreso; os nomes injuriosos não se regateavam, mas não se distinguiam como na antiguidade por qualificações que revelavam os seus habitos impudicos, o seu genero de vida, ou a sua origem e vestuario. Desde o fim do duodecimo seculo applicava-se-lhes em mau sentido o nome generico de *garzia* ou *gartia,* em francez *garce* ou *garse* (*garza*) que se conservou até aos nossos dias no vocabulario da gente do campo para designar qualquer virgem.

Nas provas da *Historia de Brescia,* por Guichenon, pag. 203, lê-se o seguinte: *Si leno vel meretrix, si gartio velgarti alicuia burgensii convitium dixerit;* e no titulo dos privilegios da cidade de Seissel em 1825: *Si gartia dicat aliquid probo homini et mulieri.* Esta expressão que reapparece em cada pagina da prosa e do verso dos seculos XIII ao XVII, não se afasta, senão por excepção, do seu sentido primitivo, nem é injuriosa a não ser no caso de ser acompanhada de um epitheto malsoante.

Além d'isso, segundo o extracto de Guichenon, citado anteriormente, vê-se que a qualificação de *garce* (*gartia*) ainda que empregada em mau sentido, differia da de prostituta (*meretrix,*) pois que melhor era applicada a uma mulher vagabunda, ou uma serva.

E. Guichard que pretendia provar que todas as linguas se derivam do hebreu, imaginou approximar a palavra *garza* do verbo hebraico de consonancia analoga e significando prostituir-se; sem duvida não se lembrou que as palavras *garce* e *garcia* são muito mais antigas que a significação obscena que se lhes chegou a dar. Assim, no processo verbal da vida e milagres de S. Ives no seculo XIII, emprega-se *garcia* no sentido de serva, *ancila* (V. os *Bollandistas, Sanct. maii,* tit. IV, 553.) Mas simples é dizer que *garce* é o feminino de *gars,* que, apesar das melhores etymologias, parece ser uma palavra galaica, *vvars,* e ter significado ao principio um joven guerreiro, um varão nubil. De *gars* se fez em latim barbaro *garsio* e *garzio,* que se applicaram aos servos, aos ladrões, aos libertinos, e a toda a classe de homens de mau viver.

Não póde demonstrar-se melhor, como uma palavra originariamente honesta e decente se perverteu gradualmente até tomar na lingua uma significação vergonhosa, do que lembrando uma phrase em que Montaigne a emprega na sua accepção primitiva: «Ha uma nação em que se prostituiam as *garces* ás portas dos templos para saciar a concuspicencia.»

Não era esta a unica expressão injuriosa que esteve em uso na idade média para designar as prostitutas; tambem se lhes chamava *fornicariæ* e *fornicatrices, prostibulariæ, prostantes, gyneciariæ, lupanariæ* e *geneariæ* em baixa latinidade. Estes tres ultimos termos eram synonimos e indicavam os logares em que habitavam as mulheres de má vida; *ganea, lupanar, gynecium.* As

prostantes vendiam-se (do verbo *prostare*,) as *prostibulariæ* prostituiam-se, as *fornicariæ* executavam a acção d'este verbo, e as *fornicaterices* faziam-a executar.

Estes differentes termos não passaram á lingua franceza, mas entraram n'ella os que tinham uma fórma menos latina: taes como *ribaude, meschine, femme folle, femme de vie*. *La femme de vie* (*femina vitæ*) não parece, apesar do seu disfarce latino, ter como raiz uma obscenidade galaica. A *femme folle* ou *folieuse* (*mulier follis* ou *fatua*) devia o seu nome áquella esplendida *Festa dos Loucos*, que descreveremos n'outro logar, como o ultimo reflexo dos mysterios da prostituição antiga. A *meschine* era ao principio uma servente, uma serva; a *ribaude* uma companheira do exercito, uma filha de soldado, uma mulher mundana (*ribalda*.)

N'outro capitulo diremos o que eram os *ribauds* de Philippe Augusto, estabelecendo a verdadeira origem do seu rei. Não citaremos as numerosas etymologias que se accumularam doutamente para encontrar a raiz da palavra *ribaud*.

Estamos muito dispostos a encontrar essa raiz na palavra galaica *baux* ou *baud*, que significava jovial, e que deixou na nossa antiga lingua, que Borel chamava gallica, o substantivo *baude*, alegria e o verbo *ebaudir*, regosijar-se. O nome de *baux* ou joviaes, que a tradição languedociana fazia remontar ao seculo sexto, daria uma idade muito respeitavel á celtica *baux* ou *baud*. Esta palavra mudou de significação sem mudar de fórma, passando á lingua ingleza, onde *baud* é synonimo de alcoviteiro.

A palavra *baldo* em italiano não foi tão alterada, por ser derivada de *baux* e tomar-se por audaz ou imprudente. *Rebaldus* foi a tradição latina, composta da preposição emphatica *re* e da palavra radical *baux, baud* ou *bauld*. *Ribaud* e *ribaldos* alatinaram-se e afrancezaram-se ao mesmo tempo.

Estas palavras empregavam-se em bom sentido antes do reinado de Philippe Augusto, em que cahiram em despreso, em consequencia dos excessos de certa gente que quiz ser os *ribaldos* por excellencia. Anteriormente áquella época significava a força physica e a constituição robusta do homem bem disposto e constituido. Depois era a designação especial dos herejes e dos libertinos.

Todas as linguas adoptaram por sua vez a designação especial dos *ribaux* e de seus compostos. *Ribaudie* em francez veio a ser synonimo de prostituição, o mesmo que *ribaldaglia* que Villani emprega n'este sentido (Chron. liv. IV, cap. 91.) Ribaud produziu então *ribaude, ribalda*, que nunca teve significação honesta. Segundo a *Coutume* de Bergerac, era grande insulto, quando se dirigia a pessoa de nascimento ou condição nobre; mas não tinha tanta importancia, quando se applicava a uma mulher de classe humilde, não acompanhando esta expressão com outra injuria de facto. Esta singular passagem do *Coutume* de Bergerac, inserida alli pelos benedictinos continuadores de Ducange. *Ribaud*, de que naturalmente se tiram *ribaudaille* e *ribauderie*, continua qualificando com energia toda a mulher de costumes desregrados ou perversos.

A palavra *meschine*, que usualmente se applicou ás mulheres vaidosas de seu corpo (*folles de leur corps*) tinha ordinariamente um caracter mais benevolo que injurioso: *meschine* não esteve em uso, senão depois de *meschin*. Esta palavra, essencialmente galaica ou franca, que a nossa lingua conserva ainda em *mesquin*, cujo sentido não se afastou muito da raiz, queria dizer ao principio joven servidor ou escravo. *Meschinus* e *mischinus* encontram-se desde o decimo seculo nos cartorios monasticos, como Ducange dá d'isso muitas provas; significam servos jovens e no sentido lato serventes. Este ultimo sentido é o que a palavra *meschin* affecta mais particularmente na lingua do duodecimo seculo; mas então não se tomava em mau sentido e equivalia a jovensinho ou

moçinho. No romance de Garin encontra-se com muita frequencia e sempre honestamente, como n'este verso :

«*Vous estes jones jovenciaux et meschins.*»

O feminino *meschine, mezquina*, não teve a principio sentido deshonesto, como n'esse exemplo, do mesmo romance de Garin :

«*Au matin lievent meschines et pucelles.*»

Mas, no decimo terceiro seculo, as *meschines* tinham decahido muito da sua boa fama, porque Guilherme Guiart, na sua *Branche de royaux lignages* apresenta-as d'um modo pouco lisonjeiro.

Desde então, *meschine*, tanto na linguagem usual, como na poesia, designa apenas uma servente. Ducange cita um antigo poeta, em face de um manuscripto da bibliotheca de Coislin, para provar que se contrapunha, sem difficuldade, *dame* a *meschine :* este mesmo poeta, n'outro logar, descreve assim o officio da *meschine :*

«*En la chambre ot une meschine*
Qui moult est de gentille orine.»

N'uma ordenação, relativa ao abbade de *Bonne-Esperance*, concede-se a este abbade uma somma de vinte libras para seu governo, para uma servente e uma *meschine*. A palavra *meschine* emprega-se, simultaneamente, em duas accepções muito distinctas : umas vezes é uma simples servente, exercendo os deveres do seu cargo, e como diz Luiz XI nas suas *Cent nouvelles nouvelles* «era *meschine*, fazendo os arranjos da casa, como os leitos, o pão e outros serviços ;» outras, uma mulher libertina, que se põe ao serviço do primeiro que venha e *se vende ao desbarato*.

Comprehende-se que o *meschinage* seja synonimo do serviço, que successivamente fosse adoptado para especificar um trabalho deshonesto.

Além d'isto, o *meschinage* das tavernas e dos bordeis tinha-se como infame tanto nos *Estatutos* do rei S. Luiz, como na lei romana. No emtanto S. Luiz quer que a mulher louca (*folle*) que vae á *meschinage* ou a outro sitio, para se alugar, seja admittida por direito, assim como os irmãos, a participar da herança paterna. (Liv. I, cap. 138.)

Completemos esta nomenclatura franco-latina da prostituição na idade média, com o exame d'um termo muito usado que se diz de origem italiana e ter sido importado para França, pelos trovadores, no undecimo seculo. A consonancia da palavra *ruffian* indica logo, mais uma origem meridional, do que barbara. Menage deriva-a do nome d'um famoso alcoviteiro italiano, chamado *Rufo*, sem notar que este Rufo é, certamente, muito posterior ao uso da palavra a que se refere.

Outros etymologistas, não se contentando com o *Rufo* problematico, encontraram em Terencio um *Rufus*, que exercia o mesmo officio. Por um abuso de erudição, ha quem tenha approximado esta palavra a *fornicator*, tirando-a do allemão *ruef*, que significa abobada e que daria assim a traducção de *fornix*.

Mas Ducange approxima-se mais da verdade, fazendo notar que as prostitutas romanas, trazendo cabelleiras loiras ou ruivas (*rousses*,) eram chamadas *ruffæ*, segundo considerações de Francisco Pithon e Wovereno ácerca de Petronio.

Vamos completar a douta observação de Ducange, dizendo que, sem duvida alguma, a palavra *ruffianus* foi formada nos primeiros seculos, de *rufi* e

de *anus*, duas palavras reunidas n'uma, sem nenhuma ellipse, ou de *rufia* e *anus*, duas palavras igualmente reunidas por meio d'ellipse. Emquanto a encontrar anologia entre *ruffian* e *fien*, *fœnum*, ou *fimum* (lameiro,) é necessario ignorar que não póde submetter-se a syllaba *ruf* á interpretação etymologica, inventada por não sei que sonhador, que vê em *ruffian* um moço de estabulo (*quod eruit fimum.*)

A juncção de *rufi* e de *anus*, ou de *rufia* e *anus* conviria muito melhor ao verdadeiro sentido da palavra *ruffians*, *ruffianus*, que não é sómente um angariador de mulheres, um alcoviteiro, mas tambem um libertino, um frequentador de lupanar, um amante de mulheres.

Nós como, Menage e sobretudo como Duchat, não temos a audacia ou a ingenuidade da etymologia: não procuraremos demonstrar, porque *rufia* significava uma pelle curtida, e *anus* uma velha; significando tambem *anus* o anno, e *rufus* roxo ou vermelho, estas palavras conduzem-nos directamente á profissão de *rufian*, a qual se estendia á *rufiana*.

Seja como fôr, os vocabulos *ruffianus* e *ruffiana* não figuravam na idade media, a não ser nos escriptores italianos que nos apresentam em todas as partes os *rufianes*, em amor e companhia com as prostitutas (*ruffiani et meretrices.*)

Ducange e Carpentier citam muitas e interessantes passagens d'aquelles escriptores: n'um d'elles, se diz expressamente que *ruffian* é synonimo de alcoviteiro (*quilibet et quœlibet leno, qui et quæ vulgaritur ruffini dicuntur.*)

Ruffian não parece ter-se introduzido em França antes do seculo XIII, e ainda assim não esteve em voga senão nos fins do seculo XV, quando o italianismo invadiu por toda a parte o idioma galaico. Esta palavra, que se empregava com diversos matizes de applicação nunca entrou na linguagem oratoria, nem se levantou da sua abjecção.

Mencionemos, emfim, uma palavra que esquecemos no seu logar e que prova os habitos mysteriosos da prostituição. Os albergues da libertinagem, os bordeis chamavam-se em sentido figurado *clapiers claperit* (tocas de coelhos) porque as meretrizes se occultavam n'ellas como coelhos (*cuniculi*,) em francez antigo *cunins*. *Clapier*, segundo Menage, deriva-se de *lepus*, transformando em *lapus* e *lapinus*, que chegou a pronunciar-se *clapinus*: e d'aqui *lapiarium* e *clapiarium*.

Segundo Ducange, o laço para apanhar coelhos chamava-se *clapa*, e como se collocava á entrada das covas, estas tiveram de usurpar-lhe e nome que representava, sem duvida por onomatopeia, o *clappement* ou ruido da machina, no momento em que o coelho cahia no laço.

Segundo outros sabios, *clapier* derivava-se da raiz grega, que significa occultar-se; do latim *lapis*, porque as covas dos coelhos são regularmente montões de pedras ou terrenos pedregosos.

A etymologia pouco nos importa; digamos no emtanto, com muita reserva, a similhança obscena que o bom humor francez descobriu nas palavras *cunnus* e *cunniculus* ou *cuniculus*, cujo equivoco indecente Marcial não suspeitou. E' certo que os nossos antigos truões encontraram uma imagem lubrica, na comparação de um albergue de prostitutas e uma toca de coelhos.

CAPITULO VII

SUMMARIO

Os costumes publicos nos reinados anteriores ao de Luiz IX. -Grandes progressos da sodomia.—Quadro dos costumes de Paris, no fim do seculo XII.—Os collegiaes.—As thermas de Juliano.—O cemiterio dos Santos Innocentes. —Os libertinos e as prostitutas da Croix-Benoiste.—As primeiras religiosas da abbadia de Santo Antonio dos Campos.—A padroeira das mulheres publicas.—Os estatutos da corporação das namoradas.—O osculo de paz da prostituta real —A capella da rua de Jussienne.—Esforços de S. Luiz para combater e diminuir a prostituição —A casa das Filles-Dieu.—Como S. Luiz castigou um cavalheiro, surprehendido n'uma casa de prostitutas.—Suppressão d'estes estabelecimentos e desterro das mulheres de má vida.



A collecção das ordenações dos reis de França, da terceira dynastia, não se encontra nenhuma, antes de S. Luiz, relativa á prostituição; mas não deve crêr-se, por similhante falta, que a prostituição tinha desapparecido em França, ou que a auctoridade legal a deixara absolutamente livre nos seus actos, sem a cercar d'uma vigilancia preventiva e repressiva. Acreditamos pelo contrario, que a desordem nos costumes não tinha feito mais do que aggravar-se acalentada pelas guerras feudaes, que tinham assolado o paiz e retardado a marcha da civilisação. Crêmos tambem que a antiga legislação, com respeito ás prostitutas e aos seus escandalos, não tinha cessado de estar em vigor; mas, no meio das agitações permanentes que perturbavam a sociedade, havia-se descurado muito o cumprimento das leis da policia, occupando-se antes em assegurar a defeza das praças, expostas continuamente a cercos e a todas as consequencias d'uma invasão armada.

Uma especie de tolerancia indulgente tinha, pois, permittido á prostituição o desenvolver-se nas cidades, sobretudo em Paris, onde se tinha organisado, como os outros corpos de estado, com estatutos que a regiam, assim como a administração municipal approvara esta especie de confraria impura, ou fechava os olhos sobre a sua existencia organisada.

Não nos seria difficil provar, que, sob os reinados anteriores ao de Luiz IX, os costumes publicos eram mais depravados que no nosso seculo, e que esta corrupção, mais do que nunca, tinha um caracter odioso; apresentaremos tambem mais que uma testemunha contemporanea, que prova o quanto se tinha multiplicado e acclimatado, para assim dizer, nos habitos da população pariziense o exercicio da prostituição regular.

Esta prostituição, é preciso confessal-o, tinha então uma favoravel influencia sobre os costumes, porque desde que os homens do Norte se misturaram, de boa ou má vontade, com os indigenas francos ou gallo-romanos, o vi-

cio *contra naturam* desenvolvia-se, como contagio devorador, em todas as classes da sociedade, sem excluir as ordens religiosas e as familias reaes. Guilherme de Naugis, contando na sua chronica a morte tragica dos dois filhos e uma filha de Henrique I, rei de Inglaterra, mortos no mar com uma multidão de inglezes embarcados no mesmo navio, apresenta este naufragio como um castigo do ceu e não receia dizer que as victimas eram quasi todas sodomitas (*omnes fere sodomitica labe dicebentur et erant irretiti.*)

Esta horrivel degradação moral, como já o deixamos dito, encontrava-se por toda a parte, principalmente entre os frades; e a egreja, afflicta por taes excessos, que se exforçava em occultar, não podia deixar de fulminar com seus anathemas estes seus membros indignos.

Veremos depois que a condemnação dos Templarios não foi da parte de Bonifacio VIII e de Philippe, *o Formoso,* mais que uma medida severa de justiça contra a sodomia, disfarçada com o habito da ordem do Templo.

A sodomia era igualmente o laço de differentes seitas hereticas que queriam estabelecer-se, fazendo propaganda rapida, com a ajuda das suas impurezas e que desappareceram pela attitude severa e firme do alto clero, que o poder temporal secundou com os carrascos e supplicios.

Este detestavel vicio tinha-se inveterado por tal fórma no povo, que as tentativas dos manicheos, que se succederam com differentes nomes no seculo XIV, lhe deveram o seu exito momentaneo e ao mesmo tempo a sua implacavel repressão. Em presença dos espantosos progressos de similhante praga, comprehende-se que a prostituição natural podia considerar-se com um remedio para este mal, como um dique a taes loucuras.

Santiago de Vitry na sua *Histoire accidentale* (cap. VIII) registra este facto curioso e significativo: que as mulheres publicas detinham descaradamente na rua os ecclesiasticos, chamando-lhes sodomitas, quando estes se recusavam a seguir estas perigosas sereias.

«Este vicio vergonhoso e detestavel, accrescenta, encontra-se muito generalisado n'esta cidade; este veneno, esta peste, é tão incuravel, que aquelle que tem uma, ou mais concubinas, é tido como homem de costumes exemplares.»

Santiago de Vitry, que nos dá esta preciosa observação sobre os costumes de Paris no fim do seculo XII, parece querer descrever mais particularmente a prostituição que se apoderou do bairro da Universidade, onde reinava como soberana.

«Na mesma casa, diz, ha escolas nos andares superiores e asylos de libertinagem nos inferiores: no primeiro andar leccionam os professores; por baixo, as mulheres libertinas exercem o seu vergonhoso mister; e emquanto que, por um lado, ellas disputam entre si ou com os amantes, por outro, ouvem-se as sabias discussões e a argumentação dos estudantes.»

O bairro dos collegios e das escolas era povoado, n'aquella época, apenas pelos mestres de artes e pelos estudantes: estes, com a idade de vinte a vinte e cinco annos e pertencentes a todas as nações, formavam um exercito indisciplinado de 150:000 individuos que escarneciam da policia, sem permittir ao preboste de Paris o intervir nos seus negocios: protegiam, é verdade, as mulheres de vida alegre, moradoras no seu bairro e cobriam-nas com um veu de impunidade, emquanto que não sahiam dos limites marcados.

O reitor e dependentes da Universidade, sabendo que a juventude necessita gastar a exuberancia do seu ardor e de suas forças sensuaes, não lhes impunha a obrigação de viver como anachoretas. Assim se explica o quadro que Santiago de Vitry copiou do natural e que nos representa fielmente o estado de prostituição na visinhança das escolas da rua de Fouarre. E' provavel, todavia, que esta prostituição no domicilio, não fosse a unica que existia sob a salvaguarda dos estudantes: a prostituição errante, que correspondia ás ideias e aos

instinctos d'aquelle tempo, havia de ter como campo de feira o *Pré-aux-Clercs*, aquelle passeio agreste dos filhos prodigos da Universidade, vasta planicie sulcada de arroios, sombreada por grandes arvores e cortada por vallados enormes.

Era aquelle, naturalmente, o ponto de reunião das jovens alegres que se chamavam de campo e cêrca e que nada tinham a temer, n'aquelle fresco asylo, da justiça abacial de *Saint-Germain des Prés*. A Universidade fazia respeitar os seus privilegios e igualmente as suas companheiras de libertinagem.

O *Pré-aux-Clercs* não era o unico refugio da prostituição vagabunda, pois tinha outro não menos inviolavel e mais commodo na estação fria e chuvosa. O palacio das Thermas de Juliano, que os reis da primeira dynastia habitavam, estava desoccupado havia seculos e as ruinas d'este grande edificio galo-romano cercadas de vinhas e jardins, offereciam, segundo a expressão d'um poeta contemporaneo, «uma infinidade de reductos sinuosos, sempre favoraveis aos actos secretos, mysteriosos esconderijos, cumplices do crime, occultavam a vergonha dos que os commettiam.»

João de Hauteville, que nos dá a conhecer o uso obsceno do antigo palacio das Thermas, sob os reinados de Luiz VII e Philippe Augusto, expõe o que elle proprio viu:

«Alli, diz com menos indignação que piedade, a espessura do arvoredo, usurpando a escuridão á noite, protege constantemente os amores furtivos e occulta, com frequencia, á severa vigilancia, os ultimos symptomas do pudor que se esvae, pois quem quer praticar uma má acção, procura as trevas, e a sua vergonha sente-se melhor nos logares escuros, gosta de envolver-se no véu da noite.»

Philippe Augusto em 1218, fez doação d'estas ruinas romanas ao seu camarista Henrique, provavelmente com o encargo de as murar e d'ellas expulsar a prostituição. Tal foi a intenção de Philippe, quando fez cercar por bons muros o cemiterio dos Santos Innocentes, no qual a prostituição nocturna se expandia, sem respeito pelos mortos a quem faziam testemunhas. Guilherme, o Bretão, fallando d'este cemiterio no poema épico da Philippida, indigna-se com profanação tão insolente: («*Et quod pejus erat meretricabatur in illo.*» Liv. I, verso 441).

O mesmo succedia em todos os logares proximos da muralha do recinto: a prostituição vinha tambem ahi estabelecer o seu campo desde o anoitecer, e as vís creaturas, que a exerciam ás escondidas, collocavam-se nas immediações dos sitios mais frequentados, para esperar a sua presa. Lê-se nas *Grandes Chroniques* de Saint-Denis, esta particularidade que se refere ao reinado de Philippe Augústo:

«E tambem as mulheres adoidejadas (*folles femmes*) que se collocavam nos arredores e encruzilhadas das estradas e se entregavam por preços infimos a todos, sem terem vergonha.»

E' a unica passagem d'um escriptor do seculo decimo terceiro, em que se falla do preço da prostituição, e ainda que esse preço de meretriz vadia, não se tenha aqui fixado, não póde duvidar-se que, em virtude da muita concorrencia, era muito baixo.

A prostituição tinha ainda outro theatro de aventuras, fóra da cidade, no caminho de Vincennes, n'um sitio pittoresco, para diante da porta de Santo Antonio. Dubreul refere nas suas *Antiquités de Paris*, que este sitio era o theatro ordinario dos attentados ao pudor, praticados pelos estudantes nas mulheres, filhas e serventes dos plebeus de Paris. A meio d'este bosque de má fama, teve de erigir-se uma cruz de pedra chamada *Croix-Benoist;* mas este santo remedio, serviu apenas para attrahir maior numero de homens e mulheres, que se entregavam á libertinagem na mais escandalosa promiscuidade.

Um prégador, famoso pelas conversões que tinha feito, Foulques de

Neuilly, cura de Saint-Denis, appareceu de repente no meio d'aquella confusão de libertinos e prostitutas: em pé, sobre a base da *Croix-Benoist*, exhortou-os a renunciar aos seus habitos detestaveis e a fazer penitencia, consagrando-se a Deus. As mulheres que o escutavam e que pertenciam á escoria do povo, sentiram-se commovidas de arrependimento, abandonaram a sua profissão infame, cortaram o cabello e vieram a ser as primeiras religiosas da Abbadia de Santo Antonio dos Campos, que recrutou a sua communidade em todas as classes da prostituição.

As desgraçadas que a *Cruz Bemdita* tinha visto abandonar-se por um preço vil, á deshonra do corpo e da alma, fizeram procissões em redor do santo, descalças e em camisa: algumas casaram honradamente, outras consagraram-se á vida mystica. Mas, na origem, em 1190, este estranho convento reunia debaixo do mesmo tecto tanto os homens como as mulheres, e póde suppor-se que, apesar das eloquentes prédicas de Foulqúes de Neuilly, e do seu successor Pedro de Boiny, esta mistura dos dois sexos não era para inspirar virtudes a antigas prostitutas e a libertinos convertidos. O illustre bispo de Paris, Mauricio de Sully foi quem, em 1196, afastou d'alli os homens e reteve as mulheres sob a regra de Cister, com ordem de expulsar a todas que se não emendassem. Além d'estas miseraveis vagabundas, que exploravam os arredores da cidade e que á noite cahiam, como aves de rapina, sobre os viajantes retardatarios, havia em alguns bairros e ruas, bordeis e antros (*des bordeaux et des clapiers*) que recebiam numerosas visitas, antes da hora de recolher, e pagavam ao fisco um imposto similhante ao *vectigal* romano.

Escasseiam as provas d'estes factos n'aquella época, mas como as encontraremos mais tarde em abundancia, devemos crêr que desappareceram nos reinados anteriores ao de S. Luiz. A tradição, que nunca deve despresar-se, sobretudo se se refere a circumstancias que não foram mencionadas por escripto, no tempo em que occorrem, a tradição recolhida por Sauval no seculo XVII (*Recher. et antiq. de Paris*, tit II, pag. 638) diz-nos que, muito antes de Luiz IX, «as mulheres escandalosas, tinham estatutos, trajo particular afim de serem reconhecidas e tambem juizes privativos.»

Esta tradição tinha-se perpetuado entre as mulheres de má vida, que pretendiam, ainda no tempo de Sauval, que o dia da Magdalena tinha sido festejado pelas suas adeptas e sequazes, na época em que formavam corporação e tinham ruas e usos, e ainda antes de S. Luiz as obrigaram a trazer certo trajo para distinguil-as das mulheres honradas.

Infelizmente, os detalhes, que Sauval promettia sobre este singular assumpto, não figuram na sua obra impressa, e talvez fossem arrancados com o celebre tratado dos *Bordeis de Paris*, por pudor de seus editores; mas é incrivel que Sauval não tivesse á vista a prova da existencia d'estes estatutos da prostituição, senão os proprios estatutos, que deviam ter força de lei anteriormente á redacção do *Livre des Métiers*, de Estevão Boileau.

Esse homem pudico teve vergonha de admittir na collecção dos privilegios e usos das artes e officios, no qual evidenceia tanto o odio á prostituição, um capitulo especial destinado a regular o exercicio de um escandalo publico, que tinha tenção de fazer desapparecer, não lhe dando logar na jurisprudencia municipal. Estes estatutos do meretricio, que ainda se encontram aqui e alli na historia dos costumes, foram inevitavelmente restabelecidos e conservados pelo uso, mas não approvados nem confirmados pelos reis. Crêmo-nos auctorisados a julgar que, se, n'um tempo em que todos os officios e industrias tinham um codigo especial, a prostituição tolerada não tivesse tido o seu, as mulheres bordelarias não teriam formado uma corporação especial, como a formavam, sob a jurisdição do *Rei dos ribaldos*. O titulo de rei, dado ao chefe ou mestre de uma corporação, era sempre inseparavel dos estatutos d'esta corporação;

a ribaldia tinha um *rei de ribaldos,* como a *mercerie* seu rei de *merciers* e a *menestraudie* seu rei de *menetriers.* Todas as corporações d'artes e officios tinham então os seus chefes.

Veremos depois como nada faltava ás cortezãs de Paris, excepto os estatutos, para mostrar que tinham sido desde muito tempo agrupadas em corpo de profissão. Não podia supprir-se a perda d'estes estatutos, no que diz respeito ao uso ou modo de recepção no corpo ou communidade, aos graus de aprendizagem, á tarifa dos preços, aos titulos do fisco, ás esmolas e multas, n'uma palavra a toda a organisação interior do officio; porém temos dados precisos com relação ás ruas e habitações da população, designadas para a libertinagem com a marca distinctiva das mulheres dedicadas a esta vergonhosa industria, ás horas marcadas para este trabalho e ás leis sumptuarias respectivas a esta classe de mulheres.

Uma anedocta, relativa á prostituição, parece-nos muito importante sob este ponto de vista, tanto mais que ainda não foi bem comprehendida por aquelles que a tiraram da Chronica de Geofray, prior de Virgeois. (Nova biblioth. manusc. de P. Labbe, tit. I, pag. 309.)

«Estando na missa a rainha Margarida, emquanto os devotos davam os osculos de paz, viu uma dama enfeitada com um trajo magnifico e, julgando-a casada, deu-lhe um osculo de paz. Esta dama era uma ribalda da côrte (*meretricem regiam*). Advertida a princeza do seu erro, teve de queixar-se ao rei, que prohibiu ás mulheres publicas o trazerem, em Paris, a capa (*clamyde seu cappa uti*) para se distinguirem, assim, das que eram legitimamente casadas.»

Esta curiosa anedocta, que figura na Chronica do fim do anno de 1184, não podia de forma alguma referir-se ao reinado de S. Luiz e entender-se com a rainha Margarida, mulher d'este rei, porque o auctor da Chronica tinha morrido sessenta annos antes do matrimonio de S. Luiz com Margarida de Provença. O que o prior de Vigeois tinha ouvido referir no fundo do seu mosteiro lemosino tem uma data incontestavel, a de 1172, quando a princeza Margarida, filha de Luiz VII e da rainha Constancia, foi desposada por Henrique (*Courtmantel*) e coroada pelo arcebispo de Ruão. Póde, comtudo, deixar-se a este facto a data de 1158 que lhe assigna o chronista, suppondo que na sua Chronica, escripta depois de 1172, chamou rainha a Margarida, que ainda não era coroada e que tinha apenas seis annos, na época em que devia ter recebido o osculo de uma prostituta.

E' extraordinario que o facto em questão sómente se encontre na Chronica do Prior de Virgeois, que muitos historiadores confundiam com Geoffroy de Beaulieu por datar do reinado de Luiz IX, uma particularidade que pertence seguramente ao reinado de Luiz VII e que prova que este rei fez, contra as mulheres de má vida, uma ordenação que não se conservou.

Para o nosso fim, póde, d'este facto, tirar-se mais d'uma inducção interessante. Portanto, aquella prostituta que o chronista chama real, fazia parte das mulheres de vida alegre e *de côrte,* que encontramos até ao reinado de Francisco I, com esta mesma qualificação, ou então era sómente uma das subditas ordinarias do *Rei dos ribaldos,* uma das mulheres da sua corporação *real?*

Além d'isso, é certo que Luiz VII, submettendo o officio das mulheres publicas a certas condições de trajo, reconhecia implicitamente a sua existencia legal e auctorisava-as a exercer o seu culpavel commercio no recinto de Paris.

Finalmente o sobrenome do esposo da princeza Margarida, Henrique *Courtmantel,* não terá alguma relação ou analogia indirecta com a aventura de sua mulher, que foi causa de que as cortezãs não levassem capa ou manto grande? Ha tambem a notar a curiosidade com que, desde então, as prostitutas de Paris formando parte da corporação das ribaldas, se vestiram *de curto,* como as meretrizes de Roma, vestidas de toga, e não de estola.

A corporação das mulheres *enamoradas* (*amoureuses*) chegou, no tempo de Luiz VII, a um estado de prosperidade que se revelava muito no luxo das suas *librés* ou trajo do officio. Sauval n'outra passagem da sua preciosa compilação (tom. II, pag. 450,) declara, expressamente, que os estatutos d'esta corporação deshonesta regeram o seu occulto gremio até nos estados de Orléans, em 1560. Por falta d'estes estatutos não temos podido descobrir as provas da *Confraria da Magdalena*, que Sauval affirma ter existido, sem dizer a que freguezia estava adjunta, nem quaes eram os seus privilegios, indulgencias e festas. Recorrendo a uma conjectura, bastante acceitavel, poderemos dar por matriz, áquella impura confraria, uma pequena egreja da Magdalena, que existia sob esta invocação desde o seculo undecimo, e que depois se chamou S. Nicolau. O logar occupado por aquella antiga egreja, que a revolução de 89 fez desapparecer, tem agora edificios particulares. Não sustentaremos que fosse aquelle o logar da occorrencia do osculo de paz dado por uma princeza a uma cortezã. O cura d'esta freguezia tinha o titulo de arcipreste e, apesar da pouca importancia da freguezia e da egreja, não deixava de se orgulhar com o seu titulo, por causa da confraria de *Notre-Dame aux Bourgeois* que, segundo parece, succedeu á da Magdalena, quando S. Luiz intentou extirpar radicalmente a prostituição.

A esta circumstancia temos de juntar a troca do nome da egreja, a qual, ainda que consagrada sempre á Magdalena, teve de purificar-se, digamol-o assim, chamando-se agora S. Nicolau. Todavia a imagem da grande penitente estava ainda no altar mór e as suas reliquias expostas n'uma caixa de prata dourada.

Quasi todos os historiadores, incluindo Dubreul, que fallaram d'essa antiga egreja da cidade, pretendem que S. Nicolau foi o Patrono primitivo: Dubreul e Sauval dizem ter sido n'uma das capellas que se construiu a expensas de uma judiaria, confiscada na expulsão dos judeus por Philippe Augusto, a Confraria dos pescadores e barqueiros, a quem não importava sem duvida a visinhança da Confraria das *ribaldas*. Esta egreja era a unica que possuia reliquias da santa, que se veneravam alli, e não se deve acreditar, como parece perceber-se n'uma passagem obscura de Dubreul, que estas reliquias não foram depositadas alli senão em 1491 por Luiz de Beaumont, bispo de Paris. Este bispo não fez mais que trocar o relicario. As reliquias eram, não só os cabellos de Magdalena, mas tambem alguma porção de coiro cabelludo da mesma cabeça, tirado do sitio que Nosso Senhor tateou ao dizer-lhe: «Não me toques.»

Todas as mulheres dissolutas estavam de accordo em adorar Magdalena como sua padroeira, sem demorar-se em fazer eleição entre as differentes santas que a lenda lhes offerecia sob este nome. Parece que tambem prestavam culto a santa Maria Egypsiaca, que antes da sua conversão era uma celebre prostituta. Uma tradição quasi contemporanea permitte-nos certificar que a capella dedicada a esta santa na rua que se chamou depois *Jussienne*, em vez de *Egyptienne* ou *Gippcienne*, era a freguezia intitulada das mulheres publicas desde a sua fundação no seculo duodecimo. Ellas frequentavam esta capella, offereciam missas, collocavam luzes e deixavam em offerta o dizimo de seus vergonhosos lucros: a esta capella iam em devota peregrinação de todos os pontos da cidade, e nada mais estranho que as suas promessas e ramos artificiaes collocados em roda da imagem da sua padroeira.

O cura de *Saint-Germain l'Auxerrois* que tinha na sua dependencia esta capella, mandou aqui pôr um quadro que alli se via havia tres seculos, com verdadeiro escandalo das pessoas piedosas. Este quadro representava a santa a bordo d'um barco em attitude de levantar as saias para pagar ao barqueiro, e com esta inscripção, sem duvida em linguagem do tempo:

«Como a santa offerece o seu corpo ao barqueiro pela sua passagem.»

Bem se vê por esta anedocta a razão por que os barqueiros do Sena tinham adoptado a mesma padroeira que as prostitutas.

E' provavel que a Confraria das ribaldas fosse transferida da egreja da Magdalena para a capella de Santa Maria Egypsiaca, quando a grande confraria da Virgem Maria (*Notre-Dame*) foi estabelecida em 1168 n'esta egreja, por occasião d'um ultraje feito por uma cortezã a uma nobre donzella, dando-lhes ou recebendo, o osculo de paz. O rei e a rainha eram membros fundadore, d'esta confraria de *Notre-Dame*, que com surpreza se via sob os auspicios de Magdalena. Quanto á capella de Santa Maria Egypsiaca, foi erecta extra-muros, nos arredores do cemiterio dos Santos Innocentes, um dos centros peior afamados da prostituição errante.

Quando Luiz IX subiu ao throno, o seu primeiro pensamento não foi prohibir absolutamente no seu reinado a prostituição legal que era tolerada, senão permittida, mas pouco a pouco combatel-a, diminuil-a com as armas da religião e com os recursos da caridade.

«Jamais, diz Sauval, jamais tinha havido tantas mulheres de má vida no reino, como no principio do seculo decimo terceiro, e todavia nunca ellas foram castigadas com mais rigor.»

Guilherme de Seligny, bispo de Paris, chamou á sua presença as da côrte e fel-as envergonhar da sua infame profissão: umas abandonaram-a para ter vida honrada e casar-se; outras, para expiar as culpas, recolheram-se a conventos. Guilherme apresentou-se ao joven monarcha que acabava de succeder a seu pae Luiz VIII e que tinha a alma cheia dos piedosos sentimentos que a rainha Branca ahi fizera brotar. O principe maravilhou-se das conversões feitas pelo prelado, e, para não deixar perder tão grande fructo, apressou-se a fundar uma casa de refugio para as peccadoras arrependidas.

Ao principio resolvera edificar este recolhimento n'uma cerca situada na rua *Saint-Jacques*, pertencente ao seu confessor e capellão, Roberto Sorbon a quem queria dar a gerencia d'aquella communidade penitente; mas depois, melhor inspirado, comprehendendo que as escolas da rua Fouarre dariam má visinhança ás recem-convertidas, mudou de resolução. Com a ideia pois de as acautelar d'este ou d'outro perigo, resolveu definitivamente collocal-as a distancia das escolas, no campo, no outro extremo da cidade, e com effeito concedeu-lhes um vasto terreno, onde mandou construir uma egreja, claustros, dormitorios, e varios edificios cercados por bons muros.

Este mosteiro, mais tarde hospital, occupava todo o espaço em que depois da revolução foi construido o quartel do Cairo. Aquella especie de fortaleza, onde havia jardins, terrenos cultivados com hortaliça, chamava-se, segundo diz Joinville, a *Maison des Chratriers*. Não se sabe a origem do nome *Filles-de-Dieu* que depois tomou, mas deve suppor-se que a ironia do povo baptisou assim aquellas religiosas que o demonio submettera a uma aprendisagem pouco edificante. Seja como fôr, este nome de *Filles-de-Dieu*, que ao principio apenas fôra um epigramma, foi depois tomado a sério, mesmo pelas que o tinham.

Um poeta satyrico d'aquelle tempo, Rutebeuf, mofa das Filhas de Deus; mas dos seguintes versos de Rutebeuf se póde concluir que as penitenciadas de Guilherme de Seligny, anteriormente tinham sido chamadas *Femmes de Dieu*.

Diex a non de filles avoir
Mes je ne poy oncques savoir
que Diex eust fame en sa vie.

Rutebeuf comprehende sob a dominação de *descendencia de Maria*, subentendendo-se Magdalena, todo o pessoal de prostituição em que S. Luiz encontrara as Filhas de Deus.

«E, conta Joinville, metteu na casa um grande numero de mulheres,

que viviam no peccado da luxuria e deu-lhes quatrocentas libras de renda para que se sustentassem.»

Esta doação de quatrocentos escudos de renda era consideravel, attendendo ao valor enorme do dinheiro, e todo o mundo se admirou que as *Filles-de-Dieu* fossem mais contempladas que as *Quinze-Vingts,* que apenas tinham trezentas libras. Nos começos as *Filles-de-Dieu* eram apenas duzentas, mas recolhiam todas as mulheres perdidas que o arrependimento arrancava á libertinagem. Este mosteiro tinha por director um sacerdote, a quem o bispo de Paris chamava seu *muito amado em Jesus Christo* e a quem as religiosas appellidavam *pae em Deus.* Não foi esta a unica fundação do mesmo genero que o rei favoreceu com conselhos e dinheiro.

«E creou, diz ainda Joinville, em muitas terras do seu reino, muitas casas de arrependidas e deu-lhes rendimentos para a sua sustentação e ordenou que n'aquelles recolhimentos se recebessem todas as mulheres que quizessem guardar continencia e viver castamente.»

Por mais que Luiz IX quizesse assim diminuir a torrente da prostituição, não lograva reformar os costumes que as cruzadas mais haviam prevertido, porque os cruzados imitavam os costumes musulmanos sustentando verdadeiros harens, cheios de escravas, compradas nos bazares da Asia. «*Le commum peuple se prist aux foles femmes:*» a maioria do povo entregou-se ás mulheres publicas, diz Joinville, confessando assim a principal causa dos desastres da cruzada, em que o rei foi feito prisioneiro pelos infieis. Este prudente principe sabia a que attribuir os seus desastres; e, por isso, ao recuperar a liberdade, despediu muitos empregados da sua casa, por saber que estes libertinos tinham os seus harens á distancia de uma pedrada da sua tenda. Em vão se esforçou o rei por limpar o seu campo da prostituição e pilhagem; as suas mais severas ordens só serviram para manifestar mais a impotencia dos seus castos esforços contra os desregramentos da luxuria.

Estando em Cesaria teve de julgar, segundo as leis do paiz, um cavalheiro que fôra surprehendido n'um bordel. O culpado tinha que optar entre duas condemnações igualmente deshonrosas: ou devia ser levado por todo o campo ás costas da prostituta, com quem fôra encontrado, indo esta em camisa e levando uma corda presa da cinta, ou tinha de abandonar cavallo e armadura ao rei, considerando-se expulso do exercito. O cavalleiro optou por esta ultima.

Apesar de tudo quanto Luiz IX fez para inspirar a seus subditos o nobre sentimento do dever, o bom rei entristecia-se, presenceando os espantosos progressos da desmoralisação social.

Por fim, depois do seu regresso da Palestina, para tributar uma homenagem solemne á boa memoria de sua casta mãe, cuja morte ainda chorava, propoz-se extirpar radicalmente a prostituição do seu reino, tanto nas provincias do Norte, como nas do Meio-dia (*Languedoc* e *Languedoil.*)

N'uma ordenação de 1254 introduz este memoravel artigo, que com outros, se oppunha de uma maneira definitiva e concludente á existencia das casas de libertinagem, condemnando tambem a desterro as mulheres de má vida.

«Item, sejam expulsas as prostitutas, tanto dos campos como das cidades: e, feitas as admoestações ou prohibições, os bens d'ellas sejam tomados pelos julgadores dos logares ou pelas suas auctoridades, e de tudo sejam despojadas. E quem alugue casa á prostituta ou a receba em sua casa, será obrigado a pagar ao preboste ou ao julgador, tanto como o aluguer de um anno inteiro.»

Mas S. Luiz cedo reconheceu tambem que a prostituição era um mal necessario para impedir maiores males na ordem social.

CAPITULO VIII

SUMMARIO

O Rei dos ribaldos.—Investigações sobre as prerogativas, cathegoria e cargo d'este funccionario da casa real.—Definição das suas attribuições.—Analogia dos *Ministeriales palatini* de Carlos-Magno com o Rei dos ribaldos.—Filippe Augusto organisa os ribaldos em corpo de tropa mercenaria.—Provas de bravura e intrepidez d'estas hordas licenciosas.—O Rei dos Ribaldos.—Vantagens honorificas e lucrativas d'este cargo.—Nu como um ribaldo.—Decadencia successiva do reinado dos ribaldos.—A ribalderia.—Apreciação do cargo de rei dos ribaldos no interior dos palacios reaes.—Investigações sobre os emolumentos do rei dos ribaldos.—Grasse Joe, rei dos ribaldos de Filippe, o *Largo*.—João Guerim, rei dos ribaldos do duque de Normandia e de Aquitania, filho de Carlos v.—Direito de execução e exacção do rei dos ribaldos sobre certos criminosos.—João Boulart e Perrinette de la Basmette.—O rei dos ribaldos devia ser um fiel e incorruptivel defensor da pessoa do rei.—Coquelet.—Provas de abnegação de João Talleran, rei dos ribaldos de Francisco I.—Gabella semanal dos vassallos do rei dos ribaldos.—Ultima transformação do officio do rei dos ribaldos na côrte de França.—As cortezãs e suas damas.—Oliva Santa.—Cecilia Viefville.—Colin Boule, rei dos ribaldos de Filippe, o *Bom*, duque de Borgonha.—O parocho de Notre-Dame de Abbeville, rei dos ribaldos.—Balderico, rei dos ribaldos de Henrique II, rei de Inglaterra, duque de Normandia.—Attribuições do rei dos ribaldos nas cidades da provincia.—Antonio de Sagiav, commissario do rei dos ribaldos de Mâcon e Colette, mulher de Pedro Talon.



TEMOS AGORA de apresentar aqui um personagem, que a historia nos aponta como existindo no reinado de Filippe Augusto, e que bem póde ter sido contemporaneo de Carlos Magno. O *Rei dos ribaldos* (*Rex ribaldorum*) foi evidentemente, desde a sua origem, o juiz da prostituição na côrte dos reis de França. Grande numero de sabios, desde João Dutillet até Gouye de Longuemare, se tem dedicado a eruditas investigações e feito engenhosas dissertações, para precisar quaes fossem as prerogativas, a cathegoria e cargo d'este funccionario da casa real: citam textos de ordenações, apresentam factos novos, fazem fallar o *Thesouro* ou *Archivo dos titulos* e procuram a verdade por entre um grande numero de provas contradictorias; mas, á força de querer systematicamente exaltar ou deprimir funcções tão complexas, como largas, tão singulares, como terriveis, não são concordes no verdadeiro mister d'este notavel personagem.

Depois de tantos trabalhos de erudição e de critica, feitos sobre o obscuro assumpto do officio do rei dos ribaldos, a quem consideramos como precursor solemne dos commissarios de policia da nossa ordem civil, vamos nós tambem occuparmo-nos d'esse mysterioso cargo.

Crêmos poder dar um grande desenvolvimento historico á investigação d'este antigo officio da côrte, intimamente enlaçado com a historia da prostituição em França.

Quasi todos os auctores, fallando do rei dos ribaldos, teem procurado definir ou determinar as suas attribuições, enganando-se mais ou menos nas conclusões por considerarem uma unica phase d'este personagem e do seu cargo.

Assim João Boutillier, que escreveu a sua *Somme rurale*, ahi por 1460, apresenta o rei dos ribaldos como um executor das sentenças e'ordens dos prebostes no sequito do rei; João Ferron indica-o como o primeiro dependente dos mordomos do palacio real; Corondas dil-o commissario do preboste do palacio; Belleforest chama-o preboste do palacio do rei; Ragueau declara-o superintendente das mulheres publicas; Estevão Pasquier aponta-o como bailio dos ribaldos. Cada um dá ao rei dos ribaldos um caracter especial, um poder mais ou menos restricto, uma dignidade mais ou menos consideravel, sem attender ás transformações successivas que o tempo fez na instituição, que tinha deveres tão diversos como multiplos.

A reunião por ordem chronologica de todas as opiniões dos historiadores e jurisconsultos, a respeito do mysterioso cargo do rei dos ribaldos, provaria que nenhuma d'ellas explicava as funcções que desempenhava este official de palacio na época da sua creação, nem a decadencia soffrida pelo emprego, á maneira que os outros funccionarios da casa real lhe iam usurpando direitos e privilegios. O rei dos ribaldos deixou de existir, quando a sua qualificação se tornou vergonhosa, quando a sua antiga auctoridade passou a muitas mãos, quando os seus competidores repartiram a gerencia do cargo.

O ultimo rei dos ribaldos, depois de ter visto os mais bellos florões da sua corôa, disputados e arrancados por outros funccionarios de nomeação mais recente, teve o supremo desgosto de, no reinado de Francisco I, vêr o resto da sua antiga supremacia, a que exercia sobre a prostituição da côrte, passar ás mãos de uma *dama de profissão*. Assim lhe foi arrebatado o sceptro.

Dissémos, citando uma capitular de Carlos Magno sobre a policia interna dos dominios do rei, que os empregados do palacio (*Ministeriales palatini*,) encarregados da vigilancia e guarda d'estes dominios, tinham grande analogia com os reis dos ribaldos, que encontramos quatro seculos depois exercendo a mesma vigilancia no palacio real. Com effeito, estes *Ministeriales palatini*, dos quaes provieram os grandes dignatarios da corôa, deviam ter especial cuidado em expulsar das residencias reaes todo o individuo suspeito, que n'ellas houvesse penetrado, fosse qual fosse o sexo a que pertencesse; os vagabundos principalmente (*gadales*) e as meretrizes eram as que mais temiam a jurisdição do *Ministerial palatino*, que julgava soberanamente estas causas e mandava açoitar os delinquentes. E' esta a origem do rei dos ribaldos e póde dizer-se com toda a razão, que, se assim não foi chamado até ao reinado de Filippe Augusto, já desempenhava as funcções no tempo de Carlos Magno.

E' mui natural que este cargo tivesse sido creado logo n'aquellas quintas (*villæ*) ou centros de exploração agricola e manufactureira, que os reis francos possuiam em varios pontos do reino, e cujos rendimentos eram a principal riqueza do thesouro real. Os servos de ambos os sexos, submettidos a certas leis de policia e de administração, não eram senhores nem dos seus corpos, nem do seu tempo; tinha-se o maior cuidado em afastar d'elles toda a influencia de ociosidade e prostituição, e o seu trabalho, a saude e os seus costumes eram protegidos com previsões paternaes. Era, pois, muito importante que nos gyneceus e dormitorios se não introduzissem desconhecidos; a regularidade da vida commum muito teria soffrido com o contacto das mulheres de má vida, e bastaria a presença de um leproso, de um libertino, de um ladrão, ou de um mendigo, para contagiar physica ou moralmente a pacifica povoação d'aquelles recolhimentos, em que milhares de servos de um e de outro sexo estavam reunidos. O funccionario, a quem especialmente pertencia o prohibir o accesso aos intrusos n'uma quinta real, parece ter sido o *concierge*, e as suas funcções eram identicas á do camareiro-mór. Bastou mudar-lhe o nome para apparecer o rei dos ribaldos.

Os reis merovingios e carlovingios, acompanhados de numeroso sequito

de empregados e servidores, iam, de quando em quando, residir n'este ou n'aquelle palacio, e o grande numero de pessoas que os acompanhava augmentava-se inevitavelmente com grande numero de mulheres estranhas, attrahidas pelo lucro dos prazeres sensuaes. Era, pois, mister uma auctoridade permanente e especial para manter a ordem entre aquella massa de gente, e para dar ordens que exigiam prompta execução. D'aqui proveio a creação de um funccionario com direito de vida e morte sobre todo aquelle que causasse perturbação na casa real.

Aimoin (liv. v, cap. 10) conta que Luiz, *o Benigno,* expulsou do seu palacio um grande numero de mulheres, que se diziam agregadas ao serviço da rainha e das princezas irmãs do rei (*omnen cœtum fœmineum, qui permaximus erat, palacio excludi indicavit,*) e só se exceptuou d'esta medida um pequeno numero d'ellas, que se julgaram indispensaveis ao serviço real.

Mas é fóra de duvida que toda essa affluencia de mulheres não tardou muito em reapparecer na côrte dos reis, das rainhas e dos principes, o engodo de todas as ambições, de todos os vicios interesseiros e todas as baixezas domesticas. Concebe-se facilmente que a justiça expeditiva do rei dos ribaldos estivesse em pleno vigor, antes que o seu nome tivesse caracterisado as suas attribuições ordinarias, e indicado a classe de gente que mais directamente dependia do seu tribunal supremo, ou sem appellação. Este nome qualificativo parece não ser anterior ao reinado de Filippe Augusto.

N'este reinado, a palavra *ribaldus* ou *ribaud,* cuja etymologia estudamos, fez a sua apparição na lingua vulgar e n'ella figurou logo em má parte. Eram assim designadas ao principio as pessoas de um e de outro sexo, sem officio nem beneficio, que andavam em volta da côrte, ganhando a vida como podiam, pela esmola, pelo jogo, pelo roubo, pela prostituição. Esta infame multidão cresceu prodigiosamente com as cruzadas, e n'um exercito o numero d'estes vagabundos era muitas vezes superior ao dos combatentes.

Entre estes parasitas, sempre promptos para a pilhagem, havia muitas mulheres que se entregavam á impudicicia. Filippe Augusto imaginou aproveitar este mal necessario e, em vez de com ameaças e castigos tentar livrar-se d'esta vagabundagem, o que inutilmente tentaria, organisou com aquellas hordas de parasitas, menos prejudiciaes ao inimigo do que ao exercito, que seguiam como nuvem de assoladores gafanhotos, um corpo de tropa assoldada.

Os historiadores não fallam no modo como era alistada e disciplinada aquella chusma de insubordinados ; mas póde suppôr-se que lhes deixaram em parte continuar nos seus habitos de libertinagem, fechando os olhos aos excessos e dando-lhes a liberdade de levar para a guerra quantas mulheres queriam.

Seja como fôr, aquella phalange de ribaldos, composta da relé d'uma soldadesca vagabunda e desenfreada, distinguiu-se em taes feitos de armas, commetteu tão extraordinarias façanhas, tão brilhantes provas de intrepidez deu que Filippe Augusto fez d'ella um corpo *d'élite,* encarregando-o do serviço especial de guardar a sua real pessoa.

Os chronistas referem que o rei tinha a acautelar-se dos punhaes dos assassinos, que o *Velho da Montanha* enviava continuadamente uns após outros a arrojar-se sobre as espadas nuas dos ribaldos do rei christianissimo. Estes ribaldos acompanhavam o rei por toda a parte e em todas as guerras, sem poupar o sangue, animados como eram pelo incentivo do saque. Guilherme, *o Bretão,* que descreve as proezas d'aquelles soldados, apresenta-os na sua *Philippida,* como heroes indomaveis, nunca voltando as costas a perigo algum, nem mesmo resguardando o peito com qualquer armadura :

Et ribaldorum nihil hominus agmen inerme
Qui numquam dubitant in quœris ire pericla.

*

N'outro logar o mesmo poeta descreve-os carregados com o saque:

Nec munus armigeri, ribaldorumque manipli,
Ditati spoliis, et rebus, equisque subibant.

Quando Filippe Augusto foi sitiar Tours, depois de ter submettido Poitou, escolheu um capitão ribaldo (*duce ribaldo*) para procurar um vau no rio Loire, e encontrado por este capitão, quasi por milagre, (*quasi per miracula*) o exercito passou o rio e os ribaldos do rei (*ribaldi regis*, diz Rigord,) que eram os primeiros a correr ao assalto (*qui primos impetus in expugnandis munitionibus facere consueverunt*) precipitaram-se para as escadas, e a praça não esperou para ser tomada de assalto e abriu as portas ao rei.

Em virtude d'estes feitos e de outros do mesmo genero, é certo que os ribaldos de Filippe Augusto formavam uma melicia temivel, mas pouco disciplinada e capaz de todas as violencias. O rei, em attenção aos seus serviços, tão pouco exigia d'elles a mesma disciplina e deveres impostos aos outros corpos do exercito; todavia como não era possivel, sem maus exemplos, deixar impunes todos os delictos d'aquella tropa desenfreada, que apenas reconhecia a auctoridade dos seus chefes, e, que quando não se batiam, unicamente se occupavam na libertinagem, o rei teve de confiar o commando supremo d'estes indomaveis ribaldos a um dos officiaes mais graduados da sua casa, ao que estava encarregado da policia interna do palacio, e que tradicionalmente exercia uma temida auctoridade sobre os reus de delictos de toda a classe, commettidos no dominio da sua jurisdicção.

Este funccionario palaciano tinha tambem um antigo prestigio de respeito e terror, pois era sempre acompanhado pelo carrasco. Para elle não havia intervallo entre a condemnação e a execução, sentenciando a pena ultima com a mesma facilidade com que impunha uma ligeira pena, sempre acompanhada d'uma multa em proveito proprio.

O logar de rei dos ribaldos veio a ser muito lucrativo, tanto pelo que rendiam as multas criminaes, como pelas contribuições impostas ás prostitutas, taberneiros, etc.

Tinha tambem parte no saque feito pelos ribaldos nas suas expedições e ainda, como se tal lhe fizesse falta, arrogava-se o direito sobre os prisioneiros de guerra.

Lê-se na lista dos cavalleiros feitos prisioneiros na batalha de Bouvines em 1214:

Rogerus de Wafalia. Hunc habuit Rex Ribaldorum, quia dicebat se esse servientem.

Este fragmento, citado por Ducange, prova que o rei dos ribaldos tinha em tempo de guerra a qualidade de primeiro capitão das guardas do rei; mas não nos evidenceia, se este official da corôa de França exercia funcção activa nas batalhas ou se combatia á frente do seu bando como os demais capitães. Assim se póde suppôr, acreditando n'uma ficção do *Romaince de la Rose*, composto no seculo decimo terceiro por Guilherme de Lorris, que faz do rei dos ribaldos um capitão, quando o Deus do amor reune o seu exercito para libertar da prisão *Bel-acueil*; mas a maneira como se dirige a *Faux-semblant*, pedindo-lhe que conduza os ribaldos ao assalto, demonstra sufficientemente que a má reputação dos soldados se reflectia no chefe.

São os seguintes os versos do *Romaince de la Rose*, em que o deus do amor se dirige a *Faux-semblant*, dizendo o que deve fazer:

Faux-semblant, par tel convenant,
Tu seras a moy maintenant

Et à nos amis aideras,
Et point tu ne les graveras,
Ains penseras les enlever,
Et tous nos ennemis grever
Tien soie le pouvoir et le baux
Car le roy seras des ribaux.

(*Faux-semblant*, em troca d'isto pertencer-me-has e aos meus amigos ajudarás sem que os agraves; protege-os e molesta os inimigos. Será teu o poder e a honra, porque és o rei dos ribaldos.)

E' claro que n'esta citação, como o observa Pasquier, o rei dos ribaldos é apresentado como capitão de armas, e não como magistrado. Ha tambem razão para suppôr que exercesse os dois poderes, quando se pensa no que foram os ribaldos de Filippe Augusto, ainda mesmo depois de terem sido organisados como guardas de corpo do rei. Um chefe que não tivera a auctoridade de um juiz nunca teria podido disciplinar aquella horda de miseraveis, a quem apenas o terror podia conter em respeito. Todos os historiadores d'aquella época fizeram terriveis descripções, que nos iniciam na difficil e perigosa missão do rei dos ribaldos.

Escutemos Guilherme de Neubrige (liv. v, cap. 2) «Certos desavergonhados da estofa dos homens chamados ribaldos.»

Ouçamos Mathieu Paris: «Ladrões, bandidos, fugitivos, excommungados que a França agremia sob o nome de ribaldos.»

Mas em parte alguma está melhor descripto o genero de vida dos ribaldos, do que na chronica do Longpont, em que o prior da abbadia pergunta a João de Montmirel o que aspirava a ser no mundo.

—Quero ser ribaldo, responde altivamente o mancebo, que mais tarde devia ser canonisado.

—Devéras! exclama estupefacto o prior. Aspiras a fazer parte d'essa gentalha, tão desprezivel ante Deus como perante os homens! Por ventura, para acompanhar esses facinoras não será necessario jurar e perjurar constantemente, jogar os dados, levar bilhetes (*tabellam comportare,*) ter concubinas (*pellicem circumducere*) e viver sempre na crapula?»

Comprehende-se sem difficuldade que as rixas e homicidios eram mais frequentes entre aquelles bandidos, e que o rei dos ribaldos deveria muitas vezes intervir para as apaziguar, pois que os ribaldos eram sempre acompanhados das ribaldas, mulheres avidas, tão turbulentas e incorrigiveis como elles. E' provavel que a milicia dos ribaldos do rei tivesse sido licenciada, depois da morte de Filippe Augusto, talvez por causa de qualquer revolta; pois que, se os ribaldos ainda continuam figurando em todas as cruzadas, em todas as guerras e em todas as cavalgatas, iam, mal armados e peior vestidos, de tal modo, que o proverbio *nu como um ribaldo,* tornou-se vulgar desde 1530, segundo o relata uma antiga chronica manuscripta, de que Ducange transcreveu alguns versos.

Guilherme Guiart, que no seu poema historico os *Royaux lignages*, mette em scena os ribaldos, pinta-os com as mais miseraveis côres:

«Bruient soudoiers et ribaus
Qui de tout perdre sont si baux,

Ribaux, qui volentiers oidivent,
Par costume d'antiquité,
Queurent aux murs de la cité.

Ribaux, qui del ost se departent
Par les chants ça et la s'espardent
Si uns nue pilete porte,
L'autra, croc on massue torte.

Por fim, já não são tropas regulares nem assoldadadas, mas sim bandos que se entregam á pilhagem que devoram o paiz, e que recrutando-se em todas as partes, formam essas terriveis hordas d'aventureiros, que a França assombrada viu multiplicar-se em todos os seus excessos, até ao reinado de Carlos v.

«Tal gente, diz uma velha chronica inedita, citada por Ducange, são bandidos, ratoneiros, ladrões e são gente infame, dissoluta e excommungada.»

O rei dos ribaldos muito tinha que fazer com tal gente, principalmente quando o exercito do rei estava acampado: administrava justiça expeditiva e algumas vezes presidia ás execuções, para lhes dar um caracter mais solemne e inspirar mais terror aos seus incorregiveis subditos. Mas a sua auctoridade foi perdendo a importancia, á medida que a dos marechaes ia augmentando: pois que o rei dos ribaldos, sendo um cargo unicamente destinado á casa real, não tinha alçada senão nos estabelecimentos dependentes da casa do rei. Fóra d'este caso, nas expedições militares, nos acampamentos, o conhecimento de todos os crimes e delictos competia de direito nos prebostes dos marechaes, que, pouco a pouco, se foram apoderando da auctoridade dos reis dos ribaldos.

Este official foi tambem supplantado pelo grão preboste dos marechaes na hoste ou sequito real, ahi por fins do decimo quarto seculo, pois que João Boutillier diz que o rei dos ribaldos era encarregado de cumprir as ordens dadas pelo preboste dos marechaes.

«E se acontece, accrescenta, que algum facto criminoso succeda, o preboste é de direito senhor do ouro e prata que esteja no cinto do malfeitor, e aos marechaes pertence o cavallo, os arnezes e mais pertences, se os ha, ficando as roupas, sejam ellas quaes forem, para o rei dos ribaldos, que tiver assistido á execução.

Na época em que Boutillier escrevia a *Somme rurale,* o rei dos ribaldos já não era senão uma pallida sombra do que tinha sido: o proprio titulo era desprezado e os seus rendimentos não eram tão pouco para engrandecel-o.

«O rei dos ribaldos, accrescenta Boutillier, tem de direito conhecimento de todos os jogos de dados e quaesquer outros que se joguem no sequito do rei. *Item,* pelos alojamentos dos bordeis e das mulhees bordaleiras, receberá dois soldos por semana.»

E não é tudo: o poder do rei dos ribaldos da casa real estava circumscripto aos limites da sua jurisdição, fóra da qual funccionavam, cada um na sua zona, um grande numero de rei dos ribaldos, encarregados da policia dos costumes e nomeados pelos senhores, ou pelas cidades ou pelos subditos de similhantes reis, isto é, pela gente perdida dos dois sexos. Onde houvesse uma ribalderia, naturalmente havia um rei dos ribaldos.

Esta qualificação de *rei* pertencia consuetudinariamente ao chefe ou superior d'uma corporação, principalmente as que governavam muitas communidades distinctas, ou que tinham sob a sua auctoridade um grande numero de profissões diversas. Por isso não se chamavam reis os chefes dos pelleiros, dos tendeiros, dos padeiros e mais gremios que tinham mestres ajuramentados, porque só comprehendiam officios e trabalhos da mesma especie; mas havia um rei de gremio. O reinado dos poetas reunia n'uma só corporação os generos e talentos mais variados: os poetas formavam uma grande confraria, em que abrigavam não só os poetas, mas os musicos, os bailarinos e os mimicos. Os alabardeiros agrupavam-se indifferentemente a qualquer outra classe e nomeavam um rei escolhido pela côrte ou designado como o mais destro atirador.

A ribalderia, igualmente composta de individuos de todas as classes, como prostitutas, rufiões, libertinos, jogadores, vadios e outra gente da mesma qualidade, era digna de ter o seu rei. O rei dos ribaldos da côrte seguramente, pelo menos em certas occasiões, exercia certa supremacia sobre as demais ribalderias.

Claudio Fauchet, no seu primeiro livro das *Dignités et magistrats de la France,* faz uma apreciação bastante exacta do cargo do rei dos ribaldos, no interior do palacio real:

«Aquelle, diz, que se chamava *rei dos ribaldos,* não exercia, como alguns querem, as funcções de preboste da casa do rei; assim era, que tinha auctoridade para expulsar da casa do rei os que n'ella não deviam comer nem dormir; porque em tempos passados, os que tinham *bocca na côrte,* quando tocava a campainha accudiam ao refeitorio e os demais eram obrigados a deixar o palacio; e, fechada a porta, as chaves eram depositadas sobre a meza do mordomo-mór, porque aos que não tinham as esposas no palacio era-lhes prohibido dormir na casa do rei e tambem para vêr se alguns estranhos se tinham escondido ou alguns tinham levado *garzas* ou mulheres de má nota, o rei dos ribaldos, com um archote na mão, esquadrinava por todos os recantos do palacio a vêr se encontrava ladrões ou gente suspeita.»

Fauchet, quasi contemporaneo do ultimo rei dos ribaldos, representa-o no exercicio das suas funcções, como o vira ainda na côrte; mas não o considera em todas as suas phases, nem o descréve em todas as épocas do seu esplendor e decadencia.

Estevão Pasquier transcreve este capitulo do memorial do Tribunal de contas em 1825:

«*Item:* O rei dos ribaldos tem uma ração, um criado, e sessenta soldos por anno.»

Como anteriormente a este artigo, os *porteiros do parlamento, quando o rei não está,* estão descriptos como tendo dois soldos, deduz-se que o rei dos ribaldos, ganhando menos, tinha inferior cathegoria; mas no caso do extracto ser errado, o que é evidente, é não ser a sua remuneração grande.

N'uma conta da casa real do anno de 1812, o criado do rei dos ribaldos é chamado o seu preboste: *Præpositus regis ribaldorum, qui duxit* IV *valetos qui vulnuverant,* etc. Este preboste evidentemente commandava uma força de archeiros, pois levou presos quatro servos accusados de ter ferido um homem.

N'outra conta da casa do rei Philippe, *o Largo,* em 1371, vê-se apparecer novamente o rei dos ribaldos, na qualidade de chefe supremo da policia do palacio.

Depois de enumerados alguns servidores, taes como porteiros, lê-se o seguinte:

«*Item:* Crusse Joe, rei dos ribaldos, não comerá na côrte nem entrará na sala; mas terá seis dinheiros tornezes de pão, uma ração de carne e uma gallinha, e uma ração de aveia e treze dinheiros de soldo, e tirará cavalgadura das reaes cavallariças, e deve estar sempre fóra da porta e tomar sentido que não entre senão aquelle que direito tiver.»

Um outro capitulo da mesma conta apresenta-nos o rei dos ribaldos em exercicio, ás horas da comida, e este capitulo está conforme com o que Fauchet diz sobre as attribuições d'este official no interior do palacio.

«*Item:* Deve saber-se que os guardas da sala, logo que se grite *Aux Gueux* (a comer) farão sahir da sala todos, exceptuando os que tenham de comer, e os devem entregar aos escudeiros da porta e estes aos porteiros, e os porteiros ao rei dos ribaldos, e o rei dos ribaldos deve ter o maior cuidado em que ninguem entre, e o que commetter alguma falta será castigado pelo mordomo de serviço.»

Assim, no reinado de Philippe *o Largo,* o rei dos ribaldos tinha decahido de seus antigos privilegios, até não ter *bocca na côrte,* e estar subordinado aos mordomos do palacio.

Esta supremacia dos mordomos reaes apparece principalmente n'um decreto do parlamento, de 16 de março de 1404, em que se diz terem os mordomos real jurisdição sobre os dependentes do rei dos ribaldos.

A decadencia progressiva do rei dos ribaldos torna-se ainda mais evidente pela diminuição dos seus honorarios. N'uma conta da casa real, fixam-se, em 1324 esses honorarios em 20 soldos: em 1350, em virtude de uma ordenação de Philippe de Valois, esse ordenado é reduzido a 5 soldos diarios; em 1386, diz uma ordenação de Carlos VII: «O rei dos ribaldos receberá quatro soldos por dia, quando esteja na côrte.»

Apesar da sua decadencia, este officio da corôa conservou uma certa consideração, até ser definitivamente supprimido nos principios do seculo XVI. Dutillet diz:

«Foi desempenhado por gentis-homens de boas familias, cuja auctoridade era grande nas familias dos principes, senhores e mais pessoas da comitiva real.»

Todavia a historia menciona um rei dos ribaldos, posto com o seu preboste no pelourinho, sem duvida por não ter cumprido o seu dever. Uma conta da casa do duque de Normandia e d'Aquitania, filho de Carlos V, em 1383, relata n'estes termos tão notavel facto:

«João Guerin, rei dos ribaldos, pela despeza d'elle e mais tres, indo de Corbeil e Sedane conduzir Guillet, que foi rei dos ribaldos, e a Picardin seu preboste, para os expôr no pelourinho.»

Deve suppôr-se que o rei dos ribaldos, a quem d'este modo se expunha ao desprezo publico, não tivesse desempenhado as suas funcções no palacio real, mas sim em qualquer cidade dependente da jurisdição do rei dos ribaldos da côrte. Este tinha direito de execução e de exacção sobre certos criminosos, que lhe eram entregues por sentença dos tribunaes ordinarios da casa real, como é mencionado no registro do Tribunal de Contas em 1330:

«Impõe-se silencio perpetuo a duas mulheres que reclamaram contra o decreto do tribunal, que as condemnou a ser entregues ao rei dos ribaldos para serem castigadas como infames.»

N'uma conta da casa real de 1396 vêem-se descriptos sessenta e oito soldos pagos pela mão do rei dos ribaldos ao executor que tinha enforcado o malfeitor João Boulart, e enterrada viva uma mulher chamada Pernette la Basmette, pelo roubo de um objecto da côrte no castello de Compiègne.

O rei dos ribaldos, quando queria ser exemplar no cumprimento dos seus deveres, tinha muito que fazer no palacio real; naturalmente não assistia em pessoa ás execuções, que lhe eram confiadas, sendo substituido pelo seu preboste; mas era elle quem pagava ao carrasco e era responsavel pelo trabalho dos seus subordinados. Estes, exactamente como o seu chefe, tinham na espada certas insignias, diz Dutillet, para recordar que o rei dos ribaldos n'outros tempos exercera justiça criminal em casa do rei.

Este personagem devia ser um dedicado servidor, um fiel e incorruptivel defensor da pessoa do rei, pois lhe eram confiadas a guarda das portas e a policia interior do palacio, durante as refeições e depois da sobremeza. Por isso não é para estranhar o vêr-se um rei dos ribaldos morrer repentinamente de commoção na sagração de Carlos VI, em 1380. Aquelle que se reputa ter sido o ultimo titular d'este cargo, João Talleran, senhor de Grignaux, deu uma prova de abnegação á corôa, aconselhando o joven duque d'Angoulême, a quem via muito enamorado de Maria d'Inglaterra, a que não desse um herdeiro ao velho Luiz XII; foi este conselho, de uma grande previsão politica, acceite pelo joven principe, depois Francisco I, que lhe fez refrear e extinguir o seu imprudente amor.

O rei dos ribaldos não exorbitava das suas attribuições, quando dava este conselho ao seu futuro soberano, pois que o seu cargo não era estranho aos adulterios. Segundo muitos eruditos, o rei dos ribaldos exigia cinco soldos de toda a mulher casada, que tivesse relações amorosas com homem que não fôra seu marido. Mas é provavel que o rei dos ribaldos da côrte não tivesse os pri-

vilegios locaes dos demais reis da ribalderia. Não é, por exemplo, difficil o applicar-lhe o que, da multa de cinco soldos lançada a toda a mulher adultera, diz o auctor anonymo da *Historia das Inaugurações* (Bevy): «Se a mulher recusava pagar, tinha direito de se apropriar da sua cadeira,» provavelmente a sua cadeira de honra, a que habitualmente occupava.

Que as mulheres de má nota do sequito real lhe pagassem um imposto, é uma circumstancia em nada contraria aos usos e costumes do direito feudal, que obrigavam todo o feudatario a pagar um tributo a seu senhor. O tributo semanal das vassallas do rei dos ribaldos deve ter sido de dois soldos d'ouro, a dar credito a Boutillier e á Ragueau.

João Ferron, que descreve este funccionario guardando a camara do rei, não hesita em infamal-o, affirmando que tinha casa sua, onde negociava com as mulheres publicas. Esta nova attribuição, com que se enriqueceram estes reis da gente de má nota dos palacios reaes, não é destituido de verosimilhança, quando depois se viu sobre as ruinas d'aquelle cargo supprimido erguer-se o de *Dama das cortezãs,* cargo analogo em pleno exercicio durante a maior parte do seculo decimo sexto.

Finalmente, Dutillet accrescenta aos emolumentos do rei dos ribaldos um serviço especial das mulheres publicas, que tinham a obrigação de fazer-lhe a cama (*faire son lit*) durante todo o mez de maio.

Depois da morte do senhor Grignaux, quebrado o sceptro do rei dos ribaldos «a policia das cortezãs, foi encarregada a uma dama e ás vezes a uma dama d'alta linhagem, diz Mr. Rabutaux.» Em 1535 chamava-se essa dama Oliva Santa e recebia de Francico I uma pensão de noventa libras «para ajudar a ella e ás referidas cortezãs a viver e a occorrer ás despezas que tinham a fazer segundo a côrte.» (V. o *Glossaire* de Ducange e Carpentier, na palavra MERETRICALIS VESTIS.

Muitas outras ordenações do mesmo genero, feitas ahi pelos annos de 1539 a 1546, foram conservadas, e provam estas que todos os annos no mez de maio todas as cortezãs, officiaes por assim dizer-se, tinham a honra de apresentar o *ramo de romanzeira,* que annunciava o começo da primavera e dos prazeres do amor.

Em 30 de junho de 1540, Francisco I ordena a João de Val, thesoureiro da casa real:

«Que pague á vista a Cecilia de Viefville, *Dama das jovens alegres da comitiva da côrte,* a somma de 45 libras, com o valor de 29 escudos de oiro cada uma, o que lhe manda dar a ella e ás outras mulheres da sua profissão para que entre si o repartam, e isto por direito do ultimo mez de maio, como é uso desde a mais remota antiguidade fazer-se.»

Não somos da opinião de Babutaux, que confunde Cecilia de Viefville com uma duqueza da antiga casa de Vieuville, que só possuia marquezes no tempo de Henrique, e duques no reinado de Luiz XIV. M. Champollion-Figeac, publicando esta notavel ordenação nas suas *Mélanges historiques* (tit. IV., pag. 479) julgou vêr na nobre esposa de um duque e par de França a herdeira collateral do rei dos ribaldos da casa real.

Este vergonhoso cargo ainda existia em 1558, pois Goye de Longuemare descobriu uma ordenação de Henrique II, com data de 13 de julho d'aquelle anno, que reforma os abusos da instituição:

«E' expressamente ordenado a todas as mulheres publicas que não estejam no registro da citada dama das cortezãs, que, immediatamente depois da publicação d'esta, saiam da côrte, com prohibição das que estiverem n'esse registro de atravessar as povoações, e aos carreiros e mais gente que as levem ou alojem, nem que jurem ou blasphemem contra o nome de Deus, sob pena de açoites, e outrosim se ordena ás mesmas cortezãs que obedeçam e sigam a ci-

lada dama como costume é, sendo, sob pena de açoites, prohibido o injurial-a.»

Tal foi a ultima transformação do cargo do rei dos ribaldos na côrte de França.

Em quanto aos demais reis de ribalderia, dependentes do da côrte, emcontram-se por toda a parte na historia municipal das cidades e na historia particular das principaes familias. Havia tambem na côrte de Borgonha um rei dos ribaldos, cujas funcções eram as mesmas que as do seu collega da côrte de França. Colin-Boule exercia esse cargo no reinado de Philippe, o *Bom*, e este nome não revela um alto personagem. Em 1423 o titulo de rei dos ribaldos havia, é verdade, perdido muito do seu antigo esplendor e o parocho de *Notre-Dame* de Abbeville não devia sentir-se muito orgulhoso com o seu titulo de ribaldia, porque os subditos, chamados ribaldos, lhe prestavam homenagem e serviços. Comprehende-se que o titulo não fosse o mais conveniente para inspirar respeito, aos que conheciam os excessos dos ribaldos, a quem só com muito rigor o seu rei podia governar.

Este funccionario na sua origem tinha sido muito mais respeitavel e poderoso, pois que a ribalderia ainda o não tinha ennodoado com o seu nome. N'um tratado d'Henrique II, rei de Inglaterra, o duque de Normandia, reinante em 1154 (v. Ducange na palavra PANAGATOR,) evidentemente se trata dos rei dos ribaldos e o que desempenhava essas funcções, Belderico, filho de Gilberto, honrado com o favor do seu senhor, foi investido do cargo de grande preboste dos marechaes na provincia da Normandia, e chamado «guardador das mulheres publicas, que se prostituem no lupanar de Ruão (*Custos meretricum publice venalium in lupanar de Roth.*)

Nas cidades da provincia o rei dos ribaldos era não só juiz, mas executor da justiça criminal da ribalderia. Um antigo registro do municipio de Bordeus refere que todo o condemnado era «entregue ao rei dos ribaldos, para o fazer percorrer a cidade, castigando-o com boas varas.»

Metz tinha igualmente o seu rei dos ribaldos, que tambem não era um elevado personagem.

O rei da ribalderia de Laon nem sempre vivia em boa intelligencia com o bailio do Vermandois: em 1270, o seu preboste, de nome Poinsard (*Poinçardus, præpositus ribaldorum*) foi accusado perante o tribunal do bailio por haver commettido, de sociedade com os chamados Croseton e Wiet Lipois, actos de violencia contra a abbadia de S. Martinho de Laon, e contra o seu abbade (v. os *Olim*, publicados pelo conde Beugnot, tit. I, pag. 813.)

Este facto, sem duvida, motivou a suppressão do cargo de rei dos ribaldos em Laon, pois que Filippe II, em uma ordenação de 1283, determina ao bailio de Vermandois que, sob pretexto algum, consinta tal cargo, quer fosse publico ou secreto (*quod clam vel palam sub aliquo simulato colore non permittat regem ribaldorum in villa Laudunensi.*)

A supressão d'este cargo, não se estendeu a todas as localidades, pois que em 1483 a cidade de *Saint-Amand* tinha *um rei das mulheres publicas*, chamado Jacob Godunesme.

O algoz de Tolosa tomou tambem o titulo de rei dos ribaldos, como se para desacreditar a ennodoada causa da ribalderia ainda lhe faltasse mais esta infamia

Finalmente *la Coutume* de Cambray definiu sem reticencias os privilegios do seu rei dos ribaldos.

«O dito rei, deve receber por qualquer mulher que com homem se junte carnalmente... cinco soldos por uma só vez.—*Item*, por todas as mulheres que venham da cidade e que estejam sob a sua alçada, dois soldos tornezes pela primeira vez.—*Item*, por cada mulher da dita ordenação, que mude de

casa, ou que saia da cidade, por uma noite, doze dinheiros. —*Item*, deve ter uma mesa e um *brœlang* áparte, para elle em um dos feudos do palacio, ou no logar que lhe fôr designado pelo bailio.»

Estes artigos fazem-nos conhecer, d'uma maneira precisa, o imposto que o rei dos ribaldos d'esta cidade exigia, não só ás mulheres publicas, com residencia fixa, mas tambem ás que passavam pelos seus dominios.

Estes impostos nem sempre se recebiam sem difficuldades, e os agentes do rei dos ribaldos, as mais das vezes para os perceberem, encontravam grande opposição e resistencia. Um certo Antonio de Sagiac, que se dizia commissario do rei dos ribaldos de Macon, morreu n'uma desordem havida na povoação de Beaujeu quando ia realisar a exacção de cinco soldos de multa, imposta a uma mulher casada, accusada de adulterio. Pedro Talon, marido d'esta mulher, chamada Colasa e seu irmão Estevão, intervieram na desordem para defender a accusada.

Antonio de Sagiac, era um ribaldo da peior especie, frequentador de tabernas, vivendo á custa das desgraçadas, a quem para extorquir dinheiro impunha multas sob os pretextos mais indignos. Mas d'esta vez sahiu-se mal; Colasa, tirando forças da sua honradez, sustentou ser mulher honesta, allegando não conhecer outro homem que não fosse o seu marido; este affirmou tambem a honra da esposa, e, como o ribaldo a quizesse prender para a levar para Macon, Pedro Talon e seu irmão mataram-o alli mesmo.

O bailio de Macon instaurou processo contra os homicidas e contra Colasa, causa do crime; mas o processo evidenciou, que o indigno funccionario havia accusado injustamente Colasa (*contra veritatem imponens quod ipsa cum alio quam viro occubuerat*) e que o ribaldo (*se gerens pro ribaldo et se dicens de ordine seu de estatu galiardorum seu buffonum*) passava vida escandalosa por tabernas e bordeis, abusando da ingenuidade das mulheres mais honestas, a quem exigia o imposto meretricio em nome do rei dos ribaldos.

Por isso obtiveram-se cartas de perdão para os processados, que nunca mais tornaram a ser incommodados por causa da morte de Sagiac.

Mas n'aquellas cartas de perdão que justificavam Colasa, não se dizia d'um modo cathegorico que o rei dos ribaldos de Macon não tivesse direito de cobrar cinco soldos de cada mulher convencida de adulterio (*super qualibet muliere uxorata adulterante, sibi competere et posse exigere quinque solidos et pro eisdem dictam talem mulierem de suo tripede pignorare.*)

Pelo contrario, o rei de França parecia implicitamente reconhecer este *vectigal*, ou tributo da prostituição (*De talique et alio vili quœstu*) que a ribaldia de Macon lançava.

CAPITULO IX

SUMMARIO

Estado da prostituição depois da ordenação de 1254.—Instituição da policia dos costumes.—Equiparação das tabernas aos bordeis.—Organisação das mulheres publicas por Luiz XI.—Os judeus.—Ordenações sumptuarias relativas ás mulheres publicas.—Estatutos dos barbeiros.—Banheiros de estufas.—Estatutos dos carniceiros.—Morte de S. Luiz.—Filippe, o *Corajoso*.—Ordenação de 1272.—As agulhetas e cintos dourados.—Correr o *guilledou*.—As tres amantes de Filippe, o *Formoso*.—A torre de Nesle.—Filippe e Gautier de Launay.—João Buridan.—O burro de Buridan.—Estado dos costumes depois das cruzadas.—*Hic et hoc*.—Os templarios.



LUIZ IX demonstrou a sua candura e virtude, pretendendo supprimir a prostituição no reino de França. A ordenação de 1254, em que era decretado o desterro das mulheres de má vida, não foi nunca rigorosamente executada, porque não podia sel-o. Para se subtrahirem ás severas prescripções da lei, aquellas desgraçadas mulheres só em segredo exerciam a sua vergonhosa industria, acobertando-se com todos os disfarces, recorrendo a todos os ardis para não serem presas em flagrante.

Sem duvida, o numero das infelizes diminuiu, e os libertinos encontraram grandes obstaculos para satisfazerem os seus desejos sensuaes; mas a prostituição não deixou de continuar a sua obra, logrando quasi sempre illudir a vigilancia dos perseguidores officiaes. Já não existia, é verdade, em estabelecimentos publicos, vigiada pelos regulamentos policiaes; mas estava em toda a parte e existia, sob apparencias honestas e respeitaveis, no centro das cidades e no interior das casas particulares.

As cortezãs que teimavam em desobedecer á ordenação do rei, eram e deviam ser as mais viciosas, as mais corrompidas. A necessidade de dissimular a sua depravação abrigava-as, por assim dizer, a preverterem-se mais, fazendo-se hypocritas e mentirosas: não podiam fugir a suspeitas, sem apparentar de honestas, vestindo e tendo os habitos das mulheres virtuosas: frequentavam as egrejas e só appareciam em publico trazendo um veu sobre o rosto e um rosario na mão. E algumas d'ellas, privadas do seu commercio, entraram em communidades religiosas, sob o pretexto de penitenciarem-se, mas que deu como resultado o peiorarem os costumes dos conventos.

Bem depressa se reconheceu que a prostituição legal tinha menos inconvenientes, do que a prostituição occulta e illicita; convenceram-se tambem de que não seria possivel destruil-a e que obrigal-a a esconder-se, era dar-lhe novas forças, mais provocadoras ainda. Os libertinos de profissão sabiam sempre onde encontrar os meios de satisfazer os seus habitos viciosos; conheciam os logares onde se escondiam as suas cumplices, que impunemente procuravam

sempre que queriam, e nem mesmo lhes era necessario distinguir entre muitas mulheres as que os satisfizessem, e até muitas vezes fingiam enganar-se e dirigiam-se a mulheres honestas, que fugiam envergonhadas dos ultrages recebidos.

Os libertinos, ainda em começo da sua vida desregrada, enganavam-se effectivamente com as mulheres encontradas sós e perseguiam-as com galanteios licenciosos.

«Então, e por este motivo, diz Delamare no seu *Tratado da Policia,* teve de mudar-se de procedimento sobre este ponto disciplinar. Resolveu-se, pois, que as mulheres de má vida fossem toleradas, mas que tambem fossem designadas ao publico. Marcaram-se-lhes ruas, casas de habitação, o vestuario que deveriam usar e as horas de recolher.

Esta passagem do *Tratado da Policia* é muito notavel, pois fixa data á instituição da policia dos costumes, data que não está estabelecida por testemunha alguma contemporanea, nem por qualquer ordenação real, nem municipal; mas o douto Delamare tinha estudado os antigos monumentos da nossa jurisprudencia, os registros do parlamento, os do Chatelet, os do prebostado de Paris, e não teria asseverado um facto d'esta natureza, não tendo visto a prova, a qual, naturalmente, foi deduzida dos estatutos da corporação das mulheres alegres (*folles;*) estatutos que Sauval cita expressamente, e que foram redigidos na época em que cada profissão cuidadosamente recuperava os seus antigos privilegios e os fazia registrar nos archivos do preboste de Paris.

Temos pois a ordenação de 1256 (e não de 1254, como diz Delamare,) restabelecendo o exercicio da prostituição legal; mas esta ordenação não trata, de modo algum, das ruas, nem dos logares designados para habitação de mulheres publicas, nem dos seus vestuarios, nem das suas horas de recolher. Todavia, como nas ordenações anteriores, estes differentes detalhes de policia tinham com muita precaução sido regulados, é mui natural attribuir a S. Luiz ou antes a Estevão Boileau esta regulamentação muito similhante á dos officios de Paris.

Estevão Boileau não pertenceu ao prebostado até 1258, mas gosava, já muito antes, da estima do rei, que frequentemente reclamava os seus conselhos, e que, tendo-o escolhido para reconstituir o prebostado, ia algumas vezes sentar-se a seu lado, quando Boileau administrava justiça no Chatelet.

«Aquelle prudente preboste, diz Delamare, foi quem reuniu todos os commerciantes e artistas em corporações ou communidades, sob o titulo de confrarias ou gremios, segundo o commercio ou arte de cada um dos grupos; foi elle quem deu a estes commerciantes os primeiros estatutos para seu governo e regimen.»

Não seria muito natural o comprehender as mulheres publicas n'esta vasta organisação de officios, em que o legislador quiz proteger os direitos de cada um, e claramente definir as profissões, segundo os seus usos tradicionaes?

Luiz IX, consentiu, pois, em modificar a sua ordenação de 1254 e, accrescentando-lhe algumas palavras que não lhe alteraram muito o texto, deu-lhe um sentido totalmente diverso: foi uma maneira indirecta de tolerar a prostituição.

E' este o artigo que annulla a ordenação de 1254:

«*Item:* que todas as mulheres publicas e ribaldas communs sejam expulsas de todas as nossas boas cidades e villas; especialmente sejam expulsas das ruas das ditas boas cidades, para fóra dos muros e para longe de todos os logares sagrados, como egrejas e cemiterios, e que quem alugue casa nas ditas cidades e boas villas a mulheres communs, ou as receba em sua casa, pagará aos fiscaes da lei o aluguer d'um anno.»

Em virtude d'esta ordenação publicada em Paris, a prostituição, legal que havia desapparecido por espaço de dois annos, recomeçou regularmente sob a

protecção dos funccionarios reaes, e todas as ordenações anteriormente publicadas a respeito da prostituição, fundaram-se na de S. Luiz que, se não havia creado, havia pelo menos reformado a policia dos costumes.

Os artigos que precedem, na ordenação de 1256, o que acabamos de reproduzir, não são completamente estranhos ao assumpto, pois qualificam na classe dos libertinos aos jogadores de dados e aos blasphemos, equiparando assim o jogo e a blasphemia á prostituição.

O santo rei prohibe pois aos senescaes, bailios e outros funccionarios e *serviçaes* de qualquer cathegoria, o proferir qualquer palavra offensiva a Deus, á Virgem ou aos santos. «E acautellem-se, accrescenta, do jogo dos dados, dos bordeis e das tabernas.»

Em seguida prohibe, em todo o seu reino, o fabrico dos dados e determina que qualquer homem, encontrado a jogar os dados, seja tido como infame e não possa testemunhar em juizo.

Estes artigos da lei provam que, n'aquelle reinado, as tabernas não tinham melhor fama que os bordeis, e por isto se apreciará a especie de homens e mulheres, que se reuniam n'aquelles antros de libertinagem, onde não se entrava sem deshonra.

Era isto uma recordação da lei romana, que os jurisconsultos começavam a estudar, e que tinha em má conta as tabernas onde se bebia e se comia e tambem onde se jogava e dormia. Comtudo pela mesma occasião em que uma ordenação do rei declarava infame áquelle que frequentasse estes immundos logares, o preboste de Paris publicava os estatutos dos taberneiros, nos quaes, todavia, unicamente se occupa da venda de vinho a pregão; mas como qualquer podia ser taberneiro, comtanto que tivesse meios para pagar o imposto ao rei e á cidade, a corporação que por isso se compunha de toda a classe de gente, não podia aspirar á consideração da gente honrada.

Estes taberneiros eram unicamente obrigados a vender o vinho por medida legal, e podiam além d'isso fazer outras especulações deshonestas, abrindo as suas portas ás ribaldas e ribaldos, que passavam alli os dias jogando os dados, blasphemando e commettendo as acções mais culposas. No curto espaço do tempo em que a prostituição foi obrigada a occultar-se, as tabernas substituiram os bordeis e estes transformavam-se em tabernas, quando aquelles, por uma ordenação do mesmo rei que os havia mandado fechar antes de comprehender a sua utilidade, foram restabelecidos.

Delamare pretende que, durante a prohibição da prostituição legal, na nossa lingua as mulheres publicas começaram a ser qualificadas com nomes particulares e odiosos, designadores da ignominia do seu officio. E' de crêr que estes nomes tivessem sido expressamente inventados para inspirar mais horror e desprezo pelas mulheres que por ventura mereciam taes qualificativos.

«Sem duvida julgou-se, diz, que fazendo-as assim conhecer, o pudor natural ao sexo coadjuvaria as leis, e que os proprios homens se envergonhariam de ser recebidos em logares e por pessoas tão infamadas.»

Estamos reduzidos a conjecturas a respeito da organisação das mulheres publicas, no reinado de Luiz IX; mas é incontestavel que esta organisação existiu e que se perpetuou pelos reinados seguintes sem ser radicalmente modificada e que são sempre as ordenações de S. Luiz as que os reis, seus successores, invocam para regulamentar a prostituição legal. N'outro capitulo occupar-nos-hemos das ruas bordelarias n'aquella época. Não encontramos nenhum texto historico provando que as mulheres de má vida fossem então marcadas ou com distinctivo infamante como os judeus, ou com um trajo de côr caracteristica. Todavia, motivos ha para crêr que Luiz IX, não tendo querido que os judeus se confundissem com os christãos, tivesse tomado as mesmas precauções com as prostitutas e as obrigasse a usar um distinctivo analogo.

Em 1269 os judeus, cuja permanencia não era tolerada em França senão em condições tão honorosas como humilhantes, foram obrigados, sob pena de prisão e de multa arbitraria, a pôrem na sua tunica, adiante e atraz, «uma rodella de feltro ou de panno amarello com um palmo de diametro e quatro de circumferencia» chamada em francez *rouelle* e em latim *rota* ou *rotella*. Mais tarde este signal foi perdendo gradualmente a sua forma e as suas dimensões e tornou-se triangular, sendo então chamado *billette*; quando foi supprimido, já não era maior que um escudo; mas os judeus ricos verteram grossas sommas no thesouro de Fillippe, *o Gordo*, para se libertarem d'esta marca infamante que os pobres conservaram unicamente até ao tempo do rei João, em que a *rouelle*, metade roxa e metade branca e do tamanho d'um sello real, foi restabelecida. Não será presumivel que as mulheres publicas fossem tambem obrigadas a usar uma marca similhante? Provaremos que esta marca foi usada em muitas provincias da França: com mais probabilidade, todavia, affirmaremos que, por aquelle tempo, as ordenações sumptuarias prohibiam ás mulheres dissolutas o uso de certos tecidos, adornos e joias.

A primeira ordenação conhecida, em que se trata d'um regulamento d'este genero, data do anno 1460 e encontra-se no *antigo livro verde do Chatelet*, que contém as actas do prebostado de Paris. N'esta ordenação, apenas sem duvida a confirmação d'outra mais antiga, o preboste de Paris prohibe «ás mulheres de má vida, que fazem peccado com o seu corpo, o terem a audacia de usar nos seus vestidos bordados, botões de prata, brancos ou dourados, perolas, e capas forradas de pelle, sob pena de confisco.» E'-lhes ordenado que abandonem estes enfeites n'um prazo de oito dias, passado o qual, a policia do Chatelet, encontrando-as em desobediencia, poderá prendel-as, exceptuando nos logares consagrados ao serviço de Deus, e despojal-as dos ditos enfeites, exigindo cinco soldos por cada desobediencia.

O preboste de Paris, Estevão Boileau, confidente das virtuosas intenções de S. Luiz, sem duvida se encarregou de as executar e de reprimir todos os excessos da prostituição na capital do reino. O seu *Livro dos Officios*, no qual particularmente se occupa da constituição industrial de cada corpo do estado, não nos apresenta, é verdade, passagem alguma em que elle figure como reformador dos costumes; mas, como os estatutos das corporações de artes e officios se referem áquella época, embora não tivessem sido confirmados pelos reis de França, senão em datas muito posteriores, em que a policia dos costumes foi objecto de attenção do preboste de Paris que, n'esse tempo, deu a sua sancção official a estas leis de familia, que os reis mais tarde approvaram e reconheceram por cartas patentes, não é portanto imprudente o acreditar que Estevão Boileau na repressão dos excessos das prostitutas tivesse uma grande parte.

Nos estatutos dos barbeiros, confirmados em 1371, prohibe-se aos mestres de officio o ter mulheres de má vida em sua casa e favorecer o commercio infame das infelizes, sob pena de serem privados do seu officio, perdendo tambem todos os seus utensilios, taes como: cadeiras, bacias, navalhas, e mais coisas pertencentes á profissão, o que tudo seria vendido em proveito do rei do gremio.

Os barbeiros, ao mesmo tempo banheiros d'estufa, nem sempre respeitavam a prohibição, e os lucros, que lhes dava a prostituição e a alcovitice, incitava-os a arrostar com as penas pecuniarias que constantemente era preciso renovar por meio de novas ordenações.

Nos estatutos dos carniceiros de Paris, confirmados em 1381, prohibe-se aos aprendizes do gremio o casarem com mulher que tivesse sido publica ou que ainda o fosse.

«*Item*: se algum casar com mulher commum, diffamada, sem licença do mestre, para sempre será privado da *Grã Carniceria*, e não poderá cortar nem fazer cortar, nem por si nem por outrem, sem perder as carnes, etc.»

Nem todos os esforços de S. Luiz e de seus ministros, para impôr á prostituição um salutar freio, tiveram o exito que se esperava: pois que o piedoso rei, até ao fim da sua vida, se arrependeu de ter deixado existir o vicio sob a protecção das leis e volveu ao seu primeiro projecto de eliminar completamente, nos seus estados, os maus costumes. Quando se dispunha a embarcar para a segunda cruzada, em que morreu, o horror, que tinha á impureza, inspirou-lhe o desejo de executar esse grande projecto de reforma.

A 25 de junho de 1269 escreveu elle d'Aigues-Mortes, a Matheus, abbade de S. Denis e ao conde Simão de Nesle:

«Tambem ordenámos que se destruissem completamente as notorias e manifestas prostituições (*notoria et manifesta prostibula*) que maculam com a sua infamia o nosso fiel povo e que tantas victimas arrastam para a perdição; ordenámos que estes escandalos fossem perseguidos nos campos e nas cidades e desapparecessem completamente do nosso reino (*terram nostram plenius expurgari*) todos os homens libertinos e todos os malfeitores (*flagitiosis hominibus ac malefactoribus publicis.*)»

Esta carta continha uma ordem positiva, que a morte do rei não permittiu que se executasse. As mulheres dissolutas e seu infame cortejo continuaram exercendo o seu officio, confiadas na lettra das ordenações anteriores e não tiveram consequencias as intenções do virtuoso Luiz IX, que mais uma vez em balde teria querido depurar completamente os costumes publicos. Transformar uma sociedade rudimentar n'uma sociedade virtuosa, era n'aquelle momento impossivel.

Póde todavia acreditar-se que legou a seus filhos o cuidado d'intentar essa reforma, que elle não teve tempo de executar, pois que a isso parece aludir nos *Documentos* ou conselhos que pela sua mão deixou escriptos a Filippe, seu filho mais velho e successor.

«Nunca faças coisa desagradavel a Deus, isto é, não commettas peccado mortal,» recommendava-lhe no seu testamento. «Mantem sempre os bons costumes no teu reino e aniquila os maus... Foge das más companhias... Ama o proximo e odeia os maus. Que ninguem ouse, na tua presença, pronunciar palavra que attraia ou provoque peccado.»

Filippe, *o Animoso,* acceitou os conselhos de seu glorioso pae.

No parlamento da Ascenção, em 1272, fez este rei uma ordenação prohibitiva contra os blasfemos, contra os logares de prostituição e contra os jogos de dados que, na sua reprovação, S. Luiz equiparava. Nós apenas conhecemos a carta dirigida a todos os bailios «para que nos territorios da sua jurisdicção e nas terras dos barões façam respeitar a citada ordenação, prohibindo os juramentos falsos, os bordeis e os jogos de dados; a pena de dinheiro, diz o rei, poderá ser trocada por pena corporal, conforme a qualidade da pessoa e a gravidade do delicto.»

Essa pena da ordenação, que esta carta annuncia, segundo nossa opinião prova que nunca foi cumprida e que foi esquecida antes mesmo de Filippe *o Formoso,* succeder a Filippe, *o Animoso.*

O completo exterminio dos bordeis era coisa impossivel e perigosa e teve de manter-se a tolerancia tacita, que até então estivera em vigor, unicamente oppondo obstaculos ao seu immoderado desenvolvimento. De suppôr é, que, n'aquelles tempos, os poderes publicos se limitaram a submetter a prostituição ás regras severas de uma policia vigilante, assegurando assim o respeito e consideração pelas mulheres honestas.

Temos, todavia, de referir ao reinado de Filippe, o *Animoso,* os usos descriptos por Pasquier no seu livro *Recherches de la France,* sem data fixa é verdade, mas que devem ter-se dado nas proximidades do reinado de S. Luiz. Foi verosimilmente n'aquella época que se prohibiu ás mulheres publicas o usa-

rem cintos dourados e apresentarem-se em publico sem uma agulheta no hombro. Esta agulheta era de differentes côres, conforme as cidades em que a prostituta tinha direito de exercicio e permanencia.

Já veremos, ao fallar dos usos e costumes da prostituição nas differentes cidades da França, que as mulheres publicas de Tolosa, em vez d'agulheta no hombro, traziam uma jarreteira ou liga no braço, sendo sempre de differente côr da do vestido, para que, distinguindo-se melhor, mais claramente indicasse a condição da pessoa que a trazia.

«Os que succederam áquelle sabio rei (Luiz IX,) diz Pasquier no capitulo XXXV do seu livro VIII, não consentiram por lei os bordeis, mas toleraram-os por conveniencia, julgando que de dois males era prudente escolher o menor e que melhor era tolerar mulheres publicas, do que dar occasião aos libertinos de perseguirem as mulheres casadas, que devem fazer da castidade a sua gloria. Certo é que quizeram que as ditas más mulheres, que em logares publicos se abandonam a qualquer, não só fossem reputadas infames, mas tambem trajassem de modo differente d'aquelle que vestiam as mulheres honestas: que era esta a razão porque antigamente em França não lhes era permittido usar cintos dourados, e pelo mesmo motivo foi ordenado que usassem um distinctivo que as estremasse da gente honrada, e assim lhes era obrigatorio trazerem uma agulheta no hombro.

A estes dois uzos, pois, refere Pasquier dois proverbios que se tinham popularisado desde o seculo XIII, e que não envelheceram tanto que deixem de empregar-se com frequencia no nosso.

Dizia-se então, e ainda hoje se diz, *correr a agulheta,* e vale mais boa fama que *cinto dourado.* Com effeito sob o reinado de Filippe, o *Animoso* e de Filippe, o *Formoso,* introduziu-se como moda em França o costume oriental dos cintos de couro dourado, ou de tecido de ouro, que as ordenações sumptuarias prohibiam ás mulheres de condição humilde e por conseguinte ás ribaldas que, como as meretrizes de Roma, não podiam usar ouro ou prata.

A prohibição d'um objecto de adorno devia parecêr tyrannica ás mulheres do povo que, pela sua condição humilde, se viam comparadas ás mulheres publicas, e tiveram de vingar-se do edito, oppondo a sua boa fama ao luxo das damas da côrte, que nem sempre tinham vida irreprehensivel.

Houve, todavia, frequentes infracções da ordenação sumptuaria, pois muitas mulheres se enfeitaram com cintos dourados que não tinham direito de usar. O preboste de Paris ameaçava-as com multas e confiscações, mas ellas persistiam no seu empenho, affrontando as chufas a troco de parecerem damas de cinto dourado. As ribaldas não eram as menos ousadas em infringir a pragmatica, cingindo o dourado adorno com o risco de prisão e açoites.

Não temos necessidade de refutar os escriptores que affirmam, sem fundamento, que o cinto dourado tinha sido imposto como signal distinctivo das mulheres publicas, e que as mulheres honradas, que não ousavam confundir-se com ellas usando este adorno, se consolavam da sua falta fazendo valer as vantagens da sua boa reputação.

Emquanto á *agulheta*, não figurou por muito tempo no hombro das ribaldas de Paris ainda que, Pasquier tinha visto com os proprios olhos, nos fins do seculo XVI, este costume em Tolosa entre as *pensionistas* do *Chatel-Vert*. *Correr a agulheta*, segundo Pasquier, significava «prostituir a mulher o seu corpo, entregando-se a qualquer.»

E' provavel que se comprehendesse, ao principio, como para se designar as mulheres que corriam as ruas com a agulheta no hombro. Depois esta expressão pittoresca transformou-se, ignorando-se o facto que a tinha originado: o povo corrompeu-a, sem o saber e sem mudar o seu sentido primitivo, quando se acostumou a dizer: *Courir le guilledou* (vadiar.)

Não tentaremos mostrar o erro d'alguns philologos que teem querido demonstrar que as ribaldas, correndo a agulheta, se dirigiam sobretudo aos calções das pessoas que alcançavam, em attenção a que estes calções eram atados e sustentados no seu logar por um laço ou agulheta. Estes philologos commetteram um anachronismo na archeologia dos calções e enganaram-se pela confusão que fizeram das duas agulhas.

Seja como fôr, sob os reinados dos successores de S. Luiz, a prostituição por bem regulada que estivesse, tinha estendido tão imprudentemente o seu dominio e os costumes tinham-se relaxado tanto, que as tres nóras de Filippe, o *Formoso*, Margarida, rainha de Navarra, Joanna, condessa de Poitiers e Branca, condessa de Marche, foram acusadas de adulterio ao mesmo tempo e encerradas por ordem do rei na mesma prisão, no Chateau-Gaillard. O processo foi-lhe instaurado á porta fechada e nada transpirou, a não ser as vergonhosas licenciosidades que se lhes imputavam. Sómente uma d'ellas, Joanna de Borgonha, mulher de Filippe, conde de Poitiers, foi mudada para o castello de Doardan, onde seu marido lhe foi dar a liberdade. Margarida, ainda que menos culpada que as irmãs, morreu estrangulada na prisão e Branca só sahiu para vêr-se repudiada e ser conduzida ao convento de Maubuisson.

A voz publica attribuia a estas tres irmãs uma monstruosa cumplicidade de libertinagem e crimes: dizia-se que se haviam alojado de proposito no palacio de Nesle, situado fóra de Paris, na margem do Sena, logar occupado hoje pelo instituto de França, e que attrahiam a esta bella residencia, pertencente a Joanna, condessa de Poitiers, os jovens estudantes de que se enamoravam, escolhendo entre os que concorriam ao *Pré-aux-Clercs*.

Estes estudantes, depois de satisfazerem a lubricidade das tres princezas, eram envenenados ou mortos a punhaladas e lançados logo ao rio que sepultava as tristes victimas da torre de Nesle.

«Segundo esta tradição erronea, diz Roberto Gaguin no seu *Compendium* da historia de França, a rainha Joanna de Navarra tinha-se entregado a muitos estudantes (*aliquot scolasticorum concubitu usam*) e para occultar os seus crimes, lançava-os pela janella do seu quarto ao rio, depois de os mandar matar. Um só d'estes estudantes, João Buridan, pôde escapar casualmente a este perigo pelo que publicou este enigma: *Reginam interficere nolite: timere bonum est.*»

Este enigma celebre, que póde comprehender-se e explicar-se de muitas fórmas, é mui pouco digno do notavel João Buridan, a quem a universide Paris contou honrosamente entre os seus professores de philosophia no seculo decimo quarto. Buridan que foi reitor da Universidade em 1320, (Vid. Bibl. de Valerio André, pag. 471) não poderia ter sido simples estudante, seis ou sete annos antes.

Emquanto ao enigma de que seria o auctor, crêmos podel-o interpretar, dando-lhe o verdadeiro sentido, escrevendo-o d'esta fórma: *Reginam interfodere nolite; timere bonum est.* Ponhamos em logar de *interficere*, que nada quer dizer n'este caso, *interfodere, interferire, interferre,* ou qualquer outro verbo de significação erotica e traduziremos então com a possivel honestidade: «Não cortejeis a rainha que é perigosa esta honra.»

A tradição relativa á torre de Nesle, que existiu até ao fim do seculo decimo setimo, estava tão popularisada em Paris, que Brantome faz d'ella menção nas *Dames galantes*.

«Esta rainha, diz, estava no palacio de Nesle, em Paris, espreitando os transeuntes, e mandava-os chamar, e approximarem-se d'ella, aquelles que mais lhe agradavam, de qualquer classe que fossem; e depois de obter d'elles o que desejava, mandava-os precipitar do alto da torre, á agua, afogando-os. Não quero dizer que isto seja verdadeiro, mas o vulgo, pelo menos a maioria de

*

Paris, affirma-o: e não ha nenhuma, que mostrando-lhe a torre e perguntando-lh'o, não o diga expontaneamente.»

Antes de Brantome, Villon tinha lembrado esta tragica historia, dizendo na sua *Balada das damas:*

Semblablement où est la reine
Qui commanda que Buridan
Fut jeté en un sac au Seine.

(Semelhantemente onde esta a rainha, que mandou lançar ao Sena Buridan, dentro d'um saco.)

Mas a lenda historica apparecia singularmente attenuada, e em logar de tres princezas libertinas, disputando e repartindo entre si as caricias dos bellos e robustos estudantes, que se renovavam todas as noites, nas narrações do vulgo apparecia apenas uma rainha namorada de Buridan. Notemos ainda que este Buridan tinha pedido fazer allusão á sua aventura da torre de Nesle, inventando uma allegoria que se tornou proverbial e que se chamava, o burro de Buridan: tinha apresentado um burro faminto e morrendo de fome, entre dois cestos de aveia, sem se decidir por um ou por outro. Este burro, não será o proprio Buridan, entre duas ou trez princezas, igualmente bellas, igualmente desejosas de prazer? Além d'isso, se as mulheres e as princezas se mostravam tão sollicitas e afadigadas em correr atraz dos homens, era talvez, porque os homens pouco caso faziam das mulheres. Uma terrivel libertinagem se tinha infiltrado em todas as classes da sociedade desde as cruzadas, e o vicio *contra naturam,* que a expedição dos francezes á Palestina tinha trazido e acclimatado em França, ameaçava ainda, apezar da cavallaria, infectar os costumes e corromper a população inteira.

Citamos n'outro logar uma passagem da *Histoire accidentale,* de Santiago de Vitry, que faz um espantoso quadro da perversão dos seus contemporaneos. Outro poeta francez da mesma época, Gautier de Coincy, ainda que prior da abbadia de S. Medardo de Soissons, descreve a vida do claustro, com os negros traços dos seus costumes vergonhosos, no seu [illegible]

[illegible]

[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible] perdue
Nature en est tost esperdue...

(A grammatica *hic* a *hic* ajunta, mas a natureza maldiz similhante ajuntamento. A morte perpetua engendra aquelle que ama o genero masculino mais que o feminino, e Deus o apaga do seu livro A natureza parece-me que sorri quando *hic* e *hoc* se juntam e indigna-se ao vêr juntos *hic* e *hic.*)

Este detestavel vicio tinha-se generalisado tanto, que a prostituição legal merecia ser implantada como um remedio, ou ao menos como um palliativo de similhante torpeza. A propria existencia da sociedade, parecia ameaçada, quando Filippe, *o Formoso,* que não carecia de resolução e de energia, se propoz atalhar os progressos da sodomia, enchendo de terror os que davam o exemplo d'esta criminosa aberração dos sentidos: tal foi a causa principal do processo dos Templarios. A detida leitura das peças authenticas d'este processo, provanos que Filippe, *o Formoso,* não perseguiu n'esta ordem religiosa e militar se

não o sacrilegio e a libertinagem, levados ao ultimo grau de audacia e escandalo. Seja qual fôr a opinião que se adopte sobre a regra dos Templarios e a innocencia primitiva da ordem (diz o illustre historiador Michelet, admirado dos importantes testemunhos que pela primeira vez publicava, e que todos confirmam o nosso parecer) não é difficil formar juizo ácerca das desordens dos seus ultimos tempos, desordens analogas ás das ordens religiosas.»

A publicação d'estes documentos originaes prova de fórma irrecusavel, que a ordem do Templo estava infestada totalmente pela depravação mais execravel. Filippe, *o Formoso*, de accordo com o papa Bonifacio VIII, teve coragem de atacar o mal no seu fóco, e quiz aniquilal-o sob as ruinas da ordem do Templo que o tinha propagado, acobertando-o sob o seu manto branco.

Não sabemos qual é a chronica, que imputa á vingança de uma mulher a accusação infamante, que se levantou contra os Templarios em 1307 e que logo accendeu as suas fogueiras por toda a Europa. O interrogatorio que o Grão-Mestre e duzentos e trinta e um cavalleiros ou irmãos soffreram em Paris na presença dos commissarios pontificios «foi feito lentamente, diz Michelet, e com muito tacto e doçura,» por altos dignatarios ecclesiasticos, e apesar das negativas systematicas dos accusados, provou-se que a maior parte das accusações relativas aos costumes deshonestos da ordem, eram fundadas e justas. A propria natureza do castigo applicado aos condemnados prova sufficientemente a especie de crimes que a voz publica lhes attribuia, muito tempo antes que uma averiguação escrupulosa tivesse evidenciado a grande ignominia.

Os templarios estavam universalmente desacreditados: tinham-se tornado proverbiaes os seus principaes vicios, o seu orgulho, a sua avareza, a sua ambição, a sua embriaguez e a sua maldade; ainda que se dizia vulgarmente, *beber* ou *jurar,* ou *divertir-se como um templario;* ainda que os poetas satyricos se compraziam em enumerar os vicios d'aquelles monges soldados, não se conheciam ainda as monstruosas infamias que se praticavam no seio da ordem do Templo, que chegou a ser uma seita odiosa, dedicando-se á prostituição mais ignobil.

Em virtude das deposições das primeiras testemunhas que se apresentaram espontaneamente a accusar os Templarios, formulou-se uma serie de perguntas, pelas quaes foram interrogados separadamente todos os accusados, [illegible] respostas, mais ou menos evasivas, se póde deduzir com toda a [illegible] ceremonia da recepção dos irmãos, o que era recebido e o que [illegible] mutuamente na bocca, no umbigo ou no ventre, no anus ou na extremidade da espinha dorsal e ás vezes no membro viril, (*aliquando in virga virili;*) que o neophito era ordinariamente o submettido unicamente a esta cerimonia de beijos impuros, depois de renegar Jesus Christo e cuspir na cruz; que o seu padrinho lhe prohibia ter commercio carnal com as mulheres, mas auctorisava-o a entregar-se com os seus companheiros aos mais horriveis excessos de obscenidade.

Um grande numero de Templarios, fieis aos seus juramentos reciprocos, fizeram um orgulhoso protesto, contra o que chamavam ridiculas calumnias; muitos, intimidados ou enganados, fizeram confissões detalhadas e os restantes contentaram-se em declarar que não tinham tomado parte em acto algum reprehensivel, mas contavam as obscenidades da recepção, segundo os estatutos da ordem. De resto, estes estatutos não foram explicados por nenhum d'elles, nem sequer para justificar as suas extranhas e mysteriosas disposições.

Huguet de Baris contou que, durante a cerimonia da sua recepção, quando se achou apenas em camisa, o irmão encarregado de o receber, ajudou-o a vestir-se com a tunica e manto da ordem, e levantando-lh'os por deante e por de traz (*frater P. levavit ipsi testi vestes ante et retro*) beijou-o precipitadamente na bocca, no umbigo e na parte posterior.

Mathieu de Tilley diz, pelo contrario, que o irmão que o tinha recebido, depois de o ter feito renegar Jesus Christo e cuspir na cruz, lhe ordenou que o beijasse na carne nua, e descobriu as nadegas, onde o neophito applicou os labios (*præcepit quod oscularetur eum in carne nuda, et discoperuit se circa femur et ipse fuit osculatus eum in anca circa illum.*) Depois o irmão introductor acrescentou, levantando a tunica: *E aqui na frente?* o que fez suppôr ao neophito que devia prestar-se a uma odiosa pratica (*quod deberet eum osculari ante circa femoralia;*) mas não foi por deante a cerimonia.

João de Saint-Just, intimado a beijar no anus o irmão que o recebia, (*præcepit ei quod oscularetur eum in ano*) respondeu com indignação, que nunca se submetteria a similhante vileza.

Muitos templarios confessaram que depois da sua recepção tinham sido convidados e auctorisados a prostituir-se com seus irmãos de religião; mas todos sustentaram que não tinham feito uso de tal auctorisação, acrescentando que julgavam tão rara a sodomia na ordem do Templo como nas outras ordens religiosas.

Eis aqui a deposição de Saint-Just:

«*Deinde dixit ei quod poterat carnaliter commisceri cum fratribus ordinis et pati quod ipsi commiscerentur cum eo; hoc tamen non fecit nec fuit requisitus, nec scit, nec audivit quod fratres ordinis commiterent pecatum prædictum.*»

O depoimento de Rodolpho de Taverne é todavia mais explicito, pois que, exigindo-lhe o voto de castidade com respeito ás mulheres, o aconselharam a extinguir por outra fórma o fogo natural dos seus affectos sensuaes.

«*Deinde dixi ei quod, ex quo voverat castitatem, debebat abstinere á mulieribus, ne ordo infamaretur; veruntamen, secundum dicta puncta, si haberet calorem naturalem, poterat refrigerare, et carnaliter commisceri cum fratribus ordinis, et ipsi cum eo; hoc tamen non fecit, nec credit quod in ordine fieret.*»

O depoimento de Gerard de Causse não foi menos circumstanciado, ainda que offerecia uma contradicção evidente. Assim, segundo elle, todo o cavalleiro do Templo que se tornava culpado de sodomia (*si essent convicti de crimine sodomitico*) era condemnado a prisão perpetua e os irmãos, temendo por esta causa a tentação do demonio, mantinham a luz accesa toda a noite nos seus dormitorios (*et quod tenerent lumen de nocte in loco in quo jacerent, ne hostis inimicus daret eis occasionem delinquendi.*) Todavia, quando Gerardo de Causse foi recebido na ordem, um dos irmãos assessores disse-lhe, que se não podesse resistir aos impetos dos desejos carnaes, procederia melhor, para honra da ordem, se peccando com os seus companheiros do que approximando-se das mulheres. «*Dixit eis quod si haberent calorem et motus carnales, poterant ad invicem carnaliter commisceri, si volebant, quia melius erant quod hoc facerent inter se, ne ordo vituperaretur, quam si accederent ad mulieres.*»

Este templario protestou, como os outros, que não tinha visto nem sabido nunca que este infame preceito fosse seguido por algum de seus companheiros.

As consequencias d'este processo foram terriveis: um grande numero de templarios pereceram nos supplicios. A Ordem do Templo abolida e anathematisada, não desappareceu completamente e perpetuou-se a occultas com os mesmos costumes, se nos é licito acreditar algumas testemunhas que não teem todo o valor d'uma prova historica.

Mas depois de ter lido e comparado as peças d'este processo memoravel, que revela uma seita de impios e sodomitas, cobertos com o habito religioso, entregando-se ante os altares a execraveis desvarios, vêmo-nos obrigados a procurar as causas da corrupção d'uma ordem, que se tinha feito respeitar por

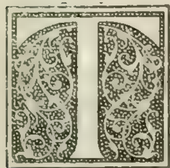
muito tempo pelos seus costumes regulares e pelas suas virtudes. Estas causas encontram-se na prolongada permanencia dos Templarios no Oriente, onde o vicio contra a natureza era quasi endemico e onde o temor da lepra e outras affecções cutaneas ou organicas são inherentes ao commercio sensual com as mulheres.

Os Templarios, pois, para evitarem este contagio, mancharam o seu corpo e alma, acceitando a mais vergonhosa de todas as prostituições, que, como já dissemos em face de incontestaveis provas, e de testemunhos authenticos, exerciam sempre, embora a occultas, praticando os mais execraveis excessos entre si, no insaciavel desvairamento d'uma desenfreada sodomia.

CAPITULO X

SUMMARIO

Os logares da prostituição em Paris.—Quadro da prostituição parisiense na idade media.—A rua de Flatrerie.—A rua de Puon.—A rua de Cordeles.—O beco de Saint Sevrin.—A rua do Hospital.—A rua de Saint Syphorien.—A rua de Chavaterie.—A rua de Saint Hilaire.—O largo Burnian.—A rua de Neyer.—A rua de Bon-Puits.—A rua de Ecole.—A rua de Cocatrix.—A rue de Charoni.—A rua de Sainte-Croix.—A rua Gervese-Laureus.—A rua de Marmouset.—A rua Chevez.—O Valle d'amor.—A rua Saint Denis de la Chatre.—A rua de Lavandières.—A praça des Ponceaux.—A rua Bethisy.—A rua d'Arbre-Sec.—A rua de Maitre Hure.—A rua de Biauboure, etc.



Temos muito poucos dados sobre a historia dos logares mal afamados de Paris, e apenas podemos estabelecer d'uma fórma positiva a sua situação local em certas épocas anteriores ao seculo XVI. Todavia, desde o seculo decimo terceiro os encontramos indicados nas actas (*instrumenta*) publicas do prebostado, nos archivos das freguezias e conventos, nos livros e nas contas das differentes juridicções e ainda nas antigas poesias. Podemos, pois, com a ajuda d'estas auctoridades, descrever, para assim dizer, a topographia da prostituição parisiense na idade média.

Por fatalidade, ao fazermos este mappa das ruas de má fama da capital, vemo-nos na impossibilidade de dar detalhes particulares, pittorescos e curiosos, que viriam muito a proposito para distrahir o leitor, no meio d'uma dissertação archeologica, monotona e arida. Faltam-nos absolutamente esses detalhes e particularidades, e se conhecemos as ruas que então tinham o triste destino que muitas teem conservado até nossos dias, não sabemos qual era o aspecto exterior d'estes logares de libertinagem, quaes os seus nomes e signaes, pelo menos na maior parte, qual o systema ordinario da sua impudica organisação, qual, emfim, a sua fórma interior. Todo este capitulo pertence ao dominio da imaginação, que procurará comtudo em Rabelais e ainda em Regnier as côres apropriadas á pintura dos bordeis de nossos antepassados.

Mas ainda que não tenhamos senão noções muito vagas e imperfeitas sobre os mysterios de similhante assumpto, julgamos util e interessante fazer o inventario archeologico d'estes albergues; que veremos irem-se afastando gradualmente do centro da cidade e que parecem ter sido feudos de Venus e de seu filho Cupido, a quem a idade média franceza não envolvia de reminiscencias mythologicas.

N'aquelles tempos de privilegios e tradições, cada gremio possuia como propriedade propria certos quarteirões e ruas ás quaes dava o seu nome: alli estavam os seus albergues, alli sómente concentravam a sua industria e commercio. A prostituição que se regia como tantos outros officios ou industrias, não se

tinha podido limitar um unico bairro, nem occupar unicamente algumas ruas contiguas, porque estava no seu interesse e ainda na sua essencia dividir as suas forças e leval-as a todos os bairros d'uma vez, para por este modo estar em posição de estender as suas redes por toda a parte e fazer, por conseguinte, maior numero de victimas.

A politica que a regulava oppunha-se sempre a esta diffusão de libertinagem sobre todos os pontos da cidade e trabalhou constantemente para restringir o impuro dominio que concedia ás mulheres communs.

Tal é a lucta que nos apresenta, por espaço de muitos seculos, a prostituição que alternativamente faz frente á auctoridade do bispo de Paris, á do preboste, á do parlamento e ainda á do rei. As suas usurpações, obstinações, audacias, resistiam ás ordenações, aos decretos e ainda aos subordinados da auctoridade: sómente á viva força cedia o terreno que lhe agradava e que a tradição lhe attribuia: a ella volta sem cessar depois de ter sido expulsa: não é escrupulosa tambem na escolha dos logares em que se fixa, pois faz justiça a si mesma preferindo as ruas mais sombrias, mais estreitas, mais sujas, mais infectas, costume que conserva como se não ousasse sahir da sua guarida, como se o ar que respira a gente honrada fôra pouco saudavel para ella. Do mesmo modo que os judeus, que não tinham direito de por pé fóra da judiaria e que se viam encerrados toda a noite como os leprosos nos seus lazaretos, as ribaldas e seu infame sequito não podiam ultrapassar os limites da sua residencia, sob pena de se exporem ao açoite, á prisão ou á multa.

Mas logo que a sua existencia legal foi regulada pelas pragmaticas de S. Luiz, não tivera necessidade de occultar-se para exercer a sua profissão impudica, com a condição de se conformar com as prescripções e estatutos da ribalderia.

O mais antigo documento, em que encontramos uma nomenclatura dos logares mal afamados de Paris, é um poema ou monologo de versos compostos no seculo XIII por Guillot, que só nos é conhecido pelo seu *Dit des Rues de Paris*. Este poema foi publicado pela primeira vez em 1754 pelo abbade Lebeuf, que tinha descoberto em Dijon o manuscripto e o depositou na bibliotheca do abbade Fleury, conego de *Notre-Dame*.

Desde então tem-se reimprimido muitas vezes a obra de Guillot e serviu especialmente para fixar a topographia parisiense no seculo XIII, pois que póde datar-se de 1270 este catalogo rimado em que o auctor falla de *Dom Sequence* chantre de Saint Merry, como de um contemporaneo, e este personagem vivia ainda em 1283.

Os criticos que citaram o *Dit des Rues*, a que Guillot deu a fórma d'um itinerario, que começava na rua de *Huchette*, no quarteirão do Universidade, não repararam que o poeta, ou antes o rimador, accumulando nomes de ruas e becos que procurou rimar com a maior indifferença do mundo, não teve, ao que parece, outra preoccupação senão investigar e indicar os logares consagrados á libertinagem. Não queremos dizer que este bom Guillot, que viu passar talvez o seu nome á posteridade com o alcunha de *Sonhador*, se occupasse da investigação d'um objecto vergonhoso: comtudo é notavel que n'estas trezentas rimas nomenclativas das principaes digressões do poeta sejam relativas á prostituição: sobre este ponto ao menos se afasta da aridez do seu catalogo libertino e acrescenta, com certa complacencia, algumas imagens que não são de melhor gosto.

Todas as vezes que Guillot encontra no seu caminho um d'aquelles antros, que a policia urbana rodeava de mysteriosa tolerancia, queria parar alli ainda que só fosse para marcar o logar e fazer notar a sua existencia. Como designa mais de vinte ruas suspeitas nas tres grandes divisões de Paris comprehendidas sob as denominações de *Universidade*, *La Cité* e os arrabaldes, deve-se suppôr que foi chamado *Guillot, o sonhador*, pelas mulheres bordaleiras,

que mal lhe queriam por ter apontado bordeis que só existiam na sua imaginação.

O primeiro que aponta a partir do *Petit-Pont*, subindo ao bairro ou districto da Universidade, existia na rua de Platriére, que parece ser a que depois se chamou rua Bottoir:

La 'main une dame loudiére
Qui maint chapel à fait de feuille.

O abbade Lebeuf, a quem sem duvida o pudor acobarda, explica a palavra *loudiére* por chapelleira, mas na antiga lingua franceza *loudiére*, significando cobertor em sentido restricto, equivalia em sentido figurado a prostituta. Esta *loudiére* que Guillot não qualificou assim ao acaso, podia muito bem no tempo livre que lhe deixava a sua vil profissão de ribalda, occupar-se em fazer *chapeus de flores* ou de *verdura* que os confrades das corporações traziam nas festas da padroeira, nas procissões e n'outras occasiões solemnes. Não estamos longe de acreditar que estes *chapels* ou chapeus, cujo fabrico era uma industria muito importante em Paris, figuravam na cabeça das noivas, das esposas e dos namorados nas festas de familia.

Guillot não se detem muito tempo na rua de *Platriére*, quaesquer que fossem os encantos da dama, e continua o seu caminho pela rua Paon, que elle chama Puon.

Je descendi tout xellement
Droit à la rue des Cordeles:
Dame ia: le descord d'elles
Ne voudroie avoir nullement.

Esta rua *des Cordeles* é agora a de Cordeliers, que deve o seu nome ao convento dos *Grands-Cordeliers* que a revolução destruiu.

E' provavel que Guillot transformasse *Cordeliers* em *Cordeles* pelas necessidades da rima e tambem por allusão aos assumptos de coração que n'esta rua se tratavam. As *damas*, que aqui viviam, não eram muito faceis ou amaveis, pois o poeta não receia cousa alguma tanto como o ter com ellas disputas (*descord.*) Isto prova que em todo o tempo as mulheres publicas foram sempre muitas promptas em armar rixas e muito arrebatadas nos seus impetos de colera.

Para encontrar outras mulhes da mesma especie, Guillot vê-se obrigado a ir até á rua de *Prétres-Saint-Sevrin*, que elle chama o beco de *Saint-Sevrin* onde.

.....Mainte meschinete,
S'y louent souvent et menu,
Es font batre le trou velu
Des fesseriaux, que nus ne die.

Não intentamos tirar de sob o veu da antiga linguagem o escandaloso officio das *mesquinetes*, a quem Guillot põe em scena com muita indulgencia; mas seguil-o-hemos á rua de *l'Ospital*, que se chamou depois de *Saint-Jean de Letran*, em memoria dos hospitaleiros de Jerusalem que tinham alli uma casa. Guillot cae no meio d'uma desordem de mulheres, que se injuriavam com palavras e obras, ao ar livre, apesar da visinhança dos padres hospitaleiros: o texto está aqui menos obscuro que corrompido:

Une femme i d'espital
Une autre femme folement
De sa parole moult vilment

*

Guillot fugiu sem esperar o fim da contenda e tanto temia vèr-se mettido n'ella que não fez mais que atravessar a rua de *Saint-Syphorien*, hoje de *Cholets*, onde conhecia uma chamada Maria, que devia ser ao mesmo tempo egypcia (explicadora de horoscopos) e *loudière* ou chapelleira.

La rue de Charcterie (actualmente *Chartière*
Tronbay. N'allay pas chez Marie
En la rue Saint-Syphorien
Ou maignent li logiptien.

Passando pela rua de Saint-Hilaire, que conserva o nome, recorda que uma *dama* accessivel n'ella vive, mas não tem tempo de se demorar em casa d'esta dama de boa vontade, a que chama *Gietedas*, alcunha em que seria facil descobrir um sentido obsceno.

Eil-o, pois, no pateo *Bruneau* (*Bruniau*) onde se fizeram muitos *bruliaux* (fogueiras,) diz; mas por *bruliaux* não entendia certamente os hereges que alli se queimaram. A cerca *Bruneau* estava no centro das escolas e os estudantes que no tempo de Rabelais iam alli satisfazer as suas necessidades, iam anteriormente ao mesmo logar divertir-se com as suas *meschines*. Guillot diz pois com razão, que se fez grande fogueira n'aquelle logar sombrio e infecto. Nós dizemos no mesmo sentido *rotir le baloi* (queimar a vassoura.) Perto havia a rua de *Noyers* (Nogueiras) onde havia tantas mulheres de má vida como se encontram hoje em todo o districto:

Et puis la rue de Noyer,
Ou plusieurs dames, por louier
Font souvent batter leus cartiers.

Guillot na rua de *Bon-Puits* (Bom Poço) que devia o seu nome a uma allusão humoristica, não se esquece de registrar os altos feitos d'uma parteira, mulher d'um carpinteiro, notavel pelo numero de homens que mandou da sua cama para o cemiterio, segundo uma interpretação arriscada d'estes dois versos:

La maint la femme à un chapuis
Qui de maint homme à fait ses glais.

Leduchat ou Lenglet Dufresnoy, explicando o segundo verso, viu sem duvida n'elle uma figura erotica, perturbado com o dobre dos sinos que tocam devagar para fazer o signal de morte.

Guillot que conhece todos os *bons logares*, como se dizia na linguagem familiar do ultimo seculo, dá um suspiro ao atravessar a rua de *l'Ecole* (Escola) onde vive Madame Nicolasa. N'esta rua, que veio a ser a que hoje é chamada de *Fouarre*, por causa da palha que n'ella estava espalhada para amortecer o ruido do transito, achavam-se comprehendidas as grandes escolas da Universidade, e ao mesmo tempo mais d'uma escola de prostituição. Por isto diz Guillot com malicia:

En celle rue, se me semble
Vent-ont et fain et feurre ensemble.

Guillot, que nada tem a aprender n'estas escolas, passa pela rua de *San Julien-le-Pauvre* (S. Julião o pobre) e invoca este santo, *que nos guarda dos maus logares*. S. Julião era o protector dos viajantes, a quem livrava dos maus passos e encontros. Guillot entra são e salvo na Cité e a primeira rua em que sente os attractivos da concupiscencia é na de Cocatrix.

Ou l'on boit souvent de bons vins
Dont maint homs souvent se varie.

N'aquella época não havia uma taberna que não fosse um logar de prostituição. Guillot menciona comtudo uma *boa taberna* na rua de Charoni que se estendia desde a entrada do claustro *Notre-Dame* até ás ruas das *Trois Canettes*. Estas tabernas e suas dependencias eram frequentadas provavelmente pelos cantores da cathedral. Guillot passa de largo, sem duvida, e esperamos pela sua honra que tambem só passe pelo beco de *Saint-Croix* (Santa Cruz,) onde se quebram frequentemente as pernas e pela rua *Gervais-Laurent* que elle chama *Gerrese Laurens*.

Ou maintes dames ignorent
Y mesnent, quis de leur guiterne.

Não crêmos que os habitantes d'esta rua mal afamada attrahissem innocentes ao som da guitarra (*guiterne*;) pelo contrario, attribuimos a esta palavra *guiterne* um sentido figurado que o pudor nos impede profundar.

Não nos demoraremos n'um extranho encontro que Guillot teve na rua de *Marmouset* (bonifrate,) onde alguem lhe fez uma proposta infame.

Toucay homme qui m'eute fet
Une musecorne belourde.

Na rua de *Chavet-Saint-Landry*, Guillot só encontra mulheres libertinas, cuja profissão define d'um modo pouco comprehensivel :

Femmes qui vont tout le chevez
Maignet en la rue de Chevez.

Guillot penetra ainda mais no dominio hereditario da prostituição e vê logo em pleno *Glatigny*, que se chamava o *Val d'amour:* (Valle do amor)

En bout de la rue descent
De Glateigny ou bonne gent
Maignent et dames au cors gent
Qui aux hommes, si com moy semblent
Volontiers charnelmente assemblent.

Por acaso escapa ao perigo da tentação e mette-se na rua de *Haut-Moulin* (Moinho alto) que se chamava rua de Saint-Denis *de la Chartre*, da egreja que n'ella havia e que foi demolida na época da revolução. O mau logar que Guillot mostra n'esta rua devia ser um dos mais consideraveis de Paris e as mulheres que encerrava não sahiam nunca d'aquella lubrica communidade.

Ou plusieur dames em grant chartre
Out maint v...en leur c...tenu,
Comment qui ilz y soient contenu.

Esta e outras muitas passagens provam que o *Dit des rues* podia ter-se intitulado mais opportunamente *Dit de Bordeaux de Paris* (Nome dos bordeis de Paris.) Guillot concluiu com os dois da Cité, e, atravessando o *Grand-Pont* ou o *Pont-au-Change*, continuou o seu itinerario pornographico.

Na rua de Lavadières, «onde ha muitas lavandeiras,» dá-nos a entender que estas mulheres não se limitavam unicamente a lavar a roupa no rio. Em todos os tempos as lavandeiras tiveram a mesma reputação, e a rainha, que ellas elegiam

todos os annos, tinha poderes analogos aos do rei dos ribaldos, mas só nos seus Estados e sobre suas subditas. Guillot não se deixou prender por estas alegres ribaldas e proseguiu no seu caminho atravez das ruas sujas do bairro das *Halles* (Mercado.) Para refrescar, entra um momento n'uma taberna da praça *aux Pourceaux*, (dos Porcos,) que foi depois a praça *aux chats* (dos gatos) e ainda depois a cova *aux chiens* (dos cães,) porque se amontoavam alli todas as immundicies; é a encruzilhada que formam as ruas de *Saint-Honoré*, *Dechargeurs* e *Lingerie*.

Guillot, que se queixa aqui de não ser feliz, diz comtudo que encontrou no seu caminho, ou antes n'aquelle que procurava a pista d'alguma bella ribalda, uma com quem bebeu um copo de vinho.

Na rua de *Bethisy* não se admirou de encontrar um homem que fallava com uma ribalda sem se envergonhar dos transeuntes.

Un home trouvai en ribaudez ;
En la rue de Bethisy
Entré : ne fus pas ethisi.

Guillot não se encommodava por tão pouco. Chegou á rua de *l'Arbre-Sec* (Arvore Secca) e não se esqueceu d'um beco sem sahida que ainda existe com o nome de *Cour-Baton* e que tinha em outro tempo o malsoante de *Coul-de-Bacon*. N'esta denominação local não se deve attribuir á palavra *bacon* o sentido de toucinho, nem procurar n'ella uma imagem mais ou menos approximada d'este sentido primitivo: era um pateo de ribalderia com o seu poço, em volta do qual se reuniam as mulheres do officio. Guillot não tem escrupulo em dizer:

Trovai et puis Col de bacon
Ou l'on a trafarcié maint c...

Sobre este verso podia fazer-se uma curiosa dissertação philosophica que recommendamos á sombra de Leduchate e que permittiria restabelecer a verdadeira accepção do antigo verbo *trafarcier* ou *trafarcer*, que o complemento do Diccionario da Academia franceza, muito mal traduz por *traverser* (atravessar.)

Guillot segue a margem do rio e chega á entrada d'uma grande rua que conduz á porta do Louvre: a visinhança do rio caracteriza bastante as *damas* que encontra o que vendiam o seu genero por um preço muito elevado para a sua bolsa.

Dames i a gentes et bonnes ;
De leurs danres sont troup chiches riches.

Não perde tempo em regatear o que não póde comprar, e dirige-se á rua de *Saint-Honoré* (S. Honorato). Depois d'uma rua de *Maitre-Huré*, cuja situação não é possivel determinar, embora fosse immediata á das *Poulies* (Polidas) teve sem duvida de alegrar-se com a amabilidade de certas damas que o comprimentaram:

La rue trouvai-je maistre Huré
Lez lui seant dames polies.

Fazendo do maestro Huré um personagem vivo em logar do nome de uma rua, era necessario accusal-o d'um officio odioso que servia as damas polidas de que parece rodeado. Guillot nada observa relativo á prostituição nas duas ruas da *Truanderie* (Bambochata) onde não deixa de mostrar-nos o notavel *Poço do Amor*.

Une dame vi sur um seil
Qui moult se portoit noblement:
Je la saluai simplement,
Elle à moy par San Lois.

Os costumes d'esta dama não differiam dos das suas similhantes a quem vêmos, nas mesmas ruas, exercer o mesmo officio que em outro tempo; esperar e espreitar a sua presa ao limiar das portas, á entrada das sombrias avenidas, chamando ou convidando os transeuntes. Guillot que jura por S. Luiz ao responder a esta excitação libidinosa, teria feito bem em lembrar á ribalda as pragmaticas do santo rei. Quando esteve na rua de Saint-Martin, ouviu cantar o officio em Nossa Senhora de *Saint-Martin des Champs* e armou-se de continencia para terminar, sem obstaculo, a sua viagem em procura de logares impuros. Atravessou rapidamente a rua de *Beaubourg* que lhe offereceu com que satisfazer todos os generos de libertinagem.

Alai droitement en Biau bourc,
Ne chassoie chièvre ne bouc.

Da rua de *Etuves* (Estufas) aventurou-se á de *Lingarière*, que não podia ser outra senão a de *Manbuè*, um dos feudos mais antigos da prostituição.

La ou lera mainte plastrière
D'archal mise en œuvre pour voir
Plusieurs gens pour leur vie avoir.

Aquellas pessoas que punham grades de arame para olhar para a rua eram sem duvida os hospedes ordinarios da rua de *Mauhué*, em que havia tantos antros como casas, tantas mulheres e homens dissolutos como habitantes. As ruas immediatas resentiam-se d'esta má visinhança. Guillot contenta-se em enumerar a rua de *Quincampoix*, a de *Aubry-le-Boucher* e a *Cônreerie* de que o pudor do seculo XV fez *Cozroierie* e que agora está transformada na rua de *Cinq-Diamants* (Cinco diamantes), allusão á sua impudica origem. Guillot receia que lhe succeda alguma desgraça ao approximar-se da rua de *Trousse-Vache*, que tirou o seu nome infame dos costumes mais infames ainda dos seus habitantes.

La rue Amaury de Rousi
Encontre Trousse vache chiet,
Que Dieu garde qu'il ne nous meschiet.

Guillot estava quasi no termo das suas peregrinações, mas estava tão cançado que teve de sentar-se na rua d'Arcis para repousar alguns instantes, porém recomeçou logo no seu caminhar e desprezou sem duvida enumerar certas ruas especialmente destinadas á prostituição. Assim, ao passar pela rua do *Etable du Cloistre*, que outra não póde ser senão a de *Cloitre Saint Merry*, surprehende-se de n'ella não encontrar mulheres bordaleiras, como n'outra época havia visto e affirma que esta rua é agora honesta (*honestable*), mas quando passa de *Saint-Méry* para *Beillehoe*, onde encontrou muita infamia, essa tal rua de Beillehoe, cujo nome era apenas um feio epitheto que mais tarde se transformou em *Brise-miche*, não lhe dá reminiscencia alguma de libertinagem e afasta-se d'ella sem a ter qualificado como merecia. Logo adiante repara no *Marais* e deita olhares para a rua do *Platre*.

Ou maintes dames leur emplastre
A'maint compagnon ont fait battre,
Ce me semble pour eux esbattre.

Guillot é inexgotavel em encontrar periphrases, mais livres que singelas, caracterisando os logares que procura. Na encruzilhada *Guillori*, cujo nome equivale ao que mais tarde lhe foi dado, *Jean de l'Epine*, e que o douto Aulnaye não teria deixado de evidenciar com toda a obscenidade que este nome tem, Guillot não sabe a quem dar fé:

Li un dit ho! l'autre hari!

Julgamos que acreditou em duas prostitutas, das quaes cada uma o quiz levar para seu lado; mas, resistindo, desembocou na rua de *Gentien*, hoje *Coquilles*, onde vivia um bom escudeiro, que porventura lhe inspirou um culposo pensamento.

Continuou sem arriscar-se a entrar na rua da *Esculerie*, que era o beco sem sahida *Saint-Faron*, e que não tinha entre os seus habitantes um unico homem honrado.

Passou rapidamente pela rua *Chantron* ou dos *Mauvais-Garçons* perto de *Saint-Jean-de-Grèves*.

Ou mainte dame en chartre out
Fenu maint r. pour se norier (nourir).

E' a segunda vez que Guillot nos apresenta em reclusão as desprezadas prostitutas. Claro é que a sua reclusão não era voluntaria e que exclusivamente dependia dos regulamentos da policia. Na rua do *Roi-de-Sicile*, lembrou-se Guillot d'uma tal chamada Sedile, que vivia na rua *Reneaut-Leférre*, onde vendia *quisantes* e *babos*, diz a linguagem figurada a que elle recorre para exprimir os mysterios da impudicia.

Não sem precaução entra depois na rua *Puteimusse*, cujo nome muito significativo não permitte duvidas sobre seu destino. Esta rua destinada á prostituição, que o povo tinha baptisado, conservou sempre tradicionalmente este nome obsceno, embora se tivesse intentado modifical-o com o de *Petit-Muse* e trocal-o pelo de *Cloche-Perche*, que ainda tem no seu letreiro. A virtude de Guillot havia escapado a muitos perigos quando entrou na rua de *Tyron*, onde foi visitar Madame Lucie.

Y entrai dans la maison de Lucie
Qui maint en la rue Tyron:
Des dames hymnes vous diront.

Não julgamos como o abbade Lebeuf, que se trate aqui dos canticos religiosos que podiam elevar-se de um convento de mulheres penitentes. *A casa de Lucia* tem todas as apparencias d'um logar de prostituição, e os hymnos que n'ella se entoavam dirigiam-se evidentemente a Venus. Tal é a abbadia galante que insistimos existir n'esta rua, onde os archeologos imaginaram collocar um edificio pertencente á abbadia de Tyron. Guillot, no fim da sua excursão, olha as cousas com socego, e na rua *Percée*, uma das cinco que tinham então este nome, indicando um antigo beco sem sahida transformado em rua, repousa e refresca:

Une femme vi destrecié
Pour soi pignier, qui me donna
De bon vin...

Esta mulher que se penteia ou se arranja, servindo vinho a Guillot, não póde ser senão uma ribalda. Mas Guillot é incansavel e vae logo da rua de *Paulies-Saint-Paul* á de *Fauconniers*.

Ou l'on trouve bien, por deniers
Pour son cors solacier.

Não nos diz se elle fez uso da receita que dá aos leitores. Depois, na rua *Commanderesses* (Commendadoras,) que actualmente é a de *Cutellerie* (Cutelaria,) diz, como para si:

Ou il á maintes tenchereses (querelleuses)
Qui ont maint homme pris au brai (à la pipée.)

A tarefa de Guillot está por fim concluida: recolheu a lama de todas as ruas de Paris, orgulha-se com o seu *Dit* rimado em louvor d'ellas, dedicando sem sombra de escrupulo esta obra cheia de impurezas «ao doce Senhor do firmamento e á sua dulcissima mãe: (*au doux Seignieur du firmament et à sa très-douce chiera mère.*)»

Apesar d'esta dedicatoria que não cohonestava com as licenciosas rimas de Guillot, outro poeta anonymo, que viveu no fim do seculo decimo-quarto, teve a ideia de apropriar-se do *Dit des Rues,* tirando-lhe o cunho de leviandade e renovando o estylo do poema, no qual já não se conheciam as ruas que mudaram de nome. Este poeta foi Henrique Geraud, que publicou este novo *Dit* copiado d'um manuscripto dos Archivos Nacionaes, como continuação, da *Taille* (contribuição) imposta aos habitantes de Paris em 1292 na sua obra intitulada *Paris no reinado de Filippe o Bello.*

Não receiamos que a este proposito o registro da *Taille* não contenha algum dado particular que se refira á prostituição, o que prova que as mulheres publicas não estavam comprehendidas, pelo menos sob esta designação, nas *Tailles* extraordinarias, exceptuando-as de pagar um direito proporcional á sua mesma indignidade.

O poeta que quiz dar nova fórma ao poema de Guillot e que não fez mais que reproduzil-o, abreviando-o, consagrou-se especialmente a tirar-lhe o seu caracter obsceno e sordido, e este anonymo, em logar de apresentar Guillot andando de rua em rua á descoberta de maus logares, teve de inventar uma fabula bastante divertida. Põe-se elle mesmo em scena; ha pouco chegado a Paris onde nunca tinha estado e vem a esta capital procurar por todas as ruas a sua mulher, a quem tinha perdido perto de *Notre-Dame.* Nada póde distrahil-o d'estas pesquizas que são infructuosas, e nenhuma das mulheres que encontra a cada passo póde fazel-o esquecer a sua: d'esta fórma percorre 310 ruas, que tem o cuidado de enumerar e exclama depois:

Tant l'ay quise, que j'en suis las.
Or la quiere qui la voudrà:
Jamais mon corps ne la querra.

N'esta nomenclatura de ruas, não falla senão de mulheres que se alugavam na rua de *Lavandieres* e na rua das *Commanderesses:* mas cita por outro lado as ruas mais mal afamadas, sem fazer allusão á natureza da sua má fama.

Desde o *Dit des Rues* de Guillot, até á primeira ordenação do preboste de Paris que fixa os logares em que a prostituição podia exercer-se sem se expôr a penalidade alguma, ha um intervallo de mais de um seculo. Esta ordenação que Delamare insere, data de 18 de setembro de 1367. Já se pressente a influencia moralisadora do reinado de Carlos v. N'esta ordenação mandou o preboste, que todas as mulheres de vida dissoluta fossem habitar os bordeis e logares publicos que lhes estavam destinados, a saber: «no *Abreuvoir Macon,* na *Bucherie,* na rua de *Froidmantel,* perto da cerca *Bruneau,* no *Glatigny,* na *Cour-Robert,* em *Baillehoé,* em *Tyron,* na rua de *Chapon,* no *Champfleury.*

São, pois, os mesmos logares pouco mais ou menos, que Guillot tinha designado no *Dit des Rues,* mas o seu numero é muito mais restricto e deve

deduzir-se que a policia prebostal se esforçava em diminuir os deploraveis effeitos da libertinagem, disputando-lhe o terreno em que estava auctorisada a produzir-se.

O preboste de Paris além d'isso prohibe a todas as pessoas honradas o alugarem casas ás mulheres publicas em qualquer outro logar, sob pena de perda do aluguer estipulado: tambem prohibe a estas mulheres comprar casas fóra dos logares marcados para o exercicio da sua vil profissão, sob pena de perder as mesmas casas. As ribaldas que se encontravam exercendo em outros logares além dos designados podiam ser presas e levadas para a prisão do Chatelet por denuncia dos visinhos. Com a prova do facto, expulsavam-se da capital, exigindo-lhes previamente sobre os seus bens oito soldos a cada uma para pagar aos agentes da auctoridade. Segundo as apparencias, a medida da policia era executada com todo o rigor.

Os asylos de tolerancia que o preboste de Paris concedia á prostituição, eram grupos de casas e não ruas inteiras. Depois vêmos abrirem-se do mesmo modo as chamadas *Côrtes dos Milagres*, que eram habitadas pelos bôbos, mendigos, ladrões e outros malfeitores, como as Côrtes das ribaldas reuniam as mulheres publicas e os *homens dissolutos*, seus cumplices ignobeis.

O Bebedouro Macon (*Abreuvoir*) era, no seculo XIV, um grupo de edificios que rodeavam um beco immundo que descia até ao rio perto da ponte de S. Miguel, ao voltar da rua de Huchette. Este Bebedouro, que os titulos de 1272 chamam *Aquatorium Matisconensis* e *Adaquatorium comitis Matisconensis* tirava o seu nome da visinhança do palacio dos condes de Macon, situado na rua que tem ainda este nome. Este mau logar que chegou aos nossos dias tinha então uma triste celebridade e os libertinos faziam-lhe honra com impuras analogias do seu nome, que obstinavam em pronunciar d'um modo deshonesto. Por causa d'este grosseiro equivoco mudou-se o nome de Bebedouro Maconense em Bebedouro do *Cagnart*, isto por servir de albergue nocturno aos *cagnardiers*, salteadores de rio, ou talvez antes porque os habitantes ribeirinhos creavam alli patos. Seja como fôr, havia n'este logar muitos *cagnardiers*, vagabundos perigosos que assim se chamavam, segundo Pasquier, pelo seu genero de vida, pois á similhança dos patos tinham a sua casa na agua. Borel, ao contrario, pretende que *cagnardier* se deriva de *canis*, significando gente que vive como os cães.

E' difficil designar o logar que o preboste chama *Boucherie* (Açougue) sem outra designação; mas, ainda que muitos houvesse estabelecidos nos differentes districtos da capital, presumimos que se tratava da *Grande Boucherie* do matadouro de Paris, que existia desde o seculo decimo em frente do Chatelet e que tinha ido augmentando progressivamente até formar uma especie de povoação no meio da cidade. Matavam-se e dividiam-se alli as rezes cuja carne se distribuia logo por toda Paris.

Comprehende-se que o prebostado auctorisasse a existencia dos ribaldos no meio de uma povoação de ribaldos, como os carniceiros e demais gente d'esta laia. Em todos os tempos e em todos os paizes houve um estigma de infamia sobre estas profissões que respiram o cheiro de sangue; no emtanto exigiam-se certas condições de moralidade n'aquellas que cortavam a carne nas mezas da *Grande Boucherie*.

A cerca Bruneau, cuja reputação Guillot já tinha descripto, comprehendia ainda no seculo decimo-quinto um grande espaço de hortas e jardins, posto que as ruas de *Saint-Jean-de-Beauvais* e de *Saint-Hilaire*, tivessem sido abertas no terreno d'esta cerca. Os bordeis ou antros das mulheres de má vida tinham-se espalhado ha muito tempo pelas immediações da *Cerca Brunel* e quem sabe mesmo se mesmo dentro d'ella, dentro dos recintos e entre o vinhedo.

A rua de *Froidmantel*, que se chamou alternativamente *Frementel*, *Fre*-

mantel, Fremanteau, etc., em latim *Frigidum mantellum* (Manto frio) e foi depois a rua de *Fromantel*, com desprezo da sua etymologia, deveu com certeza o seu nome a uma comica allusão ás pragmaticas de S. Luiz, que tiravam o manto e pelliça ás mulheres convictas de prostituição: as que habitavam n'esta rua de prostitutas, eram naturalmente despojadas do seu manto: d'aqui a alcunha de *damas de Froidmantel*.

O feudo de *Glatigny*, que pertencia em 1241 a Roberto e a Guilherme de Glatigny, deu o seu nome a um labyrintho de ruas estreitas e sujas que a prostituição occupava por privilegio e de que tinha feito o famoso *Val d'Amour* (valle de amor.) O destino impudico de Glatigny existiu até ao seculo XVII em que as ruas adjacentes foram reedificadas e melhor occupadas.

Nem Sauval, nem os seus continuadores nos dizem em que quarteirão estava situada a *Court* Roberto de Paris e o nome sob que é designada, não nos ajudaria tambem a encontrar a sua situação na *Taille* de 1272 se nos tirasse da incerteza. Esta Côrte, que havia de ser muito pequena, pois o registro da *Taille* só conta n'ella treze pessoas de importancia, communicava com a rua de *Baillehoé*, que lhe servia de corollario e que reunia a mesma classe de habitantes. Henrique Geraud pretende que a rua de *Renard-Saint-Merry* atravessou o solar da Côrte Roberto de Paris.

A rua de *Chapon*, que não mudou de nome, tomou-o no seculo XIII de um de seus habitantes, chamado Roberto *Begnon* ou *Begon*, ou *Capon*, que suppomos ter sido rei dos Truões, porque *begon* ou *begnon* parece derivado de *beguinus*, que quer dizer originariamente mendigo, em inglez *begging*; *capon* que vem de *capus*, falcão, era synonymo de *begnon*, não crêmos que por anti-phrase se tivesse dado o nome *chapon* a uma rua especialmente destinada á prostituição.

Finalmente a rua de *Champs-Fleury*, que sob o nome da rua da *Bibliotheca*, conservou sempre as suas tradições bordelarias, abriu-se depois d'alguns annos no logar occupado pelo parque do Louvre.

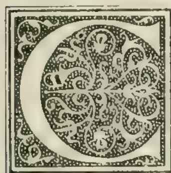
Na *Taille* de 1292 esta rua só figura com quatro contribuintes.

Esta rua de *Champs-Fleury* compunha-se apenas d'algumas casitas no meio d'uma pequena cerca e assombreadas por arvores, onde a prostituição nada tinha a receiar dos olhares curiosos dos transeuntes que só alli iam procurar os que sabiam alli estar.

CAPITULO XI

SUMMARIO

A taberna do «Carro dourado».—A rua Glatigny.—A rua do Fumier.—A rua do Inferno.—A rua Ferry.—A casa Cocatrix.—As abobadas da Calandria e do Mercado Palu.—A ilha Gourdaine. —O Ferrain ou a Motte aux Papelards. —Os arrabaldes.—O Campo Gaillard. - As quatro tabernas Meritorias.—O Chateau de Paille.—A taberna da Mula.—Os lupanares da Universidade.—O campo d'Albiac.—A rua Graciosa.—Os campos do Matadouro.—A rua d'Aronde.—A rua de Git le-Cœur. A rua de Sac-à-lie.—A rua Bordit.—As Cortes dos Milagres, etc., etc.

ONTINUEMOS a nossa viagem pornographica pelo velho Paris, dedicando-nos a enumerar as ruas que não foram mencionadas no poema de Guillot nem nas ordenações do Chatelet. O antigo nome d'estas ruas é quasi sempre o distinctivo do seu caracter particular. Apesar do uso geral que afastava do centro das cidades as mulheres de má vida, para as levar extramuros, e, por assim dizer, para fóra da vida commum, a prostituição tinha-se mantido ao principio em muitas ruas da cidade, em volta de Saint-Denis-de-la-Chatre, que já existia quando se formou a primeira confraria da Magdalena, como o dissemos pelas tradições recolhidas por Dubreul e Sauval, de onde se vê que o *Val d'amour* e Glatigny foram invadidos de preferencia pelos ribaldos que alli iam *commetter o peccado,* segundo os termos dos antigos officios.

Póde pois affirmar-se que a maior parte dos detestaveis becos que desappareceram ha poucos annos com os trabalhos executados atravez da antiga cidade luteciana formavam na idade média o theatro permanente da prostituição, ainda que os regulamentos da policia municipal procurassem circumscrevel-a ao seu asylo de Glatigny. As ruas de Marmousets, Cocatrix, Enfer, Perpignan e outras que formavam um labyrintho de casas, agrupadas umas sobre outras, privadas de luz e de ar, convinham maravilhosamente aos costumes bordelarios. Sabemos, por exemplo, que a rua de Perpignan se chamava rua *Charoui,* por causa de uma taberna do *Carro dourado* (*De carro aurico.*) Guillot fallou d'esta taberna :

En Charoui-bonne taverne achiez ovri

Qualquer taberna tornava-se, em caso necessario, n'um logar de prostituição. Esta taberna de *Charoui* devia ter um jardim plantado de roseiras, pois que a rua, tomou successivamente os nomes significativos de *Champrousiers,* de *Champfleury* e de *Champrosy.* Não seria acaso este campo de rosas, uma testemunha do prazer que se ia buscar a esta taberna, que foi substituida por um jogo de bola, e de que a rua tomou o seu ultimo nome de *Panpignom* ou *Perpignan.*

O nome de *Val d'amour* applicava-se mais particularmente á entrada muito estreita da rua de Glatigny que descia até ao rio e conduzia ao porto

Saint Landry. No caes d'este porto, onde vinham parar alguns barcos carregados de lenha e de trigo, corria uma linha de casas, presas umas ás outras e sustendo-se junto da agua que lhe banhava os seus carcomidos alicerces: estas casas pertenciam de direito á mais abjecta prostituição, que em toda a parte vêmos refugiar-se nas margens dos rios. A rua humida e escura que aquellas casas formavam por detraz, chamava-se *Port-Saint-Landry-sur-l'eau* ou rua do *Fumier*.

A familia dos Ursinos não receiou alli edificar um palacio, onde viveu um dos seus mais illustres membros, Juvenal, preboste dos commerciantes, e chanceller de França, no reinado de Carlos VI.

A presença d'este grande personagem n'uma rua tão mal afamada serviu para fazel-a mudar de nome: e com effeito se chamou desde então rua dos Ursinos; mas a extremidade inferior (*via inferior*,) chamou-se rua do *Enfer* (do inferno,) allusão á má vida que tinham os seus habitantes.

Já arriscamos uma conjectura, talvez temeraria, sobre a rua de *Marmousets*, que Guillot parece apresentar-nos como frequentada pelos ribaldos, ainda mais do que pelas ribaldas, todavia n'uma lista das ruas de Paris que o abbade Lebeuf julga feita em 1450, se registra esta rua sob o nome de *Marmouzètes*. Sabemos tambem que um grande edificio, chamado *Casa de Marmousets* (*Domus Marmosetarum*) para a qual se subia por escadas exteriores, existiu n'ella até ao seculo XVI. Este edificio seria um bordel?

Perto d'elle, havia um logar d'esta classe, chamado a *Côrte de Ferry*, que deu o seu nome á rua de *Trois-Canettes*.

Ha ainda a citar um covil analogo na casa de *Cocatrix* (*domus Coquatricis*,) contigua á de *Marmousets*, e que tirava o nome da casa em que estava situado. Esta rua que os archeologos de Paris pretendem ter tido o nome de um dos seus habitantes no seculo XIII, podia offerecer tambem, por causa do seu vil nome, campo para investigações curiosas da etymologia. *Cocatre* na nossa antiga lingua significa um castrado; *cocatrix* é em sentido restricto um verme que se gera nos poços e cisternas, e em sentido figurado uma mulher publica. Na *Verba erotica* da edição de Rabelais, o erudito Aulnaye define a palavra *Cocatrix*, por prostituta. Em apoio d'esta definição e para não deixar duvida alguma sobre as antigas franquias da rua *Cocatrix* os auctores da grande *Historia de Paris*, Felibien e Lobineau tiraram dos registros do parlamento as primeiras linhas de um decreto que começa assim:

«Na terça-feira 15 de junho de 1367, entre Joanna, *a Peltiere*, appellante, de uma parte e o mestre João d'Ahy e os restantes habitantes da rua de Marmousets, de outra... A appellante disse que vive na rua de *Cocatrix*, onde tem tido bordel ha muito tempo, sem memoria do contrario.» etc.

Esta passagem bem prova, que as ruas em que havia bordel eram consideradas estranhas ao regimen e ao direito commum.

Em opposição dos logares mal afamados, de Glatigny, encontravam-se, todavia, no centro da cidade outros asylos de prostituição, conhecidos sómente pelos mais vis vagabundos; eram estes o *Caignard* e os antros da *Calandria* e do Mercado *Palu*. Ainda que o aspecto d'estes logares seja actualmente tão triste como repugnante, formar-se-hia difficilmente uma ideia do que eram no seculo XIII e XIV, quando serviam de asylo nocturno á mais immunda e asquerosa libertinagem. A rua da *Calandria*, nome tirado de uma avesinha palradora, caracterisava as reuniões de mulheres, que havia n'ella desde pela manhã até á noite, e que nada mais faziam do que palrar e disputar, quando não faziam outra cousa peior. Cheia de lama e immundicies esta rua desembocava no Mercado *Palu*, cujo nome indica um tanque ou lagôa (*palus*,) mas que não era mais que uma cloaca, um *trou punais*, como se dizia n'aquelle tempo.

Mas tudo isto eram rosas, comparado com os becos que aqui confluiam e que não foram fechados até ao seculo XVII. Um d'estes becos, que no tempo de Sauval existia ainda em parte, entre as primeiras casas do *Petit-Pont*, (Ponte pequena) e algumas outras do *Marché-Neuf* (Mercado novo) chamava-se o *Caignard* por causa, diz Sauval (tit. I pag. 174,) de servir de passagem aos homens e mulheres de má vida, que passavam a noite nas casas do *Petit-Pont* em debochada convivencia.

Emfim a prostituição errante tinha ainda no centro da cidade dois campos de feira nocturna: um sob o arvoredo de uma pequena ilha, que, chamada a ilha de *Gourdaine* no seculo decimo quinto e a ilha *Aux-Vaches* (das Vaccas) tres seculos antes, formou depois a porta occidental da ilha da Cité; e o outro n'um outeiro que se elevava na extremidade oriental e se chamou sempre o *Terrein* (Terreno.) Esta pequena proeminencia que os escombros provenientes da reconstrucção de *Nossa Senhora* tinham levantado no leito do rio, de que o cabido da cathedral se tinha apropriado sem d'elle tirar partido, era todas as noites o ponto de reunião dos libertinos e das suas despresiveis instigadoras, sendo por isso chamado desde 1258, a *Motte aux Papelards* (*Motto Papelardorum.*)

Uma citação tirada de um sermão de Roberto de Sorbon, sobre a consciencia, nos fará comprehender o sentido equivoco em que o povo empregava aqui a palavra *Papelards*, para significar os vergonhosos perseguidores das mulheres perdidas: *Imo propter hoc dicuntur papelardi quia frecuentant confessiones*. E' para notar que o sermão de Roberto de Sorbon, de onde Ducange tirou esta singular citação, é quasi contemporaneo do baptismo do logar em que os *papelards* encontravam com quem conversar.

Emquanto á ilha de *Gourdaine*, que tinha sido a ilha *aux Vaches*, segundo antigos titulos que os archeologos não intentaram explicar, o seu nome tem analogias ou similhanças com *goudine, gourgandine* e *gordane* que eram synonymos de prostituta. Esta ilha, onde foram queimados os templarios em tempo de Filippe, *o Formoso*, parece ter sido um logar de supplicio consagrado particularmente ao castigo dos crimes obscenos, pois que se queria afastar do povo os culpados que se mancharam com esta especie de crimes, e que podia ser um objecto de escandalo nos seus ultimos momentos.

No quarteirão ou districto da Universidade, que comprehendia tantas ruas desertas, tantas cercas de campos deshabitadas, tantos bordeis e tabernas, a prostituição tinha uma grande quauntidade de asylos que os agentes da auctoridade não ousavam violar, e onde affluia a mocidade estudiosa. A descripção, que faz da vida dos arrabaldes uma ordenação de Henrique II, em 1548, póde applicar-se ao estado d'estes mesmos logares, dois ou tres seculos antes.

«Muitas casas dos ditos arrabaldes são apenas guaridas de gente malvada, tabernas, jogo e bordeis, e a ruina de um grande numero de jovens, que attrahidos pela ociosidade, consomem e perdem alli profusamente a sua juventude.»

Facil é imaginar as necessidades de libertinagem que dominavam aquella povoação universitaria, composta de robustos jovens, pervertidos na sua maioria. As ordenações de S. Luiz, só auctorisavam dois asylos de ribaldas, o *Abreuvoir-Macon* e *Froidmantel*, perto da cerca *Bruneau*, na Universidade; mas Guillot indica-nos seis ou sete ruas, onde se exercia claramente a prostituição. Os escriptores do mesmo tempo, e Santiago de Vitry principalmente, dizem-nos que cada casa do quarteirão das Escolas tinha pelo menos um bordel.

Alain de l'Ile, o *Doutor universal*, dizia dos estudantes do seu tempo: que eram mais affeiçoados a contemplar as bellezas das mulheres, que as de Cicero. E Santiago de Vitry, apresenta os flamengos, como os mais corrompidos.

«São prodigos, diz, amam o luxo, os prazeres da meza e a libertinagem, tendo uns costumes em extremo relaxados.»

Era, pois, necessaria uma grande quantidade de mulheres faceis para satisfazer as paixões d'esta mocidade indisciplinada que ia em magotes tanto para os bordeis como para as aulas. Rabelais, no seu *Pantagruel*, referindo-nos as proezas de *Panurge*, diz-nos que a policia municipal não tinha ainda acção no seculo decimo sexto, sobre as franquias da Universidade, e que a sombra de um estudante, punha em fuga os agentes da vigilancia.

D'aqui resulta que as mulheres dissolutas se encontravam sob a protecção dos estudantes que as tinham fóra do alcance dos regulamentos do Chatelet. Além das ruas *Platrière, Cordeliers, Bon-Puits, Noyers, Prètres-Saint-Severin*, em que o auctor *Dit des Rues de Paris*, confessa ter encontrado muitas ribaldas (*mainte meschinete*) admiramos que não tivesse ainda encontrado mais no *Champ d'Albiac*. *O Champ Gaillard* era uma praça, ou antes um campo, ladeado pelos muros que fechavam o recinto Filippe Augusto, que se estendia desde a porta *Saint-Victor* até á de *Saint-Marcel;* a rua aberta n'este terreno, no seculo decimo terceiro, chamava-se rua *des Murs* (dos muros) por causa da sua situação; pouco depois, chamava-se d'Arras, tomando o nome de um collegio que em 1332 alli se fundou; mas o povo que lhe deu o qualificativo *Champ-Gaillard*, para assim exprimir o seu destino nocturno, não substituiu este nome que ao mesmo tempo era justificado pela existencia d'uma ribalderia frequentada principalmente por estudantes.

Este logar, tinha ainda no decimo sexto seculo a celebridade sufficiente, para que Rabelais, que d'elle não falla unicamente de ouvido, o citasse com mais outros tres para caracterisar as desordens promovidas pelos estudantes de Paris. No capitulo VI do livro II é onde Lemosin, que mal escrevia o francez, narra os feitos dos seus collegas.

«*Certaines diecules, nous invisons les lupanaires de Champ-Gaillard, de Matsan, de cul-de-sac de Bourbon, de Hucleu et en cestes ecstase veneireique inculcons nos veretres es penetissimes recesses de pudendes de ces meretricules amicabilissimes.*»

A obscena linguagem do estudante que, estropiando o latim, julgava escrever classico, é felizmente bastante intelligivel para se produzir como um monumento de grammatica erotica da Universidade.

No mesmo capitulo de Rabelais tambem se trata de quatro tabernas que deviam ter tão má fama como os bordeis, pois de muitas ordenações do prebostado consta que a maior parte das tabernas eram servidas por mulheres publicas ou pelos seus rufiões ou corretores.

«Depois, diz o estudante de Pantagruel, iamos ás tabernas meritorias de Pomme de Pin, de Castel, da Madeleine e da Mule.»

Aqui nos apparecem as *tabernæ meritoriæ*, dos historiadores romanos, especialmente de Suetonio, o que nos prova que a palavra *meritrix* deriva do verbo *mereri* e do substantivo *meritum*. Não emprehenderemos por meio de uma dissertação archeologica o fixar a situação d'aquellas tabernas *meritorias*, e limitar-nos-hemos a fazer observar que os seus nomes parecem concordar com os das ruas onde sem duvida estavam situadas; assim a rua Madeleine e a de Pomme tornaram-se depois no decimo quarto seculo nas ruas de *la Licorne* e na de *Trois Canettes*, conservando as suas tabernas com o nome de *Madeleine* e *Pomme-de-Pin;* a rua do *Chatel* ou *Chateau* compunha-se d'uma parte da rua Ferronerie terminando na de *Arbre-sec*, e uma casa chamada *Chateau-Fetu* ou *Chateau-de-paille* durou ainda por muito tempo entre a egreja de *Saint-Landry* e o rio. Não era este um sitio bem escolhido para estabelecer uma taberna e o mais?

Em quanto á taberna *Mule*, o seu nome tira-o da rua do *Pas-de-la-mule*,

antigo nome que prevaleceu sobre o de *Rue Royale* que lhe quizeram pôr quando se abriu a praça Real.

Não receiamos portanto o comprehender entre os logares mal afamados de Paris estas quatro famosas tabernas, frequentemente mencionadas pelos poetas e historiadores do seculo dezeseis.

Esta digressão a respeito das tabernas, distanciou-nos um pouco dos lupanares da Universidade, de que vamos continuar a fallar sem todavia ter a pretensão de todos conhecermos. A rua *Graciosa*, ao principio chamada *Albiac*, foi aberta n'um terreno chamado *Champ d'Albiac* e que desde tempos immemoriaes era dedicado á prostituição: as habitações que o vicio alli occupára por direito hereditario, como veremos logo, só foram destruidos em 1555. Os etymologistas encontraram nas contas de Paris o appellido de uma familia *Albiac*, e d'uma outra *Graciosa* que dão como padrinhos d'esta rua tão mal habitada em todos os tempos: mas, arriscando uma hypothese mais verosimil, preferimos reconhecer no appellido Albiac uma allusão aos Albigenses (*Albiaci* e *Albigensis*) que eram hereges não só em religião, como tambem em amor, segundo a opinião popular que confundia sob a denominação de *Albigesis* e *d'Albiac* a todos os libertinos cheios de vicios e maculados por impurezas.

O *Champ d'Albiac* devia pois ser o campo de feira d'estas impurezas e a rua que se abriu n'este logar foi chamada *Graciosa*, ou por ironia ou por antinomia.

Outros campos havia em que as ribaldas tinham os seus bordeis (*bouticles au peché*) como o *Champ de la Boucherie*, perto da rua *Mauvais Garçons*; o *Champ Petit*, junto da rua Bolloir: o *Champ de l'Alluette*, etc. A palavra *Champ* designou ordinariamente um sitio em que se comprava e vendia. Tratando das ruas e travessas habitadas pela prostituição não devemos esquecer a *Aronde* ou *Hirondelle* immediata ao *Abreuvoir Macon* que Rabelais, pouco dado a etymologias obscenas, chama *Matcon*.

Esta rua *de l'Hirondelle*, escura e immunda, que se encontra por de traz das casas do caes S. Miguel, tinha tirado o nome da taboleta d'uma casa de prostituição. Perto d'alli, seria facil descobrir-se equivoco muito significativo no nome da rua *Git-le-Cœur*, que alternativamente, por corrupção maliciosa ou involuntaria, se chamou *Villequeux*, *Guillequeux*, *Gilles-Queux*, *Gui-le-conte*, etc., etc.

A pequena distancia d'esta rua havia tambem a rua *Parée*, a que so escrupulosos chamavam rua *Parée d'Andouilles*. As ruas immediatas, cuja industria nos é recordada pelos seus antigos nomes, estiveram igualmente infestadas de mulheres de má vida: a rua *Sac-à-Lie*, alcunha que se dava a estas mulheres, veio a ser de Zacarias; a rua *Eperon*, chamava-se *Gaugai* (*Gaut-gay*, prazer alegre) e assim inculcava o genero de divertimento que alli se encontrava.

Finalmente, n'este dedalo de travessas e becos, que tinham substituido as vinhas de Laas ou Liaas, onde a prostituição errante passeava os seus amores: entre a rua *Harepoix* e *la Poupée* é onde nós pretendemos localisar o lupanar do becco sem sahida de Bourbon, que os commentadores de Rabelais collocam perto do Louvre. N'uma palavra, o districto da Universidade era mais abundante em logares de prostituição que os mais districtos de Paris, ou pelo menos, n'elle havia muito mais prostitutas: e isto não é necessario proval-o, se se considerarem os costumes licenciosos dos estudantes que não sahiam dos limites dos seus dominios, que n'elles tinham prazeres de sobra para que os fossem buscar a outra parte.

Mas os eruditos, que teem escripto sobre as ruas de Paris, dedicaram-se a descobrir-lhes os seus antigos nomes e velhas tradições pornographicas sem ter em conta que esses nomes das ruas, adquiridos na sua grande parte em vir-

tude de occorrencias populares, tinham passado a homens, e não eram os homens que davam o nome ás ruas. Assim quando querem estudar a origem etymologica da rua Bordet, que parte da *Fonte de Santa-Genoveva* e sobe até á rua *Mouffetard*, no mesmo sitio em que era a porta Bordelle que lhe deu o nome, dizem que um tal Pedro de Bordelles (*Bordelis*) viveu n'esta rua no seculo duodecimo e que lhe legou um nome que não podia ter uma interpretação licenciosa.

«E' um erro popular, dizem os auctores do *Dictionnaire historique de la ville de Paris*, julgar que em virtude da similhança do nome, esta rua, n'outro tempo, tivesse sido consagrada á prostituição.»

Todavia, certo é, que Pedro Bordelles assim foi designado nas actas, porque possuia uma casa chamada Bordelles, Bourdelle e Bordel, por causa do seu primitivo uso e dos numerosos bordeis que Paris continha. A rua Bourdelle, que conduzia á porta do mesmo nome, nada fez para desmentir este nome deshonroso, mais confirmado ainda pela visinhança de um *Champ-Gaillard*, que se transformou em *Chemin-Gaillard*, quando se abriu uma nova rua, agora chamada *Clopin*, nome moderno, em que ainda se reflecte a tradição dos maus costumes de todas estas ruas proximas dos muros e das portas da cidade.

Só nos resta descrever a situação pornographica de certos centros de ribalderia chamados *Côrtes dos Milagres*, porque os miseraveis que alli se reuniam e aparentavam as mais lastimosas enfermidades para excitar a commiseração publica, sahiam d'estes antros, coxos, mancos, cegos, leprosos, cobertos de chagas e á noite voltavam sãos, alegres e dispostos para as orgias e libertinagem.

Estas *Côrtes dos Milagres* eram povoadas por ladrões, mendigos, vagabundos, ratoneiros e creaturas abjectas, que de mulheres só tinham o nome que infamavam. O mais antigo d'estes covis de infamia era a *Grande Truanderie*, que colonisou todos os districtos de Paris, em que a policia do preboste lhe consentia abrir delegações. As duas grandes succursaes da *Truanderie* foram as do *Temple* ou das *Aumones* na rua *Francs-Bourgeois* e a *Côrte dos Milagres* por excellencia junto de *Filles-Dieu*, entre as ruas *Saint-Denis* e *Montorgueil*.

Além d'estas havia mais de vinte côrtes da mesma especie, onde se levava a mesma vida torpe: mas bastará citar a *Cour de la Jussienne* na rua *Montmatre*, ao lado do oratorio das prostitutas, dedicado a Santa Maria Egypciaca; a *Cour Gentiens* na rua de *Coquilles*; a *Cour Brisset* na rua *Mortil'erie*; a *Cour de Baviera* na rua *Bordet*; a *Cour de Sainte Cataline* e a *Cour du roi François* na rua *Ponceau*; a *Cour de Bacon* na rua *l'Arbre-Sec*, etc., etc.

Sauval, fallando dos perigosos habitantes da rua *Francs-Bourgeois*, diz: «a todas as horas a rua e as casas eram theatro de prostituição e de crimes,» mas Sauval ainda faz um quadro mais horrendo da principal *Côrte dos Milagres*, que elle poude vêr em todo o seu esplendor, quando servia de refugio a tudo quanto havia de criminoso e infame em Paris. Alli, á sombra da impunidade, chegava a prostituição ao ultimo grau do vicio.

Esta *Côrte dos Milagres* tinha tido n'outros tempos uma extensão consideravel, mas, pouco a pouco, se viu apertada entre a rua de *Montorgueil*, o convento das *Filles-Dieu* e a rua *Saint-Sauveur*, compondo-se então unicamente d'uma praça irregular e d'um becco sem sahida, sujo e mal cheiroso.

«Para alli ir, diz Sauval, extravia-se qualquer frequentemente nas travessas asquerosas, pestilentes; para entrar é preciso descer um comprido declive tortuoso e desigual. Vi uma casa ostentando velhice e porcaria; não tinha quatro toezas em quadrado e todavia alli vivia uma multidão de creanças, filhos legitimos, naturaes e espurios.»

Sauval, que tão curiosos dados sobre os habitantes d'estas *Côrtes de Mi-*



A côrte dos milagres

lagres recolheu, não nos diz infelizmente nada ácerca das mulheres que o *reinado argotico* registrava sob o governo do grão Coesre. Mais notavel é ainda não possuir o retrato physico e moral das vassallas d'este rei dos miseraveis, sabendo uma extravagante particularidade do seu infame officio.

«As menos feias das mulheres, diz Sauval, prostituiam-se por dois *liards*, as outras por um *doble*, a maior parte por cousa alguma. Muitas d'ellas costumavam dar dinheiro aos que faziam filhos nas suas companheiras, com o fim de se apoderarem d'elles para ter com que ganhar a vida, excitando a compaixão publica, arrancando assim esmolas.»

O preço das prostitutas da *Grã Côrte dos Milagres* era sem duvida o mais baixo que podia dar-se a uma mulher em troca das suas vergonhosas complacencias; no tempo de Sauval dois *liards* valiam cerca de dois soldos da nossa moeda e o *doble*, dinheiro tornez, equivalia a dois terços d'um *liard*, isto é, tres soldos da actual moeda. Duvidamos que o preço da prostituição alguma vez tivesse descido mais, nem que por mais vil preço uma mulher entregasse o seu corpo.

Esta especie de prostituição estava completamente fóra da acção da policia do Chatelet. As desgraçadas que a exerciam, protegidas pelos privilegios das Côrtes dos Milagres, pertenciam á raça cosmopolita dos vadios e dos ladrões que povoavam estes asylos do crime. Andavam cobertas de farrapos; uma grande parte d'ellas tinham seguramente nas veias sangue cigano, distinguindo-se pela sua repugnante fealdade, pela tez acobreada, pelo cabello encarapinhado: as brancas e de cabello loiro eram as formosas e por isso serviam para attrahir para aquelles antros os encautos que, perdendo-se, ao escurecer se encontravam nas cercanias d'uma *Côrte dos milagres*.

A bella excitava os desejos da victima que espreitava ás esquinas das ruas; umas vezes mostrava-se lavada em lagrimas, inventando uma fabula capaz de commover qualquer: outras sahia ao encontro do imprudente que a ella se offerecia e com mil pretextos o arrastava atraz de si: e ainda outras injuriavam o viandante, provocando-o com insolencias a ter com ella uma pendencia que lhe désse motivos para gritar por soccorro. Então os cumplices, fingidos paes, irmãos, amigos, acudindo aos gritos atacavam o homem, roubavam-o, maltratavam-o e, se procurava defender-se, assassinavam-o.

A mesma sorte esperava o desgraçado, quando se deixava seduzir por estas sereias das encruzilhadas e se arriscava a seguil-as até ao seu antro: um pae, um marido, um irmão, apparecia sempre pedindo-lhe contas de uma seducção, que lhe não davam tempo de consummar, e, por vontade ou por força, tinha de pagar uma indemnisação que comprehendia tudo quanto levava comsigo, sem excepção da propria roupa. E graças tinha a dar, se com a camisa podia salvar o corpo.

Escusado é dizer que estes artificios e ciladas eram ensinados pelos paes aos filhos, pelos maridos ás mulheres, pelos irmãos ás irmãs. Desde a mais tenra idade, as creanças eram abandonadas á mais hedionda corrupção: faziam do corpo a mais vil das mercancias, vendido, sacrificado á sordida e immoral avareza dos paes ou dos amos: não tinham noção alguma do bem ou do mal, principalmente no que era relativo ao pudor: homem ou mulher, os seus primeiros passos na vida eram dados para a prostituição e uma vez entrados no caminho da infamia nunca mais de lá sahiam.

N'estes antros viviam as prostitutas d'onde sahiam em busca de fortuna e para onde voltavam quando tinham envelhecido no officio. Continuavam ainda a vil preço a vergonhosa industria e se não encontravam quem lhes comprasse o corpo mudavam de mister, lendo a *buena-dicha*, fazendo licôres amorosos, filtros, amuletos, vendendo gordura e cabello d'enforcado para maleficios e mais operações de bruxaria.

Os proprietarios das casas de uma rua destinada a prostituição publica nunca se pretenderam libertar da vergonhosa industria para que concorriam, alugando os predios que lhes produziam avultadas rendas. Vêmos, pelo contrario, n'um processo renovado frequentemente e relativo á rua *Baillehoe*, que o destino d'estas ruas constituia um privilegio mui vantajoso em favor dos proprietarios ou inquilinos, que sempre se mostraram solicitos em defendel-o e conserval-o.

Este processo, de que encontrámos vestigios dispersos nos registros do parlamento, durou mais d'um seculo, renovando-se sob todas as fórmas entre os interessados, que por uma parte eram os proprietarios das casas d'esta rua infame e que por outra eram o cura e conegos de *Saint-Merry*. O preboste de Paris e o rei alternativamente intervinham na questão que mais enredavam com editos e ordenações contradictorias. O parlamento, por seu turno, tomando conhecimento do assumpto, contentava uns e outros, sem força para aniquilar direitos, fundados na legislação de S. Luiz e robustecidos por um uso continuado.

Um decreto de 24 de janeiro de 1388, inserto nas provas da *Historia de Paris* de Felibien e Lobineau (tit. IV, pag. 538), dá-nos a conhecer o estado da questão e as pretensões reciprocas das duas partes litigantes. O cura e os conegos tinham obtido ordens reaes, que supprimiam definitivamente a prostituição na rua *Baillehoe* e uma ordem do preboste de Paris, João de Folleville, determinou que as mulheres publicas, habitantes d'esta rua, immediatamente a desalojassem: como estas infelizes se vissem apoiadas pelos proprietarios dos predios que occupavam, não se apressaram em obedecer á ordem do preboste, e este enviou archeiros, que á força as fizessem sahir e artistas que murassem as entradas das casas.

Prejudicados nos seus interesses e indignados com este abuso da auctoridade, os proprietarios levaram a demanda perante o parlamento, queixando-se do cura e dos conegos de Saint-Merry, a quem accusavam de haver abusado da boa fé do rei e do preboste. Estes honrados proprietarios deram amplos poderes de representação a tres dos seus companheiros que eram: Santiago de Braux, Filippe Gibier e Guilherme de Nevers.

Resumamos agora os argumentos com que cada uma das partes defendia a sua causa, que com grande empenho foi discutida em audiencia solemne pelos melhores advogados do fôro de Paris.

Por parte da egreja dizia-se que o rei S. Luiz ordenára que as ribaldas não vivessem em *logares e ruas honestas*; o preboste de Paris decidiu que a rua Baillehoe estava nas condições de honestidades prescriptas pela ordenação do rei e da rua, e expulsou as ribaldas, condemnando os proprietarios das casas alugadas áquellas mulheres dissolutas no *quadruplo do aluguer*.

«A rua, dizem mais os defensores dos conegos, é immediata ás maiores e melhores da capital, onde vivem muitas familias honradas, além dos conegos e capellães da egreja. Além d'isso grandes inconvenientes podem resultar, pois que se uma ribalda matar um homem, pode ella acolher-se á egreja: que esta rua fica em caminho de Saint-Merry, para ir d'esta á rua de Viderie e em taes ruas não deve haver más mulheres. *Item*, que a rua está proxima da egreja, e perto d'ella não deve haver taes mulheres, pois é o caminho que os conegos e capellães, seguem para ir á egreja.»

A outra parte dizia:

«Que bom era que taes mulheres vivessem proximo das ruas principaes, onde menos mal fazem do que nas ruas escuras e nos arrabaldes: que a dita rua só serviria para o officio d'ellas e que se alguem praticasse algum delicto, só poderia fugir pela rua principal, onde mais facilmente seria preso do que se o delicto fosse commettido distante da grande arteria: que as taes mulheres sem-

pre tinham vivido na dita rua, que antigamente tinha tido uma porta, a qual, por um inconveniente qualquer, foi tirada.»

A este proposito, recordáva-se que, sob o reinado de Carlos v, Hugues Aubriot, preboste de Paris, tendo visitado os bordeis, supprimiu muitos d'elles, deixando subsistir os de Baillehoe, justificando a permissão, dizendo que os envergonhados *melhor ousariam frequentar este* do que os outros. Tambem se pretendia, que a egreja de Saint-Merry tinha interesse em que outro destino não tivesse a rua «pelo rendimento que d'ahi se auferia e porque *in virorum honestorum dominibus sœpe lupanaria exercentur*, etc., e graças a Deus, nunca mal algum foi praticado em Baillehoe.»

Argumentava-se com as ordenações de S. Luiz, que determinou que, como em *Glatigny* e na *Côrte-Roberto de Paris*, houvesse bordeis em Baillehoe, e que, tendo elles desapparecido agora da *Côrte Roberto*, era conveniente que os houvesse n'esta rua.

Os proprietarios objectavam tambem que a rua em questão não era o caminho natural para a egreja, sendo-o mais directo pela rua Saint-Merry, e que se podia prescindir de por alli levar o viatico aos enfermos, embora não houvesse escrupulos de o levar pela rua Tiron que não era mais honesta.

«E é conveniente, concluia esta parte, que o bordel esteja proximo da egreja, pois que se taes mulheres peccam não estão condemnadas e bom é que alguma vez vão á egreja, o que mais facilmente farão se d'ella estiverem perto do que se a grande distancia habitarem. *Item*, não é inconveniente que perto das egrejas haja bordeis, pois que *Glatigny* com os seus está junto de *Saint-Denis-de-la-Chartre*, uma das mais devotas egrejas da cidade, e o mesmo succede com a de Saint-Landry.»

Os defensores na replica evitaram tócar a espinhosa questão da conveniencia de approximar os bordeis das egrejas, limitando-se a dizer que a lettra da pragmatica de S. Luiz, se oppunha a que as mulheres de má vida vivessem perto das egrejas; em apoio d'este argumento citaram o texto da lei romana *Deterius est quod penes sacrosanctas ædes morentur*.

E se por direito natural o mais infimo da cidade póde requerer que estas mulheres sejam postas fóra da sua visinhança, com mais forte razão o póde fazer um parocho que, tendo de amiudadamente ir á egreja, tem de seguir a dita rua como caminho mais curto para a egreja *Saint-Merry*.

Não sabemos ao certo quando terminou esta demanda, mas deve ter-se como um dos seus ultimos episodios a pragmatica de Henrique vi, rei de Inglaterra e França, que em 1424 se declarou pelo parocho e cabido de *Saint-Merry*. E' provavel todavia que, apesar de todas as ordenações reaes e de todas as ordens dos prebostes, a prostituição não abandonasse uma rua de que estava de posse *por tal e tanto tempo que não ha memoria do contrario*.

Mas o parocho de *Saint-Merry* castigou a um dos proprietarios da referida rua, a quem tivera como adversario na questão das *tendas do peccado*, condemnando-o a justificar-se n'um domingo á porta da egreja de haver comido carne á sexta-feira.

O cabido, tendo triumphado, mudou o nome da rua, que tomou o da immediata *Brisemiche*, perdendo assim o seu antigo caracter ignominioso, pois que pronunciando-se Baillehoe fazia o povo uma mimica obscena que não tinha razão de ser a respeito da rua *Taillepain* ou *Brisemiche*.

Todas estas etymologias de *Baillehoe* eram igualmente significativas, que, se escrevesse Baillebore ou Baillehore ou Baillehort, quer se prefira adoptar a antiga orthographia *Baillehoe Baillehoche*, porque o verbo *baille* variava de significação segundo a palavra que lhe ia junta e esta palavra tinha sempre um sentido obsceno: *houe* é um instrumento de trabalho; *hore* é uma mulher publica; *host* um choque violento; *hoche* mosca. N'uma palavra, havia

sempre um sentido obsceno nos differentes nomes d'esta rua que, perdendo os seus nomes indecentes, não se tornou mais honesta, pois ainda no ultimo seculo as mulheres de Brisemiche tinham uma celebridade proverbial.

O documento que analysamos ao fallar do litigio entre a egreja de *Saint-Merry* e os proprietarios de *Baillehoe* permitte-nos fixar alguns pontos de archiologia pornographica. Quasi podemos com certeza affirmar que as ruas designadas para a prostituição haviam sido n'outro tempo, de noite, fechadas com portas; que estas ruas frequentadas pelos ribaldos e mais gente perdida eram frequentemente theatro de rixas e assassinatos; que apesar d'isso o aluguer das casas, era alli mais elevado, produzindo avultados rendimentos aos proprietarios: que as mulheres publicas tinham entrada franca nas egrejas, onde iam menos para orar, do que em busca de aventuras; e, finalmente, que a visinhança d'um bordel era vantajosa á egreja, por causa das esmolas que as suas parochianas davam ao padre e para a fabrica do culto. Além d'isso, conclue-se tambem, que, desde então, uma razão de direito consuetudinario subsistente até aos nossos dias auctorisava a todos e a cada um dos visinhos honestos a apresentar queixa contra toda a mulher de ma vida, que quizesse fazer expulsar da sua visinhança pelos agentes do Chatelet encarregados da policia das mulheres publicas e dos logares da prostituição.

CAPITULO XII

SUMMARIO

O livro da *Taille* de Paris.—O rei dos ribaldos da rainha Maria.—Isabel Epineta.—Joanna, a Normanda.—Edelina, a Raivosa.—Aaliz, a Berna.—Aaliz, a Mourisca.—A Bailesa e Aaliz *Sans-argent*.—Ignez, a Alondra.—Joanna, a Debil.—Margarida, a Gala.—Genoveva, a Festejada.—Joanna, a Grande.—Isabel, a Chata.—Mahent, a Lombarda.—Margarida, a Brava.—Isabel, a Coxa.—Ignez, a Serviçal.—Julieta, a Intriguista.—Joanna, a Borgonheza.—Maheut, a Normanda.—Gila a Coxa.—Mabil, a Escosseza.—Ignez, a Branca de mãos.—Joanninha, a Brincalhona.—Amelina, a Pequena.—Amelina, a Gorda.—Maria, a Negra.—Ignez, a Grossa.—Joanna, a Sabia, etc.



Dissemos que o livro *la Taille* de Paris, do anno de 1292, não continha facto algum relativo á prostituição; mas, depois de novamente ter examinado este livro tão precioso para a historia de Paris n'aquella época, julgamos dever modificar a nossa primeira opinião que, posto que verdadeira ao primeiro relancear de olhos, não deve ser aceeite sem certas reservas; pois se, com effeito, em parte alguma nos assentos do *la Taille* se encontra a designação precisa das mulheres que exerciam a profissão de prostitutas, aqui e alli julgamos, pelas alcunhas e appellidos que as caracterisavam, reconhecer algumas.

Certo é, que estas mulheres não pagavam impostos na qualidade de prostitutas; mas pagavam-os na qualidade de inquilinas das casas que habitavam na capital, que não eram os bordeis onde davam largas aos seus vicios e depravação (*bouticles au peché.*)

Infelizmente nada sabemos das condições dos impostos e não é facil comprehender, por exemplo, a razão porque Paris, no tempo de Filippe, *o Bello*, contendo uma população de 400 mil almas, apenas tinha 15:200 contribuintes, segundo os calculos do sabio Henrique Gerardo, pagando ao todo 12:218 libras e dez soldos. Estes contribuintes não eram os habitantes mais ricos, pois estes eram exceptuados da *Taille* pelos seus privilegios campestres: nem tão pouco eram os mais pobres, como o vêmos pelas differenças de fortunas mencionadas nas variações da *Taille*. Não merecem confiança as hypotheses de Dulaure que pretende que o numero das *Tailles* indique o de fogos. Se isto assim fosse o registro da *Taille* não mencionaria em quadro especial, os filhos, os servos, os artistas, convivendo na companhia das pessoas sobre quem recahia o imposto.

Vamos tambem apresentar uma hypothese que se não funda em provas escriptas: emquanto a nós a *Taille* comprehendia unicamente os habitantes de rez do chão com portas para a rua. Esta conjectura, que nenhum documento contradiz, tem a vantagem de explicar naturalmente a notavel desproporção que existe entre o numero de habitantes e dos contribuintes, entre os quaes as mulheres não chegam a ser a decima parte.

A *Taille* de 1292 permittir-nos-ha assignalar um facto confirmado por muitas ordenações posteriores do prebostado de Paris: as ruas destinadas á libertinagem publica só recebiam as mulheres de má vida nos bordeis a certas horas do dia. Veremos que ellas não habitavam de noite n'estas mesmas ruas, como se o legislador tivesse querido que respirassem o ar da vida honesta, arrancando-as momentaneamente á atmosphera da sua infamia. Só as encontraremos pois nas ruas immediatas, mas não nos será difficil o reconhecel-as pelos appellidos e alcunhas e pela uniformidade do imposto.

Antes de proceder á procura d'essas mulheres nas parochias em que escondiam a sua existencia, ás vezes christã e honesta na apparencia, pois muitas d'ellas eram casadas e tinham familia, devemos tirar do livro da *Taille* uma particularidade que o editor deixou passar desapercebida e que se refere á historia da prostituição. Nos assentos da arraia miuda, que residia no bairro Saint-Germain-l'Auxerrois e em quem incidiu o imposto de um soldo e doze dinheiros por cabeça, extranha-se o encontrar o *rei dos ribaldos da rainha Maria* (V. p. 5 do lib. *de la Taille*.) Quem é este rei dos ribaldos morador na rua *Osteriche*, actualmente rua do Oratorio, em frente do Louvre? Seguramente não se trata de official da casa do rei de França e a infima quota que lhe impozeram sufficientemente prova a inferioridade da sua condição. Não era decerto o rei dos ribaldos da côrte de França quem pagava ao fisco a mesma quantia que Adão, o *sapateiro*, João, o *mendigo* e outros da mesma laia.

Como já dissemos em cada centro de ribaldia havia um rei de ribaldos e esta especie de mordomo encarregado de manter a ordem no antro era apenas uma grutesca caricatura do rei dos ribaldos da casa real. O da rua Osteriche pertencia a mais inferior ribalderia da cidade e o seu pomposo titulo não impede que tivesse sido um patife da peior especie.

Emquanto a essa rainha Maria de quem se declarava official e ministro, não podia ser senão uma ribalda ou alguma velha que tinha subido ao throno da devassidão pelas acclamações das suas companheiras. Não póde concluir-se outra cousa d'esse titulo dado a uma mulher chamada Maria, tendo um rei de ribaldos taxado com 12 dinheiros; e inutil é demonstrar que este vil rei dos ribaldos não podia pertencer á rainha Maria de Barbante, viuva de Filippe o Corajoso, que n'essa época ainda era viva.

Podemos affirmar com fundamento, e só por este singelo raciocinio, que pelo menos em certas ribalderias as mulheres publicas elegiam uma rainha, como outras corporações de mulheres, especialmente as lavadeiras e vendedoras de peixe, etc. Esta rainha tinha naturalmente um rei de ribaldos encarregado da policia interna do estabelecimento em que reinava esta impudica soberana, se era o nome de rainha o que davam á gerente da ribalderia. Já vimos no sequito dos reis de França no seculo XVI uma gerente d'esta ordem, a quem as ordenações de Francisco I e de Henrique II não concedem as honras d'um obsceno reinado.

Geralmente dando-se aos bordeis o titulo ironico *de abbadia* na linguagem pittoresca do povo, a directora de tal *abbadia* chamava-se *abbadessa* ou *prioresa*. Póde comtudo suppor-se que a rainha Maria tinha sido eleita por uma das associações de libertinos, larapios e jogadores que simulavam uma côrte com uma burlesca imitação dos officiaes e dignatarios da corôa.

Tratemos agora das mulheres sem profissão que a *Taille* de 1292 nos aponta como habitando as ruas suspeitas nas immediações das destinadas á profissão. Primeiro encontramos entre a *gente miuda* da citada parochia de Saint-Germain com o imposto de 12 dinheiros a *Florida da Boscage*, do Bosque, que vivia fóra da porta Saint-Honoré e por conseguinte fóra do fosso da cidade; *Isabel l'Epinete* na rua de *Froidmentel*, que acaba de desapparecer com os seus antigos antros de prostituição; *Joanna, a Normanda* na rua *Biauroir*, que

ainda ha quarenta annos existia com o nome de Beauvais; *Edelina l'Enragiée* na rua *Riche-Bourc*, hoje chamada Cod-Saint-Honoré; *Aaliz la Bernée* á esquina da rua dos *Pouiles*; *Aaliz la Morelle* na rua *Jeham Evront*, de que não ha vestigios; a *Baillie* e *Perronelle-aux-chiens* na rua *Paulins*; *Letoys*, filha de *Anliz-sans-argent* na rua *Aceron*, hoje a de *Bailleul*.

E' para notar que as ruas sombrias e mal cheirosas, onde residiam essas mulheres, cuja profissão bem indicada é pelos seus alcunhas, nunca deixaram de ser habitadas pela escoria da população.

Entre a ralé do bairro *Saint-Dustache* encontramos *Peronelle* de *Sezenes* ou *Sirenes*, *Ignez l'Alellete*, *Joanna la Maigrèt*, *Margarida la Galaise*, *Genoveva la Bien-Feteè*, *Joanna la Grand*, etc. Estes nomes teem-se conservado tradicionalmente entre a gente dada á baixa prostituição.

Nos mesmos bairros e nas mesmas ruas, a *Taille* de 1292 menciona ainda com alcunhas analogos outras mulheres que viviam tambem do seu corpo, mas que d'elle tiravâm mais lucro, pois que no impôsto figuram com 2, 3 e mesmo 5 soldos: taes eram fóra de portas de *Saint-Honoré*, *Isabel a Chata* e *Maheut a Lombarda* na rua *Froidmantel*; *Margarida a Brava*, *Isabel a Coruja* e *Ignez a Serviçal* na rua *Biauroir*; *Julieta a Intriguista*, *Joanna a Bourgoinque*, *Mahenti a Normanda* e *Gila a Coxa* na rua *Riegebõurg*.

Deve-se observar que estas ruas pobres e mal afamadas eram tambem occupadas por artistas da mais infima classe, pescadores, sapateiros, ferros-velhos, etc.

Nas ruas de mais passagem e melhor habitadas são mui poucas as mulheres de reputação equivoca. Só se encontram nas immediações das ruas destinadas á prostituição, mas onde não viviam, como adeante provaremos. Assim na rua Glatigny, em que a prostituição campeava fortemente, encontram-se: *Margarida la Crispiniére*, *João le Pasteur*, *Eloisa la Chandaliere*, *Samtiago le cordomier*,

Mas, encontrando no numero dos inquilinos d'esta rua infame um certo *Jeharraz*, pagando 22 soldos de contribuição, um *Guiberto o Romano* com 25 soldos de imposto, a mulher de Nicolau e suas duas filhas, pagando 38 soldos e Gil Marescot que paga 36, inclinamos-nos a tomar estes individuos, como donos de bordel, cuja clientella iam procurar ás ruas proximas.

N'ella encontramos *Mabil l'Escote*, *Perronelles la Grœente*, Lorenceta, Ignez-Mains-Blanches, *Jeanette la Papine* e outras que reconhecemos como mulheres de virtude facil. N'um centro de prostituição não menos activo, do que o *Val d'amour*, em Baillehoc e na Corte de Roberto de Paris, apenas contamos quatro mulheres sem profissão entre 38 contribuintes, dos quaes o mais sobrecarregado não paga mais do que 5 soldos, e estes são: *Amelina Baleassez*, *Amelina la Petitte*, *Inés la Bogoñona* e *Maheut la Normanda*, com 2 soldos de imposto cada uma; a creada de Maheut figura com o mesmo imposto da ama, de cujos trabalhos e beneficios, aparentemente pelo menos, participava.

Mas nas ruas adjacentes ha mulheres, reconhecidas pelas alcunhas, sem duvida pertencentes á ribalderia de *Baillehoe*, embora tivessem o seu domicilio n'aquellas honestas habitações. Unicamente citaremos Christina e sua irmã Maria na nova rua de *Saint-Merry*; Juliana e Ignez na mesma rua; *Amelina a Gorda* no claustro: *Maria a Negra*, *Maria a Ricarda* e *Ignez a Sabia* na rua Simon-le-Franc, etc.

O pessoal da prostituição n'estes bairros populosos não era decerto só este, mas comprehende-se o motivo, porque na *Taille* figuram algumas prostitutas e não todas.

Deve-se ter tambem em conta que nem todas as mulheres de facil virtude se entregavam exclusivamente á prostituição e que a maior parte d'ellas estavam comprehendidas na cathegoria de diversos officios. Do espirito das Or-

denações de S. Luiz, que regiam a prostituição, parece deduzir-se, que toda a mulher era livre do seu corpo e com elle á vontade podia negociar, comtanto que se não entregasse ao peccado senão nos antigos bordeis e ruas destinadas a este mister desde tempos remotos. Segundo os termos de muitos decretos do parlamento, Delamare, que tinha á vista todos os monumentos da legislação do Chatelet, d'outro modo não apreciou as mulheres que, entregando-se á prostituição, só eram tidas como tal no exercicio d'essas funcções.

Resulta d'esta distincção n'uma e n'outra phase do seu genero de vida que a authoridade municipal não devia intervir nas licenciosidades secretas das mulheres, que escrupulosamente obedeciam ás ordenações e que só eram ribaldas communs, quando frequentavam os logares destinados á prostituição. A mulher que se prostituia n'um d'esses sitios ficava, por assim dizer, rehabilitada logo que d'elle sahia. Assim se explica uma sentença dos magistrados de Bordeus que condemnaram um homem a presidio por ter violado uma mulher publica. Angelo Stefano Garoni transcreve esta memoravel sentença no seu tratado de jurisprudencia intitulado: *Commentaria in titulum de meretricibus et lenonibus Constitut Mediol.*

«Os logares infames da prostituição, diz Delamare no seu *Tratado da policia*, eram communs a muitas d'estas mulheres publicas e as suas vivendas estavam d'elles distantes. Eram pontos de reunião, onde tinham liberdade para o seu commerciar impudico e que se lhes marcavam para as tornar mais conhecidas e obrigar a afastar as que ainda eram susceptiveis de algum pudor. Era-lhes prohibido (segundo o *livro verde antigo* do Chatelet, fol. 159,) commetter o peccado em qualquer outra parte, sob as penas estabelecidas nos regulamentos. Mas ellas illudiram estas sabias precauções, indo aos logares publicos tão tarde, que não eram conhecidas, nem eram vistas entrar.»

Desde então, marcaram-se-lhe as horas d'entrada e sahida nos bordeis, que não se abriam antes de amanhecer e eram fechados ao pôr do sol. Todavia, não consta que as rameiras estivessem sujeitas a qualquer inscripção; mas, póde-se afoitamente dizer que eram obrigadas a pagar um imposto fixo, descripto nos rendimentos da cidade, ou formando parte dos rendimentos do rei dos ribaldos da casa real. O preboste de Paris, a 17 de março de 1374, publicou uma ordem, rezando assim:

«Todas as mulheres que se reunem nas ruas de *Glatigny*, *Abreuvoir Macon*, *Baillehoe*, *Court-Robert*, e n'outros bordeis, são obrigadas a sahir ao dar das dez da noite, sob pena de vinte soldos de multa.»

A multa, que equivalia a vinte francos da nossa moeda, prova, a nosso vêr, que o preço d'um *dia de peccado* não lhe era inferior; metade d'esta multa pertencia aos agentes do Chatelet. Mais tarde esta penalidade teve de deixar-se ao arbitrio do juiz, elevando ao dobro e mesmo quatripulo, o que dá logar a suppôr que mulheres de mais elevada classe ás vezes não temiam arriscar-se n'estes infames logares e que pouco se importavam com a multa, com tanto que a troco d'ella gosassem da impunidade e alcançassem o segredo para a sua vida dissoluta.

A 30 de junho de 1395, o preboste de Paris prohibiu a todas as mulheres publicas o permanecerem nos bordeis depois de dadas as sete da noute, sob pena de prisão e multa arbitraria. Delamare, que extrahe esta disposição do *livro roxo antigo* do Chatelet, accrescenta uma particularidade confrontada com os registros do prebostado.

«As ordens, diz, são renovadas duas vezes por anno e esta retirada era-lhe marcada ás seis d'inverno e ás sete de verão, horas a que havia o toque das almas.»

Tal era a força do uso, tal era o imperio do costume n'aquelles antigos tempos, que foram necessarios muitos seculos para desalojar a prostituição de

uma das ruas que Luiz IX lhe havia destinado. Quando uma ordenação do preboste de Paris, datada de 18 de setembro de 1367, confirmou o destino d'estas ruas, o bispo de Macon dirigiu representações a Carlos V, para conseguir que da rua Chapon fosse retirado tão vergonhoso mister. Os bispos, condes de Chalons, desde remotos tempos possuiam um grande palacio na rua *Transnonain*, então chamado *Troussenonain*, entre as ruas *Chapon* e *Court-á-Vilain*, hoje *Montmerency*. As mulheres de má vida tinham-se apoderado de todas estas ruas; reuniam-se todos os dias no seu *asylo* da rua Chapon e alli os seus cantares, as gargalhadas, os ralhos e obscenidades continuamente perturbavam a consciencia dos piedosos habitantes do palacio dos condes de Chalons.

O bispo, membro do conselho privado do rei, teve de empregar todo o seu valimento, para conseguir afastar para longe do seu palacio e ao mesmo tempo do cemiterio de S. Nicolau, esta visinhança que insultava não só os vivos, mas tambem os mortos. Carlos V publicou a 3 de fevereiro de 1267, uma ordenação, em que era restabelecido o edito de S. Luiz contra a prostituição em geral. Para chegar, não á completa execução do edito, mas para unicamente o applicar á rua Chapon, as conclusões que tirava da ordenação de 1254, não eram nem justas nem logicas. Depois de recordar a antiga ordenação que expulsava da cidade (*de villa*) as mulheres publicas (*publicæ meretrices*) confiscando-lhe todos os seus bens e até o vestido e as peliças (*usques ad tunicam vel pelliceam,*) ordenava aos proprietarios da rua Chapon, que tivessem alugado casas ás meretrizes, as despedissem immediatamente sem que para o futuro as podessem tornar a ter como inquilinas, sob pena da multa de um anno da renda, a fim de que essas vis creaturas, dizia o edito, não continuem a viver na citada rua, nem n'ella tenham as suas reuniões (*quod ibidem sua lupanaria ulterius de cetero non teneant,*) isto em honra do bispo e no interesse das pessoas honestas que viviam nas visinhanças ou na propria rua, por onde já nem mesmo passar ousavam. A ordenação parece que quer attribuir ao nome da rua uma origem que documentos mais antigos desmentem (*saltem metu pene dictus vicus.*)

Sauval affirma que as meretrizes resistiram ás ordens do rei, fundando-se nos privilegios confirmados por S. Luiz e provando que a rua Chapon lhe tinha sido concedida com um logar d'asylo, por Filippe Augusto, antes que esta rua tivesse sido comprehendida dentro dos muros da cidade. Os bispos de Chalons insistiram na queixa, auctorisando-se com a ordenação de Carlos V para se vêrem livres da incommoda visinhança; mas não o puderam conseguir: tanta auctoridade conservava a legislação de S. Luiz e tanto era o poder do costume na administração municipal.

«As ribaldas mantiveram-se firmes, diz Sauval, e não sahiram da rua Chapon até 1565, quando os asylos das mulheres publicas totalmente desappareceram de Paris.»

As ordenações dos reis não eram tambem melhor executadas, quando se tratava de impedir a prostituição nas ruas, em que o direito antigo e consuetudinario não podia ser invocado. Estabelecidas uma vez as meretrizes n'uma rua ou bairro, ahi se fixavam de tal modo, que era impossivel desalojal-as, apesar de todas as ameaças de multa e prisão. Tinham, já se vê, uma repugnancia invencivel em ir residir para os logares que lhe estavam designados, e que indubitavelmente lhes inflingia uma notoriedade infamante, e, portanto, preferiam expôr-se aos rigores da lei, e exercer occultamente a profissão nas ruas em que a policia nem sempre tinha sobre ellas os olhos bem abertos.

Em 1381, Carlos VI exigiu a execução das ordenações de S. Luiz, contra os que alugavam casas ás mulheres de má vida nas ruas não comprehendidas no numero dos seus logares *d'asylo*. Carlos a 3 de agosto dirigiu uma ordem ao preboste de Paris impondo-lhe a sua execução: sem razão apoiava-se nas antigas

ordenações do rei santo que expulsavam da cidade e dos campos (*tam de campis quam de villis*) ás mulheres de vida dissoluta e prohibia sem excepção a prostituição: mas não exigiu apenas que aquella legislação fosse applicada ás meretrizes que habitavam as ruas de *Beaubourg, Geoffroi-l'-Angerin, Jongleurs, Simon-le-Franc*, assim como nas immediações de *Saint-Denis-de-la-Chartre* e da fonte *Maubuè*. Como no edito de Carlos v, os proprietarios d'estas ruas, a quem se pretendia libertar de tão incommodos hospedes, eram avisados para não alugarem casa alguma a mulheres suspeitas, sob pena de pagar de multa um anno do mesmo aluguer ao bailio ou ao juiz do Chatelet.

Ha dados para crêr que o preboste de Paris fez immediatamente diligencias para que as ordens do rei fossem cumpridas; houve proprietarios multados, mulheres presas e expulsas: mas apesar de tudo isso a prostituição manteve-se no dominio conquistado.

Todas estas ruas, excepto o claustro de *Saint-Denis-de-la-Chartre*, tinham feito parte da aldeia *Beaubourg* que Filippe Augusto reuniu á cidade: este *Beaubourg*, pois, estava naturalmente occupado pelas rameiras que, de geração em geração, lhe perpetuavam a infamia. A fonte *Maubuè*, cercada de vivendas pobres, era o centro d'essa ribalderia possuidora do mesmo nome da fonte (*Maubuè*, porco, sujo.)

O estabelecimento das meretrizes nas circumvisinhanças da egreja *Saint-Denis de-la-Chartre* na cidade, remontava ainda a maior antiguidade, pois, como já provamos, a confraria da Magdalena tinha tido principio n'esta parochia: coisa natural era, que as *alegres comadres*, que formavam essa confraria, se agrupassem em volta da egreja da sua padroeira e considerassem este bairro como um antigo feudo da corporação.

O preboste de Paris, ao publicar as reaes ordens de 3 de agosto com o fim de proteger a honestidade de umas certas ruas, julgou tambem dever recordar que outras ruas havia particularmente destinadas á prostituição; mas, receando pôr-se em contradição com alguma ordenação real, como acontecera com a que fôra expedida para a reabilitar a rua Chapon, teve o cuidado de não designar quaes fossem essas ruas. Prohibiu ás mulheres publicas o «ter bordeis, exercer a sua vergonhosa industria e morar nas ruas boas de Paris; mas que se desalojem e saiam com seus bens das ditas boas ruas e vão viver para os bordeis, logares e ruas destinadas para isso, sob pena de desterro.» Este edito, que Ducange transcreveu do *novo livro verde* do Chatelet, não designava os logares que o prebostado marcava para o commercio da prostituição, e as meretrizes aproveitando esta lacuna dispersaram-se por todos os bairros de Paris, onde estabeleceram um sem numero de bordeis.

Teve pois o preboste de explicar esta amphibiologia com outro edito mais explicito, que Ducange transcreve no seu *Glosario* (palavra *Gynœceum*) com a data de 1395 e como tirado do *livro negro* de Chatelet.

«*Item*, ordena-se a todas as mulheres publicas e de vida dissoluta, que, actualmente vivam nas ruas honestas de Paris... que d'ellas saiam immediatamente depois d'este pregão e se retirem e fixem as suas moradas nos bordeis e logares publicos antigamente designados e que são: ruas do *Abreuvoir de Mascon*, de *Glatigny*, de *Tiron*, de *Court Robert*, *Baillehoe*, rua *Chapon*, rua *Palée*, sob pena de prisão e multa voluntaria.»

Este pregão feito ao som de trombetas nos becos de Paris tem a originalidade de ter feito esquecer a ordenação do rei relativa á rua *Chapon*; talvez que um decreto do parlamento houvesse suspendido os effeitos d'esta ordenação. Entre as ruas tidas como infames não é citada a rua *Champ-Fleury*, mas vê-se que foi substituida pela rua Palée, que se chamou de S. Julião e mais tarde da *Poterne* ou *Fausse-Poterne*, por pouco distar da cisterna de Saint-Nicolas-Huidelon.

Esta rua, hoje chamada do Mouro, tinha um centro de prostituição, chamada a *Corte do Mouro*, denominação tirada talvez d'algumas meretrizes que deviam ser mouriscas ou sarracenas. Aqui havia um dos principaes asylos da prostituição, ainda que não pretendamos encontrar esta rua Palée na do *Petit-Hurleur*, onde Geraud, Jaillot e Lebeuf julgaram dever localisal-a. A grande rua Palée, dúas houve d'este nome segundo cremos, era o logar d'asylo das mulheres publicas da rua Beaubourg e ruas proximas.

Tambem havia em Paris um grande numero de logares de prostituição não auctorisados, mas a que o prebostado fechou os olhos até 1565, em que Carlos IX os comprehendeu n'uma medida geral prohibitiva. Uma ordenação de Carlos VI de 14 de setembro de 1420, durante a occupação de Paris pelos inglezes, renovou as antigas prohibições ás mulheres de má vida de morarem em outros sitios que não fossem o *Abreuvoir, Macon, Glatigny, Tiron, Cour-Robert, Baillehoe*, e rua *Palée*, sob pena de prisão. (Delamare leu rua *Parée* no registro negro do Chatelet, d'onde copiou este documento.)

Mas quatro annos depois, morto Carlos VI, Henrique VI, rei d'Inglaterra e tambem de França, deu ouvidos ás queixas dos contribuintes e parochianos da egreja de Saint-Merry, que pediam a suppressão das vergonhosas franquias de Baillehoe «em cujo logar de Baillehoe, dizem os reaes despachos de Henrique VI datados d'abril de 1424 e entregues em Paris ao conselho do rei, residem e estão continuamente mulheres de vida dissoluta, chamadas bordelarias, que alli teem um bordel publico; coisa mal vista e não conveniente ao preito que deve prestar-se á egreja e a todo o bom catholico; de mau exemplo, vil e abominavel tambem para a gente honesta e de bons costumes.»

Para satisfazer aos desejos dos queixosos, que se escandalisavam com o espectaculo d'aquella libertinagem, o rei inglez prohibia «que d'alli em deante houvesse qualquer prostituta na rua Baillehoe, ou nas immediações da egreja de *Saint-Merry*, attendendo a que na cidade havia muitos outros logares destinados ás meretrizes e mesmo mui distante d'esse tal, como o que se chama *Corte-Roberto* e em outras partes mais distantes da egreja.»

Ordenava-se ao preboste de Paris que fizesse executar este edito *irrevogavel*, expulsando immediatamente da rua Baillehoe as mulheres publicas. Provavel é que esta ordenação tivesse o effeito das antecedentes, pois a rua Baillehoe continua a ser consagrada ao vicio. Notamos nas ordens de Henrique VI que os logares destinados ao vicio estavam ermos, *não occupados*, emquanto que o pregão do preboste de Paris, solemnemente apregoado em 1395, ordena ás mulheres publicas que façam as suas habitações nos mesmos sitios que desde antigos tempos lhe tinham sido designados.

Concluiremos d'estes documentos quasi contemporaneos que a legislação relativa ás mulheres de má vida se transformára n'este ponto; que eram obrigados a residir no theatro da sua libertinagem e já não tinham a faculdade de occultar o seu domicilio em todos os bairros, embora vivessem honradamente. Resulta, além d'isso, da ordenação de Henrique VI que apesar da penalidade as mulheres dissolutas recusavam juntarem-se nos bordeis que continuavam desertos e abandonados.

Um decreto do parlamento citado por Sauval, prova a teimosia com que esta classe de mulheres se afastava das ruas destinados á sua infame industria para se disseminarem pelas ruas honestas que ellas manchavam com as suas torpezas. N'este decreto ordena-se ás meretrizes que abandonem a rua Cannets e outras immediatas, intimando-as a que vão habitar os antigos bordeis (*Antiquités de Paris*, tit. III, pag. 952.)

Não póde duvidar-se, segundo os termos d'este decreto, que o preboste de Paris reconheceu a necessidade de que a morada, e o logar onde as prostitutas praticavam os actos deshonestos, fosse a mesma, nem que as ruas decen-

tes eram permanentemente habitadas por estas mulheres, que primitivamente só lá iam a certas horas do dia e nunca de noite.

Tem de procurar-se na topographia de Paris antiga as ruas percorridas pela prostituição errante e que as ordenações dos reis, os decretos do parlamento e as ordens do preboste não designam nominalmente. Estas ruas em que furtivamente se exercia a prostituição eram bastante numerosas e ordinariamente o [illegible] que lhe punha o populacho, designava-as á reprovação da gente honesta que prudentemente d'ellas se afastava. Além das cortes de milagres, onde se confundiam ladrões e meretrizes da ultima especie, podiam contar-se umas vinte casas tão mal afamadas, como as que S. Luiz designara para o bordellismo publico. Já acima fizemos observar que estas ruas ficavam sempre proximas de qualquer centro de prostituição. Assim a rua *Fran[illegible]* estava por assim dizer dependente da rua Chapon; a rua *Bourg-l-Abbé* da rua [illegible] da de *Gravigny*.

Desde o principio que as ribaldas tiveram de escolher residencia proximo do logar das suas reuniões para alli poderem ir a todas as horas sem se exporem aos insultos e arruaça do populacho. A rua *Bourg-l-Abbé* que foi aberta fóra do recinto de Filippe Augusto, no terreno d'abbadia *Saint-Martin-des-Champs*, participava da má reputação da rua ou antes do beco sem sahida chamado *Hurleur*, [illegible] *Grand-Hurleur*. (Sauval, t. I, pag. 120) apresenta uma locução proverbial que nos faz conhecer quaes eram os principaes habitantes d'essa rua. São da rua *Bourg-l-Abbé*, os que não querem mais do que [illegible].)

Em quanto á rua Hueleu, exclusivamente destinada, desde a origem até hoje, á prostituição, não devia o nome, como o diz o abbade Lebeuf, a um cavalheiro chamado *Hugo Lupus* (em francez antigo *Hue-leu*,) que viveu no seculo XII e fez muitas [illegible] á egreja de Saint-Magloire; senão aos gritos (*huèes*) que se davam á gente honesta que o acaso levava a este logar infame. Esta etymologia está confirmada pelo nome dado á dos *Innocentes* que esta rua teve pela [illegible]. Depois tomou o de *Grand-Hueleu* para a distinguir da *Petit-Hueleu*, sua immediata, ao principio *beco Palée* e mais tarde comparada á de Hueleu pelo vergonhoso destino que tomára.

«Quando se via entrar um homem n'uma d'estas ruas, dizem os auctores do *Dictionnaire historique de la ville de Paris*, facilmente se adivinhava o que alli o levava e dizia-se aos garotos: *Hue-le*, isto é, grita atraz d'elle, faz-lhe *troça*.»

Seja como fôr, de todos os centros de prostituição de Paris, o de *Hueleu* foi o que mais terrivel fama teve e foi elle que determinou as severas medidas de repressão que Carlos IX estendeu a todos os logares impudicos da capital. Por [illegible] sustentar-se que os garotos tinham costume de gritar ao lobo (*au loup*) e por corrupção *houloulou*, quando um homem na rua fallava com uma meretriz, ou quando uma d'ellas tinha a imprudencia de apresentar-se em publico com os distinctivos da sua vergonhosa industria.

As ruas que communicavam com a rua *Chapon* não eram habitadas por melhor gente do que ella. Por muito tempo a rua *Transnonain* serviu para trocadilhos mais ou menos obscenos do populacho que lhe chamou *Trousse-Nonain* ou [illegible] *Putain*. A rua *Perpillon* em cujo nome se julga encontrar o d'um dos seus primeiros habitantes, foi ao principio chamada *Serpillon*, palavra [illegible], que corresponde a *torchon* (rodilha, trapo velho para limpar.)

A rua Montmorency, onde os fidalgos d'este titulo em outro tempo tiveram um sumptuoso palacio, era unicamente conhecida pelo nome *Cour au Villain* (Côrte do villão) por causa de uma especie de Côrte de Milagres que n'ella havia. A maior parte das ruas, fóra dos muros, ou para além do recinto das muralhas, constituido por Filippe Augusto, tinham-se dedicado á prostituição

livre, que alli afrontava socegadamente as ordens do prebostado e os agentes da policia do Chalelet. Assim as ruas das *Deux-Portes* (Duas portas,) a de *Beaurepaire* (Bom asylo,) e da *Renard* (da Raposa) a de *Lion-Saint-Sauver* (Leão de S. Salvador) de direito pertenciam ás prostitutas de infima especie.

A rua *Deux-Portes* que tirou o nome das portas que tinha, e que á noite eram fechadas, foi induvitavelmente um logar de prostituição, o que sufficientemente está demonstrado pelo alcunha obscena, conservado até ao seculo XV. Com este nome obsceno está designada n'uma das listas das ruas de Paris, publicada por *Lebeuf*, conforme um manuscripto da abbadia de Santa Genoveva (*Hist. de la ville et du diocese de Paris*, tit. III, pag. 603.) Na conta do Dominio de Paris, do anno de 1421 (Sauval, tit. III, pag. 272,) o cobrador da cidade declara haver recebido de João Jumault as rendas de uma casa, curral e estabulo em Paris, rua *Gratec...* proximo de *Tirev...* marcada com o Escudo de Borgonha pertencente ao censo real.

A rua *Tirev...* de que n'esta conta se trata conservou a sua infame denominação até ao seculo XVI, em que a rainha Maria Stuart, mulher de Francisco II, passando alli uma vez, perguntou pelo nome da rua ás pessoas que a acompanhavam, dando por isso logar a que lhe fosse mudado o nome primitivo. Seja como fôr, esta anedocta, que Saint-Foix assegura ter colhido da tradição local, deu logar a que em 1809 se lêsse o nome de Maria Stuart no letreiro da rua Tirebondin.

Os nomes das ruas, inventados e corrompidos pelo povo, que gosava com os trocadilhos mais deshonestos, quasi bastariam para dar a conhecer os covis da prostituição publica e particular na antiga Paris. Sem sahir dos novos bairros que compunham a Cidade e que se ramificavam para o norte e para a margem direita do Sena, além e áquem do recinto de Filippe Augusto, encontramos nos antigos inventarios, as ruas *Truanderie*, *Puits-d'Amour*, de *Poilec...*, de *Merderel*, de *Putigneuse*, de *Pute-y-musse*, etc.

Estes nomes só por si dizem o que eram as ruas que os tinham. A rua da Truanderie, unica que atravez seis seculos conservou o seu nome, dava não só asylo as prostitutas vagabundas, mas tambem a mendigos, a ladrões, a vadios, n'uma palavra, aos truões. A rua *Puits-d'Amour*, agora *Petite-Truanderie*, tinha um poço celebre de que já fallamos e que os namorados conheciam perfeitamente. Este poço, cuja recordação se relaciona com a de muitas chronicas d'amor, estava no centro da pequena praça Ariane, cujo nome primitivo parece ter sido *praça da Rainha*, provavelmente por causa d'alguma rainha de ribaldos ou d'amor sagrada com a agoa d'aquelle poço.

A rua *Poilec...* póde ainda ser reconhecida pelo seu moderno nome *Pelicon*, que um indiscreto pudor crismou em *Purgée* (Purgada) no principio da Revolução; esta rua nunca variou d'habitantes e n'ella ainda se encontram os seus maus costumes. A rua *Merderel* ou *Merderet* ou *Merderiau* limpou-se um pouco com os nomes posteriores de Verderet e Verderete, mas em parte manteve os seus antigos usos e a prostituição passeia alli agora como n'outros tempos.

A rua *Putignense* no bairro de Santo Antonio é actualmente *Geoffroy-Lasnier*. A rua *Puteny-Musse* tomou um nome mais honesto, transformando-se em *Petit-Musc*. Guillot no seu itenerario indica outra rua do mesmo nome que Lebeuf julga reconhecer na de *Cloche-Perce* ou da *Cloche-Percée*.

Não é preciso dizer-se que estas ruas e vielas, frequentadas pelas meretrizes e seus infames satelites, eram notaveis pela sua porcaria e mau cheiro e ainda n'este estado nos apparecem no seculo XVII, quando os commissarios das vias publicas fizeram uma visita sanitaria á capital. Este exame evidenciou que a maior parte dos bordeis eram cloacas infectas que perigosamente infeccionavam o ambiente.

CAPITULO XIII

SUMMARIO

Ordenação sumptuaria de Filippe Augusto.—Legislação dos reis de França contra a dissolução e superfluidade dos vestuarios.—As rainhas da ribaldia.—Prohibições dos prebostes de Paris e decretos do parlamento.—Decreto de 26 de junho de 1429.—Pragmatica do rei Henrique VI d'Inglaterra.—Decreto do parlamento de 17 d'abril de 1429, prohibindo os enfeites das donzellas.—Rainhas e princezas d'amor.—Ordinario de Paris.—Joaninha, viuva de Pedro Miguel, Joanninha Neufville e Joanninha Florida.—Os cintos de prata.—Inventarios dos despojos de Margarida, mulher de Pedro Rains e de Lourença Villers.—Joanna a Paillarde e Ignez a Pequena.—Ordenação d'Henrique II—Joanninha Buisson—Dos e das que viviam da alcovitice em bordeis, alugavam quartos para o peccado e regiam casas de meretrizes.—O mercado dos Porceaux.



Já vimos que o preboste de Paris por uma ordenação de 1360, sob pena de confisco e de multa, prohibira que as mulheres publicas trouxessem nos vestidos ou nos chapeus botões de prata ou dourados e usassem perolas e capas forradas de pelles. Esta ordenação, a mais antiga que conhecemos relativa á policia sumptuaria das prostitutas, foi certamente precedida de outras que não foram conservadas nos archivos do Chatelet de Paris. Filippe Augusto, foi o primeiro rei que quiz corrigir o luxo no vestuario, ou para melhor dizer, foi o primeiro que, sob o pretexto de reformar o vestuario para interesse publico, o fez servir para designar a hierarchia social, segundo o nascimento e fortuna. Póde pois suppôr-se que desde os primeiros regulamentos de Filippe Augusto, relativos ao luxo, as prostitutas de profissão não poderam tornar-se a vestir como *damas e castellãs*, mas d'esta legislação de Filippe Augusto apenas ficaram recordações.

A legislação, sobre o mesmo assumpto, de Filippe, *o Formoso*, que sem duvida nada mais era do que a confirmação do antecedente, não teve a mesma sorte, podendo-se datar de 1294 a legislação dos reis de França, contra a *dissolução e superfluidade* dos vestuarios. Na ordenação de 1294 não se trata das mulheres publicas, nem do vestuario que lhes pertencia; mas deve crêr-se não terem sido mais privilegiadas que toda a mais gente de baixa condição, que não devia usar nem *vair*, nem arminho, nem ouro, nem pedras preciosas, e que eram obrigadas, dentro do praso de um anno, a desfazer-se d'esses artigos prohibidos, adquiridos anteriormente á ordenação.

A execução de similhante ordem não era cousa facil e entre as desobediencias mais teimosas encontram-se as das *rainhas de ribaldia* que sustentaram, que um edito relativo ás mulheres vulgares não se podia entender com ellas e que o rei de França não podia querer deshonral-as até obrigal-as a usar vestidos de 12 soldos a vara.

A ordenação de Filippe, *o Formoso*, só foi o ponto de partida de todas as ordenações do mesmo genero, que só tiveram por fim renoval-a e completal-a.

addicionando-lhe prescripções que variavam com as modas e usos. Muitas d'estas ordenações devem ter sido publicadas antes da de 1367, que, unicamente dirigida aos habitantes de Montpellier, especialmente ás mulheres, está cheia de minuciosidades sobre a fórma dos vestidos e qualidade das fazendas. E' difficil de acreditar-se que muitos regulamentos sumptuarios, pelo menos tão igualmente minuciosos, não tivessem sido applicados ás mulheres de Paris no largo espaço de tempo que medeia entre o primeiro edito, 1294, e o de 1367, o qual apenas tinha força de lei em Montpellier. Apenas se encontra o edito do preboste de Paris, datado de 1360, por nós acima citado e que apenas se referia ás mulheres communs. Certamente houve outros editos analogos, sem contar com o que exclusivamente tratava dos cintos dourados, que a tradição trouxe até nós, embora o texto original tenha desapparecido; o texto tambem era unicamente uma paraphrase de um artigo da ordenação de Filippe, *o Formoso*. Mas motivos ha para crêr que as meretrizes de Paris se mostraram pouco doceis ás ordens do prebostado e que se pozeram em aberta hostilidade com os agentes encarregados de fazer executar a lei, pois que no decurso do seculo XV vemos muitas vezes reapparecer, e sempre com augmento de severidade, as prohibições que o preboste dirigia ás suas humildes subditas e que os decretos do parlamento não cessavam de corroborar.

Por uma ordenação de 8 de janeiro de 1415, unicamente relativa á prostituição, o preboste prohibiu, sob pena de confiscação e multa arbitraria, tanto em Paris como em outra parte, que as mulheres dissolutas tivessem a ousadia de usar enfeites d'ouro ou prata nos seus vestidos e chapeus, botões de prata ou dourados, perolas, cintos de ouro ou dourados, capas forradas de pelles, e fivelas de prata nos sapatos. Deu-se-lhes o praso de oito dias para abandonar esses enfeites e d'elles se desfazerem, passado o qual praso os agentes do prebostado poderiam prender as desobedientes em qualquer logar em que fossem encontradas, exceptuando nas egrejas, sendo levadas ao Chatelet onde lhe seriam tirados os vestidos e castigadas como merecessem.

Esta ordenação foi renovada e apregoada ao som de trombetas nas ruas e esquinas de Paris em 1419, o que prova não ter sido muito observada pelas interessadas e que a sua persistencia em não obedecer tinha desanimado o zelo dos agentes do prebostado.

O parlamento, apesar da guerra civil, da peste e da fome que então devastava a capital e muitas provincias do reino, considerou bastante importante a questão sumptuaria relativa ás prostitutas, e a 26 de junho de 1420 expediu um decreto no qual a essas infelizes era prohibido o usarem vestidos de cauda e toda a especie de pelles de qualquer valor que fossem, cintos dourados, botões nos chapeus, sob pena de prisão, confiscação e multa arbitraria passado um praso de oito dias depois da publicação do decreto.

O decreto do parlamento não foi melhor obedecido, de que o fôra o edito do preboste de Paris; e foi mister que cinco annos depois este magistrado repetisse as suas ordens, sem que todavia ainda d'esta vez colhesse melhor resultado.

As prostitutas não queriam renunciar aos enfeitos e constantemente illudiam o cumprimento das ordens, quer modificando alguma cousa nas invenções da moda, quer imitando o luxo das mulheres honestas.

Parece que o producto da apprehensão dos vestidos e joias prohibidas dava n'aquelle tempo um resultado avultado, pois o preboste de Paris d'elle se apropriava como um dos rendimentos do seu cargo; mas Henrique VI, rei de Inglaterra, que em 14 de maio de 1424 era senhor de Paris, não quiz consentir que esta infame fonte de receita se desviasse do seu erario e uma ordenação d'aquelle anno recommendava ao preboste, que d'alli em deante não tornasse a apropriar-se dos cintos, joias, vestidos e enfeites prohibidos das mulheres dissolutas (V. *Colec. de Orden. dos reis da 3.ª dynastia.*)

Um novo decreto do parlamento de 17 de abril de 1426 prohibiu «os enfeites usados pelas meretrizes» os vestidos de cauda, todas as pelles, quer fossem usadas em collarinhos, punhos, debruando ou com qualquer outra applicação. O mesmo decreto tambem prohibe «botões nos chapeus, cintos de seda, de ouro ou de prata» que são enfeites para mulheres honradas.

A repetição d'estes decretos prova a teimosia das prostitutas em desobedecer ás ordenações; não podiam convencer-se de que haviam de estar sujeitas, como a gente de humilde condição, á legislação sumptuaria, que á medida que o luxo augmentava em todas as classes sociaes, se tornava mais rigorosa.

Durante os seculos XV e XVI, em que os reis de França davam o triste exemplo da prodigalidade no luxo, eram elles os proprios todavia que sob as mais severas penas prohibiam tudo aquillo que podesse concorrer para a *dissolução* dos vestuarios; nem sequer permittiam ás suas damas de honor e gentis-homens que usassem certos tecidos reservados para os principes e princezas: prohibiam a toda a classe de gente o uso de certos bordados e passamantaria de ouro, de prata, ou de seda: mas as mulheres publicas, que se intitulavam *rainhas e princezas de amor,* não faziam caso dos editos, e nas ruas que lhes eram destinadas continuavam passeando essas surperfluidades prohibidas. Deve suppôr-se que assim vestidas não se aventuravam a percorrer as ruas *honestas,* pois que, despertando a attenção, teriam contra ellas concitado o odio dos transeuntes honrados. Já dissemos que as meretrizes não eram sympathicas ao povo, que frequentemente as injuriava, lhe atirava lama e muitas vezes pretendia espancal-as.

De vez em quando era necessario dar satisfação a vingança popular, castigando uma d'essas mulheres descaradas que voluntariamente contrariavam as leis; e para isso prendiam-se na rua algumas d'essas desgraçadas, a quem a voz publica accusava como meretrizes e que estavam adornadas com enfeites prohibidos. Estes castigos nunca alcançavam as mais culpadas, que, sendo as menos pobres, traziam sempre no bolso com que cegar a vigilancia dos agentes do prebostado, ainda que fossem encontradas com toda a *sua pompa*, como então era uso dizer-se. Havia muitas até que mensal, ou semanalmente, pagavam a esses agentes uma certa quantia para nunca ser inquietadas no pacifico goso do luxo prohibido.

As que eram levadas para a prisão, geralmente só tinham no corpo alguns farrapos, despojos insufficientes para pagar os emolumentos á policia. Assim Sauval e Delamare copiaram das contas do dominio de Paris verbas curiosas, que demonstram a pobreza das victimas vulgares do Chatelet. O extracto do Ordinario de Paris, no capitulo *Forfaitures, Espaces et Aubaines,* do anno de 1428 merece ser conhecido, como Sauval o reproduz nas Provas das suas Antiguidades de Paris:

«Pela venda de uma capa, com que Joanninha, viuva de Pedro Miguel, mulher de amores, estava coberta e apertada com um cinto de seda preta, com fivela e oito botões de prata, com o pezo total de duas onças e meia, em cujo estado foi encontrada passeando pela cidade, desobedecendo ás ordenações, e pelo que foi presa, sendo a dita peça de vestuario e enfeites confiscados para o rei e vendidos em hasta publica a 10 de julho de 1427, a saber: as peças de vestuario pelo preço de sete libras, doze soldos, cuja quarta parte pertence aos agentes que a prenderam.»

«Pelo valor de um cinto velho de seda preta em que havia uma chapa, oito botões de prata e uma fivela de ferro branco, encontrado a Joanninha Neufville, presa por isto.»

Não se detinham, não se prendiam senão as mulheres que se encontravam na via publica com vestidos que não deviam trazer: d'onde resulta que eram livres de se vestirem a seu gosto no interior de suas casas e ainda no

recinto dos logares proprios para o exercicio da sua escandalosa profissão. As mulheres d'amores, que não eram obrigadas a nenhuma declaração prévia nos registros do Chatelet e que se subtrahiam d'esta fórma á ignominia da sua condição, podiam pelo seu nascimento e pelo seu estado civil, conservar uma apparencia d'honradez, occultando a sua verdadeira profissão, até que por um acaso fatal se descobrisse o segredo da sua existencia vergonhosa. Assim, Joanninha, viuva de Pedro Miguel, não tinha alcunha onde se reflectisse o escandalo da sua conducta; Joanninha Neufville tinha um bom appellido entre a gente honrada: emquanto que Joanninha, a Fleurie, ou Poissonière, tinha dois em logar d'um, e o ultimo parece indicar que se dedicava alternativamente á prostituição e á venda de peixe.

Além d'isso, já dissemos n'um capitulo anterior que o actual bairro atravessado pelas ruas *Poissonière* e *Montorgueil* era inteiramente occupado pelos habitantes das Côrtes dos Milagres e pela clientela da prostituição. Accrescentaremos agora que os vendedores de peixe, tendo necessidade de estar proximo do logar onde o peixe desembarcava, alojaram-se ao principio no sitio chamado *Vallarroneux*, que mais tarde veio a ser a rua dos pescadores. Facilmente se adivinham os motivos que contribuiram para dar a alcunha de *Pescadora* a uma mulher facil, que frequentava os mercados de peixe, ou que andava rodeada de pescadores. O nome de Joanninha não era commum e generico para designar todas as mulheres publicas, como o crê Rabutaux. Não devemos esquecer notar ainda que os objectos contrarios á ordenação encontrados em poder das mulheres de má vida, eram equiparados aos objectos perdidos na via publica, os quaes, não sendo reclamados em tempo opportuno, pertenciam ao fisco. Depois d'um praso de 40 dias, uns e outros eram vendidos em hasta publica, e o producto da venda, que era infimo, distribuia-se pelo rei, pela cidade e pelos empregados da policia.

Sauval não analysou todas as vendas d'esta especie descriptas nas contas do Ordinario de Paris, mas tomou nota d'ellas e d'ahi se conclue que eram mui raras, pois menciona muitos annos em que não encontrou nenhuma, pelo menos nos registros do prebostado. A conta de 1447 contém este artigo:

«Venda de um cinturão com fivela e quatro botões de prata encontrado em poder de *Guyonne la Frogière*, mulher de ribaldia, pertencente ao rei por confiscação...»

Aos cintos de prata ou com ella adornados faziam os agentes de policia especial guerra, provavelmente para assim justificar o proverbio. As multas, a que o uso illegal dos cintos dava logar, estão registradas nas contas dos annos 1454, 1457, 1460, 1461 e 1464. Desde esta ultima epocha as perseguições são menos frequentes, o que leva a crer estarem os cintos já fóra de moda. O extracto do capitulo das *Forfaitures de 1457*, está concebido n'estes termos:

«Muitos cintos para uso de mulheres, com fivela e botões de prata pertencentes ao rei por terem sido confiscados a mulheres de má vida, que os usavam nas ruas de Paris contra as ordenações reguladoras do assumpto.»

Na conta de 1459 encontra-se o inventario da roupa de duas mulheres de vida facil, de appellidos nobres, posto que vestissem com grande differença. A primeira pelo vestuario miseravel, revelava o triste estado a que o vicio a havia reduzido, sem que os encantos lhe tivessem dado meios para levantar-se da sua abjecção: sem duvida para ser presa com tal vestuario devia ser velha e feia:

«Um vestido curto de panno cinzento com enfeites de seda branca, e tudo isto no fio, umas velhas calças de panno violeta remendadas, e um gibão de fustão como o que Margarida, mulher de Pedro Rains, estava vestida, foram declarados pertencentes ao rei, etc.»

E' singular encontrar-se uma mulher publica com gibão e calças como

se, por necessidade, tivesse querido disfarçar-se em homem. A segunda ré, que sem duvida foi presa por accusação do povo ao sahir da egreja, deu mais lucro aos agentes que a levaram ao Chatelet:

«Um cinto com fivela e botões de prata dourada de peso de duas onças e meia, com um cinturão mais largo por baixo, tambem guarnecido de prata dourada; um rosario de coral, um *Agnus Dei* de prata com fechos de prata dourada e uma capa de velludo forrada de *vair*, declarados pertencentes ao rei nosso senhor, em virtude de confiscação feita a Lourença de Villers, mulher de má vida, presa por uso d'estas prendas, etc.»

Era esta uma mulher nobre, qualificada de prostituta, obrigada a abandonar ao rei os objectos de luxo que nem mesmo por devoção tinha direito de trazer. Esta Lourença de Villers sabia lêr, pois que ia á egreja com o seu *Agnus Dei*, ou livro de missa, o que decerto era uma excepção entre as mulheres de má vida.

Na conta 1460 as multas por usar vestidos e cintos prohibidos parecem dever ter sido numerosas, mas não d'uma grande utilidade para os que as lançavam: a «*Joanninha a Ballarde*, prostituta, foi apprehendido um vestido de panno cinzento com forros brancos, pois todo o genero de forros eram tambem prohibidos; a *Ignez a Pequena*, mulher casada, mas de vida dissoluta, e como tal presa muitas vezes por igual razão, foi apprehendido um cinto em mau uso. E assim com raras excepções a todas as demais.

Este ultimo artigo, como já affirmamos, prova que muitas vezes mulheres casadas exerciam a profissão de prostitutas. Sendo o uso dos cintos n'aquella época objecto de especiaes perseguições, crêmos que uma ordenação particular teria motivado as que em maior grau soffreram as ribaldas, contrariando-as.

Estas mulheres eram incorregiveis, quando se tratava dos seus adornos; todas tinham mais ou menos paixão pelas joias e não temiam expôr-se á prisão e ás multas para ter o goso de se enfeitarem com adornos d'ouro, ou de prata, ou mesmo até de estanho prateado. Não era isto porque quizessem disfarçar a sua profissão deshonrosa e pretendessem confundirem-se com as mulheres honestas. Ellas não se revoltavam contra o espirito das ordenações com que se pretendia remediar a confusão das classes sociaes entre *homens e mulheres de todos os estados, os quaes*, diz uma ordenação de Henrique II, *por este meio, não podem distinguir-se uns dos outros*. As ribaldas de profissão, pelo contrario, não pretendiam apparentar o que não eram, mas gostavam de adornar-se para chamar a attenção e para rivalisar entre si em luxo.

Como os collares, braceletes e anneis eram prohibidos, illudiam esta prohibição, usando joias devotas: rosarios, nominas, cruzes e anneis bentos; embora os agentes policiaes não fossem todos bastante devotos para fechar os olhos a estas piedosas contravenções e não deixassem de esperar as culpadas ás portas das egrejas para as levar ao *Chatelet* no meio da gritaria do populacho.

Parece que Luiz XI, fazendo elle proprio um grande abuso de nominas e amuletos, de rosarios e *Agnus Dei*, providenciou severamente contra as mulheres de má vida que usassem objectos similhantes que não só lhes eram confiscadas em proveito do rei as joias, que nem o seu caracter de devoção podia pôr fóra do alcance da lei, mas eram tambem condemnadas em multa as mulheres que as usavam. Em 1463 Joanninha Ruisson foi condemnada a quinze soldos, quatro dinheiros *parisii* (uns vinte e cinco francos) pelo uso illegal de dois rosarios de coral. Luiz XI mandou tambem castigar rigorosamente todas as ribaldas que fossem encontradas vestidas de homem nas ruas de Paris.

No capitulo de *crimes e delictos* do *Ordinario* de Paris em 1491, lê-se o seguinte:

«Pela venda d'um fato preto de homem e d'um chapeu, tudo velho, com que Joanna a ribalda estava vestida e que n'esse estado foi levada presa para

o Chatelet de Paris, a 21 de maio ultimo, declarados do rei por confiscação.»

Não ousamos emittir opinião ácerca do disfarce masculino, que parece ter tido muitas vezes um fim deshonesto nos actos da prostituição. Junto das ribaldas havia sempre alcoviteiros ou auxiliares da libertinagem, que, apesar das terriveis penas das leis, mui tranquillamente se entregavam ao seu infame commercio: só mui raras vezes eram perseguidos e mais raramente ainda julgados e condemnados. Ordinariamente quando as queixas dos visinhos ou das victimas obrigavam a justiça a fazer demonstração de publica severidade, eram presos os accusados, mas tudo terminava por uma composição em dinheiro, por uma confiscação dos immoveis e pelo desterro. Muitas vezes o culpado era absolvido em virtude do que pagava, mas do que mui rapidamente se indemnisava com o producto do seu negocio.

Aquelles ou aquellas que tinham bordeis, alugavam *tendas para o peccado,* administravam um estabelecimento de mulheres publicas, emprestavam dinheiro com usura, moveis ou roupa, aquelles que, n'uma palavra, viviam á custa da prostituição legal, eram tolerados, senão protegidos, e na sua infame intervenção se reconhecia uma influencia salutar na libertinagem.

As mulheres que se empregavam n'esta infamia era preciso serem vigiadas por uma auctoridade que lhe regulasse o seu procedimento e que constantemente as vigiasse: era-lhe portanto facultado o terem um ribaldo ou uma ribalda como regente. Estes chefes de ribalderia disfarçavam-se geralmente com um nome honesto e decente: umas vezes tomavam o de porteira, de camareira, de estalajadeira, ou de negociante: mas sempre, homem ou mulher era pessoa de idade madura, de velhice apparentemente respeitavel, de attitude austera, de palavra sisuda e grave, de ares solemnes, o que não impedia que o digno personagem constantemente estivesse exposto ás desgraças da prisão, dos açoutes, do desterro, etc., segundo a lettra da lei romana.

A lei franceza prescrevia a pena de morte para os intermediarios convictos d'esta industria; mas esta penalidade, posto que permanecesse como espantalho no codigo penal, quasi nunca era applicada. Emquanto ao resto, a opinião dos jurisconsultos não tem variado com relação a um crime, que sob o ponto de vista moral e o da applicação da lei não encontrava a mesma tolerancia.

Alcoviteiros e alcoviteiras, diz o celebre José Damhoudere na sua *Pratica forense de causas criminaes,* que servia de formulario a todos os jurisconsultos, do seculo XVI, alcoviteiros e alcoviteiras que levavam as mulheres a peccar eram por direito, castigadas corporalmente, e por costume, para o desterro ou outra pena arbitraria, segundo os paizes ou cidades.»

Os antigos criminalistas fallam muito sobre este ponto e concordam em que a pena foi deixada na lei como util precaução, para atalhar os excessos da libertinagem, oppondo ás mais atrevidas auxiliares uma barreira legal.

O douto João Duret, no seu *Traité de peines et amendes,* (ediç. de Lyon, 1583, fl. 105,) é tão explicito a este respeito como J. de Damhoudere:

«Os que alugavam ou emprestavam casas para exercer o lenocinio, diz, perdem o seu direito de propriedade e são condemnados a mais dez libras em ouro de multa. De facto os nossos praticos, segundo as penas ordenadas por direito, castigavam-as corporalmente ou com a morte.»

Podem citar-se mais d'um exemplo de pena capital, dada a culpados de ambos os sexos, segundo as circumstancias especiaes do seu crime. Assim, Duret, cita este paragrapho, em que nos dá a conhecer os casos em que se requeria a pena de morte contra os instigadores da libertinagem.

«Que se o pae, a mãe, o irmão, a irmã, o tio, a tia, o tutor ou curador é quem entrega assim a filha, parente ou menor, ou que a alcovitice seja para induzir ao adulterio, só a morte é pena sufficiente.»

Outro jurisconsulto da mesma época, Claudio Lebrun de la Rochette, no seu tratado pratico, intitulado *Les Procès civil et criminels*, (ediç. de 1647,) emprega um capitulo inteiro para estabelecer os differentes graus d'alcovitice, concluindo que a impudicicia, filha da ociosidade e da mesma alcovitice produz a fornicação, o adulterio, o rapto, o incesto e a sodomia.

«Seja, diz elle, que os execraveis verdugos das consciencias tenham as mulheres, de que são correctores, nas suas casas, seja que com boos palavras, promessas e artificios as attrahiam, ou que levem junto d'ellas os homens libertinos, em nada differem dos que *proprio corpore quaestum faciunt*, como disse Ulpano na lei *Palam*. (Pár. *Lenocinium*, *ff*. *De ritu nupt*. *l*. *Athletas*. Par. I, *ff*. *De his qui not. infam*.)»

Claudio Lebrun de la Rochette, faz notar em seguida a indulgencia dos tribunaes francezes sobre o facto do lenocinio:

«E ainda eram castigados antigamente, diz, com o ultimo supplicio, provando-se que o alcoviteiro costumasse subornar as jovens que arrastava á perdição, que as seduzisse com presentes ou palavras persuasivas, e que por esta fórma as obrigasse contra sua vontade á prostituição a que as queria expôr, para tirar lucro de similhante torpeza... Porém os tribunaes soberanos dos parlamentos d'este reino e os inferiores castigavam-os mais levemente, limitando-se a substituir o desterro pela fustigação, dentro da cidade, onde exerciam o seu officio ou onde fossem presos.»

Crêmos que a tolerancia com os terceiros, não se comprehendia com aquelles que trabalhavam em corromper a juventude e a innocencia, mas só com os que geriam lupanares ou seus donos. Fazia-se distincção entre estes e os vis e detestaveis tentadores que corrompiam a innocencia, conspirando sem cessar contra a honra do sexo feminino.

«Que se evitavam aqui o castigo humano, dizia d'estes corruptores o honrado Lebrun de la Rochette, não evitariam o divino, que sempre dá ao mau com usura o castigo da sua maldade.»

Emquanto aos proprietarios e gerentes dos bordeis, por toda a parte lhes era dada uma protecção tacita e a elles se recorria, como intermediarios officiosos, para a execução dos regulamentos da policia. Auctorisavam-se de preferencia as velhas para dirigir os estabelecimentos de prostituição, e chamavam-se *maquerelles publiques*. Ducange cita um documento, datado em 1350, que confirma esta qualificação: *In domo cujusdam maquerellœ publicœ in Villa Valentianis*. E quasi certo que a *maquerella* publica existia e praticava o seu officio sob a tolerancia da lei municipal.

Todavia, as ordenações dos reis, os decretos do parlamento e os edictos do preboste de Paris tinham reprovado, prohibido e condemnado muitas vezes o *maquerellage* em geral, sem fazer reserva alguma, nem admittir nenhuma circumstancia attenuante. N'uma ordenação de 1367, analysada por Delamare, o preboste de Paris prohibe «a todas as pessoas d'um e outro sexo o administrarem mulheres para fazer peccado do seu corpo, sob pena de serem expostas no pelourinho e queimadas (quer dizer marcadas com ferro candente) e expulsas logo da cidade.

Esta ordenação, como se vê, comprehendia indistinctamente as pessoas que administravam uma ribaldia de mulheres publicas. Todas as ordenações relativas ao aluguer das casas tocavam indirectamente a questão de *maquerellage*, e os indignos auctores d'esta vileza, não podiam pratical-a sob a qualidade de proprietarios ouinquilinos principaes. O edicto prebostal de 8 de janeiro de 1415, reproduzido textualmente em 1419, occupando-se de prohibir ás mulheres libertinas de se installarem nas ruas honestas, prohibe tambem a qualquer pessoa procurar mulheres para *fazer peccado do seu corpo*, sob pena

de serem postas no pelourinho, marcadas com ferro em braza e expulsas da cidade.

Tal é o castigo mais frequente que se lhes infligia, quando estes instrumentos de Satanaz, como lhes chamava Lebrun de la Rochette, tinham ajudado a algum escandalo publico. A's vezes condemnavam-se á fustigação ou a cortarem-se-lhes as orelhas: parece tambem que algumas *maquerellas* foram enterradas vivas.

Estas penas traziam comsigo muitas vezes a confiscação, a suppressão e demolição da casa que tinha sido theatro do crime. Pelo menos é isto o que nos permitte suppôr uma passagem das Contas do Ordinario de Paris durante o anno de 1428:

«De Nicolau Landemer e de Isabel, sua mulher, pela venda de um terreno em que houve casas, quatro bordeis e edificios hoje destruidos, sitos em Paris, na *Cité*, em *Glatigny*, pegando com outra por uma parte... e por outra formando a esquina de um beco pelo qual se desce para o Sena.»

Sabemos que, segundo um costume que data da mais remota antiguidade, se destruia uma casa que tinha sido maculada com um crime e se deixava o terreno vasio por um tempo determinado na sentença, como para purificar o logar maldito? Crêmos, além d'isso, que uma casa em que tivesse havido por muito tempo bordel, não era occupada por gente honrada sem previamente ser reedificada.

No capitulo seguinte, consagrado a factos dispersos da prostituição em differentes cidades, vêr-se-ha que o castigo infligido aos alcoviteiros soffria algumas variantes segundo os paizes. Entre as execuções que tiveram logar em Paris não encontramos uma unica em que o paciente fosse um *maquereau* (rufião) mas em troca as *maquerellas* abundavam. Sauval diz-nos (t. II, pag. 590) que uma *maquerella que jurara escandalosamente*, em 1301, foi exposta no pelourinho ou patibulo de Santa Genoveva. Em Paris havia vinte ou vinte e cinco justiças particulares com patibulo, onde os *maquerelles* e as *maquerellas*, podiam ser açoutados.

O mesmo bispo de Paris tinha um patibulo de justiça no atrio de Nossa Senhora, e as sentenças do funccionario, que fazia as vezes de bailio do bispado, recahiam com frequencia em mulheres dissolutas; o que prova que a prostituição não estava de todo fóra da alçada da justiça episcopal. Em 1399, este funccionario para castigar uma mulher convicta de lenocinio, condemnou-a a ser posta no pelourinho com o cabello queimado, desterrada da terra do bispo e confiscação de bens. (V. o *Glossaire* de Ducange e Carpentier na palavra *Capilli*.)

Outra execução do mesmo genero teve logar anteriormente.

Uma, chamada Izabel, que tinha vendido uma joven a um conego da cathedral, foi exposta sobre o patibulo e n'elle atormentada e chamuscada com uma tocha, depois do que, foi desterrada perpetuamente. Mas, em 1357, Izabel obteve carta de remissão do rei, provavelmente por mediação do conego, que parece não ter sido perseguido pelo braço secular. A tocha que figura no supplicio d'esta mulher, servia para chamuscar, queimando tudo quanto tivesse pelo corpo. Estas execuções attrahiam mais gente que todas as outras.

Na conta do Ordinario de 1416, (*Provas das Antig.*, de Paris, tit. III,) lê-se que os empregados do Chatelet compraram uma duzia de varas de alamo verde, para conter o povo que assistia á justiça das *maquerellas*, que foram conduzidas pelas ruas de Paris, avergastadas, chamuscadas e expostas no pelourinho. Nas mesmas contas se encontram muitas outras d'estas mulheres, levadas ao pelourinho com o mesmo cerimonial e com a mesma distribuição de pancada aos espectadores.

O pelourinho em que ordinariamente eram expostas as prostitutas, era o

das *Halles*, que foi construido na mesma praça onde existia o poço *Lori*. Antes, ou no proprio momento das execuções, punha-se em cima d'este poço um tablado em que se collocava uma especie de jaula giratoria, por cujas aberturas as pacientes mostravam a cabeça e as mãos, ficando assim expostas á vista do publico durante um dia de mercado. O carrasco, que presidia ao supplicio, devia successivamente virar para os quatro pontos cardeaes os criminosos, depois de ter cumprido as prescripções da sentença, cortando-lhes as orelhas, flagellando-os, etc. Em geral, as prostitutas, que soffriam esta pena infamante, eram escarnecidas pela multidão, que lhes atirava insultos e lama.

Nem todos os pelourinhos eram moveis, como o das *Halles* de Paris: ordinariamente só tinham uma escada sobre um tablado: o paciente, atado e collocado na parte superior, em posição muito incommoda, noticiava á multidão por meio de um letreiro que lhe estava fixo no peito, nos hombros ou na cabeça, o crime commettido. Dubreuil diz ter visto no atrio de *Nossa Senhora*, pertencente á justiça do bispo, um sacerdote que tinha nos hombros o letreiro: *Propter fornicationis*.

O chibatar-se e expôr-se as proxenetas foi sempre coisa para alegrar o povo de Paris, que se agglomerava no caminho da victima e a acompanhava até ao logar do supplicio. Todas as mulheres publicas e todos os libertinos se deliciavam em presenciar o castigo d'aquellas infames mulheres, que enriqueciam á sua custa. Este genero de execuções, sempre acompanhadas da mesma affluencia e da mesma alegria, poucas vezes se reproduzia, em virtude do escandalo a que dava causa.

Comtudo podem citar-se alguns exemplares no seculo XVII. Lebrun de la Rochette, no *Procés Criminel*, falla d'uma celebre alcoviteira de Paris, chamada Dumoulin, que por este modo foi castigada no reinado de Luiz XIII, e embora salvasse as orelhas, foi perpetuamente desterrada do reino.

Nos registros do parlamento póde descobrir-se um grande numero de decretos e execuções do mesmo genero: algumas d'estas execuções foram todavia espectaculo mais tragico. Nas contas do prebostado de Paris, em 1440, encontra-se um facto, citado por Sauval, e por nós attribuido a um crime de alcovitice com a aggravante de roubo. Eil-o aqui:

«Pela venda dos bens moveis das defuntas Joanninha *Bonne-Vallet* e Maricas *Bonne-Coste*, enterradas vivas pela justiça de Paris, pelos seus crimes, etc., cujos bens foram arrestados, mas depois entregues muitos d'elles a certas pessoas a quem pertenciam, por serem mal adquiridos pelas referidas mulheres.»

Na feira dos porcos em Saint-Roch, tinham logar os supplicios das mulheres condemnadas a serem enterradas vivas, castigo muito usado antes de serem enforcadas, como se fazia aos homens.

A primeira que foi enforcada em Paris era uma miseravel, que exercia todos os officios inherentes á prostituição.

Em 1449, segundo os historiadores de Carlos VII, foram enforcados tres infames, reus convictos de todo o genero de crimes: um d'elles foi executado na porta *Saint-Jacques*; o outro com sua mulher na porta *Saint-Denis*: «Posto

que fossem marido e mulher, diz Sauval, viviam juntos como se não fossem casados;» o que prova prostituir o marido a mulher, e ser esta igualmente cumplice das torpezas e infamias do marido.

Sauval circumstancía miudamente esta historia patibular:

«Como em França, diz elle, ainda se não tinha visto enforcar uma mulher, Paris inteiro correu ao logar do supplicio. A ré ia desgrenhada, vestida com larga tunica atada na cintura. Uns diziam que ella havia pedido para ir assim, por ser este o uso da sua terra natal: outros affirmavam ser ordem dos juizes, para que as mulheres por mais tempo se lembrassem da execução.»

Este supplicio todavia não foi excepcional, pois Sauval cita mais dois casos tirados das Contas do prebostado em 1457.

«A chamada Herminia *Valenciana*, condemnada a ser enterrada viva sob o patibulo de Paris, (isto é, em Montfaucon) pelos seus crimes, etc.»

«A chamada Luiza, mulher de Hugo Ghausier, enterrada no mesmo logar, para o que se fez uma cova de sete pés de comprido.»

A pena de morte applicava-se de muitas maneiras, segundo a vontade do juiz, que umas vezes ordenava a expiação do crime por meio do fogo, e outras por meio da agua. Entre as mulheres enterradas vivas em Paris, ou lançadas á agua e afogadas na Pont-au-Change, póde-se affirmar sem receio de errar que muitas haviam praticado actos horriveis, que a jurisprudencia da Edade Média contava como peccados contra a natureza.

«Emquanto ás mulheres que se corrompiam umas ás outras, chamadas pelos antigos *tribades*, diz o austero auctor do *Procès Criminel*, não póde duvidar-se que entre si commettem uma especie de sodomia... E é digno da pena de morte este crime, como bem o observa nas suas *Resoluções* M. Boyer.»

Não recorremos ao testemunho de Nicolau Boyer, auctor das *Resoluções burdigalenses*, para mostrar que os parlamentos dos tribunaes inferiores eram sempre intransigentes com respeito ás mulheres de má vida, que ante elles compareciam sob o peso d'uma accusação criminosa.

Daremos a razão d'esta severidade, citando a passagem do livro de Lebrun de la Rochette, que consigna n'estes termos a opinião unanime dos homens da lei, ácerca dos infames auxiliares da prostituição:

«Emquanto aos alcoviteiros e alcoviteiras (*maquereaux et maquerelles*) são absolutamente insupportaveis como inimigos da honestidade, traidores do pudor conjugal e virginal, assassinos da santa sociedade humana, diffamadores da legitima successão dos herdeiros, tições do inferno e verdadeiros instrumentos do espirito immundo, que nunca foram tolerados em nenhuma republica bem constituida, por não mostrarem senão paganismo e atheismo, como se póde vêr nas *Constituições* de Justiniano, novell. 14.ª»

Todavia, um dos primeiros codigos escriptos em francez, o *Libre de jostice et de plet*, que contem os usos de França misturados com uma traducção litteral do *Digesto*, só impõe a pena de desterro e confiscação de bens aos auxiliares da prostituição:

«Aquelle que faz maus ajuntamentos de bordelaria deve perder a cidade, e seus bens são para o rei. (Livro XVIII, cap. 24).»

Este artigo completava-se com o seguinte, que prescreve a fustigação antes do desterro:

«O alcoviteiro de mulheres deve ser fustigado e expulso da cidade, e os seus bens são do rei.»

Temos seguido passo a passo os vestigios da legislação contra a prostituição e seus immundos auxiliares, nos codigos e usos da Edade-Média. A lei, como temos visto, era quasi sempre implacavel contra os réos d'esta deploravel aberração, embora não houvesse nas suas disposições titulos especiaes para estes crimes.

Outros capitulos da nossa obra serão ainda empregados no mesmo assumpto. Poderiamos adduzir milhares de citações, comprovativas do que vamos asseverando, á custa de longo e paciente trabalho de investigação. Resolvemos, porém, ser de ora ávante o mais sobrios possivel na transcripção de textos antigos, para não fatigarmos a paciencia dos leitores.

CAPITULO XIV

SUMMARIO

Estado da prostituição legal nas provincias da antiga França.—Costumes de Beauvoisis.—A prostituição no ducado de Orleans.—O *Livre de jostice et de plet.*—As provincias do Norte.—Organisação da libertinagem publica em Tolosa, Montpellier, Narbonna, etc.—Costumes de Bayonna, de Marselha, Montfort, Rodez, Nimes, etc.—As mulheres de costumes livres de Bagnolles e de S. Saturnino.—Bordeus.—Supplicio, denominado da *accabussade*.—Marselha, Sisteron, Avinhão, Lyon, etc.—Costumes diversos.—Os lombardos e as prostitutas.—Troyes, Amiens, Laon, Meaux, etc.—Ruas sem auctoridade local, destinadas á prostituição.



A ordenação de Luiz IX, relativa á prostituição, é sempre a unica base da jurisprudencia sobre esta materia que os outros reis de França apenas ousavam tocar, depois do santo rei, que não receiou pôr-lhe a mão, para a fechar em prudentes limites; mas os juristas e os magistrados, sem deixarem de acceitar a ordenação de 1254, ou antes a de 1256, alteraram ás vezes o texto e interpretaram-no tambem de differentes modos, segundo as necessidades: juntaram-lhe ainda, como corollarios indispensaveis, certas disposições da lei romana que estava em vigor nos tribunaes, e que se confundiam, mais ou menos, com as tradicções consuetudinarias, ultimos vestigios dos usos e dos codigos barbaros.

Estes usos mudaram completamente o estado da prostituição legal em cada provincia e ainda em cada cidade. Era necessario consultar a historia particular d'estas cidades e provincias, e sobre tudo fazer um exame detido da legislação local, para mostrar as extravagancias annexas á tolerancia da prostituição, e especialmente á penalidade que soffria em certos casos. Nós apenas podemos esboçar ligeiramente um assumpto tão abundante e complexo, cujos materiaes se achariam dispersos em muitos volumes, que não temos paciencia para consultar, e que não nos offereceriam, talvez, mais do que numerosas repetições inuteis. Julgar-se-ha, no emtanto, por um rapido extracto dos nossos apontamentos, se seria possivel fazer, cidade por cidade, e ainda villa por villa, uma verdadeira pornographia da França antiga, apoiada em textos authenticos.

Notemos de uma vez para sempre que a prostituição nunca tem titulo especial nos corpos de leis, de ordenações ou de usos: encontra-se misturada em varios outros titulos, onde figura entre trechos heterogeneos, que não teem relação com ella e que lhe são completamente estranhos. Ha usos geraes onde não se encontra, como se o pudor do jurisconsulto a tivesse eliminado de pro-

posito. Assim, nos celebres *Coutumes de Beauvoisis*, que foram a fonte principal do direito francez por espaço de quatro seculos, inutilmente se procura uma decisão, que se refira á libertinagem publica. O caracter pessoal do jurisconsulto, a austeridade de seus costumes e a modestia da sua linguagem, oppunham-se sem duvida a que admittisse no formulario dos costumes do seu paiz o escandaloso capitulo da prostituição.

O auctor anonymo do *Livre de jostice et de plet*, redigido ao mesmo tempo nas escolas de direito de Orleans, não se mostra tão reservado nas cousas nem nas palavras. Começa por paraphrasear a ordenação de S. Luiz sobre a reforma dos costumes, e traduz no seu dialecto orleanez o artigo concernente á prostituição:

«As mulheres publicas dos campos e das cidades sejam expulsas, e então o juiz lhes confiscará os bens. Item, todo aquelle que alugar casa a mulher de má vida, ou tiver bordel na sua casa, fica obrigado a pagar ao bailio ou ao preboste, ou ao juiz, tanto quanto valha o aluguer da casa n'um anno.»

Ve-se, pois, que a escola de direito de Orleans mantinha em vigor com força de lei a primeira ordenação de S. Luiz, que tinha abolido a prostituição, e não a segunda, que dois annos depois a auctorisava sob um regimen de tolerancia.

Em virtude d'este principio fundamental, registrado no *Livre de jostice et de plet*, vimos no capitulo precedente as penas com que eram castigados o *maquerel de mulheres, e o que faz maus ajuntamentos de bordelaria*. Este não era mais que um industrial, que fazia bordeis em sua casa, tirando d'elles um lucro infame: o outro procurava corromper em seu proveito as mulheres que arrastava ao vicio. Este ultimo alcoviteiro, mais culpavel que o simples bordeleiro, pois como tal estava na cathegoria de ladrão, era considerado infame, sob a denominação de *maurenomex*.

Entre os alcoviteiros da peor especie, o *Livre de jostice* designa, todavia, fundando-se na Lei romana que incessantemente cita, a ignominia dos taberneiros e taberneiras, que geralmente não se limitavam a dar de beber aos seus freguezes, mas tambem lhes offereciam um *pedaço de carne*, para nos servirmos da expressão consagrada em taes logares.

A ordenação de S. Luiz, que precede o *Livre de jostice*, contem unicamente este artigo, que a traducção do auctor anonymo não deixa muito clara:

«Ninguem seja admittido a viver n'uma taberna, se não fôr pessoa seria, ou se não morar no mesmo edificio da taberna.»

O final d'este paragrapho pode entender-se de diversas maneiras: póde julgar-se que a taberna nunca podia transformar-se em hospedaria, e que unicamente se compunha d'uma loja sem domicilio annexo e sem andares superiores destinados a dormidas.

Uma passagem da velha traducção do Digesto confirma a má opinião em que eram tidos os taberneiros e principalmente as tabernas, tanto em França como entre os Romanos:

«Se uma mulher é taberneira e tem na sua taberna mulher leviana, que prostitue para ganhar com ella, deve ser tida como alcoviteira.»

O antigo direito francez differe radicalmente do direito romano em todos os pontos em que o christianismo o modificou; assim, posto que aquelle que possuia um bordel era qualificado como *maurenomex*, a mulher de má vida não participava d'esta nota infamante, e isto por uma rasão de caridade evangelica, que dava sempre á mulher tempo para arrepender-se e voltar á vida honesta. Não era então raro vêr, para resgatar uma alma, um bom christão procurar esposa n'um logar de prostituição. Fundando-se, pois, n'uma decretal de Clemente III, o auctor do *Livre de jostice et de plet*, póde dizer:

«Estabelece-se que todos os que esposarem mulheres de bordel o façam em remissão de seus peccados. Note-se bem que é obra de caridade chamar ao caminho da virtude os que andam no da perdição.»

O mesmo livro propõe, no emtanto, um caso de consciencia sobre o matrimonio d'este genero, e para resolvel-o, invoca uma decretal de Innocencio III, intitulada *Significasti*:

«Houve um homem que trouxe para a sua companhia uma prostituta, tendo abandonado sua mulher e sendo por isso excommungado: quando a mulher d'esse homem morreu, tornou elle a tomar a prostituta para a sua companhia. Pergunta-se: Podem viver juntos? Responde-se: se tentaram o assassinio da mulher, ou se o homem não deu palavra de casamento á prostituta sendo viva a mulher, o homem deve ser absolvido, se o requerer.»

O *Livre de jostice et de plet*, no qual se trata do matrimonio com um tal impudor de expressões que não ousamos reproduzir, não é todavia indulgente para com as mulheres que se prostituem, nem para com os homens que as favorecem na prostituição. Não tinham estes o direito de testar, nem podiam obter juizes:

«Testemunhada a má fama, o rei póde fazer justiça nos que têm bordeis.»

As que exerciam o mesmo officio, ou tinham tabernas, eram egualmente incapazes para com a justiça:

«Prohibe-se que a mulher seja taberneira ou proprietaria de bordeis, e se o fôr, ou os tiver, está fóra do direito commum.»

Estas duas passagens, que parecem contradizer as que já anteriormente citámos, provam a existencia permittida ou tolerada de certos bordeis administrados por homens e mulheres, que como os judeus consentiam em viver sob o constante rigor da lei, rigor que muitas vezes attenuavam por meio de contribuições secretas.

Apesar d'esta tolerancia necessaria á vida publica das grandes cidades, a policia dos costumes era sempre regulada por leis austeras reprimidoras dos excessos e escandalos. Assim, a fornicação, ordinariamente impune, tinha um artigo penal no codigo consuetudinario:

«Os que se entregam á fornicação devem moderadamente ser castigados com pena corporal.»

Mas só em circumstancias excepcionaes o castigo era applicado aos que fornicavam. Todavia a mulher, que se separava do marido para commetter egual delicto, perdia os seus direitos conjugaes. Mas o rapto, a violação, o adulterio, a sodomia eram rigorosamente castigados pelo direito commum.

«A lei que o imperador Justiniano fez sobre o adulterio é de direito commum, e por esta mesma lei é castigado o delicto, quando casualmente alguem tem relações com uma virgem ou viuva.»

Os sodomitas de ambos os sexos não eram todavia condemnados á morte, senão depois de terem soffrido duas penas corporaes pelo mesmo acto:

«O que fôr provadamente sodomita deve perder os testiculos. E se é pela segunda vez condemnado, deve perder o membro viril. E se o é pela terceira vez, deve morrer. Uma mulher sodomita deve perder um membro de cada vez, e á terceira, deve morrer. E todos os seus bens pertencem ao rei.»

Taes eram as penas relativas á policia dos costumes no ducado de Orleans.

A penalidade que o codigo de Justiniano tinha introduzido na legislação franceza encontrava-se em todas as partes infinitamente modificada, conforme o caracter dos habitantes. As provincias do norte a este respeito eram mais indulgentes que as do meio-dia: n'aquellas, a prostituição reinava sem receios, e o regimen dos costumes, abandonados a si proprios, mantinha-se nos limites bastante dilatados d'uma facil tolerancia. Tolosa, Montpellier, Narbonna, e outras cidades do Languedoc, tinham a libertinagem publica sob uma organisação mais regular do que aquella que por esse tempo existia em Paris.

Todavia Carlos d'Anjou, conde de Provença e rei das duas Sicilias, a exemplo de seu irmão Luiz IX, esforçou-se por expulsar dos seus Estados a prostituição legal, sem conseguir, porém, alcançar melhores resultados do seu esforço, mais piedoso do que politico, e teve de renunciar á guerra contra as ribaldas, que pouco se importavam com as suas ordenações. Dirigiu então a sua attenção contra as mediadoras da prostituição, que com razão considerava o elemento mais perigoso do vicio, e até então subtrahido a todas as medidas de rigor.

Conforme os usos de Provença, ordenou que todos que especulavam, corrompendo ou prostituindo mulheres, fossem expulsos do territorio ducal, sem fórma alguma de processo: que se, passados dez dias depois da publicação da sua ordenação, fosse encontrado algum miseravel exercendo esta impia industria, a justiça procedesse, e o culpado, além da confiscação dos seus bens e do desterro, fosse castigado com penas corporaes.

Carlos d'Anjou prohibia tambem a todos os seus empregados dar asylo em suas casas a alguma mulher de má vida, sob pena de privação do emprego e de uma multa de cem libras.

O Languedoc, no emtanto, não cuidava da reforma, a exemplo das provincias limitrophes, onde a prostituição estava reprimida por leis e costumes, que tendiam a destruil-a completamente.

O *Coutume* de Bayonna, feito sem duvida sob a influencia das Constituições hespanholas, impunha a pena de açoutes e desterro ás alcoviteiras; mas em caso de reincidencia, condemnava-as á morte.

O *Coutume* de Marselha não era menos terrivel com respeito ás alcoviteiras, ainda que as ribaldas communs fossem toleradas em certas ruas d'esta cidade, onde a presença de tantos forasteiros e gente de mar tornava indispensaveis os bordeis. Apezar d'isto, as ribaldas que existiam no porto de Marselha

deviam abster-se de trazer vestidos ou adornos de côr vermelha, sob pena de multa, e em caso de reincidencia incorriam na de fustigação. No capitulo seguinte, faremos a historia das *abbadias* obscenas de Tolosa, de Montpellier e de Avinhão.

Procuremos agora os vestigios da prostituição n'algumas outras cidades do Languedoc. Em Narbonna, ainda que arcebispado, os consules da cidade possuiam o privilegio de ter na jurisdicção do visconde uma rua denominada *quente*, onde os funccionarios d'este titular não tinham direito algum de justiça, e as mulheres communs, que habitavam n'esta rua sob os auspicios da auctoridade consular, tinham a liberdade de exercer o seu impuro commercio em todo o viscondado, sem serem admoestadas por isso.

Em Pamiers, residencia de um bispo, as mulheres publicas não habitavam no interior da cidade: segundo os usos do condado de Montfort, confirmados em 1212, estas peccadoras não podiam abrir os seus bordeis, senão extramuros e a certa distancia das portas.

Em Rodez, que tambem tinha o seu bispado, a prostituição existia todavia, como parece, dentro do recinto da cidade, porque o bispo, que se chamava Pedro de Pleine-Chassaigne, prohibiu em 1307 aos habitantes receber nas suas casas mulheres publicas, cujo vestuario ordena tambem que não defira do trajo das mulheres honradas. Prohibe, pois, ás rameiras trazer capa, mantos, veus e vestidos de cauda, determinando que estes não devem passar dos tornozellos.

Em Nimes, onde o bispo era tambem senhor temporal, a prostituição foi confiada a uma *mestra de ribaldas*, que arrendava este commercio impudico, recebendo plenos poderes dos consules, a quem ia cumprimentar em certas epochas, levando-lhes um presente de investidura, chamado *osculo*.

Beaucaire, que ao menos não tinha bispado, mas que attrahia ás suas feiras celebres uma grande quantidade de commerciantes, não podia passar sem um bordel privilegiado, que se abria ao mesmo tempo que a feira de Santa Magdalena, e se fechava quando ella. Este bordel estava sob a auctoridade d'outra mestra ou directora, que se chamava *abadessa*, e que não obtinha este cargo lucrativo senão sob certas condições. Não lhe era permittido, por exemplo, dar hospitalidade por mais d'uma noite aos passageiros que queriam alojar-se no seu estabelecimento. Em 1414, uma abadessa, chamada Margarida, hospedou na sua casa um tal Anequim, ficando tão satisfeita com elle, que ampliou a hospedagem por seis noites mais. Accusada d'esta contravenção, foi condemnada a pagar uma multa de 10 libras tornezas ao castellão de Beaucaire. Mr. Rebuteau consigna este facto curioso na sua memoria sobre a *Prostituição na Europa*, mas esquece-se de dizer-nos a fonte d'onde o tirou.

As rendas que a prostituição dava ás cidades de Nimes e Beaucaire foram consideraveis, no tempo em que a feira d'esta ultima cidade era mais frequentada; mas no seculo XVI, quando as guerras de Francisco I e Carlos V impediram a concorrencia de commerciantes a esta celebre feira, as *abbadias* do amor, tão alegres e prosperas n'outro tempo, estavam quasi desertas; pois nas contas da recebedoria ordinaria de 1539, Antonio Baireau, contador da Thesouraria de

Nimes e Beaucaire, faz apenas constar uma somma de quinze soldos de direitos, recebidos durante trez annos das *abbadias* da localidade.

Além d'estas hospedarias-bordeis mal afamadas, arrendadas a Luiz Cluches, havia outra que não dava rendimento á cidade de Beaucaire, por estar quasi sempre desoccupada.

Não havia uma povoação no Languedoc que não tivesse, se não abbadia, pelo menos algumas prostitutas.

As de Bagnoles não podiam trazer, sem se expôrem a castigos, chapeus com flores, veus, pelles de arminho, capuzes abertos adornados com botões, etc.

As de S. Saturnino não podiam receber nos dias de festa, nas quatro temporas e nas vigilias. Em 1414, Izabel, cognominada a *Padeira*, foi condemnada a uma multa de dez soldos, por ter recebido no dia de Paschoa um chamado Jorge, que era todavia seu amante certo.

Estes costumes do Languedoc, que a heresia dos albigenses tinha relaxado bastante, espalharam-se pelas provincias limitrophes. Todavia a cidade de Bordeus, que se distinguiu entre todas pela severidade da sua policia de costumes, parece ter afogado algumas vezes as ribaldas e os incorrigiveis alcoviteiros, atirando-os ao mar.

Ducange, na palavra *Accabussare*, diz-nos que este supplicio estava em uso em Bordeus, onde a gente de baixa classe pronunciava sem duvida a sentença e dirigia a execução. O paciente era fechado n'uma gaiola de ferro, que se submergia no mar, e que só se retirava quando a asphyxia era completa. Ducange diz expressamente que as victimas d'este supplicio eram afogadas.

Accrescenta que a mesma penalidade era applicada aos blasphemos em Marselha, quando não tinham 12 dinheiros para se livrarem do mergulho na agua salgada, da qual bebiam mais do que seria para desejar, por entre os gritos e canções da canalha, que se divertia com os seus esgares afflictivos.

Um castigo analogo se impunha tambem em Tolosa aos blasphemos, aos rufiões e ás vezes, diz Lafaille, ás mulheres publicas, que transgrediam os regulamentos de policia. Jousse, no seu *Tractado da Justiça criminal de França*, publicado em 1771, descreve o mergulho tal como se praticava ainda no seu tempo com grande divertimento dos amadores d'este genero de supplicio.

Conduzia-se á casa da cidade a infeliz que tinha sido condemnada por qualquer delicto da prostituição: o executor ligava-lhe as mãos, punha-lhe um barrete feito de pão d'assucar e enfeitado com plumas, e prendia-lhe no hombro um cartão com um rotulo, que dizia a classe do delicto.

Este rotulo era ordinariamente a palavra *Proxeneta*.

Uma multidão, tão curiosa como sarcastica, acompanhava a ré, diante da qual se lia a sentença, e conduziam-n'a assim processionalmente até á ponte que atravessa o Garonna: uma barca recebia-a com o verdugo e seus ajudantes, e levavam-n'a para um rochedo situado no meio do rio, onde a faziam entrar na gaiola de ferro, feita de proposito, que se submergia tres vezes na agua.

«Conservam-n'a dentro d'ella algum tempo, diz Jousse, de fórma que não possa suffocar-se, o que produz um espectaculo que excita a curiosidade de toda a povoação.



Castigo de uma adultera em Tolosa

Depois levavam a pobre mulher meio afogada ao hospital da casa de correcção, onde havia de passar o resto de seus dias, a não ser que obtivesse perdão e tornasse ao seu primeiro officio.

Lembramo-nos de ter lido que se impunha igual castigo ás mulheres publicas, accusadas e convictas de terem communicado o virus venereo a alguns libertinos, que davam parte civil, e reclamavam a visita medica do seu contagio: mas não podemos dizer qual o logar e a épocha em que se fazia soffrer esta submersão infamante a estas perigosas inimigas da saude publica.

Apezar das ordenações de Carlos de Anjou contra a prostituição, em geral, a Provença nunca chegou a ver-se livre da praga, que o temperamento ardente de seus habitantes devia naturalmente propagar, e que impedia as desordens das paixões sensuaes. Comprehende-se facilmente que a prostituição legal não podia ter um curso regular e patente n'um paiz, onde a cavallaria e a poesia tinham idealisado as relações dos dois sexos, onde o culto da mulher se tinha subtrahido de certa fórma a toda a mancha material, e onde as *Côrtes de Amor*, envoltas nas abstracções do sentimento, pareciam ter tomado a empreza de matar o homem pelo homem, de aniquillar o corpo em proveito da alma.

Vimos, todavia, anteriormente que a prostituição existia ás claras em Marselha para uso dos marinheiros e forasteiros, que necessitam de encontrar n'um porto de mar meios de se distrairem do aborrecimento de uma longa viagem.

Havia mulheres de prazer na maior parte das grandes cidades: mas dissimulavam a sua profissão vergonhosa sob nomes e apparencias honestas. Não eram, por essa razão, menos perseguidas pela policia municipal e ecclesiastica, vendo-se multadas ou presas pelo mais frivolo pretexto. Em Sisternon, por exemplo, o preboste da cidade encarcerava por um odioso abuso de poder as mulheres estranhas, que iam fixar a sua residencia na cidade episcopal com seus amantes favoritos. O mesmo funccionario accusava de libertinagem estas mulheres sem protecção, obrigava-as a pagar uma contribuição para recuperarem a sua liberdade e para viverem em paz.

Os habitantes queixaram-se d'estas iniquas exacções, e por decreto de 20 de abril de 1380, Foulques d'Agonst, senescal dos condes de Provença e de Forcalquier, prohibiu que alguem incommodasse as forasteiras que queriam residir na cidade com seus amigos, com a condição de viver honradamente.

Eduardo de Laplane, que menciona estes factos, diz-nos que os magistrados da cidade de Sisternon, para obstar sem duvida aos intoleraveis abusos que a permanencia de taes mulheres causava na povoação, resolveram adquirir por conta do municipio um edificio destinado a receber as mulheres communs, e albergal-as sómente de passagem.

Esta decisão foi tomada em 1394, mas dez annos mais tarde ainda se não tinha feito a acquisição. Até 1424 as mulheres de má vida encontraram em Sisternon um refugio, onde não eram vexadas com multas e prisões.

Ás que, todavia, chegavam pela *passagem de Peipin* era-lhes lançado, como aos judeus, um imposto de 5 soldos, em beneficio das freiras de Santa Clara.

Estas religiosas deviam sem duvida expiar com suas rezas os peccados que a prostituição errante attrahia aos muros de Sisternon, ou pelo menos ao seu territorio, porque a casa de refugio das ribaldas não estava na cidade.

O estabelecimento d'esta casa em Sisternon parece-nos confirmar tudo que a tradicção diz de um estabelecimento analogo na cidade de Avinhão. Mas trataremos depois esta questão de archeologia historica, que merece ser examinada sem ideias preconcebidas.

E' incontestavel que os costumes italianos se acclimaram com os papas no condado de Avinhão, e póde sustentar-se que a cidade papal não mudou os habitos das meretrizes romanas, a quem o chapeu vermelho dos cardeaes não intimidava.

De Avinhão a Laon, a prostituição teve apenas que passar o Rhodano, e esta grande cidade tinha muitos habitantes para que a policia não fosse tolerante com os costumes. Guilherme Paradin, nas suas *Memorias da historia de Lyon*, menciona um regulamento municipal de 1475, que recorda as ordenações do preboste sobre o mesmo assumpto. Ordenava-se n'este documento ás mulheres publicas de Lyon, que deixassem *as boas e honestas ruas*, e se retirassem a duas casas de asylo, onde podiam exercer o seu miseravel officio sob a vigilancia dos consules. Cada uma d'estas casas tinha uma unica porta, a fim de que as ribaldas que commettiam algum delicto n'estes logares de libertinagem não podessem fugir no momento da captura. Determinava-se além d'isso que o trajo particular das mulheres dissolutas, a quem sob pena de confiscação se prohibia empregar nos seus enfeites *cintos guarnecidos de prata*, pelles caras e até a *pelle negra ou branca de carneiro*, excepto unicamente os chapeus de mulher honrada, eram obrigadas a trazer sob pena de prisão e sessenta soldos de multa «continuamente cada uma no braço esquerdo sobre a manga do vestido, trez dedos abaixo do hombro, uma divisa vermelha pendente meio pé ao lado do braço.» Signaes distinctivos das mulheres publicas não se viam senão nas cidades em que se tolerava ou reconhecia a prostituição.

Apesar d'estas condescendencias da lei em favor do vicio, o lenocinio não participava dos beneficios da tolerancia, e aquelles que o exerciam ficavam sempre fóra do direito commum. Prendiam-se, açoitavam-se, expulsavam-se da cidade, confiscando-se-lhes os seus bens.

«Ás vezes a proxeneta, diz Muyart de Vouglans, era montada n'um burro, ás avessas, quer dizer com a cara para a cauda, levando um chapeu de palha e um rotulo.»

Passeiavam-n'a assim pela cidade, entre os escarneos e ultrages do povo, e depois de ser açoitada pelo verdugo era expulsa do paiz ou encerrada n'uma casa de correcção.

Era o que succedia em Lyon e n'outras cidades, onde o culpado, «mitrado, açoutado publicamente, desterrado para sempre, sob pena de perder a vida,» segundo o auctor do *Traité des peines et amendes*, arrastava no seu castigo o cumplice que se lhe tinha associado ao delicto, alugando ou emprestando a sua casa. Além da confiscação da casa, o cumplice pagava uma multa de dez libras em ouro. Duret, queixando-se da indulgencia de tal legislação, dá-nos a

entender que a pena de morte era ainda applicada em certos casos no seu tempo.

As cidades, que não tinham ribaldas em estabelecimento, contentavam-se com as que o acaso lhes trazia, as quaes corriam o paiz procurando fortuna, apesar de não poderem permanecer mais de vinte e quatro horas nos logares habitados, onde se demoravam com os seus rufiões. Geralmente hospedavam-se nos arrabaldes n'um bordel isolado, ou n'um logar de refugio reservado para ellas, quando não ao ar livre, sob as arvores, ou no meio do trigo.

Por um decreto, feito em 1513, em consequencia d'uma disputa entre o titular do logar e os habitantes de Roche de Glun e de Alençon, prohibiu-se a estes habitantes hospedar nas suas casas por mais d'uma noite as ribaldas publicas e os seus rufiões, que atravessavam o paiz.

Muitas citações poderiamos adduzir, em testemunho da existencia das prostitutas errantes, que andavam de povoação em povoação mercadejando com o seu corpo, em companhia de ribaldos favoritos, a quem sustentavam com o producto do seu ignobil trafico.

Os ribaldos não eram inuteis ás vezes ás suas *damas* ou queridas; protegiam-n'as contra as violencias a que as desgraçadas estavam expostas constantemente, pela impunidade de taes ultrages. As leis, todavia, eram previdentes a este respeito, e a violencia feita a uma mulher publica era equiparada pelos jurisconsultos á violação d'uma mulher honesta.

Assim, nos privilegios que o senhor de Chaudieu outorgou em 1389 aos visinhos de Eyrien, perto de Valence, privilegios confirmados no mesmo anno por Carlos VI, diz-se que todo aquelle que violar uma mulher dissoluta, ou qualquer outra pertencente a um logar de prostituição, pagará 100 soldos de multa. Uma parte d'esta multa pertencia de direito á mulher que soffrêra o damno, que a lei considerava, não como ultrage, mas como um roubo feito com ameaças e violencias.

Se o legislador se apresentava ás vezes como protector das mulheres publicas, cuja deshonra não as entregava á mercê de quantos as queriam ultrajar, igualmente protegia aquelles que tinham de precaver-se contra as mystificações de mulheres tão astutas e de seus depravados auxiliares. Uma das especulações mais lucrativas e faceis era accusar de violencia um homem que nada mais tinha feito do que comprar um genero de commercio, que voluntariamente se lhe offerecia. Os ricos banqueiros judeus, lombardos ou italianos, em cujas mãos se concentrava todo o commercio de dinheiro, viam-se sem cessar expostos a accusações d'este genero. Uma mulher introduzia-se nas suas casas a titulo de criada ou de qualquer outra especie de serviço, e depois fazia a sua queixa á justiça, pretendendo ter sido violentada. Exigido o juramento da lei a esta libertina, não vacillava ella em prestal-o sobre o Evangelho, e o innocente banqueiro só podia vêr-se livre da justiça, pagando uma grande multa, de que a accusadora e seus cumplices obtinham a maior parte.

Esta maneira de explorar a fortuna e a posição delicada dos lombardos tornara-se tão frequente no seculo XIV, que elles já não queriam estabelecer banca em nenhuma cidade de França, sem que a sua honra e bolsa estivessem ao abrigo

das ciladas da prostituição. Em consequencia d'isto, fez-se esta clausula quasi identica nos despachos dos reis Carlos v e Carlos vi, concedendo ás associações dos lombardos o privilegio de abrir banca e emprestar dinheiro nas cidades de Troyes, Paris, Amiens, Nimes, Laon e Meaux:

«*Item*, se alguma mulher com fama de má vida estiver nas casas dos ditos commerciantes, e quizer dizer por astucia e preversidade ter sido forçada pelos ditos commerciantes, ou por algum d'elles, não seja recebida a querella d'essas más mulheres, nem os ditos commerciantes, ou algum d'elles, soffram por isso em suas pessoas ou em seus bens.»

Graças a este paragrapho dos seus privilegios, os lombardos já não tinham que temer da malicia das mulheres, que entravam nas suas casas, sem outro fim que não fosse o de fazerem papel de victimas. Esta clausula de precaução dá-nos tambem a entender que os lombardos se achavam, como estrangeiros, dispensados de guardar as ordenações civis e ecclesiasticas, que prohibiam ás pessoas honestas hospedar na sua casa uma mulher libertina por mais d'uma noite. A permanencia da prostituta em casa d'elles não trazia consequencia alguma desfavoravel, pois nem incorriam na pena, nem sequer no vituperio da lei.

Todas as disposições relativas ás bancas ou casas de desconto de Paris, de Troyes, de Amiens, de Laon, de Meaux, etc., provam a presença frequente ou habitual das ribaldas n'estas differentes cidades e as tentativas de seducção que renovavam sem cessar contra os lombardos e italianos. Estes podiam por sua parte permittir-se todas as desordens moraes que a lei castigava na conducta dos nacionaes, subditos do rei. O sabio e virtuoso Carlos v disse-o claramente, nos privilegios que concedeu em 1366 aos commerciantes italianos, estabelecidos em Nimes: estes commerciantes não podiam ser inquietados nem castigados por motivo de simples fornicação, a não ser quando convictos de rapto ou adulterio.

E', pois, de presumir que a licença dos costumes d'estes estrangeiros influisse no estado moral da população que os rodeava, e que se corrompia com o seu exemplo e contacto, visto que tinham junto de si um cortejo de mulheres dissolutas e de homens libertinos, que passavam vida alegre e se corrompiam mutuamente.

Todavia, não attribuiremos á sua installação na cidade de Troyes, em 1389, o estabelecimento das tendas (*bouticles*) que as mulheres communs, em collegio (*cloistières*) tinham desde muito em varios pontos da cidade, segundo podemos fazer constar pelo seguinte artigo d'um documento anterior, citado pelos continuadores de Ducange na palavra *Clausuræ*, e que prova a antiguidade de similhantes estabelecimentos:

«*Item*, que todas as mulheres de vida *cloistière*, ou mulheres communs diffamadas, tenham e façam as suas tendas nos logares designados desde muito para isso na cidade.»

As cidades proximas de Paris, situadas, por assim dizer, dentro da orbita da côrte do rei, tinham como dever serem as primeiras a obedecer ás ordenações reaes, e imitarem escrupulosamente a organisação da policia parisiense,

como egualmente imitavam os costumes, as modas, os usos e até o modo de fallar da gente da côrte.

A imitação não exceptuava as casas libertinas, mas até ahi se via com preferencia, e para a este respeito citar um caso extravagante, é tradição que um libertino da provincia, tendo estado em Paris, e tendo frequentado as ruas de denominações deshonestas, foi o padrinho da rua *Pousse-Penil*, em Issoudun, e da *Retrousse-Penil*, em Blois, como de todas as outras ruas destinadas á prostituição legal.

Não precisamos de traduzir a obscena denominação, para os leitores poderem avaliar a rude franqueza d'estes qualificativos. Em quasi todas as cidades da França se encontram vestigios d'estes titulos immundos, dados ás ruas particularmente consagradas ao exercicio d'este inveterado cancro social.

A mercadoria immunda tinha d'este modo bem publicamente exposta a sua obscena taboleta.

CAPITULO XV

SUMMARIO

Provincias centraes da França.—Champagne.—Touraine.—Berry.—Poitou.—Orleans.—As mulheres casadas de Montluson equiparadas ás prostitutas.—Reconhecimento de Breuil.—Costumes burlescos e ridiculos.—A calçada do terreno pantanoso de Suloire.—O senhor de Pouzay e as mulheres faceis.—O rei de França e as prostitutas de Verneuil.—As prostitutas de Provines.



As provincias centraes da França eram as que oppunham menos obstaculos á prostituição, que alli encontrava um meio perfeitamente propicio. A prostituição era n'essas provincias permittida, com tanto que se submettesse aos usos e costumes locaes, e se mantivesse sem causar perturbações: só o escandalo era castigado.

Deve notar-se que n'estas provincias a civilisação adoçára mais os costumes do que nas outras: se a libertinagem publica vivia em boa paz com a auctoridade dos senhores e dos municipios, a doçura do caracter de seus habitantes isentava-a naturalmente do cortejo de crimes e violencias, que a libertinagem arrasta atraz de si.

A prostituição achava-se, portanto, naturalisada em todas as povoações da Champagne, da Touraine, de Berry, de Poitou e de Orleans, devendo unicamente pagar em cada um d'estes pontos por onde passava, ou onde se fixava, segundo o que mais lhe convinha, o tributo feudal, e acceitar os usos e costumes, que ás vezes não eram escriptos, mas sim guardados de seculo para seculo pela tradicção do paiz.

Entre estes tributos havia alguns tão singulares, que hoje não se comprehende como poderam ser justificados por qualquer razão. Sauval extrahiu dos Archivos do Tribunal de contas, um documento do anno de 1498, mencionando que o *Coutume* de Montluson equiparava as mulheres casadas, que batiam em seus maridos, ás prostitutas; todavia umas e outras não prestavam homenagem igual ao castellão de Montluson. Qualquer mulher que batia em seu marido era obrigada a dar ao castellão ou á castellã, ou um escabello ou um pau. Qualquer ribalda, que chegava áquella povoação para n'ella exercer o seu vil officio, devia por uma só vez pagar quatro dinheiros, e além d'isso, em reconhecimento de vassallagem, ir publicamente á ponte do castello, e pondo-se

n'ella de cócoras, expellir ventosidades... que não devia abafar debaixo das saias.

O texto latino do reconhecimento da terra de Breuil, feito pela mui alta, mui nobre e mui poderosa senhora de Montluson, em 27 de setembro de 1498, é o seguinte, que damos textualmente, graças ao veu d'aquella lingua morta:

Item in et super qualibet uxore maritum suum verberante, unum tripodem.

Item in et super filia communi, sexus videlicet viriles quoscumque cognoscente, de novo in villa Montislucii eveniente, quatuor denarios semel, aut unum bumbum, sive vulgariter Pet. *super pontem de castro Montislucii solvendum.*»

Os commentadores que não evitam estas passagens escabrosas não deixaram de mostrar o seu engenho na descripção d'este sujo emblema. Dizem uns que as mulheres de má vida não podiam dar ao senhor de Montluson mais do que valiam, e a este proposito citam um proverbio empregado n'outro tempo a respeito das prostitutas: *a mulher de vida airada não vale um crepito de ventre.* Outros archeologos a este respeito lembraram uma passagem não explicada de Pantagruel, em que Rabelais nos diz como d'estes sons nascem os homens, e das ventosidades surdas os humunculos, o que deu logar ao rifão:— *A ventosidade estrepitosa é nobre e leal, a surda é vergonhosa e traidora.*

Facil seria compilar um grande volume sobre estes arrotos sub-intestinaes dos ribaldas de Montluson, mas preferimos encerrar a discussão d'este delicado assumpto, recordando que em virtude dos usos do direito feudal a homenagem e a lealdade dependiam do genero de serviço que o vassallo prestava ao senhor e aos seus logares-tenentes. A historia dos feudos está cheia de servidões burlescas e ridiculas, entre as quaes as impostas á prostituição não eram as mais extraordinarias.

Nos censos feitos em 1376 e outros annos pelos senhores dos condados d'Ange, Souloire, e Betisy, na Normandia, o senhor de Bethisy declara á sua soberana, Branca de França, viuva do duque d'Orleans, que as mulheres publicas, que cheguem a Bethisy ou em Bethisy vivam, lhe devem pagar quatro dinheiros, e que este imposto que outr'ora lhe dava desenove soldos annuaes (o que suppunha a chegada de trinta ribaldas por anno) já não rendia mais que cinco soldos, em virtude de não accudirem tantas ribaldas áquella terra, diz Sauvel.

O senhor de Souloire tambem declara que todas as mulheres, ao passarem pela calçada do pantano de Souloire, deixem ao juiz a manga do braço direito, ou quatro dinheiros, ou *outra cousa*. Para comprehender o que seja esta *outra cousa*, é mister abrir a pagina 110 *les Réponses* de J. Boissel, Bordier e José Constant, sobre differentes perguntas relativas aos *Usos* do Poitou. O senhor de Poizay, na parochia de Verruge, reservava para si em 1469 o direito de impôr tributo a cada mulher publica chegada á parochia, ou de lhe confiscar os seus pertences, fixando em quatro dinheiros o valor d'estes objectos.

Parece tambem que em todos os feudos o senhor tinha direito a este imposto uniforme de quatro dinheiros, por cada mulher de má vida que entrava no territorio do seu respectivo feudo, com intenção de n'elle exercer a sua in-

dustria. Mas ordinariamente o senhor envergonhava-se de receber o imposto da prostituição, e substituia-o por qualquer costume ridiculo, que lhe mantivesse os seus privilegios feudaes.

O rei de França era menos escrupuloso relativamente á origem dos impostos que lhe entravam no erario: pois que, em 1283, segundo um documento inserto no *Glossaire* de Ducange (palavra *Putagium,* ultima edição,) recebia ainda o tributo das ribaldas de Verneuil, a 4 dinheiros por cabeça.

A prostituição, n'este paiz da lingua *d'oil,* não tinha o sello de infamia que imprimia as pessoas que viviam á sua custa nas provincias da lingua *d'oc.* Os romances dos trovadores normandos, champagnezes e outros, estão, como se póde vêr, cheios de particularidades tiradas da vida amorosa das mulheres communs e libertinas. Os poetas, que sem duvida as frequentavam e que costumavam percorrer com ellas o paiz, não sentiam repugnancia alguma em fazer figurar nos seus versos estas alegres companheiras da sua existencia vagabunda. M. Bourquelot, na sua *Histoire de Provins* (pag. 273) diz-nos que as mulheres communs eram notaveis pelos seus encantos e voluptuosidade.

Habitavam estas em muitas ruas, cujos nomes impudicos revelam a sua antiguidade, estando n'outro tempo *calçadas de ribaldas,* segundo a expressão local que se conservou, e que a rua *Pavée d'Andouilles* de Paris recorda.

Estas ruas, destinadas especialmente ao domicilio de mulheres de má vida, provam a existencia de uma demarcação que separava do resto da população as mulheres publicas, impedindo que se confundissem com as honestas. Estas não possuiam nem a belleza nem a seducção das impudicas, mas achavam-se tão satisfeitas com a sua boa fama, que não julgavam encontrar pena bastante severa para castigar a maledicencia ou calumnia que tocasse na sua reputação. Com este receio obtiveram dos condes de Champagne appoio e protecção para o caso em que qualquer d'ellas fosse injuriada por outra, e tractada como prostituta em presença de testemunhas.

A que irrogava similhante injuria, sem razão nem provas, devia pagar 5 soldos de multa e seguir a procissão em camisa como as penitentes, levando uma *pedra* que se chamava *de escandalo,* emquanto que a injuriada ia atraz d'ella, picando-a nas nadegas com um alfinete.

E' evidente que as mulheres publicas eram as que ordinariamente se tornavam culpadas n'esta classe d'injurias ás mulheres honestas, e a lei tomava a defeza das insultadas, que não saberiam responder na mesma linguagem a essas mulheres desbragadas. A *Coutume* de Champagne occupa-se especialmente d'este delicto de injuria.

O homem ou mulher, que ultrajasse assim uma mulher de bem, devia-lhe além d'isso a multa de 5 soldos, e, «se acontece, accrescenta a lei, no artigo 45, que a mulher a quem se diz a injuria tenha marido, esta multa subirá, á vontade do senhor, até sessenta soldos.»

Os *Usos* de Cerny e de Fère, outorgados por Philippe Augusto, auctorisavam qualquer homem de bem, que ouvisse ser injuriada uma mulher honesta, por outra de má vida, a fazer-se advogado ex-officio e a vingar a insultada, applicando á insultante duas ou tres boas bofetadas, de fórma que o defensor não

tivesse nenhum odio antigo contra a mulher, maltratando-a assim por sua propria satisfação em nome da honestidade publica.

O uso de Beauvoisis não particularisa as injurias e *villanias*, que valiam 5 soldos de multa para um villão e 10 para um nobre, dizendo unicamente que o facto peior, depois d'um caso de morte, é dizer em presença d'um marido que se gozou sua mulher, e por isso Philippe de Beaumanoir refere que, sob o reinado de Philippe Augusto, tendo um homem dito a outro: «És um marido ludibriado, e eu mesmo assim te fiz,» o injuriado tirou um punhal e feriu-o. Preso e submettido a juizo, foi absolvido pelo rei e seu conselho, considerando que tinha procedido no uso de legitima defesa.

As mulheres de má vida, tanto antigamente, como agora e como sempre, eram propensas á injuria e capazes dos mais indignos meios para intimidarem as pessoas honestas que as temiam. Uns dos meios mais communs consistia no odioso uso que faziam da condição de mulheres casadas, ameaçando com uma querella d'adulterio ao imprudente que as frequentava, e que se via obrigado a comprar-lhes o silencio. Para praticar estes indignos manejos e explorar em seu proveito os remorsos da libertinagem, occultavam cuidadosamente a sua condição de casadas, revelando-a só no caso de terem commettido adulterio interessado. A lei familiar não admittia a excusa de ignorancia em similhante crime, e foi preciso que o direito consuetudinario adoçasse n'este caso excepcional o rigor do direito commum. D'aqui provêm o artigo das Franquias de Perusa em Berry, que datam do anno de 1260, e emanam da justiça senhorial. O artigo é o seguinte:

«Se uma mulher casada chegar a Perusa com o fim de exercer a prostituição, sem homem proprio que a acompanhe, a nada é obrigada para com o senhor.»

As mulheres, que mercadejavam com o seu corpo e que não tinham de apresentar um marido para as salvar do crime de adulterio, exerciam frequentemente uma especulação analoga, mas inversa: ameaçavam com denuncia os homens casados que queriam fazer cahir nos seus ardis. A lei feudal castigava este adulterio com a mesma pena imposta ao outro: um homem casado, que tivesse relações com uma mulher publica, podia ser accusado e condemnado. Evitava-se sempre applicar esta rigorosa jurisprudencia, fechando os olhos a este genero de delictos, mas, quando havia denuncia ou queixa, o juiz perseguia o delinquente, que por feliz se dava em unicamente pagar uma multa, pois que a penalidade mais frequente eram os açoites, applicados aos dois cumplices, que nús percorriam a cidade, recebendo o castigo das proprias mãos dos espectadores, que extraordinariamente se divertiam n'estas occasiões.

N'este antigo uso, pelo menos no principio, estabelecido em toda a França na edade media, encontramos uma tradicção da Roma antiga, a respeito dos adulterios das cortezãs e dos libertinos.

Os *Usos* d'Alais, redigidos no seculo XIII, e pela primeira vez publicados em continuação dos *Olim*, formulam n'estes termos a penalidade do adulterio:

«*Item* estabelecemos, que se algum homem ou mulher casados forem apanhados em flagrante crime de adulterio, os dois cumplices percorram a cidade, sejam chibatados, e a mais não sejam condemnados.»

Os dois percorriam, pois, juntos a cidade, mas a mulher ia na frente, para que ella fosse a primeira a ser chibatada. A mesma compilação dos *Olim* cita-nos muitas applicações d'esta penalidade. Em 1273, o prior da abbadia de Charlieu fez correr ou fustigar pela cidade a muitas pessoas surprehendidas em adulterio dentro do territorio d'abbadia. Os habitantes da cidade fizeram queixa ao bailio de Mâcon, sustentando que o prior se revestira d'uma auctoridade que não possuia na dita cidade, e o bailio reivindicou esse direito em nome do rei. Mas o prior, fundando-se tambem em antigos privilegios da abbadia, continuou no exercicio do mesmo direito, fazendo chibatar de igual modo a todos quantos eram surprehendidos em adulterio, sempre nos limites da sua jurisdicção.

As justiças senhoriaes, desavindas umas com as outras constantemente, disputavam o terreno da sua jurisdicção, principalmente em questões de policia moral. Em 1261, em Amiens, o bispo sustentava que tinha direito de justiça sobre os sodomitas, que viviam na cidade; os outros habitantes sustentavam o contrario: que este direito de justiça lhes pertencia desde a creação do municipio. O conflicto foi submettido ao Conselho Real, e Luiz IX o resolveu, ordenando que a cidade fosse mantida no seu direito de fazer justiça e castigar corporalmente os sodomitas.

Em Saint-Quentin os frades, por uma parte, e as auctoridades municipaes, pela outra, disputavam em 1304 o direito de baixa justiça nos arrabaldes da cidade. Os frades queriam prender e expulsar as mulheres *ligeiras,* que haviam invadido as visinhanças do convento; as auctoridades municipaes queriam que estas mulheres vivessem em paz nos terrenos do convento. O conselho do rei, ao qual a questão foi submettida, resolveu que os frades podiam desembaraçar-se da visinhança licenciosa, mas que as auctoridades municipaes podiam fazer justiça e castigar as prostitutas em todo o territorio municipal.

Sem duvida entre as duas partes fez-se uma transacção, que regulamentasse nos arrabaldes de Amiens o exercicio da prostituição.

Estes regulamentos eram, com pequenas differenças, os mesmos em toda a parte: determinavam perseguir os alcoviteiros, confinar a libertinagem em certas ruas e logares, impedir que as prostitutas se podessem confundir com as mulheres honestas.

João de Borgonha, conde de Nevers, na ordenação de 5 de março de 1481, intimou todas as mulheres libertinas a que usassem na manga direita um distinctivo roxo, sendo-lhes outrosim prohibido o apresentarem-se em publico sem este signal infamante, sob pena de prisão, e habitar em outra parte que não fosse entre as fontes, antiga moradia d'ellas, como tambem frequentar os banhos da cidade.

As desobediencias aos regulamentos eram castigadas de muitos modos. Abbeville tinha um pelourinho especial, expressamente feito para as mulheres publicas apanhadas em flagrante. Era este instrumento de supplicio um cavallete de madeira, collocado na praça de S. Pedro. Depois de serem açoitadas violentamente eram postas em cima do cavallete, que não tinha espaço, onde se sentassem. Eram depois expulsas ao som de campainha, e se alguma d'ellas

voltasse á cidade, para exercer a sua industria vergonhosa, era-lhe então cortado um membro, ou novamente expulsa com grande solemnidade.

Os alcoviteiros convictos do seu infame commercio eram n'esta mesma cidade mais severamente castigados, que em qualquer outra parte. Eram passeados pelas ruas até chegarem ao logar do supplicio, onde o carrasco lhes cortava e queimava o cabello, sendo em seguida perpetuamente expulsos, e avisados de que seriam queimados vivos, se na cidade tornassem a ser presos.

«Em 1478, Belut Cantine d'Abbeville, por ter querido convencer Joanninha, filha de Vitace de Queme, a que fosse com um chamado Franqueville, homem d'armas da guarnição da dita cidade, foi conduzido n'um carro pelas ruas da cidade, e os cabellos foram-lhe queimados no pelourinho, sendo para sempre desterrado sob pena de fogo.»

Além d'isso, a pena capital, como já dissemos, estava tambem inscripta na lei, embora só em casos de reincidencia, revestidos de circumstancias aggravantes, fosse applicada

«O castigo dos alcoviteiros, segundo os privilegios da cidade de Gand, diz J. de Damhoudere, era o desterro, e o das alcoviteiras, o cortar-se-lhes o nariz, e tambem o desterro, o pelourinho, a escada e o cadafalso.»

O erudito auctor da *Pratica forense das causas criminaes,* a respeito da jurisprudencia da cidade de Bruges, sobre o mesmo assumpto accrescenta:

«Eu, que ha muitos annos fiz parte do conselho da cidade de Bruges, nunca vi castigar com a morte os alcoviteiros ou alcoviteiras, ou adulteras, senão com o desterro; e dentro da cidade ou do paiz, com o pelourinho, com a fustigação, ou penas similhantes.»

Esta jurisprudencia, que era a do parlamento de Paris, adoptou-se consecutivamente em todos os tribunaes da França; mas o costume local encarregou-se quasi sempre de modificar a legislação.

N'umas partes, por exemplo, a multa era consideravel, como no districto da tribunal de Rennes, que castigava na multa de mil libras a *venda de mulheres ou creanças*; n'outras, confiscavam-se os bens moveis ou immoveis aos condemnados: n'umas partes ajustava-se á cabeça da alcoviteira uma mitra cónica de papel amarello ou verde; n'outras, um chapeu de palha, indicando que o seu corpo esperava sempre um comprador: n'outras ainda eram marcadas com a lettra *M.* ou *P.* no braço ou nas nadegas. Passeiava-se a condemnada sobre um burro lazarento, sobre um carro, sobre uma carreta, ou sobre uma zorra; era açoutada com varas, com correias, ou com cordas que tivessem nós. Este supplicio era sempre uma festa para o povo, que n'elle tomava parte, gritando, e escarnecendo da infeliz, que lhe era abandonada como um instrumento das suas diversões.»

«Na repressão d'esta classe de delictos, diz Sabateu na sua *Historia da legislação sobre as mulheres publicas e logares de prostituição,* desenvolveram nossos paes um rigor extraordinario em castigos, cuja fórma offendia a humanidade e a decencia, que elles se propunham desaggravar.»

Mas o povo era sempre avido de presencear estes escandalos, e de perseguir os culpados com os seus dichotes e improperios, e ás vezes prescindia



Castigo infligido a uma proxeneta na idade média

da sentença do juiz e fazia correr nús aquelles que surprehendia em flagrante, como facto privativo da sua jurisdicção. Assim, na maior parte dos privilegios que os municipios obtinham dos senhores, havia quasi sempre o cuidado de fazer confirmar o direito que se attribuiam de castigar os adulterios, e foi necessario que os senhores e os proprios reis de França restringissem este direito a certos casos particulares, permittindo sempre aos delinquentes o poderem substituir a pena por multa.

Nos privilegios da cidade de Aiguesmortes, reconhecidos em 1350 pelo rei João, a *corrida das adulteras* foi em principio admittida, mas as rés podiam a ella eximir-se, pagando uma multa fixada pelo magistrado. Se a corrida tinha logar, os cumplices não eram açoutados e a mulher, embora núa como o homem, devia cobrir os seus orgãos sexuaes.

O rei, pelo mesmo sentimento de pudor, prohibia que os homens e mulheres estivessem na mesma prisão.

Acontecia frequentemente que o populacho d'uma cidade, impaciente por vêr o espectaculo d'uma *corrida* tão pouco decente, accusava de adulterio individuos que encontrava isolados, delatando como flagrante delicto uma simples conversação amorosa. Era, pois, necessario que a lei explicasse claramente o que era o flagrante delicto, sobre que pesava a pena do adulterio.

Não podia haver duvida, em virtude das minuciosas circumstancias que sobre o assumpto explanava o codigo dos costumes, liberdades e franquias, outorgadas pelos condes de Tolosa aos habitantes de Moncuc, e formalmente confirmado por Luiz XI, nas suas reaes ordens de 30 de novembro de 1463.

A Normandia em todas as épochas esteve tão adiantada como Paris, no que respeita á prostituição. Fallámos já d'aquelle logar de libertinagem que havia na cidade de Rouen, na segunda metade do seculo XII, e que o duque da Normandia, Henrique II, rei de Inglaterra, pozera sob a vigilancia especial do empregado chamado Balderic. Este personagem tinha o titulo de guarda de todas as mulheres publicas, exercendo a sua industria em Rouen, e accumulava este extravagante titulo com o de marechal do rei-duque, e com as funcções de guarda da porta da prisão do castello, sendo-lhe retribuidos tão variados serviços com a percepção do direito de 2 soldos diarios, sobre todos os que fossem encontrados á caça nos bosques immediatos.

O logar de libertinagem que havia em Rouen, desde o tempo dos primeiros duques da Normandia, e que sem duvida alcançou os seus privilegios no tempo de Guilherme, o conquistador, foi provavelmente o theatro das prédicas de Roberto de Arbrissel. Consta que o piedoso fundador da ordem de Fontevrault caminhava descalço pelas ruas e praças publicas, para chamar ao arrependimento e penitencia as peccadoras.

«Um dia que veio a Rouen, conta a chronica, entrou no lupanar, e sentou-se ao lume para aquecer os pés. As cortezãs rodearam-n'o, julgando que elle havia alli entrado para peccar; mas elle diz-lhes palavras de salvação, offerecendo-lhes a misericordia de Christo. Então a ribalda, que governava nas outras, disse-lhe:

—«Quem és tu, que d'esse modo fallas? Vinte annos ha já que entrei

n'esta casa para servir o diabo, e a ninguem ouvi fallar de Deus ou da sua misericordia. Se essas cousas que dizes fossem verdadeiras...»

«N'esse mesmo instante fel-as sahir da cidade e, radiante d'alegria, as levou para a solidão do deserto, onde lhes fez chorar lagrimas de penitencia, e onde as fez passar do poder do demonio para o poder de Christo.»

A abbadia de Fontevrault, que o piedoso Roberto havia fundado para de preferencia acolher as mulheres perdidas, nem esteve ao abrigo das tentações do diabo, nem das calumnias do seculo. Segundo parece, o fundador teve de submetter-se a extraordinarias provas para vencer a carne, aquella carne, que era o seu tormento e o prendia ás vaidades do mundo. Era accusado de compartilhar o leito d'estas religiosas, e estimular a carne em contactos sensuaes, para depois ter a gloria de domar as suas paixões. O abbade de Mendome, Geoffroy, escreveu-lhe uma carta censurando-o por este facto.

Roberto gabava-se de nunca haver succumbido n'este novo genero de martyrio: mas n'uma carta de Marboch, bispo de Rennes, publicada por J. Mainferme no seu *Clipeus ordinis mascentis Forterbaldensis* expressamente se diz que a maior parte das religiosas ficaram gravidas do seu director espiritual.

N'esta curiosa citação se vê que o recolhimento do bemaventurado Roberto se distinguia dos logares de libertinagem publica, apenas pela escandalosa fecundidade das recolhidas.

Cada cidade da Normandia tinha o seu lupanar, e póde dizer-se com apparencia de rasão, que os alcoviteiros e alcoviteiras que figuram nos antigos *Usos normandos*, adquiriram esta designação nas costas da Mancha. Comtudo, não vemos que os duques da Normandia fossem tão favoraveis á prostituição legal como Guilherme IX, duque da Aquitania e conde de Poitiers, que estabeleceu ou quiz estabelecer em Niort um lupanar, pelo systema dos mosteiros de mulheres. Guilherme de Malmesbury cita este facto singular na sua chronica, e accrescenta que, construido o edificio, destinado a este lubrico mosteiro, o duque determinara confiar a sua administração ás mais formosas prostitutas dos seus estados.

Este duque de Aquitania, que foi um galante trovador e um desenfreado libertino, havia resolvido, em virtude de razões policiaes, diz M. Weiss, na *Biographia Universal*, crear um tal estabelecimento, depois imitado em muitas cidades da França, da Italia e da Hespanha. Não sabemos se esta foi a causa pela qual o papa Calixto II citou Guilherme perante o concilio de Reims em 1329. Seja como fôr, o duque não se corrigiu, e continuou cantando o amor, e dando a seus vassallos exemplos de uma vida licenciosa.

As ribaldas normandas, poitevinas, e angevinas, muito tinham feito sem duvida para merecer a fama de que gosavam; as de Angers eram de todas as mais afamadas, como o prova este proverbio corrente no seculo XV: «Angers, cidade baixa e de altos campanarios, de ricas ribaldas e pobres estudantes.»

A visinhança de Anjou e Poitou não conseguiu perverter a casta Bretanha, onde a prostituição sempre teve uma existencia occulta e timida, que só por acaso era descoberta pelos ingenuos bretões. Ahi pelos fins do seculo XV,

nas informações colhidas para canonisar Carlos de Blois, uma testemunha, chamada João de Fournet, homem d'armas da parochia de S. José, diocese de Dol, attestou perante os commissarios ecclesiasticos o modo como o santo duque havia convertido uma peccadora, que pertencia, de mais a mais, á infima especie d'estas desgraçadas.

Na sexta-feira santa de 1357, indo Carlos de Blois da cidade de Dinan para o castello de Léon, acompanhado por Alain de Tenou, seu thesoureiro, por Godofredo de Ponblanch, seu mordomo, pelo cavalleiro Bardy, e por outros homens d'armas, viu uma mulher sentada á beira do caminho. O duque perguntou-lhe o que fazia alli, e ella, levantando-se, respondeu-lhe que ganhava o pão com o suor do seu corpo. O duque chamou de parte o seu thesoureiro, e ordenou-lhe que se approximasse da mulher, e a interrogasse sobre o genero de vida que exercia, pois que não havia comprehendido a resposta da pobre creatura; a qual confessou tristemente ser uma prostituta, a quem a miseria obrigava a exercer tão vergonhosa industria.

Ouvido isto, o duque disse á infeliz que ao menos se deveria abster de peccar durante a semana santa. E ella replicou-lhe que, se tivesse vinte soldos, se absteria até ao fim do mez. Carlos pegou na sua bolsa, que não estava muito recheada, e d'ella tirou quarenta soldos que entregou á infeliz. Ao recebel-os, prometteu esta não peccar durante vinte dias.

Godofredo de Ponblanch quiz que ella jurasse o que promettia; mas o duque não consentiu que a mulher se expozesse a perjurar, e continuou o seu caminho, aconselhando-lhe que perseverasse nas suas boas intenções.

Esta meretriz, chamada Joanna Dupont, cumpriu a sua palavra, e jámais esqueceu os bons conselhos de Carlos de Blois; renunciou para sempre á vida dissoluta, e com os quarenta soldos de que fez um pequeno dote, casou-se com um rapaz da sua terra, filho de Matheus Rouce, de Pludilhan, sem que tornasse a peccar contra a castidade.

Póde deduzir-se d'esta aventura que Joanna Dupont, como *mulher dos campos e bosques,* não ganhava mais que um ou dois soldos diarios, esperando os passageiros á beira dos caminhos, como as estrangeiras da Judéa, citadas pelas velhas Escripturas.

As provincias occidentaes, onde os costumes francos se tinham conservado em toda a sua impureza, foram sempre theatro de todas as depravações da prostituição. Na Lorena e na Alsacia, como n'outros logares, havia usos e ordenações que castigavam os excessos da libertinagem, sobretudo quando se tractava do clero, que se lhe entregava com o maior escandalo; mas em cada cidade a impudicicia publica encontrou instituições protectoras, se é licito empregar esta expressão, para caracterisar a organisação do vicio sob o ponto de vista da policia edilitaria.

M. Rabuteau, depois de descrever o estado da prostituição nas regiões do meio dia «onde vêmos sem espanto, diz elle, paixões fogosas, produzindo as suas naturaes consequencias,» admira-se de não encontrar costumes mais severos nos paizes do norte.

«Se olhamos, accrescenta, para os paizes em que o clima menos ardente

parece dispôr para costumes mais puros, encontramos os mesmos excessos, ou talvez ainda mais grosseiros.»

Este facto, segundo o nosso modo de vêr, tem uma causa historica, e é filho de condições economico-politicas. Os povos austrasianos tinham conservado os seus habitos de uma luxuria feroz, e a legislação nacional nada tentara para modificar os instinctos brutaes, que o abuso das bebidas fermentadas, taes como a cerveja, o hydromel e os vinhos do Rheno, exaltavam até ao delirio. A prostituição era, pois, admittida como uma lei de necessidade, para garantir a honra das mulheres casadas, que, ainda assim, nem sempre se preservavam dos ultrages e attentados da sensualidade masculina. O legislador não condemna mais factos do que os que resultam d'esta fonte impura. A alcovitice é castigada mais severamente que a violação, mas a mulher conserva o direito de vender-se, sujeitando-se ás formalidades da policia municipal. A lei só era severa com ella, quando se entregava á gente da Egreja.

Carlos III, duque de Lorena, resume a antiga jurisprudencia na sua ordenação de 12 de janeiro de 1583, que condemna a ser chibatadas as «mulheres notoriamente infames, que frequentam as casas dos ecclesiasticos.» Os regulamentos da prostituição legal, posto que mais amplos e menos austeros do que esses, que rasões d'utilidade, de moralidade e prudencia haviam feito adoptar nas grandes cidades do meio dia, pouco differiam entre si.

As mulheres de má vida estavam como que separadas da sociedade; habitavam bairros e ruas infames; não podiam exercer a sua industria em outra parte; usavam um trajo especial, ou um signal distinctivo como os judeus; pagavam um imposto ao fisco, e governavam-se independentemente, conforme os estatutos de uma associação regular, analoga á dos gremios.

Em Strasburgo, as ordenações municipaes de 1409 e 1430 dizem-nos que as mulheres publicas estavam confinadas nas ruas Bieckergass, Klappergass, Greibengass, e por traz dos muros da cidade, onde estas mulheres haviam habitado sempre, dizem as ordenações muitas vezes renovadas no decurso do seculo XV.

Com effeito, conservam-se nos archivos d'esta cidade os regulamentos e estatutos, concedidos em 24 de março de 1455, pelo magistrado de Strasburgo, á communidade das mulheres públicas, estabelecidas na rua e casa chamada Picken-gass. Estes regulamentos, compostos de tres artigos, comprehendem as medidas policiaes a que estavam sujeitas as casas de libertinagem. Estas casas chegaram a multiplicar-se de tal modo, que, pelos fins do seculo XV, os funccionarios publicos, encarregados de as vigiar e de arrecadar o imposto que n'ellas incidia, contaram mais de cincoenta e sete em seis ruas differentes; uma só rua, a de *Undengass,* tinha nada menos que dezenove d'estes estabelecimentos: havia tambem um grande numero na viella fronteira ao *Kettener*, e não poucas ao lado da casa chamada Schnabelburg. Kock viu o registro da policia, onde constava que a prostituição legal tinha uma centena de bordeis na cidade episcopal de Strasburgo.

Os especuladores d'estes harens, abertos á lubricidade publica, enviavam os seus agentes e angariadores mesmo aos paizes estrangeiros em procura de

mulheres, que por contracto alugavam o seu corpo, e que uma vez presas nos *Klapper*, ou bordeis de Strasburgo, se viam reduzidas a condição mais detestavel que a da escravidão.

Finalmente em principios do seculo XVI, as casas publicas já não bastavam para conter as prostitutas, que de toda a parte affluiam, e que não encontrando onde se albergassem, invadiam o campanario da cathedral e das outras egrejas.

«No que respeita ás *andorinhas* ou ribaldas da cathedral, diz uma ordenação de 1521, permittir-se-lhes-ha o demorarem-se por ahi mais quinze dias; passados os quaes, jurarão abandonar a cathedral e outras egrejas ou logares santos. As que quizerem persistir na libertinagem serão intimadas a retirar-se para *Rieberg* (*extra-muros*, perto da porta dos *Carniceiros*) e para outros sitios que lhes serão designados.»

Quinze annos mais tarde, graças ao protestantismo, que segundo a notavel phrase de que se serve Mr. Rabuteau «deu certa dignidade á vida particular,» só havia em Strasburgo duas casas de prostituição. N'esta ultima épocha, as mulheres publicas ainda usavam o signal distinctivo, que o magistrado de Strasburgo lhes impozera em 1384. Este signal era um gorro conico e alto, negro e branco, que se usava por cima do véu. A' excepção da côr, este chapeu foi o que Izabel de Baviera, com grande escandalo das mulheres honestas, introduziu na côrte de França.

A prostituição não era menos intensa nas terras de Messin, do que na Alsacia, em Metz do que em Strasburgo, compartilhando das suas lubricidades o clero secular e regular. N'um *atour*, ou ordenação dos magistrados do anno de 1332, prohibe-se á gente da Egreja o «ir de noite e de dia ás casas communs, e a outros logares que se não devem referir.» Este *atour* faz constar «a grande dissolução que existia entre os monges de Santo Arnaldo, S. Clemente e S. Martinho,» que percorriam de noite as ruas, arrombando as portas das casas, frequentando as tabernas e logares infames.

Tal estado de cousas peorou ainda pelos fins do seculo XVI, e o chronista Philippe de Vigneulles attribue tão monstruosos excessos á affluencia da gente de guerra que a cidade havia tomado a soldo. «Pelas ruas apenas se via ribalderia, diz, e por isso, tudo estava diffamado.» Publicaram-se severos edictos a respeito da *Pedra Bordelaria* na presença dos *Treze* (magistrados da cidade.) Esta *Pedra Bordelaria* devia ser o pelourinho, onde se justiçavam os condemnados em Metz.

Um dos edictos publicados com data de 6 de julho de 1493 encontra-se na Chronica inedita de Philippe de Vigneulles:

«Que todas as mulheres casadas, que deshonram seus maridos, e as jovens entregues ao vicio, se não querem viver como mulheres de bem, vão para os bordeis de Anglemure (bêco sem saída, perto dos muros). E que nenhum habitante as receba, ou lhes alugue casa em boas ruas, sob pena de quarenta soldos de multa. E que as ditas mulheres não se encontrem em festas da cidade, e que ninguem as leve a danças, sob pena de dez soldos de multa.»

Metz tinha muitas ruas destinadas á habitação e trafico das mulheres

dissolutas, e as que não desappareceram com a cidade velha, ainda conservam o seu primitivo uso. Perto do bêco sem saida de Anglemure, que era o fóco principal da libertinagem urbana, existia a rua de Bordaux, ou Bordeis, que acabava na muralha de circumvallação, parallela á rua de Stancul, mas que já foi fechada. Esta ultima, que sobe pela vertente oriental da collina de *Sainte-Croix,* onde estava situado o palacio dos reis da Austrasia, é estreita, sombria, fetida, como todas as ruas da sua especie.

As mulheres de má vida compromettiam-se, mediante uma quantia fixada n'um contracto, a servir corporalmente nas casas de tolerancia, que algumas ribaldas tinham arrendadas, sob a vigilancia dos magistrados. Assim, qualquer mulher solteira, que causava escandalo com os seus maus costumes, era conduzida vergonhosamente ao bordel, e entregue ás ribaldas, que traficavam com o seu corpo, se antecipadamente não lhes dava um bom resgate, sempre superior ao que a nova mercadoria lhes poderia produzir.

Philippe de Vigneulles conta a este proposito, uma interessante historia, que data de 1401. Uma *garse* (mulher alegre,) indo para a cathedral n'um domingo de Ramos encontrou o seu amante, que a levou para casa, em vez de a acompanhar á missa. Isto foi sabido pelos magistrados, que citaram o auctor do escandalo perante o tribunal, e que apenas o condemnaram a pagar quarenta soldos de multa; mas a joven, que foi julgada mui viciosa *(de malvaise coulente,)* foi mettida n'uma casa de prostitutas. O amante, porém, diz o chronista, resgatou-a das mãos das ribaldas, pagando quinze soldos, levou-a outra vez para sua casa, vendeu todos os seus bens, e foi viver para longe com ella.

Outro chronista, o deão de Saint Thiebaut, refere-nos um facto que indica o preço da prostituição, verdade seja que n'um tempo em que a abundancia das mulheres publicas estava em desproporção com a do trigo. Em 1420, obtinham-se quatro mulheres por um ovo, diz Emilio Begin, appoiando-se na auctoridade do chronista, pois que um ovo custava um *gros,* e uma mulher quatro dinheiros, e ás vezes ainda mais baratas se encontravam.

A alcovitice, todavia, não deixava de ser um commercio lucrativo, e apesar dos perigos que corria, não obstante o exemplo dos castigos applicados ás alcoviteiras, abundavam as mulheres infames, que viviam de traficar, até com as suas proprias filhas.

«A uma mulher foram cortadas as orelhas, diz Philippe de Vigneulles, por ter praticado muitos crimes, e ter levado uma moça, que era sua filha, para o bordel, onde foi deshonrada.»

Um seculo mais tarde, pelo mesmo facto, ter-lhe-hia sido applicada a pena capital.

A historia especial de todas as cidades da Lorena e da Alsacia está recheada de muitos factos analogos, que demonstram a unidade da jurisprudencia em materia de prostituição. Unicamente consignaremos aqui dois casos especiaes, relativos ás cidades de Saint-Dié e Montbeliard. N'esta ultima, um ribaldo que percorria as ruas vestido de mulher (1539) foi preso e entregue ao carrasco, que o expôz no pelourinho, o açoitou, e finalmente o expulsou das terras do senhor de Montbeliard. E' provavel que este ribaldo fizesse do seu

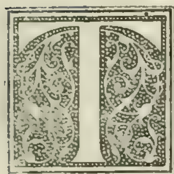
disfarce feminino um uso abominavel. Vimos tambem já que em Paris as ribaldas, disfarçadas em trajos de homem, eram egualmente presas, embora ordinariamente se lhes impozesse a pena de confiscação no trajo que não pertencia ao seu sexo.

Em Saint-Dié, as mulheres de má vida, que habitavam nas ruas Nozeville e Destord, podiam gabar-se do seu temperamento prolifico, pois que as quatro aldeias proximas, Pierpont, Saint-Helène, Bult e Padoux, chamadas as quatro *aldeias viris,* tinham sido povoadas com os seus filhos varões, os quaes se casaram e se tornaram subditos do capitulo cathedral de Saint-Dié, o que tambem acontecia aos habitantes de maus costumes dos bairros immundos de Destord e Nozeville.

CAPITULO XVI

SUMMARIO

Influencia dos costumes e dos usos da Italia, na Provença e no Languedoc, na Edade-Media.—A grande abbadia da rua de Comenge, em Tolosa.— Distinctivo das mulheres da grande abbadia.— O bairro de Groses.— A casa do *Castello-Verde*.— Vicissitudes da prostituição legal em Tolosa ate fins do seculo XVI.— Hospicio da prostituição legal em Montpellier.— Os especuladores do bordel de Montpellier. Clara Panais.—Guilherme de la Croix e as duas filhas de Clara Panais.— A casa de Dandrea.— O bordel privilegiado de Avinhão.—Estatutos de Joanna de Napoles.—A prostituição em Avinhão antes dos estatutos de 1347.



TREZ cidades ha em França, em cada uma das quaes a prostituição legal teve um asylo estabelecido por um real privilegio e arrendado em beneficio da communa. Estas trez cidades são Avinhão, Tolosa e Montpellier, onde por causa dos bons costumes havia a instituição de uma *abbadia* obscena, que a auctoridade municipal administrava, como um estabelecimento de utilidade publica.

Julgamos dever fazer a historia d'estes trez estabelecimentos no mesmo capitulo, approximando-os assim, para fazer comprehender a influencia dos usos e costumes da Italia, na Provença e no Languedoc, na Edade-Media.

«Desde os mais remotos tempos, diz uma ordenação de Luiz XI, já por nós citada, é costume n'este paiz do Languedoc, e especialmente nas boas cidades do dito paiz, haver uma casa fóra das ditas cidades para habitação e residencia das mulheres communs.»

Com effeito, em Tolosa e no tempo dos seus primeiros condes, foi aberta uma casa de prostituição a expensas da cidade, dando a esta crescido rendimento, e assegurando a tranquillidade das mulheres honradas. Este lupanar estava situado na rua de Comenge.

A heresia dos Albigenses, que não podiam ter contacto carnal com mulher alguma, provavelmente contribuiu para a decadencia momentanea da prostituição em Tolosa, e para empregar a formosa expressão, de que se serve Mignet, analysando a doutrina d'aquelle austeros hereges, o deus da materia que dominava nas regiões tenebrosas dos corpos polluidos foi impotente para lhe defender o templo. Uma ordenação do anno de 1201 rehabilitou a rua Comenge, trasladando para o arrabalde de S. Cypriano o estabelecimento impudico, que a deshonrava. Todavia julgaram-no ainda mui proximo do coração da cidade, e foi mudado para extra-muros, cerca da porta e no bairro de Croses.

Se se tivessem fechado as portas d'esta casa publica, que chamavam a *grande abbadia,* e que não só albergava as ribaldas da cidade, mas tambem as que eram attraidas a Tolosa, os estudantes da Universidade e os libertinos ter-se-hiam sublevado para manter o que elles chamavam os seus antigos privilegios.

A cidade e a Universidade, perfeitamente d'accordo, haviam feito as despezas para a installação das mulheres communs, e compartiam, *bone jure et justo titulo,* como com-proprietarios, os beneficios d'esta exploração infame.

As prostitutas, que viviam ou estavam de passagem na *grande abbadia,* eram obrigadas a usar um chapeu branco, com cordões da mesma côr, insignia da profissão e libré da casa. Não era sem violencia e repugnancia que ellas obedeciam a esta prescripção do regulamento sumptuario, que as impedia de se vestirem e adornarem a seu gosto e capricho, pois que a côr branca do chapeu não ia bem com as outras côres da moda, e era detestada pela impura communidade da *grande abbadia.* Todavia os magistrados mostravam-se inflexiveis observadores das antigas ordenações, e rigorosamente castigavam toda a contravenção da lei.

Em dezembro de 1389, o rei Carlos VI, visitando as principaes cidades do seu reino, fez uma entrada triumphal na capital do Languedoc, onde foi recebido com grande pompa, e onde alguns dias se demorou. Toda a população tomou parte nas festas da recepção, e as hospedas da *grande abbadia* sahiram a receber o rei com doces, vinhos e flores, a fim de lhe supplicarem uma graça. Com effeito, em commemoração da sua feliz chegada, pediram-lhe que as livrasse das injurias e vituperios, a que a branca insignia a que eram obrigadas por uma antiga ordenação sujeitava a collegiada. Parece que o grito — *Olha o chapeu branco!* — dado nas ruas de Tolosa, fazia sahir das casas e das lojas um grande numero de rapazes, que perseguiam o vistoso toucado, atirando-lhe pedras e lama. As prostitutas queixaram-se, allegando que as ordenações relativas ao seu vestuario tinham sido feitas sem auctorisação do rei, a quem supplicavam as emancipasse d'aquella escravidão.

O assumpto foi levado a conselho de Estado e discutido em presença do bispo de Noyon, do visconde de Melun e de messires Enguerrand, Deudin e João Estouteville. Carlos VI, que ainda não estava demente, recebeu com paternal interesse a supplica das jovens da *grande abbadia,* e segundo os termos da ordenação expedida por tal motivo, «desejando dispensar graças e favores a todos, e assegurar a liberdade aos habitantes do seu reino», outorgou ás supplicantes e suas successoras na dita abbadia, que podessem trazer no braço uma braçadeira de côr differente da do vestido que usassem, sem que por tal facto incorressem em multa, embora ordenações houvesse em contrario.

O Senescal de Tolosa e todos os funccionarios publicos foram, portanto, encarregados d'ahi em diante de proteger as habitantes da *abbadia,* e de *pacifica e perpetuamente* fazer-lhes gosar os beneficios d'esta real graça, sem as molestarem, ou permittirem que fossem molestadas, pelo trajo que usassem.

A collegiada da *grande abbadia* bem depressa se arrependeu de, por graça especial do rei, se ter libertado do uso da antiga insignia. A população de To-

losa revoltou-se contra esta liberdade auctorisada pela real ordenação, e como obedecendo a uma deliberação geral, maltratava todas as que encontrava na rua sem chapeu nem cordões brancos. O Senescal de Tolosa, e assim os mais funccionarios publicos, recusaram ouvir as queixas que diariamente lhes eram apresentadas pelas maltratadas: e não podendo estas obter justiça nem protecção, em vez de renunciarem ao beneficio da real ordenação, que as libertava d'um distinctivo infamante, preferiram conservar-se reclusas no seu asylo. Mas nem por isso os seus perseguidores as esqueceram, e á propria abbadia as foram insultar.

Estas perseguições foram pouco a pouco afastando os clientes da casa, que dava á cidade um rendimento consideravel, empregado em despezas de utilidade publica. A renda foi continuamente baixando, e o thesoureiro do Capitulo, que a recebia annualmente das mulheres communs e dos seus arrendatarios, teve de dar conta do *deficit*, causando má impressão nos capitulares, que viam desapparecer um rendimento tão facil como seguro. Por causa d'isto, fez-se uma syndicancia, d'onde se concluiu que as moradoras da abbadia já alli não viviam em segurança; que grande numero de libertinos e de homens maus de noite e de dia iam áquelle estabelecimento, onde praticavam actos inauditos; que estes perversos, sem temor de Deus nem da justiça, inspirados pelo espirito mau, arrombavam as portas, penetravam no interior da casa e para se apoderarem das desgraçadas, que se entrincheiravam nos seus aposentos, demoliam as paredes, ou abriam grandes buracos nos tectos; que finalmente feriam e ultrajavam do modo mais atroz as pobres victimas da sua feroz e cruel lubricidade. Estas, para se subtrahirem a taes violencias e ultrajes, fugiam da *Grande Abbadia,* que já nada mais era do que uma ruina abandonada.

Os capitulares inutilmente procuraram remediar o mal e attrahir as fugitivas ao estabelecimento, promettendo-lhes apoio e protecção: o habito tinha-se inveterado, e apesar das disposições e esforços da guarda urbana, os assaltos á abbadia repetiam-se frequentemente, sempre com a reproducção dos mesmos escandalos e torpezas.

Convencidos da inutilidade dos meios de que dispunham, os capitulares dirigiram-se ao rei, supplicando-lhe viesse protegel-os: Carlos VII, que então só reinava n'algumas provincias do seu reino, dirigia-se a esse tempo ao Languedoc, para exaltar o zelo dos seus partidarios, e sem difficuldade foi a Tolosa: alli examinou o assumpto em conselho, recordou que seu pae havia outorgado uma graça, alegremente recebida, ás ribaldas de Tolosa, e por um real decreto de 13 de fevereiro de 1425 ameaçou com toda a sua colera os auctores dos excessos que muitas vezes se haviam reproduzido na *Grande Abbadia;* recommendou aos seus agentes que protegessem o estabelecimento, que desde então ficava sob a sua especial guarda, e mandou diante da porta collocar dois postes, pintados com flores de liz, em signal da protecção real.

As armas da França pouco respeito impozeram aos desordeiros, que de vez em quando repetiam os seus ataques nocturnos contra a *Grande Abbadia,* dando a desculpa de não terem visto as flores de liz, com a escuridão da noite; mas as pobres peccadoras, por mais que tocassem o sino d'alarme, pedindo soccorro e

auxilio, por muito felizes se davam em salvar a vida. Por fim tiveram que abandonar o estabelecimento, que sem defesa as entregava aos seus verdugos, e voltaram para o bairro de Croses, onde menos expostas estavam ás violencias d'aquelles ferozes libertinos.

Os capitulares viram então elevar-se a cifra dos rendimentos impudicos da cidade, e esta grave consideração obrigou-os a fechar os olhos á invasão da libertinagem publica, no interior de Tolosa. As prostitutas permaneceram cerca de um seculo nos bécos immediatos á porta de Croses, d'onde só sahiram em 1525, quando a Universidade se apoderou das casas que ellas occupavam, e alli construiu edificios para seu uso.

Então foram novamente relegadas da cidade, e para ellas á custa do municipio se adquiriu uma grande casa, situada extra-muros, n'um sitio chamado Pré-Moutardi, pertencente a M. de Saint-Pol.

Esta casa de prostituição chamada *Chateau-Vert, ou Chatel-Vert (Castello Verde)* já não tinha que receiar dos assaltos dos estroinas, e offerecia um retiro pacifico áquellas pobres mulheres, que por conta da cidade continuavam trabalhando na sua infame industria; mas o estabelecimento do *Chateau-Vert* era n'aquella épocha regido por alguns regulamentos severos.

Em 1557, tendo apparecido a peste em Tolosa, ordenou-se ás mulheres publicas que permanecessem encerradas no seu castello, e que n'elle ninguem admittissem, até que o flagello cessasse: algumas desobedeceram a tão justa ordem e foram açoitadas na praça do mercado; outras fugiram para cidades onde a peste não reinava.

Só reappareceram em Tolosa em 1560, quando as condições da salubridade publica tinham melhorado, a ponto de lhes serem reabertas as portas do *Chateau-Vert*. O seu regresso foi alegremente celebrado, mas os capitulares, envergonhados com os epigrammas, que lhes dirigiam a proposito da direcção suprema que tinham n'este bordel municipal, e tambem sabendo que eram accusados de comprar as vestimentas com o imposto do *Chateau-Vert*, fizeram d'este imposto cedencia aos hospitaes da cidade. Os hospitaes apenas o perceberam seis annos, passados os quaes á cidade devolveram tão oneroso privilegio: os rendimentos da exploração do *Chateau-Vert* eram absorvidos e até excedidos pelos encargos correspondentes a esta impudica propriedade, pois que os hospitaes eram obrigados a receber e a tractar gratuitamente as enfermas que sahiam do *Chateau-Vert*. Necessario é, todavia, lembrar que n'este periodo de seis annos os doentes tinham sido mais numerosos do que nunca, e que o tratamento da syphilis era então carissimo.

Para tratar d'esta questão, que n'esse tempo preoccupava todos os magistrados do reino, reuniu-se um conselho solemne no Capitulo. A questão era simplesmente esta: a radical abolição da prostituição. Os notaveis da cidade assistiram a esta reunião, e na maior parte opinaram pela suppressão do *Chateau-Vert;* mas prevaleceu o parecer do abbade Casedieu, que de accordo com o primeiro presidente opinou que a suppressão fosse addiada para momento mais opportuno.

Com effeito, cidade alguma havia onde a prostituição legal fosse mais

necessaria do que em Tolosa; os costumes estavam relaxados, e as paixões, sob a influencia do clima, tinham necessidades imperiosas que era necessario satisfazer dentro de certos limites. Dois factos recentes provavam que a auctoridade dos magistrados da cidade não podia exercer grande vigilancia sobre as mulheres publicas, que tão pouco o *Chateau-Vert* convenientemente vigiava. Em 1590, quatro d'estas desgraçadas haviam sido encontradas no convento dos Grandes Agostinhos; haviam alli entrado com o habito monastico, e satisfaziam toda a communidade nos seus desejos sensuaes. Trez d'estes monges disfarçados foram enforcados nas tres portas do convento, e um verdadeiro frade, o cumplice principal, foi levado com ferros aos pés perante o bispo.

Em 1566, outras trez mulheres d'esta classe, que tambem se disfarçaram para entrar no convento de *Beguines*, foram egualmente enforcadas sem forma de processo.

Comtudo o *Chateau-Vert* conservou as suas attribuições e franquias até 1587. N'este anno, pozeram-se em vigor em Tolosa as medidas que a epidemia reclamava. O *Chateau-Vert* foi fechado e selladas as portas; mas as prostitutas, ao sahirem d'alli, não mudaram de vida e, apezar da peste, que não as amedrontava, exerciam ás escancaras a sua infame industria.

Um dos capitulares, a quem o medo da epidemia obrigou a fugir do seu posto e a refugiar-se no campo, foi testemunha involuntaria das licenciosidades que se praticavam em torno da cidade. Quando a peste terminou, e este *capitoul* voltou ao exercicio das suas funcções, referiu em conselho o que havia visto de vergonhoso nas vinhas e nos campos, que por então substituiam o *Chateau-Vert*. Em virtude d'isto, não mais se pensou em reabrir aquelle bordel, e deu-se caça a todas as ribaldas que tinham levado vida desordenada durante a epidemia. Foram encerradas na prisão da cidade, e puchavam ás carroças da limpeza das ruas. Taes foram as vicissitudes da prostituição legal em Tolosa, até aos fins do seculo XVI.

A historia dos asylos bordelarios de Montpellier não remonta a épocha tão antiga, ou, pelo menos, os documentos authenticos que a descrevem não são anteriores ao seculo XV; mas em Montpellier, como em Tolosa, vêmos que, segundo o uso estabelecido desde remota antiguidade nas principaes cidades do Languedoc, a prostituição legal tinha extra-muros um *hospicio* sob a vigilancia dos magistrados, que percebiam um imposto das mulheres communs e dos arrendatarios privilegiados. Nos principios do seculo XV, este infame privilegio pertencia a um tal chamado Panais, que estabelecera o seu negocio n'uma casa situada extra-muros, n'um sitio vulgarmente chamado o *Bordel*.

Alli, diz o real despacho de Carlos VIII, que confirma o artigo privilegio de Panais, alli é onde as mulheres publicas e communs têem a sua morada e existencia de dia e de noute.»

Panais gosava pacificamente do seu privilegio, e enriquecia-se, pagando enormes direitos á sociedade. Tinha dois filhos, Alberto e Guilherme, a quem procurava dar uma educação esmerada, mas, tendo morrido o pae, os dois rapazes herdaram o privilegio annexo á casa do *Bordel*.

Como este privilegio dava muito lucro, os novos proprietarios não pen-

saram em deixal-o, mas tiveram de associar-lhes Guilherme de la Croix, pertencente á nobreza de Montpellier, e contando entre os seus avós o celebre patrono dos empestados, S. Roque. Desde então a propriedade indivisa do *Bordel* permaneceu nas mãos de la Croix e dos irmãos Panais, que, sem deixarem de explorar o negocio da prostituição legal em Montpellier, chegaram a ser banqueiros.

O maior numero dos magistrados que compunham o conselho quizeram oppôr-se a que as mulheres de má vida, ainda mesmo com o distinctivo do officio, entrassem na cidade, e para lhes tirar de todo o pretexto de frequentar os banhos publicos, onde secretamente exerciam a sua infame profissão, intimaram os arrendatarios do *Bordel*, a que n'elles contruissem estufas e banhos. Os irmãos Panais e o seu associado Guilherme de la Croix consentiram em fazer estas grandes e sumptuosas despezas, que tinham por unico fim tornar completamente sedentarias as habitantes do *Bordel*: mas aproveitaram tão bôa occasião para que lhes fosse renovado e confirmado o antigo privilegio d'esta casa de toleradas, em virtude do qual, e mediante a somma de cinco libras tornezas, pagas annualmente ao rei ou ao seu logar tenente, «desde agora em diante pessoa alguma, seja qual for o seu estado ou condição, poderá na parte antiga de Montpellier estabelecer bordel, taberna ou hospedaria para as mulheres publicas, sob pena de confiscação das ditas casas, bordeis, tabernas ou banhos.» O conselho da cidade, a quem foi presente um instrumento publico, passado e assignado pelas partes interessadas, rectificou as clausulas do contracto, e augmentou as vantagens dos arrendatarios do *Bordel*.

Mas estes em breve trecho foram perturbados no gozo do privilegio: um dos associados, Alberto Panais, tendo cedido a sua parte a sua filha Jacobina, que a levou em dote a Estevam Bucelly, com quem contrahiu matrimonio em 1465, um tal chamado Paulo Dandréa, que habitava na mesma cidade, julgou-se auctorisado a especular com a mesma industria, dando por caducado o privilegio de Panais. Obrava assim *por inveja ou por outro mobil*, e era protegido pelo reitor ou bailio da velha cidade. E para isto começou a recolher dentro d'uma casa, sita no centro da cidade, a todas as mulheres publicas. Mas a existencia d'uma casa de libertinagem no centro da população honrada era uma infracção de todos antigos usos do Languedoc, e os habitantes das circumvisinhanças, sacerdotes e seculares, queixaram-se ás auctoridades, e protestaram contra o audaz emprehendimento de Paulo Dandréa, pois que viam «ser a causa um grande vituperio e deshonra, e máu exemplo para as mulheres casadas, suas filhas e servas, e tambem pelo escandalo e outros inconvenientes que podia produzir.»

Dandréa, com o apoio secreto de certos libertinos que desejavam a creação d'um bordel central, sustentou os seus pretendidos direitos, e manteve aberta a porta do seu alcouce. Mas Guilherme de la Croix e Guilherme Panais eram ricos e poderosos, principalmente o primeiro, e empenharam-se para que fosse fechada a casa de Dandréa, aberta em contravenção das ordenações dos reis e do privilegio de Panais, e ao levar perante o rei a sua demanda, não se envergonharam de se declararem proprietarios e emprezarios do *Bordel*.

Justamente por esse tempo Carlos VII enviara aos estados do Languedoc, como seus representantes, messires de Montaigu, Hebert e Halle, conselheiros reaes que foram a Montpellier, onde em 1458 se reuniram ao estados. Estes trez personagens tomaram conhecimento do assumpto, em virtude das queixas que Guilherme de la Croix e seus consocios dirigiram aos estados, que não desdenharam occupar-se da questão.

Os representantes do rei fizeram comparecer ante elles os interessados, e depois de na presença do procurador da cidade os terem ouvido, prohibiram a Dandréa, sob pena de multa de dez marcos de prata, o alojar ou receber em sua casa qualquer mulher publica. O procurador da cidade e o seneseal de Beaucaire fôram, conforme os antigos usos de Montpellier, os encarregados da execução do decreto. Os herdeiros e successores de Panais foram, mediante a renda annual de cinco soldos tornezes para o rei, confirmados no gozo do seu privilegio, «sem que ninguem d'ahi para o futuro podesse construir ou estabelecer outra casa para as ditas mulheres publicas.»

Não contentes com isto, os consocios em 1469 sollicitaram do rei a confirmação do decreto, que lhes foi outorgada mediante fiança.

Vinte annos depois, Guilherme de la Croix, já conselheiro do rei e thesoureiro das suas guerras, não renunciára por isso á empreza do *Bordel* de Montpellier. Como habitualmente não residia n'esta cidade, e Guilherme Panais já se não occupava muito n'este negocio, receiando vêr irromper a concorrencia que n'outro tempo lhe havia feito Dandréa, sollicitou de Carlos VIII a confirmação do real privilegio que obtivéra de Luiz XI.

Carlos VIII appressou-se a publicar, em favor do seu *amado e leal* conselheiro e em *bem e interesse da causa publica,* a ordenação que lhe garantia os direitos sobre a prostituição de Montpellier, e egualmente os dos seus consocios Guilherme Panais e Jacobina, mulher de Estevam Buccelli, todos honrados habitantes da dita cidade.

Como em Montpellier, em Tolosa e nas principaes cidades do Languedoc e da Provença, em Avinhão havia tambem um bordel privilegiado, estabelecido em virtude de ordenações reaes e municipaes; e este grande estabelecimento, o mais celebre de todos os da França pelos estatutos que o regiam, parece ter sido organisado, tendo por modelo as casas publicas de Italia. A authenticidade d'estes estatutos, que o sabio medico Astruc pela primeira vez publicou em 1736, na primeira edição do seu tratado *De morbis venereis,* parece-nos incontestavel, apezar da longa refutação que M. Julio Courtet publicou em a *Revue Archeologique* (anno 2.°, fasciculo 3.°). Segundo Julio Courtet, Astruc foi victima d'uma mystificação, e os estatutos apocriphos, attribuidos á rainha Joanna de Napoles, seriam obra de M. Garcin e dos seus amigos.

Em uma nota anonyma, escripta á mão n'um exemplar da *Cacomonade* de Linquet, narra-se a historia d'esta mystificação, em que como cumplice entrou um filho de Avinhão, M. Commin, que nasceu dez annos depois do apparecimento do livro de Astruc. Por todos é sabido o que vale em geral uma nota de calligraphia feita n'um livro, e muito nos surprehende que a critica

haja fundado em similhante nota a contestação d'um facto historico, que atravessou o seculo XVIII, seculo septico e cynico, sem ser desmentido, nem sequer posto em duvida.

Indubitavel é que, se os mystificadores de Avinhão se tivesssem divertido á custa de um sabio tão illustre como Astruc, em toda a Europa haveria repercutido uma immensa gargalhada, e o tratado *De morbis venereis,* em que o documento citado foi impresso pela primeira vez, não haveria escapado ás consequencias de tal mystificação, isto é, aos commentarios satyricos, resultado inevitavel de qualquer mystificação. Em todo o caso, o gracejo de M. Garein e dos seus amigos, haveria pelo menos transpirado em Avinhão, e Astruc não reeditaria os estatutos apocryphos na segunda edição da obra, corrigida e augmentada em 1740.

Além d'isso, esta obra, traduzida em francez e tambem em outras muitas linguas, teria encontrado quem refutasse o seu famoso capitulo sobre o *Bordel* de Avinhão; e, pelo contrario, se demonstrou que a tradicção local a respeito d'esta casa de prostituição era constante e vulgar, quando Astruc escreveu a um individuo de Avinhão (ahi por 1725 ou 1730) a fim de obter, se possivel fosse, uma copia do original dos estatutos de 1347.

M. Julio Courtet diz que a copia foi tirada d'um supposto original, que uns indignos falsarios intercallaram n'um magnifico manuscripto do seculo XIII ou XVI, intitulado *Statuta et privilegia reipublicae Avenionensis.* Este manuscripto, que faz parte da magnifica bibliotheca do marquez de Cambis Velleron, passou em seguida para o Museu Calvet, onde Julio Courtet o examinou. Os *Statuta prostibuli civitatis Avenionis,* que M. Courtet julga «uma imitação pouco habil não só do estylo mas tambem da maneira escrever do seculo XVI» estão transcriptos n'uma folha de pergaminho «a segunda das quaes tem a copia d'uma bulla do Papa Gregorio, calligraphia do seculo XVI.»

Basta esta circumstancia para provar que se não quiz enganar ninguem, e que o antigo possuidor do manuscripto, no seculo XVI sem duvida tentou completal-o, accrescentando-lhe uma copia, feita por outra mais ou menos defeituosa que pode encontrar.

O marquez de Cambis, que era de Avinhão, e que por isso vivia na fonte de todas as noticias concernentes ao assumpto, não teria deixado de fazer desapparecer as folhas que deshonravam o seu manuscripto, em vez de mencionar no seu catalogo os singulares estatutos, «que estão (diz a pag. 465) em lingua provençal, como então se fallava, e que pouco differe da de hoje.»

E' provavel que o original existisse ou tivesse existido nos archivos do palacio dos papas, ou nos dos condes de Provença, e que algum curioso o transcrevesse a seu modo, alterando e modernizando o texto provençal, ou mesmo traduzindo-o para esta lingua do texto latino. O que parece certo é que a existencia d'estes estatutos nunca foi tida por duvidosa, e que a sua authenticidade é além d'isso confirmada por tudo que sabemos a respeito da prostituição da Provença na Edade Média.

As considerações moraes, feitas para demonstrar a inverosimilhança d'estes estatutos, auctorisados por uma rainha joven, não têem valor para quem estuda

a policia dos costumes n'aquella épocha. Joanna de Napoles, condessa de Provença, nada innovava n'este assumpto: não fez mais de que com a sua auctoridade suprema sanccionar as regras da administração urbana, que os magistrados d'Avinhão haviam feito *no interesse da causa publica*, baseando nas razões que impelliram Carlos VII a publicar ordenações sobre assumpto analogo.

A dissertação de Julio Courtet ajudar-nos-ha a demonstrar que, anteriormente aos estatutos de 1347, já a prostituição se havia installado á moda italiana na cidade papal d'Avinhão. No concilio de Vienna, celebrado em 1311-1312, o piedoso e sabio bispo de Mende, Guilherme Durandi, pediu a severa repressão dos excessos da libertinagem; indignava-se de que o marechal da côrte de Avinhão tivesse por tributarias as mulheres communs e os seus escandalosos cumplices; pretendia que aquella *peste publica*, que se expunha em almoeda á porta das egrejas, diante das casas dos prelados, e mesmo sob os muros do palacio dos papas, fosse desterrada para os bairros menos frequentados; reclamava tambem que o marechal renunciasse aos infames reditos da prostituição. (V. *Vitæ pap. Aven.* public. por Baluce, t. I, f.[as] 810).

Todos os padres do concilio concordaram com as queixas do bispo de Mende, mas não se arriscaram a um projecto de reforma, que haveria prejudicado muitos interesses particulares, e o marechal da corte do papa continuou percebendo os impuros impostos. As ribaldas multiplicavam-se e espalhavam-se por toda a cidade. «Não havia, diz Courtet, logar, por sagrado que fosse, que estivesse ao abrigo da sua inacreditavel audacia.»

Petrarca, que n'esta cidade residia em 1326, assombra-se da desordem dos costumes, que a mudança da Santa Sé parecia haver favorecido, como se o papa e os cardeaes de Roma houvessem trazido atraz de si um cortejo de homens e mulheres depravadas.

«Em Roma, a grande, diz Petrarca, não havia mais que dois rufiões; na pequena Avinhão havia onze. *Cum in magna Roma duo fuerint lenones, in parva Avennio sunt undecim. (Obras latinas de Petrarca,* edição de Bale, fl. 1:184).

Bem se comprehende que a prostituição, a si propria entregue, necessitava de um regulamento similhante áquelle que nas demais cidades da Provença d'ella fazia uma instituição de utilidade publica. A rainha Joanna, ameaçada no seu reino de Napoles pelo exercito de seu cunhado Luiz da Hungria, acabava de depôr a corôa, tincta no sangue do seu esposo; havia-se refugiado em terras de França, e, depois de ter casado em segundas nupcias com seu primo e amante Luiz de Tarento, dispunha-se a vender ao papa o condado d'Avinhão, para assim comprar a absolvição do seu crime e o apoio do papado.

Em virtude, pois, d'estes graves acontecimentos, a rainha Joanna, que vivia em Aix, redigiu ou antes sanccionou os estatutos da prostituição legal em Avinhão, como Carlos VII e Luiz XI haviam sanccionado outros do mesmo genero para as cidades de Tolosa e Montpellier.

Estes estatutos (e o seu primeiro artigo affirma-o) foram formulados pelos consules ou governadores da cidade, na forma ordinaria de todos os privi-

legios concedidos a lupanares, e a joven rainha nada mais fez do que assignar sem ler, sob a responsabilidade do seu chanceller, que os havia approvado.

Póde affirmar-se com certeza que o primeiro a quem se concedeu a exploração d'estes privilegios, estando muito interessado em obtel-os, não olharia a despezas para assim assegurar a approvação da rainha e para fazer reconhecer os seus direitos, antes da cedencia do condado á Santa Sé.

Em abono do que affirmamos, poderiamos reproduzir o texto provençal dos estatutos, tal como Astruc o reproduziu, e sentimos que Julio Courtet não acompanhasse o manuscripto do museu Calvet, cheio de raspaduras e emendas, d'este texto. Basta este facto para excluir de todo a ideia de fraude da parte do copista ou do traductor do texto original.

Vamos dar uma traducção do velho texto provençal, mais litteral do que aquella que se vê no livro d'Astruc, inopportunamente reproduzida com os seus erros e desbotadas periphrases:

I

No anno de mil trezentos e quarenta e sete, aos oito do mez d'agosto, a nossa boa rainha Joanna permittiu o bordel em Avinhão. Quer que as mulheres licenciosas não vivam na cidade, mas que estejam encerradas no bordel, e que para serem reconhecidas usem uma insignia ou laço vermelho no hombro esquerdo.

II

Se uma joven commetter uma falta e quizer continuar no vicio, o guarda-chaves da cidade ou o capitão da policia conduzil-a-ha, ao som do tambor e com o laço vermelho no braço, pelo meio da cidade, e alojal-a-ha com as demais no bordel, e prohibir-lhe-ha o sair para fóra da cidade, sob pena de uma multa pela primeira vez, e de ser açoutada e desterrada pela segunda.

III

A nossa boa rainha ordena que o bordel seja situado na rua de Pont-Traucat, perto dos frades Agostinhos, nas immediações da porta Peiré; outro sim ordena que haja uma porta ao lado, por onde todos entrem, mas que esteja fechada á chave, a fim de que qualquer homem não possa vêr as mulheres sem licença da governanta, que todos os annos será nomeada pelos consules. A governanta guardará a chave e advertirá aos frequentadores que não armem tumultos nem maltratem as infelizes. No caso contrario, havendo a menor queixa contra qualquer que provoque desordem, os desordeiros serão presos.

IV

A rainha determina que todos os sabbados a abbadessa e um barbeiro, nomeado pelos consules, inspeccionem todas as mulheres do bordel, e se n'al-

guma encontrarem enfermidade venerea, que seja separada das outras e isolada, de modo que ninguem com ella esteja, a fim de evitar que contagie a juventude.

V

Item. Se acontecer que no bordel alguma mulher conceba, a directora providenciará de modo que ao fructo mal não succeda, e prevenirá os consules para que ministrem o necessario ao nascimento d'esta creança.

VI

Item. A abbadessa não permittirá que homem algum entre no bordel na sexta-feira santa, no sabbado d'Alleluia e no dia de Paschoa, sob pena de ser expulsa e açoutada.

VII

Item. A rainha quer que todas as libertinas do bordel vivam como irmãs. Quando houver alguma queixa, a directora deve reconcilial-as, e cada qual submetter-se ao que esta decidir.

VIII

Se alguma roubar, a directora deve convencel-a a restituir o objecto roubado, e se a ladra resistir a esta ordem, deverá ser fustigada dentro de um quarto, por um agente de policia: e, no caso de reincidencia, será açoutada pelo verdugo da cidade.

IX

Item. Que a directora não consinta a entrada no bordel a nenhum judeu, mas, se acontecer que algum alli entre ardilosamente e tenha relações com alguma mulher, seja preso e açoutado.

Astruc, publicando estes estatutos, diz que foram copiados dos registros de M. Tamarin, notario e tabellião apostolico, em 1392: mas não pôde alcançar esclarecimento algum d'este Tamarin, nem do seu manuscripto, á excepção d'um extracto dos mesmos registros, d'onde consta que um judeu de Carpentras, chamado Doupedo, publicamente foi açoutado em Avinhão, em 1408, por haver entrado furtivamente no bordel e ter tido cópula com uma das reclusas.

Um facto analogo é referido no *Appendix Marcæ Hispaniae,* em que o sabio Pedro de Marca cita um documento do anno 1024, onde se diz que um judeu chamado Isaac foi corporalmente castigado e os seus bens confiscados, por ter commettido adulterio com uma christã.

Astruc, que descobriu este precioso facto de costumes (*Traité des maladies vener*. tit. I, pag. 210,) acrescenta algumas reflexões aos estatutos da rainha Joanna.

Julio Courtet diz que o artigo que se refere aos contagios venereos, o qual faz duvidar o serio Merlin da authenticidade dos estatutos, bastaria aos olhos de muitos para invalidar o supposto original. Já veremos, ao fazer a historia da prostituição em Inglaterra, como os estatutos dos lupanares de Londres prohibiam em 1430 a existencia nos lupanares de mulheres infestadas d'esta enfermidade.

Em resumo, e depois d'um serio exame da questão, concluimos que, se não possuimos o texto original dos estatutos do bordel de Avinhão, temos pelo menos os regulamentos que parecem conformar-se com os que a tolerancia municipal havia posto em vigor nas cidades do meio dia.

Não esqueçamos citar n'este momento o antigo rifão popular:

Sur le pont d'Avignon
tout le monde y passe,

todo o mundo passa pela ponte de Avinhão, que póde muito bem ser uma engraçada ironia, com referencia á má fama da rua chamada *Pont-Traucatou-Troué.*

Esta rua tinha uns estabelecimentos tão mal afamados, que n'um synodo celebrado em Avinhão a 19 d'outubro de 1441 foi prohibido aos ecclesiasticos e homens casados o frequentarem estes logares da prostituição. Os que ousavam contrariar esta prohibição e que incorriam nas excommunhão do synodo, eram obrigados a pagar em beneficio do bispo dez marcos de prata, se fossem surprehendidos sahindo de dia dos lupanares, e vinte marcos, se fosse de noite. O veguer de Avinhão, João Blanchier, foi o encarregado de fazer executar estes estatutos synodaes, e de vigiar a policia interior dos lupanares publicos.

Poucos annos depois, em 1437, o conselho da cidade occupou-se tambem das lupanares da *Serveler ie,* que nada mais eram do que albergues da prostituição, como as *Stuphae Pontis-Trouati.*

Todavia Courtet cita uma medida de policia relativa ás mulheres dissolutas de Avinhão, fecto extrahido dos archivos municipaes d'esta cidade. O veguer mandou apregoar ao som de trombetas, pelas esquinas, que nenhuma d'estas desgraçadas trouxesse em publico manto ou véu, nem rosario de ambar, nem annel de ouro, sob pena de multa e confiscação d'estes objectos.

Pelo mesmo tempo, tambem pela voz do pregoeiro se declarava que as mulheres publicas de Paris se deviam conformar com as leis sumptuarias, e sufficientemente isto prova que não podiam esconder o seu caracter infame, feita uma vez a profissão em qualquer *abbadia* publica. Opportunamente encontraremos nos usos e costumes da prostituição napolitana a origem tradiccional do Bordel de Avinhão, essa extranha fundação de uma rainha joven, bella e galanteadora.

Além d'isso, se as abbadias impuras eram estabelecimentos de fundação real ou municipal, na maior parte das cidades da Provença as mulheres perdidas, que se entregavam á prostituição, não tinham auctorisação para exercer a sua vergonhosa industria, fóra do asylo que lhes estava designado. Era sempre considerada como infracção dos regulamentos de policia a sua presença nas

ruas com trajos de mulheres honestas. Um artigo dos estatutos de Arles, feitos em 1454, prova-nos que estes regulamentos de policia, vigentes n'esta cidade, não differiam dos que encontramos estabelecidos em Avinhão pela mesma época. Eis o artigo dos estatutos, que Millin cita, no seu *Ensaio sobre a lingua e litteratura provençal:*

«Qualquer mulher publica, reconhecida ou disfarçada na rua das mulheres honestas, que leve mantellete, véu na cabeça e annel de ouro ou prata, ou qualquer outra joia, será condemnada por cada objecto em 50 soldos, e na perda d'esses objectos.»

Esta passagem da legislação arlesiana parece distinguir as mulheres de má vida das noctivagas e libertinas, que viviam em ruas honestas. Os objectos que não lhes era permittido usar, eram os mesmos que os *filhos abandonados* e as mulheres perdidas de Avinhão não podiam trazer.

Não encontramos documento que nos permitta calcular o preço corrente do Bordel da rainha Joanna, mas devia ter sido modico n'uma provincia em que, segundo um proverbio popular, a melhor mulher não valia 15 soldos. Na verdade os proverbios são em todos os paizes tão hostis ás mulheres, que deve suppôr-se o não collaborarem ellas n'elles. — *A sombra do homem vale cinco mulheres,* dizia-se tanto em Arles como em Avinhão.

CAPITULO XVII

SUMMARIO

A prostituição legal e a prostituição livre. — Influencia da cavallaria na honestidade publica — O pagem de honra da dama de Belles-Cousines. — O verdadeiro cavalleiro destruiddor da corrupção. — A camisa de Covey. — O castellão Coucy e a dama de Fayel. — *Principalia amoris præcepta*, de mestre Andrés, capellão de Luiz VII. — As *Côrtes do amor*. — A jurisprudencia amorosa. — Decretos do amor. — O *maire* do Bois-vert. — O bailio de Joye, o *veguer* dos amores, etc



STUDANDO os moralistas e poetas da Edade-Media, observamos que a prostituição legal era tão antipathica ao povo, como á nobreza, que a consideravam como uma macula da sociedade, e que de commum accordo tentavam impedir que ella produzisse escandalos, que incommodassem os olhares, os ouvidos e os pensamentos da gente honrada. Todavia a prostituição não estava menos solidamente estabelecida n'essa classe infame, que vivia fóra da decencia publica e era composta de ribaldos e libertinos de todas as cathegorias.

Preciso era que cada cidade tivesse um asylo de libertinagem para esta população fluctuante, que sem cessar se renovava, e constantemente se subtrahia á acção regular da policia municipal. Era esta uma garantia permanente contra as emprezas d'aquelles perdidos, *enfants perdus,* como em toda a parte eram chamados, temidos pelas mulheres honestas e pelos seus maridos, mas felizmente desviados dos seus maus intentos de rapto e de violencia, quando lhes era permittido frequentar mulheres publicas e achar com ellas distracções.

Andavam, pois, muitas d'estas mulheres percorrendo o paiz acompanhadas dos seus amantes, que viviam á grande, á custa do obsceno trafico feito á sua vista; mas póde affirmar-se que estas infamias não eram sabidas cá fóra, e que o bordel porvençal e o lupanar normando em nada corrompiam os costumes da familia e da cidade.

Estes costumes as mais das vezes não eram muito exemplares, mas, por mais relaxados que fossem, não tinham relação alguma com os actos da prostituição legal, pois que as mulheres communs, fazendo da prostituição modo de vida, só tinham relação com homens de vil estofa; ribaldas e ribaldos formavam uma collectividade infame, isolada no meio da sociedade.

Embora a sociedade não tivesse contacto com a prostituição, nem por isso tinha uma grande continencia: a fornicação e o adulterio em toda a parte entravam, e em todas as casas eram bem recebidos.

No seu castello, o senhor tinha um serralho de servas e pagens; no convento, o frade occultava as mais criminosas acções; na loja, o negociante desejava a mulher do seu collega e visinho; e mesmo o humilde artista não se privava dos prazeres que nada lhe custavam. Em parte alguma, n'aquelle transbordar de immoralidade, a prostituição propriamente dita exerceu influencia perniciosa ou influiu na corrupção geral, antes teria attrahido a si elementos impuros da vida social, se comsigo não tivesse o estygma infamante, se as mulheres que d'ella faziam profissão tivessem conservado algum prestigio aos olhos da sociedade, se a opinião publica não tivesse infligido o mesmo desprezo e deshonra aos homens que ousavam penetrar nos lupanares.

Constituida assim a prostituição, errava ella o seu fim fundamental, pois não servia para depurar os costumes, deixando subsistir outra prostituição livre mais activa, mais audaz e mais contagiosa. Póde dizer-se, repetin ol-o, que por espaço de muitos seculos, em França, estas duas classes de prostituição não estiveram ligadas entre si por laço algum, nem similhança alguma houve nos seus actos e pessoas. A auctoridade civil só d'uma d'estas prostituições se occupava; a outra, que não tinha nem trajo proprio, nem casas especiaes, nem regulamentos de policia, innoculava-se em todas as classes sociaes, e espalhava a corrupção por entre as generosas e brilhantes instituições da cavallaria.

Para reformar os costumes, principalmente para lhes pôr um freio salutar, para encaminhal-os para a honra e para a virtude, um sabio legislador, um philosopho desconhecido, um grande politico, creou a cavallaria, que a proposito nasceu no meio d'uma sociedade corrompida e gangrenada, fazendo imperar o espirito sobre a materia, defendendo, por assim dizer, a sociedade de todas as prostituições da alma e do corpo. A cavallaria foi apenas uma fórma attrahente, dada á philosophia, á moral e á religião: protegeu e salvou a honestidade publica, apesar dos inevitaveis excessos dos cruzados e das influencias desmoralisadoras da poesia.

Crêmos que a cavallaria não foi ainda apreciada sob este ponto de vista, como sendo a inimiga implacavel de toda a especie de prostituição, como sendo a salvaguarda dos costumes: oppoz ás grosseiras e degradantes tyrannias do amor material, as nobres e puras inspirações do amor metaphysico; instituiu as *Côrtes do amor*, aquelles graciosos tribunaes de galanteria, para abolir as côrtes dos ribaldos: domou e pacificou as paixões dos sentidos; cimentou a virtude no respeito pelo similhante, e por assim dizer, ergueu um pedestal de amorosa admiração e um throno de honra, onde sentou a mulher. É este, evidentemente, o principio da cavallaria, a emancipação d'um sexo que a prostituição tinha submettido á mais degradante das escravidões. Ao principio, a mulher era escrava e via-se humilhada pela sua indigna condição; depois, era já rainha, e a sua soberania apoiava-se no amor; mas já não era o amor carnal, cujos gosos criminosos suffocam o instincto do bem e predispõem o coração para todos os vicios; era o amor perfeito, o amor heroico, que nasce dos mais bellos sentimentos, exaltando-se pela imaginação, e desprendendo-se dos laços da natureza physica.

As primeiras lições que recebia um pagem, escudeiro ou donzel, que se

destinava á profissão da cavallaria, consistiam unicamente no amor a Deus e ás damas, isto é, segundo Lacurne de Santa Pelaya, a religião e a galanteria. Eram ordinariamente as proprias damas que se encarregavam de ensinar a estes jovens o cathecismo e a arte do amor.

«Parece, diz o sabio auctor das *Memorias da antiga cavallaria*, parece que n'aquelles seculos ignorantes e grosseiros, não se podia representar aos homens a religião sob uma forma bastante material, para que estivesse ao seu alcance, nem simultaneamente dar-lhes uma idéa do amor bastante pura, bastante metaphysica, para prevenir os excessos de que era capaz uma nação, que em tudo conservava o caracter impetuoso que mostrava na guerra.»

Lacurne de Santa Pelaya não fez mais do que entrever as causas philosophicas da instituição da cavallaria, que na sua origem apenas foi uma barreira moral e religiosa, opposta ao atheismo e á prostituição.

Para bem comprehender o espirito da cavallaria, é preciso ler na *Histoire et plaisante chronique du petit Jehan de Saintré* os conselhos que lhe dá a dama de *Belles Cousines*, quanto este na qualidade de pagem entra ao serviço d'esta princeza. A dama, que falla latim como um Padre da Egreja, commenta-lhe edificantemente uns certos peccados mortaes. Vejamos em que termos o aconselha a evitar o peccado da luxuria. «Na verdade, meu amigo, diz-lhe ella, este peccado tem de ser extranho ao coração do verdadeiro amante, pois mui grande deve ser o seu receio de que a dama adivinhe esse pensamento deshonesto, e d'elle se enoje. Assim, continua ella, citando-lhe as palavras de Santo Agostinho:

«*Luxuriam fugias, ne vili nomine fias; carni non credas, ne Christum nomine cedas.*

«Isto é: Meu amigo, foge da luxuria para que não tenhas mau nome; não confies na tua carne, para que peccando não offendas a Christo. E a este respeito na sua primeira epistola diz S. Pedro apostolo:

«*Osecro vos, tanquam advenas et peregrinos, abstinere vos a carnalibus desideriis, qui militant advesus animam.*

«Quer dizer, meu amigo, que vos rogo que vos abstenhaes dos desejos carnaes, que dia e noite batalham contra a alma. E a este respeito diz ainda o philosopho:

«*Sex perdunt vere homines in muliere: Ingenium, mores, animam, vim, lumina, vocem.*

«Isto é, meu amigo, que o homem apaixonado por más mulheres perde seis coisas: a primeira a alma, a segunda a intelligencia, a terceira os bons costumes, a quarta a fôrça, a quinta a vista e a sexta a voz. E por isto, meu amigo, livra-te sempre d'este peccado.»

A dama de *Belles Cousines* termina os seus conselhos com esta citação de Boecio:

«*Luxuria est ardor in unione, fœdor in recessu, brevis delectatio corporis et animae destinctio.*»

«Isto é, meu amigo, a luxuria é uma chamma quando dois corpos se unem, uma cousa repugnante quando se separam, breve deleite do corpo e per-

dição da alma.» Antonio de Salle, escrevendo a historia do Joãosinho de Saintré, para prazer e recreio da côrte de Carlos VII, tirou o assumpto da sua obra de uma chronica da côrte do rei João, e extrahiu de um livro de cavallaria muito mais antigo os documentos moraes da dama *de Belles Cousines*.

As ceremonias do acto de armar cavalleiros provam, todavia, melhor que a cavallaria foi instituida para corrigir os costumes e extirpar a prostituição. O noviço preparava-se para entrar na ordem da cavallaria com practicas d'austeridade e devoção, que o tornavam digno d'uma ordem monastica: jejuns rigorosos, noites d'oração n'uma egreja, sermões dogmaticos sobre os principaes artigos da fé e da moral christã, banhos e abluções, que indicavam a pureza necessaria no estado da cavallaria, habitos brancos, que eram o symbolo d'essa mesma pureza. Eis aqui a preparação: uma promessa solemne ao pé do altar de ter vida honesta ante Deus e ante os homens.

«O que quizer entrar n'uma ordem, seja em religião, ou em matrimonio, ou em cavallaria, ou em outro qualquer estado, diz um dos personagens do romance de Perceforest, deve primeiro que tudo limpar e expurgar o coração e a consciencia de qualquer vicio, e adornal-o com toda a virtude.»

Os numerosos escriptos em verso e prosa, que tractam dos costumes da cavallaria, repetem sem cessar que um bom cavalleiro deve ser o *destruidor da corrupção*. Era pois a cavallaria uma especie de sacerdocio, que prégava com o exemplo para melhorar o povo, para fazel-o virtuoso, para manter a bôa ordem na sociedade, e para d'ella expulsar todos os vicios.

«Ninguem deve ser investido cavalleiro, diz o respeitavel fidalgo de la Tour, no seu *Guidon des guerres*, se não deseja o bem do reino e de todos, e se não sabe ser valoroso na arte da guerra, e se não quer, obedecendo ás ordens do principe, apaziguar as desordens do povo e combater tudo que prejudica o bem commum.»

A prostituição nunca foi favorecida pela cavallaria, que intentava destruil-a. E apesar de tudo a cavallaria, só empregava como meio efficaz o amor das damas para excitar os nobres, que desde a sua tenra edade se iam educando na arte da galanteria, a propugnarem pelo bem da sociedade.

«Os preceitos do amor, diz Lacurne, cercavam as damas de considerações e respeitosas deferencias, o que sempre foi caracter distinctivo da nação franceza. As lições que os jovens recebiam relativamente á decencia, aos costumes e á virtude foram sempre exemplificadas pelas damas e cavalleiros a quem serviam.

«O primeiro acto da cavallaria era a escolha d'uma dama ou donzella para amal-a e servil-a: assim começava o pagem da donzella os seus deveres de cortezia, e a esta dama dos seus pensamentos offerecia então todas as suas emprezas e feitos d'armas. Para por ella ser amado, e merecer-lhe distincções, mostrava-se esforçado e valente, honesto e cortez, leal e virtuoso. O nome e as côres da sua dama serviam-lhe de talisman nas circumstancias mais difficeis da sua vida; como santa da sua devoção a invocava na ferocidade dos combates, e se ferido cahia, exhalava o seu ultimo suspiro n'ella pensando e honrando-a.»

Nada menos se assimilhava ao amor materia do que esta profunda e amorosa dedicação por uma dama, que ordinariamente não recompensava um sentimento tão exaltado e tão profundo senão com um casto beijo: mas este sentimento cada vez mais ardente e puro era uma força invencivel, que incessantemente se augmentava pela ideia fixa e pelo extase: como uma sombra seguia a mulher que o inspirava, e que nem sempre lhe correspondia, e atravez do tempo e do espaço sem esfriar nem desistir continuava amando, a não ser que a amada, d'esse affecto se tivesse tornado indigna. «Quanto mais amor me proveis, mais fiel e amoroso me tornareis,» dizia á sua dama Alberto de Gapensac, cavalleiro e trovador.

Na linguagem da cavallaria nota-se uma especie de cumprimento, que consistia em mutuamente desejar, entre escudeiros e cavalleiros, as graças ou favores das suas damas. Estes favores limitavam-se ordinariamente a um sorriso, a um doce olhar, a um simples beijo, á dadiva de um cinto, ao presente d'uma camisa. Olivier de la Marche termina com o cumprimento do estylo a carta que escreve ao mórdomo do duque da Bretanha. (Liv. II das suas memorias.) No mesmo sentido diz a rainha a João de Saintré «Deus vos dê a alegria do que me desejaes.» O que João de Saintré desejava, era viver junto de sua amada:

«Alli foram tantos os beijos dados e recebibos, que contados não podiam ser, e perguntas e respostas todas as que o amor queria e ordenava.

«E n'esta suavissima alegria estiveram até que força foi partir.»

Apezar d'estes beijos dados e recebidos, apezar d'estes largos colloquios de amor, jámais João de Saintré nem a sua dama foram além dos limites da verdadeira cortezia. Dizia-se que os amantes se compraziam em excitar a sensualidade, afim de provar quanto podiam combatel-a e vencel-a; mas, procurando o perigo e expondo-se a elle com orgulho, é de crêr que alguma vez succumbissem. Este amor quasi mystico ao qual tudo era permittido, excepto a ultima expressão dos seus mais ardentes desejos, não temia satisfazer com certa medida os seus appetites sensuaes: frequentemente crêr-se-hia ver aquelles terriveis assaltos que o demonio da carne dava aos santos das lendas, e apenas serviam para, depois de novos esforços, escudados com o pensamento do Redemptor e de sua divina Mãe, firmar uma nova victoria.

Cavalleiros e damas não fugiam da tentação, compraziam se até em d'ella triumphar, e todas as vezes que não iam além do amor decente e virtuoso, não davam recusa a algumas compensações de sensualidade metaphysica. Por isso o famoso castellão de Coucy, que partira para as cruzadas, enviou uma camisa que para lá levara vestida, a uma dama de Fayel, que amava com puro amor de cavalleiro, embora ella estivesse em poder de marido e não tivesse intenção de ser adultera de facto, posto que de intenção o fôra. A dama, quando o amor a impedia de dormir, vestia de noite esta camisa, imaginando que o contacto do panno na sua carne macia eram os beijos ardentes do seu amante. São estas as proprias palavras da dama de Fayel, nos cantares do castellão Covey.

Tudo era amor e só amor na cavallaria: mas amor leal e discreto, cujo

codigo foi redigido pelo Mestre Andrés, capellão de Luiz VII, sob o titulo de *Principalia amoris praecepta*. Nem uma só lei ha n'este codigo, que não tivesse sido escripta sob a inspiração dos mais nobres sentimentos e da mais respeitavel moral. D'isso se póde ajuizar pelas seguintes maximas:

«Não te apoderes de favores que te recusem (*in amores exercendo solatium voluntatis non excedas amantis*).

«Ainda nos mais vivos transportes do amor, nunca percas o pudor (*in amoris praestando solatium et recipiendo, omnis debet verecundiæ rubor adesse.*)»

Quanto está distante similhante doutrina da *Arte de amar* de Ovidio!

O Mestre Andrés, apesar de capellão, não era noviço em amor, mas a definição que do amor dá, tal como deve ser honestamente practicado, não parece ir de accordo com os costumes do digno clerigo:

«O amor puro, diz, é aquelle que absolutamente une com os laços d'uma ternura intima o coração de dois amantes; mas este amor consiste na contemplação espiritual e na paixão ardente. Póde chegar até ao beijo, até ao abraço, até ao contacto da carne núa, esquivando-se sempre ao ultimo estremecimento do amor.»

Esta legislação do amor não era lettra morta. A cavallaria tinha estabelecido em cada provincia, e especialmente nas do meio-dia, Côrtes do amor e Tribunaes da galanteria, areopagos femininos, onde se discutiam todas as causas do amor. Estas sessões eram celebradas de tarde, á sombra d'um olmeiro secular; o tribunal era presidido por um cavalleiro distincto, chamado *Príncipe do amor* ou da *mocidade*, eleito pelas damas de que se compunha a côrte, e que tinha por accessores grandes personagens da nobreza e do clero.

A fórma dos julgamentos era a mesma que nos tribunaes de justiça real e senhorial, todavia as sentenças tinham sempre um caracter metaphysico e não applicavam aos réus nenhum castigo corporal ou pecuniario: era unicamente a censura o castigo dos culpados.

Estes Tribunaes do amor, de que faziam parte as mais nobres e honradas damas, compriam missão mais delicada ainda, quando doutoralmente resolviam as questões do amor que lhes eram propostas.

«Emfim, diz Papon, na sua *Historia da Provença*, a galanteria era de tal modo o espirito dominante d'aquelle seculo de ignorancia, que em tudo se misturava, sendo o thema, o logar obrigado, de todas as conversações. As damas, os cavalleiros, e os trovadores exercitavam-se discutindo seriamente sobre esta importante materia; nenhum sentimento do coração escapava á sua sagacidade; todos os casos eram previstos e resolvidos.»

Attribuição foi sempre das Côrtes do amor o pronunciar sentenças n'estas questões difficeis e minuciosas, que os advogados de ambas as partes discutiam com grande exaggero de eloquencia e sciencia amorosa.

Deve comprehender-se bem o influxo que similhante jurisprudencia teve na prostituição; nas sentenças de amor que até nós chegaram não se notam circumstancias graves accusadoras da conducta licenciosa d'uma ou outra das partes litigantes. Não se encontra um acto de libertinagem offensor da moralidade dos juizes; em nenhumas d'ellas se encontra o amor, a causa de todos estes

litigios, acompanhado de manifestações obscenas. Todas estas causas são peccadilhos d'amantes, ligeiras bagatellas de exaggerada galanteria; ou, se o processo era mais grave, a côrte do amor transformava-se em tribunal de honra.

Um secretario, enviado junto d'uma dama, esquece os seus deveres de intermediario e confidente, e supplanta aquelle que o enviára, requestando por sua conta a dama que d'outro era. A condessa de Flandres, assistida de sessenta damas, condemna os culpados, declarando-os excluidos da companhia das damas e dos conselhos plenarios dos cavalleiros.

Mestre Andrés cita outro exemplo de jurisprudencia amorosa. Um amante para tomar outra abandonou a sua amada, mas em breve cansado da segunda requestou de novo a primeira. Esta desprezou-o, mas além d'isso denunciou o seu procedimento á viscondessa de Narbonna. O tribunal do amor presidido pela viscondessa resolveu que o voluvel amante ao mesmo tempo perdesse o affecto d'uma e d'outra das requestadas, por não ser digno de possuir o coração d'uma mulher honrada *(nullas probæ feminæ debuit ulterius amore gaudere.)*

Condemnar com tanto rigor a inconstancia d'um amante não era decerto ser indulgente com a prostituição.

Mas com maior rigor era castigada a infidelidade da mulher, pois que uma dama cujo amante desde annos fazia a guerra na Palestina foi accusada perante o tribunal da condesa de Champagne de ter acceitado as declarações d'um outro. A dama allegou em sua defeza que se havia conformado com as leis do amor, que ordenavam prantear por dois annos o amante que se finára, e que o amante que não dá noticias suas póde, sem que aggravado seja, assimilhar-se a um morto. Mas a condessa de Champagne resolveu em these que a mulher nunca deve abandonar o seu amante por causa de prolongada ausencia.

Os tribunaes das damas eram inexoraveis para com tudo quanto se assimilhasse á prostituição do corpo, ou do coração. Um cavalleiro que encheu de presentes uma dama a quem amava e de quem em recompensa não recebeu favor algum queixou-se á rainha Leonor de Goyena, mulher de Luiz VII, e esta bella princeza tão competente na materira proferiu esta memoravel sentença:

«A mulher deve repellir todas as dadivas que com intenção amorosa se lhe façam, ou se as recebe deve pagal-as entregando o seu corpo: mas em tal caso colloca-se na cathegoria das cortezãs.» (*Hist. des mœurs et de la vie privée des français,* por E. de la Bedollière, t. III, pag. 324 e seg.)

Roberto de Blois, no seu poema *Chastoiment des dames,* reproduz esta maxima fundamental do direito de amar, a respeito da questão de uma mulher receber joias do homem que a requesta.

Os *Decretos do amor (Arrets d'amour)* que Marcial d'Auvergne colligiu e redigiu nos fins do seculo XV, e que um chistoso jurisconsulto commentou em estylo palaciano, não são d'uma moralidade muito severa e alguns parecem d'uma galanteria algum tanto devassa. Crêmos, pois, não emanarem das antigas Côrtes do amor da Provença, mas serem feitos no tempo de Marcial d'Auvergne n'alguma corporação de damas e cavalleiros, formando tribunal á similhança dos *grans jours* de Pierrefeu, de Signes e Romanin. Já não é esta a doutrina

simples e austera da cavallaria primitiva, que não tomava o amor como divertimento: é uma galanteria refinada, mas maliciosa e libertina: sente-se que o amor se materialisa e vê-se passar com frequencia e sem grande escrupulo aos prazeres mais sensuaes. Este tribunal tambem differe das verdadeiras Côrtes do amor em impôr muitas ás vezes consideraveis e penas corporaes aos delinquentes, que têem como perspectiva o latego, embora brandido por mão de damas.

As questões são julgadas por juizes de differentes instancias ou recursos, como o *maire dos bosques verdes*, o *bailio da alegria*, o *reguer dos amores*, etc. Os titulos d'estes magistrados fazem-nos suspeitar que a sua jurisdicção era apenas uma brincadeira. D'entre os extraordinarios pleitos que Marcial d'Auvergne colligiu, escolheremos dois por onde se avaliará o que os outros valiam. No seculo XI, ha uma dama que apresenta uma queixa contra o seu amado, perante o *juiz dos bosques e das aguas sobre factos de amor*, accusando-o de a ter feito cahir ao rio para lhe apalpar as nevadas pômas *(pour lui mettre la main sur les tetins;)* e por tal a offendida requer que o audaz amante seja severamente punido *com castigo publico*.

O amante contesta que tendo com ella cahido á agua não era aquella a occasião mais propria para apalpar fosse o que fosse.

Todavia o procurador dos amores nas aguas e nos bosques responde ser prohibida pelas ordenações a caça ardilosa, caça em que taes peças (as pômas) pódem cahir, e termina, pedindo para o caçador uma pezada multa.

O amante replica que, se lançou as mãos ao peito da dama, foi isso uma consequencia da queda, sendo então natural agarrar-se ao que mais proximo lhe ficára.

O tribunal considerou este argumento, todavia resolveu que o amante desse á amada como indemnisação de lhe ter molhado o vestuario, um vestido novo de côr verde.

No quarto pleito uma dama tambem é a queixosa. Accusa o amante de lhe ter beijado o vestido tão bruscamente que lhe rompeu o corpete, de modo que se chegou a vêr alguma cousa da camisa. Pede, pois, que a tão violento enamorado seja prohibido o tornar a tocar-lhe sem sua licença. Este pedido da dama foi completamente deferido, e por mais que o amante protestasse, foi a sentença em ultimo recurso confirmada pelo *maire dos bosques verdes*.

As sentenças dos tribunaes do amor não eram as unicas a condemnar as más acções dos que pertenciam á jurisdicção cavalheiresca; a opinião dava tambem as suas sentenças e não perdoava, quando recahiam sobre acções vergonhosas e reprehensiveis, nem ao nascimento, nem á jerarchia, nem á riqueza. O ser bem conceituado era condição tão essencial para os homens, como para as mulheres, que por honestas queriam passar, nem os mais poderosos senhores e nem as mais illustres damas podiam subtrahir-se ao vituperio da gente humilde.

«As damas que, respeitando-se a si proprias, respeitadas queriam ser, diz Lacurne de Santa Pelaya, bem certas estavam que ninguem lhes faltava á consideração devida: mas se pela sua conducta, pelo seu procedimento, davam logar a legitimas censuras, deviam receiar encontrar cavalleiros dispostos a fazer-lhes essas censuras.»

O cavalleiro de la Tour contava em 1371 a suas filhas que o modelo de cavallaria messire Jeoffroy se tinha consagrado á repressão do mau procedimento das damas.

«Quando cavalgava pelos campos e via um castello habitado por alguma dama, perguntava sempre a quem pertencia. Se a dama proprietaria era accusada de algum facto deshonesto, ainda que tivesse de torcer meia legua não deixava de ir até junto da porta do castello, onde com um lapis fazia um signal na porta para que fosse escarnecida. Ao contrario, quando passava em frente de um castello de dama ou donzella bem afamada, se não tinha muita pressa visitava-a e dizia-lhe: «Minha boa amiga peço a Deus que n'essa situação honesta vos conserve, para que sejaes honrada e adorada.» — E por este meio as honestas cuidavam em cousa alguma fazer que lhes prejudicasse a sua honrosa fama.»

Não se sabe qual fosse o signal feito pelo cavalleiro Jeoffroy nas portas das damas mal afamadas, signal que provocava o desprezo dos que passavam, o que a gente do povo não deixava de fazer, quando encontrava alguma mulher de má vida.

Apezar de tudo, se a moralidade publica, graças á cavallaria, fazia progressos diarios em todas as classes da sociedade, e se diffundia até ás mais infimas, a prostituição dos seus antros infamados continuava deshonestando a linguagem usual e as poesias dos romanceiros. Estes poetas da lingua *d'oil* não eram como os trovadores, cavalleiros ou escudeiros, creados nas Côrtes d'amor e desde cedo educados pelas lições da galanteria.

Os romanceiros, geralmente de origem popular, conservavam nas suas obras a macula original, e applicavam a composições de grande estro, de grande amenidade e malicia, a crua e grosseira linguagem apprendida com seus paes; chamavam a todas as cousas pelo seu nome e com preferencia empregavam a expressão mais popular, e que sempre era a mais pittoresca. Os seus primeiros ouvintes eram sempre os villões, e se este publico tinha grande competencia no que era jovial e burlesco, não era em demasia rigoroso para as obscenidades das descripções e das palavras.

E não pára aqui tudo. Os romanceiros que abandonavam o arado para fazer romances e canções abraçavam uma vida vagabunda e desordenada, e todos se faziam libertinos vivendo com os histriões que com razão passavam por serem os homens mais depravados. Estes histriões compunham ordinariamente versos que cantavam ou recitavam mais ou menos intelligentemente, acompanhando-os de pantomimas, danças e gestos. E' certo que algumas vezes o actor era conjunctamente o romanceiro e o histrião, mas isto só acontecia excepcionalmente, pois que os romanceiros não eram tão desprezados como os histriões.

Com effeito estes ultimos mereciam bem o desprezo com que por todos eram tratados. Dados a todos os vicios, e especialmente aos mais infames, nenhuma lei social reconheciam e vagabundeavam de povo para povo, de castello para castello, arrastando atraz de si grande multidão de mulheres faceis e de crianças: tinham pois escola de prostituição. Não eram todavia ricos; muitas vezes eram encontrados semi-nús, como os descreve um poeta do seculo

XIII, *sans surcot et sans cotelle*, com os sapatos rôtos e cobertos de tombas. Estes miseraveis tinham sido todos educados e creados nas *Côrtes dos Milagres*, segundo é de crer: os seus costumes e linguagem d'isso tinham sempre vestigios, e eram elles os que percorrendo o paiz, corrompiam a lingua e os costumes.

Ao principio, appareceram nas reuniões honestas, nos festins de gala, nas festas cavalleirescas, e ahi recitavam canções de gestas, as epopeias phantasticas da Tavola Redonda e de Carlos Magno; então excitavam o enthusiasmo do auditorio, composto de senhores e damas, que se não cançavam de ouvir recitar feitos de armas e de amor. Appareciam, no emtanto, dessiminadas por aquelles velhos romances scenas bastante livres e termos licenciosos, mas a intenção do poeta era sempre correcta e o histrião nada accrescentava á indecencia do quadro. Então eram elles generosamente pagos: davam-se-lhes vestidos novos, e sustento para elles, para seus auxiliares e animaes, pois que ensinavam tambem macacos, cães e passaros habilidosos em diversos exercicios: dava-se-lhes pousada no castello e quando, com os alforges bem recheados, partiam, eram convidados a voltar.

Mas este paraizo no reinado de S. Luiz transformou-se n'um inferno: os romanceiros ainda faziam canções de gesta de doze a vinte mil versos; mas os histriões já não as decoravam e tão pouco as recitavam: notavel transformação se havia feito no gosto: já se não desejava ouvir á meza os feitos maravilhosos do rei Arthur, ou Arturo, e do imperador Carlos Magno; preferia-se meditar estes assumptos no retiro dos gabinetes. Os histriões de boa vontade se prestaram a este capricho da moda determinado pela influencia das cruzadas: aligeiraram pois o seu reportorio, e só contavam contos amorosos e devotos. Os romanceiros, pelo menos aquelles que se inspiravam na consciencia popular, corresponderam ao favor com que eram recebidos os seus contos, e inventaram um grande numero d'elles mais alegres uns que os outros, que se divulgaram ao som da *rote*, por toda a parte onde o riso honesto ainda tinha ecco.

Mas o abuso não tardou muito a fazer condemnar este genero de diversões: os romanceiros excediam os limites da decencia nas suas composições, e os histriões ainda mais exaggeravam a obscenidade: uns e outros foram considerados como instrumentos do demonio e se lhes imputou, com justiça talvez, um novo desenvolvimento na prostituição.

O piedoso Luiz IX protegia todavia a musica, por isso que depois de comer e antes de dar graças recebia os tangedores que diante d'elle tocavam; mas esta benevolencia referia-se unicamente á musica e não á lettra, pois que, segundo um texto antigo, adoptado em muitas edições de Joinville, expulsou do seu reino a todos os charlatães, «os quaes no seu povo muitas sensualidades introduziam». Estas sensualidades não desagradavam comtudo a certos nobres, que apezar das castas lições da cavallaria mostravam-se apaixonados partidarios da *gaia sciencia*, e nunca fechavam a porta aos mais libertinos histriões: mas em geral os pobres tangedores eram como os leprosos afugentados dos castellos, e os seus instrumentos, annunciando a sua presença á beira dos fossos d'uma residencia senhorial, obtinham o mesmo resultado que os cães ladrando á lua.

Segundo um apologo satyrico, escripto em latim por aquella época (*Fabliaux* de Legran d'Aussy, t. IV, pag. 357), Deus ao crear o mundo, n'elle collocou tres especies de homens: os nobres, os clerigos e os villões. Aos primeiros deu as terras, aos segundos os dizimos e as esmolas, e aos terceiros o trabalho e a miseria; mas feita assim a divisão, os tangedores e ribaldos reclamaram perante Deus para que lhes fosse fixada a sua sorte e lhes fosse dada alguma cousa com que viver.

«O Senhor, diz o auctor do Apologo, ordenou aos nobres que alimentassem os tangedores, e aos sacerdotes que soccorressem os ribaldos. Estes obedeceram a Deus e por isso se poderão salvar; mas aquelles, os nobres que em nenhuma conta tem tido as ordens de Deus, não devem esperar salvação.»

Os histriões, não sendo já recebidos nos castellos, completamente esqueceram os cantares de gestas e a poesia honesta; tinham encontrado um publico mais facil de contentar-se, menos escrupuloso sobre a natureza dos seus prazeres; batiam á porta do popular e do mercador, e ao sentar-se nas tabernas e na casa dos bons plebeus que os recebiam com jubilo, tinham a certeza de fazer escancaradamente rir o auditorio com os seus contos licenciosos, que contavam depois de ter bebido.

Estes contos, preciosos monumentos da imaginação e jovialidade dos nossos antepassados, formam uma notavel collecção, sómente publicada em parte por Barbazan e traduzida por Legrand de Aussy. D'este rico reportorio, Boccacio, Ariosto, La Fontaine e outros muitos poetas extrahiram assumptos e ideias comicas a que só nova fórma deram.

«A collecção dos romances, diz Emilio de Bedollière, abunda em invenções chistosas e em traços de communicativa jovialidade, mas tambem ás vezes contém repugnantes obscenidades: as mais sujas palavras da lingua franceza são alli prodigamente empregadas; as funcções mais vulgares do corpo humano são assumpto para grosseiras chocarrices; as partes mais secretas do corpo são alli descriptas com termos que fariam córar as prostitutas de hoje.»

E em appoio d'esta apreciação geral dos romances do seculo XIII e XIV, o notavel auctor da Historia dos costumes e da vida particular dos francezes cita alguns titulos escolhidos na edição de Barbazan; mas que nós omittiremos por decencia.

Para ter uma ideia d'esta litteratura é preciso ler os contos mais livres de La Fontaine que se deleitava na leitura dos romanceiros, mas, nem mesmo assim serão comprehendidas as monstruosas liberdades d'aquelles poetas, que tinham o seu Parnaso n'um bordel, se se não compararem as suas obras com as de Grevourt, Piron e Robbé, desavergonhados romanceiros do seculo XVIII.

«E' evidente (diz ainda Bedollière, t. III da obra citada, pagina 341), que os nossos antepassados pronunciavam, sem espanto nem pudor palavras que nós proscrevemos; mas ainda assim, não eram alheios á delicadeza, e os contos escandalosos inspiravam justa repugnancia ás pessoas honestas.»

Com effeito, no *Jeu de Robin et Marion*, comedia lyrica representada no seculo XIII, e cujo auctor, Adam de Hale, era um dos romanceiros mais estimados do seu tempo, um dos personagens da peça, chamado Gauthier, sob pre-

texto de recitar uma sirventa, diz uma sordida poesia. Robin interrompe-o, censurando-o:—«Basta, basta, Gauthier, não quero ouvir essa canção!»

Os tocadores ambulantes tinham concorrido para a propagação da linguagem obscena, recitando e cantando as poesias dos trovadores, e estes cuja reputação litteraria recommendava como modelo na arte de versificar e de bem dizer, exerciam uma funesta influencia, tanto na linguagem escripta, como na linguagem fallada: pois que qualquer que em prosa ou verso escrevia, com este exemplo se auctorisava para usar das palavras mais indecentes, e para descrever as imagens mais impudicas.

Os trovadores nas composições de genero mais elevado não se corrigiam do mau costume de misturar com a linguagem poetica a linguagem dos bordeis e tabernas.

O auctor do celebre romance *Partenoplex de Blois* faz uma descripção em côres tão vivas e indecentes, que nos limitamos a dar a seguinte amostra: «Abriu-lhe as pernas, e quando n'ellas introduziu as suas, roubou-lhe a flôr da virgindade.»

O auctor do romance de Garin não põe na bocca dos seus personagens linguagem mais decente.

Ás vezes o trovador tratava de um assumpto serio, sem por isso mudar de vocabulario. Nos *Milagres de Nossa Senhora,* o poeta traductor, a quem o assumpto edificante não havia purificado, comprazia-se em descrever os episodios de uma noite de noivado, em que graças á immaculada Virgem o noivo desempenhou um bem triste papel, contando-se alli em termos desbragados as infructiferas tentativas do pobre esposo para consummar o matrimonio n'aquella noite.

Os poetas e escriptores que não tinham *bocca na côrte,* isto é, que não comiam á meza dos reis ou dos principes, não sabiam bem distinguir entre a linguagem honesta e a deshonesta: ignoravam o valor real das palavras e nem sequer suspeitavam que a lingua tivesse diversos termos, cada qual apropriado ao seu assumpto. O sentimento da delicadeza litteraria tão pouco lhes fazia prevêr que, passando d'um assumpto profano para um assumpto sagrado, deviam mudar de linguagem.

Um d'estes escriptores foi encarregado, para uso de um principe de França, de verter em francez a santa Biblia. O traductor fez o seu trabalho com toda a consciencia de que era capaz, e não teve escrupulo de introduzir na sua versão litteral um grande numero de palavras, que embora empregadas por Moysés em hebreu, não podiam ser admittidas nas Santas Escripturas transplantadas para o francez.

Todavia, esta traducção foi copiada por um scriba em pergaminho, ornada de miniaturas e formosamente encadernada. Assim chegou ás mãos dos reis de França que, por espaço de muitas gerações, leram a Biblia n'aquelle bello manuscripto, sem se escandalisarem por em cada pagina encontrarem coisas semelhantes ás seguintes, que Paulin Paris transcreve no seu excellente *Catalogue des manuscrits français de la Bibliothéque du Roi:*

«E n'aquelle tempo disse Deus a Abrahão: todos os vossos varões serão circumcisados e circumcisareis a carne da vossa p..., em signal da alliança

entre mim e vós. Então Abrahão tomou seu filho Ismael e todos os varões de sua casa e circumcisou a carne das suas p... *(Et autres foys dist Dieu à Abraham: Chacun masle de vous sera circumsis et vous circumsirez la char de votre v..., que ce soit en signe de lien entre may et vous. Lors mena Abraham Ismael son fils et tous les frankes mesmes de la maison et tous les males et tous les louvriers de sa maison et il circumsisa la char de leur v...» — Cap. 17, versic. 10 e 23.)*

«Nosso Senhor certamente se lembrou de Rachel, e abriu-lhe a sua..., que concebeu, e pariu um filho. *(Notre Seigneur á de certes se remembra de Rachel et overi son c..., laquelle conceust et enfanta un fils.»—Cap. 39-22.)*

«Irritaram-se pela desfloração de sua irmã e responderam: Abusaram de nossa irmã como d'uma p...—*Ils se courroucèrent pur le despucelage de leur sorour... et ils respondirent: Dussent-il avoir usé nostre sorour pour putage. —Cap. 34, 13 e 31).*

Esta Biblia franceza conserva-se, sob o numero 6701, entre os manuscriptos da Bibliotheca Nacional, e só causa admiração que, em vez de ser destinada ao uso dos Reis Christianissimos, não tivesse sido traduzida para uso dos bordeis de Glatigny, de Tyron e Brisemiche.

De resto, os moralistas e prégadores que se dirigiam ao povo e lhe fallavam na sua linguagem não eram mais circumspectos na escolha dos termos que levantavam da lama para misturar com as cousas santas. S. Bernardo julgava ainda prégar em latim, quando n'um dos seus sermões energicamente dizia: *Vieille femme, menant pute vie de corps, est putain.*

Outro prégador do mesmo tempo tomou para texto do seu discurso estas palavras do Propheta-rei: *Laus mea sordet eo quod sit in ore meo,* que interpretou com toda a energia do seguinte modo: *O meu louvor não é mais do que trampa e porcaria.*

A linguagem da prostituição tudo invadiu, até a propria Egreja, que teve a prudencia de prohibir aos fieis a leitura dos livros santos, indignamente traduzidos para estylo vulgar.

CAPITULO XVIII

SUMMARIO

Costumes publicos e particulares desde o seculo XI.—João Flora, bispo de Orleans.—O Golias da prostituição.—Excentricidades licenciosas do duque de Aquitania.—As cruzadas e os cruzados.—As trezentas mulheres francas.—As concubinas da hoste do rei.—A rectaguarda dos exercitos em campanha.—As mil prostitutas do capitão Garnier.—Joanna d'Arc, em Sancerre.—Ordenação d'esta heroina contra as ribaldas da milicia.—Como a cavallaria comprehendia a hospitalidade.—Decadencia dos costumes cavalheirescos.—Abominações do reinado de Carlos VI.—Anna Piedeleu.—Indulgencia de Ambrosio de Lore, preboste de Paris, para com as prostitutas.



INCONTESTAVEL que a cavallaria soube reprimir os excessos da prostituição, sem que lograsse extirpal-a dos costumes publicos.

A partir do seculo XII, notou-se um movimento favoravel nos costumes publicos e particulares, apezar da acção sempre corruptora da poesia popular, que finalmente devia acabar por substituir a poesia heroica; sem duvida ha ainda uma grande dissolução de costumes entre os nobres e o povo; mas ainda assim os primeiros já não dão o exemplo da mais abominavel perversidade. Embora os costumes do Oriente se tivessem introduzido nos costumes dos cruzados, o peccado contra a natureza já não era tão frequente, como na côrte da Normandia em 1120.

Segundo Guilherme de Nangis, um prelado já não ousa apresentar descaradamente as suas torpezas, como o fez aquelle bispo d'Orleans, chamado João, que em 1092 pelos seus mancebos *(concubii)* se fazia appellidar Flora, e que ouvia os infames adolescentes dados á libertinagem, que cantavam de noite pelas esquinas as canções impudicas, compostas em honra sua: *Quidam enim sui concubii,* diz o venerando Ives de Chartres, n'uma carta dirigida ao papa Urbano II, *appelleant eum* FLORAM, *multas rhythmicas cantilenas de eo composuerunt, quæ fœdis adolescentibus, sicut nostris miseriam terre illius, per urbes Franciæ, in plateis et compitis, cantitantur.*

Estes escriptores satyricos não perdôam, é certo, aos vicios da sua épocha, accusam a avareza, o orgulho, a crueldade e a gula dos seus senhores; mas não lhes póde ser censurado, como aos historiadores do seculo XI, o viverem nos antros da sensualidade *(impudicitatis barathrum.)* Odorico Vital afflictivamente exclamava, que a licenciosidade já não conhecia limites, e que já se não seguiam os exemplos dos heroes, mas sim os passos da mais desenfreada prostituição: não se cançava de amaldiçoar os iniquidades do seu tempo *(sevitia*

iniqui temporis, diz, no livro III da sua chronica;) todavia, no meio das espantosas licenciosidades do seculo XI, a Egreja activamente trabalhava na reforma das ordens monasticas, e a cavallaria, cuja instituição se attribue a um velho ermita, descido d'um throno (tradicção symbolica, provavelmente,) começava a regenerar a nobreza, corrigindo-lhe os seus maus costumes.

Só á salutar influencia da cavallaria se póde attribuir a conversão do maior peccador que o seculo XI produziu. Entre tantos *filhos do diabo,* como então eram chamados, Guilherme, nono do nome, duque da Aquitania e conde de Poitiers, foi, para nos servirmos de uma figura biblica, o Golias da prostituição, qualificado por Emilio de la Bedolière como o *Desavergonhado do undecimo seculo.* E segundo o juizo d'um trovador contemporaneo *(Choix de poésies orig. des Troubadours,* t. v, pag. 115*)* o maior libertino e seductor de mulheres, cuja fama percorreu o mundo. *(Si fo uns dels maiors trichadors de dompnas et anet lonc temps per lo mon per enganar las donnas).* Todos os processos eram bons para elle, comtanto que lhe facilitassem as suas conquistas amorosas: não desdenhava as suas humildes vassallas, e tinha especial tendencia para as religiosas, a quem ia seduzir nos proprios conventos.

Já mencionamos o seu projecto de bordel, feito pelo modelo das abbadias, e destinado a receber uma communidade de mulheres publicas, sob a direcção das mulheres mais desavergonhadas do Poitou. Não se sabe a causa porque, depois de estar construido o edificio, não se pôz em practica o seu projecto. Enamorou-se da bella condessa de Chatellerault, chamada Malborgiana, e vivia com ella em concubinato, tendo abandonado a mulher legitima.

Mandou pintar no seu escudo o retrato da sua amante, dizendo que a queria levar aos combates, como ella o levava para o leito *(dictitans se illam velle ferre in prælio, sicut illa portabat eum in triclinio).*

Guilherme de Malmesbury, que conta na sua chronica as excentricidades licenciosas do duque da Aquitania, deixa perceber que este grande libertino, embora amasse a condessa com grande paixão, não lhe era todavia fiel.

Uma noite de sabbado d'Alleluia estava o duque n'uma egreja, onde se prégava a respeito da resurreição de Jesus-Christo.

—Que fabula! Que mentira! exclamou elle, desatando ás gargalhadas.

—Se é essa a vossa opinião, disse-lhe com vivacidade o prégador, para que permaneceis aqui?

—Vim aqui, respondeu o impio, para vêr as galantes raparigas que assistem á festa.

Uma outra vez, estando enfermo, e como o frade que lhe assistia á cabeceira o julgasse em perigo de vida, dizendo-lhe:

—Irmão meu, preparae-vos para uma santa morte:

—O que tu querias, respondeu-lhe o moribundo, era que eu deixasse os meus bens aos parasitas, isto é a vossês; mas juro-te que não vos deixarei nem um obulo. Pelo que respeita á minha libertinagem, nem me arrependo nem me emendarei, se d'esta escapo; pois que homens mais sabedores do que tu me teem affirmado que as mulheres são um bem commum, e que entregar-se qualquer ás suas caricias é apenas um peccado venial.

Comtudo não morreu na impenitencia final, porque influenciado pelas regras da cavallaria, repentinamente passou do culto da materia á contemplação espiritual, da incredulidade á fé, do escandalo da sua vida immunda, ás practicas edificantes do ascetismo. Com effeito, tendo-se feito soldado de Christo, expiou os seus peccados com exemplar arrependimento. Já então era velho e não podia continuar com os seus amores, como no tempo da juventude, ainda que se soccorresse das excitações ficticias, que o charlatanismo medico offerecia aos velhos libertinos, e cujas receitas foram compiladas pelo douto Arnaldo de Villeneuve sob o titulo: *Ad virgam erigendam.*

Guilherme de Aquitania nos seus bons tempos levou muito longe as suas investigações sensuaes, e a fama honra-o com algumas receitas eroticas de sua invenção, que tambem se encontram nas obras de Arnaldo de Villeneuve, que por pudor as traduziu em latim: *Ut desiderium et dulcedo in coitu augmententur. — Ut mulier habeat dulcedinem in coitu.*

As cruzadas foram o mais bello monumento da cavallaria, e todavia não póde negar-se que aquella prodigiosa multidão de homens de todas as edades, de todas as classes e paizes, alentaram no seu seio os germens corruptores da prostituição. O abbade Fleury, fallando d'aquelles exercitos innumeraveis, que cahiam sobre o Oriente, diz com razão que eram peiores que os exercitos ordinarios:

«Imperavam n'esses exercitos todos os vicios; os que os perigrinos haviam trazido dos seus respectivos paizes, e os que haviam adquirido nos paizes estrangeiros.»

Já mencionamos, sob a auctoridade de Joinville, que na primeira cruzada de S. Luiz os barões tinham os bordeis em volta da tenda real. Maior devia ter sido o escandalo nas cruzadas precedentes, principalmente na primeira, que revolveu a Europa antes de transformar o Oriente.

«Os cruzados, diz Alberto de Aix, portaram-se como gente grosseira, insensata e indomavel, emquanto o amor carnal n'elles abafou a chamma do amor divino. Traziam comsigo um grande numero de mulheres vestidas de homem, e na sua companhia viajavam sem distincção de sexo, entregando-se á sensualidade, [1] (*Hist. des Gaules,* t. XIX, pag. 684).

Alberto d'Aix accrescenta alguns pormenores que nos permittem advinhar outros mais escandalosos:

«Os perigrinos não se abstiveram das reuniões illicitas, nem dos prazeres da carne; incessantemente se entregavam a todos os excessos da meza, divertindo-se com mulheres casadas e solteiras, que só abandonavam para com outras se entregarem ás mesmas loucuras e vaidades.»

Para explicar as vaidades a que o chronista se refere, é preciso lembrarmo-nos dos innumeros vagabundos e fanaticos que violavam as virgens, des-

---

[1] O auctor do livro *De Gesta Urbani II* limita-se a mencionar o facto: *Innumerabiles feminas secum habere non timuerant, quae naturalem habitum in virilem nefarie mutaverunt, cum quibus fornicaverunt.*

honrando a hospitalidade que se lhes dava na Hungria. *(Puellis eripiebatur, violentia ablata, virginitas: deshonestabantur conjugio.)* Não foi sem causa que a mão de Deus se estendeu sobre aquelles miseraveis, «que haviam peccado na sua presença, revolvendo-se no lôdo dos prazeres carnaes.» Nem a terça parte d'aquelles bandidos chegaram á Palestina.

As Côrtes dos Milagres e os logares da prostituição tinham dado largo contingente ao exercito dos cruzados. Era n'este exercito que os ribaldos, os *pichini,* os truões e os vagabundos, formavam phalanges terriveis, augmentadas com as mulheres perdidas, que iam em companhia dos seus amantes resgatar a Cruz!

Mas além d'isso todos os exercitos da Edade-Média eram sempre seguidos de um grande numero de gente de ribaldia, que acompanhava a bagagem e a saqueava em caso de derrota. Os soldados não podiam passar sem este cortejo embaraçoso e incommodo, servindo-se das mulheres para recreio, e dos homens para os ajudarem n'algumas fadigas e principalmente para aniquilarem a região por onde passavam.

Os cruzados não renunciaram aos costumes guerreiros, ao dedicarem-se á conquista do Santo Sepulchro, e quando as mulheres lhes faltaram na Palestina, onde a religião mahometana se oppunha a todo o contacto illicito com os christãos, mandaram vir da Europa um reforço de prostitutas, que tambem a seu modo concorreram para o triumpho geral das cruzadas.

Um historiador arabe, Ben-ad-Eddin, conta, que durante o cerco de S. João d'Arce, em 1189, «trezentas mulheres francas, recolhidas nas ilhas, chegaram n'um barco para consolação dos soldados francos, a quem inteirameute se entregaram, pois que estes soldados não entram em combate se de mulheres os privam.»

O mesmo historiador, citado por Hammer na sua *Historia do imperio Ottomano,* accrescenta que o exemplo dos francos foi contagioso para os inimigos, que tambem quizeram mulheres para o seu exercito, onde nunca haviam sido toleradas. Aquella multidão de mulheres acompanhou sempre a retaguarda dos exercitos francezes, até aos fins do seculo XVI. Geoffroy, monge de Vigeois, calcula em mil e quinhentas o numero das concubinas que seguiam as hostes do rei em 1180, e os adornos para estas reaes cortezãs *(meretrices regiæ)* custaram sommas enormes *(quarum ornamenta inestimabili thesauro comparata sunt).* Este chronista sem duvida allude ás mulheres directamente dependentes do rei dos ribaldos, as quaes não exerciam a sua vil industria sem pagarem um tanto a este empregado palaciano.

Emquanto ás ribaldas livres e não auctorisadas, o seu numero devia ser vinte vezes maior, principalmente nos exercitos irregulares, como os das cruzadas, e como aquellas *Grandes Companhias,* que se punham a soldo d'aquelle que melhor lhes lhes pagava e maior saque lhes promettia.

O monge de Vigeois enumera as differentes especies de soldados *(sodoyers)* que nos fins do seculo XII, como prágas de gafanhotos, assolavam as regiões por onde passavam: *Primo Basculi; post modum Theuthonici; Flandrenses; et, ut rusticè loquar, Brabanços, Hannuyers, Asperes, Pailler, Nadar,*

Turlan, Vales, Roma, Cotarel, Catalan, Aragonés, quorum dentes et arma omnem Aquitaniam croroserunt. Cada um d'estes corpos de milicia devastadora levava atraz de si um grande numero de prostitutas, que incessantemente augmentavam, e que tomavam parte no saque das cidades conquistadas pelo fogo e pelo sangue.

Por toda a parte, na historia militar da França e das demais nações da Europa, se encontra essa influencia das mulheres libertinas, nos exercitos em campanha: a rectaguarda compunha-se sempre d'essas mulheres e dos seus companheiros, ribaldos e truões, para quem, segundo uma expressão já consagrada, nada era fatigante nem pesado quando se tratava do saque. Esta rectaguarda incommoda era ordinariamente tão numerosa como o resto do exercito. Na Chronica de Modena, escripta por João de Bazans (V. a grande collecção de Muratori, t. XVI, pag. 600) lê-se que um capitão allemão chamado Garnier, que á frente de trez mil e quinhentas lanças invadiu o territorio de Modena, de Regio e de Mantua. em principios do anno de 1342, levava na rectaguarda das suas tropas mil prostitutas, mancebos e ribaldos *(mille meretrices, regalii et ribaldi.)*

Os caudilhós da guerra, por mais honestos que fossem, nada podiam contra esta prostituição; teriam visto sublevar as suas tropas e abandonar uma bandeira que não protegia as mulheres destinadas ao passatempo do soldado.

Só Joanna d'Arc, que tinha um grande horror pelas mulheres deshonestas, embora os inglezes lhe chamassem *Putain des Armignats* (*Hist. de França*, por Michelet, t, v, pag. 75), conseguiu tirar da sua missão divina bastante auctoridade para expulsar do exercito do rei todas aquellas impudicas ribaldas. Primeiro que tudo, ordenou que os soldados se confessassem «e fez-lhes abandonar as suas mulheres,» diz o auctor anonymo das Memorias concernentes a esta casta heroina.

«E' de saber, diz João Chartrier, na sua historia de Carlos VII, que depois da batalha de Patoisy, a dita Joanna mandou apregoar que homem algum do seu exercito tivesse em sua companhia mulher infame ou concubina.»

Todavia foi mais forte o costume que esta ordem, e algumas d'aquellas mulheres, que se viam appoiadas pelos amantes, affrontavam as ordens da donzella. Esta, n'uma revista que Carlos VII fez em Sancerre, antes de partir de Rennes, viu «muitas mulheres libertinas, que impediam alguns soldados de cumprir os deveres do serviço,» e desembainhando a sua espada de Fierbois, correu para aquellas miseraveis, ferindo-as por tal fórma que a lamina se despedaçou.

Carlos sentiu muito este acontecimento, e disse á heroina que melhor fôra ter pegado n'um pau. para não ter perdido assim a espada que possuia por milagre.

A donzella comprehendeu que a presença de uma mulher prejudicava a disciplina do exercito, e para não excitar a sensualidade nos seus companheiros de armas vestiu-se de homem. «Parece-me, dizia, que d'esta fórma conservarei melhor a minha virgindade de corpo e alma.» Com effeito a sua virgindade nenhuma offensa recebeu, apesar de «muitos grandes senhores quere-

rem saber se seriam admittidos na sua companhia carnal; mas quando a viam tão *galhardamente vestida*, todos os maus desejos lhes passavam.

A ordenação de Joanna d'Arc contra as ribaldas da milicia não lhe sobreviveu, sendo apenas um parenthese de honestidade na vida dos homens de guerra, que não se separaram das suas mulheres. E' possivel que aquella multidão de mulheres dissolutas, aggregadas ao serviço permanente de um exercito, tivesse ás vezes influencia favoravel nas consequencias ordinarias da tomada de uma cidade, porque o soldado, tendo a sua amada entre as mulheres publicas do exercito, mostrava-se menos propenso ao ultrage e violação das prisioneiras.

Seja como fôr, o numero das mulheres communs, filiadas, para assim dizer, sob a bandeira de um cabo de guerra, diminuia ou augmentava, conforme o bom ou mau exito da expedição. N'aquelle tempo em que o saque era condição inevitavel da guerra estas mulheres, apoderavam-se da melhor parte da presa.

Quanto mais provido e melhor pago era um exercito, tanto mais affluia de toda a parte a prostituição. Assim, o exercito que Carlos, o Temerario, duque de Borgonha, levou ao paiz dos suissos, em 1476, estava amplamente provido de pessoal feminino, e depois da derrota de Granson, os vencedores encontraram no campo do duque, refere Filippe de Commines «grande multidão de serventes, mercadores e prostitutas;» mas os suissos ligaram pequena importancia a esta especie de prisioneiros, e pelo que respeita ás prostitutas, soltaram-nas, e deixaram-nas vaguear á vontade pelos campos, julgando que tal mercadoria não traria grande proveito para os seus concidadãos.

Apezar d'esta indifferença para com as cortezãs flamengas e borgonhezas, os suissos não tinham sob as suas bandeiras vida mais austera que o seu inimigo; pois que, em tempo de paz, mantinha-se nas povoações á custa do estado um certo numero de mulheres publicas, que em tempo de guerra se incorporavam nas companhias de cada cantão. (*Rec. d'édits et d'ordon. roy.* por (Neron e Girard, 1720, tit. I, pag. 643.)

Voltemos á cavallaria, que nem sempre dava exemplos de castidade e continencia. Os cavalleiros que entretinham amores platonicos com as damas e donzellas de alta gerarchia, sem d'ellas obterem mais do que favores honestos, ás vezes um beijo, indemnisavam-se d'estas privações com as creadas e camponezas.

Fornecer de mulher o leito de um cavalleiro que pedia asylo n'um castello, era um uso de hospitalidade. L. de Santa Pelaya, a proposito d'este uso cortez, cita uma passagem muito curiosa de um romance, em que um dama que deu hospitalidade a um cavalleiro, não se quiz deitar sem lhe mandar uma companheira de cama.

A castellã tambem não era muito escrupulosa: talvez a leitura da *Arte do amor*, composta pelo trovador Guiart, o poeta das immoraes lições galantes, tivesse affeiçoado esta dama a similhante genero de prazeres. E' de crêr que nem em todos os castellos houvesse similhantes costumes. Um poeta do seculo XIII tranquillisa-nos a este respeito, e pelo modo como ataca a prostitui-

ção nas cidades, deduzimos que havia uma grande superioridade moral nos costumes e habitos da cavallaria d'esse tempo.

As leis municipaes pozeram um freio á prostituição, como já dissemos, e a nobreza geralmente corrigida pela cavallaria, distinguiu-se do povo por costumes mais regulares e pelo menos mais honestos na apparencia. Mas o povo por sua vez se corrigiu, emquanto que a cavallaria entrava em decadencia, e os nobres se entregavam a todos os excessos, que até então tinham evitado: gabavam-se, todavia, de serem tão bons cavalleiros como os seus antecessores. Esta decadencia dos costumes cavalheirescos começou sob o reinado de Carlos VI.

«Melhor tempo foi o antigo», diz E. Deschamps, um poeta d'este reinado, lamentando-se, e são muito justas as suas queixas em presença das orgias da côrte, em que Carlos VI e seu irmão, o duque d'Orleans, que se jactava de manter a verdadeira cavallaria, tinham esquecido, como parece, os seus virtuosos preceitos. Os torneios celebrados em 1389 em Saint-Denis em honra do rei de Sicilia e de seu irmão, que foram armados cavalleiros, acabaram n'uma horrivel saturnal, de que foi theatro a abbadia. O religioso de S. Dyonisio, na sua chronica de Carlos VI, julgou não deixar passar em silencio as desordens da quarta noite.

«Os senhores, diz elle, fazendo da noite dia e entregando-se a todos os excessos da meza, chegaram pela embriaguez a taes desordens, que sem respeito pela presença do rei, muitos d'elles mancharam a santidade da casa religiosa e entregaram-se á libertinagem e ao adulterio *(ad inconcessam venerem et adulteria nefanda prolapsi sunt)*.

As casas religiosas n'aquella época tinham costumes tão relaxados como a côrte do rei e dos principes; a Egreja tinha cahido no mesmo grau de decadencia que a cavallaria, e a sociedade inteira parecia caminhar para a dissolução. Não queremos penetrar nos conventos senão para levantar o véu que cobria os vicios dos frades e freiras. A prostituição tinha-se apoderado da casa do Senhor, como da casa dos grandes da terra. Os prégadores n'aquelle tempo repetiam com frequencia estas palavras do Anjo do Apocalypse:

«Vinde, mostrar-vos-hei a condemnação da opulenta prostituta que está sentada sobre as grandes aguas, com a qual se corromperam os reis da terra, e que embriagou com o vinho da prostituição os habitantes do orbe.»

Com effeito, nada póde expressar bem as abominações do reinado de Carlos VI, em que o clero, a nobreza e o povo competiam em torpeza e preversão. Como seria a vida da côrte, quando a vida do claustro era tão deploravel como nol-a descreve Nicolau de Clemenges, arcediago de Bayeux, no seu tratado *De corrupto statu ecclesiæ?*

«A proposito das virgens consagradas ao Senhor, diz este philosopho christão, seria preciso expôr todas as infamias dos logares da prostituição, todas as manhas e desavergonhamentos das cortezãs, todas as obras execraveis da fornicação e do incesto; senão, diz-me, que são hoje em dia (em 1400) os mosteiros de mulheres, senão sanctuarios consagrados, não ao culto do verdadeiro Deus, mas ao de Venus? senão impuros receptaculos, onde a juven-

tude desenfreada se entrega a todas as desordens da luxuria? O mesmo é vestir o veu a uma joven que expôl-a publicamente n'um logar de abominação.»

Nicolau de Clemenges leva até á hyperbole a critica dos costumes monasticos, mas a desmoralisação dos ecclesiasticos era muito escandalosa, e não podia dizer-se se era a Egreja quem desmoralisava a cavallaria, se a cavallaria quem desmoralisava a Egreja. Dulaure, cujo testemunho é geralmente suspeito, appoia-se em auctoridades respeitaveis para esboçar este quadro dos costumes clericaes e cavalheirescos:

«Os prelados e sacerdotes subalternos andavam ordinariamente vestidos com trajo secular, cingiam espada, entravam nos torneios, frequentavam as tabernas, mantinham concubinas. Os sacerdotes e os curas occupavam-se em empregos judiciaes, emprestavam dinheiro a juros e entregavam-se aos excessos da meza e da sensualidade. N'algumas dioceses, os grandes vigarios obtinham licença para commetter adulterio por espaço de um anno; n'outras, podia comprar-se o direito de fornicar impunemente por toda a vida: o comprador d'este privilegio impudico não tinha mais que pagar certa quantidade de vinho annualmente, e este encargo tornava-se vitalicio, ainda que a edade inhabilitasse o privilegiado de fazer uso da sua extranha licença.»

Nas decretaes dos papas, encontra-se a auctorisação d'estes abusos: o canone *De dilectissimis* exhorta os christãos á pratica d'este axioma: Tudo é commum entre amigos; até as mulheres, accrescenta. Para obter licença de commetter o peccado infame durante os mezes caniculares, houve quem tivesse a audacia de recorrer com instancia ao papa Xixto IV. Sua santidade despachou n'este sentido, palavras textuaes: *Como se pede*. (*Hist. de França,* pelo abbade Villy, tit. v, pag. 40 e seguintes.)

E' verdadeiramente notavel que as ordenações reaes e municipaes contra a prostituição nunca fossem tão frequentes nem tão severas como durante aquelle periodo de desmoralisação. Com as mulheres publicas não se tinha piedade, quando a decencia e o pudor pareciam desterrados dos costumes, quando só estavam em moda os vestidos dissolutos, apezar dos edictos sumptuarios.

Havia resuscitado a moda dos sapatos de polaina, e d'aquelles adornos obscenos que os enfeitavam no seculo XII, segundo Odorico Vital, mas agora mais lubricamente caracterisados.

Verdade é que as mulheres não ousaram adoptar os accessorios de semelhante calçado, mas em troca usavam vestidos abertos, ou arregaçados que deixavam ver a perna quasi toda núa. Emquanto ao seio traziam-n'o descoberto até ao mamillo. O auctor do *Chastoiement des dames,* Roberto de Blois, censura estas modas impudicas, n'uns versos, cujo sentido é o seguinte:

«Nenhuma encobre o peito, para que se veja a alvura da carne. Algumas ha que deixam apparecer as costas e as pernas. O homem honesto não louva estes desafôros.»

As ceremonias da Egreja, sobretudo as procissões, participavam tambem d'esta indecencia de trajos, porque em muitas d'ellas tomavam parte homens e mulheres completomente nús.

A este respeito lê-se na *Historia de Paris,* de Dulaure:



Castigo de uma adultera no Berry, no seculo XV

«Entre os penitentes, uns levavam pedras atadas ás camisas; outros completamente nús eram flagellados, e outras vezes picados com alfinetes nas nadegas.»

N'esta passagem Dulaure não exaggera nem inventa, como o leitor póde facilmente vereficar no *Glossario* de Ducange e Carpentier, nas palavras: *Penitentiœ, processiones, villaniœ, lapides catenatos ferre, putagium, naticœ, etc,* Quer-nos parecer que os penitentes que seguiam as procissões em completa nudez e que se faziam picar com alfinetes, eram prostitutas, exactamente como as que levavam pedras atadas ás camisas, porque taes eram precisamente os castigos ordinarios, infligidos pela justiça secular ás mulheres de escandalo. Dulaure cita-nos um exempto notavel, extrahido por elle dos registros criminaes do parlamento de Paris:

Anna Piedeleu, mulher de maus costumes, tinha uma casa de prostituição na rua Saint-Martin, em contravenção das disposições das ordenanças prebostaes. O preboste d'essa épocha, o famoso Hugo Aubriot, fazia executar rigorosamente as leis, e tendo recebido uma queixa da visinhança, mandou os seus agentes a casa da Piedeleu, a quem tractaram com toda a indulgencia, por isso que se limitaram a fazel-a desalojar, sem que em seguida a prendessem. No emtanto a Piedeleu contava sem duvida com a protecção de algum alto personagem, capaz de fazer frente ao preboste, porque em seguida a esta violencia querellou do magistrado, accusando-o de muitos crimes e apresentando testemunhas d'elles, no intuito de o perder.

O parlamento, ouvidas as conclusões do advogado do rei, e evidenciada a falsidade da accusação, condemnou em 1374 a Piedeleu a ser passeada completamente núa pelas ruas da cidade, levando na cabeça uma coròa de pergaminho com o distico de *Falsaria*. Foi assim arrastada ao pelourinho do mercado publico, e alli esteve duas horas exposta, indo em seguida para a prisão, d'onde apenas saiu, quando mais tarde foi condemnada a desterro perpetuo.

Os espectaculos d'este genero nas ruas da cidade deviam ser demasiado frequentes n'aquella épocha, e o povo assistia a elles com extraordinario prazer. Como as ribaldas e proxenetas assim expostas tiritassem de frio e tossissem muitas vezes, em consequencia dos rigores da estação e do seu estado de completa nudez, os espectadores, sobre tudo a parte mais juvenil e mais gaiata, costumavam então cantar uma canção obscena, adrede composta para estes casos. Pode lèr-se o estribilho indecente, que a terminava no *Journal du Bourgeois de Paris:*

Votre C. a la toux, commére,
Votre C. a la toux, la toux!...

A inicial C. facilmente será decifrada pelo leitor, curioso d'estes sarcasmos da musa popular.

Era natural que muitas d'aquellas desgraçadas respondessem ás canções impudicas e insultantes com injurias e pragas. Assim, quando a tosse epidemica invadiu a população de Paris, no inverno de 1413, os indemnes ou mesmo os que já estavam curados d'aquella tosse incommoda e cruel zombavam

dos doentes, dizendo-lhes entre varios outros chistes, mais ou menos graciosos e livres:

Votre C. a la toux, commère,
Votre C. a la toux, la toux!...

O estribilho n'este caso fazia allusão a toda a especie de males, á lepra, á sarna, á tosse, tantas vezes rogados nas suas imprecações aos crueis espectadores do seu supplicio, pelas desgraçadas expostas ao frio e aos insultos no barbaro pelourinho do mercado. Não havia compaixão para com estas peccadoras, como já dissémos, e as creanças era quem mais encarniçadamente as perseguia. A auctoridade julgava proceder de harmonia com o sentir unanime da sociedade, recusando-lhes toda a especie de indulgencia.

Houve, no emtanto, um preboste de Paris, que as tomou sob a sua protecção e lhes concedeu um appoio talvez exaggerado. Foi este magistrado Ambrozio de Loré, barão de Juilly, nomeado em 1436, e fallecido no exercicio do seu cargo em 1445. O povo de Paris não lhe perdoou haver favorecido a prostituição, deixando cahir em desuso os antigos regulamentos. Emquanto durou a sua administração, as prostitutas tiveram uma especie de liberdade, vestindo-se como queriam e habitando em todas as ruas, segundo bem lhes parecia. Ambrozio, no seu leito de morte, arrependeu-se de ter sido tão paternal para com as mulheres publicas, e quiz reparar as desordens que a sua lenidade havia introduzido na policia dos costumes.

«Uma semana antes da Ascensão, refere o *Bourgeois* de Paris, no seu *Diario,* foi lançado um pregão em todas as ruas da cidade, para que as ribaldas não usassem cintos de prata, nem colleirinhos voltados, e para que fossem viver nas bordeis, que lhes haviam sido destinados n'outro tempo.»

Esta tardia satisfacção dada á opinião publica não fez olvidar os escandalos que a haviam precedido, e quando Ambrozio morreu, poucos dias depois, o *Bourgeois* de Paris encarregou-se da oração funebre do alto funccionario, e declarou-o menos amante do bem publico, do que todos os seus predecessores nos quarenta annos mais chegados.

Accrescenta o mesmo papel que o preboste tinha uma das mais bellas e honestas mulheres do mundo, mas «era tão lubrico e dado aos prazeres venereos, que tinha trez ou quatro concubinas, e levava a sua fraqueza pelas mulheres devassas ao ponto de consentir as prostitutas por toda a parte, existindo no seu tempo em Paris um grande numero d'ellas, o que lhe grangeou entre o povo pessima reputação, por causa d'esta sua tolerancia para com as prostitutas e onzeneiras.»

Ambrozio de Loré, antes de ser preboste de Paris e de ser tão benevolo para com as mulheres publicas, fôra um dos mais valorosos cavalleiros das hostes de Carlos VII: no emtanto, os seus feitos de armas não o haviam tornado mais honesto, embora fosse contemporaneo de muitos cavalleiros de vida exemplar e bons costumes. Passára a sua mocidade na côrte de Carlos VI, onde a cavallaria consistia apenas em torneios e mascaradas; não pertencia áquella pleiade de cavalleiros castos e honestos, que, como o marechal de Boucicaut,

pensavam que «a luxuria é a coisa d'este mundo mais indigna de um valente homem de armas.»

O bom messire João Le-Maingre, diz a respeito de Boucicaut «que o marechal nunca inferiu aggravo á castidade, quando foi governador de Genova, cidade em que as occasiões de peccado o procuravam sem cessar; mas o fidalgo tem em si proprio as virtudes contrarias á sensualidade. Nunca pensou em divertir-se deshonestamente com as genovezas: era para ellas, como se fosse de pedra, embora as damas fossem muito galanteadoras e bem dispostas, e houvesse entre ellas algumas de rara formosura. Um dia em que sahiu a cavallo com a sua comitiva de officiaes pelas ruas de Genova, uma dama que estava penteando os abundantes e louros cabellos, chegou á janella para o ver passar. O marechal não fez caso, mas um dos seus officiaes não poude deixar de exclamar : «Oh! que bella mulher!» O marechal fingiu não o ter ouvido, mas como o official se voltasse de novo para ver a dama, disse-lhe com um olhar glacial que seguisse o seu caminho, sem dar occasião a escandalo e sem se importar com aquella mulher».

O biographo, que escreveu os feitos de Boucicaut, accrescenta estas palavras: «Assim, o marechal está limpo do vicio carnal, e é da mais perfeita e completa continencia.»

Boucicaut havia sido educado na côrte de Carlos v, que punha a castidade acima de todas as virtudes, segundo diz o seu biographo Christino de Pisan;—e esta virtude era por elle severamente guardada nos pensamentos, nas palavras, e nas obras. Carlos v, tão severo para comsigo n'este ponto, não o era menos para com seus servidores, os quaes desejava que fossem castos, «nos vestidos, nas palavras, nas obras, e em tudo.» Quando sabia que alguem da sua côrte tinha deshonrado uma mulher, embora fosse seu favorito, despedia-o severamente da sua presença, e para sempre do seu serviço.

No emtanto, não lhe faltava caridade christã para com os peccadores, e *tendo em consideração a fragilidade humana,* jámais consentiu que um marido condemnasse sua mulher a penitencia perpetua por crime de adulterio, tolerando apenas que a conservasse encerrada em casa, quando fosse muito leviana, para não causar vergonhas á familia.

Prohibia severamente que se introduzissem livros deshonestos na côrte da rainha e dos principes. Disseram-lhe um dia que um fidalgo da côrte havia instruido o delphim em certo jogo deshonesto. O rei despediu immediatamente o fidalgo, prohibindo-lhe formalmente que se apresentasse de novo na presença da rainha e de seus filhos.

Christino de Pisan, que refere estas particularidades no *Livro dos feitos e bons costumes do defunto rei Carlos,* diz-nos ainda que o soberano não admittia á sua mesa os que proferiam palavras desbragadas, e que considerava as representações theatraes como predisposição para a luxuria. Accrescenta que o monarcha repetia frequentemente o texto da epistola de S. Paulo aos Corinthios :—*As más palavras corrompem os bons costumes.*

O reinado de Carlos vi e parte do de Carlos vii foram manchados por todos os vicios e crimes, que o rei Carlos v tanto procurara extirpar do seu, e

a prostituição que este excellente monarcha soube severamente reprimir com o seu exemplo, não conheceu depois do seu tempo nem barreiras nem limites.

Para se fazer ideia do grau de preversidade a que haviam chegado alguns nobres, que se entregavam a todas as aberrações da libertinagem, basta lêr-se nos archivos de Nantes o processo criminal de Gil de Retz, marechal de França, condemnado ao supplicio da fogueira em 1440.

Gil de Retz era um dos mais poderosos senhores da Bretanha. Havia servido valorosamente a Carlos VII na guerra contra os inglezes; combatera com Dunois e Lahire sob o estandarte de Joanna d'Arc, e era um homem de lettras. A leitura de Suetonio havia-o, porém, incitado a imitar as monstruosas desordens dos imperadores romanos. Apaixonou-se, como Tiberio e Nero, pelas sensualidades sanguinolentas, e o seu mais grato divertimento era corromper com abominaveis caricias umas infelizes creanças, que fazia roubar por toda a parte. Quando estas innocentes creaturas eram bonitas, servia-se d'ellas como instrumento de prazeres infames, ou degollava-as com as proprias mãos.

A superstição e a magia eram os auxiliares favoritos das suas abominações. Tinha uma capella magnifica onde havia chantres e conegos por elle sustentados, e mantinha do mesmo modo um collegio de magos e feiticeiros, com os quaes fazia invocações ao espirito das trevas.

Este homem execravel, que tantas analogias teve com outro preverso, que mais tarde apparecerá n'esta obra, o marquez de Sade, foi alfim accusado perante os tribunaes, preso conjunctamente com os principaes agentes das suas infamias, e julgado por um tribunal extraordinario, que para este caso nomeou seu primo, o duque da Bretanha. As averiguações judiciaes chegaram a provar os horrores da accusação. Nos subterraneos dos castellos de Chantocé, de la Suze, de Ingrande, etc., foram encontrados os ossos calcinados e as cinzas das creanças, que o marechal de Retz havia assassinado, depois de ter abusado da sua innocencia.

O proprio criminoso confessou tudo, e não podendo esperar indulgencia da parte da justiça humana, pediu perdão ao juiz supremo, ante o qual ia comparecer.

Os depoimentos dos cumplices de Gil de Retz iniciam-nos nas scenas verdadeiramente horriveis, de que era theatro o velho castello de Chantocé. Henriet, camareiro do marechal, declara «que Gil de Sille e um certo Pontou, haviam entregado muitas creanças ao dito senhor de Retz, com as quaes creanças elle marechal se enthusiasmava e cohabitava pelo ventre, tendo com isso o seu prazer e deleite; que nunca tinha copula com alguma das ditas creanças mais que uma vez ou duas, e que depois as degollava por sua propria mão, e algumas vezes Gil de Sillé, Henriet e Pontou as degollavam na camara do referido marechal, e que alli mesmo eram as creanças mortas, limpando-se o sangue, que caía sempre no mesmo sitio. As creanças eram depois queimadas na mesma camara e as cinzas deitadas fóra, e que o marechal sentia mais prazer em degolal-as, do que em ter copula com ellas.»

Interrogado novamente, Henriet completou estas primeiras revelações com os seguintes pormenores. Disse que «tinha ouvido dizer ao dito marechal de

Retz que se comprazia extraordinariamente em cortar a cabeça ás creanças depois de as haver gozado pelo ventre, segurando-lhes as pernas entre as suas. Que outras vezes se sentava sobre o ventre das creanças depois de lhes ter cortado a cabeça, e outras lhes fazia uma incizão no pescoço, por detraz, para que se esvaissem em sangue, pouco a pouco, e n'esse estado as gozava até morrerem, e ás vezes mesmo depois de mortas, emquanto estavam quentes. Dizia que ninguem no mundo podia saber ou fazer o que elle fazia. Havia occasiões, em que o mesmo marechal mandava esquartejar as creanças, gozando extraordinariamente em vêr espirrar o sangue.

«O mesmo marechal, depoz ainda Henriet, para evitar que as creanças gritassem na occasião em que pretendia gozal-as, pendurava-as pelo pescoço por meio de uma corda a tres pés de altura a um canto do quarto, e antes de morrerem, desprendia-as, obrigava-as a excitarem-lhe o membro com a mão, e em seguida refocillava-se bestialmente sobre o ventre d'ellas, degollando-as quando saciava a sua feroz bestialidade.»

Tão espantosas revelações foram confirmadas por Estevam Pontou, o favorito do marechal e um dos seus cumplices. Este miseravel não precisou de ser submettido á tortura para confessar os crimes de seu amo e os seus, accrescentando novos pormenores aos que Henriet havia declarado. O marechal de Retz dava dois ou tres escudos por cada creança que lhe levavam, e mandava-as encerrar secretamente n'um dos seus castellos. As creanças eram indifferentemente dos dois sexos, e as meninas gosava-as tambem por meio de incisões no ventre, confessando que se deleitava mais assim, do que se as gozasse pelo orgão sexual.

Gil de Retz, depois d'estas revelações, não teve remedio senão confessar os seus crimes.

Declarou que tinha muitas vezes gosado assim as creanças por ardor e deleite de luxuria, e que costumava mandal-as matar pelos seus confidentes, ou serrando-lhes o pescoço com uma serra, ou cortando-lhes a cabeça, ou quebrando-lhes o craneo ás pauladas, ou de qualquer outro modo. Que outras vezes as esquartejava elle proprio ou os seus cumplices, costumando tambem abril-as para lhes ver as entranhas, pendurando-as de um gancho de ferro para as estrangular. Que assim mesmo moribundas as gosava, e outras vezes tambem logo que morriam e emquanto os seus cadaveres estavam quentes, e que tinha um prazer extraordinario em vêr assim as bellas cabeças das creanças, e que terminava quasi sempre as suas mostruosidades por mandar queimar os cadaveres das suas victimas.

Perguntaram-lhe quando e como concebera a infernal ideia d'aquellas sensualidades diabolicas, e respondeu:

«Que havia começado aquelle genero de vida em Chantocé, no anno em que seu avô, o sire de Suze, morrera; e que ninguem a isso o incitára, pois que se havia dado áquellas sensualidades e infamias simplesmente para gosto e satisfação da sua grande luxuria.»

Ao ouvirem estas espantosas revelações, feitas com a maior tranquillidade, os juizes benziam-se de assombrados. O monstro foi condemnado com os

seus preversos cumplices: mas a condemnação não o anniquilou. Animou os seus cumplices a *fazerem uma boa morte,* para que podessem d'ahi a pouco vêr-se novamente na *grande alegria do paraiso.*

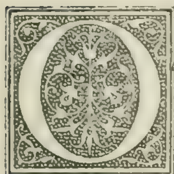
O marechal foi suppliciado a 26 de outubro de 1440 junto da ponte de Nantes. Estrangularam-no sobre a fogueira, e entregaram o corpo á familia. Houve então muitas damas illustres que se apressaram a receber aquelle cadaver manchado, o encerraram n'uma urna, e o levaram solemnemente á egreja dos Carmelitas, onde foi enterrado, deixando nos espectadores do supplicio a recordação do seu arrependimento e do seu fim christão.

———

CAPITULO XIX

SUMMARIO

Apparecimento das molestias venereas em França.—Origem da syphilis, *gallico* ou *mal francez*.—Espantosos progressos d'esta affecção venerea em fins do seculo XV, e seu curso atravez da Edade Media.—A elephantiasis e outras degenerações da lepra.—A mentagra e as herpes.—A *lues inguinaria*.—Peregrinação aos logares santos.—A egreja de *Notre Dame* em Paris.—O fogo sagrado.—Vicio dos normandos.—O mal dos ardentes.—Seus horriveis estragos.—O mal de Saint-Main e o fogo de Santo Antonio.—Invocações a S. Marcello e a Santa Genoveva.—A syphilis do seculo XV.—Os leprosos e as gafarias.—Policia sanitaria a respeito dos leprosos.—Caracteres geraes da lepra.



APPARECIMENTO, ou para melhor dizer, o desenvolvimento das molestias venereas, tanto em França como em toda a Europa, mudou de certo modo a face da prostituição legal, e esteve mesmo a ponto de produzir o seu definitivo exterminio. Em presença das terriveis enfermidades que vinham atacar nos orgãos da vida a sociedade inteira, os homens mais illustrados e mais exemptos de preoccupações, tiveram de reconhecer que a libertinagem publica era a causa unica de tão cruel flagello, ao passo que os espiritos meticulosos e credulos o consideravam como um castigo do ceu, fulminado contra a incontinencia, e applicado precisamente á fonte de todos os prazeres impuros.

Foi então e só então que os magistrados se arrependeram amargamente de terem auctorisado e organisado o exercicio do peccado, que tão fataes consequencias produzira, e o primeiro remedio que oppozeram á invasão d'esta nova e terrivel peste foi a suspensão dos regulamentos de tolerancia, em virtude dos quaes havia em cada cidade um foco permanente de infecção morbosa.

No emtanto, bem depressa se julgou inutil estorvar o curso regular da prostituição, quando se reconheceu que o mal não provinha unicamente dos estabelecimentos tolerados. Adoptaram-se, é verdade, medidas de policia sanitaria que ainda até então não haviam sido prescriptas, e a vida dissoluta das mulheres publicas ficou submettida á inspecção da medicina. Foi um progresso notavel no regimen da tolerancia pornographica, e desde aquella época a administração municipal teve de occupar-se muito a serio da saude publica em todas as questões, que até esse tempo apenas tinham interessado á moral e á ordem social.

Temos de tractar n'este capitulo da origem da syphilis, visto que as cir-

cumstancias fizeram que lhe fosse dado o nome de *mal francez*, ou *gallico*, logo que esta horrivel enfermidade explosiu na Europa, e visto que este nome se refere tambem aos acontecimentos que acompanharam o seu apparecimento em França. Seja-nos, licito, porém, antes de mais nada, desenvolver uma these que já adduzimos e sustentámos sobre a antiguidade das affecções venereas.

E' certo que estas affecções, assim como todas as epidemias e contagios, soffreram numerosas metamorphoses, especialmente nos seus symptomas, em razão da variedade de condições locaes, atmosphericas e naturaes que precediam o seu apparecimento. Ninguem ousa negar que esta horrivel praga, que a sciencia ha perto de quatro seculos tem sempre considerado como um assombroso Proteu, tivesse antes de 1493, ou 1496, os espantosos caracteres e sobretudo o virus propagador, que se observaram pela primeira vez n'aquella épocha, em que os casos de excepção passaram a ser casos geraes. Não obstante, o mal venereo existia, exactamente o mesmo desde a mais remota antiguidade, como já demonstrámos, e nunca teria assustado mais que outra qualquer enfermidade chronica, se uma reunião de circumstancias imprevistas e inapreciaveis não lhe houvessem communicado subitamente os meios de se propagar e aggravar com uma especie de furor.

Já provámos, appoiados na auctoridade de Celso, de Areteu e dos mais illustres medicos gregos e romanos, que a verdadeira syphilis, apesar de tão desarrazoadamente a quererem dar como contemporanea do descobrimento da America, não tardou em succeder em Roma á lepra e ás outras enfermidades cutaneas, importadas da Asia e da Africa juntamente com os despojos dos povos conquistados. Não seria difficil fazer comprehender, remontando áquellas primicias morbidas, que a espantosa libertinagem romana havia acalentado em seu seio os germens de todas as affecções venereas, e que da sua impura fusão deviam necessariamente resultar males desconhecidos, que voltavam sem cessar á sua origem, corrompendo-a cada vez mais. Insistimos, todavia, em julgar que a transmissão do virus não era tão rapida nem tão frequente, como veio a ser, seculos depois, nos tempos modernos, e é além d'isso muito provavel que os antigos, assim como possuiam mais de quinhentas especies de collyrios para as doenças dos olhos, tivessem não menor quantidade de receitas para as enfermidades dos orgãos sexuaes.

Passemos agora a seguir atravez da Edade-Media o curso do mal venereo, sob differentes nomes, até chegarmos á sua ultima transformação com o nome de syphilis, ou *grosse vérole*.

Esta enfermidade obscena existiu sempre no estado chronico em individuos isolados, reproduzindo-se por contagio com uma grande variedade de accidentes, resultantes do temperamento dos enfermos e de uma multidão de circumstancias locaes, que seria impossivel enumerar ou caracterisar. No emtanto, o germen da enfermidade provinha sempre de um commercio impuro, e não se desenvolvia por si proprio, sem causa preexistente de infecção, no exercicio moderado das relações sexuaes. A prostituição era o foco mais activo d'esta lepra libidinosa, que se propagava mais ou menos violentamente, segundo o paiz, a estação, ou o proprio temperamento do individuo. Como apenas os libertinos

soíam approximar-se da fonte impura, o mal ficava assim circumscripto n'esta gente de vida desregrada, que não tinha contacto algum com as pessoas honestas. Havia épochas, porém, em que por um conjuncto de factos physiologicos, a enfermidade se exacerbava e sahia dos seus limites ordinarios, associando-se a outras enfermidades epidemicas ou contagiosas, multiplicando-se com peiores symptomas, e ameaçando contagiar a população inteira, dizimando desde logo uma grande parte d'ella. Depois de ter feito estes estragos, manifestos ou occultos, detinha de repente a sua marcha destruidora. Era a medicina que se oppunha aos progressos occultos do flagello? Não, era a religião, que se apressava a impôr penitencias publicas, a religião, mais efficaz contra a molestia do que a medicina, que affastava os perigos do contagio, fazendo guerra sem treguas ao peccado da luxuria, sua causa immediata. A privação absoluta dos prazeres sensuaes durante um lapso de tempo bastante consideravel, era n'estes casos o remedio salutar applicado pelo clero contra o desenvolvimento da obscena enfermidade.

N'estes periodos criticos da salubridade publica, a prostituição legal desapparecia completamente. Fechavam-se os bordeis, as mulheres publicas eram obrigadas a interromperem o seu perigoso trafico, sob a ameaça de penas arbitrarias, e a policia municipal dictava ordens tão severas sobre este assumpto, que desde o principio do contagio, no seculo XVI, a auctoridade expulsava ou prendia todas as mulheres suspeitas, e as detinha em carceres, até que a epidemia deixava de fazer estragos.

Devemos lembrar aqui que o clima da Gallia era extremamente favoravel ás enfermidades epidemicas e a todas as affecções cutaneas. Pantanos immensos e bosques impenetraveis mantinham em todo o territorio uma humidade putrida e malefica, que os calores do estio saturavam de miasmas deleterios e venenosos. A terra, em vez de estar desinfectada pelo cultivo, exhalava sem cessar emanações morbidas. Os alimentos e o modo de vida dos seus habitantes não eram tambem muito conformes com os preceitos da hygiene. Dormiam no chão sobre pelles de animaes, sem outro abrigo contra as intemperies além de tendas de pelles, ou de miseraveis cabanas de colmo; comiam pouco pão, muita carne e muito peixe, creavam grandes rebanhos de porcos negros, que se apascentavam nas immediações dos bosques druidicos. Não é para admirar, portanto, que a elephantiasis e as outras ramificações da lepra se tivessem perfeitamente acclimado nas Gallias no segundo seculo da era moderna.

O sabio Areteu, que, segundo todas as probabilidades, escreveu no tempo de Trajano o seu tratado *De curatione elephantiasis*, diz que os celtas ou gaulezes possuiam uma grande quantidade de remedios contra esta espantosa enfermidade, e que empregavam contra ella sobretudo umas pequenas bolas de nitro, com as quaes esfregavam o corpo no banho.

Marcello Empirico, que exercia a medicina em Bordeus, em tempo do imperador Graciano, refere que o medico Sorano emprehendeu a difficil empreza de curar, sómente na provincia da Aquitania, duzentas pessoas atacadas de herpas sordidas, que se espalhavam por todo o corpo.

Já provamos que o mal venereo não era mais do que uma especie de lepra, contrahida com o habito das relações sexuaes: explicámos tambem de que modo as abominaveis aberrações dos sentidos produziram, em casos excepcionaes, o desenvolvimento das forças do virus, levando-o a orgãos do corpo, menos proprios para o receber; applicámos, finalmente, ás origens da elephantiasis as hypotheses, que mais adiante veremos formular aos medicos do seculo XV, por occasião do apparecimento do mal de Napoles, enfermidade em que muitos homens de sciencia quizeram reconhecer os monstruosos effeitos das desordens da sensualidade anti-physica.

Foi durante o seculo XVI que o mal venereo percorreu a França com os caracteres apparentes de uma epidemia, e com o nome de *lues inquinaria*, ou *inguinaria*. Segundo a primeira denominação, este mal era uma impureza, talvez uma gonorrhea, como a que se descreve na Biblia (*Levitico*, cap. XV); pela segunda era uma inflammação dos ganglios, onde se formava uma ulcera maligna, que produzia a morte depois de soffrimentos verdadeiramente horriveis. Gregorio de Tours indica frequentemente esta enfermidade. Ruinart, na sua edição da obra d'este historiador, explica que a ulcera inguinal matava o enfermo como uma serpente: *Lues inguinaria sic dicebatur, quod nascente in inguine, vel in axilla, ulcera in modum serpentis interficeret.*

O *Glossario* de Ducange, na edição dos Benedictinos, traz os dois nomes d'esta *pestilencia*, que appareceu pela vez primeira em 546, e que d'ahi em diante veio flagellar por varias vezes as povoações dadas aos vergonhosos excessos da libertinagem contra a natureza. Os doutos editores, porém, não se occuparam de facilitar a interpretação d'estes dois nomes attribuidos á mesma enfermidade, pela comparação luminosa das passagens em que os chronistas contemporaneos fallaram d'ella. A origem infame d'esta enfermidade parecenos sufficientemente indicada no proprio horror que ella inspirava, e que não consistia apenas no terror da morte, por isso que os individuos por ella accommettidos pareciam castigados pela mão de Deus, por causa das suas impurezas. A inflammação purulenta dos orgãos sexuaes, os bubões, ou tumores das virilhas, o fluxo de sangue dos intestinos, os abcessos gangrenosos dos musculos, dizem o sufficiente a respeito da natureza d'este contagio obsceno.

Reappareceu com outros symptomas em 934, depois da invasão dos normandos, que talvez não fossem extranhos a esta recrudescencia do contagio. Flodoardo, no entanto, abstem-se de qualquer conjectura impudica a este respeito:

«Em redor de Paris, em diversos logares dos seus suburbios, diz elle na sua *Chronica*, havia muitos homens verdadeiramente afflictos por causa de um fogo, que se lhes manifestava em varias partes do corpo, e que os ia consummindo até que a morte vinha findar o seu martyrio. Alguns d'elles, os que se recolhiam a um logar santo, escapavam aos seus tormentos, e a maior parte foram curados em Paris na egreja da Santa Mãe de Deus, Maria, de tal modo que se affirma que todos os que para alli conseguiram transportar-se foram curados do seu mal, e o duque Hugo lhes dava com que viver. Houve alguns, que ao voltarem a suas casas, sentiram-se novamente incendiados pelo fogo que

na casa de Deus se havia extinguido, e voltando á egreja, ficaram novamente livres do seu flagello.»

Sauval, que nos fornece esta singela traducção, accrescenta que «como os remedios não serviam de nada, houve de recorrer-se á protecção da virgem na egreja de Notre-Dame, que por essa época servia de hospital.»

Effectivamente encontra-se no *Grande Pastoral* d'esta egreja, no anno de 1248, um documento capitular relativo ás seis lampadas que, noite e dia, allumiavam o sitio em que jaziam os desgraçados enfermos d'esta cruel epidemia, que se chamava *fogo sagrado*. Diz o texto: *Ubi infirmi et morbo, qui ignis sacer vocatur, in ecclesia laborantes consueverunt reponi.*

«A maior parte dos auctores que fallaram d'esta horrivel enfermidade, diz o sabio compilador do *Memorial portatil de chronologia* (t. II, pag. 839), estão de accordo em attribuir-lhe os mesmos symptomas e os mesmos effeitos. Invadia subitamente os individuos, queimava as entranhas, ou qualquer outra parte do corpo, que cahia aos pedaços, e debaixo da pelle livida ia consummindo as carnes e esphacelando os ossos. O que este mal tinha de mais extranho, era que obrava sem calor, e penetrava as suas victimas de um frio glacial, mas isto era apenas nos primeiros dias; em seguida a este frio mortal succedia um ardor tão vivo na região accommettida, que os doentes sentiam todos os symptomas de um cancro.»

Os progressos do *fogo sagrado* apenas foram detidos pelos sabios conselhos da Egreja, que se exforçava por curar os enfermos a quem havia primeiramente absolvido. O vicio dos normandos, porém, tinha-se inveterado nas provincias por elles invadidas. No anno de 994 reappareceu o *mal dos ardentes* com as causas criminosas que pela primeira vez o haviam produzido, e este mal transmittido pela mais sordida libertinagem passou logo da França á Allemanha e á Italia.

O seculo decimo foi extremamente propicio a todas as especies de calamidades que podem affligir o genero humano. Acreditava-se que o anno mil traria o fim do mundo, e n'esta triste previsão os preversos que se julgavam destinados ao inferno passavam o resto dos seus dias entregues desenfreadamente aos vicios habituaes. Chuvas continuas, grandes innundações e frios excessivos vieram em auxilio das epidemias despovoar a terra. Os campos por falta de cultivo transformavam-se em pantanos cujas emanações pestilentes infectavam a atmosphera. Os peixes morriam nos rios e os animaes nos bosques, e todas estas corrupções produziam necessariamente um grande numero de enfermidades.

O *mal dos ardentes* appareceu de novo em toda a França. O rei Hugo Capeto foi uma das victimas da epidemia, por causa da sollicitude com que visitava continuamente os enfermos. Era infallivel a morte dos atacados, quando a doença se enraizava n'aquelles organismos enfraquecidos. A horrivel epidemia contra a qual a sciencia houve de confessar-se impotente, por isso que o vicio lhe disputava passo a passo o terreno, recebeu o nome de *mal sagrado*, por causa da sua origem maldita, e «porque, segundo diz o livro da *Excellencia de Santa Genoveva*, n'isto da formação dos nomes casos ha em que a palavra

vem a significar exactamente o contrario da ideia que se tem em vista». E com referencia ao *mal sagrado: Morbus igneus, quem physici sacrum ignem appellant ea nominum institutione, qua nomen unius contrarii alterius significationem sortitur.*

A opinião vulgar, sem poder explicar a natureza d'este mal, attribuiu a apparição d'elle a castigo do ceu, e a cura á intercessão da Virgem e dos santos. Com o andar dos tempos talvez os proprios padres da Egreja lhe tirassem o nome de *mal sagrado*, para, no intuito de lhe imprimir um sello infame e vergonhoso, lhe chamarem *mal dos ardentes*. Pouco depois, o povo chamava-lhe tambem *mal de Saint-Main* e *mal de Santo Antonio*, porque estes dois bemaventurados tinham fama de haver curado grande numero de enfermos.

O papa Urbano II, informado dos milagres devidos á intercessão de Santo Antonio, e que estavam sendo attestados por tantos enfermos, fundou sob a invocação do glorioso santo uma ordem religiosa, cujos membros deviam unicamente tractar das victimas do mal dos ardentes.

A proposito do estabelecimento d'esta ordem religiosa, não devemos deixar de mencionar uma circumstancia interessante. E' sabido que o porco está sujeito á lepra, e que a carne d'este animal comida com excesso a póde produzir tambem: pois n'aquelle tempo começou o porco a ser considerado como o animal symbolico de Santo Antonio. Uma praga conservada ainda no vocabulario das ultimas camadas populares no tempo de Rabelais, que a consigna nos seus escriptos, dispensar-nos-ha de provar que o *fogo de Santo Antonio* tinha uma origem infame. A ralé do povo e Rabelais diziam ainda no seculo XVI: *Que le feu Saint Antoine vous arde le boyau culier!* — Imprecação sordida, que se encontra tantas vezes nas obras d'este escriptor.

Houve ainda muitas recrudescencias memoraveis d'esta impureza nos annos de 1043 e 1089. A ultima foi a de 1130, no reinado de Luiz VI. A este respeito diz Dubreul:

«Uma extranha enfermidade lavrou pela cidade de Paris e logares circumvisinhos, á qual o vulgo chamava *fogo sagrado*, ou *mal dos ardentes*, por causa da violencia interior d'este contagio, que queimava as entranhas do doente no excesso de um ardor continuo, cuja causa os medicos desconheciam, não podendo por isso dar-lhe remedio.»

Não teve Santo Antonio o privilegio exclusivo das invocações, preces e offerendas dos enfermos pela cura do terrivel contagio. Santa Genoveva, a padroeira de Paris, e São Marcello collaboraram, segundo parece, para fazerem cessar a peste. Desde esta épocha, a capella da Santa em Paris foi transformada em egreja com o titulo de *Santa Genoveva dos Ardentes*, que conservou por muito tempo, mesmo depois do flagello ficar apenas reduzido a alguns casos isolados. Notaremos, no emtanto, que os primeiros atacados da syphilis no seculo XV seguiram naturalmente o caminho d'esta antiga egreja procurando n'ella os milagres referidos pela tradição. Assim, os novos devotos de Santa Genoveva confessavam-se herdeiros directos do *mal dos ardentes*, e pela mesma lei hereditaria, os outros santos, como Santo Antonio, S. Magin e S. Job, invocados desde tempos immemoriaes na cura das enfermidades leprosas e sar-

nosas, conservaram as suas attribuições a respeito da enfermidade venerea propriamente dita, que não era nova para elles.

A partir, porém, do seculo XII até á apparição do *mal de Napoles*, todas as enfermidades vergonhosas, nascidas de commercio impudico ou aggravadas por esse commercio, estavam absorvidas pela medonha hydra da lepra, que se alastrava por toda a parte, multiplicando-se sob as fórmas as mais extravagantes. A lepra do seculo XII, tivesse ou não origem venerea, devia principalmente á prostituição os progressos assustadores que teve n'aquella épocha, e que todos os governos trataram de atalhar por meio de medidas analogas de policia e salubridade. Não receiamos affirmar que o desleixo ou suppressão de similhantes medidas produziu a syphilis do seculo XV.

Do silencio dos annaes medicos por espaço de meio seculo não devemos inferir que a lepra havia desapparecido da Europa até ao seculo XI, em que a vemos lavrar novamente com grande intensidade. A historia da vida privada na Edade-Media, seria um monumento irrecusavel da existencia inimterrupta da *elephantiasis*, se os escriptores ecclesiasticos não ministrassem abundantes dados que vêem confirmar este facto. Os cartorios das egrejas, conventos e mosteiros fazem repetida menção dos leprosos. Gregorio de Tours diz que elles tinham em Paris uma especie de asylo em que limpavam o corpo e curavam as chagas. O papa S. Gregorio falla de um leproso, a quem o mal havia desfigurado: *quem densis vulneribus morbus elephantinus defœdaverat*. N'outro logar diz tambem que dois frades contrahiram a cruel enfermidade, a qual a tal ponto os corrompeu, que os membros lhes cahiam de podridão. No seculo VIII, Nicolau, abbade de Corbia, mandou construir uma enfermaria para leprosos, o que prova que não era pequeno o numero d'elles. A lei de Rothario, rei dos lombardos, datada do anno de 630, é a base de todas as leis sobre este assumpto.

Por toda a parte o leproso era separado do seio da sociedade, que o considerava como morto, e se a miseria o obrigava a viver de esmolas, não ousava approximar-se de ninguem, e annunciava a sua presença com o som de uma matraca.

Apesar d'estas precauções legislativas, os leprosos conseguiam por vezes occultar a horrivel enfermidade e contrahiam matrimonio com pessoas sãs. D'aqui a capitular de Pepino para a prompta e immediata dissolução d'estes casamentos. Tem a data de 737.

Outra capitular de Carlos Magno em 789 prohibe aos leprosos, sob penas severisssimas, o frequentarem a companhia das pessoas sãs.

Comprehende-se que as relações sexuaes deviam ser o mais perigoso auxiliar do contagio, que não se propagava extraordinariamente, graças ao horror geral que inspirava a enfermidade e sobre tudo á intervenção preventiva da policia municipal.

Como já tivemos occasião de observar, a influencia ecclesiastica era a que maior acção exercia sobre os costumes. A penitencia era ás vezes uma especie de regimen hygienico, e a confissão substituia as consultas medicas. O sacerdote occupava-se da saude physica e moral dos fieis, e não os mantinha geralmente fallando no bom caminho da vida honesta, senão com o temor dos ma-

les horriveis que Deus mandava como castigo e como sello da sua divina, coleraaos libertinos e infames.

E' uma cousa perfeitamente averiguada que as epidemias coincidiam sempre com os tempos de maior corrupção social, e que as desordens dos costumes publicos traziam comsigo as da economia sanitaria. As classes morigeradas viam-se com espanto accommettidas dos males impuros, que deviam ser endemicos entre a immensa multidão de vagabundos, mendigos, libertinos e prostitutas, tanto das que vagueavam pelos campos em cata de freguezes, como das que estanciavam nos bordeis mais infimos. N'esta grande massa de gente miseravel e perdida, era onde o virus venereo deixava a sua funesta peçonha, os seus symptomas mais caracteristicos e as suas mais horriveis metamorphoses. Caso extranho! Nunca um *physico*, ou medico, havia penetrado nos immundos albergues d'esta escoria humana para estudar as enfermidades espantosas que alli fermentavam, produzindo as variedades mais monstruosas, devorando-se umas ás outras!... Felizmente os miseraveis que se entregavam a esta vida de infamias e de opprobrios, ligados pela mais odiosa confraternidade, jámais se punham em contacto com a população sã e honesta, excepto em épochas de crises e perturbações sociaes, depois das quaes o rio impuro voltava ao leito immundo, deixando ao tempo, á religião e á policia o cuidado de apagar da sociedade bem morigerada as seus fataes vestigios.

Foi assim que a lepra se precipitou de subito sobre todo o corpo social, como uma torrente que despedaça os diques, e tel-o-hia completamente envenenado, se a prudencia e a energia dos poderes publicos não se apressassem a oppôr uma forte barreira á invasão do flagello. As cruzadas tinham por assim dizer revolvido todo o lodo da sociedade, e misturado na mais extranha confusão a nobreza com o povo. Os regulamentos policiaes nada puderam contra o choque tremendo d'esse exercito de peregrinos que iam ao Oriente morrer ou fazer fortuna. A prostituição mais sordida gangrenou aquellas hordas de gente indisciplinada. No regresso, depois das suas aventuras na Terra Santa, todos os cruzados vinham mais ou menos suspeitos de lepra. Leprosos verdes, uns; leprosos brancos, outros, quasi todos elles traziam comsigo o amargo fructo da prostituição oriental. E' permittido affirmar-se que n'aquella épocha a infecção venerea não era mais do que uma das fórmas da lepra.

Tornou-se mister então submetter os leprosos a uma rigorosa policia de sanidade, que tres seculos mais tarde foi preciso renovar contra o venereo, e que tinha por fim atalhar a marcha do flagello. Do mesmo modo que determinava o codigo de Rothario, o leproso ficava tido por morto desde o momento em que entrava na enfermaria, e segundo esta ficção legal faziam-se-lhe exorcismos e funeraes. O sacerdote lançava-lhe por tres vezes terra do cemiterio na cabeça, dizendo-lhe n'essa occasião estas lugubres palavras:

«Guarda-te de entrar n'outra casa que nãa seja o teu albergue. Quando fallares com alguem, colloca-te contra o vento. Quando pedires esmola toca a tua matraca. Nunca te affastes do teu albergue sem levares a libré de leproso. Não bebas agua em poço ou fonte em que outro beba. Não ponhas a mão nem um dedo sequer em sitios publicos, sem que tenhas luvas.»

Era-lhe igualmente prohibido andar descalço, passar em ruas estreitas, cuspir para o ar, encostar-se ás paredes, ás arvores ou a qualquer cousa que encontrasse no seu caminho, dormir á beira das estradas, etc., etc. Se morria, nem sequer tinha sepultura junto dos fieis defuntos: os seus companheiros de desgraça eram obrigados a enterral-o no cemiterio da enfermaria. Nunca mais podia, ainda mesmo que sarasse, entrar no convivio dos outros homens, ou viver no interior das cidades sob o regimen da vida commum.

Havia, no emtanto, muitos gráus na enfermidade, que não era absolutamente incuravel, nem se manifestava sempre por signaes apparentes: mas, como flagellava de preferencia as classes pobres, nem os medicos pensavam em cural-a, nem os doentes em tractar-se. Os desgraçados que se viam acommettidos, ou por nascimento ou por contagio, consideravam-se como victimas destinadas a morrer do flagello, entregavam-se a todos os estragos da enfermidade, que por falta de tratamento se exacerbava a ponto de destruir todos os orgãos vitaes.

A's vezes, o mal permanecia estacionario, e mesmo quando o principio morbido subsistia no individuo, os effeitos ficavam paralysados ou adormecidos em consequencia de uma boa constituição, ou de qualquer outra causa inapreciavel. O commercio com os leprosos evitou-se muito mais pelo horror que estes desgraçados causavam, do que pelo rigor da lei que os tinha separado dos sãos sob pena de morte.

Em compensação, porém, os leprosos communicavam livremente uns com os outros, tinham as suas mulheres, os seus filhos e o seu lar domestico. Não se julgavam extranhos a nenhum dos sentimentos que impellem o homem a reproduzir-se, e assim se ia perpetuando a sua raça no meio de uma população que fugia da sua vista e mais ainda do seu contacto. Eis o motivo porque a lepra ia passando de geração em geração, infestando já as pobres creanças no ventre materno.

O que valia era não se multiplicarem os leprosos, como era de esperar, porque o germen de morte que traziam comsigo dizimava-os sem cessar, depois de os haver convertido em cadaveres ambulantes. O filho de um leproso era ordinariamente mais leproso que o pae, e o mal assim transmittido tomava novas forças. A familia mais numerosa extinguia-se d'este modo no espaço de um seculo. Eis o motivo porque a lepra desappareceu quasi completamente com os leprosos ao cabo de alguns seculos, ainda que a maior parte d'elles fossem de temperamento muito ardente e extremamente aptos para se reproduzirem.

O caracter mais geral da lepra era uma erupção granulosa por todo o corpo, e especialmente na cara. Os granulos que sem cessar se renovavam distinguiam-se pela variedade das fórmas e côres: uns, duros e seccos, outros molles e purulentos, inteiros ou fendidos, brancos, roxos, amarellos ou verdes, todos elles repugnantes á vista e ao olfacto. Relativamente aos signaes uniformes da enfermidade, o celebre Guy de Chauliac enumera seis principaes, que Joubert define do seguinte modo na sua *Grande Cirurgia*, no capitulo que se inscreve *Ladrerie:*

«Redondez dos olhos e das orelhas, depilação e tuberosidade das sobrancelhas, dilatação externa do nariz com aperto interno das fossas nasaes, fealdade dos labios, voz gangosa, halito e cheiro de todo o corpo pestilente, olhar fixo e horrivel.»

Guy de Chauliac, que vivia no seculo XIV, poude observar muitos individuos acommettidos, o que não succedeu a Joubert, o qual escrevia sobre este assumpto em fins do seculo XIV, quando a lepra já não existia senão de nome.

Os signaes equivocos da lepra eram dezeseis:

«O primeiro é dureza e tuberosidade da carne, especialmente nas articulações e extremidades; o segundo, côr tenebrosa de morpheia; o terceiro, depilação e entumescencia das sobrancelhas; o quarto consumpção dos musculos; o quinto, insensibilidade, estupor e adormecimento das extremidades; o sexto, herpes e ulcerações no corpo: o setimo, granulos debaixo da lingua; oitavo, ardor e picadas como de alfinete no corpo: nono, aspereza da pelle exposta ao ar, que mostra o aspecto de uma ave depennada; decimo, quando a pelle se molha, parece untada; undecimo, ausencia quasi constante de febre; duodecimo, os doentes tornam-se astutos, mentirosos, colericos, provocadores; decimo terceiro, teem o somno profundo e pesado: decimo quarto, pulso debil; decimo quinto, sangue negro ou muito escuro, ás vezes côr de chumbo ou cinzento; decimo sexto, urina livida, branca, sólida e ás vezes cinzenta.»

Veremos mais adiante que estes symptomas são quasi identicos aos do mal venereo, que não foi senão um renascimento da lepra, sob a influencia das guerras de Italia.

A lepra tinha ainda muitos outros caracteres particulares, determinados pelas influencias locaes e climatericas. Por exemplo, o *mal dos ardentes*, que havia degenerado n'uma gonorrhêa virulenta, provinha ainda da copula com um leproso. N'esta doença, que chamavam *ardor, incendio, queimadura* (em inglez, *brenning,)* atacados os orgãos genitaes de erysipelas, ulcerações, flogosis, etc., etc., o enfermo sentia dores crueis quando urinava. Um illustre medico do seculo XIII, chamado Theodorico, diz textualmente que «todo aquelle que tem copula com mulher que tenha conhecido leproso, contrahe um *mal mau» (mauvais mal.)*

N'outro tractado de cirurgia, attribuido a Rogerio Bacon, que escrevia pela mesma épocha, encontra-se uma descripção dos males horriveis que podiam originar-se de uma cohabitação d'esta especie.

Muitos medicos inglezes contemporaneos estudaram esta especie de affecção venerea, que reinava em Londres nos seculos XIII e XIV, como teremos occasião de referir, quando fallarmos da Inglaterra. Um d'estes medicos, João de Gaddesden, consagra um capitulo da sua *Practica medicinæ, seu Rosa anglicana,* aos accidentes que resultam da cahabitação impura dos leprosos e leprosas:

«Quem cohabita com mulher que haja tido copula com leproso, sente picadas entre a pelle e a carne, e ás vezes essas picadas manifestam-se por todo o corpo.»

Os medicos inglezes fornecem-nos a respeito da lepra venerea maior nu-

mero de dados que os italianos e francezes, porque as leis contra os leprosos eram muito menos rigorosas na Inglaterra que nas outras nações; assim, os casos do contagio leproso foram alli mais communs e graves que nos demais paizes.

Graças ás medidas energicas e geraes adoptadas em toda a Europa, com excepção talvez da Inglaterra, para atalhar os progressos da lepra e das enfermidades que d'ella provinham, poude conservar-se indemne do contagio a maior parte da população. No tempo de Matheus Paris, que escreveu ahi por meiados do seculo XIII havia na Europa mais de dezenove gafarias, ou asylos de leprosos. Dois seculos mais tarde, as gafarias de França cahiam em ruinas, por falta de enfermos. Foi então que alguns parasitas se apoderaram d'ellas, valendo-se da suppressão dos titulos de fundação e dos contractos de aluguel, de modo que pela ordenança de 1543 Francisco I provocou quasi inutilmente a acquisição d'estes titulos, vendidos ou subtrahidos.

Resulta d'aqui que no decurso de dois ou tres seculos a grande lepra, ou *elephantiasis*, havia quasi desapparecido com os infelizes atacados, que não poderam perpetuar-se por mais de tres ou quatro gerações.

Quanto á pequena lepra e suas ramificações, apesar de se occultarem sempre sob apparencias menos inquietadoras, foram enfraquecendo nos seus symptomas externos, muito embora o germen da enfermidade se manifestasse vivaz n'um sangue que o houvesse recebido de nascimento ou por transmissão contagiosa.

A sociedade, que tinha repellido do seu seio os leprosos, viu-se novamente invadida por elles, ou por seus filhos, e a lepra perdendo alguns dos seus symptomas horriveis, continuou a minar surdamente a salubridade publica. Por meio da prostituição esta infame enfermidade introduziu-se novamente nas classes inferiores, e conseguiu insinuar-se até nas elevadas, graças ás suas secretas metamorphoses. Chegamos mesmo a crêr que o *mal de Napoles*, que não era mais do que uma resurreição da lepra, combinada com outros males, andou por muito tempo em silencio pelos antigos mysterios da libertinagem, antes de se apresentar á luz do dia em toda a Europa, sob o nome de mal *venereo*.

Já fallámos aqui do mal que havia infectado os lupanares de Londres, a tal ponto que foi preciso em 1430 fazer leis severas, prohibindo, sob pena de morte, dar entrada n'estes lupanares a mulheres atacadas d'este mal, e mandando vigiar de perto as que estivessem em mau estado. *Infirmitas nefanda*, é o nome com que as leis sanitarias designavam o contagio, segundo lêmos no tomo XXX das *Transacções Philosophicas*, de Guilherme Beckett.

Ouçamos agora o testemunho de alguns medicos, no sentido de provar que as enfermidades venereas não foram sómente contemporaneas do descobrimento da America:

Guilherme de Salicet, medico de Placencia no seculo XIII: — Na sua *Cirurgia*, cap. *De apostemate in inguinibus*, diz este homem de sciencia «que o bubão, ou abcesso dos ganglios se forma, *quando o homem tem uma corrupção no membro em consequencia de ter tido copula com uma mulher suja.*»

O mesmo clinico trata n'outro logar das pustulas brancas e vermelhas

do membro, das gretas que n'elle se produzem, ou em redor do prepucio, e que provêem, diz elle, expressamente «do commercio com mulher suja, ou com rameira». Lanfranc, famoso medico-cirurgião de Milão, que veio estabelecer-se em Paris em 1495, desenvolve a mesma doutrina sobre as enfermidades dos orgãos genitaes, no seu livro celebre e de grande auctoridade intitulado: *Practica, seu ars completa chirurgiæ:*

«As ulceras do membro, diz elle, são occasionadas por humores acres, que escoriam o sitio em que se detèem, ou tambem pela copula com mulher suja, que tenha conhecido recentemente um homem atacado da mesma enfermidade.»

Bernardo Gordon, medico muito celebre da faculdade de Montpellier, e que viveu depois de Lanfranc: — Este clinico professa as mesmas opiniões a respeito das enfermidades de que temos fallado, e no capitulo *De passionibus virgæ* da sua obra intitulada *Lilium medicinæ*, expressa-se nos seguintes termos:

«Taes enfermidades são numerosas. Ha os abcessos, as ulceras, os canceros, as inchações, a dôr, as comichões, etc. As causas são internas ou externas; externas, como por exemplo, uma queda, um golpe, a *conjuncção carnal com uma mulher com a madre impura,* cheia de pus, ou de virus, ou de ventosidades, ou de materias corrompidas. Mas, se a causa é interna, estas enfermidades produzem-se então por alguns humores corrompidos e malignos, que descem ao membro e ás partes inferiores.»

João Gaddesden, medico inglez da universidade de Oxford; Guy de Chauliac, da universidade de Montpellier; Valerio de Tarenta, da mesma universidade, e muitos outros doutores, que fizeram as suas observações em differentes paizes durante o seculo XVI, são unanimes em reconhecer que o commercio impuro produzia enfermidades virulentas, que eram contagiosas, e que deviam ser venereas.

Em todas estas enfermidades a lepra tinha uma acção muito importante antes e depois da apparição do *mal de Napoles.* Os clinicos que estudaram a lepra, e deram publicidade a estes estudos, são unanimes em declarar que se communicava muito mais pelas relações sexuaes do que por qualquer outro meio. Estas relações eram rarissimas entre as pessoas sãs e as leprosas, mas a imprudencia e a libertinagem produziam-nas ás vezes com grave damno da pessoa sã, que por seu turno ficava affectada da lepra.

Bernardo Gordon, já por nós anteriormente citado, refere que certa condessa atacada pela lepra foi a Montpellier, onde elle a tractou d'esta enfermidade. Um estudante de medicina, a quem o doutor collocára junto da enferma para tractar d'ella, teve a desgraça de a requestar e de merecer os seus favores. A condessa ficou gravida, mas o pobre do bacharel ficou leproso. *(Lilium medicinæ, parte I, cap. 22.)*

Muitos factos analogos se encontram nos escriptos de Forestus Paulonier, Paré e Fernel, que escreveram sobre a elephantiasis, seguindo o consenso unanime das escolas de medicina e cirurgia.

João Menardi de Ferrara resume nos seguintes termos a questão, em

principios do seculo XVI, sem dar conta de que confunde a lepra e as enfermidades venereas:

«Os que têem, diz elle nas suas *Epistolæ medicinales*, publicadas em 1525, commercio com uma mulher, que pouco antes se entregou nos braços de um leproso, de modo que conserve ainda o semen na vagina, apanham umas vezes a lepra, e outras vezes enfermidades differentes, mais ou menos graves, segundo as suas disposições.»

Em todas estas citações reproduzimos a versão que Luiz, traductor e annotador de Astruc, para não alterar o texto do sabio auctor do tractado *De morbis venereis* julgou dever adoptar no interesse do seu systema. Em todo o caso, estas mesmas citações parecem-nos muitas vezes contrarias ao referido systema. Examinando, por exemplo, esta passagem de Menardi, é impossivel não se reconhecerem as doenças venereas n'essas *differentes enfermidades, mais ou menos graves*, produzidas por uma copula inprudente com uma pessoa mais ou menos leprosa.

De resto, um commercio d'esta natureza que implicaria sem remissão a pena de morte para o leproso, tinha sido até julgado impossivel pelo legislador, que não o previu em parte alguma do direito criminal.

O direito consuetudinario regula tão sómente o que diz respeito ás gafarias. Segundo o uso de Boulenois, quando se descobria depois da morte de um homem que tinha sido leproso e que tinha vivido apesar d'isso na companhia dos sãos, estes deviam ser considerados como seus cumplices, e todas as rêzes de unha fendida, pertencentes aos habitantes da povoação em que o leproso vivera, eram confiscadas em proveito do senhor feudal. Cada parochia era d'este modo responsavel pelos seus leprosos, e tinha obrigação de os sustentar, depois de lhes haver vestido uma especie de libré, e de os ter encerrado em asylos, onde havia um leito, uma meza, e alguns utensilios de madeira e ferro. (*Traité de la police*, por Delamarre, tit, I, pag. 636.)

Os leprosos, que consideravam a sua enfermidade como uma morte antecipada, procuravam incessantemente voltar ao seio da sociedade, mas todas as suas tentativas eram repellidas com horror. Todas as vezes que a incuria da policia urbana permittia a estes desgraçados dissimular a sua triste condição, havia nas cidades um alvoroto indiscriptivel, que obrigava immediatamente os magistrados a restaurar em todo o seu rigor as antigas ordenações.

Em 1371, o preboste de Paris publicou o real decreto que lhe havia dirigido Carlos V, em virtude do qual todos os leprosos eram obrigados a abandonar a capital no praso de quinze dias, sob penas gravissimas, tanto corporaes, como pecuniarias.

Em 1388, a mesma auctoridade prohibiu aos leprosos a entrada na cidade de Paris, sem expressa licença por ella firmada.

Em 1394 e 1402 eguaes prohibições se fizeram «sob pena de serem entregues ao carrasco e seus ajudantes, para serem açoitados, e depois de um mez de prisão desterrados do reino.»

Não obstante estes rigores, as disposições da policia eram constantemente illudidas, por aquelle tempo, e a população sã ia perdendo o seu antigo hor-

ror pelos leprosos, que já viviam no meio d'ella, como se não estivessem atacados de um mal contagioso, e isto porque a lepra diminuia notavelmente, ou pelo menos os seus symptomas já não eram tão manifestos.

O parlamento de Pariz, em 11 de julho de 1453, promulgou uma sentença contra um leproso, que havia casado com uma mulher sã. Esta mulher em quem, segundo parece, a lepra não se havia ainda manifestado, foi separada do marido, e prohibiu-se-lhe, sob pena de pelourinho e desterro, communicar com elle. Consentiram-lhe, porém, que vivesse na cidade, com a condição de abandonar completamente a venda de fructas a que se entregava, pelo receio de que podesse communicar ao povo o contagio da lepra.

Esta sentença é muito significativa, por isso que prova que os regulamentos da lepra já eram mal observados no seculo XV, e ao mesmo tempo que os leprosos já podiam viver fóra das gafarias. As consequencias d'esta relaxação da antiga e salutar severidade deviam ser a reproducção da lepra e das enfermidades d'ella provenientes.

Effectivamente, poucos annos antes da terrivel irrupção do mal venereo em Italia e França, os leprosos tinham multiplicado e reaccendido o veneno da *elephantiasis*, e a saúde publica estava soffrendo uma invasão violenta d'este mal, por meio da prostituição, á qual os leprosos de ambos os sexos levaram o seu funesto concurso. Por uma ordenação do preboste de Paris, datada de 15 de abril de 1488, previnem-se «todas as pessoas atacadas do mal abominavel, perigosissimo e contagioso da lepra, de que têem de sahir de Paris antes da Paschoa, retirando-se para as suas enfermarias em seguida á publicação da dita deliberação do preboste, sob pena de um mez de prisão a pão e agua, e perda de seus cavallos e demais bens, além de um castigo corporal arbitrario; permittindo-se-lhes, no emtanto que fizessem administrar o que lhes pertencia por meio de seus creados ou creadas, no caso que tanto uns como outras estivessem em boas condições de saude.»

E' claro que estes leprosos, que tinham cavallos e serventuarios em bom estado de saude, deviam fazer uma espantosa diffusão da lepra pela parte sã da população que frequentavam, e esta lepra surda, deixem-nos assim dizer, transmittida assim de individuo para individuo por meio dos prazeres venereos, corrompia physicamente aquillo mesmo que o vicio já havia corrompido com a sua impureza ou mancha moral.

Não era já a lepra propriamente dita; era o resultado funesto da incontinencia e devassidão dos bordeis—uma enfermidade horrivel, que a prostituição trazia comsigo havia muito, e que tinha constantemente acalentado no seu seio impuro. Era o mal venereo, que os francezes denominaram desde o primeiro momento da sua apparição *mal de Napoles*, e que os italianos, ou por espirito de contradicção, ou por um acto de desforço, denominaram *mal francez*.

O filho da lepra, herdeiro em linha recta das suas funestas tradicções e das suas impuras genealogias, não devia ser menos fatal á humanidade, do que a sua horrivel progenitora. Fosse qual fosse o seu berço, nascesse nos immundos bordeis de Napoles ou nas casernas da soldadesca aventureira, vêmol-o dentro em pouco alastrar-se por toda a Europa, como um flagello sinistro, que

era ao mesmo tempo uma terrivel punição de todas as impurezas e aberrações sensuaes.

Novo Proteu, assume todas as fórmas e manifesta-se por todos os modos, atacando a fonte da vida, e empeçonhando-a com o seu viver hediondo, que põe nas gerações futuras um stigma de maldição. A sciencia confessa-se vencida, depois dos mais pertinazes esforços; os medicos mais eminentes não se atrevem a combatel-o, e evitam-no, como se lhe conhecessem uma força sobrenatural. Mais terrivel do que os seus predecessores, o novo flagello invade todos os povos e propaga-se em todos os climas. Não ha repressões policiaes, que o detenham, nem medidas sanitarias que o destruam.

Filho de todas as impurezas dos seculos anteriores, o venereo devia punil-os severamente e oppôr um dique terrivel á espantosa corrupção da raça humana. Era como que um protesto da natureza contra todos os extravios e aberrações da luxuria, accumulados em tantos seculos, e que sem elle, chegaria a corromper toda a humanidade.

CAPITULO XX

SUMMARIO

Nomes scientificos da syphilis: *morbus novus, pestilentialis scorra, pudendagra.*— Denominações populares que lhe foram dadas.— Os santos, que tinham o poder de a curar. —Coincidencia do seu apparecimento na Italia com a expedição de Carlos VIII.— Qual foi a data precisa d'este apparecimento?— Desaccordo a este respeito entre os medicos e os historiadores.— Tradicções relativas á sua origem.— As conjuncções dos planetas.— O vinho envenenado com o sangue dos leprosos.—Carne humana.—A bestialidade castigada por si propria.—A egua e os macacos.— A syphilis da Europa não provém da America.— Os medicos recusam a principio tratar d'esta enfermidade — Menardi e outras notabilidades medicas sustentam que o mal venereo procede da lepra da prostituição.



JULGAMOS estar sufficientemente demonstrado que o mal venereo não precisou de esperar pela descoberta da America para se introduzir na Europa, e fazer n'esta parte do mundo os mais assoladores progressos. Muitos factos e raciocinios apresentámos que comprovam a grande antiguidade d'esta cruel doença, cujos vestigios se encontram atravez dos tempos, umas vezes combinada com outras enfermidades, outras, e principalmente, com a lepra, da qual recebeu uma physionomia completamente nova. Em todos os paizes foi sempre a prostituição o mais energico auxiliar d'este flagello, que os poderes publicos procuravam conter com uma especie de cordão sanitario. Quando este cordão se quebrou pela incuria dos governos, o mal recebeu novos alentos, e voltou novamente a estabelecer os seus arraiaes nos centros da prostituição legal.

Eis o motivo porque a lepra venerea appareceu ao mesmo tempo e com egual violencia em França, Italia, Hespanha, Allemanha e Inglaterra, no momento historico em que Christovam Colombo voltava da sua primeira viagem ás terras do Novo Mundo. Não temos difficuldade alguma em sustentar que o mal venereo, ou pelo menos um mal analogo, foi conhecido na Europa desde o anno de 1483; que este mal, ou outro da mesma origem e da mesma indole existia muito antes da descoberta das Antilhas, embora não produzisse os mesmos accidentes que nas latitudes temperadas; e que a expedição de Carlos VIII á Italia contribuira talvez para propagar e exacerbar esta odiosa enfermidade. No emtanto, apesar da França e a Italia se exprobarem mutuamente pela prioridade da infecção, nada tiveram que invejar uma á outra a este respeito, e trocaram apenas as pestes que possuiam, e que tinham importado já de outros povos. Finalmente, desde que logrou provar-se o apparecimento do mal venereo, a enfermidade mudou frequentemente de symptomas, de caracter e de nomes.

Entre estes, que foram numerosos, temos a distinguir os populares dos scientificos. Os ultimos eram quasi sempre latinos, e encontram-se em todos os livros e formularios de medicina, mas foram successivamente desapparecendo para cederem o logar ao que Frascator inventou para as necessidades da sua fabula poetica, na qual o pastor Syphilis é o primeiro atacado d'esta horrenda enfermidade, em castigo de haver offendido os deuses.

A maior parte dos medicos italianos ou allemães, que escreveram ahi por fins do seculo XV sobre o *mal novo (morbus novus)*, sahido da sua antiga obscuridade pelas guerras da Italia, José Grundbeck, Carolino Gilini, Nicolau Leoniceno, Antonio Benivenio, Wendelin Hock de Brackenaw, Estevam Cataneo, etc., serviram-se da denominação usual de *morbus gallicus (mal francez)*. Comtudo, como se estes homens de sciencia se desgostassem de admittir na linguagem medica um erro, que era ao mesmo tempo uma calumnia, muitos d'elles inventaram outros nomes, mais dignos da sciencia e menos contrarios á verdade historica.

Grundbeck, o mais antigo de todos, accrescentou á denominação vulgar de mal francez a periphrase *scorra pestilentialis*, e a qualificação *mentulagra*, que quer dizer enfermidade dos membros genitaes. Gaspar Torella, que na sua qualidade de italiano se presava de mestre em latinismos muito superior a um allemão, adoptou o nome de *pudendagra*, enfermidade das partes pudendas. Wendelin Hock preferiu dizer *mentagra*, porque pretendeu descobrir no mal francez a lepra da barba descripta por Plinio (*Hist. nat.*, lib. XXVII, cap. I). João Antonio Robenel e João Almenar serviram-se da palavra *patursa*, sem que conhecessem a sua verdadeira significação, o que nos permitte suppôr que era este o nome generico da enfermidade na America.

Todas as nações se defendiam da grave responsabilidade de haverem produzido o mal venereo, e cada qual lhe dava o nome da nação visinha, attribuindo a esta o principio ou a origem do mal. Assim, os italianos, os allemães e os inglezes, que accusavam a França de ter sido o berço do flagello, denominavam-no *malo francese, frantzosen*, ou *frantzosichen pochen*, e *french pox*. Os francezes despicaram-se immediatamente, chamando-lhe *mal napolitain*; os flamengos e os hollandezes, os africanos e os mouros, os portuguezes e os navarros denominavam-no *mal hespanhol* ou *castelhano*; os orientaes chamavam-lhe *mal christão*; os asiaticos, *mal portuguez*; os persas, *mal turco*; os polacos, *mal allemão*, e os russos, *mal polaco*. (Tract. *De morbis venereis*, de Astruc, lib. I, cap. I.)

Os diversos symptomas da enfermidade deram-lhe tambem differentes nomes, que recordavam sobre tudo o estado pustuloso, ou canceroso da pelle dos enfermos. Assim, os hespanhoes chamavam-lhe *bubas*, ou *boas*; os genovezes, *malo del'e tavelle*; os toscanos, *malo delle bolle*; os lombardos, *malo delle brosulle*, por causa das postulas ulcerosas e multicôres, que se manifestavam em todas as partes do corpo nos individuos atacados d'esta especie de peste.

Os francezes chamavam-lhe *grosse vérole*, para o distinguirem da *petite vérole*, que desde tempos immemoriaes havia sido classificada entre as enfer-

midades epidemicas, e que menos temivel do que a sua irmã, se parecia comtudo com ella pela *variedade* das pustulas e das ulcerações da face. D'aqui o nome generico de *verole,* ou *variole,* formado do latim *varius,* e o nome antiquado *vair,* que significava uma pelle branca e cinzenta, e que se applicava tambem a um dos metaes heraldicos, composto de peças iguaes, tendo a fórma de campainhas, dispostas symetricamente. Pretendia-se que esta disposição das peças do *vair* tinha certa analogia de aspecto com a pelle pintalgada e fendida dos desgraçados enfermos.

Por toda a parte se erguiam clamores aos santos e santas, que se tinham por advogados contra a lepra, e que nos casos afflictivos d'esta doença costumavam ser invocados. Estes bemaventurados passaram por consenso unanime a ser os padroeiros das victimas do venereo, e o que é mais, a darem os seus nomes á terrivel enfermidade, que as pobres victimas collocavam sob a sua égide tutelar. Deu-se então entre a lepra e o venereo uma especie de confraternidade, que se manifestou pelos nomes dos santos applicados indistinctamente ás duas enfermidades, que se chamaram *mal de Saint-Main, de S. Job, de S. Roque,* e até mesmo de *Santa Regina.* Bastava que fosse attribuida a qualquer santo uma certa influencia para a cura das chagas e ulceras malignas, e os atacados do mal accudiam aos altares do santo, considerando-se seus enfermos privilegiados.

Os medicos e historiadores, que foram os primeiros a escrever ácerca da epidemia venerea dos ultimos annos do seculo xv, estão quasi de accordo sobre este ponto: — que o mal venereo não se declarou manifestamente senão em seguida á expedição de Napoles, mas quasi todos referem ao anno de 1494 esta expedição, que se realisou apenas em 1495. Este equivoco, porém, não é um erro historico, porque antes de Carlos IX o anno começava na Paschoa, segundo o calendario de França.

Alguns escriptores que fizeram uma confrontação de épochas entre a invasão de Carlos VIII em Italia e a apparição da *grosse vérole* na Europa, não hesitaram em referir estes dois factos heterogeneos ao mesmo anno de 1494. Segundo esta opinião, a enfermidade venerea dataria do principio do referido anno, mas o rei de França não entrou em Napoles senão em 22 de fevereiro de 1495, e como a festa da Poschoa se realisava em 19 de abril seguinte, é claro que só d'esse dia em diante começava a contar-se o novo anno.

Seria, portanto, mister para justificar a data de 1494 apontada pelos medicos e historiadores, que quizeram precisar o momento do apparecimento do flagello, que o chamado *mal francez* se tivesse manifestado em Napoles entre 22 de fevereiro e 19 de abril do anno de 1495.

Ha uma certa difficuldade em admittir que as auctoridades medicas e historicas que dão ao apparecimento do flagello a data de 1494 se enganassem n'um anno. E' bem pouco provavel similhante erro, tractando-se de um facto tão notavel e recente. Notaremos ainda que os primeiros a estabelecerem esta data foram os medicos italianos, e o anno em Italia começava no 1.° de janeiro, e não na Paschoa, como em França.

De todas estas contradicções parece averiguada a existencia de um accordo

entre os italianos, com o fim de accusarem a aventureira expedição dos francezes á Italia de um mal, que ella talvez desenvolvesse e aggravasse, mas que em verdade não levou comsigo.

«Os medicos do nosso tempo, escrevia em 1497 Nicolau Leoniceno, no seu tractado *De morbo gallico*, não poderam ainda dar o verdadeiro nome a esta enfermidade; comtudo chamam-lhe commummente *mal francez*, ou seja por pretenderem que o contagio se deve á vinda d'aquelles estrangeiros á Italia, ou então porque a Italia foi ao mesmo tempo atacada pelo exercito francez e por esta enfermidade.»

Gaspar Torella, no seu tractado *De dolore in pudendragra*, é mais explicito ainda:

«Esta enfermidade, diz elle, foi descoberta quando os francezes entraram á mão armada em Italia, e sobre tudo depois que se apoderaram de Napoles e alli permaneceram; por esta razão os italianos lhe deram o nome de *mal francez*, imaginando que era natural d'aquelle povo.».

Estevam Cataneo, no seu livro *De morbo gallico*, que viu a luz da publicidade em 1505, limita-se a recordar o mesmo facto:

«O anno de 1494 do nascimento do Salvador, diz elle, na occasião em que Carlos VIII, rei de França se apoderou do reino de Napoles, e sob o pontificado de Alexandre VI, viu nascer em Italia uma espantosa enfermidade, que jámais se havia visto nos seculos precedentes, e que era desconhecida em todo o mundo.»

João de Vico faz coincidir tambem a passagem de Carlos VIII pela Italia, com a subita invasão d'esta enfermidade, que nunca fôra *observada* anteriormente.

A antipathia nacional dos italianos pelos vencedores não deixou de robustecer e propagar esta erronea opinião, que se enraizou no povo com injustos resentimentos. Os francezes, pela sua parte, não se apressaram tanto a queixar-se dos vencidos e a diffundir a verdade que os justificaria immediatamente, apresentando-os como victimas do *mal napolitano*, porque os primeiros auctores francezes, que fallaram do contagio, nada disseram a respeito da sua origem, nem apontaram como causa d'elle as delicias de Napoles conquistada por Carlos VIII.

Houve no emtanto na Italia e na Allemanha muitos medicos e historiadores mais imparciaes, que não vacillaram em proclamar a innocencia dos francezes sobre este ponto, approximando-se d'este modo da verdade, que nem a sciencia nem a historia deviam deixar empanar de nuvens. Uns confirmaram a data de 1494, attribuida á invasão da peste venerea (*lues venerea*); outros foram mais longe em busca da sua origem, ou dos seus primeiros estragos; outros ainda, ou menos instruidos, ou fingindo calculadamente ignorancia, transferiram para o anno de 1496 a primeira invasão da enfermidade, que suppozeram importada da Hespanha, e por conseguinte da America.

«No anno da nossa salvação de 1496, escrevia em 1507 Antonio Benivenio, appareceu uma nova enfermidade, não só em Italia, como em quasi todos os paizes da Europa. Este contagio, que provinha da Hespanha, propa-

gou-se por toda a parte, primeiramente em Italia, em seguida em França, e depois pelos outros paizes da Europa, atacando uma infinidade de pessoas.»

Aqui temos agora o pobre Carlos VIII absolvido da accusação terrivel, que o fazia, por assim dizer, réu de lesa-Europa! Os historiadores véem d'este modo em appoio da justificação dos francezes. Antonio Cocaio Sabelico, que sabia por experiencia propria o que era a *grosse vérole* (*Elogia*, de Paulo Jove) diz cathegoricamente no seu *Compendio historico*, publicado em Veneza, em 1502:

«Ao mesmo tempo (em 1496) um novo genero de enfermidade começou a propagar-se por toda a Italia, desde a primeira invasão que os francezes fizeram no anno precedente (1495), e é provavel que por esta razão lhe chamassem *mal francez*, pois, segundo presumo, não póde ter-se por averiguado d'onde procede esta cruel enfermidade, que nenhum seculo tinha visto até então.»

Se a data de 1495 tivesse podido ser estabelecida e comprovada, a procedencia do mal decerto seria attribuida ao descobrimento da America. Em todo o caso a data em questão póde evidentemente referir-se á propagação rapida e formidavel da epidemia venerea.

Para os sabios, porém, que seguiam cegamente a tradicção popular, era fóra de duvida que o *mal francez* e o *mal napolitano* haviam precedido a triumphante expedição de Carlos VIII.

«Os francezes, diz sensatamente Francisco Guicciardini, na historia do seu tempo, tendo sido accommettidos d'esta enfermidade, durante a sua permanencia em Napoles, e regressando em seguida á sua patria, propagaram-n'a por toda a Italia. Esta enfermidade, absolutamente nova, ou ignorada até nossos dias no continente europeu, fez tantos estragos por espaço de muitos annos, que deve passar á posteridade como uma das calamidades mais funestas.»

Guicciardini tinha razão attribuindo unicamente ao exercito do rei de França a propagação do mal por toda a Italia. E' claro que este mal se havia arreigado em Napoles, antes da chegada dos francezes.

Ulrich de Hutten, douto escriptor allemão, que tinha uma triste experiencia do contagio venereo, indica o anno de 1493, como o do começo da epidemia, facto que elle não podia apreciar senão de outiva, por isso que redigia em Moguncia em 1519 o seu livro intitulado *De morbi gallici curatione*.

«No anno de 1493, diz este illustre medico, um mal verdadeiramente pernicioso começou a fazer-se sentir não só em França, mas primeiramente em Napoles. O nome d'esta cruel enfermidade provém de se haver manifestado no exercito francez, que andava em guerra n'aquelle paiz, sob o commando de Carlos VIII.»

Em seguida refere uma interessante particularidade, que nos explica o motivo porque não existe accordo entre as datas historicas attribuidas á invasão do flagello:

«Não se fallou d'esta enfermidade, durante dois annos inteiros, a contar do tempo em que havia principiado.»

Ulrich de Hutten seguia a opinião dos medicos allemães, que consideravam a enfermidade muito anterior á conquista de Napoles pelos francezes. As-

sim Wendelin Hock de Bracknaw, que havia terminado os seus estudos medicos na universidade de Bolonha, repete o que ouvira dizer na Italia a respeito da épocha primitiva do mal napolitano.

«Desde o anno de 1494 até ao presente de 1502, diz elle, certa enfermidade contagiosa, que chamam o *mal francez*, tem feito bastantes estragos.»

N'outro logar, porém, declara o que a este respeito sabiam todos os seus collegas da Allemanha:

«Este mal, para fallar com exactidão, começou no anno de 1483 de Nosso Senhor Jesus Christo, em consequencia da conjuncção de muitos planetas no mez de outubro do mesmo anno, o que annunciava a corrupção do sangue e da bilis, a confusão de todos os humores e a abundancia do humor melancolico, tanto nos homens como nas mulheres.»

Os mais habeis medicos allemães, L. Phrysius, João Benito, etc., seguiram o mesmo systema, e attribuiram a causa da enfermidade ás revoluções planetarias e ás desordens atmosphericas do anno de 1483.

Não foi esta ainda assim a unica hypothese, nem a mais inverosimil, a que recorreram os historiadores, para explicar o apparecimento do flagello. N'este ponto seguiam elles a opinião do vulgo, e é de saber que o vulgo, especialmente em Italia e n'aquella época, está sempre disposto a attribuir origens maravilhosas a tudo aquillo que não comprehende. O *mal francez*, de preferencia a qualquer outro acontecimento, excitou a imaginação dos napolitanos, e prestou-se naturalmente ás invenções mais extravagantes, entre as quaes, no emtanto, não seria impossivel descobrir algum facto verdadeiro, envolvido em fabulas ridiculas.

Gabriel Fallope, que escreveu em 1560, muito tempo depois do acontecimento que refere, affirma que, por occasião da primeira guerra de Napoles, uma guarnição hespanhola abandonou alta noite as trincheiras confiadas á sua guarda, depois de haver envenenado os poços e de ter aconselhado aos padeiros italianos que misturassem gesso e cal no pão de munição das tropas francezas. Este pão e a agua envenenada produziram a infecção venerea, segundo a relação do referido Gabriel Fallope.

André Cisalpino de Arezzo, que foi medico de Clemente VIII, pretendia que o envenenamento dos francezes fôra devido a outros processos, assegurando que testemunhas occulares lhe haviam referido o facto:

«Depois da tomada de Napoles, os francezes tiveram de sitiar Somma, praça guarnecida por hespanhoes. Estes sahiram da fortaleza durante a noite deixando á disposição dos sitiados muitos tonneis de excellente vinho do Vesuvio, em que se havia misturado sangue ministrado pelos leprosos do hospital de S. Lazaro. Os francezes entraram na praça sem a minima resistencia, e embriagaram-se com aquelle vinho envenenado. Ficaram logo enfermos, e os symptomas da enfermidade assimilhavam-se aos da lepra.»

A verdade cobre-se aqui de véus demasiadamente transparentes.

Ha ainda outras tradicções, que se affastam da opinião mais geral e menos inverosimil. Fioravanti, nos seus *Capricci medicinali* que publicou em 1564, refere uma singular historia, a qual, segundo affirma, lhe fôra minis-

trada por um certo Paschoal Gibilotta, de Napoles, seu contemporaneo. Durante aquella famosa expedição de Napoles, um dos factores da enfermidade, os vivandeiros napolitanos que abasteciam os exercitos tiveram falta de rezes, e lembraram-se — que infernal idéa! — de empregar a carne dos mortos como se fôra de vacca, ou de carneiro. Os desgraçados que comeram carne humana, que a morte e a corrupção haviam envenenado, foram logo atacados por uma enfermidade, que não era senão a syphilis.

Fioravanti não nos diz qual foi o theatro d'aquellas espantosas scenas de antropophagia, mas como na sua narração apresenta os hespanhoes em presença dos francezes, é de presumir que este facto isolado se desse por occasião do sitio de alguma pequena praça da Calabria, occupada pelos hespanhoes. E' sabido que toda a carne corrompida póde produzir effeitos analogos aos do envenenamento, mas o que realmente não póde admittir-se é a idéa de Fioravanti de que os animaes por comerem outros da sua especie fiquem sujeitos a uma enfermidade analoga ao *mal napolitano*. Era uma crença extremamente arreigada que o uso de carne humana causava enfermidades agudas, epidemicas e pestilenciaes.

O illustre philosopho Francisco Bacon, barão de Verulam, apesar de medico distinctissimo, não hesitou em repetir, na sua *Historia Natural*, a horrivel narração de Fioravanti:

«Os francezes, diz elle, cujo nome tomou o *mal napolitano*, referem que havia no cerco de Napoles fornecedores tão malvados, que vendiam carne de homens mortos na Mauritania, e que se attribuia a origem da enfermidade a tão horrivel alimento. Parece bastante verosimil este facto, porque os antropophagos das costas occidentaes são muito propensos á variola.»

Procurar na antropophagia a origem do *mal de Napoles* não era ainda o cumulo do horror attribuido ás causas d'este odioso contagio, que se julgava commummente como um fructo do peccado e da maldição. Dois illustres medicos do seculo XVI, que não haviam observado mais do que os effeitos já decrescentes do contagio, atiraram-lhe a ultima pedra, procurando demonstrar, com melhor intenção do que exito, que o mal venereo devia a sua origem á sodomia e á bestialidade.

«Um santo leigo, refere João Baptista Helmont, no seu *Tumulis pestis*, querendo a todo o custo descobrir porque motivo este horrivel mal havia apparecido sómente no seculo passado e não antes, teve um extase milagroso, e durante elle uma visão extraordinaria. Appareceu-lhe uma egua cheia de tumores, por onde o santo homem concluiu que no cerco de Napoles, em que esta enfermidade appareceu pela primeira vez, algum soldado tivera copula abominavel com um animal d'aquella especie atacado do mesmo contagio, o qual immediatamente, e por effeito da justiça divina, infeccionara desgraçadamente o genero humano.»

Mais tarde, em 1706, um medico inglez, João Linder, procurando descobrir as causas secretas da syphilis americana, não receiou affirmar «que este mal tinha a sua origem na sodomia entre os homens e os grandes macacos, que são os satyros dos antigos.»

E' conveniente notar que em todas as observações dos medicos que primeiro estudaram o *mal de Napoles,* tanto em Italia, como em França e Allemanha, não se faz menção alguma da enfermidade, que Christovam Colombo trouxe das Antilhas, a qual em caso algum podia anteceipar-se a um mal analogo, nascido e acclimado na Europa, antes que o descobrimento da America trouxesse os seus amargos fructos.

Christovam Colombo, voltando da sua primeira viagem á America, onde apenas se demorara um mez, arribou ao porto de Palos no dia 13 de janeiro de 1493 com oitenta e dois marinheiros, ou soldados, e nove indios. Póde ser que o estado sanitario da tripulação não fosse dos melhores, o que é certo, porém, é que os historiadores nada dizem a tal respeito, constando apenas que partiu immediatamente para Barcelona com alguns companheiros de viagem afim de dar conta da sua expedição aos reis catholicos.

«A cidade de Barcelona, diz Rodrigo Diaz, no seu tratado *Contra las bubas,* foi immediatamente infectada de um mal, que fez assustadores progressos.»

A vinte e cinco de setembro do mesmo anno, Christovam Colombo fez-se outra vez de vela com quinze navios, 1500 soldados, e grande numero de marinheiros e artifices. Quatorze d'estes navios voltaram a Hespanha no anno seguinte, e no fim d'este anno Bartholomeu Colombo, irmão de Christovam, partia para a metropole com tres navios, trazendo a bordo Pedro Margarite, fidalgo catalão, gravemente enfermo de syphilis. Talvez não fosse elle o unico atacado d'esta enfermidade, mas o diario de bordo não cita outro caso.

O anno de 1495 multiplicou as relações maritimas entre as Antilhas e Hespanha. Por isso, quando Christovam Colombo, accusado de crimes imaginarios, regressava carregado de ferros ao velho mundo, o navio em que vinha prezo transportava tambem duzentos soldados atacados do mal americano. Estes duzentos empestados desembarcaram em Cadix a 10 de junho de 1496. Nove mezes depois, o parlamento de Paris publicava um edito relativo aos enfermos da *grosse vérole.*

Sem receio de paradoxo, poderia muito bem sustentar-se que foi a Europa que empestou a America com uma enfermidade á qual o clima das Antilhas convinha melhor que o de Napoles. Poderiam adduzir-se razões bem poderosas para demonstrar que os aventureiros hespanhoes ao serviço do exercito do rei de Napoles, regressaram á patria infeccionados de virus venereo, embarcando logo em seguida para a America sem estarem bem curados. Demasiado se conhece a influencia que a mudança de clima e de habitos tiveram sempre sobre esta enfermidade inexplicavel, que o calor adormece e o frio desperta, augmentando-lhe a violencia e os estragos. Finalmente ficará como cousa provavel, senão provada, que o mal venereo tal como appareceu na Europa ahi por 1494 não era senão um infame producto da lepra e da libertinagem.

Todos os medicos reconheceram, ainda que tarde, que o mal não era talvez tão novo, como a principio se julgava, e viram que a lepra e sobre tudo a *elephantiasis* tinham mais de um symptoma analogo com esta affecção virulenta,

que se rodeava de symptomas extranhos, mas que em principio se mantinha sempre invariavel.

A opinião do vulgo tanto se manifestou a este respeito, que a medicina não poude deixar de lhe prestar attenção. E' caso notavel que os mais audazes fundadores da sciencia se tenham limitado a repetir os boatos que a respeito da origem da syphilis corriam, sem assentarem n'um systema que teria sido possivel basear em provas e experiencias. Nos primeiros tempos a epidemia era, porém, considerada como uma praga enviada pelo ceu e odiosa á natureza, segundo as proprias expressões de José Grundbeck, auctor do mais antigo tractado que se conhece sobre esta materia, e os medicos recusavam-se a tractar dos enfermos que reclamavam os seus cuidados.

«Os sabios, diz Torella, evitam tractar esta enfermidade, persuadidos de que não a entendem. Por este motivo, os vendedores de drogas, os herbanarios e os charlatães julgam ser os unicos que a sabem curar.»

Ulrich de Hutten mais claramente se exprime ainda, confessando que o mal foi abandonado a si proprio e ás suas forças mysteriosas, antes que a medicina e a cirurgia tivessem a coragem de o tractar.

«Os medicos, diz elle, espantados d'esta enfermidade, não sómente evitavam approximar-se dos atacados, mas até mesmo fugiam d'elles, como de doentes desesperados... Emfim, no meio d'este desalento dos medicos, os cirurgiões arriscaram-se pouco a pouco a pôr a mão em tão difficil tractamento.»

Claramente explicam estas circumstancias a razão porque os primordios da lepra venerea permaneceram tão obscuros e tão mal estudados, em todos os paizes nos quaes este flagello appareceu quasi simultaneamente.

No emtanto, possuia-se a chave do enigma, e bastaria consultar as tradicções das Côrtes dos Milagres e dos antros da libertinagem, para averiguar de que maneira se produzia e transformava, sob a influencia da prostituição, o monstro, o Proteu syphilitico. A verdade scientifica andava provavelmente envolta n'aquellas anecdotas que até mesmo os grandes medicos não desprezaram e foram muitas vezes buscar ás viellas mais suspeitas. João Menardi de Ferrara, n'uma carta dirigida em 1552 a Miguel Santanna, cirurgião que se dedicára ao tractamento das molestias venereas, diz-lhe que a opinião mais antiga e mais geral é a que fixa a origem d'este mal na épocha em que Carlos VIII se preparava para a guerra da Italia, em 1493.

«Esta enfermidade, diz elle, appareceu primeiramente em Valença de Hespanha, por culpa de uma famosa cortezã, que mediante o preço de cincoenta escudos de ouro concedeu os seus favores a um individuo atacado de lepra. Infeccionada desde esse momento, a referida cortezã contaminou todos os mancebos que a conheciam carnalmente, cujo numero dentro em pouco subiu a quatrocentos e tantos. Alguns d'estes mancebos que seguiram á Italia o rei Carlos importaram n'aquelle paiz o terrivel contagio.»

Menardi cita tambem este facto, e o mesmo faz o sabio medico naturalista Pedro André Mathioli, que apenas muda os personagens e o logar da scena.

Ouçamos este homem de sciencia:

«Ha quem diga que os francezes contrahiram este mal em consequencia de haverem tido commercio impuro com mulheres leprosas, ao passarem n'uma das montanhas da Italia. *(Tract. De morbo gallico.)*»

A identidade da syphilis e da lepra é claramente indicada n'estas simples reminiscencias de bom senso popular; no emtanto, os homens da sciencia aproveitavam-n'as, fechando os olhos ao grande ensinamento que ellas tão luminosamente encerravam.

Outro medico de Ferrara, Antonio Musa Brassavola, admittia provavelmente a preexistencia dos males venereos e do virus que os communica, quando refere o seguinte facto no seu livro ácerca do *mal francez:*

«No acampamento dos francezes, diante de Napoles, diz este illustre medico, havia uma cortezã tão famosa como bella, que tinha uma ulcera de má qualidade no orificio da madre. Os homens que tinham copula com ella contrahiam immediatamente uma affecção maligna que lhes ulcerava o membro. Muitos homens foram victimas d'este contagio, e em seguida muitas mulheres que que com elles tiveram copula contrahiram o mesmo mal, que por sua vez communicaram a outros homens.»

Vê-se, portanto, segundo esta opinião de Antonio Musa Brassavola, que o mal de Napoles não era senão uma complicação accidental do mal venereo, que teria existido isoladamente em alguns individuos, antes de ser epidemico e de haver adquirido a sua prodigiosa actividade.

Finalmente um dos mais illustres homens de sciencia que fizeram a luz nas trevas da medicina, Paracelso, expoz uma theoria completamente nova a proposito das enfermidades venereas, quando proclamou a sua afinidade com a lepra, na *Grande Cirurgia* (lib. I, cap. 8.)

«A syphilis, diz elle com essa convicção que só o genio póde dar, teve origem no commercio impuro de um francez leproso com uma cortezã, que tinha bubões venereos, a qual infestou logo quantos tiveram copula com ella. Foi assim, continúa este habil e audaz observador, que a syphilis, procedente da lepra e do bubão venereo, assim como a raça das mulas sahe do crusamento do cavallo com a burra, se estendeu por contagio a todo o mundo.»

Ha n'esta passagem da *Grande Cirurgia* mais logica e mais sciencia do que em todos os escriptos dos seculos XV e XVI a respeito da affecção venerea, cuja verdadeira origem nenhum medico tinha adivinhado.

Paracelso considerava, segundo se vê, o mal de 1494 como uma nova especie da antiga familia das enfermidades venereas.

O grande reformador da medicina chegou a esta conclusão depois de profundos estudos sobre a natureza da enfermidade, considerada geralmente a mais terrivel e assoladora do seu tempo.

Paracelso nasceu em Zurich em 1493. Philosopho distinctissimo, o seu espirito de uma penetração assombrosa resolvia facilmente os mais complicados problemas nos mais oppostos ramos do saber humano.

Como medico, a sua reputação eguala á dos mais notaveis e audazes fundadores da medicina. Reformou os conhecimentos medicos do seu tempo, es-

tabeleceu novas theorias luminosas, e deu o maior impulso á sciencia, applicando-lhe todos os recursos do genio de que era amplamente dotado.

A sua *Grande Cirurgia* foi o novo evangelho da sciencia de curar, e o ponto de partida de uma evolução coroada dos mais brilhantes resultados.

Citamos com admiração as palavras do grande reformador, que soube lêr claramente no livro da natureza o que, para tantos outros mestres illustres, se conservara até então occulto no mais impenetravel mysterio.

Paracelso justifica e auctorisa a nossa obscura opinião, embora ella seja contrariada pelos preconceitos ridiculos de muitas outras auctoridades scientificas.

CAPITULO XXI

SUMMARIO

Symptomas da syphilis, segundo Frascator.—Transformação do virus a partir do anno de 1526.—Tractamento italiano pelo mercurio.—Tractamento francez.—Decreto do parlamento de Paris contra o mal de Napoles em 1497.—Primeiros hospitaes venereos em Paris.—Ordenações do preboste de Paris e medidas policiaes no tempo de Luiz XII, Francisco I e Henrique II.—Invasão da syphilis nas provincias desde 1494.—Os medicos recusam-se a assistir aos enfermos.—*Triumpho glorioso da muito alta e poderosa dama D. Syphilis*, livro curioso e rarissimo attribuido a Rabelais e publicado sob o pseudonymo de Martinho Dorchesino.—Citação de uma passagem de *Pantagruel*.—Os syphiliticos admittidos no hospital *Hotel-Dieu*, de Paris.—O hospital de Ourcine.—Desapparição das gafarias em França.



UAES FORAM os symptomas e o tractamento medico do mal napolitano nos primeiros tempos da sua apparição? Não devemos julgar que este mal horrivel, a principio tido como incuravel, se manifestou nos primeiros tempos da invasão com o mesmo caracter e o mesmo aspecto da sua épocha de decadencia e do seu periodo estacionario. Póde até mesmo affirmar-se, sem grandes receios de paradoxo, que esta enfermidade, com algumas excepções, se tornou actualmente no que era, antes do monstruoso consorcio da lepra e do virus venereo. Desde 1540, segundo o testemunho de Guicciardini, que assignava á origem da epidemia a data de 1494, o mal atenuava-se pouco a pouco, reproduzindo-se em muitas especies differentes da primeira.

Na sua origem, queremos dizer, no espaço de tempo que se seguiu á subita e quasi universal explosão d'este flagello, os symptomas eram verdadeiramente dignos do espanto que inspiravam, e comprehende-se que, em todos os paizes invadidos por elle, os regulamentos policiaes cuidadosamente modelados pelos que haviam servido n'outros tempos para a lepra, isolassem da sociedade dos vivos as desgraçadas victimas d'esta peste vergonhosa. Suppunha-se além d'isto que o contagio era mais immediato, mais prompto, mais inevitavel que o de outra qualquer enfermidade. Julgava-se como averiguado que a transmissão do mal não se operava tão sómente pela união carnal, mas que se realisava até mesmo pela respiração ou pelo olhar de um syphilitico.

Todos os medicos que observaram a enfermidade entre os annos de 1494 e 1514, primeiro periodo geralmente indicado para a sua invasão e desenvolvimento, parecem assombrados das suas proprias observações. Todos elles con-

cordam e se repetem até na descripção dos symptomas syphiliticos, que talvez não se manifestassem egualmente em todos os enfermos, mas que todavia formavam a constituição primitiva do mal de Napoles.

Jeronymo Frascator compendiou admiravelmente os tractados de Leoniceno, Torella, Cataneo e Almenar, seus contemporaneos, no seu livro *De morbis contagiosis,* onde descreve os symptomas que elle proprio observára na épocha em que estudava medicina e professava philosophia na universidade de Verona. Frascator resume nos termos seguintes a descripção espantosa do mal de Napoles na sua origem:

«Os enfermos andavam tristes, indolentes, abatidos e pallidos. A maior parte d'elles tinham canceros nos orgãos genitaes, canceros rebeldes e insidiosos, que não desappareciam nunca de um ponto senão para reapparecerem n'outro ponto. Em seguida appareciam-lhes pustulas na pelle, que a uns começavam pela cabeça, o que succedia mais vulgarmente, e a outros em diversas partes do corpo, indistinctamente. Eram pequenas a principio, depois engrossando pouco a pouco, tomavam o tamanho e a fórma de uma bolota. Havia pacientes em que estas pustulas eram pequenas e sêccas; n'outros grossas e humidas; umas vezes, lividas ou esbranquiçadas; outras, duras e avermelhadas.

«Ao cabo de alguns dias abriam, destillando continuamente uma abundante porção de humor repugnante e fetido. Desde que rebentavam eram verdadeiras ulceras que consumiam não sómente as carnes, mas tambem os ossos. Alguns desgraçados tinham fluxões malignas que lhes corroiam já o paladar, já a tracheia arteria; umas vezes a garganta, outras os gorgomillos.

«Certos pacientes perdiam os labios, outros o nariz, outros os olhos, outros finalmente as partes vergonhosas.

«Frequentemente desfiguravam-lhe os membros uns tumores gommosos do tamanho de um ovo, e quando rebentavam destillavam um humor branco e mucilaginoso. Os membros quasi sempre atacados eram os braços e as pernas, que se cobriam de ulceras, quasi sempre incuraveis.

«Mas, como se tudo isto não bastasse, manifestavam-se ainda agudissimas dôres ao mesmo tempo que appareciam as pustulas, e ás vezes ainda antes d'ellas, dores prolongadas, insupportaveis, que se exacerbavam principalmente de noite. A séde d'estas horriveis dores não era nas articulações propriamente ditas, mas sim na massa dos membros e nos nervos. Havia enfermos que tinham pustulas sem dores, ou dores sem pustulas, mas o mais vulgar era ter-se uma e outra cousa.

«A isto vinha juntar-se o enfraquecimento dos membros, a falta de appetite, grandes insomnias, uma grande tristeza, e uma prostração invencivel, parecendo que o corpo pedia constantemente o leito.

«Em seguida inchavam o rosto e as pernas; algumas vezes sobrevinha uma pequena febre e uma dôr de cabeça que não cedia a nenhuma especie de remedio.»

Sentimos ter de recorrer á traducção pesada e incorrecta do simples e ingenuo Jault, que nos dá uma ideia bem pallida do estylo firme, energico, elegante, poetico mesmo de Frascator; em todo o caso, queremos deixar a um

homem de sciencia a responsabilidade de nos dar d'esta passagem uma versão medica, em logar de uma reproducção litteraria das opiniões do auctor.

Depois da leitura d'esta descripção tão caracteristica, como se comprehende que o sabio Frascator tenha negado na mesma obra a profunda analogia da lepra com o mal napolitano? Não sendo este ultimo mais do que uma complicação da lepra sob a influencia do virus venereo, devia ter relações intimas com a peste inguinal do seculo VI e o mal dos ardentes do seculo IX, que não foram tambem senão transformações epidemicas da elephantiasis. O mal de Napoles, porém, a partir do anno de 1514 tem tambem as suas metamorphoses, causadas sem duvida pelo que denominaremos um cruzamento de raças da enfermidade.

João de Vico falla-nos tambem de scirros osseos que sobrevinham aos enfermos, um anno pelo menos depois de atrozes dores internas por todos os membros. Estes scirros que atormentavam muito o paciente, sobre tudo de noite, terminavam sempre pela carie da espinha dorsal.

Pedro Menardi, que tractava habilmente as affecções syphiliticas quasi ao mesmo tempo que João de Vico (1514 a 1526) indica muitos outros symptomas do virus venereo:

«O principal signal do mal francez, diz elle no cap. IV do seu tractado *De morbo gallico,* consiste n'umas pustulas que nascem na extremidade do membro e á entrada da vulva, ou collo da madre, e n'uma grande comichão nas partes que contéem o semen. O mais frequente é que estas pustulas se ulcerem, e digo o mais frequente, porque tenho visto enfermos, cujas pustulas se endurecem como verrugas e callos.»

Parece que, durante este segundo periodo, o mal de Napoles, apezar de algumas variações symptomaticas, conservou toda a sua intensidade. Mas de 1526 a 1540 entrou n'um periodo decrescente, ainda que o mal venereo se manifestasse n'essa epocha mais pelo tumor das glandulas inguinarias e pela depilação.

«Ás vezes o virus afflue ás virilhas e entumece as glandulas, diz um medico francez, Antonio Lecocq, publicando em 1540 o seu opusculo *De ligno santo ;* se o tumor suppura, é quasi sempre um bem. Esta enfermidade chama-se *bubão;* outros chamam-n'a *cavallo* (*poulain,*) alludindo burlescamente ao modo de andar dos pacientes, que abrem as pernas como se cavalgassem.»

Pelo que respeita á depilação, este effeito deve attribuir-se mais ao tractamento mercurial do que á propria enfermidade.

«Ha seis annos a esta parte, dizia Frascator em 1546, a enfermidade mudou consideravelmente. Tornaram-se rarissimas as pustulas, desappareceram as dôres, e o que se nota mais são os tumores. Uma cousa que impressiona em extremo, é a depilação. E ha ainda peor: os dentes abalam-se e costumam cahir tambem.»

Era a consequencia fatal do emprego do mercurio na medicação italiana; em França, porém, o uso dos remedios vegetaes prevalecera, os accidentes da enfermidade differiam de uma maneira essencial, o que nos permitte affirmar que o mal de Napoles, affastando-se da sua origem, chegára a ser ex-

clusivamente venereo, separando-se da lepra e de qualquer outra affecção contagiosa, com que primitivamente contrahira alliança adultera.

Não trataremos de seguir a degeneração do mal de Napoles. Foi nosso intento unicamente fazer comprehender que a lepra existia ainda sob a apparencia do mal novo, e que os climas, os temperamentos, as circumstancias locaes influiam intimamente sobre as causas e effeitos da enfermidade. Era inutil demonstrar de outro modo a funesta acção que devia ter n'aquella epocha a libertinagem publica sobre a saude dos que a ella se entregavam.

Ninguem póde negar que o mal era de uma natureza tão communicativa, que podia dar-se o contagio em grande numero de casos, sem que o acto venereo lhe servisse de vehiculo. Ainda assim, comprehende-se que se o flagello penetrava sem se saber como no interior das familias honestas, devia ter tido por origem factos de prostituição. Nunca a frequentação de mulheres de má vida foi mais perigosa que nos cincoenta annos que se seguiram á primeira apparição do mal, porque só muito tarde se poude observar que este mal, nascido de um commercio impuro qualquer, se transmittia mais rapida e seguramente pelas relações sexuaes do que por qualquer outro contacto.

Os costumes eram mais regulares em França do que na Italia, e os libertinos, para cujas necessidades se deixavam abertas as casas de prostituição, viviam absolutamente fóra da vida commum. Foi n'elles, portanto, que o mal napolitano exerceu desde logo os seus assoladores estragos, sem que a medicina e a cirurgia se dignassem prestar-lhe cuidados, que eram tidos como inuteis para o enfermo e vergonhosos para o facultativo. Alguns estudantes de má fama, boticarios e velhas prostitutas emeritas, que faziam pagar bem caras as suas consultas e drogas, foram os unicos que ousaram tractar dos pobres syphiliticos, e não deixaram de fazer algumas curas, graças a certas receitas empiricas, conhecidas de tempo immemorial para o tratamento de enfermidades pustulosas.

Só ahi por 1527 é que um respeitavel medico, Th. de Bettencourt, ousou comprometter-se a ponto de publicar investigações e conselhos sobre a syphilis n'um opusculo intitulado *Nova quaresma de penitencia, ou purgatorio do mal venereo.*

Antes de Th. Bettencourt, apenas um medico francez, que se occultou sob o veu do anonymo, se arriscou a accrescentar um remedio contra a *grosse vérole* á sua paraphrase franceza do *Regimen sanitatis,* de Villeneuve, publicado em Lyon em 1501. Ao ver a sciencia tão extranha ao mal de Napoles, pensar-se-hia talvez que essa horrivel enfermidade não tinha entrado ainda em França, quando a verdade era que ella se havia propagado por toda a parte, apesar dos constantes esforços da auctoridade religiosa, politica e municipal. Devemos no emtanto observar que a enfermidade só rarissimas vezes accommettia as pessoas de costumes honestos, e que se concentrava, por assim dizer, nas classes espureas da sociedade, nos homens e mulheres de vida desregrada, nos vagabundos, mendigos e outra gente perdida.

Nos archivos do parlamento de Paris e com data de março de 1497, encontra-se uma ordenação d'onde consta que o bispo de Paris, João Simon, pre-

lado altamente digno e veneravel, havia tomado a iniciativa das medidas de salubridade reclamadas pela propagação da *grosse vérole*. Esta enfermidade contagiosa, «que ha dois annos a esta parte tem tido grande curso n'este reino, palavras textuaes da ordenação, tanto na cidade de Paris como n'outros logares», fazia temer aos homens da sciencia que novas forças adquirisse sob a influencia da primavera.

Em consequencia d'este receio, o prelado reuniu no seu palacio os magistrados do Chatelet para lhes submetter as suas observações sobre o assumpto. Decidiu-se alli que se informasse o parlamento, e reunida a assembléa para deliberar, foi por ella nomeado um dos seus membros, Martin Rellefaye, e um escrivão, para secundar os piedosos esforços do bispo e para se entender a este respeito com o preboste de Paris.

O parlamento promulgou uma ordenação, que foi publicada pelas ruas, e que continha as medidas policiaes relativas á nova enfermidade. Estas medidas haviam sidas discutidas em presença do bispo de Paris por *muitos dos grandes e notaveis personagens de todos os estados.*

Eis as principaes disposições adoptadas:

Os forasteiros, tanto homens como mulheres, enfermos da *grosse vérole*, deviam sahir da cidade, vinte e quatro horas depois da publicação da ordenação, sob pena de forca, devendo regressar ao seu paiz natal, ou ao logar em que havia sido atacados pela enfermidade.

Para facilitar esta partida impreterivel, entregar-se-hia a cada um, quando sahissem as portas de *Saint-Denis*, ou de *Saint-Jacques* a *somma de quatro soldos parisis,* tomando-se-lhes n'essa occasião os nomes, e prohibindo-se-lhes voltar á cidade sem estarem curados.

Quanto aos enfermos que residiam em Paris, ao serem atacados da enfermidade, eram obrigados a recolherem-se em casa, sem poderem sahir á rua nem de noite nem de dia, sob pena de forca.

Se estes enfermos encerrados nos domicilios eram pobres, recommendava-se aos parochos das suas freguezias que lhes ministrassem alimentos.

Os enfermos que não tinham domicilio deviam recolher-se ao arrabalde de Saint-Germain-des-Prés, onde se apropriára uma casa para lhes servir de hospital. Haveria tambem outras casas para as pobres mulheres enfermas, que eram menos numerosas que os homens, mas que por vergonha occultavam quanto podiam o seu estado de saude.

Previu-se desde logo que o hospicio provisorio de *Saint-Germain* não seria suffiente para o successivo augmento dos enfermos, e promettia-se accrescental-o com outros logares circumvizinhos, segundo as necessidades sanitarias.

As despezas d'estas enfermarias ficavam a cargo da cidade, para o que se levantaria um imposto especial em caso de necessidade.

Dois agentes responsaveis seriam postados, um na porta de *Saint-Denis* e outro na de *Saint-Jacques,* para distribuir os quatro soldos a cada enfermo e para inscrever os nomes dos que recebessem esta indemnisação ao sahir da cidade. Haveria tambem nas outras portas agentes da policia sanitaria para impedirem que os doentes expulsos voltassem, quer ás claras, quer occultamente.

O artigo mais importante da ordenação é o oitavo, assim concebido:

«*Item*. O preboste de Paris ordenará aos examinadores e agentes de vigilancia que nos bairros em que exercerem o seu cargo não permittam a nenhum dos enfermos transitar, conversar, ou communicar com pessoa alguma, e que onde quer que encontrem algum, o expulsem da cidade, ou o constituam prisioneiro, para que seja castigado corporalmente, em harmonia com as disposições d'esta ordenação.»

Este artigo prova que a syphilis se considerava como uma especie de peste, e que desde esta épocha se havia organisado em Paris um serviço de sanidade com os taes *examinadores* e agentes de vigilancia, aggregados aos districtos, ou bairros da cidade, e encarregados de fazer observar rigorosamente os regulamentos da hygiene publica. Em todo o caso, não se acreditava na infecção do ar durante a epidemia, por isso que se permittia aos enfermos permanecerem na cidade, com a condição de não sahirem de suas casas.

E' provavel que as casas em que viviam enfermos fossem indicadas ao publico por algum signal exterior, como por exemplo, um feixe de palha pendurado de uma janella, ou uma cruz negra de madeira pregada na porta. Uma designação d'este genero foi exigida mais tarde aos que habitavam casas *infectadas pela peste*, por uma ordenação do preboste, de 16 de novembro de 1510.

Ainda que esta ordenação e outras de data posterior relativas ás epidemias não insiram qualquer medida preventiva contra as casas da prostituição, consta no emtanto que eram mandadas evacuar, e que se punham sellos nas portas até que melhorasse a saude publica.

O mesmo succedia com os banhos, que se mandavam fechar durante o periodo de contagio.

Na primavera de 1497, o numero de syphiliticos augmentou de um modo consideravel, segundo previra o excellente prelado:

«Na sexta-feira, 5 de maio, o tribunal do parlamento levantava *uma somma de 60 libras parisis* (approximadamente 54$000 réis) sobre os fundos das multas, e fazia-a entregar a Nicolau Potier e outros encarregados dos doentes do mal de Napoles, para que a dispendessem nas necessidades dos ditos enfermos.»

Os registros do parlamento, em que encontramos consignado este facto, mencionam tambem com data de 27 de maio do mesmo anno as exhortações que o bispo de Paris dirigiu por diversas vezes aos principes, pedindo-lhes uma *esmola*, «por isso que, se os doentes do hospicio *Saint-Germain* haviam sarado em grande numero, outros soffriam crueis privações, porque o dinheiro faltava, e n'aquella occasião não se colhiam muitas esmolas.»

O secretario do tribunal propoz que se consagrassem a esta obra de caridade uns quinze ou dezeseis escudos (35$000), que estavam depositados em cofre havia pelo menos dez annos, e nunca tinham sido reclamados. O tribunal mandou que esta somma fosse enviada ao prelado.

Este documento prova que a caridade publica começára a cansar, provavelmente porque o assumpto não era dos mais edificantes. Pelo que respeita aos curados, é de crêr que não fossem verdadeiros syphiliticos, e que muitos

mendigos fingiam ter a enfermidade para participarem dos beneficios da ordenação. Effectivamente as esperanças que poderiam inferir-se da carta do bispo ao parlamento não se realisaram, e as numerosas curas que este documento noticiava trouxeram um grande augmento de enfermos. A população sã de Paris assustou-se e pediu energicamente a expulsão d'aquelles extranhos empestados, que causavam horror á vista.

O preboste de Paris attendeu a estas reclamações unanimes e mandou apregoar ao som de trombetas a ordenação seguinte: (*Registro azul do Chatelet*, f. 3).

«Apesar de até agora ter sido ordenado ao som de trombetas, e pela voz de pregoeiro por todas as ruas d'esta capital, para que ninguem podesse allegar ignorancia, que todos os enfermos de *grosse vérole* desoccupassem a cidade e fossem, os extrangeiros para o seu paiz natal e os naturaes para extra-muros, sob pena de forca, succede que os referidos enfermos, desprezando o que fôra disposto e publicado, voltaram de todas as partes, communicando pela cidade com as pessoas sãs, o que é uma cousa verdadeiramente perigosa para todos os habitantes de Paris:

«Fica, portanto, expressa e formalmente intimado por el-rei e seu preboste a todos os ditos enfermos da referida enfermidade, sejam homens ou mulheres, que incontinenti desoccupem a dita cidade e seus suburbios, e vão — os extrangeiros para os paizes da sua naturalidade, e os naturaes para longe da cidade e arrabaldes, sob pena de serem deitados ao rio, se forem encontrados passado o dia de hoje.

«Previnem-se todos os commissarios e agentes de vigilancia de todos os bairros para que prendam ou façam prender os que forem encontrados, afim de n'elles se executar este castigo. Dada na segunda-feira, 25 de junho de 1498.»

Esta ordenação, que não admittia nem desculpa, nem demora, nem excepção de especie alguma, fôra motivada pela presença em Paris de toda a nobreza, que tinha ido render homenagem ao novo rei Luiz XII, causando espanto por essa épocha encontrarem-se a cada passo enfermos, que não podiam ser retidos nos domicilios, visto que a enfermidade por mais horrivel que fosse, não os impedia de sahir a tomar ar. Fechavam-se quasi sempre os olhos a estas infracções das leis policiaes, quando os doentes eram pessoas serias e de bom porte, mas o seu aspecto causava horror á população indemne, quando os via apparecer como corrupções vivas.

«Não eram sómente ulceras, diz Sauval, apropriando-se das palavras de Fernel, ulceras, que podiam tomar-se por bolotas, tal era o tamanho e a côr que tinham, e das quaes se destillava um pus asqueroso e fetido, que obrigava os olhos a desviarem-se com horror; os rostos manifestavam um negro esverdeado, e cobriam-se de chagas, cicatrizes e pustulas, que nada mais horrivel podia existir.» (*Antig. de Paris*, t. III, pag. 27).

O sabio Fernel, que vivia em fins do seculo XVI, accrescenta que esta primeira enfermidade venerea se assimilhava tão pouco á do seu tempo, que difficilmente se acreditaria que fosse a mesma.

«Esta enfermidade, dizia em 1539 o auctor do *Triumpho glorioso da muito alta e muito poderosa dama Dona Syphilis*, perdeu muito da sua primitiva malignidade, e os povos já não são por ella tão assolados.»

O decreto do parlamento de 6 de março de 1497 (a data é de 1496, segundo o calendario paschal) não deixa a menor duvida de que o mal de Napoles reinou por toda a França desde o anno de 1494: no emtanto, não está bem averiguada ainda a época da invasão em cada provincia e em cada cidade. Os archivos municipaes e consulares subministrariam documentos preciosos sobre este assumpto. Astruc, no seu grande tractado monographico, cita sómente dois factos, que fazem constar a apparição do mal napolitano em Romans, no Delphinado, e em Puy, no anno de 1496:

«A enfermidade das *bubas*, dizem os registros da universidade de Manosque, foi importada n'este anno por alguns soldados de Romans do Delphinado, que estavam ao serviço do rei e do duque de Orleans, na cidade sua patria, que estava ainda indemne, e não conhecia tal especie de enfermidade, que tambem não reinava ainda na provincia.»

N'uma chronica inedita da cidade de Puy, o auctor, Estevam de Meges, natural da mesma cidade, refere que a *grosse vérole* appareceu pela primeira vez em Puy no decurso do anno de 1496.

O extracto dos registros de Manosque é precioso, por isso que serve para provar que o exercito de Carlos VIII, á volta da expedição de Italia, vinha infeccionado da nova enfermidade, e effectivamente esta enfermidade manifestou-se em 1495, em todo o caminho percorrido pelos restos d'aquelle exercito, que vinha em debandada depois da batalha de Fernova.

Os soldados que trouxeram o mal a Romans tinham sem duvida feito parte da rectaguarda sitiada em Novara com o duque de Orleans, que alli sustentou um cêrco formidavel por espaço de cinco mezes.

Desde a épocha em que Astruc andou recolhendo os materiaes para a sua encyclopedia das enfermidades venereas, um estudo mais attento e minucioso dos archivos municipaes de toda a França permittiu verificar que o mal napolitano se estendeu de povoação em povoação até ás aldeias mais remotas e obscuras, pelos annos de 1494 a 1496, o que está em harmonia com o decreto do parlamento de Paris, que observa em 6 de março de 1497 «que a *grosse vérole* tivera grande incremento n'este reino ha dois annos a esta parte», quer dizer em 1495 e 1496.

Só nas grandes cidades, a exemplo de Paris, é que se usou de rigor contra os enfermos, expulsando-os sob pena de castigo. Nos outros pontos, evitava-se apenas o seu contacto, deixando-os morrer em paz.

Não acreditamos, como affirmam alguns contemporaneos, que a vigessima parte da população morresse victima d'aquella epidemia, tanto em França como no resto da Europa. Antonio Sabelico dizia em 1502:

«Pouca gente morreu, relativamente ao grande numero de enfermos; mas foi pequeno o numero dos que sararam.»

Ulrich de Hutten, que chegou a julgar-se curado, e succumbiu aos progressos latentes do mal na edade de trinta e seis annos, dizia «que de cem

enfermos apenas se curava um só, e que este recahia com frequencia em estado muito peior que o primitivo.» (*De morbi gallici curatione*, cap. 4.) Porque a vida era mais horrorosa que a morte para aquelles desgraçados, que não tinham o direito de viver na sociedade dos seus similhantes, e que não encontravam nem remedio physico nem allivio moral para os seus atrozes soffrimentos.

Nos primeiros tempos do apparecimento do mal de Napoles, póde dizer-se que em nenhuma parte foi tractado, segundo as regras da sciencia; os medicos abstinham-se geralmente de assistir aos enfermos, declarando, a exemplo de Bartholomeu Mortagnana, professor de medicina da faculdade de Padua, que este mal fôra desconhecido a Hippocrates, a Galeno, a Avicena e a outros medicos antigos; tinham além d'isso uma repugnancia invencivel contra a lepra, á qual succedia a syphilis.

De resto, este mal vergonhoso parecia concentrado na classe abjecta que acalentava no seu seio o germen de tantas e tão repulsivas enfermidades, e por isso, no fim de contas, nenhum proveito tirarião de tractar males, provenientes, segundo diziam, do vicio, da miseria e da crápula.

Envoltos pedantescamente na sua magestade doutoral, diziam «que na cura das enfermidades a indicação do tractamento devia ser extrahida da sua propria essencia, e por isso que nenhum indicio podiam tirar de um mal absolutamente desconhecido.»

Os medicos francezes mostraram-se mais indifferentes ou mais ignorantes que os allemães ou italianos, abandonando completamente a toda a especie de charlatães a cura de um mal que se lhes afigurava um problema insoluvel. Esta deserção geral dos homens da sciencia deu logar á invasão de uma multidão de empiricos no tratamento das affecções venereas. Depois dos boticarios e dos barbeiros, chegaram até os sapateiros a tractar d'estas doenças. D'aqui a diversidade dos remedios, a differença de methodos, os ensaios infructiferos, os processos ridiculos, antes de se atreverem a empregar o mercurio, e de se conhecer a efficacia do *gaiac*. As sangrias, as lavagens, os emplastos, as purgas, as tisanas, exerciam uma acção mais ou menos neutra, como na maior parte das enfermidades; no emtanto, as fricções, os banhos e os sudorificos tinham maior virtude, pelo menos na apparencia.

«O melhor meio que encontrei para curar as dores e até mesmo as pustulas, escrevia Gaspar Torella, que tinha experimentado em França esta medicação anodyna, é fazer suar o enfermo n'um forno quente, ou pelo menos n'uma estufa, por espaço de quinze dias seguidos, em jejum.»

Era tambem muito usada em França a panaceia, que se suppunha tirar da vibora, quer dizer, vinho em que se deixavam morrer em infusão algumas viboras, caldo de viboras, carne de vibora cosida ou assada, decocto de viboras, etc.

Os cirurgiões foram os primeiros que se serviram do mercurio para obterem um tratamento energico contra um mal rebelde a todos os remedios. O exito correspondeu á ousadia, mas a ignorancia ou a imprudencia dos operadores occasionou os mais terriveis accidentes, e muitos doentes, que teriam

escapado da enfermidade, morreram então da cura. Gaspar Torella attribue aos effeitos do mercurio a morte do cardeal de Segorbe e de Affonso Borgia.

Para evitar estes desastrosos effeitos foi necessario procurar um remedio menos perigoso e mais seguro, e julgou-se haver encontrado a solução do problema, quando o acaso fez descobrir na America as propriedades anti-syphiliticas do *gaiac*. Ulrich de Hutten, que fôra um dos primeiros a experimentar a efficacia d'este remedio, refere que um fidalgo hespanhol, estando gravemente enfermo de syphilis, soubera de um indigena o remedio mais efficaz para combater o mal, e trouxera á Europa a receita a que devia a saude.

Ulrich de Hutten attribue aos annos de 1515 ou 1517 a importação do *gaiac* na Europa. O facto refere-se de differente modo nas notas das curiosas viagens de Jeronymo Benzoni. *(Edic. de Francfort,* 1594.):

«Um hespanhol que havia contrahido o mal por copula com uma prostituta india e que soffria crueis dores, depois de beber agua de *gaiac,* que lhe foi dada por um indio, ficou perfeitamente curado.»

Desde aquella épocha, 1515 a 1517, começou a espalhar-se pela Europa que o mal napolitano podia curar-se com uma droga fornecida pela America, e desde então o povo, que faz sempre enormes confusões nas suas chronicas oraes, persuadiu-se de que o remedio e o mal deviam ser compatriotas.

As denominações de mal napolitano e mal francez não podiam sobreviver por muito tempo a esta preoccupação que collocára o berço do mal junto da arvore que o curava, por isso os nomes de *vérole* e *grosse vérole* prevaleceram por excellencia, como que para restituirem á America o que julgavam pertencer-lhe.

As primeira curas devidas ao emprego do *gaiac* foram maravilhosas. Nicolau Poll, medico de Carlos V, affirma que tres mil enfermos desesperados sararam quasi ao mesmo tempo á sua vista, graças ao decocto de *gaiac,* e que a cura d'aquelles desgraçados parecera quasi uma resurreição.

O grande Erasmo, que fôra atacado de uma syphilis terrivel com dôres phreneticas, ulceras e caries, depois de ter ensaiado onze vezes o tractamento mercurial, foi radicalmente curado com o *gaiac,* ao cabo de trinta dias.

Este pau de *gaiac* foi por toda a parte acolhido como um dom do ceu, mas bem depressa se reconheceu que o remedio tinha tambem os seus inconvenientes, por isso que aos accidentes venereos succedia com frequencia uma consumpção mortal. Não obstante isto, foi conservando numerosos partidarios até que foi desthronado por outro remedio, procedente tambem da America e chamado pelos indigenas *hoaxacan,* ao qual os europeus deram o nome de pau santo *(sanctum lignum).*

Este ultimo remedio foi mais usado em França do que nas outras nações, durante uma parte do seculo XVI, justificando o grande consummo, que teve, a sua denominação, por isso que operou curas extraordinarias.

Punha-se de infusão por espaço de vinte e quatro horas uma libra de pau santo cortado em pedaços miudos. O decocto tomava-se em jejum, quinze ou trinta dias seguidos, produzindo um suor copioso, que diminuia a intensidade do mal, ou muitas vezes o levava comsigo.

Os medicos francezes escreveram muitos tractados ácerca da efficacia do *gaiac* e do pau santo, dos quaes fallam com uma especie de respeito e de piedosa admiração; mas ainda assim não fizeram mais do que repetir os elogios que Ulrich de Hutten, na Allemanha, e Francisco Delgado, na Italia, tinham antecedentemente feito d'este maravilhoso especifico, em reconhecimento das suas curas.

«Oh santo lenho! clamava nas suas orações um doente, já alliviado dos seus padecimentos. Oh santo lenho! Serás tu da arvore bemdita da cruz do bom ladrão?»

A cura que se obtinha pelo pau santo ou pelo *gaiac* não era todavia tão radical que os vestigios do mal desapparecessem completamente. Signaes demasiado evidentes ficavam, pelos quaes se reconheciam os desgraçados que haviam escapado á aguda acção da enfermidade, sem se poderem subtrahir ao seu trabalho surdo e incessante.

Eis o sombrio quadro que faz d'estes suppostos convalescentes o auctor do *Triumpho glorioso da muito alta e muito poderosa dama Dona Syphilis:*

«Uns granulosos, outros inchados; estes cheios de fistulas lacrymosas, aquelles corcovados e gottosos.»

O mesmo auctor, que desejava aconselhar a continencia e a moderação aos seus leitores, pondo-lhes diante dos olhos «o exemplo dos infelizes que pela abominavel luxuria a que se entregam adquirem estas enfermidades», descreve-lhes d'este modo os prodromos não menos espantosos do mal napolitano:

«Outros estão nos hospitaes do venereo, cobertos de ulceras, de cancros, de tumores putridos, de erupções, de carnosidades e de outras cousas do mesmo genero, que se adquirem ao serviço de Dona Prostituição.»

Muitos annos antes da publicação d'esta obra singular, a poesia franceza apoderara-se do assumpto deploravel, que Jeronymo Frascator devia celebrar no seu bello poema virgiliano, intitulado *Syphilis, sive morbus gallicus.* João Droyn de Amiens, bacharel em leis e poeta conhecido por dois poemas moraes e christãos, a *Nau dos Tolos* e a *Vida das tres Marias,* compoz uma ballada em honra da *grosse vérole,* a qual depois de ter dado a volta da França com a nova enfermidade, foi impressa em Lyon, em 1512, em continuação das poesias moraes de frei Guilherme Alexis, monge de Lira e prior de Bussy.

A ballada de mestre João Droyn é extremamente curiosa, por isso que accusa a prostituição de haver propagado em França o mal de Napoles, que o poeta attribue aos lombardos. De tudo isto póde inferir-se que as guerras de Luiz XII na Italia foram ainda mais funestas á saude dos seus vassallos do que a primeira expedição de Carlos VIII.

Eis a paraphrase d'esta famosa ballada, que não reproduzimos n'este logar na lingua em que foi composta, em attenção ás pessoas pouco lidas no francez inculto d'essa épocha:

«Joviaes amigos, de cabelleira ou gorra, pensae na vida, emendae-a a tempo! Cautella com os buracos, porque são perigosos! Fidalgos, burguezes, homens de lei, que dispendeis escudos, saude e ducados, em banquetes, jogos e orgias, acautellae-vos em questões de amores, e tomae nota no vosso

protocolo:—*Foi por frequentardes tantos logares obscuros, que se engendrou a grosse vérole!...*

«Amae com prudencia, compassadamente, nada de excessos, nada de folias! Cançar-vos para quê! Evitae loucuras. Nunca o prazer nos deixe exhaustos! Amae a virtude, sêde cautellosos. Fugi, amigos, de gente corrupta! *Foi por metterdes a lança em concavidades damninhas, que se engendrou a grosse vérole!...*

«Escolhei mulheres de boa qualidade, mas nunca entreis no antro sem candeia. Nada de vergonhas! Procurae, apalpae, investigae, e só depois d'isto reine o prazer! Fazei como os aventureiros em presença d'uma bagagem abandonada; esquadrinhae de alto a baixo. *Foi por não serem os Lombardos cautellosos, que se engendrou a grosse vérole!...*

«*Estribilho:* Principe, sabeis que o santo Job foi virtuoso, mas as ulceras que teve n'este mundo nos fazem recorrer á sua guarda. *Foi para corrigir os luxuriosos que se engendrou a grosse vérole!...*»

Segundo as regras poeticas da ballada franceza, as tres estrophes symetricas deviam terminar por uma volta ou estribilho *(envoi)* de cinco versos, dirigidos a um principe. Ser-nos-hia difficil descobrir a que principe foi dedicada a ballada de Droyn; em todo o caso, fosse qual fosse, e por mais austero que se mostrasse, nenhum d'elles teria protestado n'aquella épocha contra similhante dedicatoria, tanto mais que os numerosos tractados então escriptos sobre o mal venereo eram dedicados aos cardeaes, bispos e outros importantes personagens.

O exame attento d'esta ballada fornecer-nos-hia ainda assumpto para outras observações historicas. Veriamos n'ella, por exemplo, que o mal se revelava por alguns signaes externos, como se os doentes soffressem assim o estygma da sua impureza, e que provinha sempre da união carnal e da luxuria.

E' na verdade para admirar um tal rigor de observação n'um poeta de uma épocha em que os proprios medicos acreditavam na propagação do virus pelo ar que se respirava, e pelo simples contacto. O vulgo via muito melhor a este respeito do que os homens da sciencia, e o seu bom senso assimilhava a *grosse vérole* á lepra, a filha á mãe.

Dois seculos depois, o abbade de Saint-Martin, que foi a expressão viva de todos os preconceitos populares, repetia ingenuamente o que ouvira contar á sua ama de leite, além de muitas outras coisas de que fazia responsavel o seu amigo João de Lorme, primeiro medico do rei:

«E' de notar que o venereo se pega pelo contacto da pessoa que o padece, dormindo com ella, ou andando-se descalço sobre a sua cama, e de outros modos ainda.»

João Droyn não foi o unico poeta francez que cantou o mal napolitano antes de Frascator. João Lemaire de Belges, o amigo intimo de Clemente Marot e de Francisco Rabelais, historiographo e poeta de Margarida de Austria, traduziu em verso um conto intitulado *Cupido e Atropos,* que Seraphino havia publicado em versos italianos, a respeito dos extranhos e horriveis effeitos d'este contagio nascido do prazer. A este conto original accrescentou outros de

sua invenção, egualmente consagrados ás contendas entre o Amor e a Morte. Extrahimos da obra de Lemaire, que veio a lume em 1520, uma descripção vigorosamente traçada dos estragos da enfermidade nas suas desgraçadas victimas. E' apenas uma paraphrase do poema, cujo texto não apresentamos na lingua original pelas razões acima expostas:

«Finalmente, o venereo chegou á sua maturação e transformou-se em enormes bolbos. Nunca se vira na terra uma tal deformidade! Não eram rostos humanos, eram verdadeiros monstros. Os bolbos reproduziam-se por toda a parte, na fronte, no pescoço, na barba, no nariz: nunca se vira tanta gente com tão exhuberante florescencia! O veneno, em seguida, graças ao seu poder occulto, ia perfidamente atacar as veias e as arterias, communicando-lhes tão extranhos mysterios, que para a dôr, para a gotta, para o soffrimento, em summa, só havia um remedio, um só, gritos, choros, prantos, imprecações, e finalmente appellar para a morte, como o termo de tanto soffrimento.»

João Lemaire, que foi como poeta o precursor elegante de Clement Marot, seu discipulo, faz entrar nos seus versos a nomenclatura polyglotta d'aquella enfermidade, que os jocosos da épocha denominavam *souvenir*, ou recordação, em memoria da conquista de Napoles. Os tres contos allegoricos de *Cupido e Atropos* foram reimpressos em 1539 juntamente com o *Triumpho glorioso da muito alta e muito poderosa dama Dona Syphilis, rainha da fonte dos Amores*. Este triumpho não é mais do que uma serie de 34 figuras em madeira representando os accessorios do mal de Napoles e do seu tractamento. Viam-se entre as figuras Venus, Cupido, os medicos, a dieta, etc., etc.

Estas figuras compostas e executadas ao gosto de certa dança são acompanhadas de decimas e oitavas perfeitamente rimadas, de modo que dão a entender que o supposto auctor era o proprio Rabelais. O grande philosopho vivia por esse tempo em Lyon, onde exercia a medicina, compondo nas horas vagas estas e outras facecias para diversão dos pobres syphiliticos.

Na sua velhice, o illustre e implacavel critico recordava-se ainda da terrivel doença que observára em 1527, e por isso no livro V do *Pantagruel*, entre varias outras cousas impossiveis, cita o caso de um joven extractor da quinta essencia, que se gabava de curar a syphilis «ainda a mais fina, como quem diz a de Rouen.» Um seculo mais tarde, o proverbio sobrevivia ainda á epidemia, e Sorel, no seu romance de *Francion* (lib. X,) diz que «venereo de Rouen e lama de Paris nunca se vão de todo senão com a peça.»

Apesar de personagens eminentes e do mais honesto comportamento terem sido, não se sabe bem como, victimas d'esta enfermidade impudica, é difficil negar-se que a prostituição fosse o principal intermediario do contagio e que os bordeis fossem o foco de tão espantoso mal. Em parte alguma a prostituição existia regulamentada sob o ponto de vista sanitario, e só em 1684 podemos encontrar uma medida policial que parece tomar em consideração a salubridade dos estabelecimentos de libertinagem publica.

E' facil inferir d'este facto os terriveis effeitos que esta incuria da auctoridade produziria na saude publica. Abandonando-se aos perigos da incontinencia, os libertinos, que iam, por assim dizer beber, o mal á sua propria fonte,

expunham a perigos inevitaveis as mulheres legitimas d'estes imprudentes; as mulheres e os filhos, aos quaes os seus progenitores legavam d'este modo um virus incuravel.

No principio da enfermidade, como vimos, os doentes eram mettidos nas enfermarias, ou expulsos das cidades, onde a sua presença inspirava receios de contagio. Esta expulsão geral dos pobres atacados contribuiu necessariamente para propagar a infecção nos campos.

Quando, porém, a experiencia demonstrou que o mal venereo, só podia communicar-se pela copula carnal, ou por outro contacto intimo e immediato, não houve inconveniente em deixar permanecer nas cidades e no convivio das pessoas sãs as victimas d'aquella triste e vergonhosa enfermidade, que necessariamente devia aterrar os proprios libertinos.

Não temos a data exacta d'esta mudança de opinião e de policia sanitaria a respeito do mal napolitano e das suas victimas. Nos registros do parlamento de Paris, lê-se com data de 22 de agosto de 1505 um decreto que auctorisa a levantar do fundo das multas a somma necessaria para o aluguer de uma casa destinada ao alojamento dos syphiliticos.

Este decreto é o ultimo que faz menção d'estes hospitaes temporarios. Diz-nos tambem que o asylo de *Saint-Germain* não era sufficiente. E' muito provavel que alguns annos mais tarde a medicina, que a esse tempo havia estudado já o principio do mal venereo, admittisse os syphiliticos de mistura com os outros doentes do *Hotel-Dieu*, embora esta concessão se estendesse apenas aos que haviam contrahido em Paris a *grosse vérole*.

Assim se passou de um a outro extremo, cahindo-se d'um excesso n'outro peor. No *Hotel-Dieu*, os enfermos tinham uma cama para cada quatro, e a syphilis foi infeccionar muitos desgraçados que alli haviam entrado apenas com uma febre ou com uma constipação, e que sahiam contagiados, pelo virus ou pelo mercurio.

Multiplicavam-se, portanto, os enfermos, apesar do mal haver diminuido de gravidade, e o *Hotel-Dieu* em pouco tempo não foi sufficiente para contel-os.

Foi mister pensar então em fundar hospitaes destinados especialmente ao tractamento venereo.

O primeiro hospital d'esta natureza foi estabelecido em 1536 por decreto do parlamento, devido ás informações dos commissarios encarregados da policia dos pobres. Duas salas do grande hospital da Trindade tiveram este destino. O salão do andar nobre, onde se costúmava representar farças e autos, foi destinado a albergue dos syphiliticos, a sala do rez-do-chão recebeu os atacados do mal que chamavam *Saint-Main* e *Saint-Fiacre*, e ainda os de outras molestias contagiosas.

Alguns mezes depois da installação d'este hospital, já faltava espaço para o grande numero de enfermos que chegavam a toda a hora. O parlamento, por decreto de 3 de março de 1547, ordenou aos mordomos da egreja de Santo-Eustaquio que destinassem o hospital da freguezia ao alojamento dos pobres enfermos syphiliticos e da enfermidade chamada de *Saint-Main*, ou de quaesquer outras do mesmo modo contagiosas.

Não havia ainda, porém, em Paris, apesar d'estas medidas sanitarias, um hospital exclusivamente reservado ás enfermidades venereas, emquanto que a cidade de Tolosa possuia um desde o anno de 1523, denominado na lingua do paiz *Houspital des Rougnousés de la Rougno de Napoles.* (V. as *Mem. de la hist. du Languedoc*, por G. de Catel, p. 237.)

A' medida que se abriam novos asylos para os pobres enfermos da syphilis, manifestavam-se os estragos do mal nas classes inferiores, sobretudo nos vagabundos. A humanidade aconselhou então que se livrassem as pessoas sãs da vista e do contacto dos enfermos. Por toda a parte se construiram hospitaes, onde como nos carceres se foram accumulando todos os pobres em que se suppunha o contagio.

Pouco tempo bastou, porém, para que a auctoridade não se arrependesse de ter supprimido com demasiada leviandade as medidas policiaes relativas aos leprosos e syphiliticos. Reconheceu, ainda que tarde, que não era talvez tão grande a differença entre estas duas classes de enfermos, e teve a idéa de restabelecer o antigo regimen das gafarias, ou lazaretos dos leprosos. Por isso preparou-se para os syphiliticos o grande hospital de S. Nicolau em Paris, perto da Bièvre, na freguezia de S. Nicolau de Chardonnet.

No emtanto, os recursos d'este hospital não haviam sido calculados para o augmento diario do numero de enfermos, e este numero elevava-se em 1520 a 660. Os lençoes e muitos outros artigos vieram a faltar completamente. O parlamento de Paris apiedou-se d'estes enfermos, *que se encontravam na maior necessidade*, e intimou os administradores do *Hotel-Dieu* a proverem todas as faltas do hospital de S. Nicolau. (V. *Prouves de l'hist. de Paris*, por Felibien e Lobineau, t. IV, p. 689 e 697.)

Este hospital tomou o nome de *Lourcines*, e eram para elle enviados todos os syphiliticos que se apresentavam na repartição dos pobres e no *Hotel-Dieu*, onde até então haviam sido admittidos *nos mesmos leitos dos não atacados d'esta enfermidade.* Tal foi a origem do hospital do venereo, e um decreto de 24 de setembro de 1559 diz-nos que Pedro Galandins «costumava administrar antes d'isto o dito hospital de Lourcines, onde vivia e assistia como medico aos syphiliticos.» (*Ob. citada*, t. IV, p. 778.)

Ao mesmo tempo que se procurava isolar esta classe de enfermos, tractava-se de encerrar nas gafarias os leprosos errantes, que tanto haviam concorrido para corromper a saude publica, vivendo livremente entre a população indemne.

Francisco I, por decreto de 10 de dezembro de 1543, quiz remediar a *grave desordem* das gafarias, e tentou fazer encerrar n'ellas os leprosos, que mendigavam pelas aldeias. Era demasiado tarde para restituir ao dominio do estado os bens pertencentes á caridade publica, mas invadidos ha mais de um seculo pelos particulares. Além d'isto, de que serviam as gafarias, se já não havia leprosos propriamente ditos?

Effectivamente, os que por este nome se designavam, não eram em ultima analyse mais do que syphiliticos de virus recente ou inveterado. A lepra e o venereo haviam feito causa commum, a tal ponto que Henrique IV, por um

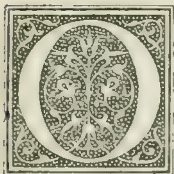
edito de 1696 destinou as gafarias que ainda restavam para alojamento dos fidalgos pobres e dos soldados estropeados.

N'aquella épocha nem todos os syphiliticos estavam nos hospitaes e póde dizer-se que a prostituição, ao passo que povoava as *Côrtes dos Milagres,* as ia despovoando tambem, propagando n'ellas sem cessar o antigo virus da lepra e o virus novo do mal venereo.

CAPITULO XXII

SUMMARIO

Os poetas da prostituição no seculo XIII.—Corrupção obscena da linguagem.—Christina de Pisau declara guerra ás palavras torpes.—Influencia do *Romance da Rosa* nos costumes.—A *Arte de amar*, de Guilherme de Lorris e João de Meung.— Vingança das damas.—Antagonistas do *Romance da Rosa*.—Projecto de reforma das mulheres publicas.—O campeão das damas.—Os poços do amor da Picardia e de Hainaut.—Guilherme Coquillard, de Reims.—Os novos direitos e o codigo da libertinagem.—*Facio ut des.*—Fraude a respeito da qualidade do genero.—Estellionato amoroso.—Litigio entre a simples e a astuta.—Antes de tudo, pague.—Retrato de uma velha proxeneta.—Nomenclatura das cortezãs de Reims com as suas alcunhas — Oliva de Gaie-Fatras.— Mariquitas de Traine-Poetes.—Morte de Coquillart.—Seu epitaphio.—As *coquilles* de Coquillart.



Os troveiros do seculo XIII, como já dissemos, haviam sido os poetas da prostituição. As suas trovas, contos e romances, reflexo vivo da licença dos seus costumes e da obscenidade da sua linguagem tiveram funesta influencia na linguagem escripta e nos costumes populares, que longe de se depurarem, se preverteram cada vez mais, a exemplo dos que a alegria gauleza havia elevado ás nuvens nos seus contos licenciosos. Não só a linguagem foi sobrecarregada de uma enorme quantidade de palavras torpes e de locuções impudicas, mas aprendeu tambem a aproveitar a cada passo todos os logares communs do amor carnal.

Os editores de Rutebeuf, os senhores Achilles Juvinal e o seu antecessor Meon, não se atreveram a publicar, nem mesmo supprimindo as palavras livres ou substituindo-as com reticencias, muitas composições que provam quanto aquelle desbragado troveiro se esquecia do respeito devido á decencia publica. Os amadores d'este genero de litteratura podem consultar o celebre manuscripto da Bibliotheca imperial, em que se encontra a pag. 215, a composição intitulada *Dit du c... et de la c...*, que principia assim:

Une c... et une v... s'esmurent
A' un marché où aller durent...

Uma outra composição, não menos desaforada, é a que se encontra a paginas 24, sob o titulo de *Dit des c...*, e cuja invocação dirigida a um alto personagem começa:

Signor, qui les bons c... savez,
Qui savez que le c... est tels...

Como estas, outras muitas que não reproduzimos na sua integra, e das quaes nem mesmo damos a traducção dos primeiros versos, para não indignarmos o leitor avesso a taes desbragamentos de expressões.

Ninguem extranhava esta obscena linguagem nos contos jocosos, onde era sempre bem recebida como incentivo da gargalhada. A força de habito fez, porém, com que ella passasse a obras mais serias e até mesmo ás que se occupavam da moral. Já citámos diversas passagens de uma antiga traducção da Biblia, para provar que os escriptores e poetas profanos se resentiam sempre das más companhias que frequentavam. Esta inconveniencia da linguagem não era, ainda assim, sensivel a todos, e mulheres de bons costumes, bem como homens de grande austeridade havia, que levavam a sua candura ao extremo de não se escandalisarem com as locuções triviaes ou deshonestas, que tinham irrompido na lingua escripta e na fallada quasi ao mesmo tempo. Era mister possuir uma delicadeza excepcional n'aquella épocha para alguem se envergonhar ou offender com aquella ingenua grosseria, que o uso propagára a todas as classes, fazendo-a passar dos livros á conversação.

Vamos vêr como a discreta e *pudica dama* Christina de Pisan se defendia da accusação de haver manchado as suas obras poeticas e moraes com esta prostituição da linguagem. Responde á *muito notavel e competente pessoa* de Gauthier Col, secretario do rei Carlos v:

«Dizes que sem razão vitupero o que se diz no *Romance da Rosa*, no capitulo da *Razão*, em que se nomeiam os membros do homem pelos seus nomes, e a ponto recordas o que disse n'outra parte já — que Deus creou todas as cousas boas, mas que emfim pela abominavel mancha do peccado dos nossos primeiros paes se tornou o homem uma cousa immunda. Trago, em reforço, o exemplo de Lucifer, cujo nome é bello e a pessoa horrivel, e concluo por dizer que o nome não faz a deshonestidade da cousa, mas sim a cousa é que torna o nome deshonesto. E por isto dizes que me pareço com o pelicano, que se mata com o proprio bico, e conclues: — Se é a cousa que torna o nome deshonesto, que nome se pode dar á cousa, que não seja deshonesto? — A isto respondo desde já que nem sou logica, nem vejo a necessidade de taes disputas. No emtanto, sempre accrescentarei que não poderia fallar de modo algum de deshonestidade, ou de vontade corrompida, mas se em caso de enfermidade o julgasse conveniente, fallaria d'isso de modo que se entendesse o que queria dizer, sem fallar ainda assim deshonestamente.»

Christina de Pisan não receia, ao que se vê, entrar n'uma discussão espinhosa e ardua a respeito dos casos em que era necessario chamar as cousas pelo seu nome, embora esse nome fosse deshonesto, e conclue por estabelecer o principio de que só a deshonestidade do coração produz a deshonestidade das expressões. Tractando, porém, d'este escabroso assumpto, nem se quer nota que vae cahir no defeito que censura a João de Meung e aos poetas da sua eschola, por isso que se serve de palavras torpes e indecentes, que contrastam com a pureza das suas intenções.

O Romance da Rosa, que Christina de Pisan ataca d'este modo nas suas epistolas (*Ms.* da Bibliotheca Imperial,) podia com razão ser accusado de haver exercido uma influencia perniciosa no pudor da linguagem e no estado dos costumes publicos. Póde dizer-se no entanto que o *Romance da Rosa* foi por espaço de mais de dois seculos o evangelho da galanteria franceza.

O auctor da primeira parte d'este famoso poema, Guilherme de Lorris, que morreu nos fins do seculo XIII, deixando-o incompleto, pretendeu compôr, sob uma forma allegorica, uma especie de *Arte de amar*, ao gosto do seu tempo: no emtanto, não se illudia a respeito dos perigos de uma paixão, que é ás vezes um mal terrivel e incuravel.

«Não ha remedio nem mézinha que aproveite. Fugir do amor eis toda a sua medicina!...»

O poeta sabia talvez por experiencia propria que o amor, por elle descripto com tanta seducção, era epidemico entre os poetas da épocha.

«Muitos perdem com elle o juizo, o tempo, os haveres, o corpo, a alma e a salvação».

Guilherme de Lorris tentou neutralisar o contagio voluptuoso do seu assumpto por meio de reflexões cheias de prudencia, e de sentimentos de uma nobre honradez. Não consegue, porém, realisar o seu fim, por isso que a doida mocidade que se havia enthusiasmado com o seu *Romance da Rosa*, *que encerra toda a arte do amor*, só viu n'elle pasto e exemplos de libertinagem, em vez de preceitos e de licções de moral. O poeta interrompeu o seu trabalho erotico, depois de haver escripto quatro mil versos.

Outro poeta se apresentou para completar o *Romance da Rosa*. João de Meung, diz Chopinel, continuou o romance de Lorris, affastando-se, porém, algum tanto do plano primitivo. Não quiz, no emtanto, imitar Ovidio, ou qualquer dos poetas classicos do amor. Sob o pretexto da moralidade e da satyra dos costumes, desencadeou na segunda parte da sua obra uma torpe enxurrada de injurias contra as mulheres, e para affastar os seus leitores do perigoso escolho da galanteria, tractou de lhes apresentar em toda a sua nudez os amorosos incentivos das sereias, que se dedicam á perdição das almas e dos corpos.

Parece estar perfeitamente averiguado que João de Meung não foi frade dominico, segundo por muito tempo se julgou, pelo facto de haver sido enterrado no claustro do convento dos jacobinos da rua de Saint-Jacques. Era doutor e professor de humanidades na universidade de Paris, por isso que o seu panegyrista, o prior de Salon, nol-o representa sentado no seu jardim da Tournelle e vestido com uma capa forrada de arminho, como *homem de qualidade*, diz o bibliographo Antonio Duverdier. Das escholas trouxera o habito de chamar as cousas pelo seu nome, e não fazia escrupulo, alentado pelas suas boas intenções, de usar dos termos mais obscenos e de pintar o amor com as côres mais lubricas, desprezando toda a especie de veu. Apesar d'isso, jactava-se de ser homem honesto, *de coração gentil e animo leal*.

Se o *Romance da Rosa*, porém, era a leitura favorita dos jovens dissolutos, as damas e as meninas novas, que tambem o liam em segredo, não perdoavam ao auctor o havel-as ultrajado, especialmente n'uma extensa diatribe

contra o sexo feminino, que termina por estas palavras: *Mulheres honradas, por S. Diniz! abundam tanto como a Phenix!*

As damas, irritadas por este ultrage, resolveram castigar por suas proprias mãos o insultador. Veio exacerbar-lhes a furia outra opinião demasiado cruel, que o poeta ousára formular contra o bello sexo em geral: «Todas fostes, sois ou sereis, por obras ou por vontade, p...»

A vingança das damas vem referida por André Thevet nos *Verdadeiros retratos e vidas dos homens illustres* (Paris, Kerver, 1584, 2 tomos in-folio;) e a tradicção do facto estava ainda tão presente na memoria de todos, que Antonio Duverdier, *sire* de Vauprivas, publicando quasi ao mesmo tempo em Lyon a sua *Biblioth. franceza*, n'ella faz menção da desventura de João de Meung. A narração de Duverdier é muito menos conhecida que a de André Thevet. De mais a mais contém interessantissimos pormenores, e por isso a transcrevemos textualmente, com o fito de provarmos que no tempo de Filippe, o Formoso, as damas da côrte não tinham melhor fama que as cortezãs de profissão:

«Mestre João de Meung, diz o *sire* de Vauprivas, tendo vindo á côrte em certa occasião, foi apanhado pelas damas n'uma das camaras do palacio real, e rodeado logo alli mesmo de muitos fidalgos, que por agradarem ás damas tiveram de prometter auxilial-as no castigo que meditavam. Apenas João de Meung as viu armadas de fortes azorragues, e ouvindo que intimavam os fidalgos a despil-o, pediu-lhe a mercê de o deixarem fallar, jurando que não iria pedir-lhes o perdão do castigo que desejassem impor-lhe, bem que não o merecesse, o que lhe foi outorgado, depois de muitos rogos e instancias dos fidalgos.

«Então João de Meung tomou a palavra e disse:

«Senhoras minhas, uma vez que é preciso que eu seja castigado, parece-me justo que m'o inflijam sómente aquellas que offendi. Ora como eu me referi ás damas licenciosas e de maus costumes e de nenhum modo ás que n'este logar vejo reunidas, se alguma de vós, formosas senhoras, se julga victima das minhas allusões, comece immediatamente a zurzir-me a pelle como a mais p... de todas quantas accusei.

«Nenhuma houve que se determinasse a começar, receiando carregar com a infamia do grosseiro apodo, e mestre João escapou incolume, deixando as damas envergonhadas e muito satisfeitos os fidalgos circumstantes, que celebraram o caso com grande risada. Alguns d'elles eram de parecer que havia alli damas que deviam por justo titulo e fama começar o castigo.»

O *Romance da Rosa*, em que abundam pormenores eroticos e palavras obscenas, foi para os francezes dos seculos XIV e XV o que o poema de Ovidio fôra para os romanos. Escripto em magnifico pergaminho, e ornado de miniaturas, encontrava-se em todas as livrarias dos palacios e dos castellos; sabia-se de cór, era a cada instante citado, e d'elle se tiravam, como de uma fonte de refinada galanteria, todas as lições e documentos da arte de amar.

Mas este celebre romance, que tinha, apesar de tudo, um fim moral, não foi menos reprovado pelas mulheres perdidas e pelas pessoas de bons costu-

mes, e uma multidão de poetas e prosadores, sem duvida por inspiração das damas, refutaram as accusações parciaes e deshonestas que n'esse livro contra ellas se encontravam.

Os dois mais famosos antagonistas do *Romance da Rosa* foram Christina de Pisan e Martin Lefranc, que sem deixarem de fazer justiça ao talento do auctor, o censuram igualmente de haver sido injusto para com as mulheres, e de se ter deixado transviar nos torpes atalhos da prostituição. Eis a opinião que a famosa Christina de Pisan fez d'este livro, que tinha immenso desejo de aniquillar:

«Por isso que a natureza humana é mais inclinada ao mal, julgo que esse livro póde ser causa do resvalamento aos maus costumes, por isso que contem vida dissoluta, doutrina de decepção, vida de condemnação, diffamação publica, causas de suspeita e de incredulidade, e vergonhas para muitas pessoas, e sobre tudo mui deshonesta leitura em varios pontos.»

Christina de Pisan vivia em épocha menos despravada do que aquella em que João de Meung apresentava a mulher como um vaso impuro de todos os vicios. Os costumes no reinado de Carlos, o Prudente, eram mais decentes que nos reinados anteriores; no emtanto, a prostituição civil não deixava de ter os seus fóros de cidade, no dizer d'esta virtuosa escriptora, que na sua *Cité des dames* queria mostrar que o seu sexo sobresahia ao outro em toda a especie de meritos, e que no seu livro das *Tres Virtudes* dava lições de moral e de decoro ás mulheres de todas as condições. Não esquecia tambem as mulheres de má vida, e propunha-se convertel-as, restituindo-as á estima da sociedade. Por isso dizia a illustre dama:

«Como seria bom para qualquer mulher, assim victimada á vergonha e ao peccado, voltar ao primitivo estado de virtude! E ser-lhe-hia facil conseguil-o, pois, assim como tem corpo forte para fazer o mal e soffrer muitas injurias, tel-o-hia tambem para ganhar a vida; assim ella quizesse, repetimos! que não lhe faltaria quem de boa vontade a ajudasse, lhe desse onde trabalhar, mas em recato e com toda a vigilancia, para que não se expozesse novamente á impureza e ao vicio em que vivera. Fiaria, assistiria aos enfermos, teria uma pequena morada n'alguma rua decente, entre gente honesta, onde viveria simples e recatadamente, sem que ninguem a visse jámais ebria, cheia de enfermidades, ou armando pendencias com a outra gente. Teria o maximo cuidado em que da sua bocca jámais sahisse palavra propria de bordel ou prostituição *(puterie)*; fallaria sempre cortezmente; seria meiga e obsequiosa para toda a gente, e teria o maximo cuidado em que nenhum homem a enganasse, porque n'esse caso perderia todas as vantagens adquiridas. Por este caminho, poderia servir a Deus e ganhar honradamente a vida, e mais lhe aproveitaria assim um escudo, do que cem recebidos em peccado.»

O projecto de reforma, imaginado por Christina de Pisan para destruir a prostituição, não teve outro resultado senão dar honra a sua auctora. As mulheres publicas não renunciaram á sua deshonra, nem tão pouco veio a caridade ao seu encontro offerecer-lhes *uma pequena morada, n'alguma rua decente, entre gente honesta,* nem trabalho, nem outro qualquer meio de mudar

de vida. Continuaram, portanto, a ser o que eram até ahi: bebadas, falladoras, bulhentas e escandalosas.

O mesmo resultado teve o ataque de Christina de Pisan a João de Meung. O *Romance da Rosa*, sempre lido e admirado, continuou a gosar da mesma popularidade, sendo uma especie de breviario para os amantes e libertinos.

Martin Lefranc, o auctor do *Campeão das damas,* perdeu egualmente a sua campanha contra a poesia erotica, tomando o *Romance da Rosa* para texto das suas declamações moraes em defeza do sexo feminino.

Lefranc era, como se suppõe, preboste e conego da egreja de Leuse em Hainaut. Homem dado a galanteios, e dotado de bom humor, tomou a seu cargo a defeza das damas contra as insolencias de João de Meung.

O seu *Campeão das damas* não é mais de que um extenso panegyrico da vida feminina; no emtanto, serve-se com demasiada frequencia do vocabulario do mesmo João de Meung, sem receio de offender os castos ouvidos das pessoas a quem se dirige.

Este facto comprova o que ja dissémos a respeito do desbragamento da linguagem litteraria e do impudor dos poetas. Desde que se entrava no plano resvaladiço da *gaia sciencia*, força era adoptar-se o seu estylo, creado na eschola da libertinagem e dos bordeis.

Frei Guilherme Alexis, monge de Lira na Normandia, no seu *Grande brazão dos falsos amores*, composto em meiados do seculo XV, não empregou linguagem mais decente do que o auctor anonymo do livro de *Matheolus,* poema francez, composto no seculo XIV contra o matrimonio e as mulheres, e que se attribue a um bispo de Teronenne.

Assim, Martin Lefranc, que julgava empregar honradamente os seus versos em beneficio das damas, condemna severamente os poetas profanos e as suas academias, que elles chamavam *Poços do amor (Puys d'amour),* porque todos os seus versos pareciam sahir d'elles.

Vamos dar uma amostra em paraphrase da colera de Lefranc contra os *Poços do amor,* que tinham o privilegio de attrahir a multidão, sobre tudo na Picardia e no Hainault:

«E' pelos amores que versejam e compõem balladas; é para os amores que afinam o seu alto engenho. N'este estudo passam os dias; no serviço do amor se empregam, como se o amor fosse omnipotente. Fazem mal, porque nem se defendem contra elle, que é impotente.

«Nunca lêste em vossos livros como os loucos pagãos versejavam em honra de Baccho, deus dos ébrios, e de Venus, que tanto amavam? Era diante d'estes dois que elles entoavam os seus versos e improvisos. Peior do que esses loucos faziam, se faz hoje na Picardia e no Artois.»

Nos poetas dos seculos XV e XVI póde perfeitamente estudar-se o estado dos costumes e particularidades da vida dissoluta d'essas épochas, e pelo modo de vida de alguns d'elles podemos tambem avaliar o que seriam os habitos da maior parte d'esses versejadores, que, segundo Clemente Marot, passavam o tempo nos bordeis. Quasi todos elles pódem ministrar alguns dados a uma investigação dos costumes publicos d'aquelle tempo, mas, como seria impossivel es-

tudar as obras d'essa pleiade de vates, limitamo-n'os a extrahir dos versos de Coquillart e de Villon, os dois melhores poetas do seculo xv, o que póde interessar á historia da prostituição.

Guilherme Coquillart, empregado publico em Reims, transportava para os seus versos a gyria das rameiras da sua provincia. Deixou muitas obras de poesia jocosa, que foram muito estimadas no seu tempo, e que mereciam realmente esta grande estima, pelo seu espirito, um pouco licencioso, é certo, mas essencialmente francez.

Sob o titulo de *Direitos novos*, reuniu um grande numero de perguntas, que foram uma especie de codigo da libertinagem. Vamos traduzir em paraphrase algumas d'essas perguntas com as suas respostas.

Perguntam a este jurisconsulto de causas amorosas, se uma mulher joven deve amamentar seus filhos. Coquillart, poeta e entendido libertino, responde em versos, cujo sentido é o seguinte:

«Ella tem as mais bellas pômas, fórmas roliças, bem talhadas, seio delicioso e delicado, não ha nada mais bello n'este mundo.

«Transformada em ama, ficará repellente, chupada, cheia de farrapos; as pômas tornar-se-hão pelhancras; as fórmas roliças desapparecerão.»

Perguntam-lhe tambem, se quando se propõe um negocio de amor a *uma d'essas perigosas sereias, que nada fazem a não ser por dinheiro,* esse negocio é *venda, aluguer, emprestimo, permuta,* ou *mutuo.* Coquillart responde que é um verdadeiro contracto, fundado n'este axioma do direito romano: *Facio ut des:*

«E' para que dês, que eu faço. Eis a pura intenção do caso; sem dadivas ninguem ama n'este mundo.»

Perguntam-lhe se uma mulher publica, tendo sido enganada por uma proxeneta, que a induziu a entregar-se, póde exigir indemnisação d'ella. Coquillart condemna a proxeneta a indemnisar a pobre rapariga que se fiou nas suas promessas fraudulentas, e a proseguir gratuitamente no seu trafico durante um tempo determinado.

O poeta falla de outro caso d'esta natureza que se refere igualmente á rubrica *De dolo,* e que nos demonstra que as proxenetas do seculo xv não eram mais humanas nem menos avarentas que as dos nossos dias. Faz em seguida o retrato de uma formosa proxeneta, a quem aponta com justiça á execração publica, *por isso que gente d'esta é a origem de todo o mal que ha no mundo.* E, contando um logro pregado por esta infame a uma pobre prostituta, termina por exigir que ella pague uma boa multa.

Um ponto muito mais delicado se encontra no famoso questionario do poeta. Pergunta-lhe alguem se uma joven póde abusar da credulidade dos homens, a ponto de lhes vender tres vezes a mesma cousa.

«Chega o primeiro, talvez um ricaço. Este paga-lhe a aprendizagem e a preciosa flôr que vae colhêr.

«Depois d'este, vem um estudante, um doidivanas de boa casa, que julga fazer uma excellente conquista, e é o segundo a beber pelo copo.

«Vem depois ainda algum papalvo, que paga, e passa o estreito. Parece-vos que será justo vender uma só cousa a tres?»

Coquillart é muito amigo da justiça para permittir similhante desafôro, uma fraude de tal ordem a respeito da qualidade do genero, e ordena que a nympha, culpada de estellionato amoroso, seja açoitada em castigo do seu crime,

«Semi-núa, para se reconhecer o delicto, sobre uma cama, com os dentes cerrados, e o espirito entregue a devaneios amorosos...»

O digno Coquillart, que na sua qualidade de funccionario, tinha que julgar frequentemente casos difficeis, desenvolve toda a sua sciencia juridica no famoso *Litigio entre a Simples e a Astuta*.

«O que predomina n'esta peça, diz o abbade Goujet (*Bibl. franc.*, t. x, pag. 160) é a obscenidade. Duas mulheres disputam entre si um amante. Os advogados sustentam o pró e o contra, expondo minuciosamente os direitos de cada parte, e estes direitos trazidos a publico estão longe de se fundar nos bons costumes das partes litigantes. O juiz interrompe os advogados; estes voltam logo á questão. Segue-se a inquirição das testemunhas, é um processo em fórma.»

Um dos advogados, mestre Simon, sustenta largamente que se os homens, em virtude da sua força, não tivessem mais do que abaixar-se para satisfazerem os seus desejos a respeito das mulheres, esta grande facilidade de prazeres sensuaes traria comsigo serios inconvenientes, porque se seguiriam scenas de luxuria no meio das ruas, amesquinhar-se-hia o officio das prostitutas, todas as raparigas seriam perdidas, e todos quereriam possuir as mulheres mais bellas e mais seductoras, se ellas assim tão facilmente se abandonassem.

Entre os depoimentos das testemunhas ha um muito interessante de uma velha proxeneta, que conta como a *Astuta* era uma mulher de vida licenciosa, a ponto de açular todas as mulheres publicas do bairro contra a *Simples*, indo de noite acompanhada de seus adeptos fazer um *sabbat* infernal á porta da sua inimiga. O retrato d'esta proxeneta é uma obra prima de apodos burlescos e obscenos. Ella é a *prioreza dos bordeis*, a *grande esmoler das rameiras*, etc. etc. As testemunhas são um famoso rancho de prostitutas, cujos nomes e alcunhas são curiosissimos, e denotam a persistencia dos usos da prostituição: *Mariquitas de Traine-Poetras, Agostinha, a Mal-talhada, Regnaudine, a Redondinha, Demoraut, a Porca, Guillemette, a Couraça, Michelor, a Pencuda, Christina, a Descorada, Egypciaca, a Espalhafato, Henriqueta, a Panelleira, Lourença, a Mal-encarada, Oliva, a Gaste-Fatras*, etc., etc.

Estas diversas alcunhas, que caracterisavam os defeitos ou as qualidades das prostitutas, poderiam dar materia a curiosos commentarios. Assim Oliva, *Gaste-Fatras* parece-nos ter merecido este nome por costumar perder os homens que com ella se mettiam. N'aquelle tempo chamava-se *fatras* um molho de chaves, e em sentido figurado, as trapaças e enganos.

Mariquitas de *Traine-Poetras* devia a alcunha á immundicie da camisa, similhante áquella que um escriptor comico da eschola de Bruscambille nos representa pintada por diante e dourada por detraz. De resto, é de presumir que o poeta Coquillart não fosse buscar os seus assumptos a Paris, e que recolhia nos seus versos tudo o que tinha visto pelos proprios olhos na cidade de Reims.

Coquillart foi magistrado excellente, e João Juvenal dos Ursinos, arce-

bispo de Reims chegou a nomeal-o seu executor testamentario em 1472; mas era poeta demasiado jocoso e de costumes muito livres. Ha nas suas poesias muitas liberdades, que apezar de verdadeiramente engenhosas, Lafontaine não teria imitado. Pelo que se vê, o bom Coquillart não era muito escrupuloso a respeito da moralidade das pessoas que frequentava. Os seus versos iniciam-nos no seu genero de vida, e o seu epitaphio, composto por Clemente Marot, mostra-nos que morreu como tinha vivido.

La morre est jeu pire qu'aux quilles,
Ne qu'aux eschecs ne qu'au quillart:
A ce meschant jeu Coquillart
Perdit la vie et ses coquilles.

Este epitaphio não foi comprehendido pelos biographos que o téem citado. Suppuzeram elles que o bom Coquillart, tendo perdido uma grande somma ao jogo da *morra*, viera a morrer de pesar. Não foi assim, segundo o abbade Goujet. Clemente Marot nos versos citados allude ás tres conchas, ou *coquilles* de ouro, que o velho Coquillart usava no seu escudo.

A nossa opinião, porém, diverge bastante da do commentador dos versos de Marot. Quer-nos parecer que ha no epitaphio em questão um jogo de palavras e nada mais.

A *morra* é um jogo de origem antiquissima. Chamavam-lhe os romanos *micatio digitum*, e consistia em levantar tantos dedos como o parceiro, declarando o numero com uma rapidez maravilhosa. E' facil comprehender a allusão indecente que o poeta offerece ao espirito, comparando a *morra* com o jogo do amor, pela analogia que ha entre ambos.

Resulta d'aqui ter Coquillart perdido a vida e as *coquilles*, outra allusão indecente, no jogo do amor. Entendia-se em sentido metaphorico por *coquille* o orgão do sexo feminino, e por *coquilles* os testiculos. Havia até um proverbio para as mulheres:—*La coquille lui démange;* e outro para os homens—*Les coquilles lui sonnent.*

Dada esta explicação philologica, é claro que Coquillart, á força de frequentar a companhia das mulheres, contrahiu uma enfermidade vergonhosa, tão damninha, que o pobre homem perdeu a vida ás mãos do cirurgião, que teve de lhe cortar os testiculos. Coquillart morreu effectivamente em 1500, épocha em que o mal napolitano assolava a França. A sua morte foi em verdade bem pouca honrosa para um magistrado, mas muito natural para um poeta que nunca tivera outras musas senão as nymphas dos bordéis

---

CAPITULO XXIII

SUMMARIO

Vida dos libertinos e das mulheres publicas no seculo XV.—A mocidade de Francisco Villon.—Suas proezas.—Seus processos e seu pequeno testamento.—Tabernas famosas.—Seu epitaphio.—O grande testamento de Villon.—A bella Heaulmière.—As mulheres alegres.—Saint-Genou e Brisepaille no Poitou.—Enné, exclamação das prostitutas.—Quadro domestico das ribaldas e dos seus amantes.—Ballada dos devassos.—As trutas e os porcos.—Villon encommenda a sua alma.—A diaba de Montfaucon.—Os farçantes.—Os Sem-cuidados.—A mocidade de Clemente Marot.—A lenda de Pedro Faifeu.—Maceia, devota e mulher publica.



N AS OBRAS de Francisco Villon póde fazer-se um excellente estudo do que era no seculo XV a vida dos libertinos e das mulheres de maus costumes. Villon, antes de entrar na prisão do Chatelet, onde foi condemnado a morrer no supplicio da roda, passára a mocidade nos bordeis, sem outras companhias que não fossem as que por aquelles antros encontrava. Como elle proprio confessa, o jogo, os banquetes e as mulheres arrastaram-n'o ao crime, sendo castigado duas ou tres vezes com os seus cumplices.

Villon era filho de uma familia honrada, ainda que pobre, que tinha o appellido de Corbeuil. O poeta adoptou o sobrenome ou alcunha de Villon, como quem diz ladrão, ou ratoneiro, quando as suas proezas na arte o fizeram conhecer como um famoso marau entre os ribaldos da cidade de Paris. Dizia-se estudante, e póde presumir-se pelas suas poesias que estudou effectivamente nas grandes eschólas da rua de Fouare, antes de ser proclamado mestre em artes nas escólas da gyria e da prostituição.

Começou a sua carreira por alguns roubos de pequena importancia, que apenas lhe proporcionavam uma boa comezaina em companhia dos seus amigos e amigas. Encarregava-se de obter sem despeza pão, carne, e sobretudo vinho, inventando partidas, e verdadeiros rasgos de engenho para enganar os tendeiros. O seu primeiro processo data de 1456, em que foi encerrado nas prisões do Petit Chatelet. Durante este primeiro captiveiro compoz o seu Pequeno Testamento *(Petit-Testament)* em que commemora alguns factos da sua vida crapulosa. Accusa das suas faltas uma mulher a quem amava, e que não nomeia. Era sem duvida alguma mulher publica, que teve de o pôr no meio da rua uma noite de inverno, intimando-o a que não voltasse mais.

Vendo-se sem asylo e sem meios de subsistencia, Villon teve de recorrer ao roubo, para não morrer de fome, e deu-se á vida vagabunda pelas ruas de Paris. Apesar d'isso, recordando com prazer os bons tempos, que havia passado com ella, deixa-lhe em herança o seu coração morto e gelado. «A'quella, diz o poeta-salteador, que duramente me expulsou, que fiquei para sempre privado de alegria, e alheio a todos os prazeres!»

Uma passagem d'este curioso *Pequeno Testamento* diz-nos que os libertinos da Universidade costumavam ir passar o tempo e esquecer maguas á taberna do *Abreuvoir Popin,* sita á beira do rio, defronte da rua Thibantodé, e a outra espelunca não menos famosa chamada o *buraco da Pomine du Pin,* que ainda existia no seculo XVII.

Francisco Villon tinha apenas vinte e seis annos quando sahiu do Petit-Chatelet, para novamente se entregar aos seus preversos habitos. A má sociedade que frequentava foi-lhe o mais funesto possivel. Continuou a viver á custa de mulheres publicas, que lhe concediam o privilegio de amante, mas não se contentava com o dinheiro que lhe provinha da indigna profissão das suas companheiras, por isso começou a assaltar os viandantes á mão armada na estrada real, de combinação com alguns homens depravados, que o ajudavam logo a dissipar a presa no jogo e nas comezainas a que se entregavam.

Em 1461, depois de um d'estes assaltos, que, segundo parece, teve por theatro a aldeia de Ruel, nos arredores de Paris, foi outra vez preso em Melun com cinco dos seus cumplices, julgado pelo tribunal do Chatelet e condemnado a morrer na forca no patibulo de Mont-fancon.

Apesar d'isto, não tomou o caso muito a serio, e até compoz a proposito da sua sentença um epitaphio em versos burlescos.

No emtanto, por conselho do seu advogado, não se conformou com a sentença do prebostado de Paris, e appellou para o parlamento. Emquanto esperava pela resolução do seu recurso, escreveu em verso o seu *Grande Testamento,* no qual introduziu com muito engenho e malicia todos os jogadores libertinos, e outro pessoal da prostituição contemporanea. O *Grande Testamento* não revela da parte do seu auctor contricção dos crimes que o haviam posto n'aquelle transe. E' apenas um echo fiel dos bordeis de Paris, e um espelho escandaloso da vida dos poetas, dos estudantes e dos vadios.

Villon começa por introduzir no seu testamento a bella Heaulmière, que chegára a usar nos seus bons tempos cinto dourado, emblema de prostituta de alta voga, mas que no decahir da edade não tinha outro officio senão o de dirigir e governar uma *abbadia,* ou lupanar.

A bella Heaulmière, tinha sido realmente formosa, e por isso muito requestada por gente de qualidade, commerciantes, homens da egreja, fidalgos, etc., que não regateavam o preço dos seus favores. Mas na epocha em que estes favores se pagavam tão caros amava doidamente um rapaz que não lhe dava senão maus tractos e grossa pancadaria, e que lhe comia tudo quanto ella ganhava com o suor do seu corpo. Como se vê, os costumes dos miseraveis parasitas da prostituição não haviam ainda mudado no decurso de quatro seculos.

A vida d'esta cortezã, segundo se deprehende dos versos de Villon, teve todas as phases desgraçadas, que são proprias da libertinagem e da impudicicia. Bella e requestada, apaixonou-se de um parasita que lhe devorava quanto possuia, e ainda por cima a maltratava rudemente. Alguns commentadores do poeta obstinam-se em o suppôr amante da corteza, e dizem que a seu respeito se devem entender as magoadas queixas da Heaulmiere. Ha nos versos de Villon um bello quadro dos encantos da cortezã, nos tempos da sua triumphante juventude, e dos estragos que mais tarde a edade, os soffrimentos e os maus tractos n'ella produziram:

«Que foi feito, diz ella tristemente, d'esses bellos cabellos d'ouro, d'essas avelludadas sobrancelhas, d'essa fronte polida, d'esse olhar sympathico e tentador, d'esse nariz tão lindamente proporcionado, d'essas encantadoras orelhas, dos labios vermelhos e frescos, emfim d'esse rosto delicioso?

«Em que se transformaram aquelles formosos hombros, aquelles braços e mãos tão primorosas e fidalgas, aquelle seio deslumbrante de alvura, mais puro e branco do que as assucenas?

«A fronte enrugou-se, embranqueceu o cabello, despovoaram-se as sobrancelhas, apagou-se a luz do olhar, luz em que tantos amantes se queimaram; o nariz perdeu toda a elegancia, a barba cresceu desmedidamente, perderam a côr os labios, e emfim o rosto cobriu-se da pallidez dos cadaveres.

«Fugiu a belleza. Encolheram-se os braços, descarnaram-se as mãos, curvou-se em abobada a espinha dorsal: pelle e ossos, eis o que resta de tudo quanto outr'ora se fez amar com delirio!»

A bella Heaulmière, n'esta ultima phase da sua tormentosa existencia, serve apenas para dirigir e aconselhar as raparigas. Villon compoe uma famosa ballada, em que registra os prudentes conselhos dados agora pela proxeneta ás suas discipulas. Da mesma ballada se conclue que as mulheres publicas pertenciam na sua maior parte a corporaçoes de officios ou gremios, segundo ja temos indicado:

«Pensa bem n'isto, bella luveira, que costumas ser minha discipula, e tu, Branca, a sapateira, porque é tempo de vos conhecerdes. Tirae o mais que puderdes a direita e á esquerda, não perdoeis a nenhum homem, porque as velhas deixam de ter curso, como a moeda mandada retirar da circulação.

«E tu, gentil salchicheira, tão habil na arte da dança, e tu, Guilhermina, a tecelã, não vos illudaes a respeito dos vossos amantes, porque todos elles vos darão com o pé em sendo velhas, como moeda mandada tirar da circulação.

«Joannica, a chapelleira, evita que o tedio te envolva nos braços. Catharina, a correeira, não despeças desdenhosamente os homens. Quem não é bella tem de ser amavel. A feia velhice não inspira amor, é como a moeda mandada retirar da circulação.

«Filhas, quereis saber porque choro e me lamento? Porque já não sou mais do que uma velha moeda mandada retirar da circulação.»

Esta ballada tem o merecimento de nos mostrar que a prostituição se recrutava no seculo XV entre as luveiras, as salchicheiras, as tecelãs, as chapelleiras e as sapateiras. Descobrimos aqui, no emtanto, uma particularidade

que merece consignar-se Essas mulheres punham-se á janella para attrahirem os transeuntes, como se faz ainda na Hollanda e em Amsterdam, onde em certas ruas suspeitas, em casas ao rez-do-chão se vêem pelas janellas atravez de cortinas transparentes mulheres semi-nuas ou voluptuosamente vestidas.

Francisco Villon, que tinha em perspectiva as forcas patibulares de Montfaucon, e que talvez estivesse a esse tempo algum tanto arrependido dos seus erros com a esperança de escapar ao castigo, aconselha os seus leitores a que aprendam o *barat*, ou a tactica das mulheres publicas, que a um tempo arruinam a bolsa e a honra do proximo, por isso que diz:

«São mulheres perigosas, que amam apenas por dinheiro. Só as amamos por hora, ellas amam todos aquelles que trazem a algibeira bem provida.»

O poeta lamenta-se de não haver frequentado as mulheres honradas, que o teriam preservado do vicio, em vez de o fazerem cahir n'elle. No emtanto, não póde deixar de recordar com uma certa complacencia as companheiras da sua louca juventude: eram mulheres infames, mas tão bellas, tão bem dispostas para o amor! Lembra-se tambem das licções que recebeu de duas d'ellas que lhe ensinaram a fallar alguma cousa o *poicterin*. Julgamos que Villon entende por esta expressão, cujo sentido exacto nos seria difficil estabelecer, a arte de *souteneur* de raparigas, como quem diz dono de casa ou bordel, vivendo á custa do corpo das prostitutas.

Das suas duas mestras falla por uma metaphora, que é mais intelligivel, ou que, pelo menos, tem sido explicada. «São, diz elle, raparigas bellas e galantes, que moram em *Saint-Genou*, perto de S. Julião, nos degraus da Bretanha de Poitou, mas não digo propriamente aonde é. Pensae n'isto durante tres dias. Eu não sou tão doido que vá assim descobrir os meus amores.»

Para comprehender esta linguagem figurada, é preciso confrontal-a com a passagem do *Gargantua*, de Rabelais (liv. I, cap. 6) em que se tracta de uma sordida velha que exercia a profissão de parteira. «A velha tinha vindo de *Brisepaille*, perto de *Saint-Genou*.» O douto Leduchat, no seu commentario, explica que no Delphinado se designava d'este modo uma velha impudica. «Quer isto dizer, accrescenta elle, que já de ha muito a velha tem amachucado com os joelhos a palha da cama.»

Nas obras de Villon encontra-se a seguinte maxima moral para uso dos *bons-vivants* do seu tempo:

«Não ha thesouro como viver cada qual ao seu gosto.»

Faz um grande elogio das mulheres de Paris: *Il n'est bon bec que de Paris*, diz elle. O bico a que se refere é a labia das parisienses, das quaes cita ainda outras qualidades, accrescentando, porém, que estas mulheres não costumavam fazer fortuna na vida airada. «Testemunhas, diz elle, Jacquelina, Perrette e Izabel, que diz *Enné!*»

Clemente Marot, em nota á sua edição de Villon, diz que a palavra *enne* era um juramento ou interjeição muito usada pelas prostitutas. Villon compadece-se da pobreza d'estas tres raparigas, a quem não pudéra enriquecer, desejando-lhes as migalhas da meza dos Celestinos e dos Chartreux: não obstante todas as suas preferencias são para Margot, a quem dedica uma ballada, em

que elle proprio é o heroe, e a sua nympha a heroina. Esta ballada offerece-nos o quadro pittoresco e cynico da vida domestica das ribaldas e dos seus amantes.

O poeta e a sua nympha impudica viviam, segundo a ballada, no mesmo bordel, *en ce bourdel, diz elle, où nous tenons nostre état*. Quando apparecem freguezes, o poeta faz-lhes as honras da casa, offerece-lhes agua, queijo, pão e fruetas. O essencial é que elles paguem bem. A questão é de dinheiro. Quando o ha, a vida corre bem. Mas quando elle se acaba, Deus do ceu, que vida aquella! O poeta e a nympha descompoem-se mutuamente, chafurdando miseravelmente n'aquelle lodo em que se metteram. Gritos, pragas, imprecações, pancadaria, tal é o quadro dos dias de fome. O poeta lá o diz n'esta ballada: *Ordure avons et ordure nous suit!*

E' impossivel descrever com côres mais vivas e reaes aquelle horrivel e infame concubinato, em que o homem vivia da prostituição da mulher, a quem amparava e dava protecção. Villon faz-nos entrar n'aquelles albergues infectos da libertinagem e da crapula.

Villon tinha sido amante de Margot, a quem espancava quando não lhe trazia dinheiro. Lendo-se, porém, o *Grande Testamento*, encontram-se muitas rivaes de Margot, e do mesmo genero exactamente. Assim o poeta falla de Mariquitas, o *Idolo*, e da *famosa Joanna de Bretanha*, que tinham eschola publica, *onde o discipulo dá licções ao mestre*.

Uma outra ballada do poeta diz-nos que os comicos, os musicos e os jogadores formavam a flôr e a nata da prostituição. Villon distinguira-se sempre entre esta gente pelas suas loucuras e amores, apesar de pobre. Verdade seja que elle costumava tirar dinheiro ás mãos cheias da algibeira das suas amantes, ou melhor, dos frequentadores das suas amigas. Um dia roubou um rico avarento, chamado Jacques James, que gastava o seu dinheiro em *trutas*, e que comprava os seus prazeres o mais barato possivel.

Depois de ter feito em tom burlesco as suas ultimas disposições, o desgraçado Villon recommenda a sua alma ás orações de todos os que se podem interessar pela sua sorte!

«Ás raparigas que costumam mostrar as pomas, para terem maior numero de freguezes.»

E segue uma longa enumeração de todos aquelles que passam a vida nos bordeis, e que foram n'outro tempo seus companheiros de crimes e loucuras.

O recurso que até então havia retardado a execução de Villon teve um resultado que o poeta estava bem longe de esperar. Foi comprehendido no indulto que Luiz XI concedeu aos presos por occasião da sua feliz subida ao throno. O poeta escapou assim ao supplicio da forca, e voltou novamente *ás tabernas e ás mulheres*.

Tinha visto, porém, muito de perto as consequencias de um processo criminal para se expôr novamente ao mesmo lance. Mas, como era em demasia vicioso para morigerar o seu procedimento, não seguiu a este respeito nova linha de conducta. O que evitou d'ahi em diante foi voltar a roubar nas estradas, ou cahir por qualquer outra fórma nas mãos de justiça.

Foi por este tempo talvez que o poeta tomou parte n'aquelles famosos

repues franches, comezainas *á custa da barba longa*, que foram celebradas em verso por um dos seus *subditos*, e que descendiam em linha recta das suas antigas proezas *villoneries*. Tractava-se sempre de boas comezainas á custa do proximo, e de arranjar, como n'outros tempos, carne, pão e vinho por algum rasgo de astucia nas tendas dos vendedores de viveres. O poema dos *Repues franches*, que foi attribuido a Villon, convoca para estas comezainas toda a turba militante da prostituição, as *sacerdotisas do amor*, os *comicos*, os *libertinos*, os *ribaldos*, as *proxenetas*, *etc.*, *etc.*

O estylo do poema fal-o suppor muito posterior ao tempo de Villon. Quanto ás aventuras que n'elle se referem, ha uma que pertence evidentemente ao celebre estudante de Paris.

Uns alegres companheiros foram uma noite fazer uma pastucada ao campo, perto do patibulo de Montfaucon. Iam bem providos de vitualhas, levavam pão e vinho em abundancia, e um grande pastel, que continha nada menos de seis frangos, e além de tudo isto, *avec eux chacun une fille*: Cada um levava a sua rapariga.

Dois estudantes, um dos quaes devia ser o proprio Villon, lembraram-se de comer a ceia d'aquelles joviaes companheiros, que foram encontrar sentados á meza, n'uma especie de cabana, onde esperando comer como uns abbades, se divertiam a apalpar de alto a baixo as raparigas.»

Os dois estudantes haviam-se disfarçado de diabos, tinham mascaras horriveis e umas pesadas massas com que assaltaram os commensaes, gritando: «A' morte estes patifes! Prendam com estas cadeias de ferro os ribaldos e as prostitutas, e levem-nos para o inferno!»

Os convivas, tanto os do sexo forte, como as pobres raparigas, fugiram espantados, julgando-se nas unhas do diabo, e deixaram a ceia magnifica, apenas encetada, emquanto que os dois diabos, sentando-se muito pachorrentamente á meza, comeram e beberam com grande appetite, sem que a festa lhes custasse um real.

Esta engraçada aventura foi decerto a origem de outras contadas pelo velho Rabelais a proposito de Villon, e dos seus companheiros estudantes, disfarçados em diabos, representando farças, mysterios e moralidades. Os actores nomadas d'estas composições dramaticas, eram todos consumados libertinos, ainda que ás vezes representassem peças moraes e religiosas. No emtanto, as mais das vezes faziam comedias que não exigiam grandes apparatos de scenario, nem de trajos, como os mysterios. Este genero de comedia popular era o que mais convinha aos seus costumes e modo de vida.

Assim andavam de povoação em povoação, representando as suas farças com applauso dos seus rudes espectadores, que só tractavam de rir, saboreando com delicia o sal e pimenta da graça e vivacidade franceza.

Estes actores e poetas ambulantes viviam com mulheres perdidas, ás quaes não apresentavam em scena, por isso mesmo que elles proprios desempenhavam os papeis de mulher, pintando a cara, ou cobrindo-a com uma mascara. Antes dos fins do seculo XVI nunca mulher alguma tomou parte em França nas representações theatraes. O bom publico francez, que jámais se escan-

dalisava de ouvir os mais obscenos ditos, não os toleraria na bocca de uma mulher.

No emtanto, a verdade é que estas companhias comicas, na sua maior parte compostas de poetas, estudantes, ajudantes de notarios e jovens aventureiros de todas as classes, tinham costumes tão livres e tão impudicos mesmo, que a auctoridade civil e judicial teve por mais de uma vez de ordenar que se dissolvessem, impedindo-os de percorrer o paiz com o escandalo das suas representações. As companhias de *Basoche*, da *Mère-Sotte*, do *Prince des Sots*, do *Imperio de Orleans*, dos *Sem-cuidados*, foram ainda muito mais associações de libertinagem do que associações de gente de theatro. O producto das *farças*, segundo a expressão do tempo, era sempre destinado a fornecer a meza e o leito dos *farçantes*.

Nos fins do seculo XV, os poetas profanos iam fazer a sua aprendizagem a estas alegres associações de libertinos, onde cada qual esquecia o seu verdadeiro nome para tomar uma divisa, ou alcunha. João Bouchet intitulava-se o *Traverseur des voies périlleuses;* Francisco Haber, o *Banny de liesse;* Pedro Gringoire, o *Mère Sotte,* etc.

Clemente Marot, que foi auctor e actor de farças na companhia dos *Sem-cuidados,* encarregou-se de defender em verso os seus companheiros de officio contra os invejosos que os tinham accusado de passarem vida escandalosa, e que provocaram a sua expulsão de Paris no anno de 1512.

Marot, porém, tinha demasiado interesse em occultar a verdade para não cobrir com uma capa de honestidade os escandalos de *Sem-cuidados.* A dar credito ás suas affirmativas, os seus companheiros não tinham senão peccados veniaes.

As obras do poeta estão cheias, no emtanto, do que elle chama as reminiscencias da sua verde juventude. Ainda assim, Calvino conseguiu convertel-o á reforma.

Tal era a vida ordinaria dos estudantes, que seguiam seus cursos até á edade viril, e que encontravam em Paris e nas cidades universitarias tantos pretextos de libertinagem. Por isso, quando Clemente Marot tinha apenas dezenove annos já fazia este juizo hyperbolico das ribaldas da capital: «Quando as queridas filhas do prazer encontram algum amante arrojado que lhes colloque um diamante diante dos olhos risonhos e alegres, ora! cahem logo de barriga para o ar!»

Um contemporaneo de Marot, Pedro Faifeu, que era estudante de Angers, e cuja lenda em rimas foi colligida por Carlos Bordigné no anno de 1531, conquistou uma fama quasi igual á de Villon pelos seus ditos e feitos celebres. No emtanto, como o seu historiographo era sacerdote, teve de passar em silencio os factos mais indecentes e os conceitos mais impudicos do estudante de Angers, cuja celebridade rivalisava com a do estudante de Paris. N'esta lenda assim expurgada, não se encontra o quadro da prostituição dos estudantes, mas é licito julgar que Faifeu frequentava assim como Villon as tabernas e as mulheres, com as quaes gastava todo dinheiro que podia escamotear ao proximo.

Eis o modo como elle se vingou um dia de uma velha devota, chamada

Maceia, que elle qualifica de *Lorpidum*, como quem diz feiticeira. Em Rabelais, a palavra encontra-se d'este modo *Lourpidon*. A velha malquistára o poeta com sua mãe, contando á boa senhora as partidas que a voz publica attribuia ao endiabrado estudante. Emquanto a beata ia d'este modo desfiando o seu rosario de maledicencias em detrimento de Pedro Faifeu, o estroina consegue furtar-lhe a chave da porta, vae procurar uma ribalda alegre e folgazã, com a qual já havia combinado a troça, e introdul-a no quarto de Maceia, e faz entregar á velhota a chave o mais disfarçadamente possivel. A gente honrada do bairro, vendo a prostituta á janella da beata, escandalisa-se, e vae pôr cerco á casa, insultando a velha com os apodos de alcoviteira e dona de bordeis. Faifeu, quando as cousas chegaram a este ponto, corre a casa de sua mãe e diz-lhe, fingindo a maior indignação:

—Como! Pois dá credito a esta maldita velha! Affirmo-lhe, sob a minha palavra, e enforcado seja eu, se minto, que n'este mesmo instante ella tem escondida em casa uma prostituta, que destina para algum frade. Se duvida, peço-lhe que venha vêr, minha mãe!

A excellente senhora vae effectivamente em companhia da velha, que protestava contra a calumnia de Faifeu, mas ao chegar a casa, julga-se victima de uma illusão diabolica, e benze-se aterrada, em presença de uma realidade incomprehensivel para ella. Abre a porta, no meio dos insultos e gritaria da gente que alli estava, e vê correr ao seu encontro a abraçal-a uma mulher publica *atourné*, diz Faifeu, isto é, vestida com todos os atavios e insignias da prostituição!...

CAPITULO XXIV

SUMMARIO

Philologia erotica.—Gyria, ou dialecto da prostituição.—Origens d'esta gyria. Um antigo conto a respeito de *hic* e *hoc*.—Commentario de Rabelais por Leduchat.—*Erotica verba*, do Abbade d'Aulnaye.—O diccionario comico de Leroux.—Riqueza da lingua erotica no seculo XVI. Nomes antigos das mulheres publicas.—Synonymos formados do grego, do latim, do italiano, etc.—Synonymos tomados dos nomes d'animaes.—Synonymos relativos á vida errante das prostitutas.—Outros ainda relativos ao seu officio.—Outros que as classificam por categorias.

Periphrases e jogos de palavras licenciosas.—Nomes de santos disfarçados ou corrompidos.—Novas addições á nomenclatura do Abbade de l'Aulnaye.—As mulheres de talão curto. Proverbios moraes tirados da prostituição.—Diminutivo de Catharina.—Antigos nomes dos bordeis e suas etymologias.—Antigos nomes dos parasitas da prostituição e suas etymologias.—Retrato de uma velha proveneta feito pelo illustre Rabelais.—A sybilla de Panzoust.—Regnier.



SE A PHILOLOGIA erotica devesse entrar n'uma historia geral da prostituição, poderiamos consagrar-lhe muitos capitulos tão novos como interessantes, por isso que não existe ainda nenhuma obra especial em que se tenham estudado a fundo as origens da lingua, ou melhor, da gyria dos bordeis. Esta lingua, que póde chamar-se technica, existe apenas indicada n'alguns diccionarios francezes, emquanto que a maior parte dos glossarios gregos e latinos lhe concedem logar amplo, misturando-a por assim dizer sem o menor escrupulo com a lingua oratoria e litteraria.

Nada seria mais facil do que extrahir dos glossarios consagrados ás linguas antigas e classicas tudo quanto se relaciona com a prostituição antiga, e o douto P. Pierhugues não precisou de fazer grande dispendio de erudicção para compilar o seu *Glossarium eroticum linguæ latinæ*, cujos artigos mais curiosos são obra de um notavel philologo, o barão de Schonen, tão conhecido pelos seus interessantes trabalhos sobre os eroticos gregos, que o collocaram na primeira plana dos modernos eruditos

Tudo está ainda por fazer para o conhecimento da antiga lingua erotica franceza. São enormes os materiaes, mas no emtanto não foram ainda recolhidos para este fim. Se, como diz Boileau,

Le latin dans les mots brave l'honneteté.

o francez é mais modesto, ou pelo menos mais timido. Esta lingua erotica tão rica e ás vezes tão engenhosa, não costuma espandir-se a não ser nos

chistes, nos romances libertinos, nas poesias livres, nos cantos alegres e nas trovas deshonestas. Por outro lado está cuidadosamente cerceada da linguagem propriamente dita, e desterrada dos vocabularios, onde só penetra graças a um disfarce conveniente e honesto; mas nem por isso perdeu a sua existencia e a sua originalidade, perpetuando-se de bocca em bocca, pela tradicção, conservando os seus archaismos, as suas metaphoras, as suas imagens, os seus proverbios, e até as suas onomatopeias. Tem alguns pontos de contacto com a outra gyria não menos interessante e pittoresca dos ladrões e assassinos e com o calão do populacho. Tem a sua razão de ser, e apezar de não se elevar jámais á linguagem da gente honesta, apezar de estar fóra da lei da grammatica, apezar de não fazer parte do curso de humanidades, conserva-se ainda cheia de vida, e não envelhecera jámais, por isso que assenta sempre sobre as mesmas bazes e não precisa de se estender a novos objectos.

Seria facil provar n'um estudo philologico a respeito da gyria da prostituição que esta gyria é contemporanea da linguagem vulgar, e que se formou de uma mistura confusa de todos os idiomas e dialectos, como se houvesse tido a pretenção de ser uma lingua universal.

Ha effectivamente n'esta extranha gyria, nascida do capricho e da opportunidade, do acaso e da occasião, uma multidão de palavras que nem sequer perderam o seu caracter nacional e que se fizeram francezas permanecendo gregas, latinas, italianas, allemãs, ou hespanholas. Parece que a prostituição, sempre de sua natureza errante e vagabunda, teve de estabelecer entre os seus filiados de ambos os sexos uma linguagem de convenção, que se fallava e entendia igualmente nas differentes provincias da França, n'uma épocha em que duas cidades vizinhas eram ás vezes extranhas uma á outra por causa dos seus dialectos.

Um auctor francez parodiou livremente o conto de Herodoto, o qual attribue a Psametico, rei do Egypto, um singular invento para descobrir qual fosse a lingua primitiva, mãe de todas as outras. Segundo esse auctor, tratava-se de saber qual tinha sido a primeira palavra da lingua franceza, e as academias declararam-se incompetentes perante esta espinhosa e difficil questão.

O sabio, que se occupava da solução d'esta enorme difficuldade, lembrou-se um dia de consultar uma mulher demente, por isso que os loucos costumam ter a sciencia infusa, na opinião de alguns auctores. A louca havia sido cortezã.

—Tiveste alguma vez na tua vida copula com um mudo? Perguntou-lhe o sabio, assumindo o seu tom mais doutoral.

—Muitas vezes, respondeu a mulher.

—Muito bem. Dize-me, e nunca podeste arrancar-lhe uma palavra qualquer n'essa occasião?

—Decerto. Costumam dizer *hic* e *hoc*.

—Mas isso são palavras latinas, mulher!

—Nada, filho, são francezas: *ceci et cela* (isto e aquillo.)

Este conto merece ser invocado em appoio da veneravel antiguidade do dialecto erotico.

A obra que tracta mais circumstanciadamente d'esta mysteriosa linguagem é por certo o commentario de *Gargantua e Pantagruel*, por J. Leduchat. Este honesto philologo, apesar dos seus protestos, não tinha escrupulo em chamar as cousas pelo seu nome, e em questões de erudição nada lhe parecia indecente. Remettemos o leitor para este celebre commentario, que outro philologo, E. Johanneau, completou depois no mesmo gosto, excedendo ainda as obscenidades requintadas de Rabelais.

Ha um terceiro commentador do auctor do *Gargantua*; que se consagrou particularmente a estudar a lingua erotica no seu auctor favorito. E' o douto e *pantagruelico* abbade d'Aulnaye, que na edade de oitenta annos publicou uma edição de Rabelais (Paris, Desoer, 1820, 3 volumes. Sob o titulo de *Erotica verba*, inseriu no terceiro volume da sua edição um pequeno glossario, que não lhe foi apenas ministrado pelo auctor commentado, e que necessita de desenvolvimento na explicação das palavras. O audacioso abbade hesitou sem duvida ante os perigos da materia, apesar de haver collocado o seu ensaio pornologico sob a égide d'este distico de Tabourot:

Putidulum scriptori, opus ne despice, namque
Si lasciva legis, ingeniosa leges.

Este glossario tem o defeito de registrar simplesmente por ordem alphabetica locuções na sua maior parte antigas, sem accrescentar a nenhuma d'ellas os commentarios etymologicos e historicos de que tanto precisavam.

O diccionario comico de Leroux, que foi reimpresso tres ou quatro vezes no seculo passado, offerece uma nomenclatura muito mais completa que a da *Erotica Verba* de Estanislau de l'Aulnaye, e accrescenta a cada palavra alguma citação que fixa o seu sentido e propriedade. Este diccionario comico carece infelizmente de erudição critica, e o compilador, que estava longe de conhecer as melhores fontes da antiga linguagem, não teve escrupulo em tornar mais escabroso ainda o assumpto, juntando-lhe definições que excedem frequentemente a indecencia das proprias palavras.

Não entraremos, nem mesmo com reservas e cautellas, nas escabrosidades de similhante assumpto, e limitar-nos-hemos a fazer notar que a lingua erotica franceza, que se apresenta aberta e francamente do seculo XIII em diante, procede habitualmente pelo pleonasmo, traduz para seu uso palavras das linguas estrangeiras, ou apropria-se d'ellas com a propria consonancia indigena: procura imagens de sentido figurado, tem equivocos e trocadilhos, e obsta sem cessar á monotonia do discurso pelas mais singulares combinações philologicas. Dir-se-hia que todas as palavras e todas as phrases da lingua geral pódem em caso de necessidade applicar-se a esta lingua particular, que assim se enriquece continuamente á custa de toda a technologia

A lingua erotica, segundo nota o abbade de l'Aulnaye, é sem contradicção uma das mais ricas de todas as linguas technicas. Assim é que no seculo XVI, por exemplo, não havia menos de trezentas palavras para exprimir o acto venereo. (V. esta palavra na *Erotica Verba*.) Quanto ás partes genitaes do ho-

mem e da mulher havia tambem quatrocentos nomes differentes, para as designar, distinctos pela sua pittoresca variedade e singulares attribuições.

Um capitulo da linguagem erotica pertence essencialmente á historia da prostituição. E o que contém as denominações populares, sob as quaes as mulheres de má vida eram designadas em certas épochas e circumstancias, os synonymos mais ou menos decentes, inventados para caracterisar as casas de prostituição sob os seus diversos aspectos.

Já em outro logar explicámos etymologicamente os nomes usuaes das mulheres publicas, das suas proxenetas, dos seus amantes e das suas moradas no seculo XIII. No emtanto, esta nomenclatura especial não permaneceu estacionaria, antes foi augmentando com os contingentes fornecidos a cada passo pela imaginação dos poetas e narradores. Eis o motivo porque no seculo XVI a lingua franceza foi sobrecarregada com essas excrescencias eroticas, similhantes a verrugas produzidas pelo mal napolitano.

Bastar-nos-ha citar aqui a extensa enumeração que o abbade de l'Aulnaye apresenta no seu *Glossario* em seguida á palavra *mulheres publicas*. Depois d'isto, mencionaremos alguns do extranhos nomes que não se encontram nos livros, interpretando-os e investigando o seu verdadeiro sentido.

PALAVRAS INTRODUZIDAS NA LINGUAGEM EROTICA FRANCEZA PARA DESIGNAR AS PROSTITUTAS

Accrocheuses, de *accrocher*, agarrar, pendurar.

Alicaires; Ambubayes; Bagasses; Balances de boucher, qui pèsent toutes sortes de viandes; Balanças de carniceiro que pesam toda a especie de carnes; *Barathres; Bassara; Bezzoches; Blanchisseuses de tuyaux de pipe*, lavadeiras de tubos de cachimbos; *Bousoirs; Bourbeteuses; Braydonnes; Caignardières; Cailles*, palavra derivada de *caille*, codorniz; *Cambrouses; Cantonières; Champisses*, eram as que viviam no campo; *Cloistrières*, as que não sabem do antro; *Cocquatrix*, devoradoras de homens; *Coignées; Courieuses; Courtisanes; Demoieslles de marais; Drouines; Drues; Ensoignantes; Esquoceresses; Femmes de court talon; Femmes folles de son corp; Filles d'amour; Filles de joie; Filles de jubilation; Filletes de pis; Folles femmes; Folieuses; Galloises; Jannetons; Gast; Gauthières; Gaupes; Gondines; Gouges; Gouines; Gourgandines; Grues; Harrebanes; Hollières; Hores; Hourieuses; Hourrières; Lesbines*; Lesbias ou saphicas; *Lescheresses; Lerriers d'amour; Linottes coiffées; Londières; Louves*, Lobas, prostitutas nocturnas; *Lyuces; Manefles; Maranes; Marandos; Martingalis; Maximes; Mochées; Musequines; Pannanesses; Pantonnieres; Pélérines de Vénus; Pellices; Personnières; Poustiqueuses; Prêtesses de Vénus; Redresseuses; Béreleuses; Ribaudes e Ribauldes, Rigobetes; Roussecaignes; Sacs de nuit; Saffretes; Sourdites; Scaldrines; Tendriers de bouche et de reins; Tireuses de vinaigre; Toupies; Touses; Trottières; Viagères; Villotières; Voyagères; Wauves; Usagères*, etc, etc:

Entre estes nomes, que nem todos haviam passado da lingua escripta a

fallada, ou *vice-versa*, encontram-se muitos tirados da antiguidade grega e latina, e por conseguinte puramente litterarios, como estes:

Alicaires de *Alicariæ*.
Ambubuyes, de *Ambubaiæ*.
Lesbines, de *Lesbiæ*.
Maximes, de *Maximæ*.
Mochées, de *Mœchæ*.
Barathres, de *Barathra*.

Um pequeno numero d'elles são imitações do italiano, do hespanhol, do baixo bretão, do provençal e do languedoc, taes como:

Bagasses, de *Bagasse*.
Scaldrines, de *Sgualdrine*.
Ricaldes, de *Ricalde*.

Ha outros, que por desprezo ou sarcasmo recordam as analogias moraes ou physicas, que podia haver entre as prostitutas e diversos animaes:

Cocquatrix, de crocodilo.
Lerriers d'amour, lebres do amor.
Linottes, pintasilgos.
Louves, lobos.
Lyces, cães de caça.
Roussecaignes, cadellas, em languedoc.
Wauces, lobos famintos.

Outros alludiam à vida errante e vagabunda d'estas desgraçadas:

Bourbeleuses, que andam no lodo.
Champisses, campestres, do campo.
Cantonières, as das esquinas.
Gaultières, as dos bosques.
Hollières, andarilhas.
Postiqueuses, as da posta ou correio.
Maraudes, as vagabundas.
Taupies, as que andam por toda a parte.
Trottières, as que trottam noite e dia.
Viagères, as dos caminhos.

Muitos referem-se a particularidades indecentes da profissão de meretriz, taes são.

Bezoches, *Drues*, *Hourrières*, etc.

A vida alegre d'estas mulheres com os seus amantes acha-se indicada por alguns nomes:

Filles de joie, mulheres alegres, ou de alegria.
Galloises, de *galle*, alegria.
Goudines, ou *gaudines*, de *gaudere*, folgar.
Gouines de *goya*, gosar.
Rigobetes, de *rigober*, passar bem a vida.

As differentes classes de mulheres estão designadas n'estas denominações:

Accrocheuses, as que se agarram aos transeuntes.

Bonsoir, as que chamam a attenção saudando.

Caiquardieres, as que frequentam a companhia dos miseraveis.

Courtisanes, as que vivem nas côrtes do amor.

Demoiselles du marais, as que têem o pé no lodo.

Drouines, as que trazem comsigo todos os utensilios.

Grues, as que esperam ás esquinas das ruas.

Lescheresses, as que tinham a abominavel industria das *felatrices* romanas.

Loudieres, as que possuem apenas uma tarimba.

Maranes, as morenas, as ciganas.

Sourdites, as que cahiram na vicio por seducção.

Saffretes, as que usam bordados de ouro.

As periphrases, que procedem pela maior parte de alguma locução proverbial, não precisam de commentarios.

Algumas das denominações foram tiradas da technologia do direito consuetudinario, como *personnieres*, que participam da acção ou cumplices: *usagères*, terrenos baldios, pertencentes a toda a gente.

Outros nomes haviam-se tornado genericos, por causa da qualidade ordinaria das mulheres que os tinham ou recebiam, bem que taes nomes fossem de santos, disfarçados ou corrompidos, taes como *Janneton*, diminutivo de *Jeanne*, Joanna; *Margot*, diminutivo de *Margarite*, Margarida.

Finalmente outros ainda, taes como *Cambrouses*, *Arrebanes*, etc., que nunca foram explicados, exigiriam uma larga dissertação etymologica, que não estamos muito dispostos a emprehender.

O Abbade de l'Aulnaye, na sua nomenclaturra dos synonymos empregados no seculo XVI para qualificar as prostitutas, fez numerosas omissoes, entre os quaes apontaremos apenas as seguintes:

Ancelles, serventes ou escravas (de *Ancillae*).

Baques, anneis em sentido figurado.

Bas-culz.

Bringues, onomatopeia, irrequietas, buliçosas.

Brimbeleuses, que tocam campainhas.

Capres, de cabras, pela sua lubricidade.

Chouettes, aves nocturnas.

Chécres, o mesmo de *Capres*, cabras.

Gallières, amigas da alegria e do prazer.

Consœurs, irmãs da allianca.

Criquenelles, galantes.

Gaures, sentido muito obscuro actualmente.

Gorres, trutas.

Images, imagens, quer dizer pintadas, cheias de arrebiques.

Peaultes, prostitutas de marinheiros.

Poupines, bonecas.

Paillasses, *Paillardes*, que dormem sobre a palha.

Seraines, ou *Sirenes*, traidoras, astutas, sereias

O diccionario comico de Leroux accrescentaria ainda uns vinte nomes talvez, todos elles baixos e grosseiros, colhidos pelos auctores do seculo XVI no lodo da prostituição, e registrados por Beroalde de Verville no seu *Moyen de parvenir*.

Quanto ás periphrases inventadas para exprimir o mesmo assumpto sob todas as suas phases, são innumeraveis e estão na indole do bom humor francez. Por isso julgamos desnecessario accrescentar mais alguma ás que o abbade de l'Aulnaye teve o cuidado de apontar, como que para dar uma ideia das que ainda poderiam ser aproveitadas depois d'elle.

Uma d'estas periphrases, *femmes au court talon*, não seria comprehensivel pelo simples confronto d'este proverbio: *La beauté de la court c'est d'avoir le talon court*.

Uma passagem do livro V de Rabelais faz-nos comprehender o que quer dizer *ter o talão curto*. Fallando da rejuvenescencia que a rainha de Quinta operava nas suas mulheres velhas, observa Rabelais, que depois de voltarem a novas, «*avaient les talons plus courtz* que o natural, e por isso ao encontrarem-se com os homens eram sujeitas ou propensas a cahir de costas.»

Apesar d'esta multidão de apodos ou designações applicadas ás mulheres de má vida, o seu nome por excellencia e caracteristico foi sempre *Putain*, palavra que não foi completamente desterrada da linguagem e do estylo até fins do reinado de Luiz XIV, visto que se encontra ainda nas comedias de Molière. No seculo XV e seculo XVI, esta palavra apparecia ainda em toda a parte, no fôro, no pulpito, nos livros de moral e de jurisprudencia, nos de historia, nas obras de poesia e de litteratura. Até mesmo se encontra em livros escriptos por mulheres.

O Abbade de l'Aulnaye cita quatro proverbios, em que a sabedoria das nações se dirige á *putain* com esta ingenua grosseria:

Amour de putain, feu d'étouppes.
Amor de prostituta é fogo de estopa.

Putain fait comme corneille:
Plus se lave, plus noire est elle.
A prostituta é como a gralha:
Quanto mais se lava, mais suja.

Quand maistre coud et putain pie,
Petite pratique est en ville.

Em portuguez ha um proverbio equivalente a este ultimo e muito mais pittoresco ainda: *Quando a prostituta fia, o soldado reza e o escrivão pergunta a quantos estamos do mez, mal vae a todos tres.*

O quarto proverbio, citado pelo Abbade de l'Aulnaye, é o seguinte:

Jamais putain n'aima preud'hom,
Ni grasse galine au chapon.

A traducção d'este ultimo ditado popular é a seguinte: *Nunca mulher perdida amou homem honrado, nem gallinha gorda capão.*

Outros proverbios relativos a estas mulheres, com a denominação de *folles femmes*, provam-nos que o bom senso popular dava um sentido moral ás palavras que recordavam um pensamento deshonesto, a fim de collocar por assim dizer o remedio ao lado do mal :

Folles femmes n'aiment que pour pasture.
As cortezas amam só por interesse

Se n'esta vasta nomenclatura não figura o nome *Catin*, é porque não foi introduzido na lingua erotica senão em épocha muito proxima dos nossos dias. Disse-se durante muito tempo *Catin*, como diminutivo de *Cathérine*, Catharina, nome muito usual entre as filhas do povo. A palavra veio a ser pouco depois synonymo de *poupé*, por isso que as crianças chamam assim ás suas bonecas, e d'aqui passou naturalmente para as mulheres licenciosas, que ficam toda a vida solteiras, o que se chama proverbialmente *coiffer sainte Catherine*, pentear Santa Catharina, como quem diz vestir santos. De *Catin* fez-se logo *Catant*, sem que a mudança de terminação conseguisse rehabilitar o diminutivo.

O infame logar em que a prostituição assentou os seus arraiaes, o bordel, cujo nome conseguiu insinuar-se nas satyras de Boileau e nos contos de Voltaire, parece que nunca inspirou o estro dos inventores de synonymos. O abbade de l'Aulnaye apresenta apenas cinco ou seis, que nem sequer ainda tinham curso na linguagem usual, reservando-se apenas para a lingua escripta :

Clapiire, derivado de *clapier*, coelheira.

Curatrie, que revela a ideia de curato ou prebenda.

Eschevinage, que parece conter um torpe jogo de palavras.

Paillère, que dá a entender que similhantes antros não tinham outros leitos senão uma pouca de palha.

Peaultre, uma barcaça de rio.

Putefy, como quem diz feudo de prostitutas.

No emtanto, a palavra *bordel* teve sempre preferencia, ainda que a situação ou o regimen dos antros da prostituição mudassem completamente em consequencia das disposições e regulamentos a respeito da prostituição legal. Os bordeis, que tinham sido os primeiros albergues da libertinagem publica, já não existiam em parte alguma, excepto n'algumas cidades da provincia, na épocha em que as mulheres de vida dissoluta tinham o direito de manter bordeis em certas ruas de má fama, onde viviam dos productos do officio sob a tutela da policia municipal, e mediante o pagamento da respectiva licença.

Os amantes, os companheiros, ou os protectores d'estas mulheres perdidas, todos esses parasitas infames da prostituição, tinham o nome generico de *maquereaux*. Outros nomes havia, porém, ainda para designar estes miseraveis, e nomes que soavam muito melhor a seus proprios ouvidos. Denominavam-se ás vezes :

Calinières, porque attrahiam com affagos.

Calnis, pelo mesmo motivo.

Casse-museaux, valentões.

Courratiers, porque favoreciam o trafico das suas amantes

Courtriers, a mesma ideia

Chalands, freguezes da casa.

Goliafres, que devoravam o producto do impuro commercio das suas desgraçadas companheiras.

Goulliards, a mesma ideia.

Holliers, que viajavam com suas amantes pelo paiz.

Francs-gontiers, bons amigos.

Étalons, cavallos de cobrição.

Lescheurs, que engordavam com a substancia da casa.

Lapins, coelhos.

Lesbins, sodomitas.

Mignons, queridos, prediletos.

Maquignons, protectores, auxiliares do impuro trafico.

Paillards, que dormiam sobre palha.

Os homens despreziveis, que assim se consagravam ao mais vil concubinato, do qual tiravam o seu unico rendimento, eram os depositarios, senão os inventores da giria da prostituição, e nas tabernas, onde passavam o dia, bebendo, comendo, jogando, blasphemando e dormindo, não deixavam de revelar a depravação dos seus costumes na linguagem de que usavam.

Quanto ás mulheres infames que intervinham nos traficos secretos da prostituição, eram apontadas ao desprezo e reprovação das pessoas honestas com o nome generico de *maquerelles*. Este qualificativo correspondia a todas as condições do seu abominavel officio, e era indifferentemente admittido, tanto no estylo elevado, como na linguagem mais vulgar, ou mais rasteira. Os poetas da côrte no seculo XVI empregavam-no a cada passo, bem como os jurisconsultos e legisladores.

Este nome, que não foi excluido da linguagem culta até ao seculo XVII, bastava, segundo parece, para todas as necessidades. As pessoas, a quem repugnava servir-se d'elle, costumavam dizer *courtière*, ou *courretière*, corretora; as palavras *entremetteuse* e *appareilleuse*, mediadora, ou agenciadora, vieram mais tarde, e resentem-se já do estylo academico.

Tambem se recorria a periphrases, que revelam a intenção de affagar a susceptibilidade d'estas *damas*: *ambassatrices d'amour*, embaixatrizes do amor; *conciliatrices de volontés*, conciliadoras de vontades; *marchandes de chair fraiche*, commerciantes de carne fresca; *sentinelles d'amour*, sentinellas do amor, etc.

As que exerciam este odioso e lucrativo trafico só recebiam de toda a parte injurias e maldições. O proprio libertino, que as empregava em serviço dos seus proprios prazeres, comprehendia bem a infamia e toda a indignidade d'estas mediadoras. Felizmente não eram mulheres as negociadoras d'estes infames contractos: eram velhas.

O retrato de uma d'estas infames velhas, devido a um poeta do seculo XVI, e uma passagem notabilisima que se attribuiu a Francisco Rabelais na primeira edição completa das suas obras, e que havia apparecido em 1551

n'uma collecção de poesias de Francisco Habert. Este Habert era um amigo de Rabelais, e póde suppôr-se com algumas probabilidades que quizesse salvar do olvido as *Epistolas a duas velhas de costumes differentes*, que Rabelais, a esse tempo cura de Meudon, não podia nem queria publicar com o seu nome.

De resto, o retrato da velha mediadora encontra-se feição por feição na Sybilla de Panzoust, que figura entre os personagens allegoricos do *Pantagruel*.

«Velha desdentada, infame e miseravel, velha sem graça, de hypocritas virtudes, velha traidora, iniqua mediadora, velha que trazes a deshonra e o crime a solteiras e casadas! Tu nunca soubeste o que é a caridade, mulher infame, que só sabes ter rancores e azedume! A tua asquerosa e feia pelle excede em fetido tudo quanto ha de mais immundo! Velha! Tu nunca fallaste bem de pessoa alguma: tu fazes do teu leito um bordel. O teu ubre póde muito bem ammamentar o proprio diabo do inferno. Velha! Tu exerces o infernal poder de Medeia e Circe! Velha maligna, execravel e infecta, que envenenas com a voz os elementos, não receias ser castigada um dia por teus crimes sordidos e impudicos, ante Deus e ante os homens? Pensas que has de ficar impune, velha maldita, tendo perdido tantas donzellas, tendo vendido contra toda a lei e justiça mulheres honradas e de boa familia?!...»

As côres energicas d'este quadro serviram depois de modelo a Régnier para o retrato da sua Macette, que é o prototypo das corruptoras da prostituição no tempo de Henrique IV.

CAPITULO XXV

SUMMARIO

A prostituição legal considerada por um moralista como as partes secretas do corpo social. — Ultimos vestigios e transformações da prostituição religiosa. — O manequeismo e a feiticeria. — Metamorphose diabolica da prostituição hospitalar. — Os incubos e succubos substituem os deuses lares e os semi deuses agrestes. — Os drusios dos gaulezes. — S. Agostinho affirma e S. Chrysostomo nega. — Sonhos dos rabbinos judeus adoptados pelos doutores da Egreja. — Adão e os diabos. — Multiplicação sobrenatural dos primeiros homens. — Variedades de pesadellos. — Opinião de Guiberto de Nogent. — Opinião do padre Costadau. — Etymologia das palavras incubo e succubo. — O prefeito Mummolo. — Os succubos do bispo Eparchio. — O incubo da mãe de Guiberto Nogent. — O baculo e o exorcismo de S. Bernardo. — Decisão do papa Innocencio VIII. — A vida ascetica, predisposição para os attentados dos incubos e succubos. — Doutrina dos casuistas ácerca dos sonhos impudicos. — Armella Nicolau. — Angela de Foligno. — Correspondencia de Soror Gertrudes com Satanaz. — O demonio e as virgens. — Joanna Harbuler. — Os incubos quentes e os incubos frios. — Confissões das suas victimas. — O mau cheiro do diabo. — Filhos gerados pelo diabo. — Distincção entre o incubismo e a feiticeria. — Os incubos e succubos discutidos em plena academia no secul. XVII. — Seus feitos explicados pela sciencia e pela razão.



A prostituição legal chegára, ao que parecia, a possuir todo o desenvolvimento regular e necessario. Tinha o seu codigo, os seus usos, os seus cotumes, os seus privilegios, muitos outros accessorios e até mesmo a sua lingua privativa. Vivia, por assim dizer, em perfeito accordo com a auctoridade ecclesiastica e civil. Estabelecera o seu imperio em certas ruas, a certas horas, mediante certas condições de policia urbana. Fazia parte integrante da organisação do corpo social, do qual era, segundo a extranha expressão de um antigo escriptor, «as partes secretas, que o pudor manda occultar, mas que não se aniquillariam sem destruir os bons costumes, que são como que a cabeça e o coração de um paiz morigerado».

Apesar d'isto, porem, ao lado da prostituição legal, reconhecida ou tolerada pelos poderes publicos, encontravam-se ainda os mal apagados vestigios, muito degenerados, de certo, da prostituição hospitalar e da prostituição religiosa, aquellas duas companheiras do paganismo entre os povos primitivos.

A prostituição religiosa, propriamente dita, persistia ainda obscuramente no culto tradiccional de alguns santos, aos quaes a superstição popular conservára as attribuições obscenas de Pan, de Priapo e dos deuses lares. Estes desvarios constituiam, porém, e felizmente, raras excepções, annexas a certas peregrinações mysteriosas, a certas capellas ou sanctuarios extravagantes, que se conservavam pagãos apezar das suas invocações christãs.

Estas impudicas reminiscencias da idolatria estavam como que escondidas no fundo dos campos, até que alguma das monstruosas heresias, que não cessavam de se reproduzir no proprio seio da religião de Jesus, vieram dar largo desenvolvimento á prostituição religiosa.

O maniqueismo produzira a heresia dos *Vaudes*, e a *Vauderie*, apesar do fogo e do ferro a terem sem cessar procurado extirpar da sociedade, brotava aqui e alli varios rebentões, que davam fructos impuros, e desappareciam d'ahi a pouco em cinzas nas fogueiras. Não será destituido de interesse procurar, nas frias cinzas d'estas heresias maniqueias e dos *Vaudes*, o principio vital da prostituição religiosa.

Outra especie de heresia veio tambem contribuir para o desenvolvimento d'esta prostituição. Tendo tido a mesma origem, a nova heresia separou-se bem depressa do maniqueismo, e pareceu dirigir-se para um fim inteiramente opposto. A feiticeria, instituindo o culto dos demonios, apoderou-se logo da prostituição como de um poderoso meio de acção sobre os seus horriveis adeptos. A prostituição infernal não tardou a arrastar comsigo uma depravação inaudita, que servia de laço invizivel entre as feiticeiras de todas as idades e paizes, e era a alma das suas assembleias infames.

Pelo que respeita a prostituição hospitalar, essa credula e ingenua filha da prostituição religiosa apparecia ainda de vez em quando no sanctuario da vida domestica, sendo ordinariamente a sua causa ordinaria os desvarios e excitações da imaginação. Esta especie de prostituição era ainda reflexo das crenças e mysterios do paganismo. O commercio carnal dos espiritos com os homens e as mulheres passava então por um facto incontestavel, e este maldito commercio, que a egreja considerou por muito tempo como um dos symptomas da preversão diabolica, havia aberto a porta á libertinagem secreta.

A impudica superstição dos incubos e succubos tinha origem nos habitos da prostituição hospitalar, e os christãos de ambos os sexos persuadiam-se de terem relações lubricas com os demonios e os anjos, que participavam egualmente de um e outro sexo, assim como os pagãos cohabitavam com os seus deuses lares, ou entravam ás vezes em communicação directa com os faunos, satyros, nayades e semi-deuses agrestes.

Temos, pois, de examinar o que era a prostituição na Edade-Media, sob as suas tres phazes distinctas, a heresia, a feiticeria, e a superstição dos incubos e succubos.

Estes demonios chamados pelos gaulezes drusios (*drussi*) já exerciam as suas violencias e seducções nocturnas na épocha em que Santo Agostinho reconhecia a sua existencia e attentados, declarando que seria imprudencia negar um facto tão bem estabelecido: *Ut hoc negare imprudentia videatur.* Muitos Padres da Egreja, e entre elles S. João Chrysosthomo negavam este facto, pronunciando-se contra os actos de luxuria attribuidos aos demonios incubos e succubos.

A religião hebraica, porém, dava a estes demonios uma origem contemporanea da dos primeiros homens, e a Egreja christã adoptou a opinião dos rabbinos na interpretação do famoso capitulo do Genesis, em que se veem os fi-

lhos de Deus tomar por mulheres as filhas dos homens, e procrearem uma raça de gigantes.

Os doutores e concilios, apesar d'isto, não foram tão longe como os interpretes judeus, que referiam a lenda dos demonios, como se o facto se tivesse dado á sua vista. Assim, segundo estes veneraveis personagens, «durante cento e trinta annos, em que Adão se absteve de cohabitar com sua mulher, vieram ter com elle *diabas*, que conceberam por obra do venerando pae da raça humana, e pariram diabos, espiritos, espectros nocturnos e phantasmas. (*O mundo encantado*, por Balthazar Becker, Amsterdam, 1694, 4 vol. I, 163.)

Os rabbinos e os demonologos, uma vez a contas com a genealogia dos demonios da noite, proseguiram ousadamente n'este caminho, e descobriram que se o pae Adão tivera copula com succubos, a nossa mãe Eva, pela sua parte, não deixara de entrar em communicação carnal com os incubos, contribuindo assim perfidamente para a multiplicação do genero humano.

Qualquer que fosse o valor d'estas lendas do mundo antidiluviano, a existencia dos incubos e succubos não estava provada por ninguem, e attribuia-se-lhe o effeito do pesadelo. Estes hospedes incommodos, que visitavam durante a noite os jovens de ambos os sexos, nem sempre attentavam contra a sua castidade. Umas vezes sentavam-se a seu lado, murmurando-lhes ao ouvido insensatas illusões, outras pesavam sobre o peito das innocentes victimas, que julgavam afogar-se, e despertavam por fim, cheias de espanto e innundadas de suor frio.

Mais vulgarmente, porém, este demonio, macho ou femea, e ás vezes dotado simultaneamente dos dois sexos, cevava os seus furores luxuriosos na victima que havia escolhido, e que um somno pesado como o chumbo lhe entregava indefesa. Donzella ou mancebo, o cumplice involuntario dos prazeres do espirito maligno, perdia a sua virgindade ou innocencia, sem conhecer jámais o ser invisivel a quem merecia tão horrorosas caricias. Ao despertar, não podia duvidar da impura oppressão que havia soffrido, quando via com assombro as provas irrecusaveis que lhe manchavam o leito.

Tal era a opinião geral, não só do povo, senão tambem dos homens mais illustrados e eminentes.

«Citam-se por toda a parte, diz o piedoso Guiberto de Nogent, nas memorias da sua vida (*De vita sua*, lib. I, cap. 13) exemplos de demonios que se fazem amar das mulheres e se lhes introduzem nos leitos. Se a decencia nol-o permittisse, haviamos de referir muitos d'estes amores diabolicos, entre os quaes sabemos de alguns bem terriveis por causa dos atrozes soffrimentos que fazem ter a estas pobres creaturas, emquanto que outros contentam-se apenas de saciar a sua lubricidade.»

Taes demonios eram, effectivamente, mui differentes em genios e caprichos. Uns amavam como verdadeiros galans, aos quaes procuravam imitar em tudo; menos nescios talvez, ou mais preversos, davam-se a incriveis excessos de libertinagem. A maior parte d'elles não se distinguiam dos homens nos resultados da paixão: mas alguns justificavam a sua natureza superior com verdadeiros prodigios de incontinencia e luxuria.

A conducta das victimas para com os seus diabolicos oppressores era tambem differente. Umas acostumavam-se logo á oppressão do diabo, e viviam com elle no melhor accordo: outras sentiam n'este indecente commercio tanta aversão e repugnancia ao tyranno como a si proprias. Quasi todas guardavam silencio sobre o que se passava n'estes casos de união infernal, que a Egreja anathematisava, desviando os olhos com horror.

«Não restaria mais que demonstrar, dizia o reverendo Costadau em pleno seculo XVII, como os demonios podem ter commercio carnal com os homens e as mulheres, mas a materia é demasiado obscena, para a expressarmos na nossa lingua.»

Os escriptos dos theologos, dos philosophos, dos medicos e dos demonologos da Edade-Media estão cheios de observações circumstanciadas a respeito dos incubos e succubos, que encontravam poucos incredulos, antes que a sciencia houvesse explicado naturalmente todas as suas proezas. O christianismo acceitára á conta do diabo e dos seus subditos, os detestaveis actos de violencia e seducção que o paganismo desde a mais remota edade attribuia aos deuses subalternos e aos demonios occultos e nocturnos. Uns e outros exerciam os mesmos actos de prostituição phantastica, mas os espiritos invisiveis, que d'ella se tornavam culpados, não eram detestados pelos pagãos, como o foram pelos christãos, a quem a Egreja recommendava que se defendessem sem treguas nem descanço contra as insidias do diabo.

Não obstante, se a opinião vulgar não podia pôr em duvida os horriveis attentados que estes malignos espiritos faziam contra a especie humana durante o somno, a philosophia negou em alta voz estes attentados, quando se entregou ao exame dos factos, averiguando os phenomenos do pesadêllo.

Chamava-se incubo *(incubus)* o demonio que tomava a figura de homem para cohabitar com uma mulher adormecida ou acordada. Esta palavra deriva-se do verbo latino *incubare*, que significa estar deitado sobre outro. Os gregos chamavam ao incubo *demonio saltador* ou *invasor*, que acommette ou se atira a alguem. N'um antigo glossario manuscripto, citado por Ducange, a palavra incubo tem esta definição: «*Incubi vel incubones*, uma especie de diabos que costumam brincar com as mulheres.» Ducange extrahe tambem das Glosas manuscriptas, para intelligencia das obras medicas de Alexandre de Tralles, uma passagem que prova que os sabios confundiam antigamente, sob a denominação de incubo, o demonio do pesadêllo e o soffrimento que elle causava ao dormente:

«*Incubus est passio in qua dormientes suffocari et a dæmonibus opprimi videntur.*»

A etymologia de succubo (*succubus*) não differe da de *incubo*, senão pela metamorphose do demonio, transformado agora em mulher, *succubare, sub-cubare, cubare sub*, isto é, estar deitado debaixo de outro. Não obstante, Ducange não admittiu esta palavra nem o seu derivado no seu *Glossario*.

Verdade seja que os succubos são mais raros que os incubos nas narrações da Edade-Media, porque estes ultimos, apesar dos exorcismos e das penas ecclesiasticas, não deixavam as mulheres em descanço por aquelle tempo. De-

pois de haverem feito milagres nas lendas dos santos, vinham agora ostentar novas proezas á luz da historia. Gregorio de Tours refere-nos a morte do prefeito Mummulo (Lib. VI), enviando demonios obscenos ás damas gaulezas, que desejava condemnar. O mesmo chronista dá a entender que o proprio Satanaz não desdenhava muitas vezes entregar-se a esse passatempo.

Um santo bispo do Auvergne, chamado Euparchio, acordou uma noite com a ideia de ir orar á sua egreja. Levantou-se com effeito e dirigiu-se á sé episcopal, que foi encontrar toda illuminada por uma luz extranha e cheia de demonios, que praticavam as maiores abominações diante do altar. Entre elles estava o proprio Satanaz, vestido de mulher, que sentado na cadeira prelaticia presidia áquelles mysterios de impudica iniquidade.

—Infame cortezã! bradou o bispo indignado, não te contentas de manchar tudo com as tuas profanações, e vens ainda sujar com o teu corpo repugnante a cadeira consagrada a Deus!

—Uma vez que me chamas cortezã, disse-lhe o principe das trevas, deixa estar que te heide inflammar a carne com o fogo da luxuria!

Satanaz desfez-se como o fumo e junto com elle a sua côrte diabolica, mas d'ahi a pouco lá cumpria a sua palavra, fazendo soffrer ao santo bispo todas as torturas da concupiscencia carnal.

Um historiador tão grave como Gregorio de Tours, Guiberto de Nogent, referia com a mesma boa fé cinco seculos mais tarde os insultos que sua mãe tivera que soffrer da parte dos incubos, que a belleza d'aquella mulher attrahia sem cessar para junto d'ella. «Uma noite, conta elle, durante uma dolorosa insomnia, que lhe fazia innundar de lagrimas o leito em que jazia, o demonio, segundo o seu costume de tentar os corações afflictos, apresentou-se subitamente a seus olhos, que o somno não conseguia cerrar, e opprimiu-a cruelmente com um peso asphyxiante.» A pobre senhora nem podia mover-se, nem queixar-se, nem mesmo respirar, mas no intimo d'alma implorou o auxilio divino, e viu immediatamente o seu anjo da guarda junto da cabeceira.

«Santa Maria, ajuda-nos! exclamou o anjo custodio em voz doce e supplicante; e dizendo isto lançou-se sobre o demonio, para o obrigar a largar a sua presa. O espirito infernal ergueu-se logo para resistir a tão inesperado ataque, mas o anjo deitou-o por terra com um estrepito que fez tremer a casa toda. As creadas levantaram-se assustadas e inquietas e correram ao quarto de sua ama, que pallida, desvairada e semi-morta de terror, lhes contou o perigo de que havia escapado e de que manifestava ainda signaes bem evidentes. (Guiberto: *De vita sua*, lib. I, cap. 13.)

Os anjos da guarda, porém, nem sempre estavam no seu posto para prestarem auxilio n'estes lances ás debeis creaturas, e o demonio tinha então todo o partido. Não obstante, a Egreja podia ainda arrebatar-lhes a presa, como se prova pelo memoravel exorcismo de que se tracta na vida de S. Bernardo, escripta pouco tempo depois da sua morte.

Uma mulher de Nantes tinha relações impudicas com um demonio que a visitava todas as noites, quando estava deitada com seu marido, sem que o pobre homem acordasse. Ao cabo de seis annos d'este adulterio diabolico, a

peccadora que nunca fallara em similhante cousa, resolveu contar tudo ao seu confessor, e em seguida a seu marido, que horrorisado d'ella a abandonou.

O incubo ficou assim senhor absoluto da sua victima. Uma noite contou-lhe o seu infernal amante que o illustre São Bernardo devia ir áquella cidade. A victima esperou com impaciencia a chegada do santo, e foi prostrar-se a seus pés, pedindo-lhe que a livrasse d'aquella obsessão diabolica.

São Bernardo aconselhou-lhe que fizesse o signal da cruz ao deitar-se, e que pozesse a seu lado no leito um baculo que lhe deu. — Se o demonio vier, disse o santo varão, não o temas. Desafia-o a que se approxime de ti. Deixa estar que não lhe hade faltar que fazer!

Effectivamente o incubo apresentou-se como de costume para usurpar os direitos do marido, mas encontrou o baculo de S. Bernardo, e não poude fazer senão andar em volta d'elle colerico e ameacador. Uma barreira insuperavel se erguia entre os dois.

No domingo seguinte, dirigiu-se S. Bernardo á cathedral acompanhado dos bispos de Nantes e de Chartres. Uma multidão immensa accudira ao templo para receber a benção do santo, que ordenou que a todos os assistentes se distribuissem velas accesas, contando-lhes em seguida a historia d'aquella mulher dada aos prazeres do demonio. Depois d'isto, exorcismou o espirito, prohibindo-lhe pela auctoridade de Jesus-Christo que atormentasse aquella mulher ou outra qualquer. Concluido o exorcismo, ordenou que todas as luzes se apagassem ao mesmo tempo, e a potencia do demonio incubo extinguiu-se completamente.

Se S. Bernardo não duvidava da realidade da copula dos incubos com as mulheres, não é de extranhar tambem que S. Thomaz de Aquino se occupasse extensamente d'estes audazes demonios libertinos, na sua *Summa Theologiæ* (*Questio* LI, art. 3). A auctoridade d'estes dois grandes santos era sufficiente para desculpar as desgraçadas, que julgavam soffrer bem apesar seu esta extranha prostituição, e que não possuiam o talisman preservativo do baculo de S. Bernardo. Nada mais vulgar que as revelaçoes d'este genero no tribunal da penitencia, e o confessor tirava d'estas confidencias a convicção do facto, que combatia sempre inutilmente com exorcismos e orações.

O papa Innocencio VIII não se mostrava menos supersticioso que os seus contemporaneos, quando reconhecia n'estes termos de um breve apostolico a existencia dos incubos e succubos:

«Non sine ingenti molestia ad nostrum pervenit auditum complures utriusque sexus personas propriæ salutis immemores, et a fide catholica deviantes, dæmonibus incubis et succubis abuti.»

Não foi só a confissão sacramental que revelou os mysterios do *incubismo e succubismo*; revelaram nos especialmente as declaracoes voluntarias ou forçadas que a inquisicão arrancou aos accusados, nas innumeraveis causas de feiticeria, que encheram as fogueiras e patibulos de todos os paizes da Europa.

Foi sempre a imaginação a culpada unica de todas as obras nocturnas que se imputavam ao diabo, mas, segundo a crença dos antigos, as trevas pertenciam aos espiritos infernaes, e o somno dos homens achava-se exposto as-

sim á maldade d'estes auctores do peccado. Eram tambem accusados de empregarem o sonho como um dos meios de tentação dos peccadores adormecidos.

«O diabo, diz o sabio Antonio de Torquemada, procura principalmente fazer cahir no peccado da luxuria os que dormem, fazendo-os sonhar com prazeres carnaes, até que os obriga a polluções, de maneira que comprazendo-se n'ellas logo que despertam, são a causa de que pequem mortalmente. (*Hexameron*).

Bayle, na sua *Resposta ás perguntas de um Provincial*, cita a este respeito a doutrina dos casuistas sobre os sonhos, que por muito tempo se attribuiram aos incubos e succubos.

«Os mais remissos concordam que somos obrigados a rogar a Deus que nos preserve de sonhos impuros. Dizem elles que se pecca sempre nos seguintes casos: quando se fizeram cousas proprias para excitar as impurezas durante o sonho: quando ao acordar não se deplora o ter-se sentido prazer com os sonhos: quando finalmente se emprega qualquer artificio para os reproduzir.» (*Oeuvres de Bayle*. t. III, p. 563.)

Póde dizer-se até certo ponto que os incubos e succubos nasceram nos conventos de ambos os sexos, porque a vida ascetica predispõe maravilhosamente o espirito e o corpo para esta prostituição involuntaria, que se realiza em sonhos e que o mysticismo considera como obra dos demonios nocturnos.

«As religiosas, diz Bayle, attribuem á malicia de Satanaz os maus pensamentos que têem, e se notam certa tenacidade ou insistencia nas suas sensações, imaginam que o infernal tentador as persegue mais de perto, que lhes faz cerco, que se apodera finalmente dos seus corpos.»

A biographia de muitas d'estas santas martyres dos seus proprios sentidos faz-nos conhecer as provas que tinham de soffrer para guardarem a sua pureza e para escaparem ás violencias ou ás seducções dos anjos maus. Uma religiosa de Santa Ursula da communidade de Vannes, chamada Armelia Nicolau, «pobre rapariga idiota, villã de nascimento e servente de condição», como a qualifica o seu historiador, offerece-nos um dos ultimos exemplos do imperio que o diabo podia exercer physica e moralmente ao mesmo tempo, sobre aquellas reclusas ignorantes, crédulas e apaixonadas.

Esta pobre rapariga, que viveu nos fins do seculo XVIII, começara por se exaltar nos ardores do amor divino, antes de ser victima dos incubos.

A seu respeito diz o auctor anonymo da *Eschola do puro amor de Deus, aberta aos sabios e aos ignorantes*, p. 34 da nova edição de Colonia:

«Parecia-lhe estar sempre em companhia dos demonios, que sem cessar a provocavam a entregar-se-lhes. Por espaço de cinco ou seis mezes que durou o mais forte d'aquella grande batalha, era-lhe impossivel dormir de noite, por causa dos espectros espantosos com que os demonios a atormentavam, tomando horriveis e monstruosas figuras.»

E' o que se chama pôr o remedio ao lado do mal, e a pobre freira cada vez se sentia mais forte para resistir áquelles terriveis tentadores, que em vez de tomarem fórmas agradaveis e sympathicas para facilitarem a seducção, se indignavam de seus desdens e a maltratavam cruelmente.

Outra mystica, Angela de Foligno, cujas tentações diabolicas descreve Martin del Rio, nas suas *Disquisitiones magicæ*, tinha de haver-se tambem com grosseiros demonios, que a golpeavam sem piedade, depois de lhe haverem inspirado desejos, que não chegavam a ver realisados. Não tinha no corpo sitio algum que não fosse ferido por aquelles crueis incubos, de modo que não podia mover-se, nem ao menos levantar-se do leito, e ella propria diz: «*Non est in me membrum, quod non sit percussum tortura, et penatum a dœmonibus et semper sum infirma, et semper estupefacta et plena doloribus in omnibus membris meis.*»

Não obstante isto, os incubos não conseguiam os seus desejos, apesar de não cessarem de a atormentar.

Segundo os demonologos mais bem informados, um demonio incubo tomava a figura de um homunculo negro e cabelludo, mas tinha sempre o cuidado de conservar certa cousa da natureza dos gigantes, como um glorioso attributo da sua origem paterna. Nos interrogatorios de um grande numero de processos de feiticeria encontra-se a prova d'estas enormidades, que não existiam por certo a não ser na depravada imaginação dos pacientes.

Este commercio absurdo tornava-se ás vezes duradouro, e a desgraçada que o soffria sem vontade, ou que se habituava a elle como uma questão de libertinagem, permanecia assim em poder do demonio annos inteiros. Citam se numerosas possessas que amavam effectivamente o diabo e lhe correspondiam. João Wier conta que no seu tempo uma joven religiosa, chamada Gertrudes, de quatorze annos de edade, dormia todas as noites com Satanaz, e que o principe das trevas tanto se fizera amar d'aquella menina, que ella lhe escrevia nos termos mais ternos e apaixonados. N'uma syndicancia que se verificou um dia na abbadia de Nazareth, perto de Colonia, onde esta religiosa havia introduzido o seu infernal amante, descobriu-se na sua cella, a 25 de março de 1565, uma carta de amor dirigida a Satanaz e cheia de pormenores horriveis ácerca das suas noites libidinosas.

De resto, os auctores não estão de accordo a respeito das predilecções licenciosas que se attribuiam aos incubos, e a controversia demonologa sobre este ponto tomou por vezes grande vulto. O celebre Lancre assegura que os demonios não se mettem com as donzellas; Martin del Rio affirma o contrario; Bodin sustenta que os demonios teem horror á sodomia e á bestialidade; Prierias considera-os como inventores d'estas infames aberrações.

Esta divergencia de opinião a respeito do grau de preversidade, que se attribuia ao espirito maligno, prova unicamente mais ou menos depravação entre os casuistas que se occupavam de questões tão delicadas.

Não procuraremos explicar a especie de impossibilidade que se oppunha ao commercio de um demonio com uma donzella.

Lancre, no seu *Tableau de l'inconstance des mauvais anges et démons*, refere que uma donzellona de edade avançada lhe contára «que o diabo não faz ajuntamento com as donzellas, porque não póde commetter com ellas adulterio, por isso espera que se cazem.»

Eis um extranho requinte de malicia da parte do diabo, pois julgava que

não era ainda sufficiente peccado violar uma donzella e esperava a opportunidade do adulterio. Ainda assim, n'outras passagens do seu livro, Lancre dános a entender que o demonio tinha mais compaixão da fraqueza das donzellas do que da sua innocencia.

«Se não receiasse offender a vossa imaginação, diz o abbade Bordelon, na curiosa *Histoire des imaginations*, de M. Oufle, referir-vos-hia aqui o que os demonographos contam a respeito das dores que soffriam as mulheres, quando tinham commercio com os demonios, e o motivo porque soffriam estas dores.»

No emtanto, parece demonstrado pelas revelações de um grande numero de feiticeiras e possessas, que diziam ter copula carnal com o tentador desde a edade de dez annos, que elle nem sempre esperava que as suas escolhidas estivessem aptas para o matrimonio para as possuir. Os demonographos sem entrarem em pormenores especiaes a respeito da desfloração das donzellas por obra dos incubos, citam muitos casos em que as virgens conheceram o diabo antes da puberdade.

Deve notar-se todavia que a maior parte d'estas desgraçadas eram filhas de feiticeiras consagradas ao demonio e ás suas obras, desde o seu nascimento. Joanna Herviller, que foi condemnada á fogueira, como o tinha sido sua mãe, por sentença do parlamento de Paris, confessou que a auctora dos seus dias a tinha apresentado ao diabo «na figura de um homem alto e negro, vestido tambem de negro, calçado de botas e esporas, que trazia espada e tinha um cavallo á porta.» Joanna tinha então doze annos, e desde o dia d'aquella apresentação, o diabo «tinha cohabitado com ella do mesmo modo que os homens com as mulheres, exceptuando que o semen era frio. Isto continuou por muito tempo, cada oito ou quinze dias, ainda mesmo quando estava deitada com seu marido, que não percebia cousa alguma.»

Dois ou tres factos do mesmo genero, citados tambem por Bodin, indicam que certos incubos, mais espertos e depravados que os outros, mostravam grande empenho em colher as primicias da virgindade. Em 1545, a abbadessa de um mosteiro de Hespanha, Magdalena de la Cruz, foi deitar-se aos pés do papa Paulo III, pedindo-lhe a absolvição pelo facto de se ter sacrificado desde a edade de doze annos a um espirito maligno, em figura de um *mouro preto*, continuando n'este execravel commercio por espaço de trinta annos.

«Sou de opinião, accrescenta Bodin, que Magdalena de la Cruz fôra consagrada a Satanaz pelos seus proprios paes desde o ventre de sua mãe, por isso que confessou que aos seis annos, que é a edade do conhecimento nas meninas, Satanaz lhe apparecera, e que a seduzira aos doze, que é a edade da puberdade nas mulheres.»

Outra joven hespanhola, que fôra desflorada pelo demonio na edade de dezoito annos, não quiz arrepender-se do que havia feito, e foi queimada n'um auto de fé.

Havia duas especies de incubos, implicitamente reconhecidos como taes, os frios e os quentes.

Antonio de Torquemada explica de uma maneira bem singular a invasão de certos diabos frios no corpo do homem:

«Ainda que os diabos sejam inimigos dos homens, diz elle no seu *Hexameron*, entram nos seus corpos, não tanto pela vontade de lhes fazerem damno, como pelo desejo de um calor vivificante; porque estes diabos são os que habitam em logares profundissimos, seccos e frios, e porisso desejam os sitios humidos e quentes.»

Seja como fôr, quando um diabo entrava no corpo humano, e alli andava ás voltas, revelava a sua presença pelo excessivo calor que causava em todas as partes que estavam em contacto com elle. Assim Santa Angela de Foligno, que tinha de precaver-se sem cessar contra as sollicitações do diabo, sentia á sua approximação um tal fogo no orgão sexual, que se via forçada a applicar-lhe um ferro candente para extinguir assim o incendio que n'elle se desenvolvia sob a influencia da lubricidade infernal.

Apesar do fogo interno ou externo, que os incubos quentes traziam comsigo na cohabitação nocturna, o seu principio algido fazia-se sempre sentir de algum modo durante o proprio acto da obsessão. Depois de ter fallado do sentimento de frio e de horror que os possessos do demonio soffriam no meio dos seus espantosos transportes, Bodin diz que «taes copulas não são *illusões* nem *enfermidades*», e affirma que não differem das relações sexuaes ordinarias *senão pela frialdade do semen*.

A este respeito dá um extracto dos interrogatorios feitos, perante Adriano de Fer, magistrado de Laon, ás feiticeiras de Longny, que foram condemnadas á fogueira por terem tido copula com os incubos.

Margarida Bremon, mulher de Noel de Lavaret, confessou ter sido conduzida por sua mãe certa noite a um campo, em que se reuniam as feiticeiras:

«Havia n'aquelle sitio, diz ella textualmente, seis diabos em fórma humana, mas verdadeiramente horriveis.... Acabada a dança, os diabos atiraram-se ás feiticeiras e tiveram copula com ellas. Um d'elles, com quem ella dançara, agarrou-a e beijou-a duas vezes. Em seguida cohabitou com ella por espaço de meia hora, mas o seu semen era frio.»

Joanna Guillemin «reporta-se ás palavras de Margarida, e accrescenta que estiveram juntos, ella e um demonio, mais de meia hora, e que o semen diabolico era como o gelo». (*Démonomanie des sorcières*, lib. II, cap. 7).

João Bodin nota uma circumstancia completamente analoga no processo da feiticeira de Biévre, que foi instaurado e julgado pela justiça do senhor de Boue, bailio de Vermandois. Esta feiticeira confessou que Satanaz, a quem chamava seu companheiro, cohabitava com ella ordinariamente, e que o seu semen era muito frio.

Os historiadores da feiticeria e os jurisconsultos não se limitavam a registrar estas extranhas particularidades. O seu fim principal era procurar a causa d'ellas, e julgaram tel-a encontrado, estribando-se na auctoridade de S. Thomaz de Aquino.

«Uns, diz o ingenuo Bodin, opinam que os demonios *hyphialtos*, ou succubos recebem o semen dos homens e se servem d'elle com as mulheres, como demonios *ephyaltos*, ou incubos, como diz S Thomaz de Aquino, cousa que parece incrivel.»

O mesmo auctor, que de cousa alguma se admira, nos mais sinistros arcanos da demonomania, acha a explicação d'este phenomeno n'um versiculo da Biblia, em presença de qual os commentadores ficaram mudos e confundidos. Diz elle:

«Talvez a passagem da lei de Deus, que diz: *Maldito seja o que dér o seu semen a Moloch*, se possa entender a respeito d'estes.»

Não era este, porém, o unico caracter distinctivo da possessão diabolica: o cheiro pestilencial que o demonio exhalava de todos os seus membros communicava-se quasi immediatamente aos homens e ás mulheres que visitava. D'aqui a origem de locuções proverbiaes, que ainda hoje se usam: *Cheirar como o diabo; apestar como o demonio*, etc. Os possessos, que tinham tido copula com o tentador, apestavam tudo em torno de si, e reconheciam-se especialmente pelo halito insupportavel.

Diz o ingenuo Bodin, referindo-se a Cardan:

«Os espiritos malignos são fetidos e do mesmo modo se consideram os logares por elles frequentados. Creio que vem d'aqui o terem os antigos chamado ás feiticeiras *fœtentes*, e os gascões *fetilleros*, pelo seu fetido repugnantissimo, que procede, segundo creio, da copula com o diabo.»

Todos os demonographos concordam na affirmação d'este horrivel fetido, que ordinariamente annunciava a passagem do diabo, e sahia da bocca dos possessos.

«Póde affirmar-se, accrescenta, que as mulheres, que de si proprias têem o halito muito mais doce e agradavel que os homens, em consequencia d'esta copula diabolica se tornam tristes, feias, horrorosas e fetidas.»

Não é tudo ainda: o abominavel commercio dos incubos produzia ás vezes fructos monstruosos, e o demonio tinha um prazer maligno em introduzir assim a sua progenie na raça humana. D'este modo se explicavam todas as aberrações da natureza nas obras da geração. Os monstros tinham então a sua razão de ser.

Spranger escreve «que os allemães, tendo mais experiencia em feiticerias, por isso que as tiveram desde tempos immemoriaes, e em maior numero que nos outros paizes, são de opinião que d'essas copulas sahem ás vezes filhos, que elles chamam *Wechsel-Kind*. Estas crianças são muito mais pesadas que as outras, estão sempre doentes, e seriam capazes da esgotarem tres amas de leite sem saciarem a sua fome diabolica.» (*Démonologie des sorciéres*, lib. II, cap. 7.)

Martinho Luthero, nos seus *Colloquios*, reconhecia a verdade d'este facto, tanto mais insuspeitamente, que elle proprio era arguido de ser um d'estes filhos do diabo, a quem as camadas populares da Ilha de França chamavam *champis*, como quem diz, achados, ou gerados no campo.

No seculo XIII, um bispo de Troyes, chamado Guichart, foi accusado tambem de ser filho de um incubo, chamado *Petum*, o qual, segundo diziam, puzera todos os seus demonicos as serviço do prelado, seu amado filho. (V. *Nouv. Mémoires de l'Académie des Inscriptions*, t. VI, p. 603.)

Os incubos tinham, portanto, a aptidão de crear filhos bastante fortes e

habeis para alcançarem no mundo uma elevada posição. Ordinariamente, porém, estas vergonteas infernaes eram apenas umas espantosas parodias da humanidade. Bodin falla de um monstro d'esta especie, nascido em 1565 na aldeia de Schemir, perto de Breslau, e que tivera por paes uma feiticeira e Satanaz:

«Era um monstro horrivel, diz elle, sem cabeça nem pés, com a bocca no hombro esquerdo, côr de figado, que gritava com clamor espantoso quando o lavavam.»

De resto, Bodin apresenta varias opiniões ácerca dos resultados da prostituição diabolica.

«Outras feiticeiras, diz elle, parem diabos á maneira de crianças, que para logo cohabitam com as suas amas, egualmente feiticeiras, sem que d'ahi a pouco se saiba o que foi feito d'elles. A respeito d'esta copula de diabos, Santo Agostinho, S. João Chysosthomo e S. Gregorio Nazianzeno sustentam, contra Lactancio e Josephus, que é infecunda; e que, se o não é, mais facilmente produz um demonio que um homem.»

O vulgo, porém, não duvidava que o demonio tivesse a faculdade de se reproduzir sob a fórma humana, e considerava succubos todos estes filhos do inferno. No emtanto, póde concluir-se que a maior parte das obras do incubismo eram estereis.

«O homem feiticeiro que tem copula com o diabo, como com uma mulher, diz Bodin, não é incubo ou *ephyalto*, é *hyphialto* ou succubo.»

A este respeito conta muitas historias de succubos sob a responsabilidade de Spranger, de Cardan e de Pico de Mirandola. Spranger refere que um feiticeiro allemão cohabitava assim diante de sua mulher e de seus filhos, que o viam no leito sem verem a mulher succuba.

Pico de Mirandola conheceu um sacerdote feiticeiro, chamado Benito Berna, que na edade de oitenta annos declarou ter cohabitado por mais de quarenta vezes com um succubo disfarçado de mulher, que o acompanhava sem que ninguem desse por elle, e que se chamava Hermiona.

Cardan cita o caso de um outro sacerdote de noventa annos, que tinha cohabitado por espaço de mais de cincoenta com um demonio *em fórma de mulher*. É para notar-se um facto curioso: os incubos dirigiam-se de ordinario ás mulheres mais bellas e jovens, assim como os succubos aos homens mais bonitos e bem proporcionados.

Quanto aos feiticeiros e feiticeiras, que iam procurar nos seus conciliabulos nocturnos os detestaveis prazeres que o diabo jámais lhes recusava, n'aquella monstruosa promiscuidade de sexos e de edades, eram quasi sempre feios, velhos e repugnantes. Póde, portanto, considerar-se o incubismo como uma especie de iniciação na feiticeria, que desprezava completamente o pudor e levava a libertinagem até aos ultimos limites do possivel. Por via de regra, o incubo não encontrava complacencia alguma na pessoa que desejava e pretendia: era apenas o preludio do peccado. O feiticeiro, pelo contrario, prevertido e dado de ha muito ao diabo, deixava-se arrastar á perdição e vivia exclusivamente na pratica das obras das trevas.

E' conveniente, portanto, estabelecer uma distincção muito significativa entre o incubismo e a feiticeria, dizendo que esta era a prostituição das mulheres velhas, e aquelle a da juventude.

Apesar de tantos factos, de tantas revelações e de tantos exemplos memoraveis, certos demonographos negaram a existencia dos incubos e succubos. O sabio astrologo Aggripa e o celebre medico Wier, attribuem á imaginação os principaes maleficios d'aquelles demonios nocturnos. «As mulheres são dotadas de grande imaginação, e julgam fazer o que não fazem», diz Wier. Os medicos mais illustrados do seculo XVII eram já d'este parecer, e não obstante, n'este mesmo seculo, em que ainda se queimavam feiticeiras, que confessavam ter tido copula com o diabo, discutia-se nas escholas e academias a theoria dos incubos e succubos.

A ultima vez que esta singular theoria se debateu em França, sob o duplo ponto de vista religioso e scientifico, foi nas conferencias do celebre *Bureau d'Adresse*, que o medico Theophrasto Renaudot havia estabelecido em Paris, exclusivamente para zombar ao mesmo tempo da Faculdade de medicina e da Academia franceza. Estas conferencias que se celebravam uma ou duas vezes por semana no salão do *Bureau*, sito na rua da *Calandre*, na *cité*, attrahiam um numeroso auditorio, curioso de ouvir os oradores que tomavam parte na discussão.

Tractavam-se alli as questões mais espinhosas, e Theophrasto Renaudot dirigia os debates com uma seriedade imperturbavel. A discussão sahia frequentemente dos limites do que n'esse tempo se chamava honestidade, e agora chamamos decoro, ou decencia, mas como todos estavam avidos de saber, ninguem via nas opiniões dos oradores nem um atomo de malicia ou zombaria.

Na conferencia 128, que se realisou na segunda-feira, 9 de fevereiro de 1637, um *curioso da natureza*, como ao tempo appellidavam os affeiçoados da physica e das sciencias naturaes, apresentou a seguinte these á discussão:

Dos incubos e succubos: poderão os demonios procrear?

O assumpto não era novo; era, comtudo singular e de sensação.

Inscreveram-se immediatamente quatro oradores.

O primeiro a tomar a palavra foi um medico pouco favoravel ao systema dos demonios incubos e succubos. Considerou este facto como effeito de uma enfermidade chamada pelos gregos *ephyaltos*, e pelo vulgo *pesadêllo*, e definiu-a — uma difficuldade invencivel de respiração, voz e movimento, com oppressão do corpo, sentindo-se por sonhos um pêso sobre o estomago. Segundo elle, a causa d'esta enfermidade é um vapor grosseiro, que occupa principalmente a parte posterior do cerebro e impede a sahida dos espiritos animaes, destinados ao movimento das partes.

Accrescenta que o vulgo attribue estes effeitos e perturbações ao espirito maligno, de muito melhor vontade do que á malignidade de um vapor ou de qualquer humor grosseiro, ou mucoso, que faz oppressão n'aquelle ventriculo, cuja frialdade e debilidade, produzidas pela falta de espiritos, são as causas mais manifestas. Conclue em consequencia d'isto por dizer, que este estado morbido, no qual nenhuma influencia tem o diabo, não podia produzir a con-

cepção, «que sendo um effeito de faculdade natural, e estado da alma vegetativa, não podia convir ao demonio, que é um puro espirito.»

Esta theoria da geração devia produzir uma viva curiosidade na assembléa, que nem sequer suspeitava as faculdades da alma vegetativa; o segundo orador, porém, que era um sabio empanturrado na leitura dos classicos gregos e latinos, tomou a defeza dos demonios, e quiz provar a realidade das suas copulas com creaturas humanas, factos que não podiam negar-se sem desmentir uma infinidade de pessoas de todas as edades, sexos e condições a quem haviam succedido.

Em seguida, cita muitos outros personagens illustres da antiguidade e da Edade-Média, que foram procreados pelos deuses falsos ou pelos demonios. «São verdadeiros incubos, diz elle, os faunos, os satyros, e o principal d'elles, *Pan*, chefe dos incubos, chamado pelos hebreus *Haza*, assim como ao chefe dos succubos chamavam *Lilith*. Ha ainda os *Nephesolienses*, que os turcos têem por filhos do demonio: e póde succeder que sejam por dois motivos, ou porque os demonios se apoderem das mulheres e transportem para ellas semen extranho, ou porque, e é o mais provavel, possam fazer semen proprio, porque tudo quanto é natural póde ser feito pelos demonios. E mesmo que não podessem fazer *semen proprio*, nem por isso deve concluir-se que não esteja nos seus recursos produzir uma creatura perfeita.»

Havia na assembléa grande numero de damas, que não perdiam uma palavra d'esta discussão.

O terceiro orador reconheceu como facto incontestavel o commercio dos incubos e succubos com as creaturas humanas, mas era de opinião que estes espiritos malignos não podiam procrear, e explicava assim a sua idéa:

«Pelo que respeita ao succubo, direi que é bem claro não poder de fórma alguma procrear, por isso que não tem logar conveniente para receber o semen, e falta-lhe o sangue para alimentar o feto durante os nove mezes da gestação.»

A respeito do incubo, não cortava tão peremptoriamente a questão. Recordava as tres condições principaes que requer a geração, a saber: «a diversidade do sexo, o ajuntamento do macho e da femea e a effusão de alguma materia, que contenha em si a virtude procreadora.» Concorda que o diabo póde em caso de necessidade dispôr das duas primeiras condições, mas nunca da ultima, do tal semen proprio e conveniente, dotado de espiritos e de calor vital, sem o que, é infecundo e esteril; porque o diabo não tem semen, que se produz n'um corpo actualmente vivo, como não é o do tentador. Quanto a trazer d'outra parte o semen, isso não deve admittir-se por falta de espiritos, que não pódem conservar-se, a não ser por uma irradiação que se faz das partes nos vasos espermaticos.

O quarto orador, homem douto e prudente, veio muito a proposito acalmar a anciedade do auditorio, declarando «que não ha nada de sobrenatural no incubismo, que não é mais do que um symptoma da faculdade animal, acompanhado de tres circumstancias, a saber: a respiração impedida, paralysação do movimento e uma imaginação voluptuosa.» Rehabilitou o pesadêllo,

cujas causas e effeitos explicou, e terminou a discussão por dar um conselho aos circumstantes, que era absterem-se de dormir de barriga para o ar e dos perigos de uma imaginação voluptuosa, «effeito da abundancia ou qualidade do semen, o qual enviando a sua especie á phantasia fórma um objecto agradavel e remove a potencia motriz, e esta a faculdade expellitiva dos vasos espermaticos.»

Todos se retiraram satisfeitos d'estas doutas investigações no mundo encantado, ás quaes o douto Becker não havia ainda levado á luz da duvida e da razão.

Depois de Theophrasto Renaudot e até aos nossos dias, a theologia e a sciencia tem-se occupado ainda da questão de incubos e succubos, tão arraigados na credulidade popular, que era impossivel destruil-os completamente. As proezas d'estes demonios subalternos são ainda hoje pontos de fé entre os habitantes do campo. Voltaire zombou d'esta crença com o seu inflexivel bom senso, mas pouco faltou para que não o accusassem de desacatar o diabo, disputando-lhe as suas antigas prerogativas.

Antes de Voltaire, um medico ordinario do rei de França, de Saint-André, descobriu a verdadeira causa d'esta superstição, de que tractou nas suas *Cartas sobre a magia, maleficios e feiticeiros*.

«O incubo, diz elle, é ordinariamente uma quimera, que não tem outro fundamento senão um sonho, uma imaginação enferma, e na maior parte dos casos a imaginação das mulheres.... O artificio não tem parte menos importante na historia dos incubos. Uma mulher, uma rapariga, uma beata libertina, que apparenta virtudes para occultar vicios, faz passar o seu amante por um incubo que a tornou possessa. Ha espiritos succubos, e incubos que não teem mais razão de ser que o sonho ou os delirios da imaginação. Um homem ouve fallar em succubos, e d'aqui imagina ver e gozar em sonhos as mulheres mais bellas e voluptuosas....»

De Saint-André resume d'este modo e mui sensatamente as circumstancias em que se podia produzir a superstição dos incubos e dos succubos, e não podemos deixar de louvar a sua sensatez, n'uma épocha em que os casuistas e os doutores da Sorbonna não vacillavam em reconhecer a potencia geradora do demonio. Assim, por exemplo, o P.e Costadau, que era um jesuita muito douto, escrevia n'aquella mesma épocha, no seu celebre *Traité des signes*, o seguinte:

«O caso é muito singular e importante para poder ser tractado á ligeira... Não menos difficilmente o acreditariamos, se não estivessemos convencidos por uma parte do poder do demonio, e por outra não encontrassemos uma infinidade de escriptores de primeira ordem, papas, theologos e philosophos, que sustentaram e provaram a existencia d'esta especie de demonios succubos e incubos. Ha effectivamente pessoas tão desgraçadas, que tiveram com elles commercio vergonhoso e execravel.»

A Egreja e o parlamento tiveram de fazer leis contra estes desgraçados, que consideravam como cumplices, bem que fossem involuntarios, da prostituição diabolica, e só a fogueira era sufficiente para os purificar d'esta man-

cha horrivel, quando a penitencia não se encarregava de os trazer ao caminho do perdão. As victimas do succubismo e do incubismo tinham motivos de indulgencia que invocar, apresentando-se como taes. A jurisprudencia ecclesiastica e civil mostrava-se implacavel com outra especie de prostituição infernal, a dos feiticeiros e feiticeiras, que se consagravam de boa vontade a Satanaz, prestando-se a toda a especie de abominações nos seus *sabbats*, ou reuniões nocturnas.

Taes eram em França e em toda a Europa, durante o seculo XVI e mesmo no seculo XVII, os derradeiros vestigios da prostituição hospitalar e da prostituição religiosa.

CAPITULO XXVI

SUMMARIO

A prostituição na feiticeria. —Origens do *sabbat*. — Viagens nocturnas de Diana e de Herodiades. — Capitular contra os feiticeiros —Leis ecclesiasticas. A mais antiga descripção do *sabbat* As obras do diabo, segundo os interrogatorios dos processos da feiticeria. Chegada dos feiticeiros ao *sabbat*. — Adoração do bode. -Horrorosos sacrificios ao diabo. O peccado *super-contra-naturam*. A ronda do *sabbat* — Diversos testemunhos em seu appoio. -Physiologia obscena de Satanaz. — O *sabbat* da *Vauderie* d Arras. — O *sabbat* de Gaufridi. — Impurezas dos feiticeiros e feiticeiras.—Castração magica. —As velhas feiticeiras. — Signaes diabolicos.—Os feiticeiros de Sodoma Supplicio dos sodomitas no inferno.—Incestos do *sabbat*.— Accusação de bestialidade. — As serpentes da caverna de Norcia. — O cão das religiosas de Colonia e de Tolosa. — Consequencias da demonomania. — A verdade sobre os actos da prostituição da feiticeria. —Justificação da jurisprudencia da Edade-Media



A PROSTITUIÇÃO na feiticeria não era, como o incubismo, uma consequencia accidental da obsessão diabolica, senão o resultado ordinario da possessão: era o estado habitual dos homens e das mulheres consagrados voluntariamente ao demonio, e de certo modo o sello do pacto abominavel que os ligava com o poder infernal, com aquelle que se denominava o auctor do peccado.

E' claro, pois, que a feiticeria tinha dois caracteres principaes, um dos quaes podia ser o effeito e o outro a causa: aqui dava satisfação aos mais infames caprichos da preversão humana; alli empregava a intervenção dos maus espiritos nas obras sobrenaturaes e malditas.

D'este modo, o principio da feiticeria em todas as épochas consistia no mutuo accordo entre o homem e o diabo: o primeiro, submettendo-se corpo e alma á dominação do segundo: este compartilhando de certo modo com o seu escravo o poder occulto, que o Ser Supremo deixára a Satanaz, ao precipital-o da morada celestial nas profundezas dos abysmos. Tal era a recompensa d'aquella voluntaria escravidão; tal era o mysterio da feiticeria, que podia definir-se uma vergonhosa prostituição do homem, que se vendia e entregava ao diabo.

Comprehende-se agora o que seria na sua origem a feiticeria, que evidentemente servia de pretexto a extranhas aberrações de uma vergonhosa promiscuidade, por isso os antigos olhavam com profundo desprezo os feiticeiros, cujas reuniões secretas não eram mais do que execraveis conciliabulos de libertinagem.

Os legisladores e philosophos da antiguidade foram sempre unanimes em condemnar e impôr castigos rigorosos aos magos e ás suas odiosas companhei-

ras. Apesar d'isso, podemos apenas fazer conjecturas a respeito do que se passava nas suas reuniões nocturnas, visto não se encontrarem nos poetas gregos e romanos senão limitadissimas descripções. Só em Petronio e Apuleyo se encontram duas ou tres passagens que deixam suspeitar o que não dizem. As narrações, que ao tempo se faziam d'estas *spintrias* magicas e danças voluptuosas, achavam então muitos incredulos, que não lhes ligavam importancia, ou não viam n'ellas malicia alguma.

Horacio diz expressamente em muitas passagens das suas odes e epistolas que as velhas feiticeiras commettiam grandes indecencias á luz da lua, e que durante a noite nos campos e nos bosques os jovens iam reunir-se aos chóros de satyros e nymphas (*nimpharumque leris cum satyris chori*).

Não era ainda o *sabbat* da Edade-Média com os seus monstruosos horrores, que parecem ter sido realmente um invento do demonio, e que tinham todos os requisitos para fazer crêr no poder e influencia do principe das trevas.

O verdadeiro *sabbat* já existia nos povos do Norte, onde a feiticeria arrastava a todos os extravios e aberrações da imaginação mais depravada. Aquelles povos estavam ainda muito proximos do estado primitivo da natureza para não se deixarem arrastar a estes excessos pelas suas paixões brutaes, e a superstição que instigava aquella grosseira sensualidade encontrava-os doceis ás suas crenças e aberrações.

Os imperadores romanos, para manterem a sua auctoridade nos paizes conquistados, procuraram destruir n'elles a magia, os seus adeptos e as suas praticas. A Gallia, sobretudo, estava infestada de feiticeiros, e Tiberio não conseguiu expurgar esta provincia romana, senão fazendo uma guerra implacavel aos druidas e á sua religião.

Talvez não venha fóra de proposito notar aqui que os demonios incubos a que se refere Santo Agostinho e que elle chama *Drusii (quos Galli Drusios nuncupant)* foram confundidos com os druidas pelos antigos escriptores; e Bodin, citando esta mesma passagem, reproduzida nas *Etymologias* de Izidoro de Sevilha, accrescenta:

«Todos se tem enganado com a palavra *Dusios*, que deve lêr-se *Drusios*, como quem diz *diabos dos bosques*, aos quaes os latinos chamaram *Sylvanos*. E' verosimil o que diz Santo Agostinho, a respeito de nossos paes haverem chamado antigamente a estes diabos *Drusios*, para os distinguirem dos druidas, que viviam tambem nos bosques.

A analogia de nome provinha mais talvez da similhança do que da differença entre *Drusios* e *Druidas*.

O christianismo teve de augmentar ainda os rigores da perseguição contra os cumplices da demonomania. No tempo do imperador Valente (364-378) começaram a ser queimados os feiticeiros; mas a feiticeria e o druidismo tinham tão profundas raizes nos costumes dos gaulezes, que nem depois de muitos seculos de sanguinolentos esforços se logrou extinguil-os a fogo e a ferro. E' claro que o druidismo e a feiticeria encerravam desde esse tempo nos seus usos, ou pelo menos nas suas ceremonias, uma multidão de escandalosos pormenores da prostituição hospitalar e religiosa.

Apezar d'isso, nos auctores christãos não se trata das assembleias nocturnas de feiticeria antes do seculo sexto, ou do setimo. Todos os codigos dos povos barbaros, a *Lei Ripuaria*, a *Lei Salica*, a *Lei dos Burgondos* e a *Lei dos Allemães*, comminavam tão sómente uma penalidade terrivel contra os feiticeiros, sem todavia os accusarem de prostituição diabolica.

O monumento mais antigo que faz menção do *sabbat*, ou de uma junta tenebrosa de mulheres que tinha por fim obras de magia, é uma capitular, cuja data não foi fixada de uma fórma bem authentica, e que talvez não seja anterior a Carlos Magno. (Veja-se a collecção de Baluze, *Capitularia regum*, fragm. cap. 13.)

Esta capitular não subministra pormenores muito explicitos a respeito das viagens aereas que os feiticeiros julgavam fazer em companhia de Diana e de Herodiades, montados em animaes phantasticos, que os conduziam provavelmente a uma assembléa geral da feiticeria.

Eis a curiosa passagem, que parece pertencer aos canones de um concilio, e que frequentes vezes foi truncada e adulterada:

«*Illud etiam non est omittendum quod quædam sceleratæ mulieres, retro, post Satanam conversæ, demonum illusionibus et phantasmatibus seductæ, credunt et profitentum se nocturnis horis cum Diana, dea paganorum, vel cum Herodiade et innumera multitudine mulierum, equitare super quasdam bestias, et multarum terrarum spatia intempestæ noctis silentio pertransire, ejusque jussibus, velut dominæ obedire et certis noctibus ad ejus servitium evocari.*»

Réconhece-se claramente a partida das feiticeiras para o *sabbat;* mas não assistimos á chegada d'esta infernal comitiva, nem sabemos o que iam fazer á reunião. E' licito suppôr que os animaes phantasticos em que montavam durante estas viagens aereas não eram senão os demonios, que mais tarde veremos servir para este mesmo uso ás feiticeiras.

Não podemos duvidar de que fosse o *sabbat* esta reunião mysteriosa: quer dizer, uma reunião illicita, clandestina em que se prestava culto ao diabo e este culto devia ser erriçado de indecencias, infamias e monstruosidades, que foram sempre estas as praticas da feiticeria. Mas se o facto existia já, faltava ainda n'esse tempo a palavra *sabbat*, para o significar. Julgamos com boas razões que esta palavra não é anterior ao seculo XII, o que não impediu os sabios de a derivarem do nome de Baccho, porque as bacchanaes tinham alguma relação com as orgias nocturnas celebradas em honra do demonio, com danças lubricas, festins opiparos e monstruosas libertinagens.

E' evidente que esta douta etymologia, apesar das relações que póde haver entre *sabbat* e Baccho, cahe por terra perante uma impossibilidade de data, e por isso devemos attender sómente á etymologia mais natural.

«O povo, que deu o nome de *sabbat* as juntas ou conciliabulos dos feiticeiros, diz Calmet, no seu Tractado das apparições dos espiritos, quiz apparentemente comparar por uma extranha irrisão estas assembléas ás dos judeus e ao que estes praticavam nas suas synagogas, no dia de *sabbado*.»

Todos os demonologos, que não querem passar por ignorantes, occupa-

ram-se em procurar nas antigas festas de Baccho a origem do *sabbat* dos demonios. Assim, segundo Leloyer, no seu livro dos *Espectros* (Lib. IV, c. 3) os iniciados cantavam *Saboé* nas bacchanaes, e os feiticeiros nas suas reuniões bradavam, voz em grita: *Har! Sabbat! Sabbat!*

Mais provavel é, porém, que os christãos, não tendo menos horror aos judeus que aos feiticeiros, fingissem confundil-os na mesma reprovação, attribuindo-lhes o mesmo culto, os mesmos costumes, as mesmas profanações.

A mais antiga descripção do *sabbat* diabolico temol-a n'uma carta do papa Gregorio IX, dirigida collectivamente ao arcebispo de Moguncia, ao bispo de Hildesheim e ao doutor Conrado, em 1234, para lhes denunciar as iniciações dos hereges.

«Quando recebem um neophyto, diz o pontifice, e quando elle entra pela primeira vez nas suas assembleias, vê um sapo enorme, do tamanho de um pato, ou maior ainda. Uns beijam-no na bocca, outros por detraz. Em seguida, o neophyto encontra um homem pallido, de olhos muito pretos, e tão debil e emfermiço que não tem senão os ossos e a pelle. Beija-o, e encontra-o frio como neve, e logo depois d'este beijo esquece facilmente a lei catholica. Em seguida fazem um festim, depois do qual desce um gato preto, que vae collocar-se detraz de uma estatua, collocada ordinariamente no logar da assembleia. O neophyto beija primeiramente esse gato por detraz, depois o que preside á reunião e os outros que são dignos d'isso. Os imperfeitos recebem sómente o beijo do chefe a quem juram obediencia: em seguida, apagam as luzes e commettem toda a especie de impureza. (*Historia ecclesiastica* de Fleury, t. XVII, p. 53.)

Aqui temos, pois, o *sabbat*, que o seculo XVI nos descreveu muitas vezes com tão minuciosos pormenores; mas esta assembleia de herejes, ainda que similhante á dos feiticeiros, mostra-nos mais a prostituição na heresia do que na feiticeria.

O *sabbat* propriamente dito, remonte ou não á mais alta antiguidade, não foi bem conhecido até ao seculo XVI, quando a inquisição se occupou d'elle a serio n'uma multidão de processos, em que os pobres feiticeiros referiam com certo orgulho as monstruosas maravilhas de que haviam sido testemunhas, actores ou cumplices. Os interrogatorios d'estes processos permittem-nos revelar com a maxima exactidão as principaes obras da prostituição, que tinham por theatro o *sabbat* dos feiticeiros.

A maior parte dos historiadores, que referem estes pormenores deploraveis da prostituição humana, eram dotados de uma fé inquebrantavel, e attribuiam de boa mente ao diabo todos os crimes que os seus credulos vassallos lhe imputavam. Depois de haver reunido um pequeno numero d'estes horriveis testemunhos, ficamos convencidos que, se a imaginação tinha uma invencivel influencia nas sensações dos demonomaniacos, a fraude e a astucia abusavam com frequencia da sua fraqueza moral, em proveito da lubricidade de uns e em prejuizo do pudor dos outros.

As feiticeiras que queriam ir ao *sabbat* começavam a preparar-se com invocações. Em seguida punham-se completamente núas, e esfregavam o corpo

com um certo unguento, e á hora marcada, feito o signal convencionado, montavam n'uma vassoura e sahiam pelas chaminés das suas casas, elevando-se nos ares a uma altura consideravel.

Ordinariamente encontravam nos orificios das chaminés uns diabinhos, que tinham recebido a missão de as conduzir atravez do espaço. N'este caso as feiticeiras, ou bruxas, cavalgavam n'elles, ou então agarravam-se-lhe ao rabo ou aos cornos.

Chegavam ao *sabbat* completamente núas e reluzindo com a untura magica que as tornava invisiveis e impalpaveis, exceplo aos demonios e feiticeiros. A receita para compôr o unguento destinado aos familiares do *sabbat*, encontra-se ainda formulada nos livros de magia. Provavelmente perdeu toda a sua virtude, visto que ninguem faz uso d'ella hoje em dia; n'outros tempos, porém, não era inutil para augmentar as forças, que cada qual tinha de gastar n'essas infernaes orgias.

Untados com a gordura magica, feiticeiros e feiticeiras chegavam completamente nús ao *sabbat*, e nús voltavam. Esta nudez absoluta prova que o *sabbat* era uma entrevista de abominavel prostituição. Bodin refere muitas historias, cuja responsabilidade deixamos á conta d'elle, em que nos descreve como os homens e as mulheres iam a estas entrevistas nocturnas.

Um pobre homem, que vivia perto de Loches na Turenna, notou que sua mulher se ausentava de noite, sob o pretexto de ir fazer a barrella a casa de uma visinha. Chegou a desconfiar d'ella, e cheio de ciumes ameaçou-a de morte, se não lhe dissesse a verdade. A mulher confessou que ia ao *sabbat* e offereceu-se em prova do que dizia a levar alli o marido.

Effectivamente foram os dois, e viram-se logo em companhia de feiticeiros e demonios; mas o pobre homem teve medo, e persignou-se invocando o nome de Deus. No mesmo instante, tudo desappareceu, até a propria mulher do aprendiz de feiticeiro, que andou núa e errante pelos campos até ao dia seguinte.

Outra anecdota identica:

Uma joven estava em Lyão deitada com o seu amante, que não podia dormir. A rapariga levanta-se sem fazer ruido, accende uma luz, pega n'uma caixa de unguento e esfrega com ella todo o corpo, depois do que é *transportada*. O galan levanta-se, serve-se tambem da mesma untura, conforme vira fazer á sua *ribalda*, pronuncia as mesmas palavras magicas que lhe ouvira e... chega ao *sabbat* quasi ao mesmo tempo que a joven. A' vista dos demonios, porém, e das suas horriveis attitudes, é tão grande o seu terror, que encommenda a alma a Deus.

«Toda a companhia desappareceu instantaneamente, diz Bodin, e o pobre rapaz ficou só e nú, voltando logo a Lyão, onde accusou a sua *ribalda* de feiticeira. A rapariga confessou e foi condemnada a morrer queimada.»

O emprego do unguento magico para os feiticeiros se *transportarem*, não era sempre indispensavel, sobretudo para os da profissão, que não precisavam mais do que metter entre as pernas uma vassoura ou um pau qualquer para voarem como uma flecha pelos ares até ao logar da reunião diabolica. Bodin assegura que este pau ou vassoura bastava ás feiticeiras francezas, que n'elle ca-

valgavam destramente, sem precisarem de unguentos, emquanto que as feiticeiras italianas tinham que untar-se dos pés a cabeça antes de montarem no bode que as conduzia ao *sabbat*.

Esta differença de meios de transporte aereos, usados pelos feiticeiros, explica a diversidade dos trajos nas antigas gravuras que representam os mysterios do *sabbat*. Umas feiticeiras estão nuas, e são as que se untam: outras estão vestidas, e são as que, como diz Lancre, «vão ao *sabbat* sem se untarem de gordura, nem teem de passar pelos tubos das chaminés.»

A mesma distincção se nota entre os feiticeiros, dos quaes os mais novos não levam fato algum, emquanto que os mais velhos levam largas tunicas e capuzes.

Os demonologos não estão de accordo ácerca do que se passava no *sabbat*, pelo que se pode inferir que se passavam alli muitas cousas, na sua maior parte ridiculas, mas havendo algumas infames tambem. Depois de se ter lido e comparado todas as descripções que nos restam do *sabbat*, reconhece-se que esta horrivel promiscuidade de sexos e de edades não devia ter mais que um fim, e que esta libertinagem se realisava de quatro modos: pela adoração do bode, por festins sacrilegos, por danças obscenas e pelo commercio impudico dos demonios.

Estas quatro principaes funcções do *sabbat* em todas as épocas e paizes estavam devidamente estabelecidas nos interrogatorios e provas dos processos sobre feiticeria.

Não se póde dizer com certeza em que consistia a adoração do bode; mas deve crer-se que as praticas sempre detestaveis d'este crime variavam segundo os logares e os tempos. Vinha a ser ordinariamente uma especie de homenagem, seguida de investidura diabolica, e acompanhada de tributo, imitando em tudo os usos do feudalismo. O novo feudatario do diabo acceitava-o por amo e senhor, prestava-lhe juramento de fidelidade e vassallagem, offerecia-lhe um sacrificio e recebia em troca os estygmas ou sellos do inferno. Era este, pois, o fundo da ceremonia, que se practicava de muitas maneiras com um prodigioso alarde de espantosa libertinagem.

O diabo, que presidia em toda a parte ao *sabbat*, ou pelo menos se fazia representar por algum dos seus escolhidos, tomava ordinariamente a figura de um bode gigantesco, branco, ou preto, d'esse animal impuro, que foi sempre o symbolo da lubricidade. O bode diabolico tinha, porem, algumas particularidades caracteristicas. Segundo uns, tinha dois cornos na frente, e outros dois no occiput, ou então sómente tres cornos na cabeça com uma especie de luz no corno do meio. Segundo outros, tinha em cima do pescoço *uma cara de homem negro*. (*Traité de l'inconstance des démons*, por De Lancre, pag. 73 e 128.)

O demonio tomava tambem a fórma de alguns outros animaes não menos lubricos do que o bode.

«Vi, quando estive na Tournelle, refere o bom De Lancre, alguns processos em que se dizia apparecer o diabo no *sabbat*, na figura de um grande lebreu negro. N'outros ainda, presidia em figura de um grande boi de bronze deitado por terra, ou como um boi vivo que repousa.»

Outras vezes Satanaz ou Belzebuth vinha receber a adoração dos seus subditos e subditas, sob a fórma de um passaro negro, do tamanho de um ganso.

Em varias circumstancias, assumia a forma humana, accrescentando-lhe varios attributos do seu poder infernal. Umas vezes era vermelho, outras negro; ora tinha uma cara no sitio em que os lombos terminam, ora tinha-a sobre a nuca, fazendo symetria á do outro lado, como o deus Jano da mythologia.

Casos havia ainda em que tomava uma configuração extravagante, como veremos de uma passagem de Prierias, que n'outro logar citaremos.

«Ha quem diga, refere De Lancre, que no *sabbat* o diabo é como um grande tronco de arvore, escuro, sem braços e sem pés, com uma especie de rosto humano, grande e espantoso.»

Finalmente, depois de haver recolhido todas as opiniões relativas ao diabo, De Lancre traça o retrato seguinte:

«O diabo no *sabbat* está sentado n'uma cadeira negra, com uma coróa de cornos negros, sendo o mais alto do meio da testa como que uma especie de facho que illumina a assembleia. Tem os cabellos erriçados, rosto pallido e sombrio; olhos redondos, grandes, muito abertos, inflammados e horrendos: barba de bode; o resto do corpo mal feito, em fórma de homem e de bode; mãos e pés como os de uma creatura humana, com excepção que os dedos são todos eguaes e agudos, armados de largas unhas: o rabo comprido como o de um burro, e cobre com elle as partes vergonhosas. Tem a voz espantosa e apresenta-se com uma especie de gravidade soberba, e com a expressão de uma pessoa melancholica e triste.»

Tal era o terrivel senhor, a quem os feiticeiros e feiticeiras prestavam juramento de fé e homenagem nas assembleias do *sabbat*. «Ha muita gente d'essa que adora o bode e o beija no trazeiro.» N'estes proprios termos o declarou ao rei Carlos IX o famoso feiticeiro Trois-Echelles. (*Démonomanie*, lib. II, cap. IV.) De Lancre falla em muitos logares d'este osculo indecente, que se costumava dar tambem nas partes vergonhosas do diabo:

«O trazeiro d'aquelle poderoso senhor, diz elle, na obra citada, a paginas 76, tinha a fórma de uma cara, e era esta cara que se beijava, e não outra parte mais indecente.» No emtanto, segundo as declaraçoes de uma joven, chamada Joanna Hostilapits, residente em Sare, a qual não tinha ainda quatorze annos, quando foi consagrada á prostituição do *sabbat*, «os grandes beijavam o diabo por detraz, e elle beijava o trazeiro aos pequenos.»

Em seguida, o diabo urinava n'uma especie de tubo ou aguilheiro, e as velhas feiticeiras corriam a molhar no liquido infecto e ardente pennas de gallo, com que aspergiam a assembleia. Como se vê, era uma execravel parodia das ceremonias da missa.

«A's vezes, refere ainda De Lancre, adorava-se o diabo no *sabbat*, com as costas voltadas para elle; outras vezes com os pés para o ar, depois de accender uma vela de pez negro no corno do meio, e tambem o beijavam por diante e por detraz.»

No processo de muitas feiticeiras, que foram julgadas e condemnadas ao

fogo em Verdun, em 1445, estas desgraçadas confessaram *que eram servas de todos os inimigos do inferno*, e que tinham commettido *muitos peccados enormes*. Cada uma d'ellas tinha o seu nome diabolico: umas prestavam homenagem ao seu senhor, beijando-lhe o hombro, outras o trazeiro, outras a bocca.

Além do beijo, havia a offerenda, e os escriptores omittem de proposito a declaração do que fosse essa offerenda. Era simplesmente uma moeda de enxofre, representando uma imagem phantastica, como as que se encontraram nas excavações da Alsacia? Era um emblema mysterioso, como um ovo de serpente, um ramo de verbena, um dente de lobo, ou qualquer outro objecto dedicado á magia negra?

Não recusamos considerar esta offerenda como uma iniciação impudica, pela qual o neophyto se entregava corporalmente a Satanaz, enfeudando-se ao inimigo por um acto carnal. Tambem se pretende que o diabo dava algumas moedas aos que lhe beijavam o trazeiro.

Havia tambem os estygmas diabolicos. O chefe do *sabbat*, Satanaz ou Belzebuth, marcava os seus adoradores, como se costumam marcar as rezes de um rebanho. Esta marca fazia-se com a extremidade ardente do sceptro, que o principe das trevas tinha na mão, ou com um dos seus cornos, e imprimia-se nos labios, ou nas palpebras, no hombro direito ou nas nadegas dos homens. As mulheres eram marcadas nas pernas, nos sobacos, no olho esquerdo, ou nas partes secretas. Esta marca indelevel representava umas vezes uma lebre, outras uma pata de sapo, um gato ou um cão. Era por estes signaes especiaes que se reconheciam as prostitutas do diabo.

Terminada a adoração com uma multidão de praticas tão extranhas como repugnantes, celebrava-se a festa com banquetes, cantos e danças, como preparação para as scenas libidinosas. No dizer de algumas feiticeiras, mais ingenuas que as outras, os banquetes servidos sobre um panno dourado offereciam ao appetite dos convivas «toda a classe de viveres com pão, sal e vinho.» Mas, segundo a maioria das testemunhas oculares, não eram senão sapos, carne de enforcados, cadaveres exhumados dos cemiterios, corpos de crianças por baptisar, animaes mortos, e tudo sem sal nem vinho.

Procedia-se em seguida á benção da meza, fazendo-se em torno d'ella uma procissão com velas accesas, e entoando-se canções impuras em honra do demonio, o rei do festim.

E' provavel que estas orgias da meza tivessem por fim exaltar os sentidos d'aquelles desgraçados e preparal-os para os monstruosos actos de prostituição, que completavam a ronda do *sabbat*.

Não podemos dizer ao certo o que fosse esta ronda, visto que cada qual a descrevia com particularidades novas. Se era uma dança, é licito crêr que o seu fim principal era a provocação á libertinagem, porque dava occasião ás attitudes as mais indecentes, a contorsões e movimentos obscenos. A maior parte do corpo choreographico apresentava-se em completa nudez; alguns andavam em camisa com um grande gato atado ás costas; quasi todos elles traziam sapos nos hombros.

A excitação á dança era o grito *Har! Har!* Os espectadores, os velhos

nigromantes, os feiticeiros centenarios e os demonios veneraveis, repetiam em chôro: *Sabbat! Sabbat!*

Havia na assembléa coripheus de ambos os sexos, que davam saltos e voltas prodigiosas, e faziam supremos esforços para excitarem a luxuria dos assistentes e para satisfazerem a impura malicia do principe das trevas.

A ronda continuava d'este modo até aos primeiros alvores da madrugada, até ao cantar do gallo, e emquanto durava o ruído das vozes e dos instrumentos infernaes, cada par se entregava por seu turno, com ardor phrenetico á mais espantosa prostituição. Era então que se commettia o decimo-quinto crime capital, de que os feiticeiros podiam tornar-se réus contra a lei divina e humana: — a copula carnal com o diabo. (*Démonomanie*, lib. IV, cap. 5.)

Os jurisconsultos da demonomania procuraram caracterisar este crime, pelo testemunho dos proprios que o haviam commettido. Eis o que Nicolau Rémy conta, a proposito das immundas caricias que os concorrentes ao *sabbat* declaravam haver recebido dos diabos:

«*Hic igitur, sive vir incubet, sive succubet fœmina, liberum in utroque naturæ debet esse officium, nihilque omnino intercedere quod id vel minimum moretur atque impediat, si pudor, metus, horror, sensusque aliquis acrior ingruit: illicet ad irritum redeunt omnia e lumbis effœaque prorsus sit natura.*» (*Dæmonol.*, lib. III, Lugd., 1595.)

Resulta d'aqui não estarem menos expostos os feiticeiros que as feiticeiras ás torpezas do diabo. No emtanto, mais de um theologo e muitos criminalistas ousaram tomar a defeza do diabo e provar que elle tinha horror ao peccado *contra naturam;* mas, ao que parece, não conseguiram rehabilitar n'este ponto o espirito maligno, pois que Sylvestre Prierias, que escrevia o seu famoso tractado *De strigimagarum dæmonumque mirandum*, em presença da inquisição romana, sustenta doutoralmente que a sodomia era uma das prerogativas do diabo. E falla na monstruosidade diabolica do *membrus genitalis biforcatus*, de maneira que entrava ao mesmo tempo nos dois vasos.

Bayle, para dar nome ás espantosas enormidades, que se produziam na imaginação desenfreada dos demonomaniacos, inventou uma phrase, que não logrou ter curso entre os theologos e os criminalistas. Chama peccado *super-contra-naturam* ao coito alternado ou simultaneo, que o diabo hermaphrodita fazia ordinariamente no *sabbat* com um e outro sexo.

Um inquisidor loreno, Nicolau Rémy, dedicou-se com toda a sua curiosidade e paciencia de frade a reconhecer os caracteres da copula carnal com os demonios. Para esse fim foi interrogando com todo o cuidado as desgraçadas victimas da prostituição diabolica, e concluiu por descobrir que nada era mais doloroso do que soffrer as caricias do espirito immundo: *Nihil est frigidius, ingratiusque*, diz elle.

Todos estavam de accordo a respeito da impressão de horror glacial que haviam soffrido nos braços do diabo: era um coito frio, affirmavam elles, e além de frio, desagradabilissimo e infecto. Muitas das feiticeiras ficavam enfermas para toda a vida, em consequencia d'esta copula diabolica. Rémy, que não tinha o menor escrupulo a respeito do desbragamento das suas perguntas, obteve

importantes revelações da parte das *ribaldas do diabo*. Estas desgraçadas, a quem o *sabbat* consagrava desde a mais tenra edade a uma prostituição mysteriosa, não se envergonhavam de descobrir todos os pormenores do horrivel commercio que tinham com os demonios. Podia fazer-se a physiologia erotica de Satanaz em presença das declarações formaes, que Nicolau Rémy recebeu da bocca das proprias feiticeiras emeritas do seu tempo, especialmente de Aleixa, Claudia, Nicolina e Didacia, que tinham frequentado os *sabbats* das montanhas dos Vorges. Todas ellas narravam circumstanciadamente as agudas dores que tinham soffrido por occasião da copula com o tentador, e até mesmo os irreparaveis estragos, que lhes tinha feito nas entranhas o *penis* do demonio, umas vezes pesado e de grandeza desmarcada: outras agudo e penetrante como um fuso.

Rémy, historiando tão pacientemente estas minuciosidades, parece até certo ponto compadecido d'aquellas desgraçadas, que eram apenas victimas de uma invencivel obsessão, e nem sequer peccavam por deleite, mas eram passivamente e a seu pesar instrumentos dos execraveis prazeres do demonio, sem se poderem subtrahir a esta escravidão oppressora e maldita. Com todas estas attenuantes, as feiticeiras convictas de se *terem encavallado* com o demonio eram queimadas sem piedade.

O que está perfeitamente averiguado é que, sob o pretexto de feiticeria ou magia, o *sabbat* abria um vago e sombrio campo á mais abominavel prostituição. Não eram os demonios que lucravam na saturnal desbragada; os espiritos das trevas figuravam apenas em effigie n'estas reuniões, embora fossem a alma da tenebrosa orgia. O *sabbat*, despojado do seu apparato diabolico e phantastico, reduzia-se a um congresso de libertinagem, em que o incesto, a sodomia e a bestialidade eram os peccados mais saborosos. De Lancre, sem querer attenuar as culpas, que elle proprio attribuia á *inconstancia dos demonios*, vê-se obrigado a confessar que o diabo tinha menos parte do que se dizia nas abominações do *sabbat*.

«A mulher, diz elle, prostitue-se diante de seu marido, sem que elle tenha por isso zelos ou desgosto; até ás vezes lhe serve de alcoviteiro; o pae desflora sua filha sem repugnancia, nem vergonha: a mãe colhe sem escrupulo as primicias de seu filho; o irmão as de sua irmã.»

Por isso, todo o feiticeiro era considerado pela lei como incestuoso, só pelo facto de haver concorrido ao *sabbat*, ainda que não tivessse nem paes, nem filhas, nem irmãs.

O nono crime commum aos feiticeiros, segundo os canones da Egreja, foi sempre o incesto, «que, segundo Bodin, é o crime de que foram sempre convictos os feiticeiros, porque Satanaz lhes faz comprehender que nunca houve perfeito feiticeiro ou encantador, que não fosse gerado por um pae em sua filha, ou por um filho em sua mãe.»

Temos uma descripção circumstanciada dos crimes do *sabbat*, na sentença proferida pelo tribunal d'Arras em 1460 contra cinco mulheres e muitos homens, accusados de *vauderie*, ou feiticeria. Entre os condemnados, havia um pintor, um poeta e um sacerdote de setenta annos de edade, que, segundo to-

das as probabilidades, fôra o auctor d'estas libertinagens misturadas com um poucochinho de heresia.

«Quando queriam ir á *vauderie*, ou ao *sabbat*, serviam-se de um unguento fornecido pelo proprio diabo, e montados n'um pau de vassoura, voavam até ao sitio da reunião, por cima das cidades, dos bosques e das aguas. Era o diabo que assim os transportava. Chegados alli, encontravam as mezas postas e cobertas de iguarias, e presididas por um demonio em figura de bode, de cão, de macaco, e até algumas vezes em figura humana. Faziam-se-lhe oblações, prestava-se-lhe homenagem, adoravam-no, e a maior parte dos concorrentes davam-lhe logo alli a alma e o corpo.

«Beijavam-no no trazeiro, tendo velas accesas na mão... E apenas comiam e bebiam, tinham cohabitação carnal todos juntos com o proprio diabo, o qual tomava alternadamente figura de homem e de mulher, e tinham cohabitação com elle os homens e as mulheres. E commettiam tambem o peccado de sodomia e outros peccados repugnantes e enormes, tanto contra Deus, como contra a natureza, chegando até o inquisidor a dizer que não se atrevia a nomear estes peccados, com receio de que os ouvidos innocentes fossem sabedores de tão grandes, terriveis e crueis monstruosidades. (*Mem. de Jacques Duclerq.*, lib. IV, c. 4).

Bodin acreditava cegamente na copula carnal com os diabos, mas nunca se referiu ás desordens anti-physicas do *sabbat*, e isto provavelmente por julgar, como tantos outros demonologos, que o peccado contra a natureza não causava menos horror aos diabos do que aos homens.

No emtanto, a crença vulgar não fazia tanta justiça aos demonios, e julgava-os entregues no *sabbat* a todas as abominações da lubricidade. Um monge inglez, Evesham, que em 1196 desceu aos infernos, guiado por S. Nicolau, refere nos termos seguintes o que viu de mais extraordinario:

«Ha um supplicio mais abominavel, vergonhoso e horrivel, ao qual estão condemnados os que, durante a sua vida mortal, se tornaram réus d'esse crime que um christão não póde nomear e que inspirava horror até mesmo aos proprios pagãos. Estes miseraveis eram acommettidos por monstros enormes, que pareciam de fogo, e cujas fórmas espantosas excedem tudo quanto a imaginação póde conceber. Apesar dos seus esforços e de toda a sua resistencia, viam-se obrigados a soffrer as suas execraveis copulas, que lhes arrancavam gritos penetrantes e horriveis. Em seguida, cahiam sem sentidos e como mortos, mas tinham que voltar á vida, renascendo para o mesmo supplicio. Oh! A multidão d'estes desgraçados era tão numerosa como os castigos que soffriam! N'aquelle logar horrivel, não reconheci nem procurei reconhecer ninguem, tanto foi o horror que me inspiraram a enormidade do crime, a obscenidade do supplicio e o fetido insupportavel que alli se exhalava.» (*Grande Chronique*, de Matth. Paris, trad. de A. Huillar-Brecholles, t. II, pag. 265.)

Os feiticeiros não tinham, pois, o menor escrupulo em imitar os costumes do diabo, que assim lhes dava o exemplo dos vicios mais detestaveis, não só no inferno, como tambem na terra. O *sabbat* foi em todos os tempos e paizes uma eschola de sacrilegio e prostituição. N'elle se reuniam todos os feiti-

ceiros e feiticeiras, diz Antonio de Torquemada, no seu *Hexameron*, «e muitos demonios com elles, em figura de esbeltos mancebos e formosissimas mulheres, e se unem alli alternadamente, consummando d'est'arte os seus desordenados e sordidos appetites.»

O mesmo succedia, ainda fóra do *sabbat*, quando Satanaz andava atraz dos homens. No tempo de Guiberto de Nogent, que refere esta tentação diabolica, certo monge perigosamente enfermo teve de receber os cuidados de um medico judeu, muito habil em maleficios, e sentiu o fatal desejo de vêr o diabo. Este, evocado pelo judeu, appareceu á cabeceira do enfermo, e prometteu-lhe a saude, a riqueza e a sciencia, em troca de um sacrificio.

— Seja, disse o frade. Mas em que consiste o sacrificio?

— O sacrificio do que ha de mais delicioso no homem, respondeu o tentador.

— Falla.

O diabo explicou-se immediatamente.

«Oh crime! Oh vergonha! exclama indignado Guiberto de Nogent (*De vita sua*, lib. I, cap. 26.) E o sollicitado era sacerdote!... E o miseravel fez o que se lhe exigiu! E por esta horrivel castração veio a renegar da fé christã.»

Os feiticeiros, como o seu infernal padroeiro, tinham extranhos caprichos, e costumavam arrancar os orgãos sexuaes ás victimas da sua maldade, para as consagrarem ás abominações do *sabbat*.

«Elles não têem, diz Bodin, o poder de tirar um unico membro ao homem, á excepção das partes viris, o que fazem na Allemanha, obrigando essas partes a recolher-se no ventre. E a este respeito refere Spranger que um homem de Spira, julgando-se privado das suas partes viris, se fez examinar por medicos e cirurgiões, que nada lhe encontraram, nem ferida nem cousa alguma. O homem foi depois d'isto fallar com uma feiticeira, que lhe restituiu a sua faculdade viril.»

Este attentado da feiticeria contra a virilidade renovava-se a cada passo, sob o nome de *nó da agulheta*, e quando o feiticeiro não praticava no paciente a castração magica, tirava-lhe e apropriava-se, por assim dizer, da alma e da potencia do seu sexo. Os demonologos interpretam este facto, dizendo que o diabo acceitava em sacrificio os attributos e tropheus da luxuria, emquanto que os feiticeiros se reservavam o seu uso por conta propria, afim de poderem occorrer aos monstruosos excessos do *sabbat*.

Entre estes excessos devemos incluir o crime de bestialidade, que foi ao que parece vulgarissimo nas assembléas nocturnas dos feiticeiros. Este crime execravel, tão frequente nos povos antigos, só rarissimas vezes apparecia nos tribunaes dos povos modernos, onde era sempre castigado com a pena capital. O culpado era queimado com o seu cumplice, fosse qual fosse a cathegoria que este ultimo tivesse na escala zoologica. E, como este crime era inherente á feiticeria, a jurisprudencia da Edade-Média tinha como suspeito de bestialidade qualquer individuo de um ou outro sexo, que tivesse figurado nas orgias do *sabbat*. Bodin expressa-se a este respeito com uma reserva que prova bem todo o horror que esta immundicie lhe inspirava:

«A lei de Deus, no capitulo XXII do *Exodo*, manda que não se deixe viver o feiticeiro, quando ordena que quem commetter acto carnal com uma besta seja castigado de morte. Este preceito da lei divina refere-se especialmente ás preversidades monstruosas, quando diz: «Não offerecerás a Deus nem o preço da fornicação nem o preço do cão.» Isto diz respeito á bestialidade carnal dos homens com os cães.»

O mesmo Bodin fallára já n'outro logar d'estas infamias, que elle hesitava em considerar como um acto carnal do demonio:

«A's vezes, diz elle, o appetite bestial de algumas mulheres faz crêr que seja tentação do demonio, como succedeu no anno de 1566 na diocése de Colonia. Havia n'um convento um cão, que todos julgavam o proprio demonio. Este lubrico animal levantava as saias das religiosas para abusar d'ellas. Em Tolosa, havia uma mulher que se servia de um cão para o mesmo fim bestial, e o referido animal queria fornical-a diante de toda a gente. A mulher teve de confessar a verdade e foi queimada.»

Não obstante, bastaria que Bodin se recordasse da descripção do *sabbat*, para ser de mui diversa opinião. O espirito das trevas tomava habitualmente a fórma do cão, do touro, do asno, ou do bode para receber o sacrificio dos seus adoradores. Bodin, pouco depois, arrepende-se de ter justificado Satanaz á custa da raça humana:

«Póde succeder, diz elle, rectificando a opinião anterior, que Satanaz seja enviado por Deus, pois é certo que d'Elle vem todo o castigo por meios ordinarios ou extraordinarios, para vingar similhantes torpezas, como succedeu no mosteiro de Mont-de-Hesse, na Allemanha, onde as religiosas eram demoniacas, e foram encontrados nos seus leitos cães, que as esperavam impudicamente para commetter o peccado que se chama *peccado mudo*.»

Bayle, nas suas *Respostas ás questões de um Provincial*, quiz, ao que parece, explicar todas as obras lubricas attribuidas ás feiticeiras, provando que quasi todas ellas eram velhas libertinas, que não podiam já encontrar a satisfação dos sentidos, senão nos desvarios immundos de um commercio sobrenatural e diabolico.

«Antes do diluvio, diz elle, no capitulo 57, o gosto dos demonios era mais delicado, pois não queriam senão mulheres jovens e bellas; com o tempo foram-se tornando menos exquisitos, e chegaram por fim ao extremo opposto de não quererem já senão velhas e feias. Cazam sómente com as velhas, se é licito servirmo-nos d'esta palavra para explicarmos o commercio carnal que têem com as feiticeiras, e que começa regularmente depois da primeira homenagem que ellas tributam, continuando isto de cada vez que voltam ao *sabbat*.» (V. Bodin, cap. IV e VII do livro II da sua *Démonomanie*.)

Todos os escriptores que se occuparam critica e philosophicamente do exame dos arcanos da feiticeria, fallam da especie de furor uterino que o diabo excitava de preferencia nas velhas. O sabio e grave professor Thomaz Erasto confessou que havia feiticeiras de todas as edades, mas demonstra doutoralmente que todas ellas eram velhas, porque a velhice em certas naturezas femininas exalta as paixões physicas, em vez de as extinguir.

«Antes de serem feiticeiras, diz elle, estas mulheres eram libidinosas, e cada vez se tornam mais, nas suas relações com os demonios.»

Compara-as com as cabras velhas, que nunca estão satisfeitas com o macho. *Hinc proverbio apud nostros factus est locus, vetulas capras libentius ligere salis juvenculis.* E accrescenta: «Não é de extranhar que mulheres d'esta classe, tendo perdido todo o temor de Deus, e todo o pudor sexual, se entreguem a excessos de que a edade não preserva as outras mulheres, mais dignas de compaixão do que de odio.»

Os demonios, esses mestres de impurezas, como lhes chama um mystico, eram muito dados a extravagantes e sordidas desordens, e não se podia frequentar a sua companhia sem contrahir os mais deploraveis habitos. A feiticeria era uma eschola de perdição, em que o homem e o diabo competiam em questões de lubricidade e incontinencia. A iniciação consistia sempre em qualquer peccado horrivel, em que Satanaz tomava parte. Basta citar um facto, entre milhares d'elles: a Sybilla de Norcia, tão celebre na Edade-Média, como directora de uma eschola de magia, onde iam iniciar-se muitos amadores do genero, com graves riscos e perigos. Era uma especie de rainha de um povo de encantadores, que recebia de um modo singular os curiosos que se apresentavam na sua caverna:

«A sybilla e os magos que habitavam no seu reino, diz Bayle, tomavam todas as noites a figura de uma serpente, e era mister que todos os que entravam na caverna tivessem primeiramente deleitação venerea com alguma d'estas serpentes. Era esta a iniciação, e assim se pagava o direito de entrada.»

Leandro Alberti diz isto mesmo na sua *Descritt. di tutta Italia, p. 278.* Citamos o texto original:

«*La notte, tanto i mascoli quanto le femine doventano spaventose serpi, insieme con la sibilla, e che tutti quelli che desiderano entrarci gli besogna primieramente pigliare lascivi piaceri con le dette stomacose serpi.*»

Havia continuamente uma grande affluencia de peregrinos, que ousavam emprehender a aventura. A sybilla dava audiencia a todo o mundo, e ás vezes tomava o logar das serpentes para fazer honra aos seus hospedes. Durante este tempo, as bellas fadas que formavam a sua côrte transformavam-se em serpentes, em lagartos, escorpiões, crocodillos, etc., para tomarem parte n'um *sabbat* medonho, em que, segundo Braz de Vigenère, nas suas notas aos *Tableaux de platte peinture* de Philostrato, se viam fazer o mais sordido e horroroso serviço. Desgraçado d'aquelle que não obedecia ás ordens da sybilla ou as executava mal! Vinha a ser dentro em pouco victima da lubricidade dos reptis, até que era libertado pela feliz chegada de um monge ou eremita.

Fica, portanto, bem averiguado por estes e outros factos analogos que a feiticeria teve sempre por objecto a prostituição. Exceptuando um pequeno numero de magos credulos e de feiticeiros convictos, todo aquelle que se tinha iniciado servia ou fazia servir os outros no mais abominavel commercio de libertinagem. O *sabbat* era um campo aberto para todas as torpezas. Alli se reunia uma multidão de libertinos de ambos os sexos de parceria com alguns credulos e fascinados. Póde inferir-se pelas revelações dos accusados nos diversos

processos de feiticeria que todo o proveito do *sabbat* recahia de ordinario n'um individuo apenas, que prostituia donzellas de tenra edade, e experimentava nas suas iniciadas as odiosas invenções da sua preversidade.

Em muitas circumstancias o papel do diabo pertencia a um malvado qualquer, que abusava d'elle para satisfazer os seus horriveis caprichos, recebendo um tributo obsceno das miseraveis mulheres que attrahia ás suas reuniões nocturnas.

N'um dos ultimos processos de feiticeria, em 1632, o cura de Cordet, julgado e condemnado em Épinal, foi accusado de haver introduzido no *sabbat* a ribalda Catharina, apresentando-a a Persin, homem grande e negro, frio como o gelo, *até mesmo no coito,* diz o processo, o qual Persin, vestido de encarnado, estava sentado n'uma cadeira coberta de velludo preto, e picava na testa os seus neophytos para os fazer renegar de Deus e da Virgem. (*Archives d'Épinal*, citados por E. Begin.)

N'um processo do mesmo genero, que teve, poucos annos antes, uma enorme publicidade, soube-se que outro padre de Marselha, chamado Luiz Gaufridi, entregou a alma ao diabo, com a condição de que elle lhe daria virtude para inspirar amor ás mulheres sómente soprando sobre ellas. Effectivamente o padre soprou sobre Magdalena, filha de um fidalgo provençal chamado Madolo de la Palud, quando ella tinha apenas nove annos. Soprou tambem sobre outras mulheres, que não lhe recusaram cousa alguma, e a referida Magdalena continuou, bem a pesar seu, a ter relações com o padre, que a final a fez entrar na ordem das religiosas Ursulinas.

Finalmente, este seductor da innocencia, perseguido pela inquisição, confessou os seus crimes, declarando que tivera muitas liberdades com Magdalena, tanto em casa como na egreja, de noite e de dia; que a conhecera carnalmente, e lhe fizera até no corpo diversos signaes e caracteres diabolicos; que a levára ao *sabbat*, onde fizera em sua presença grande numero de acções escandalosas, impias e abominaveis em honra de Lucifer. Luiz Gaufridi foi queimado vivo em Aix, na praça dos Jacobinos, depois de haver feito retractação publica, levando uma corda ao pescoço, uma vela na mão e os pés descalços.

Poderia citar-se uma grande multidão de processos de feiticeria, nos quaes se vê a depravação moral cobrir-se com a capa da possessão do diabo e attribuir todas as suas preversidades á tyrannia infernal, e reconhecer-se até sem grande custo que muitos dos que pretendiam ter cedido a um poder occulto de irresistivel prestigio, nem sempre acreditavam na intervenção dos demonios. Os libertinos envergonhados, obrigados pela sua posição ou estado a mostrarem-se continentes, ou a occultarem, pelo menos, sob apparencias respeitaveis a effervescencia das suas paixões sensuaes, os sacerdotes e os frades, eram os que ordinariamente se entregavam á tentação do demonio, assistindo a estes horriveis conciliabulos.

O *sabbat* era o ponto de reunião de tudo quanto havia de mais preverso, e por isso celebrava-se em sitios remotos, no meio dos bosques, nas montanhas, entre os rochedos, e o theatro d'estas assembléas nocturnas teve sempre desde tempos immemoriaes o mesmo destino.

Parece-nos, pois, demonstrado que os feiticeiros, senão todos, pelo menos a grande maioria d'elles, não se serviam da magia senão para obras de prostituição, e que, se as feiticeiras iam ás vezes de boa fé, quer dizer, cegas e fascinadas pela propria imaginação, os diabos que tinham copula com ellas, pertenciam em ultima analyse á peior especie de libertinos.

D'este modo se explica bem a razão porque a justiça ecclesiastica e secular tractava com tanto rigor os feiticeiros e feiticeiras. E' porque comprehendia na feiticeria os actos mais execraveis da depravação humana, e quando condemnava um feiticeiro, impunha-lhe a penalidade do incesto, da sodomia e da bestialidade, como se fôra culpado de todos estes crimes.

Julgamos haver provado que a feiticeria, ou melhor a libertinagem, se propagára de tal modo na Europa, no seculo XVI, que o famoso Trois-Échelles, condemnado ao fogo em 1571, e perdoado com a condição de denunciar todos os seus cumplices, disse a el-rei que podia calcular-se n'uns trezentos mil o numero de feiticeiros de toda a França.

«Foi tão grande o numero de feiticeiros ricos e pobres, diz Bodin, que uns fizeram escapar os outros, de maneira que esta praga se multiplicou sempre como um testemunho perpetuo da impiedade dos accusados e da repugnancia dos juizes, que tinham o dever de instaurar os processos.»

No reinado de Francisco I, não havia mais de cem mil feiticeiros, segundo o calculo do padre Crespet, no seu tractado *De la haine de Satan*. Trois-Échelles, que era por certo auctoridade na materia, revelou que este numero havia triplicado em menos de meio seculo.

Filesac, doutor da Sorbonna, e tambem muito competente em estatistica demoniaca, escrevia em 1609 que os feiticeiros eram mais numerosos que as prostitutas, e cita em appoio do seu dito dois versos de Plauto, onde o escriptor latino diz que as prostitutas eram mais numerosas que as moscas no estio:

Nam nunc lenonum et scortorum plus est ferè
Quam olim muscarum est, cum caletur maximè.
Trucul.: *Act.* I, *scen.* I.

Era caso para fazer julgar pela inquisição metade da população de França, e os jurisconsultos viam-se obrigados a applicar toda a severidade das leis para reprimirem a corrupção dos costumes publicos, corrupção que ameaçava destruir a sociedade nos seus fundamentos. Attribuiam-se por prudencia ao diabo muitos actos detestaveis, que só provavam a preversão dos homens, para conservar o horror salutar que a crueldade do vulgo tinha pelo *sabbat*. Se as cousas se apresentassem exactamente como eram, esta reunião de libertinos seria muito mais frequentada. A curiosidade auxiliaria então admiravelmente a depravação moral e physica.

Os tribunaes mostravam-se implacaveis com os feiticeiros, mas sabiam perfeitamente que o diabo era extranho aos crimes que a libertinagem lhe imputava. Póde, portanto, justificar-se até certo ponto a terrivel legislação da Edade-Média a respeito dos feiticeiros, e provar-se que a sociedade se via obri-

gada a defender-se a ferro e fogo contra a assustadora gangrena da prostituição publica.

Foi longa e terrivel a lucta contra esta superstição libidinosa, e durante muitos seculos o clarão sinistro das fogueiras illuminou a velha Europa, procurando extirpar da sociedade um cancro tão profundamente radicado.

A civilisação, porém, foi mais efficaz do que as fogueiras inquisitoriaes, e só á luz brilhante por ella irradiada se apagaram nos lobregos recessos das montanhas os ultimos vestigios da prostituição diabolica. Satanaz, isto é, o vicio e a ignorancia, a superstição e o crime não puderam resistir por muito tempo a essa luz triumphante, e os horriveis *sabbats* nocturnos desappareceram completamente.

CAPITULO XXVII

SUMMARIO

A prostituição por meio da heresia na Edade-Media. - O maniqueismo reapparece em todas as heresias.— Reuniões secretas.— Fim d'estas reuniões e meios de que se serviam.— Os *bulgaros*, ou *bougères* e a sua doutrina —Sua destruição em França — A *bougerie*.— *Pataros* e *Catharos*. Etymologia d'estes differentes nomes. — Stadings, Fraticelles e Begghards.— Os disciplinantes. - Suas reuniões impudicas.— Vantagens moraes da flagellação, segundo os casuistas.— Abusos que a libertinagem fazia da flagellação.— Retrato de um *disciplinante*, por Pico de Mirandola — Flagellações publicas em França — Procissão dos açoitados, no reinado de Henrique III.— Os novos adamitas. — Picard, seu propheta. — Ceremonial do matrimonio entre estes sectarios. — Os *Turlupins*. — Origem d'este nome. — Seus trajos indecentes.— Irmandade dos pobres.— Joanna Dabentonne, queimada viva no Marché-aux Pourceaux.— A *vauderie* d'Arras.— Os anabaptistas. — Seus dogmas de prostituição. — Bayle zomba d'elles e combate-os pelo ridiculo. - Os bons e maus herejes. — Os reformados, calumniados por causa das suas assembléas. —A côrte de Roma, denominada a *Grande Prostituta*.— A heresia declara guerra á prostituição.



VIMOS já nos primeiros seculos da era christã como a prostituição sagrada seguiu o paganismo, e como se foi reproduzindo e continuando na heresia; vimos tambem esta ultima, fundada na satisfação dos sentidos, e multiplicada até ao infinito no seio da Egreja de Christo, d'onde apenas sahia para se entregar desenfreadamente a todos os excessos das paixões physicas. Comprehende-se perfeitamente que o christianismo, no seu principio, invocando apenas as nobres e generosas expansões do espirito, devia empregar meios rigorosos para reprimir e suffocar as seitas que corrompiam os costumes e ameaçavam o futuro da nova sociedade, dando plenos poderes ás forças cegas e brutaes da materia.

No emtanto, as perseguições emanadas da auctoridade dos concilios, e dirigidas pelo braço secular das egrejas grega e latina, não lograram aniquilar a heresia, embora fizesssem desapparecer da face da terra os heresiarchas e herejes. Depois de guerras sangrentas, e depois de innumeraveis supplicios, o principio da heresia permaneceu vivo e perseverante, porque este principio não era outra cousa senão a prostituição sagrada.

Eis o motivo porque a heresia, variando de fórma e mudando de nome, reappareceu sem cessar na Edade-Média; eis o motivo porque a prostituição procurou quasi sempre refugiar-se na heresia, como n'um baluarte, d'onde podia arrostar com audacia a moral do Evangelho e a austeridade do dogma christão.

Havia, não ha duvida, nas differentes seitas da heresia doutores e philosophos, que de boa fé se consagravam ás discussões metaphysicas e não pro-

curavam mais que a verdade com paixão, senão com discernimento; o vulgo, porém, os espiritos falsos e preversos, as imaginações fracas e depravadas, as naturezas ardentes e viciosas, eram arrastadas pelo desejo de gosos materiaes, e não viam na religião senão um pretexto de vergonhoso sensualismo. Não se poderia explicar melhor o motivo da longa persistencia da heresia, que recorria sempre ás mesmas seducções, e que obtinha em toda a parte o mesmo resultado.

Desde o seculo XII até nossos dias, a heresia fez em França numerosas invasões, nas quaes se reconhece ordinariamente o germen do maniqueismo e o fructo da prostituição. Bayle, no seu *Dictionnaire*, occupou-se do maniqueismo, para demonstrar que esta fórma de heresia nascera naturalmente do contraste das paixões que travam lucta na vida do homem.

«Como póde ser, diz elle, no artigo *Guarin*, que o genero humano seja attrahido para o mal por um incentivo insuperavel, e se desvie d'elle pelo receio dos remorsos, da infamia, ou de muitas outras penas?... O maniqueismo sahiu apparentemente de uma grande meditação sobre este deploravel estado do homem.»

Bayle racionava como um philosopho, mas a maioria dos maniqueos não eram capazes de raciocinar sobre isto, nem mesmo de comprehender o raciocinio. Acceitavam a olhos fechados um dogma e um culto, que lhes favoreciam a sensualidade e as desordens, e d'este modo a religião não era para elles mais do que uma continua excitação á libertinagem.

Iremos demonstrar agora, a largos traços que seja, a existencia da prostituição na heresia quasi em todas as épochas, em França pelo menos. Devemos antes de mais nada observar que em toda a heresia, a partir do seculo VII, os sectarios tinham reuniões secretas e nocturnas em logares desertos ou fechados. Estas reuniões tinham por fim, ou pelo menos por pretexto, a pratica do culto. Os dois sexos umas vezes achavam-se reunidos n'estas assembléas religiosas, outras separados, e conciliabulos mysteriosos havia nos quaes apenas os homens tinham direito a ser admittidos.

Em grande numero de casos, tractava-se apenas de orar em commum, e por isso tudo se passava na melhor ordem e na mais fiel observancia de todas as conveniencias. N'outros, porém, havia grandes desordens e abusos, por causa da impureza de alguns falsos apostolos e neophytos, e a opinião publica apoderava-se da fama d'estes escandalos das reuniões hereticas. Accusavam os herejes de apagarem as luzes a um signal combinado, e de se entregarem nas trevas a todas as impurezas da sensualidade. Outros attribuiam-lhes os mais vergonhosos excessos de promiscuidade, e havia ainda quem os censurasse de ultrajarem a natureza com abominaveis habitos de sodomia.

Os *Bulgaros*, que não se multiplicaram em França até fins do seculo XII, tinham começado a espalhar-se pela Europa desde o seculo X, estabelecendo-se na Bulgaria, onde tiveram uma especie de papa, ou chefe espiritual. Da palavra *Bulgaros*, destinada a designar os habitantes da nação veiu a fazer-se o nome da seita, propagando-se por todos os paizes com a heresia, que não era senão o antigo maniqueismo.

Este nome foi logo corrompido na lingua franceza, que ao tempo se fallava, e em vez de *Bulgaros*, começou a dizer-se *Bougares* e *Bouguères*; de *Bouguères* fez-se depois *Bougres*, comprehendendo-se, sob esta qualificação generica todos os homens depravados que se conformavam em seus costumes com a doutrina e exemplo dos verdadeiros *Bulgaros*.

Estes herejes consideravam como um sacrilegio o acto das relações sexuaes, ainda mesmo no estado do matrimonio, por isso que não permittiam a copula conjugal, senão com a mira de procrear filhos, e ás vezes esqueciam este destino providencial da humanidade para prohibirem absolutamente ao homem todo o commercio carnal com a mulher. Tão monstruosa heresia contra a lei natural expôz os bulgaros ás mais graves accusações, que elles mesmos talvez confirmassem com o seu genero de vida.

Ainda assim, esta heresia tinha feito espantosos progressos, sobre tudo no Languedoc, quando Filippe Augusto, segundo uma chronica manuscripta, citada por Ducange, mandou seu filho destruir a heresia dos *Bougres* do paiz.

A mesma chronica accrescenta, com a mesma data de 1225: «N'este anno foram queimados os *Bougres* irmãos João, que eram da ordem dos frades prégadores.»

Quanto á heresia, que accendeu fogueiras por toda a Europa, não se sabe verdadeiramente se era culpada das horriveis impurezas que a voz do povo lhe attribuia. Sabe-se apenas que a heresia que os chronistas contemporaneos qualificam de execravel — *omnium errorum fœs extrema*, diz o monge d'Auxerre — tinha por synonymo a palavra *Bouguerie*, e isto justificaria só por si os rigores da legislação a respeito dos *Bulgaros*.

S. Luiz, apesar da sua caridade e clemencia, não hesitou em comminar a pena de morte contra estes herejes:

«Se alguem fôr suspeito de *bougrerie*, a justiça deve prendel-o e envial-o ao bispo, e se se provar o peccado, deve ser queimado o hereje.»

Para se subtrahirem á reprovação geral que os perseguia em França, os *bulgaros* não encontraram melhor meio que mudar de nome. Effectivamente procuraram confundir-se com os albigenses, que os repelliram com horror e misturar-se com os *Patares* e *Cathares*, que não quizeram tambem ser contaminados por este nome infame. Chamaram-se, pois, successivamente *Paterinos*, *Patares*, *Cathares*, *Jovinianos*, etc. Mas, sob estes nomes todos, eram ainda suspeitos de *bouguerie*, e não escapavam á fogueira, quando cahiam nas mãos dos inquisidores. A historia póde accusal-os de haverem tambem provocado no reinado de Luiz XIII, pelo horror que geralmente inspiravam, a cruzada contra os albigenses, com os quaes havia empenho em confundil-os.

A etymologia póde até certo ponto descobrir nos nomes d'estes herejes a prova das torpezas que caracterisavam a sua impura seita. O nome de *bulgari* deriva-se de *bulga*, que significava ao mesmo tempo alforjes de couro, bolsa e as bragas do homem. Menaje e Leduchat não se detiveram n'esta observação etymologica, que é todavia bastante para dar a entender tudo quanto por causa do decóro deixamos de explicar.

O nome de *Paterini* parece ter sido formado por contracção de *Paterni* e

Paterniadi, herejes igualmente maniqueos, que no tempo de Santo Agostinho pretendiam que as partes inferiores do corpo humano haviam sido creadas, não por Deus, mas sim pelo diabo, e que por conseguinte não tinham o menor escrupulo em se servirem d'ellas para toda a classe de usos vergonhosos.

Omnium ex illis partibus flagitorum licentiam tribuentes, impurissimè vivunt, diz Santo Agostinho. Tempos depois, o nome d'estes herejes convertia-se em *Patelin*, ou *Patalin*, palavras que ficaram na lingua, e significavam que estes herejes usavam de toques obscenos nos proselytos, que queriam arrastar para a sua seita.

O nome de *Cathari*, segundo o doutor Godofredo Henschenius, citado por Ducange, provinha da palavra allemã *caters*, que significa demonio incubo, e gato, e este epitheto applicado aos *Bulgaros* alludia ás suas reuniões ou juntas de libertinagem *(propter nocturnas coitiones.)*

Um requinte de libertinagem levava estes sectarios a impôr-se todo o genero de privações e a affectar um completo desprendimento das cousas materiaes. Todavia era isto apenas uma mascara hypocrita de continencia e abnegação, sob a qual maior facilidade encontravam para se entregarem ás suas paixões e a todos os extravios da sensualidade. As suas austeras practicas de devoção davam uma especie de attractivo ás suas desordens occultas, sendo sempre a prostituição o iman do proselytismo e o laço occulto da heresia.

Nem de outro modo póde explicar-se o favor que encontrava cada nova metamorphose do maniqueismo, apesar da perseguição catholica.

Muitas seitas nascidas fóra de França, a dos *Stadings* em 1232, a dos *Fratricelles* em 1296, a dos *Begghards* ou *Beghins* em 1312, e muitas outras não menos extranhas, não tiveram uma existencia tão longa e tão persistente como a dos *Bulgaros*, porque não eram tão favoraveis aos maus instinctos do homem. Quando em 1259 appareceu a seita dos *disciplinantes*, ninguem suspeitou sequer que as penitencias voluntarias d'estes peccadores, que se açoitavam em publico, fossem um invento de luxuria.

Os proselytos d'esta seita iam de dois em dois em procissão, precedidos de cruzes e bandeiras, nús até á cintura (*solis pudendis honestè velatis)* mesmo no meio do inverno, e açoitavam-se mutuamente com correias de couro, soltando gemidos e derramando abundantes lagrimas. Ensanguentavam as carnes, e era então que mais fervorosamente se flagellavam.

Não é tudo ainda: altas horas da noite iam ao campo, ao meio dos bosques sombrios, ou logares isolados e de má reputação, e alli no meio das trevas, ou á luz de archotes redobravam as suas flagellações, os seus gritos e as suas loucuras impudicas. Facilmente se calculam as consequencias d'estas reuniões de homens e de mulheres semi-núas, que se exaltavam com o espectaculo d'esta indecente pantomima, em que todos eram actores e chegavam gradualmente ao ultimo paroxysmo do extase libidinoso.

Os casuistas confessavam que esta flagellação individual ou reciproca tinha como resultado ordinario a sobreexcitação dos sentidos, mas pretendiam que o paciente era mais meritorio, se n'esses momentos domava os impetos da natureza, guardando a sua castidade sob o imperio do mais vivo desejo de

peccar. Outros casuistas, pelo contrario, sustentavam que o effeito immediato da flagellação era reprimir os movimentos desordenados da carne, castigando assim o demonio que se aloja nas partes vergonhosas.

Seja como fôr, não pode duvidar-se que os disciplinantes, tendo tomado do paganismo o indecente ceremonial das *Lupercaes*, não encontrassem n'estas penitencias publicas um aguilhão de libertinagem e uma extranha deleitação sensual. O uso da flagellação na antiguidade era bem conhecido de todos os libertinos, que a empregavam como uma especie de predisposição para os prazeres do amor. Na Edade-Média, porém, a flagellação erotica raras vezes se empregava, a não ser no mais profundo mysterio e tinha tomado um caracter de ferocidade sanguinaria, que se reproduzia nos actos dos disciplinantes.

Pico de Mirandola, no seu *Tractado contra os astrologos*, (Lib. III, cap. 27.) indica-nos o que devia ser a flagellação dos herejes, descrevendo o refinado prazer que tinha um libertino, quando se fazia açoitar até lhe rebentar o sangue de todas as partes do corpo.

Este infame chegava pela dor á voluptuosidade, e só á vista do proprio sangue é que attingia o supremo deleite sensual, n'um phrenesi libidinoso indescriptivel.

A seita dos disciplinantes, que vinha da Italia, e se propagou rapidamente por toda a Europa, não teve grande curso em França no anno de 1259, porque a auctoridade ecclesiastica apressou-se a condemnar e perseguir esta heresia, que não era senão um odioso espectaculo da prostituição. Um seculo mais tarde, porém, os disciplinantes reappareceram em França, especialmente nas provincias do Norte e do Levante, continuando as suas penitencias publicas com disciplinas armadas de pontas de ferro, entoando canticos e incitando-se mutuamente a ter grande firmeza na mão.

Havia penitencia commum, na qual homens e mulheres com a cabeça e o rosto cobertos e de espaduas núas trocavam entre si grande numero de açoites: e penitencia individual, em que cada um recebia da mão do *geral da devoção* um numero de açoites proporcionado á culpa que queria expiar. Os penitentes prostravam-se por terra em posições analogas ás differentes classes de peccado. O perjuro levantava tres dedos da mão, o adultero deitava-se de barriga para baixo, o ebrio fingia beber, o avaro representava enterrar um thesouro, e todos elles punham a descoberto a parte do corpo em que deviam receber a flagellação. O chefe da confraria distribuia com vigor os açoites, segundo os peccados que lhe indicava a muda pantomima do penitente.

O povo accudia em tropel a estes escandalosos espectaculos e admirava com enthusiasmo a constancia dos martyres, que não se cançavam nem de dar nem de receber açoites. Em 1343, durante a peste negra, havia em França mais de 800:000 disciplinantes, e entre elles damas e cavalheiros, avidos da flagellação publica, que abandonavam os seus castellos, as suas familias, e esqueciam o brilho dos brazões heraldicos, para se inscreverem n'estas irmandades de fanaticos e libertinos.

Ignora-se como a seita desappareceu em tão pouco tempo, mas a flagellação religiosa sobreviveu aos seus sectarios, e para não ultrajar o pudor pu-

blico, concentrou-se no retiro do claustro. Apesar d'isto, sahiu novamente das cellas monasticas, ousando passear pelas ruas de Paris, quando o rei Henrique III estabeleceu a ordem dos penitentes, e figurou elle proprio nas procissões dos açoitados. Este derradeiro ensaio de flagellação publica prova sufficientemente quanta parte tinha a libertinagem em similhantes actos de devoção, simulada ou incoherente.

Na maior parte das heresias provenientes do maniqueismo, os sectarios não se envergonhavam da nudez do corpo, considerando-a até como uma condição essencial das praticas do culto, mais ou menos abominavel, que prestavam a Deus. Os Adamitas, que nunca deixaram de existir no seio da egreja christã, onde evitavam, todavia, causar escandalo, não exigiam esta nudez senão nas ceremonias secretas, mas um dos seus adeptos, chamado Picard, nome que talvez designe o seu paiz natal, não se contentou com uma nudez temporaria ou accidental e aconselhou aos seus discipulos que andassem sempre nús. Picard dizia-se filho de Deus, e pretendia que o Pae celestial o tinha enviado ao mundo como um novo Adão, para restabelecer a lei natural, e o que elle chamava lei natural consistia n'estas duas cousas: — nudez completa e communidade de mulheres.

Chamaram-se *Picards*, ou *Picardos* os que ouviram as prédicas d'este propheta impudico e quizeram viver segundo a sua lei. No emtanto, as relações entre os dois sexos não se verificavam, sem que o chefe da seita o ordenasse. Assim, quando um sectario sentia desejos sensuaes para com alguma das suas correligionarias, conduzia-a á presença do Mestre e formulava assim o seu requerimento:

— O meu espirito inflammou-se por esta mulher.

O Mestre respondia com estas palavras da Biblia:

— *Crescite et multiplicamini.*

E o negocio concluia-se.

Os *Picardos*, que julgariam perder a sua liberdade original renunciando á sua querida nudez, viram-se obrigados a procurar fóra de França um retiro onde podessem subtrahir-se ás perseguições da inquisição. Refugiaram-se, portanto, na Bohemia, junto dos *Hussitas*, que apesar de herejes, se indignaram das infamias d'aquelles miseraveis, e os exterminaram até ao ultimo, sem piedade nem mesmo para com as mulheres, que estavam todas gravidas, e recusaram obstinadamente vestir-se na prisão, onde deram á luz, no meio de gargalhadas e cantando canções horriveis. (V. Bayle, *Diction.*)

Parecia que a prostituição não poderia chegar a novos excessos, quando em 1373 os *Picardos* resuscitaram em França sob o nome de *Turlupins*. Este nome, cuja etymologia não foi bem determinada, parece fazer allusão á vida errante e brutal, que tinham estes novos adamitas, escondidos como os lobos no fundo das florestas. Não só andavam completamente nús como os *Picardos*, senão que, á imitação dos cynicos gregos, «faziam a obra da carne á luz do dia, em presença de todo o mundo.» São palavras de Bayle, ao tractar d'estes herejes.

A sua doutrina era pouco mais ou menos a dos *Begardos*, que foram con-

demnados pelo concilio de Ravena em 1312. Ensinavam que o homem é livre para obedecer a todos os instinctos da natureza, e que a perfeição consiste n'uma liberdade sem limites. Accrescentavam ainda que a creatura deve orgulhar-se de tudo quanto recebeu do Creador. Eis o motivo porque tinham em tanta estima o seu estado de nudez.

No emtanto, foram obrigados a vestir-se, por causa do frio sem duvida, mas ainda assim, deixavam a descoberto os attributos do seu sexo, ostentando sem pudor o que julgavam divino. O douto Genebrad diz expressamente na sua *Chronica*, que esta seita detestavel se fazia reconhecer pela nudez parcial com que descaradamente se apresentava em toda a parte.

Estes infames multiplicaram-se na Saboya e no Delphinado, mas a sua principal associação era em Paris, presidida por uma mulher chamada Joanna Dabentonne, que foi queimada viva no *Marché-aux-Pourceaux*, perto da praça de *Saint-Honoré*. Foram ao mesmo tempo queimados os livros da confraria e muitos dos prégadores d'esta superstição religiosa, que havia tomado o nome de *Irmandade dos Pobres*.

Carlos v encarregou Jacques de More, da ordem de S. Domingos, de ir ás provincias meridionaes da França extirpar tão execravel heresia. Jacques de More, que tinha o titulo de inquisidor dos *Bougres*, não teve compaixão com os sectarios de ambos os sexos, surprehendidos em flagrante delicto. Desde então não ficou d'essa irmandade impudica mais do que o nome proverbial de *turlupin*, que se usa no sentido de chocarreiro ou truão sem graça, provavelmente em recordação das prédicas excentricas e dos vestidos ridiculos da seita de Joanna Dabentonne.

Houve ainda outras heresias em que a mais criminosa prostituição se cobria com o manto religioso. Assim, a famosa *vauderie* d'Arras no seculo xv não era mais do que um simulacro da doutrina dos *vaudes*, misturada com a feiticeria, e que servia de pretexto ás assembléas nocturnas, cheias de abominaveis mysterios.

No capitulo precedente, referimos parte dos mysterios que os feiticeiros praticavam no ceremonial ordinario do *sabbat;* outras reuniões havia ainda, que nada tinham que ver com o diabo, e que não tinham mais decencia. Eram feitas por uma associação de libertinagem, organisida por sacerdotes apostolicos, que prégavam o mais sordido epicurismo e prégavam com o exemplo e com a palavra. O inquisidor da diocese d'Arras, auxiliado pelo conde d'Étampes, governador do Artois, dirigiu ao principio as perseguições contra as mulheres publicas, que eram os apostolos mais perigosos da *vauderie;* pouco depois foram comprehendidos n'estas perseguições judiciaes homens do povo, fidalgos, e personagens de representação, prevertidos já pela nova heresia.

Submettidos á tortura, os accusados fizeram espantosas revelações e muitos d'elles foram condemnados á fogueira. Durou mais de trinta annos esta horrivel perseguição contra os vauderes d'Arras, e accendeu milhares de fogueiras no Artois.

Vauderes, Anabaptistas, Adamitas e Maniqueos, apezar da violencia das perseguições, renasciam sempre das proprias cuizas, tão certo é que a liberti-

nagem tem attractivos irresistiveis para certas naturezas preversas, debeis ou depravadas! Ainda assim, varias heresias invertidas pela prostituição percorreram a Europa sem entrar em França, ou pelo menos sem alli fazerem grandes progressos. Assim, os Anabaptistas, que chegaram a ter exercitos na Hollanda e na Allemanha, appareceram apenas isoladamente em alguns estados do rei christianissimo. E comtudo estes herejes abriam largo campo á prostituição, quando ensinaram que toda a mulher é obrigada a prestar-se á sensualidade de todos os homens, e que todo o homem é igualmente obrigado a satisfazer todas as mulheses.

Bayle, mettendo a ridiculo a impossibilidade material de similhante doutrina, pensa com razão que era uma fabula inventada pelos adversarios dos anabaptistas, afim de os tornar ao mesmo tempo odiosos e ridiculos. A doutrina do communismo das mulheres, não é tão depravada com esta abominação, porque não tira ao sexo fraco a liberdade de recusar, nem compromette a consciencia de ninguem. E' demasiado absurdo estabelecer como principio que o matrimonio é contrario á lei de Deus, e que a mulher, para se conformar com esta lei, deve pertencer successiva ou simultaneamente a todos quantos a sollicitarem. O sexo mais fraco estava entregue, segundo esta detestavel heresia, ás paixoes brutaes e depravadas do sexo mais forte. A prostituição introduzira-se d'este modo no codigo religioso d'aquelles fanaticos, que deram ao mundo o odioso espectaculo dos seus extranhos desvarios no meio das mais horriveis scenas de assassinios, incendios e roubos, tanto é verdade que a prostituição póde comparar-se a um caminho coberto de flores, conduzindo a um horrivel abysmo!

Os anabaptistas não eram senão maniqueos disfarçados, assim como a maior parte dos herejes, que procuraram fundar seitas depois do seculo XII, e que tinham todo o cuidado em não confessarem a sua origem commum. De resto, em cada heresia, havia bons e maus, puros e impuros, de maneira que cada qual seguia os impulsos da sua natureza, segundo obedecia mais ou menos ao espirito ou á materia. Póde, portanto dizer-se com o sabio Beausobre, historiador do maniqueismo, que os maniqueos foram sempre calumniados. Deve crêr-se tudo quanto geralmente se dizia das suas assembléas nocturnas e dos horrores que se praticavam alli no meio das trevas? Similhantes accusaçoes reproduziram-se em todos as épochas, e é de notar que os pagãos attribuiam aos primitivos christãos os costumes dissolutos e as praticas sacrilegas, que os christãos attribuiram depois aos herejes.

E' muito de suppor que o christianismo e o paganismo se servissem das mesmas armas contra os seus adversarios, a quem combatiam, calumniando-os do mesmo modo. Tanto na heresia como no christianismo primitivo houve sem duvida naturezas ardentes, exaltadas e preversas, que se aproveitaram do culto para a satisfacção dos seus sentidos, e que d'este modo auctorisaram a crença geralmente estabelecida no vulgo ácerca das abominacoes praticadas nas reuniões secretas, em que se apagavam as luzes.

Os proprios protestantes não estiveram na sua origem ao abrigo das injuriosas suspeitas a que davam margem as reunioes nocturnas de ambos os

sexos. Como estas reuniões se rodeavam de um profundo mysterio, para se subtrahirem á curiosidade e á perseguição dos catholicos, como preferiam as noites mais escuras e os logares mais sombrios e retirados, suppoz-se que a nova seita tinha motivos para occultar as suas cermonias e as suas doutrinas. O povo foi sempre muito propenso a diffundir estas indignas falsidades e a dar-lhes inteiro credito.

«Ouvi contar, diz Brantôme, nas suas *Dames galantes*, ouvi contar que quando os huguenottes fundaram a sua religião, tinham as suas prédicas de noite e em sitios occultos, temendo ser surprehendidos e castigados, como foram um dia na rua de Saint-Jacques, em Paris, no tempo de Henrique II, onde algumas illustres damas estiveram a ponto de ser surprehendidas. Logo que o ministro concluia a sua prédica, recommendando-lhes a caridade, apagavam-se as luzes, e cada um e cada uma a exercia com o seu irmão e a sua irmã, segundo a sua vontade e poder. O que eu não ouso crêr, embora me assegurem que é verdade; mas é possivel tambem que seja mentira e calumnia.»

No emtanto, e apesar da asserção do catholico abbade Brantôme, que refere as aventuras da bella *Grotterelle*, póde dizer-se com visos de verdade que nunca os innovadores do seculo XVI em França deram logar aos escandalos com que os anabaptistas e os adamitas dos Paizes-Baixos offendiam o pudor publico. Nunca em toda a historia das innovações religiosas de França poderia encontrar-se facto algum similhante áquella indecente reunião que teve logar em Amsterdam, a 13 de fevereiro de 1535, na qual sete homens e cinco mulheres, cedendo ás excitações e exemplo de um propheta anabaptista, se despojaram das suas vestes, as arremessaram ao fogo e sahiram para a rua em estado de completa nudez. (*Relat. des tumultes des Anabapt*, por L. Hortensia.) Só entre os convulsionarios do seculo XVIII é que se encontra em França alguma analogia com aquella cegueira da prostituição religiosa.

Esta persistencia da prostituição na heresia em todos os tempos e paizes prova superabundantemente a excellencia da moral evangelica, a unica que tinha poder para combater os grosseiros appetites da sensualidade. A heresia começa desde que o christão, assaltado pelo demonio da carne, quebra os laços da continencia e se entrega aos funestos instinctos que o impellem ao vicio. Se os discipulos de Luthero e de Calvino chamaram á côrte de Roma a *Grande Prostituta*, foi porque a Egreja romana, na épocha em que appareceram estes reformadores, havia esquecido completamente os preceitos de Jesus-Christo.

Foi então que a heresia, purificada no Evangelho, ao passo que a Santa Cathedra se transformára, por assim dizer, no sanctuario da prostituição, fez córar de vergonha o catholicismo, apontando a depravação dos seus ministros e a corrupção dos seus sectarios. A heresia teve a gloria de restabelecer a castidade de costumes na Egreja de Jesus.

CAPITULO XXVIII

SUMMARIO

Os antigos sermonarios fazem a historia da prostituição do seu tempo. — A prostituição, segundo Dulaure. —Opinião de Henrique Estienne. —A predica de Olivier Maillard.—Os vendilhões do templo.— Numero de mulheres publicas em Paris no seculo XV.— Admiração do poeta Antonio Astezani — Os namorados na Egreja. Pregava-se em francez ou em latim?—Olivier Maillard em Saint-Jean-en-Grève. — Extracto dos seus sermões e dos de Miguel Menot relativos á prostituição. — Desenvolvimento da prostituição no tempo de Luiz XI, Carlos VIII e Luiz XII.—Mães que vendem as filhas.— Filhas que recorrem á prostituição para ganharem o dote.—Estylo macarronico de Menot.— O corretor do amor e as cinco mulheres. —Corrupção dos ecclesiasticos. — As concubinas a pão e agua — Mysterios dos conventos, segundo Theodorico de Niem. — Os jogos de palavras no pulpito do italiano Barletta. — Causas do progresso da prostituição.



Temos extrahido as provas d'esta historia das obras dos poetas que na sua maior parte passavam vida errante e libertina, e provámos que estas obras eram o espelho fiel dos costumes da épocha em que foram escriptas. Não é sómente nos poetas onde iremos agora procurar os vestigios da corrupção publica desde o fim do seculo XV até aos primeiros annos do seculo XVI.

E' aos sermonarios dos prégadores contemporaneos que iremos buscar agora côres novas, mais fidedignas e mais audaciosas para completarmos o extranho quadro de uma corrupção geral, que demonstra bem a impotencia das leis divinas e humanas contra o demonio da sensualidade.

Dulaure, que na sua *Historia de Paris* se serviu egualmente dos antigos sermonarios para pintar o estado moral da sociedade n'aquella mesma épocha, não exaggera quando apresenta a prostituição como a rainha triumphante do seculo XV, e accrescenta que era um dos effeitos dos vicios do governo.

«A prostituição *auctorisada pelos reis*, diz o implacavel Dulaure, era tambem favorecida por um grande numero de celibatarios, sacerdotes e frades e pela libertinagem dos magistrados, homens de guerra, etc. Dulaure não sustenta a these da *Apologia de Heraclio*, em que Henrique Estevam se esforça por demonstrar que tudo vae de mal a peior n'este mundo «porque, por grande que fosse n'esse tempo a corrupção, diz elle, pequena era ainda assim, em comparação da que se lhe seguiu, visto que foi sempre gradualmente crescendo.»

Os sermonarios, sobretudo os que eram escriptos em estylo simples ou trivial, ao alcance do povo, offerecem-nos testemunhos incontestaveis da pre-

versidade do seu seculo, e podemos aceitar como verdadeiros a maior parte dos factos referidos n'esses discursos oratorios. Olivier Maillard, Miguel Menot, João Clerée, Guilherme Pepin e muitos outros prégadores celebres, que não se importavam de cultivar no pulpito flores oratorias, tinham maior acção e auctoridade sobre o seu auditorio, composto de gente simples, quando fallavam com a eloquencia do coração, do bom senso e da honradez, quando entravam francamente na pintura dos vicios e torpezas que pretendiam verberar e corrigir.

Eram ás vezes grosseiros e livres nas suas expressões e nos exemplos de que se serviam para se tornarem mais intelligiveis ao seu auditorio, mas por isso mesmo impressionavam muito mais, obtendo resultados extremamente louvaveis, embora á custa de meios, que estavam longe de o ser.

Podemos affirmar que estes sermões, apezar de nos parecerem hoje ridiculos e escandalosos, operavam então grande numero de conversões verdadeiras, e o prégador ao descer da cadeira da verdade via o confessionario cheio de arrependidos. Actualmente muitos são os que se riem á custa d'estes antigos sermonarios, que tinham tão extravagantes movimentos oratorios, e que empregavam tão excentricos recursos, acompanhados de gestos ridiculos, mas não se faz uma ideia perfeita da especie de publico que accudia a ouvir as palavras, bem pouco edificantes para nós, d'aquelles frades prégadores.

O publico d'esses [illegible] tempos, no qual o sexo feminino estava por certo em maioria, não se recommendava nem pela decencia dos costumes nem pela pureza das intenções. Aquellas mulheres apresentavam-se na egreja impudicamente vestidas, para, segundo a phrase da época, *fazerem caçada aos olhares*, provocando os homens, marcando-lhes entrevistas mesmo na casa do Senhor, procurando aventuras e fazendo contractos de galanteria ou *vendas de amor*.

«Se qualquer homem levasse o seu cavallo á egreja para o vender, diz o auctor de um poema latino manuscripto, intitulado *Matheolus bigamus*, praticaria uma coisa em extremo inconveniente. Que diremos então das mulheres que, sob pretexto de religião, vão á egreja para se venderem a si proprias? Não serão mais culpadas ainda? Não convertem a casa do Senhor n'um mercado de prostituição?»

O mesmo poeta enumera todas as egrejas e capellas de Paris em que se realisava esta feira de prostituição.

Paris contava no seculo XV cinco ou seis mil mulheres dedicadas á prostituição legal, segundo o calculo de um escriptor contemporaneo. Um poeta italiano, Antonio Astezani, que viajava em França por esse tempo, escrevia n'uma das suas cartas datadas de Paris:

«Vi aqui com grande admiração uma multidão innumeravel de mulheres em extremo bellas, de maneiras tão graciosas e lascivas, que seriam capazes de inflammar o prudente Nestor e o velho Priamo. (v. *Jeanne d'Arc*, por Berryat Saint-Prix, p. 314.)

Contamos n'outro logar, extrahindo o facto do *Journal du bourgeois de Paris*, que Antonio de Loré, preboste da cidade, deixou augmentar desmedidamente o numero das ribaldas, apezar das disposições policiaes em contrario,

a ponto de fazer indignar o proprio redactor do *Journal*. Nenhuma duvida temos de que estas ribaldas, que costumavam mostrar-se á porta das egrejas com os seus rozarios e livros de devoção adornados de ouro e prata, formavam a parte mais assidua do auditorio n'estas prédicas a que assistiam para arranjarem freguezes.

Clemente de Marot, que se poz em evidencia no seu *Dialogo dos namorados*, declara haver encontrado a sua bella na egreja. Era provavelmente a mesma costureira de quem tanto se enamorou, antes que a peccadora lhe deixasse bem dolorosas recordações.

O seu amigo pergunta-lhe onde se apaixonou tão subitamente.

— N'uma egreja, responde o poeta dando um suspiro. Foi alli que começaram os meus amores.

O amigo ri ás gargalhadas, e observa-lhe:

— Ahi têem as nossas devoções.

Discreteou-se muito afim de averiguar se o prégador, que se dirigia a este galante auditorio, fallava francez ou latim. Uns sustentaram que os sermões, prégados em lingua vulgar, se escreviam logo em latim para a impressão: outros, pelo contrario, pensaram que visto fallarem os advogados no foro em latim, não deviam os prégadores servir-se da lingua vulgar. A disputa, apesar de toda a copia de erudição com que foi tractada por uma e outra parte, está ainda pendente, e é agora occasião de a resolver. Notaremos desde já que Olivier Maillard, tendo prégado em Bruges em francez (V. este sermão em 4 de agosto, 12 f.) não havia de pregar em latim em Paris, em Tours, e em Poitiers. E' provavel que os seus sermões, reproduzidos pela stenographia, na occasião em que eram prégados, fossem traduzidos em latim macarronico, exactamente como os do italiano Guilherme Barletta, que prégava na sua lingua em Veneza sermões, que não eram publicados senão em latim. O latim macarronico era até muitissimo proprio para reproduzir a linguagem burlesca e livre d'aquelles prégadores populares.

Olivier Maillard, cuja reputação estava solidamente estabelecida, no tempo de Luiz XI, prégava ordinariamente em *Saint-Jean-en-Grève*, e é de crêr que a população immunda das ruas visinhas accudisse em tropel aos seus sermões, que tinham sempre por objecto a luxuria e a libertinagem do seu tempo (*hujus temporis*), diz o prégador a cada momento. Chama a todas as cousas pelos seus nomes, sem empregar periphrases, a não ser para accrescentar mais alguns traços ás suas grosseiras pinturas. Não se preoccupa com a santidade do logar em que pronuncia as suas invectivas contra os agentes e os actos da prostituição, e parece mesmo comprazer-se em tomar as suas expressões do vocabulario do vicio que flagella: mas, apesar d'esta licença de termos e de imagens, não o podemos accusar de uma immoralidade, que não existe no seu pensamento.

Devemos recordar aqui uma circumstancia bastante attendivel: — n'aquelle tempo a obscenidade da linguagem não era consequencia immediata de uma vida obscena e desbragada, e nos assumptos mais graves, mais serios e mais dignos, o emprego de uma palavra livre ou de uma figura indecente não

era considerado como um ultraje aos ouvidos castos, ou ás consciencias honestas. Para se apreciar bem o que era a prostituição parisiense em fins do seculo xv, basta extrahir dos sermões de Olivier Maillard e de Miguel Menot o que alli se diz a respeito dos berdeis, das prostitutas, dos libertinos, e de todas as impurezas e infamias que elles censuram aos seus contemporaneos.

Nas citações que vamos fazer, servir-nos-hemos do estylo elegante de Henrique Estienne, que traduziu um grande numero d'estas passagens na sua *Introducção ao tractado das maravilhas antigas e modernas, etc.*

Estienne, como bom protestante que era, attribuia malignamente ao catholicismo as liberdades e indecencias dos seus prégadores, sem se lembrar que Luthero e Calvino, tanto nos seus sermões como nos seus escriptos, não guardaram maiores reservas ao descreverem os excessos da *Grande Prostituta Romana.*

Comecemos pelos logares de libertinagem:

«Ha prostitutas em todas as ruas de Paris». Maillard. *Quadrag.* serm. 23.

N'outro logar queixa-se dos proprietarios, dizendo:

«Alugam as suas casas ás prostitutas e aos alcoviteiros dos dois sexos. Em tempos, o rei S. Luiz mandou construir fóra da cidade uma casa para as mulheres publicas. Actualmente ha bordeis por todas as esquinas das ruas.»

Dirigindo-se aos magistrados, para os exhortar a cumprir a antiga disposição do santo rei, diz:

«O que é feito das ordenações de S. Luiz? O santo rei prescreveu que nunca os bordeis estivessem perto dos collegios e casas de educação, e agora a primeira cousa que os estudantes encontram ao sahir das aulas, é o bordel.»

E ataca outra vez ainda os proprietarios, que apenas cuidam de obter bom alugueres; mas, ao mesmo tempo confessa que se as ribaldas fossem expulsas das grandes cidades, a libertinagem seria muito mais escandalosa.

Menot accrescenta que não havia apenas bordeis estacionarios e regulamentados, mas que a libertinagem estava em toda parte, e não havia casa alguma izenta de impureza. Tanto nas cidades como nos suburbios, não se via outra mercadoria senão mulheres publicas! Esta mercadoria era de todas as edades e de todas as condições. Velhas e novas, casadas e solteiras, criadas e amas, todas faziam o que o prégador chama *lucrum corporis*, trafico do seu corpo.

As tabernas e as estalagens eram n'este tempo, como sempre, albergues de prostituição. Miguel Menot poe na boca dos rapazes casados de fresco estas palavras:

«Sabeis que não podemos trazer sempre as nossas mulheres atadas á cintura, nem mettidas na manga, e todavia a nossa juventude não pode passar sem mulheres. Entramos nas tabernas, nas hospedarias, nos banhos e n'outros logares onde encontramos raparigas habeis no seu officio e que se dão por pouco dinheiro. Será por ventura um mal servimo-nos d'ellas como de nossas mulheres?»

Os banhos publicos serviam tambem para estes encontros amorosos. Maillard falla d'elles muitas vezes, e no sermão *De peccati stipendio* diz ao seu auditorio:

«Senhoras, não vão aos banhos, e não façam n'elles o que sabem.»

As egrejas, que a prostituição não respeitava melhor do que as tabernas ou os banhos, eram ás vezes como que uma succursal dos bordeis.

«Se as columnas das egrejas tivessem olhos, exclama Maillard, e vissem o que se passa em redor d'ellas, se tivessem ouvidos para ouvir, e podessem fallar, o que diriam? De mim confesso que o não sei, mas, reverendos sacerdotes, o que me dizeis a isto?» *(Quadrag.* Serm. 11.)

Encontra-se effectivamente em todos os penitenciaes antigos a designação especial do peccado de luxuria commettido n'uma egreja, ou durante os officios, ou depois das ceremonias de culto, o que estabelecia muitos graus n'este peccado e na sua penitencia. Maillard admirava-se até de que os santos sepultados nas egrejas, onde taes abominações se commettiam, não se erguessem dos seus tumulos para arrancar os olhos aos libertinos e ás suas infames ribaldas. Nem Maillard, nem os outros prégadores do seu tempo, nos dão circumstanciados pormenores a respeito das ribaldas de profissão. Apesar de as denominar *vis meretrizes,* não deixa de se compadecer d'ellas:

«Oh pobres peccadoras! exclama elle. Oh mulheres mundanas, que viveis como os cães *(sociæ canum),* não sejaes duras de coração; convertei-vos, convertei-vos!...»

N'outro logar, exhorta-as a voltar para Deus com os seus cumplices de libertinagem, para não perderem as suas almas nas delicias do mundo:

«Oh peccadores! Oh companheiros d'essas desgraçadas! Rogo-vos, em nome de Jesus-Christo, que não deixeis perder a alma nos deleites mundanos!...»

N'outro sermão intima-as a converterem-se, chamando-lhes *filhas do diabo.* Dirige-se tambem ás cortezãs, que occultam a sua vergonhosa profissão, exercendo-a secretamente *(vos secretæ meretrices quæ facitis pejora publica),* Vê-se que mostra um sentimento de caritativa compaixão para com estas desgraçadas victimas da sensualidade.

Quanto aos agentes da prostituição, mostra-se implacavel, denunciando-os ao odio e desprezo das pessoas honradas e invocando contra elles todo o rigor das leis:

«Estarão aqui os encarregados de fazer justiça? Pergunto-vos, magistrados, que castigos infligis aos corretores da prostituição n'esta cidade?»

De outra vez dirige-se tambem aos magistrados, convidando-os a castigar a excitação á libertinagem:

«Appello para vós, senhores da justiça, que não castigaes similhantes preversas», diz elle referindo-se ás mulheres perdidas que, depois de haverem traficado comsigo mesmo nos bordeis, traficam tambem com as outras, corrompendo-as e vendendo-as, por assim dizer em hasta publica. O prégador eleva-se ás regiões da eloquencia, quando exclama: «Se houvesse n'esta cidade, um homem que roubasse dez soldos, seria açoitado pela primeira vez. Se reincidisse, cortar-lhe-iam as orelhas, ou qualquer outra parte do corpo. Se tornasse ainda a roubar, iria á forca. Dizei-me agora, homens da lei, qual é peior: Roubar cem escudos ou uma mulher?»

Esta passagem do sermonario confirma o que já aqui dissemos a respeito do primeiro officio das *maquerelles*.

Olivier Maillard é implacavel no seu zelo contra todos os seres infames que auxiliam a prostituição e vivem á custa d'ella. Enche-os de vituperios, aponta-os á aversão de todos, procura-os com os olhos e designa-os até mesmo com o gesto, no meio de um auditorio commovido pelas suas palavras ardentes.

«Dizei-me agora, mães, incitaste vossas filhas ao peccado? E vós, mulheres, com os vossos contractos impudicos impelliste outras mulheres á abominação? E vós tambem, oh *maquerelles!* o que tendes a dizer a este respeito?» (*Sermon.*, 37.)

As mulheres a quem o zeloso franciscano se dirigia, baixavam a cabeça de envergonhadas, e procuravam fugir d'esta penitencia publica, que tanto as fazia soffrer, arrancando-lhes a mascara.

Chega a pedir que as esfollem vivas, a essas impudicas proxenetas! Descreve-as como inspiradas pelo demonio e não occulta que são quasi tão numerosas em Paris como as desgraçadas a quem procuram incessantemente corromper.

Mas, no meio d'esta multidão de vis creaturas, quem elle mais detesta e abomina são as mães que procuram a prostituição de suas filhas, sob o pretexto de lhes arranjarem um dote. A essas entrega-as o prégador sem remissão ás chammas do inferno.

Lança os olhos em torno de si por todo o auditorio, como que para descobrir algumas d'essas mães desnaturadas, e o auditorio commove-se e espera anciosamente o anathema:

«Ha, diz elle, entre vós muitas mães que vendem suas proprias filhas: e essas infames prestam-se a ser as alcoviteiras das innocentes, obrigando-as a ganharem o dote com o suor dos seus corpos!»

Era mister que essa prostituição infame fosse muito frequente por essa épocha, por isso que os prégadores não se cançam de a anathematisar. Menot denuncia-a quasi nos mesmos termos de Maillard:

«As mães, diz elle, condemnam suas filhas com os exemplos que lhes dão, com a inclinação ao luxo e ás vaidades que lhes fazem crear, e com a demasiada liberdade que lhes concedem. E o que é peor ainda, o que declaro com as lagrimas nos olhos, meus irmãos, é que chegam a vender as suas filhas aos corretores da prostituição!»

Todos os prégadores estão de accordo sobre esta horrivel exploração das filhas por seus paes. Maillard diz expressamente a estas mães de familia:

«Mães que daes a vossas filhas roupas e vestidos abertos e decotados, para que ellas possam ganhar indecentemente o seu dote!»

E aos paes de familia:

«E vós tambem para que daes a vossas filhas, senão para as prostituirdes, vestidos indecentes, e para que as pintaes como idolos?»

Tudo quanto de perto ou de longe se referia ao trafico da prostituição merecia as censuras, ás vezes pessoaes, do prégador, que fulminava o vicio do alto da cáthedra evangelica. Assim, depois de haver marcado com um ferro

em braza as mães proxenetas, Maillard volta-se para as damas que n'aquelle momento estavam cochichando umas com as outras, e diz-lhes:

«Senhoras, não sois tambem do numero d'aquellas que fazem ganhar o dote a suas filhas com o suor do seu corpo?»

As mulheres publicas rogavam-lhe que não se occupasse d'ellas e que tomasse antes á sua conta os barbeiros e os boticarios, por exemplo.

«Já vos disse, gritava o indomavel Maillard que certa dama que parece recatada é uma mediadora de libertinagem, e muitas outras ha não conhecidas e que eu igualmente vos denunciarei!»

Os sermões d'este terrivel franciscano produziam tal effeito no mundo da libertinagem, que as prostitutas costumavam dizer aos seus frequentadores:

— Já ouviste o prégador? Receio que vocês todos se mettam a frades e préguem tambem contra as mulheres!

Estes sermões dão-nos a entender que n'aquella épocha os alcoviteiros não eram menos perigosos do que as suas vis competidoras no degradante officio. O prégador ataca sem cessar os alcagotes que os ricos, os membros do parlamento, os clerigos e os conegos empregavam no serviço dos seus amores illicitos. Em muitas passagens vê-se que as prostitutas tinham *fornecedores*, que andavam pela cidade em procura de freguezia.

«Meretrizes, diz elle no seu sermão 43, os vossos acarretadores de freguezes procuram-vos por toda a parte os mais ricos, ou aquelles por quem vos sentis mais inclinadas.»

N'outros logares chama-os *procuradores*. Ainda assim, não lhes attribue toda a responsabilidade do peccado, pois reprehende o penitente que quer desculpar a sua falta, lançando-a á conta d'esses miseraveis traficantes de carne humana:

«Não lance á conta da consciencia do intermediario o peccado de luxuria aquelle que por obra d'elle possuir uma rapariga.»

Aconselha os intermediarios a arrependerem-se dos seus peccados para evitarem a condemnação eterna.

«Ouvi, oh pobres peccadores, blasphemadores, usurarios e alcoviteiros, e vós tambem, oh vis meretrizes! não temeis ser condemnados?» (Serm. 1.)

Miguel Menot refere-se muitas vezes tambem nos seus sermões a estas intermediarias da libertinagem, e nem sequer as exhorta á emenda dos seus crimes, como se estivera convencido da sua impenitencia, e condemna-as sem remissão a todas as penas do inferno. Eis como as tracta:

«A alcoviteira que pôz muitas raparigas no officio irá fatalmente a galope para as profundas do inferno. E será tudo? Não, peccadora endurecida, não será isto só! Em punição dos teus crimes, todas as que excitaste ao mal te servirão de carrascos e hão de queimar-te o corpo maldito!» (*Serm. quadrag.* 2)

Olivier Maillard, no seu sermão prégado em Saint-Jean-en-Grève, no primeiro domingo do advento, faz-nos uma curiosissima descripção do papel que desempenhavam os alcoviteiros nos negocios em que tomavam parte. Diz que um d'estes agentes da prostituição (*aliquis maquerellus*) foi encarregado de

levar da parte de um magistrado um formoso annel a qualquer *fille de joie*, que quizesse acceitar a prenda . retribuil-a com o seu corpo. São cinco as que o agente infame vae procurar, por lhe parecer que estão no caso. A primeira é picarda, a segunda, poitevina, a terceira, da Touraine, a quarta, lyoneza e a quinta, parisiense. O alcoviteiro vae a casa da primeira e bate á porta:

— Traz! Traz! Traz!

— Quem é? pergunta a criada, vindo á janella.

—Abre, responde o mensageiro, e diz a tua ama que sou criado do respeitavel senhor Fulano, e que preciso fallar-lhe.

A criada vae dar parte á ama, e volta no mesmo instante, dizendo ao alcoviteiro:

—Minha ama não recebe recados de ninguem. Póde retirar-se.

«Esta mulher é virtuosa!» exclama o prégador.

O mensageiro da luxuria do magistrado vae bater á porta da poitevina.

A criada abre a porta e apresenta-o a sua ama, que lhe responde:

—Diga a seu amo que eu não sou quem elle pensa. (*Dicite magistro vestro quod non sum de illis.*)

«Esta segunda mulher é tambem virtuosa, diz o prégador, mas muito menos que a primeira.»

O mensageiro vae a casa da terceira, entra e mostra-lhe o annel:

—Que bonito! exclama a rapariga. Gosto muito d'elle!

—Pois se o quer, será seu, diz-lhe o enviado.

—Não, que receio que meu marido o saiba.

«Esta mulher é má, exclama o prégador, porque o mal consiste na intenção, e é só o receio do escandalo que a impede de passar a vias de facto.»

O alcoviteiro é ainda mais amavelmente recebido pela terceira, que lhe diz:

—O annel é bonito, não ha duvida, mas meu marido é muito ciumento, e se soubesse o que me pedem far-me-hia os ossos n'um feixe; porisso, não posso fazer a vontade ao senhor Fulano.

«Esta mulher, diz o prégador, não acceita, mas é o receio do castigo que a impede e não o temor de Deus.»

O mediador vae por fim a casa da ultima que nasceu em Paris e em Paris tem vivido. Esta acceita logo, guarda o annel e diz ao alcoviteiro:

—Diga a seu amo que meu marido vae para fóra na quarta-feira, e n'esse dia irei visitar o senhor Fulano.

«Esta mulher, diz Olivier Maillard, é a peior de todas quatro.»

A eloquencia dos prégadores, troveja indignada contra a incontinencia dos sacerdotes e religiosos, e comprehende-se que, ao apontarem as impurezas e escandalos do clero regular e secular, se submettiam á opinião commum. Tão vergonhosa e depravada era n'aquella épocha a conducta de uma grande parte dos ecclesiasticos, que fechar os olhos a este respeito, seria o mesmo que approval-a. Olivier Maillard é inflexivel com a gente da Egreja, que tem concubinas de portas a dentro ou que frequenta as mulheres publicas, e chega a dizer que os bis-

pos e sacerdotes que entram em casas de pessoas honestas deshonram todas as mulheres que as habitam. A cada instante falla em sacerdotes *concubinarii* e *fornicarii* e verbera asperamente as mulheres que se abandonam a clerigos e frades. (*Vos, mulieres, quæ datis corpus vestrum curialibus, monachis, presbyteris*. Serm. 36.)

Anathematisa os que passam a noite com mulheres, e vão em seguida dizer missa; os que dão presentes ás prostitutas; os que dão objectos de ouro ás penitentes, obrigando-as a ganhar estes presentes com o suor do corpo; os que fazem dos seus inferiores agentes de prostituição: os que nos banquetes fallam obscenamente; os que se encarregam do dote das raparigas casadouras, e finalmente todos os que commettem abominações.

Miguel Menot não é menos explicito a respeito dos excessos dos ecclesiasticos. Prohibe que a eucharistia seja ministrada ás amas dos padres, que não são senão suas concubinas. Falla de muitas raparigas seduzidas pelos padres, que as encerram ás vezes um anno inteiro nas suas residencias.

O mesmo prégador diz ainda n'outro logar que quando os homens de armas entravam nas povoações, a primeira coisa que procuravam era a amiga do parocho. E a respeito dos prelados accrescenta que devia fazer-se um pregão, aconselhando a todas as mulheres que se acautellassem d'elles, porque além das que tinham em casa, era grande a freguezia d'ellas por toda a cidade, e tinham um prazer especial em enganar maridos. Não havia casa rica que não tivesse o prelado por compadre, e succedia quasi sempre que o marido tomava por compadre o que já era pae, sem o pobre homem desconfiar.

Os prégadores são muito mais reservados, quando fallam dos costumes dissolutos de certos conventos de mulheres, mas em todo o caso dizem o bastante para se adivinhar a prostituição que n'elles havia.

«Theodorico de Niem, diz Dulaure na sua *Historia de Paris*, conta que os conventos de freiras eram uma especie de serralhos para uso dos bispos e dos frades; d'esta libertinagem resultavam filhos que se faziam tambem frades. Algumas religiosas tomavam remedios para abortar e outras matavam os filhos.»

Olivier Maillard dizia com toda a razão:

«Antes não tivessemos ouvidos para ouvir os lamentos das criancinhas arremessadas ás latrinas ou aos rios!»

Grande devia ser por certo a desmoralisação, visto que o proprio Maillard nem sequer ousava fallar dos incestos e outros peccados de luxuria, que censurava aos seus contemporaneos:

«Callo-me, diz elle, callo-me a respeito dos adulterios, dos estupros, dos incestos e dos peccados contra a natureza.»

Gabriel Barletta, que não foi mais do que um echo de Maillard e Menot na Italia, é menos reservado n'este ponto quando diz aos seus compatriotas:

«Oh! Quantos sodomitas e ribaldos vêmos por ahi! Que o exorcismo impeça a lingua do sodomita, que faz torpezas com as crianças... Destruidores da natureza, malditos sejaes vós! Maldito seja tambem o que não cohabita com sua mulher pela via natural! Maldito seja o que faz torpezas com os animaes!»

Barletta satyrisava do pulpito os vicios de seu tempo, e fazia trocadilhos espirituosos, taes como este: em vez da palavra *carnalitates*, significando *impuresas carnaes*, empregava *cardinalitates*, referindo-se aos cardeaes, a quem accusava principalmente d'este genero de acções libidinosas.

Maillard esforça-se tambem por verberar as impurezas carnaes, mas não ataca ninguem em particular. Limita-se a accusar os ribaldos de viverem como os porcos. «*Vos qui vivitis sicut porci.*» (*Serm.* 57.)

O famoso prégador envergonha-se do seu seculo, e exclama indignado:

«Deus meu, Deus meu! Eu creio que desde que o Verbo se fez homem e desceu a este mundo de iniquidade, nunca houve tanta corrupção de costumes, como a que n'este momento reina em Paris!»

Os progressos da prostituição constituem uma consequencia inevitavel dos progressos do luxo. A causa do mal foram a garridice e a vaidade. As mulheres entregavam-se escandalosamente a estas duas paixões perigosissimas, e para occorrerem ás despesas dos atavios frivolos e ás phantasias e extravagancias da moda, deram-se a todos os vicios, mercadejando ignobilmente com os seus encantes.

«Direis talvez, senhoras, exclama Maillard justamente indignado, que vossos maridos não vos dão o sufficiente para as despezas com as modas, e por isso tendes necessidade de o adquirir com o trabalho dos vossos corpos. Pois em verdade vos digo que leve o diabo tal trabalho, senhoras!»

A historia dos costumes prova-nos que sempre o luxo e a prostituição estiveram na rasão directa.

Luxo e luxuria são irmãos, dizia o padre André, n'um dos seus celebres sermões jocosos.

CAPITULO XXIX

SUMMARIO

A côrte, eschola dos costumes do povo. — Propensão dos pequenos para imitarem os grandes. — Malicia do vulgo. — Branca, mãe de S. Luiz e Thibaut, conde de Champagne. — Canção dos estudantes de Paris a respeito do Nuncio. — A côrte de França no tempo dos successores de Luiz IX. — Canção da Torre de Nesle. — Côrte virtuosa de Carlos V. — Depravação da côrte de Carlos VI. — A luxuria no torneio de Saint-Denis. — Galeria dos retratos no palacio Barbette. — As mascaras e os vestidos impudicos. — O baile dos Ardentes. — Os dois Agostinhos do palacio de Tournelles. — Os sermões de Jacques Legrand. — Cólera de Izabel de Baviera e da sua côrte. — Castigo dos seus favoritos e de seus cumplices. — Odette. — Os amores do duque d'Orleans. — O senhor de Canny e sua mulher. — A côrte de Carlos VII e as suas diversões. — A menina de Fromenteau. — Ignez Sorel salva o rei de França com um bom conselho. — Uma quadra de Francisco I. — Os parisienses insultam a concubina do rei. — As mascaradas da côrte. — A festa dos *Loucos* e as *barbatorias*. — Decretos contra as mascaras. — A festa de Conardie. — O dia dos Innocentes. — Costume original. — Um epigramma de Marot. — Libertinagem espirituosa. — Adivinhações amorosas. — Costume indecente da noite nupcial. — O casamento de Hercules de Este com Renata de França. — *Il honor della citadella.* — O pelourinho do matrimonio.



N'OUTROS tempos a côrte de França era, segundo uma expressão consagrada, a eschola dos costumes do povo. Era o incentivo e o modello, tanto do mal como do bem, corrompendo com o seu exemplo, ou depurando tambem a moral publica. Todos os que não participavam das prerogativas da nobreza tinham continuamente os olhos fitos na conducta dos grandes, procurando imital-os em tudo, para se assimilharem o mais possivel á casta privilegiada. Se a prostituição entrava na côrte, espalhava-se logo em seguida pela cidade, o mais descaradamente possivel. Eis o motivo por que as épochas mais dissolutas foram sempre aquellas em que a licença e a depravação da côrte tiveram uma funesta influencia nos costumes do paiz.

A' vista d'isto, comprehende-se bem todo o rigor com que o soberano devia velar pela manutenção da decencia e da honestidade no interior de sua casa, porque era até certo ponto responsavel pelos escandalos que tão funestos resultados costumavam produzir. Os povos eram sempre propensos a imitar os vicios de que eram testemunhas.

Verdade seja que a calumnia, prompta a espalhar o seu veneno sobre tudo quanto é brilhante, feria ás vezes injustamente algumas reputações irreprehensiveis. Comtudo, se isto era sufficiente para entreter a malicia do vulgo, não bastava ainda assim para a auctorisar a entregar-se a excessos que o proprio vulgo condemnava como vergonhosas excepções.

Assim, na côrte de Luiz IX, cujos costumes eram tão exemplares como o exigia a rigidez de caracter do santo rei, a calumnia não deixou de enlamear a boa reputação de sua mãe, e não obstante, não foi Thibaut, conde de Champagne, quem assim desacreditou a rainha Branca de Castella.

Toda a gente sabia que a paixão do conde galanteador não offendia de modo algum o leito conjugal de Luiz VIII, porque esse amor não passava de uma phantasia innocente do poeta, que escolhêra para dama dos seus pensamentos a rainha. Em honra do elevado objecto dos seus amores platonicos, o moço conde compunha canções apaixonadas, que fazia escrever nas paredes dos seus castellos de Troyes e de Provins, e elle proprio as cantava, acompanhando-se do seu alaúde. Tudo se limitava apenas a isto, e o povo sabia-o perfeitamente.

No emtanto, a rainha Branca, apesar de toda a sua piedade, tinha na opinião de muita gente relações menos platonicas com o cardeal legado de Roma na côrte de França, e os estudantes da universidade de Paris, que tinham alguma razão de queixa da intervenção da curia nas suas questões com a auctoridade ecclesiastica, vingaram-se do cardeal legado, dedicando-lhe este distico, que Mathieu Paris nos conservou na sua chronica:

Heu! morimur strati, vincti, mersi, spoliati!
Mentula Legati nos facit ista pati!...

Os suppostos amores do legado com Branca de Castella não produziram effeitos moraes funestos sobre o povo, que tinha diante dos olhos, como um imponente contraste, a circumspecção e honestidade do joven monarcha, a severidade das suas ordenações e o virtuoso exemplo da sua côrte.

No reinado dos successores de Luiz IX a côrte de França conservou as tradicções de honestidade, que devia especialmente ao reinado d'este piedoso monarcha. Os differentes reis que se succederam desde Filippe, o Atrevido, até Carlos V, tiveram como ponto de honra, segundo uma antiga expressão, não empanar a esplendida pureza dos Lizes, e foram, senão austeros nos seus costumes, pelo menos extremamente rigidos a respeito dos costumes da côrte. Assim, vimos já Filippe, o Famoso, implacavel para com as suas tres noras, as heroinas da Torre de Nesle, e a prisão d'estas princezas, seguida de um processo á porta fechada, demonstrou ao povo que o manto das flores de liz não se havia feito para capa da prostituição.

Filippe, o Formoso, dava assim, á custa da sua propria familia, satisfação aos sentimentos moraes dos seus vassallos, que perpetuaram a recordação das horriveis desordens de Margarida de Borgonha n'uma canção, que ainda em nossos dias anda na bocca das amas de meninos. Conta-se que os estudantes, ao passarem defronte da Torre de Nesle, quando iam ao *Pré-aux-Clercs*, sitio habitual dos seus passeios e diversões, cantavam em voz baixa este estribilho:

La tour, prends garde de te laisser abattre!

O que quer dizer: Torre, cuidado, não te deixes derribar! Não obstante,

aquella famosa torre, theatro das orgias de tres princezas, ou de uma só, que a historia não averiguou ainda bem este ponto, não foi derribada até meiados do seculo XVII.

A côrte de Carlos V não foi menos honesta que a de S. Luiz, e deve crêr-se que exerceu salutar influencia sobre os costumes publicos. O prudente monarcha não só teve cuidado em manter n'ella as virtudes que emanam da nobreza do coração, mas quiz até que as damas de Paris tivessem frequentes relações com as damas da côrte, afim de que se tornassem mais perfeitas, esforçando-se mutuamente em progredir no caminho do bem.

Christina de Pisan diz que as *mulheres de estado* de Paris eram convidadas para o palacio de Saint-Pol, quando o rei ou a rainha alli se apresentavam em plena côrte. A soberana, que era bella, boa e affavel, recebia-as attenciosamente. Dançava-se, cantava-se, e em seguida havia um alegre banquete, passando-se tudo na melhor ordem e decencia, em conformidade com os costumes severos e honestos do monarcha.

O historiographo dos feitos e costumes de Carlos V faz-nos observar que da nobreza do coração nascem os bons costumes e as acções virtuosas, a abstenção de todos os habitos e acções vis, a abundancia das graças, o louvor, a honra, a cortezia, o amor, a caridade, a paz e a tranquillidade.

Por morte d'este rei, porém, o aspecto da côrte mudou subitamente, como se o pudor e a castidade houvessem descido com Carlos V ao sepulchro. O joven rei Carlos VI, sobretudo seu irmão Luiz, duque d'Orleans, estavam sedentos de prazeres e eram favorecidos nas suas preversas disposições por seus tios, os duques d'Anjou, de Bourbon, de Borgonha e do Berry, que haviam supportado com violencia a tyrannia moral de seu virtuoso irmão. Opinam todos os historiadores que a prostituição pareceu haver-se desencadeado na côrte de França desde o casamento de Carlos VI com Isabel de Baviera. Já fallámos das espantosas loucuras que assignalaram o famoso torneio de S. Diniz em 1380.

«Estas justas, segundo a pittoresca expressão de um contemporaneo, foram scenas da mais espantosa libertinagem.»

Na ultima noite da festa todos se mascararam, e esta mascarada deu logar a scenas incriveis. Começou-se por posições indecentissimas, e afinal passou-se á realisação de verdadeiras loucuras. Segundo um chronista, não houve ninguem, tanto homens como mulheres, que não tivesse a sua aventura obscena.

«E' fama, diz João Juvenal dos Ursinos, na sua *Historia de Carlos* VI, que estas justas foram o pretexto de cousas deshonestas em materia de galanteios, e causa de muitos males que ao diante se seguiram.»

Na vertigem d'aquella noite, o duque d'Orleans encontrou mascarada Isabel de Baviera, mulher do rei seu irmão, e Margarida de Baviera, mulher de seu primo João de Borgonha.

O duque d'Orleans era um libertino, que não se cançava de seduzir mulheres, e não se limitava a damas de posição, por isso que até fazia raptar raparigas de condição humilde, triumphando d'ellas ou por vontade ou á força. De Haillau refere que este principe tinha no seu palacio Barbette uma galeria de

retratos, que representavam todas as suas amantes, e o de Isabel de Baviera achava-se alli tambem ao lado de sua parenta Margarida de Baviera, mulher do duque de Borgonha, João Sem Medo. Este principe entrou alli em certa occasião, e viu o retrato de sua mulher. Jurou vingar-se, e pouco depois assassinou o duque d'Orleans a dois passos do seu palacio, quando ia passando pela rua Barbette.

Luiz d'Orleans, apesar de ter uma esposa tão digna de amor e respeito, a bella e graciosa Valentina de Milão, cuja reputação nunca foi empanada pela menor mancha, foi sempre a alma dos divertimentos e loucuras da côrte, tanto antes como depois da demencia de seu irmão. Era auxiliado pela rainha a quem prevertera, como ella por sua vez preverteu as outras.

As mascaradas constituiam por essa épocha a principal diversão da côrte, e os que a ellas concorriam e n'ellas tomavam parte, com trajos e mascaras deshonestas, adoptavam sómente o disfarce «para gosarem facilmente os seus amores.» Uma mascarada d'esta especie no carnaval de 1393 acabou de uma maneira tão desastrosa, que os companheiros de libertinagem do rei viram n'ella um aviso do ceu, e converteram-se durante alguns dias.

O horrivel baile dos *Ardentes* derramou um clarão sinistro por todo o reinado de Carlos VI, que endoideceu em consequencia d'este deploravel acontecimento. Dava-se um baile no palacio de Saint-Pol, por occasião do casamento de uma dama de honor da rainha. A noiva já havia tido tres maridos, e segundo um antigo costume, muito vulgar em França, devia fazer-se uma grande algazarra, acompanhada de chocalhadas e caqueiradas, á viuva que entrava em quartas nupcias. «E' um costume ridiculo, diz o chronista anonymo de Saint-Denis, e contrario a todas as leis da decencia e honestidade.» Todavia era um costume inveterado, e os que tomavam parte n'estes apupos iam disfarçados com trajos deshonestos, e perseguiam com palavras obscenas os pobres conjuges, que não tinham remedio senão soffrer esta prova.

O rei e cinco senhores da côrte deviam ser d'esta vez os actores da extravagante algazarra, e para isso se vestiram dos pés á cabeça com uns fatos de lã muito unidos á pelle, aos quaes haviam accrescentado uma capa de estopa pegada com pez. Assim disfarçados, entraram no salão dando gritos horriveis e correndo em todas as direcções com maneiras indecentes. Em seguida, puzeram-se a dançar um bailado lubrico tão desordenado, que parecia uma dança de demonios.

O duque d'Orleans teve a infernal idéa de atirar com uma tocha ao meio dos bailarinos, em cujos fatos o pez e a estopa se inflammaram rapidamente. Como estavam ligados uns aos outros por uma cadeia, arderam juntos, á excepção do rei, que conseguiu desprender-se e foi metter-se debaixo do amplo vestido de cauda da duqueza de Berry.

O chronista faz um quadro terrivel da morte d'aquelles desgraçados:

«O fogo, diz elle, consumiu tambem as partes inferiores dos corpos dos desditosos e até mesmo os seus membros viris, que cahiram aos pedaços e inundaram de sangue o pavimento do salão.»

Carlos VI salvou-se milagrosamente e deu graças a Deus n'uma procissão

solemne, em que os principes foram descalços, desde a porta Montmartre até Notre-Dame.

A doença do rei interrompeu as festas, mas não as desordens da côrte. A rainha e o seu amante, o duque d'Orleans, protegiam-nas, assegurando-lhes a impunidade. Não obstante, para se apparentar um certo respeito pela indignação da opinião publica, exerceu-se um castigo exemplar em dois frades agostinhos, que se offereceram para curar el-rei, e que não lograram cumprir a sua promessa. Estes frades manchavam o palacio de Tournelles, onde viviam, praticando verdadeiras abominações, deshonrando as familias e commettendo continuos adulterios que pagavam com o dinheiro do monarcha. Os hypocritas foram exhautorados da dignidade ecclesiastica, e depois de haverem confessado as suas torpezas, soffreram a decapitação na praça da Grève.

Tres annos depois outro frade da mesma ordem, Jacques Legrand (Jacobus Magnus) foi o vingador dos pobres suppliciados, prégando nos seguintes termos em presença da soberana e da sua côrte:

«Desejaria muito, nobre rainha, nada ter a dizer-vos de desagradavel, mas a vossa salvação interessa-me muito mais que a vossa belleza, e hei de dizer a verdade. A deusa Venus é a suprema dominadora do vosso coração, servindo-lhe de cortejo a embriaguez e a concupiscencia; e vós, senhoras, fazeis da noite dia entregues ás danças mais deshonestas. Essas malditas mulheres, filhas do inferno, que compõem a vossa côrte, senhora, corrompem os costumes e enervam os corações.»

Passando ao luxo dos vestidos, que a rainha contribuira especialmente para introduzir, censura-o energicamente:

«Por toda a parte, nobre rainha, se murmura d'estas desordens e de muitas outras que deshonram o vosso coração. Se não quereis acreditar-me, percorrei a cidade disfarçada em mulher ordinaria, e ouvireis o que por ahi se diz.»

Isabel de Baviera, embora tivesse de fazer grande violencia, logrou dissimular a sua colera, mas as damas da côrte approximaram-se do prégador e disseram-lhe que estavam admiradas da sua audacia.

—Mais admirado devo eu estar, senhoras, respondeu-lhes severamente o prégador, das acções por vós praticadas, e a respeito das quaes informarei a rainha quando ella se dignar ouvir-me.

Um dos palacianos julgou lisongear as damas e fazer calar a bocca ao audacioso frade, dizendo:

—Se quizessem seguir o meu conselho, o que deviam era deitar ao rio esse miseravel!

—Isso é verdade, respondeu tranquillamente o prégador, mas para ordenar esse crime, seria mister um rei tão barbaro como tu.

El-rei mostrou-se muito satisfeito com as duras reprehensões que o famoso prégador havia dirigido a Isabel, mas apesar d'isso apenas uma vez se resolveu a intervir nos escandalosos galanteios da rainha. Foi isto em 1419, pouco antes da sua morte, quando fez julgar e executar o cavalheiro Luiz de Bourdon, que passava por amante e favorito de *Madame Isabel*, como o povo a denominava.

«A rainha, refere o chronista, nomeára para o seu serviço pessoal um grande numero de homens de armas, que collocou sob o commando de Graville, Giac e Bourdon. Estes fidalgos, especialmente encarregados de velarem noite e dia pela segurança da rainha e das damas da côrte, tinham uma conducta, indigna da sua nobreza. Enriquecidos com os beneficios da rainha, não tinham escrupulo algum em mancharem a honra da cavallaria, e com o auxilio dos corretores impudicos haviam conseguido seduzir algumas damas de elevada condição. Os adulterios a que se entregavam continuamente, mesmo na semana santa, causaram grande indignação nos grandes da côrte, que aconselharam el-rei a fazer um acto de exemplar justiça. Por isso Luiz de Bourdon foi encerrado na torre de Montlhery, d'onde foi trazido a Paris e afogado secretamente no Sena, para que o povo não fallasse mais do seu crime.»

Carlos VI, nos primeiros annos do seu reinado, havia tido uma grande multidão de amantes, que disputavam renhidamente a sua preferencia. O marechal de Boucicaut diz a proposito d'isto «que a vista de tão nobres e bellas damas augmenta a vontade de se ser namorado.» Mas, desde que a loucura acommetteu o monarcha, os medicos procuraram evitar o dispendio que fazia de suas forças physicas, affastando d'elle as occasiões de gastar o seu prodigioso ardor erotico.

A rainha, n'estas criticas circumstancias, recusava-se ao cumprimento dos deveres conjugaes, fugindo do leito, ou resistindo ás caricias de seu esposo, que louco e ultrajado, chegava a pôr mãos na esquiva esposa.

Para se collocar ao abrigo d'estas exigencias, madame Izabel tratou de escolher uma victima que se prestasse sem resistencia aos prazeres d'el-rei. Esta victima foi Odette de Champdivers, filha de boa casa. O povo, compadecido d'ella, nem sequer a censurava pelo vergonhoso papel de que se havia encarregado, e dava-lhe o titulo de *petite reine*.

Odette dormia ao pé do leito real, e quando sentia que começava a lucta entre o rei e a rainha, introduzia-se habilmente no leito, emquanto a rainha sahia d'elle com egual pericia. O pobre rei não dava pela troca de pessoas, e cessava logo os seus maus tractos, encontrando ás vezes a razão nos braços da *petite reine*, que se servia da sua influencia n'aquelle desgraçado para o obrigar a mudar de roupa e a fazer as abluções indispensaveis á hygiene.

Affirmou-se por aquelle tempo com alguns visos de verdade que a demencia d'el-rei era a consequencia natural dos excessos a que se entregára na sua juventude. Apesar d'isso, seu irmão, o duque de Orleans, que tinha tido tantas amantes *como de dias tem o anno*, para nos servirmos da pittoresca expressão do povo n'aquella épocha, nunca deu signaes de loucura. Não era todavia um modello de prudencia e de bom senso, e permittia-se ás vezes excessos que provam a força da sua imaginação em questões de libertinagem.

Sauval, nos seus *Amours des rois de France*, refere a aventura da dama de Canny, como prova da dissolução de costumes da côrte de Carlos VI. Ignoramos a fonte original onde o auctor das *Antiquités de Paris* foi buscar a noticia. Crêmos que a tradição lhe ministou os pormenores, senão o facto principal.



O duque de Orléans e Mr. de Cany. (Seculo XIV)

O duque de Orleans amava apaixonadamente a dama de Canny, sem que o marido d'esta dama suspeitasse sequer d'estes amores, que davam assumpto ás murmurações de toda a gente, não só na côrte, como tambem entre o povo.

Uma manhã o duque e a sua amante, que haviam passado juntos á noite, ouviram a voz do senhor de Canny, que podia permissão para fallar ao principe.

—Entre, disse este, tapando a cabeça da infiel esposa com um lençol.

O pobre marido enganado entrou.

O duque disse-lhe, apenas o viu, que ia mostrar-lhe o mais delicioso corpo de mulher, que elle jámais vira, com a condição que não procuraria conhecer a dama que se occultava no leito.

—Combinado, responde Canny.

O duque descobre aos olhos admirados do marido o corpo esplendido de sua mulher em plena nudez, permittindo-lhe que o examinasse á sua vontade, admirando-lhe as bellezas mais occultas, e que as tocasse mesmo para melhor as apreciar. Canny está encantado do que vê e do que apalpa, e expressa a sua admiração em termos que fazem rir o duque até ás lagrimas, emquanto que debaixo do lençol a dama ri tambem como uma perdida.

Na seguinte noite, o senhor de Canny, deitado com sua mulher, conta-lhe minuciosamente a aventura, e ella ri a bandeiras despregadas. Ao amanhecer, a dama vae ter com o duque e conta-lhe o que se passára, e ambos se riem até mais não poderem da imbecilidade d'aquelle modello de maridos.

Toda a côrte celebra com inextinguiveis gargalhadas a chistosa aventura, que não foi segredo para ninguem, senão para o marido ludibriado.

A côrte de Carlos VII, pelos menos nos primeiros tempos do reinado d'este monarcha, não differia da de seu pae. O novo rei era ainda mais ardente nos prazeres do que o fôra o seu real progenitor; mas estes prazeres, como elles os entendia, consistiam menos em vergonhosos excessos do que em galantes devaneios. Era ainda a cavallaria andante, mais refinada que a do seculo precedente. O principe não dava aos seus vassallos exemplos de libertinagem, porque comprehendia o amor das damas á maneira dos antigos cavalleiros e rodeava este *perfeito amor* de justas, torneios e emprezas cavalheirescas.

Os inglezes haviam-se assenhoreado do seu reino, e o soberano da Inglaterra reinava em Paris, emquanto que Carlos VII, na sua pequena côrte de Bourges, não pensava senão em quebrar lanças em honra das damas, em lêr romances, em danças e caçadas.

Tinha uma amante e nunca mais teve outra, desde o momento em que d'ella se enamorou. A bella Ignez Sorel era dama de honor da rainha Maria d'Anjou, e durante os cinco primeiros annos, que a *menina de Fromenteau,* como lhe chamavam na côrte, passou junto da rainha, ignorou-se completamente que ella houvesse captivado o coração d'el-rei. O segredo revelou-o apenas o favor que a familia Sorel ou Soreau alcançou repentinamente, e os enfeites de ouro e pedras preciosas, que Ignez Sorel ousava ostentar nas ceremonias, eclipsando com o seu luxo as mais nobres damas da côrte.

«Foi então, diz Monstralet na sua Chronica, que começou a correr o boato de que el-rei a tomára por amiga.»

Parece que Ignez Sorel era mais engraçada do que bella, mais seductora do que vistosa. Era de caracter jovial e de conversação divertida (*lepida e faceta*, diz o chronista Gaguin).

A paixão de Carlos VII pela bella Ignez não foi indigna de um rei de França, se pensarmos que esta paixão decidiu o pequeno rei de Bourges a reconquistar a sua corôa, expulsando de França os inglezes.

Um dia em que Carlos consultava um astrologo a respeito do destino de Ignez, o astrologo respondeu que a bella dama havia de ser durante muito tempo amada por um grande e poderoso monarcha.

Ignez, ouvindo isto, levantou-se e disse ao rei, saudando-o com a maxima gravidade:

— *Sire*, rogo-vos encarecidamente que me permittaes partir para a côrte do rei Henrique, para que se cumpra o meu destino. O horoscopo manda-me servir o rei de Inglaterra, que é o verdadeiro rei de França, emquanto que vós, *sire*, sois apenas o rei de Bourges!...

A justiça da censura impressionou muito o rei, que se envergonhou do seu abatimento, e para merecer a estima de Ignez, não descançou até libertar a França da oppressão dos inglezes e até ser coroado em Reims.

O serviço prestado por Ignez á corôa de França e á propia França era digno de apagar o que havia de illegitimo nas suas relações com Carlos VII, e Francisco I quiz rehabilitar a sua memoria, dedicando-lhe esta quadra, que é um documento historico em appoio da tradicção:

Gentille Agnés, plus d'honneur tu merite,
La cause estant la France recourrer,
Que ce que peut dédans un cloistre ourrer
Close nonnain, ou bien derot hermite.

A opinião, porém, dos contemporaneos não era tão favoravel a Ignez, e a bella dama, por mais esforços que empregou, nunca poude erguer-se da abjecção das cortezãs, em que a lançara a inflexivel sentença da opinião publica. Quando ousava apresentar-se em publico, a multidão agrupava-se em torno d'ella, e não faltavam olhares de desprezo, ditos sarcasticos e injurias ameaçadoras.

Foi uma unica vez a Paris em abril de 1448, e poucos dias depois teve de sahir da cidade, dizendo que os parisienses «eram uns villões, e que se soubesse que a haviam de receber tão friamente, nunca teria posto os pés n'aquella cidade.»

O *Journal du Bourgeois de Paris* refere a entrada de Ignez na cidade do Sena, e accrescenta que se dizia publicamente «que ella era a amante do rei de França, uma descarada sem fé nem lei, que ludibriava a boa rainha sua ama. Ignez tinha um grande estado como condessa ou duqueza, acompanhando sempre a boa rainha, sem vergonha do seu peccado, e sem commiseração para com a pobre senhora, que soffria com isto um grande desgosto.»

Carlos VII respeitava bastante a opinião publica para confessar escandalosamente as relações adulteras, que havia dezoito ou dezenove annos existiam entre elle e Ignez. Tivera d'ella quatro filhos, tres dos quaes viviam, e tinham o titulo de *La France,* como os filhos legitimos d'el-rei. Desde o nascimento da primeira filha, que morreu poucos dias depois, diz Monstrelet, «Ignez declarou que essa filha era d'el-rei, mas o monarcha desculpou-se sempre, e nunca mais se fallou em tal.»

Carlos VII, porém, reconheceu as outras tres bastardas, que foram esplendidamente dotadas e casaram no reinado de Luiz XI. E' de crêr, todavia, que durante a vida de seu pae nunca se apresentassem na côrte, e o seu nascimento chegou mesmo a ser ignorado de muita gente. Historiadores houve, taes como João Chastier e Enguerrand, que affirmam o completo platonismo das relações d'el-rei com Ignez Sorel.

O mysterio de que o rei Carlos cercava os seus amores prova exuberantemente como elle entendia o seu dever de dar exemplos de moralidade aos seus vassallos e á côrte, que elle não queria ver transformada em logar de prostituição. Podemos d'aqui inferir a grande reforma de costumes que na côrte se operou, principalmente nos ultimos annos da vida d'el-rei, que ao envelhecer se tornou triste, sombrio e myanthropo.

O povo de Paris não esquecera nunca a horrivel recordação do baile dos *Ardentes* e as obscenas mascaradas que haviam tido por theatro os palacios do rei, da rainha e dos principes. E' possivel até que se exaggerasse bastante a preversão d'esses passatempos da côrte, por isso que a elles se attribuiam os desgraçados acontecimentos do reinado de Carlos VI, considerados geralmente como um castigo das impiedades e infamias que este malaventurado rei auctorisára com o seu exemplo. E' muito provavel, porém, que as mascaradas d'aquella épocha não fossem apenas innoffensivos disfarces inventados para recrear os animos, mas que tivessem, pelo contrario, o seu tanto ou quanto de impudicas. Conta-se que umas vezes as mascaras representavam certas partes do corpo que o pudor manda occultar, especialmente attributos do sexo masculino, outras, os mascarados traziam a descoberto os seus orgãos sexuaes, ou vestiam ouropeis recamados de imagens e divisas indecentes.

Não é tudo ainda. Estes disfarces dissolutos facilitavam a quem os adoptava o meio de satisfazer as suas paixões sem ser reconhecido. D'aqui o grande numero de estupros e insultos que a historia d'essa épocha registra a cada passo. Os namorados serviam-se igualmente do disfarce para poderem fallar com as suas deusas, e chegarem mesmo com ellas ás ultimas liberdades, diante do pae da mãe, do esposo, ou d'um parente qualquer, e isto em presença de toda a côrte.

Este delirio de mascaradas não foi um invento da côrte de Carlos VI. Era apenas uma imitação da *Festa dos loucos,* tão vulgar na Edade-Media na maior parte das egrejas e conventos da christandade, e que descendia em linha recta das Saturnaes do paganismo. A *Festa dos loucos* não havia desapparecido ainda no seculo XV, apezar dos esforços do episcopado, que debalde procurára destruil-a desde o estabelecimento do christianismo nas Gallias. Gregorio de

Tours, na sua *Historia dos Francos*, menciona um decreto episcopal contra as religiosas de Poitiers, que haviam celebrado as *barbatorias*. Chamava-se assim tambem a *Festa dos loucos*, por causa das mascaras barbudas com que os actores d'estas licenciosidades publicas cobriam o rosto.

No primeiro de janeiro, dia da Circumcisão, a cathedral de Paris era invadida por uma multidão de gente mascarada, que a profanava com danças lubricas, jogos prohibidos, descantes obscenos, burlas sacrilegas e mil outros excessos que chegavam até mesmo á effusão de sangue. Os sacerdotes e clerigos eram os instigadores, e cumplices de tão escandalosas mascaradas, que se espalhavam pelas ruas da cidade, levando o escandalo a toda a parte. (*Moyen âge et la Renaissance*, por P. Lacroix, cap. da *Fête des Fous*.)

O bispo Eudes de Sully comminou excommunhão maior a todo o sacerdote ou leigo que tomasse parte n'estas vergonhosas orgias, que se renovavam annualmente sob o titulo de *liberdade de dezembro*. Apesar d'isto a *Festa dos loucos* continuou a celebrar-se e cada vez com maior escandalo na sua egreja.

Foi mister que a auctoridade civil viesse em auxilio da ecclesiastica, para extirpar, ou melhor para reprimir excessos, que não se limitavam á eleição de um papa ou bispo dos loucos pelos seus subditos, que se submettiam ás suas ordens burlescas durante todo o tempo da festa.

No emtanto, esta festa dos loucos, tão variada nos seus nomes, nos seus costumes e na sua lithurgia burlesca, só foi definitivamente supprimida em França no meiado do seculo XVII.

O povo gostava muitissimo d'aquelles grotescos espectaculos e abandonava de bom grado o trabalho e os negocios para vêr passar uma cavalgada de mascarados, vestidos de um modo verdadeiramente extravagante. Se a policia não interviesse no proprio interesse da ordem publica, as mascaras e os disfarces ter-se-iam multiplicado com os crimes e desordens que tanto favoreciam.

Basta citar a seguinte passagem de Sauval, para se fazer ideia das indecencias que se commettiam sob pretexto d'estas mascaradas:

«Actualmente, no fim do anno (dezembro de 1502) já os mascarados não percorrem as ruas com os seus disfarces de doidos, trazendo nas mãos uns paus ôcos por dentro e cheios de palha, e feitos em fórma de priapos, com que batiam em quantos encontravam no seu caminho. (*Antiquités de Paris*, lib. XII, p. 651.)

Uma das mais licenciosas variantes da festa dos loucos foi a que se adoptou no seculo XIV na Normandia, especialmente em Evreux e em Rouen. As *gentes* de *Conardie*, *confrades* de *São Barnabé*, elegiam um chefe intitulado o *abbade dos Conards*, que visitava os seus estados montado n'um burro, levando na cabeça uma carapuça verde, adornada de um famoso penacho, empunhando um sceptro e acompanhado dos seus *conards*. Este abbade dos *conards* chamava ao seu tribunal todas as causas licenciosas, pronunciava sentenças em materia *conardante* e tirava os seus argumentos do Evangelho dos *Connailles*, antigo repertorio de torpes trocadilhos e de aphorismos licenciosos.

O obsceno abbade conservou a sua jurisdicção na cidade de Rouen até fins do seculo XVI, em que ainda visitava os seus vassallos, que se chamavam *co-*

nards, e não *cornards*, conforme alguem pretendeu baptisal-os por decencia de etymologia, e que as pessoas honestas denominavam *innocentes*, para não terem de proferir um termo tão grosseiro. *Conard* (*Conardus*) era synonymo de fatuo ou tolo (*stultus*, *fatuus*), mas esta obscena palavra, que bem mostra o sêllo da sua origem plebeia, explica-se naturalmente por um proverbio, que o auctor do *Moyen de parvenir* teve o cuidado de recolher do antigo arsenal das cousas burlescas. Dizia-se então, e talvez ainda hoje se diga na torpe linguagem das viellas — *tolo como um c...*

A festa extravagante dos *Innocentes*, ou dos *Conards* deu sem duvida origem a um costume demasiado impertinente, que foi muito commum em França, tanto na alta nobreza como entre a gente mais humilde das classes populares, durante os seculos XV e XVI. Só os poetas e narradores de contos alludem a este costume e póde crêr-se que ninguem tinha razão de queixa d'elle. Eis como o abbade Leuglet-Dufresnoy, nas suas notas sobre as obras de Clemente Marot, explica este costume:

«A gente nova que era surprehendida na cama em dia dos Innocentes (28 de dezembro) recebia uns tantos açoites e ás vezes alguma cousa mais, quando o caso o exigia. Isto, porém, já hoje passou de moda. Nós somos mais prudentes e reservados que os nossos maiores.»

Leuglet-Dufresnoy escrevia isto em 1730 ou 1731, e cincoenta annos antes a palavra, senão o facto, estava ainda em voga, pois que se lê no *Diction. de la langue française*, de Richelet:

«*Dar os innocentes a alguem* (*aliquem virgis excipere*), quer dizer dar-lhe um par de açoites nas nadegas, em dia dos Innocentes, por brincadeira.»

Clement Marot, n'um epigramma, que serve de pretexto a uma nota bem erotica do seu editor, faz-nos suppôr que o dia dos Innocentes não era muitas vezes senão um pretexto innocente para obter um resultado, que bem longe estava de o ser:

«Querida irmã, se eu soubesse onde esse corpo adoravel dorme no dia dos Innocentes, logo de madrugada dirigir-me-hia ao vosso leito, para o ver, para o adorar, a esse corpo gentil, que prefiro entre milhares d'elles. O extase do meu amor não consentiria que esta mão deixasse de o tocar, seguindo-lhe apaixonadamente todos os contornos delicados, e se por acaso viesse alguem, fingiria *dar-vos os innocentes*. Que vos parece o ardil, oh querida irmã?!...»

A querida irmã, a quem Marot se dirigia com tanta familiaridade, não era outra, se dérmos credito aos commentadores e á tradicção, senão a seductora rainha de Navarra, irmã de Francisco I.

D'aqui podemos naturalmente inferir que o jogo dos innocentes, como n'essa épocha se jogava na côrte, encurtava as distancias sem se prender com bagatellas, nem com etiquetas palacianas. Este jogo salvava as apparencias e occultava muitos mysterios, sob a *honnête couverture*, segundo a propria expressão de Marot.

Brantôme, nas suas *Damas galantes*, cita a este respeito «uma grande fidalga, que por espaço de quarenta annos foi considerada como a mais honesta mulher do paiz e da côrte, e que ficando viuva teve a fraqueza de se apaixo-

nar por um fidalgo. Como não podesse lograr o seu desejo sensual, dia de Innocentes foi ao quarto do mancebo, para lh'os dar, mas elle foi quem lh'os deu a ella, e decerto que não foi com as mãos.»

Póde calcular-se facilmente a que estado de depravação moral havia chegado a côrte de França, quando adoptava similhantes costumes, nascidos nas classes populares. Veremos ainda como esta depravação subiu de ponto no tempo dos Valois, em que os costumes italianos entraram na côrte antes mesmo de Catharina de Medicis.

De resto, devemos dizer desde já que o jogo dos innocentes não era o mais escabroso de quantos se jogavam com as damas de honor da rainha. Estas damas entravam desde a mais tenra juventude n'uma eschola de perigosa galanteria que as conduzia naturalmente á prostituição. As palavras obscenas e os espectaculos indecentes eram as suas lições quotidianas.

Havia uma multidão de brincadeiras licenciosas e grosseiras, que se collocavam sem cessar diante dos olhos das jovens: trocadilhos arrojados, obscenidades, contos immoraes, tudo isto constituia a conversação habitual das pessoas da côrte.

Não ousaremos apresentar aqui uma amostra sequer das *Adivinhações amorosas*, audaciosos enigmas propostos sem a menor cerimonia ás damas da côrte de Borgonha. E' preciso ler as *Cent nouvelles nouvelles du bon roi Louis* XI, para se fazer uma ideia perfeita do que era a desmoralisação da côrte de França no seculo XV; comtudo um só dos usos d'esta côrte, uso admittido e auctorisado em toda a parte, tanto entre os principes como entre os pobres, fará conhecer melhor do que temos dito o grau de relaxação a que havia descido a moral publica. Todos os casamentos, ainda mesmo os dos principes, davam logar a uma escandalosa comedia, que so poderia tolerar-se n'um paiz de selvagens, ou n'uma *Corte dos Milagres*.

Logo que os esposos entravam na camara nupcial, todos os que haviam assistido ás bodas, novos ou velhos, doidos ou sensatos, tomavam posição para verem e ouvirem o que se ia passar entre os noivos. Não era como entre os antigos um grupo de crianças que agitavam nozes, cantando o *Himen* tradicional, era uma conspiração de todos os convivas, que tinha por fim surprehender os mysterios do thalamo nupcial.

Para este fim, uns trepavam ás bandeiras das portas, outros subiam ás janellas, outros esburacavam as paredes, outros finalmente o tecto. Muitas vezes o fim d'este uso desavergonhado era impedir os dois esposos de consummarem a copula conjugal.

Tudo quanto estes obscenos Argus surprehendiam era em seguida commentado e apimentado de facecias por todos os convivas.

Comprehende-se que este uso indiscreto se estabelecesse no campo entre gente pouco delicada, mas é caso para admiração vermol-o assim vulgarisado ainda mais na côrte do que em outra parte qualquer. Era como que um tributo que os recem-casados pagavam á libertinagem dos seus amigos. Cada grito, cada queixume da noiva, provocava nos circumstantes uma salva de applausos em honra do noivo.

Clemente Marot, que assistiu ao casamento de Renata de França, filha de Luiz XII com o duque de Ferrara, Hercules d'Este, em Julho de 1528, allude a este costume, de que nem a propria princeza foi exceptuada. Do seu canto epithalamico vê-se que as damas não eram menos curiosas do que os homens a respeito dos episodios da noite de nupcias :

«Vós que ceiaes, deixae as mezas succulentas. E' preciso comer pouco para bem dançar. Sus, reverendos, recitae depressa as graças, porque o marido diz que é preciso apressarmo-nos. O dia incommoda-o, como podeis calcular. Dançae, dançae! E tracte cada qual de escutar á porta, se elle dér o assalto á meia noite. O ardor do desejo transporta-nos a estes logares. E a bemaventurada noite é uma noite perigosa!»

Era provavelmente tão perigosa para as damas que accudiam a receber uma instrucção especial, como para a pobre esposa, que desempenhava um papel tanto mais difficil, quanto era certo que cada uma das suas palavras era repetida por milhares de echos. Não deve extranhar-se, em vista d'isto, o extraordinario numero de contos immoraes e desopilantes, que a *venturosa noite* ministrava aos nossos maiores. Todas estas historias ingenuas ou grosseiras eram aprendidas com especial cuidado e constituiam a conversação ordinaria do dia seguinte. Brantôme não esqueceu este capitulo nas suas *Damas Galantes*, onde diz «que na noite de bodas todos estavam á escuta, segundo era costume.»

Esta noite, em que tudo se passava, porque assim o digamos, entre testemunhas, como o contracto nupcial, era caso para assustar devéras os noivos. Era preciso deixar bem demonstrada a honra conjugal, no dizer de um auctor que havia experimentado os azares e perigos da situação. O noivo tinha de provar de certo modo a virgindade de sua mulher, e quantas vezes ella fazia heroicos esforços para fingir o que não existia! Era preciso ás vezes entrar em explicações muito penosas, mas, segundo Brantôme, «os senhores medicos e os habeis e espertos boticarios sabem inventar, a proposito, remedios para estas fraquezas das noivas.»

Eis um d'esses remedios, que Brantôme diz ter ouvido a um empirico :

«Appliquem-se na região propria quatro sanguesugas, de maneira que peguem e tirem algum sangue. Ao largarem, fazem umas empollas e fistulas cheias de sangue. Apenas o esposo roça o membro por estas empollas, rebenta-as, e os dois ficam ensanguentados com grande satisfação reciproca, e d'este modo *il honor della citadella e salvo !*

Brantôme, no capitulo dos maridos enfeitados, entra em pormenores ainda mais technicos, que não são mal cabidos nas suas *Damas Galantes*, mas que o poderiam ser aqui, ainda que pertençam essencialmente, como bem se comprehende, á *Historia da Prostituição.*

De resto, temos dito o bastante sobre este escabroso assumpto, para se poder formar uma ideia dos costumes de uma sociedade, na qual nem a propria instituição do matrimonio, sua base mais solida e mais santa, era respeitada na occasião em que o sacerdote acabava de abençoar o leito nupcial.

Chega a pensar-se com horror na desmoralisação precoce das meninas, que antes da puberdade eram iniciadas em segredos, que o matrimonio não

tinha já de revelar-lhes, por isso que haviam sido expostos n'aquella especie de pelourinho obsceno, que tantas vezes cobria de deshonra o marido e seus filhos.

O escandalo tornava-se ainda mais grave, quando a noiva era viuva. Felizmente que n'este caso, no meio de todas as inconveniencias, insultos e algazarras dos convivas, não era a pureza de uma donzella que assim era entregue sem defeza á impudencia e á immoralidade dos libertinos!

CAPITULO XXX

SUMMARIO

Os contos do rei Luiz XI.— Vida privada das mulheres no seculo XV. — Margarida de Escocia e Jamet de Tillay. — As comadres de Luiz XI. — Chronica escandalosa. — A mula do cardeal Balue. — O servente de Olivier Le Dain.—O duque d'Orleans e a senhora de Beaujeu. — Carlos VIII na Italia. — A sua castidade. — Processo de Luiz XII e de Joanna de França, sua mulher.— Trechos do interrogatorio das duas partes.— Anna de Bretanha e a côrte das damas.— Luiz XII na Italia. — Thomasina Spinola — As milanezas.— O *doctrinal* das damas, de J. Marot — Parallelo entre as lombardas e as parisienses.



Delphim Luiz, primogenito de Carlos VII, foi na sua juventude tão libertino como seu avô Carlos VI. Teve um grande numero de amantes, que lhe deram muitos bastardos, aos quaes sem a menor difficuldade reconheceu, dotou e casou, apenas subiu ao throno. Segundo a tradicção, o monarcha espalhou tambem algumas vergonteas pelas classes populares, onde tinha *comadres*, que continuou a favorecer e a visitar mesmo depois de ser acclamado rei. Os seus favoritos e servidores não tratavam de ter uma conducta mais regular, e a pequena côrte do delphinado e de Geneppe de Brabante, onde foi refugiar-se para evitar os effeitos da colera paterna, distinguiu-se das côrtes de França e da Borgonha n'aquella épocha pela relaxação dos costumes e sobretudo pela completa depravação de todos os que a compunham.

Basta folhear-se a collecção das *Cem novas novellas do bom rei Luiz* XI, para fazermos uma perfeita ideia a respeito da libertinagem que animava aquella alegre côrte, em que cada qual se orgulhava pelas suas proezas galantes, e fazia, por assim dizer, o registro d'ellas, divulgando-as sob o transparente veu dos nomes suppostos.

O delphim animava com o seu exemplo a libertinagem dos narradores de contos, Antonio de la Sale, João de la Roche, Dampmartin, e outros empregados da sua casa, que nos serões do paço, sentados diante do brazeiro, portiavam em audacia nas suas impudicas narrativas, que se reproduziam em todos os lares.

Verdade seja que as mulheres não assistiam a estes serões. N'esse tempo viviam ellas muito retiradas nos differentes misteres da vida domestica, sem terem relações algumas com os homens em publico, a não ser em certas ceremonias. Passavam a vida nos trabalhos manuaes de suas casas, e tinham, por isso mesmo, rarissimas occasiões para peccarem. Era só isto o que lhes fal-

tava, porque estavam bem dispostas para o amor pela lição dos livros da cavallaria. A etiqueta, porém, affastando-as da intimidade com os extranhos, defendia-lhes efficazmente a virtude.

Margarida de Escocia, primeira mulher de Luiz XI, viu-se gravemente compromettida por ter sido encontrada ás escuras nos seus aposentos com as suas damas e dois ou tres fidalgos da côrte. Um d'elles, por nome Jamet de Tillay, jactou-se de haver obtido da delphina alguns favores, que se limitavam a simples apertos de mãos. A calumnia envenenou, porém, a indiscrição de Tillay, e duas ou tres testemunhas attribuiram-lhe palavras muito injuriosas contra esta princeza, que depois de o ter acolhido com extrema benevolencia, o despediu de si, em castigo da sua leviandade. Segundo as referidas testemunhas, Tillay havia dito, indicando a delphina, «que umas vezes se apertava muito, e outras andava desapertada e á vontade e que passava as noites a lêr e a fazer versos»:

Vêdes esta dama? Tem maneiras de ribalda, e parece mais isto do que uma princeza!...

Tillay, porém, procurando justificar-se d'esta accusação, deixou cahir sobre a delphina uma suspeita muito mais grave do que as duras palavras que lhe eram imputadas. Tillay referiu na syndicancia que teve logar a este respeito, depois da morte de Margarida de Escocia, que a princeza estava uma noite deitada no seu leito, tendo em volta de si muitas das suas damas, antes de se haverem accendido as luzes. O senhor Régnant, mordomo da delphina, e outro fidalgo estavam encostados á cama de Margarida, e fallava-se em voz baixa no aposento, havendo até por vezes grandes intervallos de silencio.

Jamet Tillay, que entrou n'um d'esses intervallos, disse vivamente ao senhor Régnant «que era uma grande patifaria tanto d'elle como dos outros servidores da delphina o não haverem ainda accendido as luzes.» Apressaram-se logo a accendel-as, mas a princeza affligiu-se muito com aquillo, cahiu n'uma grande melancholia, e d'ahi a pouco tempo morreu de consumpção.

Uma das damas de honor, Joanna de Trasse, encontrando-se cara a cara com Tillay, quando a pobre princeza ia exhalar o ultimo suspiro, não poude deixar de lhe dizer:

—Maldito ribaldo! A pobresinha morre por causa das tuas falsidades!

Espalhou-se pela côrte o boato de que Tillay havia sido amante de Margarida e de que os seus ciumes contra um rival lhe tinham inspirado as duras palavras que affligiram mortalmente a delphina.

A historia vingou a honra da princeza, que era sem duvida romantica, mas ainda assim pouco disposta á galanteria. Foi ella que passando um dia n'um pomar, em que estava a dormir o poeta Alain Chartier, se approximou d'elle e o beijou na bocca.

As pessoas do sequito da romantica princeza extranharam o facto, e tanto mais que Alain era talvez o homem mais feio de toda a França.

—Eu não beijei o homem, mas sim a bocca que tem sabido dizer tão bellas cousas.

Margarida era mulher de belleza extraordinaria, mas o delphim seu es-

poso, detestava-a por ter um halito pestilente. Comines diz «que o principe cazára contra vontade e que viveu sempre dosgostoso em quanto ella viveu.»

Quando em 1444 a perdeu, não pensou em cazar segunda vez, ainda que a primeira mulher não lhe tivesse dado successão. Em 1451, porém, mudou de parecer e cazou com Carlota de Saboya. Esta princeza tinha seis annos no dia dos seus despozorios e o matrimonio só poude consummar-se quando Carlota entrou na puberdade. Tinha apenas doze annos quando compartilhou o leito do rei.

Emquanto esperou pela puberdade da esposa, não se descuidava nos seus amores. Enamorou-se de duas mulheres nobres, Felicia Renard e Margarida de Sassenage, das quaes teve alguns filhos. Preferia, porém, as mulheres do povo e as esposas dos commerciantes ás damas de alta jerarchia. Eis o motivo porque em Dijon teve amores com Huguette Jacquelin, em Lyon com a Gigonne e em Paris com a Passefilon, ás quaes amava ao mesmo tempo, fazendo-se acompanhar por ellas nas suas viagens, e dormindo com qualquer d'ellas, depois de ceias alegres, apimentadas com narrativas de contos licenciosos.

El-rei não se envergonhava de apparecer em publico com a Gigonne e a Passefilon, que eram muito conhecidas do povo. Chamavam-lhes as comadres d'el-rei, mas a sua *honestidade*, palavra de que se serve o chronista João de Troyes, tornava-as bem acceites em toda a parte, apesar do officio pouco honroso, que ambas ellas desempenhavam na camara real.

As pessoas de condição humilde não levavam a mal que o rei Luiz houvesse preferido mulheres d'esta classe ás damas principaes, e as suas duas *comadres*, a Gigonne e a Passefilon, que não se jactavam da sua prostituição como Ignez Sorel, não tiveram como a illustre cortezã motivo de queixa do povo de Paris.

Julgamos que os nomes de *Gigonne* e *Passefilon* eram alcunhas das duas amigas d'el-rei. O que nunca pudémos descobrir foi a etymologia d'estas palavras.

Muito tempo depois do seu reinado de cortezãs, dançava-se ainda um bailado chamado *Gigonne*, e usava-se um penteado á *Passefilon*, mas já havia sido esquecida a origem do penteado e da dança.

Apesar do papel que estas duas mulheres desempenharam simultaneamente junto do rei e que parece haver durado até ao seu casamento em 1476, o historiador de Luiz XI, Filippe de Comines, affirma que este principe, tendo perdido em 1459 um filho chamado Joaquim, «fez voto a Deus, na minha presença de nunca tocar em nenhuma outra mulher, a não ser em sua esposa.» Demasiado sabemos que Luiz XI pequena importancia dava aos seus juramentos; não obstante, Comines parece inclinado a crêr que o rei havia perseverado no seu temerario juramento, «ainda que a rainha, accrescenta o chronista, não fosse d'aquellas com quem se podesse ter grande prazer, sendo de resto muito boa senhora.»

Effectivamente, Carlota de Saboya, que havia estado em poder de seu marido desde os seis annos, viveu quasi sempre á parte no castello d'Amboise,

«com uma grande simplicidade, diz Brantôme, mal vestida até, como se fôra uma mulher de classe ordinaria. El-rei deixava-a alli com um pequeno numero de criados entregue ás suas praticas de devoção, emquanto elle ia passear e divertir-se.»

Não é para admirar que esta princeza, a quem Luiz XI não amava, passasse uma vida casta e virtuosa no retiro e no abandono. Os servidores que a rodeavam eram por certo menos castos do que ella. Mas Luiz XI, que mudava muitas vezes de residencia, e que tinha ao lado de si, como diz Comines (Lib. VI, c. 13) tantas mulheres ás suas ordens, não fez honra ao seu voto de fidelidade conjugal senão quando se viu velho, enfermo e moribundo.

Póde dizer-se que a côrte de França n'este reinado não deu exemplos de moralidade, nem de decencia nos costumes. Reinava por esse tempo em todas as classes um desmando escandaloso nas ideias, nas palavras e nas acções. O amor metaphysico e novellesco, cujo codigo havia sido elaborado pela cavallaria, cedia o passo ao amor material e positivo, que tão frequentemente levava á libertinagem e ao escandalo. Não havia senão maridos enganados, viuvas aventureiras, mulheres libertinas, jovens seduzidas. Os contos de Boccacio encarnaram-se de certo modo na sociedade franceza. Depois de tantas calamidades publicas, depois da guerra, da peste, da fome e da miseria, não se pensava senão em ganhar o tempo perdido: o prazer era a ideia dominante.

Grandes eram n'essa épocha os progressos da prostituição, em consequencia da difficuldade que havia para se viver com o producto de um trabalho honrado. Uma passagem que vamos citar do *Journal du Bourgeois de Paris*, embora seja bastante obscura, dá uma ideia dos soffrimentos e das difficuldades em que se viam as mulheres publicas.

«N'aquelle tempo em que cada qual havia aprendido a ganhar, os ganhos estavam tão maus, que as mulheres que costumavam tirar cinco ou seis francos diarios se davam de boa vontade por dois francos, e assim viviam.»

E' possivel que estas mulheres não fossem prostitutas, como houve quem pretendesse demonstrar, mas em todo o caso uma desgraçada que não ganhava senão dois francos diarios, estava muito arriscada a vender o seu corpo por alguns soldos.

O reinado de Luiz XI, a avaliar por differentes factos consignados na chronica escandalosa de João de Troyes, foi mais favoravel que os precedentes á prostituição propriamente dita.

Por certo que a moral publica era bem pouco respeitada n'uma épocha em que se expunham á vista dos transeuntes nas festas da entrada do rei em Paris (1461) «tres raparigas formosissimas inteiramente nuas, mostrando as pômas redondas e duras, cousa deveras appetitosa;» n'uma épocha em que as aves palreiras não repetiam senão palavras obscenas, taes como *putain*, *catin* «e outras bellas palavras», diz João de Troyes em 1468; n'uma épocha em que um certo normando vivia carnalmente com sua filha, tendo muitos filhos d'este repugnantissimo incesto, filhos que ambos estrangulavam logo ao nascer (1466); n'uma épocha em que um frade hermaphrodita, de tal modo soube usar dos duplos orgãos que concebeu e pariu (1478); n'uma épocha, finalmente, em que

um moço da camara d'el-rei, chamado Régnault la Pie, fazia publicamente a côrte á esposa de Nicolau Bataille, o mais sabio legista da França, que morreu de pesar (1482), depois de ter visto toda a sua fortuna sacrificada nas leviandades d'aquella impudica e dos seus ribaldos (V. *Chronica escandalosa*, escripta por um cartorario do *Hotel de ville*, de Paris, nas datas indicadas.)

Luiz XI sabia d'estas aventuras, e riu ás gargalhadas quando soube que o seu ministro, o cardeal La Balue, que mantinha relações adulteras com a mulher de um tabellião de Paris, chamada Joanna Dubois, «famosa pelos seus amores», diz Sauval, cahira n'uma emboscada que o seu rival, o senhor de Villière-le-Bocage, lhe havia preparado no regresso de uma das suas visitas amorosas.

No momento em que o prelado, montado na sua mula, e acompanhado dos seus criados, que allumiavam com archotes, passava na rua de Barre-du-Bec, uma turba de homens armados atacou-o de improviso, e o pobre do cardeal ver-se-hia em papos de aranha, se a mula desbocada não partisse á redea solta, indo parar sómente no claustro de *Notre-Dame*, onde o cardeal vivia.

Este caso não teve consequencias funestas para os auctores da aggressão, porque o prelado temendo comprometter-se e comprometter a sua ribalda, teve de intervir com a sua influencia para que não proseguissem as diligencias judiciaes.

Outro processo de indole differente, mas não menos escandaloso, intentado em 1477, esteve a ponto de comprometter muito seriamente um favorito do rei, Olivier Le Dain, seu barbeiro e camarista. Este personagem não figurou na causa, mas o seu criado e amigo Daniel de Bar teve de defender-se de uma accusação, que houvera por certo recahido em Olivier, se Bar fosse condemnado.

Duas mulheres de má vida, uma d'ellas casada com um tal Colin Pannier, e a outra concubina de um certo Janvier, accusaram Daniel de Bar de «as ter violentado, e feito com ellas o sordido e repugnante peccado de sodomia.» Em consequencia d'isto, Daniel de Bar foi feito prisioneiro por mandado do preboste de Paris. Feitas, porém, as informações judiciaes, reconheceu-se que o accusado era innocente do crime que se lhe imputava, e as suas accusadoras chegaram mesmo a confessar a calumnia. Em virtude d'esta confissão, foram condemnadas a ser açoitadas núas, e desterradas do reino e os seus bens confiscados para o rei, o que foi executado pelas ruas de Paris, na quarta feira, 11 de março de 1477.

Graças a este resultado, Olivier Le Dain e o seu criado Daniel de Bar escaparam ás vergonhosas suspeitas que os poderiam ter feito ir á fogueira, porque n'aquelle tempo o peccado contra a natureza não era menos punido que a bestialidade.

Este vicio abominavel foi rarissimo em França até ás expedições da Italia, que familiarizaram com elle os exercitos de Carlos VIII e Luiz XII. Apesar d'isto a côrte d'estes reis foi de certo modo preservada pelo bom exemplo de ambos elles, que, segundo Brantôme, *não gostaram do amor á italiana*. Carlos VIII e Luiz XII tinham no mais alto grau a paixão das mulheres. O duque

d'Orleans, que foi ao depois o prudente rei Luiz XII, era tão libertino na sua juventude, que não attendia nem á edade, nem á cara, nem á condição das mulheres. Por isso, fallando-se d'esta paixão erotica do duque, resuscitara-se o antigo proverbio, posto já em circulação no tempo de seu avô Luiz d'Orleans, irmão de Carlos VI: *Toda a mulher deve resignar-se a fazer uma viagem a Orleans.*

No emtanto, este principe de costumes tão dissolutos recusou sempre aceder aos desejos impuros da regente de França, Anna de Beaujeu, que estava perdidamente namorada d'elle, e que não lhe occultava este sentimento.

«Se este principe, diz Brantôme, houvesse correspondido ao amor da regente, poderia ter tido uma boa parte no governo.»

Longe d'isso, porém, o duque mostrou-se sempre frio e desdenhoso para com esta princeza, que lhe desagradava em extremo. N'uma partida de jogo da bola, em que o duque jogava em presença do rei Carlos VIII e de sua irmã, casada com o senhor de Beaujeu, esta princeza julgou em alta voz uma bola duvidosa, pronunciando-se contra o duque. Orleans fingiu não a ter ouvido e disse:

—Quem condemnou o meu jogo, se é homem mentiu, se é mulher é uma grande P...

Esta injuria dirigida á regente, transformou logo aquelle antigo amor da princeza n'um odio fidagal, e o duque d'Orleans teve d'ahi a pouco de sahir da côrte e de se declarar em rebeldia contra a sua implacavel inimiga, que o mandou prender e encerrar no castello de Loches.

O rei Carlos VIII, que morreu muito novo, e subitamente, no dizer de Brantôme, por haver amado as mulheres mais do que lhe permittia a sua compleição, era de natureza apaixonada e ardente. Não obstante, quando casou com a virtuosa Anna de Bretanha, apenas se entregava a galanteios muito recatadamente, e a côrte de França, que o exemplo da joven rainha havia feito entrar na senda dos bons costumes, veio a ser uma eschola de virtude e austeridade. E apesar d'isso, Anna de Bretanha teve em volta de si mais damas do que era costume nos reinados precedentes. Foi ella quem começou, diz Brantôme, a formar a grande côrte de damas, pois tinha um grande numero d'ellas, e nunca recusou nenhuma, e todas, a exemplo da rainha, eram sensatas e virtuosas.»

Todavia entre estas damas lá foi Carlos VIII encontrar uma que teve bastante dominio sobre elle, para o impedir de fazer uma segunda expedição á Italia. Na primeira, que o rei de França conseguiu realisar com tanta felicidade, não perdeu a occasião de ser infiel ao mesmo tempo a rainha e a sua amante.

Todas as cidades que visitava com o seu exercito triumphante lhe offereciam prazeres amorosos sem a menor difficuldade. Quando entrou em Milão, «as bellas damas da cidade e do paiz, refere Brantôme, traduzindo a *Chronica de Gaguin*, apresentavam-se nas ruas e nas praças tão bellamente vestidas, que os francezes não se cançavam de as ver, confessando que nunca tinham encontrado nas mulheres do seu paiz nem tanta belleza, nem tanta graça e elegancia.»

Estas tentadoras sereias approximavam-se á porfia do monarcha, sob pretexto de lhe apresentarem seus filhos, e «o rei tinha toda a occasião para



Continencia de Carlos VIII — Seculo XV

contemplar a formosura e os encantos d'estas beldades e o aprimorado gosto dos seus vestidos e adornos.»

Carlos VIII deixou assignalada a sua passagem pela Italia com alguns filhos, que mais tarde se honraram do seu nascimento, e parece haver escapado ao funesto contagio do mal napolitano, que atacou grande numero dos seus officiaes e soldados.

E' verdade que este mal não se havia ainda estendido por toda a Italia, mas el-rei, que dava largas aos seus caprichos sensuaes, não se haveria contido com esse receio. Só um sentimento mais elevado e menos egoista o poderia deter nos extravios da incontinencia. «As delicias de Venus e os transportes da voluptuosidade, diz Simão Nanquier, n'uma ecloga latina a respeito da morte d'este principe, não o fariam jámais sahir do caminho da justiça.»

Quando esteve na cidade de Ast, uma noite, ao recolher-se ao seu quarto, encontrou uma joven de extraordinaria formosura. Dois dos seus criados de quarto haviam escolhido aquella menina para o leito real. A pobre donzella, ajoelhada ante uma imagem da Virgem, orava fervorosamente quando el-rei entrou. Carlos convidou-a meigamente a approximar-se d'elle, e ella obedeceu toda tremula de receio.

Como derramasse sentidas lagrimas e gemidos dolorosos, n'uma grande e despedaçadora angustia, el-rei quiz saber a causa de tamanha dor.

— Sire, disse-lhe a debil menina, sem interromper os seus magoados prantos, rogo-vos que vos digneis salvar a minha honra: é uma graça que vos supplico de joelhos, em nome da Virgem immaculada!

El-rei quiz saber a sua historia, e a desditosa contou-lhe que seus paes a haviam vendido aos dois camaristas para o prazer de sua magestade.

Carlos, embora se sentisse encantado com a belleza da joven, respeitou a sua honra, tranquillizando a pobre victima collocada á mercê d'elle. Soube ainda que a joven amava um esbelto moço, com quem desejava cazar, e mandou logo chamar o noivo e os paes da menina, fazendo com que os dois amantes se cazassem na sua presença, e dotando a noiva com cinco mil escudos de oiro.

A' volta da conquista de Napoles, Carlos VIII, que se havia divertido bastante, não tardou em renunciar ás mulheres. Não se sentia já com forças para viver como até alli, e nem sequer conservou a amante, que escolhera entre as damas de honor, tornando-se desde aquella data tão regular nos seus costumes como um monge enclausurado. Fôra conselho dos medicos, por isso que as forças d'el-rei não estavam em harmonia com os seus ardores libidinosos. Ainda assim, esta moderação tardia não lhe poude prolongar muito a existencia.

Seu primo, o duque d'Orleans, que lhe succedeu como o mais proximo herdeiro da corôa, havia já mudado de vida e dominado as suas paixões, quando subiu ao throno. Estava enamorado da rainha Anna de Bretanha, e para conseguir cazar com ella em segundas nupcias, procurou annullar o seu matrimonio com Joanna de França, ainda que este matrimonio estivesse consagrado por vinte e cinco ou vinte e seis annos de cohabitação.

El-rei pretendeu provar n'este escandaloso processo que o seu casa-

mento nunca fôra consummado, por isso que sua esposa não podia soffrer a copula.

A piedosa Joanna respondeu que, apesar de reconhecer que «não era tão bem formada nem tão bella como as outras mulheres», havia sempre cumprido todos os actos e deveres do matrimonio.

O proprio rei soffreu um interrogatorio no tribunal de Tours e declarou alli que sempre lhe parecera não haver realisado completamente os seus deveres conjugaes: *Neque realiter licet intus fuerit*, escreveu o tabellião, que disfarçava o mais possivel no seu latim forense as incongruencias das perguntas e respostas. Assim, tendo o juiz declarado a Joanna de França, que, segundo as affirmações de seu marido, ella não tinha a devida conformação para procrear filhos, o tabellião escreveu no processo:

«*Quod non potuisset aut posse parere, sed nec semen virile secundum naturæ congruentiam recipere, nec neque a viro intra claustra pudoris naturaliter cognosci.* (*Hist. du* XVI.me *siècle, par le biblioph. Jacob.*, tit. I, p. 113 e seg.).

O tribunal ordenou que Joanna fosse examinada por parteiras, que declarassem qual o seu estado physico, mas a pobre princeza, que ao diante foi canonisada, não quiz submetter-se a uma humilhação tão penosa para o seu pudor, e preferiu consentir no divorcio.

Em virtude d'esta resolução, entrou n'um convento, e Luiz XII, apenas se viu livre d'ella, apressou-se logo a casar com a sua querida Anna de Bretanha.

N'este reinado, a côrte de França foi mais virtuosa do que nunca. A influencia moral da rainha Anna de Bretanha fazia-se sentir n'ella, como a da rainha Branca na côrte de S. Luiz. A prostituição, que no dizer dos poetas e dos prégadores não respeitava classe alguma da sociedade franceza, detinha-se nos humbraes da côrte, onde apenas penetrava ás escondidas, fugindo sempre da vigilancia da rainha.

Luiz XII não impedia esta vigilancia, que sua excellente esposa exercia nos costumes da côrte, ainda que se ria ás escondidas, recordando as suas proezas dos antigos tempos, e quando os estudantes da Basoche e os *Sem-Cuidados* ousaram zombar nas suas farças da hypocrisia que reinava na côrte da rainha Anna, Luiz XII disse:

— Representem com toda a liberdade. Não me parece mal que os rapazes denunciem os abusos da minha côrte, já que os confessores e outros sabios de egual quilate não querem fallar n'isto. O que não quero é que fallem da rainha, porque desejo que a honra das damas se mantenha illesa de todo e qualquer ataque.

Só uma grande rigidez de costumes, como a de Anna de Bretanha era capaz de pôr um dique á prostituição, porque as expedições da Italia e a permanencia do exercito francez no paiz conquistado haviam produzido a importação em França dos costumes italianos, o desejo immoderado dos prazeres sensuaes e todos os refinamentos da voluptuosidade.

O mal de Napoles, como temos dito, foi a consequencia immediata da

conquista d'aquelle reino, mas nas guerras successivas que occuparam todo o reinado de Luiz XII, o novo mal, que se ia buscar constantemente á sua origem, naturalisou-se de tal modo entre os homens de armas, que foi levado de Genova a Napoles, e de Milão a Veneza, e por conseguinte foi perdendo pouco a pouco o seu pseudonymo de *mal francez*.

Luiz XII teve de reprimir os seus desejos e a sua sensualidade para poder resistir ás seducções d'aquellas encantadoras italianas, que pareciam apostadas a fazel-o ser infiel a sua esposa ausente. De uma vez, porém, esteve a ponto de succumbir, e só poude preservar-se dos perigos que ameaçavam a sua continencia, entregando-se ao mysticismo de um amor platonico com a bella genoveza Tomasina Spinola, de quem era o *intendio*, quer dizer, o *amigo do coração*, emquanto que em torno d'elle a sua nobreza se submergia nas delicias e se embriagava de amor com phrenesi.

Não póde imaginar-se bem todo o prestigio das mulheres italianas sobre os conquistadores da Italia, que foram por sua vez dominados e vencidos. Os historiadores contemporaneos não deixaram de fazer o retrato d'aquellas encantadoras, que tão repugnante influencia deviam ter nos costumes e na saude dos seus imprudentes adoradores. Eis como João Marot, poeta e moço da camara de Anna de Bretanha, nos representa no seu poema *Viagem de Genova* o bello espectaculo que esperava os vencedores na sua entrada em Milão em 1507. E' claro que, como de outras vezes temos feito, substituimos os rudes versos do poeta por uma periphrase, que nos dará o sentido d'elles, e mais comprehensivel será para o leitor do que a linguagem archaica de Marot:

«Os balcões estavam atulhados de muitas damas de grande formosura. Tens visto as feiras de Lyon e Anvers, de Gibray e d'outros muitos logares, mas nunca viste uma mercadoria assim, tão bella, tão encantadora. Cada uma d'ellas sentava-se n'uma cadeira, de geito que podia patentear melhor a elegancia do corpo. Havia invejosos d'aquelles encantos, que desdenhavam das formosas. Mas, por Deus, digam o que disserem, não havia espectaculo mais divino!»

O mesmo espectaculo, que a tal ponto impressionou a imaginação do poeta, produziu n'elle os mesmos effeitos, quando dois annos mais tarde, Luiz XII fez a sua entrada em Milão, para punir uma insurreição que alli tinha havido. O bello sexo milanez teve por certo muita parte no perdão que o rei de França outorgou aos habitantes da cidade rebelde. João Marot lá estava tambem, e foi captivado como succedeu aos mais experimentados capitães, á vista d'aquelle triumpho feminino, que eclipsou todos os triumphos e victorias do rei.

«Balcões e lojas, diz ainda Marot, estavam povoados de bellas damas. Alli iam saciar-se muitos olhos, famintos de tantos encantos. Ricos vestidos, joias preciosas, cobriam aquelles corpos divinos. Mas, cautella, que as sereias teem dardos venereos, com que trespassam os seus ingenuos amantes!»

E' para extranhar como a rainha Anna de Bretanha teve sufficiente poder e força de vontade para evitar tão completamente que o contagio de desmoralisação, que ia em breve corromper a França, não se fizesse sentir na sua côrte

de Blois, durante a sua vida. Se os costumes se não reformaram, a culpa não foi da excellente rainha, que tamanhos esforços fez para rehabilitar o seu sexo. João Marot, que compoz, por sua ordem, o *doutrinal das damas*, limita-se a paraphrasear os bons preceitos que ella ensinava, sobre tudo com o exemplo.

Um d'esses preceitos era ser casta, sendo bella. A paraphrase começa do seguinte modo:

«Quem tem estes dois dotes—castidade e belleza—póde jactar-se de exceder em tudo qualquer outra dama d'este mundo, visto que a belleza nunca se cançou de fazer guerra á castidade; mas quando ellas se alliam, n'um doce convivio, oh! então tornam uma dama completa, e póde dizer-se um conjuncto de graças aquella que tem estes dois dotes.»

Anna de Bretanha recommenda tambem n'este doutrinal, que João Marot divide em vinte e quatro estrophes, a *honestidade*, «que é a perola e a gemma engastada pelos deuses na nobreza.» Em seguida vem o elogio da prudencia, «que é o verdadeiro guia que conduz ao templo da virtude.»

Convida as damas a serem o exemplar de todas as mulheres, a fugirem da ociosidade, a serem zelosas do amor, finalmente, a amarem a um Deus e a um homem só.

Reconhece-se n'estas edificantes rimas a casta inspiração que Anna de Bretanha havia communicado ao seu poeta favorito, e vê-se que a rainha determinára pôr ao serviço do ensino moral da côrte a poesia, que até alli não tivera outra attribuição que não fosse corromper os corações e effeminar os temperamentos.

Anna de Bretanha ligava diminuta consideração aos logares communs do amor profano com que os poetas a cada passo enchem as suas obras licenciosas. Censurava-os tambem por empregarem n'ellas expressões demasiado livres, que offendiam os ouvidos castos. Não tolerava nos livros o que decentemente não podesse ouvir da bocca do auctor, julgando que a castidade das palavras deve acompanhar sempre a castidade das acções. Foi por isso que só a muito custo perdoou ao senhor de Grignaux, gentilhomem da sua casa, que em vez das palavras de um cumprimento ao embaixador de Hespanha lhe ensinara certas phrases licenciosas em lingua hespanhola, que a rainha não comprehendia. Anna preparava-se para pronunciar as referidas phrases n'uma audiencia solemne, quando el-rei a advertiu da *partida*, que elle proprio auctorisára, «para se rir e passar o tempo», diz Brantôme.

A morte d'esta virtuosa rainha fechou este parenthese de moralidade e compostura dos poetas palacianos. João Marot, que acabava de compor *A verdadeira advogada das damas*, obedecendo á sua boa ama e senhora, voltou novamente aos escriptos licenciosos e galantes. Bastou um momento para a côrte de França soffrer uma metamorphose completa, e para a prostituição tirar a mascara.

O proprio Marot vem declarar, n'esta nova phase dos seus versos, que os costumes estavam mais escandalosos que antigamente:

«A respeito de amores, phrases de mel são inuteis, porque se não tendes dinheiro, é como se fallasseis em hebreu; e ainda que fosseis o mais guapo

fidalgo do mundo, a mim me degollem, se sem o auxilio do ouro, conseguirdes alguma cousa!...»

Tal foi o resultado das guerras de Italia. Os habitos de libertinagem que os homens de armas haviam adquirido, além dos Alpes, foram implantados em França, e as mulheres francezas, mesmo sem darem por isso, modelaram-se exactamente pelos habitos das italianas, que tantas recordações, boas e más, haviam deixado aos conquistadores do seu paiz.

Os fidalgos, que haviam feito parte das expedições de Carlos VIII e Luiz XII, não deixavam no seu regresso de exaltar os encantos e as graças incomparaveis das italianas, por peiores e por mais *funestos*, que para elles tivessem sido os resultados dos seus amores. As francezas, a quem seus maridos e amantes pareciam desprezar por aquellas perigosas sereias, conceberam contra ellas um odio implacavel, comprazendo-se em fazer contrastar com os defeitos das estrangeiras os seus proprios meritos e superioridade. Eis o que Marot escrevia, provavelmente sob a inspiração de alguma bella, que se desesperava ao vêr-se despresada por uma lombarda:

«Em seguida a uma longa conversa ácerca de amores, fiz um d'estes dias a um amigo esta pergunta: — Qual vale mais, a franceza, ou a lombarda? — Elle respondeu: — A lombarda é vistosa, mas fria e molle, sob o peso do homem. Tem boas palavras, e é geralmente sobria, mas os seus encantos são postiços. O rosto é uma pintura: e muitas vezes as formas são de contrabando.

«A franceza é natural e decidida, doce como o mel e intrepida no assalto. E' o prazer que a decide, e despreza qualquer interesse. Em conclusão: — Digam o que disserem as más linguas, as francezas são a obra prima da natureza!...»

Por mais que dissessem e fizessem as francezas, os seus compatriotas nem por isso deixavam de se inclinar para as italianas, que eram um dos maiores attractivos das campanhas de Italia. Os fidalgos da côrte davam-se tão bellamente para além dos Alpes, que nunca tinham pressa de voltar a França. Pelo contrario. Estabeleciam-se nas principaes cidades do principado de Milão com as suas amantes italianas, como se não tivessem em França mulheres e filhos.

Durante todo o reinado de Luiz XII, e nos primeiros annos do de Francisco I, a paixão dominante dos francezes era viver em Italia. As pobres francezas não sabiam já como vencer rivaes tão seductoras, que continuamente lhes roubavam esposos e amantes, deixando-os sómente partir dos braços quando estavam arruinados de dinheiro e de saude.

Ao tempo da acclamação de Francisco I, a flor da nobreza de França havia atravessado os Alpes, dispersando-se por toda a Lombardia. Na côrte viam-se apenas barbas grisalhas e cabellos brancos. As damas casadas podiam considerar-se viuvas, e as solteiras tinham de resignar-se a ficar solteiras. N'esta conjunctura, formou-se em França uma conspiração feminina contra o bello sexo do Milanado, e as damas encarregaram o poeta João Marot de escrever aos fidalgos francezes, a esse tempo residentes em Italia, uma epistola satyrica, em que as lombardas eram apresentadas em parallelo com as francezas, pondo-se em

evidencia as virtudes e meritos de umas e os vicios e imperfeições das outras.

Razão havia para se confiar a Marot o delicado encargo de secretario das damas de Paris. O poeta havia residido muito tempo em Italia e estava bem instruido dos costumes do paiz, conhecendo o forte e o fraco das alegres estrangeiras, que tanto mal faziam ás damas suas compatriotas. Nenhuma difficuldade teve, pois, em fallar claramente em nome d'ellas.

Começa a sua epistola por accusar as italianas de amarem apenas por interesse, «porque a lombarda pinta-se e atavia-se somente para ganhar dinheiro. Só a cobiça a excita e a leva á libertinagem. Os deuses têem misericordia para com os peccados de amor, quando o amor os inspira, mas esses peccados são infames, quando a avareza lhes discute o preço.

«O coração da franceza só ao amor se rende, e o amor consegue facilmente o que nenhum thesouro poderia obter. Em Italia, velhas e novas traficam escandalosamente com os seus favores, e vê-se muitas vezes uma velha ter mais requebros e blandicias que uma joven.

«Em França, quando uma dama declina, ou envelhece, deixa o campo do amor completamente livre ás novas. E' bom recolher a casa quando anoitece.

«As lombardas usam opulentos vestidos tecidos a ouro, quando se apresentam em publico, e parecem verdadeiras fadas, mas debaixo d'aquelles ouropeis estão mais gastas que as calças d'um postilhão. Se as pobres não comem todos os dias, apesar de todos os dias trabalharem sem repouso! As francezas pelo contrario, alimentam-se bem, são robustas e podem dizer com orgulho: —Somos valentes para o combate, as nossas pômas são duras, emquanto que vós, desgraçadas, não tendes senão pelhancras pendentes sobre essas pernas de gaivotas.

«Não têem senão bellas apparencias essas triumphantes lombardas: de resto nada valem. Por isso nunca os amantes encontram sob essas apparencias o que a sua illusão lhes fazia esperar. Não é tudo ainda. São mais frias que o gelo, mais frouxas que uma tripa e mais sujas que os andrajos, apesar de todos os seus enfeites e atavios. Como contraste a essas vis libertinas, as damas de Paris não traficam com os seus amores, e não querem senão mostrar o que valem aos ingratos que as olvidam.»

O poeta pinta em seguida a traços rudes os predicados naturaes das francezas, os amplos seios, as nadegas volumosas, a frescura da pelle, a redondeza das fórmas, e lança em nome das suas constituintes um repto ás suas rivaes:

«Levantem as saias, diz elle, as francezas farão o mesmo, e ver-se-ha então a quem foi que a natureza mais favoreceu.»

E' claro que as lombardas não ousariam acceitar o repto, e por isso Marot, sempre em nome das damas de Paris, convida os gentis-homens a voltar ao seu paiz. Dirige-se para isso a Francisco I, que, segundo parece, não tem mais pressa do que os seus cortezãos de voltar aos patrios lares:

«*Sire*, sois muito cruel para nós! Amor incita-nos, e o desejo opprime-nos. Nossos corações estão cheios de tristeza. Paris chóra, Tours suspira, Blois desfallece, e Ambroise não cessa de gritar: *Sire*, voltae, voltae!»

Francisco I e os seus cortezãos deixaram com pesar a Italia, onde, que

Marot e as damas de Paris nos perdoem! o amor era muito mais agradavel do que em França; e trouxeram para o seu paiz os costumes italianos, que se fundiram com os costumes francezes, durante todo o seculo XVI.

A Italia foi sempre fatal á França, mesmo quando os louros da victoria enramavam a fronte dos capitães francezes. *L'Italie c'est le tombeau des Français*, tem-se dito e repetido. Os conquistadores do XV seculo trouxeram para áquem dos Alpes, de mistura com os tropheus das victorias, o germen impuro de um flagello atroz, que ameaçou por muito tempo destruir o fundamento da sociedade. E a esse flagello succedeu outro não menos terrivel — a dissolução dos costumes, o completo esquecimento de todas as tradicções honestas de um periodo menos açoitado pelo flagello da prostituição.

Tal foi o mais funesto dos resultados da conquista de Italia pelos exercitos francezes.

CAPITULO XXXI

SUMMARIO

As *Damas galantes*, de Brantôme.—Dedicatoria á rainha Margarida.—A prostituição no tempo dos Valois.—Francisco I, o rei *Gran-Nez*.—Causa da sua primeira expedição á Italia.—Sua primeira enfermidade.—Elogio da *Côrte das Damas*.—Sua origem e seu uso.—O exemplo da côrte.—El-rei libertino—A copula dos veados.—As damas na quaresma.—Indecencia da linguagem e da poesia.—A menina de Tallard e os papas.—A bella Heilly.—A condessa de Chateaubriant.—Favor da duqueza d'Étampes.—A pequena casa d'el-rei na rua de la Hirondelle.—Surprezas nocturnas no palacio d'el-rei.—A prostituição na clemencia.—Diana de Poitiers e seu pae.—João de Bosse, marido da duqueza d'Étampes.—A bella Ferronière.



A HISTORIA DA PROSTITUIÇÃO na côrte de França durante o seculo XVI daria um volume inteiro, se quizessemos aproveitar todas as anecdotas proprias para descrever os costumes da aristocracia no reinado dos Valois. Para se fazer, porém, um quadro completo d'aquella incrivel depravação, bastaria extractar das obras de Brantôme o que este abbade cortezão reuniu de factos escandalosos, que refere com a mais completa liberdade, sem suspeitar sequer que poderá offender o pudor de alguem. Basta esta circumstancia para provar, melhor do que o poderiam fazer as mais extensas narrativas, o grau de corrupção a que havia chegado a sociedade franceza no tempo de Carlos IX e de Henrique III. Nem sequer se possuia já n'esse tempo o sentimento da honestidade, e por isso nenhum estorvo havia para explicar sem reticencias, mesmo diante das damas, os mais vergonhosos e sordidos mysterios da libertinagem.

Por isso Brantôme, ao dedicar as suas *Damas galantes* ao duque d'Alençon, *filho e irmão dos nossos reis*, diz elle, supplica-lhe que honre e acredite *com o seu nome e auctoridade* esse livro, cheio de aventuras e contos engraçados, que o mesmo principe lhe havia narrado, *muito particularmente*, nas suas conversações familiares. O primeiro manuscripto d'esta obscena collecção, tão preciosa para a historia da côrte, é uma especie de homenagem que o auctor faz á rainha Margarida, esposa divorceada de Henrique IV.

Brantôme não se atreveu, porém, a dar ao prélo em sua vida os *contos, historias, discursos* e *anecdotas*, que havia colligido com *improbo trabalho*. Só por disposição testamentaria é que deixou a sua sobrinha, a condessa de Durtal, o encargo de os fazer imprimir.

«Item, é minha vontade, dizia elle no seu testamento, que o primeiro livro que sahir da imprensa seja levado de presente, bem encadernado, á rainha Margarida, minha muito illustre senhora, que me deu a honra de ler alguns, fazendo grande estimação d'elles.»

Tractaremos de resumir o mais possivel este assumpto inexgotavel, e procuraremos apenas caracterisar o genero da prostituição que reinava na côrte de França, sob a influencia de cada um dos reis do ramo dos Valois, porque cada um d'estes reis, com o seu exemplo e paixões, deu uma physionomia especial aos costumes do seu tempo, e póde mesmo dizer-se que, se todo o seculo XVI se tornou notavel pela sua monstruosa libertinagem, nada se parece menos com a libertinagem da côrte de Henrique III do que a libertinagem da côrte de Francisco I. Uma é ainda toda franceza, ao passo que a outra é completamente italiana. No reinado de Francisco I encontram-se ainda, aqui e alli, no meio dos mais vergonhosos excessos, algumas nobres e puras reminiscencias da cavallaria da Edade-Media. Sóbe ao throno Henrique III, e tudo se degrada, envilece e deshonra, com desprezo das leis religiosas e sociaes.

Brantôme dirá mais do que nós a respeito d'este capitulo deploravel dos excessos dos seus contemporaneos, e mais de uma vez, mesmo ao citarmos textualmente este escriptor, seremos obrigados a eliminar muitas passagens das suas obras, que a decencia não nos permittirá transcrever.

Francisco I, como disse um dos seus panegyristas, que Brantôme não ousou refutar, foi «verdadeiramente grande, por isso que teve grandes virtudes e grandes vicios tambem.» Qualquer dos bobos da sua côrte, o Triboulet por exemplo, accrescentaria ainda de bom grado que o grande rei fôra grande até no nariz. O povo tinha-lhe posto a alcunha de *narigudo*. Quem sabe até se este desenvolvimento nasal do monarcha não teria alguma parte nos seus vicios ou nas suas virtudes!

El-rei teve por certo grandes qualidades, que emanavam do seu caracter cavalheiresco: a paixão das mulheres dominou-o toda a sua vida, a ponto de quasi todos os actos do monarcha terem ordinariamente este principio.

Assim, segundo Brantôme, a primeira expedição de Milão, que produziu as desastrosas guerras da Italia, foi devida ao desejo que el-rei tinha de vêr a *signora* Clarice, dama milaneza, considerada ao tempo como a mais bella mulher de Italia, e de *dormir com ella*, como o licencioso chronista declara expressamente.

Bonnivet fôra em tempo amante da referida dama, e desejava tornar a vêl-a. Por isso aconselhou a el-rei, conhecedor como era do seu fraco, que passasse os Alpes para vêr tal maravilla.

«Eis a explicação d'aquelle acto de el-rei, diz Brantôme; eis a causa principal d'elle, que nem de toda a gente é conhecida.»

Basta isto para provar como el-rei Francisco I era capaz de sacrificar o reino e a corôa, a troco da satisfação de um simples capricho de galanteria. Este ardor amoroso começou a manifestar-se desde a mais tenra edade. O diario de sua mãe, Luiza de Saboya, conta-nos que o principe desde a edade de dezoito annos começou a sentir as consequencias dos seus vicios.

«Dia 4 de setembro de 1512. Teve doença nas partes de secreta natureza.»

Esta doença reappareceu muitas vezes, apresentando novos symptomas e dores novas, a ponto de el-rei proferir estas palavras, no dizer do historiographo Mathieu: «Deus castiga-me por onde pequei.»

Brantôme refere com uma engraçada ingenuidade que o ardor erotico d'el-rei foi causa da grande multidão de mulheres, que ao tempo existiam na côrte de França. Anna de Bretanha havia tornado a sua côrte mais abundante de bello sexo do que as rainhas suas predecessoras. Mas isto nada era ainda em comparação da côrte de Francisco I, que «considerando que todo o adorno e decoro de uma côrte consistia nas damas, quiz povoal-a mais do que o costume.»

El-rei costumava dizer a este respeito:

«Uma côrte sem damas é como um jardim sem flores, e mais parece a côrte de um satrapa ou de um turco, do que a de um rei christianissimo.»

Attrahindo á sua côrte a fina flôr das damas do reino, Francisco I pretendia, no dizer de Brantôme, supprimir aquella indecente e perigosa turba de mulheres dissolutas, que os antigos reis de França traziam no seu sequito, e que o rei dos ribaldos tinha o encargo de alojar, dirigir e vigiar. Já vimos que o ultimo rei dos ribaldos exercia as suas funcções no principio do reinado de Francisco I, mas provamos com documentos authenticos que foi substituido por uma dama n'aquella épocha, e que este cargo deixou vestigios até ao reinado de Carlos IX.

Brantôme affirma que a côrte de damas era destinada a substituir aquellas ribaldas do sequito real, que mais temiveis se tornaram depois da invasão das enfermidades venereas.

«Parece-me, diz muito a serio Brantôme, que um tal *putanisme* desenfreado, publico, cheio de males, não podia ser muito acceitavel ás nossas damas, que eram muito limpas e sãs, e que não gastavam nem tornavam impotentes os homens, como as dos bordeis.»

Assim, pois, segundo o testemunho de Brantôme, esta prostituição da côrte não só havia sido prevista, mas até approvada por Francisco I, sob o ponto de vista da hygiene e da moralidade, e o rei costumava dizer que «as damas tornavam os seus cavalleiros tão valentes como as espadas.»

Não era isto já a cavallaria austera e sentimental do seculo XIV; era uma cavallaria decerto egualmente apaixonada pela gloria das armas, mas anciosa de gosos materiaes e de prazeres grosseiros. N'outro tempo, nas épochas cavalheirescas, não havia senão amores castos e honestos. Na côrte de Francisco I, todos os amores eram carnaes, ou de facto ou de intenção, o que Brantôme não deixa de desculpar lá a seu modo:

«Se as damas ás vezes favoreciam os seus amantes e servidores, el-rei não era d'isso responsavel, pois que sem usar de violencia, deixava a cada qual guardar a sua fortaleza. Se alguem n'ella entrava, el-rei não podia evital-o. N'uma fortaleza a que se quer fazer guerra a todo o cavalleiro é permittido entrar, o caso é poder.»

A esplendida prostituição da côrte d'el-rei não se deteve alli, infelizmente. Nos primeiros tempos, irradiou logo sobre a sociedade franceza, e pouco depois tornou-se um incendio horrivel que devorou tudo quanto restava de bons costumes nas classes medias e populares. Eis o que dizia a Brantôme um grande principe, que não estava ainda sufficientemente corrompido para negar as funestas consequencias d'esta desmoralisação da nobreza:

— Ainda se estivessem apenas corrompidas as damas da côrte, o mal não seria irreparavel. O exemplo dado por ellas era, porém, tão funesto para todas as damas da França, que apressando-se a imitar por toda a parte as suas modas e os seus modos, pareciam dizer: «Na côrte vestem assim, dançam assim, peccam assim: pois bem, parece que do mesmo modo podemos nós tambem viver.»

— Quer o meu amigo concluir, respondia Brantôme, que antes de Francisco I não havia tantas ribaldas por toda a França? Pois eu sustento, apesar de tudo, que nunca houve melhor idéa do que esta de encher uma côrte de damas. E oxalá que eu tivesse passado toda a vida na côrte do grande rei para gosar aquellas boas fortunas!

Francisco I havia feito da sua côrte uma especie de serralho, e não levava a mal que os seus cavalleiros e servidores compartilhassem com elle os favores das damas. Dava-lhes ainda exemplos e licções de libertinagem, e não se envergonhava de fazer ás vezes o papel de alcoviteiro, desejando que todos tivessem as mesmas fraquezas que elle tinha.

«No seu reinado, diz Sauval, não havia cortezão sem amante, e quando algum ficava disponivel, quer dizer sem companheira de prazer, el-rei informava-se immediatamente do seu nome, e ia elle proprio fallar com as damas, recommendando-o junto d'ellas. Emfim, quando os pretendentes vinham á falla, e eram encontrados no lance por el-rei, apressava-se a perguntar o que estavam dizendo, e se não lhe parecia bem, elle proprio ensinava o melhor plano do assalto.»

Não se contentava, portanto, o monarcha de ser preceptor da galanteria, e podia orgulhar-se de saber do seu officio: acceitava mesmo, no interesse dos seus amigos, o papel de alcoviteiro, papel que todos os cortezãos tambem estavam sempre promptos a desempenhar em favor de seu amo. Não consentia que houvesse na sua côrte damas recatadas. E apesar d'isso jactava-se de ser o mais firme defensor da honra feminina, e considerava como um crime o mais ligeiro gracejo, que beliscasse essa honra por elle tão compromettida.

Um dia teve o extravagante capricho de querer vêr como os veados dos seus parques se reproduziam. Para esse fim, fez-se acompanhar das damas mais bellas da côrte a Saint-Germain, onde em certa clareira se reuniam grandes manadas d'estes animaes, na estação dos seus amores. O espectaculo, devemos convir, era de molde para offender o pudor das damas, se ellas tivessem pudor, bem entendido. Ellas, porém, não se offenderam, e longe d'isso, observaram alegremente todos os pormenores d'aquelle divertimento. Um cortezão, que fôra testemunha de simlhante indecencia, lembrou-se de dizer que os amores dos veados tinham feito crescer a agua na bocca ás damas da côrte.

El-rei indignou-se a tal ponto contra o maligno auctor do epigramma, que o desterrou da côrte, sem permittir jámais que alli voltasse!

D'outra vez zangou-se ainda mais seriamente com o joven Brisambourg, a quem havia encarregado de levar durante a quaresma ao castello de Meudon alguns pratos de carne da meza real, destinados á duqueza d'Étampes e outras damas da sua casa. Brisambourg teve a leviandade de dizer:

— Estas damas não se contentam de comer carne crúa na quaresma; comem-na tambem cozida a dois carrilhos!...

O epigramma chegou aos ouvidos das damas que compunham o que ao tempo se chamava a *petite bande*. A *petite bande* queixou-se a el-rei, e el-rei furioso até á loucura deu ordem para que o pobre Brisambourg fosse enforcado.

Felizmente o pobre rapaz, avisado a tempo, poz-se em fuga, illudindo as pesquisas da justiça real. D'ahi a pouco voltou novamente a graça do monarcha, mas não sem se haver retractado perante a *petite bande* da duqueza d'Étampes.

Era aquella a épocha do grande favoritismo da duqueza, concubina d'el-rei Francisco, e todos os cargos da magistratura, da fazenda e do exercito, se distribuiam a seu bel-prazer entre os seus parentes, amigos e aduladores. A duqueza jactava-se tambem de dispôr do papa e do sacro collegio, que nada lhe recusavam, e effectivamente cinco ou seis dos seus recommendados obtiveram por sua intervenção a purpura cardinalicia. A este respeito dizia um dia a famosa duqueza que «não era mais difficil a uma mulher fazer um cardeal, do que fazer um cabrão.»

Francisco I, que tão zeloso se mostrava da honra das damas, quando ella era atacada de viva voz, não era tão escrupuloso a respeito das expressões livres de que as suas damas se serviam com todo o descaramento. Qualquer das poesias alegres dos poetas palacianos póde servir de specimen d'este desaforo da linguagem da côrte. Não havia na giria da prostituição uma só palavra ou imagem, que elles hesitassem em empregar nos seus versos.

Brantôme refere um grande numero de anecdotas que comprovam esta espantosa licença da linguagem e da litteratura. Nem podia esperar-se maior commedimento da parte de uma côrte depravada, cujas delicias eram o livro de Rabelais, onde se procurava menos o genio do auctor do que os grosseiros trocadilhos e as obscenas coarctadas.

Marot, moço da camara e secretario da bella Margarida, rainha de Navarra, divertia immensamente as mais illustres damas da côrte, poetizando os repugnantes amores de Alice e de Martin.

Uma passagem muito divertida de Brantôme tem o sêllo da épocha e caracterisa perfeitamente a desfaçatez das damas da côrte. Luiza de Clermont-Tallard, a quem Francisco I chamava a sua rã *(grenouille)* sem que Marot nos diga o motivo d'este apodo, passava por ser o genio mais desenvolto e folgazão da côrte. Era espirituosissima, aquella gentil e pequenina loura, de quem o poeta diz:

Car rien qu'esprit est la petite blonde.

Brantôme diz tambem que desde a infancia ella tivera sempre ditos magnificos. Quando o papa Paulo III em 1528 teve em Nice uma entrevista com o rei de França, madame de Clermont-Tallard foi prostrar-se aos pés do santo padre e pediu-lhe a absolvição, com ares de troça, referindo-lhe «que quando o papa Clemente XIII estivera em Marselha, ella, criança ainda n'esse tempo, pegára n'uma das almofadas do leito papal, e se esfregára com ella da cintura para baixo, por diante e por detraz, deitando depois d'isto sua santidade a sua veneranda cabeça, cara e bocca sobre a referida almofada!» (*Dames galantes*, disc. VI.)

Frncisco I teve sempre uma amante principal, que merecia mais que as outras, mas que não podia evitar a existencia de rivaes, porque el-rei não deixava de satisfazer os seus caprichos, ainda mesmo no meio dos seus mais ternos e duradouros amores. A duqueza d'Étampes foi a sua predilecta durante uma grande parte do seu reinado, mas el-rei chegou a ter ao lado d'ella, mesmo á sua vista, outras amantes, que eram chamadas *logares-tenentes* de madame Anna, e que esta dama não procurava derribar do seu throno ephemero, certa como estava de conservar o seu logar, apezar de todas as inconstancias do seu real amante.

Anna de Pisseleu, a quem chamavam Mademoiselle de Heilly antes d'el-rei a ter casado e de lhe haver concedido o ducado d'Étampes, ainda não tinha iniciado os seus amores com o monarcha em 1526, na occasião em que o prisioneiro de Pavia sahia de Hespanha par voltar a França. A rainha regente Luiza de Saboya, quando foi esperar seu filho, teve a graciosa ideia de lhe levar aquella formosa menina, que ella destinara para substituir a antiga concubina real, com quem a rainha mãe havia tido os seus dares e tomares.

Esta concubina, a quem a de Heilly facilmente supplantou logo na primeira entrevista, era a condessa de Chateaubriant, a celebre Francisca de Foix, que devia pagar com a vida o seu amor e a sua abnegação pelo rei. Francisca de Foix, apezar da sua belleza, não poude dominar por muito tempe o veluvel coração do seu real amante. Amava-o com a maxima delicadeza, e bem o demonstrou quando o rei grosseiro e brutal, lhe foi reclamar as joias dadas na quadra feliz dos seus amores. A condessa mandou fundir as joias e enviou a el-rei o ouro em bruto, dizendo que os emblemas eram seus, e que os ficava guardando na memoria.

A duqueza d'Étampes estava bem longe de querer imitar este exquisito sentimento. E' licito, todavia, duvidar do seu verdadeiro amor para com el-rei. O que ella tinha em subido grau era o talento de saber atear constantemente a paixão d'el-rei, com toda a arte da mais habil cortezã.

O amor da bella Heilly, como el-rei a chamava, era uma prostituição refinada e engenhosa, que fazia não só a fortuna d'esta concubina, mas até a de toda a sua familia e de uma turba de protegidos que ella sem cessar recommendava á benevolencia d'el-rei. A duqueza d'Étampes não contrariava em cousa alguma as phantazias de Francisco I, que corria a novas aventuras, e voltava sempre para os braços da duqueza. A astuta amante do rei nunca o censurou pela sua volubilidade, e fingia até ignorar as suas infidelidades, ape-

sar de que ellas algumas vezes lhe tivessem prejudicado a saude. A duqueza entrou em tractamento e curou-se; el-rei, não. O germen venereo nunca lhe sahiu do organismo.

Toda a côrte sabia das relações da bella duqueza com el-rei, mas ainda assim, ella adoptava uma especie de precauções refinadas, que tornavam os seus amores mais interessantes. Assim, quando se encontravam em publico, el-rei evitava tudo quanto podesse assimilhar-se á familiaridade, limitando-se unicamente ás galanterias do ceremonial, Quando se viam em particular, adoptavam-se de parte a parte todos os meios de prudencia, para que estas visitas fassem ignoradas. Ia a casa da duqueza por subterraneos e escadas secretas, ou então de noite, só e disfarçado, ou outras vezes seguido do capitão das suas guardas. Ai d'aquelle que n'esta occasião reconhecesse o rei, ou surprehendesse o seu segredo!

A duqueza d'Étampes não vivia ordinariamente no palacio real, mas defronte d'elle, ou nas suas immediações, para mais livremente poder communicar com o seu amante. El-rei fez-lhe doação de um palacio que tomou o seu nome e estava situado em frente do de Tournelles, onde o monarcha residia habitualmente. D'este modo podiam ter frequentes entrevistas no palacio d'Étampes, sem que pessoa alguma suspeitasse no de Tournelles. Para estar ainda mais á vontade n'estas mysteriosas entrevistas, mandou construir na extremidade do caes dos Agostinhos, perto da porta de S. Miguel, uma casa que foi depois o palacio de Luynes,

A duqueza comprou tambem outra casa por detraz d'este palacio, na rua da *Hirondelle,* e estas duas casas independentes, segundo parecia, não formavam senão uma, para facilitar as relações dos dois amantes.

Era alli que el-rei ia encerrar-se alguns dias, sob pretexto de repousar das fadigas do governo, e a duqueza ia lá em segredo, emquanto que toda a gente a suppunha em viagem, muito longe de Paris.

Póde considerar-se esta casa da rua da *Hirondelle,* como a origem das casinhas mysteriosas, que tão vulgares foram em Paris dois seculos mais tarde.

Sauval diz a este respeito:

«Parece que era um pequeno palacio de amor, ou casa dos prazeres de Francisco I.»

Esta casa, no tempo de Sauval (em 1660) conservava ainda parte da sua decoração interior, que recordava o uso a que era destinada. As paredes estavam cobertas de esculpturas, entre as quaes se via a salamandra de Francisco I, emblema fabuloso dos seus amores inextinguiveis, que se via repetido em todos os angulos do edificio com uma variedade de monogrammas e divisas. Por toda a parte se via um coração inflammado entre um *alpha* e um *omega,* para significar que o amor era o principio e o fim de todas as acções d'el-rei.

Ha quarenta annos viam-se ainda os vestigios d'estas esculpturas n'aquella casa, que os habitantes do bairro chamavam a casa d'el-rei.

Francisco I, graças ás suas delicadas precauções, guardou tão bem as

apparencias com a duqueza d'Étampes, casada com João de Brosse sem fazer com elle vida marital, que esta dama podia negar de fronte erguida as suas relações com o monarcha.

Seu marido sabia tudo, porém, e de certa passagem das *Dames galantes* vemos que tinha muitos zelos de sua esposa, e que procurava surprehendel-a com el-rei para os matar. Certa noite esteve a ponto de realisar os seus desejos. Surprehendeu os dois amantes, e ia cahir sobre Francisco I, mas el-rei teve tempo de lançar mão da espada, e de pôr fóra da porta o importuno, ameaçando-o de lhe mandar tirar a vida, se tivesse a ousadia de fazer mal a sua mulher. Em seguida, el-rei recomeçou o seu doce combate amoroso com a dama, tranquillizando-a o melhor que poude do susto que havia tido.

O monarcha tinha muitas vezes necessidade de lançar mão de guarda-costas, no interesse das damas que lhe davam entrevistas, quando pela noite adiante se apresentava de improviso em casa d'ellas. Os maridos não o ignoravam, mas soffriam philosophicamente uma desgraça, que demais a mais parecia inherente á propria condição de cortezão. Tanto no palacio de Tournelles, como no Louvre, como em todos os palacios reaes, el-rei preparava sempre os meios de poder entrar a toda a hora nos aposentos das damas que lhe agradavam.

Não havia escandalo, porque as paredes não têem olhos nem ouvidos. As victimas d'estas surprezas nocturnas guardavam-se sempre de serem os pregoeiros da sua propria vergonha, e por outra parte os criados d'el-rei estavam habituados a vêr, ouvir e calar.

As damas estavam alojadas na côrte, de maneira, diz Sauval, que el-rei tinha as chaves dos seus quartos e entrava n'elles de noite á hora que queria, sem tropeçar nem fazer ruido.»

Vê-se de tudo isto que os maridos, os paes, os irmãos e os amantes d'estas damas não deviam estar alojados a tão pequena distancia, que podessem ser advertidos da sua deshonra pelos gritos, que vinham expirar na espessura dos muros e das tapeçarias.

«Quando as damas, accrescenta Sauval, por serem virtuosas e honestas, recusavam estes traiçoeiros aposentos que el-rei lhes offerecia em Tournelles, em Meudon, ou no Louvre, era preciso que seus maridos tivessem muita cautella comsigo. Se desempenhavam cargos ou empregos, qualquer accusação podia leval-os ao patibulo. E não havia a esperar graça, a não ser que suas mulheres lhes resgatassem a vida á custa da sua honra.»

Tal era esta vergonhosa prostituição do reinado de Francisco I, se houvermos de dar credito ao testemunho de Sauval, que tinha por certo á vista preciosos documentos, de que nós carecemos. Sauval diz expressamente que nada era mais vulgar do que esta prostituição na côrte. Se as damas que tinham maridos, paes, ou amigos a salvar, não eram bellas, mas tinham filhas que o fossem, eram estas que obtinham á custa da sua honra o perdão dos condemnados. Francisco I não acceitava os offerecimentos de dinheiro que lhe podessem ser feitos para obter estes perdoes, mas se as mulheres ou as filhas dos condemnados iam offerecer-lhe os seus encantos, o rei cavalheiresco accei-

tava sempre esta especie de suborno, comtanto que ellas tivessem belleza, juventude, ou pelo menos honesto procedimento.

Nem todos os condemnados que salvavam a vida á custa de simılhante vergonha, se mostravam reconhecidos a suas mulheres e filhas, e ás vezes não lhes perdoavam o sacrificio que os havia livrado do patibulo. Fallou-se muito por aquelle tempo do perdão que Francisco I outorgou ao senhor de Saint-Vallier, quando sua filha, a bella Diana de Poitiers, foi lançar-se aos pés do monarcha, supplicando-lhe que perdoasse a seu pae, que havia sido condemnado como cumplice do condestavel de Bourbon. O rei nada recusou a Diana, que pela sua parte nada recusou tambem ao monarcha.

Saint-Vallier estava já no cadafalso, na praça da Grève, quando el-rei fez suspender a execução, commutando a pena de morte na de prisão perpetua. O fidalgo, ao descer do cadafalso, exclamou:

— Deus proteja o passaro de minha filha, que me salvou da morte! Sauval diz *le coq*, e Brantôme emprega ainda outra expressão mais forte.

Esta Diana de Poitiers, que tão generosamente sacrificára a sua belleza para salvar seu pae, foi o que o povo denominava *la jumente du roi*, a mula d'el-rei. Era assim que a chamavam os contemporaneos de Rabelais, e para continuarmos a metaphora, entrou d'ahi a pouco tempo nas cavallariças do delphim, ao depois Henrique II, cujo primeiro cuidado ao subir ao throno foi fazel-a duqueza de Valentinois. O reinado da duqueza d'Étampes acabou com o de Francisco I.

Se a prostituição sob este reinado tomou na côrte uma audacia, que nunca tivera até alli, devemos reconhecer ainda assim que Francisco I com o seu exemplo e com as suas lições havia posto em moda a delicadeza e a galanteria, como véus destinados a encobrir o escandalo dos amores illegitimos. Mezeray, na sua *Histoire de France*, apresenta-nos um quadro curioso d'esta corrupção, que, diz elle, começou com Francisco I, propagou-se extraordinariamente com Henrique II, e trasbordou com Carlos IX e Henrique III. No emtanto, Mezeray apresentando os differentes graus da depravação moral, desde Francisco I até Henrique III, deixou de notar que o primeiro dos Valois foi o inimigo implacavel do escandalo e o obstinado protector do que elle chamava a honra das damas. Francisco I não descobriu nem comprometteu nenhuma das suas amantes, e a propria duqueza d'Étampes, que por espaço de mais de vinte annos foi a sua favorita, poderia defender-se de qualquer accusação, e sustentar que fôra apenas muito honradamente o que os cavalleiros da Edade-Média chamariam a amiga do coração do rei Francisco de Valois.

«Ainda que se suspeitava que havia deshonestidade, diz o senhor de Vauprivas, na sua *Prosopographie*, el-rei protestou que só amava esta dama pela sua graça e donaire. Seja como fôr, julga-se que ella era realmente sua amante.»

O senhor de Vauprivas, que escrevia e publicava a sua *Prosopographia* no tempo de Henrique III, mostra-se pouco convencido da innocencia das relações da duqueza d'Étampes com el-rei. Sabia talvez que logo em seguida á morte de Francisco I o marido da duqueza, a quem Vauprivas suppõe homem pouco sensivel aos prazeres do amor, foi o proprio a publicar a sua deshonra,

intentando um processo contra sua mulher a respeito de dinheiro, e provocando umas averiguações judiciaes, que deram em resultado provar que elle havia casado com a ribalda d'el-rei *(putain du roi)*.

Francisco I não se contentou de fazer da sua côrte um serralho, onde nem os maridos, nem os tutores, nem os paes, nem as mães ousavam perturbar os prazeres do rei. Muitas vezes divertia-se em procurar aventuras nas ruas de Paris, e dirigia-se a toda a classe de mulheres que encontrava. No *Heptameron* da rainha de Navarra, vê-se, porém, que estas aventuras não eram izemptas de perigos, e que mais de uma vez, surprehendido em flagrante, o rei foi tractado como um galan vulgar. Felizmente a sua espada dava-lhe meio de sahir do aperto em que tão levianamente se mettera, mas nem sempre sahia são e salvo dos azares d'estes seus amores subalternos.

Assim foi que, segundo a tradicção, uns amores d'esta especie lhe causaram a enfermidade que afinal o levou ao sepulchro, depois de dez ou doze annos de soffrimento, e é de crêr que as suas amantes da côrte não ficassem indemnes da sua fatal enfermidade.

Dando curso a esta tradicção, que não podia appoiar-se em documentos authenticos, os historiadores não fizeram senão mencionar o acontecimento, sem affiançarem as suas circumstancias. Mezeray costumava tomar da narração dos seus contemporaneos as particularidades mais curiosas da sua Historia de França. Segundo elle, a ulcera maligna que foi causa da morte de Francisco I, começára já em 1539 a devoral-o com ardor insupportavel, de modo que a dôr e a infecção, que era geral no corpo do monarcha, lhe produzia uma febre lenta e um desalento sombrio, que o tornavam incapaz de qualquer empreza.

«Ouvi dizer varias vezes, accrescenta Mezeray, que o mal d'el-rei lhe fôra communicado pela bella Ferronière, uma das suas amantes, cujo retrato se vê ainda em alguns curiosos gabinetes do palacio, e cujo marido, por uma estranha e estupida vingança, fôra buscar a infecção venerea a um lupanar para contaminar os dois.»

Mezeray, no seu *Compendio chronologico da Historia de França*, apresenta novos pormenores d'este facto, que consigna reportando-se a certos boatos que haviam corrido no tempo de Francisco I. Brantôme, porém, não falla d'esta bella Ferronière, nem de seu marido, que segundo uns era um ferrageiro, segundo outros, um advogado, e segundo todos elles um ciumento insupportavel.

Esta aventura, que merece um logar importante na Historia da prostituição, apparece pela primeira vez minuciosamente narrada nas *Diversas licções*, de Louis Guyon (t. II, lib. I, pag. 109.) O auctor recebeu-a talvez da bocca de algum ancião ainda do tempo do rei cavalleiresco, por isso que escrevia a sua collecção em fins do seculo XVI. Além d'isso, na sua qualidade de medico, talvez encontrasse entre os seus collegas alguma tradicção especial, relativa á affecção venerea de que foi victima el-rei.

«El-rei Francisco I, diz elle, pretendeu seduzir a mulher de um advogado, dama de verdadeira belleza, que não quero nomear, porque deixou filhos, que

alcançaram uma elevada posição e gosam de excellente fortuna.» A dama não queria acceder aos desejos d'el-rei, antes o repellia com palavras rudes que entristeciam o seu real animo.

«Sabendo este caso, alguns cortezãos, que faziam junto d'elle o papel de alcoviteiros, aconselharam ao monarcha que empregasse a sua real auctoridade e todo o seu poder para tomar á força o que de bom grado não podia obter. Effectivamente um d'elles foi avisar a dama da sorte que a esperava, e ella apressou-se a contar tudo a seu marido.

«O advogado comprehendeu immediatamente que elle e sua mulher teriam de fugir do reino, e Deus sabia quanto haveriam de passar para salvarem as vidas, se ella não se submettesse áquelle real capricho. Determinou, portanto, aconselhar a esposa a resignar-se com a sua triste sorte, obedecendo á exigencia do tyranno, e para não causar estorvo, fingiu que tinha de sahir da capital por uns oito a dez dias.

«No emtanto, conservou-se em Paris, e andou percorrendo os bordeis em procura do mal venereo para contagiar sua mulher, a qual por sua vez se encarregaria de communicar o flagello ao rei.

«Depressa encontrou o advogado o que procurava, e foi logo contagiar sua mulher, e esta em seguida ao rei, o qual por sua vez pegou o mal a muitas outras mulheres com quem tinha relações, e nunca poude curar-se bem, porque o resto da sua vida passou-o sempre doente, triste, mysantropo e inaccessivel.»

Nada se nos afigura mais verosimil do que a aventura da bella Ferronière, na parte que se refere á sua funesta influencia sobre a saude d'el-rei. Julgamos inutil, porém, attribuir á vingança do marido as vergonhosas consequencias da libertinagem do monarcha. O que isto prova sómente é que o mal venereo tinha já n'essa épocha uma fonte inexgotavel nos albergues da prostituição publica.

Ha certas duvidas, ainda assim, a respeito da épocha em que Francisco I foi tão gravemente castigado na sua incontinencia. Mezeray cita uma data precisa, 1539. Brantôme, porém, attribue sem hesitação aos primeiros annos do reinado de Francisco I a invasão do mal venereo, que lhe abreviou a vida e que lhe mereceu este famoso epitaphio:

L'an mil cinq cent quarente sept,
François mourut à Rambouillet
De la vérole qu'il avoit.

«El-rei Francisco, diz Brantôme, no elogio de Henrique II, amou demasiado, pois sendo joven e livre, tomava indistinctamente esta ou aquella, (n'aquelle tempo não havia rapaz novo que não fosse amigo de mulheres, *putassier.*) D'aqui lhe proveio o mal que abreviou seus dias. Não morreu de velho, por isso que não tinha mais de cincoenta e tres annos. Quando se viu mortificado pelo mal, pensou que se continuasse nos seus amores vagabundos peior seria ainda, e por isso, tornando-se prudente com a experiencia do passado, determinou amar galantemente. Com este fim instituiu a sua bella côrte, frequen-

tada por tão bellas damas e donzellas, para se preservar de feios males, e nunca mais manchou seu corpo com impuridades, antes seguiu d'ahi ávante um amor limpo e puro. E depois que sahiu da sua prisão tomou por sua principal dama e amante mademoiselle d'Heilly.»

Esta passagem na qual Brantôme persiste em dar uma origem tão immoral á grande côrte das damas, instituida por Francisco I, parece dar a entender que a bella Ferronière havia deixado tristissimas recordações da sua seducção a el-rei, antes d'elle ter sido feito prisioneiro na batalha de Pavia, em 1525.

N'outro logar das suas *Memorias*, Brantôme está de accordo comsigo mesmo e confirma esta asserção, quando se compadece da sorte da rainha Claudia, dizendo que «el-rei seu marido a contagiára do mal que lhe abreviou a existencia.»

A rainha Claudia morreu em julho de 1524, em consequencia do virus morbido que seu esposo lhe communicára.

Para descrever bem a prostituição da côrte de Francisco I, seria mister citar textualmente metade da collecção das *Dames galantes*, e dar a conhecer pelos seus nomes os personagens que Brantôme não se atreveu a nomear ao referir as suas escandalosas aventuras.

Seria hoje, porém, muito difficil erguer o veu do anonymo que cobre a maior parte das galanterias, que o discreto compilador attribue já a um grande principe, já a uma grande princeza, umas vezes a uma bella viuva, outras a uma dama de elevada jerarchia. O auctor não as designa de outro modo, sem duvida porque deixava a cargo das más linguas da côrte supprir todas as suas omissões.

Não nos parece conveniente reproduzir n'este logar as anecdotas que pertencem ao reinado de Francisco I, e que caracterisam a depravação moral da nobreza. No emtanto, deve notar-se que se a licenciosidade é enorme, se as mulheres casadas fazem um ludibrio da honra de seus maridos, e se as solteiras preludiam o matrimonio com o esquecimento completo do pudor, ha, no emtanto, mesmo nos homens mais libertinos um sentimento elevado, austero, intransigente a respeito da virtude e da honra de uma mãe de familia. Os maridos que não temem manchar o leito alheio, velam pela honra do seu com a espada ou o punhal na mão. D'aqui tantas historias tragicas em que um amor impuro e criminoso termina sempre com o veneno ou com o ferro.

Estas sangrentas represalias que ameaçavam o mau procedimento das mulheres casadas, não eram ainda assim sufficientes para as conservar nos limites do dever, porque Brantôme refere que o perigo era para ellas um estimulo a excital-as a redobrar de astucia na arte de enganarem seus maridos.

«Não obstante, declara o chronista, depois de haver verberado esses *coitadinhos* perigosos, crueis, sanguinolentos e tragicos, que atormentam, ferem e matam suas mulheres infieis — não obstante, conheci damas e amantes que não se importavam com isto, porque embora os maridos fossem temiveis, ellas eram corajosas, e as primeiras sempre a animar os seus amantes, pensando que se a empreza é ardua e difficil, tanto maior deve ser o valor para a levar

a cabo. Outras conheci tambem, que não tinham coragem para estas arduas emprezas, e só se occupavam de cousas faceis e comesinhas: e por isso se costuma dizer *coração cobarde como uma prostituta.*»

Lendo as *Damas galantes* de Brantôme, até nos repugna acreditar que este desaforado historiador da impudicicia das mulheres da côrte, quizesse demonstrar que similhantes excessos de leviandade não fossem censuraveis nas *grandes e honradas damas.* Tão singular paradoxo reproduz-se em muitos dos seus escriptos, onde o auctor o põe na bocca de certos personagens. Assim, uma dama escoceza de boa familia, que tinha tido um filho de Henrique II, dizia no seu escocez afrancezado:

«*J'ai facit tant que j'ai pu qu'à la bonne heure je suis enceinte du roy, dont je m'en sens très-honorée et très-heureuse: et si veux-je dire que le sang royal a je ne sçaiy quoy de plus suave et friand liqueur que l'autre, tant je m'en trouve bien, sans compter les bons brins de présents que l'on en tire:*— Fiz quanto pude e tive a fortuna de ficar gravida d'el-rei, e por isso me sinto muito honrada e venturosa. Posso até dizer que o sangue real tem um não sei que de mais suave que os outros, que eu até me sinto muito contente, sem contar com os presentes que el-rei me dá.»

Brantôme accrescenta este commentario:

«Esta dama e outras muitas de quem tenho ouvido fallar julgavam que entregar-se uma mulher ao seu rei não era cousa infame. Diziam até que prostitutas são as que se entregam aos pequenos, porque as que vão dar-se a el-rei são grandes personagens.»

Brantôme faz dizer o mesmo a um grande que discorria sobre o assumpto, defendendo uma grande princeza muito amavel e sempre disposta a contentar todo o mundo, como o sol que espalha sobre todos o seu brilho. O fidalgo declara expressamente que estas leviandades são permittidas e ficam bem ás grandes damas, e nunca ás damas vulgares, tanto da côrte, como da cidade e das aldeias.

«As mulheres vulgares, accrescenta elle, hão de ser constantes e firmes como as estrellas fixas. Se começam a mudar de amores, são dignas de castigo, e devem ser diffamadas, exactamente como as dos bordeis.»

Em presença d'esta engenhosa theoria, não é para extranhar que uma dama da côrte, de certo uma grande dama, tenha a velleidade de invejar a liberdade das cortezãs de Veneza, como se vê d'esta passagem:

«Quanto mais felizes não seriamos, diz ella a uma amiga, se estivessemos alli passando essa vida divertidissima e aprazivel, a que nenhuma outra póde comparar-se!»

Brantôme, referindo este caso, exclama: «Eis um desejo bem patusco!» No emtanto, o licencioso abbade não deixa de o approvar por ter partido de uma illustre dama.

A famosa cortezã romana, denominada a *Grega,* que foi a França, segundo diz Brantôme, de proposito para ensinar a licenciosidade aos maridos e preleccionar suas mulheres nos segredos mais galantes da prostituição, dizia a algumas damas da côrte:

—O nosso officio é tão ardente, quando se sabe como deve ser, que se tem cem vezes mais prazer em pratical-o com muitos do que só com um.»

Não eram, porém, sómente as cortezãs emeritas que professavam este magisterio de libertinagem na côrte de Francisco I. Damas de jerarchia illustre, princezas, principes da Egreja encarregavam-se á porfia de o exercer. O cardeal de Lorena, a quem el-rei nomeára seu logar-tenente em questões de galanteria, tinha a seu cargo amestrar as donzellas e as damas noviças que entravam na côrte.

—Que mestre aquelle! exclama Brantôme. Quer-me parecer que o trabalho não seria tão grande como o de amansar pôtros selvagens.

Depois de ter fallado a respeito da competencia do cardeal, o abbade accrescenta que rarissimas ou nenhumas mulheres de bem haviam sahido d'aquella côrte.

CAPITULO XXXII

SUMMARIO

A prostituição na côrte de Henrique II.—Elogio das bellas francezas.— Diana de Poitiers, concubina d'el-rei.—As cifras e divisas de Diana.—Brisac debaixo da cama.—Bonnivet na chaminé.—Horriveis depravações da côrte.—As artes corruptoras.—Descripção dos quadros e estatuas nos palacios reaes.—A taça obscena.—As figuras do Aretino.—Digressão bibliographica acerca d'esta licenciosa collecção.—Destruição das gravuras e exemplares do livro.—A *Summa* de J. Benedicti.—Miniaturas no gosto do Aretino.—A galeria do conde de Chateauvillain.



Se o SERRALHO de Henrique II, diz Sauval, não foi tão grande como o de Francisco I, a sua côrte não estava menos corrompida.»

As memorias de Brantôme ahi estão para nos fazerem conhecer esta corrupção de costumes, que não podia ser maior, porque a côrte de França n'aquella épocha havia adoptado e naturalisado todos os generos de prostituição e libertinagem, todos os refinamentos da luxuria e da galanteria, todas as licções de preversão moral, que n'outro tempo invejava ás côrtes italianas.

No emtanto, Brantôme applaude o que vê, considerando-o como uma conquista e melhoramento no interesse dos prazeres sensuaes.

«As nossas bellas francezas, diz elle no primeiro discurso das suas *Dames galantes*, eram em tempos que lá vão muito grosseiras, contentando-se de fazer o amor rudemente. Ha cincoenta annos a esta parte, porém, aprenderam de outras nações tantos primores, attractivos, garridices e seducções, tantas graças e maneiras lascivas, ou por si proprias se tem exercitado tanto, que temos de confessar já agora que vencem em tudo quaesquer outras. Até as mesmas palavras de sensualidade são na bocca das nossas compatriotas mais voluptuosas, sonoras e excitantes que as outras.»

Conclue d'aqui o bom do abbade que o amor em França é melhor que n'outra parte qualquer, e invoca o testemunho dos sabios na arte de amar e dos cortezãos, que são unanimes em dar a palma ás francezas, «ainda que tenham de reconhecer em ultima analyse, que isto de *pecoras* e *coitadinhos* é fructa que apparece por toda a parte, visto que a castidade não habita uma região qualquer de preferencia a outra.»

Ainda assim, el-rei Henrique II teve menos parte do que Francisco I na depravação do seu tempo, por quanto, «embora amasse tanto como el-rei seu pae, embora se désse de alma e coração aos encantos das damas,» como diz

Brantôme, deu aos seus cortezãos um raro exemplo de constancia e de amor nas suas relações com Diana de Poitiers, que foi a unica concubina official (*en titre*) de sua magestade, durante todo o seu reinado.

Diana não era joven a esse tempo, mas conservava ainda toda a sua belleza deslumbrante. Brantôme, que a viu na avançada edade de setenta annos, seis mezes antes da sua morte, admirou extraordinariamente encontral-a tão bella, tão fresca, e tão appetitosa como se tivera apenas trinta annos. Accrescenta o chronista da galantaria da sua épocha «que a dama era muito branca, e que não usava pinturas nem cosmeticos, o que fazia crêr que se servia de certas beberagens compostas com ouro potavel.»

Seja como fôr, Henrique II amava-a tão apaixonadamente que não podia passar sem ella, estando sempre triste, quando não a via. Vivia tão intimamente com ella como se fôra sua esposa legitima, e a rainha via-se obrigada a devorar em silencio o ciume da supremacia d'esta rival, que ainda assim evitava quanto possivel humilhar a sua soberana.

Henrique II não deixava, porém, de cohabitar com a rainha Catharina de Medicis, que parecia não ter outro destino senão dar ao mundo uma numerosa geração de principes e princezas. Diana, pela sua parte, não se mostrava ciosa d'esta virtude prolifica, a qual dava em resultado affastar el-rei do leito conjugal, condemnando a rainha gravida a prolongadas ausencias. N'essas occasiões, Diana era a verdadeira rainha da côrte, até que Catharina de Medicis ficava livre da sua gravidez.

Diana tomou uma parte muito activa nos negocios do estado, e póde dizer-se que a sua influencia nunca foi funesta á politica do reinado de Henrique II.

«Feliz o rei, diz Brantôme, que encontra uma favorita boa, prudente e perfeita. Sendo assim, o seu reinado não póde deixar de ser venturoso!»

Sem accusarmos Diana de Poitiers de haver exercido uma influencia perniciosa nos costumes da côrte, podemos dizir, ainda assim, que a favorita nada contribuiu para os melhorar, nem com o seu exemplo, nem com o seu prestigio junto do rei. Pelo contrario, Diana devia rejubilar com a desenfreada licença que reinava na côrte e que tendia sempre a fazer novos progressos, por isso que d'este modo justificava as suas relações adulteras com el-rei. A favorita, ainda assim, podia rehabilitar até certo ponto a sua conducta, comparando-a com as escandalosas desordens que as principaes damas se permittiam em torno d'ella com um completo esquecimento do que deviam ao seu nome e jerarchia.

Henrique II, cujo amor tinha refinamentos de delicadezas para com a sua favorita, não omittia cousa alguma que podesse fazer realçar o brilho d'esse amor, tornando-o por assim dizer respeitavel á força de o rodear de attenções e homenagens. Eis o motivo porque mandara collocar por toda a parte, nos adornos dos seus paços, no Louvre, em Fontainebleau, em Meudon, etc., a cifra de Diana entrelaçada com a sua, e as armas d'ella unidas ao escudo real.

Estes testemunhos de uma ternura e de uma admiração enthusiastas não se viam sómente na decoração interior dos aposentos, incluindo o da rainha, mas até mesmo nos frontespicios dos edificios, nas esculpturas das janellas, nos

lavores das portadas, no mosaico dos pavimentos, etc., etc. Era um proposito feito de ostentar á vista de todo o mundo os anagrammas dos nomes de Diana e Henrique. Nunca haviam alcançado uma tal apotheose o adulterio e a prostituição!

O fim que el-rei tinha em vista realisou-se por completo. Não só a côrte se habituou a confundir a concubina com a rainha, mas o proprio povo considerou sempre Diana como uma especie de fada, que devia ás suas artes a milagrosa virtude de se conservar eternamente joven e bella, e cuja meia lua symbolica presidia aos destinos da França.

A tal ponto se havia familiarisado Henrique com este concubinato, de que tanto se orgulhava, que não tinha escrupulo de se apresentar em publico a cavallo, levando á garupa a duqueza de Valentinois, que se segurava abraçando o monarcha. E' preciso dizer que a moda auctorisava este costume de cavalgar a dois. Não podemos dizer se foi Diana ou Henrique quem mandou fazer um quadro em que os dois amantes estavam representados ambos a cavallo d'este modo. Ignoramos tambem se a ordem de multiplicar os anagrammas e emblemas da real concubina nos edificios publicos partia d'ella ou do seu amante.

Julga-se com alguns visos de verdade que os architectos, estatuarios, pintores e outros artistas, conhecendo a louca paixão do rei por aquella mulher, o lisongeavam com estas allegorias destinadas a immortalisar os seus amores.

Os artistas italianos foram os primeiros a tomar a iniciativa n'esta obra de adulação, que agradou a Diana e não desagradou ao seu amante. Os artistas francezes imitaram em seguida o que os seus emulos haviam feito com tanta felicidade, e desde então tornou-se um costume geral em todas as obras d'arte, que se fizeram n'aquelle reinado reproduzir as iniciaes de Henrique e de Diana com a meia lua e a divisa: *Donec totum impleat orbem*. Era uma allusão, segundo se dizia, ao desejo que el-rei tinha de vêr arredondar-se o ventre da concubina?

Henrique II, a exemplo de seu pae, mostrou-se sempre muito discreto a respeito da honra das damas.

Brantôme diz ácerca d'esta discrição real o seguinte:

«El-rei não queria que as damas fossem escandalisadas, nem divulgadas as suas condescendencias, e elle proprio, quando ia visital-as, procurava sempre rodear-se de grandes mysterios para que as suas amantes ficassem livres de qualquer suspeita ou diffamação.»

Será crivel, porém, que el-rei tomasse tantas precauções para evitar que o echo das suas infidelidades chegasse aos ouvidos de Diana de Poitiers, que pela sua parte tractava o melhor que podia de occultar as suas? Brantôme diz expressamente «que esta bella dama, no tempo do real favor, concedera os seus braços a tantas pessoas, que bem podia dizer-se d'ella que era grande em tudo.»

Henrique II ria-se d'estas fragilidades da sua concubina, e não mostrava ciumes. El-rei sabia que Diana tinha amantes, mas que não lhe dava rivaes.

Um dia, segundo diz Brantôme, a duqueza de Valentinois e o marechal de Brissac estavam juntos, quando el-rei veio bater á porta do quarto. Brissac teve apenas tempo para se metter debaixo da cama. El-rei deitou-se convidando Diana a fazer outro tanto, mas d'ahi a pouco sentiu appetite e levantou-se.

Diana, toda tremula, apresentou a el-rei uns bolos. O monarcha acceitou e comeu, mas de repente atirou com alguns para debaixo do leito, dizendo:

— Toma, Brissac, é preciso que todos vivamos.

Em seguida retirou-se, e não tornou a fallar da aventura nem a Diana nem a Brisac, que julgava chegada a sua ultima hora.

Em circumstancias analogas, Francisco I tinha sido menos delicado, ou menos philosopho com o almirante Bonnivet. Estava o marechal longe de pensar na vinda d'el-rei, quando sua magestade se apresentou em casa da sua favorita, que fazia amor á porta fechada com Bonnivet. O galan, muito assustado, foi esconder-se na chaminé, debaixo de umas poucas de folhas seccas. Francisco I substituiu-o no leito, fingindo não desconfiar da existencia de um terceiro. Em seguida levantou-se sob pretexto de satisfazer uma necessidade, e foi direito á chaminé, urinando em cima do seu rival, que não se atreveu a dar palavra.

Quando d'ahi a pouco el-rei se retirou, a dama deu uma camisa lavada ao seu amante, perfumou-lhe a cabeça e a barba, e fez quanto foi possivel para que elle esquecesse a ridicula aventura.

Já o dissémos, seria mister transcrever para aqui uma grande parte das *Dames Galantes*, de Brantôme, para caracterisarmos bem a prostituição do reinado de Henrique II. Esta prostituição parece-nos tão horrivel e monstruosa, que apodariamos de exaggero o narrador, se elle se mostrasse mais indignado das torpezas que refere. Encontra-se, porém, tanta ingenuidade nas suas narrativas, que nos é preciso confessar que as mais abominaveis depravações nem se quer tinham poder para fazer córar fosse quem fosse.

«Emquanto as viuvas e as mulheres casadas se entregavam a todas as extravagancias do amor, diz Sauval, repetindo as historias de Brantôme o mais decentemente que a materia permittia, as solteiras pela sua parte faziam outro tanto. De resto, fronte erguida descaradanente, e auzencia completa de vergonha. As mais escrupulosas casavam com os primeiros que as pretendiam, a fim de poderem entregar-se d'ahi a pouco a quem melhor lhes parecia.»

Brantôme dá a entender que na maior parte dos casamentos da côrte as desposadas não chegavam intactas ao thalamo nupcial, e que quasi todos os maridos sabiam que suas mulheres haviam tido logar «no registro de algum rei, principe, senhor, fidalgo, ou outro qualquer.»

Isto, porém, eram ainda peccados veniaes em comparação dos incestos, que segundo elle, eram muito communs nas familias nobres, na maior parte das quaes o pae não casava suas filhas sem previamente as haver desflorado.

«Ouvi fallar, diz elle, de muitos outros paes, e sobretudo de um de posição bem elevada, que a respeito de suas filhas não tinha mais consciencia que tivera o gallo de Esopo.»

Depois de infamias taes, que Brantôme nos refere sem horror nem repugnancia, até se nos afigura uma innocente aquella *bellissima e honesta donzella*, que dizia ao seu pretendente:

— Espera que me case, e verás como debaixo d'essa capa, que tudo tapa, nos poderemos divertir á nossa vontade!

«Quanto áquellas que eram completamente descaradas, refere Sauval, umas saciavam-se de sensualidades antes do seu matrimonio, outras levavam o pudor a ponto de commetterem desvergonhas mesmo na presença de suas mães ou aias, sem que ellas déssem por tal. Outras ainda recorriam a certos instrumentos de prazer, como esses que a rainha Catharina de Medicis encontrou n'um cofre de certa donzella de honor. O uso d'estes instrumentos era muito vulgar entre as donzellas e viuvas.»

A Italia dos Borgias e dos Medicis havia ensinado á França todas estas praticas, todos estes instrumentos, todos estes estimulos da prostituição, e a côrte, que era sempre a primeira n'estes jogos obscenos, a côrte tão sollicita em aproveitar-se d'estas innovações impudicas, propagava-as pela nação, onde dentro em pouco se havia extinguido toda a candura gauleza.

Devemos dizel-o, embora nos custe, as artes que devem ter por objecto apaixonar os espiritos por tudo quanto é nobre, puro e generoso, foram as primeiras corruptoras, ou pelo menos as mais importantes auxiliares d'aquella corrupção universal.

Francisco I e Henrique II chamaram para junto de si uma multidão de artistas italianos, homens de grande talento sem duvida, mas de costumes dissolutos. Os esculptores fizeram estatuas de bronze e de marmore tanto de homens como de mulheres, de deuses e de deusas, e n'essas obras, ás vezes magnificas, triumphava sempre a lubricidade. Os pintores encheram os palacios reaes de frescos e telas, representando não só cousas lascivas, mas tambem incestuosas e execraveis. Leonardo de Vinci, Benvenuto Cellini, o Primatice, Nicolo dell'Abbate, o Rosso e seus discipulos não foram mais reservados e castos em França do que no seu paiz, onde o pincel e o cinzel pareciam os cumplices dedicados de todos os extravios dos sentidos.

Os maiores artistas da Renascença submetteram-se ao gosto prevertido dos seus contemporaneos, e houve entre elles uma deploravel emulação de genio impudico.

Os priapos gregos e romanos multiplicaram-se por toda a parte e sob todas as fórmas com tanta audacia, como se a França fosse pagã, como se as mulheres houvessem perdido completamente o costume de se ruborisarem.

Os castellos e os palacios dos reis, as casas de recreio dos principes e princezas, os palacios dos senhores da côrte e as casas dos particulares encheram-se de quadros e de frescos indecentes.

«Para dar uma succinta ideia de algumas d'estas pinturas, diz Sauval, que ainda as poude vêr, aqui deuses completamente nús dançam ou fazem cousas peores com mulheres ou deusas núas tambem. Alli outras mulheres offerecem aos olhos dos seus adoradores o que a natureza teve tanto cuidado em occultar; outros embrutecem-se em sensualidades bestiaes com aguias, cys-

nes, avestruzes, touros, etc. N'outros logares vêem-se Ganymedes, Saphos e outras que taes. Deuses e homens, mulheres e deusas revolvem-se, ultrajando a natureza, no lodo dos vicios mais monstruosos. Depois d'isto, quem se admimirará ainda dos incestos e abominações que assignalaram tão tristemente os reinados de Carlos IX e Henrique III?»

Sauval accrescenta que em Fontainebleau as salas, as camaras e as galerias estavam cheias d'estas pinturas eroticas, e que a rainha Anna de Austria mandou queimar d'estas obscenidades um valor superior a cinco mil escudos, quando foi regente em 1643.

Os mesmos assumptos estavam tambem representados em baixos-relevos nos aposentos, em todos os corredores e nos jardins das casas reaes. Figuravam além d'isso nas tapeçarias e em todas as molduras da mobilia. Brantôme, nas suas *Dames galantes*, consagra muitas paginas á narrativa dos *discursos, sonhos, gestos e palavras* das damas da côrte, ás quaes se dava vinho a beber por uma taça de prata dourada, esculpida com figuras obscenas.

Esta famosa taça, que teve uma verdadeira celebridade n'aquella épocha, pertencia a um principe, que gostava immenso de dar de beber por ella, á meza, aos seus convidados. Era uma obra de arte, uma *grande specíauté*, diz Brantôme, «excellentemente lavrada, onde se viam abertas a buril muitas figuras de Aretino, homens e mulheres, isto na base. Ao alto da taça havia ainda muitas outras allegorias de diversas maneiras de cohabitação com os animaes.»

Os ditos das damas que por ella bebiam, que vem referidos em Brantome, são curiosos para conhecermos a falta absoluta de pudor, e o desvergonhamento d'aquellas damas.

«Umas diziam, quando se lhes perguntava o que tinham visto, e porque se riam, que não tinham visto senão pinturas, e que por isso não deixariam de beber ainda outras vezes.

«Diziam outras: Quanto a mim, não penso em maldade nenhuma. O que os olhos vêem não póde manchar a alma.

«Havia outras que tinham esta opinião: o bom vinho tão bom é por aqui como por outra parte.

«O mesmo diziam outras: Tão bem se bebe por esta taça como por outra qualquer. A sède passa do mesmo modo.

«Se perguntavam a algumas d'ellas, porque motivo abriam os olhos quando bebiam, respondiam que queriam vêr o que bebiam, receiando que o liquido não fosse vinho, mas sim algum veneno ou beberagem.

«Outras a quem perguntavam o que mais lhes agradava, se vêr ou beber, respondiam que ambas as cousas.

«Outras diziam ainda: Que bellas imagens! Que bellos espelhos! Que engraçadas cousas!»

Brantôme pretendeu evidentemente imitar n'esta passagem os ditos dos bebedores, que constituem um dos capitulos mais jocosos do *Gargantua* de Rabelais.

D'este caso podemos conjecturar que as figuras obscenas do Aretino não eram menos conhecidas em França do que em Italia. E' muito provavel que as

laminas d'estas figuras, tão tristemente celebres, fossem levadas secretamente a Paris depois do reinado de Francisco I, e que alli se conservassem até ao seculo XVII, em que foram destruidas. Consta que a collecção de dezeseis figuras obscenas que haviam sido gravadas em Bolonha pelo famoso Marco Antonio Raymondi, sobre os desenhos de Julio Romano, ia vêr a luz, acompanhada de dezeseis sonetos impudicos de Pedro Aretino, sob o titulo *De omnibus Veneris schematibus,* quando o papa Clemente VII mandou prender o gravador, o qual correu o risco de ser enforcado ou queimado vivo. Pedro de Medicis, porém, salvou-lhe a vida, a instancias de Aretino, que não foi perseguido, e que estava residindo em Veneza com toda a tranquillidade e segurança. O pintor, implicado no processo, teve o bom senso de fugir para Mantua, onde esperou que o papa lhe perdoasse.

Tirara-se apenas um pequeno numero de gravuras, que foram disputadas pelos grandes senhores de Roma, e até mesmo por muitos cardeaes. As laminas, porém, haviam desapparecido, e a justiça pontifical não poude dar com ellas. Foram depois, segundo se julga, levadas para França, e serviram para fazer muitas tiragens successivas, que mal chegaram para satisfazer a curiosidade libertina do seculo XVI, mas que felizmente não deixaram vestigios, porque o destino d'estes abominaveis livros é não sobreviver nunca á pessoa que os possue.

Eis o motivo até porque a existencia das gravuras originaes foi por varias vezes posta em duvida, mas o testemunho de Brantôme parece confirmar essa existencia.

«Conheci, diz elle, em Paris um bom livreiro veneziano, que lhe chamava messer Bernardo, parente d'aquelle grande Aldo Manuccio de Veneza, que tinha o seu estabelecimento na rua de Saint-Jacques. Jurou-me elle um dia que em menos de um anno havia vendido mais de cem livros do Aretino a muitas pessoas casadas e solteiras e até mesmo a mulheres, das quaes me chegou a nomear tres de elevada posição, cujos nomes não direi. O livreiro vendeu-os a ellas mesmas, muito bem encadernados, com o juramento de que haviam de guardar segredo.»

E' muito provavel que este messer Bernardo possuisse em 1580 as verdadeiras laminas de Marco Antonio, e que as recebesse na herança de Manuccio, porque as referidas laminas, que a policia pontificia não pudéra descobrir, por occasião do processo do gravador, haviam por certo sido enviadas para Veneza, onde a publicação dos livros e das gravuras mais obscenas não encontrava, a a esse tempo, opposição alguma: tal era n'aquella cidade a liberdade, ou melhor, a licença dos costumes!

Os filhos do grande Aldo Manuccio imprimiam e publicavam sem repugnancia os execraveis escriptos do seu amigo Pedro Aretino. Foram elles, por certo, que fizeram uma edição italiana da collecção *De variis Veneris schematibus.* Todos os exemplares, porém, d'esta edição desappareceram ha muito tempo, queimados, no interesse da moral e das familias, depois da morte dos possuidores do perigoso livro.

Quanto aos exemplares da edição franceza, mais numerosos por certo

que os outros, quasi todos desappareceram entre as mãos das pessoas que os possuiam. A severidade dos regulamentos das livrarias em França, durante o seculo XVIII, impediu sem duvida que se fizesse uma nova tiragem das gravuras originaes, que ficaram sepultadas nas estantes de algum antigo armazem de estampas, porque, se a venda de obras obscenas costumava verificar-se furtivamente n'aquella épocha, as Figuras do Aretino eram muito recommendadas á vigilancia dos magistrados para que qualquer livreiro ousasse ter á venda exemplares d'ellas.

No emtanto, um anonymo accrescentou, segundo parece, quatro gravuras ás dezeseis, que Marco Antonio havia gravado sobre desenhos de Julio Romano. Póde suppôr-se que estas quatro novas gravuras foram feitas tambem segundo desenhos do mesmo pintor, pois n'uma carta de 29 de novembro de 1527 Pedro Aretino envia ao *signor* Cesare Fregoso *il libro dei sonetti e delle figure lussuriose*.

Ha tambem mais de dezeseis sonetos, o que dá a suppôr mais de dezeseis figuras. O numero primitivo de ambas as cousas era dezeseis, mas este numero augmentou successivamente, e sempre, segundo julgamos, sob a inspiração do Aretino, que tinha a impudica vaidade de querer exceder a libertinagem antiga, por isso que o livro de *Elephantis* so continha nove figuras, como nos diz Marcial: *Sunt illic Veneris novem figuræ. (Epigr*, 43, lib. 12.) Aretino não se prendeu com bagatellas, e o numero de figuras chegou a trinta e cinco. Elle proprio o declara no seu famoso dialogo da *Prostituta errante*, onde tracta *di diverse congiungimente*.

Depois do Aretino, houve quem completasse a sua obra com a addicção de uma trigessima sexta e ultima figura, e a collecção assim augmentada era vulgarmente conhecida debaixo do titulo de *Trinta e seis maneiras do Aretino*.

É para extranhar que esta collecção, apesar de não ser rara no tempo de Brantôme, visto que um livreiro de Paris vendeu mais de cem exemplares n'um anno, desapparecesse completamente. A nosso vêr, a causa da desapparição total dos exemplares que no seculo XVI circulavam em França e na Italia é a seguinte: Quando um homem estava em perigo de vida, o sacerdote que lhe assistia aos ultimos momentos, em virtude dos seus poderes ecclesiasticos exigia ao moribundo que lhe entregasse todos os livros impios, hereticos ou obscenos que tivesse. Estes livros eram queimados no mesmo acto, ou o sacerdote os levava para os destruir.

Comprehende-se que, mesmo no caso do sacerdote os ter conservado, não deviam sobreviver-lhe. Esta guerra feita aos livros prohibidos foi determinada pelo clero catholico desde a origem da reforma, que atacava sobre tudo por meio de livros a missa e o papa, e foi como que um *mot d'ordre* em todo o catholicismo, passado com o maximo sigillo, e religiosamente observado até nossos dias pelos confessores *in extremis*. D'aqui resultou que os escriptos heterodoxos de Calvino, entre outros, a sua instituição da religião christã, vieram a ser tão raros como as escandalosas figuras do Aretino.

Brantôme faz uma dissertação theologica sobre o assumpto d'estas figuras, que elle conhecia perfeitamente, e prova que o franciscano bretão João

Benedicti, que escrevia por aquelle tempo o seu livro dogmatico e confessional, as conhecia igualmente. E' sabido que este livro traduzido e impresso em francez, em Lyon, no anno de 1501, sob o titulo de *Summa e remedio dos peccados,* não é menos sordido que a celebre collecção, a que parece passar revista no capitulo da luxuria.

No dizer de Brantôme, o franciscano Benedicti «escreveu muito bem sobre todos os peccados, demonstrando que muito havia lido e visto». O abbade não se mostra mais escandalisado com esta *Summa* libidinosa, do que com a collecção do Aretino.

«Todas estas maneiras e posições, diz elle, são odiosas a Deus, por isso que S. Jeronymo diz: Quem se mostra desordenadamente amante de sua mulher, é mais adultero do que marido, e pecca. E, visto que alguns doutores da Egreja teem fallado a este respeito, direi em latim o que elles consideram excesso no matrimonio: *Excessus conjugum fit, quando uxor cognoscitur ante retro, stando a latere et mulier super virum.*»

O tractado de Benedicti, na épocha em que appareceu, tinha por fim elucidar os jovens confessores sobre certos peccados que eram novos no antigo tractado dos casos de consciencia, e que se accusavam quotidianamente no confessionario.

A auctoridade civil fechava os olhos a respeito das obscenidades plasticas, que podiam executar-se impunemente, pôr-se á venda, adquirir-se e exhibir-se á vista de todos. Não nos consta que se castigasse em França no seculo XVI nenhum pintor ou gravador de assumptos eroticos, ao passo que Sixto V mandava enforcar, segundo diz Brantôme, o secretario do cardeal de Este, chamado Capella, que havia representado ao vivo e pintado ao natural os amores de um grande fidalgo com uma bella dama romana.

Os pintores obscenos corriam menos risco em França. Brantôme cita um d'elles, sem nomear, que fez muito mais do que Capella, no tempo de Henrique III:

«Um fidalgo em quem me fallaram e que eu conheci, offereceu um dia á sua amante um livro de pinturas em que havia trinta e duas damas das mais elevadas da côrte, pintadas ao natural, deitadas e divertindo-se com os seus amantes, pintados do mesmo modo. Havia algumas que se divertiam com dois ou tres amantes, e outras mais ainda. Estas trinta e duas damas representavam uma multidão de figuras das do Aretino, todas diversas. Os personagens estavam tão bellamente representados, que só lhes faltava fallar. Mulheres núas, outras com a mesma roupa, que ordinariamente usavam, e os homens do mesmo modo. O livro era tão bem pintado, e feito com tanta perfeição, que não havia nada a dizer, e havia custado oitocentos a novecentos escudos.»

Brantôme afffirma que os obscenos desenhos d'este livro produziam effeitos perigosissimos nas mulheres que achavam prazer em vêl-os. De uma, conta elle que foi tal o ardor do desejo que se apoderou dos seus sentidos, que ao vêr a quarta folha cahiu por terra sem conhecimento. Queremos crêr que foi a vergonha e não outra causa qualquer que produziu este desmaio!

N'outro logar das *Dames galantes* falla ainda Brantôme d'estas pinturas lubricas, que começaram a entrar em voga no reinado de Francisco I.

«Taes pinturas e quadros, diz o abbade com maior tino e decencia do que habitualmente manifesta, prejudicam um espirito fragil mais do que se pensa.»

O conde de Chateauvillain tinha na sua galeria entre muitos outros quadros bellissimos «uma d'estas pinturas libidinosas, onde estavam representadas muitas e bellas damas nuas, n'um banho, em posições indecentissimas, capazes de fazerem morrer de desejos o mais austero e frio eremita.» Uma dama da côrte, que foi vêr esta curiosa galeria, disse ao seu amante:

— Vamo-nos embora d'aqui, e para casa sem perda de tempo. Não posso resistir ao ardor que me devora, e quero extinguil-o immediatamente.

Os maridos eram os principaes culpados da prostituição de suas mulheres, por isso que de tudo lançavam mão para as corromper.

«Alguns fazem mais indecencias com suas mulheres, que os frequentadores de bordeis com as prostitutas.»

Não se envergonhavam effectivamente de introduzir em suas casas taes estampas e livros obscenos, que faziam da esposa mais pura a cortezã mais impudica e descarada, offerecendo ao adulterio os mais energicos incentivos.

«Hoje, dizia Brantôme nos ultimos tempos de Henrique III, não ha necessidade d'esses livros e pinturas. Demasiado ensinam os maridos as immoralidades, e lá se vê para que servem essas licções que elles dão!»

Havia maridos que eram os proprios a dar a suas mulheres o livro do Aretino com illustrações, em guisa de livro de missa. Brantôme cita uma bella e honrada dama que o tinha no seu quarto. Um fidalgo que estava namorado d'ella, logo que soube esta circumstancia, jurou que havia de conseguir os seus desejos, e «conseguiu-os, conhecendo que a dama havia aprendido boas licções e praticas amorosas.»

Um fidalgo da côrte namorou-se um dia de uma das raras damas d'esse tempo, que faziam gala de se mostrar austeras, no meio d'aquella enorme corrupção.

A dama resistia a todas as supplicas, e mostrava pelo seu adorador o mais soberano desdem.

O apaixonado sentia redobrar a intensidade do seu amor, ou do seu capricho, com a frieza que lhe manifestavam, e resolveu recorrer a todos os extremos.

Chegou a comprar toda a criadagem, e a introduzir-se de noite no quarto da dama, que ao dar pelo estratagema, repelliu energicamente o atrevido, obrigando-o a ir para a rua sem conseguir os seus intentos.

Cada vez mais acirrado pela resistencia que a fortaleza lhe offerecia, o nosso fidalgo resolveu recorrer a novos materiaes de guerra.

O livro do Aretino tinha fama de ser um talisman infallivel.

Quantos milagres d'esta especie não havia conseguido já a musa obscena do ousado e impudico poeta italiano! Que fastos nos annaes da corrupção não tinha a registrar n'essa épocha o lapis erotico de Julio Romano?

O fidalgo conseguiu que o livro obsceno fosse collocado por mão amiga no quarto da sua deusa.

O resultado não se fez esperar. Surprehendida novamente pelo seu adorador, uma noite em que se entregava, toda tremula de desejo, á leitura excitante do Aretino, a dama achou-se nos braços do audacioso amante, sem que d'esta vez o seu rude pudor lograsse cantar victoria.

O livro d'onde extrahimos esta veridica historia refere centenares d'ellas do mesmo genero.

Os manes do Aretino deviam estremecer de horror, se podessem apreciar os funestos resultados da sua obra impudica!

Que mais poderia accrescentar-se para dar a conhecer a espantosa libertinagem de uma épocha, em que até o proprio leito conjugal não se envolvia no veu do pudor?

Não obstante esta immoralidade atroz e deploravel, houve mesmo n'aquella épocha homens escrupulosos, pertencentes, devemos dizel-o, ás classes medias, que mutilavam nos livros as passagens obscenas, arrancavam as gravuras, ou cobriam de tinta as figuras núas. D'aqui a grande porção de volumes incompletos ou mutilados, provas irrefragaveis da castidade e da virtuosa censura, exercida pelos seus antigos leitores ou proprietarios.

CAPITULO XXXIII

SUMMARIO

A prostituição applicada á politica por Catharina de Medicis.— Retratos das damas de honor por Brantôme. — A bella Limeuil. — Depravação das damas e das suas criadas de quarto. — Digressão acerca dos cintos de castidade. — Sua origem. — Sua apparição na feira de Saint-Germain. — Corrupção da côrte favorecida por Catharina de Medicis. — Carlos IX e Maria Touchet. — Os inventos da rainha Margot. — A casa da Saint-Barthelémy. — O grande cardeal de Lorena e a rainha-mãe. — O banquete de Chenonceaux. — As bodas do ourives Marcello. — A linguagem lubrica.— As poesias do capitão Lasphrise.



REINADO de Catharina de Medicis, quer dizer dos seus tres filhos Francisco II, Carlos IX e Henrique III, que foram successivamente reis sob a sua tutella e regencia, — um longo e escandaloso reinado, cheio de guerras civis, de perturbações religiosas e de horriveis morticinios, offerece-nos uma nova phase na historia da prostituição. Catharina de Medicis lembrou-se de applicar a prostituição á politica, transformando-a em arma para vencer os seus inimigos, em narcotico para os adormecer, em grilhão dourado para os algemar, e em veneno para os destruir. Nunca talvez a immoralidade recorresse a similhantes refinamentos; nunca a arte de governar empregára meios tão vergonhosos. O proprio Machiavello envergonhar-se-hia de transformar em systema permanente o que não havia sido até essa épocha senão um caso especial da politica.

As mulheres exerciam, é certo, em determinadas circumstancias uma notavel influencia nos negocios publicos; em todas as épochas o seu encanto e seducção haviam feito numerosas victimas; comtudo estava reservado a Catharina de Medicis exercer pela primeira vez, pelo menos em França, uma especie de lenocinio politico, tendo a seu lado damas de honor amestradas, que deviam ser, quando chegasse a occasião, os impuros instrumentos dos seus planos politicos.

A corrupção geral da côrte n'aquella épocha é um facto que não carece de demonstração. Esta corrupção para a qual Catharina não havia pessoalmente concorrido não foi, como diz Bayle (*Oeuvres*, t. II, p. 17), um effeito da politica d'esta rainha, por isso que seu marido Henrique II nada lhe deixou por fazer n'este assumpto; o que ella fez foi aproveitar-se d'ella em proveito do seu machiavellico governo.

«Antes d'este reinado, diz Mezeray, no seu *Compendio chronologico da*

Historia de França, eram os homens que com o seu exemplo e com as suas seducções attrahiam as mulheres á galanteria. Desde, porém, que os amores sensuaes começaram a tomar parte nas intrigas e mysterios do estado, eram as mulheres que procuravam os homens.»

Foi esta a estrategia galante que Catharina de Medicis ensinou muito habilmente ás damas da côrte, que formavam um bando, chamado n'esse tempo o *esquadrão volante da rainha.*

Catharina, em vida de seu marido, havia-se instruido n'esta tactica de novo genero, quando, não tendo ainda filhos e receiando ser repudiada, «teve de ganhar a amizade e as boas graças da bella Diana de Poitiers, a fim de que ella a conservasse nas graças de seu senhor, o delphim seu esposo, e não se envergonhou de se transformar em alcoviteira para lograr os seus desejos.» (*Discurso maravilhoso da vida, feitos e loucuras de Catharina de Médicis,* por H. Estienne.)

Faltam-nos dados precisos a respeito do famoso esquadrão volante da rainha, que só conhecemos por algumas das suas proezas. Todos os historiadores, porém, são unanimes em affirmarem a sua existencia ou a sua organisação erotica, e Brantôme, muito mais discreto do que o seu costume, a respeito d'este delicado assumpto, diz o bastante para nos fazer apreciar todos os serviços que as damas de honor da rainha mãe podiam prestar á sua politica.

«Um famoso prelado da nossa côrte assegura-nos, diz Sauval, que Catharina de Medicis tinha um serralho de damas *coquettes,* que trazia sempre comsigo como instrumentos para arrancar dos corações dos principes e dos senhores do reino os seus mais secretos pensamentos. Estas damas souberam tão bem corromper os chefes dos partidos em 1579 e sobre tudo Henrique IV, que uma das guerras civis d'essa épocha se chamou a guerra dos namorados.»

O tal famoso prelado citado por Sauval é Brantôme, que por certo havia historiado as proezas do esquadrão volante em memorias que não possuimos já. As que chegaram ao nosso conhecimento contêem por certo muitas anecdotas relativas ás damas inscriptas por Catharina n'esta milicia amorosa, mas Brantôme exime-se a declarar o nome das heroinas por elle apresentadas nas suas *Dames galantes.*

«Fallo d'algumas, diz elle, e espero apresentar contos alegres n'este livro, mas modestamente, sem escandalo, apresentando tudo envolvido no véu do silencio dos nomes, e assim, se algumas se virem nomeadas n'estes contos, não terão de que envergonhar-se, pelo contrario. Se o prazer amoroso não póde durar sempre, por muitos incommodos, impedimentos e mudanças, pelo menos a recordação do passado trará ainda alguns momentos de alegria.»

Apesar d'isto, Brantôme não omittiu nas suas *Dames galantes* a lista das damas de honor que davam tanto lustre á côrte da rainha-mãe. Em seguida, dirige-lhes elogios capazes de envergonhar as que houvessem ainda conservado um resto de pudor.

«Toda esta esplendida companhia que acabo de nomear, diz elle, tinha uma invejavel belleza, magestade, gentileza e graças. Ditoso aquelle que podia ser ferido pelo seu amor: mais ditoso ainda o que podia escapar ao seu dominio.





Catharina de Medicis *(d'um retrato da epocha)*

Dianna de Poitier *(retrato que esteve na exposição universal de Paris)*
(ignora-se o auctor)

Juro-vos que nenhuma das que nomeei era feia. Todas ellas eram bellas, agradaveis e distinctas, capazes de incendiarem com os olhares o mundo inteiro. Assim, emquanto estiveram na edade juvenil abrazaram os corações de muitos dos nossos fidalgos da côrte, que se approximaram do fogo do seu olhar.»

Brantôme teve o cuidado de explicar em que consistia a cortezia e a amabilidade d'estas damas:

«Na minha opinião, diz elle, o melhor tempo que ellas passam é o de solteiras, porque podem ser á sua vontade religiosas de Venus e de Diana, tendo sempre toda a prudencia e habilidade para evitarem as inchações do ventre.»

Era isto o que a rainha especialmente lhes exigia, e sem duvida aquella prudente e experimentada italiana havia-lhes ensinado remedios para evitarem estes precalços do officio. Qnando tal desgraça succedia, era implacavel para com as suas alumnas. Foi por isso que expulsou da côrte Mademoiselle de Limeuil, a mais bella das suas damas de honor, «apesar de não haver omittido cousa alguma para servir a sua ama com boa vontade e zelo», diz Mezeray. Esta pobre rapariga, depois de haver seduzido o principe de Condé, chefe do partido protestante, «teve a infelicidade de se achar indisposta nove mezes», accrescenta o grave Mezeray, e por isso foi logo demittida do serviço da rainha mãe.

Á respeito d'esta aventura, fez-se uma composição latina, que começa assim:

Puella ista nobilis,
Quæ erat amabilis,
Commisit adulterium
Et nuper fecit filium;
Sed dicunt matrem reginam
Illi fuisse Lucinam,
Et quo hoc patiebatur
Ut principem lucraretur.
Multi dicunt quod pater
Non est princeps, sed est alter...

O *Discurso maravilhoso da vida de Catharina* refere que «estando o principe de Condé preso na côrte de França no anno de 1561, Mademoiselle de Limeuil foi uma das damas de honor enviada pela rainha ao principe para o seduzir, por isso que a ambição julga tudo louvavel, quando trata de conseguir os seus fins.»

Por isso quando a rainha quiz censurar á Limeuil a sua desgraça, esta teve a audacia de responder «que havia seguido as suas prescripções e obedecido á lettra ás suas ordens.»

Mademoiselle de Rouet, companheira e amiga da Limeuil, desempenhou melhor o seu papel, quando a rainha lhe deu o encargo de se apoderar do rei de Navarra, e arrastal-o aos prazeres da côrte, segundo declara Henrique Estienne. Era uma especie de pesca á rede, dirigida por Catharina de Medicis nos mares da politica, como diz d'Aubigné, na *Confissão de Sancy:*

«Quando as aguas não estavam turvas, pescava-se com a maxima tranquillidade, economisando-se a coca levantina, ministrada pelos droguistas italianos. Assim foram pescados os mais incommodos, taes como os marechaes Montmorency e Casé. Depois passou-se aos mais gordos, cahindo Antonio de Bourbon, rei de Navarra no anzol da Rouet, e Luiz de Bourbon no da Limeuil, mas este ultimo logrou salvar-se a tempo. Alguns peixes perdem-se na esteira dos delphins, taes como são os barbos, os sargos e outros peixes miudos.»

E' facil de calcular que no meio d'esta companhia de damas de honor, que viviam juntas na côrte em numero de duzentas ou trezentas, a depravação dos costumes não tardou em produzir os mais escandalosos excessos, que não eram um segredo para ninguem, e Brantôme lá os aponta nas suas *Dames galantes*.

Sauval procura referir o mais decentemente possivel as torpezas que o historiographo Brantôme se compraz em descrever minuciosamente com o seu cynismo habitual:

«Assim como os homens havia achado meio de passar sem mulheres, diz elle, assim tambem as mulheres tractaram de passar sem homens. Uma grande princeza amava apaixonadamente uma das suas damas, que era hermaphrodita. Paris e a côrte estavam cheias de mulheres lesbias, tanto mais queridas de seus maridos, quanto era certo que elles não tinham motivos de ciume. Umas tinham raparigas adestradas, outras acirravam os desejos com os seus adoradores sem nada lhes concederem, para d'ahi a pouco se embrutecerem com as suas companheiras. Esta bella vida era tanto do gosto de algumas que não quizeram cazar, nem permittiram que as suas amigas cazassem.» (*Amours des rois de France*, edic. de 1739, p. 115.)

Brantôme diz que as doninhas eram entre os antigos o symbolo dos *amores femininos*, amores que se faziam por dois processos—*fricatrix*, e *geminos committere cunnos*. Esta segunda maneira não causa damno, segundo alguns, quando para isso se empregam instrumentos apropriados chamados *godemichys*, palavra que se fórma de duas latinas: *gaude mihi*.

Depois de alardear a sua erudição classica a respeito de um assumpto que não era então menos commum do que na antiguidade grega e romana, Brantôme pergunta «se duas damas namoradas uma da outra, como é tão frequente hoje em dia, deitadas na mesma cama e fazendo o que os italianos chamam *donna com donna*, á imitação da illustre Sapho, pódem commetter adulterio e enfeitar a fronte de seus maridos.»

O abbade opina que não:

«O caso é intrincado, diz elle, mas eu sustento que onde não ha homem não póde haver adulterio.»

«Desculpa dão alguns a estas mulheres, continúa elle, que sendo solteiras ou viuvas, procuram similhantes prazeres frivolos e vãos, preferindo dar-se a elles para extinguirem as suas paixoes, a entregarem-se aos homens, e exporem-se á prenhez e á deshonra, se não destroem o fructo como teem feito e fazem muitas. Affirma-se que estas lesbias não offendem tanto a Deus nem são tão pécoras, como os homens.»

Brantôme, n'este espirituoso capitulo, que teria podido desenvolver muito mais, não cita o nome de nenhuma das damas que se davam a estes infames exercicios, mas dá a entender que as damas de honor da rainha não se corrompiam mutuamente. Relativamente ao senhor de Clermont-Tallard, diz que este fidalgo, que ao tempo fazia os seus estudos em companhia do duque de Anjou, ao depois Henrique III, viu um dia pela fechadura da porta duas damas de elevada jerarchia, entregues a esse obsceno passsatempo.

E o abbade, depois de ter dado os pormenores d'esta scena escandalosa, accrescenta:

«Conheci muitas senhoras inclinadas a estes amores, entre as quaes ouvi fallar de uma, que era famosa n'esta especialidade, e que amava varias damas, as honrava e servia mais do que os homens, e lhes fazia amor, exactamente como um homem á sua amada. Se as tomava por sua conta, dava-lhes tudo quanto ellas exigiam. Seu marido estava muito satisfeito, assim como outros maridos que folgavam sempre, que suas mulheres se davam a estes exercicios e não aos dos homens, julgando que d'este modo não eram tão doidas nem tão pécoras. Eu creio que se enganam muito estes senhores, porque esse pequeno exercicio das damas é apenas uma especie de tirocinio, que as prepara para o grande exercicio dos homens.»

E' para extranhar que no meio d'aquelles impudicos extravios, que excediam todos os limites da moral e da religião, os maridos se preoccupassem ainda com a honra conjugal. E' todavia certo que aquelles maridos, que haviam passado uma juventude dissoluta, conspirando a cada passo contra a virtude das mulheres, fossem em geral intransigentes, quando se tractava do seu lar domestico, e timbrassem em defender de portas a dentro o que tantas vezes haviam atacado nos lares dos outros. D'aqui esses terriveis ciumes e essas ferozes represalias que apenas serviam para aguçar a audacia e a astucia das mulheres.

Brantôme, no primeiro discurso das suas *Dames galantes*, intitulado *Do amor de muitas damas casadas, que não são tão dignas de censura como parece*, pretendeu escrever os annaes dos maridos burlados, dos coitadinhos celebres do seculo XVI, e temos de reconhecer que, apesar da depravação universal, o pundunor do matrimonio era mais sagrado do que em épochas menos dissolutas.

Os maridos eram ciosos da honra conjugal na proporção dos motivos que tinham para o ser, e não tinham compaixão para com as suas perfidas esposas. E' isto o que explica a introducção dos cintos de castidade em França no reinado de Henrique III, de certo por conselho de alguns italianos da côrte, que sabiam d'este meio empregado no seu paiz para ter debaixo de chave, como se fosse um thesouro, a virtude das mulheres.

Nada mais escandaloso do que o emprego d'esta medida de segurança, adoptada em Veneza havia muitos seculos, e que alli fôra importada do Oriente. E' provavel que as cruzadas importassem tambem em França este uso odioso, que não podia conciliar-se com o respeito que nossos maiores tinham pelas damas. Os cintos de castidade datavam da mais remota antiguidade e perpetua-

ram-se naturalmente entre os povos cuja religião preceituava a escravidão da mulher.

Mas uma nação tão nobre como a franceza, diz o conde de Laborde, repelliu com desprezo este vergonhoso instrumento da tyrannia e da escravidão. No emtanto, parece que o cinto de castidade se conservou por excepção nos costumes da cavallaria mais refinada. Se o marido o não punha a sua mulher, a mãe a sua filha, ou o irmão a sua irmã, a amante adoptava-o espontaneamente como um symbolo de fidelidade, e offerecia a chave d'elle ao seu namorado. Era uma d'aquellas provas mais delicadas dadas entre dois amantes para affirmarem a constancia e a firmeza do seu amor.

D'este modo o cinto de castidade, em vez de um ultraje ou de uma vergonha, veio a ser uma delicada prova de amor e abnegação. Tal é, a nosso vêr, a explicação mais natural que póde dar-se de muitas passagens das poesias e cartas de Guilherme de Machaut, relativas ao thesouro cuja chave lhe havia remettido a sua amada Ignez de Navarra.

O conde de Laborde, citando essas curiosas passagens, não é de opinião que esse thesouro signifique um cinto de castidade. Não obstante, vamos vêr de que termos se serve aquelle poeta do seculo xv, para dizer que tinha em seu poder a chave do thesouro de Ignez:

«Então a bella abraçou-me, e n'essa occasião collocou-me ao pescoço uma chavesinha de ouro, feita por mão de mestre, e disse: Amigo, trarás sempre comtigo esta chave, e guardal-a-has bem, porque é a chave do meu thesouro. Faço-te senhor d'elle, e sel-o-has sempre, aconteça o que acontecer. Esse thesouro amo-o mais do que as meninas dos meus olhos, porque é a minha felicidade, a minha riqueza, tudo aquillo de que eu posso dispôr.»

Ignez de Navarra, escrevendo a Guilherme de Machaut, faz-lhe recommendações, que não têem sentido, se o thesouro confiado á sua guarda não é o que nós suppomos.

«Não percas, meu amigo, a chave do cofre, porque se a perdesses, nunca eu teria alegria. Esse cofre, por Deus o juro, nunca será aberto com outra chave, senão com a que tens em teu poder, e abril-o-has quando quizeres, pois não tenho no mundo outro desejo senão esse.»

Esta passagem e outras simillhantes, igualmente explicitas, não impedem o conde de Laborde de negar a authenticidade dos cintos de castidade, que se encontram em certos gabinetes de curiosos.

«N'estas especies de particularidades, diz por uma distracção demasiado evidente para que a lancemos á conta de falta de erudicção, só se é forte, quando se tem a penna de Brantôme.»

«No tempo de Henrique III, refere Brantôme, houve certo negociante de quinquilherias que apresentou uma duzia de cintos ou cadeados de ferro, destinados defender a castidade das mulheres. Eram muito bem feitos, e preparados com tal artificio, que uma vez cingida com um d'elles, a mulher não podia entregar-se ao doce prazer da copula, porque não tinha senão um pequeno orificio por onde sahiam as urinas.»

A descripção d'estes cintos é tão exacta, que bem se vê que o auctor

conhecia o original, e além d'isso Brantôme não se mostra admirado, dando a entender que isto não era novidade para elle.

Accrescenta ainda que muitos fidalgos da côrte ameaçaram de morte o referido quinquilheiro, se continuasse a fabricar e a pôr á venda aquelles cadeados, e obrigaram-no a destruir todos os que ainda tinha. Tanto elles consideravam prejudiciaes aos seus amores aquelles artificios!

Contava-se por essa épocha uma anecdota curiosa. Uma mulher prostituiu-se a um serralheiro para obter uma segunda chave para o cinto, que seu marido julgava que mais ninguem podesse abrir, mas esta anecdota é provavelmente um d'aquelles contos jocosos, que a apparição dos cintos de castidade fez correr por toda a côrte.

Ainda assim, embora o quinquilheiro da feira de Saint-Germain fizesse o sacrificio de alguns d'estes cintos, o modello não se perdeu, e continuaram a fabricar-se secretamente para uso de certos maridos ciumentos, que não se envergonhavam de proceder para com suas mulheres como os mercadores de escravos na Turquia.

O ridiculo, porém, não tardou a declarar guerra a esta invenção deshonesta, e só um pequeno numero de ciumentos ousaram recorrer aos cintos de castidade, que a lei franceza considerava como uma sevicia ou mau tractamento do marido a sua mulher.

Apesar de tudo, encontram-se ainda exemplos d'esta extravagante e indecorosa precaução até meiados do seculo XVIII, por isso que o advogado Freydier defendeu no parlamento uma mulher casada, que accusava seu marido de a haver submettido a este indigno tratamento (*Plaidoyer contre l'introduction des cadenas, ou ceintures de chasteté.* Montpellier 1750, in-8.º, com uma figura representando o cinto.)

Era preciso realmente que os costumes italianos estivessem muito arreigados em França para que se ousasse pôr publicamente á venda similhantes objectos, e para que houvesse tambem quem os comprasse e os applicasse ao uso para que tinham sido inventados. N'um dos capitulos seguintes, veremos de que modo a influencia italiana tinha prevertido os costumes dos homens na côrte dos Valois, mas, por honra da França, diremos tambem que taes torpezas não sahiram por assim dizer dos limites da côrte, e foram geralmente repellidas e condemnadas pela galanteria franceza.

Só a côrte era n'aquella épocha o theatro e o receptaculo de todos os vicios. Catharina de Medicis julgára que esta corrupção desenfreada servia os interesses da sua politica, effeminando os caracteres mais fortes e corrompendo os mais nobres corações. No emtanto, a rainha deu assim aos inimigos do governo e do catholicismo uma força immensa e uma arma terrivel, porque a reforma desfraldando o estandarte da revolução contra a monarchia e o papado, poude dizer ao povo com razão que o fim d'aquella guerra santa era destruir Sodoma e Gomorrha.

O povo aprendeu d'este modo a desprezar e a odiar os grandes, prestou fé a todos os rumores verdadeiros ou falsos, que sahiam da côrte, deixou de ser indifferente á vida privada dos principes e cortezãos, julgou ter o direito

de a accusar perante os tribunaes e pronunciou a sentença de Henrique III, quando a Liga o fez tomar as armas, sob o pretexto de defender os costumes e a religião dos seus maiores.

Póde, portanto, dizer-se que se Catharina de Medicis recorreu á prostituição para governar, a prostituição, deshonrando o rei e a côrte, produziu a grande sublevação popular da Liga.

Não devemos acreditar, ainda assim, todas as abominações que os escriptores reformados imputaram á sua implacavel inimiga Catharina de Medicis. Assim, temos como inverosimil a ideia de que esta rainha tivesse corrompido com intenção politica os costumes de seus quatro filhos e tres filhas; ainda que ambiciosa, Catharina era mãe terna e cheia de sollicitude por seus filhos. Na sua correspondencia, vê-se que a sua ideia dominante era a consolidação do poder real na dynastia dos Valois. Se reinou sempre em nome de seus filhos, foi por se sentir mais capaz do que elles de dirigir os negocios e de sustentar o throno, onde todos elles successivamente se sentaram. Sentia um pesar profundo por vêr que nenhum dos seus quatro filhos, que pareciam prometter uma numerosa descendencia, podéra continuar a posteridade de Henrique II. É pouco provavel, portanto, que a propria rainha pretendesse esgotar de caso pensado as fontes hereditarias da sua familia.

Disse-se tambem n'algnns libellos infames que a rainha não esperava pela adolescencia de seus filhos para os impellir á mais repugnante prostituição. Segundo estes pamphletarios anonymos, a rainha alterara profundamente com espantosos excessos a saude dos desgraçados reis Francisco II, Carlos IX e Henrique III, os quaes, em consequencia de prematuros abusos das suas forças physicas não foram capazes de ter um herdeiro.

Carlos IX encarregou-se de desmentir esta calumnia, porque teve uma filha legitima, morta em tenra edade, e dois filhos naturaes. O que deve, porém, ter-se por averiguado é que estes tres reis não haveriam deixado extinguir a linha dos Valois, se a libertinagem os não houvesse privado da faculdade de se reproduzirem.

Quanto á affirmativa de que a rainha Catharina tivesse relações incestuosas com seu filho Henrique, a quem effectivamente amava mais do que aos outros, é essa uma das infamias que a historia não deve ir buscar ao lodo das guerras civis, em que cada partido procura deshonrar o outro nas pessoas dos seus chefes. Catharina foi sem duvida demasiado indulgente a respeito da moralidade de seus filhos, e esse foi a nosso vêr o seu erro mais imperdoavel.

Francisco II, que morreu tão joven, e que era de constituição extremamente debil «não era tão inclinado ao amor como os seus predecessores, diz Brantôme, no que commetteu um grande erro, porque teve por esposa a mais bella mulher do mundo, e a mais amavel de todas (Maria Stuart.) Apesar d'isso accrescenta o chronista, vi-o peccar muitas vezes.»

Carlos IX, que lhe succedeu, pouco se importava com o bello sexo, na sua juventude, preferindo a caça e os exercicios gymnasticos. Apezar d'isso, respondeu a uma grande dama que mettia a ridiculo a sua frieza:

Julgaes então que me apraz mais o exercicio da caça do que o vosso...

Por Deus, que se algum dia me resolvo, atiro-me a todas as damas da côrte e haveis de cahir commigo umas atraz das outras!...

Brantôme, referindo esta tirada do rei, accrescenta apenas:

«O que el-rei não fez, apezar d'isso, com todas, e só com algumas, mais por vaidade do que por lascivia, e ainda assim mui sobriamente, e escolheu para concubina uma donzella de boa casa, á qual não nomearei. Essa dama era muito bella, prudente e honesta, e recebeu d'el-rei todas as honras e respeitos possiveis.»

Esta concubina foi Maria Touchet, filha de um perfumista ou notario d'Orleans, e el-rei amou-a sempre, mas secretamente, porque a rainha mãe, muito complacente para com amores passageiros, via com desagrado seu filho seriamente ligado a uma mulher que lhe dava bastardos. Catharina de Medicis tão contraria se mostrou a este concubinato, que Carlos IX ao morrer não teve coragem para lhe recommendar Maria Touchet.

E foram estas relações amorosas a causa da morte do rei, se havemos de dar credito á chronica escandalosa da côrte, que popularisou este epitaphio d'el-rei:

Pour aimer trop Diane et Cytherée aussi,
L'une et l'autre m'ont mis en ce tombeau icy.

Brantôme mostra algumas duvidas a respeito dos boatos que correram então.

«Alguns disseram que durante a sua doença fugira para junto da *rainha sua esposa*, e que tanto se excedera com ella, que abreviara seus dias, o que deu occasião a dizer-se que Venus o fizera morrer com Diana.»

Apresentamos em italico as palavras que o primeiro editor de Brantôme houve por bem introduzir no texto original, em substituição das iniciaes que alli havia.

«Brantôme, diz Sauval, que tinha á vista um manuscripto d'aquelle desbocado historiador, refere o boato profusamente espalhado por esse tempo, de que el-rei durante a sua enfermidade fugira do leito e se fôra metter no da rainha Margarida, ainda que confessa não se fallar na côrte n'estes amores; mas, no emtanto, a voz mais geral era que este caso se dera com L. R. M. (a rainha Margarida), e d'este modo devemos restituir a passagem de Brantôme, porque em summa el-rei e sua irmã amavam-se mais do que fraternalmente, o que elles nem mesmo dissimulavam.»

O incesto de Margarida de Valois com seu irmão Carlos IX é um facto averiguado, posto que Brantôme não alluda a elle senão n'esta passagem, em que o nome de Margarida é occulto por iniciaes que podiam ser interpretadas de diversos modos. Não devemos esquecer, porém, que o jovialissimo abbade era o favorito e o secretario de Margarida, e d'aqui as attenções e delicadezas que devia ter para com esta princeza.

O auctor do *Divorcio satyrico*, escripto sob a inspiração de um rei encolerisado, não tinha de guardar as mesmas conveniencias; no emtanto evita

fazer recahir nos reis de França a vergonha que lança sobre a irmã dos monarchas, e deixa na obscuridade estes incestos, que ainda assim não póde negar:

«Depois d'isto, diz elle, accrescentou ás suas conquistas immundas o amor de seus jovens irmãos, um dos quaes, Francisco (duque d'Alençon) continuou toda a sua vida estas relações incestuosas; e Henrique (Henrique III) tanto se aborreceu d'ella, que nunca mais a poude amar, vendo que os annos, em vez de apagar-lhe os desejos, mais lhe augmentavam os ardores.»

Os amores de Carlos IX com sua irmã, a quem chamava Margot, teriam causado maior escandalo n'uma côrte menos corrompida. N'aquella épocha este facto deploravel apenas deu assumpto a alguns versos e canções.

E' de presumir que o incesto não fosse para estes irmãos mais do que uma distracção passageira, e que em breve voltaram ás suas paixões favoritas: Carlos á caça e Margot aos galanteios.

Carlos IX conhecia demasiado Margot, para não fazer d'ella a mesma ideia que faz o auctor do *Divorcio satyrico*:

«Tudo serve áquella sensualidade insaciavel, e não a contém nem a edade, nem a grandeza, nem o nascimento, quando tracta de satisfazer os seus appetites. Desde a edade de onze annos até agora, nunca se recusou a ninguem.»

Assim se explica o sentido d'estas palavras d'el-rei, que alguem repetiu a proposito do casamento de Henrique de Navarra com esta princeza:

«Não só dou a meu primo, el-rei de Navarra, minha irmã Margarida, mas a todos os huguenotes da França.»

Este casamento occultava uma traição horrivel. Os chefes protestantes, que tinham vindo a Paris para assistirem a elle e assignarem a paz, foram quasi todos envolvidos na mortandade da *Saint-Barthélémy*. No dia que succedeu áquella noite sangrenta, Carlos IX dizia rindo aos seus dignatarios:

— *Teh! que c'est un gentil c... que celui de ma grosse Margot!*

Uma cousa verdadeiramente singular. A rainha mãe, que havia fomentado por politica esta escandalosa licença, parece que não se contaminou no lodo da prostituição em que toda a côrte chafurdava. Agripa d'Aubigné e outros escriptores huguenotes dizem, segundo observa Sauval, que «a rainha amava o mais illustre prelado do seu tempo e outros senhores da côrte.» Não podemos, porém, admittir esta supposição como um facto averiguado, porque não encontramos em Brantôme uma só palavra que alluda aos galanteios da rainha mãe. Henrique Estienne diz apenas no *Discurso maravilhoso* que Catharina, desde a mais tenra edade, havia dado signaes evidentes de um genio ambicioso e propenso a satisfazer as suas *voluptés*. Parece-nos, porém, que esta palavra deve corrigir-se no texto por *volontés, vontades*, e que revela tão sómente um erro de composição.

Quanto ao cardeal de Lorena, que no dizer de Estienne tinha sempre na bocca palavras torpissimas, e que, segundo Brantôme, era «o mais enamorado do reino,» foi cumplice dos actos politicos da rainha mãe. Se teve, porém, a boa fortuna de a tornar infiel á memoria de seu real esposo, guardou sempre mui discretamente este segredo de estado.

Brantôme refere que este opulento prelado, tendo ido á côrte do Piemonte, abraçára duas ou tres vezes á força a duqueza de Saboya (a infanta D. Beatriz de Portugal), que havia recusado conceder-lhe o beijo da etiqueta.

—Como! dissera-lhe o cardeal, é para mim que vossa alteza guarda esses melindres! Eu beijo a rainha minha senhora, que é a mais excelsa rainha do mundo, e não hei de beijar vossa alteza, que não passa de uma simples duqueza! Deveis saber, senhora, que tenho dormido com damas tão bellas e tão illustres ou mais que vossa alteza!...

E Brantôme accrescenta discretamente:

—Talvez o cardeal dissesse a verdade.

E' licito suppôr que o prelado, que esteve a ponto de descobrir o seu segredo, se gloriasse dos favores que a rainha mãe lhe havia concedido.

Seja como fôr, o que é certo é que a rainha mãe não era muito sevéra em questões de moralidade ou de pudor, o que podemos avaliar pelo banquete que deu a el-rei em 1577, no jardim do castello de Chenonceaux:

«As mais bellas e honestas damas da côrte, diz o diario de L'Estoile, semi-núas e com o cabello fluctuante, como desposadas, foram empregadas no serviço.»

O chronista não assistiu infelizmente, e não poude por isso dizer-nos quaes foram as consequencias do banquete. As festas d'este genero, porém, acabavam ordinariamente com excessos preparados e favorecidos pelas repetidas libações.

No casamento do ourives Claudio Marcel com a filha do senhor de Vicourt, as bodas foram celebradas no palacio de Guise, sendo convidada toda a côrte Depois da ceia, el-rei Henrique III e os seus cortezãos, as princezas e as damas da côrte mascararam-se para irem levar o *matrimonio* aos dois esposos, ceremonia indecentissima, que havia sobrevivido ao culto de Priapo e de Venus.

«As mais prudentes retiraram-se, e fizeram bem, diz Estoile, pois a confusão produziu taes excessos e infamias, que se as tapeçarias e as paredes podessem fallar, teriam dito bonitas cousas. (*Journal d'Henri* III, 10 de dezembro de 1578.)

A mascara no reinado dos Valois não era menos propicia aos amores do que no tempo de Carlos VI, pois que, segundo a expressão de Brantôme, a *mascara tudo esconde*. No emtanto, as damas da corte de Carlos IX e de Henrique III despresavam ordinariamente estas precauções e mysterios.

«Quando queriam procurar amantes, diz Brantôme, sabiam escolhel-os bem e fazer-se amar e servir d'elles. E quando conheciam a sua lealdade e perseverança entregavam-se-lhes sem mascara nem disfarces, á luz do dia, deixando-se francamente abraçar e tocar, deleitando-os com os seus discursos levianos, razões lubricas e palavras lascivas.»

Esta licença da linguagem era então considerada como um elemento indispensavel dos prazeres sensuaes:

«A palavra, em questões de amor, diz Brantôme, que consagra a este assumpto um capitulo das suas *Dames galantes*, tem grande efficacia, e aonde falta é incompleto o prazer.»

As poesias obscenas que se liam na côrte, sem que ninguem se escanda-

lisasse, deixam-nos julgar o que seria a linguagem nas entrevistas dos amantes. Assim, Brantôme apresenta como principio, que «a sós com o amante toda a dama que se preza de saber amar, quer ser livre nas suas palavras e dizer o que lhe apraz, afim de melhor excitar Venus.» Não é, pois, de extranhar que as grandes damas fossem em particular «cem vezes mais impudicas e lascivas na linguagem e nas maneiras que as mulheres vulgares.»

O proverbio tão vulgarisado n'aquella épocha—*putain comme une princesse*—foi sem duvida motivado por essa espantosa libertinagem de palavras que fazia a admiração de Brantôme, e que accrescentava diariamente tantas palavras, tantas phrases e tantas imagens á linguagem erotica.

«N'outro tempo, diz elle, a nossa lingua não era tão bella nem tão rica como hoje é. Ha muito, porém, que a italiana, a hespanhola e a grega o são, e nunca vi mulher d'estas nações, que por menos pratica que tenha tido do amor, não saiba exprimir-se admiravelmente.»

De tudo quanto deixamos dito, conclue-se que nenhuma especie de prostituição, nem sequer a da linguagem, faltava áquella côrte corrompida, que rivalisava nos costumes e na linguagem com os mais sordidos alcouces e bordeis.

Vejam-se a este respeito as *Premières œuvres poétiques* do capitão Laphrise, Paris, J. Gesselin, (1599).

CAPITULO XXXIV

SUMMARIO

O edicto de 1560 contra a prostituição.—Abolição dos bordeis.—Rescisão do inquilinato.—Encerramento das casas de prostituição em Paris.—Processo celebre.—Origem das casas de tolerancia.—Decreto do parlamento contra os bordeis de Champ-Gaillard e Champ d'Albiac.—Horriveis estragos da syphilis causados pela prostituição.—O *Gros-Caillou*.—As ruas de la Corne.—O inferno da tia Cardine e outros gracejos a respeito da abolição do Hurleur.—As ribaldas do exercito.—Preço corrente das prostitutas no seculo XVI.—A cortezã arrependida, por Joaquim Dubellay.



É UM FACTO realmente notavel que a ordenação de Luiz IX, que aboliu a prostituição legal, e que não poude executar-se no reinado d'aquelle santo rei, fosse novamente promulgada e posta em vigor no reinado de Carlos IX.

Os phylosophos e os magistrados tinham opinado até então que havia um perigo real em supprimir absolutamente, em principio e de facto, a libertinagem publica, essa lepra inevitavel do corpo social. A auctoridade civil estava, porém, de accordo com a ecclesiastica para impedir que o mal se estendesse além dos limites que a legislação lhe havia traçado.

De repente, porém, em pleno seculo XVI, no meio de toda aquella preversão de costumes, em frente da côrte mais corrompida e desaforada, a prostituição legal foi abolida por um edicto do rei, que os successores de Carlos IX não ousaram resuscitar, nem mesmo modificar n'um sentido vigoroso.

Verdade seja que o edicto foi expedido em nome do joven rei em tutela, pelos Estados d'Orleans, que se occuparam da reforma dos costumes com um zelo digno de uma épocha mais virtuosa.

O artigo 101 da grande ordenação de 1560, que não foi lida nem registrada no parlamento, senão em 13 de setembro de 1561, era concebido nos seguintes termos:

«Prohibimos a todas as pessoas alojar e receber em sua casa por mais de uma noite gente vadia e desconhecida. E ordenamos que a denunciem á justiça sob pena de prisão e multa arbitraria. Prohibimos tambem todos os bordeis, jogos de bola e de dados, que queremos sejam castigados extraordinariamente sem dissimulação nem connivencia dos juizes, sob pena de privação do emprego.»

Carlos IX tinha apenas dez annos, quando assignou o edicto, que era incapaz de comprehender, e que talvez mais tarde não houvesse sanccionado.

«Não obstante, diz Estevam Perrier, n'uma das suas cartas (t. II p. 120) nenhum dos seus predecessores fez tão bons edictos como elle. Para prova citaremos o de 1560 nos Estados celebrados na cidade d'Orleans, o do Rossillon, no anno de 1563, e o ultimo em Moulins no anno de 1566. Todos elles continham uma multidão de artigos em materia de policia e regulamentos que excedem todas as ordenações anteriores. A quem somos devedores d'este beneficio? A messire Miguel de l'Hôpital, seu sabio chanceller, que sob a auctoridade do joven monarcha, seu amo, foi o principal auxiliar e instigador do primeiro edicto, e o promotor e auctor dos outros dois. E oxalá, accrescenta o douto Pasquier, que todos elles fossem observados com o mesmo zelo com que foram promulgados!»

Deve, pois, attribuir-se ao grande chanceller Miguel de l'Hôpital toda a honra d'estes edictos, que, como diz Pasquier, cahiram logo em desuso, embora deixassem nos codigos de França testemunho impericivel de uma alta moralidade.

A ordenação prohibitiva da prostituição produziu uma surpreza geral, e julgou-se logo como cousa impraticavel, pelo menos em Paris. Não obstante, havia sido precedida de differentes ordenações reaes, que pareciam destinadas a abrir-lhe caminho e que, apesar dos obstaculos e resistencia, eram executadas fielmente. Assim, a prostituição clandestina era de tal modo perseguida, que uma mulher dissoluta podia ser sempre expulsa da casa em que vivia, tendo os visinhos o direito de obrigar o proprietario á rescisão do contracto com ella feito. Mais ainda: um inquilino de bons costumes e que vivesse em uma casa pertencente a uma mulher de má vida, não tinha mais do que denuncial-a como tal, para obrigar a referida proprietaria á expulsão, ou ao reembolso, depois de uma simples informação judicial.

O parlamento de Paris confirmára uma sentença d'esta especie por um decreto de 11 de setembro de 1542. Outro decreto de 10 de fevereiro de 1554 foi ainda mais explicito:

«Foi determinado, diz Papon, na sua collecção de decretos notaveis dos tribunaes supremos de França, que uma mulher de má vida não fosse admittida á adjudicação do arrendamento judicial de uma casa embargada, ainda que offerecesse mais dinheiro que outro qualquer, e que, outrosim, quando por ventura a obtivesse e n'ella se estabelecesse, o seu mau comportamento fosse sufficiente para a obrigarem a desalojar.»

Não é tudo. Henrique II havia tentado muitas vezes affastar da côrte e do exercito uma multidão de mulheres perdidas, que viviam do producto do seu trafico, seguindo o exercito e a côrte: mas el-rei nunca logrou comprehender n'esta exclusão parcial as cortezãs privilegiadas, que exerciam a sua profissão sob a direcção ou governo de uma alta dama!

Quanto ás ribaldas do exercito, nenhum rei, nenhum general poderia expulsal-as completamente. No emtanto, a policia militar tendia a diminuir o numero d'ellas, que ia sempre em augmento com prejuizo da disciplina. Não se sabe precisamente o numero de mulheres aggregadas a cada corpo de tropa. Consta apenas que os inspectores dos alojamentos auctorisavam a presença de

um moço de campanha por cada tres soldados, e nos exercitos estes moços e as ribaldas compartilhavam a mesma sorte.

O prebostado de Paris apoderou-se do artigo relativo á prostituição, emquanto teve força de lei o edicto de 1560, e determinou executal-o na cidade. Havia então nas classes medias uma especie de ostentação de austeridade moral, que protestava ao mesmo tempo contra as desordens da côrte e rivalisava com os huguenotes em rigidez de costumes. O protestantismo havia feito uma especie de repto ao catholicismo, apresentando-lhe, como modelo de continencia e de virtude, aquelles herejes que eram enforcados e queimados como criminosos. Houve então, tanto em Paris como nas principaes cidades, uma guerra declarada á prostituição, uma cruzada emprehendida pelo poder municipal, com o intuito de fazer desapparecer os logares de libertinagem e a sua vergonhosa população.

As mulheres de má vida, que até então haviam exercido tranquillamente a sua escandalosa industria sob a protecção das leis e dos magistrados, foram expulsas do recinto das cidades, presas e condemnadas, no caso de reincidencia, á flagellação, á marca de ferro em braza, ao pelourinho, batidas nos campos como animaes damninhos e obrigadas a esconder-se para se subtrahirem a esta perseguição geral.

Parece, no emtanto, que os logares publicos de Paris, que haviam sido destinados á prostituição legal desde o reinado de S. Luiz, e que estavam, segundo os termos das antigas ordenações, apropriados para este fim, não soffreram a principio os effeitos do edicto de 1560, porque este edicto não devia invalidar a antiga legislação, que regulára durante tres seculos o modo de vida das prostitutas.

Estas, pela sua parte, principalmente as que não receiavam as despezas e os perigos de um processo, apresentaram as suas razões ao prebostado, sustentando que o novo edicto não podia expulsal-as dos logares publicos, destinados á sua profissão.

«Esses logares são, dizia a ultima ordenação do prebostado que renovára a de Luiz XI em 1367: *Abreuvoir de Mascon, Bouclerie, rua de Froidementel, junto ao circo Brunel, Glatigny, Cour Robert, Baille-Goc, Tyron, rua de Champon, e Champ-Flory.*»

Ignoramos as circumstancias d'este processo, que durou muitos annos, mas temos motivos para julgar que a prostituição continuou de posse de alguns dos seus antigos albergues.

«As ruas de *Glatigny* ou do *Val-d'Amour*, de *Arras* ou *Champ-Gaillard*, de *Fromenteau*, etc. continuaram a offerecer asylo á libertinagem.» (*Historia de Paris*, por Dulaure, edic. de 1825, t. IV, pag. 561.)

Não descobrimos os decretos promulgados a este respeito, mas podemos quasi affirmar que, se o numero de logares nomeados na ordenação de 1367 foi reduzido por decisão do parlamento, muitos ficaram na posse do seu obsceno privilegio, pois que se provou, por cartas authenticas, que haviam sido constituidos por S. Luiz. Assim, o lupanar da rua de Champon, que por tanto tempo arrostou a indignação dos bispos de Chalons, permanecendo aberto junto do seu

palacio, foi só então fechado por não poder provar a sua antiguidade. (*Antiquités de Paris,* por Sauval, t. II, p. 78.)

Outro lupanar publico, celebre por causa da sua directora, a tia Cardine, resistiu mais do que todos os bordeis de Paris á ordenação real que os supprimiu. A tia Cardine, a quem conhecemos por varias peças satyricas, publicadas por aquelles tempos, devia ser a rainha das alcoviteiras de Paris. Era decerto muito rica, porque teve de sustentar uma grande demanda, e quando se pronunciou sentença contra ella no tribunal do Chatelet, teve ainda bastante força para impedir a execução da referida sentença.

O estabelecimento da tia Cardine era consideravel. Comprehendia muitas casas de vastas proporções nas ruas do *Grand* e *Petit-Hurleur*, no centro do bairro *Bourg-l'Abbé*. Estas ruas infames, cujos nomes indicam talvez a maneira porque alli se gritava ou chamava pelos libertinos, não tinham outros habitantes senão as mulheres publicas e os seus vis amantes e apaniguados. Todos os proprietarios d'aquelles predios empregaram esforços para conservarem os seus inquilinos, e dirigiram-se para esse fim aos juizes do Chatelet, ao preboste de Paris e até ao proprio rei.

Tudo foi inutil, porém. Depois das peripecias de um longo pleito, el-rei por decreto de 12 de fevereiro de 1565 (ou 1566, segundo o calendario actual,) ordenou aos do Chatelet que pozessem em execução sem demora a referida sentença.

Em consequencia d'isto, o decreto foi intimado pelo pregoeiro á entrada das ruas do bairro *Hurleur*. As mulheres de má vida que alli habitavam tiveram de sahir dentro de vinte e quatro horas, e todos os bordeis se fecharam sem remissão, sendo vencidos na lucta por tanto tempo sustentada contra o Chatelet e o parlamento.

Sauval, referindo-se a este desenlace, diz que n'aquelle anno «os asylos das mulheres publicas ficaram completamente arruinados.» O decreto real registrado no Chatelet a 24 de março de 1565 (ou melhor, e como já dissemos 1566,) provocou uma nova ordenação do preboste de Paris, que supprimiu definitivamente a prostituição legal nos termos do edicto de 1560. (V. os *Edictos e ordenações dos reis de França,* colleccionados por Fontanon, t. I, pag. 547).

Miguel de l'Hôpital era infatigavel na empreza verdadeiramente ardua da reforma dos costumes. Foi elle quem resolveu impedir que as mulheres dissolutas ousassem fazer frente a el-rei e á magistratura. Ao decreto de 12 de fevereiro, que alludia sómente ao bordel *d'Hurleur* o preboste de Paris fez o additamento seguinte, confirmando o artigo prohibitivo do edicto:

«Além d'isso, fazendo justiça ao requerimento verbal dos referidos subditos d'el-rei, fica prohibido a todos os habitantes d'esta cidade e arrabaldes de Paris, consentir em suas casas bordeis publicos ou secretos, sob pena de 60 libras *parisis* de multa, pela primeira vez, de 120 pela segunda, e pela terceira perda dos predios que possuirem. E o dito real decreto será com a presente ordenação lido e publicado ao som de trombeta e voz de pregoeiro, tanto nas ruas d'esta cidade como nos arrabaldes de Paris e outros logares, onde existem os ditos bordeis, a fim de que ninguem possa allegar ignorancia.»

O encerramento dos bordeis do *Grand e Petit-Hurleur* trouxe comsigo o de quasi todos ao tempo existentes em Paris. Aquelles que foram exceptuados d'esta prohibição geral, e consentidos pelo preboste de Paris perderam todos os direitos que gosavam pela ordenação de S. Luiz, e como tinham apenas uma existencia precaria, como eram unicamente consentidos á porta fechada, e sob a salvaguarda de uma permissão tacita, foram a nosso vêr denominados desde essa épocha com um titulo, que ainda hoje está em uso, e que define a natureza do seu privilegio: *Casas de tolerancia*.

De resto, a partir d'esta épocha, segundo Sauval diz expressamente (t. II, pag. 650), as mulheres publicas «deixaram de ter estatutos, juizes, vestidos especiaes e ruas destinadas á sua libertinagem», podendo dizer-se que a prostituição legal foi legalmente abolida em França.

Indicámos as causas que nos parecem haver provocado esta grande medida policial; dissémos que o protestantismo havia obrigado o governo a tomar esta iniciativa de uma grande reforma de costumes; observámos que o virtuoso chanceller de l'Hôpital se havia interessado especialmente n'esta reforma, que vinha satisfazer os votos das pessoas honestas sem distincção de crenças nem de idéas politicas. Differentes historiadores sustentam, porém, que a suppressão dos bordeis tivéra como causa as imperiosas necessidades da saude publica, porque a enfermidade venerea que se havia generalisado de uma maneira espantosa, em consequencia da libertinagem popular, havia feito de cada bordel um foco permanente de infecção.

Sabe-se effectivamedte que esta horrivel enfermidade, cujos symptomas não eram já tão repugnantes como n'outro tempo, havia não obstante multiplicado os seus estragos ao ponto de chegar a ser a prostituição o inimigo declarado da vida humana.

A 4 de dezembro de 1555, o advogado d'el-rei Dyonisio Riant, apresentou perante o parlamento de Paris um requerimento contra os bordeis de *Champ-Gaillard* e *Champ-de l'Abbé*, «onde se commettiam diariamente infinitos roubos, violencias e outros crimes por parte dos inquilinos das casas, que têem pela maior parte os bordeis nas suas proprias vivendas, onde recebem gente desconhecida e vadia, rufiões e prostitutas.»

O advogado accrescentou no seu requerimento que «sómente n'um anno, dezoito ou vinte mancebos, estudantes e filhos de boas familias, haviam sido atacados do mal venereo, por terem frequentado as referidas casas, o que é muito deploravel e requer da parte das auctoridades energicas e promptas providencias.»

Já a esse tempo o parlamento havia expedido dois decretos, em que ordenava aos proprietarios das casas de *Champ-Gaillard* e *Champ-de l'Abbé,* que não as alugassem senão a gente conhecida e bem comportada, e para este fim ordenára ao juiz do crime que executasse os decretos precedentes, pondo termo a similhantes torpezas. (V. *Provas da Hist. de Paris,* por Lobineau e Filibien, t. II, p. 767.)

É facto quasi averiguado que o mal napolitano havia invadido todos os albergues da libertinagem, no momento em que Carlos IX supprimiu totalmente

a prostituição legal. O poeta Baif nos seus *Passatempos* faz o retrato de messire Macé, que havia soffrido grandes infortunios:

Á suivre les amours communs.

Eis a mercurial dirigida por um amigo a este incorregivel, que não podia desistir de festejar as ribaldas:

«Pois não está ainda satisfeito de ter tido tão más fortunas n'esses *amores communs*, messire Macé?! Não se cançou ainda dos effeitos da *vérole*, que não lhe poupou nem os dentes nem as guellas?! Não se lembra, desgraçado, que tem a bocca devorada pelos cancros, e que o membro, roido, lhe está cahindo aos pedaços?!»

Outro epigramma de Baif, em que um certo Galin é o heroe de uma triste aventura, descreve-nos esse heroe com côres não menos repugnantes:

Pour hanter souvent les bourdeaux
Le chancre t'acueillit si bien,
Que du nez en ta face rien
Ne t'est resté que les naseaux.

Um escriptor da mesma épocha, Antonio Duverdier, era de opinião que Deus havia enviado esta peste á terra em castigo das sordidas, illicitas e frequentes sensualidades dos preversos, e reconhecia nas suas *Diversas licções* que o mal era muito mais contagioso ao principio que no seu tempo, por causa, dizia elle, «dos soberanos remedios que se têem descoberto.» Admira-se, todavia, de que os libertinos ousassem arriscar-se a um mal, que se não era mortal, deixava ordinariamente recordações bem tristes ás suas victimas.

«Ha muitos, diz elle com assombro, que teem tido o mal seis e sete vezes!»

Luiz Guyon, que escreveu tambem as suas *Diversas licções*, para continuar as de Duverdier, affirma na sua qualidade de medico, que a enfermidade venerea zombava ainda de todos os remedios da sciencia:

«Este contagio venereo, diz elle (t. I, p. 612), por se contrahir mais frequentemente no acto deshonesto com mulheres de bordeis, é vergonhoso.»

Luiz Guyon quer dizer com isto que o virus da mulher commum era mais perigoso que outro qualquer, e cita o facto de dois adolescentes de familia illustre, aos quaes tractára em Paris, em 1563, sem ter podido obter a sua cura. Verdade seja que estes dois imprudentes haviam procurado occultar o seu mau estado, até que elle proprio se revelou, «por pustulas vermelhas na fronte, dores nos ossos, tanto nos braços como nas pernas, nas espaduas e no interior da cabeça, desde o anoitecer até de madrugada, e outros signaes, como dores na garganta, que lhes difficultavam a deglutição.»

Todos os medicos e cirurgiões, em cujas mãos se entregaram os pobres enfermos, declararam-se impotentes contra mal tão rebelde, até que um embaixador do rei de Hespanha, que os ouvia queixar durante a noite, lhes aconselhou que partissem para a America, para se curarem alli, segundo o tractamento dos indigenas.

Este tractamento teve um exito feliz, e os desgraçados rapazes que haviam partido éticos, e similhantes a cadaveres, voltaram a França completamente restabelecidos.

Um tal resultado serviu sem duvida para confirmar a opinião dos sabios, que pretendiam ter sido o mal napolitano descoberto ao mesmo tempo que a America por Colombo. Não obstante, esta opinião não estava ainda tão solidamente estabelecida, que certos doutores da Faculdade de Medicina de Paris não sustentassem tenazmente que esta enfermidade não era nova, embora tivesse mudado de caracter.

«Enganam-se redondamente, dizia Antonio Duverdier, os que acreditam que a enfermidade, chamada pelos antigos *mentagra*, e por nós *usagre* seja o mal que denominamos venereo.»

E' possivel que os homens de estado, que tentaram abolir a prostituição por um decreto real, quizessem applicar um remedio heroico á vergonhosa enfermidade, que esperavam repellir de França, juntamente com as desgraçadas mulheres que pela sua maior parte estavam por ella contaminadas. Deveria, no emtanto, ter-se previsto que, obrigando assim as mulheres de má vida a voltar ao seio da sociedade e a disfarçarem-se no meio d'ella, sob honestas apparencias, se fazia refluir o contagio venereo para a corrente da vida domestica.

Faltam-nos absolutamente os documentos para apreciarmos os effeitos physiologicos e hygienicos da suppressão dos bordeis. Os excessos da libertinagem, como é facil de suppôr, não cessaram com esta medida: não tinham, é certo, asylos auctorisados, mas mostravam-se á luz do dia com o maior desplante. Assim, a prostituição clandestina teve mercados publicos em todas as ruas e em todas as praças. A mulher commum, ao perder o direito de exercer legalmente a sua profissão em certas condições determinadas, adquiriu a liberdade de se apresentar em toda a parte e de regular por si propria as condições da criminosa industria que exercia furtivamente. Em breve, por certo, devia haver em Paris tantos lupanares secretos, como antes d'isto houvera publicos. O numero dos agentes da prostituição não diminuiu: pelo contrario, sendo d'ahi em diante mais necessarios os alcoviteiros de ambos os sexos, vieram a ser tambem mais numerosos, e o uso designou na cidade e nos seus arrabaldes pontos de reunião, onde a libertinagem ia recrutar a sua milicia e assentar as suas baterias.

Os bordeis, que deixaram de estar sob a vigilancia do poder municipal, ficaram á mercê de todos os entes abjectos, que não receiavam expôr-se ao castigo da lei e que fizeram d'estas inpuras cavernas o receptaculo de todos os criminosos.

Não deve restar a menor duvida de que o edicto de 1560 contra os bordeis teve escandalosas consequencias, quando se vê a prostituição errante agrupar-se de noite em torno das cruzes de pedra, que se elevavam em quasi todas as praças de Paris. Em 1572, o bispo quiz tirar a cruz de Gastini, erecta n'uma pequena praça da rua de Saint-Denis, porque esta cruz, segundo a expressão de um chronista, servia de taboleta aos libertinos, que alli se reuniam todas as noites e commettiam mil profanações.

O *Journal d'Henri* III refere n'estes termos o facto de se tirar outra cruz, que a libertinagem egualmente profanava:

«Em a noite de quinta-feira, 10 de março de 1580, por ordem do bispo de Paris, foi tirado do sitio onde estava o crucifixo chamado Maquereau, e foi levado pela gente da policia ao paço episcopal, e isto em consequencia do escandaloso nome que o povo lhe havia dado, por que este crucifixo, de madeira pintada e dourada, do tamanho de dois que ha nas parochias, estava pregado na parede da uma casa, sita no fim da antiga rua do Templo, perto das cloacas, na qual rua havia um bordel. De modo que este veneravel signal da nossa redempção servia de taboleta, ou indicação de todos os albergues de prostitutas.»

Pedro de l'Estoile não nos diz se o bordel foi fechado por ordem do prebostado, depois que o bispo Pedro de Gondi puzera termo ao escandalo, que era mais deploravel que o da impunidade de um albergue de libertinagem.

A maior parte das casas n'aquelle tempo tinham marcas que as faziam conhecer á falta de numeros ou de outros signaes indicadores. As casas de prostituição deviam, pois, ter tambem a sua marca ou signal, que não recordava sempre o destino do logar, por isso que o signal podia ser mais antigo que o destino actual da casa. Frequentemente, porém, annunciava com um emblema indecente, ou com uma divisa equivoca, o genero de commercio a que o local se consagrava. Assim Piganiol de la Force affirma que o bairro do *Gros Caillou*, devia o seu nome a um *gros-caillou*, que servia de taboleta a um lupanar. Em todo o caso, este nome não esteve em uso antes do seculo XVI, e póde ser que proviesse da installação d'este logar de libertinagem e da sua taboleta metaphoricamente obscena.

Os historiographos de Paris mencionaram muitas taboletas da mesma especie, que haviam dado o nome de *la Corne* a duas ruas do antigo arrabalde de *Saint-Germain-des-Prés*, chamadas agora rua *Beurrière* e *Neuve-Guillemin*, do mesmo modo que outra rua do *Faubourg de Saint-Marceau* veio a ser o becco sem sahida das *Corderies*. Sauval refere que havia uma cabeça de veado, «que o povo chama *corne* (corno), incrustada na parede, á esquina da rua de *la Corne*, e que esta insignia havia dado tambem o nome de *Petite-Corne* á rua adjacente, e accrescenta que este nome proviéra tambem de uma turba de prostitutas que tinham ido alli estabelecer-se.

Ahi pelos fins do seculo XVI estas prostitutas, que não podiam já residir no recinto da cidade, refugiaram-se no arrabalde, onde o abbade de Saint-Germain as deixou estabelecer mediante uma certa renda ou imposto.

Mais tarde, este estabelecimento de libertinagem provocou taes desordens, e escandalisou de tal modo os bons parochianos de S. Sulpicio, que o cura d'esta parochia obteve do abbade de Saint-Germain a expulsão de tão escandalosa visinhança.

Ao mesmo tempo fez-se desapparecer a taboleta ou annuncio d'este lupanar e o proprio nome das duas ruas, derivado d'aquella taboleta. A primeira rua tomou então o nome de Guillemin, por causa de um fôro pertencente a uma familia d'este appellido, e a segunda o de *Beurrière*, ou *Beurriers*.

O povo, porém, que se recordava de ter visto o *corno* e o bordel que annunciava aos transeuntes, insistiu por muito tempo em designar as duas ruas pelos seus antigos nomes, ainda que os novos houvessem sido gravados com lettras d'ouro em lapides de marmore postas nas esquinas de ambas as ruas por ordem do baillio de Saint-Germain.

Foi mister por fim que todos se acostumassem a substituir pelos modernos os antigos nomes, mas ainda assim alli ficou sempre adherente a ideia de uma casa de prostituição, e isto, segundo Sauval, «porque o nome de *Guillemin* é um tanto proverbial, e o povo que se compraz em escarnecer de tudo, não se contentando de juntar ao nome de Guillemin, proprietario do local do bordel, a alcunha de *Crocquesolle*, poz tambem a mesma alcunha á rua, de maneira que mais commummente se diz rua de *Guillemin-Crocquesolle*, do que apenas rua de *Guillemin*.»

Sem que nos seja mister entrar aqui em longas dissertações archeologicas, diremos desde já que *Guillemin*, na linguagem metaphorica das ultimas camadas populares, significava muitas vezes a natureza mascula, o membro viril, assim como a palavra *guillery*. Por esse tempo cantava-se nas ruas de Paris a famosa copla, ainda em voga no tempo da Regencia, por isso que o duque d'Orleans a tinha sempre na bocca (*Memoires du cardinal Dubois*):

Du temps du roy Guillemot,
De la reine Fuillemotte,
Ou prenoit les hommes au mot
Et les femmes à la m...

Deixamos aos etymologistas a tarefa de procurar e descobrir a origem de *guillemin* e *guillemot*. Quanto a *crocquesolle*, é evidentemente um epitheto qualificativo, e quer-nos parecer que, sendo a *solle* ou *soulle* um jogo de pella muito vulgar n'outro tempo, se fez uma approximação muito natural entre este jogo e o que se usa nas casas de prostituição, onde a mulher passa de mão em mão como uma *solle*, ou pella, que os jogadores atiram um ao outro; d'aqui a palavra *solle*, como synonymo de prostituta, e por extensão, da natureza ou sexo de uma mulher de má vida.

E' evidente que o povo tinha então diminuta sympathia e bem pouca piedade para com as mulheres de má vida, por isso que as perseguia com ditos sarcasticos, e até as apedrejava quando as encontrava nas ruas honestas. Vimos tambem que os libertinos, que ousavam entrar de dia nas ruas infames destinadas á libertinagem, não eram tractados mais benevolamente pelo populacho.

Póde, portanto, conjecturar-se que o edicto de 1560, que supprimia a prostituição legal, foi favoravelmente acolhido pela opinião publica, e que os habitantes de Paris, excepto os que tiravam d'esta prostituição interesses directos, foram unanimes em applaudir as medidas policiaes que deram em resultado a suppressão da mór parte dos bordeis.

A ruina e perturbação dos que viviam do lenocinio, a desordem e dispersão das meretrizes, a raiva e a confusão dos libertinos, não interessaram a

ninguem, antes fizeram rir toda a gente, e de toda a parte se ergueu um concerto de epigrammas e sarcasmos contra os exilados da prostituição. O lupanar de *Hurleur,* e a sua celebre directora, a tia Cardine, deram especialmente margem a estas verrinas em prosa e verso, que a hilaridade popular inspirava com tanto estro e abundancia.

A mais conhecida d'estas satyras é o *Inferno da tia Cardine,* cuja primeira edição, que não possuimos, foi certamente contemporanea de todas as troças em verso a que deu logar a destruição do Hurleur. Eis o summario d'esta curiosa e rarissima satyra contra as cortezãs mais famosas d'aquelles tempos:

«O inferno da tia Cardine, onde se tracta da mais horrivel e espantosa batalha, que houve nos infernos entre os diabos e as alcoviteiras de Paris, por occasião das bodas do cão Cerbéro e de Cardine, a quem as suas companheiras queriam fazer rainha do inferno, tendo uma d'ellas dado o conselho da traição.» (Não tem data nem indicação de logar, mas foi sem duvida impresso em Paris em 1570, in-8.°)

Esta composição poetica, geralmente attribuida a Flaminio de Birague, sobrinho do chanceller de França, foi reimpressa em 1583 e em 1597. Nas reimpressões foi-lhe addicionada uma canção de certas mulheres de Paris, que fingindo ir de viagem foram surprehendidas em casa de uma alcoviteira de Saint-Germain-des-Prés. Não existem senão dois ou tres exemplares das edições do seculo XVI, mas em 1793 um philosopho benemerito não quiz que desapparecesse completamente o *Inferno da tia Cardine,* e fez outra edição de 108 exemplares, que são actualmente tão raros como as das antigas edições.

Eis o principio d'este poema allegorico, especie de satyra collectiva contra todas as rainhas da prostituição, e não um acto de vingança pessoal do poeta contra a tia Cardine, como suppõe o marquez de Rouze, no seu *Analectabiblion:*

«Pois que a ociosidade é a mãe de todos os vicios, quero cantar aqui a maldade, a traição e os crueis esforços, que fez Cardine um dia na região dos mortos, quando Cupido lhe fez tirar as chammas, que atormentam na outra vida as nossas almas peccadoras.»

«A fabula do poema é muito simples, diz o marquez de Rouze. Cardine casa com Cerbéro, e no festim das bodas apparecem as principaes prostitutas de Paris: Margarida Rémy, denominada a dos *Olhos grandes,* a *Cresmière,* Anna *Pardalinha,* a *Normanda,* a *Leoneza,* etc., etc. Cupido, inimigo declarado de Plutão, comparece na boda para excitar os condemnados a combater contra o inferno, e para estrangular o Cerbéro.»

O marquez de Rouze resume todo o poema n'este apophtegma: — «Algumas mulheres são peiores que todos os diabos juntos.»

O editor de 1793 reimprimiu além d'isso, em continuação do *Inferno da tia Cardine,* uma peça do mesmo genero, que nos dá a data do poema de Flaminio de Birague, a que vem junta:

«Lamentação e queixumes da tia Cardine, de Paris, em tempos directora do Hurleur, a respeito da abolição d'este estabelecimento. Esta lamentação foi encontrada depois da morte de Cardine, n'um cofre onde tinha os seus mais

particulares e preciosos segredos, os titulos das suas qualidades authenticas, receitas, contas, antidotos, balsamos, pinturas, arrebiques, ferramentas e utensilios pertencentes ao officio.» (Não tem nome de logar, 1570, in-4.°)

Citaremos outras duas composições da mesma épocha, que foram inspiradas pela execução do edicto de 1569.

«Destruição e desolação das pobres ribaldas do Hurleur e do Darnetal. (Sem logar nem data, in-8.° com uma gravura de madeira sobre o titulo.)

M. J. C. Brunel, no seu *Manual do Livreiro,* diz que esta peça de versos de seis syllabas foi composta em 1520. Sabe-se, porém, que Brunel não é auctoridade, quando julga uma obra apenas pelo titulo. Esta lamentação é evidentemente do mesmo tempo, se não é da mesma penna que escreveu a da tia Cardine.

A outra composição, que se refere tambem ao mesmo assumpto da abolição dos lupanares, intitula-se: «Desterro de alguns commerciantes de mau genero e de algumas ribaldas de Paris. (Sem designação de logar, 1590, in-8°.) Duvidamos, porém, que um só exemplar da edição primitiva sobrevivesse á sua épocha. Por fortuna, em 1814 houve um bibliophilo que fez reimprimir a obscena satyra, cujo auctor, Rassé Desneux, era cirurgião de Carlos IX e amigo de Ronsard.

A abolição dos bordeis, por mais incompleta que tivesse sido, obtivera tantos applausos em toda a França, que Carlos IX e o seu chanceller Miguel de l'Hôpital, resolveram insistir na reforma dos costumes por meio de ordenações. Fôra muito mais facil affastar do recinto das cidades os logares de libertinagem, do que expulsar completamente as prostitutas da côrte e do exercito. Desde os tempos mais remotos, a côrte e o exercito arrastavam no seu sequito uma multidão de gente perdida de ambos os sexos. El-rei, de accordo com o seu virtuoso ministro, esforçou-se por evitar este abuso, e n'um edicto de 1570 ordenou que todos os vadios da côrte, sahissem dentro de vinte e quatro horas, sob pena de serem enforcados sem esperança de graça nem remissão e que todas as mulheres publicas d'ella sahissem tambem dentro do mesmo prazo, sob pena de serem açoitadas e marcadas.

Houve decerto muitas mulheres publicas condemnadas a estas penas, porque não se apressaram a comprir a real ordenação, e Carlos IX teve por muitas vezes de recordar a mesma lei no decurso do seu reinado.

A que decretou contra as ribaldas que seguiam o exercito não encontrou menos difficuldades na sua applicação, por isso que Henrique III a reproduziu nos mesmos termos assim que subiu ao throno.

«Ordenamos não só aos prebostes dos marechaes e aos seus tenentes, mas tambem aos juizes ordinarios, que expulsem as ribaldas das suas companhias e troços, castigando-as com a pena de açoites, assim como aos moços da tropa, logo que haja mais de um por cada tres soldados.»

Consta que esta ordenação nunca fôra executada, pelo menos de um modo regular. Algumas vezes, porém, teve uma applicação cruel, segundo o capricho do chefe do exercito. Se dermos credito ao testemunho de Varillas (*Hist. d'Henri* III, lib. IX), o marechal Filippe Strozzi, que o historiador nos repre-

senta severo em demasia, mandou deitar ao rio oitocentas ribaldas que seguiam as suas tropas!

Não eram estas desgraçadas tractadas em toda parte com o mesmo rigor, e se não figuravam nos exercitos dos reformados, passavam alegre vida nos exercitos catholicos. Assim, Brantôme descreve com ufania a bella rectaguarda a que o duque de Alba, na sua expedição contra os herejes da Flandres, podia passar revista, juntamente com os seus dez mil homens de tropas aguerridas.

«Eram, diz o licencioso chronista, quatrocentas cortezãs a cavallo, bellas e valentes como princezas, e oitocentas a pé, de muito bom aspecto tambem.»

Fazia parte do exercito hespanhol um fidalgo francez, messire Francisco Le Poulchre, senhor de la Motte Messemé, cavalleiro da casa d'el-rei, e capitão de cincoenta homens d'armas das ordenanças de sua magestade. O que este brilhante fidalgo mais admirou foi o corpo das mil e duzentas cortezãs, de que fallámos, que pareciam encarregadas de assegurar a honra das mulheres no theatro da guerra.

Eis como elle falla d'estas creaturas, no livro VII dos seus *Honnêtes Loisirs* (Ocios honestos), obra dedicada a el-rei Henrique III. (Paris, 1587):

«Quem queria fallava com ellas durante o dia, mas com mil attenções e delicadezas. Estas damas recebiam todas as noites alojamento e viveres por ordem do marechal de campo, e ninguem ousaria fazer-lhes uma insolencia.»

A vaidade d'estas cortezãs cresceu de tal forma, que acabaram por querer fingir de mulheres honradas, e tão alto preço puzeram aos seus favores, que se tornaram inacessiveis aos soldados. Foi preciso que o duque de Alba interviesse e mandasse annunciar no acampamento pelos seus arautos de armas:

«Que nenhuma d'ellas ousasse d'ahi ávante recusar ceder a quem lhe pedisse, mediante cinco soldos por noite.»

A taxa estabelecida pelo duque de Alba não póde considerar-se como preço corrente da prostituição popular n'aquella épocha. No emtanto, póde suppor-se pelo capitulo de Rabelais, intitulado: «De como Panurgio ensina uma nova maneira de edificar as muralhas de Paris», que a relaxação dos costumes publicos havia prejudicado singularmente o officio impudico das prostitutas das viellas.

«Vejo, diz Panurgio que os c . . . das mulheres d'este paiz estão mais baratos que as pedras. Seria bom edificar as muralhas com elles, collocando-os com boa symetria de architectura e pondo os maiores em primeira linha, em seguida os medianos, e finalmente os pequenos.»

Esta torpe truanice de Panurgio symbolisa por certo um indicio do vil preço das mercadorias da libertinagem. O encerramento dos bordeis não diminuiu o numero de mulheres de má vida. L'Estoile, no seu *Journal d'Henri III*, com data de 1575, caracterisa do seguinte modo a corrupção que via reinar em redor de si nas classes medias e no povo de Paris:

«Aquillo de que se lamenta Jeremias no capitulo III das *Filhas de Sião*, que caminhavam de pescoço erguido, e com os olhos cerrados pela voluptuosidade, requebrando-se e fazendo resoar os passos, poderia dizer-se tambem e

com muita mais razão das mulheres de Paris, em nossos dias, e das filhas da côrte especialmente. Assim, pois, não é de extranhar que o Senhor, segundo a ameaça que faz no mesmo logar pelo seu propheta, desgrenhasse os seus cabellos e exposesse á vergonha publica as suas partes secretas, por meio dos insanos poetastros da côrte. Em conclusão, as desordens dos costumes faziam com que o adulterio fosse um dos mais notaveis rendimentos d'aquelle tempo. (V. a edição publicada por M. M. Champollion, pae e filho, na collecção das *Mem. pour servir à l'Histoire de France.*)

Nas obras dos poetas do seculo XVI, encontrariamos por certo uma multidão de personagens referentes ao nosso assumpto, e que nos permittiriam fazer a pintura fiel e mesmo minuciosa dos costumes da prostituição. Temos, porém, pressa de sahir d'este seculo impuro em que a libertinagem italiana é o derradeiro esterquilinio em que vae manchar-se e extinguir-se a raça dos Valois, e seriamos por certo arrastados a uma larga digressão, folheando os poetas libertinos, que se compraziam em fundar o Parnaso de Priapo, e tinham por unica musa inspiradora a Venus dos bordeis das mais immundas viellas.

Os poetas estavam decerto previamente auctorisados a todas as desordens da poesia erotica, por isso mesmo que se encontravam em casa das prostitutas com os mais graves personagens da côrte, com os principes da Egreja, e com os austeros e graves magistrados. O cardeal Carlos de Lorena não ia, como poderia fazer um estudante, passar a noite fóra do seu palacio em casa de uma mulher perdida? Luiz Régnier, senhor de la Planche, refere-nos na sua *Historia de Francisco* II, que este prelado libertino, «sahindo uma madrugada de casa da bella Romana, famosa corteză do tempo d'aquelle rei, esteve em perigo de ser maltractado por certos rufiões, que procuravam esta especie de proveitosas aventuras em victimas de primeira ordem.

A Romana, que rivalisava em belleza e libertinagem com a Grega, tão exaltada por Brantôme, parece-nos ser o typo d'aquella corteză, que Joaquim Dubellay pôz em scena n'um poema famoso intitulado *A Alcoviteira,* ou a *Corteză arrependida.* O poema offerece-nos muitos dados que servem para fazer o retrato das cortezãs celebres do seculo XVI. Ella propria conta a sua vida e, passados os seus bons tempos, procura suavisar as maguas

Par les soupirs d'une complainte vaine.

Na edade de dezeseis annos, corrompida pelo mau exemplo de sua mãe impudica, deixou-se seduzir por um criado, mas o caso ficou a tal ponto no escuro, que nunca ninguem d'elle suspeitou, a não ser sua propria mãe.

Em seguida, foi parar ás mãos de dois ou tres fidalgos romanos, que imaginaram ter colhido a flôr da virgindade, segundo a mãe lh'a havia vendido. O logro continuou por algum tempo ainda, cahindo mais uns seis na esparrella de pagarem á mãe da nympha por alto preço uma virgindade hypothetica, já de ha muito pertencente ao rol das cousas destruidas, como diz o poeta d'esta famosa corteză. O ultimo explorado foi um cardeal, que a comprou por bom preço como donzella, e a ensinou em seguida a cantar, a dançar, a tocar

alaude, a fallar com correcção e a ataviar-se como as altas damas. O prelado amava-a bastante para não lhe recusar nenhuma prova de ternura. Enriqueceu-a primeiro, e em seguida casou-a com um fidalgo, que a roubou emquanto se celebravam as bodas. Ficou arruinada, e deitando para traz das costas os restos de vergonha, abriu a porta, e sabendo mais o que era o mundo do que no principio, em pouco tempo tornou-se celeberrima. Quando se viu tão conhecida, determinou pôr-se por conta de dois ou tres, que lhe davam cada qual trinta escudos por mez.

Era pouco. Tractou de esfollar os seus amantes, fazendo crêr a cada um d'elles que era mais amado do que os outros. Não eram jovens nem bonitos, mas eram crédulos e generosós. Além d'isso ella fugia como da peste d'esses rapazolas, que sem gastarem um ceitil querem ser amados das bellas, e imaginam ter pago muito bem com uma chalaça, uma canção, uma serenata.

Conhecia todos os mysterios da vida das cortezãs e empregava-os em proveito proprio, dando-se ainda assim ares de honradez e honestidade.

Tinha tambem um cuidado especial em não tolerar no seu corpo a menor immundicie. Bebia pouco, comia sobriamente, cheirava bem, estava sempre vestida com aceio irreprehensivel tanto em publico, como nos seus aposentos. Nunca lhe faltava roupa branca perfumada com essencias agradaveis. O seu quarto de vestir era uma especie de loja de perfumaria. Um artificio muito vulgar nas cortezãs, e em todas as mulheres que se preoccupam com as impressões que podem causar: — nunca permittia que a surprehendessem de manhã. N'uma palavra, estava instruida na arte, tão proficientemente ensinada pelo Aretino. Conhecia theorica e praticamente todos os segredos do livro do poeta italiano, e além d'estes, muitos outros ainda, que tinham por fim acordar os sentidos adormecidos.

Sabia tambem occultar a sua profissão. Era recatada nas palavras, fingia admiravelmente a virtude, e conseguia disfarçar-se tão bem, que da sua bocca apenas saiam palavras honestas; era como engraçadamente diz o poeta:

Sage au parler et fôlatre à la couche.

Foi assim que ella conseguiu adquirir fama em Roma e em Paris, de maneira que era do bom tom fazer-lhe amor,

Au demeurant, fût de nuit ou de jour.

Comprehende-se que a famosa cortezã nada tinha a temer das medidas policiaes relativas ás suas similhantes, que pertenciam á arraia miuda da prostituição. Não receiava andar pelos logares publicos sem a sua licença, porque tinha auctorisação tacita para fazer o que quizesse. Nem o preboste, nem os beleguins a assustavam. A propria prisão não lhe incutia terror. Em caso de perigo lá tinha pelo seu lado a protecção de um cardeal, ou de um grande fidalgo, de tantos que lhe frequentavam a casa, o que fazia com que fosse respeitada.

A Romana chegára a este apogeu de fortuna, em seis ou sete annos. Quando o espelho começou a revelar-lhe os primeiros symptomas da decadencia, penetrou-lhe no coração a vergonha e o arrependimento dos seus erros. Um dia entrou n'uma egreja, e o sermão, que alli ouviu, fez-lhe comprehender bem o escandalo da sua vida passada, e sentiu toda a amargura que deixam na alma os prazeres da prostituição. Que prazeres aquelles! murmurava ella arrependida e humilhada. Expôr vergonhosamente o corpo ao appetite lubrico de tantos libertinos, imitar o viver dos animaes mais sordidos, para procurar no vicio o ouro deshonesto, não fallando já nos perigos de enfermidades horriveis, que são quasi sempre a triste herança de uma vida abjecta e dissoluta!

A celebre cortezã entrou n'um convento para fazer penitencia e lavar-se das suas impurezas com a pratica das mais austeras devoções, e julgando não precisar já de bens terrenos legou á santa casa o producto dos seus vicios.

Pouco depois, arrepende-se de se ter arrependido. Atira com os habitos para traz dos moinhos, e volta novamente á vida antiga.

Era tarde, porém.

Adeus, grandes fidalgos! Adeus amores de alto cothurno!

Em vez d'elles, bate á porta da cortezã a syphilis gottoza,

La denterelle et pelade honteuse,

como diz o cantor dos seus feitos impuros.

Um dia bate-lhe á porta o carrasco a quem ella recebe no leito em vez de algum dos antigos e fidalgos amantes, e que lhe recompensa os sediços favores, açoitando-a, pouco depois, na praça publica!

CAPITULO XXXV

SUMMARIO

A prostituição nas modas — Historia dos trajos sob o ponto de vista dos costumes. — O amor do luxo conduz á prostituição. — Leis sumptuarias dos reis. — Simplicidade do trajo nacional dos francezes. — Começo da licença dos trajos. — Os monges de Saint-Rémy de Reims. — O calçado *a la poulaine*. — A *poulaine*, amaldiçoada por Deus. — Anathemas da Egreja contra esta moda obscena. — As cruzadas trazem a França os costumes orientaes. — O culto da moda, segundo Roberto Gaguin. — O homem esforçando-se por se parecer com o demonio — Os cornos e os rabos no tempo de Carlos VI — Exaggeração dos figurinos dos vestidos. — Definição dos vestidos honestos, segundo Christina de Pisan — As modas de Isabel de Baviera — Extravagantes vestidos. — Preoccupações contra as mulheres que se lavam. — Os banhos e estufas. — As modas dos homens no seculo XV. — *Mahoitres* — *Braguettes.* — *Basquines.* — Seu uso. — O decote, ou nudez do seio. — Leitos de setim preto. — Refinamentos de sensualidade. — Progressos da decencia publica.



XISTIRAM sempre intimas relações, analogias e affinidades, singulares entre os costumes e as modas francezas, de modo tal que podem apreciar-se uns pelos outros. Quando os costumes são puros, austeros, moderados, as modas são tambem simples, decentes e honestas; pelo contrario, são as modas extravagantes, dissolutas, obscenas, quando os costumes são desenfreados e escandalosos. O trajo de cada épocha da Historia de França é, por assim dizer, um espelho fiel dos habitos da vida intima das familias. Basta por exemplo ver a representação fiel dos trajos dos homens e mulheres do seculo XVI, para reconhecer de uma maneira exacta que este seculo foi mais inclinado á prostituição que todos os precedentes.

Seria facil escrever a historia do trajo em França, sob o ponto de vista dos costumes, desde os tempos mais remotos. No emtanto, limitar-nos-hemos aqui a procurar episodicamente os caracteres mais salientes do que se poderia chamar a prostituição indumentaria de ambos os sexos. Pretendemos apenas esboçar este vasto e curioso assumpto, dizendo comtudo o bastante para termos como assente que a moda foi sempre entre os nossos maiores o reflexo dos seus costumes.

A moda não é ordinariamente senão uma fórma e uma expressão do luxo, que tão funesta influencia exerce na moralidade publica, e que abre, por assim dizermos, a porta a todas as loucuras, a todas as desordens e a todos os vicios. O amor do luxo conduz á libertinagem e aconselha a prostituição; é o attractivo e o chamariz de todas as paixões más. Ha em todo um povo uma emulação ardente e desordenada para o mal, quando o objecto unico de todos os pensamentos e de todas as acções humanas não é mais do que a satisfação immode-

rada dos sentidos e da vaidade. N'estas circumstancias, a moda é simultaneamente um alarde de orgulho e uma excitação á incontinencia.

Os soberanos tentaram por mais de uma vez pôr limites ás exaggerações do luxo, por meio de leis sumptuarias regulando o trajo especial de cada classe de cidadãos. Em todo o caso, não attenderam senão á qualidade e valor dos objectos materiaes que haviam de auctorisar ou prohibir, e as suas prescripções são, portanto, puramente economicas e politicas. Umas vezes pretendem que cada qual vista segundo o seu estado, e que por meio dos trajos, como diz uma ordenação de Carlos VII, possa reconhecer-se a classe da pessoa, seja ella principe, nobre ou plebeu; outros querem que os seus vassallos não se arruinem com vestidos sumptuosos, improprios da sua condição e estado, como se lê n'uma ordenação de Carlos VIII, que recorda ao mesmo tempo que taes abusos são desagradaveis a Deus, nosso Creador: outros ainda pretendem que o paiz não se empobreça com a compra de certos artigos estrangeiros, que fazem sahir do reino uma parte do numerario, como se diz n'uma ordenação de Carlos IX; nenhum d'elles, porém, tracta de manter a decencia do trajo com regulamentos fixos e uma penalidade severa. Recommendar, exigir, impôr a modestia do trajo, é da competencia do poder ecclesiastico: só a elle pertence condemnar, proscrever e anathematisar as modas, que não estão em harmonia com o pudor que a religião christã impõe a todos os seus filhos.

Não deixam de encontrar-se aqui e alli nas leis de policia ordenações do parlamento, que prohibem o uso de trajos dissolutos: ainda assim não eram designados sob esta denominação os vestidos immodestos que os dois sexos usavam á porfia, como refinamento de galanteria e de sensualidade. A lei civil não atacava senão os excessos do luxo. Só a lei religiosa e a lei moral, desde a introducção do christianismo nas Gallias, podiam reprimir a licença das modas, e vigiar os trajos sob o ponto de vista dos costumes.

Nos primeiros tempos da monarchia, homens e mulheres usavam trajos largos e amplos, que dissimulavam os movimentos do corpo sem deixarem nada a descoberto. Os francezes adoptaram o trajo romano, a toga, a chlamyde e a tunica, conservando as bragas ou calções dos povos barbaros.

O trajo da mulher, mais simples ainda que o dos homens, compunha-se de uma tunica de lã ampla e fluctuante até aos calcanhares e de um manto preso ao hombro. Usavam além d'isso um longo véu, em que se envolviam completamente e que prendiam á cabeça com um broche de metal. Fosse qual fosse a classe da mulher, não se mostrava em publico, senão honestamente velada, e tinha um cuidado especial em não deixar ver sob aquellas vestes roçagantes fórma alguma reveladora do seu sexo.

O amor dos adornos e enfeites, esse traço distinctivo da nação, apenas se traduzia pelos braceletes de ouro macisso, anneis, collares e joias de toda a especie. A mulher mais carregada de ouro era a mais adornada, e comprehende-se que esta necessidade de brilhar a todo o custo fizesse ás vezes vacillar a virtude.

Bem depressa, porém, o bello sexo se mostrou mais cioso dos seus direitos e vantagens. As mulheres começaram a usar tunicas, cujo feitio deli-

neava as fórmas, modelando-se no seio. Em seguida estas tunicas decotaram-se ainda em volta do pescoço e até ao principio dos hombros. Mais tarde, para dar graça ao movimento do andar, ajustaram-se mais ao corpo debaixo da cintura, de modo que dessem relevo ás nadegas e aos musculos das pernas, que até então desappareciam completamente sob as espessas prégas da casta e antiga tunica das gaulezas.

Apesar d'isto, porém, nenhuma mulher honrada ousaria facilmente, antes do seculo XII, arrostar os olhares dos homens com um trajo que deixasse vêr o seio, os hombros e os braços.

Talvez fossem os homens que começassem a relaxar a decencia do trajo nacional, a que Carlos Magno quiz dar a antiga singeleza franca. Em um synodo celebrado em Reims, em 972, Raul, abbade de Saint-Rémy, queixou-se dos seus frades, que, ajustando os habitos sobre as nadegas, pareciam por detraz mais umas cortezãs do que austeros religiosos. (*Chronica*, de Richer, lib. III.) Estes mesmos frades usavam calções impudicos *(iniqua)* de desmedida largura, e de fazenda tão transparente que nada occultavam.

Desde esta épocha, o calçado *à la poulaine*, de garra ou de bico, foi usado por mais de quatro seculos, apesar dos anathemas dos papas e das reprehensões dos prégadores. Este calçado foi sempre considerado pelos casuistas da Edade-Média, como o mais abominavel emblema da sensualidade. Á primeira vista não se percebe lá muito bem o que poderiam ter de escandaloso esses sapatos terminados em garra de leão, bico de aguia, próa de navio, ou outro qualquer appendice de metal. A excommunhão imposta a esta especie de calçado procedia da impudente invenção de alguns libertinos, que o usaram em fórma de phallo, ou membro viril. Este calçado phalloide foi egualmente adoptado pelas mulheres, que talvez nem comprehendessem bem o que a moda lhes fazia usar nas biqueiras do calçado.

Este calçado, maldito de Deus, como era então denominado, fôra tambem prohibido pelas ordenações dos reis (Cédula de Carlos V, de 17 de outubro de 1367, relativa ao trajo das mulheres de Montpellier).

Comtudo isto, porém, as damas principaes e os grandes senhores não deixaram de usar este calçado, por certo mais honesto então do que aquelle que suscitára a indignação da Egreja, e que segundo a expressão do continuador de Guilherme de Nangis, parecia querer tirar do seu logar os membros humanos. Por esta razão Carlos V, de accordo com o papa de Avinhão, Urbano V, prohibiu o uso d'este indecente calçado:

Quia res erat valdè turpis et quasi contra creationem naturalium membrorum circa pedes, quin imò abusus naturæ videbatur. (*Continuator Nangis*, an. 1365.)

A moda arrostou, porém, com os edictos reaes, porque no tempo de Luiz IX a gente da côrte usava ainda esses appendices de vinte a trinta centimetros de comprimento, *d'une quartier de long*, como ao estylo da épocha dizia Monstrelet, ou o seu continuador. Estes appendices, porém, não tinham já fôrmas obscenas, voltando-se apenas para cima como o calçado chinez ou turco.

Temos de attribuir precisamente ás cruzadas a variação do trajo nacional

francez. As modas do Oriente foram importadas em França pelas cruzadas com as sedas do paiz, e a juventude nobre effeminou-se para logo, apropriando-se os usos e habitos do luxo asiatico. Não se viam por essa épocha senão tecidos de ouro, pannos de purpura, sedas, setins, pelles preciosas, bordados e franjas, em vez dos grosseiros tecidos de lã e de pelle de cabra, que chegavam até ahi para os fatos dos nossos maiores.

Vimos como o luxo foi prejudicial aos bons costumes. Póde dizer-se affoitamente que, desde esta épocha, sobre tudo as mulheres se deixaram arrastar a todo o impudor do que hoje denominamos a *toilette*. A partir do seculo XII, renunciaram á simplicidade e castidade, para seguirem com desenfreada paixão o culto da moda, que veio a ser desde esse tempo uma divindade completamente franceza.

Eis em que termos Roberto Gaguin se pronuncia contra este culto profano, que o demonio da luxuria parecia ter inventado:

«Esta nação, diz elle fallando dos francezes, entregue ao orgulho e á libertinagem, não faz senão desvarios e loucuras. Umas vezes os vestidos que ella adopta são muito largos, outras muito estreitos: apresenta-os agora compridos e logo curtos. Ávida sempre de novidades, não póde conservar por espaço de dez annos a mesma fórma de vestidos. (*Compendium Roberti Gaguini*, lib. VIII, anno 1346.)

Dir-se-hia que em toda a Edade-Média houve uma especie de porfia entre os inventores da moda para deformarem o corpo do homem com vestidos ridiculos ou monstruosos, a que o chronista Gaufredo Vosiensis chama *deformitas vestium*, e para accrescentarem á creatura de Deus alguns attributos do diabo, tal como a imaginação dos pintores e dos estatuarios o havia creado. Assim, podemos considerar o calçado *à la poulaine* como uma imitação do pé fendido que se attribuia a Satanaz e á sua infernal familia. D'aqui sem duvida a colera da Egreja contra a audaz pretensão do homem libertino se assimilhar physicamente com o espirito maligno.

A' mesma origem foi certamente buscar a moda do seculo XIV os cornos e os rabos. Os cornos extraordinariamente largos e elevados, que adornavam lateralmente o toucado das mulheres no tempo de Carlos VI, chegaram a tomar taes proporções, que as portas das salas já não eram sufficientemente grandes para que uma dama assim adornada podesse passar sem se abaixar.

Um prégador da côrte fulminou os raios da sua cólera contra os cornos, exactamente o mesmo que os seus predecessores haviam feito contra o calçado phalloide.

«Depois, diz Juvenal dos Ursinos, na sua chronica, as damas levantavam e abaixavam os cornos, e fizeram como os caracoes, que, quando sentem algum ruido, os retiram e escondem.»

As caudas, que mereceram tambem as imprecações dos prégadores, eram mais ou menos deshonestas e desenvolvidas por baixo das saias e nas extremidades dos capuzes. As caudas dos vestidos, que Olivier Maillard considera como invenções diabolicas em muitos dos seus sermões, ficaram não obstante em uso sob a protecção da etiqueta.

As dos capuzes, que cahiam pelas costas dos homens e das mulheres e chegavam até ao chão, enrolavam-se a principio sobre o hombro e depois ao pescoço.

Não podemos conjecturar se um orgulho satanico poz em moda as garras, os cornos e os rabos, ou se um gosto depravado aconselhou os homens e as mulheres a diminuir ou a augmentar nos seus trajos as proporções de certas partes do corpo. A origem d'estas illusões de trajo accusa certamente o desejo de corrigir a natureza no que ella póde ter de defeituoso ou imperfeito. Procurou-se talvez, com o auxilio dos prestigios do toucado, descobrir o meio de occultar os vicios da fórma: a mulher demasiado magra quiz parecer gorda, e pelo contrario a mulher demasiado gorda quiz dissimular a sua adiposidade.

«É preciso, diz Maria de Romieu, na sua *Instrucção ás damas,* é preciso remediar os defeitos e imperfeições da natureza o melhor que podermos.»

Devemos reconhecer, porém, que a maior parte d'estas exaggerações da fórma de trajar tiveram por objecto satisfazer instinctos e caprichos de libertinagem, porque similhantes exaggeros affectaram sempre as partes do corpo que principalmente influem nas imaginações licenciosas. Assim, as nadegas, as pernas, a cintura, o collo e o seio foram sempre nas mulheres as formas que excitaram a arte das costureiras e modistas; pela sua parte, a industria do alfaiate procurou sempre pôr em relevo e offerecer á vista com descarado cynismo os membros mais deshonestos do homem.

Esta affectação indecente de ambos os sexos nunca foi mais sensivel do que no tempo de Carlos VI, e devemos attribuir á garridice desenvolta da rainha Isabel de Baviera os extravios das modas do seu tempo, em que a prostituição tão audazmente se reflectiu no trajo da côrte.

Christina de Pisan, aquella honesta e casta dama, que por esse tempo compunha o seu *Trésor de la cité des dames,* não foi decerto muito estimada n'aquella sociedade depravada, que bem pouco se importava aprender d'ella como as mulheres da nobreza devem ser recatadas no vestir. Christina recommendava-lhes expressamente *que não fossem insolentes nos seus trajos e modo de vestir, nem nos costumes nem nas maneiras.*

Uma das razões que ella apresentava contra o luxo immoderado da moda, era que «o fato dissoluto fornece ao homem occasião de peccado, de murmuração, ou de appetite sensual.»

Este appetite ou desejo é, effectivamente, uma das más paixões a que a moda se dirige especialmente, e Christina de Pisan notava com justiça «que o mais perigoso e inconveniente que tem para a mulher o trajar deshonesto é a ideia que d'ella podem formar os nescios, de que se veste assim para ser sensualmente desejada.»

Eis algumas das virtuosas instrucções, que Christina dá ás damas e donzellas, mas que ninguem acceitava nem seguia:

«Convém, portanto, a toda a mulher que quer guardar a sua boa reputação, que seja honesta e desaffectada. Os vestidos nem devem ser muito estreitos nem muito largos, nem de outras maneiras impudicas, nem procurar

coisas novas, quasi sempre deshonestas. Os modos agradaveis, o bom porte, a compostura ficam sempre bem a toda a mulher.»

Apesar d'estes prudentes e honestos conselhos, as contemporaneas de Christina não se contentavam com os trajos modestos, e porfiavam em mostrar-se aos olhos dos homens com todos os requintes da elegancia sensual da sua épocha.

Usavam *hennins,* ou altos capuzes de orelhas e cornos, vestidos de cauda arrastando pelo chão, *surcots,* ou corpetes justos, sapatos *à la poulaine,* todos os enfeites e adornos dos seus *estats e bombans,* e o seu gosto era mostrarem a sua aptidão para a luxuria, o seu *en bon poinct,* como se dizia em França no estylo da épocha.

O poeta da côrte de Carlos VI, Eustaquio Deschamps, no poema intitulado *Miroir de mariage,* Espelho do matrimonio, anima as solteiras que procuram marido a adoptarem os vestidos da ultima moda para tornarem mais apparentes o seio e a garganta.

Ainda que a magreza nas mulheres fosse mais rara n'outro tempo do que actualmente, havia não obstante mulheres magras que se teriam julgado deshonradas, se não adquirissem por meios artificiaes a gordura que lhes faltava. Era aquillo ainda a infancia dos falsos attractivos, que desde aquella épocha até nossos dias não deixaram de fazer parte essencial da compostura da mulher. O poeta Eustaquio Deschamps, no poema já citado, não os deixa no olvido, e dá-se até mesmo ao trabalho de indicar o modo de os fabricar, de fórma que pela descripção do poeta tinham quasi o aspecto de um *corset* moderno.

Uma mulher da moda n'aquelle tempo devia fazer sobresahir as nadegas e quadris, dando ás suas fórmas posteriores grande amplitude e proeminencia. O processo menos ficticio consistia em apertarem muito a cintura, afim de parecerem mais amplas e desenvolvidas estas fórmas, debaixo do busto opprimido por aquella especie de *corset,* de que já fallámos.

Eustaquio Deschamps descreve este processo como se houvera aprendido a poesia n'um *atelier* de modista. Segundo a sua descripção, o vestido de uma mulher da moda devia ser estreito dos lados, largo e entufado atraz, guarnecido com esse accessorio que chamamos *tournure,* menos largo abaixo dos joelhos, e cahindo sobre os pés em fórma de fundo de pipa.

As miniaturas dos escriptos da épocha permittem-nos apreciar o aspecto extravagante, rigido e desengraçado, que similhantes vestidos davam ás mulheres.

N'este modo de vestir, o peito estava inteiramente descoberto, *pectus discopertum usque ad ventrem,* diz Olivier Maillard n'um dos seus sermões. Esta especie de vestidos, abertos por diante até ao ventre, foram inventados pela rainha Isabel, e o povo que se indignava d'este luxo escandaloso, chamou-lhes vestidos *à la grande gorre,* como quem diz á *grande porca.* Chamava tambem *gorrières,* ou *porcas,* ás mulheres que os usavam, e consideravam como mulheres publicas as que não tinham a precaução de segurar com um broche a abertura do peito.

Desde os fins do seculo XIV, existiu sempre nas modas das mulheres uma

intenção mais ou menos pronunciada de patentear o que se fingia querer encobrir.

Se a licença de costumes d'aquella épocha trouxe a deshonestidade do trajar, se o amor do luxo foi o principal agente da prostituição, precisamos confessar que o galanteio ensinou as mulheres a serem limpas, ellas que até então eram tão porcas e tão pouco cuidadosas de suas pessoas. Um proverbio popular, referido e commentado por Bernardo de Verville no seu *Moyen de parvenir,* prova sufficientemente que as mulheres honestas se jactavam de nunca se permittirem ablucções secretas.

Segundo este proverbio obsceno, só as cortezãs lavavam outras partes do corpo que não fossem a cara e as mãos.

O desejo e a necessidade de agradar ensinaram evidentemente as damas a ser limpas e acceiadas, a perfumarem-se e a combater com cheiros agradaveis as emanações nauseabundas da enfermidade humana. Parece, no emtanto, que certos cuidados de toucador foram a principio desprezados pela preoccupação nacional, e que decorreu muito tempo antes de se empregarem. Se as mulheres, porém, rodeavam do mais profundo mysterio estas delicadezas do acceio local, não receiavam confessar o uso que faziam dos cosmeticos, pelo que se lhes deu a alcunha de *muguettes,* isto é, presumidas.

Até ao seculo XVI a limpeza do corpo não era uma condição essencial da belleza feminina. Maria de Romieu, na sua *Instrucção das damas,* convida-as a estarem sempre muitas limpas, «ainda que não seja senão para satisfacção propria, ou de seus maridos.»

E accrescenta :

«Não se deve fazer o que fazem algumas, que eu conheço, que não téem cuidado da limpeza senão do que apparece á vista, conservando-se immundas por baixo das roupas. Eu quero que uma joven se lave frequentemente com agua em se hajam misturado alguns perfumes, pois não ha nada mais certo do que o acceio e limpeza fazerem florescer a formosura da dama.»

Nas *Controversias do sexo masculino e feminino,* de Graciano-Du-Pont, senhor de Drusac, publicadas em 1530, lê-se que, não obstante as leis naturaes da limpeza, as mulheres usavam mais de perfumes do que de agua limpa, com o que não faziam mais do que augmentar o mau cheiro que pretendiam destruir. Drusac diz que algumas d'ellas, as gordas sobretudo, usavam esponjas perfumadas, «entre as coixas, debaixo dos assentos, para não cheirarem a bacalhau, a suor, e a outros fedores infames.»

E' mister lêr estas *Controversias* para se fazer ideia do que era a porcaria de quasi todas as mulheres, e principalmente das honradas, apezar do seu abuso de perfumarias, que não consideravam de modo algum como uma deshonra.

O senhor de Drusac refere que algumas d'ellas costumavam usar calças quando dançavam as danças lombardas ou alegres, e que essas calças estavam ordinariamente tão cheias de manchas, que cheiravam peior que uma latrina. Não era isto um perservativo efficaz da sua virtude ?

Os banhos de agua do rio, fria ou tepida, quasi não estiveram em uso

antes do seculo XVII. Tomavam-se apenas no interior das casas ricas, quando se voltava de uma viagem ou antes de se sentar á meza.

Na *Chronica escandalosa de Luiz* XI, vemos que este rei, quando ia ceiar ou pernoitar em casa de alguns moradores de Paris, encontrava sempre um banho tepido á sua espera. Nada era menos geral, porém, do que esta especie de banhos, a que todos preferiam os simples banhos de vapor, e para esse fim iam ás estufas.

Estes estabelecimentos publicos multiplicaram-se em Paris até ao seculo XII e foram muito frequentados até ao seculo XVI, em que foram abandonados, não sabemos bem porquê. Eram uma imitação dos costumes orientaes, que as crusadas haviam importado em França.

As mulheres, porém, pelo menos as que tinham em alguma conta a sua reputação, não iam ás estufas, onde só se encontravam parteiras, criadas de servir e mulheres de má vida.

«Assim, dizia Christina de Pisan, banhos e estufas, e a frequentação de taes companhias, como as que existem alli, sem necessidade alguma, são apenas despezas superfluas, sem que possa provir de tal bom resultado, e por isso de cousas taes mulher prudente que se prése, deve abster-se cautellosamente.»

Deduz-se de uma multidão de testemunhos, todos concordes, que a mulher que frequentava as estufas não voltava d'ellas limpa do physico, senão á custa da sua pureza moral. Eis o motivo porque estas estufas foram equiparadas aos logares de prostituição.

Os homens podiam jactar-se, pois, de serem mais difficeis em questões de limpeza do que as mulheres, e por isso se habituaram menos do que ellas aos perfumes e arrebiques. No emtanto, em modas e atavios modellavam-se sempre pelo sexo, que era o arbitro soberano d'estas preoccupações mundanas. Em todas as épochas em que o luxo dos vestidos se resentia da depravação dos costumes, os homens, do mesmo modo que as mulheres compraziam-se, segundo a expressão de Dulaure, em desfigurar a fórma, refazendo por assim dizer a obra do creador, sob a inspiração de uma ideia indecente ou libertina.

Assim, quando as mulheres se empenharam em fazer resaltar artificialmente as fórmas do seio, das pernas, das nadegas e do ventre, os homens, diz Monstrelet, usaram vestidos mais curtos de que nunca, de fórma que se lhes via a saliencia do trazeiro e o volume das pudendas, coisa devéras impudica e indecente. Usavam tambem nos gibões grossos *mahoitres*, para fingirem que eram largos dos hombros.

Os *mahoitres* eram apparelhos acolchoados, que augmentavam o volume dos hombros e guarneciam o antebraço, de maneira que o franganote mais esqualido podia assim offerecer o aspecto de um Hercules.

A vaidade masculina não parou aqui, porém.

«No tempo de Carlos VII, diz Ludovic Lalane, no seu *Diction. Encycloped. de la France*, artic. *Costumes*, generalisou-se a moda dos homens artificiaes ou enchumaçados, chamados *mahoitres*, de que pendiam grandes mangas acolchoadas, e a das *braguettes*, que se collocavam ao meio das calças e se adornavam com franjas e fitas.»

Os historiadores da moda fallam com grandes reservas d'esta parte das calças, ou d'este extranho appendice a que se chamava *braguette* ou *breyette*. nos seculos XV e XVI, e que nos seria difficil considerar como uma moda historica, se não a encontrassemos nos antigos quadros e gravuras. Na sua origem, era uma bolsa ou funda de coiro, separada inteiramente das calças, a que se unia por meio de nós ou laços.

Comprehende-se que esta singular péça de vestuario não esteve em uso a principio senão entre a gente do povo. Considerou-se, porém, como moda, e quando todos se habituaram a vêl-a, não houve inconveniente algum em lhe dar fóros de cidade e de nobreza. Desde logo muitos homens, sem distincção, tanto o rei como o trabalhador, adoptaram a *braguette*, e a exhibiram á vista das damas, que olharam para ella sem rubor.

A origem da *braguette* remonta sem duvida á historia das armas defensivas.

A este respeito, póde lêr-se um capitulo de *Pantagruel* (lib. III) intitúlado: *De como a braguette é a primeira peça de armadura entre a gente de guerra.*

Quando um homem de guerra estava armado dos pés á cabeça e coberto de chapas de ferro, uma caixa de metal, guarnecida interiormente por uma esponja protegia-lhe as partes pudendas. Esta caixa foi substituida por uma redesinha de aço, e depois por uma bolsa de couro. O couro não tardou muito a ceder o logar a pannos de lã ou de seda, logo que a *braguette* veio a ser uma peça do trajo civil, e como que para melhor despertar a attenção, enfeitou-se com fitas, com dourados e até com joias.

Uma passagem do *Gargantua*, em que Rabelais descreve minuciosamente o trajo de um heroe, dá uma ideia exacta do effeito que devia produzir uma d'aquellas *braguettes*-monstros, que só estavam cheias de vento. E' preciso não esquecer que o *Gargantua* era um gigante enorme, que olhava para os parisienses como que do alto de uma torre.

Para a *braguette* d'este collosso foi mister empregar perto de vinte metros de panno de estopa, branco, e deu-se-lhe a fórma de um arco de aboboda preso por dois anneis de ouro, que enlaçavam dois broches de esmalte, em cada um dos quaes se engastava uma grossa esmeralda do tamanho de uma laranja, «porque, como dizem Orpheu e Plinio, não tem virtude coercitiva nem confortativa do membro natural». A abertura da *braguette* era do comprimento de mais de um metro, debruada, como os calções, de damasco azul.

«Vendo, porém, o bello bordado de canutilhos e os preciosos lavores de ourivesaria, guarnecidos de finissimos diamantes, de rubis, de turquezas, esmeraldas e perolas persicas, comparar-se-hia á cornucopia da abundancia, tal como se vê na antiguidade, e tal como a que deu Rhêa ás duas nymphas Adrastea e Ida, amas de Jupiter: cornucopia, galante, succulenta, sempre verdejante, florescente e fructificante, cheia de humores prolificos, flôres, fructas e delicias. Por Deus juro que era bello de vêr!»

Rabelais occupa-se tantas vezes das *braguettes*, no decurso da sua burlesca historia, que é facil comprehender o importante papel que desempenha-

vam no mundo. O mesmo jocoso auctor falla até de um livro que havia escripto a respeito da dignidade e importancia das *braguettes*.

O reinado d'este accessorio dos trajos masculinos chegou até Henrique III, em que os alfayates tiveram a ideia de o substituir pelos calções á suissa.

De resto, no decurso do seculo XVI, o trajo dos homens sem ser amplo nem largo começou a ter uma decencia que não tivera até então, embora os velhos e os libertinos usassem ainda a antiga *braguette*, «esse vão e inutil modelo de um membro que nem sequer podemos nomear honestamente, e do qual, sem embargo, fazemos mostra e gala em publico». (*Essais,* de Miguel de Montaigne, lib. I, cap. 22.)

Os trajos enchumaçados estavam em moda; a nosso vêr, porém, não se dava uma intenção deshonesta áquella mania de pôr algodão em tudo, enchendo assim o peito, o abdomen, as pernas, as costas, com almofadinhas enchumaçadas.

Lêmos, todavia, em alguns auctores que os costumes italianos, que a esse tempo reinavam na côrte de França, foram as causas unicas d'aquella ostentação de fórmas redondas e voluptuosas, que os jovens libertinos invejavam ás mulheres. Estas, pelo menos, mostravam-se fieis ás tradicções do seu sexo, descobrindo quanto possivel o seio, e ostentando todos os attributos da Venus Callipygia.

As *basquines,* inventadas d'ahi a pouco, fizeram furor. Um commentador da *Satyre-Menippée* (Edic. de Ratisbonne, 1726. t. II, pag. 388), diz que estes trajos foram inventados pelas cortezãs para occultarem a sua prenhez. Assim, quando as mulheres honradas quizeram rehabilitar esta moda, adoptando-a, um franciscano, que ao tempo prégava em Paris, disse n'um sermão, que as damas haviam deixado a virtude, mas que lhes havia ficado a sarna.

Esta moda estava já em voga em 1550. Um poeta moralista, embora jocoso, publicou por esse tempo uma satyra a respeito d'este trajo. A peça teve bastante exito para excitar o estro satyrico dos imitadores. Um d'elles compoz e deu á luz a *Querella do c...* contra os inventores das *basquines*. Outro fez logo em seguida a resposta da *basquine* ao *c...* em fórma de invectiva.

Os postiços que as mulheres usavam posteriormente tomaram um nome grosseiro, que se manteve na linguagem usual por espaço de mais de quarenta annos. Quando uma dama queria sahir, dizia ás suas criadas: «Tragam-me o c...» E as criadas, que o procuravam, respondiam: «Não apparece o c... da senhora», ou então: «O c... da senhora perdeu-se». (V. o *Dialogo da nova linguagem franceza italianisada,* por Estienne, edic. de Auberes, 1579, p. 202.)

Lê-se tambem na *Satyre- Menippée,* escripta em 1593:

«Mandou-se igualmente ás mulheres que usassem grandes c...»

A grosseira palavra, de que as damas se serviam sem resguardo para designarem as suas *basquines*, fôra inventada pelo povo, que só com repugnancia se acostumou a similhante moda. As más linguas perseguiam com ditos satyricos e injuriosos as que ousavam apresentar-se em publico tão ridiculamente vestidas. O auctor anonymo da satyra contra as *basquines* faz-lhes guerra sob o ponto de vista christão, e apresenta-as como dissoluções infames, que não serviam senão para produzir escandalo e arriscar a salvação dos homens. Pre-

tende ainda provar que toda a mulher que se deshonra com esta moda dissoluta é uma ribalda, ou uma desavergonhada, uma alcoviteira ou uma adultera.

O auctor da *Querella*, de que acima fallamos, tracta este assumpto com muito menos severidade. Queixa-se apenas de que esta moda expõe mais a virtude da mulher a assaltos perigosos, contra os quaes o antigo vestido estreito as defendia. Refere nos termos mais livres o favoravel serviço que prestava a *basquine*, quando um amante queria conseguir os seus fins, e assegura que Lucifer inventou por certo uma moda tão favoravel á libertinagem para ter a complacencia de comprometter a honra das mulheres, que tinham a desgraça de cahir. «Depois que isto se inventou, diz elle, as mulheres são mais descaradas, e se cahem, vê-se-lhe tudo.»

Estes trajos serviam tambem para occultar a prenhez por espaço de cinco ou seis mezes e conservar á mulher gravida a apparencia fina e delicada das que o não estavam. Segundo uma passagem do *Dialogo* acima citado, parece que esta moda não tivera por fim dar a apparencia de gordas ás magras, como muita gente suppoz.

No meiado do seculo XVI, as mulheres magras eram muito mais estimadas que as gordas.

Diz o francez que figura n'este *Dialogo:*

«As damas venezianas procuram por todos os meios parecer, não direi gordas, mas obesas, e contam-me que para este fim fazem uso da noz da India entre outras viandas. Sabeis como as nossas damas detestam esta gordura.»

No emtanto, para significar que nem tudo era algodão nas modas d'aquelle tempo, fazia-se o elogio de uma mulher empregando este italianismo: «E' um bom vestido.» Os homens, porém, preferiam a carne á gordura, o que bem se manifesta n'esta profissão de fé de um libertino latinista:

Carnarius sum, pinguiarius non sum.

Estes trajos foram abandonados no tempo de Luiz XIII, mas reappareceram, annos depois, com proporções phantasticas e com os nomes de *vertugadin, paniers, lustucru,* etc.

De resto, haviam trazido comsigo um antigo costume que não interessava menos á limpeza que ao pudor: as mulheres tinham voltado ao uso das calças, tanto para se preservarem do frio e do pó, como da vergonha de uma queda.

«Além d'isso, as calças, diz o francez italianisado dos *Dialogos* de Estienne, livra-as de alguns jovens dissolutos, pois que, mettendo-lhes a mão por debaixo das saias, não pódem de modo algum tocar-lhes na carne.»

Crêmos que a moda das calças para as mulheres era essencialmente franceza, por isso que esta moda, já introduzida na côrte ahi pelos fins do seculo XIV, recommendava-se por variadissimas razões de utilidade e decencia. A moda, porém, dos vestidos abertos, decotados, sem peito, essa moda que reinou em todo o seculo XVI, foi introduzida em França com os costumes italianos no reinado de Francisco I.

N'aquella épocha, o povo chamava mulheres *à la grande gorre* ás que

usavam os vestidos abertos no peito. Os *vestidos á porca* eram apenas uma recordação vaga n'esse tempo, apesar do escandalo que haviam causado, quando Isabel de Baviera os pôz em uso. Foi evidentemente a Italia que deu o exemplo d'este novo abuso da desnudez do seio. Uma satyra impressa em 1612, que tinha por titulo «A moda do tempo e as suas particularidades», auctorisa-nos a sustentar uma tal accusação contra esse bello paiz, que foi n'esse tempo o foco da corrupção.

Foi d'alli que veiu tambem a moda de apresentar com impudor o peito á vista, elevado artificialmente, para recreio dos libertinos, e por isso se dizia n'aquelle tempo:

Jeanne qui fait de son teton parure,
Fait voir à tous que Jeanne veut pasture.

Os poetas e romancistas da épocha fallam-nos d'esta escandalosa nudez do seio, favorecida pelos espartilhos de aço e de baleia.

No *Discurso novo da Moda*, excellente satyra em verso publicada em 1613, o auctor anonymo, depois de descobrir sem grande repugnancia

D'un large sein le tetin bondissant,

diz-nos que, se por um resto de pudor, a mulher honesta usava ainda pannos e lenços para cobrir o peito, a maior parte, do que tractavam era de se apresentarem em completa nudez.

As mulheres gostam muito de deixar vêr a alvura alabastrina do seio, com que lançam dardos cem vezes mais luxuriosos do que com o fulgor lubrico do olhar.

Nunca em épocha alguma as mulheres do bom tom haviam posto maior cuidado e esmero na arte de se ataviarem e patentearem a altura do seio, e parecerem o que então se chamava *bonne couche*. A mais magra, á força de apertar o busto, encontrava meio de fazer avolumar os peitos, com auxilio, é claro, de almofadinhas de algodão. A mais gorda não procurava dissimular a enormidade da sua *tablature*, segundo a expressão equivoca tomada da notação musical da épocha. As proprias velhas não se julgavam dispensadas d'este indecente abuso de nudez.

O *Divorcio satyrico*, de que já fallamos, apresenta-nos a rainha Margarida na edade de cincoenta e cinco annos, «indo ao templo receber a sagrada communhão, tres vezes por semana com a cara coberta de arrebiques, e o peito completamente nú, que mais parecia na verdade um c... do que um peito.» (Edic. de 1744, t. IV, p. 511.)

Apesar d'isso, Brantôme, nas suas *Dames galantes*, cujo manuscripto o licencioso chronista déra a lêr á rainha Margarida, não procura evitar uma allusão desagradavel a esta princeza, quando falla sem reparo de certas mulheres «opulentas de peitos, mas que os tinham mais frouxos e decahidos do que uma vacca leiteira.» Brantôme accrescenta jovialmente «que se um ourives qualquer tomasse estes peitos para modelo de alguma taça de ouro, a sua

obra ficaria tendo a apparencia de uma d'essas gamellas redondas de madeira, em que se dá de comer aos porcos.»

Nem só os confessores e prégadores condemnavam esta nudez impudica. Os philosophos e moralistas aconselhavam egualmente ás mulheres que não perdessem uma grande parte das suas vantagens, não deixando nada que desejar ao homem.

«A saciedade produz o tedio, dizia a este respeito Montaigne (*Essais*, lib. II, cap. XV); é uma paixão embotada e entorpecida.»

Depois, como se não tivesse visto ainda o que a moda tão escandalosamente offerecia a todos os olhares, Montaigne tinha a ingenuidade de julgar que as damas da côrte de Henrique III andavam tão decentemente vestidas como as matronas romanas.

«Porque motivo, dizia o poeta, cego por esta preoccupação ingenua, porque motivo andam veladas até aos calcanhares essas bellezas, que cada qual deseja mostrar, e todos anceiam por vêr? Para que se encobrem, sob tantas pregas decentes, as partes a que naturalmente se inclinam os nossos desejos?»

O philosopho, apesar de não ter visto ainda a nudez escandalosa do seio das suas contemporaneas, notara ainda assim as proporções monstruosas das *basquines*, por isso que pergunta com uma certa malicia:

«Para que serve essa fortaleza de panno? Para que se armam as nossas mulheres com uma inchação, senão para nos excitarem os desejos com a difficuldade, e para nos attrahirem, ao passo que parecem affastar-nos?»

De tudo isto parece concluir-se que o pudor, por essa épocha, consistia antes em exaggerar certas fórmas sob véus que mais as faziam avultar, do que em as occultar aos olhares licenciosos. A prostituição era decerto a inspiradora d'estes caprichos da moda, e segundo Brantôme pretende provar com anecdotas que pódem lêr-se no capitulo intitulado *De la veue en amour*, os olhos eram sempre os corruptores da alma e os cumplices da imaginação.

A nudez não offendia a vista dos homens mais graves, quando acompanhava, como um accessorio indispensavel, o trajo de gala da côrte. Já vimos no castello de Chenonceaux Catharina de Medicis, dando um festim, servido pelas suas damas de honor, semi-núas.

As memorias do tempo ministrar-nos-hiam uma multidão de factos analogos. Nada mais vulgar do que vêr nos bailes, nas mascaradas, nos banquetes, mulheres representando nymphas e deusas, com os cabellos soltos e fluctuantes sobre os hombros, o peito descoberto até á cintura, as pernas e os braços nús, e o resto do corpo apenas velado por algumas gazes transparentes.

A nudez não era considerada como um ultraje ao pudor, quando se excluia d'ella toda a ideia deshonesta e todo o desejo carnal. Assim, por occasião das entradas solemnes dos monarchas nas principaes cidades do seu reino, o povo comprazia-se em vêr representar nas praças certos *mysterios* ou quadros allegoricos, por homens e mulheres completamente nús. Gabriella d'Estrées fez-se pintar muitas vezes núa pelos pintores ordinarios do rei, Raymundo Dubreuil e Martin Freminet, no acto de entrar ou sahir do banho. O que affasta completamente d'estes quadros qualquer suspeita de um pensamento libertino ou vo-

luptuoso, é que a amante de Henrique IV, ao fazer-se pintar núa, mandava sempre collocar na sala as amas de leite dos seus filhos.

A nudez do seio não era, pois, n'aquella épocha senão um adorno indispensavel do trajo de ceremonia, e só os ecclesiasticos e os protestantes se formalisavam contra ella. A maior parte dos bellos retratos que Dumoustier e os seus imitadores executaram nos fins do seculo XVI provam a generalidade d'esta moda, que havia então chegado aos seus ultimos limites, por isso que os vestidos, os de gala pelo menos, eram abertos até deixar vêr metade do seio e algumas vezes mais ainda. Os hombros viam-se até aos sovacos e as espaduas até abaixo das omoplatas.

A etiqueta da côrte auctorisava este esquecimento completo do pudor, que a moral publica e a religião condemnavam ao mesmo tempo, sem obterem uma reforma que tanto parecia interessar aos costumes. As mulheres que iam ao templo ouvir um sermão contra os vestidos dissolutos, não se envergonhavam de se apresentar com o peito descoberto, mesmo defronte do prégador. Attribuiam simplesmente ao rigorismo dos huguenottes a guerra continua feita pela Egreja a estas pompas de Satanaz e a estas vaidades mundanas. Effectivamente, Genebra começou a fulminar maldições contra as modas impudicas.

Em 1551, um amigo de Calvino publicou, sem se nomear, uma Instrucção christã sobre as pompas e excessos dos homens e mulheres dissolutas, no artificio dos seus adornos e no impudor dos seus vestidos. Esta instrucção foi novamente publicada para uso especial dos calvinistas, sob o titulo de *Traité de l'estat honneste des chrétiens en leur accoustrement* (Genebra, J. de Laon, 1580, in-8.º), e para uso dos catholicos por Jeronymo de Choestillon, sob outro titulo: *Bref et utile discours sur l'immodestie e superfluité des habits* (Lyon, Seb. Griphius, 1577, in-4.º)

Os casuistas catholicos dedicavam-se de preferencia a censurar o luxo, sob o ponto de vista do orgulho. Os heterodoxos mostravam-se mais preoccupados da castidade e da decencia, quando atacavam a dissolução dos trajos. Temos de reconhecer um austero protestante n'esse Francisco Estienne, que em 1581 fez imprimir em Paris um tractado de moral sumptuaria, intitulado: *Remonstrance charitable aux dames et demoiselles de France sur leurs ornemens dissolus, pour les induire à laisser l'habit du paganisme et prendre celui de la femme pudique et chréstienne.*

Os theologos catholicos estimularam-se, porém, com isto e não deixaram que fazer aos protestantes, denunciando ao desprezo das pessoas piedosas aquella espantosa nudez, que o padre Jacques Olivier não esqueceu no seu *Alphabet de l'imperfection et malice des femmes.* (Paris, 1623.)

Esta cruzada dos escriptores ecclesiasticos contra a nudez continuou por todo o seculo XVII, e póde registrar-se como um dos seus effeitos mais disputados a reclusão de uma parte do seio e dos hombros no corpo do vestido. Não devemos perder de vista que os inimigos implacaveis das modas impudicas haviam tocado o ponto mais delicado da controversia. Polman tomou a iniciativa, publicando o *Chancre* ou *couvre-sein féminin.* (Douai, 1635, in-8.º) Depois d'elle, Pedro Juvernay tocou ainda mais de perto a questão no seu *Dis-*

cours particulier sur les femmes desbraillées de ce temps. (Paris, Lemur, 1637, in-8.º)

Foi grande o exito d'este livro, sem que possamos averiguar a que classe de leitores o deveu. Em 1640, porém, a 4.ª edição apparecia com este titulo: *Discours particulier contre les filles et les femmes découvrant leurs sein et portant des moustaches.* Não se disséra tudo ainda sobre o assumpto, quando um anonymo, sob cujo veu houve quem pretendesse descobrir o abbade João Boileau, doutor da Sorbonna, irmão do grande satyrico, publicou finalmente a obra prima do genero: *De l'abus des nudités de la gorge.* (Bruxellas, 1675.) A segunda edição (Paris, 1677) era augmentada com a ordenação dos vigarios geraes de Tolosa contra a nudez dos braços, dos hombros e do seio.

O marquez de Rouze fez na sua *Analecta-Biblion* uma curiosa analyse d'este celebre tractado, em que o auctor examina em 113 paragraphos o damno e peccabilidade da nudez dos hombros e do seio:

«Não sabem as mulheres, lê-se na referida analyse, que a vista de um bello seio não é menos perigosa para nós que a de um basilisco?

«Quando ellas patenteiam estas cousas, não póde deixar de ser com má intenção.

«Se as mulheres têem em alguma conta o que diz S. João Chrysostomo, devem cubrir-se.

«Querem apenas agradar aos libertinos? Serão suas victimas.

«Querem agradar aos homens honestos? Então cubram o seio.

«A mulher é um templo cujas chaves estão nas mãos da pureza.

«É uma inconsequencia serem castas nas palavras e não o serem nós adornos.

«Um seio e uns hombros nús dizem muito mais que as palavras.

«Deus compara uma nação corrompida á mulher que eleva o seio para o fazer ver melhor.

«Cubri-vos, senhoras, velae vossos encantos, mas cubri-os de todo, e não deixeis ver uma cousa depois de haverdes coberto outra.»

Esta controversia da Sorbonna acabou por chamar a attenção da côrte de Roma e por decidir o papa Innocencio IX a expedir uma bulla de excommunhão contra o abuso da nudez do seio. N'aquella épocha, porém, a Egreja não estava já, como no seculo XVI, interessada em questões de vida ou de morte.

Comprehende-se, por tanto, que as modas licenciosas d'aquelle seculo depravado, tão combatidas pelos escriptores protestantes, haviam quasi escapado ás censuras dos doutores catholicos, que não desciam a estes pormenores da vida mundana, entretidos como estavam nas espheras nebulosas do dogma. Havia então moralistas que se constituiam em defensores da honestidade publica e que não perdoavam os vergonhosos excessos do trajar.

O veneravel João de Caurres, reitor do collegio d'Amiens, aquelle singular prototypo de Miguel de Montaigne, falla frequentemente das indecencias do trajo dos seus contemporaneos, na volumosa collecção das suas *Oeuvres morales et diversifiées en histoires.* (2.ª edic., Paris, G. de la Noue, 1584, in-8.º Umas vezes exclama:

«O disfarce é tão grande e tão superfluo, que hoje se toma a mulher por homem e o homem por mulher, sem nenhuma distincção de sexo.»

Outras vezes condemna os espelhos que as cortezãs e raparigas disfarçadas traziam á cinta, e que elle chama: «Espelhos do peccado, pendentes sobre o ventre.»

«Prouvéra a Deus, accrescenta elle, que fosse permittido a todo o mundo chamar-lhes libertinas e p...., para vêr se se corrigem! Leiam-se todas as historias divinas e humanas e vêr-se-ha que as impudicas e meretrizes jámais trouxeram este adorno em publico, senão agora, em que parece que o diabo anda solto por toda a França!»

O honesto João de Caurres volta repetidas vezes ao assumpto da usurpação do trajo sexual, ao disfarce dos sexos, e indigna-se de vêr as mulheres com fatos e capas de homem «o que é um trajo muito inconveniente para as ditas mulheres e prohibido por Deus no *Deuteronomio*, quando diz:—*Non induetur mulier veste virile, nec vir utetur veste feminea, abominabilis enim apud Deum est.*»

Os cortezãos, porém, de Henrique III, a exemplo do rei e dos seus *mancebos*, levaram mais longe ainda do que as mulheres esta vergonhosa mascarada, estudando o modo de não conservarem cousa alguma dos caracteres e attributos proprios do seu sexo. Fallaremos mais oppurtunamente d'este assumpto no capitulo que precisamos de consagrar aos hermaphroditas.

Brantôme—já os leitores sabem que o licencioso chronista estava longe de ser um moralista, muito embora fosse abbade como João de Caurres,—dá-nos tambem a conhecer alguns dos excessos da moda do seu tempo. Citando-os porém, compraz-se em apresental-os com uma indulgencia accusadora da desvergonha dos seus costumes. Refere sem indignação, nem vergonha, os mais extranhos factos da preversão da côrte. Renunciamos a traduzir o que elle diz, por exemplo, a respeito das almofadinhas, e do seu uso nas alcovas das bellas. Do mesmo modo ommittiremos o que nos conta a respeito das calças usadas pelas mulheres, e as suas extranhas revelações a respeito dos arcanos do toucador das damas galantes.

Desejariamos, ainda assim, indicar, como um dos stigmas da prostituição d'aquelle seculo, o incrivel adorno inventado pelas mulheres libertinas para contentarem os seus amantes, mas preferimos recommendar ao leitor o capitulo intitulado *De la veue en amour*, na collecção das *Dames galantes* do torpe chronista da depravação da côrte.

Alli se encontrarão todos os pormenores d'esta moda secreta, que as damas da côrte não se pejavam de imitar das prostitutas. Brantôme ouvira fallar de uma bella e honesta dama que tomava sem pudor estes obscenos cuidados, e que se presava de ser assim mais querida aos olhos de seu marido.

A morte tragica de madame de Bourdaiscière revelou uma indecencia d'esta especie, e causou um escandalo, cujo echo se repercutiu por toda a França. Todas as memorias contemporaneas referem o caso, que póde considerar-se como o typo dos costumes d'aquella épocha tão corrompida. Pedro de l'Estoile teve o cuidado de o archivar no seu registro-diario. Encontra-se tambem

consignado nas observações que o editor do *Journal d'Henri* III (edic. de 1744) imprimiu em continuação dos *Amours du grand Alcandre,* dizendo que estas observações «vinham de uma pessoa que conhecia a fundo a côrte do rei Henrique IV.» Francisca Babon de la Bourdaiscière, tia de Gabriella d'Estrées, vivia em concubinato com o barão d'Alègre, que morreu com ella em 1592, assassinados pelo povo em Issoire, d'onde era governador ao serviço de Henrique IV.

Brantôme falla ainda de um dos refinamentos mais engenhosos da prostituição na côrte dos Valois:

«Um grande principe que eu conheço fazia dormir as suas cortezãs entre lençoes de tafetá preto...»

Poderia ter accrescentado o licencioso chronista que esta invenção, attribuida á bella Imperia, e usada frequentemente pelas grandes cortezãs italianas, fôra introduzida em França sob os auspicios da rainha Margarida, primeira mulher de Henrique IV. O auctor do *Divorcio satyrico* refere a proposito d'isto que esta rainha adultera, «continuando na sua obcecada inclinação á sensualidade, e querendo entregar-se a ella com maior delicia, e fóra da aspereza dos lençoes vulgares, recebia o seu amante, o senhor de Champvallon, n'um leito allumiado por diversas luzes, e entre dois lençoes de tafetá preto, no meio de uma multidão de caprichos voluptuosos, que deixo de referir.»

Os leitos do seculo XVI costumavam ser de sete ou oito pés de largura, por isso que em certas circumstancias a etiqueta, a cortezia ou a amizade exigiam que um cavalheiro offerecesse a outro um logar no seu leito, para lhe fazer honra e dar-lhe uma prova de fraternal confiança. Era um antigo costume da cavallaria esta confiança gentil, que equivalia a todos os juramentos da antiga fraternidade de armas.

Em a noite que precedeu a batalha de Montcontour, segundo uma relação citada por Mayer, «o duque de Guise deu logar no seu leito ao principe de Condé e dormiram juntos.»

O auctor da *Galeria philosophica do seculo* XVI, (Paris, 1783, in-8.º, 3 vol.), accrescenta:

«O costume de offerecer o leito não passou de moda até á menoridade de Luiz XIV. Luiz XIII partilhou o leito do condestavel de Luynes: o condestavel dormia no meio, o rei á sua direita e a duqueza á sua esquerda.»

Este singular costume, que parece haver-se conservado nas classes inferiores até á revolução, e que prova unicamente a simplicidade dos costumes dos nossos maiores, nem sempre foi tão respeitavel. E' difficil, por exemplo, não termos uma suspeita, quando a tradicção de Luiz XIV nos recorda que a bella viuva de Scarron, ao depois a severa e irreprehensivel madame de Maintenon, compartilhava frequentemente o leito da sua amiga, a bella Ninon de Lenclos.

Seja como fôr, quando favorita do rei e quasi rainha de França, recordava ainda com saudade as intimas e alegres conversações da camara amarella do bairro de S. Paulo.

N'uma épocha de desmoralisação geral, como a que havia em França, sob o reinado de Henrique III, tudo era pretexto ou occasião de escandalo. A

prostituição mais geral e audaz infestara tanto a vida publica como a particular. O proprio rei que dava o exemplo do vicio e que fazia gala da sua vergonhosa depravação, publicava inutilmente edictos contra o luxo. As ordenações sumptuarias dos seus predecessores eram «tão mal cumpridas e guardadas, que nunca se vira, em memoria de homens, —dizia elle no seu edicto de 24 de março de 1583, um excesso mais licencioso nos trajos e adornos.»

O que motivava, porém, estas ordenações successivas era menos a indecencia do trajo que o uso immoderado das sedas, dos bordados de ouro e prata, das joias e de todos os productos da arte estrangeira. O que preoccupava sobretudo a nobreza, a quem particularmente interessavam estas ordenações, não era tanto ver desapparecer as modas impudicas, quanto obrigar a gente rica, mas da classe media, a soffrer um regulamento tyrannico a respeito do preço, da materia e da fórma dos seus vestidos.

Henrique III dizia no preambulo do seu grande edicto de 1583 que os seus vassallos se destruiam e empobreciam «pela dissolução e superfluidade dos vestidos, e o que é peor e mais nos desagrada, Deus está por este motivo muito offendido, e a modestia vai-se quasi de todo extinguindo.»

Mas el-rei não pensou em introduzir nos artigos da ordenação uma só disposição que fosse contra a immodestia do trajar. Prohibe com minucioso cuidado os bordados, as passamenterias, as franjas, os acolchoados, os diademas, as cadeias, os collares, etc.; enumera com a mesma severidade as differenças notaveis que a condição das pessoas deve auctorizar com a riqueza do trajo; prohibe os capuzes de panno, mais de uma cadeia de ouro ao pescoço, e mais de uma fileira de botões, e ao mesmo tempo os laços e bordados nos corpos e costuras dos vestidos. Mas não procura remediar as abominações e disfarces da moda, como os qualificava então o honrado João de Courres, que supplicava aos magistrados e mais auctoridades a graça de corrigirem a escandalosa relaxação dos costumes.

Já em 1576 Henrique III havia tentado pôr em vigor os edictos sumptuarios de Carlos IX, fazendo-os lêr e publicar «ao som de trombeta e pela voz do pregoeiro pelas ruas de Paris e demais cidades do reino.» Uma multa de mil escudos de ouro devia ser imposta a todo o contraventor, homem ou mulher, que usasse vestidos improprios da sua condição social.

No momento, porém, em que el-rei considerava como uma necessidade renovar as excellentes ordenações dos seus antepassados contra os excessos do luxo, «com prohibição ás pessoas que não fossem nobres, de usurpar o trajo dos fidalgos, e de apresentar como damas as suas mulheres», não attendia, nem pouco nem muito, á indecencia do trajo feminino.

O parlamento, apesar de haver mandado fechar o theatro italiano dos Gelosi, pela immoralidade das suas comedias, não ousava refrear, nem reformar o impudor das modas femininas.

«Os excessos dos costumes, diz Pedro de l'Estoile, no seu Registro diario, com data de 25 de junho de 1577, annunciando a expulsão dos *Gelosi,* era bastante grande já, mesmo sem taes preceptores, principalmente entre as damas e donzellas, que pareciam seguir as modas dos soldados do seu tempo,

que fazem gala de mostrar as suas couraças douradas e reluzentes, quando se apresentam nas revistas. De igual modo fazem ellas gala dos peitos descobertos e de outras partes do peito, que teem em perpetuo movimento, similhantes aos folles dos serralheiros, quando accendem o fogo na sua fragua.»

As ordenações sumptuarias, que tão frequentes foram no decurso do seculo XVI, não se dirigiram nunca senão ao luxo ou á qualidade das sedas ou brocatins, que deviam regular-se pela condição das pessoas. Nunca atacaram os caprichos deshonestos da moda, eram mesmo indifferentes aos escandalosos abusos da nudez.

Mas a religião e a moral suppriam o silencio das leis relativo ao trajar. Ambas ellas favoreceram os progressos da decencia publica, e as mulheres honestas, que se terião envergonhado de se assimilharam ás cortezãs na maneira de trajar, encarregaram-se muito melhor do que o poderia ter feito o rei e os parlamentos com os seus edictos e ordenações, de submetter a moda ás leis do pudor e da honestidade.

Não obstante, como diz Joly, nas suas *Advertencias christãs para instrucção dos meninos,* «uma das cousas mais difficeis é tirar aos jovens a affeição dos trapos e adornos do corpo. A razão d'isto é que as mulheres desejam naturalmente parecer bem.»

A loucura havia ido tão longe em questões de vestidos e adornos, que o proprio excesso do mal produziu uma feliz e salutar reacção. Todos quizeram que a sua maneira de vestir não fosse um vergonhoso indicio dos seus costumes, e ninguem, excepto as pessoas de má vida, procurou distinguir-se d'ahi ávante por caracteres exteriores de impudor e libertinagem.

As conveniencias recuperaram pouco a pouco o seu imperio nos dominios da moda, e as damas, reservando a nudez do seio para os bailes e outros actos de ceremonia, abstiveram-se de se apresentar nas ruas, como no seculo XVI, com a impudica libré da prostituição.

CAPITULO XXXVI

SUMMARIO

O *Gabinete do rei de França.* —Nicolau Bernaud não é o auctor d'esta obra.—La Monnoye refutado.—O «Segredo das rendas de França» —Quem é o seu auctor.—Analyse do *Gabinete*, e explicação das suas tres perolas. —O tractado da polygamia sagrada.—Estatistica singular da prostituição em 1581 —O pessoal do bispado de Lyon. —Trechos curiosos extrahidos do livro da polygamia sagrada.—Excessos e desordens de uma só diocese —O auctor prova a exactidão dos seus calculos pelo computo da *Monarchia diabolica.*—Pormenores do estado das dioceses de França, sob o ponto de vista da prostituição.—Provas singulares ministradas pelo auctor em appoio da sua estatistica.—O cardeal de Lorena desculpado por Brantôme.—Os pagens dos cardeaes.—Pessoal de um palacio episcopal. —O baile do bispo.—Os pagens dos abbades, dos priores, dos monges etc.—Cinco artigos do *Colloquio* de Poissy. —Polygamia dos nobres.—Prostituição da nobreza do Berry A collação do abbade.—Rendimentos do clero.—Conclusão do libello huguenotte.—Os costumes ecclesiasticos no seculo XVI.—Testemunhos de João de Montluc e de Brantôme.—Informação contra o abbade d'Aurillac.—O clero recebe a influencia moral da Reforma.



POSSUIMOS um documento tão singular como curioso sobre o estado da prostituição, ahi por fins do seculo XVI. E' uma obra intitulada o *Gabinete do rei de França, em que ha tres perolas preciosas de valor inestimavel, por meio das quaes sua magestade é o primeiro monarcha do mundo e os seus vassallos ficam exemptos de tudo.* Esta obra rara, de que não ha senão uma edição, fórma um volume de 647 paginas in-8.º, com cinco folhas preliminares e cinco de indice. Não tem designação de imprensa, e apresenta a data de 1581 e a dedicatoria a Henrique III. O auctor occulta-se sob as iniciaes N. D. C., e a impressão terminou em novembro de 1581.

Os bibliographos apenas se tem dignado citar este livro, sem se occuparem do que elle contém. Conhecemos tão sómente a collecção *Mélanges d'une grande bibliothéque*, onde se encontra uma especie de analyse, muito succinta e imperfeita, d'esta extranha publicação, sahida da imprensa secreta dos reformados.

Basta examinar este volume e comparar os caracteres e a maneira da impressão com a dos livros publicados pela mesma épocha na Rochella, para ficarmos tendo a certeza de que foi fabricado nas officinas typographicas d'esta cidade, que era então a capital dos huguenottes.

Quanto ao auctor do *Gabinete do rei de França*, o doutor La Monnoye, nas suas observações sôbre os auctores disfarçados de Baillet, sustenta que é Nicolau Bernaud, a quem attribue igualmente o *Espelho dos francezes, que contém o estado e manejo dos negocios da França*, publicado sob o pseudonymo

de Nicolau de Montaud. Nada auctoriza ou justifica, porém, esta opinião que La Monnoye não se deu ao trabalho de appoiar em provas ou razões attendiveis. A opinião sustentada pelo commentador de Baillet não é um facto averiguado em bibliographia, embora se quizessem interpretar as iniciaes N. D. C. por Nicolau de Crest, fundando-se esta conjectura em Nicolau Bernaud ser natural de Crest, no Delphinado.

Pouca importancia tem, portanto, o nome do auctor, e não entraremos em longas minuciosidades para demonstrar que Nicolau Bernaud, medico, theologo sociniano e sobre tudo investigador imfatigavel da pedra philosophal, não poderia ter nunca reunido os immensos materiaes estatisticos, que serviram para a composição do *Gabinete do rei de França*. Basta consignar, com referencia a uma carta de Bernaud, escripta em Leyde em 1599, que havia viajado por Hespanha por espaço de mais de quarenta annos, antes de ir residir na Hollanda. (Veja-se esta carta no seu tractado de alchimia intitulado: *Quadriga aurifera, nunc primum à Nicola Bernaurdo Delphinate in lucem edita.* Lugd. Batav. ap. Christ. Raphetengium, 1599, in-8.º»

Sentimo-nos muito mais inclinados a attribuir o *Gabinete* a Nicolau Fromenteau, cujo nome figurava com todas as lettras no titulo de uma obra do mesmo genero publicada n'esse anno: «O Segredo das rendas de França, descoberto e dividido em tres livros e agora publicado para arbitrar os meios legitimos e necessarios de pagar as dividas d'el-rei, desonerar seus vassallos dos subsidios impostos ha trinta annos e recobrar todo o dinheiro dado a Sua Magestade.»

A primeira edição, muito menos completa do que esta, fórma tres tomos in-8.º, e havia apparecido já em 1581 com este titulo differente: «O segredo dos thesouros de França descoberto e dividido em tres livros.» O impressor, n'uma advertencia que se encontra junto do frontespicio, diz que esta obra era esperada com tanta impaciencia, que até se disputavam as folhas humidas ainda, á proporção que iam sahindo dos prelos. Esta circumstancia indica sufficientemente que a impressão se fizera n'uma cidade protestante, onde se imprimia furtivamente.

Com effeito, o *Segredo das rendas* parece haver sido impresso, como o *Gabinete do rei de França*, na Rochella, e é muito provavel que esta ultima obra anonyma publicada depois da primeira, que foi igualmente dedicada a Henrique III, e datada de Paris, 1 de janeiro de 1581, tivesse por auctor o mesmo Nicolau Fromenteau, cujo nome não se encontra em nenhum outro livro.

Falta agora saber se Fromenteau é um pseudonymo, sob o qual se occultava algum dos mais terriveis campeões do protestantismo d'aquelle tempo.

Os principaes campeões da Reforma eram a esse tempo em França Agrippa d'Aubigné, Plessis-Mornay, Lancedot-Voisin de la Popelinière, e o fogoso ministro reformado Guilherme Reboul, que escreveu muitos livros violentos, e não menos excentricos.

Não pretendemos occupar-nos aqui do «Segredo das rendas», embora elle nos podesse ministrar muitos factos curiosos para a historia da prostituição,

como por exemplo o numero das mulheres violadas em França durante as guerras civis. O «Gabinete do rei de França» é um vasto repositorio de dados e noticias, e por isso não precisamos de ir buscal-os a outra parte a respeito do mesmo assumpto e da mesma épocha.

Eis a analyse d'esse curioso livro:

As tres perolas preciosas que o auctor se propõe examinar, são a Palavra de Deus, a Nobreza e o Terceiro Estado que nos mostra encerradas n'um estojo, que não é outra cousa senão o reino de França. Faz em seguida a enumeração dos bens e rendimentos do clero, pretende que el-rei se apodere d'elles, a fim de com o auxilio d'estes novos recursos, manter exercitos, soccorrer os pobres, auxiliar a agricultura e pôr termo ás desordens que deshonram a Egreja catholica.

Indica em seguida os vicios e excessos da nobreza e as reformas que poderão restabelecel-a no seu antigo esplendor.

Finalmente falla do terceiro estado com uma predilecção mui especial. Segundo o plano financeiro, imaginado pelo auctor, o terceiro estado far-se-hia colono das terras ecclesiasticas e nobiliarias. Em seguida, encarrega-se-hia de pagar as dividas da republica, encher as arcas do rei, e prover aos dotes convenientes para casar todos os frades e sacerdotes.

Depois d'esta simples exposição das ideias principaes do auctor, que era por certo um feroz huguenotte, perguntará talvez o leitor, que relação póde ter similhante obra com historia da prostituição.

Basta abrir o «Gabinete do rei de França», para comprehender a importancia dos documentos interessantes que alli se amontoam, embora não hajamos de tomar á lettra todas as accusações que o auctor acumulou contra a nobreza e o clero do seu tempo.

Parece todavia que este auctor reunira sob o titulo de Tractado da Polygamia sagrada, uma immensa quantidade de notas e materiaes estatiscos para estabelecer com a prova dos numeros o verdadeiro estado da Egreja catholica. Este Tractado não tinha menos de tres mil folhas, e teria dado grande numero de volumes se chegasse a ser publicado. Pode affirmar-se, porém que jamais se imprimiu, bem que muitos bibliographos, especialmente Leduchat, nas suas observações sobre a *Confissão de Sancy*, o tenham citado como obra impressa.

D'esta obra tirou, pois, o auctor do «Gabinete do rei de França», o que diz sobre a polygamia e prostituição do reinado de Henrique III.

Não obstante o exaggero dos calculos, apezar da grosseria das reflexões que os acompanham, por mais monstruoso que seja o resultado do seu livro, é preciso reconhecer-se, ainda assim, que o auctor da estatistica fez mais do que uma obra de phantazia, tendo tido o cuidado de colligir indicações precisas. Assume uns certos ares de convicção e de boa fé na maneira de fazer as suas investigações e de deduzir as suas conclusões, mostra-se animado de um santo horror contra a polygamia e a prostituição, dizendo que quizera ver, não só todos os frades casados, mas tambem todos os maridos e todas as mulheres fieis. Este zelo pelo matrimonio inspira-o continuamente, e torna-o implacavel contra os celibatarios, adulteros e polygamos.

«Sustento, diz elle na sua dedicatoria a el-rei, que mais de quatro vezes

setecentas mil mulheres se dão á polygamia e ao concubinato, com esses magos e encantadores, que tiveram por tanto tempo occultas estas perolas no vosso gabinete.»

Os magos e encantadores são os maus sacerdotes, os falsos nobres e os libertinos de toda a especie. O auctor não declara de outro modo que é huguenotte, e que sob o pretexto de reformar os rendimentos da nação, quer substituir a egreja catholica pela egreja reformada de Calvino, á qual chama a verdadeira palavra de Deus. Os pormenores, porém, que elle pretende haver extrahido das melhores fontes, a respeito do estado moral do clero, não são menos preciosos, prescindindo do que possam ter de exaggerados. Por testemunho dos proprios escriptores catholicos, sabemos que o clero não tinha uma vida mais edificante que o resto dos fieis, n'aquella épocha de corrupção universal.

O auctor do «Gabinete do rei de França», depois de citar o facto do rendimento total do clero se elevar a duzentos milhoes de escudos, que, segundo o actual valor do dinheiro, representariam perto de dois milhões, pretende demonstrar que este rendimento enorme é devorado pela prostituição, por isso que, segundo elle, ha mais de dois milhoes de pessoas, que sob o veu da egreja gallicana, vivem a expensas da cruz. Para comprovar a exactidão dos seus calculos, toma como typo um dos arcebispados de França, o de Lyon, e faz a enumeração de tudo o que compõe n'este arcebispado o pessoal da polygamia sagrada.

Sem entrarmos em todos os pormenores d'esta espantosa estatistica, antes de apresentarmos esse quadro, imitação dos que Parent-Duchatelet fórma tão laboriosamente na sua obra ácerca da prostituição, julgamos que bastarão alguns trechos para fazer ideia do processo estatistico, seguido pelo auctor.

«Encontram-se, diz elle na pagina 19, nas dioceses d'este arcebispado mais de quarenta e cinco mulheres casadas com homens honrados de todas as condições, torpemente amigadas com os prelados. Além de taes adulteras, estes prelados teem tido e continuam a ter mocetonas solteiras, que lhes tem dado muitos filhos, alguns dos quaes dão o ser a outros filhos. Não faremos conta, por agora, senão dos bastardos gerados por estes prelados e bispos, durante o anno corrente, que são em numero de vinte e sete. Encontram-se na lista quarenta e duas mulheres deshonestas.»

O auctor falla ainda das *épaces episcopales,* isto é, «das mulheres com que é costume obsequiar os bispos, quando andam em jornada, ou melhor quando visitam as suas diocezes,» mas declara que o numero d'ellas não figura n'esta lista.

Os serventes e famulos dos prelados seguem naturalmente o exemplo de seus senhores.

«Na lista que a este respeito nos apresentaram, diz o auctor com a tranquillidade de um mathematico, estão mencionadas sessenta e cinco mulheres, casadas com homens honrados, as quaes estão por conta dos referidos domesticos dos paços episcopaes. Além d'estes adulterios e sodomias, encheram o ventre de cento e sessenta jovens, oitenta das quaes tiveram cada uma o seu bastardo, no anno que vae correndo.»

Estes domesticos eram em numero de cincoenta. Vêem depois os secretarios e capellães, dando um total de duzentas e quarenta e duas pessoas, entre as quaes o auctor comprehende os dispenseiros, os musicos, os monteiros, etc, mas exceptua os pagens e os lacaios.

«D'este numero, a lista representa cincoenta e tres sodomitas, sem comprehender pagens nem lacaios, que são por assim dizer obrigados a satisfazer estes monstros. Trezentas mulheres casadas e todas ellas nomeadas na lista mantiveram relações com estes familiares, que além d'estas, têem ainda quinhentas raparigas, de cuja relações resultaram trezentos bastardos no anno em que estamos. Segundo os dados estatisticos do *Tractado da Polygamia,* não se descobriram mais de quarenta e oito proxenetas. Se ha mais, de tal modo são secretas, que não as podemos conhecer, nem ao menos pelos seus nomes ou sobrenomes.»

Esta passagem dá-nos a entender que o catalogo dos agentes da polygamia se fazia por nomes e sobrenomes.

«Os suffraganeos, vigarios, curas e outros formavam um pessoal de duzentos e quarenta e cinco individuos. A lista da polygamia sagrada attribue-lhes cincoenta e oito mulheres casadas, de familias honradas, dezenove sodomitas, quatorze alcoviteiras, trinta e nove velhas criadas de quarto, e outras, das quaes cento e vinte e uma tiveram bastardos no anno que vae correndo.»

Os conegos, em numero de quatrocentos e setenta e oito, não são mais regulares na sua conducta, se dérmos credito ao auctor da estatistica. Desculpa-se de não ter podido descobrir mais de seiscentas mulheres casadas n'estas relações canonicas, mas cita um conego, que só n'um anno teve relações com nove mulheres, a saber: duas mulheres de advogados, uma de um procurador, tres de fabricantes, uma de cambista, uma de um corretor e outra de um merceeiro. Faz entrar no capitulo dos conegos sessenta e oito sodomitas, trinta e oito alcoviteiras, oitocentas e quarenta e seis raparigas e criadas, «a maior parte das quaes destruiram o fructo dos seus ventres», e sessenta e duas alcoviteiras designadas pelos seus nomes e sobrenomes.

«Além dos referidos conegos, accrescenta, sessenta e seis mais são gotosos e syphiliticos.»

«Ha tambem muitos sexagenarios. Todos estes por causa das suas enfermidades e velhice, nem têem dentes, nem podem reproduzir-se.»

Estes conegos teem ao seu serviço novecentos domesticos, frescos, gordos e fartos, os quaes conhecem carnalmente mil e quatrocentas mulheres solteiras e cento e cincoenta casadas.

Os capellães, em numero de trezentos, «multiplicam extraordinariamente os bastardos», e a lista da polygamia dá a cada um d'elles duas ou tres amantes, casadas ou solteiras.

Os sachristães são mais libertinos ainda, e um d'elles apparece na lista, por ter conhecido em um anno vinte e oito mulheres.

Os creados dão-lhes exemplo de continencia, por isso que, apesar de serem em numero de duzentos e quinze, a sua polygamia apenas consta de cento e sessenta e oito mulheres, que produziram cento e dezoito bastardos só n'um anno.

Os escreventes, que havia por esse tempo no arcebispado de Lyon, em numero de trezentos e dezesete, todos jovens e bem dispostos, procuravam menos as solteiras que as casadas. Duzentas d'estas ultimas foram inscriptas como cumplices da libertinagem d'esses jovens. Presume-se, porém, que o auctor não tivera noticia de todas.

Detenhamo-nos n'esta escandalosa nomenclatura. Punhamos de parte tudo o que o implacavel inimigo da prostituição refere a respeito das loucuras dos frades e freiras. Bastar-nos-ha termos especificado com citações textuaes o genero de estatistica, que tão audazmente se empregou na Polygamia sagrada.

Vamos agora apresentar um quadro synoptico, feito pelo mesmo auctor, a respeito do estado numerico e completo dos inauditos excessos do anno de 1581 no arcebispado de Lyon, escolhido entre todos os outros como um escandaloso especimen da depravação do clero.

Estado circumstanciado da polygamia sagrada no arcebispado de Lyon, em 1581, segundo as investigações e calculos do auctor do «Gabinete do rei de França»

1	Arcebispos, bispos, abbades e priores	480
2	Famulos e domesticos.	1:782
3	Dependentes abbaciaes.	957
4	Seus criados e serviçaes	1:250
5	Conegos	478
6	Criados e serviçaes.	900
7	Curas.	13:200
8	Criados e serviçaes.	6:700
9	Vigarios d'estes curatos	13:200
10	Seus criados e serviçaes	4:200
11	Sachristães	849
12	Criados	225
13	Dependentes claustraes	800
14	Seus criados.	420
15	Frades.	4:200
16	Seus criados e leigos	800
17	Cartuchos.	150
18	Seus criados.	169
19	Franciscanos.	700
20	Dominicos	600
21	Seus criados.	166
22	Carmelitas	452
23	Seus criados.	180
24	Seus leigos	160
25	Antoninos	315
26	Minimos, Celestinos, etc.	500
27	Jesuitas e seus criados.	62
28	Cavalleiros de Malta.	692
29	Seus criados.	1:800
30	Freiras e religiosas.	2:345
31	Padres, guardiães e serventes d'estas freiras	600
32	Noviços e meninos de côro	2:800
33	Serventes de egreja.	317

ADULTERAS

Episcopaes	468
Canonicas	750
De capellães	160
Societarias	600
Parochiaes	17:000
De vigarios	24:700
Monachaes	12:100
Maltezas	12:120
Franciscanas	400
Dominicas	200
Carmelitas	200
Agostinhas	130
Cartuchas	40
Jesuitas	5

SOLTEIRAS

Episcopaes	900
Canonicas	2:200
De Capellães	800
Societarias	600
Parochiaes	20:000
De vigarios	30:000
Monachaes ou abbaciaes	22:000
De bastardos de bastardos	5:000
Maltezas	2:000
Franciscanas	400
Dominicas	1:278
Carmelitas	410
Agostinhas	378
Cartuchas	166
Antoninas	800
Celestinas, minimas, etc.	600
Jesuitas	7
De guardiães	600
De serventes de egreja	187

PROXENETAS

Episcopaes	484
Canonicas	62
De capellães	45
Societarias	411
Parochiaes	2:000
Dos vigarios	3:000
Monachaes ou abbaciaes	2:400
Da ordem de Malta	200
De Franciscanos	75
De Dominicos	180
De Carmelitas	130
De Agostinhos	96
De Cartuchos	40

De Jesuitas	3
De Celestinos	24
De Guardiães	38
De empregados de egreja	59
De freiras	300

SODOMITAS

De bispos	124
De conegos	68
De capellães	200
De parochos	200
De secretarios	112
De abbades e priores	411
De frades	1:100
De Franciscanos	160
De Dominicos	108
De Agostinhos	60
De Cartuchos	50
De Celestinos e Minimos	9
De Jesuitas	49

Nota: Julgamos inutil fazer figurar n'este quadro a enumeração dos bastardos, dos bastardos dos bastardos, etc. etc.

O auctor d'estes estranhos calculos, tirados do tractado da Polygamia sagrada (Lib. v, cap. 9 e 10) não nos diz de que modo fez o mysterioso computo, que assegura haver existido não só na egreja gallicana, mas até em toda a christandade, mas vae ao encontro da objecção, que desde logo se offerece ao espirito dos seus leitores:

«Dir-me-hão: Como foi que poude contar n'este arcebispado tantos ecclesiasticos, tantas mulheres de ma vida, tantas proxenetas, e tantas outras pessoas qualificadas no summario d'este capitulo?»

A resposta, se bem que especiosa, não é lá muito concludente. O auctor diz que não lhe foi mais difficil fazer o cadastro da prostituição, do que a outros o catalogo das estrellas e o recenseamento da monarchia diabolica, que comprehende 72 principes e 7.405:926 diabos, sem contar os pequenos. Temos, pois, de confessar que similhante estatistica era menos facil que a outra, visto que, segundo diz o auctor, «frequentamos, comemos, e bebemos a cada passo com os cumplices da Polygamia sagrada.»

Depois de defender d'este modo a authenticidade dos seus dados, o inspector geral da Polygamia sagrada faz um resumo, por diocezes, dos prelados e beneficiados, dos seus familiares e outras pessoas que vivem á custa da Egreja. Este resumo, ao qual bem longe estamos de conceder inteiro credito, merece todavia ser archivado, á falta de dados mais serios e menos suspeitos de parcialidade calvinista. Formamos assim um quadro, á maneira de Parent-Duchatelet, para darmos como que um balanço da prostituição em cada dioceze, com a receita e despeza dos polygamos da egreja gallicana.

Estado geral da polygamia sagrada, por diocezes, com a somma das receitas e despezas de 1581, segundo as investigações do auctor do *Gabinete d'el-rei de França*

BISPADOS	Ecclesiasticos incluindo todos os seus dependentes	Mulheres adulteras sacerdotaes	Raparigas de má vida	Bastardos	Alcoviteiros homens e mulheres	Sodomitas	RECEITAS — Escudos	DESPEZAS — Escudos
Lyon	65,230	77,888	88,078	59,138	8,830	2,083	4.657,784	3.820,873
Reims	66,740	88,500	63,700	9,700	9,700	2,600	4.988,788	3.807,684
Sens	66,712	68,852	96,200	60,500	11,000	1,800	4.987,998	4.100,020
Ruão	62,600	73,714	70,026	70,000	15,700	2,200	5.348,648	4.237,537
Beauvais.	58,300	58,500	76,400	64,000	12,200	1,500	4.686,474	3.973,232
Tours.	67,300	68,500	77,900	69,700	12,300	1,900	4.980,642	4.260,111
Bourges	62,400	75,200	111,500	67,300	14,700	2,000	5.776,144	4.993,321
Bordeos	53,700	80,200	100,400	71,000	15,600	1,200	4.988,676	4.127,123
Tolosa	58,600	79,800	103,000	70,000	18,400	1,600	5.468,877	4.647,530
Narbonna	58,900	71,200	94,600	63,500	15,600	1,600	4.887,622	4.112,610
Aix ou Arles . . .	56,300	67,200	95,400	58,900	14,800	1,500	4.752,600	4.111,200
Vienna	55,000	62,200	58,900	57,400	12,000	1,600	3.875,666	3.214,443
Outras diocezes não especificadas em numero de 69, inclusivè as dos Paizes Baixos de Flandres	287,000	300,000	370,000	400,000	100,000	18,000	41.500,000	35.600,000

Numero das pessoas que vivem á custa da cruz na egreja gallicana . . . . 5.155,102 pessoas.
Somma das receitas . . . . 100.530,119 escudos.
Somma das despezas . . . . 84.596,089 escudos.

O auctor do «Gabinete do rei de França» envia sempre os seus leitores para o tractado da polygamia sagrada, d'onde tira os elementos dos seus monstruosos calculos, mas não diz que este tractado havia sido impresso. Não podemos, pois, apreciar as circumstancias que o impediram de sahir á luz, ou que destruiram todos os seus exemplares. O que nos demonstra a existencia da referida obra, é que o auctor, referindo-se a ella, não apresenta dados exactos a respeito da polygamia dos nobres, e não póde formar uma estatistica análoga á que encontrava preparada na enumeração geral da polygamia dos religiosos. Dedica-se de preferencia e com uma especie de prazer maligno á primeira parte do seu assumpto, sem se cançar de a repetir em todo o decurso da obra, que parece não ter outro fim, senão fazer passar os bens do clero para o dominio do rei, casando de boa vontade ou á força todos os ecclesiasticos e religiosos de ambos os sexos.

A maneira de estabelecer a prova do numero dos agentes da prostituição nada tem de sério nem de authentico, e reconhece-se n'este processo de insinuação e inducção a má fé dos huguenottes furibundos e raivosos, como então lhes chamavam. No emtanto, estas mesmas calumnias, cheias de veneno, não são completamente para desprezar, por quanto pintam a vida licenciosa, que ao tempo levavam alguns membros indignos do clero catholico.

Eis, por exemplo, como o auctor se justifica de haver attribuido a cada cardeal francez um serralho composto de seis concubinas, sem contar as relações adulteras:

«Como provaremos, porém, este numero de seis? Com os proprios cardeaes. Nem tão pudicos elles costumam ser, que não ousem confessar muitas mais ainda. O mais antigo d'elles teve amores com mais de trinta n'um anno so. Ha mesmo cardeaes que não se occupam de outra cousa. Nos tres primeiros mezes depois da imposição do barrete, um dos mais novos, apesar d'esse tempo dever ser o de maior continencia para elle, *cardinalizou* duas mulheres casadas e tres solteiras. Como provar isto? Com elle proprio.»

Effectivamente Brantôme, que se presava de muito bom catholico, não falla n'outros termos do cardeal de Lorena, que era o professor das jovens e inexperientes damas de honor, na arte do galanteio. Para o desculpar da sua incontinencia, o historiographo das damas galantes, diz apenas que o cardeal era um homem de carne e osso como os mais, e que el-rei o queria assim e fazia muito gosto n'elle.

O auctor do «Gabinete» está, portanto de accordo com Brantôme, quando chega a esta conclusão rabelaisiana, que recorda o estylo da *Confissão de Sancy*:

«Todos esses numerosos cardeaes de côrte são outros tantos cavallos de padreação (*estalons*, diz o texto). O numero de coitadinhos feitos por elles durante a semana é igual ao das pedras que lhes enfeitam as mitras. E que hão de elles fazer? Prégar? Sabem lá o que isso é?! A maior parte d'elles nunca souberam o que é um sermão. Disputar theologia? Nem as damas estão preparadas, nem os cardeaes tão pouco. De que hão de elles tractar? De dançar e cousas alegres. Para que? Para namorarem. Como se prova? Observando como vão augmentando de volume os ventres de algumas, emquanto vae diminuindo a

bolsa dos cardeaes. E os proprios negociantes que lhes vendem fazendas de seda, objectos de ouro e de prata, bem sabem para quem são taes presentes.»

Depois d'esta pintura dos costumes dos prelados, não é para extranhar que o censor da polygamia sagrada não escrupulise em pintar com as mesmas côres os seus famulos e domesticos.

«Os prelados e cardeaes, diz elle, escudando-se no proloquio de *taes amos, taes criados,* — são tão lubricos e desregrados como todos os seus servidores. Se elles se perdem por mulheres, aos criados succede o mesmo, não porque sejam cardeaes, mas porque os servem, que para o caso o mesmo é exactamente. No mais impuro e desaforado bordel de França não se ouvem as torpes conversações que a cada passo se celebram nos palacios dos cardeaes. Invoco o testemunho de quantos as frequentam. De resto, não se vê acarretar para alli, de dia e de noite, senão *carne fresca.* É assim que elles denominam as pobres mulheres que prostituem, e depois de o fazerem, zombam impunentemente d'ellas.»

No tractado da polygamia sagrada, faz-se menção da burla pregada pelos servidores dos cardeaes, até mesmo os moços das bestas, abusando de algumas cortezãs, cujos restos, deixem-nos assim dizer, offereciam em seguida a seus amos, como se fossem primicias deliciosas.

Era sobretudo em viagem, por occasão das visitas dos prelados ás suas diocezes, que os famulos e outros domesticos davam larga a esta libertinagem. Alojavam-se com seus amos em casa dos notaveis de cada povoação, onde costumavam pernoitar, ou mesmo passar alguns dias, «e raros são, diz o implacavel critico, os que se retiram sem haverem manchado a casa hospitaleira. Se a filha da casa é rica, arranja-se-lhe o casamento com algum dos secretarios, se é casada, está perdida, porque, no meio de tamanha confusão e desafôro, não logra escapar áquella polygamia.»

D'aqui podemos concluir que os numerosos servidores do sequito de um prelado estavam longe de ser modelos de continencia e moralidade, quando se apreciam os tristes resultados do mau exemplo e dos maus conselhos n'uma reunião de homens ociosos e libertinos. O pessoal de um palacio cardinalicio compunha-se de mais de cem individuos, e o de um palacio episcopal não comprehendia menos de cincoenta a sessenta, vivendo todos á custa do prelado. Assim um bispo que tinha completo o pessoal da sua casa, contava os seguintes familiares:

Um ou dois capellães.
Um mordomo.
Um picador.
Um medico.
Tres protonotarios.
Tres ou quatro gentis-homens.
Quatro ou cinco pagens.
Um ou dois secretarios.
Um ou dois ajudantes de camara.
Um cosinheiro.

Um reposteiro.
Um copeiro.
Dois chantres.
Dois ou tres musicos.
Um alfayate.
Um boticario.
Um monteiro.
Um vivandeiro.
Oito serventes.
Um falcoeiro.
Tres ou quatro lacaios.
Um arcabuzeiro.
Um palafreneiro.
Dois moços de estrebaria.
Um carroceiro.
Um cocheiro.
Dois trintanarios.

Todos estes homens, na sua maior parte novos, e votados pelo geral ao celibato, tinham os mais depravados costumes, qualquer que fosse, de resto, a conducta do prelado a cujo serviço estavam. Concebe-se que, em dadas circumstancias, poderiam fazer recahir nos seus respeitaveis amos a vergonha do seu irregular procedimento, e n'este capitulo, pelo menos, o auctor do «Gabinete d'el-rei de França» não exaggerou talvez as cifras da prostituição que fermentava em redor de um prelado.

«O bispo é homem, diz o auctor fallando como um huguenotte, o seu famulo não é cavallo. Não querem que se casem, e elles necessariamente hão de viver e arranjar a sua vida á custa da honra dos mais.»

Uma aventura escandalosa, referida com graça pelo auctor que a apresenta como um quadro intimo da vida episcopal, declarando além d'isso haver conhecido pessoalmente a heroina, dar-nos-ha uma ideia do que eram ás vezes os costumes dos principes da egreja n'aquella épocha de dissolução e de desavergonhamento universal.

«Uma noite, diz o narrador a paginas 79, uma dama de distincção mascarou-se e foi em companhia de vinte e tres mulheres suas amigas jogar a casa do bispo, que sem duvida a esperava, ainda que d'isto não suspeitava a referida dama, pois de outro modo, é muito provavel que não tivesse ido.

«O prelado perdeu tres escudos, e para se compensar da perda mandou chamar a orchestra, e toda a companhia desatou a dançar até perder o folego.

«Na dança, tomaram parte o bispo, dois protonotarios, o secretario e sete ou oito conegos que o jogo alli havia attrahido. Os pagens, como as mulheres chegavam para todos, tractaram tambem de arranjar cada qual seu par.

«Em poucas palavras, o baile continuou desde as dez até ás duas da noite, seguindo-se-lhe a collação com grande abundancia de doces e bebidas. A dama de distincção foi victima de uma indigna surpreza. Foi o caso que uma das alcoviteiras episcopaes a conduziu illudida ao gabinete do prelado, dizendo-lhe

que iria encontrar alli outras damas, mas quem estava lá era o protonotario, que fez com ella o que bem poderão presumir. A dama, ao sahir da emboscada em que havia cahido, cobria de injurias a proxeneta, jurando-lhe que a faria arrepender, e derramando lagrimas amargas, apressou-se a sahir do paço episcopal.

«O bispo n'essa noite mandou chamar até os seus palafreneiros, que lhe confessaram as proezas por elles feitas n'aquella campanha nocturna. Sua grandeza riu a bandeiras despregadas de tudo quanto n'essa noite ouviu contar.»

Parece um capitulo do *Moyen de parvenir* de Beroaldo de Verville. O auctor accrescenta que o marido d'aquella dama, quando soube a emboscada em que sua esposa cahira, jurou vingar-se do bispo e se fizera huguenotte. É possivel, ainda assim, que o bispo não fosse cumplice do acto de violencia praticado por um dos seus domesticos. Talvez sua grandeza fosse apenas demasiado amigo da dança e dos contos licenciosos, mas nem por isso deixa de ser menos responsavel pelo proceder desregrado do pessoal da sua residencia.

O tractado da Polygamia sagrada accusa dos mesmos desvarios os serventes dos conegos, abbades, priores, etc, das ordens religiosas ou militares.

«Este servidores, diz o auctor do «Gabinete do rei de França», são tão bem tractados, que basta olhar para elles, conhece-se logo que são pessoas adstrictas a conegos e frades, tão nedios e corados elles andam.

«Nem assim lhes é difficil arranjar raparigas, porque as de seus amos trazem outras em sua companhia, e que não trouxessem, elles sabem perfeitamente onde hão-de ir buscal-as. De tal modo estão os claustros habituados a presenciar as scenas escandalosas com estas raparigas, que ao passar por alli, sente-se o cheiro da carne.»

É innegavel que esta promiscuidade de domesticos, bem mantidos e ociosos, não podia deixar de favorecer os progressos da prostituição livre e secreta, especialmente desde que fôra abolida a prostituição legal pela ordenação de Carlos IX.

«Não ha filha de artifice, de operario, de trabalhador ou serventuario em que estes infames não se refocillem, e muitas vezes a troco de um pedaço de pão desfloram uma pobre donzella. Se é formosa, é para o senhor conego: se o não é muito, e o amo o permitte, o domestico encarrega-se de o substituir. Quem lançar os olhos para esta prostituição que nos cerca, verá que não ha pae nem mãe que não deva tremer pelo grande perigo em que se encontram suas pobres filhas e serventes, porque os homens do pessoal do paço são como os touros entre as vaccas e as novilhas.»

Os serventes das abbadias gosavam certos privilegios que os dos conegos lhes invejavam.

«Ha mesmo infames, que depois de haverem abusado de algumas mulheres, graças ao credito, auctoridade e favor do seu abbade, casaram com suas filhas, bem contra a vontade dos paes.»

Quanto aos serventes dos frades, que segundo a estatistica eram em numero de cem mil e faziam então um terrivel escandalo em questões de amores, apresentam-se como infames, «que se introduzem nas casas mais honestas

para prostituirem as filhas-familias e as criadas, deixando-nos depois o encargo de lhes sustentarmos os bastardos.»

O escriptor protestante conclue o odioso quadro com esta ultima pincelada:

«Os que são tão castos, que não têem senão uma ou duas ribaldas, podeis crêr que se entregam á sodomia.»

Diz tambem que nas aldeias, suffraganeas da abbadia de Cluny, se contavam sete a oito mil mulheres libertinas, destinadas exclusivamente a satisfazer os desejos dos seus religiosos.

«Basta lêr o tractado da Polygamia sagrada, accrescenta, para se conhecerem as subtilezas monasticas dos frades, mais voluptuosos do que se póde imaginar.»

A tantas torpezas, a tantos excessos publicos ou particulares, os huguenottes oppõem um remedio unico, um remedio que elles reputam como infallivel — o matrimonio. Elles queriam que todos os celibatarios ecclesiasticos e religiosos respondessem ás perguntas seguintes:

1.ª — Se são virgens.

2.ª — Se conheceram mulheres.

3.ª — Quantas têem tido, ou têem ainda?

No caso de serem a este respeito negativas as respostas, far-se-lhes-hiam ainda outras perguntas mais apertadas:

1.ª — Se têem tido copula com os demonios?

2.ª — Se commetteram algumas vez sodomia?

3.ª — Se sabem que a continencia é um dom singular de Deus, que elle não concede senão a certas pessoas, e ás vezes por um tempo determinado, e que aquelles a quem este dom é recusado, devem recorrer ao matrimonio, que é o remedio disposto por Deus para a necessidade humana?

Em consequencia d'isto, o matrimonio da gente da egreja devia ser requerido e ordenado pela lei religiosa, tanto mais que os cinco artigos propostos e adoptados no *Colloquio de Poissy*, como uma salvaguarda da moralidade publica, nunca poderam ser executados por parte do clero.

Estes cinco artigos encerravam todas as garantias moraes, que se tinham podido inventar contra a luxuria e seus desastrosos effeitos.

1.º — Os ecclesiasticos, que não tivessem o divino dom da continencia, eram obrigados a jejuar a pão e agua, sempre que se sentissem espicaçados pelo aguilhão da carne.

2.º — Não podiam fallar nem communicar com mulheres, senão em presença de seus paes ou maridos, sob pena de degradação.

3.º — Não deviam beber vinho senão duas vezes por semana para melhor se poderem conter.

4.º — Se fossem convidados para algum banquete nupcial, deviam limitar-se a dançar um simples minuete, com os mais modestos, santos e edificantes movimentos.

5.º — A confissão auricular não poderia realisar-se senão em uma capella com cinco ou seis pessoas ao mesmo tempo.

O auctor do *Gabinete do rei de França,* desmascarando e perseguindo assim os escandalos da polygamia sagrada, julga ter provado que a primeira pedra preciosa que se póde tirar d'este lodo é «a palavra de Deus, ou a verdadeira religião, por cujo meio o rei póde limpar o seu reino d'esta sordida e detestavel polygamia.»

A segunda perola, a nobreza, parece menos enlodada que a outra. No emtanto, o rigido reformador, depois de haver assentado como principio que a verdadeira nobreza é completamente inimiga d'aquella execravel polygamia, admoesta os nobres, e censura-os, «por se prenderem tanto com a nobreza do sangue, que esquecem e desprezam a nobreza da virtude, de tal modo que chegava a parecer a alguns que nenhum vicio poderia deshonrar a nobreza herdada de seus paes e maiores.»

Considera os falsos nobres como o mais perigoso sustentaculo da polygamia, e a ennumeração d'estes falsos nobres dá-nos a conhecer o caracter e o calibre de cada um d'elles. «Fidalgos de *Mort-Dieu,* e outras blasphemias similhantes; fidalgos feitos á pressa, lobos brancos, lanzudos, birbantes, etc.»

Toda esta fidalguia dava por certo grande contingente á prostituição, mas o auctor carece de materiaes e numeros exactos, vendo-se obrigado a entreter-se com generalidades, e contentando-se de mencionar na sua revista da nobreza franceza as qualidades distinctivas boas e más, que caracterisam os nobres de tal ou tal provincia.

Os nobres da Touraine são sobretudo juradores e blasphemos, atheus ou epicuristas. Os da Guyenne, dados á rapina e moedeiros falsos; os da Gascogne, crueis e sanguinarios, etc.

«O vicio predominante entre os nobres do Berry é a luxuria. Ainda que os nobres das outras provincias não sejam exemptos d'este vicio, não se refocillam tanto n'elle, ainda assim, como os do Berry, sem que possamos dar a rasão d'isto. Devem saber, pois, que se têem outros sordidos e feios vicios, não é este um dos mais pequenos, e vejo-me na necessidade de lhes dizer o seguinte: Como tractam de gosar as mulheres dos seus parentes e visinhos, a torto e a direito, devem esperar que elles façam o mesmo ás suas.»

O censor da nobreza passa logo ao seu assumpto favorito, accusando o clero do Berry de todas as desordens que a nobreza do paiz se permittia a exemplo da Polygamia sagrada. Denuncia a immoralidade que preside ás relações das damas nobres com os ecclesiasticos, e condemna o pouco reparo dos maridos pela conducta de suas mulheres.

«E' uma prostituição manifesta, exclama elle com a indignação de um prégador, erguer-se uma dama do leito conjugal para ir procurar á meia noite um abbade ou prior, e passar até de madrugada dançando e divertindo-se com elle, sem que o marido o saiba, praticando além d'isto tão extranhas e monstruosas impurezas, que as ribaldas dos bordeis se envergonhariam de as fazer. E' uma prostituição e até um lenocinio dar de beber a estes patifes e ás suas amigas, e tomar depois a taça e beber com elles. Se isto continúa, eis uma provincia inteira manchada de toda a abominação e impureza.»

Depois d'este exordio, espera toda a gente que o auctor anonymo, tão pro-

digo de numeros ao tractar da polygamia sagrada, faça tambem uma estatistica do mesmo genero a proposito da nobreza do Berry, que parece conhecer melhor que as outras provincias. Não nos apresenta, porém, calculos que nos revellem o numero de mulheres casadas e solteiras da aristocracia, entregues á libertinagem. Prefere deliciar-nos sobre este delicado assumpto com a narração de uma aventura, que alguma cousa provaria, se se tivesse repetido com frequencia.

«Nove fidalgos e tres rapazes mais de boa familia foram a uma feira, e depois de haverem dançado alegremente, levaram umas parentas suas a casa de um abbade, que os havia convidado para um banquete. O ecclesiastico, pela sua parte, tractou tambem de arranjar umas quatorze ou quinze mulheres, suas conhecidas, e já por outras vezes habituadas a estas diversões. A reunião correu animada e alegre, e na meza serviram-se manjares delicadissimos.

«Um pagem veio em seguida deleitar os convivas com o som do seu alaude: organisaram-se danças animadas, e depois d'ellas os convivas dirigiram-se ao jardim.

«Alli cada conviva, levando pelo braço a sua dama, dirigiu-se ao bosque, e só depois de duas ou tres horas, quando começou a anoitecer, se lembraram de voltar, provavelmente por terem procurado nas sombras do arvoredo algum logar aprazivel, onde as horas passaram rapidas...

«O abbade e tres dos seus famulos, que tomaram parte em todas as diversões, mostravam-se contentissimos.

«Veio a hora da ceia, e todos ceiaram lautamente, voltando em seguida ao passeio, e depois d'elle para... os leitos.

«No dia seguinte, correu o boato de que uma das mais honestas damas do Berry, não podéra salvar a sua honra das garras de um libertino, e que fôra um primo quem lhe havia armado o laço em que a sua virtude succumbira. E como alguem censurasse ao indigno parente o haver prostituido sua prima, tendo-se indisposto por causa d'isto com o marido, que poderia lançar-lhe em rosto a sua traição, respondeu:

«Meu primo tem bastante senso commum, para comprehender que se os porcos não fizessem o presunto, nem elle, nem eu o comeriamos.»

A historia da polygamia accrescenta, como que para confirmar a sua narrativa, «que os nobres do Berry são tão indecentes, que trocam uns com os outros as suas mulheres.»

O auctor volta mais vezes ainda a este assumpto da licenciosidade que attribue aos ecclesiasticos, mas não procura apreciar de uma maneira mais precisa os damnos da prostituição na nobreza e no terceiro estado. Vê-se que n'este assumpto lhe escasseiam materiaes e pormenores.

De resto, exceptuando a violencia dos seus ataques contra a polygamia sagrada, as suas intenções são excellentes.

«E' preciso, diz elle, que o bem seja n'este reino mais forte e poderoso que o mal; é preciso que a modestia domine o orgulho, a nobreza a villania, a castidade a impureza.»

Exhorta em seguida os bons cidadãos a unirem os seus esforços aos d'elle

para corrigir os costumes e levantar ao seu verdadeiro esplendor a monarchia franceza. Entra nos calculos financeiros, e com uma minuciosidade prodigiosa enumera os differentes productos que constituem os rendimentos da egreja gallicana, concluindo que estes rendimentos, que se elevam a cento e dez milhões, são sufficientes não só para sustentar o clero, que não gastaria mais de setenta, implantando geralmente o regimen matrimonial, mas tambem para occorrer ás necessidades do thesouro de sua magestade.

Todo o segredo d'esta grande reforma consiste no matrimonio dos polygamos, e na entrada dos bens temporaes da Egreja nos dominios da corôa. Taes são as bases d'este plano de economia politica, architectado em numeros e combinações, que parecem demasiado minuciosas para não serem reaes, porque o auctor d'este singular plano apresenta como specimen do seu trabalho um estudo completo de todos os rendimentos do arcebispado de Lyon, gabando-se de não haver esquecido no seu quadro estatistico nem um frangão, nem um salamim de aveia, nem uma carroça de palha.

Esta admiravel aptidão de calculista, cousa rara e nova n'aquelle tempo, permitte-nos ter alguma confiança no recenseamento especial, feito pelo auctor ou auctores da Polygamia sagrada.

Não julgamos, porém, que o remedio proposto por este terrivel adversario do celibato, tivesse produzido os beneficos e promptos effeitos que elle esperava para a melhoria dos costumes. O casamento de todos os ecclesiasticos pagos pelo rei teria por certo diminuido o numero dos mercenarios que viviam em torno d'elles da prostituição, mas a propria prostituição que as ordenações reaes não conseguiam destruir, privando-a da sua forma legal e regular, teria continuado a reproduzir-se, como uma corrupção, á sombra dos conventos e das communidades.

Apesar d'isto, o auctor do «Gabinete do rei de França» estava tão convencido da efficacia da sua panaceia conjugal, que supplicava ao digno e virtuoso cardeal de Bourbon, a esse tempo já com cincoenta e oito annos, que désse um exemplo salutar ao clero e á nobreza, casando-se e fazendo uma confissão solemne de todas as suas «infracções á virgindade e á continencia requeridas pelo celibato.»

Este bom casamento, na opinião do inventor das tres perolas, devia infallivelmente produzir dentro de muito pouco tempo trezentos ou quatrocentos casamentos puros e legitimos.

«D'este modo, diz elle ao cardeal que suppõe arrependido de ter violado o seu voto de castidade mais de sete vezes, d'este modo, chegareis a prevenir trinta ou quarenta mil incestos todos os annos na Egreja gallicana, e dareis sobre tudo fim á sodomia, por isso que as vinte e cinco ou trinta mil pessoas habituadas a esta infamia, voltariam á pureza pelo caminho do matrimonio. Obteriamos tambem a suppressão de todas as ribaldas *(putains)* cardinalicias, episcopaes, abbaciaes, canonicas, monasticas, presbyteriaes e de todas as outras cathegorias, e a suppressão de todos os rufiões, alcoviteiros e bastardos, cujas despezas de alimentação e posição são mais que sufficientes para sa-

tisfazer todas as obrigações, tanto ordinarias como extraordinarias da corôa de França.

«Eis o beneficio que o vosso casamento traria comsigo. Vêde, porém, um outro, o maior que elle produziria. Seria a causa de todas as mulheres reclusas nos mosteiros se cazarem, e darem assim um golpe mortal no incubismo, essa sensualidade diabolica, exercida pelo inimigo da natureza no sexo fragil.»

O cardeal não se cazou, apesar do bom conselho, e a prostituição seguiu o seu curso.

Não damos a esta curiosa obra mais fé do que ella merece; convimos até com o marquez de Paulmy (*Mélanges tirés d'une grande bibliothèque*) que o auctor revella nas suas paginas um odio encarniçado contra o clero; mas temos forçosamente de reconhecer que o clero do seculo XVI estava muito longe de se recommendar pelas virtudes que deviam ser para elle o mais santo dos patrimonios.

Dulaure, na sua *Historia de Paris* (p. 516 e seguintes do t. IV) reuniu incontestaveis testemunhos da immoralidade e preversão do clero, e estes testemunhos estão quasi completamente confórmes com as asserções da Polygamia sagrada. João de Montluc, bispo de Valencia, dizia a 23 de agosto de 1560, em um discurso proferido perante o conselho do rei:

«Os cardeaes e bispos não tiveram escrupulo de entregar os beneficios aos seus mordomos, e o que é mais ainda, aos seus criados de quarto, cozinheiros, barbeiros e lacaios. Os mesmos sacerdotes pela sua avareza, ignorancia e vida licenciosa, tornaram-se odiosos e desprezives.» (*Mem. de Condé*, t. I, p. 560).

Em uma assembleia de notaveis, celebrada no Hotel de Ville de Paris, em dezembro de 1575, dirigiram-se humildes observações a el-rei, nas quaes se nota esta passagem:

«Nem os bispos nem os parochos residem nas suas diocezes ou beneficios, entregando assim o seu rebanho ás garras do lobo, sem instrucção nem bons exemplos. Os ecclesiasticos são tão inclinados á luxuria, á avareza e aos outros vicios, que o escandalo é espantoso.»

No mesmo anno, um escriptor catholico, B. Marchand, dirigia egualmente admoestações a povo francez a respeito dos vicios innumeraveis que reinavam por aquelle tempo.

«Haverá hoje em dia gente mais cheia de vicios do que os prelados da Egreja?»

Censura amargamente os sacerdotes e os frades por frequentarem as tabernas, as casas de jogo e os bordeis, e lamenta-se dos vergonhosos excessos que manchavam a casa do Senhor.

As mesmas queixas se encontram consignadas n'uma multidão de documentos historicos que não sahiam das imprensas dos huguenottes nem jámais suscitaram contradictores. Brantôme, por exemplo, fez na sua *Vida de Francisco* I um triste quadro do interior dos conventos e das abbadias antes da Concordata. Diz-nos que os frades elegiam para superior da communidade «o melhor companheiro, quer dizer, o que mais gostava de raparigas, de cães e

de passaros, n'uma palavra, o mais dissoluto de todos, a fim de que lhes permittisse todas as loucuras e excessos da libertinagem.»

Corria entre o povo um proverbio, que a ninguem escandalisava: *Avaro e... dissoluto como um padre, ou como um frade.*

Finalmente Brantôme atreve-se a fallar dos bispos e abbades nos termos seguintes:

«Deus sabe a vida que elles passam. Estão agora mais permanentes nas suas diocezes do que antigamente, mas para que? Para passarem uma vida completamente dissoluta, em caçadas, festins e orgias de mulheres, de que fazem serralhos, como um de quem tenho ouvido fallar, que procurava raparigas de dez annos, contanto que promettessem vir a ser bonitas lá para diante, mandando-as criar e educar nas aldeias das suas diocezes, como os fidalgos costumam fazer aos cães, para se servirem d'elles quando são grandes.»

Taes vicios e depravações seriam talvez apenas tristes e deploraveis excepções na Egreja catholica, e o proprio Brantôme o confirma, quando diz:

«Os nossos bispos modernos são mais cautos, ou pelo menos mais astutos e hypocritas, para melhor occultarem a sua vida licenciosa, dizia-me ha tempos um elevado personagem. O que digo de alguns d'elles, tanto antigos como modernos, não o posso dizer de todos, nem Deus tal permitta. Em todos os tempos tem havido muitos homens de bem, de vida santa e exemplar, e hade havel-os sempre, mercê de Deus, que nunca abandona o seu povo.»

No emtanto, no interesse da verdade, e sem querer attenuar a homenagem prestada por Brantôme á conducta irreprehensivel de certos prelados, confrontaremos com os factos e calculos apresentados pelo auctor do *Gabinete do rei de França* um documento juridico, cuja authenticidade Dulaure nos assegura, e podia fazel-o, porque o teve diante dos olhos. É um inquerito ordenado pelo parlamento de Paris, em virtude da representação dos syndicos e consules da cidade d'Aurillac, e feito em 1555 pelo logar-tenente do baillio d'esta cidade.

Demos a palavra a Dulaure que analysa este inquerito, em que foram ouvidas mais de oitenta testemunhas.

«Carlos de Senectaire, abbade do convento d'Aurillac e senhor d'esta cidade; seus sobrinhos, João Belveser, protonotario e Antonio de Senectaire, abbade de S. João, sua sobrinha Maria de Senectaire, abbadessa de Blois, convento da mesma cidade, e os frades e freiras de um e outro convento entregavam-se a todos os excessos da libertinagem.

«Cada frade vivia com uma ou muitas concubinas, mulheres por elle prostituidas, e que roubára da casa paterna ou conjugal. Estes religiosos sustentavam-nas e alojavam-nas no convento, bem como os filhos que de taes relações provinham, e que já chegavam a setenta, consummindo todas as offerendas feitas á Egreja.

«O abbabe tinha no jardim da sua residencia um pavilhão destinado ás suas sensualidades e adornado de pinturas obscenas. Dera-lhe um nome que não póde escrever-se por demasiado grosseiro e impudico. Os padres eram os fornecedores habituaes d'aquelle logar infame, desempenhando ás vezes tambem os sobrinhos do abbade essas funcções. A mercadoria impura era recrutada

não só na cidade, mas até nas aldeias circumvizinhas. Donzellas inexperientes eram barbaramente arrancadas em pleno dia dos braços das mães á vista de todo o mundo, e os libertinos arrostavam a indignação publica, mostrando-se insensiveis ás queixas e gritos das suas victimas, que conduziam ao convento a pontapés e empurrões para servirem de pasto á brutal lubricidade do prelado e de seus sobrinhos, e finalmente de todos os frades.» (Edic. de 1825, t. IV, p. 522.)

Não parece estar-se lendo uma pagina da polygamia sagrada? Em consequencia d'esta informação foi secularisado o convento, e a cidade d'Aurillac viu-se livre por fim dos seus abominaveis tyrannos.

Depois de se ter visto o resumo do inquerito judicial, em que Dulaure, ainda assim, imprimiu o sello da sua parcialidade, sentimo-nos inclinados a repetir com o auctor do «Gabinete do rei de França»:

«Ninguem deve, portanto, admirar-se de ver a polygamia prostituir com os seus vicios todas as familias d'este reino.»

E' preciso notar, comtudo, que a licença dos costumes no clero e sobretudo no innumeravel exercito de cumplices desbragados, era uma consequencia fatal da desmoralisação publica n'aquella épocha, em que poucas pessoas tinham uma verdadeira ideia da honestidade sob o ponto de vista social.

A religião reformada, devemos confessal-o para sermos justos, com o seu exemplo e com as suas severas censuras, contribuiu muitissimo para depurar os costumes do clero catholico, que devia offerecer brevemente tão castas e gloriosas virtudes.

CAPITULO XXXVII

SUMMARIO

A prostituição dos *mignons* de Henrique III. — Chegada dos italianos á côrte de França. — Influencia dos seus costumes. — Nicolau Maillard, da Sorbonna. — Opinião das pessoas honestas, citada por Brantôme. — Maridos abominaveis. — Henrique III volta da Polonia. — Uma aventura d'elle em Veneza. — Data exacta da sua corrupção — Os estudantes e os italianos. — O capitão La Vigerie. — Origem da immoralidade e depravação dos *mignons*. — Retrato d'elles por Estoile. — As dignidades da côrte. — Catalogo dos *mignons*. — Torpe soneto. — A calumnia. — Poesias e libellos satyricos dos huguenottes e dos da *Liga*.—Carta de um parisiense. — As feiticerias de Henrique de Valois — Mascaradas e procissões. — A confraria dos Penitentes. — O frade Poncet. — Nomes dos *mignons*. — Os *Tragicos* de Aggrippa d'Aubigne. — Os hermaphroditas. — O altar de Antinoo. — A deusa Salambona — A *Confissão de Sancy*. — O Juvenal da côrte de Henrique III.



ANTES DE EXPORMOS ao leitor o estado da prostituição na côrte de Henrique III, não podemos, sob pena de deixarmos uma grande lacuna n'esta historia dos costumes, omittir um genero de depravação, que manchou vergonhosamente o reinado do ultimo dos Valois.

Tractaremos este assumpto á parte, com toda a repugnancia que nos inspira, e com todas as precauções que a decencia da linguagem nos permittir no extracto das obras contemporaneas. Não póde estudar-se a vergonhosa épocha de Henrique III sem fallar dos seus *mignons* e das torpezas com que elles deshonraram a memoria de seu amo. Todos os historiadores mais sérios e graves, Aubigné, Thou e Mezeray, etc., resignam-se a manchar as paginas dos seus annaes historicos, apresentando n'ellas, para exemplo e licção da posteridade, as abominações que aviltaram a vida intima de um rei christão. Apenas um, o Padre Daniel, procura justifical-o, ou pelo menos favorecel-o com certas reticencias.

«Ainda que não possamos dar fé, diz elle na sua grande Historia de França, a tudo quanto os huguenottes e os da *Liga* disseram e escreveram a respeito das suas libertinagens secretas, é difficil crer que fôsse calumnioso tudo quanto d'este monarcha se propalou.»

Não emprehenderemos a ardua empreza de defender Henrique III e os seus *mignons* das accusações por todos formuladas no seu tempo, e que bem depressa formaram a tremenda voz da opinião publica. Reconheceremos, porém, com o Padre Daniel, que as calumnias dos huguenottes e mais tarde as dos da *Liga*, não deixaram de formar um tecido das mais torpes extravagancias, appoiadas infelizmente em alguns factos verdadeiros. O horrivel episodio dos

mignons de Henrique III, parece-nos haver sido singularmente exaggerado pelo espirito de partido, tanto religioso como politico.

Não póde negar-se que a chegada dos italianos a França, no sequito de Catharina de Medicis, não deixou de ter uma influencia deploravel nos costumes da côrte; mas se alguns jovens libertinos se davam ás vezes á imitação dos vergonhosos costumes de *Chouse*, como se chamava ao italianismo francez, punham especial cuidado em não alardearem estes infames excessos, muito contrarios á galanteria nacional, e até mesmo se defendiam da accusação de um vicio que causava horror a todas as pessoas honradas. Bem depressa, porém, se foi perdendo aquella salutar vergonha e começou a haver tolerancia para o que, até então, não tinha havido mais do que indignação implacavel.

«E quando mesmo não houvesse mais do que sodomia, com ella hoje se pratica, diz H. Estienne, no seu apologo p. Herodoto, publicado em 1576, mas escripto muito antes, não poderiamos chamar ao nosso seculo o cumulo da preversidade, mas de uma preversidade execravel e maldita?»

No emtanto, o povo conservou-se por muito tempo exempto d'estas e de outras impurezas, e o deploravel exemplo da côrte não havia tido o poder de corromper a antiga virtude gauleza. A sodomia, era vulgar em Italia, onde o homem que tinha este vicio ficava absolvido d'elle, desde que pagasse 36 libras tornezas e 9 ducados (*V. a Taxe des parties casuelles de la boutique du pape*). Em França este peccado obsceno era um crime capital que levava o criminoso á fogueira. Verdade seja qne os tribunaes rarissimas vezes impunham esta pena, comminada pela lei, quando este crime, que se considerava como um caso de heresia, não se complicava com a magia, a feiticeria ou o atheismo.

«Eu seja leproso, diz o Petit-Jean de Bragmarde, na sua arenga a *Gargantua* (lib. I, 20) se não vos fizer queimar como sodomitas, libertinos, herejes e seductores, inimigos de Deus e das virtudes!»

Os libertinos suspeitos d'esta macula indelevel eram apontados a dedo, detestados e aborrecidos, como diz Rabelais. Ninguem perdoava aos italianos estabelecidos em França desde o casamento do delphim Henrique com a filha de Lourenço de Medicis, duque d'Urbino, uma innovação de libertinagem, que haviam trazido comsigo.

O auctor do «Gabinete do rei de França», na sua epistola a Henrique III, não hesitou em denunciar o atheismo, a sodomia «e outras sinistras ou asquerosas manias, que o estrangeiro introduziu em França.» Quinze annos antes, já H. Estienne quizera, ao que parecia, rehabilitar a Italia e os italianos para dirigir este cruel epigramma ao doutor da Sorbonna, Nicolau Maillard.

«Eu digo que nem todos os que se mancham com este abominavel peccado o aprenderam na Italia ou na Turquia, porque o nosso Maillard ensinava-o proficientemente, e nunca esteve n'aquelles paizes.»

Demonstrámos n'outro logar que as expedições da Italia foram fataes aos costumes francezes. As relações constantes entre os dois paizes desde o reinado de Carlos III, não podiam deixar de espalhar odiosos elementos de corrupção entre a nobreza e o exercito. H. Estienne indica tambem o pernicioso ensino que a Italia havia communicado á França.

«Voltando a esse infame peccado, diz elle na sua *Apologia*, (pag. 107 da edic. orig. de 1566,) não é para lastimar que alguns individuos, que antes de pôrem o pé em Italia até aborreciam as conversações relativas a esta infamia, depois de lá terem estado não só se comprazem a fallar, mas até mesmo façam profissão d'esses vicios como cousa aprendida em boa eschola?

Apesar do vicio italiano haver feito deploraveis progressos na côrte de França, todos os homens honrados sentiam um profundo desprezo por aquelles indignos transfugas do amor francez, que era o unico approvádo e recommendado, segundo a expressão de Brantôme. Encontramos nos escriptos do gracioso abbade a prova do sentimento de repulsão, que inspiravam estes sordidos e ignobeis excessos, n'uma épocha em que a prostituição não conhecia limites.

Diz elle nas suas *Dames galantes*:

Ouvi dizer a um grande fidalgo, e é verdade, que nunca o sodomita foi bravo e generoso, exceptuando o grande Julio Cesar. Deus permitte que tão abominaveis pessoas sejam geralmente desprezadas. E, ainda que pareça extranho haver alguns individuos manchados d'este vicio em grande prosperidade, Deus lá os espera para o castigo, e alfim se verá o que vem a ser d'elles.»

O licencioso chronista era homem de consciencia facil e nada timorata em assumptos de galanteria, mas ainda assim, vemol-o sempre horrorisado a respeito dos vicios contra a natureza, e mesmo quando a côrte de Henrique III se entregava loucamente aos costume. italianos, Brantôme não deixa de os censurar, nas suas *Dames galantes*, livro que, não obstante, póde considerar-se como o repertorio da libertinagem do seculo XVI. E' verdade que Brantôme escrevia este tractado de moral lubrica, sob a inspiração e auspicios da rainha Margarida de Valois, que presidia por essa épocha á *banda feminina*. Chamava-se assim, na côrte de Carlos IX, uma especie de liga das damas contra as vergonhosas desordens da juventude italianisada.

«Não me espanto, diz Estienne, nos seus dialogos da linguagem franceza italianisada, não me espanto de que as damas, italianisando a linguagem, a exemplo dos homens, queiram tambem italianisar outras cousas.»

Quando Henrique III, que era rei da Polonia, foi chamado a succeder a seu irmão Carlos IX, os italianos haviam já penetrado na côrte, mas os seus pessimos costumes apenas se propagavam em segredo, sem que ninguem ousasse declarar-se do seu partido. Assim, o poeta palaciano Estevam Jodelle, que passava pelo mais notavel arauto do amor anti-physico, deshonrou-se mesmo aos olhos dos seus amigos da *Pleyade*, prostituindo a sua musa até ao extremo de compor, por ordem de Carlos IX, segundo se crê, o *Triumpho de Sodoma*.

«Foi encarregado pelo defunto rei Carlos, refere Pedro Estoile, que consigna nos seus Registros-diarios o fim *miseravel e digno de dó* d'este poeta parisiense, o mais indigno e lascivo de todos, de escrever o hymno que el-rei chamava a «Sodomia do seu preboste de Nantouillet.» (*Journal d'Henri* III, edic. de Champollion, p. 29, anno de 1573.)

Quando Henrique III partiu de França para a Polonia, onde o esperava

uma corôa, pode affirmar-se que não se havia ainda manchado com o vergonhoso vicio, que tão deploravelmente o degradou ao voltar ao reino de seus maiores. Era desde a mais tenra edade propenso á luxuria, ardente, sensual e libertino, mas, ainda que rodeado de cortezãos perversos e voluptuosos, nunca se entregára aos culpaveis extravios do amor italiano. Não seria difficil averiguar se contrahiu esta infame inclinação na Polonia ou em Veneza, onde passou alguns dias no regresso a França, quando veio receber a corôa, por morte de seu irmão.

«Desde a morte da princeza de Condé, diz Mezeray, no seu *Resumo chr. da Historia de França*, Henrique III mostrou-se pouco affeiçoado ás mulheres, e a sua aventura de Veneza deu-lhe outras inclinações.»

Esta aventura de Veneza não foi outra cousa senão uma enfermidade syphilitica, que o real viajante contrahiu, e que o incommodou por muito tempo. A princeza de Condé, Maria de Clèves, a quem Henrique amava apaixonadamente, morreu em Paris no dia 30 de outubro, seis semanas depois do regresso do seu real amante, a quem viu em lastimoso estado, em consequencia da referida aventura. Eis algumas datas que nos permittem fixar de uma maneira quasi indiscutivel a épocha em que começou a vergonhosa libertinagem d'el-rei.

Apenas el-rei chegou ao Louvre, formou-se em volta d'elle a côrte dos mancebos (*mignons*) e dos italianos. Estes ultimos produziram a principio na população de Paris uma surda irritação, que não tardou em transformar-se em odio implacavel. Os estudantes da Universidade tornaram-se interpretes d'este odio puramente nacional, e perseguiram o bando italiano com canções, libellos e satyras injuriosas, havendo frequentes pendencias e mortes, por causa dos escandalos provocados pelos maus costumes d'aquelles estrangeiros.

Em julho de 1575, um valente capitão, chamado La Vergerie, foi condemnado á morte e enforcado, por ter dito publicamente que, «n'esta questão, era preciso pôr de parte os estudantes, e cortar o pescoço a toda essa cafila de pederastas italianos, que eram a causa unica da ruina da França».

Pedro de l'Estoile, ao referir-nos o triste fim do capitão, affirma que el-rei assistira ao supplicio, embora desapprovasse a sentença que o ordenara. Deve suppôr-se, no emtanto, que o processo d'aquelle desgraçado official não se formou sem annuencia d'el-rei, pois que o chanceller Renato de Birague se encarregou pessoalmente d'elle.

Desde o supplicio do capitão La Vergerie, «houve sempre quem ultrajasse com toda a classe de escriptos e libellos os italianos e a rainha Catharina de Medicis, sua ama e protectora.» Pedro de l'Estoile archivou muitas d'estas satyras, entre outras algumas estancias e sonetos contra os italianos, a quem se imputavam todos os males e desordens do reino.

No anno seguinte, porém, deixou de fallar-se dos italianos, como se os *Mignons* os tivessem feito desapparecer. Pedro de l'Estoile, echo fiel de toda a maledicencia do seu tempo, escrevia em julho de 1576 nos seus *Registres-Journaux*:

«O nome de *Mignons* começou então a andar na bocca do povo, que os

odiava tanto pelas suas maneiras sarcasticas e altivas, como pelos enfeites e atavios effeminados e impudicos, e sobre tudo pelas mercês e beneficios que el-rei lhes dispensava, julgando-se geralmente que isto era a causa da ruina do paiz, quando a verdade era que as munificencias regias não eram por elles amontoadas, antes passavam para o povo, como um rio que vae dar ao oceano.

«Os *Mignons* usavam o cabello comprido e artificialmente annellado, tendo no alto da cabeça um pequeno gorro de velludo á maneira das p... Os collares engommados e largos davam á cabeça d'estes individuos o aspecto da cabeça de S. João n'um prato. O resto do trajo era na mesma proporção. Passavam a vida a jogar, a blasphemar, a dançar, a procurar pendencias e namoros, a acompanhar o rei a toda a parte. Nada faziam nem diziam que não fosse do gosto do seu principe, pouco se importando, de resto, com Deus e com a virtude, bastando-lhes estar nas boas graças de seu amo, a quem honravam e temiam mais que ao proprio Deus.» (*Journal d'Henri* III, edic. de Champollion.)

Esta passagem é muito importante, por isso que fixa de um modo positivo a data da apparição dos *Mignons*, ou pelo menos a épocha em que começaram a ser apontados pela indignação popular. De resto, Pedro Estoile nada diz proprio para caracterisar os seus costumes perniciosos, e o retrato que d'elles faz podia applicar-se a todos os cortezãos.

Accrescenta a este retrato um poema composto de quinze estrophes, que foi espalhado largamente por toda a cidade, sob o titulo de *Virtudes e propriedades dos Mignons, 25 de julho de 1576.*

Os editores do *Journal d'Henri* III não publicaram mais do que seis estrophes d'este poema, que vem publicado na sua integra com o titulo de *Indignidades da côrte*, no «Gabinete d'el-rei de França,» (p. 297.) Os textos apresentam algumas differenças; observaremos, no emtanto, que tanto n'um como n'outro, a accusação de sodomia não se formula contra os mancebos senão sob a fórma de uma duvida injuriosa.

O auctor anonymo, que era sem duvida um poeta, ataca especialmente a deshonestidade e o luxo dos vestidos, que elle considera como vergonhosos indicios de um mau procedimento.

Eis a paraphrase de algumas estrophes, escriptas no francez ainda bastante rude da épocha.

«Estes bellos e vistosos *mignons* refocillam-se constantemente em delicias, e talvez em vicios de tal ordem, que nem podem dizer-se por deshonestos.

«Na linguagem e nos atavios são peiores do que as mulheres. Vestem-se lascivamente, de forma que uma mulher honesta receiaria tomal-os por modello. O pescoço difficilmente se move n'aquelle mar de panno engommado, que tem de recorrer ao pó de arroz, para apresentar uma alvura que a farinha de trigo não poderia facilmente dar-lhe.

«Cabellos desegualmente cortados, compridos na frente e curtos atraz, conservando-se arrepiados por meio de um cosmetico apropriado. N'aquellas cabeças ôcas, um leve gorro mais os disfarça e effemina.

«Não ousarei dizer que os atavios lhes sejam mais gratos do que ás mulheres. Receiaria offendel-os, dizendo que entre elles se pratica a arte do impudico Ganymedes. Quanto ao trajo, direi que excede os recursos d'aquelles estouvados, porque cada um dos *mignons* não veste como simples fidalgo, mas sim como principe.»

Démos a preferencia ao texto do «Gabinete d'el-rei de França,» e devemos notar, que segundo este texto, o poeta parece querer evitar a suspeita de que os *mignons* praticassem a arte do impudico Ganymedes. Pelo contrario, na versão evidentemente alterada que nos ministram os diarios d'Estoile, o sentido é muito differente, pois que o auctor diz que elles praticam essa arte vergonhosa, por meio de uma insinuação, que equivale a uma declaração formal.

Parece concluir-se d'esta satyra, datada de 1596, que na sua origem os *mignons* de Henrique III não eram considerados como agentes da libertinagem italiana. Accusavam-nos apenas de devorarem a substancia do povo, de esgotarem as arcas do thesouro, de usarem trajos deshonestos e de viverem n'uma effeminada ociosidade.

Outro poeta se encarregou por esse tempo de responder ás *Indignidades da Côrte*, compondo um poema florido e palavroso, que intitulou *Brasões da Côrte*. Sem se demorar nas imputações indirectas a respeito dos costumes dos cortezãos, vitupera sómente as linguas satyricas e os espiritos mordazes, que diziam ser a côrte de França

Un retrait des abus, des dissolutions.

Poderia, pois, inferir-se d'este certamen poetico que a libertinagem dos *mignons* não foi a principio estygmatisada pela opinião publica. Havia certamente muito que reprehender na sua conducta, mas a calumnia inventou desde logo tudo quanto devia tornal-os odiosos e abominaveis. D'aqui o papel infame attribuido aos *mignons*, isto é, a todos os jovens voluptuosos que formavam o sequito d'el-rei. O que não era mais do que uma triste excepção nos favoritos de Henrique III foi considerado como um vicio geral, e a côrte de França veio a ser aos olhos do povo indignado o receptaculo da mais abominavel prostituição.

Dulaure tinha razão em dizer «que Henrique III se distinguiu dos seus predecessores pelas suas predilecções effeminadas, e sobretudo pelos seus excessos ultramontanos.» (*Hist. de Paris*, t. IV, p. 493.) Devia, no emtanto, ter accrescentado que os huguenottes e os da *Liga* não foram extranhos a muitas das calumnias, propaladas contra o rei e os seus ministros.

«A infamia em que haviam cahido as damas da côrte, diz elle com grande parcialidade, estendeu-se durante este ultimo reinado aos jovens cortezãos, que muito mais despreziveis do que ellas, se entregavam como seu amo aos mais repugnantes excessos da libertinagem.»

Os *mignons* eram rapazes de boas familias e bem parecidos, que Renato de Villequier e François, commissarios dos prazeres d'el-rei, haviam introduzido na sua intimidade. Os mais notaveis d'elles foram: Levy de Caylus, Fran-

cisco de Maugiron, João Darcet de Livarot, Francisco d'Épinay de Saint Luc, Paulo Estuer de Caussade de Saint-Mesgrin, Bernardo e João Luiz de Nogaret, ambos filhos de João de la Valette.

Os outros eram menos conhecidos, porque não tinham a tal ponto conquistado a estima do monarcha, e por isso os seus nomes não sahiram da esphera da côrte. No emtanto, alguns d'elles vêem nomeados n'um soneto, que circulou em Paris em 1577, e que foi conservado nos Registros diarios de l'Estoile. O soneto póde servir para provar que nem todos os *mignons* estavam corrompidos pelas mesmas torpezas:

Saint Luc, petit qu'il est, commande bravement
À la troupe Haultefort, que sa bourse a conquise,
Mais Caylus, dédaignant si pauvre marchandise,
Ne trouve qu'en son c... tout son advancement.

D'O, c'est archi-larron, hardy, ne scay comment,
Aime le jeu de main, craint aussi peu la prise;
D'Archaut, d'un beau semblant, veut cacher sa sottise;
Sagonne est un peu bougre et noble nullement;

Montigny fait le beque, e voudroit bien sembler
Estre honneste homme un peu, mais il n'y peut aller;
Riverac est un sot, Tournon une cigale;

Saint-Mesgrin, sans sujet bravache audacieux:
Je parlerois plus haut, sans la crainte des dieux,
De ceux qui tiennent rang en la belle cabale.

Este torpe soneto, como diz Estoile, demonstrando a corrupção da côrte e do seculo, não contém a nosso ver mais do que os nomes dos mancebos, que se prestavam á mais odiosa prostituição. Os *deuses* que o poeta não ousa nomear, são o rei e os seus favoritos O e Villeguier, com varios outros, que partilhavam com os fidalgos da côrte o dominio da prostituição italiana.

Pedro de l'Estoile apresenta-nos tambem estes *mignons*, enfeitados, frizados, penteados, polvilhados com pós tão odoriferos, que perfumavam as ruas, as praças e as casas que frequentavam. Este abuso dos perfumes, estas modas feminis, estes vestidos ridiculos, são os unicos artigos de accusação feitas por este chronista aos *mignons*, e não vemos que caracterise em parte alguma os costumes d'elles, de modo que pareça dar credito aos rumores que circulavam a respeito d'estes favoritos reaes. Limita-se a reunir escrupulosamente satyras e epigrammas, que provam sobre tudo o odio do espirito publico contra Henrique III e os seus favoritos.

Quasi todos elles morreram miseravelmente, uns em duello, outros assassinados, muitos victimas de diversos accidentes. O horror que inspiravam ao povo traduzia-se nas suas orações funebres; em todo o caso, as injurias e maldições fulminadas contra a sua memoria não se referiam a circumstancias authenticas da sua vida libidinosa, que estava sempre envolvida n'um veu impenetravel.

Os escriptores protestantes e os da *Liga* procuraram levantar este veu, muito tempo depois de terem desapparecido os *mignons*; e a tradicção da côrte, desfigurada ou envenenada pela malevolencia, reflectiu-se em muitas obras satyricas, que não foram impressas até ao reinado de Luiz XIII, vinte e cinco ou trinta annos, depois da morte de Henrique III.

Na vida d'este principe appareceram unicamente algumas peças em verso ou em prosa, que circularam clandestinamente em Paris, e que não tiveram publicidade, embora momentanea, senão em consequencia das Barricadas. Já antes d'isto, porém, outras composições mais infames ainda haviam sido divulgadas, sem que nenhum impressor ousasse publical-as.

Pedro de l'Estoile archivou muitas d'estas composições nos seus Registros diarios, e na reunião de curiosidades que consagrou á historia anecdotica e escandalosa do seu tempo. Todos os editores do *Journal d'Henri* III hesitaram ante a publicação das poesias obscenas, que formam o triste monumento da horrivel reputação dos *mignons*. N'esta ultima edição, que devemos á sollicitude de Champollion, lemos apenas com data de 10 de setembro de 1580:

«Diversas poesias e escriptos satyricos foram publicados contra el-rei e seus favoritos, n'estes tres annos 1577, 1578 e 1579, os quaes por serem na sua maior parte impios e torpes, de tal modo que o papel se envergonhava, seriam dignas do fogo, assim como os seus auctores, n'outro seculo que não fosse este, que parece destinado a ser a vergonha dos precedentes.

«Os seus titulos são os seguintes:

«*Les trésoriers et les mignons*, por M... da *Liga*.

«O soneto impudico a Saint-Luc.

«O *Pasquim cortezão*

«Este ultimo é torpe, obsceno, lascivo, e corria na côrte em 1579, sendo cousa muito conhecida.

«Os versos livres que se escreveram na egreja da abbadia de Poissy, n'um dia em que o rei lá foi.»

Cada vez que um dos favoritos d'el-rei era arrebatado por uma morte violenta ao affecto de seu amo, quando Caylus, Maugiron, Schomberg e Riberac morreram n'um duello, quando Saint-Mesgrin foi uma noite assassinado á porta do Louvre, desencadeiou se em Paris e na côrte uma explosão de libellos atrozes contra os *mignons* de cabello frizado. Seria, porém, injustiça considerar estes libellos como a expressão legal da verdade historica. Era antes a obra perfida das vinganças da côrte, e ás vezes tambem das paixões politicas.

Não escasseavam poetas no palacio da Universidade, para infamarem os *mignons*, em *versos cortezãos*, quer dizer, em versos deshonestos, torpes, sordidos, á moda da côrte, ainda mesmo que atacassem tambem a honra d'el-rei, segundo a definição de Pedro Estoile.

Damos n'este logar para exemplo um soneto satyrico, largamente espalhado em Paris em 1578, e que sahiu da officina da *Liga*.

Ganymédes effrontés, impudique canaille,
Cervaux ambitieux, d'ignorance comblés,
C'est l'injure du temps et les gens mal zelés,
Qui vous font prosperer sous un roi fait de paille

Ce n'est ni par assault ni par grande bataille
Qu'avez eu la faveur, mais pour être alliés,
D'un corrompu esprit, l'un et l'autre enfidés,
Guidés de vostre chef, qui les honneurs vous baille.

Qui vos teints, damiseaux, vos perruques trousées
Aime, autant comme escus et lame et epées;
Puisque les grans estats qui vous rendent infames

Sont de vice loieurs aux jeunes imprudents,
Gardez-les á toujours, car les hommes vaillants
N'en veulent aprés vous, qui êtes moins que femmes.

Paraphraseemos esta composição poetica:

«Ganymedes desaforados, canalha impudica, patetas ambiciosos, odres de ignorancia, só a preversidade dos tempos que vão correndo e as pessoas infames vos fazem medrar á sombra de um rei de palha.

«Não foi por assalto nem por batalha que alcançaste esse favor, mas sim pelos vossos costumes corrompidos, unidos estreitamente uns aos outros, e guiados pelo vosso chefe, que vos distribue os cargos e as honrarias.

«Ha quem seja tão inclinado aos vossos feminis enfeites, como ás espadas e aos escudos. Uma vez, que as grandes honras que vos tornam odiosos, são o premio do vicio, guardae-as muito embora! Os homens valentes e dignos nada querem comvosco, que valeis menos que as mulheres!»

Esta inimisade irreconciavel contra os favoritos foi constantemente progredindo em todo o reinado de Henrique III, e o povo sempre inclinado a crêr o que é extranho e monstruoso, nunca tomou a precaução de acceitar com desconfiança as calumnias frequentemente ridiculas, que corriam a respeito do bando dos *mignons*.

Houve mesmo quem se convencesse muito seriamente que João Luiz Nogaret, duque d'Épernon, que Pedro de l'Estoile chama *Archi-mignon d'el-rei*, e que veio a ser o principal favorito de Henrique III, depois da morte dos *mignons* Caylus e Maugiron, não era senão um demonio do inferno, destinado a acabar de corromper e condemnar o desgraçado Henrique de Valois.

Esta lenda diabolica foi largamente referida, n'um libello publicado por essa épocha, e que tinha por titulo:

«Cousas horriveis contidas n'uma carta dirigida a Henrique de Valois por um filho de Paris, no dia 28 de janeiro de 1589, e impressas pela copia, que se encontrou n'esta cidade de Paris, perto do relogio do Palacio, por Jacques Gregorio, impressor MDLXXXIX.»

O filho de Paris, a quem Pedro de l'Estoile chama um patife da *Liga*, refere n'esta carta, cheia de obscenidades, que os feiticeiros e encantadores haviam dado ao rei um espirito familiar, chamado Terragon, e que este espi-

rito, com a apparencia de um mancebo, lhe fôra apresentado no Louvre, como um fidalgo da Gascunha. Apenas el-rei vira este fidalgo, chamou-lhe logo seu irmão, e o levou a dormir á sua propria cama. Por conseguinte, o duque d'Épernon não era senão aquelle mesmo espirito Terragon.

O filho de Paris, referindo-se ao tal *archi-mignon* d'el-rei, entra em pormenores maravilhosos, que provam a sua impudica diabrura. Estes pormenores são tão horriveis, que M. M. Chanpollion não se atreveram a reproduzil-os todos, reemprimindo apenas alguns extractos da carta, no appendice da sua edição do *Journal d'Henri* III, que fórma parte da collecção de memorias relativas á historia de França, publicada por M. M. Michaud e Ponjoulat.

Talvez não exista já nem um unico exemplar da edição original d'este celebre disparate, como o qualifica Pedro d'Estoile. Este chronista, porém, publicou uma copia feita por elle na grande collecção in-folio, composta de libellos, impressos e estampas gravadas em madeira e intitulada: *As bellas figuras e anecdotas da Liga.* Esta preciosa e curiosissima collecção existe actualmente na secção de livros impressos da Bibliotheca imperial.

Attribuiam-se ordinariamente aos feiticeiros as infamias de que Henrique III era accusado pela opinião publica. Estas infamias pareciam ao vulgo crédulo consequencias naturaes das feiticerias imputadas ao desgraçado rei. Assim, ninguem duvidava em Paris de que os *mignons*, e especialmente o duque d'Épernon, estivessem ligados a seu amo por um pacto diabolico, e todo o mundo se convenceu d'isto, quando se disse do alto do pulpito que as provas materiaes dos seus sortilegios abominaveis haviam sido descobertas no Louvre e no bosque de Vincennes, nos proprios aposentos d'el-rei.

«Eram dois satyros de prata dourada, da altura de quatro pollegadas cada um, tendo na mão esquerda uma grande massa a que se encostavam, e segurando com a direita um copo de chrystal puro e brilhante, levantando-se sobre uma base redonda sustentada por quatro pés. N'estes copos havia drogas desconhecidas, que constituiam uma oblação, e o peior de tudo era estarem defronte de uma cruz de ouro, no meio da qual havia incrustado um pedaço de madeira da verdadeira cruz de Nosso Senhor Jesus Christo.»

Esta ingenua descripção, que tomamos de um libello, que appareceu por aquelle tempo com o titulo de *Feiticerias de Henrique de Valois, e oblações que elle fazia no bosque de Vincennes ás imagens de demonios de prata dourada* (Paris. Didier Millot, 1589), refere-se simplesmente ás navetas do incenso collocadas n'um oratorio de cada lado do crucifixo.

O auctor do referido pamphleto indica o uso impuro e sacrilego dos suppostos idolos, dizendo:

«Sabe-se que os pagãos adoravam os satyros como deuses dos bosques e logares retirados, por acreditarem que d'elles provinha a aptidão e a potencia da sensualidade.»

É impossivel purificar a memoria de Henrique III das manchas que a deshonram. Póde affirmar-se, no emtanto, que as torpezas de que são responsaveis no tribunal da historia este principe e os seus *mignons*, não foram nem tão repugnantes, nem tão frequentes como se suppõe, pelas accusações dos hu-

guenottes e dos da *Liga*. Chegamos a acreditar que em muitas circumstancias o affecto do rei aos seus favoritos era alheio de toda a impureza, e não temos coragem para vêr uma paixão vergonhosa nos sentimentos de amisade e dôr, que Henrique III deu publicamente a Caylus e a Maugiron, chorando-os amargamente, beijando-os depois de mortos, diz Estoile, fazendo com que lhes cortassem os cabellos louros, e tirando a Caylus os brincos que elle proprio lhe havia dado e posto por sua propria mão.

Nada é mais commovedor do que a morte de Caylus, repetindo até ao ultimo suspiro: *Oh! meu rei! meu rei!...*

O povo considerava tudo isto de modo differente, e via com desgosto os sumptuosos tumulos erigidos em honra d'estes dois jovens effeminados, que tanto se havia habituado a odiar. O povo, cego e irritado pelas intrigas dos partidos anarchicos, tinha aversão a tudo quanto considerava como causa dos seus males e miserias. Estava sempre disposto a acreditar os horrores que ouvia referir a respeito dos costumes d'el-rei e dos seus favoritos, deixava-se enganar pelas apparencias, e sentia-se prevenido desfavoravelmente contra os cortezãos que faziam mascaradas e procissões.

Os prégadores com as suas declamações tiveram por essa épocha a mais funesta influencia na opinião, e Henrique III teve motivos para se arrepender de os não ter reduzido ao silencio. Depois de o terem aviltado e diffamado, mandaram-n'o assassinar por Jacques Clemente.

«N'um dia de quaresma, lê-se no *Journal d'Henri* III de 20 de fevereiro de 1583, el-rei e os seus favoritos mascararam-se e sahiram pelas ruas de Paris, onde practicaram mil insolencias, e de noite andaram de casa em casa, visitando gente de mau porte até ás seis da manhã do dia seguinte. N'esse dia, quasi todos os prégadores de Paris nos seus sermões o accusaram desasssombradamente das suas noitadas e insolencias.»

Foi talvez para fazer penitencia d'estas loucuras, que el-rei poucos dias depois instituiu a *Confraria dos Penitentes*, fazendo procissões, em que os irmãos, vestidos de sacco, iam em duas alas cantando psalmos e açoitando-se. Os *mignons* figuravam, porém, n'estas procissões, e a sua presença destruiu logo todo o salutar effeito d'ellas.

«Soube de fonte limpa, dizia o frade Poncet, que prégava a quaresma em *Notre-Dame*, que hontem se encheu o assador para a ceia d'esses bons penitentes, e que depois de haverem comido carne de porco, passaram a noite a offender o Senhor nosso Deus.»

O prégador foi preso por ordem d'el-rei, e as procissões continuaram com a comparencia do monarcha, vestido de sacco e rodeado sempre dos seus favoritos.

«Houve alguns d'elles, diz Pedro de l'Estoile, que, segundo se conta, se açoitaram n'esta procissão, apresentando os hombros vermelhos dos açoites que se applicavam. A respeito d'isto correram muitos versos satyricos, que foram distribuidos na mesma confraria de penitentes d'el-rei.»

Segundo alguns historiadores, Henrique III fazia estas procissões e penitencias publicas para expiar os feios peccados, que intimamente se censurava,

mas em que recahia sem cessar. Obrigava, por isso, os *mignons*, como seus cumplices a apparecerem n'estas ceremonias em trajo de penitentes. Ia com elles visitar as egrejas e conventos, rezar estações, fazer preces, ouvir sermões e ganhar indulgencias. Isto, como o povo julgava, era apenas uma preparação para melhor peccar d'ahi a pouco. Affirmava-se que el-rei fizera pintar no seu oratorio e em habito monastico os seus *mignons* e favoritos. (*Confession de Sancy*, capitulo VIII.)

Contava-se que fazia açoitar na sua presença e no seu gabinete os seus companheiros de devoção e de vicios, e suppunha-se que a *Confraria dos Penitentes* havia apenas sido instituida para angariar vis e complacentes auxiliares de torpezas, e para propagar, sob a capa de uma associação religiosa, os infames principios da sodomia..

O diario de Henrique III diz-nos effectivamente que um dos mestres de ceremonias da confraria era um tal Du-Peirot, fugitivo de Lyon pelo crime de atheismo e sodomia. Comprehende-se facilmente o motivo porque o povo chamava aos penitentes *confrades do Gabinete e ministros do bando d'el-rei.*

Sully, nas suas *Economies réelles*, dá uma lista dos *mignons*, na qual figuram entre outros que já nomeamos, Bellegarde, Sonoré, Buchage e Thermes. Não allude, porém, aos seus costumes, e diz unicamente que todos elles haviam sido ao mesmo tempo favoritos d'el-rei. O douto Leduchat, nas suas annotações á *Confissão de Sancy*, nomeia mais quatro d'estes privados, referindo-se ás *Mem. do estado da França no tempo de Carlos* IX, e ás cartas de Estevam Pasquier.

«Le Voyer, senhor de Lignerolles, Pibrac, Roissy e Vic de Ville, os quaes, accrescenta o commentador, não eram tidos como igualmente viciosos e corrompidos.»

Qualquer fidalgo, honrado por el-rei com a sua sympathia ou intimidade, ficava logo suspeito de *mignon* ou *hermaphrodita*. Esta ultima denominação, menos popular e mais refinada que a outra, caracterisava a especie de prostituição, á qual segundo a fama deviam o seu valimento e fortuna.

Agrippa d'Aubigné, o Juvenal d'aquella épocha, que elle nos descreve como mais depravada ainda que a de Nero e Domiciano, consagrou a sua prosa e os seus versos ao estygma dos favoritos de Henrique III.

No lib. II dos seus *Tragiciens*, exclama:

... les Hermaphrodites, monstres effeminés,
Corrompus bordeliers et qui estoyent mieux nés
Pour valets de putains que seigneurs sur les hommes,
Sont les monstres du siècle et du temps où nous sommes.

Os *Tragiciens* foram apenas impressos em 1616, sem nome de auctor, mas estas admiraveis satyras haviam sido escriptas na mocidade de d'Aubigné, que apesar de ser um calvinista demasiado zeloso, nem por isso deixou de ser um homem honrado e um grande historiador.

Outra obra igualmente satyrica, mas muito menos apaixonada e cruel,

foi tambem composta pelo mesmo tempo para verberar os costumes dissolutos da côrte de Henrique III. Não sahiu á luz senão muito tempo depois de haver sido escripta, mas ainda assim muito antes do poema de d'Aubigné.

Póde, portanto, ser considerada como um documento contemporaneo, que merece mais confiança que os pamphletos do tempo, ainda que não passe de uma engenhosa allegoria.

O livro de que vamos fallar, e que não nos permitte rehabilitar os *mignons,* intitulava-se apenas os *Hermaphroditas,* na 1.ª edição que foi feita em Paris, n'um pequeno volume in-12.º, sem nome de imprensa, ahi pelo anno de 1604. O frontespicio tem o retrato de Henrique III em pé, e com trajos e attributos de homem e mulher ao mesmo tempo. Por cima do retrato, esta divisa: *À tous accords,* — para todos os usos. Por baixo, estes seis versos, maliciosamente enygmaticos:

Je ne suis mâle ni femelle
Et je ne sçay bien en cervelle
Le quel des deux je dois choisir;
Mais qu'importe à qui je rassemble?
Il vaut mieux les avoir ensemble:
— On en reçoit double plaisir.

Traducção: — «Não sou nem macho nem femea, nem mesmo sei qual dos dois escolher. Que importa afinal o que eu pareço? Vale mais ter os dois sexos ao mesmo tempo, porque o prazer assim é duplo.»

A publicação d'este volume fez grande sensação, especialmente na côrte, onde muitos dos antigos *mignons* de Henrique III, taes como Bellegarde, Épernon, etc., conservavam ainda o mesmo valimento, sem o deverem já a meios tão ignobeis. O pamphleto foi denunciado a el-rei e envidaram-se grandes esforços para que o auctor recebesse um castigo severo. Henrique IV, porém, depois de ter lido os *Hermaphroditas,* não quiz que se procurasse o auctor, apesar de ter achado a obra *demasiado livre e audaciosa,* «não sendo justo, dizia el-rei, que se castigasse um homem por ter dito a verdade.»

Pedro de l'Estoile transcreve esta memoravel sentença de Henrique IV, na qual temos necessariamente de vêr a prova dos factos historicos referidos pelo auctor dos *Hermaphroditas.*

Quem era o auctor do livro?

Estoile chama-lhe *Artus Thomas,* que alguns julgam ser Thomaz Artus, senhor d'Embry, litterato obscuro e palavroso. Sorel, na sua *Biblioth. française,* diz que o livro se attribuiu ao cardeal Perron.

Pouco importa para o nosso caso saber a que penna elegante e satyrica se deve esta composição poetica, que foi reimpressa pouco depois com outro titulo ainda mais explicito:

«Ilha dos hermaphroditas, recem-descoberta, com os costumes, trajos, leis e ordenações que lhes dizem respeito.»

Este novo titulo annuncia que o auctor se propuzera criticar sobre tudo a extravagancia e immodestia dos trajos da côrte. Estas modas effeminadas estão

effectivamente descriptas tão prolixamente na obra, que preferimos citar uma passagem dos *Tragiciens*, em que d'Aubigné resume em versos bellissimos, muitas paginas dos *Hermaphroditas*:

Henry fut mieux instruit à juger des atours
Des putains de sa cour, plus propres aux amours:
Avoir ras le menton, garder la face pale,
Le geste effeminé, l'air d'un Sardanapale,
Si bien qu'un jour des Rois, ce douteux animal,
Sans cervelle, sans front, parut tel en son bal:
De cordons emperlés sa chevelure pleine
Sous un bonnet sans bord, fait à l'italienne,
Faisait deux arcs voutés; son menton pinceté,
Son visage de rouge et de blanc embosté,
Son chef tout empoudré, nous monstrèrerent l'idèe;
En la place d'un roy, d'une putain fardée.
Pensez quel beau spectacle! et comme il fit bon voir
Ce prince avec un busc, un corps de satin noir
Coupé à l'éspagnole, où des dechiquetures
Sortoient des passemens et des blanches tirures,
Et à fin que l'habit s'entresuivit de rang,
Il monstroit des manchons gauffrés de satin blanc,
D'autres manches encor, qui s'estendoient fendues,
Et puis, jusque aux pieds, d'autres manches perdues.
Pour nouveau parement il porta tout ce jour,
Cet habit monstrueux, pareil à son amour;
Si qu'au premier abord chascun étoit en peine,
S'il voyoit un roy-femme, ou bien un homme-reine.

Traducção: — «Henrique entendia como ninguem de todos os atavios e adornos das cortezãs. Um dia este animal inqualificavel, imbecil e sem juizo, apresentou-se n'um baile com a barba perfeitamente escanhoada, o rosto muito pallido, o gesto effeminado, e os olhos de um Sardanapalo. Levava o cabello cingido com diademas de perolas, sob um chapeu sem abas, á moda italiana. O rosto cheio de arrebiques, a cabeça polvilhada, offerecendo mais o aspecto de uma ribalda, que o de um rei. Vede, pois, que bello espectaculo, e que deploravel figura a d'aquelle principe espartilhado, com o seu justilho de setim preto á hespanhola, coberto de bordados brancos! E para que o trajo fosse completamente ridiculo, levava mangas de setim branco, com outras mangas por cima d'estas, e outras ainda que lhe cahiam até aos pés. Este trajo, tão monstruoso como as suas inclinações amorosas, fazia duvidar a quem o via se Henrique era um rei-mulher, ou um homem-rainha.»

O auctor dos *Hermaphroditas* não omitte pormenor algum a respeito do vergonhoso trajo dos seus personagens, ou dos seus refinamentos de sensualidade e galanteio. É, porém, demasiado sobrio em dados estatisticos e em allusões a respeito dos costumes, o que dá a entender que houve algumas suppressões na impressão. E' facil suppôr o que deviam ser os actos secretos dos agentes do *Hermaphrodita* n'aquella camara, que denominavam o altar de Antinoo, porque a tapeçaria representava os amores d'este personagem mytholo-

gico, ou mesmo n'aquella galeria em que estavam pintadas a fresco as lascivas occupações de Sardanapalo, e as meditações do Aretino, relativas ás metamorphoses dos deuses, e outras scenas iguaes, perfeitamente pintadas ao natural.

Póde imaginar-se tambem o que o auctor ou o impressor omittiram, quando se notam, na galeria dedicada aos legisladores da libertinagem, calças com os assentos abertos, que subiam e desciam conforme se queria, invenção hermaphrodita, recentemente introduzida no paiz.»

A opinião de Henrique IV a respeito d'esta obra, que o monarcha julgava demasiado livre e audaciosa, reconhecendo, não obstante, que dizia a verdade, não necessita justificação de citações. É, todavia, extrahida das ordenações relativas á policia entre os hermaphroditas, e não deixa duvida ácerca do objecto principal, que o auctor se propunha n'esta mordaz satyra dos *mignons*.

«E, como, os nossos leitos são altares em que queremos que se faça um sacrificio perpetuo á deusa Salambona, desejamos tambem que sejam mais ricos que os demais, e bem adequados á maior commodidade dos nossos intimos amigos. Sabendo tambem que as acções vulgares se fazem sob um ceu que se chama lunar, e estando os mysterios de Venus dois graus acima, entendemos que cada qual deve ter duplo ceu no seu leito, e que o de dentro não deve ser menos rico do que o de fóra. Queremos que a sua historia se tome das *Metamorphoses de Ovidio*, transformações de deuses e coisas similhantes para animar os mais frios; que o posterior seja mais notavel que o anterior pela sua largura como o mais conveniente aos Hermaphroditas. E, como a terra não é digna de supportar cousas tão preciosas, ordenamos que se estendam sobre o pavimento, debaixo dos leitos, ricos tapetes do Cairo ou qualquer alcatifa de seda.»

O auctor limita-se a tocar o assumpto com uma delicadeza que prova bem todo o horror que lhe inspirava a vida desordenada dos cortezãos, e confessa que se affastava com repugnancia dos que jogavam e brincavam, com receio de ver alguma cousa que lhe podesse desagradar.

Temos de voltar aos escriptos de Agrippa d'Aubigné para conhecer os caracteres mais salientes da prostituição dos *mignons*. O grave e sensato Thou não teve inconveniente em fazer entrar na sua Historia algumas anecdotas que tambem se encontram na *Confissão de Sancy*. A da buzina, por exemplo, prova quando menos que o rei não estava tão endurecido pelo vicio, que se entregasse a elle sem remorsos.

Ahi pelo anno de 1580, Saint-Luc e Joyeuse, envergonhados da sua deshonesta condição, quizeram sahir d'ella, fazendo ao mesmo tempo envergonhar seu amo dos vicios a que já só mui difficilmente se submettiam. Por conselho da condessa de Retz, a quem ambos amavam, furaram a parede do gabinete de Henrique III e «introduziram pelo orificio, entre as cortinas e o leito, uma buzina de bronze, por meio da qual pretendiam fazer crêr na intervenção de um anjo », segundo a narração que Aubigné faz d'esta aventura, *(Hist. Universelle)*, lib. II, cap. V. T. III.)

Tractava-se de fazer chegar mysteriosamente aos ouvidos d'el-rei um aviso do ceu, aviso e ameaça ao mesmo tempo, para ver se se corrigia dos seus

odiosos habitos. O exito d'este estratagema superou a espectativa de Saint-Luc e de Joyeuse, porque Henrique III, apenas ouviu a imperiosa voz que o chamava ao caminho da moralidade, sob pena de ser castigado como os preversos habitantes de Sodoma e Gomorrha, jurou não tornar a reincidir no seu peccado, fazendo tambem arrepender os seus *mignons*.

O pobre peccador chegou a ter tanto medo, que ao menor trovão corria a esconder-se debaixo do leito, e por pouco que a trovoada continuasse, fugia todo tremulo para os subterraneos do Louvre.

Joyeuse, porém, teve compaixão do rei, vendo o deploravel estado a que chegára, e para o curar do seu terror tudo lhe confessou, lançando as culpas a Saint-Luc. Este teve tempo de fugir, antes que a colera real podesse alcançal-o, e refugiou-se na cidade de Bronage, de que era governador, abjurando para sempre os seus vicios de *mignon*.

Thou refere a mesma aventura, mas dá como cumplice de Saint-Luc a Francisco de O, em vez de Joyeuse, e attribue á mulher de Saint-Luc, Joanna de Coisé-Brissac, a invenção da famosa buzina.

De resto, apesar dos seus peccados da mocidade, o *ex-mignon* Francisco d'Épinay, senhor de Saint-Luc, veio a ser grão-mestre da artilheria e marechal de França, no reinado de Henrique IV.

«Este pobre rapaz tinha horror por aquelle vicio, diz Agrippa d'Aubigné: na *Confissão de Sancy*, e foi forçado da primeira vez que o commetteu, mandando-lhe o rei buscar um livro a um cofre, com cuja tampa o prenderam por metade do corpo o grão-prior e Camillo, e a isto se chama apanhar uma lebre na armadilha, de maneira que o honrado rapaz foi posto á força na degradação d'aquelle vil officio.»

A deshonra do desgraçado favorito tornou-se publica na côrte, por meio d'este obsceno anagramma, que Rochepot compoz com o nome de Saint-Luc: *Cast in c . . .*

O anjo da buzina deixou todavia no animo d'el-rei uma saudavel disposição para temer o castigo do ceu, e d'aqui as suas procissões, penitencias e expiações solemnes. Não é difficil, porém, de acreditar, como diz d'Aubigné, que «o terror crescia com o artificio esquisito das sensualidades». Pela nossa parte, repellimos com horror as monstruosas calumnias que os da *Liga*, ainda mais que os huguenottes, propalavam venenosamente para aniquillar aquelle reinado, stygmatizando o rei.

Custa a crêr, na verdade, como Aubigné póde obstinar-se a repetir estas indignidades nos seus *Tragicos*, na sua *Historia universal*, e na sua *Confissão de Sancy*. Devia ter deixado nos pamphletos da *Liga* aquelles rosarios trazidos de Roma, aquellas contas bemditas, que el-rei havia distribuido pelos seus companheiros de orgias, ordenando-lhes que as resassem antes das suas sensualidades: aquella missa sagrada que se dizia no leito do gabinete-lupanar d'el-rei, com ornamentos proprios do peccado: aquellas ablucções e clysteres de agua benta, que os impudicos *mignons* usavam como preservativos contra o fogo do ceu.

Sauval, nas suas memorias historicas e secretas a respeito dos amores

dos reis de França, não hesitou em tomar a defeza de Henrique III, em presença das odiosas profanações allegadas por Aubigné.

«Todas estas abominações de Gomorrha, diz elle, com que o denegriam, e que os satyros chamavam amores sagrados, como que prohibindo o amor das mulheres, eram antes os vicios dos grandes e sobretudo dos seus favoritos, denominados o *bando sagrado,* do que os seus. Assim, dizia-se a respeito das monstruosas desordens que faziam as suas delicias:

«Em Hespanha, os fidalgos; em França, os grandes; na Allemanha, poucos; na Italia, todos.»

Não obstante, temos de acceitar como verdadeira uma parte das revelações da *Confissão de Sancy,* por mais infames que ellas sejam, e é preciso não confundir com os abjectos pamphletarios da *Liga* o honrado e leal Aubigné, que foi o amigo e companheiro de armas do rei bearnez, ainda mesmo quando tenhamos de o ouvir dizer com profundo sentimento de indignação:

«Se eu contasse o que me revelou em segredo o principe de Condé, quando passou a noite muito contente, elle e os da côrte, com a aprendizagem do conde d'Auvergne; ou se fallasse no desterro do joven Bonny, por não querer ser do bando!

«Noailles escreve no seu leito estes versos:

«*Nul heur, nul bien ne me contente.*
«*Absent de ma divinité!*

«E o rei de Navarra accrescentou em seguida com a propria mão:

«*N'appelez pas ainsi ma tante:*
«*Elle aime trop humanité.*

«Estes versos deram a conhecer que de Noailles amava as mulheres contra as regras do amor sagrado, e por isso foi expulso a pontapés, como o duque de Longueville.

«Se contasse tambem os deposorios de Caylus, e o contracto firmado com o sangue d'el-rei e com o sangue de O, como testemunha, por cujo contracto se casava com M. Grande. Emfim, se eu repetisse as palavras d'este principe, ajoelhado diante de Maugiron morto e com a bocca pegada ás suas partes vergonhosas!...» (*Confissão de Sancy,* cap. VII.)

Quando Aubigné escrevia d'este modo as horriveis revelações da historia secreta de Louvre, havia sido condemnado á morte, duas ou tres vezes, como contumaz, como huguenotte incorrigivel, e gosava um alto favor na côrte de Henrique IV. Tinha a esse tempo a barba grisalha, e sentia ainda estuar nas veias o odio implacavel que lhe inspirava o vicio coroado. Trinta annos antes, durante as guerras de 1577, residia em Castel-jaloux, onde commandava alguns soldados da cavallaria ligeira do exercito protestante, e formulava as mesmas accusações contra Henrique III e os seus cortezãos na sua obra, os *Tragicos,* só publicada vinte annos mais tarde.

No leito da dôr, com a morte á cabeceira, entregava ainda á execração da posteridade os odiosos feitos dos *mignons* e do seu real protector.

Eis como o poeta preparava o trabalho do historiador:

Quand j'oy qu'un roy transi, effrayé du tonerre
Se couvre d'une voûte, et se cache sous terre,
S'embusque de laurier, fait les cloches sonner,
Son péché, poursuivy, poursuit de l'estonner;
Qu'il use d'eau lustrale, il la boit, la consomme
En clystères infects; il fait venir de Rome
Les cierges, les agnus, que le pape fournit;
Bouche tous ses conduits d'un charmé grain bénit;
Quand je voy composer une messe complete,
Pour repousser le ciel, inutile amulette;
Quand la peur n'a cessé par les signes de croix,
Le braier de Massé, ni le froc de François:
Tels spectacles inconnus font confesser le reste,
Le péché de Sodome et le sanglant inceste
Sont reproches joyeux de nos impurs cours.
Triste, je trancheray ce tragique discours,
Pour laisser aux pasquins ces effroyables contes,
Honteuses vérités, trop véritables hontes!

Damos em seguida a traducção d'estes excellentes versos, que parecem inspirados pela musa de Juvenal:

«Quando me dizem que um rei, com o medo do trovão, se esconde debaixo da terra, se cobre de folhas de louro e manda tocar os sinos; que o seu peccado habitual o persegue sem descanço; que usa de agua benta, de todas as maneiras, bebendo-a, tomando-a em clysteres; que manda vir de Roma cirios e *agnus-dei,* que o papa lhe fornece; que tapa todos os seus orificios com contas bentas; quando vejo celebrar uma missa solemne para aplacar o ceu — inutil amuletto! — quando o medo não cessa nem com signaes da cruz, nem com o cinto de Massé, nem com o habito de Francisco... Estes espectaculos desconhecidos fazem conhecer o resto. O peccado de Sodoma e o repugnante incesto são alegres censuras de uma côrte obscena. Interrompo com tristeza este tragico discurso, para deixar aos libellos tão espantosos contos, vergonhosas verdades, verdadeiras vergonhas!»

Podiamos multiplicar as citações d'Aubigné e de outros escriptores huguenottes, que se occuparam da espantosa dissolução da côrte de Henrique III. O leitor deve estar, porém, ennauseado de todos os excessos que temos narrado, e que dão a medida exacta da influencia da depravação italiana, n'uma côrte, em que, como já vimos, a prostituição foi arvorada em meio politico, destinado pela rainha Catharina de Medicis, á consecução dos seus ambiciosos planos.

A épocha era de depravação geral. O seculo XVI refinou todos os excessos da sensualidade antiga, e tanto em Italia, como em Hespanha, como em França, a dissolução dos costumes chegou a limites nunca até então phanta-

siados. Os grandes, sobre tudo, largaram desaforadamente a redea a todas as paixões infames, e por toda a parte cuidaram incessantemente de adquirir pelo vicio a mais triste das celebridades.

Henrique III, um rei fraco, demente quasi, presidia inconscientemente, na sua bestialidade estupida, a este desmonoramento dos principios moraes e das ideias virtuosas. A sua côrte era o triste quadro das mais espantosas obscenidades.

Resta-nos descrever ainda a consequencia do funesto exemplo do monarcha em todas as classes sociaes.

CAPITULO XXXVIII

SUMMARIO

O *Divorcio Satyrico*.— As *Memorias da rainha Margarida*.—Os amores do *Grande Alcandre*.—Os primeiros amores de Margot.—La Mole, Russy, Turenne, Mayenne, Clermont d'Amboise, etc. Uma aventura da rainha com Champvallon.—Partida da côrte e prisão da rainha.—Carta de Henrique III a seu cunhado.—Margarida casada.—Sua fuga de Nerac.—Sua chegada a Carlat.—Os bastardos da Gascunha e os caldeireiros do Auvergne.—Em que se occupava a rainha em Carlat.—Auviac e o marquez de Canillac.—O castello d'Usson.—Seus mysterios, segundo varias testemunhas contemporaneas.—O cantor Pominy.—A caixa de prata.—O culto de Venus Urania. Os seus dois sacerdotes Dupleis e Brantôme.—O divorcio de Henrique IV.—Regresso de Margarida a Paris.—O palacio de Sens.—Morte do *mignon* Date.—A ilha de Cythera no arrabalde Saint-Germain.—Baujamont.—Ultimos clarões da galanteria da rainha Margot.—Historia das mil e uma concubinas do rei de Navarra.—Opinião sobre a conducta d'este principe.—Catharina de Luc, Mademoiselle de Montaigne, Tignonville, Maroquin.—Madame de Sauve.—Dayelle, La Fosseuse, etc.—A condessa de Guiche.—Madame de Guercheville.—As abbadias de Longchamps e Montmartre.—Gabriella d'Estrées.— Seus amores com el-rei e com outros.— A duqueza de Verneuil.—La Haye, Fanuche, a condessa de Moret, La Glandée, etc.—A princeza de Condé.—As proxenetas d'el-rei.



ER-SE-HA traçado o melhor quadro dos costumes da côrte nos fins do seculo XVI, contando os pormenores da vida privada de Margarida de Valois, rainha de Navarra, primeira mulher de Henrique IV, e alguns dos factos relativos aos amores de seu esposo, immortalisados sob o titulo de *Grande Alcandre*. Os dois esposos tomaram a peito revelar o segredo dos seus adulterios, a rainha nas suas *Memorias*, onde enumera com grande reserva e delicadeza os aggravos de seu infiel e voluvel esposo; o rei no famoso *Divorcio Satyrico*, redigido sob os seus auspicios por Agrippa d'Aubigné, ou por outro qualquer, para servir de elucidação aos commissarios, encarregados de examinar as causas de separação que existiam entre os reaes esposos.

Estas duas peças authenticas do divorcio não foram impressas senão muito tempo depois, mas é certo que circulavam manuscriptas ao principiar o processo. Ambas provavam do modo mais escandaloso que el-rei de Navarra e sua esposa nada tinham a exprobrar um ao outro em questões de libertinagem.

De resto, o escandalo era moeda corrente na côrte, e quando a princeza de Conti escreveu os *Amores do Grande Alcandre*, para servirem de complemento ás *Memorias de Margarida de Valois*, não julgou infringir as leis da galanteria, offerecendo estes exemplos de depravação e escandalo á juventude nobre da França.

Seria difficil passar revista a todas as loucuras da rainha Margarida, desde a sua entrada precoce na senda da prostituição, quando Entragues e Charins

«gosaram as primicias do seu *ardor*», como diz o proprio Henrique IV, no seu *Divorcio Satyrico*.

Já n'outra parte nos referimos aos boatos que corriam em tempo de Carlos IX a respeito dos amores incestuosos da rainha com os seus tres irmãos. Não faltaremos aqui d'esses primeiros amantes, nem do coronel Martigues, que a amava estremosamente, ao ponto de levar sempre para a guerra uma banda bordada e um cãozinho com que ella o havia presenteado. Deixaremos tambem no silencio o duque de Guise, que «imaginou casar com ella depois dos seus impudicos beijos» e de la Mole que foi decapitado com Coconnas na praça da Grève, e cujo coração e outras reliquias mais singulares ainda ella conservava em caixas de ouro, e Saint-Luc, a quem recebia todas as noites para se consolar da perda do seu ultimo amante, e de Bonny, que «apesar de valente como as armas, não o podia ser com as mulheres, por causa de uma colica violenta, que lhe costumava dar á meia noite.»

O *Divorcio Satyrico* cita ainda entre os que mereceram os favores d'esta princeza, o duque de Mayenne, *gordo e voluptuoso como ella*, o visconde de Turenne, que ella despediu dentro em pouco, por lhe achar *varias desproporções na sua pessoa*, Lebole, que n'um accesso de ciume lhe comeu as plumas do chapeu, Ambroise, que a acariciava em roupas brancas, mesmo á porta do seu aposento, emquanto o rei de Navarra jogava ou passava a noite com os da sua côrte, o velho rufião de Pibrac, que por gostar muito de vinho veio a sêr seu chanceller, emfim o senhor de Champvallon, que penetrava no guarda-roupa da rainha dentro de um cofre, que os creados levavam e traziam.

Passaremos agora a contar o grande acontecimento da partida da rainha Margarida, quando por ordem d'el-rei, seu irmão, teve de sahir de Paris, para ir ter á Gascunha com seu marido. Henrique III estava muito irritado contra ella, porque as suas relações com Champvallon haviam fructificado n'um menino que desappareceu logo em seguida ao nascimento. Champvallon retirou-se prudentemente para a Allemanha, quando o estado de Margarida começou a inspirar suspeitas. Disse-se por essa épocha que o filho adulterino havia sido afogado, feito em pedaços e atirado a uma latrina, mas soube-se mais tarde que fôra criado com o nome de Luiz de Vaux pelo porteiro do palacio de Navarra, e que passava por filho de um perfumista da côrte.

Seja como fôr, tendo Henrique III ordenado a partida de sua irmã, esta obedeceu de muito má vontade, pondo-se a caminho na segunda-feira, 23 de agosto de 1583, com algumas pessoas do seu serviço. Chegou de noite a Palaiseau, mas el-rei havia determinado que a seguissem sessenta archeiros da sua guarda, e o seu capitão, o senhor d'Archant, cumprindo ordens secretas, foi procural-a até ao proprio leito, prendendo por essa occasião as senhoras de Duras e de Bethune, «accusadas de incontinencia e de promoverem abortos á rainha.»

O senhor de Lodon, gentil-homem da rainha de Navarra, foi tambem preso, e bem assim o seu escudeiro, o seu secretario, e outros creados seus.

Todos elles foram conduzidos a Montargis, onde o proprio rei os interrogou a respeito da conducta de sua irmã, e ácerca da creança que ella tivéra



Margarida de Valois, rainha de França e de Navarra
(Copia d'um retrato das «Femmes Célèbres)

na côrte. Este interrogatorio, porém, bem como o processo que d'elle resultou nenhuma luz deu ao assumpto e todas as pessoas presas foram postas em liberdade. Margarida poude então continuar a sua viagem e chegar a Nerac, onde estava seu marido.

El-rei de Navarra não quiz recebel-a, em razão do escandalo que este caso havia produzido, e nenhumas relações se estabeleceram entre estes dois esposos, que viviam separados sob o mesmo tecto, como se o divorcio já se tivesse realisado.

Henrique III quiz intervir, para os chamar a uma reconciliação, quando menos apparente, e n'uma das suas cartas, dizia maliciosamente a seu cunhado:

«Bem sabeis, meu querido irmão, que os reis estão sujeitos a ser enganados por falsas informações, e que nem as princezas mais virtuosas estão livres da calumnia. Até da defunta rainha, vossa mãe, se fallou sempre mal, como deveis saber.»

O rei de Navarra soltou uma gargalhada, e dirigindo-se a Bellievre, que lhe havia entregado a carta, disse-lhe em tom jovial:

— El-rei vosso amo faz-me sempre muita honra nas suas cartas. Nas primeiras chama-me *coitadinho*... e na ultima, filho da p... «*Journal d'Henri* III, edic. de M. M. Champollion.)

Os dois esposos não viveram d'ahi ávante em boas relações, posto que o rei de Navarra, por politica, apparentasse haver olvidado os seus aggravos.

«O rei de Navarra, diz Estoile, acceitou sua mulher para obedecer a sua magestade, que tinha sobre elle grande imperio. Nunca foi, porém, possivel, persuadil-o a recebel-a no seu leito. Uma noite apenas teve a complacencia de a acariciar com bom semblante e boas palavras, mas não passou d'aqui, e por este motivo a mãe d'ella (Catharina de Medicis) e a filha davam-se a todos os diabos.»

Estoile riscou esta passagem, ao passar a limpo o seu Registro diario, contentando-se em deixar com a data de fevereiro de 1585 uma phraze, em que diz que a rainha Margarida «não estava satisfeita com seu marido, que a desprezava, não lhe tendo reclamado nunca mais os seus direitos conjugaes, desde a noticia da affronta que o rei seu irmão lhe fizera soffrer em agosto de 1583.» Durante este tempo passado na côrte de Nerac, a rainha, que parecia querer mudar de vida, mostrou tendencias mais ajuizadas, *vivendo com a vergonha dos seus peccados*, diz o *Divorcio Srtyrico*, mas por fim cançou-se d'esta continencia forçada, «e deixou-se novamente arrastar pela carne e pela sua desenfreada sensualidade.»

Abandonou, portanto, o palacio do rei seu esposo, onde era estreitamente vigiada e guardada por ordem de seu irmão Henrique III, e retirou-se para a cidade d'Agen, «para estabelecer alli commercio impuro, e continuar nas suas torpezas com maior liberdade de consciencia.»

Não parou por muito tempo em Agen, por isso que os habitantes da cidade, que eram do partido catholico, apenas souberam que a rainha de Navarra alli se havia installado, revoltaram-se, e obrigaram-na a partir, tendo de fugir a toda a pressa.

«Difficilmente se poude encontrar um cavallo e uma cadeirinha para a transportar, e bem assim para as suas damas, que a seguiram n'um deploravel estado, parecendo mais ribaldas do que damas de boa familia. Alguns nobres que no mesmo deploravel estado a acompanharam, conduziram-n'a, sob a guarda de Liguerac ás montanhas do Auvergne, a Carlat».

Quando Henrique III, soube da fuga de sua irmã, irritou-se extraordinariamente e disse em alta voz aos seus cortezãos:

— Os bastardos da Gascunha não poderam saciar a rainha de Navarra, e por isso foi procurar os caldeireiros do Auvergne.

A pobre Margarida, no transito de Agen para Carlat, tinha ido á garupa do cavallo que montava um dos seus creados, tendo por essa occasião deslocado uma perna, de que esteve doente um mez. O medico que lhe assistiu apanhou uma tremenda sova, por ter dado demasiado a lingua, o que nos leva a crêr que a deslocação da perna tivera uma origem suspeita.

A rainha de Navarra, se dermos credito ao *Divorcio Satyrico,* carecia de tudo no castello de «onde esteve muito tempo, chegando não só a não ter docel nem leito de gala, mas até mesmo camisas para vestir todos os dias.» A rainha indemnisava-se d'estas privações entregando-se a todas as sensualidades do seu temperamento, n'aquelle castello, que mais parecia guarida de ladrões, do que habitação de uma princeza, filha, esposa e irmã de reis.» Margarida não podia alli renovar tão frequentemente como desejava o pessoal das suas galanterias, tendo de limitar-se a um pequeno numero de amantes. Na ausencia do senhor de Duras, a quem encarregára de ir pedir dinheiro em seu nome a el-rei de Hespanha, dignou-se pôr os olhos em Choisnin, um dos musicos da sua camara, no seu cosinheiro, em Saint-Vincent, seu mordomo, e ultimamente em Aubiac, o «mais bem penteado de todos os seus criados, ao qual elevou desde a cavallariça até ao seu real e obsceno leito.»

O referido Aubiac, havia-se enamorado d'ella, ao vel-a pela primeira vez sete ou oito annos antes.

— De bom grado me deixaria enforcar, disse elle em voz alta a troco de possuir essa mulher!

Fallando assim, com os olhos encendidos em sensualidade, o pobre homem nem suspeitava que estava pronunciando o seu horoscopo, porque depois de ter logrado os favores da rainha, apesar de ser um miseravel moço de estrebaria, vermelho, mais pintalgado do que uma truta, cujo nariz côr de malagueta nunca se poderia lembrar de ser em sua vida acariciado por uma princeza de França, foi preso com a sua dama no castello d'Ivoy, onde ella fôra refugiar-se, ao sahir de Carlat.

El-rei de França, indignado contra sua irmã, deu ordem ao marquez de Canillac para que se apoderasse d'ella, por isso que Margarida muito tempo antes havia abraçado o partido da *Liga,* para se vingar ao mesmo tempo de seu irmão e de seu marido.

Foi então a rainha conduzida ao castello d'Usson, no Auvergne, onde o marquez de Canillac devia tel-a encerrada, emquanto que o seu ultimo amante, o desgraçado Aubiac era transferido para Aiguiperse, onde devia ser julgado.

O resultado d'este julgamento foi ser condemnado á forca como partidario da *Liga*. No caminho para o supplicio, ia beijando fervorosamente um miléne de velludo, unica reliquia dos favores de sua ama.

Margarida já a esse tempo cuidava em dar-lhe um successor, e o marquez de Canillac deixava-se captivar das seducções da sua bella prisioneira. De desastrado e immundo que era até alli, o marquez tornou-se tão amavel, bello e perfumado, como o fidalgo mais joven e apaixonado da côrte.

A rainha não o amava, mas fingia extremos e caricias que o enlouqueciam. O pobre homem, ciumento como um tigre de todos os rivaes possiveis e imaginaveis, esquecia o serviço do rei, para obedecer aos menores caprichos da sua amada. Tão habilmente ella soube dirigir o seu plano, que logrou desembaraçar-se do enamorado cavalheiro. e assenhorear-se do castello aproveitando-se de uma ausencia do marquez.

No seu regresso, o ludibriado amante encontrou a porta do seu castello fechada, e uma carta em que a rainha de Navarra lhe declarava que não precisava dos seus serviços.

O bom do marquez teve de se retirar de Usson, triste e cabisbaixo, dando grande assumpto de troça e risada á côrte de Henrique III. El-rei perdoou-lhe o mau desempenho da sua commissão, a troco da sua ridicula derrota.

Henrique III, por unico castigo, perguntou-lhe diante dos seus cortezãos:

— Marquez, porque não sollicitaes da rainha Margarida a graça de serdes perfumista da sua côrte?

A fortaleza de Usson, edificada sobre uma rocha alcantilada, era inexpugnavel. O rei de Navarra nem por sombras se lembrou de sitiar n'ella sua esposa, e deu-se por satisfeito de a ter alli captiva, embora como soberana d'aquella especie de prisão.

Mais de vinte annos durou aquelle captiveiro da rainha. O padre Hilarion de Caste, nos *Elogios das Damas illustres*, não hesitou em dizer, apesar de ser o panegyrista d'esta princeza, que «aquelle fortissimo castello do Auvergne fôra um Thabor para a sua devoção, um Libano para a sua sollicitude, um Olympo para as suas musas, e um Caucaso para as suas afeições».

Bayle observa com justiça que a estada da rainha de Navarra em Usson, podia mais razoavelmente comparar-se ao retiro de Nero na ilha de Caprea. E' certo, porém, que a voluptuosa sereia de Usson, tão habilmente soube occultar aos profanos os mysterios de sensualidade que se praticavam no interior do seu castello, onde nunca penetrou um extranho, que os olhos e os ouvidos do publico nunca lograram vêr nem ouvir nada desfavoravel. Tudo quanto se passava detraz d'aquellas fortes muralhas escapava á curiosidade e á censura exterior. Até mesmo nos arredores se ignorava o genero de vida que se fazia n'aquelle retiro impenetravel, onde todos os echos foram mudos até que Margarida o abandonou.

Eis como um homem honrado e serio, João Darnalt, procurador do rei no tribunal de Agen, chegou a illudir-se a respeito dos costumes da castellã de Usson:

«E' cousa verdadeira e para notar-se, diz elle nas *Antiquités d'Agen*, obra

impressa em Paris em 1606, que sua magestade segue escrupulosamente costumes muito austeros, desde que alli reside. Depois de se entregar moderadamente ao exercicio das musas, passa o resto do tempo na capella, encommendando-se a Deus com todo o ardor e vehemencia, e commungando uma vez ou duas por semana.»

O digno magistrado, que escrevia sem duvida de boa fé o seu extranho elogio, não se teria atrevido a publical-o, nem sequer a escrevel-o, se podesse suspeitar a verdade, porque estas palavras dirigidas á rainha mais parecem ironias, e Margarida devia rir-se a bandeiras despregadas, quando Darnalt lhe dizia muito a serio n'este bello trecho de eloquencia:

«Phenix, que renasces diariamente de tuas proprias cinzas, abrazando-te e consumindo-te no amor divino! Tu vives de outra vida bem differente da d'este mundo! Retiro santo, devoto mosteiro, em que sua magestade se consagra completamente á devoção austera, que só tende dos fins ao fim supremo! Rochedo, testemunha da soledade voluntaria, muito louvavel e religiosa d'esta princeza, onde pela doçura da musica, pelo canto harmonioso das mais bellas vozes da França, parece que o paraizo na terra não póde estar n'outra parte, e onde sua magestade gosa o contentamento e o repouso do espirito que as almas bemaventuradas sentem no outro mundo!»

Não temos infelizmente uma contraprova para este incrivel panegyrico. No *Divorcio Satyrico* ha apenas algumas linhas pouco importantes relativas á estada de Margarida em Usson. Quando se livrou do marquez de Canillac, «resolveu não obedecer nem seguir mais do que os seus caprichos, diz Henrique IV no seu pamphleto, e estabelecer n'aquelle rochedo inexpugnavel o imperio das suas delicias, onde preservada por tres recintos de muralhas, Deus sabe os bellos jogos, que em vinte annos alli jogou! A Nanna do Aretino e a sua *Santa,* nada são em comparação d'isto.»

Depois d'este preambulo, que promettia revelações singulares, o libello do rei nada nos diz, porém, a respeito dos *taes bellos jogos,* que por tanto tempo occuparam a dama d'Usson, e que foram sufficientes para apagar n'ella os sonhos da ambição e as vaidades do orgulho.

Póde inferir-se com toda a certeza do proprio silencio do historiador a respeito dos pormenores de tão largo periodo de isolamento, que a illustre reclusa vivia entregue á dissolução mais monstruosa.

«E' verdade, diz a este respeito o seu real esposo, que em vez dos numerosos amantes que costumavam suavizar-lhe a sua vida passada, está reduzida, á falta de cousa melhor, aos seus criados, secretarios, cantores, e mestiços da nobreza, desconhecidos dos seus mesmos vizinhos, e indignos de que se faça menção d'elles.»

Henrique IV cita apenas um, que dá bem a medida dos outros, mas que reinou com grande prestigio, por causa do amor desenfreiado que soube inspirar á rainha.

«A respeito d'elle, diz a rainha que é homem para mudar de voz, de cara, de cabellos, como e quando lhe apraz, e que entra á porta fechada onde quer. Por isso Margarida ordenou que os leitos das damas d'Usson fossem altos, para

poder olhar para debaixo d'elles sem se curvar, quando tivesse de o procurar. Por causa d'elle apalpou muitas vezes as tapeçarias, julgando encontral-o detraz d'ellas; por sua causa magoou mais de uma vez o rosto nas portas e nas paredes, procurando-o ás escuras desesperada; por sua causa ainda deveis ter ouvido ás mais bellas vozes da côrte a musica d'estes versos, compostos pela rainha:

A' ces bois, ces prés et ces antres,
Offrons les vœux, les pleurs les sons.
La plume, les ris, les chansons
D'un pöete, d'un amant, d'un chantre.

Era effectivamente um cantor, chamado Pominy, ou Comines, filho de um caldeireiro do Auvergne, que só tinha de notavel a sua enorme fealdade e a sua bella voz. Fôra menino de côro n'uma egreja rural antes de ser admittido na capella da rainha, que teve de o pulir um pouco para fazer d'elle seu secretario e seu favorito. Margarida enamorou-se d'elle d'uma maneira insensata, e houve quem attribuisse a algum encanto magico uma paixão tão violenta, que tomava ás vezes o caracter de uma loucura furiosa.

Henrique IV dizia que ás vezes não podia deixar de rir dos estravagangantes zelos e vehementes paixões que se contavam d'aquelles amores «o que a leva com frequencia a desprezar o que vê, e a crêr o que não existe; umas vezes procurando ardente e furiosamente os seus amantes por todos os cantos da casa, apesar de saber muito bem que estão n'outra parte, outras, vendo-os e ouvindo-os, e não obstante persuadindo-se que sob aquelle seu aspecto estão outros que procuram enganal-a.»

Tudo isto fazia crêr que a rainha nos seus arrebatamentos amorosos era victima de um sortilegio que lhe suffocava o sentimento do pudor, crença esta muito mais justificavel pelos extravagantes amuletos que usava, do que pelos excessos e loucuras que fazia.

Dizia-se que guardava em caixinhas de ouro os corações dos seus amantes mortos, como reliquias dos seus amores, e este boato é até certo ponto confirmado pelo grande numero de caixas e bocetas em fórma de coração, que trazia nos bolsos dos vestidos, ou presos á cintura. Sabe-se, porém, que n'essas caixas não havia senão perfumes.

Não obstante, quando estava em Usson trazia de ordinario ao pescoço e mettida entre a camisa e a pelle uma bolsa de seda azul, «dentro da qual os seus intimos haviam descoberto uma caixa de prata, cuja superficie cinzelada representava, entre outros differentes e desconhecidos caracteres, de um lado um retrato e do outro o seu brazão.»

Deve acreditar-se que esta caixa de prata não era um talisman de feiticeria, mas sim um amuleto de amor. Podemos até comparal-o com aquelle que Brantôme nomeia, fallando de uma dama da côrte, cujo nome deixa no mysterio:

«Tendo-lhe morrido o marido, diz elle, cortou-lhe as partes genitaes, tão amadas n'outro tempo, embalsamou-as, aromatisou-as, e encerrou-as n'uma caixa de prata dourada, que guardou e conservou como cousa preciosissima.»

A tradicção diz-nos com effeito que Margarida de Valois não só foi ella propria roubar a cabeça do seu querido La Mole, a quem não poude livrar do supplicio, mas mutilára tambem o cadaver, que estava feito em quartos pregádos nos quatro angulos da praca da Grève. A cabeça foi enterrada de noite por ordem e sob a vigilancia da desolada amante, na capella de Saint-Martin: o coração e os outros despojos, roubados ao corpo do justiçado, foram embalsamados e mettidos em caixas de ouro e prata, que a rainha usava como joyas e relicarios, muito embora acceitasse novos amores, que apenas serviam, segundo ella dizia, para relembrar o antigo.

«A rainha usava, refere Tallemant des Reaux, que o sabia de boa fonte, um amplo *vertugalle*, que tinha muitos bolsos, em cada um dos quaes guardava uma caixa com o coração de um dos seus amantes mortos, tendo sempre um grande cuidado, quando elles morriam, de lhes mandar embalsamar os corações. O *vertugalle* pendurava-se todas as noites n'um guarda-roupa que se fechava com um cadeado, por detraz do docel do seu leito.»

O historiador Dupleix, a quem Margarida havia aggregado ao seu serviço na qualidade de advogado, como elle diz, não esteve para encobrir a desordenada vida da princeza, quando teve que fallar d'ella na historia de Henrique IV. No emtanto, lançou alguns veus sobre o quadro de prostituição que tivera á vista por espaço de vinte annos.

«Proclamando-a todos como deusa, diz elle na *Historia de Luiz* XIII (p. 53) chegou a imaginar que o era, e d'aqui a sua complacencia em que a chamassem Venus Urania, quer dizer celeste, tanto para mostrar que participava da divindade, como para fazer distinguir o seu amor do amor do vulgo, pois tinha uma maneira de amar differente da de todas as outras mulheres, affectando sobre tudo que amava mais com o espirito do que com o corpo, e costumava dizer a miudo:

— Quereis deixar de amar? Possui a cousa amada.

«Se eu quizesse, poderia fazer uma novella mais excellente e admiravel do que todas as que se tem escripto nos seculos precedentes, mas tenho occupações mais sérias», accrescenta o historiador.

Dupleix justificou-se de haver revelado, ou antes de ter deixado adivinhar a incontinencia da rainha, declarando «que não fazia panegyricos de principes, mas sim uma verdadeira historia que deve expressar as suas virtudes e não occultar os seus vicios, a fim de que os seus successores, receiando os baldões da posteridade, imitem as suas boas acções e evitem as más.» Mas foi por isso geralmente vituperado, e Bassompierre tornou-se o eccho d'estas censuras nas suas *Notas* á obra de Dupleix, a quem chama:

«Vibora vil, que rasgas com as tuas calumnias as entranhas de quem te deu a vida, gusano que devoras a propria carne que te creou, que envergonhas a França, publicando e legando á posteridade cousas tão infames de uma das mais notaveis princezas de sangue real, que talvez sejam falsas, ou pelo menos apenas conhecidas de um pequeno numero de pessoas.»

Ainda assim, o proprio Bassompierre, tomando tão vivamente a defeza de Margarida, confessa que as calumnias por elle censuradas a Dupleix podiam

ser sómente indiscrições. Dupleix, no emtanto, não fizera mais do que repetir com extrema reserva o que se dizia por toda a parte, tanto na côrte como por entre o povo, desde que a rainha de Navarra deixou o seu castello encantado de Usson para voltar a Paris, ahi pelos fins do anno de 1605. O estado hysterico ou hypocondriaco da rainha era tão grave por essa épocha, que os seus continuados escandalos davam assumpto ás conversações de toda a França.

«Este estado, diz Dupleix, manifestava-se apenas a principio em certos factos conhecidos dos seus familiares, mas desde a sua ultima viagem á corte, ella propria se encarregou de o tornar conhecido de todo o mundo.»

Qualquer que fôsse a notoriedade dos excessos e loucuras da rainha Margarida, Brantôme, que havia sido tambem um dos seus familiares, e que conservava ainda por ella tanto respeito como admiração, não se lembrou, a exemplo de Dupleix, de descobrir os segredos da vida privada de sua ama e senhora.

Se nas suas *Dames galantes* referiu muitos factos, que lhe diziam respeito, e que talvez a propria Venus Urania lhe houvesse contado nas suas intimas confidencias, nunca a nomeou n'essas alegres narrativas, chegando até a desnortear o leitor, modificando adrede diversas particularidades.

A noticia por elle consagrada a Margarida, nas *Vidas das Mulheres Illustres,* é um panegyrico brilhante, em que o auctor não admitte nem uma sombra de galanteria, como se tivesse em vista oppôr este elogio de sua ama ao *Divorcio Satyrico,* ao tempo em grande circulação na côrte. Assim, evita refutar uma por uma as accusações que o auctor do *Divorcio Satyrico* havia accumulado n'esse libello contra os costumes de Margarida. Longe de entrar n'essa these difficil e delicada, passa a generalidades laudatorias, e dedica-se quasi exclusivamente a pôr em relevo os encantos de seducção que haviam sido sempre os caracteristicos da rainha.

«Eis aqui uma dama, que em tudo e por tudo está a cima do commum das damas de todo o mundo.»

O alegre chronista d'aquella côrte dissoluta compraz-se em descrever a maravilhosa belleza da rainha, a sua graça incomparavel, o seu gosto delicado para as cousas do toucador, a riqueza do seu corpo, as suas admiraveis perfeições physicas, esse complexo de encantos, que faziam dizer a um joven fidalgo, recem-chegado á côrte:

— Não admiro, senhores, vêr-vos tão unidos e satisfeitos na côrte. Quando mesmo não tivesseis outro prazer senão ver todos os dias esta formosissima princeza, tinheis já o bastante para vos julgardes n'um paraizo terreal!...»

O auctor do *Divorcio Satyrico,* entre todos os crueis epigrammas que dirige á esposa repudiada de Henrique IV, não escreveu talvez injurias mais sensiveis ao amor proprio de uma mulher do que as que se lêem em duas ou tres passagens, em que ousa atacar uma belleza que o proprio tempo havia respeitado. Estas injuriosas passagens são aquellas que Brantôme se esforça por combater e apagar principalmente, como se ellas apenas interessassem á honra da rainha Margarida.

O pamphletario censurava a esta princeza o abuso que fazia dos arrebi-

ques e cosmeticos para occultar as rugas da velhice. Brantôme lembra habilmente a este respeito uma comparação que havia feito d'esta rainha com a bella Aurora, «quando acaba de nascer com a sua branca face rodeada da mais linda e viva côr vermelha.»

O pamphletario zombava em termos demasiado grosseiros da impudica exhibição que a rainha fazia do seio. Brantôme, sem fazer allusão a uma censura, que menos recahia na rainha que nas modas da sua épocha, approva e glorifica esta nudez, que elle não via do mesmo modo que Henrique IV:

«Os seus bellos trajos e riquissimos adornos, diz elle, não ousarão nunca cobrir-lhe o esplendido seio, receiando causar damno aos olhares que tão agradavelmente vão pousar sobre tão bellas cousas. Nunca se viu seio tão formoso, tão cheio de encantos, tão abundante e opulento como ella nos mostrava, de tal modo que a maior parte dos cortezãos morriam por elle, e até as proprias damas o admiravam, pois vi algumas das mais intimas beijal-a n'elle, com previa licença, mostrando n'isso a maior paixão.»

Brantôme, velho e enfermo a esse tempo, permanecera sempre fiel ao serviço de sua antiga ama, a qual n'uma carta escripta de Usson lhe manifestava nos seguintes termos a expressão do seu affecto inalteravel:

«Soube que como eu, meu amigo, resolveu abraçar uma vida tranquilla, na qual lhe desejo que permaneça, como Deus me fez a mim a graça de m'o conceder vae em cinco annos, tendo-me deparado uma arca de salvação, onde as tempestades das antigas perturbações não podem attingir-me, graças á divina bondade. N'este retiro, se me restar algum meio de poder servir aos meus amigos e particularmente a si, encontrar-me-ha sempre disposta e animada da melhor vontade.»

A rainha Margarida, satisfeita da *vida tranquilla* que passava na sua arca de salvação, nem sequer teria protestado contra a ruptura do seu matrimonio com el-rei, se não receiasse vêr passar a corôa de França para a cabeça de Gabriella d'Éstrées, a quem detestava, não como uma rival indigna d'ella, mas sim como uma inimiga fatal á corôa. Por isso recusou associar-se ás intenções e diligencias de Henrique IV, que havia apresentado uma informação de divorcio ante a côrte de Roma. Logo, porém, que a sua rival morreu subitamente, envenenada sem duvida, a 10 de abril de 1599, Margarida consentiu immediatamente no divorcio.

«Desisti da minha opposição, escrevia ella em 29 de julho, e sabeis o motivo melhor que ninguem. Não queria vêr em meu logar uma infame rameira, indigna d'elle.»

Em consequencia d'isto, ella propria apresentou ao papa Clemente VIII uma informação identica á d'el-rei, a quem não guardou rancor pelos meios bem pouco delicados e cortezes que havia empregado para realisar o divorcio, apesar d'ella. Perdoou-lhe igualmente os ultrajes do *Divorcio Satyrico* e os do interrogatorio que os commissarios do papa fizeram soffrer a ambos os esposos. Margarida riu-se de boa vontade ao saber que seu marido havia respondido ao cardeal Joyeuse, que lhe perguntára se no matrimonio haviam tido communicação carnal:

—Ambos eramos jovens na noite nupcial, e tão libertinos, que não podiamos conter-nos.

Margarida nunca pudera amar Henrique IV, a quem censurava o mau cheiro dos sobacos e dos pés. Henrique, pelo contrario, estava ainda tão penetrado das suaves recordações d'ella, que ao saber do seu consentimento para a sentença do divorcio, exclamou:

—Ah! desgraçada! Ella sabe quanto eu a amei, e como a respeitei sempre! Não procedeu assim para commigo, e as suas loucuras fizeram com que nos separassemos ha tanto tempo!... (*Mem. et anecd. des reines et reg. de France*, por Dreux de Radier, t. V.)

Margarida dizia que o bem da França a havia determinado a romper uma união, que não podia assegurar um herdeiro á corôa, e por isso foi a primeira a applaudir o casamento d'el-rei com Maria de Medicis.

Estava ainda n'aquella épocha sob o encanto de um novo amor, ao qual a ausencia de Pominy havia cedido o logar. E' provavel que ella propria houvesse affastado esse Pominy, de quem não se importava já, e que mais tarde voltou a reclamar os seus direitos com tal brutalidade, que se viu obrigada a expulsal-o, dizendo «que aquelle mau homem deitava a perder os seus criados».

O successor de Pominy foi a principio um criado da Provença, chamado Julião Date, a quem a rainha nobilitára com o titulo de Saint-Julian, deixando-o em Usson, quando teve a idéa de voltar á côrte, depois de vinte e quatro annos de desterro voluntario.

No mez de agosto de 1605, chegou repentinamente a Paris e foi hospedar-se no palacio de Sens, junto do Arsenal.

No dia seguinte ao da sua chegada, appareceram estes quatro versos escriptos na porta do referido palacio, que pertencia ao arcebispo de Sens:

Comme reine, tu devrais estre
En ton royale maison:
Comme putain, c'est bien raison
Que tu sois au logis d'un prestre.

Margarida demorou-se apenas alli alguns dias, e para fazer calar os rumores que a sua repentina apparição havia motivado, despertando, como diz Estoile, os *espiritos curiosos*, foi passar seis semanas no palacio de Madrid, no bosque de Bolonha. Henrique tornou a vêl-a com satisfação, e reconciliaram-se de tal modo, que el-rei lhe pediu dois favores: o primeiro que por causa da sua saude não fizesse do dia noite e da noite dia; o segundo que restringisse as suas liberalidades e fosse mais economica. Dava-lhe repetidas provas de carinho e interesse, visitava-a de vez em quando e passava alli muito tempo a conversar alegremente com ella, mas quando voltava ao Louvre, costumava dizer por graça «que vinha do bordel.» (*Mém. et journaux de Pierre Estoile, no reinado de Henrique* IV, edic. de M. M. Champollion, p. 425.)

Ao estabelecer a sua residencia em Paris, a rainha Margarida tivera provavelmente idéa de mudar de vida e de renunciar á galanteria, «mas, diz o implacavel auctor do *Divorcio Satyrico*, não podendo passar sem homem e não

querendo estar ociosa, mandou chamar Date, ou Saint-Julien, tantas vezes reclamado durante as suas sensualidades.»

Saint-Julien pôz-se immediatamente a caminho e veiu reclamar de novo o seu logar de favorito. A rainha, cuja paixão pelo criado se havia exacerbado até ao delirio, despediu Pominy e conservou a distancia respeitosa todos os outros do seu serviço interno. Um d'elles, por nome Vermond, que tinha apenas dezoito annos, taes ciumes concebeu, que matou o feliz favorito com um tiro de pistola, mesmo junto do estribo da carruagem da rainha.

O assassino foi preso immediatamente, e «revistando-o encontraram-lhe, diz o *Diario* d'Estoile, tres talismans — um para a vida, outro para o amor e outro para o dinheiro.» O processo foi quasi summario, por isso que a rainha havia jurado não comer nem beber emquanto justiça não fosse feita.

Quando o reu foi acariado com o corpo ensanguentado da sua victima, a rainha innundada de lagrimas quiz assistir a este acto.

— Oh! como eu estou satisfeito! exclamou o reu olhando para o cadaver do seu rival. Está morto e bem morto, mas se o não estivesse, eu o acabaria aqui mesmo.

— Matem-no! gritou a rainha. Matem esse malvado! Esperem! Aqui estão as minhas ligas, estrangulem-no com ellas!

No dia seguinte, Vermond, condemnado á decapitação, marchou serenamente para o supplicio, que se realisou em frente do palacio de Sens. Dizia com satisfação que morria contente, visto que já não existia o seu rival.

Immediatamente depois d'esta execução, a rainha abandonou o palacio de Sens, que lhe recordava a cada passo a perda do seu favorito, e comprou outro no arrabalde de Saint-Germain, á beira do rio, perto da Torre de Nesle, e á entrada do *Pré-aux-Clercs*. Mandou reconstruir sumptuosamente o edificio, pintar e decorar os aposentos, plantar e aformosear os jardins, tudo isto com o fim de arranjar alli uma especie de ilha de Cythera, onde Venus Urania queria estabelecer o seu templo e o seu culto.

Não se viam alli effectivamente senão emblemas e divisas de amor, cifras, armas e retratos dos seus amantes antigos e modernos. A rainha, por uma singular faculdade da sua imaginação licenciosa, misturava tão bem o facto material com a recordação, que chamava sem cessar em auxilio dos seus prazeres as emoções e os gosos d'outros tempos, como se todos os amantes que tivera no decurso da vida estivessem sempre alli como desejo de a satisfazerem, sem a saciarem jámais. Era assim, por exemplo, que Julião Date conservava sempre os seus direitos e privilegios, ainda que por sua morte viesse a occupar o logar d'elle o joven Bajaumont. Eis como o *Divorcio Satyrico* pinta o successor de Date:

«Este Bajaumont, ou melhor Bajamot, da casa de Duras, novo manjar d'aquella eterna faminta, idolo do seu templo, bezerro de ouro dos seus sacrificios e o mais completo idiota que havia chegado á côrte, introduzido pela mão de Madame Anglure, instruido por Madame Roland, civilisado por Lemayne, curado d[illegible] pelo medico Penna, e depois esbofeteado por Delin, actualmente na posse de uma boa fortuna pecuniaria . . .»

Margarida amou Bajaumont, como tinha amado Date, Pominy, Aubiac e La Mole. Esteve em grave risco de o perder tambem, apesar de facilmente se poder consolar d'essa perda como das outras. O senhor de Lone lançou mão da espada contra o favorito com intenção de o matar mesmo na egreja. Houve, porém, quem detivesse o furioso, que foi mandado preso para o Fort-l'Éveque, e teve que soffer um processo em que a rainha foi parte.

Bajaumont ficou tão mal d'aquelle susto, que teve uma ictericia de que nunca se limpou completamente. Margarida, ainda assim, não se tirava da cabeceira do seu amarello amante. El-rei n'este entretanto foi visital-a e encontrou-a tão triste por causa da doença do seu favorito, que ao sahir disse ás damas de honor:

— Rogae a Deus pelo restabelecimento de Bajaumont, porque se elle morre, *Ventre-saint-gris!* que grande despeza! Preciso de arranjar outro palacio, novo como este! *(Journal d'Henri* IV por Estoile.)

Bajaumont não morreu, e o amor de Margarida augmentou de vehemencia e excentricidade. Como, por esse tempo a rainha tivesse nas pernas duas ulceras malignas, exigiu do seu amante que puzesse nos braços dois causticos, para que em questões de chagas nada tivessem que lançar em rosto um ao outro!...

«Ao ler estes actos heroicos, a que nunca faltarão historiadores, quem haverá que não admire a sua propensão para a vida dissoluta, e que não os julgue dignos de terem cabimento nos fastos dos bordeis?» pergunta o auctor do *Divorcio Satyrico.*

Apesar d'isso, o genero de vida que se fazia no palacio da rainha Margarida não foi descripto nas memorias contemporaneas, a não ser que se procure uma pintura allegorica n'algum romance do genero da *Astréa.* Sabe-se apenas que a rainha não sahia quasi nunca da sua clausura amorosa e que se occupava n'ella tanto de devoção como de galanteria. Edificou o convento dos Agostinhos mesmo ao pé do palacio, para ter frades á mão, como se dizia. Tinha ao seu serviço quarenta presbyteros inglezes, escocezes ou hollandezes, pagando-lhes quarenta escudos por anno. Fazia todos os annos consideraveis donativos a differentes communidades religiosas, dava esmollas com uma prodigalidade dez vezes maior que os seus rendimentos.

O fim manifesto de todas estas piedosas liberalidades era a remissão de tantos peccados commettidos com os seus amantes, especialmente com o ultimo, que foi um musico chamado Villars, a quem se deu o titulo de *Rei Margot. (Hist. de Tallemant des Reaux.)*

Não obstante, affirma Dupleix «que nos amores de Margarida havia mais arte e apparencias do que realidades. Comprazia-se singularmente em prometter amor, em alimental-o com esperanças e discrição, em vêr e ouvir os homens apaixonados por ella, o que era uma diversão habitual da côrte, onde difficilmente um homem é tido por habil se não sabe namorar as mulheres, nem uma mulher por fina e intelligente se ignora a arte de fazer esperar os homens.»

Póde affirmar-se que a rainha, apesar das suas obras pias e de empre-

gar frequentemente grandes sommas para casar donzellas pobres, tinha uma eschola de refinada prostituição no seu palacio do arrabalde Saint-Germain, onde a sua pequena côrte, composta de poetas, philosophos, musicos, nobres, libertinos e damas, vivia nos mais lubricos excessos, vangloriando-se de lhe imitar os exemplos e de lhe seguir as licções.

Henrique IV, no final do *Divorcio Satyrico*, desejava á rainha alguma emenda, e pedia a Deus que lhe concedesse uma scentelha de arrependimento, «pois que sem elle, diz, os liquidos brancos e vermelhos que lhe escorrem pelo rosto, não podem occultar as suas imperfeições nem o oleo de jasmin com que todas as noites unta o corpo, poderá impedir o mau cheiro da sua reputação, nem a erysipela que lhe cobre os membros poderá mudar-lhe a velha e encarquilhada pelle.»

Henrique IV, devemos confessal-o, não era inferior em libertinagem á sua primeira mulher nem a nenhum dos maiores dissolutos do seu tempo. Sejam quaes forem as grandes qualidades d'este principe, um dos melhores reis que tem governado a França, é preciso confessarmos que a historia dos seus amores faz parte integrante da historia da prostituição do seculo XVI.

«Póde dizer-se, observa Bayle, no seu *Diccionario historico e critico,* que se o amor das mulheres lhe tivesse permittido applicar todas as suas excellentes qualidades, teria excedido ou igualado os heroes mais admirados. Se da primeira vez que prostituiu a filha ou a mulher do seu proximo, tivesse sido por isso castigado do mesmo modo que Pedro Abeillard, seria capaz de conquistar a Europa inteira.»

Sem admittirmos como Bayle que a paixão desenfreada de Henrique IV pelas mulheres o prejudicasse a esse ponto, reconhecemos que este grande rei excedeu todos os seus predecessores em sensualidade e incontinencia. Somos de opinião que este fogoso libertino não teria sido um guerreiro mais intrepido nem um politico mais habil, se lhe tivessem applicado o supplicio de Abeillard.

Os seus vicios e as suas virtudes eram inherentes ao seu temperamento, e os seus proprios costumes dissolutos, que não differiam dos dos seus contemporaneos senão n'um excesso de impetuosidade e de ardor, não tiveram influencia funesta nos excellentes impulsos do seu coração nem nas bellas manifestações do seu caracter.

N'uma admiravel carta a *Sully (Oeconomies royales*, ediç. in-folio, t. III, p. 138), el-rei defende-se de amar demasiado as mulheres, as delicias e o amor.

«A Escriptura não ordena absolutamente que não se tenham peccados nem defeitos, porque taes debilidades são filhas da impetuosidade da natureza humana, mas sim que não nos deixemos dominar por ellas nem as deixemos reinar sobre as nossas vontades, que é o que eu faço, não podendo fazer cousa melhor. Já sabeis por muitas cousas que se teem dado relativamente ás minhas amantes (que são as paixões que todos teem julgado mais poderosas em mim) se eu não tenho seguido com frequencia as vossas opiniões contra os seus caprichos e phantazias, até ao ponto de lhes ter dito que antes queria ter perdido dez amantes como ellas, do que um só servidor como vós, que tão necessario me sois para as coisas honestas e uteis.»

Os historiadores e os panegyristas d'el-rei não podiam satisfazer-se com estas desculpas, e todos estão de accordo, quando tractam de vituperar a prodigiosa licença da sua conducta.

«Menos ainda poderá perdoar lhe a historia, diz Mezeray, a sua paixão pelas mulheres, que tão publica e constante foi desde a sua juventude até ao seu ultimo dia, paixão a que nem sequer se poderia dar o nome de amor ou galanteria. (*Abregé chron. de l'histoire de France*, t. IV, p. 392).

O douto e veneravel bispo de Rodez, Hardouin de Perefixe, que escrevia a historia de Henrique, o Grande, para educação do rei Luiz XIV, não poude deixar de censurar tambem ao seu heroe a fragilidade continua que tinha pelas mulheres:

«Ás vezes, diz elle com uma ingenuidade, que chega a ser indecente, tinha desejos passageiros, que não lhe duravam mais do que uma noite, mas quando encontrava beldades que lhe impressionavam o coração, amava até á loucura, e n'estes transportes tudo parecia, menos Henrique, o Grande.»

Agrippa d'Aubigné, que na sua Historia Universal desde 1550 até 1601, não hesitou em referir minuciosamente algumas das aventuras amorosas do rei de Navarra, passa na *Confissão de Sancy* uma especie de revista ás primeiras amantes d'este principe, mulheres obscuras ou das infimas classes, que apenas tiveram um reinado ephemero e pouco lucrativo.

Começa por lembrar os infames amores do Bearnez com Catharina de Luc de Agen, «a qual morreu de fome com o filho que tivera d'el-rei». Falla em seguida de mademoiselle de Montaigu, filha de João Balzac, superintendente da casa do principe de Condé, joven que o cavalheiro de Montluc poz á mercê do principe por meio de um nobre gascão chamado Salbeuf, o que lhe foi muito penoso, porque a pobre menina estava enamorada do cavalheiro de Montluc, a quem havia seguido até Roma, e sentia uma profunda aversão pelo rei, cheio a esse tempo de males, que lhe havia communicado a Armandine, ribalda do monteiro Lebrone.

Agrippa d'Aubigné falla depois d'esta da pequena Tignonville, que foi inexpugnavel antes de casar. Era filha da aia da rainha de Navarra, irmã do joven Henrique. O principe enamorou-se loucamente d'ella, augmentando a paixão com a resistencia.

Conta Sully, nas suas *Oeconomies royales*, que no anno de 1576 o principe foi ao Béarn sob pretexto de vêr sua irmã, mas ninguem na côrte ignorava que esta viagem tinha por fim visitar a joven Tignonville, de quem estava enamorado. O principe quiz encarregar Aubigné de ser medianeiro para com a bella esquiva. Aubigné, porém, não quiz encarregar-se de similhante officio, e Henrique teve de dirigir-se a outra parte, para conseguir o seu fim.

Tignonville obstinava-se em não acceder aos desejos do principe antes de ter um marido que tomasse a seu cargo as consequencias da aventura. O principe casou-a emfim, e obteve o direito de prioridade.

Henrique não se envergonhava de descer até ás camareiras e criadas mais infimas do paço. Contrahiu uma enfermidade venerea n'uma cavallariça de Agen com a concubina de um palafreneiro, e logo que melhorou, entrou no

leito de uma criada, cujos favores disputou a um serviçal por nome Goliat. O criado que não suspeitava ter um rival tão illustre, esteve a ponto de o matar com um estoque, quando o viu sahir do quarto da sua ribalda.

Foi sob os auspicios de similhantes amores, que se mallograram as tentativas do principe contra a virtude de mademoiselle de Rebours, que lhe preferiu o almirante Auville.

Aubigné cita apenas summariamente os amores das Dayelle, Fosseuse e Fleurette, filha de um jardineiro de Nerac, Martine, mulher de um medico da princeza de Condé, da mulher de Sponde, Esther de Imbert, que morreu de fome com o filho que tivera do rei, assim como do mesmo modo morrèu o pae de Esther, sollicitando inutilmente a pensão de sua filha.

Vèem em seguida os amores da *Moraquin*, antiga libertina gascã, a quem deram esta alcunha por ter a pelle granulosa. A estes amores succederam os de uma padeira, os de madame Petonville, os de mademoiselle Duras, os da filha do porteiro, os da forneira de Pau, os da condessa de Saint-Megrin, os da ama de leite de Castel-Jaloux, e emfim das duas irmãs de l'Espée.

O maligno auctor da *Confissão de Sancy* não pretende referir todas as aventuras da mocidade do rei Henrique. Por isso não falla da dama de Normantier, que, segundo as novas memorias de Bassompierre, não era a ultima da lista. Cita apenas alguns nomes e factos, indignando-se de haver sido testemunha ou cumplice d'elles, o que repugnava grandemente á sua austeridade de huguenotte.

A rainha Margarida nas suas memorias tivera evidentemente a intenção de justificar a sua conducta pessoal, accusando a d'el-rei, mas não se sabe porque motivo se deteve em meio do caminho do seu proposito, que devia defendel-a. A parte que se publicou apresenta tambem grandes e sensiveis omissões, em que se nota o desejo manifesto de desfazer ou pelo menos attenuar os aggravos da esposa para com o esposo.

Estas omissões dão-se exactamente nas passagens mais interessantes da historia secreta dos amores d'el-rei. Vè-se que o manuscripto original da rainha soffreu grandes córtes, que de nenhum modo póde supprir o livro dos *Amores do Grande Alcandre,* que começa no anno de 1589.

Em todo o caso, na *Confissão de Sancy* encontraremos a rectificação de algumas das passagens truncadas e alteradas das *Memorias da rainha Margarida.*

Margot, como sabem é este o nome familiar da rainha, estava casada, havia apenas dois annos com o Bearnez, quando seu irmão Henrique III a indispoz com seu esposo.

Pela sua parte, o rei de Navarra indispuzera-se tambem com seu cunhado, o duque d'Alençon por questões de zelos a respeito de Madame de Lauvé, Carlota de Beaune de Semblanclay.

Henrique de Navarra amava apaixonadamente esta dama, que ao tempo se inspirava nos conselhos de Guast, não menos perniciosos que as instrucções da *Celestina.* Os dois principes tão intensos zelos vieram a ter um do outro, que apesar da referida dama ser requestada pelos senhores de Guise, Guast, Souvray e varios outros, não queriam saber d'isso.

A rainha não tinha ciumes de seu esposo. O que ella apenas desejava, é «que elle estivesse contente.» Uma noite notou que perdia os sentidos, e apressou-se a soccorrel-o n'aquella syncope, «que lhe provinha provavelmente, diz ella, de excessos com as mulheres.»

N'aquella épocha os reaes consortes já não dormiam juntos, e o rei que passava todo o tempo entregue «ao deleite unico de gosar a presença da sua concubina, Madame de Lauvre, não entrava na alcova conjugal senão ás duas da manhã, levantando-se logo ao romper do dia para voltar para junto da mulher amada».

O rei de Navarra submettia-se a seu pesar aos deveres da politica, auzentando-se da côrte e de Madame de Lauvre. Bem depressa, porém, esqueceu a encantadora, «porque as seducções d'esta Circe, diz Margarida, haviam perdido uma grande parte da sua força com o affastamento.»

A pequena côrte de Navarra foi por esse tempo uma fina eschola de galanteria e prostituição. A rainha-mãe tinha ido lá, acompanhada de sua filha Margarida, afim de entabolar negociações com os protestantes, e demorou-se dezoito mezes em Guyenne e na Gascunha, fazendo manobrar n'aquellas provincias o esquadrão volante das suas damas de honor. N'uma conferencia realisada em Nerac, entre os deputados huguenottes e Catharina de Medicis, a rainha procurou seduzil-os com os encantos das suas damas e com a eloquencia de Pibrac. Margarida, porém, poz em pratica o mesmo artificio, conquistando os nobres que rodeavam a rainha-mãe, graças ás seducções das suas damas, e ella propria, tomando á sua conta Pibrac, conseguiu perturbar completamente a razão e a vontade do pobre homem.» (*Hist. d'Henri le Grand*, por Hardouin de Perefixe.)

N'outra conferencia celebrada no castello de Saint-Brix, perto de Cognac, o rei de Navarra, que por mais de uma vez tinha rendido as armas ás bellas damas de honor do esquadrão volante, sentiu-se mais aguerrido contra estes ardis da guerra amorosa. Achava-se então muito incommodado de saude, em consequencia dos excessos praticados com a *Maroquin*. Catharina de Medicis, rodeada do gracioso estado maior das suas bellas e seductoras damas, perguntou sorrindo a el-rei:

— Precisa de alguma cousa, meu genro?

— Não, minha senhora, não preciso de nada, respondera o Bearnez com tristeza, olhando com alguns suspiros de magua para todas aquellas bellezas que se lhe offereciam e a que se via obrigado a renunciar. (*Diccion. historiq. et critiq, de Bayle, artic. Henri* IV.)

El-rei já em tempo estivera seriamente enamorado de uma d'aquellas damas tão bem ensinadas pela rainha-mãe a divertir os principes e senhores, como diz H. de Perefixe, e a descobrir-lhe todos os seus pensamentos. Esta joven era a Dayelle, oriunda da ilha de Chypre, que ganhou o dote nos braços do Bearnez, casando em seguida com João de Hemerits, fidalgo normando. A Dayelle não fôra uma paixão tão forte do rei, que podesse distrahil-o dos seus amores levianos. Emquanto a amou, Henrique requestou a mulher do sabio Martinio, professor de grego, homem bom e simples que teve a ingenuidade

de suppôr que sua esposa e o rei nunca haviam transposto os limites do gracejo, como diz Colomiez, na sua *Gaule Orientale,* p. 93.

Quando os amores faceis da Dayelle acabaram, el-rei começou a persesseguir a Rebours, filha de um presidente de Paris, dil-o a propria Margarida, accrescentando que esta rapariga, ladina e astuciosa, não a amava, e que lhe fazia sempre que podia as peiores ausencias. A Rebours morreu pouco depois em Chenonceaux, onde Margarida foi vel-a e perdoar-lhe, mas tinha dado um rival ao rei, na esperança de fazer d'este amante seu marido. Chamava-se o novo predilecto, Buade, senhor de Frontenac.

Depois da Rebours, el-rei começou a namorar a Fosseuse, uma criança apenas, mas bella como um anjo. Francisca de Montemorency, chamada a *bella Fosseuse,* porque seu pae era barão de Fosseux, era dama de honor da rainha-mãe. Consentiu, porém, em passar para o serviço da rainha Margarida para estar mais perto do rei, que ella amava ardentemente, apesar de não lhe dar ensejo «a maiores liberdades do que a honestidade tolera.» Henrique, porém, teve outra vez ciumes de seu cunhado o duque de Alençon, que galanteava tambem a Fosseuse, e esta para desvanecer as suspeitas do rei e fazer-lhe conhecer que só o amava a elle, entregou-se tanto á sua vontade e aos seus desejos, que d'ahi a pouco estava gravida.

A rainha Margarida apressou-se a occultar aquella falta, e ella propria se encarregou do filho que a sua rival deu á luz.

A Fosseuse pensava apesar d'isso em supplantar a rainha para casar mais tarde com o pae de seu filho. A criança morreu, porém, d'ahi a pouco, e a mãe, abandonada como todas as suas predecessoras, casou por intervenção do rei com Francisco de Broc, senhor de Saint-Mars.

Diana, viscondessa de Louvigny e senhora de Lescur, foi a successora da Fosseuse. Lully, fallando nas suas *Memorias* dos acontecimentos do anno de 1583, diz que el-rei de Navarra «estava então no mais forte do seu amor pela condessa de Guiche.» Diana, casada em 1567 com Felisberto de Grammont, conde de Guiche, ficára viuva em 1580, e não resistira por muito tempo as constantes sollicitaçoes do rei, que havia quinze annos a perseguia. Diana não era joven, mas conservava toda a sua formosura.

Agrippa d'Aubigné descreve-nol-a indo á missa a Mont-de-Marsan, vestida de verde, e com o mais extranho cortejo:

«Vêem aquella mulher que domina o rei como lhe apraz? Eil-a indo á missa em dia de festa, levando atraz de si um macaco, um cão de agua e um bobo.»

A paixão do rei por esta dama, que não tinha menos de trinta e cinco a quarenta annos, durou até 1589. Em 1587 escrevia-lhe elle de Marans:

«Alma minha, conservae-me o vosso amor, crêde que a minha fidelidade não tem mancha que a ensombre. Nunca tive paixão como esta. Se isto vos apraz, vivei tranquilla e ditosa.»

Chegou a paixão do rei a ponto de pensar em divorciar-se para casar com a referida dama, firmando-lhe a promessa de casamento com o proprio sangue. Affastou-o d'este louco proposito Aubigné que teve a coragem de lhe dizer:

«Não pretendo que renuncieis á vossa paixão. Já estive tambem namorado e calculo o que soffrereis. Mas, sire, sêde pelo menos digno da vossa favorita, a quem desprezarieis, se vos rebaixasseis ao ponto de vos unirdes com ella em matrimonio.»

Apesar d'isto, Diana teria triumphado dos prudentes conselhos de Aubigné, se o rei estivesse muito tempo ao pé d'ella. Os azares da guerra levaram-n'o á Normandia, onde teve occasião de vêr outra viuva de alta gerarchia, diz o auctor anonymo dos *Amores do Grande Alcandre*. Era joven e formosissima, e pareceu tão amavel aos olhos d'el-rei, que deixou immediatamente de amar a dama que o esperava, e que nunca mais o tornou a vêr.

Esta bella viuva era Antonietta de Pons, que fôra esposa de Henrique de Filly, conde de Rocheguyon. A casta viuva conservou-se inexpugnavel, e soube de tal modo defender a sua virtude, que el-rei viu-se obrigado a fallar-lhe em casamento como ás outras. Nem assim. Apesar da promessa, tão adiantado estava o rei como no principio. Offendeu-se de tão dura resistencia, mas sentiu que a amava cada vez mais, e mais tarde a virtuosa viuva casou em segundas nupcias com Carlos de Plessis, senhor de Liancourt.

Cançado d'aquella lucta improficua, Henrique resolveu-se a abandonar a sua empreza, dizendo á condessa de Rocheguyon, que «visto ser verdadeiramente dama de honor, o havia de ser da rainha que elle havia sentado no throno pelo seu segundo casamento.»

Apesar de tanta resistencia, ha motivo para crêr que a dama de honor teve por fim amores ou cousa parecida com o seu real adorador. Antonietta de Pons teve ciumes de Gabriella d'Estrées, dama de Liancourt, favorita d'el-rei, visto que impoz a seu marido a condição de nunca usar o appellido de Liancourt, «usado igualmente por uma prostituta.»

El-rei acabou com estes escrupulos, dando-lhe o titulo de marqueza de Guercheville. Amava-a verdadeiramente, mas nem por isso guardava uma fidelidade que julgava inutil ou ridicula. Consolava-se, pois, dos pesares que lhe causava a intractavel condessa de la Rocheguyon, amando Carlota des Essarts, condessa de Romerentin, filha natural do barão de Santour, seu estribeiro. Teve d'ella duas filhas que foram legitimadas.

Esta beldade, menos cruel que a viuva normanda, era ao mesmo tempo amante do cardeal de Guise, Luiz de Lorena, filho do duque de Guise, morto de repente nos estados de Blois, mas o rei nem sequer suspeitava d'esta cobarde infidelidade.

Durante o sitio de Paris em 1590, installou-se com o seu sequito na abbadia de Montmartre. Conheceu alli uma linda noviça, filha do conde de Saint-Aignan e de Maria Babou de la Bourdaisière. Não teve a menor difficuldade em possuil-a, sem deixar de se divertir com as demais religiosas, e quando levantou o sitio, andou com ella sem o menor escrupulo de cidade em cidade, ainda vestida com o habito monastico.

Passado este capricho, mandou a freira para o seu convento, onde ia vêl-a de vez em quando, fazendo-a eleger abbadessa de Montmartre.

«El-rei, segundo diz, déra-se tão bem com a abbadessa, que quando fal-

lava d'este convento chamava-lhe o seu *mosteiro*, e dizia que fôra alli religioso.» (*Antiquités de Paris*, por Sauval, t. I, p. 154.)

Não se deu el-rei do mesmo modo na abbadia de Longchamp, onde uma religiosa chamada Catharina de Verdeur, a quem ainda assim recompensou, nomeando-a abbadessa de Vernon, lhe deixou, segundo conta Bassompierre, *uma recordação* de que não conseguiu livrar-se facilmente. Eis o motivo porque se chamou ás abbadias de Longchamp e de Montmartre, *Magasins des engins de l'armée*. (*Confissão de Sancy*, l. I, cap. 8.)

El-rei tinha então necessidade de um amor mais romanesco e platonico para soffrer com paciencia as prescripções dos medicos, que lhe aconselhavam um repouso necessario ao restabelecimento da sua saude. Os seus antigos excessos haviam produzido fructos fataes, e dizia-se que o rei, cujo sangue estava viciado pelo mal de Napoles, devia entregar-se mais aos boticarios do que ás mulheres.

Os prégadores da *Liga* alludiam no pulpito bastas vezes a este assumpto, que não era positivamente catholico:—Rose, que prégava em Saint-Germain l'Auxerrois, dizia ao seu auditorio, «que emquanto aquella santa rainha (a de Navarra) estava encerrada entre quatro paredes (em Usson) seu marido tinha um harem de p..., mas que já estava recebendo a paga dos seus feitos...»

O editor das memorias d'Estoile, em que esta passagem figura com data de 12 de outubro de 1592, accrescenta esta nota:

«A conclusão d'esta phrase, que não póde imprimir-se, existe na pagina 288 do manuscripto.»

A 6 de junho de 1593, o franciscano Feu-Ardent, que prégava em Saint-Jean, vomitava mil injurias contra o rei, dizendo que chegaria um dia em que seria ferido pelo raio, ou rebentaria subitamente. «Já elle tem, accrescenta o frade, o baixo ventre podre d'aquillo que sabeis.»

Dissessem ou não a verdade os prégadores da *Liga*, o certo é que Henrique IV era por esse tempo o amante ou o perseguidor de Gabriella d'Estrées. Esta encantadora mulher, uma das filhas de Antonio d'Estrées, marquez de Cœuvres, e de Francisca Babou de la Bourdaisière, habitava com suas irmãs o castello de seu pae, perto de Compiégne. Roger de Saint-Lary, duque de Bellegarde, estribeiro-mór e favorito d'el-rei, mantinha com ella relações secretas que mais augmentavam o seu mutuo amor.

Mademoiselle de Cœuvres era admiravelmente bella, e o seu retrato não é menos parecido n'estes versos de Guilherme de Sabbe, do que nas telas de Pedro Dumoustier e de João Babel:

Mon œil est tout ravy, quand il voit et contemple
Ses beaux cheveux orins, qui ornent chaque temple,
Son beau et large front et sourcils ébenins,
Son beau nez decorant et l'une et l'autre joue,
Sur lesquelles Amour à tout heure se joue,
Et ses beaux brillants yeux, deux beaux astres bènins.

Heureux qui peut baiser sa bouche cinabrine,
Ses lèvres de corail, sa denture ivoirine,

Son beau double menton, l'une des septe beautès.
Le tout acompagné d'un petit ris folastre,
Une gorge de lys, sur un beau sein d'albastre,
Où deux fermes tetins sont assis et plantés.

Guilherme de Sable, antigo cavalleiro da monteria real, que havia feito a sua aprendizagem com Francisco I, e que era grande entendedor em assumptos de belleza feminina, segundo Brantôme, não esquece n'este retrato inserto na sua *Musa caçadora* (Paris, 1611, in-12) as demais perfeições de Gabriella — *a sua mão branca e polida, os bellos dedos afilados, a estatura esbelta, a sua graça,* e finalmente

Ces petits pieds ouverts, rendant bon tesmoignage
Quel est le demeurant du rare personage.

É provavel que fosse Maria de Beauvillers quem fallasse de sua prima de Cœuvres a Henrique IV, inspirando-lhe assim um violento desejo de a conhecer. Diz-se todavia, nos *Amores do Grande Alcandre,* que tendo uma vez Bellegarde tido a indiscrição de elogiar diante do rei a singular belleza d'aquella donzella, o elogio fizera impressão no animo de Henrique, o qual teve desejos de a ver, e ficou enamorado d'ella, apenas a viu.

Em consequencia d'isto, abandonou subitamente a marqueza de Humières, que se lhe havia entregado com demasiada leviandade, e declarou-se apaixonado de Gabriella, o que causou um grande pezar a Bellegarde. Gabriella, que amava este fidalgo, mostrou-se a principio refractaria ao novo amor, mas suas irmãs, que eram mais espertas e politicas do que ella, fizeram-lhe comprehender, que uma vez que o quizesse, poderia encontrar cem Bellegardes, ao passo que não encontraria em segundo rei de França.

É de presumir que o proprio Bellegarde, pouco disposto tambem a casar com a filha do marquez de Cœuvres, nada fizesse para destruir o effeito de taes conselhos, se não é que elle proprio procurou encaminhal-a n'este sentido.

Além d'isto, Gabriella tinha uma tia materna, a senhora de Sourdis, da familia dos Bordaisière, a qual era em tudo e por tudo digna irmã da senhora d'Estrées, a quem seu marido apontava com o dedo aos intimos de sua casa, dizendo-lhes sem a menor reserva:

— Vêem essa mulher? E' capaz de tornar esta casa uma coelheira de ribaldas *(putains).* (*Observ. sur le Grand Alcandre,* no J. d'Henri III, e Dic. de Leuglet-Dufresnoy.)

A senhora de Sourdis e o seu amante, o chanceller Haraut de Cheverny, souberam dispôr de tal modo o animo da mãe de Gabriella para ouvir as propostas d'el-rei, que Bellegarde foi posto fóra de combate, e a joven era d'ahi a pouco tempo a favorita.

A tal ponto o rei se namorára d'ella, que não podendo já supportar o tormento da ausencia, deixou um dia o exercito, e disfarçado em camponez atravessou a Picardia, com grave risco de cair em poder dos da *Liga,* para ir vêr

a sua amante. As cartas que lhe escrevia diariamente, no meio dos episodios de uma guerra aventureira, transpiram tanta paixão, que desculpam até certo ponto a loucura do real amante. Ainda assim, a correspondencia d'el-rei com Gabriella, mais escandalosa torna a conducta d'este homem voluvel e lascivo, que apesar da sua paixão pela favorita, nunca deixou de andar de mulher em mulher.

N'este meio tempo, Gabriella ficou gravida e precisava-se de um marido para encobrir as manchas d'aquella reputação, que Bellegarde e o rei haviam compromettido. Henrique tractou de arranjar o homem de que precisava, e encontrou um fidalgo picardo, por nome Nicolau de Amerval, senhor de Liancourt, que consentiu em acceitar a mão de Gabriella.

A favorita tinha obrigado o rei a jurar que mesmo no dia do casamento iria subtrahil-a ao dominio conjugal. O casamento realisou-se, mas um obstaculo imprevisto impediu o rei de cumprir o juramento, e Gabriella não teve remedio senão sujeitar-se a reconhecer os direitos conjugaes de Liancourt.

«Ainda assim, lê-se nos *Amores do Grande Alcandre,* Gabriella não se queria deitar. Seu marido julgou então que estaria mais á vontade em sua casa do que na cidade em que o casamento se realisara, e conduziu a noiva para o seu solar. Ella, porém, fez-se acompanhar de seus paes e das damas que haviam assistido ás bodas, e o pobre marido teve que esperar.»

No dia seguinte chegou o rei e libertou a noiva. Pouco tempo depois, deu á luz um filho, a quem o rei não quiz dar o nome de Alexandre, para que não se lembrasse alguem de o cognominar Alexandre le Grand, por isso que denominavam a Bellegarde o senhor le Grand, e o fidalgo podia muito bem disputar a paternidade d'aquella criança.

Não obstante, Henrique IV legitimou Cesar Vendôme no mesmo dia (7 de janeiro de 1595) em que foi annullado o matrimonio de Gabriella de Estrées com o senhor de Liancourt.

Gabriella, que teve logo a principio o titulo de marqueza de Monceaux, recebeu mais tarde o de duqueza de Beaufort. El-rei, que nas suas cartas lhe chamava *coração meu* e outras ternuras similhantes, denominava-a publicamente *meu bello anjo,* o que deu logar a esta quadra:

N'est pas une chose étrange
De voir un grand roy serviteur,
Les femmes vivre sans honneur,
Et d'un putain se faire un ange?

A conducta da duqueza de Beaufort era pouco regular; no emtanto, ainda que os seus costumes fossem muito diffamados pelo povo, que chamava á illustre dama *putain du roy,* denominação que lhe davam tambem no pulpito os prégadores da *Liga* e especialmente Guarni, não se pódem tomar á lettra as accusações que se amontoaram contra ella nas *Novas Memorias* de Bassompierre, publicadas pela primeira vez em 1803.

Segundo estas memorias, cuja authenticidade está longe de ser provada, Gabriella prostituiu-se na edade de dezeseis annos por conselhos de sua mãe,



Gabriella d'Estries *(segundo um retrato da Historia de França de H. Martins)*

que a lançou nos braços de Henrique III, mediante uma somma de seis mil escudos, e Montigny, corretor d'este negocio por parte do rei, guardou para si a terça parte d'esta quantia. Em seguida, o marquez de Cœuvres vendeu-a a Zamet, rico proprietario, e a outros ainda. Pouco depois, Gabriella, vendida a dinheiro de contado ao cardeal de Guise, entregou-se de boa vontade e gratuitamente ao duque de Bellegarde, e a varios outros fidalgos das immediações de Cœuvres, taes como Brunet e Stenay; finalmente Bellegarde acabou por lançal-a nos braços do rei. (*Hist. de Paris*, por Dulaure, t. v, p. 183 e seguintes.)

Facilmente poderia provar-se que Bassompierre, ou o auctor das Novas Memorias, impressas com o seu nome, confundiu os personagens, os factos e as épochas. Attribuiu talvez só a Gabriella todas as galanterias e desordens de que suas irmãs e parentas eram responsaveis, por isso que na casa de Bourdaisière, diz Tallemant des Reaux, «a raça mais fecunda em mulheres galantes, que houve jámais em França, contam-se umas vinte e cinco ou vinte e seis, entre religiosas, casadas e solteiras, entregues publicamente a amores faceis e libertinos. D'aqui vem que as armas d'esta familia são um punhado de ervilhas, emblema de mulheres de má vida, por isso que se descobre por uma agudeza satyrica haver n'estas armas *uma mão semeando ervilhas*». A este respeito fez-se a seguinte quadra:

Nous devons bénir cette main,
Qui séme avec tant de largesses,
Pour le plaisir du genre humain
Quantité de si belles vesses.

Apesar de ser já concubina do rei, Gabriella mantinha ainda relações secretas com o seu antigo amante, Bellegarde, a quem nunca deixou de amar. Em todo o caso, despediu terminantemente todos os galans que a chronica escandalosa lhe attribuia. N'este numero entrava o duque de Longueville, que lhe devolvera já a esse tempo todas as cartas d'ella recebidas.

Não obstante, Henrique IV só tinha ciumes de Bellegarde.

«Dez vezes ordenou el-rei que o matassem, diz Tallemant des Reaux, mas bem depressa se arrependia, quando se lembrava que fôra elle quem lhe entregara a dama.»

Uma noite, o senhor de Praslin foi avisar o rei de que a duqueza de Beaufort estava fechada com Bellegarde nos seus aposentos. El-rei, tremulo de colera, levanta-se, veste-se a toda a pressa, toma a espada e segue Praslin muito afflicto. Ao chegar, porém, á porta do aposento da sua amante sentiu remorsos e parou:

—Nada! exclamou elle. Podia affligir-se com isto.

E foi novamente deitar-se sem perturbar a entrevista dos dois amantes.

De outra vez Bellegarde e a duqueza estavam juntos tambem, e descançadissimos, porque não esperavam o rei. Henrique chega á porta, e manda abrir. Não havia uma unica sahida por onde o amante podesse escapar-se. A duqueza inventa em vão toda a especie de pretextos para que o rei se retire.

Henrique insiste, ordena e encolerisa-se. A camareira de Gabriella, matrona conhecedora do seu officio, faz entrar Bellegarde, meio nú, n'uma pequena dispensa, onde se costumavam guardar os doces.

Abre-se a porta, e el-rei entra, procurando qualquer vestigio accusador deixado pelo seu rival ao fugir. Senta-se sem dar palavra, e d'ahi a pouco pede que lhe sirvam doce. Vae direito á porta da dispensa, pede a chave, que não lhe dão, e ameaça metter a porta dentro.

Bellegarde, a esse tempo, vestira-se como pudera, no seu estreito recinto, e saltara pela janella, que deitava para a rua. Foi só então que a camareira appareceu com a chave, desnorteando as suspeitas d'el-rei:

— Meu senhor, disse-lhe Gabriella, recuperando toda a sua tranquillidade, vejo que me quereis tractar como a todas as mulheres que haveis amado. O vosso genio voluvel procura apenas um pretexto para romper commigo. Pois bem, sire, vou antecipar-me aos vossos desejos, rompendo desde já comvosco... e para sempre!...

Dizendo isto, as lagrimas cahiam-lhes pelas faces em torrentes. El-rei apressou-se a enchugar-lh'as carinhosamente, supplicando-lhe que lhe perdoasse.

Assim refere a aventura o auctor dos *Amores do Grande Alcandre.*

A tradicção popular accrescenta, porém, alguns traços mais em harmonia com o caracter de Henrique IV. Segundo esta tradicção, Bellegarde tivera de esconder-se debaixo do leito de Gabriella, e o rei, occupando o logar que o seu estribeiro acabára de deixar, pediu alguns doces que a camareira se apressou a servir-lhe. El-rei então, pegando n'uma caixa d'elles, atirou-a para debaixo da cama, dizendo:

— Toma, Bellegarde, é preciso que todos vivam!

Correra o boato de que o nascimento de Cesar, duque de Vendôme, não podia attribuir-se ao rei, e uma anecdota que Sully não hesitou em escrever nas suas Memorias parece ter dado origem a este boato calumnioso. Alibour, primeiro medico d'el-rei, visitára Gabriella, que estava indisposta, e foi annunciar a Henrique IV, que a doença teria felizes consequencias.

— E' preciso sangral-a? perguntou el-rei.

— Não, meu senhor, a doença só terminará ao cabo de alguns mezes.

— Que queres dizer, homem de Deus? disse o rei encolerisado. Estás sonhando! Não se tracta de gravidez, e ou não entendes nada d'isso, ou então outros peores do que tu te fazem fallar assim!

— Senhor, replicou Alibour, eu ignoro as vossas contas, mas o que sei perfeitamente, é que antes de sete mezes se verificará o que tive a honra de vos dizer.

A prophecia realisou-se. Gabriella deu á luz um filho, mas Alibour não sobreviveu a este acontecimento, dizendo-se que fôra envenenado.

Tallemant des Reaux deu a explicação d'esta anecdota, tantas vezes invocada contra a memoria de Gabriella, n'esta passagem que Mr. Paulin Paris faz figurar na sua edição, colhendo-o no manuscripto original:

«A verdade da anecdota de Alibour, primeiro medico d'el-rei, é que Hen-

rique IV tinha uma gonorrheia que lhe produziu uma carnosidade e em seguida retenção da urina, que o poz ás portas da morte em Monceaux. Alibour dizia que el-rei não podia procrear na constancia d'este incommodo. Era uma questão de medicina, mas a gravidez de Madame de Beaufort estava muito adiantada, quando surgiu esta questão.»

O primogenito de Gabriella nem por isso deixou de ser legitimado, assim como seu irmão Alexandre e sua irmã Catharina Henriqueta. A mãe chegaria a ser esposa d'el-rei, se não tivesse morrido envenenada, em quanto em Roma se tractava de annullar o matrimonio de Henrique IV com Margarida de Valois.

Mr. de Sancy cahiu em desgraça por haver ousado dizer ao rei, que o consultára a respeito do seu projecto de casamento com Madame de Beaufort, que, desavergonhada por desavergonhada (*putain* por *putain*, diz o texto) melhor estaria sua magestade com a filha de Henrique II do que com a de Madame d'Estrées, que havia morrido n'um bordel. (V. a historieta de Sully em Tallemant des Reaux.)

Sully, que não era menos contrario do que Sancy a este vergonhoso enlace, mas que sabia combatel-o com muito mais politica, affirmou todavia nas suas *Memorias* que «el-rei nunca se poderia resolver a casar com uma mulher de má vida.»

Quanto mais apaixonado se mostrava Henrique IV pelo seu bello anjo, mais se pronunciava a opinião publica contra a favorita, que nem mesmo o casamento poderia rehabilitar. Os seus amores com o duque de Bellegarde eram tão conhecidos, mesmo nas infimas classes sociaes, que se ouvia com frequencia este dito proverbial:

«As bellas espadas (*belles gardes*) andam sempre nas bellas bainhas.»

Os parisienses entre os quaes fermentava sempre o espirito de revolta da *Liga*, detestavam a duqueza de Beaufort, por causa dos maus costumes que lhe attribuiam, e o odio que esta favorita havia excitado recahia tambem em el-rei.

«O povo, escrevia P. de l'Estoile com data de 23 de abril de 1596, é de seu natural teimoso, inconstante e voluvel. Começou a dizer tanto mal d'el-rei, como havia dito bem, tudo por causa dos seus amores com Gabriella.»

N'uma satyra muito escandalosa, que ao tempo corria, havia versos em que el-rei não era menos atacado que a sua favorita.

Todas as pessoas honradas, todos os bons cidadãos se indignavam contra a ideia da união d'el-rei com uma mulher sem honra, que se dava ares da rainha. Um satyrico publicou esta oitava a proposito de um casamento, que só existia na promessa firmada pela mão d'el-rei:

Mariez-vous, de par Dieu, sire!
Votre héritier est tout certain,
Puisqu'aussi bien un peu de cire
Légitime un fils de putain:
Putain, dont les sœurs sont putantes,
La grand' mère le fut jadis,
La mère, cousines et tantes,
Hormis Madame de Sourdis.

Madame de Sourdis como já dissemos, era a amante do velho chanceller ou guarda-sellos, de Chaverny, de quem teve um filho que o rei levou á pia do baptismo em Saint-Germain l'Auxerrois.

— Sire, disse-lhe a parteira, entregando-lhe a criança, tende cautella, que é muito pesado.

— Não admira, respondeu o rei, provavelmente são os sellos, que traz pendurados do c...

Gabriella não teve tempo de ver realisadas as suas aspirações, porque succumbiu quasi de repente, ferida de uma enfermidade extranha, com todos os symptomas de um envenenamento. Os seus inimigos nem mesmo depois de morta lhe perdoaram. Dirigiu as ceremonias funebres seu cunhado, o marechal de Balagny, filho natural de um bispo de Valence, e assistiram as suas seis irmãs, mais dissolutas ainda do que ella.» O poeta Cigogne compoz este versos que Sauval archivou nos *Amours des rois de France:*

J'ai vu passer sous ma fenêtre
Les six péchés mortels vivants,
Conduits par le batard d'un prêtre,
Qui tous ensemble allaient chantants
Un requiescat in pace
Par le septième trespassé.

Henrique IV não podia viver sem uma amante effectiva e permanente, o que não o estorvava de ter outras volantes, quando a occasião se apresentava. Madame de Beaufort estava apenas enterrada, e já as cortezãs andavam á porfia na lucta de apanharem a herança da graça do rei, ganhando em fim a victoria Margarida d'Entragues.

Teria n'esse tempo dezenove ou vinte annos a nova favorita, e distinguia-se não menos pelo talento do que pela belleza. Tão recommendada fôra a el-rei pelas pessoas que desejavam eleval-a á dignidade de favorita, que el-rei «sentiu desde logo o desejo de a ver, em seguida o de a tornar a vêr, e afinal o de a amar.»

Amou-a el-rei, e Mademoiselle d'Entragues, fiel aos conselhos de sua mãe, e sobre tudo aos de seu irmão, deixou-se amar de boa vontade. Segundo era fama, não estava já na aprendizagem da arte, não obstante, regateou o mais que poude os ultimos favores, que Henrique IV reclamava com todo o ardor de um amante e com toda a auctoridade de um rei.

Deu-se n'este caso um dos mais monstruosos traficos de prostituição que nos ministra a historia dos amores dos reis. A familia d'Entragues, o pae, a mãe, os amigos e os conselheiros todos intervieram mais ou menos n'estas vergonhosas negociações, que tinham por fim a venda impura.

Pediam cem mil escudos pela virtude da Entragues. Algumas memorias referem que a somma foi reduzida a cincoenta mil. Em todo o caso, foi combinado o preço, mas o preço era o menos. Mademoiselle d'Entragues, por conselho de seus paes, exigia promessa de casamento, sob a extranha condição de dar ao rei um filho varão no praso de um anno.

«Sou de tal modo vigiada, dizia Henriqueta ao seu amante, que se me torna absolutamente impossivel conceder-vos todas as provas de reconhecimento e de amor, que não posso negar ao maior rei do mundo. E' preciso esperar a occasião, e creio que não teremos nunca liberdade, se não contarmos com meus paes.»

Estes consentiam em fechar os olhos, logo que tivessem na mão a promessa de casamento, firmada e sellada em fórma.

«Esta astuta e habil mulher soube de tal modo seduzir el-rei, diz Sully, que a promessa foi escripta e dada pela conquista de um thesouro, que talvez el-rei não encontrasse.»

Sully teve a coragem de fazer todos os esforços possiveis para desviar o rei d'esta loucura amorosa, que ameaçava custar-lhe mais de cem mil escudos. Chegou até a rasgar a promessa de casamento que el-rei lhe mostrou.

«Sire, disse-lhe elle, se quizesseis recordar o que n'outros tempos me dissestes d'essa joven e de seu irmão, o conde d'Auvergne, em vida da duqueza de Beaufort, as conversações que por essa épocha tivemos e as ordens de que me encarregastes para fazer sahir de França essa gentalha, levarieis mais longe ainda a duvida que tendes, esperando encontrar menos do que desejaes. Considerae, sire, que a peça não vale cem mil escudos, e Deus queira que mais tarde não vos seja ainda mais pesada!»

Estes conselhos do bom e leal servidor eram auxiliados pela refinada galanteria imaginada e posta em acção pelo partido contrario aos Entragues. Todos os dias se recommendavam novas donzellas, que apesar de escolhidas entre as mais bellas e seductoras não faziam senão excitar cada vez mais a paixão do rei por mademoiselle d'Entragues.

«Quando não possuia ainda a Entragues, diz Bassompierre, nas suas *Memorias*, desenfastiava-se com uma bella rapariga, chamada a Glandée.»

Ia passar a noite ao palacio de Zamet, para onde a levavam. A Glandée foi bem depressa desthronada pela Fanuche.

Tallemant des Reaux, que nos revelou tão novas e curiosas particularidades a respeito de Henrique IV, recorda uma boa anecdota, ainda que um tanto livre, d'este principe a proposito da Fanuche, que lhe haviam apresentado como donzella, apesar de ser casada.

Esta Fanuche era uma cortezã celebre, no estylo da grande Imperia e e das cortezãs italianas, e era sobretudo famosa pelas suas bellas fórmas e perfeições secretas. Um quartetto impresso em 1637, na segunda parte das poesias do senhor de Neuf-Germain, poeta de Gastão d'Orleans, prova-nos que a Fanuche, que n'aquella épocha tinha mais de quarenta annos, era ainda digna das homenagens dos seus adoradores e dos elogios da poesia galante.

Henrique IV não se contentava, porém, com estes amores passageiros. Queria amores mais permanentes, e teria dado metade do seu reino para possuir mademoiselle d'Entragues. Possuiu-a emfim, mediante a solemne promessa de casamento e a doação de cem mil escudos. Esta quantia foi a credito, mas quando chegou a épocha do pagamento, pagou, não sem grande pezar. Antes de entregar a somma, quiz vêl-a reunida e mandou que a levassem ao seu ga-

binete. As moedas corriam no solo como um rio de ouro, e quando o rei viu a seus pés aquelle monte de escudos, não poude deixar de dizer:

— *Ventre-saint-gris!* E' o que se póde chamar uma noite bem paga!...

Desde esse dia cada vez se affeiçoou mais á sua conquista, que tão cara lhe custara, e elevou a Entragues á dignidade de favorita, sem deixar por isso de commetter algumas infidelidades, que ainda assim, não o tornavam menos terno e sollicito para com ella.

Quando a côrte de Roma pronunciou a sentença de divorcio, o rei, por maior que fosse o seu amor, acceitou uma alliança politica, e casou em 1600 com Maria de Medicis.

A Entragues oppozera-se em vão a este enlace, e depois d'elle empregou todos os esforços para conservar o titulo e as funcções de favorita, renunciando á corôa de França que lhe havia sido offerecida. Henrique IV fel-a marqueza de Verneuil, e apesar do seu casamento não parecia muito disposto a renunciar a umas relações que elle preferia a outras quaesquer.

Apesar d'isso, Henriqueta de Balzac d'Entragues, cujo caracter violento, flexivel e dominador a um tempo tamanha influencia soubera sempre exercer sobre o rei, não lhe poupava censuras e reprimendas, a proposito da sua falta de palavra. Um dia chegou a dizer-lhe, que lhe valia apenas a fortuna que tivera de ser rei, porque se não fosse isso ninguem o poderia soffrer, por cheirar mal como um porco. (V. Tallemant des Reaux). Chamava-lhe o capitão *Bon-vouloir,* porque estava sempre disposto a amar todas as mulheres ao mesmo tempo.

A marqueza de Verneuil, que habitava no palacio da Force, perto do Louvre, compartilhava por assim dizer com a rainha as attenções d'el-rei e as lisonjas dos cortezãos, e não perdia a esperança de deixar um dia no segundo plano a *Italiana,* ou a grande *Banqueira,* como ella chamava a Maria de Medicis. Esta installação publica de uma concubina real em frente do Louvre era um escandalo que fazia murmurar o povo e affligir os leaes servidores d'el-rei.

Para o separarem d'esta mulher astuta, que aspirava sem cessar á corôa de França, puzeram-se em obra muitas combinações e intrigas amorosas, destinadas a diminuir o prestigio da marqueza de Verneuil. Henrique IV, porém, acceitando todas as aventuras que se lhe offereciam, nunca deixava de voltar cada vez mais apaixonado, para junto da marqueza.

Em 1600, segundo Bassompierre, (antigas e novas Memorias) enamorou-se de uma das damas da rainha, por nome Bourdaisière, em seguida de madame Boinville, de madame Cleni, da esposa do conselheiro Quelin, da condessa de Lamoux, de outra dama de honor, chamada Foulebon, etc., etc.

A marqueza de Verneuil nem por isso era despresada. O exemplo do rei, porém, ensinou-a por certo a gosar tambem a vida, e é de crêr que não lhe faltariam adoradores.

Um dito de Henrique IV, referido por Tallemant des Reaux, dá a entender que não tinha tantos ciumes da marqueza como tivera de Gabriella d'Estrées:

«Disseram-lhe um dia que o duque de Guise estava enamorado de madame de Verneuil. O rei não se incommodou por isso e disse:



Henriqueta de Balzac d'Entragues
(De um retrato da épocha)

«—Coitado! Deixemos-lhe lá o pão e as pécoras, já que lhe tiramos tantas cousas!»

Razões tinha a marqueza de Verneuil para não se temer da influencia das ephemeras amantes de el-rei, mas ainda assim uma d'ellas houve, que esteve a ponto de a derribar. Foi Jacqueline de Bueil, filha de um honrado fidalgo bretão, Claudio de Bueil, senhor de Courcillon. N'um d'esses arrufos que o rei costumava ter frequentes vezes com a sua favorita, procurou distrahir-se com a joven e encantadora Bueil. A nova amante ficou logo gravida. Tractou-se de remediar o incidente com a responsabilidade de um marido.

«Quarta-feira, 5 do mez de outubro, refere ingenuamente P. de l'Estoile no seu *Registre-Journal*, ás seis horas da manhã, mademoiselle de Bueil, casou em Saint-Main des Fossés com o joven fidalgo Chanvallon, excellente musico, tocador de alaúde. Teve a honra de dormir com sua mulher mas alluminado, segundo se dizia, por velas e guardado por gentis-homens, obedecendo ás ordens d'el-rei, que no dia seguinte dormiu com a mulher do seu proximo em Paris, no palacio de Montauban, permanecendo no leito até ás duas da tarde. Dizia-se que o pobre marido dormira n'um quarto que ficava no pavimento superior da camara d'el-rei, estando assim em cima de sua mulher, mas com um tecto de permeio.»

Esta nova concubina ameaçava supplantar a marqueza de Verneuil, comtudo a antiga favorita descobriu o meio de attrahir o seu real amante. Para este fim valeu-se do proprio coração de Jacqueline de Bueil, por meio do joven principe de Joinville, irmão do duque de Guise, que namorava tambem a favorita e desejava servil-a. Quando o principe logrou possuir Jacqueline, o rei foi avisado, e sua magestade queixou-se amargamente da velha duqueza de Guise.

—Não me importa que casem com as minhas amantes, mas que m'as disputem e se atrevam a ser seus galans, isso é que eu não posso tolerar!

E teria mandado prender o principe, se este rival demasiado favorecido não houvesse renunciado immediatamente á posse de Jacqueline, affastando-se d'ella e da côrte.

Henrique IV perdoou. Mademoiselle de Bueil foi feita condessa de Moret, e o filho que deu á luz, depois da partida do principe de Joinville, foi legitimado como o haviam sido antes os de Gabriella d'Estrées.

A marqueza de Verneuil tinha sempre sob o influxo dos seus encantos o seu capitão *Bon-vouloir,* deixando-lhe impressões que o attrahiam continuamente para junto de si, apezar de toda a sua volubilidade. Quando foi accusada de haver entrado n'uma conspiração contra el-rei com seu pae, seu irmão e outros senhores, a Entragues riu a bandeiras despregadas. Quando foi condemnada, bastou-lhe ver o rei para obter o perdão de todos os condemnados. Apesar de n'essa épocha haver perdido o seu logar de favorita, Henrique IV ia vêl-a muitas vezes, e não se mostrava menos galante para com ella.

A marqueza divertia-o mais que ninguem, e a rainha tinha sempre muitos ciumes d'ella. Em março de 1607, foi com a côrte a Chantilly, onde estava Madame de Verneuil, levando na sua companhia uma dama chamada La

Haya, a quem fazia amor, diziam, e que o seguia para toda a parte. A marqueza disse-lhe, sorrindo :

— Sire, os vossos mordomos não sabem do seu officio. Mandam-vos para La Haya, ao vento e á chuva.

La Haya perdeu o real agrado no anno seguinte e tomou o veu na abbadia de Fontevrault, «retiro final e habitual das damas do officio, diz Estoile, e onde algumas vezes não deixavam de o continuar a exercer.»

Uma anedocta, referida nas notas de Lenglet-Dufresnoy, diz-nos que elrei levava a toda a parte no seu sequito, tanto nas viagens, como nas devoções, uma multidão de mulheres da côrte. Assim, quando ia ouvir os sermões do padre jesuita Gonthier ás egrejas de Paris, estas damas accudiam em tropel para trocarem um olhar e um sorriso com el-rei.

Um dia prégava o jesuita em Saint-Gervais. A marqueza de Verneuil e muitas outras damas foram collocar-se perto do sitio onde o rei estava sentado. Emquanto algumas d'ellas cochichavam, a marqueza fazia alguns signaes a elrei, que só a muito custo podia reprimir o riso.

— Sire, disse-lhe com amargura o jesuita, não deixará jámais vossa magestade de vir com um serralho ouvir a palavra de Deus, e dar similhante escandalo n'este santo logar ?

El-rei ouviu com resignação christã a reprimenda tão justamente merecida, mas nem por isso foi mais reservado no seu proceder, nem deixou de dar escandalo aos seus subditos.

O seu derradeiro amor, o que talvez puzesse o punhal na mão de Ravaillac, mostra até onde podia chegar a depravação dos seus costumes, e é um dos episodios mais extraordinarios da historia da prostituição na côrte de França.

«N'aquelle tempo el-rei, escrevia Estoile, no seu diario com data do mez de junho de 1609, perdidamente namorado da princeza de Condé, que passava pela mulher mais bella não só da côrte, mas até de toda a França, deu assumpto aos curiosos e maldizentes, que mesmo sem este caso já fallavam muito licenciosamente de Sua Magestade e da corrupção da côrte.»

A joven Carlota Margarida, filha de Henrique, duque de Montmorency, marechal e condestavel de França, apparecia n'aquelle anno pela primeira vez na côrte.

«Era tão joven, diz o auctor dos *Amores do Grande Alcandre*, que apenas havia sahido da infancia. A sua belleza era milagrosa, as suas maneiras tão graciosas, que parecia uma maravilha. Alcandre viu-a dançar com uma seta na mão, porque n'aquella dança ella e as damas da rainha representavam as nymphas de Diana, e sentiu o coração trespassado com tanta violencia, que a ferida nunca mais poude cicatrizar-se.

O condestavel havia posto os olhos em Bassompierre para o casar com sua filha, mas el-rei que vira aquelle milagre de belleza e de encantos, não vacillou em procurar-lhe outro commodo, que deixasse o campo livre aos seus vergonhosos designios.

Um dia el-rei disse a Bassompierre, que era o seu companheiro favorito de meza e de libertinagem :

— Estou mais do que namorado, estou furiosamente apaixonado por Mademoiselle de Montmorency. Se casares com ella e fores amado, ficarei teu inimigo. Se ella chegar a gostar de mim, não me poderás vêr com bons olhos. O melhor é evitar este motivo de contendas entre nós, porque gosto de ti, e tenho-te verdadeira amisade. De resto, tenho pensado em casal-a com meu sobrinho, o principe de Condé, para a ter assim na minha familia. Esta mulher será a consolação e o entretenimento da velhice em que vou entrar. A meu sobrinho, que gosta mil vezes mais da caça do que das mulheres, dar-lhe-hei cem mil libras annuaes, e por mim contentar-me-hei com o affecto d'ella, sem pretender outra cousa.

Bassompierre obedeceu sem demora a uma ordem tão peremptoria, e mademoiselle de Montmorency casou com o principe de Condé.

Desde então el-rei entregou-se sem pudor a todas as extravagancias da sua paixão, «que era tão grande, diz Estoile, que el-rei Henrique, o Grande, mudou dentro de pouco tempo de trajo, de barba, e até de aspecto.»

O poeta Malherbe prestava indignamente a sua musa á glorificação d'este amor adultero, e se dérmos credito a algumas estrophes escriptas sob o nome de Alcandre, Orante, a nympha inspiradora do rei, não era insensivel a esse amor.

Tão enthusiasmado andava el-rei na caça de sua sobrinha, que pôz em movimento um numero prodigioso de pessoas, inclusivè a mãe do marido. O principe de Condé, indignado dos manejos d'el-rei, ousou dirigir-lhe as mais vivas censuras, chegando até a chamar-lhe os nomes mais injuriosos. (*Registres-Journaux*, de P. Estoile, ediç. de Champollion, pag. 547, reinado de Henrique IV.)

O principe de Condé, quando soube que el-rei se valia de sua mãe como da medianeira mais efficaz para corromper a virtude de sua esposa, dirigiu tambem as mais justas censuras a essa dama venal, exprobando-lhe ter querido deshonral-o. Na sua indignação justissima, o principe chegou a chamar a sua mãe proxeneta (*maquerelle.*)

Este extranho caso que nos mostra a propria mãe collaborando na deshonra de seu filho, é um dos mais deploraveis testemunhos da degradação moral dos cortezãos n'aquella épocha.

Pedro de l'Estoile dá mais um traço n'este horrivel quadro, attribuindo á propria rainha uma certa cumplicidade n'esta cabala de tantos illustres personagens contra a honra da princeza de Condé.

— Sei perfeitamente, dizia Maria de Medicis, que ha trinta proxenetas em acção para esta intriga amorosa. Se eu entrar n'ella, ficará havendo trinta e uma.

O principe de Condé conseguiu livrar a sua honra conjugal das violencias que contra ella el-rei e os cortezãos premeditavam. E para não ser victima, teve de tirar de França sua esposa, levando-a para Bruxellas, onde a poz a bom recato.

Henrique IV tel-a-hia ido buscar com as armas na mão, se o punhal de um regicida não tivesse destruido de chofre com a vida do monarcha a sua torpe intriga.

A paixão frenetica de Henrique IV pela princeza de Condé, déra grande incremento ao numero e á actividade dos intermediarios da prostituição, que se dedicavam a promover os prazeres do rei. Um dos caracteres mais notaveis da prostituição n'aquella épocha é o zelo da gente da côrte no desempenho d'estes papeis indignos, não só em proveito dos soberanos, como tambem no dos principes e dos grandes. O senso moral estava de tal modo perdido, que os fidalgos não tinham escrupulo em prestar-se a estes papeis, quando se tractava de satisfazer os desejos de um poderoso protector.

Ninguem se importava de ser, em caso de necessidade, um vil alcoviteiro, a troco de merecer as graças do seu protector. Todos se consideravam felizes, honrados e orgulhosos de descobrirem uma nova belleza destinada ao leito real. Assim, o estigma da infamia cabe muito mais a estes vis medianeiros, do que ao mesmo rei, embora elle fosse incapaz de poder resistir ás suas impuras sollicitações.

O typo mais completo do proxenetismo, o principal cumplice dos excessos de Henrique IV, foi o italiano Sebastião Zamet, simples sapateiro no tempo de Henrique III, que chegou bem depressa a ser senhor de um milhão e setecentos mil escudos, conselheiro do rei, administrador de Fontainebleau, superintendente da casa da rainha, barão de Billy e Murat, etc., etc.

Zamet, a quem Henrique IV chamava familiarmente o seu Sebastião, apreciando muitissimo os seus gracejos e a sua abnegação servil, tinha sido o medianeiro de quasi todos os amores de seu amo. Era elle que desempenhava as mysteriosas funcções de superintendente dos prazeres do rei. No seu magnifico palacio da rua de Cerisaie, era onde o rei costumava dar-se ás grandes expansões com os seus companheiros de orgia. Era alli tambem que passava a noite com as mulheres que Zamet se encarregava de lhe fornecer. Finalmente, todas as favoritas reaes alli tinham começado as suas aventuras com el-rei.

O italiano teve dois competidores no vil officio que exercia com tanta aptidão como cynismo em serviço d'el-rei, o duque de Bellegarde e o marquez de la Varenne. O primeiro, conhecido até pelo titulo de *maquerel ordinaire de Sa Magesté (Tocsin des Massacreurs*, ediç. de 1579, p. 47) sobresahia na arte de escolher e preparar bons manjares para a mesa d'el-rei. Sabia egualmente preparar as mulheres destinadas aos reaes prazeres. Fôra elle «que introduzira Gabriella d'Estrées, e em seguida Jacqueline de Bueil.»

O segundo começara por ser cosinheiro da irmã d'el-rei. Ganhou, porém, tanto no favor do monarcha, que chegou a ser administrador geral dos correios e conselheiro de estado. Era o mercurio d'el-rei, encarregado especialmente de levar e trazer os bilhetes e mensagens de amor, e denominavam-no: *ministro dos reaes prazeres*. (*Vie de M. Plessis-Mornay*, lib. II.)

«Os alcoviteiros são agora marquezes!» exclamava Aubigné, na *Confissão de Sancy*, fallando de Varenne, que havia passado da arte culinaria, para as intrigas do amor e do estado.

As mais illustres damas intervinham tambem n'este infame trafico, que lhes assegurava o favor e a protecção d'el-rei. Vimos ainda agora a princeza de Condé associada a este galan de barba branca contra a castidade de sua nora

e a honra de seu proprio filho. Vimos tambem que Madame de Sourdis favorecia o commercio adultero de sua sobrinha, Gabriella d'Estrées. A princeza de Conti, Mademoiselle de Guise, que fôra tambem uma das favoritas do *Grande Alcandre,* não cessava de lhe procurar divertimentos d'esta especie, e tornara-se a corruptora das suas rivaes.

Poderiamos mencionar um grande numero de mulheres illustres, que estavam sempre dispostas a secundar as phantazias licenciosas do mais libertino dos reis.

Na *Bibliotheca de M. Guillaume,* satyra citada frequentemente nas notas da *Confissão de Sancy,* mencionavam-se as duas obras seguintes: *Os sete livros de castidade,* feitos por La Varenne e dedicados a Madame de Retz; e os *Preceitos do Proxenetismo,* compostos por Madame de Villers, commentados por Madame de Vitry e dedicados a La Varenne.

Outra satyra do mesmo genero, que não possuimos, mas de que encontramos um extracto no *Journal* d'Estoile (julho de 1609), caracterisa ainda melhor o escandaloso lenocinio que se praticava em proveito do rei Henrique IV. N'uma supplica dirigida a el-rei, o chamado Chavelle allega que exercera melhor que Duret, de quem se diz companheiro, o officio de *maquereau,* «um dos principaes do mundo, e no qual o espirito do homem se revela melhor.» Accrescenta que levára a cabo emprezas muito difficeis, com excellente resultado e menos azar que Duret, pelo que o desafiava a elle Duret, e ao mais famoso na materia em questão. Como prova d'esta verdade citava as conquistas tal e tal, «das quaes, diz elle ao rei, vós mesmo, sire, podeis dar testemunho, levadas a effeito por minha diligencia, conquistas tão difficeis que o mais habil no meu officio teria perdido completamente o seu tempo.»

Tallemant des Reaux conta que o marechal de Roquelaure, que era torto, andando um dia com el-rei Henrique IV, passára por uma vendedora de sargos (*maquereaux*) e lhe perguntára para rir:

— Como distingues tu os machos das femeas?

— E' muito facil, meu senhor: os machos são tortos.

«Boa resposta, accrescenta Tallemant, porque o marechal era accusado de haver servido mais de uma vez de alcoviteiro de seu real amo.»

A palavra *maquereau* significa o *peixe sargo,* N'outra accepção, como tantas vezes temos visto, designa o *alcoviteiro* e o *rufião.*

Os amores innumeraveis da rainha Margarida e do *Grande Alcandre,* referidos summariamente, como n'este capitulo fizemos, constituem o mais curioso e caracteristico episodio da historia da prostituição no fim do seculo XVI.

CAPITULO XXXIX

SUMMARIO

Annaes da côrte no tempo de Henrique III e de Henrique IV.—A bella Chateauneuf.—A ceia dos tres reis com Nantouillet.—O casamento da favorita d'el-rei.—Assassinio de Madame Villequier por seu marido.—Indignas violencias de Henrique III e dos seus favoritos.—A comedia do *Paraiso do amor*.—A bibliotheca de Madame de Montpensier.—O manifesto das damas da côrte.—As damas de honor da rainha.—Malherbe e o senhor de la Loue.—A Sagonne e o barão de Termes.—Indulgencia de Henrique IV.—Principios da bella galanteria.—Consequencias do luxo.—O lenço de 19:000 escudos de Gabriella d'Estrées.—A tapeçaria de um palaciano e a noite de uma princeza.—Os mysterios dos deuses.



ULAURE DIZ com razão na sua *Historia de Paris* (ediç. in-12. t. IV, p. 492) que as scenas de sensualidade descriptas por Brantôme, para dar uma ideia dos costumes da côrte «parecem iguaes ás que poderiam fornecer os annaes de uma casa de prostituição.» O licencioso chronista, que viveu até ao anno de 1614, teve de abandonar a côrte em 1582, refugiando-se nas suas propriedades, onde escreveu as famosas memorias a que tantas vezes nos temos socorrido. Nem todas ellas, porém, chegaram ao nosso conhecimento. Sua sobrinha, Madame de Duretal, teve o cuidado de queimar as mais escandalosas. Podemos perfeitamente calcular o que ellas seriam, pelo que a sobrinha do chronista nos conservou.

Brantôme não poude vêr, portanto, o fim do reinado de Henrique III nem cousa alguma do de Henrique IV. Sabia apenas o que se passava no Louvre pela correspondencia com os amigos que alli deixára, e por isso absteve-se de referir acontecimentos de que não fôra testemunha, e cuja authenticidade não podia assegurar. Não podemos pedir ao engraçado chronista dos escandalos da sua épocha noticias a respeito da prostituição da côrte de Henrique III e de Henrique IV.

Brantôme, a julgar por algumas paginas em que se mostra inimigo implacavel da libertinagem italiana, sentia immensamente a vergonhosa aberração em que havia cahido o ultimo dos Valois, rodeado de vis mancebos. Julgava o chronista que, sob a influencia d'estes horrores estrangeiros, havia cessado a galanteria franceza, e que o amor das damas, tão recommendado pelas tradicções do paiz, existia apenas entre os antigos cortezãos e n'alguns fidalgos incorruptiveis.

Não devêmos suppôr, todavia, que a abominavel seita dos mancebos e

hermaphroditas destruisse de todo a galanteria da côrte, a ponto de se haverem tornado as damas nullas ou indifferentes n'uma questão em que sempre haviam sido as primeiras interessadas. Diremos até em honra dos *mignons,* que elles não eram tão insensiveis aos encantos do bello sexo, como se poderia julgar por causa da sua pessima reputação. Henrique III tivera amantes e os seus mancebos tambem, e muitos d'elles que acabaram tragicamente, não poderiam accusar da sua morte senão as mulheres.

Quando Henrique III era apenas duque d'Anjou, amou Renata de Rieux, conhecida pela alcunha de *bella Chateauneuf.* Renata era uma das damas de honor de Catharina de Medicis, as quaes o famoso libello huguenotte, intitulado o *Tocsin des Massacreurs*, não calumniou decerto, marcando-as com o sello da prostituição.

«Ninguem ignora, lê-se n'este libello (p. 49, da edição de 1570) o impudor das damas da rainha mãe. Sirva de exemplo a Rouet, a Montigny, a Chateauneuf, a Atry e outras, cuja castidade é tão duvidosa, que difficilmente acharia um defensor entre todos os cortezãos.»

«Quando o duque d'Anjou partiu para a Polonia onde o chamavam os votos da nobreza d'aquelle paiz, que lhe offerecia a corôa, quiz deixar um marido a mademoiselle de Chateauneuf, á qual dera por escripto, segundo se dizia, promessa de casamento, e procurou-lh'o entre varios fidalgos da côrte. Mademoiselle de Chateauneuf era, porém, de um caracter muito orgulhoso e inflexivel para se submetter a este trafico matrimonial. Apesar d'isso, o duque d'Anjou pôz os olhos em Nantouillet, preboste de Paris, um dos seus companheiros de meza e de prazeres.

Nantouillet declinou immediatamente a honra que pretendiam fazer-lhe, respondendo ao novo rei da Polonia, que para casar com uma mulher perdida, esperaria que el-rei Carlos IX estabelecesse bordeis no Louvre.

Esta digna resposta chegou aos ouvidos de Carlos IX, que guardou sempre por este motivo um certo rancor a Nantouillet.

Poucos dias depois (setembro de 1573), interceptou-se uma carta escripta em Paris por um cortezão, na qual se fallava nos termos seguintes d'um escandalo recente, que estava dando assumpto ás conversações da côrte e da cidade:

«Vi, dizia o auctor da carta, os tres reis, que chamam o Tyranno, o da Polonia e o de Navarra, que para darem graças a Deus pela paz e pela sua liberdade, não deixavam um momento de o offender com os seus lascivos e asquerosos prazeres. Estes bons monarchas fizeram-se servir n'um banquete, que ultimamente deram, por prostitutas núas...»

M. M. Champollion, na sua edição do *Diario* de Henrique III, abstiveram-se de reproduzir certas passagens obscenas, que Pedro d'Estoile inseriu integralmente no seu manuscripto.

O banquete não fôra mais do que o preludio de scenas muito mais escandalosas. Os tres reis, não sabendo como passar o resto da noite, avisaram Nantouillet de que iriam visital-o ao seu palacio de Hercules, situado ao fim da rua dos Agostinhos. Nantouillet excusou-se em vão de receber os reaes hos-

pedes, mas viu-se obrigado a isso por ordem expressa de el-rei, e por tanto mandou preparar a collação.

Os convidados meios ebrios haviam resolvido saquear o palacio de Hercules, e por tanto, feito o signal préviamente combinado, apoderaram-se da baixella de prata, arrombaram os cofres e os armarios, e tiraram tudo quanto encontraram de precioso, retirando-se carregados com a presa opima, apesar das queixas e supplicas do proprietario.

No dia seguinte, correu o boato de que uma somma de cincoenta mil escudos, roubada dos cofres de Nantouillet, fôra entregue com uma prodigiosa riqueza de joias á bella Chateaunef, para a indemnisar e vingar do desprezo feito da sua mão pelo desgraçado preboste de Paris.

Este queixou-se do roubo ao primeiro presidente do parlamento, que antes de instaurar o processo, deu conhecimento do que se passava a el-rei Carlos IX.

—Não faça caso d'isso, respondeu el-rei. Diga a Nantouillet que repetiremos a brincadeira, se voltar a pedir uma indemnisação

Nantouillet, avisado pelo presidente, apressou-se a retirar a sua querella.

O duque d'Anjou havia a esse tempo rompido com mademoiselle de Chateaunef, ou pelo menos dava-lhe publicamente uma rival, a princeza de Condé, cujo retrato trazia ao pescoço. O amor de Henrique por esta encantadora resistiu até mesmo á ausencia. Ao voltar da Polonia para succeder a Carlos IX, tornou a encontrar a sua amante, mas teve o pezar de a perder, d'ahi a pouco tempo.

Mademoiselle de Chateauneuf tentou ainda fazer valer os seus antigos direitos sobre o coração do principe, que não cessara de lhe mostrar affecto, e ainda que os costumes de Henrique houvessem soffrido uma triste metamorphose, foi por um momento sua amante. A bella era, porém, tão pouco tolerante para com os *mignons*, que el-rei voltou novamente á ideia de a casar para se vêr livre d'ella.

El-rei casou tambem com Luiza de Vaudemont, sabendo que esta princeza havia sido requestada pelo conde de Brienne, que nunca deixou de estar enamorado d'ella.

—Conde, dissera-lhe el-rei em tom peremptorio, acabo de lhe tirar a sua amada. Em compensação, vou dar-lhe a minha: caso-o com a Chateauneuf.

Não era um gracejo de seu amo, e o conde de Brienne, por assim o entender, fugiu precipitadamente da côrte, para se eximir a esse ridiculo casamento. A bella Chateauneuf teve com isso grande prazer, pois nada desejava menos do que um marido, aspirando unicamente a conservar o seu titulo de favorita. Commetteu, porém, a imprudencia de se pôr abertamente em guerra com a joven rainha; e Catharina de Medicis prohibiu-lhe que voltasse á côrte.

El-rei absteve-se cuidadosamente de a defender. A pobre favorita, vendo-se abandonada do principe, que os *mignons* indispuzeram com ella, praticou uma tolice, pelo despeito que tinha, mas d'ahi a pouco arrependeu-se amargamente.

«Esta joven tão orgulhosa e cheia de desdens, diz Brantôme, que só tinha palavras arrogantes para os galans que d'ella se aproximavam, entregava-se d'ahi a pouco a um, que obteve d'ella tudo quanto quiz, poucos dias antes de se casar.

«Era um italiano chamado Altoviti, muito abaixo em tudo e por tudo dos esbeltos fidalgos que a requestavam.»

Dois annos depois, tendo-o surprehendido n'uma infidelidade, matou-o varonilmente por a sua propria mão.

A esse tempo, Henrique III não precisava, nem sabia que fizesse de uma favorita official, e bem satisfeito ficou de se vêr assim livre das eternas censuras da Chateauneuf, que a cada instante lhe exprobrava os seus infames habitos. Desde então não tornou a cahir sob o predominio de nenhuma mulher, mas apezar dos seus perfumados *mignons*, voltava de vezes em quando ás primeiras inclinações da sua juventude.

Accusaram-no de haver impellido o seu favorito Renato de Villequier a matar sua mulher, (agosto de 1577) gravida de cinco mezes, ainda que havia mais de dez que seu marido não tinha relações com ella.

Esta dama tinha por amante o senhor de Barbizi, bello parisiense, que ella não queria sacrificar aos ciumes d'el-rei.

«Este assassinio, diz Estoile (*Journal d'Henri* III, antiga edição) foi julgado por todos como cruel, por ser perpetrado n'uma mulher, gravida de dois gemeos, e como devéras estranho por ser praticado no palacio real (em Poitiers) estando alli sua magestade e a côrte, onde a libertinagem se pratica publica e notoriamente entre as damas, tendo-a ellas como virtude.

«A facilidade, porém, do perdão que Villequier obteve sem demora, levou a crêr, que em tudo isto houvera uma ordem secreta d'el-rei, talvez para punir a dama de algum desaire similhante, ou de um insulto qualquer.»

Esta ultima phraze pertence a Pedro Dubry, que melhor informado do que Estoile, a introduziu na sua copia em vez da que encontrara no original.

N'um epitaphio satyrico, que ao tempo corria a respeito d'essa tragedia, a mulher impudica era tão atacada como o marido infame:

«Nem a ira, nem a honra, nem os ciumes o fizeram derramar o sangue de sua esposa. A honra! Tem-n'a elle porventura? Como poderia tambem ter ciumes de uma mulher, que sabia muito bem ter pertencido a todo o mundo, e a quem elle proprio havia prevertido com mil baixezas, torpezas e infamias? Oh! vós que ides passando, esta mulher teve o justo castigo de uma adultera, e o infame carrasco será sempre amaldiçoado, visto que foi o seu alcoviteiro.»

A collecção de Sauval publicada em 1739, sob o titulo de *Memorias historicas relativas aos amores dos reis de França*, contém muitas anecdotas que provam o seguinte facto curioso: — Os *mignons* foram sempre mais inclinados ás mulheres do que el-rei. «Um dia Henrique III teve a velleidade de conquistar a esposa de um conselheiro do parlamento, tão bella como virtuosa, e havendo-o conseguido emfim no seu proprio gabinete, abandonou-a em seguida aos seus *mignons*. A pobre senhora, desesperada pelo ultrage e pela vergonha, teve um accidente e morreu nos braços d'elles.»

De outra vez, sabendo que um dos seus favoritos estava enamorado de madame de Mirande, senhora de virtude provada, el-rei não julgou improprio da sua dignidade desempenhar o papel de alcoviteiro, e attrahiu-a ao Louvre, sob pretexto de lhe conceder certa graça, por ella em tempo sollicitada. Madame de Mirande chegou ao paço á hora em que el-rei estava á meza, e foi introduzida n'um gabinete secreto, onde em seguida Henrique foi interceder pelo seu favorito La Guiche...

«A dama era inflexivel, e para se subtrahir ao perigo em que a sua ambição a havia posto, allegou uma indisposição commum ás pessoas do seu sexo, que a impedia n'aquelle momento de acceder aos desejos d'el-rei. Henrique III ordenou que dois criados a segurassem... e facilmente se adivinha o que succedeu n'aquelle gabinete em que tomaram parte no crime o rei e os seus *mignons*. Quando aquelles infames Tarquinios deixaram em paz a sua Lucrecia, mostraram-se indifferentes ás lagrimas de sangue com que ella deplorava a violação de que fôra victima, e aos gritos e lamentos que commoveriam as proprias féras.»

Outro dia mandou levar a Saint-Cloud as mulheres mais batidas de Paris. Logo que chegaram, mandou que as despissem, e que os suissos da guarda fizessem o mesmo, auctorisando-os então a atacal-as, para o que as mandou espalhar pelos jardins. As ribaldas obedeceram, soltando gritos indecentes. El-rei, acompanhado dos seus favoritos e dos seus mais intimos confidentes, divertiu-se por muito tempo a vêr o que só se costuma praticar sob a pudica protecção das trevas, ou do isolamento.»

Scenas como estas não eram raras na côrte, mas em escala infinitamente mais restricta, e nem sempre eram actores exclusivos os suissos e as ribaldas.

Brantôme falla com uma reserva que n'elle não é muito habitual, (*Dames galantes*, IV *discours, De l'amour des filles*) de uma bella comedia intitulada, o *Paraizo do Amor*, que fôra inventada por uma joven dama da côrte e por ella propria representada na sala de Bourbon, á porta fechada, não havendo outros espectadores, além dos que tomavam parte na representação. Os personagens eram seis, tres homens e tres mulheres, a saber: um principe e a sua amante, um senhor e uma grande dama, um fidalgo e a auctora da peça.

Era joven, mas soube desempenhar o seu papel melhor do que as casadas, porque sabia mais do que de ordinario as mulheres costumam saber n'aquella edade.

As damas da côrte haviam progredido muito desde o tempo de Francisco I n'aquella eschola de prostituição, que não suspendia nunca as suas licções escandalosas. As suas loucuras e excessos, por muito tempo occultos á sombra do throno, revelaram-se de subito á indignação publica, quando a Reforma e a Liga fizeram cahir successivamente todos os veus que envolviam a vida particular dos reis e dos grandes. O olhar indiscreto do povo penetrou em abysmos de depravação até então desconhecidos, e quando a terrivel verdade se apresentou por toda a parte, todos se esforçaram por arrancar-lhe os muitos farrapos que a encobriam.

Assim, pois, n'um libello satyrico, que começou a circular em Paris em 1587, sob o titulo de *Bibliotheca de Madame de Montpensier*, e que foi aproveitado então por Estoile para os seus *Registres-Journaux*, muitas das obras de phantazia, que faziam parte d'esta bibliotheca, alludem á má conducta das damas da côrte.

Eis os titulos d'essas obras, cuja explicação nos abstemos de fazer, visto que elles só por si são demasiado eloquentes:

Maneira de medir rapidamente os grandes prados (Grandprez, era o nome do seu estribeiro), por Madame de Nevers.

Segredos da desfloração dos pagens, por Madame de Sourdis.

Varios pratos de amor, obra traduzida do hespanhol, pela Marechala de Retz, e dedicada ao senhor de Dunes, seu escudeiro.

Modo de trabalhar ao pé coxo com o primeiro que chega, por Madame de Montpensier. (Esta dama era coxa.)

A ribalderia da côrte, collegida pelo senhor de Lincourt, a instancias de Caboche.

O gancho das donzellas da côrte, pela dama de honor de Saint-Martin.

Tractado das truanices e do proxenetismo da côrte, pelo conde Maulevrier.

Historia da donzella Joanna, por Mademoiselle de Bourdeille.

A rhetorica das proxenetes, por Madame de la Chastre.

Amanach das entrevistas amorosas, por Madame de Pragny.

As damas da rainha, com lettra e musica, por Madame de Saint-Martin.

Tomámos estes titulos já da edição de Leuglet-Dufresnoy, já da de Champollion, sem nos preoccuparmos com as variantes que uma e outra offerecem.

Uma peça do mesmo genero e da mesma épocha, o *Manifesto das damas da corte*, póde servir de commentario a alguns d'aquelles titulos de livros inaginarios. Este manifesto é a confissão de uma das maiores peccadoras, a começar pela rainha-mãe, que se desculpa de haver educado seus filhos nos maiores vicios, blasphemias e perfidias, e suas filhas n'uma liberdade impudica, permittindo e auctorisando um bordel na côrte.

O manifesto, publicado em Charcheau, na viagem de Nerac, e firmado por Pericart com licença do senhor arcebispo de Lyon, termina d'este modo:

«As damas Vitry, Bordeille, Sourdis, Birague, Surgère e outras da côrte da rainha, dizem todas a uma voz: Ai, ai, ai, meu Deus! que será de nós, se não estendes sobre nossas culpas o veu da tua misericordia! Clamamos em alta voz e rogamos-te que te dignes perdoar tantos peccados da carne, commettidos com reis, principes, cardeaes, gentis-homens, bispos, abbades, priores, poetas, e outra muita gente de todas as classes e condições, taes como, palafreneiros, pagens, lacaios e até leprosos, immundos e asquerosos. E digamos com o senhor Villequier: Deus meu, misericordia, que bem precisamos d'ella, e se não pudermos encontrar maridos, entraremos nas Arrependidas!»

Quantas aventuras escandalosas não constituiriam por esse tempo a chronica de uma côrte, em que os velhos não eram mais regulares e prudentes que os jovens! Fosse qual fosse, de resto, a relaxação dos costumes não se perdoava aos desgraçados, que se deixavam surprehender in-flagrante. O proprio Hen-

rique III mostrava-se rigido e honesto, digamol-o assim, quando por alguma imprudencia se revelava o mysterio dos seus amores illicitos. Uma vez quiz mandar decapitar o senhor de Loue, que tinha impuras relações com a Malherbe, dama de honor da rainha-mãe. Contentou-se, porém, de o obrigar a casar-se de bom ou mau grado com a sua cumplice, mandando-os passar a lua de mel á prisão de Vincennes, «por causa, diz Estoile (22 de março de 1578) do ultrage feito á casa da rainha, sua esposa, tendo tido o atrevimento de deixar gravida uma das suas damas.»

Henrique IV, que tantos motivos tinha para ser a este respeito indulgente, esteve a ponto de castigar, com o maior rigor, o barão de Thermes, irmão do duque de Bellegarde, que estava exactamente no mesmo caso do senhor de Loue, «tendo sido surprehendido uma noite, diz Estoile (fevereiro de 1604), na camara das damas de honor da rainha, deitado com a Sagonne, a quem amava já havia muito tempo, tendo de fugir em camisa. A dama estava gravida.»

Tallemant conta a mesma aventura com as seguintes variantes:

«Causou grande escandalo por esse tempo o caso de uma dama da rainha-mãe, chamada Sagonne. O galan foi passar a noite ao Louvre com ella. A governadora deu o signal de alarme, e o pobre teve de saltar pela janella, abandonando o casaco ás púas das grades, para melhor descer. Os guardas das portas deixaram-n'o fugir. Era muito estimado, e de mais a mais, crimes de amor facilmente se perdoam.»

Maria de Medicis, apesar de italiana, ficou tão offendida com este escandalo, que pediu a cabeça do barão de Thermes. Henrique IV desterrou-o apenas por alguns mezes, sem o obrigar a casar com a Sagonne, a qual foi ignominiosamente expulsa com madame de Drou, mostrando-se a rainha inflexivel, «como faz sempre, diz Estoile, quem tem honestidade e virtude.»

Henrique IV não tinha o direito de ser demasiado severo em similhantes assumptos. Por isso, fingindo associar-se á causa da rainha, e participar da sua indignação, não usou de grande rigor para com os pobres amantes que se deixaram surprehender. Julga-se até que, tendo este caso chamado a sua attenção para a tal Sagonne, mostrara desejos de a conhecer, e aproveitou para isso a ausencia do barão de Thermes.

Segundo Leduchat, a Sagonne era aquella Bourdaisière, que figura entre as favoritas de Henrique IV. Este principe via com prazer que os seus cortezãos lhe imitavam os exemplos, mas exigia que as cousas se fizessem sem escandalo, e á imitação de Francisco I mostrava-se sempre, ao menos nas palavras, o fidalgo mais sollicito da honra das damas da sua côrte.

«Henrique IV, diz Bassompierre (*Nouveaux Mem.*, p. 171) tinha o fraco das mulheres, e apesar de não gostar de as arrebatar aos paes ou aos maridos, dava comtudo muitos maus exemplos e escandalos, tornando publicos certos vicios que a decencia manda occultar.»

Vimos no capitulo anterior como el-rei sacrificava os paes e os maridos aos seus caprichos. Os costumes da côrte não podiam ser differentes dos seus. Deve agradecer-se-lhe todavia o ter diminuido consideravelmente na sua côrte a prostituição italiana, que Henrique III deixára como uma lepra terrivel na mo-

cidade franceza. Quando os *Hermaphroditas* foram publicados, Henrique approvou essa terrivel satyra, e o mesmo fez ao libello de Thomaz Artus, que, segundo Estoile, «descobria os costumes da côrte e fazia vêr claramente que a França era n'essa épocha um albergue de vicios e impudencias, emquanto que n'outros tempos fôra um honesto seminario de virtudes.»

E' preciso notarmos, todavia, que a bella galanteria começa no reinado de Henrique IV, e que n'este reinado, se o fundo dos costumes da côrte era geralmente detestavel, a fórma d'essa corrupção, se assim nos podemos exprimir, era quasi sempre honesta e elegante.

Os prazeres sensuaes n'aquella épocha pareciam constituir o principal assumpto. Tomavam, porém, uma apparencia mais refinada e mais decente, rodeavam-se de delicadezas moraes e até mesmo de uma especie de mysticismo. A *Astrêa,* de Honoré d'Urfé, poeta de estylo alambicado, servia de codigo a todos os amantes.

O luxo excessivo, que havia invadido a côrte de Henrique IV, bem que este monarcha possuisse em summo grau o amor da simplicidade, não podia tambem deixar de ser prejudicial aos bons costumes. As favoritas do rei, apesar do seu real amante, davam leis á moda, que vinha a ser então um funesto auxiliar da libertinagem. Quando se sabe que Gabriella d'Estrées deu um dia a somma de 19:000 escudos por um lenço bordado, comprehende-se perfeitamente quantos esforços as suas rivaes não envidariam para possuirem lenços iguaes. D'aqui uma multidão de compromissos secretos, que deshonravam as pobres mulheres, a quem a garridice e a vaidade impelliam á perdição e ao abysmo.

Sauval refere, nos *Amours des rois de France,* uma singular anecdota, mostrando o vergonhoso trafico a que o amor do luxo levava as principaes damas da côrte.

Um preboste do paço, cujo nome não menciona, perseguia ha muito tempo certa princeza.

O galan obtivera apenas da sua amada recusas e desdens. Um dia, porém, chegáram a entender-se, e decidiu-se que uma famosa tapeçaria que o preboste possuia seria o preço da noite que a princeza lhe outorgava.

O preboste estava de má fé, e no dia seguinte, recusou-se a dar á dama a tapeçaria promettida, «porque a noite passou-se de modo, por culpa d'elle, que sahiu do leito como havia entrado.»

Isto deu logar a uma especie de litigio entre as duas partes, e para o resolver, nomeou-se como arbitro a mulher de um secretario de estado, a qual decidiu a pendencia, resolvendo que ambas as partes haviam de carregar a tapeçaria aos hombros de um moço de esquina, e que a dama concedesse outra noite ao queixoso galan.

Não temos n'este extranho caso uma das mais repugnantes phases da prostituição, n'um tempo em que os bordeis estavam abolidos por uma ordenação real?

Henrique III irritou-se em extremo contra Buscelay, por este fidalgo ter ousado dizer-lhe, a proposito da epidemia de 1584, que a côrte era uma peste

mais funesta, ainda e á qual desgraçadamente a outra não podia atacar. (*Journal d'Henri* III, 19 de outubro de 1584.)

Henrique IV, em igualdade de circumstancias, teria rido, e o mesmo faria o jovial monarcha, se podesse ter lido nos *Registres-Journaux*, de Pedro d'Estoile (outubro de 1609), por occasião do escandalo causado pelos amores do principe de Joinville com a condessa de Moret, estas palavras:

«Os que na côrte se tinham por mais sensatos, e penetravam melhor os sagrados mysterios dos deuses (ainda que muitas vezes parecessem tão humildes como os outros) diziam haver n'este caso um plano occulto do rei, que tinha mandado fazer á condessa o que ella tinha feito, e que a respeito d'estas cousas havia pouco escrupulo na côrte.»

Já Lipsio o dizia nas suas epistolas:

Mores jam vocentur, nec in veniam modo veniant, sed in laudem.

CAPITULO XL

SUMMARIO

Corrupção do povo nos fins do seculo XVI. — Perniciosa influencia da Liga nos costumes. — Gravuras obscenas. — Prostituição da linguagem — As procissões dos nús. — A prostituição da linguagem do tempo. — O padre Pigenat. — A Sainte-Beuve. — Retrato de um partidario da Liga. — Violações e excessos dos homens de guerra. — Violações de crianças em Paris. — Bestialidades. — Supplicio de Guillet-Goulard. — Supplicio de homens e animaes. Crime de sodomia. — O medico Sylva. — Progressos do vicio. — Raptos e seducções. — Penalidades. — Castigo do incesto. — O presidente de Jambeville. — Indifferença dos tribunaes a respeito de certas excitações á libertinagem. — Os amores dos deuses. — O tractado de Sanchez, *De matrimonio*. — A *Summa peccatorum*, do Padre Benedicti, sequestrada. — Le *Moyen de Parvenir*, de Beroaldo de Verville. — As arrependidas. — Desordens e excessos das communidades de mulheres, durante a Liga. — Amores freiraticos.



Em nenhuma épocha a França se havia deshonrado com maiores torpezas e sensualidades, nem o povo havia jámais descido a tão immundo lodaçal da libertinagem. O exemplo fatal da corrupção dos costumes havia prevertido o senso moral da nação inteira. A Liga acabou de destruir os restos de pudor que ainda existiam nas classes médias e na plebe, apesar dos excessos de Henrique de Valois e dos seus favoritos as haverem n'outro tempo levantado em massa contra o throno envilecido.

Nos *Registres-Journaux* de Pedro de l'Estoile, esses fieis memoriaes da chronica escandalosa de Paris, durante mais de trinta e cinco annos, encontra-se a expressão franca e simples dos excessos da sociedade franceza no fim do seculo XVI.

Pedro de l'Estoile, que vivera tambem no tempo de Carlos IX, não hesita em denunciar á posteridade a decadencia dos costumes no reinado de Henrique IV, apesar de amar e respeitar este monarcha, que elle sempre considerou um grande rei. Em muitos logares da sua collecção, este homem honrado clama com pesar e indignação contra os vicios de sensualidade e impureza, «que estavam então mais espalhados do que em tempo algum.» (*Journal d'Henri* IV, fevereiro de 1907.)

«N'um seculo tão prevertido como o nosso, diz elle n'outro logar (agosto de 1610) pouco trabalho dá ser homem de bem, ainda mesmo que se tenha um pouco de sensual e bastante de atheu ou mesmo de parricida. Ainda assim, ninguem deixa de ser pessoa honrada.»

Não póde calcular-se bem quanto a influencia da Liga foi perniciosa aos

costumes. O povo que havia censurado a Henrique III e á sua côrte tantas abominações, inventadas ou exaggeradas pelo espirito de partido, tanto dos da Liga como dos huguenottes, não teve escrupulo de incorrer nos mesmos excessos e de os manifestar escandalosamente á luz do dia. Durante o tempo em que a capital esteve em poder dos *Dezeseis,* os olhos e os ouvidos dos seus habitantes foram a cada passo escandalisados com canções, libellos e gravuras obscenas, que tinham sempre por pretexto a politica da *Santa União.*

«As galerias do paço, diz Aubigné, na sua Historia Universal (t. III, lib. II, c. 20,) estavam cobertas de retratos do rei, acompanhados de diabos vestidos com calções nas posições do Aretino, e de cousas peiores ainda,» porque desde o assassinio dos Guises, Henrique III, diz o commentador da famosa *Satyre Menippée* (ediç. de Ratisbonne, 1726, t. II, p. 346) passava na opinião do povo não só por um monstro dotado de toda a classe de vicios e de aberrações sensuaes, mas tambem por um abominavel feiticeiro.

As memorias d'Estoile estão cheias d'estas torpezas da Liga, que luctavam á porfia em immoralidade com as mais atrozes calumnias dos huguenottes. A lingua havia-se aviltado, arrastando-se pelo lodo das ruas suspeitas; os prégadores nem respeitavam o pulpito nem a santidade dos templos, misturando as suas blasphemias com palavras obscenas e imagens repugnantes. Não havia sermão em que o Bearnez não fosse apodado de *filho da p...* e *alcagote.*

N'uma recepção solemne em que os personagens mais importantes da Liga foram em corporação cumprimentar o cardeal de Perevé, um d'elles, o conselheiro Sermoise, disse que talvez o rei de Navarra abjurasse da heresia para voltar ao seio do catholicismo. O cardeal interrompeu-o, dizendo-lhe:

—Não sei se o illustre conselheiro é casado ou viuvo, mas se é ou foi casado, e se sua mulher se tivesse prostituido n'um bordel, admittil-a-hia por ventura quando ella quizesse voltar aos seus braços? Pois, sr. conselheiro, a heresia é uma p....»

Já n'outro logar tractamos do escandalo que produziram as procissões dos disciplinantes, ás quaes o proprio rei presidia, acompanhado de toda a côrte. O povo tomara gosto por ellas, e quando el-rei se retirou em consequencia das Barricadas, deixou de haver escrupulos n'este genero de devoções, que tocava muito de perto a mais vergonhosa sensualidade.

«Em 30 de janeiro de 1589, lê-se no «Resumo das cousas acontecidas em Paris, desde 23 de dezembro de 1588 até ao ultimo de abril de 1589», obra citada por Dulaure, fizeram-se na cidade varias procissões a que assistiram muitas crianças, homens e mulheres, todos em camisa, de tal modo, que nunca se vira, mercê de Deus, cousa tão bella. Freguezias houve, onde se contaram umas quinhentas ou seiscentas pessoas nuas.»

No dia 3 de fevereiro, novas e bellas procissões, em que se viam muitos nús, levando bellas cruzes.»

«A 14 de fevereiro, outras ainda, principalmente na freguezia de Saint-Nicolas-des-Champs, a que assistiram mais de mil pessoas núas, contando-se n'este numero os padres de Saint-Nicolas e o seu parocho, Francisco Pigenat, o qual apenas levava uma especie de capuz.»

Estoile, que foi testemunha occular d'estas famosas procissões, refere particularidades tão abominaveis, que a pagina 452 do seu manuscripto foi arrancada pelos jesuitas de Saint-Acheul, em cujas mãos estiveram por muito tempo depositados os papeis d'Estoile.

Não obstante, os jesuitas deixaram na sua integra uma passagem muito importante, que nos edificará a respeito das procissões da Liga.

«Tão enthusiasta era por esse tempo o povo, diz elle, a respeito d'estas procissões, que muita gente levantava-se de noite da cama, para pedir aos sacerdotes que mandassem fazer procissões, como fizeram com o parocho de Santo Eustaquio. Muitos dos freguezes d'este sacerdote dirigiram-se alta noite a sua casa, pedindo-lhe que os levasse em procissão. Como elle lhes fizesse algumas observações, apodaram-no de hereje, de maneira que o parocho viu-se obrigado a fazer-lhes a vontade. Em verdade, este bom parocho e mais dois ou tres da cidade condemnavam estas procissões nocturnas. Para fallarmos com franqueza, aquillo não era mais do que um carnaval, em que homens e mulheres, novos e velhos, completamente nús, faziam scenas muito diversas d'aquellas para que devotamente se reuniam. Assim, perto da porta de Montmartre, a filha de um chapelleiro teve de dar á luz um fructo, que não era de benção, ao cabo de nove mezes; e um cura de Paris, que disséra n'um sermão que em taes procissões os pés brancos e delicados das mulheres eram muito agradaveis aos olhos de Deus, preparou tambem o seu fructo, que chegou á maturação no mesmo prazo de tempo.»

Não seria a peior das prostituições esta que se cobria com o manto das cousas sagradas e se insinuava perfidamente nas practicas da devoção?

Sauval desfigura, nas suas *Memorias historicas e secretas dos amores dos reis de França,* um trecho do *Journal d'Henri* III, e por isso attribue a este rei as procissões da Liga e os escandalos que ellas occasionavam. Estoile dissera effectivamente que o cavalheiro d'Aumale, que fazia scenas carnavalescas n'estas procissões, «costumava assistir a ellas para se divertir, e tanto na rua como nas egrejas, atirava por meio de um canudo bolos aromaticos ás bellas penitentes, excitando-as em seguida com as excellentes collações que lhes preparava, na ponte de Change, na de Notre-Dame ou na rua de Saint-Jacques, onde a *santa Viuva* não era esquecida. Esta mesma *santa Viuva,* coberta de alto a baixo com uma riquissima tela transparente, aberta no seio, andou um dia pelo braço d'elle na egreja de S. João a galantear e a tentar com grande escandalo as pessoas devotas, que iam de boa fé a estas procissões.

Mademoiselle de Sainte-Beuve, denominada por Estoile a *santa Viuva,* era filha de André de Hacqueville, primeiro presidente do parlamento e prima do cavalheiro d'Aumale, que por fim a tomou por concubina.

Esta joven, tão notavel pela sua formosura, como pela leviandade da sua conducta, representava um papel bem pouco decente n'estas procissões nocturnas, que serviam de preludio a verdadeiras orgias. Era ella quem dizia a respeito das mulheres honradas do partido realista *que tinha um singular prazer em vêr metter essas miseraveis na Bastilha, para irem remendar os calções de seus maridos.*

Estoile parece haver copiado, quasi palavra por palavra, de um libello da épocha, intitulado *Conselho salutar de um bom francez aos parisienses,* tudo o que diz da Sainte-Beuve no seu *Journal d'Henri* III.

Da grande analogia textual das duas passagens referidas, poderia induzir-se tambem que o *Conselho salutar* fòra devido á penna d'Estoile.

Seja como fòr, a aventura da Sainte-Beuve na egreja de S. João, «onde nem o respeito do lugar nem das pessoas impediu certos toques impudicos,» causou tanto escandalo, e deu tanto que fallar, que as procissões acabaram por essa épocha.

Tornaram a organisar-se a 24 de janeiro, mas o numero dos nús fòra singularmente reduzido, vendo-se apenas os meninos do collegio dos Jesuitas «os quaes iam todos nús» em numero de trezentos. (V. o *Journal des Occ. de Paris,* citado por Dulaure.)

Os partidarios da Liga, que tanto haviam invectivado os costumes dissolutos da côrte, eram agora os primeiros a dar o exemplo da mais deploravel immoralidade.

«Hoje em dia, escreve o honrado Pedro de l'Estoile em abril de 1589, roubar o proximo, assassinar os irmãos, roubar os altares, profanar as egrejas, violar as mulheres, atropellar todo o mundo, são cousas vulgares n'um partidario da Liga, e os signaes indispensaveis de um zeloso catholico.»

O auctor do *Conselho salutar* repete, quasi nos mesmos termos, esta imprecação de Pedro de l'Estoile contra os heroes da Liga.

«As violencias contra toda a classe de mulheres, nas proprias egrejas, os sacrilegios dos altares, são para elles brincadeiras, uma delicada galanteria, um habito naturalissimo em todo o bom partidario da Liga.»

A maior parte dos pormenores relativos aos excessos incriveis commettidos pelos da Liga encontram-se alternativamente no *Conselho salutar,* e no *Journal d'Henri* III, como se estas duas obras fossem escriptas pelo mesmo auctor.

Quando o duque de Mayenne, á frente do exercito da Liga, invadiu os arrabaldes de Tours, e ameaçou esta cidade (8 de maio de 1589) «umas quarenta ou cincoentas mulheres, que se haviam escondido n'um subterraneo, foram todas violentadas. O mesmo succedeu a muitas outras dos arrabaldes e até ás que tinham ido refugiar-se na egreja, julgando-se alli em segurança. Estas ultimas soffreram aquella infamia em presença de seus maridos e de seus paes, que aquelles grandes preversos obrigavam a assistir a similhante espectaculo, para maior ultrage. Eu proprio, accrescenta o auctor do *Conselho salutar,* vi ainda no dia seguinte os leitos que cobriam o pavimento da egreja, e para onde o parocho me disse ter visto arrastar as mulheres pelos cabellos.»

Quando o cavalheiro d'Aumale, primo do duque de Mayenne, fazia as suas correrias, saqueando as povoações dos arredores de Paris, «entrou n'algumas casas em que encontrou senhoras honestas, que violou na ausencia de seus maridos, entregando-as em seguida á soldadesca.»

De resto, n'aquelles desgraçados tempos, a gente de guerra, fosse qual fosse o seu partido, huguenottes ou catholicos, do partido da Liga ou do d'el-rei,

consideravam como a melhor parte da presa as mulheres que encontravam n'uma cidade saqueada, e era impossivel impedir a soldadesca de exercer horriveis violencias nas desgraçadas que lhe cahiam nas mãos.

Succedia frequentemente cahir n'um curto periodo uma povoação qualquer em poder de ambos os partidos belligerantes, e cada occupação da praça trazia novos ultrages ao pudor, de maneira que os habitantes não faziam senão mudar de verdugos.

O exercito real, que em 1589 occupava os arredores de Paris para bloquear a capital, commetteu talvez as mesmas atrocidades que o exercito da Liga. No *Discurso verdadeiro da extranha e subita morte de Henrique de Valois,* (Troyes, J. Moreau, 1589, in-8.°, o auctor, que se intitula um religioso da ordem dos Jacobinos, accusa o rei de derramar o vomito da sua raiva em todas as cidades, taes como Pontoise, Poissy, Étampes, Saint-Cloud, etc. etc., invadidas pelos seus soldados.

«Creanças de tenra edade, religiosas e mulheres do povo, todas foram violentadas, diz elle.»

Cinco annos mais tarde, quando o duque de Mayenne quiz ter o seu exercito junto dos muros de Paris, para estar preparado para o sitio e para dar batalha ao inimigo (dezembro de 1593), «os arrabaldes da cidade, diz Estoile, encheram-se de soldados, que fizeram mil abominações, violando crianças e velhas, do que se fizeram numerosos inqueritos, mas sem castigo para os criminosos.»

Os tribunaes não tinham nem acção nem força contra a gente de guerra, que devia a sua impunidade á cumplicidade dos chefes, e que, de resto, teria tractado os seus juizes com tão pouco respeito como as victimas dos seus excessos. Quando, porém, a lei marcial não vigorava exclusivamente e a auctoridade civil voltava a funccionar com liberdade, os actos de violencia e de escandalo que se commettiam entre o povo e chegavam ao conhecimento dos magistrados, eram prompta e severamente punidos.

Não póde negar-se que o exemplo dos abominaveis excessos da soldadesca exercia a mais corruptora influencia nas naturezas preversas, que se julgavam auctorisadas em plena paz, do mesmo modo que em tempo de guerra, a abandonar-se ao impulso das suas paixões brutaes. Assim, a violação era um dos crimes mais frequentes n'aquella épocha e tomava ás vezes, segundo certas circumstancias, um caracter particular de ferocidade.

Nunca este crime a tal ponto manchou os costumes, como na épocha em que, para os depurar, se aboliu a prostituição legal. Foi preciso que o parlamento de Paris redobrasse de vigilancia e de rigor, para fazer diminuir o numero de attentados contra o pudor das mulheres e sobretudo das crianças.

«Quarta-feira, 23 de dezembro de 1603, lê-se nos *Registres-Journaux*, de P. de l'Estoile, foi enforcada na Grève a criada de um tal Depras, porteiro da quinta sala da justiça, por ter vendido a um certo libertino uma encantadora joven de nove ou dez annos, que este miseravel violou preversamente, com grande magua e dôr do dito Depras, seu pae, e de toda a sua familia.»

Não consta, porém, que o auctor de tão repugnante stupro fosse desco-

berto e castigado. A justiça, em casos taes, não costumava ter indulgencia nem consideração para com pessoa alguma, pois que em 1607 um tabellião de Paris, chamado N. de Nesmes, «tendo violado uma menina de cinco ou seis annos, filha do boticario Dufresnoy,» teve que fugir para Flandres, onde se julgava ao abrigo de qualquer perseguição criminal. El-rei, porém, que tanto se interessara no castigo de tamanha atrocidade, reclamou e obteve a extradicção do culpado.

O tabellião foi submettido á tortura ordinaria e extraordinaria, mas, apesar d'isto, não quiz confessar o crime de que era arguido, e como não houvesse mais do que uma testemunha de accusação, apenas o poderam condemnar a desterro.

Durante os horriveis soffrimentos da tortura, o tabellião protestava sem cessar a sua innocencia.

— Calla-te, infame! disse-lhe encolerisado o conselheiro Faideau, que o estava interrogando. Assim Deus me livrasse a mim de todo o peccado, como estou certo de que és culpado d'este crime. O que te vale é a arte que tens de saber occultar a verdade, mesmo á custa do soffrimento!...

Eram por esse tempo muito vulgares attentados d'esta especie, na cidade de Paris, mas nem todos se conheciam, porque frequentes vezes os paes das victimas consentiam em desistir da sua queixa perante os tribunaes, mediante uma somma convencionada, tornando-se d'este modo cumplices do stupro commettido na pessoa de seus proprios filhos.

Pedro de l'Estoile diz-nos que em agosto de 1607 «fora preso dentro do seu mosteiro o prior dos *Fratri-ignorantes,* por ter stuprado uma menina de cinco annos e meio de idade, filha de um tintureiro do arrabalde de *Saint-Germain-des-Prés*». Não nos diz, porém, o erudito chronista se este miseravel frade recebeu o premio condigno dos seus feitos.

Quando a parte queixosa cedia a preço de dinheiro, e se declarava satisfeita, o tribunal costumava sobre-estar no processo, para evitar o escandalo.

Outro crime, mais abominavel ainda, e para o qual não havia perdão nem misericordia, quando a voz publica o denunciava aos tribunaes, era o de bestialidade. Este odiosissimo crime, cuja absolvição se fixava em 90 libras tornezas, 12 escudos e 6 carlinos, no *Livro das Taxas da curia Romana,* produzia sempre em França a pena de morte. E, comtudo, esta abominação, que devia ter desapparecido com os tempos de barbarie, multiplicava-se extraordinariamente ainda nos fins do seculo XVI.

A jurisprudencia era a mesma em todos os tribunaes de França, a respeito d'esta monstruosa sensualidade:—homem ou mulher eram queimados com o animal, seu cumplice.

Claudio Lebrun de la Rochette, sabio jurisconsulto, na sua obra intitulado *Les Procés civil et criminal* (Ruan, 1647, in-4.º) explica nos termos seguintes os motivos da sentença e o supplicio do animal:

«Os animaes, diz elle, não são punidos pela sua culpa, por isso que não a têem, mas sim por haverem sido cumplices de uma execravel aberração humana, pela qual se tira a vida ao ente racional. Como depois de tão revol-

tante maldade, o animal recordaria o acto impuro que é preciso eliminar e riscar para sempre, por isso a sabedoria dos tribunaes ordenou que até mesmo os processos de tão impuros delinquentes com elles sejam queimados, afim de que não reste memoria em tempo algum de tão nefandas abominações.»

Nem estas prudentes precauções, nem o espantoso apparato do supplicio, nem o horror que rodeava a condemnavel e brutal cohabitação do homem ou da mulher com a besta», nem o inflexivel rigor dos juizes indignados, nada, finalmente, podia extirpar crime tão execravel, que continuava a praticar-se tanto no isolamento dos campos, como no interior das cidades.

Nas *Contas do Prebostado de Paris*, insertas em continuação das *Antiquités*, de Sauval (t. III p. 387) encontram-se curiosos pormenores a respeito da execução de um chamado Gil Soulart, que foi queimado em Corbeil juntamente com uma porca em 1645.

Dulaure na sua *Histoire de Paris* (t. IV, p. 563), affirma que este Soulart era um sacerdote, mas tal asserção não é de modo algum justificada pelo extracto a que Dulaure se refere. Diz-se alli sómente que Soulart fôra executado *pelos seus feitos*, e que as despezas da execução attingiram a quantia de 9 libras, 16 soldos e 4 dinheiros, *parisis*, justificada do seguinte modo:

	LIBRAS	SOLDOS	DINHEIROS
Pelo processo do dito Soulard, que foi levado á presença do Conselho	0	22	0
Por duas *pintes* de vinho (quasi um almude), levadas ao patibulo da cidade de Paris, para os que arranjaram as cordas para atar a porca	0	2	0
Pela corda para o referido animal, que era de 14 pés de comprimento	0	2	0
Por duas viagens a Corbeil, feitas por Henrique Cousin, executor da justiça	6	0	12
Por mais tres *pintes* de vinho, fornecidas á justiça com um pão para o réu e para o executor	0	2	1
Pela comida da porca e sua guarda por espaço de 11 dias, a 8 dinheiros, *parisis*, cada um	0	7	4
Por 500 molhos de lenha, comprados a Robinet e a Henriet, chamados os irmãos Fouquières, na ponte de Morsant, e sua conducção á justiça de Corbeil	0	40	0
Total	9	16	4

Dulaure cita ainda outros dois supplicios por crime de bestialidade, extrahidos dos Registros 84 e 105 da *Tournelle criminelle*:

Guyot Vuide foi enforcado e queimado, a 26 de março de 1546, «por haver cohabitado com uma vacca, a qual foi queimada antes da execução do criminoso.»

João de la Souille foi egualmente queimado vivo, a 5 de janeiro de 1556, juntamente com uma burra, que tambem foi morta, por compaixão, antes de ser arremessada á fogueira.

Pedro de l'Estoile não cita uma unica execução d'este genero no seu *Jour-*

nal d'Henri III, mas diz que houve muitas no reinado de Henrique IV. Deve concluir-se d'aqui que a policia dos costumes se fazia então com maior cuidado, e que os tribunaes, compostos de homens illustrados e respeitaveis, tentavam corrigir a immoralidade e corrupção dos tempos.

«Pouco depois, escrevia Estoile em agosto de 1607, occorreu um caso prodigioso, que excedeu em abominação todos os precedentes. Um homem teve dois filhos de uma egua, e por isso foi condemnado a ser queimado vivo com o animal, e tendo appellado para Paris, alli foi a sentença confirmada por decreto do parlamento, e devolvida logo para se realisar a execução, e a respeito dos filhos, ordenou-se que a Sorbonna se reunisse para decidir o que havia a fazer.»

Estoile esqueceu-se infelizmente de referir a sentença da Sorbonna, e não sabemos se os filhos do homem e da egua foram queimados como os auctores dos seus dias. Devemos, porém, nutrir algumas duvidas, não da boa fé do chronista, mas sim da realidade do caso extraordinario, por elle registrado nas suas memorias.

Em novembro do mesmo anno escreve o seguinte:

«...Um rapaz, condemnado este mez na Tournelle a ser enforcado, por ter tido copula carnal com uma egua, que foi morta ao pé do patibulo.»

Varias outras sentenças, relativas ao mesmo crime, vem citadas nos criminalistas francezes, especialmente em Papou, *collecção de decretos notaveis dos supremos tribunaes de França.* Lebrun de la Rochette, ao redigir o seu tractado do Processo criminal no tempo de Henrique IV, registra uma sentença do parlamento de Paris, proferida em 1601 «contra Claudina de Culan, natural de Rozay, em Bride, accusada e convicta de haver commettido bestialidade com um cão, sendo enforcada e queimada com elle. E no anno passado de 1609, accrescenta, por outra sentença do parlamento de Doubes, foi executado, em Trevols, um camponez convicto de bestialidade com uma vacca.»

A frequencia d'estes vergonhosos processos e das suas horriveis execuções prova que a magistratura franceza, espantada da corrupção dos costumes, trabalhava sem descanço por lhe procurar um remedio opportuno, inspirando um terror salutar aos libertinos e a todos os inimigos da moral publica. Assim, a sodomia e outros crimes analogos, bem que se reproduzisem na côrte, á sombra da impunidade, eram castigados com extremo rigor, quando cahiam sob a jurisdicção da justiça civil ou ecclesiastica. Parece, todavia, que durante o reinado de Henrique III e dos seus favoritos, a pena de morte nunca foi applicada como expiação de um crime, que se abrigava, por assim dizer, á sombra do throno.

Pedro de l'Estoile refere, com data de 30 de janeiro de 1586, que um medico piemontez, chamado Sylva, casado em Abberville, estava preso havia mais de um anno na Conciergerie, «por causa de sodomia, crime de que sua propria mulher o accusou», quando assassinou um dos seus companheiros de prisão, á mesa do carcereiro. Por isso, furioso, encerrou-se n'um calabouço e afogou-se, engulindo novellos feitos com farrapos da propria camisa. Não obstante, o cadaver do desgraçado não deixou de soffrer o castigo que seus crimes mere-

ciam, pois foi arrastado á cauda de um cavallo pelas ruas de Paris, e conduzido a um monturo, onde ficou dependurado pelos pés.

Nas *Rémontrances tres-humbles au roi de France et de Pologne*, publicadas em 1588, o auctor, que era um bom realista, exclamava com amargura: «Fallarei das sodomias, que vulgarmente se commettem?»

Henrique IV ordenou ao parlamento que procedesse sem piedade na perseguição de taes torpezas, e foi elle quem poz em vigor a penalidade antiga.

«Terça-feira, 12 de novembro de 1596, diz Estoile, foram queimados em Saint-Germain-en-Loye dois sodomitas, que haviam seduzido dois pagens do principe.»

Este odioso vicio, apesar do exemplo dos cortezãos, fez poucos progressos no povo, que timbrou em preservar-se do que denominava a *mancha italiana*. Henrique IV, apesar do horror que tinha a estas torpezas, não poude conseguir limpar d'ellas a sua côrte.

«A sodomia, que é a maior das abominações, escrevia Estoile em 1608, reina aqui de tal modo, que é uma ignominia. Deus deu-nos um principe que não é egual a Nero, porque é bom, justo, virtuoso e temente a Deus, e que detesta cordealmente esta abominação. Não se encontra, porém, pessoa alguma na côrte, nem cardeal, nem bispo, nem esmoller, nem confessor, nem sacerdote, nem jesuita, que tenha força para abrir a bocca, apesar de ser esta a sua obrigação, para fallar e representar a sua magestade, temendo incorrer na desgraça de certos grandes, a quem chamam *os deuses da côrte*.»

O mal aggravou-se no reinado seguinte, sem encontrar remedios mais efficazes. A nação, porém, protegida por um nobre sentimento de dignidade humana, nunca se degradou, entregando-se a esta infame prostituição.

As leis destinadas a garantir os costumes e a castigar todos os delictos de impureza eram muito rigorosas, mas nem sempre se applicavam com equidade. Algumas podiam dizer-se atrozes, como se o pensamento do legislador fosse deixar ao juiz o harmonisar a pena com as circumstancias que podiam favorecer ou prejudicar o interessado. Assim, o rapto e a seducção podiam ser castigados de morte, ainda mesmo quando o culpado propozesse reparar o seu crime por um casamento que lhe destruisse o effeito.

Em 1583, o parlamento de Paris condemnou á forca um viajante que havia seduzido a filha do presidente do conselho real, apesar d'esta, que tinha vinte e cinco annos, haver declarado que queria casar com o seu seductor.

Um empregado dos impostos, que Pedro de l'Estoile não nomeia, dizendo apenas que era de Rennes, na Bretanha, foi condemnado por sentença do parlamento a casar com uma viuva a quem havia seduzido com promessa de casamento.

«Dizia-se na sentença (coisa notavel!) que havia de casar immediatamente, ou que de contrario seria decapitado ás duas da tarde. O homem preferiu casar esta manhã (18 de setembro de 1604) na egreja de S. Bartholomeu, ás 11 horas. O presidente Molé pronunciou a sentença n'estes termos: «Ha-de casar ou morrer; tal é a vontade do tribunal.»

N'esta classe de processos, a justiça mostrava-se sempre accessivel a in-

fluencias de diversas naturezas. Bastava o prestigio de um grande senhor para pesar na balança de Themis, fazel-a subir ou descer, segundo se tractava da satisfacção de uma vingança, ou de outro qualquer interesse. Nas causas relativas á policia dos costumes, a prostituição servia com demasiada frequencia de mobil á sentença do juiz, que d'este modo, ou comprazia á vontade de qualquer poderoso personagem, ou obedecia em segredo ás suas proprias paixões.

Pedro de l'Estoile cita um deploravel exemplo d'estas prevaricações da justiça. Em 1609 viu na Conciergerie uma pobre mulher, que havia mais de doze annos perseguia em vão perante os tribunaes o violador e assassino de sua filha. Tinha esta menina cinco annos apenas, quando foi violada por um homem, a cuja guarda a pobre mãe a confiára, e a pobresinha *contagiada de venereo* pelo monstro, morreu nas mãos dos barbeiros e cirurgiões.

A desolada mãe não poude conseguir o castigo do infame criminoso. Mais ainda, foi condemnada ainda em cima á pena de açoites como culpada, na ma vigilancia de sua filha, havendo-se-lhe recusado toda a indemnisação pecuniaria pelos prejuizos que lhe causara a perda da pobre criança.

Além d'isto, o conselheiro Baron, que era o relator d'este processo, não receiou dizer «que a propria mãe, com o dedo ou com outro qualquer instrumento, havia estropeado e corrompido sua filha, apesar de por este modo não se poder communicar o venereo, o que fica provado pelas declarações dos cirurgiões e das parteiras, em 24 de julho de 1599.»

Pedro de l'Estoile, que tivera conhecimento d'estas declarações, conservara-as, diz elle, «para memoria da boa justiça do nosso seculo.»

O mesmo chronista registra nos seus diarios outro exemplo mais notavel ainda das prevaricações da justiça do seu tempo. E' um precioso documento para juntarmos ao capitulo em que tratamos da prostituição na clemencia:

«Na quarta feira, 8 de julho de 1609, foi enforcado na praça da Grève em Paris, um verdadeiro patife chamado Lanone, alcagote de profissão, casado com uma ribalda, pelo crime de incesto commettido com a irmã de sua mulher, que era tambem ribalda, a qual bem que merecesse occupar outra forca, junto da de seu cunhado, foi apenas condemnada a desterro e açoites, que recebeu ao pé do cadafalso. Dizia-se que o presidente de Jambeville, impressionado pela grande belleza e juventude d'esta rapariga, que só tinha uns quinze ou dezesseis annos, lhe salvára a vida contra a opinião dos juizes, que quasi todos pediam a sua morte. E é de notar tambem, que logo que soffreu a pena a metteram n'uma carroça, que a estava esperando e que expressamente lhe mandaram. A's mulheres d'aquella especie nunca lhes falta protecção e boas fortunas.»

A carruagem que esperava a ribalda e que a recebeu ao sahir das mãos do carrasco, era, por certo, uma fineza do presidente de Jambeville, a quem a bella prostituta devia a vida. Este magistrado, cujo rigor e integridade até o proprio Mezeray elogia, distinguira-se sempre pelas suas terriveis sentenças contra as mulheres de má vida.

Foi elle quem fallando dos escriptos mysticos de Santa Thereza, que ao

tempo começavam a traduzir-se para francez e a circular por toda a França, dizia ao presidente Séguier:

«Nós dois temos feito açoitar em Paris cincoenta alcoviteiras, que não o mereciam tanto como essa Madre Thereza, actualmente tão fallada.» (*Journal d'Henri* IV, 30 de julho de 1608.)

O parlamento de Paris, que não perdoava aos fornecedores da prostituição, e que castigava severamente as excitações á libertinagem, parecia, no emtanto, fechar os olhos para com os livros e gravuras obscenas, que se vendiam publicamente, até nas proprias galerias do palacio da justiça. Nunca a penna e o lapis haviam sido tão licenciosos, e não obstante não havia perseguição alguma contra os auctores de tão impudicas exhibições. Todos tinham direito a publicar, sem que pessoa alguma os incommodasse, escriptos ou figuras que ultrajavam o pudor e escarneciam a moral publica, sempre que em taes obscenidades não houvesse o menor vestigio de heresia ou atheismo. Dir-se-hia que a honestidade das pessoas honradas não se escandalisava com as indecencias da arte. Assim, pois, viam-se a cada passo nas *vitrines* dos livreiros as poesias obscenas de Sigognes, de Morin, de Theophile, etc., que foram depois reunidas em volumes, sob os titulos de *Musa brincalhona, Musas alegres, Gabinete satyrico,* etc., etc.

O honesto Pedro de l'Estoile não se envergonhou de deixar esta nota nos seus *Registres-Journaux:*

«Quarta-feira, 19 de agosto de 1608, troquei com o augmento de 60 soldos umas miniaturas que tinha, por nove figuras do Aretino, feitas por Tempeste, em Roma, obscenas, sordidas e impudicas em extremo, que se vendem aqui sob o nome de *Amores dos Deuses.*

«Quatorze d'ellas todos as acham bem feitas, ainda que o bem não possa estar onde está o mal. Troquei-as a D. L. N. com pezar, mas conservo-as como uma amostra da honestidade d'este pudico seculo.»

Estoile colligia tambem com muita curiosidade todas as composições obscenas em prosa ou verso, que se imprimiam livremente e se expunham nas ruas e praças publicas, especialmente na rua Dauphine, ha pouco tempo construida.

A policia não tractava de evitar a circulação d'estas innumeraveis publicações obscenas, que faziam as delicias do povo e da nobreza. Longe de o fazer, deixava até vaguear pela cidade alguns loucos libertinos, taes como o chamado *conde de Permission* e *Mestre Guilherme,* que offereciam aos transeuntes, a troco de alguns soldos, varios livrinhos da sua lavra, cheios de chocarrices e de gravuras infames. O consummo d'estas obras chulas era consideravel, e ninguem se importava com o seu espantoso atrevimento.

Não obstante esta complacencia das auctoridades e do publico, encontramos nas chronicas de Pedro de l'Estoile a noticia de haver sido sequestrado o livro *De matrimonio,* de Sanchez, que uma ordenação do parlamento anathematisara em 1611, «por ser um livro abominavel e de leitura má e perniciosa.»

Um dia Estoile estava por acaso na loja de livros de Adriano Perrier, quando o commissario de policia Langlois foi alli prohibir a venda, fosse a quem

fosse, d'esse grande volume, que havia sido ultimamente reimpresso e vendido a esmo, até que se descobriu ser uma obra de sodomia.

Estoile apressou-se a comprar o livro prohibido, e confessa que o jesuita Sanchez «tractava alli da arte da sodomia, mas de um modo tão obsceno e abominavel, que este papel em que estou a escrever se envergonharia. O jesuita falla como homem de grande experiencia no officio.»

O livro de Sanchez não teria sido prohibido, apesar da doutrina que continha, se o auctor em vez de jesuita fosse franciscano, ou capucho. Em todos os livros publicados, porém, pelos jesuitas, desconfiava-se sempre de maximas perigosas para o poder e auctoridade dos reis, sendo geral a preoccupação contra a companhia de Jesus, suas doutrinas e escriptos.

Assim, Estoile, que acaba de comprar por 8 libras *parisis* o grosso volume de Sanchez encadernado em pergaminho, *porque gosto dos jesuitas*, diz elle sarcasticamente, justifica a sua compra, dizendo que quer possuir este livro, «não porque o assumpto me agrade, mas para provar melhor a *boa vida e santa doutrina* d'esses novos prophetas, condemnados pelos seus proprios escriptos, dos quaes já tenho uma boa collecção.»

Ao mesmo tempo que a Sorbonna mandava sequestrar em Paris a obra de Sanchez *De matrimonio*, reimprimia-se pela terceira ou quarta vez a *Summa peccatorum* do franciscano bretão J. Benedicti, que já apparecera em Lyon em 1584, sem excitar de modo algum os escrupulos da egreja ou da magistratura. Este tractado mystico, que o auctor tivera a imprudencia de dedicar á Virgem Maria, continha muito mais obscenidades e infamias que o tractado *De matrimonio*. E' verdade que o Padre Benedicti, na sua impura locubração, se havia mostrado menos indulgente que Sanchez a respeito da sodomia, por isso que enumera entre os peccados mortaes o caso de um marido que se portára para com sua mulher como os rabinos auctorisam. O frade serve-se d'estes termos, que vamos citar na traducção latina, porque o vulgar, que chegou a escandalisar o proprio Brantôme, soa mui desagradavelmente aos ouvidos honestos:

Duobus mulieribus apud Synagogam conquestis se fuisse a viris suis coitu sodomico cognitas, responsum est ab illis rabbinis: Virum esse uxoris dominum, proinde posse uti ejus utcunque libuerit, non aliter quam is qui piscem emit; ille enim tam anterioribus quam posterioribus partibus, adarbitrium vesci potest.

A maior parte dos *Guias da confissão* e dos tractados canonicos a respeito dos casos de consciencia eram um diluvio de obras obscenas, que circulavam com profusão não só em Paris, mas tambem nas provincias. Os prelos de Rouen, de Lyon, de Poitiers e de muitas outras cidades não cessavam de vomitar uma quantidade espantosa de libellos sordidos e licenciosos, que os vendedores ambulantes compravam e vendiam até mesmo nas aldeias e nos logares mais remotos e obscuros.

Estes monumentos da antiga jovialidade gauleza tinham uma influencia funesta nos costumes, tanto mais que andavam de mão em mão sem distincção de sexo nem de edade. A policia nada prohibia, emquanto não fossem atacados nos seus principios fundamentaes o throno ou a religião.



As arrependidas

Um d'estes livros licenciosos, o mais famoso de todos, o *Meio de conseguir* (*Moyen de Parvenir*), que sahiu á luz ahi pelo anno de 1609 ou 1610, teve duas ou tres edições simultaneas, e apesar da audacia de muitas das suas proposições hereticas, cheirando pronunciadamente á fogueira, esta collecção de contos livres e desbragados não foi supprimida pela censura ecclesiastica, nem por decreto do rei, nem por sentença do parlamento. O auctor, Beroaldo de Verville, apesar de ser conego de Tours, manifestava uma certa sympathia pela Reforma e pelos reformados, e nem sequer foi incommodado pela sua obra. O nome do conego não vinha no frontespicio do livro, mas toda a gente sabia quem era, e o cabido de que Beroaldo era membro nem sequer precisou de denunciar ao arcebispo de Tours o libertino, que se havia inspirado nos escriptos de Rabelais, e que até mesmo, segunda corria, se apropriára de uma obra inedita do mestre.

O *Moyen de Parvenir*, collecção de contos licenciosos, não é menos audaz que o *Gargantua* e o *Pantagruel*. E' ainda muito mais obsceno e cynico, e apesar de tudo isto, nunca despertou as coleras da Sorbonna ou do parlamento. Foi decerto a este impudor e cynismo que o livro e o auctor deveram a sua salvação. Se a épocha fosse menos propensa a satyras e contos licenciosos, tanto um como o outro teriam sido infallivelmente queimados.

Estes contos em que os frades e as freiras eram os personagens obrigatorios, desempenhando os papeis ordinarios que a malicia do vulgo lhes attribuia desde a origem dos conventos, não eram decerto, força é dizel-o, mais estranhos nem mais escandalosos que os factos succedidos todos os dias á vista dos leitores do *Moyen de Parvenir*. Assim, Pedro de l'Estoile, que se presava de escrever a historia contemporanea, quando não fazia mais que recolher e archivar os rumores da côrte e da cidade, consignava com data de fevereiro de 1610, uma aventura, que Beroaldo poderia ter transcripto, sem lhe mudar uma palavra, no seu engraçado *Moyen de Parvenir*:

«Uma dama d'esta cidade, que pouco antes havia sido mettida nas Arrependidas, disse e confessou passados dias a um amigo meu que foi visital-a, que, desde a segunda noite que para alli entrara, tivera por companheiro um sacerdote, que dormia com ella e com outra arrependida, e não cessavam de se dar alli a estes prazeres, uma vez que fosse com sacerdotes e gente de egreja, pelo que as denominavam consagradas. O mesmo amigo contou-me que um homem distincto d'esta cidade tentára muitas vezes leval-o a esta communidade de mulheres, assegurando-lhe que bem depressa lhe proporcionaria o meio de gosar á sua vontade as que elle quizesse, em Longchamp e em Gif, onde se peccava mais livremente que no mais afamado bordel da cidade de Paris.»

Apesar de de l'Estoile dar inteira fé ao testemunho do seu amigo a quem tinha por homem temente a Deus, póde qualificar-se de exaggerada uma narração que se baseia simplesmente em um *dicitur*. É todavia cousa averiguada que as communidades de mulheres estavam tão relaxadas n'aquella épocha, que foi preciso reformar a maior parte d'ellas no decurso do seculo XVII.

Esta relaxação e as desordens que eram a sua consequencia necessaria datavam do tempo das guerras civis e sobre tudo das da *Liga*, quando a gente

de guerra se alojava nos conventos, entrando ás vezes n'elles como n'uma cidade tomada de assalto. A maior parte das vezes, os da *Liga* parlamentavam com as religiosas, e estas offereciam-lhes uma hospitalidade inteiramente fraternal. A abbadessa, ou superiora, dava o exemplo ás suas filhas no Senhor, e quando não era nem demasiado velha nem feia, depressa se punha de accordo com o chefe das tropas. Realisado o accordo, não cessavam os banquetes, até que as tropas evacuavam a casa do Senhor. Os amantes separavam-se, depois d'aquella vida encantadora de alguns dias, indo os soldados atraz do inimigo, e voltando as freiras novamente á sua vida religiosa, em que haviam aberto, pela força das circumstancias, um delicioso parenthese de gozos materiaes.

No dia seguinte, passava por alli outro corpo das tropas catholicas, e o mosteiro acolhia os seus novos hospedes com a mesma sollicitude e deferencia. Já vimos como Henrique IV e os seus cortezãos se estabeleceram com todos os direitos de guerra nos conventos de Maubuisson, de Longchamp e de Montmartre.

Comprehende-se á primeira vista quanto esta vida passada entre soldados devia compromettler gravemente a castidade monastica. As freiras davam-se tão bem com esta vida voluptuosa e mundana, que não receiavam infringir os votos e abandonar a disciplina claustral. Emquanto Paris esteve em poder da Liga, em 1593, «não se via no Paço e por toda a parte, diz Estoile, senão freiras e soldados, fazendo amor á vista de todo o mundo.»

Estas freiras libertinas, que passeavam com os seus amantes nos logares publicos, «tão impudicas e cynicas em suas palavras como em tudo o mais», traziam debaixo do veu, que conservavam como unico indicio da sua profissão, verdadeiros trajos de p... e de cortezãs, arrebiques, pós e perfumes.»

Os prégadores trovejavam em vão contra taes escandalos, e o Padre Commolet, que se revolvia no pulpito como um energumeno, chamando p... descaradas áquellas desgraçadas peccadoras, e vís rufiões aos seus cumplices, dizia que o povo devia apedrejal-as e atirar-lhes á cara com a lama das ruas, como faria ás mulheres de má vida e aos seus libertinos amantes, se elles se atrevessem a offender a castidade publica, sahindo á luz do dia dos seus immundos asylos de prostituição.

CAPITULO XLI

SUMMARIO

A tolerancia dos logares de prostituição.— Inconvenientes d'este systema de administração politica.—Opinião de Montaigne a respeito d'este assumpto.—O ministro Cayet torna-se o advogado dos bordeis.—Seu discurso contra a libertinagem publica.—Sequestro da obra em casa do impressor Roberto Estienne.—Cayet deposto pelo consistorio.—Accusações dos protestantes por lhe haver em attribuido o livro.—Aubigné pretende que o padre Cayet escrevera dois livros infames em vez de um.—A opinião de Cayet appoiada pela auctoridade de um Papa.—Ordenação real de 1588 contra os bordeis.—Ordenações prebostaes de 1619 e 1635 para a execução do edito de 1560.—Os libertinos de Paris no fim do seculo XVI.—O conselheiro João Levoix e a sua concubina.—O capitão Richelieu.—Desordens da policia dos costumes em 1611.—A casa do presidente de Harlay.



A ordenação de 1560, que havia prescripto a abolição dos bordeis, continuava em vigor, apesar de não ser estrictamente observada. De vezes em quando, porém, uma série de medidas rigorosas, exercidas contra a prostituição, vinha provar energicamente que o principio da lei prohibitiva não seria abandonado facilmente pelos magistrados, que julgavam interessada a moral publica na existencia d'esta lei. Não obstante, o systema de prohibição absoluta a respeito dos bordeis, havia produzido effeitos tão deploraveis como os da protecção legal, que por tanto tempo se concedeu a estes antros do vicio. O numero de mulheres perdidas não havia diminuido: pelo contrario, parecia ter augmentado. Os grandes bordeis primitivos haviam desapparecido, mas milhares de outros, occultos nas trevas, ou disfarçados sob honestas apparencias haviam-se formado secretamente a expensas dos antigos feudos da prostituição, que não haviam tido senão uma existencia reconhecida e patente.

E' facil de suppôr que os *cognards,* como então se chamavam, não estando sob a vigilancia de administração municipal, eram perigosas emboscadas, onde os desgraçados que alli cahiam, perdiam frequentemente a bolsa, a capa e ás vezes a vida. Quanto ao estado sanitario, nada ha que dizer, porque bem claramente se comprehende o que seria aquillo:—a syphilis mais terrivel, contagiosa e incuravel, fermentava n'aquelles antros immundos.

Houve effectivamente muitas prostitutas açoitadas, marcadas com o ferro infamante, tosqueadas pela tesoura do verdugo, desterradas perpetuamente. Houve muitas proxenetas passeadas em burros pelas ruas da cidade, amarradas aos pelourinhos e condemnadas a grandes multas. Innumeros rufiões e libertinos foram presos e condemnados ás galés, mas o castigo de uns não tornava os outros mais honestos, e por mais que se trabalhava para extirpar o cancro da prostituição, ella augmentava sem cessar pelas povoações, e como a

peste parecia apostada a arrostar todos os esforços da previsão e da sabedoria humana.

Os proprios factos mostravam de um modo palpavel a necessidade de restabelecer a prostituição legal, para extinguir a prostituição secreta. Os legisladores hesitaram perante o escandalo d'esta necessidade, e não ousaram tocar na ordenação de Carlos IX, mas, ao mesmo tempo, como já vimos, mantendo o principio da lei, chegaram á tolerancia dos bordeis. Ignoramos em que épocha foi admittida esta tolerancia local. Devemos suppôr, no emtanto, que esteve em practica em Paris no reinado de Henrique III. Nos escriptos do fim do seculo XVI, encontra-se a menção formal de certos bordeis, que tinham bastante fama, para que podessem existir como estabelecimentos publicos sem a auctorisação tacita do prebostado do Chatelet de Paris. Pedro de l'Estoile, n'uma passagem dos seus *Registros-diarios*, que já anteriormente citámos, allude ao mais celebre dos bordeis da capital, embora não o nomeie.

Ignoramos tambem em que logar havia assentado o seu domicilio a prostituição tolerada. Estamos, porém, dispostos a crêr que as mesmas ruas e praças, já n'outros tempos destinadas para estes estabelecimentos, recahiram pouco a pouco sob o seu dominio.

No emtanto, estes locaes, cujo numero era tão restricto, e que estavam sujeitos a certas condições de vigilancia interior, não bastavam agora para o desenvolvimento das paixões vergonhosas e para os excessos da lubricidade. A prostituição, em vez de se encerrar no estreito espaço, que lhe era concedido, em vez de acceitar o patronato occulto da municipalidade parisiense, não conhecia limites, e invadia todos os districtos, todas as ruas e todas as casas da cidade. Os centros mais contagiosos eram, porém, as Côrtes dos milagres, onde se estabelecera um asylo inaccessivel á lei. Era alli onde o vicio podia desafiar impunemente o pudor publico, onde o crime podia cobrir as suas manchas sangrentas com o lodo da libertinagem.

A abolição dos bordeis não fora completamente extranha a este deploravel estado de cousas. Muitos homens illustrados e pios o pensavam assim, embora tivessem o cuidado de o não dizer. Miguel de Montaigne, que não se acobardava jámais de dizer tudo, não se atreveu ainda assim a dar-nos a conhecer a sua opinião a respeito d'esta grave questão de moral e de policia. Deve presumir-se todavia que o illustre pensador era da opinião do maior numero de homens notaveis do seu tempo, e ha mesmo quem assevere que póde applicar-se a esta questão o que se lê nos seus *Essais*, publicados pela primeira vez em 1580. (Bordeus, Millanges, 2 vol. in-8.º):

«O que chamamos *honestidade*, diz elle no livro II, cap. 12, e que consiste em não se fazer ás claras o que se nos permitte fazer em segredo, chamam elles (os stoicos) *necessidade*. Ser uma pessoa delicada, occultando e desapprovando mesmo o que a natureza, o costume e o proprio desejo publicam a respeito das nossas acções, era por elles julgado vicioso. D'aqui dizem alguns que supprimir os bordeis publicos é não só estender a toda a parte o vicio, que estava circumscripto áquelles logares, mas excitar a elle, pela difficuldade, os homens de maus costumes e os vadios.»

Montaigne, na sua qualidade de antigo membro do parlamento de Bordeus, não podia pronunciar-se abertamente contra uma lei, que passava a esse tempo pela melhor da jurispudencia franceza, e que diariamente estava tendo applicação em varios pontos do reino. Tinha, porém, elevados intuitos tanto na philosophia como na politica, para não deplorar, pelo menos em segredo, um remedio peior que a doença.

Não foi elle, por tanto, quem ergueu a voz para defender a causa da prostituição legal no interesse dos costumes publicos, e para pedir o restabelecimento dos antigos privilegios da libertinagem. Foi, segundo parece, um sabio ministro da religião reformada, Pedro Victor Cayet, que julgou util dar ao vicio um dominio circumscripto e limitado, onde podesse destillar o seu veneno, sem infestar a parte sã da população.

Cayet, filho de paes pobres e obscuros, e natural de Montrichard, na Turenna, tinha adquirido conhecimentos vastissimos em todas as sciencias e ainda n'aquellas que se chamavam diabolicas ou occultas. Tinha-se occupado de magia e gabava-se de ter intelligencia com o diabo, que lhe havia dado o dom das linguas. O seu immenso saber, melhor ainda que a sua demonomania, grangeou-lhe o titulo e o exercicio de prégador da princeza Catharina de Navarra. Havia composto já muitos tratados de magia, de polemica religiosa e de historia, quando pensou em tornar-se reformador dos costumes, e redigir um *Discurso,* que continha *o remedio contra as dissoluções publicas*, para ser apresentado ao parlamento.

Este discurso não era, segundo elle dizia, mais que a traducção ou paraphrase de um opusculo italiano, impresso quinze ou vinte annos antes sob o titulo de *Discorso dei remedie delle publiche dissoluzioni*, com o nome do celebre Nicolau Perotto, arcebispo de Siponto. E' provavel que Cayet não se limitasse a traduzir o *Discorso,* e que inserisse muita coisa da propria lavra n'esta apologia da prostituição legal.

Houve quem dissesse que Cayet não tinha por essa épocha vida muito regular, tendo até tido uma aventura com certa dama. Esta accusação formulada por Coloniés na sua *Gallia Orientalis,* (p. 144) não tem relação muito directa com o projecto que o prégador de Catharina de Navarra ruminava por esse tempo, de se fazer o restaurador dos bordeis. A memoria que n'este intuito escrevera, continha considerações moraes, economicas e pornographicas, bem pouco em harmonia com o caracter e modo de vida do auctor. Habitava, segundo corria, n'uma trapeira da rua da Huchette, e alli permaneceu mais de tres mezes com um famoso mago, a quem chamavam o *Juiz de Condon.* Succedia isto no decurso do anno de 1595, e já n'essa épocha os reformados tinham a Cayet por suspeito de querer converter-se ao catholicismo por calculos de ambição.

Tendo Cayet concluido o seu livro a respeito dos bordeis e da necessidade de os estabelecer de uma fórma sensata e bem regulada, mandou-o copiar a um secretario, accrescentando na copia pela sua propria mão grande numero de citações gregas e latinas.

Preparado assim o manuscripto, foi confiado a um impressor protestante,

Roberto Estienne, que, segundo parece, hesitou em imprimil-o, e resolveu consultar um amigo commum. Suppõe-se que esse amigo fôra Pedro de l'Estoile, com quem Cayet tinha relações da maior intimidade.

Succedeu, no emtanto, que o manuscripto foi subtrahido das mãos do impressor, e Cayet foi accusado de libertinagem ante o consistorio de ministros reformados, que inquiriram testemunhas, interrogaram o accusado, e o condemnaram como auctor de um livro execravel, ainda que o pobre Cayet sustentasse com energia que esse livro estava cheio de bons remedios contra a incontinencia.

Havendo censurado a Roberto Estienne a sua traição, o impressor respondeu:

— Não foi traição, engana-se. Eu mesmo fui illudido por uma pessoa em quem tinha toda a confiança. A ninguem disse que era o sr. Cayet o auctor do livro, por isso mesmo que lhe havia promettido não o mostrar a ninguem. (*Chronol. novenn.* por Cayet, 1595.)

O ministro protestante, que acabava de ser solemnemente deposto pelo consistorio, declarou immediatamente que voltava á religião catholica romana, e deixou o serviço da irmã d'el-rei. O tractado a respeito dos bordeis não foi impresso, e os ministros evangelicos que tinham o manuscripto original fizeram d'elle uma ameaça contra a honra do convertido, que veio a ser doutor da faculdade de theologia, sem deixar de se consagrar ás sciencias occultas.

Dizia-se á bocca pequena que se havia consagrado ao diabo e que tinha firmado com o proprio sangue um contracto com o principe das trevas. Os protestantes perseguiram-no com calumnias e satyras, em que era assumpto obrigado o famoso livro, que ninguem vira, a não ser o impressor Roberto Estienne, Pedro de l'Estoile, e os membros do consistorio.

Eis como Estoile, que muita gente suppoz ser o auctor d'esse livro, falla d'elle nos seus *Registres-Journaux:*

«N'este tempo (fins de 1595) um ministro evangelico da princeza Catharina, chamado Pedro Victor Cayet, abjurou a religião e deixou o ministerio a que pertencia para se fazer sacerdote catholico romano. Este homem escreveu muitos cadernos de papel contra os ministros, seus collegas, que o accusavam de ter começado a sua conversão pelo bordel, reproduzindo um livro que elle havia escripto, pedindo permissão e tolerancia para os referidos estabelecimentos, a respeito do que se compoz a seguinte copla:

Cayet se voulant faire prêtre,
A montré qu'il a bon cerveau;
Car il veult, avant de l'être,
Faire rétablir le bourdeau.

Esta passagem dá a entender que Pedro de l'Estoile conhecia o livro, e que houvera alguem que tirara copias d'elle. Cayet, porém, nunca declarou que este livro fosse obra sua, o que nos dá a entender que se envergonhava de o ter escripto.

Agrippa d'Aubigné, que nunca perdoou a Cayet a sua apostasia, refere o seguinte na sua *Histoire Universelle* (t. III. l. IV, cap. 11 :

«Succedeu tambem que o tal Cayet, por se dar ao estudo da magia, foi deposto por algum tempo, e accusado em seguida de haver escripto dois livros, um para provar que o sexto mandamento não prohibe nem a fornicação nem o adulterio, mas sómente o peccado de Onan (*sola masturbatio*) e outro sobre a necessidade de restabelecer os bordeis.»

Aubigné não cessou de vilipendiar Cayet a respeito d'estas duas obras, que não faziam mais do que uma, na opinião do auctor das notas da *Confissão de Sancy* (p. 58 da ediç. publicada por Leduchat em 1746, em continuação do *Journal d'Henri* III.)Na *Confissão de Sancy*, porém, Agrippa d'Aubigné volta á sua teimosia dos dois livros, de fórma que parece ter a este respeito uma convicção profunda.

O heroe d'Aubigné, o senhor de Sancy, diz estas palavras:

— «A fornicação e o adulterio por amor não são peccados, segundo o doutor Cayet, no seu erudito livro a respeito do restabelecimento dos bordeis, e na sua douta disputa sobre o sexto mandamento. Este sexto mandamento, que diz *Non mœchaberis,* prohibe sómente o peccado dos filhos d'Onan.»

No *Barão de Fœneste,* Aubigné volta ainda á carga contra os dois livros, posto que esta satyra fosse escripta depois da morte de Cayet:

— «Despediste-o por magia? pergunta o barão.

— «A principio, responde Enay (que é o proprio Aubigné), não foi accusado senão por dois livros, um em que sustentava que nem a fornicação nem o adulterio eram o peccado prohibido pelo sexto mandamento, mas sim o vicio d'Onan, pelo que se inimisou com a sagrada sociedade (a companhia de Jesus); o outro livro é uma memoria para o restabelecimento dos bordeis.»

O capitulo termina com um abominavel soneto, que se encontra tambem no final da *Confissão de Sancy,* sob o titulo de *Syllogismo expositivo da controversia sobre se a Egreja é só dos escolhidos.* Este soneto, cujo verso final é uma imitação de uma passagem de *Passavant,* de Theodoro de Béze, applica á Egreja Romana as palavras do propheta Ezechiel ácerca da mulher, *quæ divaricavit tibias suas sub omni arbore.* É uma composição poetica inspirada pela apostasia de Cayet, e recorda que, se o apostata «quiz dar franquias e exempções ás prostitutas», quando era ainda huguenotte:

Catholique, il poursuit encore son entrepise.

Agrippa d'Aubigné, que era inimigo pessoal do pobre Cayet, nunca deixou de arremessar á sua memoria as mais atrozes injurias. É assim que elle o qualifica:

L'avocat des putains, syndic des maquereaux.

Finalmente, n'outro logar da *Confession de Sancy,* Aubigné apresenta outra vez em scena um dos livros de Cayet, fallando do papa Sixto V, «que supprimiu os bordeis de mulheres e mancebos, por não haver lido a obra de M. Cayet.»

Bastar-nos-ha esta phrase para inferirmos com toda a probabilidade que o escriptor Cayet, no *Discurso,* que tencionava apresentar ao parlamento e que havia sobrecarregado de citações gregas e latinas, tractava das differentes especies de libertinagem em todos os povos e em todas as épochas, citando em appoio da sua opinião a auctoridade do papa Sixto IV, ao qual se attribuia o estabelecimento dos lupanares de um e outro sexo. *Lupanaria utrique Veneri erexit,* havia dito o sabio Cornelio Agrippa de Nettesheim, n'uma das primeiras edições do seu celebre tractado *De vanitate et incertitudine scientiarum* (c. 64, *De lenocinio*). Verdade seja que pouco depois teve de modificar esta asserção um tanto arriscada, contentando-se de recordar que aquelle papa desbragado havia estabelecido em Roma um lupanar nobre: *Romæ nobile admodum lupanar extruxit.* (Bayle, *Dictionn., art. Sixte* IV.)

Os planos pornographicos de Cayet não foram submettidos ao exame do parlamento nem á apreciação de juizes competentes; não houve, porisso, nenhuma reforma, nenhuma innovação na policia dos costumes, e alguns bordeis permaneceram abertos com tacita permissão dos magistrados civis e criminaes. Não obstante, póde suppôr-se que houvera graves abusos n'esta tolerancia de certos asylos de prostituição. Estamos inclinados a crêr que os commissarios ou agentes de policia recebiam ás vezes dinheiro ou presentes da parte dos miseraveis especuladores da libertinagem, pois que uma ordenação de Henrique III, promulgada a 15 de outubro de 1588, dá-nos a entender que em muitas circumstancias os magistrados se esqueciam de applicar o edicto de 1560, relativo aos bordeis, mostrando-se favoraveis aos impuros interesses das pessoas depravadas, que viviam á custa da prostituição.

N'esta ordenação contra «os blasphemos, taberneiros, barqueiros e outras pessoas dadas a costumes dissolutos,» devem notar-se os dois paragraphos seguintes:

«Fica prohibido a toda e qualquer pessoa ter bordeis e jogos de dados. Os infractores serão punidos extraordinariamente, e sem dissimulação ou connivencia dos juizes, sob pena de privação dos respectivos officios.

«Fica prohibido a todo o proprietario alugar as suas casas, a não ser a gente de bom nome e boa reputação, não permittindo n'ellas bordel publico ou particular, sob pena de setenta libras *parisis* de multa, pela primeira vez, e de cento e vinte pela segunda, e pela terceira de confisco das referidas casas.»

Tinha, portanto, havido connivencia entre os juizes e as partes interessadas, por isso que el-rei admoestava estes magistrados para que evitassem qualquer dissimulação ou tibieza na perseguição dos bordeis publicos ou secretos. Esta ordenação real não foi, porém, mais bem observada que as outras, e a prostituição, essa chaga necessaria das paixões vergonhosas, que de continuo fermentam n'uma grande cidade, continuava ao abrigo dos banheiros, barbeiros, taberneiros, estalajadeiros e outra gente do mesmo estofo, apesar das suas casas, mal afamadas sempre, estarem expostas a visitas domiciliarias de dia e de noite, que os commissarios visitadores do Chatelet eram obrigados a fazer, ainda que não as fizessem com frequencia.

«Houve sempre, diz Delamare (Tractado de policia, t. I, pag. 525) muitos

particulares, bastante corrompidos ou interesseiros, que alugavam as suas casas, todas ou parte d'ellas, para este infame commercio. O magistrado da policia providenciava, renovando de vezes em quando a publicação dos regulamentos, acompanhando-os de novas ordenações para seu mais fiel e exacto comprimento.»

Delamare cita uma d'estas ordenações, datada de 19 de julho de 1619 e promulgada por messire Henrique de Messues, senhor de Irval, conselheiro do rei, tenente civil da cidade, preboste e visconde de Paris. O procurador do rei havia-se queixado de «que muitas pessoas de má vida tinham bordeis publicos, que davam occasião a muitos roubos e assassinios», e o tenente civil prohibia expressamente «a toda a pessoa, de qualquer classe e condição que fosse, o alugar suas casas a gente de má vida, sob pena de perder o aluguer, que seria distribuido em esmollas pelos pobres e presos, sendo ainda além d'isso as casas alugadas por diligencia do mesmo procurador do rei, e a importancia dos alugueres distribuida pelos pobres presos.»

Ao mesmo tempo o tenente civil ordenava «a todos os vadios e prostitutas que desoccupassem a cidade e os seus arrabaldes, dentro das vinte e quatro horas seguintes á publicação da presente ordenação, sob pena de prisão e de processo.»

Todos os habitantes de Paris eram obrigados a prestar auxilio ao primeiro agente do Chatelet e mais agentes de justiça encarregados da execução da referida lei, a deter os contraventores e a conduzil-os á esquadra do commissario do bairro, sob pena de cem libras *parisis* de multa. Esta ordenação parece haver sido reproduzida muitas vezes, e pouco mais ou menos nos mesmos termos.

Outra de 30 de março de 1635, promulgada por Miguel Moreau, tenente civil do prebostado, continha prescripções mais rigorosas, a julgar por estes tres artigos, que Delamare insere na sua obra:

1.º — Mandamos, segundo as ordenações e decisões do Tribunal, anteriormente publicadas, que todos os vagabundos, rapazes, aprendizes de barbeiro, de alfaiate e outros officios, e as mulheres licenciosas, tomem serviço ou modo de vida dentro de vinte e quatro horas, e no caso contrario que saiam da cidade e seus suburbios, sob pena de cadeia e galés para os homens e açoites e desterro para as mulheres, sem outra fórma de processo.

2.º — Fica prohibido a todos os proprietarios, e principalmente inquilinos das casas d'esta cidade e suburbios, arrendal-as ou sub-arrendal-as a pessoas de má fama; outrosim permittir n'ellas actos deshonestos e jogos illicitos sob pena de multa de sessenta libras pela primeira vez, perda dos alugueres de tres annos pela segunda, e confiscação da propriedade pela terceira, em proveito do *Hotel Dieu* d'esta cidade.

3.º — Igual probibição se faz aos taberneiros, banheiros e estalajadeiros, os quaes não poderão admittir nem de dia nem de noite nenhuma das pessoas supramencionadas, nem ministrar-lhes viveres ou alimentos de qualquer especie, sob pena de um castigo exemplar.

Varios successos tragicos, consignados nas memorias de P. de l'Estoile,

revelam-nos quanto eram perigosos para a segurança pessoal estes libertinos, rufiões e outra gente perdida, que estava sempre disposta a commetter um crime, comtanto que lh'o pagassem. A' maneira dos *bravi* italianos, tinham sempre no bolso um punhal, uma navalha, ou um *jeton*. Esta ultima arma cortava como uma navalha afiada, e era com ella que retalhavam o nariz a um adversario, ou lhe picavam a cara, com uma destreza prodigiosa. (*Journal d'Henri* III, ediç. de Champollion, pag. 131.)

Em 1581, João Levoix, conselheiro do parlamento de Paris, quiz vingar-se da sua amante, que era mulher do governador do Châtelet, chamado Boulanger. A adultera, que mantivera com o amante relações publicas, reflectiu sobre o seu estado escandaloso e resolveu emendar-se. Por isso, rogou ao seu corruptor que a deixasse ir em paz, e resistiu d'ahi por diante com tenacidade a todos os esforços por elle empregados para a fazer voltar ao antigo caminho.

«O amante, vendo que nada conseguia d'ella, disse-lhe mil injurias, e ao sahir ameaçou-a de a marcar com um ferrete indelevel, como mulher de condição depravada.»

Pouco tempo depois, na vespera de Pentecostes, a pobre mulher foi ao campo acompanhada de seu marido, e João Levoix, quando o soube, seguido de alguns rufiões de bordel, surprehendeu-a n'um logar descampado, e obrigando-a a apear-se, ordenou aos miseraveis que o acompanhavam que lhe cortassem o nariz com o jeton.

A victima de tão barbaro tractamento perseguiu perante os tribunaes o conselheiro João Levoix, que foi obrigado a compôr-se com a parte queixosa, mediante a somma de dois mil escudos.

Depois d'esta decisão do tribunal de Rouen, a mãe do culpado foi agradecer a el-rei.

—Não é a mim que deveis agradecimentos, respondeu-lhe el-rei, mas sim ás más justiças d'este reino, porque se boas fossem, vosso filho não vos daria taes desgostos.

E' provavel que os libertinos, que haviam mutilado a mulher de Boulanger, fossem menos poupados. Foi gente d'esta especie, que matou em 1576 na rua Lavandières o capitão Richelieu, denominado, o *Frade*, «homem de má nota, famoso pelos seus furtos, roubos e blasphemias, sendo de mais a mais rufião e freguez de todos os bordeis.»

O capitão, irritado pela gritaria e bulha que faziam n'uma casa da visinhança d'elle alguns homens e mulheres de vida licenciosa, invectivava da janella toda aquella gente, ameaçando ir pôl-os fóra a pontapés, se não entrassem na ordem, dizendo que «lhe parecia muito mal aquelle escandalo de vida licenciosa tão proximo da sua morada, e por assim dizer nas suas barbas.» Os rufiões, ouvindo estas invectivas, desafiaram o capitão a sahir á rua. Não se fez este rogar, confiando no seu braço e na sua espada, mas não teve tempo de a desembainhar, cahindo logo ferido com mais de cem punhaladas. (*Journal d'Henri* III, p. 55.)

Em 1607, outro fidalgo a quem Estoile não nomeia, foi morto n'um bor-

del de Paris, pelo filho do baillio de Rochefort, por causa de uma rixa entre os dois.

Este ultimo facto, referido por Pedro de l'Estoile, conselheiro do rei e escrivão da camara da chancellaria de França, prova que, não obstante as ordenações de rei e os regulamentos da policia, os bordeis de Paris, tolerados se não auctorisados, tinham uma notoriedade tão escandalosa, que chegavam muitas vezes a originar a prisão ou expulsão das mulheres perdidas e dos libertinos que alli passavam a vida. Pedro de l'Estoile caracterisa muito melhor a extranha desordem dos costumes d'aquella épocha:

«Quarta feira, 13 de abril de 1611, celebrou-se a *Mercuriale* ([1]), na qual o presidente de Harlay obteve um grande successo, discorrendo sobre a necessidade da reforma em todas as classes, e principalmente sobre os grosseiros abusos e corrupção da justiça e da policia de Paris, ao que era mister pôr ordem, como tencionava fazer. Receio, porém, que isto não passe de bons desejos.

«O presidente fallou muito contra as casas de jogo e bordeis tolerados publicamente, que era necessario supprimir.

«Quanto ás casas de jogo, não era muito difficil, apesar de se dizer que havia muitas em Paris. Entre ellas, porém, quarenta e sete havia auctorisadas, tão celebres e tão publicas, que de cada uma recebia o tenente civil uma pistola diaria (perto de 2$000 réis), o que era um bom lucro, pouco honesto, na verdade, mas limpinho, e livre dos azares do jogo.»

O que se dava com as casas de jogo, succederia tambem naturalmente com os alcouces, que decerto não deixariam de pagar tributo para não serem supprimidos. Não nol-o diz Estoile, e temos de suppôr que o tenente civil tirava, pelo menos, outra pistola diaria de cada bordel, que vinha a ser em caso de necessidade uma casa de jogo, assim como a casa de jogo servia ás vezes de bordel.

«Quanto aos bordeis de Paris, accrescenta Estoile, penso que poderiamos justamente applicar a esta cidade o dito de Stratonico, o qual sahindo de Heraclea, olhou para todos os lados, como que para ver se alguem o estava observando, e como um dos seus amigos lhe perguntasse a razão d'isto:—

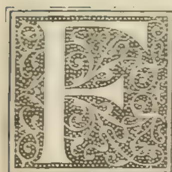
«—E' porque me envergonharia de que me vissem sahir de um lupanar.» —Esta resposta denota o grau de corrupção d'aquella cidade. Effectivamente em Paris até os moços de esquina e os remendões o diziam e cantavam em alta voz, e as más linguas do Palacio da Justiça (que tambem pertenciam á classe libertina,) diziam que o presidente devia começar a reforma por sua casa.» (*Journal d'Henri* IV.)

([1]) Reunião do parlamento de Paris, que se celebrava na primeira quarta-feira depois da Paschoa e do S. Martinho, e na qual o procurador geral fallava dos abusos da administração da justiça, etc.

CAPITULO XLII

SUMMARIO

Mathurin Regnier, o grande poeta da prostituição. Sua philosophia epicurista.—Caracter e costumes do poeta.—A boa lei natural.—A impotencia.—Uma das suas aventuras nocturnas.—A má cama.—Discurso de uma velha proxeneta — A boticaria Joanna.—Macette.—Epistola ao senhor de Forquevaux.—Doença e morte de Regnier.



omos procurar a physionomia da prostituição do seculo xv aos poetas d'aquella épocha e sobretudo ás poesias de Francisco Villon, que não receiava deshonrar a sua musa, passeando de braço dado com ella de taberna em taberna, e dando-lhe um cortejo de homens perdidos e mulheres publicas. Façamos agora um trabalho similhante de investigação especial nas poesias do principio do seculo xvii, e sobretudo nas de Mathurin Régnier, que do mesmo modo que Villon, traçou o quadro da prostituição do seu tempo, consagrando sem escrupulo algumas das suas obras á descripção dos costumes depravados.

Villon era, como já vimos, um estudante vadio, que vivia nas tabernas e nos bordeis mais immundos. Régnier era quasi um cortezão, quasi um fidalgo, quasi um ecclesiastico, que, arrastado pelo impeto das suas paixões, esquecia ás vezes o seu nome, o seu nascimento e a sua posição, para visitar incognito os mais repugnantes asylos da libertinagem publica. Em Villon, havia o habito da degradação moral. Em Régnier, pelo contrario, havia, por assim dizer, o capricho do mau procedimento, o gosto das aventuras do prazer erotico em todas as suas phases.

Régnier vae pois conduzir-nos, sahindo da côrte de Henrique iv, onde o seu talento poetico lhe havia grangeado um logar honroso, aos repugnantes albergues em que se refugiava a prostituição livre, tal como a haviam feito as leis prohibitivas e as medidas variaveis da tolerancia municipal.

Mathurin Régnier, filho de um administrador da cidade de Chartres, sobrinho por sua mãe do poeta Desportes, tonsurado desde os onze annos de edade, destinado ao sacerdocio e aggregado desde muito cedo, na qualidade de secretario, ao serviço do cardeal Francisco de la Joyeuse, que o conduziu a Roma, e o teve alli por espaço de dez annos, nunca poude dominar as tendencias libertinas, que o levaram aos mais escandalosos excessos. Não pode dizer-se bem se a poesia o predispoz á libertinagem, ou se foi a libertinagem que despertou no seu espirito a inspiração da poesia. Régnier, a quem «os exces-

sos do amor fizeram embranquecer o cabello antes do tempo», reconhecia de boamente aos trinta annos que o seu temperamento de poeta o arrastava na corrente suavissima da vida epicurista. «Este temperamento, é que torna o poeta ardente e impetuoso, submettendo-o de tal modo ao prazer, que detesta o vulgo e as coisas vulgares, e desprezando os favores, fal-o zombar da fortuna. E' um fogo e enthusiasmo que o enlouquece, que o arrasta aos precipicios, e o sujeita mais aos seus caprichos que aos dictames da razão.»

E' o que o poeta canta n'estes versos. «O temperamento fogoso, diz elle:

... rend le poëte ardent et chaud,
Subject à ses plaisirs, de courage si haut,
Qu'il méprise le peuple et les choses communes,
Et bravant les faveurs se mocque des fortunes;
Que le fait débauché, frénétique, rêvant,
Porter la tête basse et l'esprit dans le vent,
Égayer sa fureur parmi les précipices,
Et plus qu'à la raison subject à ses caprices!...

Tal era a desculpa que dava de não mudar de conducta, apesar das censuras que a cada passo lhe faziam:

C'est que mon humeur libre à l'amour est subject.

Era tambem esta a unica censura que se podia irrogar ao joven Régnier, que fóra d'isto possuia as mais distinctas qualidades de espirito e de coração, aperfeiçoadas pelo estudo, pela convivencia com pessoas distinctas e pela philosophia. No emtanto, a incorrigivel libertinagem do poeta prejudicava-lhe a fortuna, apesar das altas protecções e sympathias que a doçura do seu caracter lhe grangeára. O cardeal Joyeuse não ousou dar-lhe uma prebenda ou uma abbadia, e quando Régnier deixou o serviço d'este prelado para ir ser secretario de legação, sob as ordens de Filippe de Bethun, embaixador de França em Roma, estava tão pobre e enamorado como á sua chegada de Chartres, sob os auspicios de seu tio, o abbade Desportes. Tudo quanto havia ganho, deixara-o nos antros immundos da prostituição romana.

O poeta retrata-se a si proprio com uma ingenuidade e franqueza, que fazem d'este retrato o typo do libertino do seu tempo. (*Satyre* IV, *au marquis de Cœuvres.*) Declara que a inclinação para com as mulheres é n'elle tão forte, tão violenta mesmo, que lhe faltam absolutamente as forças para resistir a uma paixão exclusiva e dominante. «Não tenho, diz elle, tino para guiar a minha barca, n'estes arrebatamentos de uma paixão dominante. A corrente arrasta-me ao abysmo do prazer. Tal como um cavallo duro de bocca, eu obedeço ao capricho...»:

Au goufre du plaisir la courante m'emporte;
Tout ainsi qu'un cheval qui a la bouche forte,
J'obéis au caprice...

Régnier abandona-se deliciosamente a este extranho ardor dos sentidos. A sua culpa é voluntaria, e o poeta, contente do seu mal, julga-se ditoso «de

ser, como a natureza o fez, um eterno enamorado: e como milhares de cousas o convidam a amar, mil bellezas não bastam para saciar a sede do seu amor. Procurando aventuras por toda a parte, encontra a cada passo assumptos novos, novos amores»:

Et comme à bien aimer mille causes m'invitent,
Aussi mille beautés mes amours ne limitent;
Et courant çà et là, je trouve tous les jours
Et de subjects nouveaux et de nouveaux amours.

O poeta ama a torto e a direito, sem escolha nem escrupulo. Novas e velhas, bellas e horrendas, todas lhe servem, sustentando a these singularissima de que a creatura mais feia e repugnante póde tambem desempenhar o seu papel na eterna comedia do amor. E' um refinamento da sua sensualidade monstruosa e depravada. De todos os eroticos antigos e modernos, talvez Régnier seja o unico que tenha emittido similhante paradoxo: «Tanto enfeitiça os homens o cego desejo, que ainda que uma mulher cause medo ao amor, porque o ceu e Venus a vêem com desgosto, é certo que, como mulher, lá terá as suas delicias, lá saberá substituir os ausentes encantos, com artificios, que a farão manter no estado do amor, e lhe permittirão reter os amantes por meio de alguns attractivos»:

Tant l'aveugle appetit ensorcelle les hommes,
Qu'encore qu'une femme aux amours fasse peur,
Que le ciel et Vénus la voient à contre cœur,
Toutes fois, étant femme, elle aura ses délices,
Relevera sa grace avec des artifices,
Qui dans l'état d'amour la sauront maintenir,
Et par quelques attraits les amants retenir.

Como homem de talento e de convicções, desenvolve em seguida a sua theoria das compensações no amor, e põe em relevo os meritos occultos, que pódem encontrar-se em uma mulher, capazes até mesmo de compensar a falta de outros dotes plasticos e a sua apparente inferioridade. De accordo com Ovidio, toma tambem a defeza da ignorante e da nescia:

Je crois qu'en fait d'amour elle sera savante,
Et que Nature, habile à couvrir son défaut,
Lui aura mis au lit tout l'esprit, qu'il lui faut.

Como elle sabe desculpar essa pobre creatura ignorante, ou completamente destituida das bellas qualidades de espirito e de intelligencia, que tanto fazem brilhar algumas feias! «E' ignorante? Que tem isso a final?

«Aposto que em questões de amor saberá desempenhar cabalmente o seu papel!... A natureza, tão habil em encobrir defeitos, deu-lhe no leito o espirito e a graça, que lhe faltam cá fóra. A natureza! Como ella é boa e previdente! Poderia lá recusar isto a alguem, ella que tudo ordena tão previdentemente»,

De peur que nulle femme, ou fût laide ou fût belle,
Ne vêcut sans le faire et ne mourût pucelle...

Depois de haver justificado d'este modo todas as imperfeições que póde ter o sexo feminino, volta a sua cega e irresistivel necessidade de experimentar as forças e o ardor da sua incontinencia, e o seu estro libidinoso espande-se em manifestações ardentes do seu fogoso temperamento. O poeta arde constantemente em desejos, a paixão rouba-lhe o juizo. E' um furioso, correndo loucamente atraz de mil aventuras, não escolhendo nunca o objecto do seu amor. Todas lhe agradam, não escolhe, nem sequer pensa em ter preferencias. Aquillo não é amor, é uma sensualidade brutal, sem delicadeza, sem freio, sem lei... Ouçamol-o:

Or, moi qui suis tout flamme, et de nuit et de jour,
Qui n'haleine que feu, ne respire qu'amour,
Je me laisse emporter à mes ardeurs communes
Et cours sous divers vents de diverses fortunes.
Ravi de mes objects, j'aime si vivement,
Que je n'ai pour l'amour ni choix ni jugement.
De toute election mon âme est depourvue,
Et nul object certain ne limite ma vue...
Toute femme m'agrée.

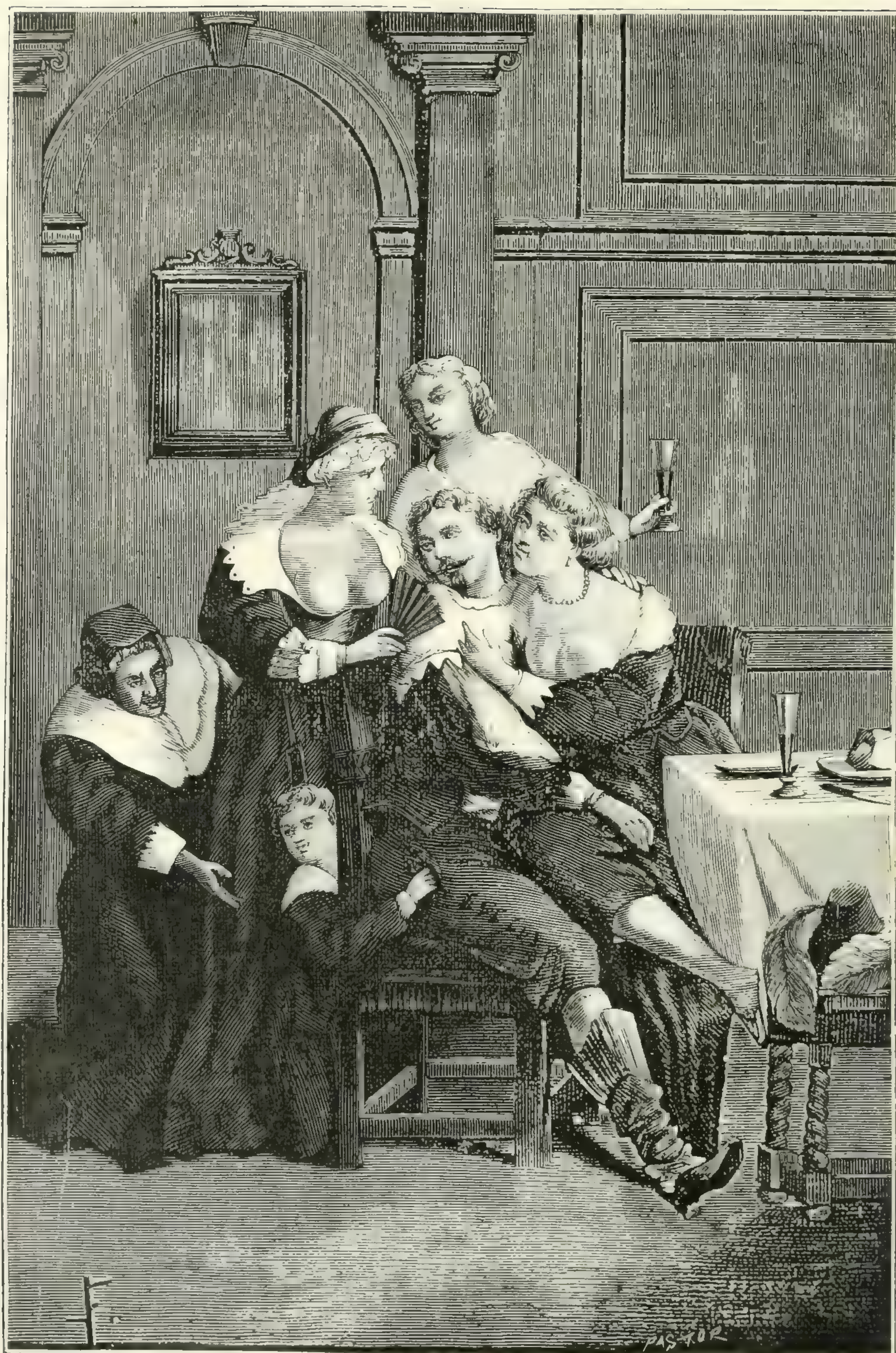
E' impossivel mostrar-se mais complacente com o vicio.

N'esta continua febre de prazeres illicitos, Régnier teve mais de um encontro perigoso para a sua saude e para a sua magra algibeira de poeta. Effectivamente todas as pragas de Venus cahiram sobre elle e o encheram de enfermidades precoces. Valeu-lhe o seu Mecenas, Filippe de Bethun, que lhe obteve uma prebenda na egreja de Nossa Senhora de Chartres, e um beneficio de duas mil libras na abbadia de Vaux-Cernay, onde seu tio Desportes havia sido titular.

Régnier, aos trinta annos apenas, era um velho mortificado pelo rheumatismo e pela gotta, alquebrado pelos remedios e continuamente nas mãos dos medicos, que desesperavam de o curar. Em muitas das suas poesias, deplora o funesto resultado a que o havia reduzido o que elle chamava *a boa lei natural*, á qual obedecera sempre cegamente, «A dôr, diz elle, coberta de settas envenenadas, cinge-me o corpo com um cilicio, tortura horrivel! Meus bellos dias transformaram-se em noites, e o coração vencido pelo desgosto, apenas espera a sepultura:

La douleur aux traits vénimeux,
Comme d'un habit spineux,
Me ceint d'une horrible torture;
Mes beaux jours sont changés en nuits,
Et mon cœur, tout flétri d'ennuis,
N'attend plus que la sépulture!...

Énivré de cent maux divers,
Je chancelle et vais de travers,



Uma casa de prostituição no tempo de Luiz XIII, de França

Tant mon âme em regorge pleine:
J'en ai l'esprit tout hébeté
Et si peu qui m'en est resté,
Encor me faut-il de la peine.

Os soffrimentos que lhe maceravam o corpo, os penosos tractamentos a que tinha de submetter-se, as operacoes dolorosas a que estava condemnado, não eram ainda assim o maior dos martyrios do poeta. A impotencia, a vergonha de se sentir incapaz de voltar ao vicio que por tanto tempo amára, era o que mais o penalisava. N'uma das suas elegias refere em versos esplendidos, dignos dos eroticos gregos e romanos, a affronta que uma das suas amantes teve um dia de soffrer, em premio do deleite que havia tentado proporcionar-lhe. O poeta envergonha-se de encontrar as suas faculdades tão hostis aos seus desejos, e indigna-se contra si proprio.

Esta impotencia era provavelmente transitoria e dependia de circumstancias excepcionaes, mas Régnier que se lisongeava de poder amar mesmo depois de morto, esquecia facilmente uma humilhação, que só devia attribuir ao abuso dos prazeres venereos e aos estragos das molestias obscenas. Pouco depois, começava novamente a procurar aventuras pelas ruas suspeitas, e a consumir as poucas forças que lhe restavam na vida da prostituição. Sigamol-o um pouco por essas excursões pornographicas.

Uma noite, depois de uma orgia, em que tomou parte por convite de alguns amigos, e que terminou por um desafôro indecente, uma verdadeira batalha impudica, sahiu da casa, sem que ninguem désse por isso, e dirigiu-se para a sua morada. Vivia, porém, muito longe, e não sabia bem o caminho: além d'isso a noite estava escurissima e chovia a cantaros. O poeta caminhava apressado, encostando-se ás casas, embuçado na sua capa, mas de subito escorrega. Procura segurar-se á parede. Não é, porém, a parede o que a sua mão tremula encontra, é uma porta apenas encostada, e que se abre. O poeta perde o equilibrio, por lhe faltar tão deploravelmente o appoio, e vae cahir ruidosamente de bruços no limiar de uma casa fedorenta e tenebrosa:

«Lá de dentro perguntam o que é... Levanto-me conforme posso, e entro. O cão não ladra, e os gonzos da porta não fazem bulha. O que será? Uma criada, que mostra e esconde a luz ao mesmo tempo, e que ri a bandeiras despregadas, faz-me desconfiar de tudo aquillo. Pergunto, respondem-me sem flores de rhetorica, e d'ahi a pouco estamos todos de accordo. Reconheço a historia:— cahi n'um logar *non sancto*...

«Puxo pela bolsa, passaporte indispensavel n'estas casas, e ponho uma moeda sobre a meza, para captar a boa vontade da dona do bordel. Ao vêr brilhar o escudo, ama e criada apressam-se a servir-me, julgando-me um grande personagem...»

N'este momento, tres vetustas mulheres approximam-se a passos cadenciados, e vão sentar-se junto do lar, onde fumegam uns miseros paus verdes. Dir-se-hiam tres phantasmas, fugidos do inferno. Uma d'ellas tinha um aspecto ameaçador de Eumenide de theatro, outra é mais decrepita e enrugada que uma feiticeira do *sabbat,* a terceira é tão magra, amarella e transparente, que se lhe

poderiam contar os ossos. As tres horriveis velhas, cobertas de emplastos e de chagas, gemiam sob o latego de crueis enfermidades, ganhas no *campo da honra*. Uma queixa-se dos rins, outra da bocca, outra de um caustico.

«Eram tres, como disse, mas os olhos d'ellas sommados faziam apenas dois. Eram tres, mas entre ellas poderia apenas reunir-se meio nariz e quatro dentes tão movediços, que bastava um sopro para os fazer oscillar. Eram tres monstros. Cada qual podia representar com vantagem o idolo da febre, da peste e do veneno.»

Taes eram as mulheres que exploravam n'essa épocha a prostituição legal. A' vista de tão odioso e repugnante quadro, o poeta teve horror do seu vicio, e dispunha-se a retirar-se, quando de subito, sahiu de um quarto visinho uma rapariga com aspecto de boneca, bem vestida e cuidadosamente penteada, que disse ao poeta:

—Tenho tanto medo dos homens de espada, que se o senhor não me parecesse um sujeito socegado, preferiria deixar-me matar a apparecer aqui. Meu marido é boticario. Viva o amor! Não haja medo da policia!... Ao que vejo, o senhor é amigo de se divertir, mas eu não tenho medo, visto que paga bem e adiantado...

Vê-se que entre as mulheres de má vida, havia algumas casadas, ou que pelo menos o fingiam ser, para causarem mais furor ou inspirarem mais confiança aos amantes.

— Meu caro senhor, dizia a mulher do boticario ao enamorado poeta, com a maior amabilidade e cortezia,—já ceiou?

Je vous prie, notez l'heure. Eh bien! Que vous en semble?
Êtes-vous pas d'avis que nous couchons ensemble!

Régnier estava cheio de lama até á cintura e molhado até aos ossos. Precisava de uma cama e só desejava dormir. A dona da casa offereceu-lhe então um quarto, onde podesse descançar commodamente. O poeta acceita, e a megéra, caminhando diante d'elle para o conduzir, vae fazendo o elogio das duas raparigas, Joanna e Macette, o beijinho do estabelecimento.

Par le vray Dieu! que Jeanne était et claire et nette,
Claire comme un bassin, nette comme un denier;
Au reste, hors Monsieur, que j'étais le premier...

Era Joanna a mesma rapariga que Régnier acabava de vêr, mas todos os elogios que a respeito d'ella ia ouvindo, não o animavam a tractal-a mais de perto. Era mister subir uma escada tortuosa para chegar ao tal quarto que lhe haviam offerecido:

«A escada, estreita e tortuosa, offerecia uma subida bastante difficil. Tudo tremia debaixo dos nossos pés. De degrau em degrau, como um passaro na gaiola, era preciso ir subindo, agarrando-me como uma cabra que trepa por um rochedo. Depois de muitos sustos, chegamos emfim ao tal quarto, que para dizer a verdade não cheirava a ambar. A porta era baixa e estreita, e tinha por unica fechadura um gancho.»

Apesar de ter dobrado o corpo, o poeta não calculou bem as dimensões da porta, e ao entrar no asqueroso ninho, deu com a cabeça uma tão violenta pancada, que se deixou cahir para traz, e rolou pela escada abaixo. Na quéda, Régnier arrastou comsigo a desgraçada, que ficou ainda mais maltractada do que elle, chegando a perder os sentidos.

Ao espantoso ruido d'este desastre, accodem as outras mulheres da casa, trazendo luzes, e levantam a directora do prostibulo, que ao voltar a si cobre de improperios Joanna e Macette, a quem attribue a culpa de tudo. Régnier, pela primeira vez em sua vida talvez, não pensa em tolices, e o que deseja é ficar só para se subtrahir ás suas impuras tentações. Péde uma vela, torna a fazer a perigosa ascenção da escada, e toma finalmente posse do quarto infecto que lhe dão para dormitorio. Não havia cama, porém, apesar de lá existirem outros moveis esquisitos e cousas deveras curiosas de que passa a fazer inventario:

«Em primeiro logar encontro a meus pés uma caldeira rota, a bolsa de um relogio, quatro caixas de pomada, duas luvas desirmanadas, tres frascos de agua de cheiro, uma seringa pequena, uma esponja, uma sonda, uma escova para ir ao *sabbat*, uma lanterna velha, um tamborete de palha, um barril sem fundo, duas garrafas sem gargallo, uma bolsa cheia de pó de mercurio e uma capa de côr parda, muito desbotada.»

Emquanto o poeta passava revista a estes miseraveis e nojentos despojos da prostituição, chega Joanna trazendo debaixo do braço a roupa da cama. E o leito onde estava? Depressa é improvisado. A um canto havia uma velha porta e dois bancos immundos e coxos. Arma-se tudo aquillo, e põe-se-lhe em cima uma cousa, que poderia com alguma boa vontade parecer um colchão. Prompto!... Joanna, que acaba de ser reprehendida e espancada até pela dona do alcouce, indemnisa-se vomitando contra a furia sapos e cobras, e queixando-se amargamente da sua triste sorte.

Ao passo que fallava, ia fazendo a cama, estendendo os lençoes, muito curtos e cheios de manchas equivocas...

Dieu sait quels lacs d'amour, quels ciffres, quels fleurs,
De quels compartiments et combien de couleurs,
Rélévaient leur maintien et leur blancheur naive,
Blanchie en un civet, non dans une lessive.

Está a cama prompta. Joanna convida, o mais seductoramente que póde, o poeta a deitar-se, mas, apesar de cahir de somno, Régnier não se mostra muito resolvido, porque a cama não o tenta mais que a dama... A rapariga não o larga, porém, e começa logo a despil-o, apesar da resistencia que encontra... Que diabo! Para que foi então lá, se queria *fazer-se tão fino!*... O poeta dá-lhe razão, e tem de resignar-se com a sua sorte. Desata um sapato, desaperta uma liga, e continúa lentamente a despir-se. Prompto! Era difficil outra cousa ainda, mas que remedio?... O poeta faz das fraquezas forças e, procurando dominar o nojo, vae metter-se entre os immundos lençoes, onde a sua Venus o estava esperando já...

Gosava pouco tempo havia aquellas delicias de Capua, quando ouviu ba-

ter á porta da rua. Joanna apagou logo a luz, que fôra provavelmente o que havia chamado a attenção de algum transeunte devasso, e fez ouvidos de mercador, como toda a gente da casa. D'ahi a pouco, redobravam as pancadas á porta, batendo até com os pés o nocturno pretendente. Lá dentro, silencio completo: lá fóra, o freguez pretendente grita, ameaça, jura, e d'ahi a pouco junta-se outro, e outro e outro, um bando de desaforados libertinos, que fazem um motim diabolico á porta!...

Entretanto, Joanna censura asperamente o pobre Régnier, que se amofina por aquelle transtorno imprevisto. A culpa fôra d'elle... Porque não se deitára mais cedo?... Estivéra para alli, como um parvo, perdera um tempo precioso... Os que batem á porta não cansam apesar do silencio, e passam das ameaças ás supplicas... Nem assim abrem. Os de fóra mudam logo de maneiras, e fallam com a arrogancia de uma patrulha, ou dos agentes da policia municipal.—«Abra em nome d'el-rei!»—Uma ronda que ia passando ouve esta intimação solemne e approxima-se da casa. Os libertinos largam a correr e desapparecem nas ruas visinhas.

Houve um momento de treguas, durante o qual Régnier se levanta da cama, e procura ás apalpadellas a roupa para se vestir... Quanto mais se apressa, porém, menos adianta, por isso que nada encontra em ordem. Em vez do chapeu, encontra um sapato, e quando procura o gibão acha apenas uma meia.

Joanna não se erguera, e pede ao poeta que, se tiver de se apresentar á ronda, não a comprometta:

Si mon compère Pierre est de garde aujour d'hui,
Non, ne vous fachez point, vous n'aurez point d'ennui...

Mas o perigo renasce. Lá fóra a ronda, a verdadeira ronda, bate á porta com auctoridade, e não ha remedio senão abrir uma janella para parlamentar. Régnier, meio vestido apenas, sáe timidamente do seu infecto asylo, e desce a escada com um pé calcado e outro descalço. Esconde-se a um canto, no momento em que a porta se abre e a patrulha entra de roldão pela casa dentro com ares de hostilidade. Não tendo sido visto, Régnier poude safar-se sem dar as boas noites a ninguem...

Uma vez na rua, afiasta-se d'aquelle infame albergue do vicio a passos largos e sem olhar para traz... O infortunio continuava, porém, e o poeta foi cahir n'um monte de argamassa. Despontava o dia, quando o libertino entrava em casa, cheio de lama como um porco, jurando e tornando a jurar não tornar a metter-se outra vez em taes aventuras!...

Mas, apezar dos seus juramentos, Régnier não podia resistir ao vicio que tanto amava. Todos os caminhos o conduziam á prostituição, em que tantas vezes havia deixado a saude, o dinheiro e a honra.

Um dia teve os seus dares e tomares com um antigo amigo, que elle chama *Philon*, e para esquecer estas zangas resolve ir immediatamente ao seu templo favorito, ao bordel,

Dans un lieu de mauvais renom,
Où jamais femme n'a dit non.

Entra effectivamente no antro impuro, mas que contratempo! encontra apenas a dona da casa. A velha é, porém, muito complacente e serviçal, e diz-lhe sorrindo, com a maxima affabilidade:

— Desculpe! Hoje é dia de festa, e por isso não tenho ninguem. Demais a mais, prometti a mim propria não me tornar n'este dia culpada de similhante peccado. Mas, como o senhor é amigo, tudo se poderá arranjar. Veio de tão longe, coitado, que não quero deixal-o descontente! Vou mandar n'um momento alli ao *Escudo de Saboya*. É um pulo, e lá encontra-se decerto o que deseja...

A criada recebe as convenientes ordens da ama, e corre ao *Escudo de Saboya,* que era uma hospedaria de má fama, onde havia sempre fornecimento de ribaldas. Este pormenor prova-nos que as hospedarias, tabernas e banhos eram n'aquelle tempo os logares privilegiados da prostituição, e que as desgraçadas, tendo de exercer clandestinamente o vergonhoso officio que as leis haviam prohibido, estavam constantemente n'aquelles logares, onde as attrahia a concorrencia dos libertinos. Nada, porém, succedia alli que despertasse a desconfiança da policia, sob cuja vigilancia estavam os logares publicos. Nas ruas proximas era onde os intermediarios da prostituição franqueavam as suas casas ao commercio clandestino dos amores mercenarios.

N'estas casas, e graças aos manejos d'estas velhas proxenetas, prostituiam-se as solteiras e ás vezes as casadas, com o risco de serem presas e castigadas como culpadas de tão vergonhoso commercio. Deve suppôr-se que estes castigos eram raros, e que a policia tinha ordem de fazer, segundo costuma dizer-se, a vista grossa. As casas das *fornecedoras de bordeis,* como então as chamavam, não eram propriamente fallando, estabelecimentos publicos, abertos a todo o mundo, e a applicação da lei encontrava difficuldades quasi insuperaveis, a respeito d'estas casas de passe, que não recebiam permanentemente as mulheres publicas, sendo como que um terreno neutro da prostituição.

Voltando, porém, a Régnier, a quem vimos entrar n'um d'esses antros impuros, como a criada só d'ahi a um quarto de hora voltaria, a dona da casa convidou-o a sentar-se, e começou a dar á lingua, com um grande palavreado, para que o tempo não parecesse tão longo ao freguez. Depois de ter procurado em vão entabolar uma cavaqueira, que o poeta não queria sustentar, a velha, sempre no intuito de entreter o poeta, abalançou-se á empreza de lhe contar, *tim tim por tim tim,* a sua historia, que não era afinal senão uma reminiscencia do poema, já de outra vez aqui citado, da *Cortezã prevertida,* por Joaquim Dubellay. Com esta narrativa, procurava a dona do prostibulo entreter a impaciencia de Régnier

Começou por passar em revista os seus numerosos amantes, desde a épocha remota em que a mãe vendera tres ou quatro vezes as primicias da filha. Não occultou que aprendera o seu vil officio, traficando comsigo propria, como depois traficava com as suas victimas, por não poder, por causa da idade, conti-

nuar a vida alegre dos seus bons tempos. Gabava-se de ser mais habil do que as suas companheiras, e de ter em sua casa o beijinho da freguezia de Paris.

—Eu conheço perfeitamente toda essa gente fina, porque tenho tido muitas occasiões de lhe receber as confidencias. Ha muitas grandes damas, que o senhor vê ir á Egreja, parecendo umas virtudes, e que afinal de contas são o que eu sei, e mais nada. Conheço-lhe os amantes. Algumas dizem que vão commungar!... Só se fôr com os chischibeus, como Helena com o Troyano!...

Mais ia por diante a velha com a fiel narração da sua vida aventurosa, quando acertou de passar um *commissario-visitador,* um d'esses agentes de policia, que tinham debaixo da sua vigilancia as casas suspeitas. Como a porta estivesse entre-aberta, o homem entrou. Régnier teve apenas tempo de sahir por outra porta que conhecia, e como elle diz

Moitié figue, moitié raisin,
N'ayant ni tristesse, ni joie,
Pour n'avoir trouvé la proie.

Apesar de ter procurado satisfazer os seus appetites depravados em todos os bordeis da cidade, o poeta nunca se lembrou na sua obra de censurar a abjecção das desgraçadas com quem tractava, e que por certo devia de desprezar, logo que saciasse os seus brutaes desejos. Apenas n'este verso encontramos a expressão d'esse desprezo:

Si moins qu'une putain on estimait ma muse!

Devemos notar, todavia, que nas poesias d'este vate libertino, apesar do modo como descrevem rudemente a relaxação dos costumes do seu tempo, não se encontram os nomes das escandalosas companheiras da sua vida dissoluta, exhibidos com essa descarada ostentação que os poetas do seu tempo usavam nas suas obras, ao fallarem dos seus amores, fossem elles quaes fossem. Régnier, ainda assim, respeita-se bastante para erguer um altar poetico aos entes abjectos, que apenas considerava como instrumentos materiaes do vicio, e não como tristes victimas das paixões. Nomeia apenas *Madelon* e *Toinette* em dois epigrammas, um dos quaes é obsceno, emquanto que o outro caracterisa bem a mulher de vida alegre, typo franco e audaz da prostituição.

Damos uma amostra d'este ultimo.

Madelon n'est point difficile,
Comme un tas de mignardes sont:
Bourgeois et gens sans domicile,
Sans beaucoup marchander, lui font...
Pour raison elle dit ce point:
Qu'il faut être putain tout outre
Ou bien du tout ne l'être point.

O poeta envolve no veu da piedade e do silencio as desgraçadas que eram innocentes dos seus erros, causados por uma madrasta indigna, ou aconselha-

dos por uma infame proxeneta. Em compensação, não perdôa, porém, ás medianeiras da libertinagem, a essas velhas devassas e beatas, que não podendo viver já á custa da sua gasta belleza, procuravam grangear a subsistencia, corrompendo raparigas solteiras, afastando as casadas do cumprimento do seu dever, e sendo n'uma palavra, as inimigas implacaveis do pudor do seu sexo. Foi Régnier quem fez o admiravel retrato de Macette, esse Tartufo feminino, ao qual de certo Molière quiz fazer *pendant* com a sua famosa comedia *Tartufe*.

A satyra de Macette, nome proverbial que designa talvez uma famosa corteză dos fins do seculo XV, era provavelmente uma vingança pessoal do poeta. Em todo o caso, foi considerada como a expressão de uma indignação meritoria contra as medianeiras do amor, e houve quem agradecesse a Régnier, apesar de ser tão libertino, o haver-se arvorado em defensor energico da opinião das pessoas honestas contra as abominaveis corrupturas, que se haviam multiplicado até ao infinito, espalhando por toda a parte o veneno da sua preversidade.

Eis os primeiros versos d'essa famosa satyra:

La fameuse Macette à la cour si connue,
Qui s'est aux lieux d'honneur en crédit maintenue,
Et qui depuis dix ans jusq'en ses derniers jours,
A soutenue le prix en l'escrime d'amours;
Lasse, enfin, de servir au peuple de quintaine,
N'étant passe-volant, soldat, ni capitaine,
Depuis les plus chetifs, jusques aux plus feudans,
Qu'elle n'ait desconfit et mis dessus les dents,
Lasse, dis-je, et non sôule, enfin s'est retiré.

Esta corteză que não conhecia outro ceu, senão o do seu leito voluptuoso, faz-se beata, e mostra grande arrependimento dos seus peccados. Veste com simplicidade, jejua, resa, visita as egrejas e os conventos, usa rosarios e *agnus-dei*, e practica muitas obras pias. Encontram-na muitas vezes ajoelhada ante os altares, chorando como uma Magdalena, e batendo rudemente no peito; é uma santa a quem todo o mundo admira, e cujo infame passado desapparece. sob o veu de uma austera penitencia.

Régnier, que recorda os altos feitos d'esta grande peccadora, duvida muito da sua conversão, e não se deixa enganar pelas apparencias. Um dia, estando em casa de uma joven a quem fazia a côrte, ficou muito surprehendido de ver entrar esta velha infame, que vinha a passos lentos e compassados, com palavras modestas e olhar humilde, saudando os circumstantes com uma *Avè-Maria*. Régnier foi esconder-se detraz de uma porta, sem que a velha desconfiasse, e d'alli prestou ouvido attento á conversação da beata, que depois dos logares communs de moral edificante, entrou descaradamente no assumpto da sua visita, dizendo á rapariga, que visto ser tão bella, devia ter bellos vestidos.

A velha conhece um homem rico, enamorado da donzella, e que não deseja senão fazer despezas para a obsequiar. Portanto, logo que quizer, terá se-

das, perolas e rubis, e tudo quanto concorre para fazer realçar a belleza de uma mulher.

A namorada de Régnier escuta com espanto os conselhos da beata, que ella estava bem longe de esperar. A velha é uma execravel corruptora, que sabe expôr com a maxima impudencia toda a doutrina da prostituição. O que é a honra?

La sage le sait vendre, ou la sotte le donne.

A mulher prudente sabe vendêl-a, a nescia cede-a gratuitamente. E, continuando a disertar sobre este thema, a perfida conselheira desenvolve sem pudor algum os horriveis mysterios da prostituição, empregando toda a sua habilidade e eloquencia, com grande espanto da rapariga, que apesar de não poder dizer-se uma vestal, não era todavia uma prostituta. Despoja-se, portanto, de toda a sua hypocrisia, mostrando-se tal qual era, para deslumbrar a sua victima, para fascinar a pobre, que assim vae ensinando na arte de enriquecer por meio da deshonra.

— Minha filha, diz-lhe ella com a sua voz mais doce e acariciadora, entregue-se ao amor, e saiba vender por bom preço os seus favores. E' gloria para nós acceitarmos o que nos offerecem aquelles que conquistámos. Venda esses doces olhares, esses sorrisos, esses attractivos:

«Venda-se a si propria sem se sacrificar.

«Conserve a sua liberdade e o seu orgulho. Conquistando o mais que puder, não se deixe conquistar nunca.

«Receba a duas mãos e não se esqueça de que o lucro é agradavel, venha elle d'onde vier.

«Estime os amantes na proporção do que renderem: aquelle que mais dér seja o preferido.

«Não os avalie pela cara, mas sim pela algibeira; um villão rico vale mais que um fidalgo pobre.

«Eu nunca aprecio os homens pelo que são, mas sim pelo que têem.

«Quando o dinheiro se mistura, quem poderá lá saber qual foi o do escravo ou o do senhor?

«Os pintalegretes da côrte não são mais do que vento e fumo. Bellos, bem vestidos, cuidadosamente penteados, isso é verdade: tracta-se de pagar? Desfazem-se em cortezias e galanteios... e nada mais!

«Quem se deixa embair pelas suas maneiras, arrisca-se a morrer de fome.

«Quem joga a credito está de mal com o dinheiro.

«Acceite prelados, filhos de capitalistas e demais galans d'esta polpa: é uma seara em que ha sempre que ceifar.»

— Minha filha, continuou a velha, depois de ter expendido estas theorias, sei de muito boas pessoas que suspiram por si... A menina é tão gentil! olhe, para lhe fallar com franqueza, tantos fidalgos me teem fallado, a seu respeito, que nem sei por onde começar!...

Régnier estava furioso, e não poude conter um movimento de colera. A

velha voltou-se, surprehendida de ter ouvido aquelle ruido inesperado, e notou com espanto que havia alli uma testemunha. Levantou-se no mesmo instante, e apressou-se a sahir, dizendo á rapariga em voz baixa:

—A'manhã voltarei, adeus!...

A primeira ideia do poeta foi tomar alli mesmo cruel vingança d'aquella perigosissima adversaria da sua felicidade. Não quiz, porém, envergonhar a sua amada, provando-lhe que ouvira os bellos conselhos e maximas da asquerosa e repugnante sereia. Contentou-se com amaldiçoar em segredo a velha medianeira, que se propusera arrebatar-lhe o coração da sua amada, corrompendo-a.

E, com effeito, o coração da rapariga, até então nobre e generoso, embriagara-se agora de ideias de ambição, e estava em muito bom caminho de se deixar arrastar ao abysmo. Macette triumphára, e Régnier, pouco depois, furioso de se ver supplantado por um rival, cujo mérito não passava além da algibeira, stygmatizou cruelmente nos seus versos a velha abominavel que o demonio da luxuria trouxera a casa da sua amada.

Vamos dar algumas das sextilhas do poeta, que decerto perderiam na paraphrase uma grande parte da sua vehemencia:

Esprit errant, âme idolâtre,
Corps verolé, couvert d'emplâtre,
Aveuglé d'un lascif bandeau;
Grande nymphé à la harlequine,
Qui s'est brisé tant l'eschine,
Dessus le pavé d'un bordeau!...
Je veux que partout on t'appelle
Louve, chienne et ourse cruelle,
Tant déçà que délà des monts;
Je veux que de plus on ajoute:
Voila le grand diable qui joute
Contre l'enfer et les démons.
Je veux qu'on crie ainsi la rue:
«Peuple, gardez-vous de la prue,
Qui détruit tous les esguillons,
Démandant si c'est aventure
Ou bien un effect de nature,
Que d'accoucher de cardillons.»
De cent dons elle fut formée,
Et puis, pour en être animée,
On la frotta de vif argent:
Le fer fut première matière,
Mais meilleure en fut la dernière,
Qui fit son cul si diligent.
Depuis, honorant son lignage,
Elle fit voir un beau ménage,
D'ordure et d'impudicités,
Et puis par l'excés de ses flammes,
Elle a produit filles et femmes
Au champ de ses lubricités.

Vieille sans dents, grande hallebarde,
Vieux baril á mettre moutarde,
Grande morion, vieux pot cassé,
Plaque de lit, corne à lanterne,
Manche de lut, corp de guiterne.
Que n'est-tu déjà in pace?
Vous tous qui, matins de nature,
En désirez voir la peinture,
Allez-vous en chez le bourreau:
Car, s'il n'est touché d'inconstance,
Il la fait voir à la potence,
Ou dans la salle du bordeau.

A vingança de Régnier immortalisou assim o nome de *Macette,* que foi desde então synonimo de *Maquerelle*, palavra que a lingua erotica, tanto a fallada como a escripta, conservava ainda.

N'essa épocha, o poeta, apesar de todas as decepções porque tinha passado, estava longe ainda de ser prudente. E, no emtanto, estava cheio de achaques e dobrara-lhe o corpo uma velhice prematura. No emtanto, apesar de o dominar ainda a paixão das mulheres, não ia procural-as aos mesmos logares. Evitava entrar nos bordeis e antros de corrupção. Attendia mais alguma cousa á sua saude, e deixára de correr ás cegas, como até ahi, atraz dos prazeres.

Na sua Epistola ao senhor de Fourquevaux, que não é, como muita gente suppoz, o pseudonymo do senhor d'Esternod, ou Desternod, desenvolve com um cynismo, que não é completamente destituido de ingenuidade, a sua nova theoria de amor. Tem, como sempre, uma decidida aversão pelas damas de alto cothurno, porque diz elle que não gosta *de se servir de chapeu na mão.* Não quer estar sempre ao remo, como um forçado, o que prefere é ser livre, e com o dinheiro na mão escolher á vontade o genero, na vasta feira do amor:

La grandeur en amour est vice insupportable,
Et qui sert hautement est toujours misérable;
Il n'est que d'être libre, et en deniers comptants,
Dans le marché d'amour acheter du bon temps,
Et pour le prix commun choisir sa marchandise.

Violet-Leduc, na sua edição de Régnier (Paris, P. Jannet, 1854) diz com razão a proposito d'esta epistola:

«Seria tão difficil desculpar a Régnier a escolha do assumpto, como a maneira por que o tractou. Esta obra não póde dar senão muito má ideia da delicadeza e dos costumes do seu auctor.»

Régnier sentia-se velho, apesar de não ter ainda quarenta annos. Começava a ter medo tambem dos perigos futuros, e deixava de boa vontade em herança aos seus successores:

Les boutons du printemps et les autres fleurettes,
Que l'on cueille au jardin des douces amourettes.

O poeta tinha um pronunciado horror pelos remedios e ingredientes de botica, detestava o mercurio, a agua forte, e os sudoriferos, que lhe haviam roubado as forças. Tinha um braço e uma perna dormentes e «como um marinheiro, que se houvesse livrado de uma tormenta» jurara não tornar a embarcar no mar da prostituição. O seu sonho dourado era então uma concubina, em cujos amores pacificos e seguros podesse descançar as suas paixões eroticas. Mas o pobre poeta não podia realisar este roubo, senão depois de sahir das mãos dos seus *refundidores*.

«Régnier, diz Tallemant des Reaux, na historieta de Desportes, morreu aos trinta e nove annos de edade em Rouen, onde tinha ido curar-se com um tal Sonneur. Apenas obteve algumas melhoras, resolveu obsequiar os seus medicos com um banquete, em que se serviu vinho novo de Hespanha. Os medicos deixaram-lh'o beber por condescendencia, mas o resultado foi acommettel-o uma pleurisia, que o arrebatou em tres dias (22 de outubro de 1613.)»

O eminente poeta satyrico, apesar da sua libertinagem foi muito festejado pelos seus contemporaneos, sem que pessoa alguma lhe censurasse a licenciosidade das suas poesias, que não eram ainda assim tão livres como as de Sigogne, Desternod, Motin e Theóphile. Ainda mesmo que Régnier possa considerar-se o mais notavel poeta da prostituição, devemos citar aqui as palavras de Viollet-Leduc, na sua *Historia da Satyra em França:* «No tempo de Régnier, só a palavra *Satyra* envolvia já um sentido obsceno.»

O austero Boileau, não attendeu decerto aos usos e costumes da épocha, ao dizer de Régnier, na sua *Arte poetica* :

Heureux, si dans ses vers, pleins de verve et de sel,
Il ne menait souvent les muses au bordel,
Et si, du son hardi de ces rimes cyniques,
Il n'alarmait souvent les oreilles pudiques.

Caso digno de notar-se. O critico para não cahir no defeito que censurava ao cantor de *Macette,* depurou a fórma dos dois primeiros versos, attenuando-os, mas sem mudar cousa alguma á sentença que havia publicado a respeito do mestre da satyra:

Heureux, si ses discours, craints du chaste lecteur,
Ne se sentaient des lieux, que fréquentaient l'aucteur.

CAPITULO XLIII

SUMMARIO

Os imitadores de Regnier. O senhor d'Esternod e o seu *Espadon*. Uma boa fortuna do poeta satyrico.— O paranympho da velha beata.— A bella Magdalena. – O senhor de Courval-Sonnet.— A censura das mulheres. — Conselhos a uma cortezã. — Os exercicios d'aquelle tempo. — O baile. — O passeio. — O libertino. — O processo de Theophilo Viaud.— Collecções de versos satyricos — O Parnaso satyrico.— A vingança do Padre Gerasse e dos jesuitas.—Nova jurisprudencia contra os maus livros e discursos obscenos.



Mathurin Régnier não foi o unico poeta d'aquella épocha em que se encontra uma viva e franca pintura da prostituição. A maior parte dos poetas, seus contemporaneos e imitadores, não receiavam deshonrar-se frequentando tabernas e bordeis. Era muito natural, pois, que a licenciosidade dos seus costumes se reflectisse nas suas obras. Além d'isso o genero de poesia mais grata por esse tempo aos leitores da boa sociedade era a satyra, bem que muitas vezes as diversas composições não inscrevessem este titulo.

«Os auctores e provavelmente o publico, diz Violet Leduc, na sua *Historia da Satyra em França*, tinham por esse tempo a opinião, talvez por causa da má orientação dos seus estudos, de que o estylo da satyra devia ser conforme com a supposta linguagem dos satyros, divindades lascivas dos gregos.»

D'aqui a obscenidade, ou pelo menos a licença, da maior parte dos versos satyricos.

Não é nosso intento ir buscar aos poetas da eschola de Régnier todos os dados, que alli se possam encontrar a respeito da historia da moralidade publica nos principios do seculo XVII. Procuraremos tão sómente escolher n'algumas collecções de satyras, publicadas por aquelle tempo, diversos quadros de costumes, que completarão o que Régnier pintou do natural na sua *Macette* e no seu *Mauvais gite*.

Estes novos dados, colhidos em livros raros e bem pouco conhecidos, reproduzirão sob novas phases a physionomia essencialmente mobil da prostituição, embora se reconheça sempre nas satyras, que sob este ponto de vista vamos citar, a evidente intenção de luctar com vantagem contra o auctor de *Macette,* n'esses dominios verdadeiramente escabrosos do seu genio libertino.

O senhor d'Esternod é o primeiro a apresentar-se com uma imitação muito inferior, embora notavel, da *Macette*. Esta satyra de Régnier obtivera tantos applausos, que tirou o somno aos poetas contemporaneos.

Claudio d'Esternod, ou Desternod, não era, como alguns suppuzeram, o pseudonymo de Francisco de Fourquevaux, amigo de Régnier, mas sim um fidalgo de Salins, que não cultivou as musas, senão depois de haver passado a sua juventude na carreira das armas. A sua poesia resentia-se, portanto, da rudeza e licença da sua primitiva profissão.

Apesar de ser governador do castello d'Ornans, na Borgonha, este cargo militar deixava-lhe muito tempo livre para ir a Paris, onde as suas relações com os poetas o levavam muitas vezes á libertinagem. Embora, porém, os poetas seus companheiros de prazer fossem na sua maior parte atheus ou epicuristas, como Théophile e Berthelot, Desternod continuava sempre a harmonisar os seus costumes licenciosos com uma grande piedade e até mesmo com uma especie de zelo fanatico pela religião.

N'um dos capitulos do seu *Espadon*, livro satyrico, impresso pela primeira vez em Lyon em 1619, Desternod verbéra com uma energia brutal, de caserna, a hypocrisia de uma mulher, que se fingia devota e deu afinal em prostituta Esta mulher, que o poeta não nomeia, era d'essas que encobrem as suas torpezas com a mascara da virtude, e que são tão estimadas geralmente, quanto seriam desprezadas, se se conhecesse melhor a sua conducta. N'aquelle tempo abundavam mais do que hoje as hypocritas d'esta laia, e Desternod não se deixava enganar pelas apparencias.

«Ha mulheres, diz elle, que passam o dia inteiro na egreja, depois de eu proprio as ter visto toda a noite no bordel. Uma d'estas conheço eu que é uma Lais e que se faz uma virtude:»

Et telle est au sermon, tant que le jour nous luit,
Que j'ai vu au bordeau tout le long de la nuit.
Or une j'en connais de semblable farine,
Qui est une Lais et fait de la Pauline.

Esta mulher, devassa e hypocrita, dá esmola quando a vêem, falla só em cousas santas, taes como agua benta, indulgencias e jubileus, passa e repassa sem cessar as contas do rosario, e parece não pensar nas vaidades do mundo nem nas obras do diabo. Uma noite Desternod sahiu de casa triste e pensativo e com a algibeira completamente vasia. Era esta afinal a causa da sua tristeza, porque havia perdido ao jogo até o ultimo escudo.

Caminhava de fronte abatida como um velho, reflectindo na sua penuria, que o não deixava ir a um d'esses sitios onde tudo se paga. Caminhava ao acaso, por assim dizer, arrancando os cabellos, sem descobrir o meio ou de arranjar dinheiro, ou de passar sem elle.

De repente, ouve o ruido de uma quadrilha de ladroes, que ao tempo infestava aquelle bairro.

Para evitar o encontro, apesar de nada ter que perder, além da capa, entra n'uma ruasita escusa e tenebrosa, e esconde-se no vão de uma porta.

Ao mesmo tempo, quasi, abre-se uma janella por cima da sua cabeça.

O passeador nocturno dá immediatamente um pulo para o lado, receiando um banho, que não seria por certo de agua de rosas...

A criada, porém, apressa-se a tranquillizal-o, dizendo-lhe da janella:

— Olá, meu caro senhor! Queira esperar que eu desço n'um momento.

O poeta não responde, suppondo que talvez não se entendessem com elle aquellas palavras, e ia retirar-se discretamente, quando a porta se entreabre e a criada lhe diz em voz baixa:

— Entre, meu senhor, mas não faça bulha, e desculpe não ter luz, mas assim é preciso.

O poeta não póde duvidar de que o tomam por outro, e hesita em continuar aquella estranha aventura. A criada quebra toda a hesitação de Desternod, empurrando-o para dentro e fechando a porta logo em seguida.

Resigna-se, e deixa-se guiar pela mão até ao leito de uma dama, que o esperava, ou esperava por outro, mettida entre os lençoes. A beldade dirige-lhe a palavra, como se fôra um antigo conhecimento... O poeta tinha ido muito longe para retroceder... Deita-se, portanto, sem dar palavra.

Não havia luz, recordam-se?

E Desternod d'ahi a pouco arrepende-se de não a ter pedido, porque começa a ter grandes suspeitas de que está deitado com uma velha!...

Quando, à força de apalpadellas, chega a convencer-se da sua desgraça, resolve abandonar a partida, sem mais cumprimentos nem delongas.

A velha, surprehendida d'aquellas maneiras, chama a criada, que traz finalmente luz.

A dama, reconhecendo o seu detractor, quer esconder-se debaixo da roupa. Enganara-se: não era aquelle homem quem ella esperava!...

O poeta, reconhecendo a beata, diz-lhe sarcasticamente:

— Deus, nosso senhor, nos dê muito boas noites, mamã!...

— Quem diabo o trouxe aqui? perguntou a beata, desesperada.

— A minha fortuna maldita, responde o poeta:

Ma fortune maudite,
Qui voulait que je susse qu'étiez une hypocrite.

A beata desolada supplica-lhe que seja discreto e não queira perder uma pobre mulher a quem acaba de deshonrar.

O poeta, sempre ironico, tranquillisa-a o melhor que póde.

— Descance, diz-lhe, tenho ainda mais interesse que a senhora em que este caso não transpire.

— E porque? pergunta a velha, muito surprehendida.

— Porque a sua conquista serodia seria para mim uma grande vergonha!

No emtanto, faz pagar o silencio pedido, e não sahe d'aquella casa, sem obter dez escudos pelo serviço que prestára á pobre velha, sem ter mesmo o pudor de lhe fazer suppôr que pretendia distribuir aquelle dinheiro pelos pobres.

O deploravel e infame desenlace d'esta aventura não nos deixa conceber uma opinião muito lisongeira da moralidade do senhor Desternod. De resto, apenas se apanhou cá fóra, a primeira cousa que fez foi revelar o segredo promettido, e demais a mais pago. Parece até que nem mesmo occultou o nome

da dama, por isso que compoz em verso o *paranympho* da velha, em recompensa do favor que lhe devia:

«Uma vez que tantas finezas te devo, oh velha, que por alguns instantes me tiveste amor! Serás o meu condestavel, no dia em que me fizerem rei!...

«Nunca a tinha ou a sarna, a enxaqueca ou os laparões te persigam, velha de Satanaz! Quando a morte vier buscar-te, oxalá que dois burros te levem ao paraizo n'uma liteira!...

Este senhor Desternod, que havia feito as suas primeiras armas poeticas, com a armadura de soldado envergada, conservava nos seus costumes e linguagem toda a grosseria da sua antiga profissão, e não contava com a algibeira, quando queria comprar genero, mais ou menos avariado, no mercado da prostituição. Vinga-se com versos acres e venenosos de uma mulher a quem chama a *bella Magdalena*, que não se lhe quizera vender por cincoentas pistolas. Por algumas passagens d'esta composição poetica, póde julgar-se que esta mulher era um manjar destinado ao appetite sensual de um grande fidalgo, segundo corria, a ponto das velhas proxenetas, que tinham descoberto a mina, contarem fazer com ella um bom negocio. Vigiavam-na de perto, e Desternod batia em vão áquella porta.

Irritado com a resistencia, o poeta vomita todo o seu despeito n'uma poesia de bordel, em que enche de invectivas a desgraçada, que não quer recebel-o. Chama-lhe velha, diz que não tem amantes, porque todos a abominam, declara-a miseravel, atormentada pela recordação das boas fortunas que desdenhou, e que nunca mais voltarão.

A velhice das mulheres dissolutas era decerto pouco respeitavel. Desternod, a este respeito, era um poeta implacavel. Não perdoava nunca, sobre tudo ás velhas peccadoras, que em vez de fazerem penitencia pelas culpas da mocidade, procuravam ainda, graças ás ficções do toucador, continuar na mesma vida. A essas é que elle de preferencia açoita com o latego da satyra:

Ces lâches demoiselles,
Qui replâtrent leurs fronts, durcissent leurs mamelles,
Reverdissent leur sein, leur peau vont corroyant,
Alignent leurs sourcils, leurs cheveux vont poudrant,
Vermillonant leur joue, encroustant leurs visages.

Desternod tomava por modelo a Régnier, e todos os poetas de taberna e de bordel, seus emulos e seus amigos. O mesmo genero de vida ociosa e desregrada devia produzir o mesmo genero de poesia. De Régnier a Desternod havia, porém, a mesma distancia, que vae de Paris ao castello de Ornans.

O auctor do *Espadon satyrique* encontrou tambem nos logares suspeitos esses achaques vergonhosos que foram sempre os satellites da prostituição. A exemplo de Régnier, não teve escrupulo de cantar as suas desventuras. Mas n'esta ode obscena e torpe, em que brilha um estro digno de melhor emprego, Régnier fica muito atraz do poeta da Borgonha. Desternod tinha a brutal franqueza de um soldado, e valia-se d'ella para denunciar ao publico a ovelha ranhosa, que pretendia expulsar do redil da prostituição. Não se arrepende de ter vivido de-

saforadamente, mas accusa-se de ter confiado n'uma miseravel, que tantos havia illudido.

— Não era uma verdadeira loucura procurar alli os meus amores? diz o incorregivel libertino.

A satyra estava em moda n'aquelle tempo, e os satyricos, sem se importarem com o pudor dos leitores, perseguiam cruelmente a libertinagem, procurando fazer envergonhar a prostituição.

Um d'esses satyricos, Thomaz de Courval Sonnet, era um pobre fidalgo normando, que tendo vivido em Paris no tempo de Maria de Medicis, para estudar medicina, teve a ideia de fazer versos contra os costumes da capital. A leitura das suas poesias, em que o poeta se mostra grandemente animado do odio do mal e do amor do bem, dá-nos uma favoravel ideia do seu caracter e sentimentos, apesar das expressões triviaes e das imagens cynicas, que pullulam na sua obra, dedicada á rainha. Era o gosto do seculo, e a linguagem dos proprios cortezãos parecia inspirada nos costumes das *Côrtes dos Milagres*. Deve suppôr-se, todavia, que Courval Sonnet não vivia na crapula como a maior parte dos seus collegas, podendo mesmo affirmar-se que tinha uma vida regular, que nunca manchára no lodo dos bordeis.

A sua primeira collecção, que appareceu em 1621, (Paris, Rolet-Boutonné, in-8.°) prova a aversão e a desconfiança que o auctor tinha contra as mulheres em geral. Na satyra sexta, intitulada *Censura das mulheres*, faz uma descripção muito desfavoravel do bello sexo, ao qual atira com muitos punhados de injuriosas metaphoras.

«Inferno dos espiritos, diz elle, paraizo do olhar, sepulchro dos fracos, purgatorio da bolsa, porta do hospital, etc. etc.»

Sonnet, na sua qualidade de medico, pretende curar a libertinagem com o quadro dos estragos materiaes que as mulheres licenciosas produzem quasi sempre aos seus cumplices.

«Essas mulheres, diz elle, desfolham as flôres da juventude, empanam o brilho da belleza, antecipam a velhice, arrugam e murcham a pelle. O que succede, sempre que se abusa das mulheres publicas do bordel.»

O poeta abre uma excepção respeitosa a favor das damas virtuosas, declarando que se dirige tão sómente ás mulheres de maus costumes. Se lhe dérmos credito, porém, a prostituição existia em toda a parte, e as damas mais illustres não desdenhavam entregar-se a este officio. Compara a mulher leviana com uma barca, em que se navega pelo rio da juventude.

«Ainda, se a barca apenas servisse a um só! Mas esse sexo infiel, perfido e inconstante, entrega-se de ordinario, ao primeiro que deseja passar a torrente dos prazeres do amor... Quantas não vemos por ahi, servindo de barca de aluguel, vendendo-se como mercenarias, e para que? Para terem uma joia, um annel, um collar, ou outra qualquer vaidade:

Rien que méchanceté ne sort de leur boutique,
Et rare est le bienfait qu'une putain pratique.

N'este ponto Courval Sonnet interrompe-se, porque receia ter ultrajado

todas as mulheres, revelando assim as desordens de algumas, e por isso vae reparar o seu erro, particularisando d'este modo os seus epigrammas, que tinham uma tendencia demasiado geral e pareciam dirigidos a todo o bello sexo:

Ce discours seulement s'adresse aux vicieuses.

O poeta entende por viciosas as mulheres de maus costumes, que não se importam com os meios, quando se tracta de ganhar dinheiro.

Na sua *Censura das mulheres*, muito inferior á celebre satyra de Boileau sobre o mesmo assumpto, Courval caracterisa especialmente duas classes de prostituição, muito vulgares n'aquella épocha: a prostituição das mulheres e a dos homens, não tendo tanto uma como a outra por fim senão sustentar as exigencias do toucador. As mulheres, cuja ambição não vae além de uns tantos escudos por conquista, entregam-se a todos os que pódem pagar-lhes; os homens despreziveis, que se dão a tão abjecto modo de vida, só se dedicam a uma que póde pagar-lhes e sustental-os. O papel dos galans d'esta especie não se limita a satisfazer secretamente as brutaes paixões das velhas libertinas. O complacente mercenario, ao serviço de uma dama viciosa, deve leval-a aos bailes, dançar toda a noite com ella, e acompanhal-a a casa, para alli concluir o seu serviço diario e receber a paga:

Le bas de soie, ou l'habit de satin,
Les jarretiers dentelés, l'écharpe en broderie.

A expensas da sua amada, o galan apresenta esplendidos trajos, sem gastar um ceitil.

Parece inacreditavel que uma collecção de versos, escripta n'este estylo, fosse dedicada á rainha-mãe, a Maria de Medicis, que apesar de italiana, foi irreprehensivel nos seus costumes. Surprehende tambem egualmente que Courval Sonnet, fidalgo de boa casa, introduzisse nas suas poesias moraes a infame gyria dos bordeis. Temos de dizer, em sua defeza, que a esse tempo as palavras mais obscenas tinham entrada até mesmo nos sermões, e mais ainda na poesia, que fazia uso dos seus antigos privilegios, atrevendo-se a dizer tudo

Courval Sonnet exaggera a miudo os factos. Assim, fallando dos conjuges, descreve-nol-os,

Se mettant en hasard des bourdeaux aux étaples,
De gagner, par argent, le royaume de Naples.

Não sabe, porém, dos limites da mais escrupulosa verdade, quando faz com mão de mestre o retrato de uma cortezã famosa, que ao envelhecer voltou ao primitivo ponto de partida, obscuro e miseravel.

A Satyra XXV é dedicada a esta cortezã.

«Os freguezes desgostosos dirigem-se a outra parte, e vês diminuir todos os dias o seu numero. Fecha o estabelecimento. E'preciso que tomes outro genero de vida, uma vez que já não pertences ao bello sexo. A mulher que chega aos trinta annos, torna-se feia; as rosas tambem se transformam em lixo.»

Courval Sonnet aconselha á antiga ribalda que aproveite bem os seus derradeiros dias. Adquira dinheiro por todos os meios possiveis, commova as suas victimas, dizendo-lhes que teme a justiça e tem a roupa empenhada, reuna emfim um pequeno peculio que lhe permitta viver nos dias da velhice. Ella, porém, não attende estes conselhos, nem prevê a chegada do tempo em que os recursos da prostituição lhe hão de faltar completamente. Nem mesmo nota que vae envelhecendo e enfada-se com o importuno que lhe faz advertencias.

«Ninguem espere vêr-me fazer rendas ou tapetes, o trabalho mais leve é para mim um supplicio. Uma vez que tenho com que viver, fallem-me em rir e não em trabalhar. O que eu quero é andar bem vestida, e passar alegremente o tempo. A mulher que vive de amores licenciosos não pensa no dia de ámanhã!...

Courval deixa de lhe fallar a linguagem da razão e da prudencia. O vicio n'aquella mulher é incuravel. Por isso convida-a ironicamente a seguir a senda em que se perdeu: nada de remorsos, nada de pezares. Cada qual tem n'este mundo o seu destino: o de uma cortezã é morrer cortezã!

«Ostenta, zombando de mim, todos os utensilios de bordel que possues. Não tens, por ventura, um pente, um espelho, uma meza de tres pés, um leque, um copo, agua de flòr, alvaiade, pós, um par de luvas, que foram novas, uma caixa de unguento, um par de ligas, uma tigella, um prato, um guardanapo?»

Esta descripção do *ménage* de uma mulher publica em principios do seculo XVII seria ainda exacta hoje em dia, se a referissemos á maior parte das mulheres publicas da classe inferior. Estas desgraçadas conservam a sua physionomia e modo de ser, como o officio que as avilta. Courval continúa a pintar do natural os traços caracteristicos da cortezã, que chegára ao limiar da edade da decadencia:

«Já não pódes saciar a fome com bons bocados. Apenas te resta, por manjar delicado, pão duro e agua suja. Foi tempo em que comias á regalada do bom e do melhor; foi tempo em que te vias rodeada de amantes jovens e gentis? Como tu sabias captivar toda essa gente, para em seguida a expulsares, logo que maior interesse te seduzia! Impudente! O teu officio é infame e doce ao mesmo tempo! E'por isso que tanto te custa a deixar!...»

Courval Sonnet deixou Paris, logo que obteve o grau de doutor na faculdade de medicina. Não era novo então, e havia sahido incolume de todas as tempestades da juventude. Partiu para Rouen, onde ia exercer a sua profissão. Alli, ao passo que assistia aos enfermos, compunha satyras, que tinham ainda por fim corrigir os costumes, segundo parece, tão corrompidos na provincia como na metropole. Publicou, sob o véu do anonymo, os *Exercicios d'este tempo*, que mereceram a honra de muitas edições successivas, sem que o poeta pensasse em expurgar a sua obra das incorrecções e grosserias de estylo que a afeiavam. Este livro é um bosquejo curiosissimo de costumes devéras interessantes para a historia da prostituição.

«Courval não imitou Régnier, senão no que este tinha mais digno de censura, diz Violet-Leduc, e nem mesmo se deu ao trabalho de dissimular os seus plagiatos. O seu *Libertino* e o seu *Ignorante* foram calcados sobre as sa-

tyras x e xi de Régnier. Na sua qualidade de medico, abusou das palavras e das descripções, tão impuras e torpes como repugnantes.»

Occupar-nos-hemos aqui tão sómente das Satyras i, ii e xi.

Intitulam-se o *Baile*, o *Passeio* e o *Libertino*. A primeira prova-nos que no seculo xvii havia bailes publicos, analogos aos que actualmente estão em moda em Paris, e em todas as grandes cidades da França, exercendo uma influencia perniciosa nos costumes do povo. No tempo de Courval Sonnet, ia-se a estes bailes procurar aventuras amorosas. Eis o que a este respeito nos diz n'uma satyra, em que elle proprio se põe em scena:

«Os desejos depravados entram em acção no baile, templo libertino, onde outr'ora a mocidade ia como ao bordel procurar uma prostituta. Vêde: Lustres, brilhantes, espelhos, bellezas, Cupido em campo, amores por toda a parte! Se um vae alli para dançar, outro tem outros intentos. Um procura uma mulher outro procura amantes!...»

Como se vê, Courval Sonnet não mudára de linguagem ao regressar ao seu paiz natal; n'esse tempo, todavia, já o poeta não dedicava os seus versos á rainha, que decerto não apreciaria em grande cousa a dedicatoria da primeira collecção. O poeta medico dedicou a segunda á critica dos costumes normandos. O baile licencioso em que introduz o leitor assimelha-se muito aos dos musicos da Hollanda, e presume-se que estava estabelecido em Rouen, terra da residencia do poeta.

Sonnet encontra n'esse baile uma mulher com quem entabola uma conversação, que d'ahi a pouco escorrega para assumptos licenciosos. N'este declive, o poeta faz-lhe propostas muito transparentes, que a principio a dama recusa, affectando uma indignação calculada.

—Como! exclama ella, cheia de pudor. Atreve-se a dizer-me essas cousas! Sou uma mulher honrada, senhor!

E não obstante estas phrases, diz o poeta:

..deux heures devant, auprés des chambrières,
Un jeune cavalier lui tallait des croupières!...

Depois de alguns momentos de airosa resistencia, a dama concede a maior familiaridade ao seu namorado poeta, acceitando o convite que lhe fez, e comendo e bebendo como se tivesse jejuado dois dias. A gula fel-a encher tão desmedidamente o estomago, que teve de sahir do baile para se livrar de uma parte d'aquella indigesta carga. Apenas ficou algum tanto alliviada, volta á sala do baile, e pouco depois ao gabinete. D'esta vez retem melhor o que come, e fica preparada para supportar as fadigas da noite. Feito isto, sahe do baile com o poeta, dizendo:

Si chast on en revient, c'est grand coup d'aventure;
De la table à la danse, et de la danse au licet.

Tal era o *Baile*, e o *Passeio* não é muito differente. O nosso poeta encontra outra beldade a quem pretendia, sem ter jámais obtido d'ella nem se-

quer uma esperança. D'esta vez convida-o a ir passar o dia a uma casa de recreio, onde devem reunir-se alegres convivas. Courval não resiste á seducção, e acceita o convite. Entra n'uma carruagem com a sua sereia, e deixa-se conduzir a olhos fechados a um retiro campestre, onde encontra reunidos vinte ou trinta pares de namorados, que não fazem outra coisa em todo o dia senão entregarem-se ao prazer nos massissos de flores. E' uma alegre saturnal, que o poeta nos descreve com o seu cynismo costumado, sem esquecer o pittoresco do sitio,

Où respire d'Amour, où Vénus prit naissance.

Não nos conta se tambem se entregou aos excessos do mau exemplo, mas admittindo mesmo que fosse bastante senhor de si, para se subtrahir aos perigos d'aquelle logar voluptuoso, foi pelo menos testemunha dos escandalosos actos de prostituição que alli se praticaram ao ar livre. Todos aquelles amantes impudicos e desavergonhados renovavam entre si as scenas vergonhosas dos antigos mysterios d'Isis!

Courval Sonnet nada omittiria de tudo quanto viu n'aquelle recinto, que poderiamos denominar da prostituição publica, se não lhe tivessem faltado palavras para todos os quadros, se tivesse sabido pintar d'uma maneira viva e pittoresca as singulares recordações d'aquelle seu passeio ao campo. De resto, lembra-se com tristeza e repugnancia de um espectaculo que o fez indignar contra o bello sexo, e termina assim a sua satyra, recordando os famosos versos de João de Meung contra as mulheres:

Ainsi s'accerait le vice et pullule en tous lieux;
Si l'une fait du mal, l'autre ne fait pas mieux,
Car toutes vous serez, vous êtes, ou vous fûtes,
De fait, ou de puissance, ou de volonté, putes!...

Na satyra intitulada o *Libertino*, Courval Sonnet traça em versos esplendidos um episodio da prostituição vagabunda, que não devia ser rara n'aquella épocha, em que as provincias eram continuamente atravessadas por bandos de ciganos, que viviam fóra da sociedade sem conhecer rei nem roque, entregues desde a infancia á prostituição. A estas tribus errantes iam frequentemente os homens viciosos procurar prazeres mercenarios e depravações precoces.

Todas as mulheres, que faziam parte d'esta população nomada, eram desde os dez annos exercitadas no infame trafico, e tanto os costumes como a saude publica soffriam a perniciosa influencia d'aquella gente vil, que deixava por toda a parte um largo rastro de manchas vergonhosas.

Sonnet, no *Libertino*, dá-nos talvez uma scena da sua juventude, para contar como foi castigado na sua primeira campanha, a qual serviu, quando menos, para o tornar prudente, inspirando-lhe além d'isso o horror do vicio.

«Criado sob a vigilancia de uma mãe severa, filho familia, sem dinheiro nem credito, e ainda por cima cheio de dividas, inchado de ambição, de vaidade, de orgulho, mas sequioso de amor, sahi um dia de casa de meu patrão,

com a roupa debaixo do braço, tres ducados e dez soldos na algibeira, e uns sapatos novos nos pés, para andar melhor.»

Era esta toda a fortuna do pobre rapaz, que se affastava alegremente de Rouen, ou d'outra cidade qualquer da Normandia, para ir procurar fortuna a outra parte. Chega de noite ao logar de Saint-Martin, e encontra um bando de ciganos, que pernoitavam alli, vagabundos e charlatães, ciganos, jogadores, prostitutas, alcoviteiras, mulheres, crianças, pagens, macacos sabios, carroças cheias de drogas, perfumes, ouropeis e mercadorias de toda a especie, que formavam o commercio d'aquelles vagabundos.

O recem-chegado approxima-se de uma das carroças «para vêr os utensilios» d'aquelle commercio, e especialmente uma das raparigas, que «lhe captivara o coração com o encanto dos olhos». E', porém, mal acolhido pela esquiva beldade, que o repelle, ameaçando-o de lhe fazer levar uma boa sova. Bem depressa se mostra mais accessivel. Vem ter com aquelle novato, que mal sabe fallar de amor, e leva-o para um quarto da estalagem onde podem fallar a sós.

Apenas chegam, sentam-se n'uma tarimba, e a rapariga desata a chorar amargamente, lamentando-se da sua sorte, e dizendo que é uma mulher de boa familia, roubada por aquelles charlatães, e retida alli á força, n'uma vida, tão pouco adequada ás suas ideias e ao seu nascimento.

O nosso galan enternece-se e fica mais enamorado ainda do que estava. Jura á sua bella libertal-a d'aquella odiosa escravidão e restituil-a á sua familia.

Ajustam uma nova entrevista para a meia noite, e á hora combinada os dois amantes encontram-se a cem passos da estalagem.

«Ella traz debaixo do braço um cofrezinho, em que mettera dois lençoes, um pente, um cinto de prata, umas luvas e umas ligas. Era todo o seu enxoval.»

Esta passagem prova que as mulheres de má vida, expulsas das cidades pela ordenação de 1560, se haviam acolhido ás companhias de mercadores ambulantes, de comicos e charlatães, entre os quaes nunca deixava de figurar a prostituição mais crapulosa.

A chegada de uma d'estas companhias a uma cidade era assignalada pelas maiores licenciosidades e quando a auctoridade civil ou ecclesiastica conhecia estes excessos, que se manifestavam de repente n'uma povoação honesta e pacifica, já os auctores do escandalo haviam levantado arraiaes, sahindo de uma terra, onde tantas victimas tinham feito.

A joven e seu raptor, temendo ser perseguidos pelos ciganos, caminham toda a noite, muito leves de roupa e de dinheiro, e chegam de manhã a uma aldeia, onde se julgam ao abrigo de qualquer perseguição.

Páram defronte da ultima casa da aldeia e batem á porta. E' uma miseravel tasca, onde costumam parar os carroceiros e outros homens de estrada, mas os dois amantes não se teriam julgado mais felizes n'um palacio, do que n'aquella casinha rustica, livre de visinhos e longe da estrada:

Écartée du chemin et loin du voisinage.

Dão-lhes um quarto independente, para onde a rapariga manda levar vinho e presunto. Comem e bebem, e deitam-se d'ahi a pouco. O libertino não tarda muito em adormecer profundamente. A sua companheira não pensa em o imitar, e ao despontar do dia, foge com o dinheiro do incauto amante, que diz a este respeito,

Au sortir du coucher,
Ayant tiré de moi ce qui m'est le plus cher,
Endormi de travail, las de trop longue veille,
Ivre de ses appas, et d'excés de bouteille,
Étendu dans le lit, sans poul, sans sentiment...
Trousse quille et bagage, et m'enlève ma bourse;
Puis, droit où je l'ai prit, s'en retourne à la course.

Quando o pobre diabo acorda, e estendendo a mão, não acha ninguem a seu lado, chama, espera e desespera por fim, notando que a sua bolsa seguira o mesmo caminho da aventureira, que nem sequer lhe deixou com que pagar a despeza. Não póde, portanto, sahir da estalagem sem deixar parte da bagagem.

Desgostoso já da vida errante, e envergonhado de haver tropeçado logo ao primeiro passo, entra n'um convento que encontra no seu caminho, e pede alli hospitalidade.

O seu pensamento era fazer penitencia e consagrar-se a Deus. Tranquillizaria d'este modo a sua consciencia perturbada, e teria esquecido a cruel decepção que havia recebido ao entrar na senda do peccado, se o não tivessem impedido dores agudissimas. A prostituta que lhe havia roubado a bolsa, apesar de ser mulher de bem, como ella dizia, deixara-lhe bem crueis recordações dos seus amores, recordações que de dia para dia peioravam de aspecto, tomando um caracter grave. O infeliz não podia sequer occultar já as vergonhosas consequencias da sua loucura, e viu-se obrigado a renunciar á vida religiosa, e a sahir do convento.

O seu mal era demasiado grave para ser tractado n'uma cidade de provincia, e o pobre não tinha dinheiro para ir a Paris. Foi então que reflectiu a sério na sua imprudencia e deu a todos os diabos a miseravel que d'aquelle modo lhe viciara o sangue!

A doença teve tempo de fazer progressos horriveis, antes que o pobre libertino, que soffria como um martyr, tivesse tempo para se entregar nas mãos dos medicos de Paris.

O tractamento foi tão doloroso como o mal, e quando o paciente poude julgar-se curado, não era mais do que um esqueleto, uma sombra, um velho decrepito e repugnante.

Voltou em tal estado a casa de seu patrão, que este compadeceu-se d'elle e consentiu em recebel-o. Por experiencia propria, e bem custosa na verdade, o rapaz sabia demasiado quão funesta é a libertinagem para a saude da alma e para a do corpo, e teve todo o cuidado d'ahi em diante, para não cahir de novo nas redes da prostituição.

Escrevendo as suas satyras com uma penna molhada quasi sempre em lodo, Courval Sonnet, estava animado pelo menos de boa intenção, e jactava-se de corrigir os costumes do seu tempo, que os poetas celebres tanto haviam contribuido para tornar cada vez mais viciosos e corrompidos. Póde dizer-se que nunca a poesia franceza foi mais licenciosa, mais obscena e mais abominavel do que na regencia de Maria de Medicis. Parece que o seu unico fim era exaltar até ao delirio os sentidos, e celebrar escandalosa e impunemente os ditos e os feitos da mais infame prostituição.

A juventude da côrte era quem animava esta degradação da poesia, e quem dava sempre com as suas desordens e loucuras assumpto para as composições impudicas.

É de notar, todavia, que as primeiras perseguições exercidas contra um mau livro, que ultrajára os bons costumes e o pudor publico, datam d'essa épocha em que os Sigognes, os Motin, os Berthelot e os Théophile manchavam a lingua franceza, fazendo-a exprimir horriveis obscenidades, que antigamente se costumavam occultar sob o véu das priapicas latinas. O processo de Théophile e dos seus collegas, a proposito do *Parnaso satyrico*, é o ponto de partida de uma jurisprudencia completamente nova, que põe as obras obscenas na cathegoria das excitações á libertinagem, e que pede contas aos auctores d'estas culpaveis tentativas de desmoralisação publica.

Esta jurisprudencia, porém, ainda que baseada em razões de alta sabedoria, achou grandes difficuldades para se estabelecer em França, porque affectava os habitos litterarios e restringia as liberdades do espirito francez. Ainda ninguem havia suspeitado sequer que podesse existir delicto na publicação de uma d'essas obras *gaillardes*, que não estavam sujeitas a nenhuma lei de decencia, logo que não tocassem nem na religião nem na politica.

Théophile, porém, e os seus amigos commetteram a imprudencia de alludir á religião, e de fazerem o que então se chamava *atheismo* ou *epicurismo*, compondo poesias livres. Estas poesias foram publicadas por livreiros, que ousaram pôr os seus nomes no frontespicio dos livros, que vendiam á vista dos magistrados no Palacio da Justiça. Tão obscenas eram essas poesias, que a gente chega hoje a perguntar com assombro, como os auctores e os livreiros-editores não se pejavam de se expôrem assim á vergonha dos seus contemporaneos e da posteridade!

No emtanto, livros taes eram o manjar predilecto da côrte, e Théophile Viaud, que viera a Paris em 1610 para se tornar conhecido como poeta, recebeu maiores honras e applausos quando se fez o cantor d'estas infamias, do que todos os poetas que haviam empregado os seus talentos em composições honestas e moraes.

Temos necessariamente de concordar com Violet Leduc que n'aquelle tempo se entendia por satyra uma poesia livre e quasi sempre obscena, e que os poetas satyricos eram os que dedicavam o seu estro desaforado aos assumptos da prostituição. N'este conceito, Théophile era um mestre, e os seus costumes licenciosos retratavam-se perfeitamente nos seus escriptos.

As pessoas honestas viam com indignação pullular estas poesias licen-

ciosas, que preverliam a juventude, dando pasto ás paixões sensuaes. Em 1617 o livreiro Antonio Estoc deu á luz um volume intulado *Collecção dos mais excellentes* (sic) *versos satyricos d'este tempo, encontrados nos gabinetes dos senhores Sigognes, Régnier, Motin e outros poetas distinctos d'este seculo.* Esta collecção, em que o desafôro do pensamento corre parelhas com o da linguagem, teve um exito ruidoso entre os amadores, e a policia que não se oppozéra á venda d'esta primeira edição, não se oppoz tambem a que fosse reimpressa.

Billaine foi um dos livreiros mais em voga, que então fizeram uma edição augmentada d'estes versos licenciosos, (em 1618) sob o titulo de *Gabinete satyrico ou collecção de poesias livres d'este tempo, compostas por Sigognes, Régnier, Motin,* etc. Ambas estas edições appareceram com privilegio d'el-rei. O editor declara n'esta edição de 1618, em uma especie de prologo. que se esmerara em tornal-a *mais perfeita e bem ordenada que a outra,* em que havia *desegualdades, misturas e confusões em tudo.*

A primeira edição esgotou-se em tres mezes, a segunda desappareceu n'um periodo quasi igual, tendo o livreiro Antonio Estoc de fazer uma nova edição em 1620.

Até então nem auctores, nem livreiros, nem editores, haviam sido incommodados. Théophile, é verdade, foi condemnado a desterro temporario, em razão mais dos seus costumes, que dos seus versos, e em maio de 1619 recebeu ordem de sahir do reino, mas ainda assim não permaneceu muito tempo em Londres, onde a sua reputação de poeta e as recommendações dos seus amigos da côrte de França lhe mereceram o melhor acolhimento. Censurava-se-lhe, bem como aos seus amigos, Sigognes, Motin e outros satyricos, o haver deixado publicar uns versos licenciosos, que os amantes das lettras haviam applaudido. Théophile, era subvencionado pelo rei e pela casa de Montmorency, Motin tinha uma prebenda em Bourges, Sigognes era governador do Havre.

Théophile teve a desgraça de se malquistar com o jesuita Gerasse, que na sua *Doutrina curiosa dos melhores engenhos da épocha,* o atacou do modo mais violento, apodando-o de libertino e atheu. O padre Gerasse levou o seu odio e má fé ao extremo de falsificar alguns versos do seu inimigo, aos quaes attribuia um sentido anti-religioso.

Théophile chamou aos tribunaes o jesuita e o seu livro, que fez sequestrar e supprimir, depois de haver provado com o manuscripto na mão que os versos por elle citados para o perder estavam singularmente desfigurados.

O jesuita não se deu, ainda assim, por vencido e publicou a sua *Apologia,* em que não perdoava a Théophile, nem aos bons engenhos da épocha, ou pelo menos tidos como taes.

«Nunca, dizia elle (cap. XII, p. 152) foram tão vulgarisadas na Grecia as obscenidades de Carpocras, como as torpezas de Viaud, as blasphemias de Lucilio e as impiedades de Charron são conhecidas hoje em França.»

Atraz de Gerasse, porém, estava a companhia de Jesus, que havia jurado a perda de Théophile, tendo os jesuitas feito causa commum com o seu irmão em Christo, que ateava n'elles o seu espirito bellicoso.

Entretanto sahia em livro uma nova collecção de versos obscenos inti-

tulada: *O Parnaso dos poetas satyricos, ou collecção de versos lyricos e satyricos do nosso tempo*. Esta collecção continha muitas composições poeticas sob o nome de Théophile, que não tinha conhecimento d'esta inserção. Correu, no emtanto, o boato de que toda a collecção sahira das mãos de Théophile, e antes que os primeiros exemplares do *Parnaso* houvessem circulado, o poeta que soubéra do caso que lhe attribuiam, foi o proprio a ir denunciar o livro ao preboste de Paris, declarando que se haviam incluido n'elle, a seu pesar, varias poesias que elle realmente compozera, mas que não haviam sido destinadas á imprensa.

Em virtude d'esta espontanea declaração, o preboste passou um mandado de prisão contra o editor e o impressor, fazendo ao mesmo tempo sequestrar e destruir a tiragem. Parece, porém, que esta destruição não se levou a effeito, e os exemplares, para os quaes se fizeram novos frontespicios, sem nome de imprensa, circularam subrepticiamente em Paris, tendo uma grande procura da parte dos libertinos.

O livreiro preso, que segundo nos parece, era Billaine, declarou que Théophile não era extranho á publicação do *Parnaso Satyrico*, e o parlamento, que tomou conta do processo, procedeu contra o supposto auctor da obra condemnada.

Outro jesuita, o padre Voysin, amigo do Padre Gerasse, foi tambem o denunciador de Théophile, cuja cumplicidade offereceu provar por meio de testemunhas. Théophile era accusado não só de offensas aos bons costumes, mas até de atheismo, e esta segunda parte da accusação dominava todas as outras, bem que só se fundasse em alguns versos mais philosophicos do que sacrilegos.

O poeta, debaixo da ameaça de um processo criminal, apenas motivado pela perfidia dos seus inimigos, julgou mister homisiar-se, e a sua fuga, como elle proprio disse, «não sendo mais do que medo, corroborou as suspeitas do crime.»

O processo foi seguindo os seus tramites á revelia, e Gerasse e os seus amigos perseguiram o fugitivo cada vez com maior encarniçamento, tanto nos seus livros como nos seus sermões, increpando-o especialmente de haver corrompido a juventude com os seus versos, com os seus discursos e com o seu exemplo. Davam-no como o unico auctor do *Parnaso satyrico*, apesar d'esta collecção conter versos dos mais distinctos poetas contemporaneos.

Eis aqui o modo como o jesuita Raynaud falla d'esta obscena publicação, no tractado *De Theophilis*, pag. 229:

«*Opus item, cui titulus est «Parnasus satyricus», supra quasvis Apuleii, Luciani, Romantii a Rosa, ac similium scriptorum, camarinas grave olentissimum, et ad juvenilis pudoris cladem ac totius honesti exterminium in diaboli incudi fabre factum, hujus potentissimi ingenii fœdus est*, etc. etc.»

Ainda que o *Parnaso satyrico* seja um livro execravel, merecendo justamente a honra que se lhe concedia de ter sido dictado pelo demonio da luxuria, não bastaria, ainda assim, para motivar a condemnação de Théophile, visto que a impressão e a venda dos livros obscenos eram por essa épocha toleradas,

havendo até alguns dedicados á rainha, e publicados com privilegio d'el-rei. Temos de confessar que outras accusações mais serias se ergueram contra o poeta.

Dizia-se que Théophile havia proclamado o seu atheismo, no tractado da immortalidade da alma, que não era senão uma imitação do *Phédon*, de Platão. Affirmava-se que havia organisado uma sociedade secreta de atheus e libertinos, que tinham por fim preverter a mocidade com os seus escriptos e propositos. Apresentaram-se finalmente muitas testemunhas, que declararam ter ouvido ao poeta cantar canções livres n'uma orgia, e que diziam ter aprendido da sua bocca alguns versos impios e sacrilegos.

O parlamento teve então de se occupar, pela primeira vez, dos livros detestaveis que ultrajavam o pudor publico, e viram-se envolvidos no processo de Théophile muitos amigos do poeta, que mais ou menos haviam collaborado na publicação do *Parnaso satyrico* e de outras publicações do mesmo genero. Passou-se pois, mandado de prisão contra Berthelot, Colletet e Frenicle, mas não poude ser cumprido senão por este ultimo, que sendo o menos culpado, não procurou subtrahir-se á acção da justiça. Berthelot e Colletet esconderam-se, como Théophile. É para extranhar que Desternod, tendo escripto tantas vezes versos muitos mais obscenos que os d'estes poetas, não fosse envolvido no processo.

Assustou-se o parlamento com os perigos que corria a mocidade, exposta ás perniciosas excitações da poesia obscena, e não vacillou em estabelecer medidas protectoras da moralidade publica, incluindo na cathegoria dos crimes de lesa-magestade divina e humana, a composição e publicação de maus livros.

Em 19 de agosto de 1623 os tres tribunaes reunidos, a *Cour*, a *Grand' Chambre* e a *Tournelle*, promulgaram uma sentença contra Théophile, Berthelot, Colletet e Frenicle, «auctores dos versos que contém as impiedades, blasphemias e abominações mencionadas no livro perniciosissimo, intitulado *Parnaso satyrico*.» Théophile, Berthelot e Colletet, verdadeiros contumazes, julgados e convictos do crime de lesa-magestade divina eram «condemnados a ser conduzidos n'uma carroça á porta principal da egreja de Notre-Dame d'esta cidade de Paris, desde as prisões da Conciergerie, e alli, descobertos, descalços e de joelhos, com uma corda ao pescoço, e na mão um cirio de duas libras de peso, dizerem e declararem, que mal e abominavelmente compuzeram, fizeram imprimir e puzeram á venda o livro intitulado *Parnaso satyrico*, que contém tantas blasphemias, sacrilegios e abominações contra a honra de Deus e da sua Egreja, assim como contra a honestidade publica, do que se arrependem e pedem perdão a Deus, ao rei e á justiça. Feito isto, serão conduzidos á praça da Grève d'esta cidade, e alli o dito Théophile será queimado vivo, o seu corpo reduzido a cinzas, e estas deitadas ao vento, sendo tambem queimados os seus livros; e Berthelot, estrangulado n'um patibulo, que para esse fim se levantará. Isto no caso de poderem ser havidos em suas pessoas, no caso contrario em effigie. Todos os seus bens serão confiscados.»

Quanto a Frenicle, que estava preso, o procurador d'el-rei devia informar contra elle mais circumstanciadamente, a respeito dos factos mencionados no processo. Além d'isso, o tribunal «prohibia a qualquer pessoa, seja qual fôr a classe a que pertença, possuir qualquer exemplar do *Parnaso satyrico*, ou

de qualquer outro livro do referido Théophile; ficando outrosim intimados os que os possuirem a entregal-os dentro de vinte e quatro horas nas mãos do escrivão, para os reduzir a cinzas, sendo considerados e punidos os contraventores, como se fossem auctores do dicto crime.»

Finalmente, «quatro livreiros, Estoc, Sommeville, Billaine e Quenel, que tinham editado as obras de Théophile, deviam ser constituidos em custodia, ouvidos e interrogados sobre alguns factos constantes do processo, e se não fossem encontrados, seriam emprazados ao som de trombeta ou voz de pregoeiro, para comparecerem dentro de tres dias, e os seus bens embargados, até obedecerem aos mandados da justiça.» (*Hist. de notre temps*, por Malingre, Paris, João Petitpas, 1624, t. III, p. 330 e seguintes).

Esta memoravel sentença póde considerar-se como o primeiro acto de repressão e castigo contra os delictos de imprensa a respeito dos costumes. A sentença foi executada no mesmo dia da sua data.

«Fez-se um espantalho, ou boneco, vestido como Théophile, diz Malingre, e metteu-se n'uma carroça que foi até á porta de Notre-Dame para fazer a retractação, sendo em seguida levado á praça da Grève, onde foi queimado.»

Quando Théophile, que se havia refugiado no castello do barão de Panat, soube da sua execução em effigie, resolveu abandonar a França, e conseguiu chegar disfarçado á fronteira. Os signaes do poeta e o mandado de prisão haviam-se, porém, antecipado no caminho, e o pobre, sendo reconhecido na estrada de Catelet, foi preso pelo preboste Leblanc. Ataram-no a um cavallo, e conduziram-no assim a Saint-Quentin, onde permaneceu muitos dias incommunicavel, até que, algemado de pés e mãos, foi transferido para a Conciergerie de Paris.

Encerrado no calabouço de Ravaillac, decorreram para elle uns longos dezoito mezes antes do parlamento se dignar começar a revisão do processo. O poeta tinha amigos poderosos, interessados em seu favor, mas os seus protectores nada podiam contra a sanha implacavel dos jesuitas.

O réu negava obstinadamente a accusação que lhe faziam de ser o auctor ou editor do *Parnaso satyrico*, base do processo, porque nas outras accusações já elle tinha provado a sua innocencia sem a menor difficuldade.

O parlamento queria, porém, descobrir a todo o custo e castigar com rigor exemplar os impios e libertinos, que haviam tido a audacia de publicar aquella escandalosa collecção de poesias eroticas e obscenas. Os livreiros haviam tido a fortuna de justificar a sua innocencia n'esta publicação. Berthelot e Colletet, condemnados á revelia, estavam auzentes de França, e Frenicle havia sido posto em liberdade.

Théophile continuava a negar a sua accusação, e o procurador geral obteve auctorisação para ordenar que se lesse em todas as egrejas, por occasião da missa conventual, uma monitoria ecclesiastica de 4 de outubro de 1623, na qual se exhortavam os fieis, sob pena de excommunhão, a denunciar «os malfeitores, que haviam composto ou escripto, feito escrever ou publicar, muitos maus sonetos, satyras, estancias, elegias e outras composições poeticas, insertas n'um livro então impresso e publicado sob o nome e titulo de *Parnaso Saty-*

rico, o qual contém muitas blasphemias contra Deus e os seus santos, e muitos sacrilegios, impiedades e outras abominações contra a honra de Deus e da sua Egreja, e contra a honestidade publica. Aquelles que souberem, quando, em que tempo e em que logar se imprimiram o *Parnaso satyrico* e outros livros do mesmo genero, quem os compoz, ou deu as copias para a sua impressão, e quem reviu as provas de imprensa, são obrigados a declaral-o, e o mesmo se entende com os que souberem o paradeiro dos criminosos, que, advertidos pelas diligencias judiciaes, instauradas contra elles, fugiram d'esta côrte para illudirem a execução da sentença do tribunal. Os que souberem tambem de qualquer pessoa, que haja recitado ou publicado algum dos ditos sonetos, satyras ou qualquer outra poesia, como cousa sua, ou haja proferido as mesmas blasphemias e impiedades n'elles contidas, ou subornado, sollicitado ou corrompido o espirito da mocidade para a induzir a crêr nas mesmas impiedades ou blasphemias, são egualmente obrigados, etc. etc.»

Esta monitoria, porém, só provocou vagas e ridiculas denuncias, que nenhum novo capitulo de accusação apresentaram contra Théophile. O poeta defendia-se com tanto vigor como habilidade, o que animou muitos homens de lettras a tomarem tambem a sua defeza com uma multidão de composições em verso e prosa. Os seus inimigos, especialmente os jesuitas, distinguiram-se por sua parte tambem n'esta guerra de penna e papel, que apenas serviu para azedar a questão e tornar mais critica a situação do accusado. Estava elle ainda preso, e esperando a sua sentença, quando o desejo do lucro instigou alguns impressores da provincia a reimprimirem as obras satyricas, que haviam feito nascer este ruidoso processo.

Em Lyon e em Rouen foi d'onde sahiram subrepticiamente as reproducções do *Espadon satyrique*, do *Gabinete satyrico* e do *Parnaso satyrico*. Estas reimpressões, feitas em mau papel, estavam crivadas de incorrecções e erros grosseiros, e tinham no logar do nome da imprensa a data de 1625. O *Parnaso* sahiu com o titulo augmentado d'este modo: *Parnaso satyrico de M. Théophile*, como que para dar mais uma arma contra o desgraçado poeta, que era assim publicamente denunciado no frontespicio do livro, que os seus inimigos lhe attribuiam. Seria uma perfidia da parte de um inimigo occulto, ou então o vergonhoso resultado de uma especulação de editor?

Seja como fôr, o caso de Théophile estava quasi de todo esquecido, quando a revisão do processo foi favoravel ao pobre poeta.

«E' um caso, que, segundo o costume, fez grande ruido a principio, escrevia Malherbe a Racan, n'uma carta de 4 de novembro de 1625, mas depois, quasi que não se tornou a fallar em tal. O que me faz presagiar mal de tudo isto, é a condição das pessoas que o pobre homem tem contra si. Pelo que me diz respeito, penso ter-lhe dito já que não o julgo culpado, senão de não ter feito cousa que preste no officio em que se metteu. Se elle morrer, não tenha receio algum, porque ninguem o tomará por seu cumplice.»

Esta cruel perseguição acabou emfim. Théophile, na defeza da sua causa, confundiu as testemunhas que depunham contra elle, destruindo a maior parte da accusação que a principio lhe faziam. O parlamento revogou a sentença, li-

mitando-se a desterrar o poeta da capital. Assim foi inaugurada a legislação criminal contra os maus livros, prejudiciaes aos bons costumes e attentatorios da honestidade publica.

O pobre Théophile morreu alguns mezes depois, em consequencia da sua longa e dolorosa perseguição, a 25 de setembro de 1626. Acabava de ser indultado por el-rei, e podera voltar a Paris, para a convivencia dos seus alegres amigos, que admiraram a sua morte edificante. Ainda assim, o arrependimento do poeta não impediu o jesuita Raynaud de sustentar que o auctor do *Parnaso satyrico* havia morrido na impenitencia final, e que tinha ido em linha recta para o inferno!...

Apesar da jurisprudencia estabelecida pelo processo de Théophile Viaud, o parlamento deixou passar impunemente muitos livros do mesmo genero do *Parnaso satyrico,* antes de renovar as perseguições contra os auctores e editores d'estas poesias obscenas, não dando nem sequer mostras de saber que as reimpressões das obras satyricas, por elle anteriormente perseguidas e condemnadas, se multiplicavam por toda a parte. A *Musa brincalhona (Muse folâtre),* que não cedia em obscenidade ao *Parnaso satyrico,* reimprimia-se todos os annos em formato mais commodo. As *Musas alegres,* a *Quinta essencia satyrica,* e outras collecções analogas, espalhadas com profusão, atacavam gravemente a moral e alentavam sem cessar os impuros germens da prostituição. Não vemos, porém, nos annaes da justiça, que os poetas ou os livreiros fossem incommodados por causa das suas publicações licenciosas, até á maioridade de Luiz XIV, em cuja épocha começa, no interesse dos bons costumes, uma serie de medidas de rigor contra toda a classe de corrupção.

Théophile não foi queimado, nem Berthelot enforcado, no tempo de Luiz XIII, mas outro satyrico, Luiz Petit, auctor de versos menos abominaveis que os do *Parnaso satyrico,* morreu na fogueira em pleno seculo de Luiz XIV!...

CAPITULO XLIV

SUMMARIO

A prostituição no theatro. — Historia do theatro francez, sob o ponto de vista dos costumes. — Os histriões infames no tempo de Carlos Magno. — Fundação da *Confraria da Paixão*.— Os mysterios em scena, e a sua indecencia.— Um milagre de Santa Genoveva. — A vida de Madame de Sainte-Barbe.—Obscenidade dos trajos dos pantomimicos. — Os diabos e os anjos. — A illuminação da sala. — Companhias comicas. — A censura theatral.— Desordens dos comicos. — Epocha em que as mulheres começaram a pisar o tablado. — Os *Gelosi* e os actores hespanhoes.—As mais antigas actrizes francezas.—O parlamento prohibe a representação dos mysterios. — As farças do seculo XVI — A sua obscenidade.— De como a maior parte d'ellas foram destruidas.—As que nos restam.— A collecção de Londres e a do duque de La Vallière. — Collecção de muitas farças antigas e modernas. — A farça de Frei-Guilherme e o seu sermão jocoso — As calças de S. Francisco.— Grande numero de farças. — Tolerancia da auctoridade civil a respeito do theatro. — Titulos de muitas farças licenciosas. — Os primeiros comediantes do Hotel de Borgonha.— Turlupin.— Guillaume.— Taultier.— Garguille.— As canções.—Os ditos chistosos de Bruscambille.—Os theatros campestres.—Os jogos da pella.—Theatros do Pont-Neuf.—Tabarin e o barão de Gratelard.



A HISTORIA DO THEATRO, nas suas relações com a prostituição, não devia ser feita n'um capitulo, mas sim n'um volume inteiro. Na sua origem, o theatro exerceu nos costumes uma influencia perniciosa, que em certas épochas de depravação social chegou a tomar o caracter de uma verdadeira provocação a libertinagem. Nos primeiros seculos da Egreja christã, esta classe de espectaculos chegou aos ultimos limites da indecencia, e por isso encontramos em cada pagina dos escriptos dos Padres um protesto de pudor contra os abominaveis excessos d'aquella horrivel eschola de escandalos.

E devemos confessar que o horror dos philosophos christãos pelo theatro era justificado pelo abuso, que n'outros tempos se fazia da arte scenica.

Quando o christianismo substituiu o culto dos deuses falsos, o theatro não sobreviveu por muito tempo aos idolos e aos templos pagãos, e por espaço de muitos seculos não houve em França outros vestigios da comedia antiga, além das mascaradas de terça feira gorda, da *Festa dos loucos* e da dos *Diaconos*, dos mysterios e procissões religiosas, das entradas de reis, principes, bispos, abbades, etc., das danças e canções dos truões, e das narrações dos trovadores. Se algumas representações dramaticas, imitadas de Terencio e de Plauto, se faziam ás vezes nos conventos, não se livravam jámais dos anathemas ecclesiasticos, senão servindo-se de um pretexto litterario, e cercando-se da maior discrição e reserva. Estas raras reminiscencias da comedia latina não constituiam, porém, habitos theatraes na nação, que nem sequer sabia que tinha existido o

theatro, antes dos simples e grosseiros bosquejos dos *Confrades da Paixão*, nos fins do seculo XIV.

A doutrina da Egreja contra os espectaculos estava invariavelmente estabelecida pelos Padres e pelos concilios, e póde dizer-se que havia sido auctorisada pelas odiosas orgias, que assignalaram a decadencia do theatro pagão. As capitulares e as ordenações dos reis estavam conformes com o sentimento dos doutores catholicos, a respeito do theatro e dos histriões. Estes eram classificados de infames só pelo facto de exercerem o seu officio. Nas capitulares de 789, lê-se: *Omnes infamiæ maculis aspersi, id est, histriones, sicut viles personæ, non habeant potestatem accusandi*. As pessoas honradas deviam estar affastadas d'estes infames, e os ecclesiasticos deviam abster-se de ouvir palavras obscenas e de ver gestos impudicos.

Não obstante esta severidade da lei, havia sempre histriões que arrostavam as excommunhões da Egreja e acceitavam a nota de infamia inherente á sua profissão, por isso que havia tambem voluptuosos e libertinos para pagarem a todo o custo um prazer tão strictamente prohibido. O officio de comico era, pois, considerado como uma especie de prostituição, e S. Thomaz não vacilla em pôr ao mesmo nivel a cortezã que trafica com o seu corpo e o comediante que se prostitue em publico, vendendo, por assim dizer, os seus gestos e attitudes licenciosas.

Os bens adquiridos d'este modo pareciam ao douto casuista bens mal adquiridos, que era preciso restituir, distribuindo-os em esmolas. Eis o motivo porque Filippe Augusto, convencido de que «dar aos histriões era o mesmo que dar ao diabo», os expulsou da sua côrte, prohibindo-lhes que voltassem a ella, e applicando a obras pias o dinheiro que teria empregado em sustentar as escandalosas dissoluções do theatro.

O theatro não teve uma existencia legal em França, senão atravez do piedoso véu com que se apresentou a Carlos VI. Os costumes d'aquella épocha estavam muito relaxados, como dissémos, e a affeição ao luxo havia predisposto os espiritos a apaixonarem-se por todas as novidades sensuaes. Os *Passos* dos *Confrades da Paixão* foram, pois, acolhidos como uma especie de furor, quando se representaram pela primeira vez ás portas de Paris, na aldeia de Saint-Maur.

Em 1398, uma companhia de comicos ambulantes, que se intitulavam os *Confrades da Paixão*, porque representavam os mysterios da morte de Jesus, dialogados, começaram a dar representações, ás quaes a multidão accudia de toda a parte. Estas representações, intermeadas de rezas e de cantos, eram, por certo, muito edificantes, a avaliar pelo assumpto. No emtanto, o preboste de Paris receiou que degenerassem em graves desordens, e por uma ordenação de 3 de junho de 1398 probibiu a todos os habitantes de Paris, aos de Saint-Maur e aos de todos os logares sujeitos á sua jurisdicção «representar *Passos* de personagens, tanto da vida de Christo como da dos santos, sem permissão d'el-rei, sob pena de incorrerem na sua indignação.»

Estas rigorosas prohibições provam que nos *Passos*, representados em Saint-Maur, houvera algum escandalo, ou que, segundo uma opinião, que não

contradiz a nossa, uma antiga lei de Filippe Augusto ou de S. Luiz havia abolido o theatro e prohibido o exercicio e a profissão dos comediantes.

Seja como fôr, as representações não se renovaram até 1402, em que Carlos VI teve o gosto de assistir a ellas, e sahiu de tal maneira edificado, que outorgou aos *Confrades da Paixão* um privilegio, que os auctorisava a representarem os seus mysterios, tantas vezes quantas lhes aprouvesse. Em virtude d'este privilegio, os confrades estabeleceram o seu theatro perto da porta de Saint-Denis, no rez-do-chão do Hospital da Trindade, onde os peregrinos e viajantes pobres encontravam um asylo para passarem a noite, quando chegavam depois de fechadas as portas da cidade.

Estes mesmos *confrades* já haviam fundado na egreja d'este hospital a confraria da Paixão e da Resurreição de Christo.

Parece-nos poder inferir da fundação d'esta confraria que os primeiros comicos da aldeia de Saint-Maur costumavam recrutar os seus confrades entre os artifices da capital. Desde essa épocha a affeição pelo theatro propagou-se phreneticamente pela população, que nos dias de festa accudia em tropel a assistir á representação dos mysterios e milagres, deixando á companhia fundos bastantes para occorrer a todas as suas despezas.

Esta curiosidade e este enthusiasmo nada tinham de devotos, ainda que o fim apparente de taes espectaculos fosse elevar as almas á contemplação das cousas santas e dispôl-as á oração. Póde ter-se como certo que, apesar do caracter mystico dos *Passos*, que se representavam, e apesar mesmo da protecção que o clero outorgava a estes piedosos espectaculos, o theatro já n'essa épocha era um auxiliar da prostituição. Basta imaginar por um pouco o que seria uma d'essas representações, n'uma sala estreita e mal illuminada, em que os espectadores se reuniam n'uma promiscuidade pittoresca, uns sentados, outros em pé, mas agglomerados e compactos, sem distincção de edade, nem de sexo, nem de condicção.

A sala tinha 21 toezas e meia de comprimento, por 6 de largura. De altura teria, quando muito, quinze a vinte pés, havendo uma arcada que sustentava o andar superior. Do comprimento total temos de descontar, pelo menos, 15 a 20 pés, para o scenario e seus accessorios, porque além do tablado em que se representava, havia ao fundo do theatro outros tablados, que pareciam ser os differentes logares em que se passava a acção, e que communicavam uns com os outros por escadas.

No tecto do tablado em que se moviam os differentes actores, o Paraizo, envolto em nuvens, abria o seu largo pavilhão azul celeste, marchetado de estrellas de latão. Em baixo, a bocca enorme de um dragão temivel, movendo-se sem cessar, indicava a entrada do inferno, d'onde sahiam os demonios entre golphadas de chammas e acres rolos de fumo. Ao centro, muitas decoraçoes, toscamente pintadas, e que se alternavam devidamente, quando a acção ia, como o seu protogonista, de Herodes para Pilatos.

D'esta maneira tinham aquelles ingenuos e primitivos espectadores diante dos olhos a physionomia local do ingenuo poema, que se passava alternativamente no ceu, na terra e no inferno.

Outro pormenor interessante: Emquanto durava o espectaculo, os actores estavam sempre á vista do publico, vestidos com os trajos apropriados, dentro de uma especie de varanda gradeada, que corria á direita e á esquerda do scenari Alli esperavam o momento de entrar em scena, assistindo no emtanto á representação como simples espectadores. Cada qual vinha por sua vez desempenhar o seu papel, voltando logo em seguida para o seu posto de reserva. D'este modo não deixavam nunca de estar em evidencia, a não ser nos momentos solemnes em que o papel exigia que o actor desapparecesse para detraz das cortinas de um aposento especial, que servia para subtrahir aos olhares do publico certos pormenores delicados da peça, taes como os partos de Sant'Anna, de Santa Isabel e da Virgem Maria.

Este aposento mysterioso aguçava no mais alto gráu a imaginação do publico, o qual esperava com impaciencia que se corressem as cortinas, quando estavam descidas, e que descessem quando estavam corridas. O espectador não deixava de adivinhar tudo quanto se occultava por decencia, e seguia com o pensamento as mais escabrosas peripecias da acção; d'aqui essa locução proverbial de ficar uma cousa *detraz da cortina*, para exprimir que não deve expor-se á vista, por causa do escandalo.

Escas. eiam-nos dados precisos para narrarmos as immoralidades e indecencias, que desde os primeiros tempos acompanharam o renascimento do theatro. E' certo, porém, que estas representações piedosas eram causa e occasião de graves perigos para os bons costumes. O mysterio da paixão e outras composições dramaticas do mesmo genero, que se representavam aos domingos e outros dias festivos no theatro da Trindade, não tinham evidentemente outro fim senão excitar os sentimentos religiosos, e póde presumir-se que o auctor d'esse immenso drama, que abrange o nascimento, a vida, a morte e a resurreição de Jesus-Christo, fizera uma obra de devoção, sob a fórma de uma obra litteraria, em que forçoso é reconhecer grandes bellezas.

Effectivamente esta obra mereceu ser retocada e refeita em grande parte por João Miguel, bispo de Mans, que viveu no seculo XV, mas não obstante, segundo a indole do theatro n'aquella épocha, grande numero de scenas do *Mysterio da Paixão* e dos mysterios analogos, arrastavam-se nos logares communs da obscenidade, e o dialogo dos personagens subalternos tomára da linguagem popular uma multidão de imagens e palavras licenciosas, torpes e immundas. Os proprios apostolos, os santos e até mesmo as santas, pareciam ás vezes gente que tinha vivido no convivio das mulheres perdidas e dos mais viciosos libertinos.

Entre uma multidão de exemplos, escolheremos uma scena do *Mysterio de Santa Genoveva*, onde se via uma freira de Bourges, que por ter ouvido a fama dos milagres da santa, tinha ido visital-a.

Santa Genoveva pergunta-lhe:

— Qual é o teu estado?

— Virgem, responde-lhe a freira.

— Virgem tu! exclamou a santa com desprezo.

E continuou:

Non pas vierge, non, mais ribaude,
Qui fustes en avril si baude,
Le tiers jour, entre chien et loup,
Qu'au jardin Gaultier Chantelou,
Vous souffrites que son berchier
Vous desflorast sous un péchier!

A poetica dos mysterios desprezava ordinariamente as timidas restricções da narrativa, e só separava da vista do publico certos jogos scenicos, que teriam sido demasiado vivos e nús para serem executados fóra da cortina. A acção dramatica era levada até ao ponto extremo em que a intelligencia do espectador se encarregava de acabar um episodio, cujos preludios já de si offendiam o pudor menos assustadiço. Ainda mesmo corridas as cortinas, o auctor tinha sempre o cuidado de interpretar com os seus gestos e visagens o que o poeta deixára sob um transparente véu.

Na *Vida e historia de Santa Barbara*, que foi representada e impressa em 1520 (V. o catal. da Biblioth. dram. de M. de Soleine, pelo biblioph. Jacob, t. I, p. 107) ainda que o mysterio começa por um sermão sobre um texto do Evangelho, a scena abre n'um bordel, em que uma prostituta canta uma canção, fazendo gestos impudicos (*signa amoris illiciti*, diz o editor em guisa de rubrica). O imperador ordena a esta mulher que seduza a santa, e eis como a conselheira impudica falla a Santa Barbara, que se encommenda a Deus:

— Eu nunca perco o dia. Ainda hoje nem descancei. Conheço perfeitamente o jogo do amor. Mostro boa cara a todos os galans, e deveis fazer o mesmo. Nunca vi mãos tão bellas como as vossas, nem pernas mais seductoras. Havemos de ganhar muito dinheiro, porque tendes um corpo bellissimo!

Os auctores de mysterios tractavam de uma maneira completamente profana os assumptos mais santos e mais respeitaveis, mas longe de imitarem o antigo theatro latino, não conseguiam jámais dar amplo logar ao amor metaphysico. Nada entendiam do que nós chamamos drama apoixonado, expressavam quasi sempre sem rodeios nem circumloquios os appetites da carne, compraziam-se em tractar brutalmente as cousas da luxuria, e só raras vezes boquejavam um idyllio portatil em que se notavam as vagas inspirações do coração, como um dialogo dos dois pastores do *Mysterio da Paixão*:

Melchy — As juvenis pastoras cantarão.

Achin — E os jovens pastores encararão amorosamente n'ellas....

Melchy — As nymphas virão escutar o canto, e nos bosques as dryadas dançarão com as oréadas.

Achin — Pan virá dançar á festa. Dos Campos Elyseos virá Orpheu com a sua musica divina, e não faltarão as balladas de Mercurio!

Melchy — E nos prados serão de subito abraçadas as pastoras!....

Eram ainda excitações ao amor, que podiam perturbar o coração terno e simples de uma joven, mas que, ainda assim, não poderiam corrompel-o ou embriagal-o com o veneno do vicio. Os actores, mais por exigencia do officio, do que por calculos de preversão pessoal, tractavam sempre de accrescentar ao seu papel uma pantomima licenciosa, que o poeta não prevêra, e que o publico ce-

lebrava com risada e applausos. Assim, a comparseria de diabos, não se distinguia menos pelas suas mascaras horriveis e por seus extrahos disfarces, do que por suas atitudes indecentes e gestos impudicos.

Os diabos, cujos retratos mais ridiculos do que espantosos, nos offerecem as miniaturas dos manuscriptos, as antigas pinturas muraes e as velhas estampas gravadas em madeira, costumavam apresentar cabeças de satyros com a lingua de fóra, postas no sitio das partes naturaes, e outras vezes tetas pendentes. Satanaz, ou Lucifer, era quem especialmente apresentava estas cabeças grotescas, cujos olhos provocantes se revolviam, e cuja lingua era muitas vezes um emblema de impureza. Alem d'isso o rabo de certos demonios tomava ás vezes fórmas e proporções obscenas.

Toleravam-se nos comparsas diabolicos estes escandalos de excentricidades libidinosas, visto que, segundo a tradicção da Egreja, o espirito do mal é sobretudo o agente da sensualidade. As representações tinham logar sob a vigilancia da policia, que tinha a seu cargo a decencia e a ordem publica.

Esta vigilancia tinha por certo muito onde se exercer, tanto entre os actores como entre os espectadores. Os primeiros, por exemplo, não seguiam nenhuma regra de arte e entregavam-se a todas as phantazias do seu capricho ou da sua inventiva. Cada qual vestia-se a seu modo, e imaginava o que podia fazel-o mais notavel entre os seus companheiros, lisongeando o gosto do publico. D'este desejo de sobresahir pela excentricidade, d'esta emulação entre os artistas, resultavam as mais extravagantes creações e os chistes e gestos mais licenciosos.

A comparsaria diabolica (*diablerie*), como dissémos, permittia-se os mais graves ultrages ao pudor, mas taes ultrages eram sempre attribuidos ao diabo. Não era mais decente o chôro dos anjos, os quaes, por vezes, chegavam a esquecer o seu papel mudo. Anjos e diabos eram comparsas, que cantavam canticos, recitavam orações e faziam ruidosos alaridos, a um signal dado. As suas evoluções, danças, gestos e truanices dependiam sómente do capricho e do talento de cada qual. Umas vezes, um cherubim, ao voltar ao seu logar, arregaçava a sua larga tunica branca, deixando vêr por baixo d'ella o avental de um sapateiro da rua de Saint-Denis, outras vezes um anjo, ao cahir das alturas, ficava pendurado dos bastidores de cabeça para baixo, até que iam soccorrel-o e pôr em ordem a ampla tunica descomposta, que lhe cobria a cabeça. Estes episodios burlescos encontram-se até pintados nas miniaturas de alguns *Passos*.

De resto, a mulher não apparecia em scena. Os papeis femininos eram desempenhados por mancebos, cuja presença não desdizia do papel, e que affectavam maneiras de mulher. Este disfarce era um attractivo particular para certos libertinos, que não deixavam de se interessar pelos efeminados, e que á força de os admirarem em scena, acabavam por procural-os e encontral-os talvez fóra d'ella. Deve, pois, suppôr-se que, apesar da vigilancia da auctoridade civil por meio dos seus delegados, a policia dos costumes não podia fazer-se bem no interior da sala, onde os espectadores formavam uma massa compacta e impenetravel, e nas escadas ou corredores, que nunca estavam

desertos nem silenciosos durante as representações, e que não foram illuminados até fins do seculo XVI.

Um regulamento do preboste relativo ao theatro do Hotel de Borgonha, datado de 12 de novembro de 1609 (*Traité de la police*, de Delamare) diz:

«Os ditos comediantes serão obrigados a ter luz de lanterna, ou outra qualquer, assim no pateo, escadarias, e galerias, como tambem nas portas, á sahida, sob pena de um castigo exemplar e de cem libras de multa. Recommendamos ao commissario de policia a maior vigilancia n'este ponto, dando-nos conta das contravenções.»

Apezar d'este regulamento e dos da mesma natureza que o precederam, consta-nos, de um livro publicado no tempo de Luiz XIV, que a illuminação das escadas e dos corredores, era muito descurada n'aquella épocha, e que aquelles logares obscuros serviam para proteger as entrevistas e encontros amorosos durante o espectaculo, porque o auctor que citamos, sem nos podermos recordar agora do titulo do seu livro, lamentava-se de que, chegando um pouco tarde ao theatro, isto é, depois de ter começado o espectaculo, qualquer mulher honesta arriscava-se a tropeçar na obscuridade com algum par que lhe estorvava o passo.

O interior da sala era apenas illuminado por duas ou tres lanternas esfumadas, suspensas do tecto e por uma fila de velas de cebo ao longo do proscenio, que ficava ás escuras, ao menor descuido do encarregado da illuminação.

Não nos demoraremos mais a respeito dos actos de libertinagem que se commettiam especialmente no pateo, durante as representações. Basta dizer-se que este escandalo quotidiano, que não contribuiu pouco para dar armas aos inimigos do theatro, durou até que Voltaire conseguiu que os espectadores do pateo se sentassem. O Padre Latour, nas suas *Reflexões moraes, politicas, historicas e litterarias a respeito do theatro*, queixa-se ainda em 1762 das desordens e escandalos do pateo. (Lib. IX, t. V, p. 6.)

Apesar d'isto, o theatro teria escapado ás excommunhões da Egreja, ás recriminações dos parlamentos e ás correcções da policia, se tivesse conservado sempre o caracter exclusivamente religioso, que havia favorecido o seu restabelecimento, sob a protecção de Carlos VI.

Quando, porém, outras companhias similhantes á da Paixão se estabeleceram nas provincias e representaram tambem *mysterios* e *milagres*, com o concurso dos mestres e operarios dos gremios, a mocidade bem depressa se cançou de um espectaculo, que parecia um sermão em acção. A antiga hilaridade gauleza não se contenva já com representações piedosas, onde ainda assim havia muito de que rir, e nasceu então a comedia franceza.

Companhias de comicos, denominados os *Enfans-sans-souci* e os *clercs de la Baroche,* fundaram-se bem depressa em Paris, e representaram farças, que não requeriam a pompa theatral dos mysterios, e que só tinham necessidade de alguns comicos com uma certa aptidão.

Este novo theatro jocoso era a principio ao ar livre, nas feiras, nos mercados e nas praças das cidades. Dois ou tres farçantes, subiam a um tablado, cobertos d'ouropeis, com o rosto enfarruscado, e dialogavam com estro licencioso

algumas scenas de costumes populares, que tinham invariavelmente por assumpto o amor e o matrimonio. Estes esboços pouco decentes prestavam-se maravilhosamente a improvisos mais indecentes ainda.

Mais tarde, aos improvisos succederam peças escriptas em verso, ou melhor em linhas rimadas, que não impediam o actor de ir improvisando, e que davam margem á sua pantomima licenciosa. Não foi mister mais para arrebatarem aos seus collegas dos *Passos da Paixão* a maior parte dos seus espectadores, e com elles os seus lucros.

Em vão intentaram estabelecer competencia com os seus temiveis rivaes, intercalando nos mysterios certos episodios burlescos, certos personagens ridiculos, que davam uma especie de amenidade aos assumptos serios. Nada lhes valeu. Os actores das farças eram sempre muito melhor acolhidos que os confrades do Hospital da Trindade, e o publico a quem divertiam tomou partido contra elles, quando foram perseguidos pelo prebostado de Paris, que pretendeu oppôr-se á installação permanente do seu theatro. Era já tarde para reprimir um genero de espectaculo, que tanto lisongeava as affeições do espirito francez. Poude apenas conseguir-se que se contivessem em certos limites, subordinados, por assim dizer, ao privilegio concedido por Carlos VI aos *Confrades da Paixão*.

Em consequencia d'isto, os *Confrades* formaram com os *Enfans-sans-souci* um tratado de alliança, pelo qual se obrigavam a explorar de commum accordo e na mesma scena os dois generos dramaticos, que ao tempo constituiam o dominio ainda bem restricto da arte. Ficou, portanto, estatuido entre as duas companhias alliadas, que se fariam valer uma á outra, e que representariam alternadamente a farça e o mysterio para variarem o espectaculo.

O povo, que parecia ter sido chamado como testemunha do contracto, apreciou-lhe devidamente a importancia no interesse dos seus divertimentos, e designou, pelo nome de *Jeu des pois pilés*, aquella associação de generos tão oppostos, o sagrado e o profano, o tragico e o comico, o mystico e o escandaloso. Esta expressão de *pois pilés*, que significa *mistura de feijão e grão, miscellanea, trapalhada*, allude evidentemente a alguma farça muito conhecida n'outro tempo, na qual um gracioso misturava n'um guisado tremoços com grão de bico.

O theatro de Paris, que foi sempre o theatro modelo das demais cidades da França, apresentou esta physionomia singular, até meiados do seculo XVI, tendo sempre duas companhias distinctas, a dos *Confrades* e a dos *Enfans*, que representavam simultanea, ou alternadamente, segundo convinha. As representações eram ao domingo entre a missa e as vesperas, isto é, do meio dia ás quatro da tarde, pouco mais ou menos. E como seria impossivel representar n'este espaço de tempo um mysterio, que tinha ás vezes *trinta actos, quarenta mil versos e duzentos ou trezentos actores*, era mister limitar o espectaculo a algumas scenas, ou a um acto completo, que acompanhado de uma farça, ou de uma arenga, ou monologo, constituia a funcção.

Rarissimas vezes, especialmente nas provincias, se representava um mysterio completo, e quando se representava, durava o espectaculo muitos dias se-

guidos. A representação fazia-se, não n'uma sala fechada, mas sim nas ruinas de um amphitheatro romano, como em Douai, ou n'um theatro aberto, arranjado na praça publica, ou mesmo n'um vasto largo para esse fim apropriado.

N'estas solemnes circumstancias, todos os habitantes de uma cidade, de uma comarca, ou de uma provincia, contribuiam para as despezas communs, dando esmolas, viveres, armas, trajos, etc., e tinham o direito de assistir ao espectaculo. Imagine-se que bello ensejo encontraria a prostituição, em similhantes reuniões de povo, que punham em jogo tantas paixões diversas, tantas vaidades, tantas concupiscencias, tantos prestigios e seducções!...

A representação de um *Mysterio* dava inevitavelmente logar a numerosas orgias e desordens de toda a especie. Em Paris, pelo menos, as representações hebdomadarias dos *Confrades* e dos *Enfans*, se bem que egualmente perigosas para os costumes, não podiam ainda assim produzir taes excessos. Obravam com lentidão sobre a moralidade publica, e alteravam insensivelmente a candura das almas, dissolvendo pouco a pouco os laços sociaes.

No emtanto, apesar de obsceno, corruptor e escandaloso, o theatro não incorreu no odio das pessoas honestas de Paris, nem nas censuras e repressões da auctoridade civil, ou ecclesiastica, antes do reinado de Luiz XI.

Dissemos n'outro logar que, ahi pelo anno de 1512, os *Enfans-sans-souci* se viram ameaçados de expulsão, e obrigados a suspender as suas representações, até que um d'elles, Clemente Marot, os restabeleceu nas boas graças d'el-rei. Ignora-se o motivo do desagrado real, mas é provavel que não tivesse por motivo nenhuma questão de moralidade ou pureza de costumes. Talvez que esses audaciosos farçantes se permittissem, a exemplo dos seus collegas da Bazoche, algum chiste contra a avareza d'el-rei, contra a sua politica, ou mesmo contra a rainha Anna de Bretanha. Foi sem duvida pelo tempo em que Luiz XII se empenhou em fazer respeitar a honra das damas, dizendo que havia de fazer arrepender todo aquelle que ousasse offendel-as. É muito provavel até que os aggravos, allegados por aquella épocha para se fazer fechar o theatro dos *Enfans*, fossem a origem de um uso, que já existia no decurso do seculo XVI, e que se perpetuou até nossos dias. Para a representação de qualquer peça nova, era mister que o emprezario, ou director das farças, depositasse no prebostado os manuscriptos e obtivesse prévia auctorisação.

Muitas vezes, porém, os auctores e os actores recusavam submetter-se a esta especie de escravidão, e muitas farças obscenas, que passavam por improvisos, escapavam assim ao exame dos censores, que de outro modo não as teriam auctorisado.

O tenente civil, no seu regulamento de 22 de novembro de 1609, renovou a prohibição de se representar «farça alguma, sem que os comediantes a houvessem primeiramente submettido ao exame do procurador d'el-rei, afim de obter a auctorisação competente.» Não podemos crêr que os prologos de Bruscambille, as arengas de Tabarini, as canções de Gauthier-Garguille, e tantas outras, tivessem sido submettidas á censura, ou tivessem obtido a auctorisação do procurador d'el-rei.

Fallámos já da vida desordenada dos farçantes e de todos os jovens li-

bertinos, que abraçavam esta profissão bem pouco honrosa, para mais livremente se entregarem á vagabundagem e á sensualidade. Vimos que os poetas, á imitação de Villon e de Clemente Marot, tinham uma inclinação irresistivel para o theatro. Concebe-se, pois, facilmente que o enthusiasmo religioso não era já, como nos primeiros tempos, o laço que unia os *Confrades da Paixão*. A Egreja, no emtanto, não os havia ainda anathematisado, por maior que fosse a preversão dos seus costumes e o escandalo da sua conducta privada.

Os theologos, nos seus escriptos dogmaticos, diziam que sem infringir as leis canonicas, não podia administrar-se a eucharistia aos histriões, que estavam sempre em peccado mortal. (*Tractado historico e dogmatico dos «Passos» dos theatros*, pelo Padre Lebrun, p. 202) e o famoso casuista, Gabriel Biel, que estudava este caso de consciencia nos fins do seculo XV, no proprio momento em que se fundava a *Confraria da Paixão*, comprehendia a arte scenica entre as artes malditas e prohibidas.

Os estatutos da Universidade de Paris ordenavam que os comediantes fossem affastados para lá das pontes, e não viessem nunca installar-se no districto ou bairro das escholas: tão perigoso parecia o seu mister, sob o ponto de vista da moral. (*Ludi... quibus lascivia, petulantia, procacitasque excitentur. Stat.*, 29 e 23.)

Apesar d'isto, nunca se applicava de um modo geral e rigoroso a doutrina da Egreja contra os comicos, os quaes eram enterrados em logar sagrado, como provam os epitaphios e sepulturas de alguns d'elles, que se viam em varias parochias de Paris.

Pelo que respeita ás comicas, não foram menos anathematisadas que os comicos, quando appareceram em scena, mostrando-se sem mascara no reinado de Henrique III, ou Henrique IV. Estas mulheres eram, a principio, as concubinas dos comicos, e viviam como elles na libertinagem, a tal ponto que, segundo Tallemant des Reaux, eram communs a toda a companhia. Haviam em todo o tempo formado parte das companhias de actores, tanto nomadas, como sedentarios, mas o publico ainda não as conhecia, e as suas attribuições, mais ou menos deshonestas, occultavam-se nos bastidores do theatro. Quando, porém, reivindicaram os papeis de damas, até ahi desempenhados sempre por homens, a sua apparição em scena foi considerada como uma odiosa prostituição do seu sexo.

As primeiras actrizes tiveram, pois, que luctar com a animadversão do publico, que não se mostrava muito disposto a toleral-as em scena, e os proprios comicos lhes disputavam com frequencia os seus papeis, que segundo a opinião commum, não desempenhavam com direito.

Crêmos que ao exemplo das companhias hespanholas e italianas se deve esta innovação na scena franceza. A companhia italiana veio de Veneza a Paris, chamada por Henrique IV, e tanto esta como outra hespanhola, causaram muitas desordens, de que foram accusadas as actrizes, as quaes com o desplante dos seus gestos e com a deshonestidade dos seus trajos, pretendiam accrescentar um novo attractivo ás representações theatraes.

«Domingo, 19 de maio de 1577, diz Pedro de l'Estoile, os comediantes

italianos, chamados *I Gelosi*, começaram a representar comedias na sala do *Palacio de Bourbon*, em Paris. Recebiam quatro soldos por espectador, e houve tanta concorrencia para os vêr trabalhar, que os quatro prégadores mais famosos de Paris nunca tinham visto auditorio tão numeroso, quando ensinavam a palavra de Deus.»

Já n'outro logar indicamos o encanto particular que tinham para os libertinos estas representações. Concorriam enthusiasticamente a ellas para admirarem as damas, cujo seio, completamente descoberto, «elevava-se e abaixava-se a compasso, como um relogio.» O parlamento julgou dever pôr termo a estas impudicas exhibições, e seis semanas depois da inauguração do theatro italiano, ou dos *Gelosi*, prohibiu-lhes as representações, sob pena de 10:000 libras *parisis*, applicaveis á caixa dos pobres.

Os italianos não se deram, porém, por vencidos, e no sabbado 27 de julho, tornaram a abrir o theatro de Bourbon, com a permissão expressa d'elrei, sendo tanta a corrupção do seculo, diz Estoile, «que os farçantes, os truões as prostitutas e os mancebos tinham na côrte o maior favor e estimação.»

A companhia hespanhola estabeleceu-se em 1604 na feira de Saint-Germain, e a sua permanencia em Paris foi assignalada pelo supplicio de dois dos actores, por ordem do bailio de Saint-Germain, por terem assassinado uma comediante da sua companhia, cujo cadaver arremessaram ao Sena.

«A victima d'este crime, diz Estoile, era uma formosa hespanhola, de 22 annos, que por muito tempo tivéra relações secretas com os dois comicos, que a mataram, mais por ciumes, do que para a roubarem.»

Tal é em nossa opinião a origem da apparição das actrizes na scena franceza. Não póde dizer-se qual foi a primeira que ousou expôr-se aos olhares dos espectadores. Encontra-se o nome d'uma tal *Dufresne* manuscripto n'um exemplar da *União do amor e da castidade*, poema pastoril em cinco actos e em verso, inventado por A. Gauthier. Esta obra dramatica, impressa em Poitiers em 1606, foi tambem representada na mesma épocha. (*Bibliot. dram.* de M. de Soleinne, t. I, p. 489.)

N'um exemplar de outra peça de theatro da mesma épocha, a *Tragedia de Joanna d'Arc* (*Jeanne d'Arques,*) *chamada a Donzella d'Orléans*) impressa em Rouen, Por B. de Petitzal, em 1603, encontram-se os nomes de duas actrizes, tambem manuscriptos. O redactor do catalogo da Bibliotheca dramatica de M. de Soleinne (Suppl. ao t. I, p. 30) leu *F. Froneuphe* e *Marthon Plus*. Somos de parecer que deve lêr-se Fanuche, que era uma corteză celebre do tempo de Henrique IV, e, como vimos, conhecida tambem d'este monarcha.

Finalmente, o Padre Marolles, nas suas *Memorias*, (t. I, p. 59 da edição publicada em 1755) cita com elogio a um actor do Palacio de Borgonha, que desempenhava os papeis de mulher em 1616, sob o nome de *Perrine*, com Gauthier-Garguille. Falla tambem da famosa comica Laporte (Maria Vernier,) que a esse tempo representava, merecendo com Valeran os applausos de todos os espectadores.

O que podemos affirmar com segurança, é que as mulheres nunca figuraram nos *Mysterios*. Não deve, pois, attribuir-se a prohibição d'esse genero

de espectaculos a um escandalo qualquer por ellas causado. Foi em 1540 que o parlamento julgou necessario intervir pela primeira vez na questão do theatro, visto que o interesse dos bons costumes reclamava havia muito tempo a sua intervenção. O parlamento começou por dar ao hospital da Trindade a sua antiga applicação e por fazer sahir d'elle os *Confrades*, que por este motivo foram para a egreja dos Jacobinos, na rua de Saint-Jacques, estabelecendo o seu theatro no palacio denominado Hotel de Flandres.

Pouco tempo depois, em seguida ás representações de um novo *Mysterio*, o do *Antigo Testamento*, que subiu á scena em 1541, o parlamento ordenou que se fechasse o theatro, pelos motivos seguintes:

«1.º — Que para divertir o publico se misturam ordinariamente com estes sagrados *Passos* farças e comedias irrisorias, o que é gravemente prohibido pelos sagrados canones.

«2.º — Que os actores de similhantes peças, representadas com a mira no lucro, deviam passar por histriões ou pantomimeiros.

«3.º — Que as reuniões de taes espectaculos davam logar a muitas desordens e escandalos.

«4.º — Que estes espectaculos obrigam a despezas escusadas os artifices e as outras classes populares».

(*Discurso sobre a comedia, ou Tractado historico e dogmatico dos «Passos» do theatro*, pelo Padre Lebrun, Paris, viuva Delaubre, 1731, p. 214.)

Os *Confrades da Paixão* fizeram valer os seus privilegios, outorgados por Carlos VI, e confirmados repetidas vezes pelos seus successores, e para esse fim dirigiram um requerimento ao parlamento e uma supplica a el-rei, «expondo que desde tempos immemoriaes os *Mysterios* haviam contribuido para a edificação do povo, sem offensa nem geral nem particular.»

O rei deu as convenientes ordens, e o parlamento revogou a sua decisão por decreto de 27 de janeiro de 1541 (1542, segundo o novo estylo). O tribunal, em vista do real privilegio que permittia a Carlos Leroyer e collegas representarem o *Mysterio do Antigo Testamento*, «outorgou-lhes a mesma permissão, com a condição de fazerem bom uso d'ella, sem permittirem fraudes, nem a interposição de cousas profanas, lascivas ou ridiculas.»

Dizia mais ainda o referido documento:

«Que de entrada no theatro não poderiam levar mais que dois soldos por pessoa, e trinta escudos por cada camarote, durante a representação. As funcções realisar-se-hiam sómente nos dias festivos, não solemnes, começando á uma hora da tarde e acabando ás cinco. Teriam sempre o maior cuidado em não provocar escandalo ou tumulto, e, porque o povo se distrahirá do serviço divino, o que diminuirá as esmolas, entregarão aos pobres a somma de mil libras, sem prejuizo de qualquer outra quantia mais avultada que seja necessaria.» Vemos aqui, segundo parece, a primeira applicação do direito dos pobres, que se fez a principio em beneficio dos orphãos.

Desde então abriu sempre o parlamento os olhos a respeito da inconveniencia dos mysterios e da obscenidade das farças, que os acompanhavam. O *Mysterio da Paixão*, emendado e corrigido por Arnaldo Grévan, tinha ainda al-

guns personagens intoleraveis. O *Mysterio do Antigo Testamento*, o ultimo que se representou e imprimiu, tinha ainda scenas que ultrajavam a moral e a religião.

Quando el-rei ordenou a demolição do Hotel de Flandres, os *Confrades da Paixão* ficaram novamente sem asylo. Fòra provavelmente um meio de os obrigar a abandonar a profissão. Elles, porém, compraram o velho palacio de Borgonha, na rua Mauconseil e fizeram alli construir um novo theatro. Estavam as cousas n'este ponto, e os comicos preparavam-se para continuarem as suas representações, quando o parlamento, ao qual haviam pedido a confirmação dos seus privilegios, lhes prohibiu expressamente, por accordam de 17 de novembro de 1584, «que puzessem em scena os *Mysterios da Paixão do Nosso Salvador,* sob pena de multa arbitraria, permittindo-se-lhes todavia que representem mysterios profanos, honestos e licitos, sem injuriar, nem offender a ninguem.»

Os *Mysterios* haviam tido a sua épocha. Reimprimiam-se ainda alguns, mas só se representavam já no fundo das provincias. O parlamento, prohibindo-os, conformava-se com o gosto do publico, ao qual este genero de espectaculos só inspirava já, ou indifferença ou indignação.

A tragedia e a comedia partilharam entre si a successão dramatica dos *Mysterios.* O genero favorito, porém, do seculo XVI, aquelle que as pessoas honestas reprovavam, e que o parlamento não ousava prohibir, era a farça dos *Enfans-sans-souci,* o genero comico e licencioso, que punha em scena os vicios e os ridiculos do povo.

«As farças, diz Luiz Guyon, nas suas *Diversas lições,* (Lyon, Ant. Charol, 1625, 3 vol. in-8.º) não differem das comedias, senão em introduzirem personagens que representam gente de pouca importancia, que faz rir o povo com os seus ditos e esgares. Entre outros, introduziram um ou dois personagens, chamada Zanis e Pantalons, apresentando rostos muito contrafeitos e ridiculos. Em França, chamam-se *bodins,* (graciosos), e vestem do mesmo modo.

«Na maior parte dos casos, não se tracta senão das partidas que certos espertalhões prégam aos pobres incautos, que se deixam enganar ingenuamente. Ou então, introduzem-se personagens voluptuosos, que enganam os maridos simples para abusarem de suas mulheres: e outras vezes são as mulheres que inventam artimanhas para gosar os prazeres do amor, sem que ninguem dê por tal.

«Estas farças estão cheias de impurezas, grosserias e deshonestidades, ensinando ao povo como se póde enganar a mulher do proximo, aos criados como se podem enganar os amos, e partidas similhantes, pelo que as pessoas discretas as acham más e as reprovam.»

Apesar d'isso, as farças, a maior parte das quaes ficou inedita descendo ao tumulo com os velhos comediantes, estiveram em voga até ao reinado de Luiz XIV, em que as mais celebres se transformaram em comedias.

Desde a suppressão dos *Mysterios,* o theatro, em vez de se depurar e tender a um fim moral, abandona-se a uma licença, capaz de justificar as amargas queixas dos seus inimigos. Corromper a mocidade e ensinar a libertinagem,

parecia o seu unico fim. Eis em que termos o denunciava em 1588 um zeloso catholico ao horror dos fieis e ao castigo dos magistrados, nas suas *Observações humillimas a el-rei de França e de Polonia, Henrique* III, *a respeito das desordens e miserias do reino:*

«N'essa cloaca e casa de Satanaz, chamada Palacio de Borgonha, cujos actores se chamam descarada e abusivamente *Confrades da Paixão de Jesus-Christo,* commettem-se mil escandalosos peccados, em prejuizo da honestidade e do pudor das mulheres e das familias dos pobres artifices, que enchem o pateo, duas horas antes do espectaculo, e entreteem o tempo fallando de cousas impudicas, jogando jogos de azar, comendo e bebendo até á gula e á embriaguez, e resultando de tudo isto desordens e pendencias deploraveis... No tablado, apparecem altares com cruzes e ornamentos sagrados, vindo á scena em farças impudicas sacerdotes revestidos, para fazerem casamentos ridiculos... Em conclusão, não ha farça que não seja obscena, suja, escandalosa, e propria só para corromper a juventude, que vae assistir a esses espectaculos.»

As farças do seculo XVI foram a deshonra do theatro francez, e contribuiram deploravelmente para a desmoralisação social. Não as conheceriamos, porém, senão pela tradição, se duas publicações recentes não tivessem tirado do pó do olvido umas cento e cincoenta, que escaparam assim a uma destruição systhematica.

«Não poderia dizer-se, escreve R. de Verdier, senhor de Vauprivas, na sua *Bibliotheca franceza*, impressa em 1584 em Lyon, com certeza o numero de farças, compostas e impressas, porque é infinito. Nos tempos antigos todos se davam ao mister de as fazer, e ainda hoje os histriões, chamados *Enfans sans-souci* as representam. A farça não é mais do que um acto de comedia, e a mais curta é a melhor, ou a mais apreciada, pelo enfado que causa aos espectadores a prolixidade e demasiada extensão.»

Verdier accrescenta que, segundo a arte de rhetorica de Graciano Dupont, a farça não deve passar de quinhentos versos. Além d'isto, a farça propriamente dita, tinha tambem dialogos jocosos, monologos e sermões alegres, recitados por um estudante.

Apezar do assombroso numero d'ellas, apenas umas vinte lograram escapar ao naufragio universal, por isso que os ecclesiasticos e as pessoas devotas iam destruindo sempre quantos exemplares podiam d'aquellas composições obscenas e livres. Nem de outro modo se explica como tantas farças impressas e tantas edições successivas desappareceram, sem nem sequer deixarem vestigios.

Ha poucos annos ainda descobriu-se na Allemanha uma collecção de 64 farças, dialogos, monologos e sermões jocosos, impressos pela maior parte em Lyon em 1545. O *British Museum*, de Londres, adquiriu esta collecção unica, em que só se encontram seis ou sete peças já conhecidas por edições differentes. Esta collecção de farças é a que publicou Violet Leduc, sob o titulo de *Antigo theatro francez* (Paris, P. Jannet, 1854.)

Anteriormente, François Michel havia publicado, por um manuscripto que possuia o duque de la Vallière, e que pertenceu depois á *Bibliotheca im-*

perial, sessenta e quatro farças da mesma épocha, cujas antigas edições haviam, como tantas outras, sido aniquilladas. Estas duas collecções, tão preciosas para a historia do theatro antigo, bastam para nos fazerem conhecer o perigoso que eram para a moral e para os costumes publicos as representações d'estas farças, cuja indecencia de assumpto e de dialogo os actores decerto ainda exaggeravam.

A guerra implacavel feita ás farças impressas havia conseguido tornal-as rarissimas já no principio do seculo XVII. Um bibliophilo, affeiçoado, porém, a este genero de litteratura, teve o cuidado de salvar algumas do naufragio, fazendo reimprimir desde 1622, por Nicolau Bousset, impressor de Paris, uma *Collecção de muitas farças antigas e modernas, as quaes foram postas em melhor ordem de linguagem do que de antes*. Os auctores da *Bibliotheca do Theatro francez* (o duque de la Vallière, Marin e Mercier de Saint-Leger) analysaram as sete farças contidas n'esta curiosa collecção, provando-nos que no theatro d'aquelle tempo não se cuidava do decoro do publico, que perdoava todas as inconveniencias, comtanto que o fizessem rir.

Uma d'estas fabulas, que La Fontaine imitou no conto do «*Faiseur de oreilles*,» põe em scena uma mulher gravida, a qual pergunta ao medico se dará á luz varão ou femea. O medico observa-lhe a mão, e diz-lhe que a criança não terá nariz. A mulher amofina-se muito com esta prophecia, mas o doutor consola-a, promettendo-lhe arranjar as cousas de modo que possa reparar aquella lacuna, e para isso retira-se com ella. A mulher vem d'ahi a pouco ter com o marido, que a esperava á porta, e pare um momento depois.

— Porque será, mulher, pergunta-lhe o bonacheirão do marido, que havendo treze mezes que não me junto comtigo, tens agora um filho, emquanto que no primeiro anno do nosso matrimonio tiveste um aos dez mezes?

— Ora, meu homem! responde logo a esposa infiel, é porque da primeira vez a criança ficou mais perto da porta que da segunda.

Fazer parir em scena era cousa vulgar no theatro antigo, onde frequentemente se viam os esposos, ou os amantes deitarem-se e continuarem o seu papel entre lençoes.

Era tambem vulgar passar-se a acção detraz da scena, n'um aposento fechado, ou coberto com cortinas, mas, para evitar qualquer interpretação errada, havia sempre o cuidado de advertir o publico do que occorria lá dentro.

Na *Farça jocosa e recreativa de uma mulher que reclama o dote ao marido*, os dois esposos, que chegam a ponto de armar uma grande rixa por causa d'este capitulo matrimonial, compõem-se por fim, e sahem juntos da scena para o tal gabinete reservado. Um visinho, que tinha intervindo na reconciliação das duas partes, explica aos espectadores:

— Foram alli dentro sellar o seu accordo, como podem suppôr... para que dure por mais tempo. E' sempre assim que se devem amansar as mulheres, quando estão em maré de levantar contendas!....

Na *Farça nova da rixa de um frade novo e de um soldado velho, por uma questão de amores*, uma rapariga que é a causa da contenda, vem expôr o caso perante o throno de Cupido. A rapariga sente-se perturbada pelos dese-

jos e necessidades amorosas. Cupido, n'este lance, aconselha-lhe que procure um amante, sempre melhor para estas cousas do que um marido, e promette conceder-lhe um á medida dos seus desejos. Um frade moço e robusto e um soldado velho disputam a posse da mocetona, e Cupido, para os harmonisar a todos tres, convida-os a cantarem juntos uma canção. Todos elles se desculpam qual melhor, allegando motivos, que afinal não passam de dichotes equivocos e grosseiros. Em conclusão, depois de outras inconveniencias do mesmo genero impudico, o deus arbitro resolve que mais vale para as faltas da sensual mocetona um frade novo e robusto, do que um soldado velho e tropego.

Seria mister citar todas as farças que nos restam do seculo XVI, para avaliarmos bem os innumeraveis recursos da sua immoralidade e para comprehendermos até que ponto favoreciam a prostituição. Uma mulher honesta e recatada, depois de haver assistido a estas representações impudicas, ficava fatalmente com a alma prevertida e com a vontade inclinada á luxuria.

As mais impuras imagens, as palavras mais obscenas, maximas immoralissimas, era o que sobresahia a cada phrase dos dialogos dos comicos, e além d'isto, a pantomima e o gesto exaggeravam a maldade do sentido, provocando deploravelmente á libertinagem.

E' impossivel fazer ideia do que eram as farças d'aquelle tempo, sem se ter lido algumas d'ellas. A *Bibliotheca do theatro francez*, pelo duque de la Vallière, Marin e Mercier de Saint-Leger, a *Historia do theatro francez* pelos irmãos Parfaict, e a *Historia universal dos theatros*, por uma sociedade de homens de lettras, dão uma analyse circumstanciada de muitas d'estas peças licenciosas. O leitor que desejar, porém, estudar com maior exactidão as origens da litteratura dramatica franceza, deve recorrer á preciosa collecção de farças, que Paul Jannet reimprimiu, na sua Bibliotheca, intitulada *Antigo theatro francez*.

Entre as sessenta e quatro farças, historias, moralidades, debates, dialogos, monologos e sermões jocosos, que compõem esta collecção, indicaremos especialmente a *Farça de Frei Guillebert*, que o antigo editor qualificou de muito bella e divertida. E' effectivamente muito comica, e comprehendem-se bem os applausos com que a sua representação era acolhida, sendo a mais livre de todas ellas, ou pelo menos das que chegaram ao nosso conhecimento. Começa por um d'aquelles sermões jocosos que formavam a miudo o entreacto das comedias e tragedias.

Tal era o theatro popular no principio do seculo XVI.

A analyse d'esta farça celebre demonstra a deploravel influencia que devia exercer nos costumes. As farças d'esta especie eram innumeraveis, como diz Du Verdier. Em França representavam-se até nas pequenas aldeias, e serviam de thema, por assim dizer, á pantomima mais indecente, offendendo ao mesmo tempo os ouvidos e a vista dos espectadores, que alentavam com os seus applausos e risadas a impudica acção dos farçantes. Comprehende-se, pois, que o clero catholico condemnasse com indignação este deploravel abuso da arte scenica, e em presença de obscenidades similhantes não é para extranhar que o theatro e os comicos fossem excommungados pela Egreja. S. Francisco

de Salles, que compunha por esse tempo os seus escriptos de moral religiosa, comparava as representações theatraes «com as setas, que nem as melhores deixam de ser prejudiciaes.»

No emtanto, a auctoridade civil que tinha por missão velar pelos costumes, não parecia assustar-se muito com a espantosa licença d'elles, durante o reinado de Luiz XIII. Algumas disposições houve relativas aos comicos, prohibindo-lhes que representassem peças deshonestas, mas os commissarios e agentes não cumpriram estas ordens tão favoraveis á decencia publica.

Em compensação, a repressão era tão severa como prompta, a respeito das satyras dirigidas a pessoas notaveis. N'este caso, prendia-se e castigava-se sem fórma de processo qualquer comico que se permittisse o menor ataque á respeitabilidade das pessoas ou ao segredo da vida privada. Quando não estavam escriptas de modo que satyrisassem determinadamente este ou aquelle individuo, ninguem se importava que as farças fossem deshonestas, tanto mais que os espectaculos d'este genero faziam o encanto do povo, que encontrava n'elles a pintura dos seus grosseiros costumes, a expressão fiel dos seus sentimentos e a copia da sua linguagem.

Dissémos que nem todas as farças se imprimiram, e que a maior parte das impressas desappareceram. Ha, todavia, bastantes na collecção do *British Museum*, de Londres, e na Bibliotheca Imperial de Paris, para se poder fazer uma idéa exacta do excesso de depravação que era preciso haver n'um povo, para se tolerar a representação de tão repugnantes peças.

Eis os titulos de algumas d'ellas, as quaes estão perfeitamente em harmonia com o que esses titulos promettem :

Farça nova e muito divertida das mulheres que pedem o dote a seus maridos. Tem quatro pessoas, a saber: o marido, a mulher, a creada e o visinho.

Farça nova e muito divertida das mulheres que fazem limpar as caldeiras e prohibem que se deite agua na pia. Tem tres pessoas: a primeira mulher, a segunda e o amante.

Farça nova, muito boa e divertida, de Jeninot, que nomeou rei ao seu gato, á falta de outro companheiro e subiu para cima da sua ribalda para a levar á missa. Tem tres pessoas, etc.

Taes são os titulos que dão uma ideia exacta das peças que o cartaz annunciava ao publico, e que tinham uma extraordinaria acceitação.

Estas farças aprendiam-se de cór, e qualquer estava no caso de desempenhar n'ellas um papel, quando á falta de comicos de profissão, um gremio, ou uma sociedade alegre se constituia em companhia de curiosos dramaticos. As associações d'estes actores curiosos, que eram quasi sempre artistas, multiplicaram-se em todo o reino no principio do seculo XVI, e a prostituição, que era sempre o mobil da desenfreada paixão do theatro, multiplicou-se egualmente na proporção do numero dos comicos de ambos os sexos, que viviam na mais crapulosa desordem.

«Havia então em Paris, refere Tallemant des Reaux, duas companhias, compostas na sua maior parte de ratoneiros, cujas mulheres viviam na maior dissolução.»

N'outro logar accrescenta:

«A comedia não era espectaculo decente, em quanto o cardeal de Richelieu não se occupou d'ella (1625) e antes d'isto não assistiam ás funcções do theatro as mulheres honradas.»

Os tres mais habeis comediantes d'aquella épocha, conhecidos pelos seus nomes de theatro, Turlupin, Gaultier-Garguille e Gros-Guillaume, representavam sem mulheres e exaggeravam o burlesco até ao cynismo e ao desafôro. Tallemant des Reaux diz, todavia, que Gaultier-Garguille «foi o primeiro que começou a viver com mais alguma decencia que os outros, e que Turlupin, excedendo a modestia de Gaultier-Garguille mobilou muito bem os seus aposentos, pois que os outros, dispersos por aqui e por alli, não tinham nem casa nem arranjo algum.»

Sauval, que escrevia a *Historia das Antiguidades de Paris* ao mesmo tempo que Tallemant as suas *Historietas*, não passa certificado de bons costumes a estes celebres truões, e accrescenta, fallando de Gaultier-Garguille, que o actor nunca teve amores, senão nas ultimas camadas de prostitutas.

O epitaphio dos tres companheiros, enterrados juntos na egreja de S. Salvador, allude tambem á immoralidade da sua associação:

Gaultier, Guillaume et Turlupin,
Ignorans en grec e latin,
Brillèrent tous trois sur la scène,
Sans recourir au séxe féminin,
Qu'ils disaient un peu trop malin
Faisant oublier toute peine,
Leur jeu de théatre badin,
Dissipait le plus fort chagrin.
Mais la mort, en une semaine,
Pour venger son séxe malin,
Fit à tous trois trouver leur fin.

Guillaume representava com a cara descoberta, mas os seus dois companheiros usavam sempre mascara. Cada um d'elles tinha um trajo caracteristico, que nunca mudavam na farça. Antes de entrarem na companhia do Hotel de Borgonha, tinham estabelecido o seu theatro n'um jogo da pella, que não podia conter todos os curiosos attrahidos pelas representações. O cardeal Richelieu teve desejos de vel-os trabalhar, e julgou-os dignos de figurarem no Hotel de Borgonha, para onde os populares actores levaram as suas farças e canções.

Suppômos que estas farças eram devidas ao talento comico dos dois actores Turlupin e Guillaume, por isso que a denominação de *Turlupinades*, ficou d'ahi por diante consagrada ás facecias que elles improvisavam, como os comicos italianos. Consta além d'isto que as canções dos tres amigos, tão apreciadas pelo publico, eram devidas ao estro de Gaultier-Garguille, que as imprimiu em 1632 (Paris, Targa, in-12), obtendo para isso, sob o seu verdadeiro nome, um privilegio do rei, outorgado *ao nosso muito amado Hugo Gueru, um dos nossos comicos ordinarios, para que não venham outros accrescentar canções mais dissolutas*. A *Canção de Gaultier-Garguille*, por mais dissoluta

que fosse, tornou-se muito celebre n'aquelle tempo, e havia muito quem se dirigisse ao theatro do Palacio de Borgonha só para a ouvir.

Quanto ás farças em que Turlupin (Henrique Legrand) se distinguia pelas suas facecias engenhosas e ditos engraçadissimos, não tiveram ellas provavelmente as honras da impressão, e só as conhecemos hoje por algumas scenas, reproduzidas nas antigas collecções de estampas de Mariette e Bosse. De resto, estes illustres comicos haviam tambem tentado a comedia heroica, que por vezes descia ás vulgaridades da farça.

O Palacio de Borgonha, onde se representaram farças propriamente ditas até meiado do seculo XVI, tinha no principio do seculo um actor comico tão famoso e distincto, como o foram mais tarde Turlepin, Gaultier e Guillot-Gorju. Era elle um tal Deslauriers, que havia adoptado a alcunha, ou nome de guerra, de Bruscambille, sob o qual compunha e publicava peças que representava, como uma especie de entremezes, que tinham o publico entretido entre as duas peças, e que, por assim dizer o preparavam para fazer um bom acolhimento aos disparates da farça.

O uso d'estes intervallos comicos e licenciosos remontava por certo aos espectaculos dos *pois pilés,* de que já fallámos, e o gracioso que vinha recitar ao publico um monologo ou um sermão burlesco, aproveitava todos os meios, ainda mesmo os mais indecentes, para despertar a hilaridade dos espectadores, que não córavam nunca, por mais obscena que fosse a phrase, ou por mais licenciosa que fosse a pantomima. Assim, chegaram os comicos á audacia de recitarem em pleno theatro o *Sermon joyeux d'un dépuceleur de nourrices,* e muitos outros monologos em verso ou prosa, não menos divertidos nem menos indecentes.

No tempo de Henrique IV, Bruscambille tornou-se celebre pelas arengas jocosas que dirigia aos espectadores antes ou depois da comedia, e que se baseavam sobre toda a especie de assumptos, extravagantes ou ridiculos. Ora na *demanda do piolho,* imitava as formas judiciaes e a eloquencia pedantesca do fôro, ora n'um panegyrico em favor dos grandes narizes paraphraseava sentenças esdruxulas em latim macarronico. Umas vezes esforçava-se por descobrir debaixo das saias das mulheres, os mysterios do sâlto das pulgas ; outras, contava ao publico as peripecias de uma viagem ao ceu ou ao inferno para interrogar os manes sobre esta grande questão : *Uter vir an mulier se magis delectet in copulatione.* Na sala sabia-se o latim sufficiente para comprehender o de Bruscambille, e o publico perdia-se de riso, ainda mesmo quando não o comprehendia, porque a acção dizia tanto como as palavras do comico.

A's vezes Deslauriers começava a tractar jocosamente assumptos serios, que agradavam muito menos aos frequentadores do theatro de Borgonha. Fazia o elogio do theatro, procurando expurgal-o da nota de infamia que pesava sobre o comico, mas via-se obrigado a voltar bem depressa á sua eloquencia burlesca e licenciosa, accumulando, por exemplo, as torpezas e obscenidades mais excentricas.

O marquez de Roure cita, na sua *Analecta Biblion,* (t. II, p. 152 e seguintes) alguns dos proverbios obscenos, phantazias, e paradoxos impudentes,

que Deslauriers recitava em scena. Remettemos o leitor, que desejar esclarecer-se melhor sobre o assumpto para as *Nouvelles et plaisantes imaginations de Bruscambille*, que o auctor ousou dedicar a *Monseigneur le Prince*, quer dizer, a Henrique de Bourbon, principe de Condé.

E tudo isto se imprimiu e reimprimiu com privilegio d'el-rei! E tudo isto se representou, não só no theatro de Borgonha, como tambem em todos os denominados *Théatres de Campagne*, que seguiam o seu repertorio!...

O mal não seria muito para deplorar, ainda assim, se o publico, que frequentava estas obscenas representações, se compozesse apenas de libertinos, beberrões, prostitutas e outra gente perdida; mas não succedia assim, infelizmente! O homem honesto levava ao theatro, como hoje succede, sua mulher e suas filhas; os rapazes novos tinham paixão por esta classe de espectaculos que os conduziam á libertinagem, e assim o theatro vinha a ser um seminario de amores faceis, uma eschola de voluptuosidades, em que os maridos iam aprender a enganar as mulheres, estas os maridos, a juventude a corromper-se e as proxenetas a explorar toda aquella gente, n'esse fecundo campo de prostituição!

O povo perdia-se alli com o mau exemplo e com a seducção do mau exemplo. Mas, ainda mesmo que não fosse vêr as farças ao Hotel de Borgonha, lá tinha as do Hotel d'Argent, as da feira de Saint-Germain, e as que se representavam nos jogos da pella, para se preverter á vontade e por preços modicos. Tinha ainda uma larga eschola de desmoralisação nas exhibições do Pont-Neuf, ao ar livre, e nas da praça Dauphine. Podia alli ir ver e ouvir de graça as phantazias do grande Tabarin e do barão de Gratelard, que vendiam as suas drogas, unguentos e perfumes seretos, com o auxilio d'essas farças joviaes, impressas e reimpressas tão repetidas vezes para corresponder á sollicitude do publico, que não se assustava com a escabrosidade do assumpto, nem com a licença e obscenidade da linguagem.

Tabarin e os seus émulos tinham o direito de dizer tudo do alto dos seus tablados, e os transeuntes tudo podiam ouvir tambem. Se por acaso andava por alli algum commissario de policia nunca se lembrava de interromper os prazeres do publico, impondo silencio áquelles desaforados actores das farças de Tabarin, que só muito mais tarde foram prohibidas por decreto do parlamento.

FIM DO 2.º VOLUME

INDICE DO TOMO SEGUNDO

SEGUNDA PARTE

A prostituição em França

INDICE

DAS

GRAVURAS DO TOMO SEGUNDO

